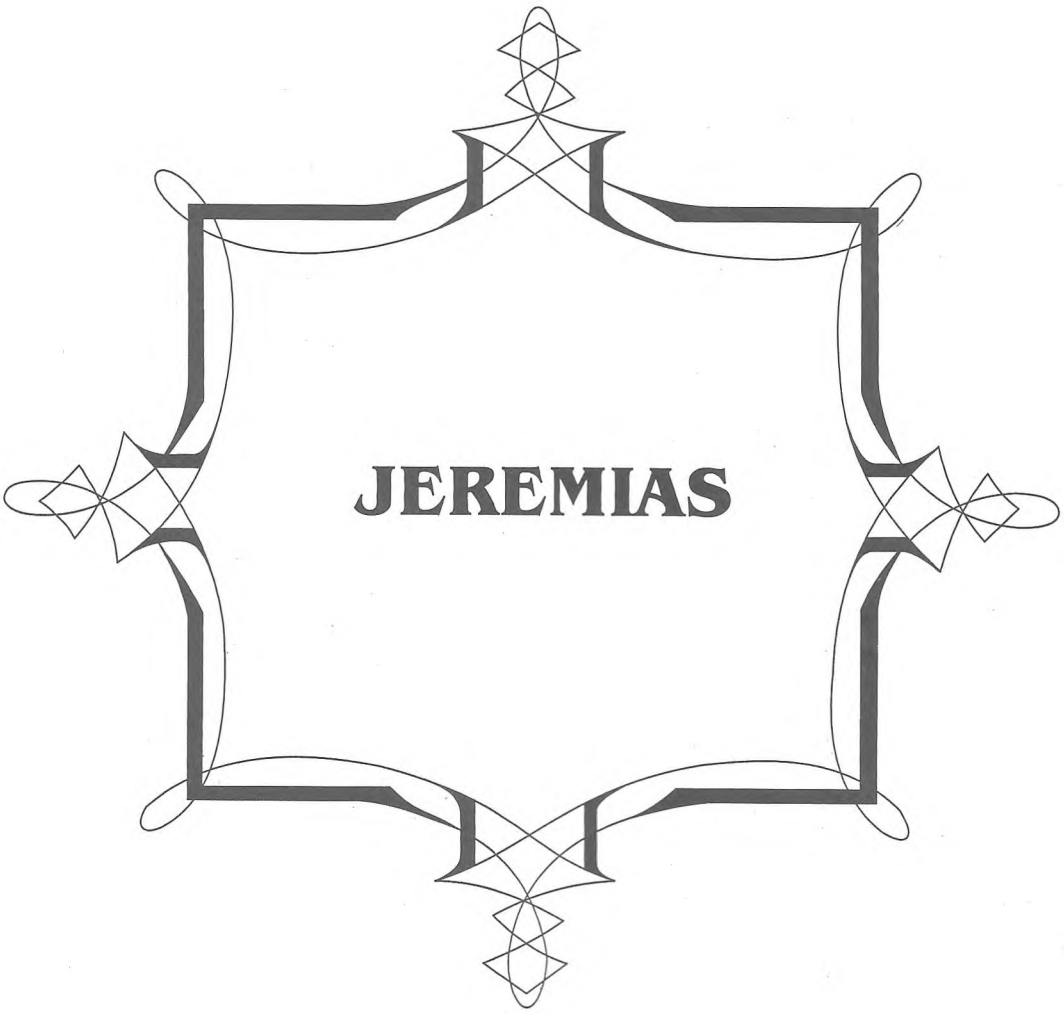
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

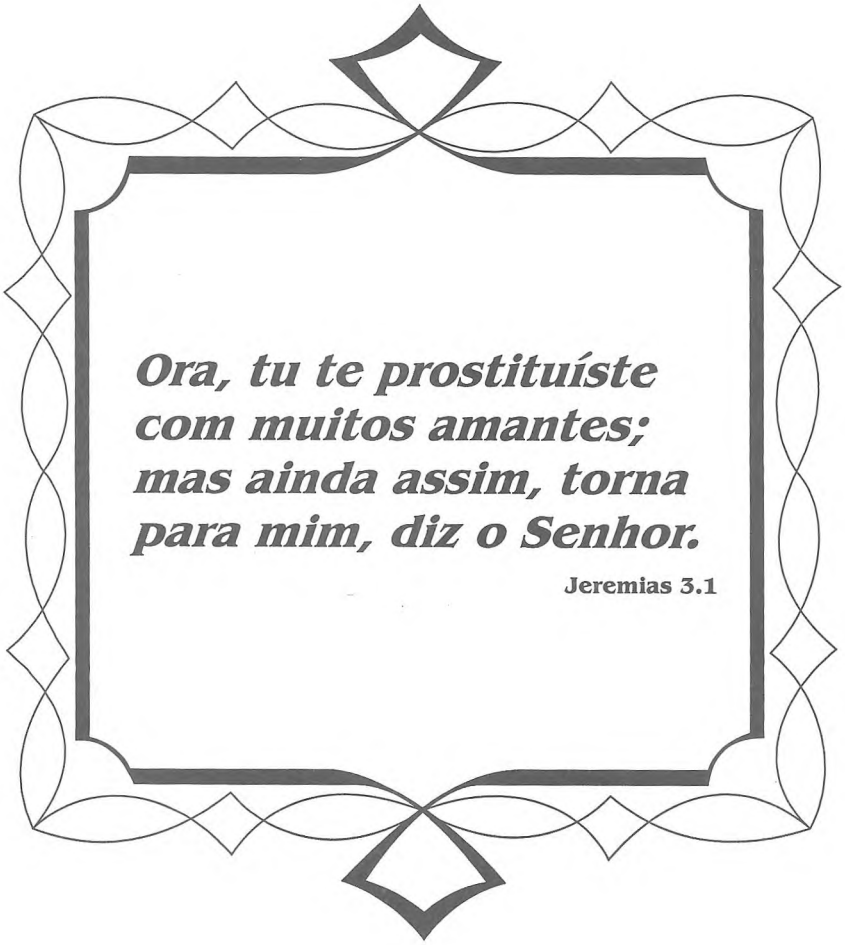
JEREMIAS

HAGNOS



JEREMIAS

O Livro que Descreve a Apostasia de Judá que Provocou o Cativeiro Babilônico



Jeremias

52 Capítulos
1.364 Versículos

INTRODUÇÃO

Esboço:

I. Jeremias, o Profeta
II. A Arqueologia, Jeremias e Nabucodonosor
III. Caracterização Geral do Livro
IV. Relações entre Jeremias e Cinco Reis de Judá
V. Autoria e Integridade do Livro
VI. A Cronologia Histórica e Jeremias
VII. Esboço do Livro
VIII. Alguns Conceitos Básicos de Jeremias—Sua Mensagem
IX. Bibliografia

No artigo do *Dicionário* intitulado *Jeremias (o Profeta),* apresentamos muito material que se aplica, naturalmente, à sua obra, o livro profético do Antigo Testamento que leva o seu nome. Vários pontos do esboço anterior referem-se a materiais específicos dados no artigo sobre o próprio profeta Jeremias. A esse material adicionamos informações sobre o livro propriamente dito.

I. Jeremias, o Profeta

Ver completas descrições no *Dicionário*, no artigo *Jeremias (o Profeta).*

II. A Arqueologia, Jeremias e Nabucodonosor

Examinar esse material sob a seção IV do artigo sobre *Jeremias (o Profeta)*, no *Dicionário.*

III. Caracterização Geral do Livro

As profecias de Jeremias, em forma de livro, tomaram o nome do próprio profeta, que, em hebraico, era *Yirmeyahu* ou *Yirmeyah*, "Yahweh estabelece". O seu ministério estendeu-se pelo menos durante quarenta anos da história de Judá, a qual terminou em tragédia, com o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*).

Propósito. O intuito de Jeremias era conclamar o povo de Judá ao arrependimento, visto que ele via a potência do norte, Babilônia, a erguer-se, pela providência divina, para castigar uma nação desobediente como era Judá. Ele exortou os habitantes de Jerusalém a abandonar sua apostasia e idolatria. Jeremias via um cativeiro de setenta anos delineando-se no horizonte (Jer. 25.1-14) e sabia que o conflito entre três potências mundiais, a Assíria, o Egito e a Babilônia, terminaria com o triunfo desta última. O profeta advertiu os judeus acerca de pactos firmados com o Egito, que redundariam em desastre, a longo prazo. Visto que Jeremias previu um resultado desfavorável para Judá, que era um pequeno reino entalado no meio de lutas entre poderes gigantescos, esse profeta acabou merecendo a desconfiança de seu próprio povo, e foi desprezado. Suas profecias de condenação soavam estranhas, quando comparadas às palavras consoladoras dos falsos profetas. Todavia, a esperança messiânica resplandece em seus escritos, onde é prometida a restauração e a glória final, para Israel e para Judá, juntamente. Ver Jer. 23.5 ss.; 30.4-11; 31.31-34; 33.15-18. Ele previu a manifestação do justo *Ramo de Davi, Yahweh-Tsidkenu* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também Jer. 23.6; 30.9.

Jeremias profetizou cerca de sessenta anos após Isaías. Seus contemporâneos foram Sofonias e Habacuque (no começo), e Daniel (mais tarde). Jeremias precisou relacionar-se com cinco dos reis de Judá, o que nos fornece a porção essencialmente histórica do seu livro. Isso é comentado detalhadamente no artigo *Jeremias (o Profeta)*, seção III.3, no *Dicionário.* As predições de Jeremias incluem os grandes eventos do cativeiro babilônico; a restauração após setenta anos; a dispersão universal dos judeus; o recolhimento final de Israel; a era do reino; o dia do juízo dos poderes gentílicos.

O livro de Jeremias pode ser dividido em três seções bem gerais, a saber: 1. capítulos 1—25, profecias contra Judá; 2. capítulos 46—51, narrativa acerca de Jeremias, o profeta, e predições contra potências estrangeiras; 3. capítulo 52, um apêndice histórico extraído de II Reis 24.18 ss. Várias fontes informativas podem estar envolvidas, algumas delas provavelmente adicionadas por autores posteriores ou editores. Uma dessas fontes diz respeito aos discursos de Jeremias, ou seja, os trechos de Jer. 7.1 ss.; 11.1 ss.; 18.1 ss.; 21.1 ss.; 25.1 ss.; 32.1 ss.; 34.1 ss.; 35.1 ss.; 44.1 ss. Os eruditos liberais supõem que os capítulos 46—51 sejam, essencialmente, derivados de outras fontes, que não o profeta Jeremias. Os oráculos indubitavelmente genuínos, no parecer de alguns, seriam os capítulos 1—25, que vieram do rolo original escrito por Baruque (o que é mencionado em Jer. 36.32). Os capítulos 26—44 enfocam a atenção sobre os acontecimentos externos. Os capítulos 30 e 31 formam uma coletânea especial de dizeres, que alguns supõem ter sido acrescentada ao livro em tempos posteriores. Uma característica ímpar do livro são as chamadas "confissões" de Jeremias, os trechos de Jer. 11.18-23; 12.1-6; 15.10-21; 17.12-18; 18.18-23; 20.7-18. Essas confissões revelam a relação pessoal entre Jeremias e Deus.

IV. Relações entre Jeremias e Cinco Reis de Judá

No artigo do *Dicionário* intitulado *Jeremias (o Profeta),* seção III.3, temos este material para o leitor. A terceira seção daquele artigo aborda a história que é contada no livro de Jeremias, e que o leitor faria bem em consultar.

V. Autoria e Integridade do Livro

Jeremias, filho de Hilquias, pertencia a uma família sacerdotal que vivia em Anatote, cidade de Benjamim. Ele foi o autor do livro que traz o seu nome (Jer. 1.1). Há mais informações biográficas sobre ele do que sobre qualquer outra figura profética do Antigo Testamento. Não há que duvidar que o livro pertence, genuinamente, a Jeremias, embora certas porções possam ter sido adicionadas posteriormente por editores. E também é claro que Jeremias se valeu de mais de uma fonte informativa, que incorporou em sua obra.

1. *Jeremias Ditava a Baruque.* Uma boa porção do volume (os liberais concordam com os capítulos 1—25) foi ditada a Baruque, o amanuense de Jeremias. Esses capítulos formavam o rolo que foi queimado pelo rei Jeoaquim (Jer. 36.23). No entanto, foi ditada uma segunda edição, que incluía material novo (Jer. 36.32). Em seguida, aparecem seções que foram compostas posteriormente, embora ainda de autoria de Jeremias, conforme nos sugerem os trechos de Jer. 21.1 e 24.1.

2. O capítulo 52 do livro de Jeremias é um óbvio empréstimo de II Reis 24.18, 25 e 30, que foi adicionado por algum editor.

3. *Evidências de Autenticidade.* Além das evidências internas, no próprio livro, temos as confirmações dos relatos que demonstram a validade das predições de Jeremias, como o caso dos setenta anos de cativeiro, que se tornaram um fato histórico. Ver Dan. 9.2; Jer. 25.11-14; 29.10; II Crô. 36.21; Eze. 1.1 e Josefo *(Anti.* 10.5,1). O livro de Jeremias é muitas vezes citado no Novo Testamento como uma profecia autêntica. Ver Mat. 2.17,18 (Jer. 31.15); 21.13; Mar. 11.17; Luc. 19.46 (Jer. 7.11); Rom. 11.27 (Jer. 31.33 ss.); Heb. 8.8-13 (Jer. 31.33 ss.). A tradição talmúdica afirma detalhes sobre a vida e as predições de Jeremias.

4. *Integridade.* É patente que o volume de Jeremias foi escrito em vários estágios, acompanhando os sucessos históricos e as predições de Jeremias pertencentes àqueles acontecimentos. Os estudiosos liberais vêem, nessa atividade, o trabalho de um ou mais editores. Sabemos que a primeira edição dos capítulos 1-25 do livro foi destruída e precisou ser reescrita. Não sabemos dizer quanto trabalho editorial foi feito pelo próprio Baruque. Mas sabemos que o arranjo, algumas vezes, não é cronológico. O fato de que a versão hebraica massorética difere consideravelmente da Septuaginta serve de prova absoluta de que deve ter havido mais de uma edição do livro de Jeremias. Mas aqueles que procuram identificar o trabalho dos possíveis editores diferem muito entre si, no tocante às suas reconstruções, baseadas muito

mais em sentimentos subjetivos do que naquilo que, realmente, deve ter acontecido. Talvez Baruque tenha refeito alguns dos discursos de Jeremias, redigindo-os com suas próprias palavras, embora preservando-lhes a substância. Apesar de isso poder exprimir uma verdade, não há como prover tal suposição, nem como descobrir o modo pelo qual isso foi feito. Alguns estudiosos pensam que os capítulos 46—51 não pertencem, essencialmente, a Jeremias; antes, seriam adições feitas posteriormente, embora não haja nenhuma razão compelidora que apóie tal argumento. O apêndice formado pelo capítulo 52 mui provavelmente foi acrescentado pelo próprio Baruque, ou por algum editor posterior. O ministério de Jeremias espraiou-se pelo governo de cinco monarcas de Judá. Se quisermos obter uma seqüência cronológica dos seus escritos, teremos de dar um novo arranjo a eles. O professor C. Lattey sugeriu a seguinte disposição, que segue os reis envolvidos no relacionamento com Jeremias:

Josias. Caps. 1-20 (excetuando 12.7—13.27).

Jeoacaz. Nada foi escrito em seu tempo.

Jeoaquim. Caps. 12.7—13.27; 21; 25; 27; 28; 33.35; 36; 45.

Joaquim. Caps. 13.18 ss.; 20.24-30; 52.31-34.

Zedequias. Caps. 24; 29; 37; 38; 51.59,60 (advertências); 30-33 (promessas de restauração); 21; 34; 37-39 (o cerco babilônico); 40-44 (após a queda de Jerusalém); 46-51 (profecias contra várias nações); 52 (apêndice).

O material inicial cobriu um período de vinte e três anos, desde o décimo terceiro ano de Josias (626 A.C.) até 604 A.C. Esse material foi destruído durante o quinto ano do reinado de Jeoaquim, mas Baruque o reescreveu. E *então adicionou* algo a esse material (Jer. 36.32).

O texto da Septuaginta nos dá uma versão mais breve que o texto hebraico. Ora, usualmente é o texto mais breve que se revela o original. É muito mais natural que os escribas tenham expandido do que condensado os textos que copiavam. A diferença é cerca de uma oitava parte, pelo que não é muita coisa. Na Septuaginta, os oráculos contra as nações estrangeiras (caps. 46—51) aparecem depois de Jer. 25.13, e a seqüência desses oráculos também encerra algumas diferenças. Tais diferenças poderiam ser explicadas com base em duas versões do livro de Jeremias; ou, então, poderíamos supor que o trabalho de editores é que produziu isso. O texto hebraico tem sido tradicionalmente preferido; devemos relembrar que dificilmente poderia mesmo ser diferente disso, pois que estudioso hebreu teria preferido a tradução da Septuaginta à versão em seu próprio idioma? Os materiais autênticos incluídos nas propostas *adições* não servem de argumento em favor da originalidade, mas apenas mostram que um ou mais editores estiveram envolvidos, tendo adicionado material histórico genuíno, que é confirmado nos registros babilônicos. As omissões que aparecem na Septuaginta (Jer. 28.1-33; 29.16-20; 33.14-26; 39.4-13; cap. 52, além de alguns outros pequenos trechos) são difíceis de explicar. Por que motivo um tradutor teria deixado essas passagens de lado, propositadamente? Não há resposta para esse problema; mas, considerando o que sucede nas atividades dos escribas, parece que os tradutores da Septuaginta preferiram representar a forma original do livro, ao passo que o texto hebraico foi por eles concebido como uma expansão dessa forma original. Nada de certo se pode dizer quanto a essa questão, contudo.

VI. A Cronologia Histórica e Jeremias

Os eventos principais e suas datas, no que se relacionam ao livro de Jeremias, são os seguintes:

686 A.C.: O reinado de Manassés.

648 A.C.: O nascimento de Josias.

642 A.C.: Amom substitui Manassés como rei.

633 A.C.: Josias busca renovação espiritual (II Crô. 34.3). Morte de Assurbanipal, rei da Assíria. Ciaxares torna-se rei da Média.

628 A.C.: Reformas religiosas de Josias.

627 A.C.: Chamada divina de Jeremias.

626 A.C.: Nebopolossar torna-se rei da Babilônia.

621. A.C.: Acha-se o rolo da lei, depois utilizado na reforma.

609 A.C.: Josias é morto em Megido. Jeoacaz governa por três meses. Jeoaquim assume o poder, em Jerusalém.

605 A.C.: Os babilônios derrotam o Egito e a Assíria, em Carquêmis. Daniel e outros são levados à Babilônia (Dan. 1.1). Nabucodonosor torna-se rei da Babilônia.

604 A.C.: A Palestina paga tributo a Nabucodonosor.

601 A.C.: Os egípcios derrotam momentaneamente os babilônios.

598 A.C.: Fim do reinado de Jeoaquim; os babilônios invadem Jerusalém. Joaquim torna-se rei de Judá; governa por três meses e é deportado para a Babilônia.

597 A.C.: Zedequias torna-se rei de Judá.

588 A.C.: Cerco de Jerusalém, iniciado a 15 de janeiro.

587 A.C.: Jeremias é encarcerado pelos judeus (Jer. 32.1,2).

586 A.C.: Fuga de Zedequias diante dos babilônios (II Reis 25.2,3; Jer. 39.4; 52.5,7). Destruição de Jerusalém (II Reis 25.8-10). Gedalias, governador temporário de Judá, é assassinado. Jeremias o apoiava. Os judeus vão para o Egito e levam Jeremias.

?: Morte (e martírio) de Jeremias, no Egito.

VII. Esboço do Livro

I. *Chamada de Jeremias, Avisos e Mensagem aos Judeus* (1.1—29.32)

A. Oráculos de Condenações

1. Contra o pecado e a ingratidão (2.1—3.5)
2. A destruição virá do norte (3.6—6.30)
3. Os judeus seriam exilados (7.1—10.25)
4. O pacto rompido: sinal do cinto (11.1—13.27)
5. A seca (14.1—15.21): sinal do profeta solteiro (16.1—17.18); avisos acerca do sábado (17.19-27)
6. O sinal da casa do oleiro (18.1—20.18)

B. Oposição aos Anciãos e Líderes

1. Abusos contra Jeremias e seu encarceramento (19.21—20.18)
2. Seu conselho a Zedequias (21.1-14)
3. Contra os reis e os falsos profetas (22.1—24.10)
4. Contra as nações (25.1-38)
5. Jeremias escapa da execução (26.1-24)
6. Oposição a Jeremias, em Jerusalém e na Babilônia (27.1—29.32)

II. *Várias Profecias, da Subida ao Trono ao Cativeiro de Zedequias* (30.1—39.18)

1. Vislumbres de restauração (30.1—33.26)
2. Uma nova aliança (30.1—31.40)
3. Um sinal sobre a restauração (32.1-44)
4. O pacto davídico (33.1-26)
5. Desintegração do reino de Judá (34.1-39.18)
6. O exemplo dos recabitas (34.1-22)
7. Queda de Jerusalém (37.18)

III. *Profecias em Judá, Após o Cativeiro* (40.1—42.22)

1. Mensagem ao remanescente, na Palestina (40.1—41.18)
2. Aviso para os judeus não descerem ao Egito (cap. 42)

IV. *Jeremias no Egito* (43.1—45.5)

V. *Profecias contra Nações e Cidades* (46.1—51.64)

1. Egito (46.1-28)
2. Filístia (47.1-7)
3. Moabe (48.1-47)
4. Amom (49.1-6)
5. Edom (49.7-22)
6. Damasco, Quedar e Hazor (49.23-33)
7. Elão (49.34-39)
8. Babilônia (50.1—51.64)

VI. *Apêndice*

1. Queda e cativeiro de Judá (52.1-30)
2. Libertação de Joaquim (52.31-34)

VIII. Alguns Conceitos Básicos de Jeremias—Sua Mensagem

1. O *Livre-arbítrio e o Determinismo.* Jeremias viu o soerguimento inevitável da Babilônia, que subjugaria a Assíria e o Egito. Nesse jogo pelo poder, a nação de Judá seria reduzida a nada. Apesar de predizer tais eventos como inevitáveis, ainda assim Jeremias cria na genuinidade da chamada de Judá ao arrependimento (o que poderia evitar toda a tragédia). Em outras palavras, Judá poderia ter escapado ao terror. Essa circunstância levanta a antiga questão da interação entre o livre-arbítrio humano e o determinismo divino. Para tal questão, não há resposta absolutamente adequada. Deus usa o *livre-arbítrio* humano, sem destruí-lo, embora não saibamos dizer como. Quanto a um estudo completo sobre essa questão, examinar os dois artigos intitulados *Livre-arbítrio* e *Determinismo,* no *Dicionário.* Ver também acerca da *Predestinação.* No que diz respeito a indivíduos, pelo menos no tocante à questão do desenvolvimento espiritual, uma verdade inegável parece ser que os eventos que inevitavelmente devem suceder em uma vida são auto-escolhidos. Em outras palavras, a própria pessoa seleciona os acontecimentos principais de sua vida, os quais determinarão o curso que ela seguirá. Porém, esses eventos que determinam o destino de uma pessoa não são em grande número, de tal modo que a maior parte daquilo que um homem faz, fá-lo por sua livre agência. Porém, naquilo que dirige o destino da alma, o indivíduo não o faz por meio de seu livre-arbítrio; antes, segue os ditames de sua alma, em consonância com a direção e a providência de Deus, que delega tais poderes aos homens. Além disso, como é óbvio, há eventos tanto pessoais como independentes do indivíduo (mas que exercem profundo efeito sobre a sua vida), os quais são intervenções diretas ou diretivas de Deus. Depois de dizermos isso, vemos que alguma luz foi projetada sobre o problema, embora muitas perguntas continuem sem resposta.

2. *Conceitos de Deus.* Conforme fica implícito no primeiro ponto, Deus é o poder controlador das atividades humanas, embora não seja infenso, como Ser Supremo, àquilo que o homem quer e faz. Ele é o Criador e o Senhor Soberano que governa todas as coisas, nos céus e na terra: Jer. 5.22,24; 10.12 ss.; 23.23 ss.; 27.5. Um completo monoteísmo era a crença de Jeremias. Não havia nenhum toque de *henoteísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) em seu sistema doutrinário. Para ele, os deuses das nações nem eram entidades (10.14 ss.; 14.22). A vontade divina é suprema sobre todas as coisas (Jer. 18.5-10; 25.15-38; 27.6-8).

3. A *presciência* de Deus é absoluta (Jer. 17.5-10).

4. O *amor de Deus* desconhece limites (Jer. 2.2; 31.1-3).

5. *Deus é a fonte originária da vida* de todos os seres vivos (Jer. 2.13; 17.13).

6. *Deus requer* justiça e obediência (Jer. 7.1-15).

7. As *abominações* a Deus incluem os sacrifícios oferecidos aos deuses pagãos (Jer. 7.30 ss.; 19.5), embora também sejam abominações as oferendas de um povo rebelde e pecaminoso (Jer. 6.20; 7.21 ss.; 14.12).

8. A *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*) é salientada como uma espécie de ofensa capital contra Deus. Baal, Moloque e a rainha do céu são especificamente condenados pelo profeta. Havia ídolos pagãos no próprio templo de Jerusalém (Jer. 32.34). Em Jerusalém, crianças estavam sendo oferecidas em holocausto a Baal e a Moloque (Jer. 7.31; 19.5; 32.35). Jeremias lamentava a grande apostasia que invadira Judá, mormente porque ele via a ira de Deus preparando a Babilônia para ser a vara do castigo contra o Seu povo terreno.

9. A *imoralidade* foi condenada como uma forma de idolatria. As pessoas imaginam deuses de acordo com os seus próprios vícios (Jer. 5.1-6; 7.3-11; 23.10-14). A corrupção moral tem uma maneira de abafar o temor a Deus no coração dos homens. Os próprios sacerdotes tinham-se deixado envolver nisso (Jer. 5.30 ss.; 6.13-14; 14.14). Em meio à sua imoralidade e idolatria, Judá conseguiu manter sua religiosidade. Mas Jeremias proclamou que a lei moral é mais importante do que as práticas religiosas e cerimônias. O povo de Judá reverenciava a arca (Jer. 3.16), as tábuas da lei (31.31 ss.), o templo de Jerusalém (7.4,10 ss.; 11.15), o sinal da circuncisão (4.4; 6.10; 9.26) e o sistema de sacrifícios (6.20; 7.21 ss.; 11.15; 14.2), mas estava afundado na corrupção moral. Isso também tipifica a igreja organizada conforme a vemos hoje em dia no mundo. Uma porca pode ser sacrificada sobre o altar, na forma de música irreverente e de práticas profanas, ao mesmo tempo que o pastor emprega seu sermão, presumivelmente, a fim de convocar os homens ao arrependimento.

10. *Julgamento.* O profeta pregou o julgamento divino, explicando que este haverá de descarregar-se contra os homens desobedientes. Mas também ensinou que o arrependimento pode arredar o castigo. Jeremias tinha em mente, especificamente, a invasão por parte da Babilônia (Jer. 1.13-16; 4.11,12; 5.15-19; 6.1-15). A Babilônia, pois, era um látego usado por Deus como instrumento, embora também servisse de medida corretiva, porquanto todos os juízos divinos são remediais em sua natureza, e não meramente vingativos. Ver no *Dicionário* o artigo geral sobre o *Julgamento.*

11. Nem todas as religiões são iguais, nem todas as fés religiosas são genuínas. Existem *religiões falsas.* Jeremias manifestou-se contra os falsos profetas, que tão facilmente enganavam o povo (Jer. 8.10-17; 14.14-18; 23.9-40). A principal falsidade deles consistia em pregar uma mensagem otimista, ao mesmo tempo que Deus só pensava em castigar o Seu povo terreno.

12. A *esperança,* em meio ao juízo divino e à condenação, era um tema constante nas predições de Jeremias. O exílio de Judá era inevitável, embora não houvesse de perdurar para sempre. Haveria de redundar em um digno propósito, visando o bem do povo judeu, em última análise (Jer. 19.10; 25.11). Nisso consiste a própria natureza do julgamento. O julgamento tem um aspecto *remedial,* não sendo mera reparação e, menos ainda, vingança. Ver o trecho de I Ped. 4.6, que ensina essa verdade no tocante ao julgamento dos incrédulos. O próprio *hades* tem um aspecto remedial, conforme se vê no relato bíblico da *descida de Cristo ao hades* (ver no *Dicionário* a respeito). A esperança de Jeremias, em meio ao juízo divino iminente, deu origem a um ato de fé, quando ele comprou um terreno em Anatote (não distante de Jerusalém), pois sabia que o povo de Judá haveria de retornar à sua pátria. É lamentável que o próprio Jeremias tenha sido assassinado no exílio (no Egito), o que significa que o ato de compra do terreno era simbólico, não lhe tendo trazido nenhuma vantagem pessoal. Porém, Deus também estava controlando a situação, e podemos ter certeza de que o profeta nada perdeu, mas somente teve a ganhar.

13. *A Convocação à Religião Vital.* À semelhança de Paulo, no segundo capítulo da Epístola aos Romanos, Jeremias viu que as formalidades religiosas externas são inúteis, a menos que haja uma correspondente vitalidade espiritual, na alma. A confiança de Judá no templo, nos sacrifícios animais, no sacerdócio e no sinal da circuncisão era inteiramente inútil, sem a santidade e a dedicação da alma aos princípios espirituais (Jer. 2.8; 5.13; 7.4-15; 8.8; 21—26). É mister que os princípios da lei sejam inscritos no coração dos homens, e não meramente em alguma superfície de escrita (Jer. 31.31-34; 32.40). Se os símbolos externos fossem destruídos, isso não seria o fim do relacionamento eficaz de Deus com os homens (Jer. 33.14-26). Suas alianças continuariam, mesmo sem símbolos externos. Essa é uma verdade que os ramos sacramentalistas da igreja cristã ainda não conseguiram absorver.

14. *Contemplando a Esperança Messiânica.* Jeremias viu um brilhante e novo dia, que haveria de raiar, apesar da melancolia do momento. Em primeiro lugar, haveria uma restauração do povo de Israel à sua terra, no tempo certo (Jer. 30.17-22; 32.15,44; 33.9-13). Em segundo lugar, haveria o estabelecimento do governo do Príncipe messiânico sobre Israel (Jer. 23.5 ss.) e sobre todas as nações da terra (Jer. 3.17; 16.19; 30.9).

15. *A Essência da Fé Religiosa.* Os homens ficam ofuscados e escravizados às formas religiosas externas, cerimônias e instituições. Porém, a fé religiosa genuína é, essencialmente, uma condição mo-

ral e espiritual, na qual a alma é unida a Deus (Jer. 31.31-34). Esse foi um dos temas fundamentais da prédica do Senhor Jesus, conforme fica demonstrado pelo Sermão da Montanha (Mat. 5—7), um tema que teve continuidade nos escritos de Paulo, do qual o segundo capítulo de Romanos é um bom exemplo.

IX. Bibliografia

AM ARC BRI BRIG(1966) E EIS G I IB ID ND UN WIS Z

Ao Leitor

Um estudioso sério, antes de lançar-se ao estudo deste livro, lerá a introdução, que dá informações sobre assuntos como: Jeremias, o profeta; arqueologia e o livro; caracterização geral; relacionamento entre Jeremias e os cinco reis de Judá da época; autoria e integridade do livro; cronologia; esboço de conteúdo; conceitos básicos do livro e mensagem central. A versão da Septuaginta difere muito deste livro em alguns trechos. Encontramos problemas especiais de unidade, abordados na seção V da Introdução.

"Jeremias começou seu ministério no ano décimo terceiro de Josias, cerca de sessenta anos após a morte de Isaías. Sofonias e Habacuque eram contemporâneos do início de seu ministério, e Daniel, do fim de seu ministério. Após a morte de Josias, o reino de Judá apressou-se ao fim no cativeiro babilônico. Jeremias permaneceu na terra ministrando ao pobre remanescente (ver II Reis 24.14). Depois foi forçado a exilar-se no Egito, onde morreu, no começo do cativeiro de 70 anos. Jeremias, que profetizou antes e durante o exílio de Judá, vinculou os profetas pré-exílicos com Ezequiel e Daniel, profetas do exílio. Os assuntos das visões principais incluem: o cativeiro babilônico; a volta à Terra Prometida após os 70 anos; a dispersão mundial dos judeus; a reunião final; a era do reino; o dia do julgamento contra os poderes gentílicos; e o remanescente" (*Scofield Reference Bible,* introdução).

"Jeremias era descendente do sacerdote Abiatar, que foi banido por Salomão para Anatote (I Reis 2.26-27; I Sam. 3.10-14). Seu ministério começou em 627 A. C. e terminou em algum tempo depois de 580 A. C., provavelmente no Egito. O livro que traz seu nome consiste, essencialmente, em uma coletânea de oráculos contra Judá e contra Jerusalém, que ele ditou a Baruque, seu escriba e ajudante (ver Jer. 1.4-6.30), desde a época do rei Josias (Jer. 7.1-20.19), passando pelos dias de Jeoaquim (Jer. 21.1-25.14) e terminando no tempo de Zedequias. Além disso, encontramos as memórias de Baruque (caps. 26-35 e 36-45). Um grupo de oráculos contra nações estrangeiras (Jer. 25.15-38; 46–51)... Mais material foi acrescentado quando se editou o livro, algum tempo depois de 560 A. C. (Jer. 25.14; 26 - 45). Por causa dessa editoração, foi alterada, cronologicamente, parte do material. O presente texto hebraico e a versão grega da Septuaginta diferem tanto quanto ao conteúdo como quanto à ordem de apresentação. A Septuaginta, por sua vez, omite várias passagens (por exemplo, Jer. 33.14-26) e combina os oráculos contra potências estrangeiras em uma única seção que aparece depois de Jer. 25.14, além de apresentar uma ordem diferente. Jeremias andava muito preocupado com recompensas e punições, com fidelidade e desobediência (por exemplo, Jer. 35). Ele denunciou a apostasia de Judá. Julgamentos severos serão seguidos por um novo e mais duradouro relacionamento com Deus" (*Oxford Annotated Bible,* Introdução).

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

Chamada de Jeremias: Avisos e Mensagens aos Judeus (1.1 – 29.32)

Sobrescrito (1.1-3)

Jeremias, tal como outros livros dos profetas, começa com notas biográficas e cronológicas para ajudar-nos a situar o livro em relação aos acontecimentos da época. *Jeremias* era um apelativo masculino comum entre os hebreus, tanto no Antigo Testamento como posteriormente. Forneço no *Dicionário* dois artigos chamados *Jeremias (O Profeta)* e *Jeremias (Outras Pessoas, que Não o Profeta).* Acompanhando, apresento um gráfico que ilustra a data das profecias de Jeremias, em comparação com os reis e eventos de seu tempo. Ver também a seção VI da introdução, onde há um esboço cronológico do livro. Quanto a detalhes sobre os reis mencionados, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Judá.* Ver também o verbete intitulado *Rei, Realeza,* que apresenta um gráfico comparativo entre os reis de Israel e os reis de Judá, com acontecimentos contemporâneos.

Pano de Fundo do Profeta (1.1-3)

1.1

Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes. "Jeremias fornece-nos informações sobre o pano de fundo de sua família (vs. 1), durante o tempo em que ele ministrou (vss. 2-3). Ele era um dos *sacerdotes,* descendente da linhagem sacerdotal de Arão. Seu pai, Hilquias provavelmente não era o sumo sacerdote Hilquias, que descobriu a cópia da lei durante a época de Josias (ver II Reis 22.2-14). 'Hilquias' evidentemente era um nome comum aplicado a vários homens dos dias do Antigo Testamento, sacerdotes ou levitas (ver I Crô. 6.45-46; 26.10-11; II Crô. 34.9-22; Nee. 12.7; Jer. 1.1). A cidade natal de Jeremias era Anatote, que ficava no território de Benjamim, cerca de 5,5 km a nordeste de Jerusalém. O território de Benjamim fazia fronteira com o território de Judá, e a linha divisória corria mais ou menos de leste para oeste, passando ao lado de Jerusalém (cf. Jos. 18.15-16). Anatote foi uma cidade alocada por Josué para os sacerdotes (ver Jos. 21.15-19). Salomão exilou em Anatote o sacerdote Abiatar, por ele ter dado apoio a Adonias como sucessor de Davi (ver I Reis 1.7; 2.26-27)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Para mais detalhes, ver os nomes próprios no *Dicionário.*

1.2-3

A ele veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias. *Jeremias era um sacerdote em Israel,* mas quando lhe chegaram as revelações de Yahweh, ele começou a funcionar como profeta nacional. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Revelação.* O ministério profético de Jeremias começou no décimo terceiro ano de Josias, ou seja, em cerca de 627 A. C. Josias começou a reinar por volta de 640 A. C. Ver sobre *Josias* no *Dicionário* e, entre os reis de Judá, no artigo intitulado *Reino de Judá.* Jeremias continuou a ser o porta-voz de Yahweh até o décimo primeiro ano de Zedequias, em julho-agosto de 586, ou seja, quando ocorreu o cativeiro babilônico. Por conseguinte, teve uma carreira profética, antes do exílio, que se estendeu por cerca de 41 anos. Jeremias, entretanto, continuou a profetizar durante o tempo do cativeiro, e assim alguns poucos anos foram adicionados a esses 41 anos. Os capítulos 40-44 relatam a continuação do ministério de Jeremias. Cf. Jer. 39.1 ss.; II Reis 25.8 ss. Para detalhes completos, ver no *Dicionário* o artigo sobre *Cativeiro Babilônico.* Ver o gráfico acompanhante quanto às datas das profecias de Jeremias. Quanto a detalhes, ver todos os nomes próprios desses versículos, no *Dicionário.*

Os reinados breves de Jeoacaz (3 meses) e de Jeoaquim ou Jeconias (também 3 meses) são ignorados, e somente os reinados mais longos são mencionados: Jeoaquim (11 anos); Josias (31 anos) e Zedequias (11 anos).

As Primeiras Visões (1.4-19)

O Chamado de Jeremias (1.4-10)

1.4

A mim veio, pois, a palavra do Senhor. O profeta Jeremias reivindicou *revelação divina* para seus *oráculos,* o que, no processo de canonização, se aplicou ao livro inteiro. O primeiro oráculo por ele recebido foi o comissionamento como profeta do Senhor. Em muitos casos, a palavra inspiradora lhe chegava no estado extático ou de transe; talvez alguma palavra lhe tenha chegado em sonho ou quiçá em uma visão; e muito do que se aprende nas experiências místicas desse tipo permanece inefável, ficando sem expressão na linguagem humana. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Misticismo* e *Revelação.* O profeta Jeremias não prestou nenhuma informação sobre o *modus operandi* de suas experiências, em contraste com o que fez Isaías (ver Isa. 6).

1.5

Antes que eu te formasse no ventre materno, eu te conheci. Este versículo é comumente interpretado na literatura rabínica para indicar que a alma de Jeremias era *preexistente.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Preexistência.* Na *Cabala* (ver a respeito no *Dicionário*) a preexistência anda de mãos dadas com a *reencarnação* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* quanto a um artigo detalhado sobre esse assunto). A tradição rabínica posterior identificava Jeremias com Moisés, como se fossem eles uma só pessoa, a realizar duas missões diferentes. Mas isso já é opinião do judaísmo posterior. Sabemos que, nos dias de Jesus, tanto os essênios quanto os fariseus sabiam da preexistência da alma e da reencarnação. Se provavelmente o versículo à nossa frente deve ser compreendido como afirmando a preexistência da alma (embora não se trate de uma declaração dogmática), o judaísmo dos dias de Jeremias não vinha ligado ao conceito da reencarnação. Os pais da Igreja Cristã Ortodoxa Oriental aceitavam a idéia da preexistência da alma, sem o acompanhamento da reencarnação. A veracidade ou falsidade dessas idéias não poderá ser comprovada por afirmações dogmáticas dos livros sagrados. Precisamos investigar esses assuntos empiricamente, com a ajuda do método científico. Na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* ver o artigo chamado *Reencarnação.* Examino esse tipo de evidências, além de outras, e dou opiniões sobre o assunto.

Os intérpretes, ao tentar livrar este versículo de qualquer referência à preexistência da alma, vêem Jeremias a "viver na mente divina, conhecida de antemão e eleita", mas não como uma entidade separada da mente divina. Se era isso que o profeta quis dizer, ele não fez nenhum esforço para esclarecer a questão. Jeremias era *conhecido por Deus* não meramente por conhecimento prévio intelectual, mas também foi, de antemão, honrado, louvado, comissionado e naturalmente *escolhido.* Cf. algo similar dito por Paulo em Gál. 1.15, e por João Batista em Luc. 1.15.

Este versículo enfatiza como a vontade divina governa a vida humana. Nada havia de acidental na chamada e missão de Jeremias. Ele foi predestinado para desempenhar esse papel. Presume-se que a mesma vontade que tornou isso verdade a respeito de Jeremias, também opera em uma base larga, se não mesmo em uma base universal. Isso explicaria a vida de muitos homens verdadeiramente grandes. Deus estava com eles desde o começo de sua vida física, e talvez tenha estado com eles *em espírito* no salão das experiências e memórias de Deus, recuando até onde a imaginação nos possa transportar.

Um Corolário Importante. Se a alma humana é preexistente, então não é igual na espiritualidade e nas realizações espirituais. Grandes almas já existiriam, e seria apenas natural que a mente divina as tivesse *escolhido* para missões especiais. Nesse caso, há *razões* para a escolha de algumas e não de outras. A vontade divina nunca opera arbitrariamente.

1.6

Então lhe disse eu: Ah! Senhor Deus! Eis que não sei falar. Isaías aceitou sua missão sem fazer perguntas (ver Isa. 6) e estava pronto para começar. Jeremias, por outro lado, tal como Moisés, hesitou e encontrou desculpas para que alguns homens fossem chamados. Ele era apenas uma *criança,* um jovem. O hebraico *na'ar* pode significar um "infante", como foi o caso de Moisés, colocado no cesto à beira do rio (ver Êxo. 2.6). Mas também pode significar um *homem jovem* (ver II Sam. 18.5; cf. Gên. 34.19). Não temos meios para saber qual a idade de Jeremias quando ele foi chamado, mas ele se reputava muito jovem e inexperiente para a tarefa. Cf. os casos de Moisés (ver Êxo. 4.10; 6.12,30) e Jonas (Jon. 1.3).

1.7-8

Mas o Senhor me disse: Não digas: Não passo de uma criança. *Yahweh* sabia melhor que Jeremias. Ele conhecia Jeremias e suas qualificações; sabia que ele sofreria muito às mãos de homens iníquos e teria razões para temer suas cataduras. Portanto, desde o começo Deus, advertiu Jeremias a não cair na síndrome do temor. A presença divina estaria com ele, para conferir-lhe poder, para guiá-lo e, quando necessário, para livrá-lo das perturbações que o acossassem. Além disso, ser-lhe-iam dadas as palavras certas, porquanto haveria uma série de oráculos que formariam o conteúdo do que deveria ser dito pelo profeta. Cf. a Grande Comissão, que contém elementos similares (ver Mat. 28.19 e 20). Cf. Êxo. 3.12 e Jon. 1.5.

O Quádruplo Encorajamento. 1. Jeremias tinha autoridade para agir, a autoridade de Yahweh. 2. Embora fosse jovem, ele possuía as *habilidades inerentes* para cumprir sua missão. 3. Além disso, ele contava com a *proteção divina.* A *presença de Deus* o acompanharia. 4. A *mensagem* que seria transmitida por Jeremias viria *inspirada* por Yahweh. Jeremias não teria de rebuscar idéias e palavras certas.

É apenas natural que os homens tentem fugir de Deus, especialmente quando mais próximos se chegaram a Ele, em suas experiências. Quanto maior o homem, maior a tendência para fugir, *até que,* à semelhança de Jeremias, o homem se sinta mais confortável na presença do Ser divino.

1.9

Depois estendeu o Senhor a mão, tocou-me na boca, e me disse. *O Toque Divino.* Além de encorajar o profeta, Yahweh deu-lhe *unção* divina (ver a respeito no *Dicionário*), ao tocar em sua boca. Precisamos do *toque místico!* É maravilhoso conhecer as realidades espirituais. É maravilhoso ser capaz de usar a oração e ver grandes coisas acontecer pela intervenção divina. Mas também é maravilhoso e necessário ter contato direto com o Ser divino. É a isso que os filósofos e teólogos chamam de *Misticismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Além de transmitir-nos poder, essa é uma das maneiras pelas quais obtemos desenvolvimento espiritual. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Desenvolvimento Espiritual, Meios do.* O toque divino em Jeremias "tornou-lhe a boca pura e poderosa". Uma *brasa viva* foi posta na boca de Isaías (Isa. 6.7), idéia semelhante à que temos no texto presente.

> *Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração, pois pelo teu nome sou chamado, ó Senhor, Deus dos Exércitos.*
>
> (Jeremias 15.16)

Cf. Eze. 3.14 e 8.1. O Espírito de Deus iria com Jeremias e o inspiraria. O Ser divino far-se-ia presente no que ele dissesse. Ver Mat. 10.19-20.

1.10

Olha que hoje te constituo sobre as nações, e sobre os reinos. *Essência da Missão e da Mensagem.* Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Jeremias tinha autoridade até sobre as nações, e não somente sobre Israel. Ele teria uma missão internacional.
2. Mediante sua mensagem, Jeremias arrancaria, derribaria, destruiria e arruinaria potências humanas.
3. Mas ele também seria capaz de construir e plantar. Em outras palavras, tanto a providência negativa quanto a providência positiva de Deus operariam por intermédio do profeta.
4. A predestinação divina estaria no que ele fizesse, pelo que o seu bom êxito estava garantido desde o começo. Ele seria uma figura poderosa com uma missão importante e eficaz.

"A seqüela inteira do livro é um comentário sobre essas palavras. Passava pelo terror e pelas trevas para a glória e as bênçãos do Novo Pacto (Jer. 31.31)" (Ellicott, *in loc.*). O profeta possuiria o fogo capaz de consumir o povo (Jer. 4.14); possuiria o malho com o qual despedaçaria qualquer obstáculo, mesmo que fosse feito de rochas (Jer. 23.29). Cf. Isa. 55.10, quanto a algo similar. Quanto à destruição eficaz dos culpados, ver Eze. 43.3. Quanto ao ato de desarraigar, ver Mat. 15.13. Quanto a arrancar, ver II Cor. 10.4. Em seu trabalho, Jeremias seria como um *agricultor, um técnico em demolição* e um *construtor.*

A Visão da Amendoeira (1.11-12)

1.11-12

Veio ainda a palavra do Senhor, dizendo: Que vês tu, Jeremias? *Outro oráculo* ou visão foi dado a Jeremias. Duas visões confirmaram o chamado do profeta: a *vara de amendoeira* (vss. 11-12) e a *panela ao fogo* (vss. 13-16). A amendoeira (no hebraico *saqued*) vem de uma palavra que significa *despertar.* Portanto, a amendoeira era a "árvore acordada", por ser a primeira da Palestina a florescer e produzir frutos. Essa árvore explodia em uma inflorescência gloriosa no fim do mês de janeiro, muito antes de outras árvores o fazerem. Yahweh cuidaria para ver suas palavras florescer em Jeremias, ou seja, para ver a real fruição de sua missão. Deus verificaria se a vara de amendoeira floresceria e produziria fruto, outra maneira de dizer que Seu poder soberano se cumpriria em Jeremias. "A amendoeira era o *vigia,* a árvore que se apressava em despertar, antes que todas as outras árvores, de seu sono de inverno. Isso expressava a *pressa divina,* que não permitiria adiamentos no cumprimento da graciosa promessa de Deus, mas, antes, por assim dizer, faria a árvore rebentar em folhas, florescer e produzir frutos" (Ellicott, *in loc.*). "A visão de Jeremias sobre a *árvores despertas* faz-nos lembrar de que Deus estava desperto e vigiando a Sua palavra, para que ela se cumprisse" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Plínio disse-nos que a amendoeira é a primeira espécie vegetal a deitar flores, e que os frutos maduros aparecem em março (ver *História Natural,* 1.16, cap. 25).

Em outros trechos, a *vara* simboliza o julgamento divino (ver Núm. 17.11; Eze. 7.10; Zac. 11.7,10,14). Isso pode significar que o sentido básico da parábola é que o julgamento divino contra Judá era iminente, e que o cativeiro babilônico era esse julgamento.

A Visão da Panela ao Fogo (1.13-16)

1.13

Que vês? Eu respondi: Vejo uma panela ao fogo. A panela simbolizava o desastre. Havia sobre o fogo uma panela grande, quase fervendo. Dava frente para o norte, mas se inclinava na direção contrária, quase derramando seu quentíssimo conteúdo na direção sul. Ou seja, a Babilônia estava prestes a descer ao sul e destruir Judá. Os grandes inimigos de Israel vinham do norte (ver Jer. 4.6; 6.1 e 10.22). Outros adversários vinham de outras direções, mas era do norte que vinha a devastação. Alguns estudiosos vêem aqui tanto a Assíria (que destruiria as dez tribos do norte, Israel) quanto a Babilônia (que destruiria as duas tribos do sul, Judá). Sem a menor sombra de dúvida, a Babilônia está em foco em Jer. 13.20 e 25.9. Jeremias foi o grande profeta do cativeiro babilônico, e é neste ponto que temos indicações preliminares do tema. O simbolismo, aqui, é parecido com o do simbolismo do fogo, por causa do *calor* que destruiria Judá.

A *arqueologia* descobriu grandes panelas, de boca larga, com duas asas, e provavelmente esse é o objeto que está em pauta aqui. Cf. Eze. 24.3. Diz aqui o Targum: "Vejo um rei fervendo como uma panela, bem como a bandeira de seu exército que vem do norte".

1.14-15

Do norte se derramará o mal sobre todos os habitantes da terra. A *convocação* às nações veio da parte de *Yahweh,* pelo que temos aqui uma doutrina padronizada que diz que Yahweh é o controlador dos eventos da história humana. Ver sobre essa idéia anotada em Isa. 13.6. A panela, que fervia e estava prestes a derramar-se, representava o mal vindo do norte. Eram várias grandes potências unidas na aliança babilônica. Ver também Jer. 4.5; 5.15; 6.22-26; 25.1-14. Os reis babilônicos vieram e puseram seus tronos no portão de Jerusalém, depois de fazer a mesma coisa em várias outras cidades de Judá. Foi uma invasão do país em sua inteireza. Haveria grande matança e saque, e, em seguida, a deportação da maioria dos sobreviventes de Judá. Jer. 39.2-3 registra o cumprimento dessa profecia. Os inimigos abafaram todas as funções da cidade, tanto as comerciais quanto as legais (ao estabelecer seus tronos nas portas das cidades); e então deportaram qualquer um que tivesse algum poder, e confiscaram todas as riquezas. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Cativeiro Babilônico.* Cf. Jer. 25.8-11. Yahweh é o controlador tanto da providência negativa quanto da providência positiva, o poder por trás de todos os acontecimentos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Providência de Deus* e *Soberania de Deus.*

1.16

Pronunciarei contra os moradores destas as minhas sentenças. Houve muitas causas pecaminosas do cativeiro babilônico, mas a *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*) estava no topo da lista. Yahweh e seu culto tinham sido abandonados; em alguns casos, os apóstatas tinham desenvolvido certo sincretismo, misturando o yahwismo com o paganismo (ver Isa. 66.3). Com freqüência, entretanto, era praticado um paganismo puro (ver Isa. 65.4). Nesses atos, as provisões dos pactos tinham sido esquecidas, e todos os privilégios tinham sido perdidos. Cf. Deu. 28. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pactos.* Cf. este versículo com Jer. 39.5.

Encorajamento Dado a Jeremias (1.17-19)

1.17

Tu, pois, cinge os teus lombos, dispõe-te, e dize-lhes tudo quanto eu te mandar. A comissão de Jeremias foi reiterada quase nos mesmos termos que encontramos nos vss. 4-8. Agora Jeremias deveria agir, cingindo os lombos, levantando-se e falando. Foi-lhe ordenado o que deveria dizer (vs. 7); ele não deveria temer o rosto de seus ouvintes (vs. 8). Ver as notas expositivas sobre os vss. 7-8 quanto ao *quádruplo encorajamento* dado a Jeremias. Este corria o risco de ser envergonhado perante os líderes apóstatas de Judá. Ele não deveria sentir-se desanimado diante das cataduras deles, porque, se assim

fosse, Yahweh o confundiria perante eles e sua missão fracassaria. O chamado visava a *coragem* de Jeremias, porquanto o profeta teria de realizar sua tarefa sozinho. Ele não poderia amoldar-se aos apóstatas de seus dias, mas tinha de transformar-se pela coragem de sua mente (ver Rom. 12.2).

1.18

Eis que hoje te ponho por cidade fortificada, por coluna de ferro, e por muros de bronze. Este versículo se assemelha ao vs. 10, mas difere no simbolismo empregado. No vs. 10, é usada uma série de metáforas, as quais o leitor poderá ver naquele ponto. Agora, entretanto, obtemos outra série, e todas essas metáforas têm por intuito mostrar que Jeremias podia obter a vitória; ele se postaria sozinho contra o povo apóstata e venceria: 1. ele era uma cidade fortificada que não podia ser facilmente conquistada; 2. ele era uma coluna de ferro, como as que sustentavam os portões das cidades ou serviam de instrumentos que davam força aos edifícios; 3. ele era um muro feito de bronze, e não de tijolos, ou seja, era bastante impenetrável. Essa *pessoa altamente fortificada* poderia resistir facilmente a todos os oficiais e poderes de Judá, se não perdesse a sua fé:

> *Serás capaz de resistir contra todos na terra: os reis de Judá, os oficiais, os sacerdotes e o povo da terra.*
>
> (NCV)

1.19

Pelejarão contra ti, mas não prevalecerão. A Jeremias não foi prometido um tempo fácil. Os apóstatas continuariam apóstatas, pois o julgamento divino teria de sobrevir contra eles. Haveria oposição à sua mensagem e à sua pessoa. Mas Jeremias haveria de dominar cada ataque e derrotar cada adversário. Essa era a razão pela qual Yahweh estaria a seu lado durante cada assalto sofrido. O profeta seria *livrado* de cada um desses assaltos. Jeremias não deveria ser "determinado por acidente", mas um homem da hora, cumprindo a vontade de Deus, que providenciaria para que ele atravessasse cada crise.

> *Se você estivesse no mar em um raminho,*
> *Mas Deus o estivesse protegendo,*
> *Você estaria em segurança.*
>
> (Thestius, ad Autolyc. ii)

Capítulo Dois

Oráculos do Ministério Inicial de Jeremias (2.1 – 6.30)

A maioria dos eruditos crê que esses oráculos vieram dos primeiros tempos do ministério de Jeremias, mas datá-los com precisão é uma tarefa realmente difícil. Muitos oráculos datam da época de Josias, ou seja, cerca de 625 A C. Mas os vss. 16, 18, 36 e 37 não se encaixam nesse período. Não havia então nenhuma destruição da Terra Prometida pelos egípcios ou alianças com o Egito ou a Assíria. Por isso, outros estudiosos situam estes versículos na época de Jeoaquim, em cerca de 600 A. C. "É melhor atribuir todo este capítulo ao reinado de Jeoaquim, no período entre sua subida ao trono (609 A. C.) e a batalha de Carquêmis (605 A. C.). Sob Jeoaquim, muitas das práticas religiosas que as reformas instituídas por Josias planejavam abolir sem dúvida alguma retornaram" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Problemas de cronologia e ordem de materiais dos oráculos continuam por todo o livro. Ver o gráfico acompanhante, que tenta transmitir alguma espécie de idéia a esse respeito.

Desde a entrada de Israel na Terra Prometida, essa nação por muitas vezes mostrou-se infiel e apóstata. Os pecados de Israel eram de longa data, profundamente arraigados, e sempre pioravam. Isso prosseguiu até o cativeiro babilônico, e os materiais dos primeiros oráculos comentam sobre essa situação.

Oráculos de Condenação contra o Pecado de Ingratidão (2.1 – 3.5)

Uma série de oráculos se estende até o fim do século sexto.

Yahweh Substituído por Falsas Divindades (2.1-13)

2.1

A mim me veio a palavra do Senhor. Os oráculos prosseguem; a inspiração divina tinha tomado conta da consciência do profeta. Ver as notas expositivas em Jer. 1.4. Há treze mensagens de julgamento que incluem nove profecias gerais de julgamento (capítulos 2-20 de Jeremias). Além disso, há quatro profecias específicas de julgamento nos capítulos 21-25. A primeira mensagem de Jeremias defrontou Jerusalém com a sua tendência ao desvio. A devoção inicial do povo de Judá fora abandonada (vss. 1-3).

2.2

Vai, e clama aos ouvidos de Jerusalém: Assim diz o Senhor. *O registro espiritual de Israel* nunca foi muito bom. Mas os dias antigos, quando ela esteve desposada com Yahweh, eram tempos para serem relembrados com alegria. A referência é às condições relativamente boas do povo de Israel durante os dias de vida de Moisés. A despeito de falhas ocasionais, aquele foi um tempo de lua-de-mel. A avaliação de Ezequiel, entretanto, foi menos positiva (Eze. 23). Cf. também Osé. 2.15; 9.10 e 11.1-2.

2.3

Então Israel era consagrado ao Senhor. O simbolismo altera-se aqui. Israel, "dos bons dias antigos", era como um sacrifício a Yahweh, santo e puro, um tipo das primícias da produção agrícola de Deus. Israel tinha um *caráter sacerdotal* que era simbolizado pela inscrição sobre a placa de ouro usada na testa do sumo sacerdote, a qual dizia. "Santidade ao Senhor" (Êxo. 28.36). As nações que tinham usurpado os direitos de Yahweh e tentavam "comer" (danificar) o Seu santo sacrifício foram severamente julgadas.

2.4

Ouvi a palavra do Senhor, ó casa de Jacó. Temos aqui outra chamada para que os israelitas dessem estrita atenção às palavras de Yahweh, que está ensinando uma importante lição. A casa de Israel, incluindo todos os seus clãs individuais, foi chamada a ouvir. A expressão "palavra do Senhor" é característica de Jeremias e usualmente se refere aos *oráculos* que Ele dá para livrar as pessoas.

As palavras agora tornavam-se severas. Yahweh repreendia o povo por desviar-se dos primeiros dias e promover várias formas de negligência espiritual e até de apostasia aberta.

2.5

Assim diz o Senhor: Que injustiça acharam vossos pais em mim...? Que erro encontrou Israel em Yahweh para tratá-Lo como vinha fazendo? Que *provocação* poderia ter produzido tão negativo resultado?

Nulos. No hebraico, *hebhel,* "vaidade", "nulidade", "falta de dignidade". A mesma palavra é usada nos livros de Eclesiastes e Jeremias, como uma designação para os ídolos e deuses de nada. O Criador-Benfeitor foi trocado por coisas sem o mínimo valor. Então o próprio povo de Israel tornou-se nada, exatamente como seus deuses de nada. Se devemos compreender a continuação do relacionamento marido-mulher (vs. 2), então a questão seria esta: "Que mal foi encontrado no marido para a sua mulher trocá-lo por algum outro?". "Eles seguiram a vaidade e tornaram-se vãos" (Fausset *in loc.*). "Os homens transformam-se naquilo que amam e adoram (cf. Osé. 9.10; II Reis 17.15)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Vossos ancestrais adoraram ídolos inúteis e tornaram-se, eles mesmos, inúteis" (NCV).

2.6

E sem perguntarem: Onde está o Senhor, que nos fez subir da terra do Egito? O povo idólatra e rebelde olvidou suas raízes. Eles não procuravam o Deus que os tirara do Egito e os guiara através do deserto sem estradas. A expressão "do Egito" ocorre mais de 20 vezes no livro de Deuteronômio (ver Deu. 4.20). Esse foi considerado um dos maiores milagres realizados por Yahweh. Ademais, a jornada pela Terra Prometida, durante aqueles 40 anos, só poderia ter sido realizada por intervenção divina direta. Certo número de milagres foi necessário para que esse feito se concretizasse. Uma pessoa sensível à história teria lembrado o poder dos tempos antigos e buscaria o mesmo poder para o presente.

2.7

Eu vos introduzi numa terra fértil, para que comêsseis o seu fruto e o seu bem. *A possessão da Terra Prometida* foi outro ato significativo de Yahweh. Ela estava repleta de frutos e coisas boas. Porém, uma vez ali, em vez de agradecer a Deus e freqüentar o culto de Yahweh, o Benfeitor, eles contaminaram a boa terra com suas corrupções morais e idolatrias. O que lhes tinha sido dado como uma herança, eles transformaram em abominação. Quanto à contaminação da Terra Prometida, ver Juí. 2.10-17; Sal. 106.38. Quanto à Terra

AS PROFECIAS DE JEREMIAS
DATAS PROPOSTAS

O ministério de Jeremias se prolongou por muito tempo. Ou Jeremias teve uma vida realmente longa ou um discípulo seu registrou algumas das suas profecias após sua morte. Este gráfico dá informações que incluem dúvidas e controvérsias, portanto não deve ser considerado de forma definitiva.

Datas	Reis Envolvidos	Capítulos	Eventos Paralelos
625 A.C.	Josias	1-6?	
620	Josias	11-12	Reformas instituídas por Josias
614-612	Josias		Queda da Assíria
612-539	Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Jeoiaquim, Zedequias, Gedalias		Período do poder da Babilônia Resistência à mudança de comportamento em Judá
610	Jeoacaz	22, 26	Poder de Nabucodonossor
605		7-10; 14-20 25, 46	Primeira deportação Cativeiro babilônico
600	Jeoaquim Jeoiaquim	1-6? 13	Segunda deportação
595	Jeoiaquim	22, 23, 24, 49	O cativeiro continua
590	Zedequias	27, 28	
585	Gedalias	21; 32-34 37; 38-44	Trama para rebelar
580			Deportação final
560		52	Cativeiro que durará 70 anos continua

Palavras de Jeremias, filho de Hilquias, um dos sacerdotes que estavam em Anote, na terra de Benjamim; a ele veio a palavra do Senhor, nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá... também nos dias de Jeoaquim, filho de Josias.

Jeremias 1.1-3

Prometida como *herança* de Israel, ver Êxo. 6.8 e ss.; Sal. 135.12. Quanto a Israel como herança de Deus, ver Sal. 94.5. Quanto a Yahweh como herança de Israel, ver Sal. 16.5. É provável que neste versículo esteja em foco Israel como a herança de Deus.

2.8

Os sacerdotes não disseram: Onde está o Senhor? Os próprios sacerdotes de Israel deixaram de buscar o Senhor, apesar dos privilégios que tinham recebido através dos séculos. A lei de Moisés foi um dom de Deus aos israelitas, para servir-lhes de *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), para dar-lhes *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1); para torná-los *distintos* entre as nações (ver Deu. 4.4-8). Mas eles não deram atenção a essas coisas e começaram a profetizar em nome de falsos deuses, como *Baal* (ver a respeito no *Dicionário*). Em total falta de imaginação, voltaram-se para os deuses do povo que tinham expelido da Terra Prometida. Abandonaram o culto a Yahweh e deixaram de ensinar a Sua lei. Israel era como nada sem a lei mosaica. Eles começaram a andar na *vaidade.* Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar.* Os *pastores* de Israel abandonaram o rebanho e permitiram que forças sinistras o destruíssem. Este versículo descreve o *fracasso total* da liderança de Israel. As instituições ficaram em ruínas. Os *três* grupos de líderes, cada um à própria maneira, fracassaram: os sacerdotes, os pastores (líderes) e os profetas. Baal tornou-se mais importante que Yahweh. Baal era a divindade cananéia da fertilidade, cuja adoração era uma ameaça constante para Israel. Ver I Reis 18.18-40; II Reis 10.18-28 e 21.3. Quanto a plenos detalhes, ver no *Dicionário* o artigo sobre *Baal.*

2.9

Portanto ainda pleitearei convosco, diz o Senhor. Yahweh, em vista de tudo quanto havia acontecido, teve de *contender* com Israel, não meramente com palavras e ensinamentos, mas também com severos julgamentos. Israel não teria paz na Terra Prometida enquanto a estivesse poluindo. A contenção teria tanto âmbito nacional como também se estenderia por diversas gerações. Seria necessário longo tempo para limpar a confusão. Yahweh "acusaria" Israel e provaria em tribunal, por assim dizer, a culpa da nação. O julgamento seria seguido por uma sentença de condenação.

"Cf. Osé. 2.2. O Senhor e Marido que tinha sofrido as injúrias apareceria como o acusador da esposa infiel, estabelecendo a culpa dela, pronunciando a condenação" (Ellicott, *in loc.*).

2.10-11

Passai às terras do mar de Chipre, e vede. O profeta Jeremias levou o povo em uma *viagem pelo campo,* uma excursão por países circunvizinhos, procurando encontrar um único exemplo de povo que tinha "trocado de deuses". Embora seus deuses fossem meros ídolos, deuses de nada, e obviamente não tivessem vida nem capacidade de agir em favor de seus adoradores, a despeito disso tudo, eles não correram após os deuses de outros povos. Eles eram insensatos, mas se mostravam coerentes em sua insensatez. Israel, contudo, trocou a glória do Deus vivo pela vaidade dos ídolos. A viagem foi de Quitim (Chipre), no meio do mar Mediterrâneo, até Quedar, no deserto da Arábia. Seria uma viagem longa o bastante para as pessoas observarem muitos povos e suas práticas idólatras. Mas a viagem também mostraria que cada povo permanecia com seus deuses originais, por mais "indignos" (vs. 5) que eles fossem. Portanto, o "abandono de Deus", por parte de Israel, foi uma exceção digna de nota quanto à maneira como as pessoas atuavam. A Israel faltava o conceito de *fidelidade,* que até as nações gentílicas demonstravam. Israel, pois, tornou-se culpada de uma insensatez sem precedentes.

As Três Acusações contra Israel. 1. Os filhos de Israel tinham uma história brilhante de ajuda divina, mas se esqueceram disso. 2. Eles esqueceram o Deus vivo (vs. 13). 3. Eles abandonaram a Yahweh e O substituíram por vaidades pagãs. Isso os tornou sujeitos a sermões e oráculos divinamente inspirados.

2.12

Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos. Yahweh conclamou os *céus* como testemunhas para observar, estupefatos, o que tinha acontecido com Israel. A cena de tribunal foi preservada. Por alguns minutos, os próprios céus ficariam *chocados, desolados* diante da impossível apostasia de Israel. Quer o julgamento fosse feito à face da terra, quer nos céus, o resultado seria o mesmo: total espanto diante das atitudes e da conduta de Israel, cuja infidelidade ultrapassou a de todas as demais nações. O povo de Israel tinha cometido uma iniqüidade extremamente agravada.

2.13

Porque dois males cometeu o meu povo: a mim me deixaram... e cavaram cisternas... rotas. A apostasia geral de Israel pode ser sumariada de dupla maneira:

1. Israel abandonou a fonte perene de águas vivas, as quais transmitem vida e toda a espécie de benefícios para os que têm sede espiritual. Essa figura era de grande peso para os habitantes da Palestina, os quais tinham muita dificuldade com o suprimento básico de água para sua agricultura. O regime de chuvas não era abundante, mas no sentido espiritual havia rios de água viva disponíveis, riachos no deserto, grandes fontes de água que manavam. Cf. João 4.10-15 e 7.38. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Água,* que cobre usos metafóricos. Cf. também Jer. 17.13; Sal. 36.9.
2. Em vez dos riachos de água viva, tão abundante e generalizada, Israel apelara para cisternas rotas. A cisterna era uma espécie de tanque feito de barro, para captar as águas pluviais. O sistema era uma medida extrema em uma terra seca. Na verdade, as cisternas eram minúsculos reservatórios que quase não chegavam para o consumo de uma família. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Cisterna,* quanto a detalhes. Note o leitor, entretanto, que essas cisternas, cavadas por Israel, eram rotas, ou seja, incapazes de conter qualquer quantidade de água. Mesmo considerando o melhor, as águas retidas eram tanto estagnadas quanto existiam em pequena quantidade. As cisternas, tais como nossas modernas caixas d'água, sem dúvida eram a causa de muitas enfermidades e morte, especialmente no caso de crianças. Este versículo, pois, ilustra a irracionalidade, a loucura e a autodestrutibilidade dos atos de Israel.

Resultados da Apostasia de Israel (2.14-19)

2.14-15

Acaso é Israel escravo, ou servo nascido em casa? "Israel havia esquecido seu direito de primogenitura do pacto e tornou-se escravo da Assíria (os leões) e do Egito (Mênfis, a capital do Egito do norte), trazendo desgraças (vs. 16); cf. Isa. 2.17 e 7.20" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 14). Os escravos poderiam ser prisioneiros de guerra, poderiam ter nascido como escravos, ou poderiam ser comprados no mercado de escravos, no qual homens (que não fossem soldados derrotados em batalha) eram forçados a tornar-se escravos. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Escravidão.* O pano de fundo histórico parece ser o período imediatamente após a morte de Josias, quando o rei Neco, Faraó do Egito, invadiu Judá (ver II Reis 23.29-30). O Faraó Neco conseguiu depor Jeoacaz e colocar Eliaquim no trono de Judá, trocando seu nome para Jeoaquim (ver II Reis 23.31-35). Judá permaneceu subserviente ao Egito, até que aquele país foi derrotado na batalha de Carquêmis (604 A. C.). Alguns pensam que os assírios foram os opressores do reino do norte, Israel, e que os babilônios foram os opressores do reino do sul, Judá; mas ambos os incidentes são anacrônicos em relação ao texto à nossa frente.

2.16

Até os filhos de Mênfis e de Tafnes te pastaram o alto da cabeça. Este versículo identifica os inimigos escravizadores, a saber, Nope (Mênfis) e Tafnes, que os gregos chamavam de Dafnae e modernamente é denominada Tell Dafenneh, na fronteira oriental do delta egípcio do rio Nilo. Temporariamente, pelo menos, o Egito triunfou sobre *Judá* (pois o reino do norte, Israel, desde há muito, em 722 A. C., tinha ido para o cativeiro assírio).

... **te pastaram o alto da cabeça.** Josias morreu em Megido (II Reis 23.29-30) e, de modo geral, a vida de Judá ficou perturbada. Alguns estudiosos traduzem aqui por "rapar a cabeça", uma metáfora de desgraça.

> *... te desgraçou rapando-te o alto da cabeça.*
>
> (NCV)

2.17

Acaso tudo isto não te sucedeu por haveres deixado o Senhor teu Deus...? De acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*), Judá sofreu por causa das coisas que praticou. Yahweh (através de Sua Lei) era o *guia* deles (Deu. 6.4 ss.). Quando os israelitas O abandonaram, perderam o caminho. Cf. Deu. 32.10. Ao começar a perambular, Judá mergulhou em tempos difíceis e *reversões* dolorosas.

"Um povo que se esqueça do Senhor conhecerá o mal e a amargura. Pois o bem-estar de um povo está fundamentado em seu relacionamento com o Deus vivo.

Quando as alianças desse relacionamento são quebradas, o declínio torna-se inevitável" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

2.18

Agora, pois, que lucro terás indo ao Egito para beberes as águas do Nilo...? Capengando e tropeçando, Judá tentou estabelecer *alianças* com o estrangeiro, a fim de estabilizar-se. Jeremias opôs-se a tais alianças, conforme também tinham feito Oséias (7.11-12) e Isaías (30.1-5). Tais alianças eram, por si mesmas, um caminho mediante o qual eles estavam abandonando Yahweh, em cuja capacidade de libertação deveriam confiar. Além disso, eles trouxeram consigo influências pagãs e prejudicaram a vida espiritual do povo. O partido favorável ao Egito, nos dias de Jeoaquim, foi beber as águas do Nilo. Mas quando os egípcios caíram na batalha de Carquêmis (605 A. C.), então os assírios tornaram-se os aliados mais atrativos, visto que a Babilônia começava a levantar a cabeça para, em breve, tornar-se a maior potência mundial. Em 605 A. C., o Egito e a Assíria (em Carquêmis) caíram diante da Babilônia. A norma política de Jeremias era manter-se eqüidistante das alianças, submeter-se ao poder da Babilônia e aceitar o *cativeiro babilônico* (ver no *Dicionário*). A apostasia de Judá já fizera a nação desviar-se para longe demais. Não haveria livramento. Deus teria de purificar Judá *por meio do exílio.*

2.19

A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão. Judá estava condenada a aprender pelo caminho difícil. Seus muitos males e sua apostasia atrairiam os babilônios do nordeste, e Judá e Jerusalém seriam arruinadas. Haveria grande matança e saque, e os poucos sobreviventes seriam deportados. "Nenhuma aliança poderia proteger Judá de seus pecados. Somente depois de receber o julgamento é que eles perceberiam quão perverso e amargo tinha sido abandonar o Senhor" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

A Profundidade do Pecado de Judá (2.20-29)

2.20

Ainda que há muito quebrava eu o teu jugo, e rompia as tuas ataduras. Os vss. 20-28 apresentam uma série de metáforas para ilustrar a apostasia de Judá: 1. um *boi teimoso,* que não aceitava jugo (vs. 20); 2. uma *prostituta ninfomaníaca,* que buscava satisfação da parte de muitos amantes (vs. 20); 3. uma *vinha brava,* embora cultivada a partir de uma boa semente, que conseguiu corromper-se a ponto de começar a produzir vinho azedo (vs. 21); 4. uma *camela* enlouquecida pelo sexo, que, em seu período de cio, corria de camelo em camelo, o que apontava para a loucura pelos ídolos por parte de Judá; 5. uma *jumenta selvagem,* no deserto, nunca amansada, que tinha a selvageria em sua própria alma (e que ninguém tentasse controlá-la durante o seu período de cio; vs. 24); 6. um *ladrão* que não tinha remorso pelo que fizera, mas somente porque aparecera evidências de que ele haveria de sofrer (vs. 26).

O *boi selvagem* que era o povo de Judá não estava acostumado a puxar o arado. Sua vontade estava pervertida e ele usava sua força para promover a própria vontade. Coisa alguma poderia refrear o animal. O selvagem rompia todas as restrições postas sobre ele e deixava o Agricultor divino desolado. Ademais, Judá também se parecia com uma *prostituta insaciável,* que ia de colina para colina buscando companheiros com os quais pudesse adulterar, o que, neste versículo, significa idolatria. Judá tinha uma concupiscência insaciável por deuses falsos. Esperava seus companheiros de sexo nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Osé. 4.10-14. Israel, tirado do Egito pelo Guia divino, foi conduzido em segurança através do deserto; então, depois de receber a melhor das terras, reduziu-se à posição de prostituta vagabunda.

2.21

Eu mesmo te plantei como vide excelente, da semente mais pura. Agora, Judá é comparada a uma videira nobre. O próprio Yahweh tinha plantado a vinha, começando pela melhor das sementes. Medraram plantas promissoras. Mas em breve elas começaram a degenerar, a ponto de dar apenas vinho azedo. O que tinha acontecido contrariava a natureza. Cf. João 15; Isa. 5.1-7 e Eze. 15. Ver também Mat. 21.33-36. Todo o cuidado divino, investido para garantir boas uvas, fora arruinado pela perversidade das vinhas, dotadas de vontade própria.

2.22

Pelo que ainda que te laves com salitre... continua a mácula da tua iniqüidade. O *salitre* (ver a respeito no *Dicionário*), substância alcalina usada como agente de limpeza, era encontrada, naturalmente, em lagos salinos. O azotato de potássio é o mesmo salitre. A "potassa" referida neste versículo é um forte álcali vegetal que se mostrava eficaz na remoção de manchas. Aristóteles anunciou que as roupas mergulhadas no lago Ascânia, que tinha larga porcentagem de salitre, saíam limpas, sem que para isso se tivesse feito qualquer esforço (*Opera,* vol. 1, *de Marabil.* par. 705). Se os antigos tinham fortes alvejantes naturais, coisa alguma se conhecia que pudesse retirar as máculas do pecado, exceto um ato de Deus. Cf. Jó 9.30 e Pro. 25.20.

2.23

Como podes dizer: Não estou maculada, não andei após os Baalins? Algumas pessoas em Judá tentavam ocultar sua idolatria. Mas a verdade era que Judá corria atrás de ídolos, *loucamente.* Ver o vs. 8. A forma mais comum de idolatria era a de Baal (ver a respeito no *Dicionário*).

> *És como uma camela, no tempo do cio, que corre de lugar para lugar.*
>
> (NCV)

A camela é um animal totalmente promíscuo no tempo do cio, e, no que diz respeito à idolatria, Judá estava permanentemente no cio. O *vale* aqui mencionado provavelmente é o vale de Hinom, onde era comum oferecer crianças como sacrifícios. Esse e outros ritos abomináveis eram praticados por Judá. Cf. Jer. 7.31-32; 19.2-6; 32.35 e II Reis 23.10. Sabemos que a adoração a Baal envolvia a prostituição religiosa.

2.24

Jumenta selvagem, acostumada ao deserto e que, no ardor do cio, sorve o vento. Ademais, a nação de Judá era semelhante a uma jumenta selvagem no período de cio. Ela já era, por si mesmo, selvagem, mas agora vemos também a jumenta a cheirar o ar, por ser o período de cio. Se houve oportunidade de controlar a fêmea em qualquer outro período do ano, não será possível fazê-lo agora. Esse animal cheira o odor do ar e nenhum poder na terra é capaz de restringir sua concupiscência. É inútil tentar apanhar a besta ou deter seus impulsos sexuais, agora que ela já sabe onde está o seu macho. Além disso, os machos são igualmente loucos por sexo, e havia boa abundância de fêmeas esperando ser "detectadas". Os jumentos perdiam o controle em certas épocas do ano, mas a nação de Judá ficava louca pelos ídolos o ano inteiro.

2.25

Guarda-te de que os teus pés andem desnudos, e a tua garganta tenha sede. Os pés descalços podem significar: 1. fazer longas jornadas para engajar-se em práticas idólatras, desgastando os calçados; 2. Ou então a referência é ao ato de tirar a roupa para ocupar-se de atos de adultério, no qual descalçar os pés é um eufemismo para desnudar-se.

Por outro lado, guardar a garganta de ter sede pode significar: 1. parar de derramar e beber libações a deuses falsos, somente para ficar cada vez com mais sede, por causa do costume; 2. refrear a boca de dizer palavras tolas, na promoção de cultos idólatras; 3. Ou então a segunda figura combina com a primeira: deixar de ir a países distantes, o que desgasta os sapatos e resseca a garganta de sede. O lugar da adoração é Jerusalém, que ficava bem próximo. Mas os idólatras rejeitavam essas admoestações como se fossem *inúteis,* porquanto a busca selvagem pelos ídolos tinha-se tornado uma maneira de viver. Os apóstatas amam sua apostasia.

2.26

Como se envergonha o ladrão quando o apanham, assim se envergonham os da casa de Israel. *Um ladrão é apanhado com a mão na massa,* enquanto age furtivamente ao procurar prejudicar outras pessoas. E isso deixa o ladrão envergonhado, porquanto esclarece quem ele realmente é. Assim também Judá tinha vivido uma vida desonesta e enganadora, mas finalmente se envergonhou quando seu caráter foi revelado. Cf. João 10.1, onde o alegado pastor aparece como ladrão. Os sacerdotes e pastores de Judá, na realidade, eram sacerdotes e pastores de Baal.

2.27

Que dizem ao pau: Tu és meu pai; e à pedra: Tu me geraste. Se eles se fingiam grandes personalidades espirituais, ao mesmo tempo chamavam coisas, como rochas e pedaços de madeira, de pai, que presumivelmente os tirara do Egito ou o fez *nascer.* Ao agir dessa maneira, Israel voltou as costas para Yahweh,

o verdadeiro Pai espiritual. Porém, quando chegasse a hora da crise, eles voltariam novamente para seus alicerces espirituais e buscariam a ajuda de Yahweh. "As tribulações por muitas vezes trouxeram-nos de volta ao bom senso" (Fausset, *in loc.*). Diz o Targum: "No tempo adverso em que o mal lhes sobrevier, eles negarão seus ídolos e confessarão diante de Mim, dizendo: 'Tem misericórdia de nós e nos salva'".

2.28

Onde, pois, estão os teus deuses, que para ti mesmo fizeste? Judá tinha grande abundância de ídolos, tão diversos quanto eram as suas cidades. Mas no tempo da tribulação, embora chamassem a todos os deuses coletivamente e a cada um individualmente, não seriam ajudados em nada. A multiplicação do nada continua sendo o nada. "A nação atribuía sua existência a ídolos de madeira e pedra; mas, quando viesse a tribulação, o povo de Judá teria a audácia de pedir que Deus viesse salvá-lo. Pois seus deuses falsos, embora muitos, eram impotentes" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cada cidade tinha inventado sua própria divindade tutelar; mas, se todos eles fossem reunidos, seriam exatamente como os deuses dos pagãos, um panteão de deuses inúteis. "Entre as nações pagãs, cada cidade tinha seu santo tutelar. Judá tinha adotado essa prática" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.29

Por que contendeis comigo? Todos vós transgredistes contra mim. Quando vinham os apertos e Yahweh não os livrava, eles se queixavam Dele, e não das falsas divindades que eles tinham inventado no lugar do Senhor. Que aqueles *rebeldes* demonstrassem tal ignorância, estava em consonância com a ignorância espiritual geral reinante. Eles adicionavam a *irracionalidade* ao seu estoque de pecados. O desastre os cercava, e Yahweh tinha deixado de responder às orações do povo de Judá.

2.30

Em vão castiguei os vossos filhos; eles não aceitaram a minha disciplina. Nem mesmo a correção de Yahweh mudou em alguma coisa aqueles apóstatas. Pelo contrário, enquanto eles estavam sendo corrigidos, sem misericórdia mataram os profetas que foram enviados para falar contra eles. Puseram-se a caçar os homens bons como se fossem um bando de leões famintos, destruindo-os sem pensar duas vezes. Cf. I Reis 19.10; II Reis 21.16. "Durante o longo reinado de Manassés, por exemplo, os profetas que repreendiam os judeus faziam-no sob risco de morte. Isaías, segundo dizem as tradições, esteve entre os sofredores. Muito sangue inocente já fora derramado de uma extremidade à outra de Jerusalém (ver II Reis 21.11-16)" (Ellicott, *in loc.*).

2.31

Oh! que geração! Considerai vós a palavra do Senhor. Yahweh tinha sido para Judá como *rios de águas vivas* (vs. 13), e não como um deserto estéril que supre pouco e dificulta a vida. Fora, igualmente, como uma grande Luz, e não como as trevas que afligiam a Terra Prometida. Porém, de que maneira aquela geração reagiu ao amor e à generosidade? Afastou-se em total rebeldia e recusou-se a continuar buscando Yahweh, deixando Seu lugar de culto desolado e sem freqüência. Diziam eles:

> *Temos a liberdade de vagabundear. Não voltaremos mais a Ti.*
>
> (NCV)

A *irracionalidade do povo judeu* ficou assim demonstrada. Eles esqueceram o passado e tudo quanto Yahweh fizera por eles. Quanto ao presente, olvidaram-se de prestar-Lhe honrarias. Nem mesmo o castigo divino os impressionava mais. Mas o cativeiro babilônico separou um remanescente puro da massa corrupta. Judá tornou-se o seu próprio senhor e assim perdeu o favor do Senhor.

2.32

Acaso se esquece a virgem dos seus adornos, ou a noiva do seu cinto? Cf. este versículo com os vss. 2-3. Uma *jovem noiva* cuida bem de seus ornamentos. Ela também valoriza seus paramentos distintivos de noiva. Ambas as coisas são sinais de seu estado marital. Já vimos a figura de Judá como a noiva de Yahweh (vss. 2-3). A Judá dos dias presentes esqueceu todas as suas marcas distintas e olvidou totalmente seu Marido. Isso não era nenhuma novidade. Ela estivera nesse tipo de condição por longo tempo. "Durante todo o reinado de Manassés, que durou 55 anos, a terra se viu inundada pela idolatria. E as reformas de Josias, seu neto, não conseguiram efetuar purificação total" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.33

Como dispões bem os teus caminhos, para buscares o amor! *Tendo abandonado Yahweh,* a ex-esposa de Yahweh passou a procurar muitos amantes. Judá tornou-se especialista na sedução, a ponto de mulheres ímpias e mais velhas começarem a aprender dela as artes de sedução. Em outras palavras, ela se tornou a Prostituta número um, a mestra dos idólatras pagãos.

> *Até as piores mulheres podem aprender de ti maus caminhos.*
>
> (NCV)

2.34

Nas orlas dos teus vestidos se achou também o sangue de pobres e inocentes. Judá chegou a rebaixar-se para cometer *crimes de sangue,* e muitos inocentes caíram na Terra Prometida, suas propriedades foram confiscadas, e suas heranças de família foram aniquiladas. De maneira errônea foram condenados em tribunais de justiça. Juízes e testemunhas foram corrompidos. A justiça raramente era servida. Os que foram assim castigados não eram ladrões apanhados que mereciam a punição recebida. Antes, eram vítimas dos violentos.

A segunda metade do versículo é obscura, e dou um sentido possível a ela. "Com algumas emendas, obteremos: Não foi invadindo que o descobri, pois estava aberto de todas as maneiras". Isso significa que os pecados de Judá eram bem conhecidos e evidentes, incluindo seus crimes de sangue, que lhes mancharam as vestes com o sangue de suas vítimas.

2.35

Ainda dizes: Estou inocente; certamente a sua ira se desviou de mim. Apesar da grandeza e franqueza de seus pecados, a cega nação de Judá professava ser inocente de qualquer erro, e assim esperava que Yahweh desviaria dela a Sua ira, pois, segundo pensava, ela não merecia sofrer. Por muitas razões, Yahweh estava levando Judá ao Seu tribunal de julgamento. Conspícuo entre os pecados deles estava a *hipocrisia,* por não reconhecerem o seu pecado. Tolamente, os hipócritas tentavam justificar-se aos olhos de Deus. Quando pecadores francos negam seus pecados, isso constitui *duplo pecado.* "A confissão pode levar ao perdão; mas a negação de culpa deles excluía a possibilidade de perdão, sendo sinal de cegueira fatal" (Ellicott, *in loc.*).

2.36

Que mudar leviano é esse dos teus caminhos? No vs. 18, vemos as alianças nas quais Judá tentou entrar para evitar o inevitável golpe divino contra a apostasia deles. Tanto o Egito quanto a Assíria decepcionaram os judaítas. Vergonha e confusão seguir-se-iam às alianças firmadas por eles, tal como havia acontecido no caso de Tiglate-Pileser (ver II Reis 16.10 e II Crô. 28.20). "Ela [a nação de Judá] descobriria que qualquer nova aliança com o Egito seria tão desapontadora quanto sua aliança passada com a Assíria (ver Isa. 7.13-15). O Senhor tinha rejeitado essas nações, pelo que dificilmente Judá seria ajudada por elas" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver Jer. 37.7-8 quanto ao cumprimento dessas predições. Judá se tornara um "trocador de caminhos", ora seguindo numa direção, ora seguindo noutra, em busca de futilidades. Somente diante da punição babilônica, um remanescente judaico voltou-se de novo para Yahweh.

2.37

Também daquele sairás de mãos na cabeça. O Egito só traria desapontamento e consternação a Judá. Vemos aqui que os judeus chorariam de vergonha, com as "mãos na cabeça", gesto que, por assim dizer, dizia: "Protege-me" e "Oh, quão humilhado estou". Tendo rejeitado a liderança de Yahweh, Judá ficaria amargamente desapontada com qualquer outro líder. "O simbolismo do vs. 37 é de um povo que chorava de vergonha (cf. II Sam. 13.19)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Que coisa grave e amarga é pecar contra o Senhor, tendo-O como inimigo!" (Adam Clarke, *in loc.*). "Ela ficaria sozinha, condenada por Deus" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 37). Yahweh tinha rejeitado tanto o Egito quanto a Assíria, e, como é óbvio, Judá igualmente. Esses países se tornariam uma ruína só quando a Babilônia espalhasse seus tentáculos pela terra.

Capítulo Três

Apelo para que Judá Se Arrependa (3.1 – 4.4)

Os muitos pecados de Judá continuam a ser descritos aqui, e Yahweh convida o povo ao arrependimento. Os críticos pensam que os vss. 6-11 e 15-18 representam um período diferente da história, em relação ao restante da seção. Ver a seção V da introdução quanto a informações sobre a integridade do livro. As palavras-chaves da seção são "retornai" e "voltai", que apelam à mudança.

"O pecado de Judá ultrapassa qualquer coisa que a lei de Moisés tivesse previsto (ver Deu. 24.1-4). Embora uma seca pesasse sobre a Terra Prometida (ver Jer. 14.1-5), a nação não abandonou sua prostituição indiscriminada (2.20). Portanto, ela não podia esperar ser aceita pelo Senhor (comparar com os vss. 6-13)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Judá, a Esposa Infiel (3.1-5)

3.1

Se um homem repudiar sua mulher, e ela o deixar e tomar outro marido...? Deu. 24.1-4 não permitia que uma mulher retornasse ao homem de quem ela se tinha divorciado, embora ela pudesse casar-se com outro homem. Daí a pergunta deste vs. 1. Israel, a esposa desviada, não podia retornar a seu Marido, Yahweh; mas a graça de Deus tornaria até isso possível. Ver Jer. 2.20 quanto à promiscuidade de Judá, que fazia das divindades canaanitas seus muitos amantes. Era considerado *poluição* se uma mulher divorciada voltasse ao primeiro marido, algo não aceitável socialmente. No terreno espiritual, entretanto, as coisas poderiam ser diferentes. O intuito de Jeremias em usar Deu. 24 provavelmente era fazer com que Judá se sentisse indigna de qualquer ato de perdão divino.

3.2

Levanta os teus olhos aos altos desnudos, e vê; onde não te prostituíste? Encontramos aqui ousada descrição dos atos selvagens da prostituição de Judá. Ela tinha possuído tantos amantes, em tantos lugares, que ninguém conseguiria contá-los. Havia os *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), com uma cama debaixo de cada árvore. Além disso, cada desvio no caminho era suficiente para que ela efetuasse seus encontros românticos, cada galho seco e cada rocha eram um deus potencial a quem Judá prestava homenagem. Além disso, como se fosse um árabe, Judá vagueava pelo deserto, à procura de companheiros de sexo. Os árabes representam aqui os predadores do deserto, que dificultavam as viagens pelos lugares desérticos. Da mesma forma que os predadores do deserto ficavam à espreita de outra vítima, assim também Judá esperava por outro amante. O Targum comenta: "Fizeste a terra tornar-se culpada com os teus ídolos e com a tua perversidade".

3.3

Pelo que foram retiradas as chuvas, e não houve chuva serôdia. A *seca* foi uma das armas que Deus sempre usou para punir um povo desviado, e essa foi a primeira medida corretiva que Yahweh aplicou ao caso de Judá. Cf. Deu. 28.23-24 e Jer. 14. Houve algumas secas severas durante o reinado de Josias (9.12; 25.1-6). Talvez a influência do livro de Deuteronômio, recém-encontrado (ver II Crô. 34.14 e II Reis 22.8), tenha enfatizado o conceito de desastres naturais após certo período de corrupção moral. A despeito dos castigos recebidos, entretanto, a esposa-prostituída, Judá, não se envergonhou, nem se deixou convencer de que havia feito algo de errado. A referência à ousadia da prostituta Judá significava que ela estava de coração *endurecido* (ver Amós 4.6-12) e não se deixava vergar por nenhum chamado ao arrependimento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores.*

3.4

Não é fato que agora mesmo tu me invocas, dizendo: Pai meu...? A *grande esposa-prostituta* chamou o Senhor, Deus, Pai e Amigo, e proferiu palavras doces. Visto que Deus era seu amigo desde a juventude, naturalmente (pensava a nação), Ele a favoreceria. Ela "falava espertamente", conforme se diz em uma expressão moderna; mas nem por isso seus atos eram modificados. Ela se tornou, assim sendo, culpada da "crença fácil", que não tem uma fé de todo o coração correspondente. A conversa dela visava manipular Deus, de acordo com os seus próprios desígnios.

3.5

Conservarás para sempre a tua ira? ou a reterás até ao fim? Judá continuou "sua conversa doce com Deus", pedindo-Lhe que se acalmasse em Sua ira. A esposa-prostituta falava como se dotada de alguma percepção espiritual, mas continuava a agir como a prostituta que realmente era. Na prática do mal, demonstrava incorrigível persistência. Cf. este versículo com Miq. 7.18. A dama dependia da famosa paciência de Deus e de Seu favor bondoso; mas, no coração, não tinha nenhuma intenção de mudar.

> *Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?*
>
> (Romanos 2.4)

O Julgamento contra Israel Não Impressionou Judá (3.6-11)

3.6

Disse mais o Senhor nos dias do rei Josias: Viste o que fez a pérfida Israel? A nação de Israel, antes de sua destruição pelos assírios, praticava as mesmas coisas que a seção anterior fala a respeito de Judá. Israel também desempenhou o papel de esposa-prostituta, freqüentando os *lugares altos* e os *bosques,* onde se encontrava com seus muitos companheiros de sexo, na adoração pagã. Foi algo horrendo as duas irmãs seguirem a mesma vida dissoluta.

3.7

E, depois de ela ter feito tudo isso, eu pensei que ela voltaria para mim, mas não voltou. Yahweh continuava esperando o melhor da parte de Suas esposas, Israel e Judá. Ele "pensou" que, depois de Israel ter seu namorico com o pecado, perceberia a futilidade daquilo tudo e voltaria correndo para Ele. Mas Israel continuou em seu caminho poluído, e Judá só observou a cena, juntamente com Yahweh. Judá viu a própria irmã terminar cativa, em suas próprias concupiscências, incapaz de desvencilhar-se. Judá viu Israel *escravizado* à sua maneira de viver. Israel perdera a vontade e o poder de mudar. Tornou-se irmã espiritual de Sodoma (ver Eze. 16.46). Yahweh, mediante os profetas Elias, Eliseu, Oséias e Amós, continuou a chamar Israel, mas eles estavam insensíveis a qualquer palavra divina.

3.8

Quando por causa de tudo isto, por ter cometido adultério, eu despedi a pérfida Israel. O caso de Israel, a esposa-prostituta, tornou-se impossível de suportar e, assim sendo, Yahweh divorciou-se dela. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Divórcio, Carta (Termo) de.* Em seguida, Yahweh entregou Israel nas mãos dos atormentadores. Em 722 A. C., os assírios devastaram as dez tribos de Israel, e os poucos sobreviventes da matança foram deportados para a Assíria. Os assírios enviaram outros povos para ocupar o antigo território de Israel, que se tornou uma terra pagã. Os poucos israelitas sobreviventes que ficaram no antigo território pátrio misturaram-se por casamento com os povos pagãos recém-chegados, e isso deu origem aos *samaritanos* (ver a respeito no *Dicionário*).

Entrementes, essa esplendorosa lição objetiva se perdeu para Judá, que se transformou na nova esposa-prostituta, e o mesmo lamentável processo teve início.

Em certo sentido, o caso de Judá foi ainda mais grave que o de Israel, porquanto Judá contava com uma poderosa lição objetiva, mais do que convincente, mas não para Judá. Assim sendo, com os olhos bem abertos, Judá seguiu os passos de sua irmã errante. Ver o vs. 11. Cf. este versículo com Osé. 2.2.

3.9

Sucedeu que pelo ruidoso da sua prostituição poluiu ela a terra. O *adultério* (a idolatria) não pareceu ser "algo importante" para Israel. A nação tomou todo o gravíssimo incidente como coisa de somenos, porquanto seus sentidos espirituais tinham sido fatalmente embotados pela longa prática de deboches. Foi assim que Israel contaminou a terra inteira, cometendo adultério espiritual com pedras e árvores, por toda a parte, pois qualquer objeto se transformava em ídolo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* O Targum refere-se aqui à prostituição sagrada, fazendo Israel cometer adultério não somente com pedras e árvores, mas também com os pagãos, os quais se reuniam para observar ritos pagãos, dos quais a prostituição literal fazia parte.

3.10

Apesar de tudo isso, não voltou de todo o coração para mim a sua falsa irmã, Judá. Judá, apesar de ter desfrutado o benefício de uma compelidora lição objetiva, em vez de evitar a senda pela qual se encaminhara a nação de Israel,

apressou-se em seguir o mau exemplo. E naquilo em que Judá, porventura, se modificou, tudo não passava de hipocrisia. Não havia em Judá nenhuma expressão espiritual sentida de todo o coração. Ver sobre isso em Pro. 4.23. "A reforma que houve no décimo oitavo ano de Josias não foi completa, pelo menos da parte do povo, pois, por ocasião da morte do rei, eles deslizaram novamente para a idolatria (Osé. 7.14)" (Fausset, *in loc.*).

3.11

Já a pérfida Israel se mostrou mais justa do que a falsa Judá. Ser *infiel* é ligeiramente melhor do que ser *falso,* embora nenhuma dessas duas coisas seja desejável. Israel era *menos culpada* em sua posição de infiel. Quando se está em competição quanto ao último e ao penúltimo lugar, não é muito excitante ficar em penúltimo. Nisso não há glória nenhuma, e nem por isso o julgamento fica mitigado.

A Chamada ao Retorno (3.12-14)

3.12

Vai, pois, e apregoa estas palavras para a banda do norte. Talvez o propósito original de Jeremias aqui fosse o chamado de todos os hebreus ao arrependimento, para que retornassem espiritualmente a Yahweh. Mas o uso das palavras empregadas pelo profeta (ou talvez por um editor) era que o reino do norte retornasse do exílio assírio através do arrependimento. Ver os vss. 14 e 21-25, onde a possibilidade da volta do reino do norte, Israel, tem prosseguimento. A promessa seria reunir um *remanescente* tal como se daria no caso da volta de Judá do cativeiro babilônico. Ver o vs. 14. Mas ali encontramos a palavra *Sião,* e não o vocábulo *Samaria.* Talvez a esperança fosse ampla o bastante para incluir uma reunificação do norte e do sul, sendo Sião, uma vez mais, a capital dos dois reinos.

Eu sou compassivo. "Compassivo", neste caso, é tradução da palavra hebraica *hasid,* empregada para adjetivar Deus somente aqui e em Sal. 145.17. Nos salmos, a palavra é usada para apontar para os homens e tem sido traduzida como "piedoso", "santo" e "compassivo". Yahweh manifesta Seu *amor constante* para com aqueles que se arrependem. Note o leitor o jogo de palavras: "Voltai, vós, filhos que me voltam as costas". Os que retornassem escapariam da ira de Deus, que estava em ação fazia tanto tempo.

3.13

Tão-somente reconhece a tua iniqüidade. O primeiro passo na direção da restauração reconhecer os males cometidos. Segue-se, então, a devida avaliação de seus efeitos prejudiciais, bem como o desejo de escapar deles e do inevitável julgamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Arrependimento.*

Reconhece que transgrediste. Está em vista a *rebelião* aberta (ver a respeito no *Dicionário*) contra as leis de Moisés. Naquele desvio, não havia ignorância.

E te prostituíste com os estranhos. Temos aqui clara referência à atividade sexual ilícita. As traduções, porém, geralmente evitam a crueza, traduzindo a frase por alguma espécie de eufemismo. O hebraico literal diz aqui: "abre os pés", conforme informa Jarchi. "Eles abriam os pés (pernas) para todo o que passava, para se deitarem com ele (ver Eze. 16.25), falando das múltiplas idolatrias (adultérios) de Israel" (John Gill, *in loc.*). Os cultos de fertilidade dos cananeus eram celebrados com adultérios literais e espirituais. Judá havia mergulhado no mais vil paganismo. Nada havia de sofisticado em seus culto pagão. Sob cada árvore havia um ídolo, sob cada árvore havia pessoas praticando sexo ilícito. A voz de Yahweh se perdera completamente em meio ao deboche geral. A próxima voz que se ouviria em Judá seria o estalar do trovão do juízo divino.

3.14

Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor. Neste ponto, a esposa infiel é retratada como os filhos infiéis, levantados em rebeldia e atirados no mundo, servindo ao diabo e destruindo a "família".

Eu sou o vosso esposo. Algumas traduções dizem aqui "eu sou o vosso senhor", visto que um marido também era senhor de sua esposa. Nesse caso, continua aqui a imagem da esposa infiel. É prometido o retorno a Jerusalém de um pequeno remanescente, dentre o cativeiro assírio, uma pessoa para cada cidade ou, talvez, duas pessoas de cada família ou clã. Se o remanescente voltasse (arrependido), então Yahweh lhe proporcionaria a volta à santa família, à santa cidade e à restauração. Sabemos que a nação do norte nunca voltou à Terra Prometida, mas presumimos que havia uma *esperança* genuína disso. A reunificação da nação do norte, Israel, e do sul, Judá, formando novamente uma única nação, provavelmente fazia parte de uma esperança maior. Ver os vss. 21-25.

Predição de Retorno do Exílio (3.15-18)

3.15

Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração. O *ideal do retorno* e da reunificação estava profundamente arraigado no subconsciente de Israel. Alguns estudiosos pensam que um editor tomou o tema aqui, impulsionado pelo parágrafo anterior. O remanescente teria seus líderes apropriados, que atuariam como verdadeiros *pastores.* Esses pastores seriam líderes obedientes e cheios de recursos, realmente capazes de ensinar. Ver Eze. 34. Alguns eruditos chegam a limitá-los à casta sacerdotal, mas isso parece desnecessário. Dirigentes civis provavelmente estavam incluídos nesse ideal. Governantes como Zorobabel e Neemias (ver Jer. 2.9 e 22.4) naturalmente participavam. Profeticamente, o Messias também não pode ser deixado de fora, porquanto Ele será o Pastor da Restauração Geral da era do Reino de Deus.

3.16-17

Quando vos multiplicardes e vos tornardes fecundos na terra. Sem dúvida, a *arca da aliança* (ver a respeito no *Dicionário*) estava entre as coisas que os babilônios levaram para a terra deles, na época do cativeiro de Judá. Mas não temos nenhum registro específico sobre isso e nenhuma indicação do que aconteceu a essas coisas na Babilônia. O povo de Israel sentia falta da arca unicamente por ser o lugar onde se manifestava a presença do Senhor Deus (uma espécie de trono de Deus na terra), o lugar de contato de Yahweh com Seu povo em aliança com Ele. O povo de Israel anelava por ver a arca da aliança de alguma maneira "recuperada". Mas esse anelo se reduziria a nada quando uma restauração todo-poderosa substituísse a antiga restauração por uma restauração *nova* e muito mais satisfatória. Outra arca não seria manufaturada; pelo contrário, a própria Jerusalém se tornaria o trono de Deus, o lugar onde se manifestaria Sua presença e Seu poder, e isso mais do que compensaria a perda (vs. 17). Cf. Eze. 43.7. Ver também Jer. 14.21; 17.12; Isa. 2.2-4 e Miq. 4.1-4.

Quanto a outros particulares, o novo também seria superior ao antigo: *todas as nações* se concentrariam em torno de Jerusalém e seu culto, e não apenas uma minúscula nação e sua arca da aliança. Torna-se evidente aqui a promessa do Reino. As nações chegar-se-ão dotadas de elevada espiritualidade, abandonando seus antigos caminhos de idolatria e rebelião. Cf. Zac. 14.16-19. Em tais circunstâncias de redenção universal, ninguém mais lembrará os "dias áureos antigos", quando a arca estava no templo, antes do cativeiro babilônico. Cf. Isa. 2.2-3; 60.3-5. A arca era um dos principais sinais do antigo pacto. Substituí-la por algo melhor fala do Novo Pacto, que lhe é superior (ver Jer. 31.32). Cf. Heb. 8.13.

3.18

Naqueles dias andará a casa de Judá com a casa de Israel. Parece que temos aqui uma *promessa escatológica* da era do Reino de Deus, quando Israel, tanto o norte quanto o sul, será reunido e os cativeiros assírio e babilônico estiverem anulados na consciência nacional. Não era meramente uma *esperança intensa* de que, algum dia, algo de grandioso aconteceria a Israel. Por conseguinte, o que ocorreu como *vaga esperança* (vss. 12-14) agora florescia como profecia escatológica. Essa profecia tornou-se tema comum dos apocalipcistas posteriores. Ver Eze. 37.16-28 e Isa. 11.12-14. Haverá um *Novo Pacto* (Jer. 23.1-8; 31.31-34). Judá e Israel foram divididas em duas nações em 931 A. C. O reino do milênio de Cristo reverterá o antigo cisma e realizará maravilhas universais em favor de toda a humanidade.

"Tal como sucedeu a Isaías (11.13), assim aconteceria a Jeremias. A esperança de reforma nacional estava vinculada à esperança de que haveria restauração da *unidade nacional.* A cura da longa brecha entre Israel e Judá... será a glória do reinado messiânico" (Ellicott, *in loc.*).

A Infidelidade de Israel (3.19-20)

3.19

Mas eu a mim me perguntava: Como te porei entre os filhos, e te darei a terra desejável...? "O desejo de Deus era abençoar o Seu povo. Ele queria tratá-los *como filhos* e restaurar-lhes a *herança,* mas essa nação era como uma *mulher* que se mostrava *infiel* a seu marido. A pedra de tropeço para a restauração residia em Israel, e não em Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Os vss. 19-20 complementam os vss. 1-5. De modo contrário aos costumes (ver Núm. 27.1-8), Deus teria feito de *Sua filha* o Seu herdeiro, mas a infidelidade dela tornava isso impossível" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o presente versículo).

A *Terra Deleitável* já havia sido dada a Israel como herança (ver Jos. 1.6; 11.23; 13.5; 14.1), mas aquele povo rebelde se tornou pior que os pagãos. Entretanto, a Terra Prometida "tornaria a ser dada". Uma vez mais, haveria de tornar-se

a herança de Israel, reunificada. Deus, o doador de heranças, era o Pai de Israel, possuindo o direito de ser o *Doador*. A herança de Israel seria tão exaltada que brilharia como uma jóia entre as nações. A terra deleitável novamente fluiria leite e mel (ver Eze. 20.6; Dan. 11.16 e Jer. 11.5).

3.20

Deveras, como a mulher se aparta perfidamente do seu marido, assim com perfídia te houveste comigo. O tema da *esposa infiel* repete-se por diversas vezes (ver os vss. 1 e 14 deste capítulo, e cf. Osé. 2). Israel correu para seus adultérios com ídolos pagãos (ver o vs. 13), pelo que sob cada árvore havia um ídolo e pessoas fazendo sexo ilícito em honra às divindades cananéias da fertilidade. Esse era o tipo de "esposa" que Israel se tornara. A *paganização* de Israel estava completa. A nação se tornara ao mesmo tempo vil e traiçoeira.

Convocação ao Arrependimento Genuíno (3.21 – 4.4)

3.21

Nos lugares altos se ouviu uma voz, pranto e súplicas dos filhos de Israel. Encontramos aqui uma seção bastante longa, com nove versículos, que trata essencialmente do tema do arrependimento. A seção projeta o *ideal:* o povo reconhece sua deplorável condição e se lamenta; Deus oferece um lugar de arrependimento e restauração e, assim, ocorre uma transformação real; uma obra divina da graça se realiza. Esse foi o ideal que não se concretizou. Portanto, o verdadeiro arrependimento e restauração esperam pela era do milênio (ver Zac. 1.10-13.1).

O chamado divino ao arrependimento foi ouvido nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), para os quais Israel se havia apressado a fim de realizar rituais pagãos e agir debochadamente. Algo de incomum tinha acontecido. Podia-se ouvir o choro dos judaítas lamentando por causa de sua própria traição; envergonhados de seus pecados; prontos para ouvir a chamada de Yahweh ao arrependimento. O povo de Judá orava e rogava por misericórdia e perdão. O primeiro passo na direção da restauração estava sendo dado, o passo da mudança no coração. Jer. 3.21-26 exibe um "ideal"; em outras palavras, o que o profeta *esperava* que acontecesse; o que *deveria* acontecer, de acordo com a razão. Mas, no capítulo 4, vemos ser chamado um povo ainda não arrependido que vivia no meio de suas abominações.

3.22

Voltai, ó filhos rebeldes, eu curarei as vossas rebeliões. O chamado divino clamou: "Voltai". E Israel respondeu: "Eis-nos aqui, vimos ter contigo". O profeta Jeremias prosseguiu em sua apresentação ideal, somente para mostrar-nos, no começo do capítulo 4, que ele estava descrevendo o seu *sonho*, a sua esperança, as suas expectações idealistas. "Dos locais de idolatria fútil chegam até nós clamores de arrependimento profundo (cf. os vss. 12-14) e de decisão de retornar a Deus (Osé. 14.2-3). As condições do arrependimento são a remoção dos santuários pagãos, o reconhecimento da reivindicação exclusiva de Deus, jurando somente pelo Seu nome (Jer. 4.2) e a purificação dos corações" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 21).

Eu curarei. Visto que os pecados são doenças da alma, precisam do poder do Grande Médico para serem curados. O perdão divino cura os pecados.

3.23

Na verdade os outeiros não passam de ilusão, nem as orgias nas montanhas. A Revised Standard Version tem uma ótima frase: "outeiros de ilusão". A referência é aos *lugares altos* (vs. 21). Abandonando Yahweh, os filhos de Israel, como uma *esposa infiel* (vss. 1,13 e 20), correram para as colinas e os bosques de idolatria pagã, esperando receber ajuda e glória, mas foram enganados por sistemas tão fúteis. Naquelas colinas, encontraram as *orgias* dos cultos pagãos de fertilidade e juntaram-se de todo o coração àquela espécie de culto. Ver o vs. 13, onde ofereço notas que ilustram vividamente a situação. De acordo com a apresentação idealista do profeta, o povo de Judá chegou a reconhecer a futilidade dos outeiros de ilusão; e acabou sentindo-se doente diante da "auto-expressão" de fé religiosa. Eles reconheceram ter caído em um paganismo crasso que não lhes fazia bem algum. Pelo contrário, eles adoeceram, cobertos de feridas e úlceras nojentas que lhes foram trazidas por seus deboches. Eles anelavam por completo livramento, descendo às carreiras das colinas e implorando o perdão e a cura de Yahweh. Esse foi o sonho do profeta, mas o começo do capítulo 4 mostra que nada de bom aconteceu. As antigas condições continuaram e até pioraram. A promessa divina dizia: "Curarei a sua infidelidade" (Osé. 14.4). Porém, a esperança caiu por terra. Diz o Targum: "Verdadeiramente em vão adoramos nas colinas; sem qualquer proveito nos reunimos nos montes".

3.24

Mas a cousa vergonhosa devorou o labor de nossos pais desde a nossa mocidade. Os *julgamentos de Deus,* como é natural, devoraram os ímpios que abandonaram o bem que seus pais tinham feito e construído. Eles se tornaram destruidores do bem comum de Israel. Calamidades arrebataram filhos e filhas; animais domesticados morreram; plantações fracassaram; o culto a Yahweh caiu em total abandono. O templo foi abandonado. Coisa alguma foi ganha, e muito se perdeu devido às aventuras de Israel no paganismo.

> *Desde que éramos jovens, deuses vergonhosos têm devorado tudo aquilo pelo que nossos pais tinham trabalhado. Os deuses vergonhosos tomaram o gado e as ovelhas de nossos pais. E também arrebataram os filhos e as filhas de nossos pais.*

Sacrifícios que deveriam ter sido feitos a Yahweh foram oferecidos a ídolos vergonhosos. Além do mais, até filhos e filhas foram sacrificados aos deuses pagãos, deuses de nada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque (Moloque).* A excursão ao paganismo custou-lhes um preço horrendo. Todas as maçãs do diabo têm vermes.

A cousa vergonhosa. Que coisa vergonhosa era essa? 1. A conduta geral de Israel e sua experiência com a idolatria. 2. Os próprios ídolos são chamados de *coisas vergonhosas.* Ver Jer. 11.13; Osé. 9.10. Israel agiu vergonhosamente, adorando objetos ignominiosos que arrebataram tudo quanto eles tinham de valioso.

3.25

Deitemo-nos em nossa vergonha, e cubra-nos a nossa ignomínia. *Vergonha e pecado,* pecado e vergonha. Essa era a vida de Israel em sua idolatria-adultério. Era nisso que eles continuavam a "deitar-se", em uma referência indireta às práticas lascivas de seus cultos pagãos (ver o vs. 13). Eles tinham abandonado Yahweh-Elohim e "pecado contra" Ele, que era o Deus dos seus pais. Desde a mocidade, eles trilharam seu caminho apostatado, ignorando a *voz* de Yahweh, Sua *lei* e *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), que doava vida (Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). Era a lei que os tornava *distintos* entre as nações (Deu. 4.4-8), mas eles deixaram tudo ser nivelado e arrasado pelo paganismo de seus vizinhos. O primeiro resultado foi a *desunião.* A antiga nação de Israel dividiu-se em duas nações, Israel e Judá. Em seguida, veio o exílio tanto para a porção norte, Israel, quanto para a porção sul, Judá. Finalmente, porém, chegou a dispersão romana, a qual só será verdadeiramente anulada pela restauração da era do Reino. Ver os comentários sobre os vss. 16-18.

Capítulo Quatro

Não há interrupção entre os capítulos 3 e 4 do livro de Jeremias. Jer. 4.1-4 completa o parágrafo iniciado em Jer. 3.21. A seção maior começou em Jer. 3.6.

4.1

Se voltares, ó Israel, diz o Senhor, volta para mim. Deus prometeu responder positivamente a Israel e a Judá *caso* eles se *voltassem* para Ele, em *arrependimento* genuíno. Isso significava repelir os *ídolos detestáveis* aos quais eles tinham prestado devoção. Eles precisavam abandonar seu *desvio* apostatado. Uma volta superficial e fácil de nada valeria (ver Jer. 3.1). O verdadeiro retorno para Deus envolveria mais que o *culto de lábios* (Jer. 3.4-5). Tudo tinha de proceder do coração, da mente e da alma. A tentação é parte do crime, quando os homens continuam fracassando, por muitas e muitas vezes seguidas, contudo "o grande crime de um homem é que ele pode voltar-se para o Senhor a qualquer momento, mas não o faz" (Rabbit Bunam). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arrependimento.*

As tuas abominações. Isto é, a idolatria-adultério, de acordo com as definições do capítulo 3. Ver os vss. 1-2,13-14 daquele capítulo. E ver no *Dicionário* o verbete chamado *Abominação,* quanto a completos detalhes. A "volta", referida neste versículo, é a volta do arrependimento, e não do retorno físico da Babilônia nem finalmente da dispersão romana.

4.2

Se jurares pela vida do Senhor, em verdade, em juízo e em justiça. *Um juramento solene* de arrependimento e boas intenções de continuar no caminho da lei de Yahweh faria parte do verdadeiro *retorno.* O voto estaria assim no coração, e não somente na boca. Seria tomado pela "vida do Senhor", e seria tão firme quanto a vida. Seria "veraz", "honesto" e "certo" (NCV). Os filhos de Israel

vinham jurando por divindades pagãs. Isso teria de ser revertido. As "nações", neste caso, são a nação do norte, Israel, e a nação do sul, Judá. Não há aqui nenhuma referência às nações da era do Reino de Deus, mas à reunificação da Nação Única, sob Yahweh, o que porá fim à dispersão romana. A reunificação terminará na restauração. Ver Jer. 3.8, profecia e promessa escatológica. Então haverá a completa bênção de Deus (Elohim), quando Israel assumir sua posição de cabeça das nações durante o período do milênio. Alguns eruditos, entretanto, vêem aqui a conversão das nações, que acompanhará a glória de Israel e dela resultará. Ver Isa. 65.16; Sal. 102.13,15; Rom. 11.12,15. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Voto.*

4.3

Porque assim diz o Senhor aos homens de Judá e Jerusalém. "A porção final deste versículo provavelmente foi citada diretamente de Osé. 10.12. O arrependimento deve ser tão completo quanto o ato de arar o solo, que remove os espinhos e prepara o caminho para a nova semente" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "A citação habilidosa de Jeremias, nesta passagem bíblico, traz consigo um contexto extremamente rico. O objetivo do ato de arar é claro. O solo, que fora deixado sem cultivo, endureceu sob a ação do calor e se solidificou por ser repetidamente pisado. Foi esse solo que precisou ser desterroado" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Que os israelitas se arrependessem e se preparassem para servir, mediante uma operação radical. Era tempo de cultivar a retidão. Ver Mat. 13.7.

4.4

Circuncidai-vos para o Senhor, circuncidai o vosso coração, ó homens de Judá. Este texto apresenta duas operações radicais que simbolizam o arrependimento: o ato de arar o terreno compacto para cultivar o cereal (vs. 3); e a circuncisão para renovar o pacto abraâmico, do qual a circuncisão era símbolo. Ver Gên. 15.18. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Circuncisão.* Temos aqui menção à remoção do que é indesejável. Está em vista, porém, a circuncisão do coração, ou seja, a remoção de todo o mal do coração, deixando um instrumento limpo para Yahweh preencher e usar. Cf. Deu. 10.16; 30.6; Jer. 9.25-26 e Rom. 2.28-29, passagens em que encontramos declarações e conceitos semelhantes aos deste trecho de Jeremias. O rito tornava a pessoa parte da comunidade dos homens, a nação, mas somente a operação no coração qualificava um homem para a verdadeira comunidade espiritual, na qual o Espírito de Deus opera. Coisa alguma transforma significativamente a vida de um homem, enquanto a espiritualidade não atingir o nível de seu espírito.

O Símbolo do Fogo. Os que não se deixarem transformar terão de enfrentar o julgamento de Deus, simbolizado pelo fogo. Não há aqui nenhum indício de um julgamento para além do sepulcro, porquanto isso ainda não fazia parte da teologia dos hebreus. Cf. Dan. 12.1, onde o julgamento é mediado pela ressurreição, tal como sucede à glória dos santos. Mas mesmo ali a imortalidade da alma não aparece como mediadora das recompensas e punições. Essa doutrina começou a aparecer na teologia dos hebreus nos salmos e profetas, mas um verdadeiro desenvolvimento esperou pelos livros pseudepígrafos e daí passou para o Novo Testamento. Ver sobre Isa. 66.24, quanto a idéias que ilustram o presente versículo. As chamas do inferno foram acesas no livro de I Enoque, conforme todos os eruditos sabem. Ver também Naum 1.6; Mar. 9.43-44; Mat. 3.12; 25.41. E ver Isa. 30.33 e 34.9, onde desenvolvo o tema.

O Inimigo Vindo do Norte (4.5-31)

4.5

Anunciai em Judá, fazei ouvir em Jerusalém, e dizei. Se Israel tinha inimigos intermináveis, os mais formidáveis entre eles chegavam da direção norte (estritamente falando, do nordeste), a saber, a Assíria, que tinha assediado tanto o norte, Israel, quanto o sul, Judá, mas havia devastado o norte e levado sobreviventes para o cativeiro, para nunca mais retornarem, até hoje. Então chegaram os babilônios, vindos ligeiramente mais do sul que a Assíria, e devastaram Judá, levando os sobreviventes para o exílio. Nenhuma profecia bíblica fala da dispersão causada pelos romanos (o inimigo que veio do ocidente), embora alguns eruditos bíblicos forcem determinadas passagens bíblicas para que se reportem à dispersão romana. Cf. Jer. 1.13-14, onde vemos a advertência preliminar acerca do inimigo vindo do norte. Quanto a esse inimigo, ver também Jer. 1.13-15; 5.15-17; 6.22-26 e 25.1-4.

O *oráculo que temos à frente* consiste em vários poemas líricos: vss. 5-8; vss. 13-17; vss. 19-21 e vss. 29-31. Talvez encontremos aqui uma seleção e compilação de poemas, reunidos por um tema comum. "Começam com o primeiro toque de advertência de uma trombeta; descrevem a precipitação do inimigo; então a reação do povo; e atingem um clímax no grito de morte da capital destruída de Jerusalém. Esses poemas foram reunidos por um editor que supriu fórmulas de introdução e advertências e reflexões intersectadas, algumas delas do próprio Jeremias, e outras de diversas fontes" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Naturalmente, os eruditos conservadores fazem dos poemas e de sua compilação obra do próprio Jeremias. A circunstância histórica em vista, muito provavelmente, é o avanço do exército de Nabucodonosor, em 598 A. C., ou mesmo dez anos mais tarde, 588 A. C. Outros inimigos, de segunda categoria, não justificam as drásticas descrições aqui fornecidas. Alguns eruditos dão um significado escatológico à passagem e vêem a Rússia como o inimigo do norte nos últimos dias, mas essa é uma maneira muito duvidosa de manusear o texto à nossa frente. Cf. Eze. 38 e 39.

O Alarma (vss. 5-8). *Judá* está em vista, e basta isso para dizer-nos que o invasor é a Babilônia. Jeremias via os exércitos da Babilônia em marcha. A *trombeta de advertência e assembléia* tinha de ser soada. Arautos tinham de ser enviados para avisar a todo o povo de Israel. Os profetas precisavam lançar ao ar uma advertência final. A nação do sul (Judá) enfrentaria sua pior crise. O tempo da colheita, por causa da apostasia, estava chegando, e ninguém livraria os judeus da aflição. Cf. a trombeta de advertência com Osé. 5.8; Joel 2.1; Amós 3.6. O povo fugiria para as cidades fortificadas, especialmente para Jerusalém, e encetaria sua longa, mas fútil defesa. Jeremias sabia que o poder do exército babilônico não podia ser detido, mas uma justa advertência foi expedida em nome de Yahweh. "Soai o alarma! Fechai as defesas! (Jer. 6.1-8)! Como se fosse uma fera rapinante, o inimigo já se aproximava (Jer. 5.6). Faltaria coragem aos líderes do povo de Israel, que tinham ignorado todas as advertências de condenação iminente (Jer. 6.13-15; 14.13-16; 23.16-17)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre Jer. 4.5).

Fica pressuposto que as exortações anteriores, que conclamavam Israel ao arrependimento (Jer. 3.21-4.4), não haviam produzido nenhum efeito, pelo que o julgamento tinha de seguir.

4.6

Arvorai a bandeira rumo a Sião, fugi, e não vos detenhais. Jerusalém, a Cidade Santa, mas que não era mais santa por causa da idolatria-adultério (ver Jer. 2.1-2,13-14), seria a principal "cidade de refúgio", todavia sua oferta de ajuda seria fútil. A bandeira de Judá seria arvorada em Jerusalém. Seria o principal ponto de concentração, mas tudo estava inteiramente perdido.

> *Levantai a bandeira de sinal na direção de Jerusalém! Correi para salvar vossas vidas! Não espereis mais! Estou trazendo o desastre vindo do norte.*
>
> (NCV)

"A hora do mundo levou Judá à sua última hora" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Quanto à destruição *vinda do norte,* ver o vs. 5.

4.7

Já um leão subiu da sua ramada. O *alarma* (vss. 5-8) continua. Babilônia é aqui comparada a um leão faminto, que já tinha iniciado sua corrida precipitada para descobrir quais pobres animais poderia devorar, e assim satisfazer a sua fome. "A aproximação do exército babilônico, em sua ferocidade, era como um leão saído de sua cova, para atacar a terra de Judá. A invasão deixaria arruinadas as cidades de Judá, e também sem habitantes" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "*Leão,* Nabucodonosor e os caldeus (Jer. 2.15; 5.6; Dan. 7.4), a primeira das quatro grandes feras era como um leão" (Fausset, *in loc.*). Cf. a linguagem drástica de Isa. 6.11. Haveria grandíssima (mesmo que não fosse absoluta) perda populacional em Judá (Jer. 39.9), e os poucos sobreviventes seriam levados para o exílio na Babilônia. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Cativeiro Babilônico.*

Um destruidor das nações. Quando a Babilônia gozava de seu grande dia, era noite para outras nações. Judá foi apenas uma dentre as muitas nações que caíram vítimas daquela potência. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Babilônia,* quarta seção, *História,* quanto à história toda.

4.8

Cingi-vos, pois, de cilício, lamentai e uivai. Para Judá não haveria chance de vitória. A vontade de Yahweh já havia garantido o drástico resultado da invasão. Judá se lamentaria, vestida de cilício. Os poucos sobreviventes soltariam triste lamento pelos mortos, pelos feridos e pelos moribundos. O templo de Jerusalém seria destruído. As instituições seriam aniquiladas. A *causa* de tantas desgraças seria a ira feroz do Senhor. Quanto a isso, ver as notas expositivas em Isa. 13.6, onde mostro que a vontade divina governa os negócios dos homens. A providência de Deus, tanto negativa quanto positiva, determina o que acontece entre os homens. A providência negativa fustiga os pecadores. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus. A Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver também no *Dicionário*) finalmente apanhou Judá.

Por trás das operações da providência divina, há a lei moral que governa a vida dos seres humanos; e, por trás dessa lei, há o livre-arbítrio humano. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio*. Os homens colhem o que tiverem semeado (ver Gál. 6.7-8).

Quanto ao *cilício*, ver no *Dicionário* o artigo com esse nome, e também Jer. 6.26; 48.37; 49.3; Gên. 37.34; I Reis 21.27; Nee. 9.1; Sal. 30.11; 35.13; 69.11; Lam. 2.10; Dan. 9.3. Ver ainda Joel 1.8 e Isa. 22.12.

O Fracasso da Coragem (4.9-10)

4.9

Sucederá naquele dia, diz o Senhor, que o rei e os príncipes perderão a coragem. O ataque desfechado pelos babilônios seria tão feroz, tão insistente e tão bem-sucedido que desmaiariam diante dele todos os líderes de Israel, sem importar se fossem militares, civis ou religiosos. A fúria do ataque tiraria o fôlego de todos os defensores. Faltaria *coragem* aos *líderes* do exército de Israel, incluindo o rei e os seus subordinados. Os *sacerdotes* ficariam *atônitos*. Os *profetas* ficariam *estupefatos*, incluindo até mesmo os que previram esses acontecimentos. Saber e participar são duas coisas inteiramente diferentes. As palavras que a tradução inglesa da NCV usa são: perderão a coragem; ficarão com terrível medo e ficarão chocados. As três expressões usadas pela nossa versão portuguesa são: *perderão a coragem; ficarão pasmados* e *estupefatos*. Ruína total traria total colapso mental.

4.10

Então disse eu: Ah! Senhor Deus! verdadeiramente enganaste a este povo. *A maioria dos profetas* compunha-se de falsos profetas. Enquanto eles estavam de boca aberta, observando a destruição, Yahweh relembrou-lhes suas "predições róseas" sobre os babilônios, com as quais os israelitas foram completamente enganados. Profetas de condenação como Isaías, Jeremias, Miquéias, Habacuque e Sofonias foram desprezados, e suas "profecias contrárias" foram alegremente ignoradas, porquanto perturbavam a mente das pessoas e dos líderes da nação. Mas se os falsos profetas falavam em *paz*, isso não deteve a espada, que chegou à alma do povo e despedaçou a nação de Israel.

O Problema. Como pode ter sido dito que Yahweh-Elohim enganou o povo? Sabemos que os falsos profetas é que o fizeram. A resposta é simples: Yahweh impôs a *cegueira judicial* sobre o povo de Israel, por causa de sua rebeldia, de forma que aquilo que eles se *recusaram* a fazer (quando chamados ao arrependimento), eles se tornaram moralmente *incapazes de fazer*. Portanto, a cegueira judicial preliminar (uma espécie de julgamento) antecedeu a invasão real do exército babilônico. Deus, pois, permitiu que falsos profetas enganassem Seu povo, porquanto era isso o que *eles queriam*. Talvez a palavra "permitir" seja suave demais. O fato é que Deus deixou que tal coisa acontecesse por estarem eles em um estado de apostasia do qual *não havia como voltar*. Outra parte da resposta a essa pergunta é que Deus é a *causa única* que encontramos aqui e ali nas Escrituras, representando um *determinismo absoluto*. Isso, porém, não cabe dentro da mensagem geral de Jeremias, repleta de convites genuínos ao arrependimento. Todavia, é a mensagem geral do livro de Eclesiastes.

A teologia dos hebreus era fraca quanto a causas secundárias (quanto a coisas que os homens e a natureza fazem), e isso leva à idéia de Deus como a única causa. Todavia, essa noção é de um radicalismo repugnante diante da responsabilidade moral dos homens. O mundo está cheio de "causas secundárias", que funcionam na vida diária. É ridículo lançar sobre Deus a culpa de coisas que são apenas resultado de variadas formas de corrupção.

Os Ventos do Julgamento Divino (4.11-12)

4.11

Naquele tempo se dirá a este povo e a Jerusalém: Vento abrasador... Temos aqui menção ao vento oriental que não traz bem algum a ninguém. Esse vento somente requeima. Trata-se de uma figura apropriada para indicar o julgamento divino. O inimigo viria do nordeste, e isso está próximo o bastante para sugerir o vento que sopra do leste, o vento oriental. Esse vento era um importante ingrediente no clima da Palestina e podia ser fatal às plantações. O vento oriental era o oposto das brisas agradáveis, que traziam umidade (que vinham do oeste, do mar Mediterrâneo). O vento oriental era prejudicial aos agricultores; o vento ocidental lhes era benéfico. Yahweh estava por trás de todos os ventos, tanto os literais quanto os figurados. O feroz e quente vento oriental não se prestava para padejar o grão. Quando esse vento oriental, o siroco, soprava, o melhor a fazer era manter-se longe dele. Ver Jon. 4.8. Ezequiel também fez do vento oriental uma figura da invasão babilônica (Eze. 17.10; 19.12). Ver ainda Isa. 21.1.

"O vento quente é o siroco, um vento seco que sopra do deserto oriental e traz consigo um calor sufocante à Palestina. A *filha de meu povo* é o povo de Judá, personificado como se fosse uma mulher (cf. o vs. 31)" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

4.12

Vento mais forte do que este virá ainda de minha parte. *O quente vento siroco* não se parece em nada com as gentis brisas que sopram do mar Mediterrâneo. Essas brisas eram usadas pelos agricultores da Terra Prometida para separar a palha do grão de cereal. Mas somente um idiota lançaria mão do fortíssimo vento oriental com esse propósito. O siroco é um vento fortíssimo, que não traz nenhum benefício a quem quer que seja. Mas o forte vento, soprado pelo Senhor, era bom para *julgar* e expurgar. Judá seria o alvo do vento do Senhor, num ataque aniquilador, porquanto esse vento de Yahweh seria a invasão babilônica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vento Oriental*, quanto a detalhes. Ver também o verbete intitulado *Ventos*.

O Chamado ao Arrependimento (4.13-18)

4.13

Eis aí que sobe o destruidor como nuvens. Era tarde demais para que os israelitas se arrependessem. A cegueira judicial tinha sido proferida. A apostasia se tornara fatal, e somente o julgamento divino poderia salvar alguma coisa. Judá teria de começar de novo como nação, uma vez que a escória (que era quase tudo em Israel) fosse consumida. Ver as notas no vs. 10 sobre a *cegueira judicial* e sobre como Yahweh inspirou os falsos profetas a continuar com suas mentiras, a fim de que o julgamento divino se tornasse inevitável. Não obstante, a chamada ao arrependimento soava com insistência, e o autor sagrado devotou seis versículos ao tema, que se repete tantas vezes no livro de Jeremias.

Nova Figura sobre o Avanço da Babilônia. Símbolos empregados: 1. *fogo*, metáfora padronizada para indicar o julgamento divino (vs. 4); 2. um *leão*, que devoraria todas as coisas (vs. 7); 3. o *vento oriental*, que eliminaria a vida (vs. 11); 4. a *tempestade celestial*, que seria como um redemoinho sobrenatural, a carruagem de Yahweh, o poder por trás de todos os julgamentos divinos (vs. 13).

A carruagem divina seria puxada por cavalos sobrenaturais, mais velozes que as águias. "Quanto ao vôo da águia a representar a marcha rápida do invasor, cf. Lam. 4.19; Osé. 8.1 e Hab. 1.8" (Ellicott, *in loc.*).

O profeta Jeremias simplesmente deixou cair o seu simbolismo e proferiu um *ai* sobre as pobres vítimas. Haveria matança, saque e exílio. Seria inútil esperar misericórdia da parte dos brutais babilônios, que se deleitavam em ver o sofrimento humano e faziam tantas vítimas quanto fosse possível. "A destruição de Judá era *inevitável*. Não havia como escapar dessa destruição e, assim sendo, o caso deles trazia atrás de si a dor e a miséria" (John Gill, *in loc.*).

4.14

Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva! Embora Jerusalém estivesse nadando em uma *apostasia irremediável*, o chamado misericordioso ao arrependimento, com sua promessa de salvação, soa novamente neste versículo. Pensamentos vãos, malignos e depravados, impediam que a mente do povo de Judá atendesse ao chamamento para a conversão. Eles nada ouviriam, senão a corrupção, antigas e novas maneiras de aumentar o peso de seus pecados. O cálice de Judá estava quase cheio. E eles não descansariam enquanto não enchessem o cálice até a boca. E, então, esse cálice transbordaria em generalizada destruição. Somente uma *lavagem* completa daria resultado. Eles tinham de ser limpos de sua idolatria-adultério (Jer. 3.1-2,13-14). A lavagem tinha de limpar o próprio *coração*, mostrando-se genuína e eficaz. Uma completa volta para Yahweh precisava efetuada, mas Judá já tinha avançado demais no pecado para dar meia-volta. Eles tinham chegado ao ponto de onde ninguém retorna, conforme se diz em uma expressão idiomática popular. Ver Pro. 4.23, quanto a uma fé religiosa que parte do próprio coração. Jer. 2.22 tem um ponto de vista desanimador quanto à fraca possibilidade de purificação. Há esperança com Deus (ver Isa. 1.16), mas somente quando os homens respondem ao Seu chamamento. É possível a um homem ignorar o chamado de Deus, mas ninguém está fora do alcance de Seu julgamento.

4.15

Uma voz se faz ouvir desde Dã, e anuncia a calamidade. "Notícias davam conta do avanço do exército babilônico desde *Dã* (Jer. 8.16), atravessando o *monte Efraim* (na Palestina central), Benjamim (Jer. 6.1), e então chegando no interior mesmo do território de Judá" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este vs. 15). O caminho seguido pelo invasor é acompanhado em termos bem latos, e somos convidados a imaginar como o terror e o pânico aumentavam, à proporção que as tropas inimigas se aproximavam da capital. Dã marca o ponto mais ao norte que seria de interesse para traçar a rota de ataque, e o monte Efraim ficava no local onde as tribos do norte faziam fronteira com a tribo de Judá. O

relatório do avanço das tropas babilônicas produzia grande aflição. Não havia boas notícias. As colinas de Efraim ficavam entre 48 e 64 km ao norte de Jerusalém, e o ataque contra a capital, Jerusalém, começaria em um ou dois dias. Arautos acompanhavam o avanço das tropas e mantinham informados os habitantes de Jerusalém, mas isso não teria nenhuma utilidade. Nada poderia deter a matança ou aliviar o sofrimento. Dã e Betel, em Efraim, eram os dois lugares onde Jeroboão estabeleceu os bezerros idólatras (ver I Reis 12.28), havendo antigas e novas contas que tinham de ser acertadas por Yahweh com Seu povo desviado.

4.16

Proclamai isto, às nações, fazei-o ouvir contra Jerusalém. As nações deveriam ser avisadas. Era a Babilônia contra o mundo. Judá foi apenas uma das vítimas. Jerusalém seria um alvo especial da brutalidade babilônica. Os atacantes eram assassinos e saqueadores e estavam aniquilando as cidades de Judá, uma por uma. Eles gritavam enquanto matavam e se regozijavam no meio do sangue. Chegariam a Jerusalém ansiosos por transformar em nada a Cidade Dourada. Os exércitos antigos viviam do saque que praticavam. Esse era o seu "salário". E a sua diversão consistia em matar e violentar mulheres. Os babilônios estavam obtendo altos salários e divertindo-se à vontade. Tudo consistia no jogo doentio da guerra, um dos mais monstruosos de todos os pecados que os homens já inventaram. Diz o Targum: "... o exército de homens rapaces, como se fossem colhedores de uvas vindos de um país distante". Seja como for, tudo aquilo era um *golpe de Deus* contra a idolatria-adultério dos judeus e os intermináveis crimes que tinham corrompido todo um povo. Era o fogo de Deus que purificaria a Terra Prometida, preparando o caminho para um novo começo.

Alguns estudiosos vêem, neste versículo, um chamado às nações para observar o que Yahweh estava fazendo contra Seu próprio povo (assim pensa a King James Version). Mas a Revised Standard Version dá a entender que a coisa inteira é apenas uma "advertência" a todas as nações, incluindo Israel.

4.17

Como os guardas de um campo, eles cercam Jerusalém. As tropas babilônicas circundaram Jerusalém como quem guarda um campo, e Yahweh lhes entregou a cidade, porquanto Judá se tinha voltado contra Ele. Em outras palavras, a retribuição divina operava, em consonância com a lei da colheita segundo a semeadura, que é reiterada no versículo seguinte. A imagem do campo pode envolver estes pontos: 1. A tribo nômade que se acamparia no campo aberto e tomaria possessão de certo território. 2. Ou talvez estejam em pauta homens vigiando seus rebanhos em um campo do qual se apossaram (ver Luc. 2.8). 3. Ou podem estar em foco agricultores que tivessem ocupado certo território, tornando-se seus proprietários. Os homens costumam cuidar bem de seus campos plantados. Seja como for, os invasores tinham tomado conta de Jerusalém e da área circundante como se fossem deles, para fazer o que bem entendessem.

4.18

O teu proceder e as tuas obras fizeram vir sobre ti estas cousas. Judá sofreu dura condenação por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. O amargor do que lhes havia acontecido chegou à alma (ao coração) deles, e para isso não houve remédio. Não obstante, os judeus mereciam o que receberam; eles perderam tanto a sua terra como a si mesmos, em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Agravou-se de tal modo a loucura de Judá, em sua autodestruição, que essa nação não podia escapar, porquanto seus atos de apostasia lhe haviam roubado a vontade de fazer qualquer coisa boa. Eles não passavam de insensatos, afligidos por causa de suas transgressões. Cf. este versículo com Jer. 2.17,19 e Sal. 107.17.

Atinge até o próprio coração. "... chegou ao meio deles, destruindo-os totalmente... terrível aflição, completa destruição" (John Gill, *in loc.*).

Os Sofrimentos do Profeta (4.19-22)

4.19

Ah! meu coração! meu coração! Eu me contorço em dores. "Aqui o profeta parece personificar a Terra Prometida, tal como o fará de novo em Jer. 10.19-20, embora se tenha identificado de tal maneira com o povo que não faz nenhuma distinção clara entre os seus próprios sentimentos e os de seu povo.

Entranhas Minhas. "Os hebreus consideravam as entranhas, como os intestinos, a sede das emoções" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Assim, uma agitação externa significava que havia turbulência dentro do corpo. Além disso, devemos considerar as *batidas fortes do coração* (Revised Standard Version). A tradução inglesa da NCV fala sobre a *dor que traspassa o coração* (vs. 18). E diz o vs. 19:

> *Oh, quanto me dói! Quanto me dói!*
> *Oh, a tortura do meu coração!*
> *Meu coração pulsa forte dentro em mim.*
> *Não posso manter-me quieto. Isso é porque*
> *Ouvi o som da trombeta.*
> *Ouvi os gritos de guerra.*

Cf. este versículo com Jó 30.27 e Isa. 16.11. Ver o vs. 29 deste capítulo. "A destruição é aqui descrita como muito próxima, certíssima e muito aflitiva" (John Gill, *in loc.*).

4.20

Golpe sobre golpe se anuncia, pois a terra toda já está destruída. O golpe súbito e devastador do exército destruidor arrancou o grito de pânico e angústia. Desastre seguiu-se após desastre, aniquilando tudo em sua vereda. Em pouco tempo, jazia em ruínas toda a Terra Prometida. Todos os lares, tendas, casas, edifícios e as demais construções jaziam arruinados. Os poucos sobreviventes não tinham onde se esconder, nenhum lugar onde repousar a cabeça. Tudo aconteceu em "um momento". Até as tendas dos pastores nos campos não escaparam. O país foi reduzido a uma *terra desolada*. Cf. Jer. 10.19-21:

> *Ruína após ruína tudo aconteceu —*
> *A terra inteira ficou desolada!*
> *Em um momento minhas tendas foram arruinadas.*
> *Em um instante minhas cortinas foram rasgadas.*
>
> (Tradução de Skinner)

Colapso total e ruína completa eram as palavras do dia, ao que podemos acrescentar o mais total desespero. Cf. Jer. 42.7 e Eze. 7.26. As aflições cobriram a Terra Prometida como se fossem ondas. Quando uma das ondas passava, logo vinha uma segunda. Qualquer coisa que ficasse imune a uma das ondas, era em seguida obliterada pela seguinte.

4.21

Até quando terei de ver a bandeira, terei de ouvir a voz da trombeta? As bandeiras e os pendões do adversário tremulavam com arrogância, os sonidos de suas trombetas de guerra troavam, pedindo que a matança não cessasse. O profeta Jeremias desistiu de ver um fim nas bandeiras de guerra ou de ouvir os gritos de zombaria das trombetas sobre o povo derrotado. Judá, em perplexidade, perguntou quanto tempo mais perduraria todo aquele terror. A calamidade continuaria até Judá ser aniquilado quase até o último homem, e até que suas cidades fossem completamente arruinadas. Daquelas cinzas (terminado o cativeiro babilônico) levantar-se-ia uma nova nação, tão humilde, tão reduzida a quase nada, mas, pelo menos, um novo começo. Usualmente, o refinador retira da prata um pouco de escória. Neste caso, entretanto, um pouquinho de prata foi extraída da escória geral, mediante o fogo do *Refinador* divino.

4.22

Deveras o meu povo está louco, já não me conhece. Judá tinha-se tornado um povo totalmente *estúpido;* um povo que esquecera o seu Deus, em sua ridícula idolatria-adultério-apostasia; eles eram vis e tolos; tinham-se desfeito de qualquer sabedoria e compreensão. Todavia, haviam retido uma habilidade proeminente: a capacidade de praticar o mal. Tal habilidade, contudo, não se prestava para o bem. O profeta falou com palavras amargas, sarcásticas, cortantes, ao descrever a total depravação de Judá em caráter e feitos.

"Em uma irônica reversão de Pro. 1.2-3, é dito que o povo de Israel era *sábio* (no hebraico, *hakamim,* sábio) na prática do mal, mas ignorante em saber como praticar o bem" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Eles reverteram a regra espiritual de Rom. 16.19, tornando-se sábios na prática do mal, mas simplices (tolos) no tocante a praticar o bem. Cf. Rom. 3.9-12. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Sabedoria* quanto às suas muitas aplicações. O Ser divino era a fonte de tudo, pois, quando os homens abandonam a Deus, eles terminam fazendo o jogo do diabo. Judá tinha revertido os sinais espirituais.

Visão de uma Destruição Cósmica (4.23-26)

4.23

Olhei para a terra, e ei-la sem forma e vazia. Os vss. 23-26 foram compostos em uma métrica diferente dos versículos escritos antes e depois, e isso assi-

nala uma composição e um oráculo separado. Talvez os drásticos acontecimentos do cativeiro babilônico tenham inspirado as descrições cósmicas aqui. A terra é retratada como voltando à sua condição primeva. As palavras "sem forma e vazia" são as mesmas usadas em Gên. 1.2: o *tohu* e o *wabhohu* retornariam, esperando por um novo ato de criação. Temos aqui a descrição de um tremendo cataclismo cósmico, quando a criação será desfeita. Talvez o profeta Jeremias tenha usado o *símbolo* da destruição cósmica para enfatizar o total aniquilamento de Judá, às mãos dos babilônios, a fim de que, no futuro, um novo ato de criação trouxesse à existência o Novo Israel. Essa visão figurada parece preferível à suposição de que temos diante de nós uma profecia escatológica da ordem de II Ped. 3.10. Judá será atingido por uma bomba nuclear, sofrendo os aterrorizantes resultados do irrevogável julgamento de Deus (cf. Jer. 7.16 e 15.1-4). Outros eruditos, porém, fazem este oráculo aplicar-se aos atos destruidores de Deus que serão necessários para a inauguração de uma nova era do Reino. Mas prefiro ficar com a idéia de Ellicott: "A boa terra de Israel foi lançada de volta, por assim dizer, em um caos sem forma, antes que as palavras 'haja luz' comecem a pôr as coisas novamente em boa ordem".

4.24

Olhei para os montes, e eis que tremiam. Os *montes* representam força, estabilidade e eternidade; eles estremeceram e foram movidos de seus lugares. Em Judá coisa alguma resistiria diante do terror da Babilônia, que faria terra inteira estremecer. Quando Deus pôs as coisas em ordem, Ele separou os montes das águas (ver Gên. 1.9-10). Os montes, pois, são aqui separados das águas, mas se recusam a parar os seus abalos. Cf. Isa. 5.25, onde encontramos um quadro idêntico. Alguns intérpretes vêem os montes aqui como se fossem os líderes do povo, reduzidos a nada, perdendo o poder de governar ou de desviar o curso da destruição. Ver Jer. 4.9 quanto a essa idéia. Cf. o presente versículo com Sal. 68.8; 114.6-7 e Hab. 3.6,10.

4.25

Olhei, e eis que não havia homem nenhum. As ondas de destruição tinham passado; o *caos primevo* havia retornado pelo poder anticriativo de Deus. Não mais havia criaturas vivas nem homens; nem mesmo havia pássaros voando no espaço. A terra retornara aos dias anteriores à criação e fora deixada no caos. Esse é o quadro do que aconteceria a Judá. Todavia, alguns eruditos preferem pensar que temos aqui uma descrição do que sucederá à terra antes que a era do Reino seja estabelecida. Parece melhor tomar esta passagem como uma imagem poética exaltada sobre o desastre total representado pelo ataque dos babilônios. Cf. o versículo a Eze. 38.20 e Sof. 1.3. "A terra ficou tão desolada que até as aves do céu não podiam encontrar alimento para seu sustento e, assim, tiveram de fugir para outra região" (Adam Clarke, *in loc.*).

4.26

Olhei ainda, e eis que a terra fértil era um deserto. A criação original produziu terras férteis que o homem logo transformou em um paraíso (jardim). Mas o ato anticriativo de Deus logo mudou tudo em deserto. Ruínas de cidades podiam ser encontradas, mas não pessoas. Foi a *feroz ira* de Deus que reverteu a criação do caos primevo. Judá se tornou uma terra deserta. O profeta olhou para as colinas aprazíveis de Judá, antes tão frutíferas e produtivas, mas só podia ver um deserto árabe que se tinha movido para o norte.

Desolação da Terra (4.27-29)

4.27

Pois assim diz o Senhor: Toda a terra será assolada. O contexto à nossa frente é de *ruína total*, mas temos a promessa (ou a glosa) de que "não a consumirei de todo". Poderíamos ter nessas palavras uma glosa mitigadora para permitir que uma réstia de luz continuasse a brilhar no meio de trevas que, de outra forma, seriam totais. Ou, então, essas palavras são genuínas e representam uma leve promessa, a despeito do fato de que a seção inteira diz o contrário. Mas se é uma glosa, então é influenciada pelas declarações de Jer. 5.10,18; 30.11. O deserto referido no vs. 26 aparece agora como uma *assolação*, que diz mais ou menos a mesma coisa. "O *caráter* e o *pacto* imutáveis de Deus são a base da misericórdia que deverá ser demonstrada, finalmente, para com Israel" (Fausset, *in loc.*).

> *Oh, salva-me deste dia,*
> *Este terrível Agora*
> *Que é um imenso pilar de poeira*
> *Que suga a ruína do mundo*
> *Em sua coluna.*
>
> (Stephen Spender)

4.28

Por isso a terra pranteará e os céus acima se enegrecerão. O destruidor golpe divino, anticriação, fará o mundo inteiro lamentar-se, enquanto os céus escurecerão. A tristeza será universal; a dor será a vida da época. Yahweh assim *decretou*, e Sua palavra não poderá ser frustrada. Nem Sua vontade o fará agir de outro modo. A idolatria-adultério-apostasia de Judá tinha atraído um Raio divino, e uma terra requeimada foi o resultado. "Tal como acontece com todos os poetas, a face da natureza parece simpatizar com o sofrimento humano (nas palavras de Jeremias). Cf. Amós 8.9 e Mat. 24.29" (Ellicott, *in loc.*). Cf. este versículo com Isa. 5.30 e Osé. 4.3. Quanto ao fato de que Deus "não se arrepende", ver Núm. 23.19. As figuras da terra chorando e do céu escurecendo denotam o horroroso caos em que a natureza será lançada pelo pecado agravado, seguido por um julgamento divino agravado.

4.29

Ao clamor dos cavaleiros e dos flecheiros fogem todas as cidades. Em vez de ficar nas cidades e ser morta, parte da população das cidades fugirá para os desertos, para os montes e para os bosques, onde se esconderá. A maioria será descoberta e morta; alguns morrerão de fome; alguns poucos sobreviverão e fugirão para outros lugares. Os sobreviventes que forem apanhados (a maior parte dos que fugirem) serão então deportados para a Babilônia, e o pequeno remanescente que sobreviver será escravizado e sofrerá toda a espécie de brutalidades. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Ver o vs. 9 quanto ao caos total em que a liderança de Judá cairá. Alguns estudiosos pensam estar em vista aqui a destruição de Jerusalém em 70 D. C., mas isso é anacronismo.

O Assassinato da Prostituta (4.30-31)

4.30

Agora, pois, ó assolada, por que fazes assim e te vestes de escarlate...? Judá (tal como Roma, em Apo. 18) é retratada como uma prostituta vestida de escarlate e enfeitada com seus ornamentos, assentada em suas "sete colinas", como se fossem o seu trono. Você poderá contemplá-la ali, tão elevada e pretensiosa, com o rosto pintado e totalmente enfeitada! Na realidade, porém, ela é mulher desolada, a meretriz que em breve os invasores assassinarão. Está em vista a idolatria-adultério-apostasia em que a mulher caiu, juntamente com seus muitos consortes (ver as descrições nas notas expositivas de Jer. 3.13). Entre seus amantes estavam os deuses da Babilônia! Mas isso não a salvaria na hora crítica. Jerusalém é aqui endereçada como se fosse uma meretriz que se tivesse enfeitado para impressionar os amantes, mas que encontrou a morte às mãos deles. Trata-se de uma figura ousada, empregada em outros lugares pelos profetas (cf. Jer. 13.20-27; Isa. 1.21-23). Ela *alargara os olhos* com pinturas, o que fala do uso de um pó mineral negro, até hoje usado pelas mulheres árabes (cf. II Reis 9.30; Eze. 23.40).

O termo aqui traduzido por "amantes" não é a palavra hebraica comum, mas o vocábulo *'oghebhim*. A raiz desse verbo significa "concupiscência", e o termo ocorre somente aqui e em Eze. 23.5,7,9,12,16,20, onde Samaria e Jerusalém são personificadas como prostitutas. Os *amantes* são as nações estrangeiras e suas idolatrias. Cf. Jer. 13.21. A referência é aos caldeus. O pensamento dos vss. 30-31 é muito próximo ao de Jer. 13.20-27" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Provavelmente a idéia é que a prostituta tentaria dissuadir os babilônios de seu ataque (cf. Eze. 16.26-29; 23.40-41), mas a manha não tenha funcionado. O projeto de assassinato estava no coração dos babilônios, e foi precisamente isso o que eles fizeram.

4.31

Pois ouço uma voz, como de parturiente. "Como uma prostituta rejeitada (ver Jer. 3.2-3); como uma mulher na angústia das dores de parto; como uma vítima impotente diante de seus assassinos, Jerusalém, a filha de Sião, estende as mãos em um fútil apelo e sofre sozinha a sua morte" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 30).

"O profeta traçou o quadro com terrível intensidade. De um lado estava Sião, como a meretriz, enfeitada com seu ouro, seu carmesim e seus cosméticos; do outro lado vemos a desconsolada e desesperada prostituta, na hora em que uma mulher mais se vê impotente, ultrajada e abandonada, estendendo os braços e implorando misericórdia da parte dos assassinos que a atacavam, mas implorando em vão" (Ellicott, *in loc.*). A figura da "mulher em trabalho de parto" aparece em Isa. 13.8; 21.3; 26.17; Jer. 6.24; 13.21; 22.23; 50.43; Miq. 4.9-10. O absurdo: a filha de Sião, reduzida à posição de prostituta, corria o risco de ser assassinada por seus amantes pagãos, e implorava misericórdia da parte de homens brutais que tinham prazer em matar.

Capítulo Cinco

A Excessiva Pecaminosidade de Israel (5.1-31)

A idólatra-adúltera-apóstata Jerusalém era incapaz de arrepender-se, o que também tornava impossível o perdão por parte de Deus. O expurgo do julgamento era o único remédio disponível para aquela horrenda situação. Os vss. 1-14 retratam os fúteis esforços de Jeremias por encontrar ao menos um homem justo na cidade. Os vss. 15-17 levam-nos de volta ao inimigo que vinha do norte (ver Jer. 4.5-6). Os vss. 18-19 são uma adição deuteronômica para explicar o exílio na Babilônia. O restante dos versículos dá descrições da total depravação de Judá. Nenhum grupo de pessoas, dentre a população de Jerusalém, escapava à corrupção generalizada.

Jeremias Busca em Vão por um Homem Bom em Jerusalém (5.1-14)

Pensemos em *Diógenes, o Cínico,* que percorria as ruas de Atenas, lanterna na mão, procurando alguém honesto. O homem que ele procurava deveria ser prudente e sábio, moderado em sua conduta, que não caísse em excessos. O homem procurado por Jeremias seria obediente à lei de Moisés, o *guia* da vida (ver Deu. 6.4 ss.). Seria um homem de fé procedente do coração (Pro. 4.23), limpo da idolatria-adultério-apostasia de Judá. Se Diógenes encontrasse um homem honesto, sua tese da total corrupção dos homens seria reprovada. Se Jeremias encontrasse um homem obediente, Yahweh até poderia perdoar Judá, dando-lhe segunda oportunidade para evitar o temível julgamento do cativeiro babilônico. Mas nem Diógenes nem Jeremias encontraram tal homem. Paulo tinha certeza quanto a essas coisas (ver Rom. 3.10 ss. Cf. Sof. 1.12).

5.1

Dai voltas às ruas de Jerusalém; vede agora, procurai saber, buscai pelas suas praças. As reformas de Josias foram em parte superficiais, e, após os seus dias, as coisas muito se desintegraram em Judá (cf. II Reis 22 e 23; II Crô. 34; 35 e 36.32). Cf. este versículo com Gên. 18.25,32, que também exibe uma busca inútil de alguns homens bons, que procuravam dar a Yahweh alguma razão para cancelar o julgamento que Ele tinha decretado. O homem obediente de Jeremias seria um líder que cuidasse da justiça social, certificando-se de que ela estava sendo cumprida. Então os poderosos deixariam de perseguir os fracos; os tribunais deixariam de ser corruptos; peitas não mais seriam empregadas para promover crimes, proteger os corruptos e influenciar testemunhas e juízes. Um homem bom, fosse ele de alta ou de baixa estirpe, buscaria a *verdade* de Yahweh na lei mosaica, aplicando-a, então, a si mesmo e a outros. Seria um homem que tanto repeliria como se oporia ativamente à idolatria e à apostasia na qual Judá tinha caído. Tal homem não poderia ser encontrado nos lugares altos nem nos bosques, fazendo o que está descrito em Jer. 13.13. Mas Jerusalém havia-se transformado em uma Sodoma, e o resultado dessa busca seria o mesmo que houve na antiga cidade (ver Gên. 18.23-33). Homens bons tinham deixado de existir. As chamas do julgamento tinham de sobrevir a Judá. A pequena quantidade de prata deixada no meio da escória generalizada tinha de ser refinada, a fim de que uma minúscula Nova Nação de Israel pudesse recomeçar.

Quanto à história de *Diógenes,* ver Laert. *Vit. Philosoph.* 1.6, parte 350. O pai de Kimchi supunha que os poucos homens bons deixados em Jerusalém estivessem escondidos, pelo que, nas praças e nas ruas, nenhum deles poderia ser achado. Jeremias, entretanto, não estava procurando por homens bons escondidos. Ele quis dizer tão-somente que Jerusalém se tornara uma capital pagã, tão corrompida como qualquer nação pagã, e igualmente merecedora do julgamento divino.

5.2

Embora digam: Tão certo como vive o Senhor; certamente juram falso. *Os apóstatas* continuavam a proferir juramentos em nome de Yahweh, mas faziam isso somente por convenção religiosa, e como corações que alcançavam o Ser divino. Ver sobre *Votos* no *Dicionário.* Em outras palavras, além de serem apóstatas, eram também hipócritas que proferiam belas palavras, mas não praticavam a retidão.

Sem dúvida, os juramentos feitos também incluíam os perjúrios. Eles falavam mentiras e davam falso testemunho o tempo todo, dizendo: "Assim como Yahweh vive, isto é verdade". O vs. 7 mostra que eles também juravam por outros deuses. Portanto, um *sincretismo* pecaminoso fazia parte da cena religiosa. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Falso Testemunho.*

5.3

Ah! Senhor, não é para a fidelidade que atentam os teus olhos? Yahweh, que procura a verdade no íntimo, tinha julgado preliminarmente Israel, mas isso não produziu bem algum, porque o povo apostatado tinha a face dura como pedemeira. Eles estavam fora do alcance do arrependimento. Chamamentos que os convidavam a "retornar" ao culto a Yahweh, e a uma fé sentida no coração (Pro. 4.23), eram regularmente repelidos, ao mesmo tempo que os judeus se complicavam cada vez mais. Eles exercitavam uma "recusa teimosa em arrepender-se" (Charles H. Dyer, *in loc.*), mesmo em meio a sofrimentos e a retrocessos. Não havia tristeza segundo a piedade (ver II Cor. 7.10), mas somente contínua recusa de corrigir qualquer situação (Jer. 7.28; Sof. 3.2). A cegueira judicial já lhes tinha sido imposta por Deus. Recusando-se a fazer o que deviam, tornaram-se incapazes de obedecer. Perderam a capacidade de tomar resoluções morais positivas.

5.4

Mas eu pensei: São apenas os pobres que são insensatos. Eles se tornaram *pobres* quanto à espiritualidade, *impotentes* quanto à verdade e à bondade, embora permanecessem fortes quanto ao mal. Eram especialistas nos caminhos do pecado e da destruição, mas não tinham educação divina que pudesse elevá-los acima do paganismo.

> *Deveras o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos*
> *néscios, e não entendidos; são sábios para o mal,*
> *mas não sabem fazer o bem.*
>
> (Jeremias 4.22)

Comparando os vss. 4-5, vemos que o profeta salientou, no vs. 4, o povo comum, onde poderíamos esperar encontrar ignorância e debilidade espiritual. Cf. João 7.48-49. Os governantes eram ainda piores, porque combinavam espiritualidade vazia com rebeldia. Jeremias não pôde encontrar seu *homem bom* entre o povo comum (ver o vs. 1).

5.5

Irei aos grandes, e falarei com eles; porque eles sabem o caminho do Senhor. *Desapontado* diante da natureza de baixa espiritualidade das classes populares, Jeremias passou a buscar seu homem bom entre os líderes da nação. Procurou pelos homens chamados *grandes*, e, de fato, alguns deles eram ricos e poderosos. Embora fossem intelectualmente instruídos na lei, a lei não lhes havia afetado o coração, que estava tão duro quanto a face deles (vs. 3). Os que conheciam a lei há muito tinham partido o jugo da lei, quebrando os laços que deveriam ter restringido e guiado sua conduta, pois a lei é o *guia* (Deu. 6.4 ss.). Assim sendo, se Jeremias encontrou os que eram "instruídos" na lei de Moisés, não achou um único homem verdadeiramente guiado por ela. Pelo contrário, achou a comum idolatria-adultério-apostasia que caracterizava toda a nação de Judá antes do cativeiro babilônico. Os príncipes e sacerdotes ainda eram piores que os agricultores e comerciantes. Mas a busca encetada por Jeremias não chegou a um único homem realmente bom. Jer. 2.8 dá um ponto de vista pessimista da qualidade da liderança de Judá. "Os grandes, tanto quanto os pobres, e os eruditos, tanto quanto os ignorantes, eram totalmente maus, e os primeiros em cada uma dessas classes ainda eram mais desafiadores contra todas as limitações convencionais" (Ellicott, *in loc.*).

5.6

Por isso um leão do bosque os matará, um lobo dos desertos os assolará, um leopardo estará à espreita... Esses *três animais,* todos matadores de homens — o *leão* (das florestas), o lobo (dos desertos) e o *leopardo* (dos campos) —, seriam enviados contra aqueles apóstatas. Muitos animais selvagens percorriam a Terra Prometida, e a morte pelo ataque de qualquer desses animais era um perigo constante, o que mostra a inspiração da figura simbólica. Provavelmente, há uma alusão ao ataque do inimigo vindo do *norte* (ver Jer. 4.5-6), em que o leão simboliza a Babilônia (ver Dan. 7.4). A pluralidade dos animais selvagens, cada qual oculto em seu hábitat específico, talvez fale de uma série de julgamentos, ou isso poderia resumir os detalhes de um único julgamento. Cada animal tinha seu próprio tipo de ferocidade e maneira de atacar. Todos eram eficazes matadores de homens. Temos aqui as qualidades de ferocidade, voracidade e esperteza, mas provavelmente não são três opressores específicos que estão em mira. Quanto ao leopardo que vigia as cidades e espera o momento apropriado de atacar, cf. Osé. 13.7. Os olhos dele observavam com intento hostil e assassino. Kimchi fez a figura tornar-se demasiado exata ao interpretar o leão como o *rei* hostil; o *lobo* como seu exército; e o *leopardo* como os oficiais do mesmo exército. E então Jarchi cometeu o mesmo erro, fazendo o leão ser a *Babilônia;* o lobo, a *Média-Pérsia;* e o leopardo, a *Grécia,* seguindo as orientações de Daniel e suas quatro bestas-feras (capítulo 7). Não é provável, entretanto, que esta profecia de Jeremias vá além da Babilônia. Cf. o versículo com Jer. 2.15; 4.7 e Hab. 1.8.

5.7

Como, vendo isto, te perdoaria: teus filhos me deixam a mim e juram pelos que não são deuses. Encontramos aqui uma lista simples dos tipos de corrupção nos quais Judá se envolveu. A persistência na variedade de pecados tirou deles a possibilidade do *perdão* (ver a respeito no *Dicionário*). Considere o leitor estes pontos:

1. De modo geral, o povo, ou seja, todos os filhos de Israel (Judá), havia esquecido Yahweh e Seu culto, e Sua lei nada mais significava para eles.
2. Eles se desviaram em uma desafiadora apostasia, jurando e fazendo promessas em nome de outros deuses, embora continuassem a dizer: "Yahweh vive, e eu juro por ele" (vs. 2). Assim sendo, eles tinham um paganismo sincretista e um paganismo puro, ambos abomináveis.
3. Embora Yahweh os tivesse feito prosperar (havia muito que comer), eles voltaram as costas para o seu Benfeitor, desenvolvendo seus sistemas de idolatria-adultério-apostasia. Quanto a uma vívida descrição a respeito, ver as notas expositivas sobre Jer. 3.13.
4. Eles se tornaram membros dos cultos de fertilidade dos cananeus, com seus adultérios literais e espirituais. Voltamos assim à figura da esposa infiel, que aparece em Jer. 3.1-2,13-14, onde forneço detalhes e outras referências bíblicas relacionadas.

Em casa de meretrizes. Acompanhe o leitor os seguintes pontos:

1. Talvez tenhamos aqui referência a casas de idolatria, públicas e particulares, onde eram praticados ritos de fertilidade.
2. Mas alguns eruditos vêem aqui casos de simples adultério, em que mulheres usavam suas casas para receber seus amantes, sem importar se o culto de algum deus estava ou não envolvido.
3. Talvez estejam em pauta bordéis.
4. Ou a referência pode ser geral o bastante para incluir toda a variedade de adultério que estava sendo praticada. As descrições de Jeremias demonstram a total paganização da nação de Judá.

5.8

Como garanhões bem fartos, correm de um lado para outro. Este versículo mostra-nos que o adultério, anotado no segundo ponto discutido no versículo anterior, era comum. Os que observarem um garanhão macho, quando ele se aproxima de uma égua no cio, compreenderão claramente a figura. O garanhão torna-se totalmente irracional e desavergonhado, e uma restrição violenta freqüentemente se faz necessária para impedi-lo de achegar-se à égua, se esse for o desejo de seu proprietário. De outra forma, o cavalo não faz perguntas nem pede permissão, mas simplesmente procede com o ato procriador, completamente *louco;* e, pelo menos naquele momento, assim realmente está o garanhão. Os varões de Judá viviam assim, e as mulheres estavam permanentemente no *cio,* o que significa que não havia limites para os adultérios. Jeremias acrescentou o detalhe de que aqueles cavalos selvagens eram fortes e bem alimentados. Eram "fortes e capazes", conforme diz certa expressão idiomática. A *ansiedade* deles ao aproximar-se das fêmeas faz parte da figura, e isso descreve bem o que acontece entre os sexos. O Targum inclui no quadro os cavalos dos campos e dos bosques, que são ainda mais selvagens que os cavalos domésticos. O *relincho* era e continua sendo um sinal óbvio da *concupiscência* dos cavalos. Os varões de Judá tinham todos os sinais do desejo de satisfazer os impulsos sexuais a todo momento.

5.9

Deixaria eu de castigar estas cousas, diz o Senhor...? A variedade de pecados sumariados no vs. 7 inevitavelmente tinha de atrair a punição de acordo com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*). O povo estava fora do alcance do perdão, em um estado de cegueira judicial. Existem algumas coisas que Deus faz melhor através do julgamento, o qual é sempre remediai, e não meramente retributivo. Este versículo deixa claro que parte do julgamento divino consiste em vingança. As pessoas têm de pagar pelo mal que praticam. Mas o *pagamento,* em si mesmo, é o primeiro passo na direção do *benefício.* Um leão não ruge sobre um monte de palha, mas quando está próximo de sua presa, então ele rosna, como um sinal de sua ira, de sua natureza assassina e de seu desejo de ferir. Nada há de inocente no rugir do leão. Assim também a Babilônia em breve estaria rugindo sobre Jerusalém, pronta a cortá-lo com os dentes, para feri-lo e matar seus habitantes; e isso seria a intervenção de Yahweh contra uma multidão de pecados. Cf. este versículo com as passagens de Jer. 5.29; 9.9 e 44.22.

5.10

Subi vós aos terraços da vinha, destruí-a, porém não de todo. *Uma Figura do Julgamento Divino.* A destruição da vinha tornou-se uma figura de como os babilônios entrariam em Israel (Judá) para efetuar um aniquilamento quase completo. Os muros e as cercas de proteção tornar-se-iam inúteis, e então os cavalos entrariam na vinha e tudo destruiriam, fileira após fileira, exterminando a plantação. Uma terra desolada seria deixada ali. Tal como em Jer. 4.27, houve o mandamento para não destruir absolutamente tudo. Uma pequena parte teria de ser poupada para a futura restauração, terminado o exílio babilônico. Outro tanto se vê no vs. 18 deste capítulo, onde certa medida de misericórdia é mencionada. Alguns eruditos vêem nesses limites glosas de mitigação, embora não haja maneira de provar a tese. É melhor supormos que a misericórdia tenha intervindo para salvar algo, com vistas a uma volta futura de Judá.

Quanto a Israel como uma vinha, cf. Jer. 2.21 e Isa. 5. Algumas vezes a figura é *negativa:* a vinha é azeda e produz vinho azedo; por essa razão, precisa ser destruída. De outras vezes, a figura é *positiva*: Israel é o cultivo de Deus visando o bem. Cf. este versículo com Jer. 52.7,14 e Amós 3.9.

5.11

Porque perfidamente se houveram contra mim. A *razão* para a destruição da vinha era a completa *infidelidade* de Judá, que, provavelmente, indica a figura da *esposa-prostituta* de Jer. 3.1-2,13-14. A parada de pecados tinha de terminar em algum lugar, em algum tempo. A apostasia de Judá estava desgastando Yahweh. O toco das vinhas seria deixado no solo para que houvesse algum cultivo futuro, porquanto, no presente, a desolação substituiria a abundância, e a destruição tomaria o lugar da vinha brava, que não tinha mais uso para Deus (ver Jer. 2.21). Cf. este versículo com Jer. 3.20. A esposa sem préstimos e a vinha sem utilidade eram figuras apropriadas para o povo idólatra-adúltero-apóstata.

5.12

Negaram ao Senhor e disseram: Não é ele. Eles incorreram no erro de tornar Yahweh uma deidade *deísta.* Para os judeus, Deus nada faria, nem de positivo nem de negativo, sobre a apostasia de Seu povo, porquanto era *indiferente.* O *deísmo* ensina que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou sua criação às leis naturais. O *teísmo,* em contraste, ensina que Deus intervém em Sua criação, recompensando e punindo, aplicando assim Sua providência negativa e positiva. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário,* e ver também sobre *Providência de Deus.* Assim sendo, Judá tanto subestimou quanto julgou erroneamente a Yahweh. Eles falaram falsamente a respeito do Senhor, reduzindo-O a uma deidade deísta, um Deus que nada faz, nem está interessado nos negócios dos homens.

O Senhor não faz bem nem faz mal.

(Sofonias 1.12)

"Não há juiz; e, portanto, também não haverá julgamento. Eles negavam ao Senhor e eram ateus em seu coração" (Adam Clarke, *in loc.*). Mas a espada dos babilônios já estava pendurada, ameaçadoramente, sobre a cabeça deles, e a fome seguir-se-ia a uma destruição generalizada. Eles diziam ter fé em todas as espécies de deuses, mas eram, na verdade, *ateus práticos,* porquanto agiam como se Deus não existisse. Ver Sal. 14.1.

5.13

Até os profetas não passam de vento, porque a palavra não está com eles. Os falsos profetas eram "sacas de vento", conforme se diz em um idioma popular. Estavam cheios de ar quente, nada dizendo de verdade, falando mentiras sobre a segurança e sobre como os deuses de Judá tomariam conta dos judeus. "Eram como um vento vazio. A palavra de Deus não estava neles" (NCV). Mas nem isso deteve o julgamento divino. Uma conversa suave não era capaz de anular a dura realidade.

As suas ameaças se cumprirão contra eles mesmos. Considere o leitor estes pontos:

1. Provavelmente temos aqui uma referência à *espada* e à *fome* do vs. 12, ameaçada empregada por Yahweh.
2. Alguns vêem uma profecia de mau agouro contra os inimigos de Judá. Tais profecias de condenação cairiam sobre Judá, e não sobre a Babilônia. A frase é vaga e deixa os intérpretes a conjecturar.
3. Ou então os falsos profetas fizeram ousadas predições contra as verdadeiras predições de Jeremias, e o que eles disseram realmente aconteceria, mas contra eles mesmos.
4. Ou o vs. 13 é uma zombaria contra Jeremias e os verdadeiros profetas. Eles foram chamados de "sacolas de vento", mas subitamente esse vento transformar-se-ia em *fogo.* Por isso, Fausset chama o vs. 13 de "uma continuação da linguagem incrédula dos judeus". Jeremias, diziam eles, não era um profeta divinamente inspirado. Mas em breve essa tese seria comprovada como

falsa, quando aconteceu aquilo que ele previu. Quanto ao jogo de palavras com o termo *ruah* (que pode significar "vento" ou "Espírito"), ver as notas sobre o vs. 14.

5.14

Portanto assim diz o Senhor, o Deus dos Exércitos. Este versículo parece favorecer a última interpretação dada no versículo anterior. Note o leitor o jogo de palavras. As palavras dos profetas que predisseram o desastre para Judá foram chamadas "ruah" (vento), por parte do povo. A palavra "espírito" é outra tradução possível do mesmo termo. O povo de Judá costumava dizer: "Esses profetas de condenação nada são senão vento; não eram inspirados pelo Espírito". Mas o *vento* não tardaria a transformar-se em *fogo,* e esse fogo devoraria os pecadores que escarneciam da palavra de Deus. Cf. Jer. 1.10, onde encontramos idéia similar.

"O *ruah,* o vento vazio, agora sopra as palavras do Senhor para que se transformem em fogo" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Restariam somente cinzas do que havia sido um país orgulhoso. O fogo tornou-se um simbolismo comum para o julgamento. Ver Isa. 30.33 e Jer. 4.4. Quando a doutrina de punição no além-túmulo entrou na teologia dos hebreus, foi apenas natural empregar esse símbolo com essa significação. Porém, nenhuma nada disso está em vista aqui.

A Chegada Iminente do Inimigo (5.15-17)

5.15

Eis que trago sobre ti uma nação de longe, ó casa de Israel. O profeta Jeremias retornou ao inimigo do *norte,* embora aqui ele não nos dê orientações. Ver o capítulo 4. A descrição é muito geral e poderia adaptar-se a qualquer número de atacantes, mas considerando o pano de fundo histórico de Jeremias provavelmente está em vista a Babilônia. As descrições vão além de ameaças menores. Ver também Jer. 1.1-15; 4.5-31 e 6.22-26.

A nação "de longe" — tão distante que seu idioma seria desconhecido para o povo de Judá — faria tamanha confusão que uma destruição quase total seria efetuada, o que dificilmente se ajustaria a qualquer outra nação exceto a Babilônia. Ver o vs. 18, que tem paralelos em outras passagens que descrevem aquele povo. A linguagem da Babilônia também tinha origem semita, mas os judeus só podiam entender algumas poucas palavras. As classes mais educadas de Israel provavelmente a compreendiam, de forma bastante generalizada, mas por certo o mesmo não acontecia com a massa do povo. Ver II Reis 18.26,28, quanto a uma ilustração na qual estão em vista os assírios, que tinham um idioma parecido com o dos babilônios.

5.16

A sua aljava é como uma sepultura aberta. Todos os invasores eram *guerreiros poderosos,* habilidosos com o arco e a flecha e outros armamentos, de tal modo que sua aljava era como uma sepultura aberta, tamanho seu potencial de matar. A *flecha* representava o ato de matar na guerra, em geral, e o autor enfatiza o exército babilônico como uma máquina de guerra. Que estrangeiros, vindos de uma terra distante, pudessem descer e aniquilar Jerusalém, era algo especialmente amargo. Os estrangeiros, com seu idioma desconhecido, adicionavam amargura à sorte dos israelitas. Cf. Isa. 28.11 e Deu. 28.49.

"A aljava é toda-devoradora, tal como o sepulcro aberto recebe os cadáveres; tantas quantas forem as flechas, assim também serão as mortes" (Fausset, *in loc.*). Aqueles homens temíveis eram tão habilidosos que nunca erravam o alvo. Uma flecha atirada significava um homem morto. Uma aljava vazia apontava para muitos sepulcros cheios.

5.17

Comerão a tua sega e o teu pão, os teus filhos e as tuas filhas. Continua aqui a idéia de *devorar* vidas, pois a Babilônia, o leão, nunca enchia seu estômago de destruição. O ato de devorar atingiria todas as coisas: as plantações seriam usadas como alimentação, e eles nada deixariam, senão devastação. Os filhos e as filhas dos judeus seriam engolidos com um sorriso nos lábios; os animais domésticos seriam transformados em alimento para as hordas invasoras; as vinhas supririam o vinho para suas orgias vitoriosas; as cidades fortificadas não demorariam a ruir diante dos monstros da destruição; a espada devoradora, contra a qual não havia defesa, mataria centenas e milhares de pessoas.

Explicação do Exílio (5.18-19)

5.18

Contudo, ainda naqueles dias, diz o Senhor, não vos destruirei de todo. Cf. as passagens bíblicas similares de Jer. 9.12-14; 16.10-13; 22.8-9; Deu. 29.22-28; I Reis 9.8-9.

A seguinte pergunta sem dúvida seria feita, com bastante freqüência: "Como Yahweh permitiria que tais coisas acontecessem, e com o Seu próprio povo?". A resposta é dada nestes quatro pontos:

1. A matança não seria *absoluta* e a destruição não seria total. A esperança sobrevivia. Haveria um novo começo. Já encontramos essa afirmação em Jer. 4.27 e 5.10.
2. A resposta padronizada era que uma *apostasia traiçoeira* (Judá era *esposa infiel;* ver Jer. 3.1-2,13-14) *requeria* severo juízo que seria, ao mesmo tempo, retributivo e curador.
3. Havia em todo o incidente um *propósito* divino. Yahweh controla as atividades humanas. Ver Isa. 13.6 quanto a esse aspecto.
4. Existe um *universo moral,* e Judá, quebrando todas as leis morais e manifestando-se contra a lei de Moisés, padrão e guia de conduta, não estava isento de medidas corretivas. "O julgamento tinha por intuito ser reformador, e não meramente penal" (Ellicott, *in loc.*).

5.19

Quando disserdes: Por que nos fez o Senhor nosso Deus todas estas cousas? Este versículo apresenta a *segunda resposta* à pergunta, conforme menciono de modo abreviado nas notas sobre o vs. 18. A radical idolatria-adultério-apostasia de Judá não podia ser ignorada pela mente do Senhor. A salvação para todas as nações deveria ter a nação de Israel como mediadora, mas, se Israel era pagã, como isso poderia acontecer? Muita coisa estava em jogo. O povo em pacto com Deus tinha de ser tratado de maneira adequada, ou sua missão cairia por terra.

Este versículo mostra uma aplicação da *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, *retribuição segundo a gravidade do caso.* Visto que Judá servia a "deuses estrangeiros", por isso mesmo teria de sofrer um *cativeiro no estrangeiro.* A *Lex Talionis* é uma aplicação especial da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Essas leis fornecem a quinta resposta dada nas notas sobre o vs. 18. Vivemos em um universo moral. As leis morais haverão de vencer no fim, pois, do contrário, este universo é apenas uma forma de caos.

Cf. este versículo com Deu. 28.47-48. Emanuel Kant baseou um argumento em favor da existência tanto da alma humana quanto de Deus sobre a necessidade moral. É claro que a justiça raramente é servida neste mundo. Portanto, para que isso seja realizado, deve haver um pós-vida, e os homens, em sua alma, têm de estar presentes para receber suas devidas recompensas ou punições. Além disso, forçoso é que haja um Poder e Inteligência à altura da tarefa, para garantir que a justiça (no pós-vida) seja feita no caso de todos os homens. A esse Poder e Inteligência chamamos Deus. Se não aceitarmos esse raciocínio, então teremos de afirmar que o verdadeiro deus deste mundo é o *caos.*

Temor e Respeito Devidos Não Eram Prestados a Yahweh (5.20-25)

5.20

Anunciai isto na casa de Jacó. *Yahweh-Elohim* como Criador e Sustentador do universo é uma antiga doutrina dos hebreus. Isso, porém, não impediu que o povo de Israel adorasse os ídolos e se paganizasse, exercendo seu ateísmo prático. "A teimosia tola de Judá fechou seus olhos e seus ouvidos para os manifestos atos de Deus (ver Pro. 1.7; Isa. 6.9-10; Mat. 13.10-15)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

O oráculo especial emitido através de Jeremias precisava ser publicado. A "casa de Jacó" (o antigo povo em pacto com Deus) tinha de ouvir sobre as coisas atinentes. Judá era o objeto do oráculo, pois essa tribo era tudo quanto restava do antigo povo de Israel. O que acontecera à nação do norte, Israel, não tornou Judá nem um pouco mais sábio. Por isso, tantos oráculos foram publicados com tão poucos resultados. Israel era duro como o aço.

5.21

Ouvi agora isto, ó povo insensato e sem entendimento. Quanto a versículos similares a este, o chamado para os tolos ouvirem e para os espiritualmente cegos verem, cf. Isa. 6.9; Eze. 12.2; Mat. 13.14; João 12.40; Atos 28.26; Rom. 11.8; Osé. 7.11. "Somente o Senhor pode dar olhos e ouvidos espirituais. Quanto aos que não buscam essas coisas da parte do Senhor, Ele envia cegueira e surdez judiciais. Ver Deu. 29.4 e Isa. 6.9" (Fausset, *in loc.*). Judá se tornara cego e surdo como os ídolos aos quais servia (Sal. 115.4-8).

5.22

Não temereis a mim? diz o Senhor; não tremereis diante de mim...? Quanto ao *temor do Senhor,* expressão veterotestamentária para a espiritualidade, ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Temor.* Judá recusava-se a *temer* ou reverenciar a Deus, que era a base de sua ignorância

voluntária sobre Deus, bem como de sua crescente apostasia paganizadora. Essa nação não percebia que estava tratando com o Poder Criativo que confinara os oceanos por Seu decreto. Pois embora os Seus decretos tivessem criado e governassem a natureza, Sua Lei não confinava Judá nem a tornava obediente. Portanto, o que Deus fazia na natureza, não era capaz de fazer com Seu próprio povo, por causa da idolatria-adultério-apostasia dos judeus. É nisso que vemos quão *desnatural* é o pecado, pois, se a natureza corresponde a Deus como a coisa mais natural a ser feita, o homem não obedece por causa de sua perversidade.

"Embora o próprio *mar* permaneça dentro dos limites impostos pela *barreira eterna* (ver Jó 38.10; Sal. 104.9), o povo de Judá recusava-se a permanecer dentro dos limites do pacto de Deus. Pelo contrário, eles voluntariamente se *desviaram* e seguiram por uma vereda errada" (Charles H. Dyer, *in loc.*). As ondas, personificadas, são vistas como rugindo e esforçando-se, mas sem ultrapassar as barreiras determinadas por Deus. Mas Judá, desde há muito, expandira suas fronteiras, a fim de incorporar todas as espécies de cultos pagãos, deuses, adultérios e perversões. Ver Jer. 3.13 quanto a isso. A *grandiosidade* de Deus era suficiente para fazer parar o mar, mas seria necessário o julgamento divino para fazer Judá parar. Somente dessa maneira Deus seria capaz de restringir a "força selvagem" representada por Judá.

5.23

Mas este povo é de coração rebelde e contumaz. O povo de Judá tinha coração teimoso, mais forte do que o poder do mar. Uma rebeldia espiritual logo tirou esse povo de suas fronteiras espirituais e lançou-o às terras da corrupção pagã. Yahweh conquistou o mar por meios naturais, mas para controlar Seu povo teve de apelar para a violência. A maioria cairia morta diante dos soldados babilônios, e não haveria remédio para os desviados e rebeldes de Judá. Alguns poucos, entretanto, deixar-se-iam corrigir, e um novo começo seria possível. "Os elementos estão sujeitos à vontade de Deus, mas a rebelde vontade humana, com seu fatal dom da liberdade, tem o poder de resistir à vontade divina" (Ellicott, *in loc.*). Tal situação só pode terminar em desastre. Cf. este versículo com Jer. 6.28. Lamentava-se Dostoievski: "O homem é aquela criatura sem senso de gratidão", e isso levou Judá a resistir aos poderes superiores que, finalmente, tiveram de entregá-lo à destruição. Note o leitor o ponto de vista básico de Jeremias a respeito da justiça; a *futilidade* da rebelião de Judá contra Deus formou um ato *patético*, irônico e trágico.

5.24

Não dizem consigo mesmos: Temamos agora ao Senhor nosso Deus. O *Grande Benfeitor* foi ignorado, Suas obras misericordiosas foram desprezadas. A natureza trabalhou em favor de Judá, provendo as chuvas necessárias, tanto as primeiras como as últimas, para que houvesse boas colheitas (ver sobre *Chuvas Anteriores e Posteriores*, no *Dicionário*). Mas o rebelde povo de Judá vivia destituído do sentimento de gratidão e apelava para os deuses da fertilidade, para os deuses da natureza e para cultos perversos empregados na sua adoração. Cf. algo similar em Rom. 1.28:

> *Por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem cousas inconvenientes.*

Rom. 1.28 mostra que os pagãos haviam perdido sua capacidade de ser *agradecidos* no tocante às provisões de Deus, e outro tanto sucedeu a Judá, quando essa nação se paganizou. Eles perderam de vista as providências de Deus na natureza e, assim, em breve, também se perdeu Sua providência para protegê-los de invasores estrangeiros. Cf. este versículo com Deu. 11.14; Pro. 16.15 e Tia. 5.7.

5.25

As vossas iniqüidades desviam estas cousas. A rebelião e iniqüidade generalizada (cf. Rom. 1.28 até o fim do capítulo) em breve fez a maré da bondade de Deus transformar-se em castigo. Cessaram as coisas boas que eram dadas por Deus, e as coisas ruins que eles temiam as substituíram. Cessaram as chuvas; fracassaram as plantações; a fome se generalizou; as doenças acometeram o povo; e os babilônios em breve atacariam. Cf. este versículo com Jer. 3.3.

A Maldade dos Poderosos (5.26-29)

5.26

Porque entre o meu povo se acham perversos; cada um anda espiando. Os que tinham mais dinheiro e poder para promover atos malignos eram, naturalmente, os maiores apóstatas. Eles perpetravam pecados de sangue, agindo como caçadores que tomavam a presa e a destruíam. Eles tiravam vantagens pecuniárias de seus crimes e apreciavam o processo. Um severo julgamento divino tornou-se inevitável, a fim de que o *caos moral* não se transformasse em um *deus*. "Judá tinha de ser punida (vs. 9), por causa de sua tolerância com os que enriqueciam defraudando os indefesos (ver Deu. 24.17-18; Amós 2.6-7). Como se fossem passarinheiros, eles apanhavam aves indefesas em suas redes, punham-nas em cestos e transformavam-nas em alimento. Também aprovavam, de todo o coração, sacerdotes e profetas perversos (ver Jer. 6.13-15; 23.9-22; Miq. 3.5-8)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre este versículo). Cf. Pro. 1.11,17-18; Hab. 1.15; Sal. 7.15, onde vemos atos de violência, transtorno da ordem social, profundo egoísmo que desconsiderava até os direitos de vida de outras pessoas, visando o lucro individual. Estamos falando aqui da mente criminosa que desfruta o ódio ao próximo, a violência e o sofrimento alheio. Para eles, roubar e matar não passam de esportes, muito mais que um meio de obter lucro.

5.27

Como a gaiola cheia de pássaros, são as suas casas cheias de fraude. Um passarinheiro geralmente é bem-sucedido. Suas gaiolas vivem repletas de passarinhos. Ele vive apanhando e destruindo aves inocentes. Essa é sua profissão e maneira de vida. Por semelhante modo, os passarinheiros espirituais andam cheios de engano e assassinato e enchem suas casas com bens furtados. O resultado é que se tornam muito ricos, às expensas de terceiros; quando surgem as dificuldades, eles subornam as testemunhas e os juízes, em razão do que nada sofrem por suas más ações.

A gaiola. Uma cesta grande de vime que os passarinheiros usam para guardar (temporariamente) muitos pássaros, quando passam pelos campos recolhendo aves presas em suas redes. Ver Amós 8.1-2. A figura usada aqui é a de um passarinheiro bem-sucedido, que nunca falha. Assim também aos ímpios e violentos de Judá nunca faltavam vítimas; esses homens continuavam juntando riquezas.

> *Eis que são estes os ímpios; e sempre tranqüilos, aumentam suas riquezas.*
>
> (Salmo 73.12)

5.28

Engordam, tornam-se nédios e ultrapassam até os feitos dos malignos. Tendo dinheiro e poder para escapar à punição, seus bens, sempre adquiridos mediante a violência, vão aumentando. E eles também se tornam cada vez mais ousados em seus crimes, e não hesitam em prejudicar os indefesos, como órfãos e viúvas. Nunca defendem uma boa causa, mas usam os tribunais para fomentar sua violência e perversidade. Visto que peitam testemunhas e juízes, todos os dias o tribunal tem uma causa ganha para eles. Cf. Isa. 1.23. Mas essa "prosperidade" em seus caminhos depravados não deterá o golpe divino do julgamento que inevitavelmente sobrevirá. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) algum dia terá de fazer o balanço de suas contas correntes com Deus. "O profeta Jeremias não somente se demorou em relação à prosperidade dos ímpios, mas também em relação à indiferença calosa deles, quanto ao bem-estar dos pobres e dos desamparados" (Ellicott, *in loc.*). "Eles ultrapassavam até os próprios gentios em iniqüidade (ver Jer. 2.10-11; Eze. 5.6-7). Transformavam os juízos de Deus em maldade, mais ainda do que faziam os povos gentílicos" (Fausset, *in loc.*). Ver também Zac. 7.10. Quanto aos ímpios que prosperam, ver Jó 12.6; Sal. 73.12 e Jer. 12.1. O rosto nédio e brilhante dos ímpios, que assim se tornaram por sua prosperidade e excessos, em breve estamparia distorções e tristeza. Eles se tornaram "grandes e gordos" (NCV), mas em breve estariam reduzidos a meros esqueletos.

5.29

Não castigaria eu estas cousas? Da mesma maneira que os decretos de Yahweh controlam o mar (vs. 22), também Sua providência positiva controla as chuvas e as colheitas; e assim como Ele observa homens ímpios a explorar seus semelhantes, causando grande confusão na sociedade, também a *providência negativa* de Deus deve cobrar as penalidades apropriadas dos apóstatas e violentos. "A punição também fica implícita no feito. É impensável que as ordenanças de Deus fossem violadas indefinidamente" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Cf. Mal. 3.5; Gál. 6.7-8. Ver também o vs. 9 deste capítulo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* vários artigos sobre *Julgamentos*. Um mundo sem julgamento contra o erro seria moralmente caótico, desalinhado com a *santidade* de Deus. Mas um mundo somente com julgamentos retributivos, sem nenhuma medida de poder remediai, seria algo contrário ao *amor* de Deus.

Pecados dos Profetas e dos Sacerdotes (5.30-31)

5.30-31

Cousa espantosa e horrenda se anda fazendo na terra. Judá, sociedade totalmente paganizada e corrupta, naturalmente tinha profetas e sacerdotes corruptos

que se tornaram líderes de cultos idólatras, abandonando o culto de Yahweh. Foi assim que algo *espantoso e horrendo* aconteceu: os profetas apresentavam profecias mentirosas; e os sacerdotes desempenhavam seu serviço de maneira voluntariosa, autodirigida, e não conforme a direção de Yahweh. Eles "tomaram o poder em suas próprias mãos" (NCV), provavelmente envolvendo toda a espécie de crimes e abusos, e não mera liderança quanto a cultos falsos. No entanto, todas aquelas aberrações não somente foram toleradas e aceitas, mas até "amadas" pelo povo, segundo diz a Revised Standard Version. Contudo, haveria um *fim* em todo esse caos e iniqüidade, quando os babilônios varressem Judá, aniquilando as cidades, inclusive Jerusalém. "As palavras implicam mais do que a aquiescência diante do mal, pois descrevem uma condição ética parecida com a de Rom. 1.32. Mas os que já se precipitavam na direção da destruição não teriam poder para evitá-la" (Ellicott, *in loc.*).

"Falsos profetas e sacerdotes mundanos têm sido, em todas as épocas, a perdição da religião e a ruína de muitas almas. Todavia, o quadro se complica quando um povo devasso se levanta para defender sacerdotes devassos. É então que a corrupção atinge seu ponto culminante" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 14.14; 23.15-16; Miq. 2.11 e Eze. 13.6.

Capítulo Seis

Este capítulo continua a apresentar a extensa seção iniciada em Jer. 3.6. Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 5 e 6. O capítulo 5 demonstrou a total pecaminosidade de Judá. Os vss. 15-17 reiteram a ameaça dos invasores vindos do norte (embora a palavra "norte" não seja usada), conforme visto no capítulo 4 de Jeremias. Este sexto capítulo, pois, nos leva de volta à ameaça de invasão. São dados dois poemas adicionais sobre o tema: os vss. 1-8 e os vss. 22-26. O povo de Judá continuou totalmente corrompido, sem nenhuma inclinação para o arrependimento, a despeito de reiterados avisos e admoestações (vss. 9-15). As antigas veredas da fé histórica dos hebreus tinham sido abandonadas. Alguns judeus continuavam a confiar em meros rituais (vss. 16-21), sem nenhuma fé no coração.

Ameaças e Advertências (6.1-30)

Jerusalém Será Atacada (6.1-8)

6.1

Fugi, filhos de Benjamim, do meio de Jerusalém. Estes versículos descrevem a aproximação dos inimigos vindos do norte. O capítulo 4 diz o que iria suceder, e o tema é repetido em Jer. 5.15-17. "A certeza do julgamento vindouro é anunciada neste capítulo. Nos vss. 1-3, Jeremias usa novamente o símbolo de um alarma que soou para anunciar a invasão iminente (cf. Jer. 4.5-6). Esse foi um sinal acerca do ataque dos babilônios. O povo de Benjamim (cf. Jer. 1.1), exatamente ao norte de Jerusalém, deveria *fugir para por-se em segurança*. Porém, em vez de parar na capital da nação, eles deveriam *fugir de Jerusalém* e continuar dirigindo-se para o sul. A *trombeta* soaria em Tecoa, cerca de 18 km a sudeste de Jerusalém (ver Amós 1.1). Então, sinais de fogo seriam acesos em Bete-Haquerém, um ponto vantajoso a meio caminho entre Jerusalém e Belém. Isso avisaria os habitantes da terra para fugirem" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Conforme a descrição bíblica, a destruição seria imensa e inevitável. Todos os convites ao arrependimento tinham sido ignorados. Dou no *Dicionário* artigos sobre os vários nomes próprios citados nestes versículos.

A Revised Standard Version traduz o vs. 1 com maior exatidão do que a maioria das traduções, apresentando-nos um monstro grande e personificado que olha na direção sul para ver quais vítimas poderia fazer. Deus não conseguia mais tolerar a ímpia-idólatra-adúltera-apóstata Judá. Tinha chegado o dia da prestação de contas.

6.2

A formosa e delicada, a filha de Sião, eu deixarei em ruínas. Judá, a adúltera esposa-meretriz seria destruída. Quanto à figura da esposa-prostituta, ver Jer. 3.1-2,13-14. Diz aqui o Targum: "Ó bela e delicada, como corrompeste os teus caminhos? Portanto, a congregação de Sião foi confundida". A bela jovem era uma princesa, uma rainha procedente das melhores famílias, bem criada, "frágil e gentil" (NCV), "formosa e delicada" (nossa versão portuguesa), "atrativa e delicadamente criada" (RSV). Mas a jovem era totalmente corrompida, e em breve seria assassinada por seus amantes, conforme vemos em Jer. 4.31. Cf. Zac. 3.9.

6.3

Contra ela virão pastores com os seus rebanhos. O profeta Jeremias estranhamente comparou o exército invasor com pastores que trazem seus rebanhos para certo trecho de terreno. Cf. Jer. 1.15; 4.17; 49.20 e 50.45. Os generais dos exércitos eram os pastores; e os rebanhos eram seus exércitos. Eles conquistaram completamente a cidade de Jerusalém em derredor, vivendo das plantações que os agricultores judeus tinham cultivado com tanta diligência. Estando nos campos, eles contemplavam com vagar Jerusalém, a próxima vítima. Em breve avançariam na direção da capital e espalhariam seu terror.

6.4-5

Preparai a guerra contra ela, disponde-vos, e subamos ao meio-dia. Temos aqui a *descrição gráfica* da preparação para o ataque contra Jerusalém. Os pastores e seus rebanhos, nos campos que circundavam Jerusalém (vs. 3), eram os generais e seus exércitos. Eles estavam no controle das coisas, sem pressa quanto à questão. Jerusalém era a maior e mais sumarenta uva da vinha que a Babilônia podia e realmente haveria de apanhar. A própria vinha seria devastada e transformada em terra devoluta (ver Jer. 5.10). O ataque estava preparado para ser desfechado ao meio-dia, mas as coisas não se movem com tanta presteza como se espera. O dia estava declinando, e isso serviu de certa consternação para o inimigo. Porém, em vez de esperar que outro dia raiasse (conforme faria a maioria dos exércitos), eles resolveram lançar um terrível ataque *noturno* (vs. 5). Eles não descansaram ao meio-dia para alimentar-se, ansiosos que estavam para iniciar o esporte da guerra, onde ganhariam grandes salários pela matança. O saque era o salário dos antigos exércitos.

6.6

Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Cortai árvores. Yahweh, o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15, bem como no *Dicionário*, quanto a este título). é agora pintado como o Comandante-em-chefe dos exércitos babilônios, por ser essa a Sua vontade, e porque eles queriam obedecer. Ver Isa. 13.6 quanto à idéia de que Deus controla as atividades dos homens. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. "Deus dirigiu os soldados babilônicos, enquanto eles construíam rampas de assédio para romper as defesas da cidade (cf. Eze. 4.1-2)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Yahweh estava prestes a vingar-se de Judá por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Visto que nada havia senão *opressão* dentro da cidade (toda a justiça social tinha sido ignorada; ver Jer. 5.26-29), haveria gigantesca opressão externa. Por conseguinte, os opressores seriam oprimidos, de acordo com a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, a retribuição segundo a gravidade da ofensa. Cf. Eze. 4.2.

6.7

Como o poço conserva frescas as suas águas, assim ela a sua malícia. *A Fonte Imunda.* A iniqüidade de Jerusalém era tão profusa que foi comparada a um poço ou fonte que jamais deixava de expelir águas que chegavam a cobrir a terra. E nunca tinha fim o fluxo de violência e destruição. E então foi usada outra figura: o corpo *enfermo* e o corpo *ferido*. As enfermidades eram uma constante, e ferimentos estavam sempre sendo feitos na cidade. "Posso ver a enfermidade e os ferimentos de Jerusalém" (NCV), resultantes da violência e da opressão. Jerusalém era como um corpo pútrido, cheio de feridas e pústulas. "A doença era da alma, resultante de sua alienação de Deus. A violência é a indescritível sucessão de hostilidades interligadas, em que almas condicionadas pelo mal vivem perpetuamente trabalhando umas contra as outras" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Ver instâncias de violência insensata no tempo de Manassés, Amom e no intervalo antes da subida ao trono de Josias (ver II Reis 21.16,24; Isa. 57.20). Todas essas coisas eram feitas "na presença de Yahweh", defronte de Seus olhos que tudo vêem. E o Senhor considerava os homens responsáveis por toda a depravação que demonstravam. A lei da colheita segundo a semeadura não falharia, porém.

6.8

Aceita a disciplina, ó Jerusalém, para que eu não me aparte de ti. *Outro Chamado ao Arrependimento.* Durante todo o livro de Jeremias, encontramos convites regulares ao arrependimento. Mas não há nenhuma indicação de que esses convites tenham tido o menor efeito. As ameaças de julgamento vinham incansavelmente. Judá apostatara completamente e já ultrapassara os limites da recuperação. "Temos aqui um terno apelo, em meio às ameaças, a fim de que Yahweh (Seu Espírito) não se apartasse deles, ou seja, literalmente *fosse rasgado* deles. O *afeto* do Senhor por Jerusalém era tão grande e profundo que seria necessário que Ele se rasgasse deles. Cf. Eze. 23.18; Osé. 9.12; 11.8" (Fausset, *in loc.*).

Para que eu não me aparte de ti. "A glória shekinah de Deus, ou Presença divina, com todos os sinais de Seu amor, favor e boa vontade. Diz o Targum: 'Para que a minha palavra não te lance fora'. Cf. Rom. 11.1" (John Gill, *in loc.*). Cf. este versículo com Eze. 23.11. A Terra Prometida tornar-se-ia virtualmente desabitada, até onde dizia respeito aos judeus, tal e qual sucedera a Sodoma. A Terra Prometida retornaria ao caos e ao vazio dos tempos antes da criação. Ver Jer. 4.23 ss. quanto a essa figura.

Farei da tua terra um deserto vazio.
Ninguém será capaz de viver ali.

(NCV)

A Total Depravação do Povo (6.9-15)

6.9

Assim diz o Senhor de Israel: Diligentemente se rebuscarão os resíduos de Israel. Temos neste versículo o tema proeminente do capítulo 5 de Jeremias. O profeta retornou à *razão* para a condenação iminente representada pela invasão babilônica: a horrenda idolatria-adultério-apostasia de Judá, que não mais podia prosseguir. Judá escapara de todas as restrições divinas, em contraste com a natureza, que obedece a Deus (ver Jer. 5.20-25). Havia grandíssima injustiça social, a perseguição dos fortes contra os fracos (ver Jer. 5.26-29). Até os profetas e sacerdotes de Judá eram totalmente corrompidos (ver Jer. 5.30-31). Ameaças e advertências (capítulo 6) de nada adiantavam. A invasão em breve se tornaria realidade (Jer. 6.1-8). Os vss. 9-15 prosseguem com o tema de Jer. 5.10: Judá, a vinha corrompida, precisava ser totalmente devastada. O exército babilônico seria o terrível colhedor. Mas alguns eruditos pensam que os versículos continuam a idéia de Jer. 5.1 ss., ou seja, a busca de Jeremias por um único homem bom. Yahweh (de acordo com esse ponto de vista), é o plantador, cultivador e colhedor das uvas. Ele passava por todas as fileiras das videiras em busca de uma única uva boa. Se encontrasse ao menos uma uva boa, o avanço do exército babilônico poderia ser detido. Se essa interpretação estiver correta, então os vss. 10 e ss. mostram que Jeremias não foi capaz de encontrar uma única uva boa, pelo que a ameaça de destruição foi renovada. Mas a figura quase certamente aponta para a "colheita do julgamento". "Os judeus eram as uvas e seus inimigos eram os colhedores" (Fausset, *in loc.*). Talvez o indivíduo visado fosse Nabucodonosor, que encabeçava a equipe de terríveis colhedores.

6.10

A quem falarei e testemunharei, para que ouçam? A *circuncisão* (ver a respeito no *Dicionário*) era o sinal do *pacto abraâmico* (ver as notas espirituais em Gên. 15.18). Portanto, o ouvido incircunciso é um ouvido *insensível* diante dos requisitos do pacto, incluindo o pacto mosaico (comentado na introdução a Êxo. 19). A lei não era ouvida nem obedecida. A palavra do Senhor (Suas demandas e requisitos) também eram *ofensivas* aos apóstatas, porquanto a última coisa que eles queriam era que houvesse reforma. O profeta falou a Yahweh sobre a situação e mostrou seu desapontamento. O *deleite* que os hebreus deveriam ter em seu pacto e em sua lei tinha desaparecido. Eles se deleitavam nas orgias das divindades cananéias. Ver Jer. 3.13, onde ofereço notas expositivas sobre os extremos da idolatria-adultério em que Judá tinha caído. Quanto a versículos similares, ver Jer. 7.26; Atos 7.61; Êxo. 6.12 e 20.7-18.

6.11-12

Pelo que estou cheio da ira do Senhor; estou cansado de a conter. As queixas do profeta tornam-se amargas. Ele queria ver a ira de Yahweh atingir aqueles apóstatas o mais breve possível. Ele estava cansado de ver as coisas piorando cada vez mais. As profecias e visões que tinham sido dadas ao profeta haviam-lhe transmitido uma boa idéia do que estava por vir. Por um lado, essa idéia era temível; por outro, parecia ser a única coisa que poderia quebrar a arrogância daqueles pecadores. Cf. Jer. 20.9.

A Resposta de Yahweh: "Despeja", torna conhecidos os terrores que estão vindo. A fala divina perdura até o vs. 15. Os vss. 12-15 acham-se, sob forma levemente diferente, em Jer. 8.10-12. O contexto original provavelmente era o do texto presente. O decreto da condenação (a invasão do exército babilônico) atingiria todas as classes e destruiria as mais preciosas relações. Às criancinhas que brincavam nas ruas não seria poupada a dor; nem aos adolescentes, que se encontravam nas esquinas das ruas. Em alguns casos, marido e mulher seriam mortos juntos; em outros, as pessoas seriam enviadas para o exílio, mas as esposas terminariam em haréns da Babilônia, ao passo que os homens acabariam como escravos (vs. 12). Os campos que tinham feito parte das heranças de famílias, passando de pai para filho, seriam tomados por invasores estrangeiros e dados a povos que não tinham nenhum negócio na Palestina. Yahweh é quem tinha estendido a mão em julgamento, causando grande variedade de tragédias. A idolatria-adultério-apostasia deles tinha chegado ao fim, e ninguém, importante ou desprezível, poderoso ou fraco, criança ou idoso, escaparia à agonia. Ver em Isa. 13.6 como Yahweh guia e intervém nas atividades humanas, exercendo Sua *Soberania* (ver no *Dicionário*). "O povo perderia suas casas, seus campos e até suas esposas, para o invasor babilônico. Isso aconteceria porque todos os segmentos da sociedade de Judá tinham-se corrompido" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Quanto ao *derramamento* da ira divina, cf. Isa. 5.25 e Eze. 6.14. Ver também Jer. 9.21 e Deu. 28.30. Diz o Targum: "Levantarei o golpe de meu poder". Quanto à *mão divina*, a agência de poder, ver Sal. 81.14. Quanto à *mão direita*, ver Sal. 20.6. Quanto a *braço*, ver Sal. 77.15; 89.1 e 98.1.

6.13

Porque desde o menor deles até ao maior, cada um se dá à ganância. *Yahweh justifica* agora a horrenda declaração dos vss. 11-12, no sentido de que até os filhos, os idosos, os casais, todos os membros da sociedade seriam mortos pelos invasores: é porque o mal havia permeado todos os níveis sociais, tal como acontecia antes do dilúvio. Ver Gên. 6.12: *toda carne*, até os animais, tinham corrompido seus caminhos. A essa lista ele adiciona novamente os profetas e sacerdotes, em Jer. 5.31. Aqueles que deveriam estar ativos tentando redimir o povo de seus erros, trabalhavam para piorar a apostasia.

Ganância. Havia um egoísmo universal que conduzia a toda espécie de pecados. *Gratificação* era o nome do jogo, e isso ocorria por todos os meios possíveis. Cf. Jer. 8.10 e Miq. 3.11.

Tais cães são gulosos, nunca se fartam.

(Isaías 56.11)

6.14

Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: Paz, paz. As *feridas abertas* do povo recebiam um tratamento hipócrita que só piorava a condição de saúde. *Paz, paz* eram palavras proferidas sobre essas feridas, assegurando que nada havia de fatal naquelas enfermidades, mas, ao contrário, tudo ficaria bem em breve. Mas a todo o tempo o exército babilônico preparava sua marcha fatal contra um povo doente. Não havia verdadeira paz, e proferir a palavra "paz" em falsos oráculos não fabricava a paz. Quando alguma operação radical era necessária para a cura, os sacerdotes e profetas, os médicos da sociedade, continuavam dizendo que não havia feridas a serem curadas, nem enfermidade a ser tratada. "Os falsos profetas eram como médicos que diziam aos sofredores de alguma doença fatal que eles estavam com saúde perfeita" (Ellicott, *in loc.*). O termo "ferida" se refere a alguma enfermidade espiritual, como se vê em Jer. 8.11,22; 10.19; 14.17; 15.18; 30.12,15. Um falso otimismo impedia que os doentes fossem medicados.

6.15

Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha. A total depravação de Judá atingiu sua capacidade de sentir vergonha por seus pecados. Eles tinham perdido a habilidade de perceber a natureza real do pecado, e de saber quão degradante o pecado era para eles. Os profetas de Judá eram charlatães que desavergonhadamente davam falsa segurança às pessoas, chamando-as de saudáveis, quando elas estavam terminalmente enfermas. Os líderes dos judeus cairiam juntamente com o povo (ver Jer. 8.12), pois essa seria uma justa retribuição.

Abominação. Esta é uma palavra comum para descrever a idolatria, algo que deveria ser detestado ou abominado. Ver Jer. 3.13 quanto à horrenda extensão a que Judá tinha levado sua idolatria-adultério-apostasia. Mas ninguém se envergonhava do que estava fazendo. Portanto, eles cairiam presas dos babilônicos, e os acontecimentos preditos nos vss. 11-12 ocorreriam. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Abominação* para detalhes.

Eles Não Coravam de Vergonha. "Eram homens de rosto impudente; possuíam testa de meretriz; não havia o menor sinal de vergonha neles. Quando eram acusados dos piores crimes e ameaçados com as mais severas punições, não se deixavam abalar nem por uma coisa nem por outra" (John Gill, *in loc.*).

Rejeição das Antigas Veredas (6.16-21)

"Jerusalém não tinha desculpas. Deus havia dado Seu pacto e Suas instruções, Suas veredas e Sua lei para serem seguidas; e também enviara Seus *profetas* (os atalaias, com Suas *palavras*). Cf. Osé. 9.8. Mas todas essas coisas foram ignoradas. As oferendas mais finas e raras (incenso e cana aromática) não podiam substituir a *fidelidade* (Jer. 7.21-23; Amós 5.21-24)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 16).

6.16

Assim diz o Senhor: Ponde-vos à margem no caminho e vede. As Escrituras tinham caído em desuso ou eram usadas falsamente. As antigas veredas da fé dos hebreus tinham sido abandonadas, e novos cultos idólatras passaram a dominar todas as coisas em Judá. O *andar* constante (ver a respeito no *Dicionário*) era nos cultos cananeus de fertilidade, em que deuses da natureza eram adorados, com suas respectivas orgias sexuais (ver Jer. 3.13). Se alguma coisa era dita acerca da lei de Moisés e do caminho que ela ensinava, o povo se ria. Quanto aos caminhos dos bons e dos maus contrastados, ver a nota de sumário sobre Pro. 4.27.

Achareis descanso para as vossas almas. Nada havia de superficial sobre as instruções e os poderes dos caminhos antigos. Eles satisfaziam a alma e traziam paz espiritual à alma de um homem. Terminavam a contenda, tanto a interna quanto a externa. "Idolatria e apostasia formavam o caminho *moderno*" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paz*, quanto a detalhes.

O homem é aqui retratado como um viajante que precisa de sinais claros no caminho. Quando ele chega a uma encruzilhada, precisa saber se deve enveredar pela direita ou pela esquerda. Há um caminho que conduz à vida; e outro que leva à destruição. A paz encontra-se no primeiro deles, e a destruição, no outro. Ver Mat. 7.14 e 11.29.

6.17

Também pus atalaias sobre vós, dizendo: Estai atentos ao som da trombeta. Os atalaias antigos (sacerdotes, líderes do povo) eram homens fiéis e mostraram claramente o caminho pelo qual se deve andar. Eles instruíam os peregrinos e viajantes. Quando o perigo se aproximava, eles soavam o alarma. Mas o "homem moderno" (o Judá do tempo de Jeremias) rejeitou os antigos atalaias, que ensinavam a lei de Moisés, que servia antes de *guia* para o povo judeu (ver Deu. 6.4 ss.) e transmitia a vida aos que eram obedientes (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). Eles se recusaram a permanecer como povo distinto, que se tornava tal por meio do yahwismo (ver Deu. 4.4-8), e passaram a seguir os caminhos dos povos pagãos, adorando falsos deuses. Foi assim que caíram na idolatria-adultério-apostasia, com olhos bem abertos, seguindo guias falsos.

Chegou-se a mim, certa feita, um homem erudito.
Ele disse: "Conheço o caminho — vem!".
Eu estava tão feliz, e assim nos apressamos.
Em breve, muito em breve, estávamos em um lugar
Onde meus olhos se tornaram inúteis.
Meus pés tropeçaram no caminho.
Agarrei-me à mão de meu amigo,
Mas finalmente ele gritou: "Estou perdido".

(Stephen Crane)

Quanto ao profeta como um *atalaia*, cf. Eze. 3.17; 33.2; Hab. 2.1; Miq. 7.4. O dever principal de um atalaia era advertir sobre perigos. A tarefa dele era vigiar e advertir. Mas Judá preferiu dar ouvidos a vozes estrangeiras, o novo conjunto de falsos profetas que continuava a falar sobre uma falsa paz, bem no meio de um desastre iminente.

6.18

Portanto ouvi, ó nações, e informa-te, ó congregação. Tanto a congregação de Israel como as nações circunvizinhas foram chamadas por Yahweh para serem suas testemunhas. O Senhor revelou aqui o que deveria acontecer a um povo desviado. Ele já dera *muitos* avisos. A *orientação* era clara. Judá, entretanto, tinha feito uma série de más escolhas, a ponto de a vereda por eles escolhida tê-los levado a um destino sem retorno. As testemunhas veriam a justiça do que estava próximo a ser realizado. "O povo reunido é convidado a ser testemunha da grande perversidade dos israelitas e de como eles mereciam o severo castigo que estava prestes a ser administrado" (Fausset, *in loc.*). Cf. algo similar em Atos 13.45-46. Jeremias admirava-se do mistério do estranho esquecimento e negligência de Israel, justamente no tempo em que já estavam na boca do leão devorador.

6.19

Ouve tu, ó terra! Eis que eu trarei mal sobre este povo. Agora Yahweh expandia o convite para a *toda a terra habitada*, e talvez poeticamente tenha conclamado a própria natureza a juntar-se como testemunha ocular. O látego divino viria sob a forma de um exército hostil e assassino, que desceria sobre a Terra Prometida. Era um exército cheio de artifícios espertos, usado para punir o povo cujos artifícios o tinham feito desviar dos antigos caminhos da retidão para seguir as novas sendas da corrupção. Isso aconteceu por causa das palavras de Yahweh, dadas por Seus fiéis atalaias-profetas (vs. 17), as quais tinham sido abertamente repelidas, ao mesmo tempo que as palavras mentirosas dos falsos profetas tinham sido anelantemente aceitas e seguidas. Eles haviam rejeitado a lei de Moisés, o guia da vida (ver Deu. 6.4 ss.), e igualmente o pacto mosaico (ver a introdução a Êxo. 19). Eles se haviam afastado do pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Cf. o apelo deste versículo à terra como uma testemunha, em Isa. 1.2.

O próprio fruto dos seus pensamentos. Isto é, os frutos amargos que o processo de seus pensamentos e artifícios havia produzido. O mal começara na mente, e logo corrompera todo o caminho deles, pois, conforme um homem pensa, assim ele o é, segundo se lê em Pro. 23.7. Cf. Fil. 4.8, onde aprendemos sobre as coisas que controlam os nossos pensamentos. O que eles haviam semeado em seus pensamentos, colheram em feitos e acontecimentos. Ver Gál. 6.7-8.

6.20

Para que, pois, me vem o incenso de Sabá e a melhor cana aromática de terras longínquas? Não devemos compreender este versículo como se ele dissesse que o yahwismo tinha continuado, embora somente de maneira formal. Devemos entender que Judá tinha inventado (pelo menos no tocante a *algumas pessoas*) um abominável *sincretismo*, no qual Yahweh se tornou um dos deuses do panteão. De acordo com esse tipo de vida religiosa, continuavam os sacrifícios e os ritos religiosos no templo, mas desacompanhados de qualquer fé sentida no coração. A adoração dos judeus, pelo contrário, tinha-se transformado em um sincretismo ritualista e formal, e não possuía nenhum valor diante de Deus. Em outros casos, Yahweh nem ao menos era um dos deuses do panteão, sendo substituído, de modo absoluto, por muitas outras divindades, de várias culturas, mas especialmente os deuses da fertilidade e da natureza da terra de Canaã. Ver as notas expositivas sobre Jer. 3.13 quanto a uma ilustração a respeito dessa abominação.

O *incenso*, da melhor qualidade, era importado de *Sabá* (ver a respeito no *Dicionário*), mas não tinha o mínimo valor em meio à farsa a que o judaísmo fora reduzido. Sabá ficava no sudoeste da Arábia e era conhecida por suas excelentes especiarias e por seu incenso. Nessa época também era empregada a melhor cana aromática, o cálamo doce, chamado cientificamente de *calamus aromaticus*. Esse produto vegetal era seco e pulverizado em um pó que exalava agradável aroma. Era usado como ingrediente no óleo santo da unção. Ver Êxo. 30.23. Cf. Isa. 43.24. Por conseguinte, no culto dos judeus, *excelentes produtos* continuavam sendo usados, mas isso não acrescentava nenhum valor real ao horrendo sincretismo que estava sendo praticado. Nem teria adicionado valor algum ao yahwismo puro, a menos que também estivessem envolvidas ótimas qualidades correspondentes de alma. A cana aromática que os judeus usavam não apresentava nada de aromático para Yahweh. De fato, às Suas narinas chegava terrível mau cheiro. Além disso, os sacrifícios regulares de animais continuavam a se processar, de acordo com os requisitos da lei, mas isso também não agradava a Yahweh. Deus estava atrás do sacrifício do coração e da mente (ver Rom. 12.1-2). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Sacrifícios e Ofertas*.

6.21

Portanto assim diz o Senhor: Eis que ponho tropeços a este povo. A *pedra de tropeço* posta à frente de Judá faria essa nação sofrer uma queda quase fatal. Tratava-se de uma grande rocha: a invasão do exército babilônico. Talvez alguns julgamentos secundários a antecedessem como sinais de advertência. Mas o que faria pais e filhos, vizinhos e amigos (ou seja, todo o povo de Judá) "perecer" era a horda babilônica. O parágrafo seguinte, vss. 22-26, dá detalhes sobre o inimigo que chegaria do norte, tema constante do profeta Jeremias. Cf. Isa. 8.14; Mat. 21.44 e I Ped. 2.8 quanto a idéias similares. "O próprio Deus, em desprazer judicial, pôs pedras de tropeço perante os réprobos, da mesma forma que eles não tinham desejado reter Deus em seu conhecimento (Sal. 69.22; Rom. 1.28 e 11.9)" (Fausset, *in loc.*).

O Terror Que Viria do Norte (6.22-26)

6.22

Assim diz o Senhor: Eis que um povo vem da terra do Norte. Uma vez mais, temos a repetição da advertência sobre o povo *vindo do norte* que seria o instrumento do julgamento de Yahweh. Cf. Jer. 1.13-15; 4.5-31 e 5.15-17. "Este poema, sobre o inimigo procedente do norte, retrata vividamente o terror despertado em Judá pela aproximação das tropas inimigas" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Além dos babilônios, os citas têm sido identificados como possíveis inimigos. Mas a maneira completa das várias passagens que abordam a questão só pode apontar para a Babilônia. Ver também Jer. 25.1-14. O invasor era o chicote disciplinador de Yahweh que quase destruiu completamente Judá, mas houve certa medida de misericórdia que garantiu a sobrevivência de alguns, para que dali surgisse eventualmente o Novo Israel. Quanto a isso, ver as notas em Jer. 5.18. Cf. Jer. 4.27 e 5.10, onde há declarações semelhantes. Haveria um quase fim, mas não o fim total de Judá. Quanto à idéia de que Yahweh controla as atividades humanas, ver Isa. 13.6. O Senhor é quem levantara os invasores para cumprir Sua vontade, isto é, punir e disciplinar o povo de Judá. Esse castigo seria uma vingança contra a idolatria-apostasia deles, mas também uma medida restauradora, conforme acontece com todos os juízos divinos. Judá tinha-se reduzido à *escória*. A pouca prata que restara precisava ser refinada dentre a massa inútil.

6.23

Trazem arco e dardo; eles são cruéis, e não usam de misericórdia. A habilidade dos babilônios na guerra era uma realidade temível naquela época.

A *crueldade* deles era notória. Eles não se contentavam meramente em matar *limpo*, se é que existe algo como matar limpo. Eles matavam e torturavam por diversão, como crianças pequenas que torturam insetos e aves impotentes por brincadeira. A ferocidade dos babilônios era proverbial. A empalação era usada por eles para livrar-se dos prisioneiros de uma maneira que satisfizesse sua mente doentia. As pessoas eram esfoladas vivas ou queimadas em fornalhas (ver Jer. 29.22; Dan. 3.11). Eles contavam com ótimos cavalos e excelentes cavaleiros, e também inventavam novas maneiras de derrubar muralhas e de eliminar fortificações. O ataque de qualquer inimigo era algo temível, mas o ataque dos babilônios provocava medo que as palavras não podem expressar. "A aproximação de um exército invasor tem sido, em todos os séculos, algo aterrorizar o coração das terras invadidas (ver Amós 8.10; Zac. 12.10)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 22). Enquanto os falsos profetas de Judá clamavam "Paz, paz" (ver Jer. 6.14), a fera que vinha do norte olhava, faminta, para Jerusalém, como a próxima vítima. O leão tinha rugido com a voz do mar. Judá estava prestes a ser devorada. Cada flecha atirada seria um homem, uma mulher ou uma criança a menos, em Jerusalém. Cada golpe da espada aumentaria a carnificina, até que toda a população de Judá quase deixasse de existir.

6.24

Ao ouvir a sua fama afrouxam-se as nossas mãos. Tão *temível* era o exército babilônico que até o mero ouvir a respeito fazia os braços dos homens pender inermes ao lado do corpo. O coração de todos os habitantes de Judá fora lançado na angústia. Não havia defesa contra os babilônios. Judá começou a sofrer dores como as de uma mulher em trabalho de parto. Tanto a mulher como a criança morreriam. Quanto à metáfora da mulher em *trabalho de parto,* ver as notas expositivas sobre Jer. 4.31, onde ofereço outras referências. Um dos grandes terrores da existência humana tem sido as matanças contínuas das guerras, que representam parte, mas não a totalidade, das barbaridades dos homens uns contra os outros. A desumanidade do homem contra o homem faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Há o *mal natural,* como os abusos da natureza, os incêndios, as inundações, os terremotos, as enfermidades e a morte. E há também o *mal moral,* que consiste no sofrimento causado pela *perversa vontade* humana. A Babilônia era uma expressão mobilizada do mal moral e, no entanto, serviu de instrumento na mão de Yahweh para refinar Judá, a fim de que pudesse raiar um Novo Dia, mediante a destruição do que era antigo e irremediável.

6.25

Não saias ao campo, nem andes pelo caminho. Não haveria lugar seguro. As pessoas permaneceriam em seus lares, esperando que nenhum soldado viesse bater à porta. Mas a história conta que houve buscas de porta em porta, a fim de que os poucos sobreviventes fossem deportados. Algumas poucas pessoas conseguiram escapar, fugindo para países estrangeiros. Mas o que ocorreu foi, essencialmente, um genocídio. Ver as notas sobre os vss. 11-12 deste capítulo. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Cativeiro Babilônico,* para maiores detalhes.

O exército da Babilônia estava ocupado em missão de matança, pelo que havia pânico por todos os lados. Cada habitante de Jerusalém era uma vítima potencial.

6.26

Ó filha do meu povo, cinge-te de cilício, e revolve-te na cinza. A morte de um filho único é um evento que todos os pais temem com extraordinária angústia. E, quando isso acontece, muitos homens abandonam tanto a fé quanto Deus. Eles geralmente perguntam: "Se Deus existe, por que agiu com tanta pressa? Não havia na terra espaço bastante para o meu filho?". Esse é um aspecto do problema do mal: por que os homens sofrem e por que sofrem da maneira que sofrem? O *mal natural* consiste nos abusos da natureza; e o *mal moral* consiste nos sofrimentos causados pela maldade de uns homens contra os outros, mediante uma vontade perversa. Ver as notas sobre o vs. 24. A morte de um filho único pode ocorrer mediante o mal natural ou o mal moral. O aniquilamento da nação de Judá seria algo temível, comparado a esse tipo de morte. Os habitantes (as filhas do povo de Deus) chorariam, vestindo-se de cilício e revolvendo-se nas cinzas; eles se lamentariam amargamente pela morte do filho (Jerusalém), e ninguém seria capaz de consolá-los. O *destruidor* realizaria sua missão de matança com o máximo de habilidade. Não obstante, o mais ridículo em tudo isso era que Judá se engajara na *autodestruição,* por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Judá matara seu próprio filho único.

Uma lenda escocesa diz o seguinte: Um homem sofria com os ataques de um monstro. A fera estava atacando sua fazenda e destruindo suas plantações e seu gado. Finalmente, acabou matando o filho do proprietário. Irado, certa noite o homem esperou pelo monstro, para matá-lo ou ser morto. Quando o monstro apareceu, o fazendeiro correu contra ele, e, em sua ira, obteve vantagem. Quando levantou a sua lança para terminar com a fera, a luz da lua incidiu sobre o rosto da fera: o rosto era o do próprio homem.

O Profeta como o Testador (6.27-30)

6.27

Qual acrisolador te estabeleci entre o meu povo. Neste versículo, algumas traduções apresentam Jeremias como uma torre e uma fortaleza entre o povo de Israel. Mas é melhor traduzir isso como *ensaiador* e *testador* de metais.

> *Tenho feito de ti um operário que testa os metais.*
> *Meu povo é como o minério do metal.*
>
> (NCV)

A Jeremias caberia testar o minério para verificar se havia ali algum metal precioso. Ou então ele devia verificar se o metal era mesmo ouro ou prata genuínos, ou seja, um metal nobre e precioso. Judá era o minério. Jeremias realizou seus testes e não encontrou ali nenhum metal precioso. Tudo era apenas escória. E isto se devia ao modo de vida continuamente corrupto do povo de Judá. Neles nada havia de verdadeiro e fiel, mas somente os metais vis dos pagãos.

> *Pesado sobre o coração é o grande erro deste mundo.*
> *A bota que pisa como ganso mói dia e noite.*
> *Começamos a cantar com a boca, mas o cântico é amargo*
> *E adoecem a nossa língua como o fruto do mar Morto.*
>
> (Joseph Auslander)

6.28

Todos eles são os mais rebeldes, e andam espalhando calúnias. Tudo quanto o ensaiador, Jeremias, descobriu em Judá foram metais vis, como bronze e ferro. Ele não encontrou metais nobres, como ouro ou prata. A escória deles devia-se à rebeldia e às calúnias, que poderiam ser comparadas a metais vis. De modo geral, eles agiam "corruptamente", e isso demonstrava sua vileza. "Bronze e ferro. Os metais vis serviam a usos vis, não havendo neles ouro nem prata. O simbolismo leva avante o pensamento do versículo anterior (cf. Isa. 1.1,22,25; Eze. 22.18-22; Mal. 3.3)" (Ellicott, *in loc.*). "Todos eles eram vis e maus como os metais inferiores, e não como o ouro ou a prata, e eram tão inflexíveis como são esses metais... corruptores como são aqueles que misturam metais, corruptores de si mesmos e de outros" (John Gill, *in loc.*). Ver Isa. 48.4.

6.29

O fole bufa, só chumbo resulta do seu fogo. "Na prática antiga, o *chumbo* era posto com o minério de prata em um cadinho. Quando aquecido, o chumbo se oxidava e levava os álcalis, deixando a prata pura. Mas supõe-se aqui que o minério fosse tão impuro que o chumbo não conseguia retirar as ligas. Visto que o chumbo realmente não podia ser *consumido* pelo fogo, por não ser volátil, deveríamos traduzir a segunda linha por: 'Do fogo, o chumbo sai inteiro', ou seja, não foi tocado pelas ligas" (James Philip Hyatt, *in loc.*). O significado da passagem é que nenhum acúmulo de refino foi capaz de tirar prata de Judá. Tudo continuava como escória e metal vil, ou seja, um alvo apropriado no julgamento. Por mais que tentasse, Jeremias, o ensaiador, não foi capaz de encontrar valor espiritual em Judá que impedisse seu julgamento. O hálito do profeta era como um fole que aumentava a intensidade do fogo. Nenhuma quantidade de profecia, ensino e crítica fazia bem algum.

6.30

Prata de refugo lhes chamarão, porque o Senhor os refugou. Judá era uma *praga refugada,* ou seja, tão cheia de escória e de metais vis que nem podia ser classificada como prata nobre e boa, dotada de algum valor espiritual.

> *A tua prata se tornou em escórias...*
>
> (Isaías 1.22)

Yahweh rejeitou, de forma absoluta, aquele tipo de pseudoprata. "As tentativas de reformar a nação fracassaram, pelo que o julgamento era inevitável" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Eles foram rejeitados, repelidos, atacados e aniquilados; os sobreviventes foram levados para o exílio da Babilônia; ali foram maltratados, e o número deles foi ainda mais reduzido. Contudo, a destruição não foi realmente absoluta, a fim de que alguns poucos sobreviventes formassem o núcleo de uma Nova Nação em um Novo Dia. Ver Jer. 4.47; 5.10,18 quanto às promessas esperançosas acerca de um novo dia, em vista de alguns judeus terem sido poupados.

Capítulo Sete

Os Judeus Seriam Exilados (7.1 – 10.25)

A Falsa Religião e Sua Punição. A Vaidade dos Cultos (7.1 – 8.3)

Os críticos supõem que a seção de Jer. 7.1-8.3 seja produto do editor deuteronômico, segundo se diz, a primeira grande contribuição dele ao livro de Jeremias. Presumivelmente, ele atuou como comentador e mestre, anotando o livro aqui e acolá, e conferindo-nos algumas grandes seções. Um argumento em favor dessa teoria é que aquilo que ele nos brindou foi escrito sob a forma de *prosa,* não como expressão *poética* do profeta Jeremias. Outro argumento é que essas adições ao livro estão cheias de alusões ao livro de Deuteronômio, sendo essa naturalmente a razão pela qual ele é chamado de "editor deuteronômico". Isso não significa que suas adições não contenham referências genuínas a Jeremias, à sua vida e às suas palavras. Por outro lado, pode-se argumentar que Jeremias incluiu algumas seleções prosaicas em seu livro, da mesma forma que era perfeitamente capaz de aludir ao livro de Deuteronômio.

"Esses capítulos, freqüentemente conhecidos como discursos de Jeremias no templo, enfocam a punição divina do povo, em face de sua religião falsa. O povo acreditava que a punição divina jamais alcançaria Jerusalém ou eles mesmos (cf. Jer. 5.12-13), e isso por causa da presença do templo e da exibição religiosa deles (cf. Jer. 6.20). Mas o discurso de Jeremias no templo destruiu essa esperança e desmascarou a ferida brava da idolatria, que produzia gangrena espiritual no povo de Judá. Os acontecimentos descritos no capítulo 26 provavelmente indicam a reação do povo de Judá a essa mensagem.

"O Sermão do Templo e a Falsa Adoração de Judá (Jer. 7.1-8.3). Ver Jer. 7.1-8. Deus convocou Jeremias para que se pusesse na entrada do templo de Jerusalém e anunciasse Sua mensagem aos que ali viessem para adorar. A mensagem foi similar à que ficou registrada: o povo tinha de reformar seus caminhos (cf. Jer. 3.12 e 26.13), se quisesse continuar vivo ali" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Alguns eruditos limitam o "discurso do templo" a Jer. 7.1-15, mas outros o estendem até o fim do capítulo 10. Seja como for, não há razão para supormos que Jeremias não fez uma ou mais aparições no templo para entregar suas denúncias e instruções. Jeremias era filho de um sacerdote, mas não sabemos dizer se ele chegou a atuar como sacerdote. De qualquer modo, ele sabia que tinha autoridade para levar sua mensagem diretamente ao templo, porquanto tinha a unção de Yahweh.

O Sermão do Templo (7.1-15)

7.1-2

Palavra que da parte do Senhor foi dita a Jeremias. Sem importar se Jeremias escreveu ou não este sermão (pois pode ter sido obra do editor que escreveu em forma prosaica), não há razão alguma para duvidar que o sermão fosse de sua autoria e tivesse sido entregue no templo, conforme lemos. Assim essa *palavra* é um *oráculo* que foi dado ao profeta por Yahweh para denunciar a apostasia do povo de Judá. "Em seu primeiro ano, Jeoiaquim, filho de Josias, não seguiu o exemplo piedoso de seu pai. Ele restaurou a idolatria e manteve maus sacerdotes e ainda piores profetas, e assim encheu Jerusalém com abominações de todos os tipos" (Adam Clarke, *in loc.*). Isso posto, foi estabelecido o palco para abrigar a idolatria agravada que Jeremias, eventualmente, denunciou, por muitas vezes, em seu livro. Cf. o templo de Salomão com Jer. 26.4-6, que é similar e talvez tenha sido tomado por empréstimo daqui. Pode ter havido vários sermões do templo com conteúdo similar.

Põe-te à porta da casa do Senhor, e proclama ali esta palavra. O meio ambiente do sermão neste capítulo é a porta, apontando para o portão que separava os átrios. Jer. 26.10 tem o sermão entregue na Nova Porta (ver notas sobre esse versículo). Não há como identificar os dois sermões como se fossem um único, nem como afirmar que não são um só sermão, e em nada nos ajuda a vaga referência à "porta".

Jeremias demonstrou sua coragem entregando o sermão "na boca do leão", por assim dizer, e podemos ter certeza de que a forte oposição que se levantou contra ele foi parcialmente provocada por um desses atos ousados. O profeta atacou a falácia de que Jerusalém estava segura por causa da presença do templo, o que, alegadamente, garantia tanto a presença de Yahweh como Sua proteção. Por outro lado, a glória do Senhor desde há muito havia abandonado aquele lugar, por causa da idolatria-adultério-apostasia de Judá.

7.3

Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel. Jerusalém não estava *imune* aos ataques do exército babilônico somente porque o templo ficava ali. O povo de Judá já havia rejeitado tudo quanto o templo representava, em sua franca idolatria pagã e em seu sincretismo que combinava yahwismo e culto pagão. Até os profetas e os sacerdotes tinham desertado os antigos caminhos da lei (ver Jer. 5.31). O culto do templo havia sido corrompido (ver Jer. 6.19-20). Portanto, Elohim, o *Senhor dos Exércitos* (ver I Reis 18.15, e ver sobre esse título no *Dicionário*) naquele momento estava reunindo Seus instrumentos de terror (o exército da Babilônia) para que marchassem ao sul e nivelassem aquele lugar apóstata. Elohim era o Deus de Israel, mas era, igualmente, o Senhor universal que controla as atividades humanas (ver Isa. 13.6). Sua lei moral havia sido frontalmente violada. A única coisa que poderia deter a marcha das tropas que desciam do norte era um autêntico arrependimento. Nesse caso, a vida prosseguiria normalmente em Jerusalém. Do contrário, a vida ali seria aniquilada. A questão era tão simples quanto isso. Cf. este versículo com Jer. 18.11 e 26.13.

O arrependimento requerido seguiria os mandamentos dados nos vss. 4-6, que cobrem extenso território moral.

"Lugares sagrados e símbolos sagrados nada são à vista de Deus, quando o coração não é reto por dentro" (Adam Clarke, *in loc.*).

7.4

Não confieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor... *O Mau Caráter de Judá.* Considere o leitor estes cinco pontos, que aparecem em diversos versículos:

1. Confiar nas palavras mentirosas dos falsos profetas. Ver o vs. 8 deste capítulo; 5.31 e Miq. 3.11. Eles tinham chegado a confiar nas observâncias cerimoniais do templo como garantia de sua segurança (ver Jer. 6.19-20 e 7.3). A fé ritualista era uma mentira quando separada da fé sentida no coração (ver Pro. 4.23). O "templo, templo, templo" haveria de salvá-los, conforme eles pensavam. Acontece, porém, que eles tinham abandonado o significado do templo, sua verdadeira adoração, conforme demonstro nas notas sobre o versículo anterior. Cf. I Cor. 3.16 e I Ped. 2.5, quanto ao sentido mais elevado do templo, que agora é o próprio crente, onde o Espírito veio residir. As palavras mentirosas dos falsos profetas tinham tornado mentiroso o coração deles, e assim eles foram auto-enganados. A Septuaginta adverte aqui os homens a não confiar em *si mesmos.*

7.5

Mas, se deveras emendardes os vossos caminhos e as vossas obras. Continuam aqui os cinco pontos referidos no início das notas expositivas sobre o vs. 4:

2. O segundo aspecto da emenda dos caminhos do povo judeu seria a *justiça social:* o fim da exploração dos pobres pelos ricos, conforme visto em Jer. 5.26-29 com detalhes. Isso incluía a corrupção, mediante o suborno, tanto dos juízes quanto das testemunhas, estando envolvidos até crimes de sangue. Ver também Jer. 22.3. "Justiça feita sem acepção, sem subornos e sem corrupção, passando sentenças justas e tomando decisões eqüitativas, em concordância com a lei de Deus" (John Gill, *in loc.*). Ver Êxo. 20.16, um dos Dez Mandamentos.

7.6

Se não oprimirdes o estrangeiro e o órfão e a viúva. Continuam aqui os cinco pontos para o leitor considerar:

3. O fim da *opressão social* de qualquer tipo, que, naturalmente, significava a exploração dos fracos, incapazes de defender-se contra os fortes. A opressão exercida contra estrangeiros que estivessem passando pela Terra Prometida ou ali residissem; os maus-tratos contra as viúvas e os órfãos, em que fossem roubados o pouco dinheiro ou as propriedades que pertenciam a heranças familiares. Cf. Deu. 14.29; 16.11; 24.19 e Sal. 94.6.
4. O fim dos *crimes de sangue,* o assassinato dos inocentes e dos fracos, ou a execução de rivais, ou o ato de matar por diversão e esporte. Ver Deu. 19.10-13; 21.1-9. Ver Êxo. 20.13, que tem um dos Dez Mandamentos.
5. O fim da *idolatria,* a nojenta combinação que Judá tinha inventado: a idolatria-adultério-apostasia. A versão árabe diz que a prática da idolatria era "perniciosa" para eles. "Eles (os ídolos) arruinarão as vossas vidas" (NCV).

7.7

Eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais. *Se* fosse efetuada a reforma, nos moldes descritos anteriormente, o que era claramente uma volta às observâncias fundamentais da lei de Moisés, então Judá continuaria a residir e a prosperar na Terra Prometida, confirmando o ato de Deus, que havia dado aquele território como herança aos pais da nação de Judá. *Isso* era o que daria segurança aos judeus, e não meramente viver perto da porta do templo (vss. 3-4). Cf. Jer. 3.18 e Deu. 4.40. O poder que trabalhara em favor de Josué retornaria a eles, garantindo-lhes a permanência na Terra Prometida. Essa era uma das grandes provisões do pacto abraâmico. Ver sobre isso em Gên. 15.18.

7.8

Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam. A declaração deste versículo *reitera* a idéia dos vss. 3-4, onde há notas expositivas

completas. Era necessária a *reforma*, e não a fé em meras fantasias sobre o quanto os lugares ou objetos sagrados podiam proteger pessoas ímpias. Cf. Jer. 5.31. Eles tinham de parar de confiar nos *enganadores* e correr para longe da *autodecepção*. Não havia *proveito* em confiar em fantasias, enquanto o exército babilônico já havia recebido da parte de Yahweh ordens de marcha para descer na direção sul e punir um povo desviado, idólatra, adúltero e apóstata.

7.9

Que é isso? Furtais e matais, cometeis adultério e jurais falsamente... O profeta (ou o editor deuteronômico) volta aos conceitos básicos da lei, dando-nos declarações paralelas aos Dez Mandamentos (ver Êxo. 20; Deu. 5). Temos aqui proibições contra os pecados de *furto* (Êxo. 20.15; Deu. 5.19); contra o *assassinato* (ver Êxo. 20.13; Deu. 5.17); contra o *falso testemunho* (ver Êxo. 20.16; Deu. 5.20); contra todas as formas de *idolatria* (Êxo. 20.4-5; Deu. 5.7-8). O que teria salvado Judá seria um movimento de "volta à Bíblia", uma restauração dos antigos caminhos vinculados à lei mosaica. Ver no *Dicionário* os *Dez Mandamentos* quanto a detalhes. Note o leitor que o mandamento divino contra a idolatria é apresentado mediante *dois* mandamentos nos livros de Êxodo e de Deuteronômio. Cf. Juí. 5.8, "Eles escolheram novos deuses".

Queimais incenso a Baal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal*, que é especificamente mencionado como a principal divindade para a qual os judeus se voltaram quando começaram a participar do culto de fertilidade dos cananeus e dos deuses da natureza (ver Jer. 3.13 quanto a maiores detalhes).

7.10

E depois vindes e vos pondes diante de mim nesta casa. Bem no meio da promoção daqueles pesados pecados, destacando-se entre eles o pecado da idolatria, Judá ainda tinha coragem de subir ao templo, à presença de Yahweh, esperando ser abençoado e continuar a viver em paz na Terra Prometida.

> *Pensais que podeis dizer: "Estamos em segurança!"?.*
> *Estais seguros quando fazeis todas essas coisas odiosas?*
>
> (NCV)

A *vileza* tinha transformado o templo em uma cova de ladrões (ver Mat. 21.12-13). Yahweh observava todas as perversões, e o que Ele estava *garantindo* era uma invasão por parte de um exército estrangeiro que desceria do norte, e não a paz contínua. Cada declaração do profeta caía como uma martelada, mas o povo de Judá permanecia insensível, auto-enganado. Judá acreditava na *impunidade*, a despeito de sua completa paganização. A versão siríaca diz: "Livra-nos enquanto cometemos todos esses pecados!". Um dia o povo estava no templo, invocando a Yahweh. No dia seguinte, estava em lugares altos e bosques de Baal, praticando flagrante idolatria, mesclada com adultérios cultuais. A contínua iniqüidade rouba de um homem seu bom senso e lhe confere falsas expectações. Os homens ficam a andar de cabeça para baixo, no teto, e pensam que sua maneira de andar é exemplar.

7.11

Será esta casa que se chama pelo meu nome, um covil de salteadores aos vossos olhos? O Senhor Jesus citou parcialmente este versículo em Mat. 21.13, mas acrescentou parte de Isa. 56.7 em Sua declaração. O covil de salteadores era uma caverna crua, na qual, após cometerem seus crimes, eles se refugiavam e se escondiam das autoridades. Aquele era seu lugar de segurança. E o povo de Judá, tal como os salteadores, embora carregados de pecados, iam refugiar-se no templo. Contudo, Yahweh observava a cena inteira, desgostoso, e já estava convocando a Babilônia a pôr fim a toda aquela tristeza. Essas palavras revestem-se aqui de especial força, para um povo que vivia em uma região como a Palestina, cujas colinas de pedra calcária proviam muitas cavernas naturais para os criminosos se ocultarem. Ver I Sam. 22.1. Aqueles homens perversos eram assassinos, assaltantes dos pobres, dos necessitados, dos fracos (vs. 6), e transformaram o templo em seu covil. Esse era um *insulto* que Yahweh jamais ignoraria. Ele tinha "visto" todos aqueles absurdos e todas aquelas abominações (vs. 10). A *retribuição* em breve se tornaria o nome do jogo.

7.12

Mas ide agora ao meu lugar, que estava em Silo. O tabernáculo antes estivera localizado em *Silo* (ver a respeito no *Dicionário*). A cidade ficava quase 29 km ao norte de Jerusalém, tendo sido um santuário de grande importância para Israel, por durante longo tempo. A casa de Elias servira ali como no sacerdócio, e Samuel crescera em Silo (ver Jos. 18.1; I Sam. 1.1-4.22). Mas aquele santuário foi destruído por causa das corrupções do sacerdócio. Isso fica implícito *aqui*, embora em outros trechos bíblicos não sejamos informados sobre essa destruição. Entretanto, escavações feitas no local, a moderna *Seilun* (localização da antiga Silo), descobriram que o lugar foi nivelado em cerca de 1050 A. C., provavelmente por parte dos filisteus. As ruínas sem dúvida ainda eram visíveis nos dias de Jeremias. Somente no período helenista (cerca de 300 A. C.) o local foi habitado novamente. O *Nome* de Yahweh foi colocado naquela localidade, tal como foi posto mais tarde em Jerusalém, mas esse fato não impediu que Deus julgasse o lugar. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3, e ver sobre *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. Yahweh identificou-se com aquele lugar, mas isso não o tornou um refúgio eterno, especialmente no caso de homens ímpios. Outro tanto pode ser dito no tocante ao templo de Jerusalém.

"A Bíblia faz silêncio quanto à sorte de Silo (excetuando o presente texto). Mas depois que os filisteus capturaram a arca da aliança (ver I Sam. 4.10-11), os sacerdotes de Israel evidentemente fugiram para Nobe (ver I Sam. 22.11), e Silo foi abandonada como lugar central de adoração (cf. Sal. 78.56-61)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

7.13

Agora, pois, visto que fazeis todas estas obras, diz o Senhor, e eu vos falei. *Pecados contínuos e grosseiros* fariam Jerusalém tornar-se outra Silo, e a glória do Senhor se afastaria daquele lugar, que seria deixado em ruínas completas. As fantasias humanas não podem deter a justiça de Deus. Algumas vezes a "fé" consiste em crer naquilo que não é verdadeiro. A mensagem transmitida por Jeremias era tanto clara como persistente, mas não era ouvida. A chamada divina foi ignorada, mas nenhum homem ignoraria o exército babilônico quando aparecesse defronte das muralhas da cidade. Cf. este versículo com Pro. 1.24; Isa. 65.12 e 66.4. Judá brincou com a Palavra de Deus, o que foi fatal, no final das contas. Todo pecado é uma brincadeira com a Palavra de Deus.

7.14

Farei também a esta casa, que se chama pelo meu nome. Silo foi transformada em uma terra desolada pelos filisteus. E Jerusalém seria reduzida a uma terra desolada pelos babilônios. A causa seria divina, embora os instrumentos fossem humanos. Ver Isa. 13.6 sobre como a vontade divina controla o destino dos homens e das nações. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania* e *Providência de Deus*. O *Nome* e a *Presença* de Deus desapareceriam de Jerusalém, tal como aconteceu a Silo. O templo exibia o nome de Deus (ver Jer. 7.10,12-13; cf. o vs. 30) e era o símbolo da presença do Senhor. Seu *Nome* significa a Sua pessoa e os Seus atributos revelados. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome*, e ver também Sal. 31.3. Ver sobre *Nome Santo*, em Sal. 30.4 e 33.21.

7.15

Lançar-vos-ei da minha presença, como arrojei a todos os vossos irmãos. Tal como a nação do norte, Israel, foi lançada da presença do Senhor e levada para o cativeiro assírio, o sul (Judá) sofreria a mesma sorte, mas seria levado para a Babilônia. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*. A nação do sul observou o que aconteceu à nação do norte, mas nada aprendeu daí.

Efraim. Esta tribo tornou-se a maior e mais influente das dez tribos do norte, e seu nome representa, algumas vezes, as dez tribos do norte.

Intercessão Proibida (7.16-20)

7.16

Tu, pois, não intercedas por este povo, nem levantes por ele clamor ou oração. Jeremias não deveria agir conforme tinha feito Moisés, que intercedeu e salvou Israel da calamidade. Ver Êxo. 32.11-14 e Deu. 9.25-29. O Judá dos dias de Jeremias já estava sob cegueira judicial, um julgamento preliminar que culminaria no terror da matança e do exílio provocados pelos babilônios. Agora já não havia como chamar Judá ao arrependimento. Eles não queriam ouvir e, por isso mesmo, tornaram-se *incapazes* de ouvir a palavra divina. Yahweh não ouviria as orações de Jeremias em favor de Judá, pelo que ele não deveria gastar seu tempo em exercícios espirituais. Cf. os que Yahweh recomendou a Jeremias, em 11.14 e 14.11-12 de seu livro: "Uma das funções do profeta era interceder diante de Deus em favor do povo. Um excelente exemplo é provido por Amós 7.2,5. Mas Jeremias foi proibido de interceder, porquanto o povo era tão pecaminoso que Deus não o ouviria" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Deus pode fazer melhor certas coisas, através do julgamento, do que por qualquer outra maneira, e isso era verdade no caso da nação de Judá, na época de Jeremias. "Quão terrível deve ser quando Deus se recusa a derramar Seu Espírito de súplica sobre Seus ministros e sobre o povo! (Adam Clarke, *in loc.*). Ver I Sam. 7.51; Sal. 99.6.

7.17

Acaso não vês tu o que andam fazendo nas cidades de Judá...? Yahweh oferece aqui Suas razões por não permitir que Jerusalém recebesse o benefício da intercessão de Jeremias. A qualquer dia da semana, o profeta poderia (e provavelmente estava a) observar o que acontecia na cidade, nas ruas e nos lares. Toda a população estava envolvida em alguma forma de idolatria, incluindo as crianças. Não sobrara vergonha entre os filhos de Judá. Cultos idólatras eram promovidos em Jerusalém, e os judeus se mostravam zelosos nesse tipo de cultos, tendo abandonado completamente a Yahweh.

7.18

Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo, e as mulheres amassam a farinha. *Famílias inteiras* uniam-se doentiamente em torno dos cultos idólatras. As *crianças* recolhiam a lenha para fazer bolos em honra aos ídolos. A tarefa dos pais era acender o fogo. As mães e filhas preparavam os bolos em honra a deuses e deusas dos cultos. Uma das principais divindades que merecia toda essa atenção da parte dos judeus era a *Rainha do Céu*. É provável que estivesse em vista a deusa assírio-babilônia *Istar*, a deusa do planeta Vênus. Ver Jer. 44.17-25 quanto a uma descrição da adoração a essa deusa. É provável que esse culto em Israel (Judá) tenha atingido o ponto culminante no tempo do rei Manassés, que promoveu certa variedade de idolatrias pagãs. Josias conseguiu fazer estancar, temporariamente, a maré idólatra, embora após sua morte tudo tenha voltado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Istar*, quanto a detalhes.

Bolos. Bolos doces feitos de mel e farinha de trigo. Esses bolos podiam ser preparados no formato de ídolos em miniatura, redondos como a lua, ou em alguma forma que representasse estrelas. Em Jer. 44.19 lemos acerca de bolos que tinham a imagem da deusa, estando em pauta algum formato especial, embora seja impossível ter certeza do formato. A *estrela* era o símbolo da deusa, sendo essa a conjectura mais provável. Cf. Amós 5.26. *Apuleius* (Metáforas 1.11 começo) fazia da lua a rainha do céu, e os intérpretes, antigos e modernos, seguem esse parecer. Seja como for, Istar era a deusa do amor e da fertilidade, e o culto a ela incluía a prostituição sagrada e particular. Ver sobre Jer. 3.13. Istar era um dos principais pontos de atração, mas muitos outros deuses eram honrados mediante sacrifícios, libações e cultos. Os *lugares altos* eram cheios dos ídolos populares, e geralmente se encontrava um casal fazendo sexo debaixo de cada árvore, "honrando" algum deus da fertilidade com seus ritos pútridos. Ver Jer. 3.13 para uma ilustração.

7.19

Acaso é a mim que eles provocam à ira, diz o Senhor...? Yahweh e seu profeta, Jeremias, estavam sendo desonrados. Jeremias vivia consternado diante de toda aquela situação, mas quem, realmente, estava sendo *prejudicado*, era o próprio povo de Judá. Eles estavam em um processo de *autodestruição*. Os falsos profetas clamavam "paz, paz", mas em pouco tempo os soldados babilônios bateriam às portas da cidade de Jerusalém. O povo estava envergonhado e confuso e destruía-se por si mesmo. Cf. Deu. 32.16,21 e Jó 35.6,8.

> *Quem peca contra mim violenta a sua própria alma.*
> *Todos os que me aborrecem amam a morte.*
>
> (Provérbios 8.36)

7.20

Portanto assim diz o Senhor Deus: Eis que a minha ira e o meu furor se derramarão sobre este lugar. O julgamento de Yahweh-Elohim é simbolizado pelo *fogo*. Outrossim, haveria um verdadeiro incêndio quando os babilônios fizessem uma vereda através de Judá e chegassem a Jerusalém para terminar sua tarefa inaudita. O fogo representava a *fúria* de Deus, que era uma política de terra arrasada. Isso seria *derramado* com abundância sobre os objetos físicos de Judá, como as cidades, as fortificações, o templo e todas as coisas que compunham a cidade de Jerusalém. O fogo cairia sobre os animais, que seriam cozidos e devorados pelo exército babilônico. As árvores seriam queimadas como combustível, ou meramente por motivo de ódio. As árvores frutíferas produziriam frutas para os invasores. Os frutos produzidos pelo solo, as várias formas de plantação, serviriam somente para alimentar os assassinos, que avançariam formando hordas intermináveis. Em Judá nada restaria inteiro. Os poucos judeus que sobrevivessem seriam transportados para a Babilônia. Mulheres escolhidas seriam enviadas para os haréns dos ricos e poderosos babilônios; as que não fossem, terminariam como escravas; os homens acabariam sujeitos a trabalho escravo; os que representassem ameaça seriam confinados em masmorras. Ver Jer. 6.11-12, quanto aos efeitos universais da invasão. Nenhuma família permaneceria unida; nenhuma pessoa ficaria intocada. Até as crianças seriam brutalmente maltratadas e mortas.

Obediência Moral Requerida, e Não Sacrifícios (7.21-28)

7.21

Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos. A passagem à nossa frente expressa a idéia de Jeremias sobre a verdadeira fé espiritual. Alguns dizem que Jeremias não eliminou o que era sacrificial, ritual e cerimonial, mas percebeu que essas coisas eram inteiramente inúteis; e, na nação de Judá de seu tempo, eram realmente fúteis. A *obediência* às implicações morais da lei de Moisés era o principal. Naturalmente, deveria ser uma obediência prestada de coração, e não mero cuidado em cumprir os deveres determinados. Ver as notas expositivas sobre Pro. 4.23 quanto à fé de todo o coração. Alguns estudiosos têm um ponto de vista radical a respeito desta passagem, supondo que Jeremias tenha chegado ao extremo de negar qualquer valor, histórico ou presente, aos sacrifícios de animais, supondo que o intuito original de Yahweh não fosse esse. Ver as notas sobre os vss. 22 e ss. Cf. Amós 5.21-25; Osé. 6.6; Isa. 1.10-17; Miq. 6.6-8. Podemos dizer, pelo menos, que os últimos profetas estavam movendo-se "na direção" da compreensão do Novo Testamento sobre a fé e a prática religiosa, e começavam a perceber que havia algo melhor que os sacrifícios animais, bem como melhor que as formas primitivas do yahwismo que dominava desde os dias de Moisés.

E comei carne. Os sacrifícios chamados *holocaustos* (ver a respeito no *Dicionário*) eram dirigidos somente a Yahweh. A carne dos animais era queimada no fogo, sobre o altar. Outros sacrifícios de animais eram diferentes. O indivíduo que quisesse fazer um sacrifício trazia seu animal. O *sangue e a gordura* (considerados porções escolhidas) eram queimados sobre o altar, como partes pertencentes a Yahweh. Ver as leis sobre o sangue e a gordura, em Lev. 3.17 e suas notas expositivas. Além disso, aos sacerdotes eram dadas *oito porções* diferentes do animal, para serem servidas nas refeições. Ver as notas expositivas sobre Lev. 6.26; 7.11-24; 7.28-38; Núm. 18.8; Deu. 12.17,28. O que *sobrasse* era propriedade do homem que trouxera o sacrifício, e ele poderia comer essas porções com seus familiares e até convidar outras pessoas para participar. Jeremias fez aqui a notável declaração de que o povo poderia também comer a carne dos *holocaustos*, e não meramente de outros tipos de sacrifícios. E também reivindicou que Yahweh-Elohim o inspirou a dizer essas palavras. A implicação é que todas as regras sobre os animais sacrificados tinham sido feitas pelos homens desde o princípio, e nunca houve significado espiritual real nos sacrifícios animais. Se essa foi realmente a posição de Jeremias sobre os sacrifícios, então ela só pode ser considerada blasfema e herege pelos "fundamentalistas". Para escapar dessa posição tão radical, muitos intérpretes supõem que Jeremias estivesse falando em *termos comparativos*, ou então que estivesse meramente declarando que os sacrifícios de *seus dias*, quando Judá estava mergulhado na apostasia, nada significavam nem eram ordenados por Yahweh, não que, historicamente, essa fosse a verdade dos fatos. Mas isso contradiz o fraseado literal do vs. 22.

7.22

Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito. Se tomarmos essas palavras literalmente e nada adicionarmos ao texto, nem mental nem verbalmente, então devemos compreender a afirmação de Jeremias de que Yahweh jamais ordenou o sacrifício de animais, dando a entender que todo o sistema havia sido criado pelos homens e estava equivocado. Nesse caso, teríamos aqui uma seca negação de que todo o material do Pentateuco concernente aos holocaustos e a outras formas de sacrifícios de animais tinha sido determinados por Deus. Se essa era a posição de Jeremias, então somos obrigados a concluir que ele foi ainda mais radical do que o Novo Testamento, que admite as ordenanças divinas sobre sacrifícios, mas os vê como uma fé primitiva que *prefigurava* a substância da verdadeira espiritualidade em Cristo. "Jeremias disse claramente que, nos dias de Moisés, Deus não estabeleceu nenhum requisito atinente aos sacrifícios, mas somente a obediência moral... Deliberadamente ele se manifestou contra o ponto de vista *prevalecente* de que Moisés ordenou sacrifícios de animais (cf. Amós 5.25)" (James Philip Hyatt, *in loc.*, que entende essas palavras da maneira mais literal possível).

Como é óbvio, muitos intérpretes correm em ajuda de Jeremias para salvá-lo da acusação de blasfêmia e heresias. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Uma maneira de *salvar Jeremias* da acusação de blasfêmia é dizer que os sacrifícios não eram a "principal" questão em vista.
2. Outra forma é dizer que os "sacrifícios de seus dias" eram fúteis, e que ele não estava atacando sacrifícios históricos.
3. Ainda outro modo de *salvar* o profeta consiste em dizer que ele falou em termos absolutos, mas deveria ser entendido relativamente: os sacrifícios apenas apontavam para algo melhor, não eram a essência da fé.
4. Ou então os sacrifícios de animais só são aceitáveis quando acompanhados por uma fé de todo o coração, vinculada à obediência moral à lei mosaica. Isso equivale a dizer que Jeremias tinha uma compreensão cristã sobre a lei. Os hebreus pensavam que todos os aspectos da lei, seus mandamentos,

seus sacrifícios, seus ritos etc. eram *questões morais.* Os hebreus não dividiam a lei mosaica numa parte moral e noutra cerimonial, conforme fazemos.

Talvez Jeremias fosse mesmo um hebreu tão radical a ponto de devermos tomar este versículo em um sentido absolutamente literal. Talvez todas as nossas tentativas de *salvá-lo* nos afastem do que ele ensinava, em vez de aproximar-nos dele. Talvez todas as nossas tentativas de salvar Jeremias sejam meras *harmonias* com outros textos do Antigo Testamento, enquanto Jeremias não estava interessado em harmonias. Talvez ele pensasse ter recebido uma revelação superior que superava os textos antigos. Talvez o que ele estivesse dizendo fosse: "Esta é a *verdade* da questão. Esqueçam aquilo em que vocês têm crido". Talvez a declaração de I Sam. 15.22 de que "obedecer é *melhor* do que o sacrificar" esteja fora de lugar aqui. Em outras palavras, se Jeremias tivesse acreditado que os sacrifícios de animais não tinham nenhuma utilidade e eram uma invenção humana, ele não falaria em termos de algo *melhor,* como se tivesse *algum* valor. Pessoalmente, tenho-me metido em muitas dessas controvérsias, e sinto-me inclinado a aceitar o ponto de vista radical desta passagem. O leitor deve sentir-se livre para adicionar *medidas salvadoras* a fim de evitar que Jeremias seja considerado um herege. Se o ponto de vista radical é o correto, então, podemos estar certos de que o profeta já tinha perdido todos os seus amigos. Os apóstatas o odiavam. E agora os poucos fundamentalistas que ainda restavam em Judá sem dúvida também o detestavam, acusando-o de blasfêmia. Por outro lado, a maioria dos verdadeiramente *grandes pioneiros espirituais* foram considerados blasfemos e hereges em seus próprios dias, incluindo Jesus e Paulo, que foram tão ou mais radicais ainda do que Jeremias.

7.23

Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz. *A Lei Moral.* Para Jeremias, a essência da lei eram as implicações morais, e não o sistema de sacrifícios de animais. Ver os vss. 4-6, onde o profeta nos dá um sumário do que ele considerava importante na lei. Os sacrifícios e ritos são conspícuos por sua ausência. Jeremias estava dizendo que a fé de um homem tem de chegar a seu coração e *transformá-lo* moralmente. Sabemos que, na doutrina cristã, a transformação moral produz a transformação metafísica, mediante a qual compartilhamos da natureza divina (ver II Ped. 1.4), adotando a imagem do Filho (ver Rom. 8.29; II Cor. 3.18 e I João 3.2). Talvez a fé de Jeremias estivesse estendendo-se para essas doutrinas elevadas. Ele sabia que a chave era a transformação moral, e não os ritos ou as preocupações cerimoniais. Um homem deve *andar* na fé, obedecendo aos preceitos da lei, e não meramente "freqüentando o templo" para realizar seus ritos. Ver sobre o verbete chamado *Andar,* no *Dicionário.* Cf. este versículo com Êxo. 19.5 e Deu. 6.3. A lei superior, naturalmente, é a lei do *amor,* demonstrada em Deu. 6.5. Ver Rom. 13.8-10. Qualquer comentário sobre o significado da lei será incompleto sem essa observação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor,* quanto a detalhes. Ser um *filho* do Pai celestial significa andar de uma maneira que Lhe é agradável, que duplica, em alguma medida, a Sua santidade. Israel, como filho obediente, teria de retomar aos requisitos morais da lei, colocando-os em prática.

7.24

Mas não deram ouvido nem atenderam, porém andaram nos seus próprios conselhos. Enquanto Jer. 2.2-3 fornece boa reportagem sobre a "jovem Israel", Jer. 7.24-25 não se importa em fazer isso. A situação era desanimadora desde o começo, pois seus ouvidos estavam cerrados para qualquer instrução, o coração estava duro, a mente era obtusa; Israel andava em seus vãos conselhos, cumprindo todas as imaginações de seu coração mau, sempre recuando na escala moral e espiritual, nunca avançando. Cf. o Sal. 81.11; Jer. 2.27; 11.8; Deu. 29.29 e Osé. 4.16. Diz o Targum: "Eles voltaram as costas à Minha adoração e não puseram o Meu temor defronte dos olhos". "Eles não prosperavam, mas sofriam a adversidade; eram uma maldição, e não uma bênção. A calamidade acompanhava as obras de suas mãos" (John Gill, *in loc.*).

7.25

Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito, até hoje. *O poder de Yahweh* é que tirou os israelitas do Egito, da servidão para a liberdade (o que é dito por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio; ver Deu. 4.20), mas nem isso os tornou agradecidos. Então servos, líderes, profetas e sacerdotes divinamente nomeados acompanharam seus caminhos, dando-lhes orientações que eles se recusavam a seguir. A situação era como a da esposa infiel, que, embora altamente privilegiada, continua procurando amantes que satisfaçam seus desejos vis (ver Jer. 3.1-2,13-14). Cf. este versículo com II Crô. 36.15; Jer. 25.4; 24.19. Ver também no vs. 13 deste capítulo uma idéia similar. Yahweh agiu, "levantando-se cedo" (ou seja, mostrando-se diligente acerca de sua dispensação misericordiosa), ou, conforme dizem outras traduções, "dia após dia" (Revised Standard Version, Atualizada). "Era um agravo de seus pecados, que eles deveriam continuar em sua desobediência, a despeito do fato de que o Senhor lhes deu muitos servos" (John Gill, *in loc.*).

7.26

Mas não me destes ouvidos nem me atendestes. A despeito da diligência do *Enviador* e dos *enviados,* Israel continuou a fechar os ouvidos (vs. 24), a endurecer o coração e a fechar os olhos a todas as suas vantagens, bem como a toda a bondade divina que lhe havia sido dispensada. Pelo contrário, eles se mostraram rebeldes como bois que endurecem o coração contra o jugo e se recusam a puxar o arado em uma fileira reta. Cf. Nee. 9.17,29 e Jer. 19.15. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dura Cerviz.* As coisas pioraram conforme o avanço deles, pelo que os filhos faziam pior do que seus pais tinham feito. "O pensamento geral dos vss. 25-26 é que a história toda da nação de Israel tinha demonstrado progressiva *deterioração,* atingindo o clímax na geração em que Jeremias viveu" (Ellicott, *in loc.*).

7.27

Dir-lhes-ás, pois, todas estas palavras, mas não te darão ouvidos. Sermões e instruções contínuas, constantes convites ao arrependimento — tudo seria inútil e estúpido. O profeta já havia sido proibido de interceder pelos rebeldes (vs. 16). O caso não tinha solução. Algumas vezes, a melhor coisa a fazer é simplesmente deixar de insistir e abandonar um *caso sem solução,* a fim de que a tristeza não se multiplique. "Jeremias não deveria esperar que a reação do povo de Judá, em seus dias, fosse diferente da reação do mesmo povo no passado. De fato, Deus havia dito a Jeremias que a nação não lhe daria ouvidos" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ezequiel recebeu a instrução divina de que deveria continuar falando, embora o povo não lhe desse ouvidos (Eze. 2.7), mas isso foi antes da longa provação que nada produziu senão desapontamento.

7.28

Dir-lhes-ás: Esta é a nação que não atende à voz do Senhor seu Deus. A nação que *habitualmente* se recusava a ouvir e a obedecer, tornou-se a nação que *perdeu a verdade,* pois a verdade *pereceu* e foi cortada dos lábios dos homens. Judá não ouvia a verdade, nem dizia a verdade. Para esse povo, a verdade tornou-se uma *questão morta.*

> *Curvam a língua, como se fosse o seu arco, para mentira;*
> *fortalecem-se na terra, mas não para a verdade.*
>
> (Jeremias 9.3)

"Neles não havia nem fé nem fidelidade; coisa alguma senão a mentira, a hipocrisia e a falta de sinceridade" (John Gill, *in loc.*).

Ritos Pecaminosos no Vale de Hinom (7.29 – 8.3)

7.29

Corta os teus cabelos consagrados, ó Jerusalém, e põe-te a prantear. Cortar os cabelos era um ato de profunda lamentação e também um quadro da morte. O oráculo tem implicações a longo prazo que ultrapassam o cativeiro babilônico, mas certamente incluiu este evento tipicamente como um dos mais ferozes julgamentos vindos de Deus. "A predição inteira é uma predição dos males que deveriam vir, principalmente por causa das práticas abomináveis que incluíam o sacrifício de crianças no vale de Hinom. Ela contém mais detalhes escatológicos do que usualmente se encontram no livro de Jeremias. Há diversos paralelos no livro de Deuteronômio, sugerindo a autoria do editor deuteronômico (ver Jer. 19.6-7; 32.34-35; 25.10 e 16.9). O trecho de Jer. 8.3 pressupõe o exílio babilônico. Mas, apesar de haver muitos traços de uma edição deuteronômica, a passagem, na sua totalidade, não é infiel ao estilo de Jeremias" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Embora a passagem seja essencialmente prosaica, pode-se notar algumas peças de poesia.

Quanto ao *cortar os cabelos* como sinal de profunda lamentação, ver Jó 1.20; Isa. 15.2-3; Jer. 48.37 e Eze. 7.18. A lamentação aqui é uma *lamentação fúnebre* por toda a nação de Judá. O dia do arrependimento e da restauração se perdera. Tal oportunidade não voltaria mais. Aquela geração fora irreparavelmente abandonada. Talvez Jeremias estivesse sob um juramento de nazireado (ver Núm. 6.2). Agora ele tinha terminado seu juramento. Um ciclo de seu ministério havia terminado. A lamentação seria profundíssima e muito alta, chegando ao topo das colinas de Jerusalém.

7.30

Porque os filhos de Judá fizeram o que era mau perante mim. A idolatria-adultério-apostasia de Judá permeou toda a Terra Prometida, não poupando nem mesmo o templo, que se tornou um centro de sincretismo religioso, mesclando o yahwismo com os cultos pagãos. Agora, não havia mais remédio, e o julgamento

era a única resposta. O *Nome* de Yahweh era desonrado até mesmo no templo, por causa das *abominações,* termo comum para referir-se à idolatria. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Abominação.* Este versículo descreve "o que tinha sido feito por Acaz" (II Crô. 28.2); e, depois de purificado por Ezequias (II Crô. 29.5), o templo foi novamente poluído por Manassés (II Reis 21.4-7; II Crô. 33.3-7). A reforma de Josias entravou a tendência à idolatria (II Reis 23.4; II Crô. 34.3), mas o pêndulo inclinou-se novamente na direção da idolatria, após sua morte " (Ellicott, *in loc.*).

7.31

Edificaram os altos de Tofete, que está no vale do filho de Hinom. Os *lugares altos* (ver no *Dicionário*) dos pagãos nunca foram completamente abandonados. Persistiram até o fim e foram uma praga por muitas gerações. Lugares altos especiais foram implantados em *Tofete* (ver a respeito no *Dicionário*), e havia ídolos sob cada árvore frondosa, onde um casal praticava sexo ilícito em honra a algum deus da fertilidade (ver Jer. 3.13). Tofete ficava localizado no vale de *Hinom* (ver a respeito no *Dicionário*) (cf. Jer. 19.2 e 32.35). Ali eram praticados sacrifícios de crianças, um dos mais horrendos pecados de Judá, perpetrado em imitação ao pior do que havia no paganismo, diante do que Judá se tinha prostrado, *entusiasmando-se* em favor dessa forma pútrida de idolatria. Cf. II Reis 21.6; II Crô. 33.6; Jer. 19.5. O vale de Hinom ficava bem próximo de Jerusalém, ao sul e a oeste da cidade. Nos tempos helênicos, o vale de Hinom tornou-se conhecido pelo nome de *Geena,* servindo de símbolo da temível punição do pós-túmulo. Ver Mat. 5.22,29-30 e II Ped. 2.4. Com o toque de paganismo franco, foi totalmente obliterado o yahwismo, que proibia estritamente os sacrifícios de infantes. Sacrifícios infantis eram parte comum da adoração cananéia e fenícia de Moloque (ver Lev. 18.21; 20.2-5; II Reis 16.3 e II Crô. 28.3, que mostram que Acaz se envolveu nessa prática pecaminosa, tal e qual também fez Manassés, II Reis 21.6; II Crô. 33.6. Quanto a plenos detalhes sobre essa prática, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moleque, Moloque.* Lev. 18.21 e 20.23 proíbem expressamente essa prática, mas Judá há muito tinha cessado de incomodar-se com as demandas da lei de Moisés).

7.32

Portanto, eis que virão dias, diz o Senhor, em que já não se chamará Tofete... mas o Vale da Matança. O local onde Israel (Judá) assassinava os próprios filhos e filhas, e honrava divindades pagãs, em breve tornar-se-ia um lugar da matança do povo judaico em geral, pelo que se tornaria conhecido pelo nome de *Vale da Matança.* Tantas pessoas morreriam ali que seria difícil encontrar um pedaço de terreno para ser *queimado* outro corpo. A referência é à invasão e à matança causada pelo exército babilônico, embora este versículo pareça ter tons escatológicos secundários, referindo-se à destruição que ocorrerá antes da inauguração da era do Reino de Deus. Haveria *justa retribuição* no mesmo lugar onde aqueles costumes idólatras horrendos estavam sendo praticados. Isso daria cumprimento à *Lex Talionis* (ver no *Dicionário* sobre essa lei de retribuição de acordo com a gravidade das ofensas), um aspecto da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver também no *Dicionário*). Jer. 19.6-15 confere uma descrição mais detalhada do que é mencionado no presente versículo.

7.33

Os cadáveres deste povo servirão de pasto às aves dos céus. Haveria tantos cadáveres no *Vale da Matança* que nem mesmo o fogo constante que havia no lugar consumiria a todos. Seria necessário que os abutres e as águias, aves de rapina, voassem ali aos milhares, para almoçar os cadáveres. Até animais ferozes dos campos existiriam naquele lugar, por causa da abundância de carne humana. E haveria tão grande número de animais que nenhum esforço conseguiria espantá-los. Seria uma visão dantesca, o castigo divino contra um povo pervertido. "A predição sobre as feras a comer as carcaças confirma o pacto mosaico, por causa da desobediência do povo" (Deu. 28.26)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Aqueles apóstatas de Judá tornaram-se destituídos de humanidade, sendo-lhes negado até um sepultamento decente, e eles sofreram o insulto final de ser devorados pelas feras, algo totalmente intolerável para a mente dos hebreus. Mas o que eles tinham praticado também era totalmente intolerável para a mente divina. Jer. 8.1-2 mostra-nos que até o corpo dos líderes do povo seria desonrado.

7.34

Farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, a voz de folguedo e a de alegria. A alegria desapareceria. Os julgamentos de Yahweh espantariam toda a felicidade de Judá e, especialmente, de Jerusalém. As ruas soariam de lamentações, proferidas pelos poucos sobreviventes. Não haveria mais casamentos felizes, com as jubilosas exclamações da noiva ou do noivo. A Terra Prometida tornar-se-ia desolada. Os poucos sobreviventes seriam levados para o exílio na Babilônia. As mulheres mais bonitas inchariam os haréns dos chefes babilônicos, e as não tão belas tornar-se-iam escravas. Os melhores varões seriam presos em masmorras, para assegurar que não haveria nenhuma revolta, enquanto os demais seriam transformados em escravos. As crianças seriam mortas, e as poucas que sobrevivessem seriam reduzidas à servidão. Nenhuma família permaneceria unida. A barbaridade dos babilônios era notória. Muitos judeus seriam empalados ou esfolados vivos. Ver Jer. 6.11-12 quanto à aplicação universal de punições inenarráveis e de calamidades que o povo de Judá estava prestes a sofrer.

> *Por dores próprias do purgatório nos foi determinado passar. Em primeiro lugar, a letra morta da religião devia possuir a sua própria morte, caindo em pedaços no pó, enquanto o Espírito da verdadeira Fé, libertada de sua prisão, se erguerá acima de nós. Então seremos os recém-nascidos do Céu. Haverá cura em suas asas.*
>
> (Sartor Resartus. *livro II, capítulo 3)*

Capítulo Oito

Não há interrupção entre os capítulos 7 e 8 de Jeremias. Jer. 8.1-3 continua o parágrafo iniciado em Jer. 7.29, onde dou notas de introdução.

8.1

Naquele tempo, diz o Senhor, lançarão para fora das suas sepulturas os ossos dos reis... Até mesmo os cadáveres (ossos) dos líderes judeus seriam desonrados. Depois de sepultados, esses corpos seriam desenterrados e os ossos seriam espalhados para que o povo comum visse o que sucedia a apóstatas e pecadores pervertidos que permitiram que o mal ficasse descontrolado. Haveria um julgamento de Deus, através de Seu látego, a Babilônia, contra os que tinham falhado em liderar Judá corretamente na hora da crise. Os ossos daqueles líderes ficariam ali, expostos (Jer. 25.33), uma desgraça singular para a mentalidade dos hebreus. "Os vitoriosos babilônios haveriam de violar os santuários dos mortos, atrás de saque, na esperança de encontrar ornamentos, tesouros e insígnias da realeza que usualmente eram sepultados juntamente com os reis. Ou antes o propósito deles era praticar a maior *desonra* possível contra os mortos (ver Isa. 14.19)" (Fausset, *in loc.*).

É provável que tanto sepulturas recentes quanto antigas tivessem sido violadas. Os pagãos dificilmente mostrar-se-iam seletivos em seu feito atrevido. "Hircano, para grande escândalo dos judeus, deixou aberto o sepulcro de Davi (Josefo, *Antiq.* 7.15)" (Ellicott, *in loc.*).

8.2

Espalhá-los-ão ao sol, e à lua, e a todo o exército do céu. Os ossos dos falecidos líderes de Judá seriam expostos ao dia (ao sol), à noite (à luz da lua), em horrenda exibição de desonra e desprezo, enquanto os poucos judeus que sobrevivessem e permanecessem na região agonizariam diante da cena. E saber dessas coisas, no exílio da Babilônia, seria "terrível apenas de ouvir", conforme Homero dizia. A punição e a desgraça tinham sido desferidas bem a propósito, porquanto aqueles homens ímpios, dos dias de Jeremias, adoraram o sol, a lua e os corpos celestes, na presença dos quais agora eram expostos em meio a tantas desgraças.

Este versículo, naturalmente, inclui corpos mortos que nunca tinham sido sepultados e agora serviriam ao "elevado" propósito de fertilizar o solo. Assim sendo, os babilônios infligiram sucessivas desgraças não somente contra os vivos, mas também contra os mortos. Isso estava em harmonia com a maneira insana pela qual os babilônios guerreavam e puniam seus adversários. Horácio (*Epod.* xvi.11) fala sobre outras pessoas que praticavam tais atos de contaminação contra os mortos dos povos conquistados.

> *Através das ruas, em triunfo vingativo, eles avançavam,*
> *Exibindo as cinzas sagradas do grande fundador*
> *Que tinha dormido sem nenhuma injúria, em sua urna, por tanto tempo.*

Quanto à adoração aos corpos celestes como parte da corrupção geral da adoração a muitas divindades pagãs, ver II Reis 21.3-5; 23.5; Jer. 7.18; Êxo. 8.16. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria,* que ilustra esse aspecto, juntamente com muitas outras questões.

8.3

Escolherão antes a morte do que a vida todos os que restarem desta raça malvada. Há um tipo de vida que não vale a pena viver, e impotentes seres humanos, quando mergulham nesse tipo de vida, anelam pela morte, como preferível a viver em meio à vergonha e à agonia. Para Judá, viver no exílio era uma

morte em vida, e muitos exilados prefeririam ter morrido na matança de Jerusalém. Nenhuma família ficou unida. As mulheres se prostituíram; até mesmo crianças foram reduzidas à escravidão, para nada dizermos quanto aos homens. Fora Yahweh, o *Senhor dos Exércitos* (ver no *Dicionário* esse título, e também I Reis 18.15), quem liderou os exércitos pagãos e bárbaros a Jerusalém, e quem também levou os exilados para o seu cativeiro. Isso posto, o incidente inteiro, do começo ao fim, foi um castigo contra a idolatria-adultério-apostasia de Judá. Ver como o Ser divino controla a vida e os eventos humanos, em Isa. 13.6. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Soberania* e *Providência de Deus*. Há uma providência divina positiva, mas também existe uma providência divina negativa, que serve de vingança e retribuição. Jamais devemos esquecer, entretanto, que essa providência negativa é um dedo da amorosa mão de Deus, visto que todos os juízos divinos também são *remediais*.

O Desvio Desnaturai de Israel (Judá) (8.4-7)

8.4

Dize-lhes mais: Assim diz o Senhor: Quando caem os homens, não se tornam a levantar? Encontramos aqui um grupo de oráculos proféticos que cobrem diversos temas. "A seção de Jer. 8.4 – 9.1 provavelmente esteve no rolo de Baruque. Se esse rolo era lido em um dia de jejum, proclamando lamentação por uma seca prolongada, conforme é sugerido em Jer. 36.6, então o oráculo final (ver Jer. 8.18 – 18.10) formava um fim apropriado para o rolo de Baruque" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Materiais Miscelâneos: Jer. 8.4 - 10.25. Nenhum tema comum percorre esse material, pelo que cada oráculo precisa ser explicado separadamente, sem se buscar fios comuns que sustentem a seção em seu conjunto. Os vss. 4-7 fazem uma série de indagações que desmascaram a horrenda obstinação e rebeldia de Judá. Até as aves migratórias que estão hoje aqui e amanhã em outro lugar, seguem algum tipo de esquema e desígnio misterioso. Mas Judá não seguia coisa alguma, a não ser seus impulsos interiores, sem nenhuma razão ou desígnio.

Este versículo apresenta uma verdade banal: certos acontecimentos são naturalmente seguidos por outros, como é lógico. Quando um homem cai, ele se levanta logo que lhe for possível. Ele não fica caído ali, como se fosse um insensato. Quando um homem sai de casa, naturalmente volta. Ou então, quando um homem se desvia do caminho certo, ao descobrir seu equívoco, ele volta, porque essa é a coisa lógica a ser feita. Mas Judá não seguia nenhuma lógica, nenhuma razão clara e nenhum padrão previsível de vida, exceto ir de mal a pior. Todas as expressões usadas nessa figura simbólica falam em *arrependimento*. O homem caído, pois, "levanta-se", anulando assim sua *queda*. Um homem que se *desvie* da vereda certa a ela *retorna*. Mas os instintos espirituais naturais tinham sido aniquilados em Judá já fazia muitos anos, ou tinham declinado e caído no pântano do pecado. Judá mergulhara em um abismo que não lhe permitia escapar; depois de ter-se desviado do caminho certo, Judá se *perdera* em um profundo buraco.

8.5

Por que, pois, este povo de Jerusalém se desvia...? Judá tinha caído em um desvio perpétuo e irresistível; tinha sido avassalada por um engano sem descanso, incluindo os líderes da nação e até o coração de cada indivíduo. Os judeus tinham chegado a amar o ludíbrio em que haviam caído, apegando-se a ele como se fosse uma questão de verdade e vida. E quando foram convidados a retornar, descobriram que eles tinham perdido a habilidade de fazê-lo, razão pela qual repeliam toda a advertência nesse sentido. Sócrates ensinava a teoria ingênua de que um homem que realmente *saiba* o que é melhor para ele, fará precisamente essa coisa. Mas a experiência humana mostra que há um *instinto suicida* em muitas pessoas, as quais propositadamente fazem coisas que sabem ser-lhes prejudiciais e não prestam atenção aos protestos dos outros. O ato de *fumar* é uma ilustração disso, mas há muitos outros casos.

O pecado engana e, ainda que um homem possa racionalmente dizer que um vício ou coisa semelhante o prejudicará, ele se sente tão excitado por sua perversão, que não desistirá facilmente. Na realidade, o homem caído no pecado é uma criatura que busca a autodestruição, e vemos isso ilustrado diariamente quando observamos o estilo de vida de muitos. A idolatria-adultério-apostasia de Judá se tornara uma maneira desejada de viver, e nem mesmo a ameaça da invasão babilônica teve efeito sobre o povo judeu. Eles tinham sintonizado seus ouvidos para ouvir os clamores falsos de "paz, paz" dos falsos profetas (ver Jer. 6.14).

8.6

Eu escutei e ouvi; não falam o que é reto, ninguém há que se arrependa da sua maldade. *Uma estupidez implacável* tomou conta da Terra Prometida. Yahweh e Seus profetas ouviam atentamente o que o povo judeu andava dizendo, mas o que diziam não fazia sentido e também não refletia nenhuma atitude reta. Eles chegaram a acreditar em suas próprias mentiras (vs. 5), e o engano embotou a inteligência de um povo inteiro.

> *Eles não sentiam tristeza por causa de seus maus caminhos. O povo não pensava sobre as coisas más que eles tinham praticado.*
>
> (NCV)

O povo de Judá tinha-se tornado como um *cavalo irracional* que se precipita para a batalha, treinado para assim fazer e incapaz de qualquer ação alternativa. Eles se tinham reduzido à condição de feras brutas, tanto em suas atitudes quanto em seus atos. Cf. Jó 39.19-25.

8.7

Até a cegonha no céu conhece as suas estações. *Diversas aves migratórias* possuem uma espécie de lógica e instinto misterioso quanto ao que fazem, embora os homens continuem a tentar descobrir como isso acontece. Algum tipo de lei natural governa o vôo dos pássaros pelos céus, com suas paradas em lares temporários. Mas nenhuma lógica ou lei exercia efeito sobre Judá. A lei, os julgamentos e as ordenanças do Senhor foram dados como *guias* do povo de Israel (ver Deu. 6.4 ss.), contudo não havia poder que controlasse aquele povo réprobo.

> *O boi conhece o seu possuidor, e o jumento o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende.*
>
> (Isaías 1.3)

Os animais são governados pelas leis naturais, mas Judá se deixava guiar por seus impulsos desnaturais e caóticos.

> *Preferimos arruinar-nos a ser mudados;*
> *Preferimos morrer em nossos temores*
> *Do que sair de nossos próprios caminhos*
> *E permitir que nossas ilusões morram.*
>
> (W. H. Auden, *The Age of Anxiety*)

"As aves do céu obedecem a seus instintos como a lei de sua natureza. Israel, com seu fatal *dom da liberdade*, resistiu à lei da vida" (Ellicott, *in loc.*).

Falsa Reivindicação à Sabedoria (8.8-13)

8.8

Como, pois, dizeis: Somos sábios, e a lei do Senhor está conosco? Conforme mencionado nas notas de introdução ao vs. 4, a seção perante nós (ver Jer. 8.4-10.25) contém certo número de oráculos não relacionados. Ver as notas expositivas ali. Mas os oráculos atacam diferentes aspectos do caráter da apóstata Judá. Aquele povo tinha uma sabedoria falsa. A pergunta deste vs. 8 foi dirigida aos sacerdotes e profetas que se tornaram arrogantes em sua ridícula liderança do povo de Judá. Jeremias repreendeu a todos os fingimentos. Os sofismas deles haviam transformado a verdade de Deus em mentira. As manipulações errôneas da lei, por parte deles, mediante negligência, falsas interpretações e mistura com o paganismo, formando um sincretismo nojento, anularam os pactos com Yahweh. Ver sobre o pacto abraâmico em Gên. 14.18, e ver o pacto mosaico nas notas de introdução a Êxo. 19.

A falsa pena dos escribas. Ou seja, um *estilo de ferro* que era usado para gravar pedras ou metais, a ser contrastado aqui com o dedo de Yahweh que escreveu sobre a pedra quando deu os Dez Mandamentos. Os falsos ministros de Judá substituíram a pedra, o estilo e a mensagem. Eles transformaram a Lei do Senhor em um documento mentiroso, repleto de paganismo e idolatria arrogante. Os *escribas* não somente eram copistas da lei, mas também mestres e intérpretes. Aqueles homens ímpios falsificaram a lei e compuseram seu próprio sistema pútrido, que incorporava algum yahwismo.

8.9

Os sábios serão envergonhados, aterrorizados e presos. Aqueles homens, pseudo-sábios que eram, seriam envergonhados e punidos por aquilo que tinham feito. Eles rejeitaram a fonte originária da sabedoria, a lei. A *Literatura de Sabedoria*, incluindo o livro canônico de Provérbios (e alguns salmos), estava quadradamente alicerçada sobre a lei, que foi fortalecida e explicada pelas declarações de sabedoria. Mas os pervertedores da retidão, da época de Jeremias, não fomentavam a lei por suas interpretações e ensinos. Eles degradavam a lei, transfor-

mando-a em algo que ela não era. Além disso, adições intermináveis e repelentes foram aproveitadas diretamente dos cultos pagãos. Quando essas adições foram feitas, tornou-se claro que aqueles homens não tinham nenhuma sabedoria autêntica. "A Palavra do Senhor é a única verdadeira fonte de sabedoria (ver Sal. 119.98-100; Pro. 1.7; 9.10), pois o temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor,* e ver sobre o temor do Senhor em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também o artigo chamado *Sabedoria.*

8.10

Portanto darei suas mulheres a outros, e os seus campos a novos possuidores. Este versículo é similar a Jer. 6.11-12, referindo-se aos temíveis efeitos do cativeiro babilônico, bem como da matança que o precederia. Nenhuma classe, nenhum indivíduo seria poupado. Todas as famílias dentre os judeus seriam divididas pela morte e pelo exílio. Mulheres escolhidas tornar-se-iam membros dos haréns babilônicos. E mulheres de qualidade secundária tornar-se-iam escravas de proprietários brutais. A maioria dos homens judeus seria morta, e os poucos sobreviventes iriam para o exílio. Haveria casos generalizados de empalação e esfolamento, bem como aprisionamentos e torturas. Todos, desde o menor até o maior, sofreriam o terror, porque todos se haviam envolvido em um grande *jogo de ganância* e de prejudicar o próximo, por puro esporte. Cf. isso com Jer. 6.13, passagem essencialmente idêntica a este versículo. Ver as notas expositivas ali. De fato, os vss. 10-12 repetem a essência de Jer. 6.12-15.

8.11

Curam superficialmente a ferida do meu povo. Este versículo é uma duplicação de Jer. 6.14, onde são oferecidas notas expositivas. Ver também Eze. 13.10.

8.12

Serão envergonhados porque cometem abominação. Este versículo é uma leve modificação de Jer. 6.15, onde são dadas notas expositivas.

8.13

Eu os consumirei de todo, diz o Senhor. Este versículo deve ser ligado ao vs. 9. Os *pseudo-sábios* não produziam fruto. Antes, eram estéreis, a despeito de toda a sua jactância e autoglorificação. Assemelhavam-se a vinhas sem uvas e a figueiras sem figos. Devido à sua falta de fruto, eram conhecidos como réprobos (ver Mat. 7.16). Eram pessoas cheias de *folhas,* isto é, *exibidas,* mas desprovidas da essência da espiritualidade. Eram folhas que em breve *murchariam.* O dia delas estava quase terminando.

A última linha deste versículo é obscura e tem atraído as tentativas de adivinhação dos tradutores e intérpretes. Considere o leitor estes quatro pontos:

1. Qualquer coisa que Yahweh tivesse conferido para distingui-los em seu ofício seria retirada. Finalmente eles perderiam os privilégios e até a própria vida.
2. Deus já tinha determinado quem os avassalaria. Ou seja, Yahweh enviaria o inimigo babilônico contra eles.
3. Ou os frutos da terra, as boas colheitas, coisas que os faziam prosperar, seriam tirados.
4. Ou a lei, que lhes fora dada como um fideicomisso divino especial, seria tirada de suas mãos. Eles pereceriam e não mais exerceriam ofícios espirituais.

Desespero Devido à Invasão Estrangeira (8.14-17)

8.14

Por que estamos ainda assentados aqui? Reuni-vos, e entremos nas cidades fortificadas. Temos aqui ainda outro oráculo, dentre o grupo de oráculos contidos na seção de Jer. 8.4-10.25. Ver as notas introdutórias em Jer. 8.4. É outra predição concernente ao inimigo vindo do norte. Cf. Jer. 1.13-15; 4.5-21; 5.15-17 e 6.22-26. A ênfase deste oráculo denota desespero, até mais do que os outros que tratam do mesmo assunto. Também foi reiterado que a causa era Yahweh, que usava os babilônios como instrumento para expurgar a nação de Judá. Naturalmente, as *causas secundárias* eram os habitantes de Judá que estavam promovendo uma forma repelente de idolatria-adultério-apostasia.

O nome do jogo era *perecer.* Nenhuma esperança continuou a ser embalada, nem houve mais convites vãos ao arrependimento. Judá avançara demais em seu caminho de desobediência para ser capaz de reverter a maré do julgamento de Yahweh-Elohim, que já perdera a paciência. Haveria grande ajuntamento popular para enfrentar a horrenda condenação. A população correria inutilmente para as cidades fortificadas, já sabendo que a causa estava perdida e que o futuro imediato só traria agonias. Não haveria vitórias de surpresa, como algumas vezes aconteceu no passado de Israel, quando Yahweh os defendia. Dessa vez, eles teriam de sorver a bebida venenosa, amarga e fatal que Yahweh havia misturado. Todos os acontecimentos preditos aconteceriam por causa de seus pecados, dos quais nem ao menos eles fingiram arrepender-se. Quanto à água envenenada, o cálice da ira de Deus, ver Jer. 9.15; Sal. 75.8; Núm. 5. Ver também Jer. 23.15. Diz o Targum: "E nos fez beber o cálice de uma maldição, como a cabeça das serpentes". Os invasores são comparados a víboras venenosas que virtualmente eliminariam a população inteira, no vs. 17.

8.15

Espera-se a paz, e nada há de bom; o tempo da cura, e eis o terror. Os *falsos profetas* tinham prometido vãmente a "paz"; e era precisamente a paz que aqueles apóstatas estavam querendo, pelo que se enganavam a si mesmos, acreditando nessa palavra mentirosa. Ver Jer. 6.14. Mas, quando chegou o temido dia do ataque babilônio, tornou-se evidente que não haveria paz, nem bem, nem cura, mas somente *terror. Cura,* neste caso, significa perdão dos pecados, fechamento dos ferimentos espirituais (ver Sal. 51.4; 103.3). Cf. este versículo com Jer. 14.19. Ver também Jer. 6.7. Eles tinham perdido seu dia de arrependimento, saúde e restauração. E foram tropeçando para sua condenação, desconsiderando todas as advertências de Jeremias.

8.16

Desde Dã se ouve o resfolegar dos seus cavalos; toda a terra treme. Os *cavalos de guerra,* símbolos do ataque babilônio e da destruição iminente, foram ouvidos a relinchar em Dã, a extremidade norte da Terra Prometida. O som do resfolegar dos garanhões anunciou a matança iminente. Aquilo que a nação de Judá tanto havia temido estava por acontecer. Conforme o exército babilônico avançava, a terra estremecia. O exército babilônico era imenso e terrível. Avançava como um leão que devoraria tudo o que estivesse em seu trajeto. As cidades fortificadas seriam sua presa, e nenhuma delas poderia esboçar resistência séria. Os habitantes dessas cidades seriam esmagados pela fera. "A invasão de um exército no qual cavalaria e carros de combate formavam o mais terrível contingente era um terror especial para os israelitas" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Jer. 4.13,15,29 e 6.23.

8.17

Porque eis que envio para entre vós serpentes... e vos morderão. Os invasores já tinham aparecido como cavalos que relinchavam como uma fera terrível (vs. 16). Agora apareciam como serpentes que não cederiam diante de encantadores, chegando em massa para morder e matar, e era Yahweh quem dizia que eles fariam isso, porquanto cumpririam Sua vontade para castigar o povo de Judá. "O encantamento de serpentes não era uma prática incomum em Israel (ver Eclesiastes 10.11; Sal. 58.4-5). Algumas serpentes eram susceptíveis aos encantamentos, mas outras não. Até esse ponto, a norma política seguida por Judá era encantar as diversas serpentes que contendiam pela supremacia mundial. Através dessas práticas cheias de truques, o povo de Judá tinha sido enganado para sentir falsa segurança. Isso, entretanto, era coisa do passado. As serpentes que estavam chegando pertenciam a uma espécie mais mortífera. Não podiam ser encantadas" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). "Eram inimigos cujo poder de destruição nenhuma força, por meio algum, fosse persuasão ou o que fosse, poderia contrabalançar" (Fausset, *in loc.*). Talvez a imagem de terror que encontramos aqui se deva às serpentes de fogo, sugeridas por Núm. 21.6, e pela conexão de Dã com a serpente e com a víbora de Gên. 49.17. O trecho de Isa. 14.29 emprega o símbolo de uma serpente venenosa, que silvava com os poderes dos assírios e babilônios.

Simpatia para com o Povo Ferido (8.18 – 9.1)

8.18

Oh! se eu pudesse consolar-me na minha tristeza! O profeta Jeremias não se mostrava indiferente para com os sofrimentos do povo, embora tais sofrimentos fossem auto-impostos e muito merecidos. Este poema talvez dê prosseguimento às idéias do poema anterior, em vista do tremendo ataque dos babilônios — tudo predestinado por Yahweh — ao mesmo tempo, entretanto, que expressa a mais profunda tristeza pelo que estava sucedendo. Alguns estudiosos pensam que a ocasião descrita envolvia uma grande seca (conforme talvez sugira o vs. 20), espalhando fome generalizada. O poema não contém nenhuma declaração direta de que o que estava acontecendo era um castigo contra o pecado; mas não há que duvidar que isso deve ser compreendido. Ver o vs. 19. Coisa alguma acontecia por mera chance; e algo tão terrível como isto que está escrito aqui tinha de ser um golpe aplicado por Deus.

O profeta se debatia em meio a uma tristeza imensa, provocada pela calamidade nacional em Judá. Quando ele tentava consolar-se ou encontrar algo que o consolasse, seu coração, em vez de reagir favoravelmente, meramente desmaiava dentro dele. Cf. Isa. 22.4. Sua tristeza não lhe permitia curar-se, e seu coração estava enfermo.

8.19

Eis a voz do clamor da filha do meu povo de terra mui remota. O choro do povo de Judá era ouvido por toda a extensão da Terra Prometida, em todo a sua extensão e largura. Nenhuma porção da terra, por pequena que fosse, estava isenta da calamidade que se tinha abatido; mas todos, a uma só voz, clamavam em vão a Yahweh, a presença de Deus em Sião, o qual era o seu Rei, mas que agora aparentemente estava *indiferente* aos seus clamores. Quanto à aparente indiferença de Deus, cf. Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 1437. Estamos aqui tratando de um julgamento do pecado, no qual o povo endurecido colhia o que havia semeado (ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* no *Dicionário*), embora o presente poema não contenha nenhuma referência direta a isso.

A história de Jó prova que o sofrimento nem sempre vem como resultado da lei da colheita segundo a semeadura. E é então que entramos nos mistérios do *problema do mal* (ver a respeito no *Dicionário*): Por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem? O artigo procura dar alguma resposta a esse mais difícil dos problemas.

Filha do meu povo. Cf. Jer. 4.11. Esse era um modo comum de referir-se ao povo, talvez para destacar que os judeus estavam envolvidos em um *terno relacionamento,* visto que a filha de um homem é favorita aos seus olhos e seus sofrimentos são profundamente sentidos. Cf. o versículo com Miq. 3.11, onde temos algo similar.

Com as suas imagens de escultura, com os ídolos dos estrangeiros? Temos aqui a *causa* da calamidade que tinha ferido universalmente a nação de Judá: sua idolatria-adultério-apostasia. Alguns eruditos, entretanto, pensam que esta parte do versículo é uma *glosa editorial* que produzia uma *razão* para os sofrimentos, aliviando assim Deus da aparente indiferença ao sofrimento sem motivo, que não teria causa real (algo parecido com o que aconteceu a Jó). Talvez (conforme sugeriu James Philip Hyatt, *in loc.*). A glosa foi o trabalho do editor deuteronômico que produziu algumas passagens prosaicas no complexo que é o livro de Jeremias. Sem se importar qual fosse a verdade da questão, a palavra sobre a idolatria sem dúvida era a verdadeira razão para a calamidade. Essa idéia domina o livro, e seria surpreendente se estivesse ausente neste trecho particular, produzindo assim uma passagem como se vê no livro de Jó, sobre um *sofrimento aparentemente insensato.*

8.20

Passou a sega, findou o verão, e nós não estamos salvos. Este versículo talvez sugira que a seca tinha feito falhar as plantações, e que a nação foi deixada a morrer de inanição. O elegante fraseado do versículo tem feito com que ele seja empregado *evangelicamente*; a colheita é a salvação, e o verão é o tempo oportuno para aquilo que o povo de Judá sentia falta. No entanto, a *salvação* neste caso é física, e não espiritual. Não obstante, alguns intérpretes vêem aqui o *verão* como o período de tempo que Yahweh dera a Judá para *arrepender-se* e assim evitar a invasão babilônica, ou a falha nas plantações, com a subseqüente fome. Nesse caso, temos um significado espiritual, mas a salvação da alma não está em vista. "Fazemos bem em relembrar que a safra da *cevada* tenha coincidido com a páscoa; a safra do *trigo* com o Pentecoste; e a colheita das *frutas* com a festa dos tabernáculos do outono" (Ellicott, *in loc.*), cada qual com alguma associação religiosa. *Tudo isso,* porém, tinha passado, e não havia alimentos salvadores na Terra Prometida. O povo de Judá estava morrendo de fome. Esse simbolismo adapta-se menos à invasão babilônica, pois, para todos os efeitos práticos, quase não restavam habitantes judeus na Terra Prometida para se queixarem da situação ali. Também poderia ser um clamor dos exilados que tinham sido deixados em "condições de penúria" alimentar na Babilônia. Seja como for, o poema não é escatológico nem considera as condições que precederão a era do Reino de Deus.

8.21

Estou quebrantado pela ferida da filha do meu povo. A "ferida" do povo de Judá era uma chaga no coração, algo que pode ser muito severo e potencialmente fatal e que salienta a natureza drástica da calamidade que ameaçava a vida de toda a nação. A *lamentação* de Judá pode ser literalmente descrita através das palavras "estou negra". Diz aqui o Targum: "Meu rosto está coberto de fuligem negra, negra como um vaso". O coração estava *partido,* e o rosto estava *enegrecido* pela tristeza.

Filha do meu povo. Ver sobre a expressão no vs. 19. E ela reaparece no vs. 22.

8.22

Acaso não há bálsamo em Gileade? ou não há lá médico? Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bálsamo.* O bálsamo era uma resina da árvore Styrax, que tornava Gileade, na Transjordânia, famosa. Usada com fins medicinais, era exportada. Ver Jer. 46.11; 51.8; Eze. 22.17; Gên. 37.35. Sem dúvida havia alguma genuína propriedade curativa na substância, pois, de outra maneira, não seria tão largamente procurada e aplicada. Judá, em seu tempo de grave aflição, não tinha bálsamo nem da parte dos homens nem da parte de Deus. Seus sofrimentos não tinham alívio algum e resultariam na morte. Essa resina, que era a base do bálsamo, também era empregada como um dos elementos do embalsamamento (ver Gên. 37.25; 43.11; Jer. 46.11 e 51.8). Um emplastro preparado com tais gomas era usado para curar ferimentos. Judá estava destituída de curadores e de medidas curativas. A Lei e os Profetas eram bálsamos espirituais que o povo tinha rejeitado, não havendo cura na hora da crise. De modo geral, os hebreus rejeitavam os médicos como curadores legítimos, visto que acreditavam que toda enfermidade resultava do pecado. Por conseguinte, somente Yahweh era o curador legítimo. Ver Sal. 103.3:

> *Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades;*
> *quem sara todas as tuas enfermidades.*

Além do mais, os médicos antigos misturavam em sua prática médica os encantamentos, a mágica, e, algumas vezes, chegavam a invocar os mortos em suas curas. Mas não parece que a regra da "cura exclusivamente divina" era aplicada à medicina herbal, que o povo de Israel aparentemente usava, provavelmente raciocinando que o Ser divino poderia *usar* as ervas, caso pensasse que esse uso fosse correto, e não as usaria, caso pensasse que fosse errado.

Seja como for, a *filha do povo de Deus* (ver os comentários a respeito no vs. 19 deste capítulo) não recebia alívio de parte alguma, fosse ele divino ou natural, o que significa que permanecia espiritualmente doente e em aflição. Ou então a enfermidade consistia na fome que estava provocando mortes em massa.

Capítulo Nove

Não há interrupção entre os capítulos 8 e 9 de Jeremias, e assim o vs. 1 deste capítulo completa o poema iniciado em Jer. 8.18. Ademais, a grande seção de *materiais miscelâneos* (que incorpora vários poemas, em sua maior parte desconectados um dos outros, sem nenhum tema unificador) corre entre Jer. 8.4 e 10.25. Ver as notas de introdução, em Jer. 8.4.

9.1

Oxalá a minha cabeça se tornasse em águas, e os meus olhos em fonte de lágrimas! Este versículo move-se mais para perto da lamentação iniciada em Jer. 8.18, que o profeta Jeremias pronunciou contra Judá, o qual passava por uma aflição que lhe ameaçava a vida. Ver as notas sobre Jer. 18.18 quanto a uma tentativa de definir exatamente o tipo de calamidade em mira. A tristeza era tão profunda que Jeremias desejava que seus olhos se transformassem em fontes de água, a fim de que suas lágrimas fossem copiosas e sem limites, para que ele pudesse continuar chorando dia e noite. Embora tenhamos aqui uma hipérbole tipicamente oriental, não há razão para duvidarmos da profunda angústia que o profeta sentia ao ver cair sobre Judá tão grande calamidade. "Essa empatia sentida no coração, devido aos sofrimentos de seu povo, deu ao profeta Jeremias a alcunha de 'profeta chorão' (cf. Jer. 13.17; 14.17). Contudo, a empatia do profeta pelos sofrimentos do povo era contrabalançada pela sua repulsa aos seus pecados " (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Filha do meu povo. Um modo padronizado de referir-se aos habitantes de Judá. Ver as notas expositivas sobre Jer. 8.19. Cf. este versículo com Lam. 2.11 e 3.48: "... dos meus olhos se derramam correntes de águas, por causa da destruição da filha do meu povo".

Lamento por Causa da Traição do Povo de Judá (9.2-9)

9.2

Oxalá tivesse no deserto uma estalagem de caminhantes! "A completa corrupção do povo de Judá é a base deste lamento, o qual, assim sendo, difere do anterior. Aqui, em vez de *simpatia,* Jeremias nada mais sentia a não ser *desprezo* pela nação mentirosa, enganadora e indigna de confiança (ver Jer. 11.19-23; 12.6; e 20.10). Um lugar remoto, no deserto, seria preferível como local onde o profeta permaneceria, e não entre os réprobos (ver I Reis 19.3-4)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Jerusalém era um lugar abastado e desejável para se viver. No entanto, tinha-se tornado tão corrompido e violento que Jeremias sentia que seria melhor fugir dali e alojar-se em algum lugar no deserto, onde os viajantes poderiam parar para passar a noite. Cf. isso com o desejo que muita gente sente de fugir da cidade de São Paulo para viver no interior. As condições de vida nessa segunda maior cidade do mundo a transformaram um lugar quase insuportável: poluição;

crimes; ruas e bairros apinhados que não oferecem paz. Acresça-se a isso o fato de que, para muitas pessoas, há fome e condição constantemente doentia, por não terem condições para vencer a sua miséria.

Oh! quem me dera um lugar em algum vasto deserto,
Alguma condição sem limites de sombras,
Onde o rumor da opressão e do engano,
De guerras bem-sucedidas ou malsucedidas,
Nunca chegaria até mim.

(William Cowper)

"Nenhuma pessoa prefere deixar seu país, seu próprio povo e a casa de seu pai e ir para terras distantes e países estrangeiros, e, especialmente, para algum deserto, onde não houvesse nem alimento apropriado nem companhia agradável, a menos que as condições em seu lar sejam realmente muito más" (John Gill, *in loc.).* Ou, então, a menos que essa pessoa seja um missionário evangélico, algo não considerado neste texto.

9.3

Curvam a língua, como se fosse o seu arco, para a mentira. A língua deles era usada como instrumento para ferir e para matar, como se fosse um arco que despede fatais flechas de mentiras contra outras pessoas. Ver Sal. 64.3-4. E então a metáfora é radicalmente modificada. Em parte alguma da Terra Prometida a *verdade* havia achado lugar para crescer. A verdade é como uma plantinha tenra que foi expulsa pelas plantas daninhas que tomaram conta de tudo. Em seguida, o profeta deixa de lado as metáforas e meramente assevera que o povo de Judá passava de um mal para outro, continuamente, e isso sem descanso, corrompendo pela iniqüidade toda a massa. Como resultado, eles perderam o conhecimento de Yahweh, de Sua lei, que era o *guia* do povo (ver Deu. 6.4 ss.). Eles se tomaram uma nação pagã cujo Deus não era Yahweh. Abandonaram seus antigos caminhos e entraram na idolatria-adultério-apostasia que distorceu o que tinha sido a nação de Judá.

O Senhor tem uma contenda com os habitantes da terra; porque
nela não há verdade, nem amor,
nem conhecimento de Deus.

(Oséias 4.1)

"Enquanto se desdobrava a própria fábrica da sociedade, ninguém dizia a verdade. Jeremias vivia em meio a um povo que era cheio de ludíbrios e se recusava a reconhecer a Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O Targum menciona que os judeus tinham perdido o *temor do Senhor* (ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Temor*).

9.4

Guardai-vos cada um do seu amigo, e de irmão nenhum vos fieis. A *corrupção de Jerusalém* era tamanha que todo o habitante da cidade era um criminoso em quem os vizinhos não podiam confiar. Ninguém podia acreditar em seu irmão literal e racial. Nenhum homem era um verdadeiro vizinho, no sentido tradicional da palavra. Cada indivíduo era uma ameaça ao próximo. Em outras palavras, Jerusalém se transformara em uma selva moral e espiritual, um lugar de ferir ou ser ferido, de matar ou ser morto. Cada pessoa esperava sua *chance* de ferir a outrem. Não havia espírito de camaradagem, amor fraternal ou temor a Deus. Judá tinha sido paganizada e endemoninhada. O povo tinha-se tornado um bando de selvagens idólatras. Aquela gente não podia mais ser vista como exemplo de retidão, produzida pela lei de Moisés e pelo yahwismo. Pelo contrário, eles se transformaram em grandes modelos de iniqüidade.

Enganar. Diz literalmente o original hebraico "passar rasteira no calcanhar" (Osé. 12.3, como Jacó que, em seu nascimento, segurou no calcanhar do irmão, uma indicação de como ele enganaria e feriria em sua vida de adulto; ver Gên. 25.26).

"A extrema amargura das palavras do profeta é aqui explicada, pelo menos em parte, por aquilo que lemos depois de sua história pessoal (ver Jer. 12.6; 18.18). Os inimigos de um homem são aqueles de sua própria casa (ver Mat. 10.36)" (Ellicott, *in loc.*).

9.5

Cada um zomba do seu próximo, e não falam a verdade. Este versículo nos leva de volta ao vs. 3, sem a metáfora da flecha sem misericórdia. Quanto ao uso infiel da língua, ver Sal. 5.9; 12.2; 15.3; 17.3; 34.12; 35.28 e 36.3. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Linguagem, Uso Apropriado da,* onde ofereço detalhes e poesia ilustrativa. Resisti à tentação de reproduzir essa poesia aqui. Ver também o artigo chamado *Mentira (Mentiroso).* A maneira como os homens *falam* naturalmente é uma indicação do que eles são, pois as palavras se derivam dos pensamentos, e aquilo que um homem pensa, assim ele é, Pro. 23.7. Cf. o presente versículo com Jer. 6.28.

9.6

Vivem no meio da falsidade; pela falsidade recusam conhecer-me. Eles "amontoavam opressão sobre opressão" (Revised Standard Version) e "engano sobre engano", pois essas coisas se tornaram a lei da vida do país. Eles se recusavam a conhecer o Senhor. Quanto a isso, ver o vs. 3. Eles tiveram todas as oportunidades, e não lhes faltaram instruções espirituais. Mas, se eles honravam deuses que nada representavam, e até sacrificavam os próprios filhos a divindades falsas (ver Jer. 7.31), nada queriam com a lei de Moisés, o guia do yahwismo (ver Deu. 6.4 ss.). Além disso, eles enchiam os bosques dos lugares altos com ídolos e, sob cada árvore, sempre havia um casal a praticar sexo ilícito (ver Jer. 3.13), mas a adoração a Yahweh se desintegrara em um sincretismo doentio. Quanto às *opressões* que se tinham generalizado em Judá, ver Jer. 7.6. Eles se tornaram *pobres e insensatos,* desconhecendo o caminho do Senhor (ver Jer. 5.4). Mas se apropriaram dos caminhos corruptos dos cultos pagãos. Foi assim que se tornaram pseudo-sábios (ver Jer. 8.8-9). Eles chegaram a dominar as idéias as práticas dos cultos de fertilidade e dos cultos da natureza, mas se olvidaram do Deus do céu. Diz o Targum: "Eles se assentam na casa de sua congregação, conversando sobre as suas iniqüidades". E Jarchi disse: "Enquanto estão sentados, pensam em artifícios enganadores". Nos momentos de lazer, estão constantemente planejando a execução de mais atos atrevidos.

9.7

Portanto assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que eu os acrisolarei e os provarei. O *fogo do refinador* era a única medida a ser tomada. Judá se transformou em escória, com talvez alguma prata genuína restante. A escória tinha de ser queimada para que o pouco de prata aparecesse e fosse o instrumento do Novo Dia, após o cativeiro babilônico. Quanto à figura, cf. Jer. 6.27-30 e Eze. 22.18-22. "Deus colocaria Judá no cadinho do julgamento" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refinar, Refinador.* E ver também Isa. 1.25 e Mal. 3.3.

9.8

Flecha mortífera é a língua deles; falam engano. Jeremias volta aqui às *línguas de flecha* que ferem e matam, o abuso da linguagem. Ver os vss. 3 e 5 deste mesmo capítulo. A isso, ele adicionou a idéia da *hipocrisia* na linguagem deles, pois, enquanto planejavam ataques malignos no coração, eles falavam palavras doces com os lábios. A "paz" estava na boca, mas a "morte" residia no coração. Para facilitar seus crimes, eles apelavam para emboscadas, ludíbrios e ataques de surpresa. Tinham-se tornado uma nação de mentes criminosas.

A sua boca era mais macia que a manteiga, porém no coração
havia guerra; as suas palavras eram mais brandas que o azeite,
contudo eram espadas desembainhadas.

(Salmo 55.21)

9.9

Acaso por estas cousas não os castigaria? diz o Senhor. Uma *visitação divina* aterrorizante se tornou inevitável. A alma de Yahweh se vingaria daqueles réprobos. Cf. este versículo com Jer. 5.9,29. Conforme diz o Targum, a visita "traria o mal"; e, quanto ao intuito divino, diz a mesma fonte: "Não me vingarei de acordo com meu bel-prazer, de um povo que produz essas coisas?". Assim sendo, Jeremias apoiou o conceito de um mundo moral, onde haverá prestação de contas, em contraste com o conceito de um mundo caótico, onde o bem não é recompensado nem o mal é punido. Emanuel Kant via, na necessidade da devida retribuição e recompensa, a prova racional da existência de Deus, como também da existência e da sobrevivência da alma diante da morte física. Pois é óbvio que a *justiça* não é servida neste mundo. Muitas coisas boas passam sem recompensa, e muitas formas de maldade jamais são punidas. Portanto, a alma deve sobreviver para além desta vida física, onde o bem será recompensado e o mal será punido. Além disso, deve haver um Poder e Inteligência capaz de recompensar e punir, e a esse Poder e Inteligência chamamos de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Argumento Moral.*

Chorando ante a Destruição de Judá (9.10-22)

9.10

Pelos montes levantarei choro e pranto, e pelas pastagens do deserto lamentação. A extensa seção de Jer. 8.4-10.25 apresenta certo número de orá-

culos ou poemas independentes. Ver a introdução a Jer. 8.4. Não há nenhum fio comum de pensamento que percorra esses oráculos, embora eles estejam entrelaçados por pensamentos de corrupção, julgamento, convites ao arrependimento e temas dessa ordem. O oráculo à nossa frente (vs. 10-22) trata da destruição de Jerusalém e de Judá em geral, mas especialmente da destruição de Jerusalém, como a capital da confusão e da apostasia.

"No vs. 10, Yahweh convida o povo a lamentar-se por causa das desolações, e, no vs. 11, Ele declara Sua intenção de destruir Jerusalém e as cidades de Judá. Então, os vss. 17-22 preocupam-se essencialmente com um apelo às carpideiras profissionais para chorarem sobre a cidade. A data da passagem provavelmente coincide com a invasão de Judá pelos caldeus, em 602 A. C., descrita em II Reis 24.1-2" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Neste vs. 10 o hebraico diz: "Tomarei choro e lamentação". Jeremias interrompeu as ameaças de que Yahweh tomaria vingança contra Judá, e apresentou uma lamentação. Mas a Septuaginta, e as versões do latim antigo e do siríaco têm um imperativo plural aqui: "Tomai vingança...", que alguns estudiosos supõem ser o texto original. Algumas vezes, as versões preservam um texto que se perdeu para o texto massorético. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Massora (Massorah); Texto Massorético* e *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento*. Nesse último artigo, ofereço diretrizes sobre como são escolhidos os textos corretos quando aparecem variantes.

"Esse breve lamento não deixa de ter especial poder. Parece incluir mais do que uma visão de desolação. Presta testemunho sobre as depredações cometidas pelos invasores. Cf. Jer. 4.23-26... Tão destruídos estavam os pastos que ninguém os atravessava. O som produzido pelo gado não era mais ouvido, e as aves do céu e as feras do campo tinham fugido" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

Não há pássaros.
As geleiras predatórias
Resplandecem nas noites frígidas.

(W. H. Auden)

As colinas agradáveis ao redor de Jerusalém, que sempre contavam com rebanhos de animais domésticos a pastar, agora estavam nuas. Judá fora reduzida a um deserto. Tudo tinha sido incendiado e arrasado. A terra se tornara improdutiva, como se o homem nunca tivesse trabalhado o solo ali. Depois que os babilônios acabaram de destruir o lugar, este se parecia com o deserto da Arábia.

9.11

Farei de Jerusalém montões de ruínas, morada de chacais. A cidade de Jerusalém fora reduzida a um montão de ruínas. A capital da nação de Judá, que já tinha sido a capital de um país altivo, fora esvaziada de sua população. Os chacais tomaram conta do lugar, e ninguém ousava passar por ali. E o que aconteceu à capital ocorreu, igualmente, às cidades de Judá, que se tornaram essencialmente desabitadas. Cf. Jer. 10.22; 49.33 e 51.37. Ver também Isa. 25.2, que tem algo similar. Isa. 13.22 e 34.12 também falam sobre os animais ferozes que tomariam conta do lugar, onde antes prosperara a cidade de Babilônia.

9.12

Quem é o homem sábio, que entenda isto, e a quem falou a boca do Senhor. Jerusalém estava repleta de *homens pseudo-sábios*, alguns dos quais eram falsos profetas que tinham clamado *paz, paz,* no tempo mesmo em que os exércitos babilônicos já se colocavam em marcha contra Judá. Ver Jer. 6.14 e 8.11. Quanto aos homens pseudo-sábios, ver Jer. 4.22 e 8.8-9. Eles se declaravam sábios, mas tinham abandonado a fonte originária da sabedoria, a lei de Moisés e o temor ao Senhor (ver Pro. 1.7; ver também Sal. 119.38; e, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Temor*). Yahweh convidou aqueles insensatos que tinham predito a paz, a dizer *por que* Jerusalém fora arruinada e por que a Terra Prometida inteira fora reduzida a um deserto. Caravanas de camelos continuavam a passar pelo deserto, promovendo um rico comércio, mas ninguém tinha o desejo nem ao menos de atravessar o território de Judá. Ficamos à espera de uma resposta, mas resposta alguma foi dada. Nenhuma voz se levantou para responder à divina inquirição. Portanto, o vs. 13 responde à pergunta feita por Yahweh.

9.13

Respondeu o Senhor: Porque deixaram a minha lei, que pus perante eles. Os pseudo-sábios (e então o restante de Judá, liderado por eles) caíram no absurdo de esquecer a lei de Moisés, o *guia* do povo de Israel (ver Deu. 6.44); da *vida prometida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). A lei de Moisés é que tornara Israel o povo distinguido entre as nações (ver Deu. 4.4-8). A *lei moral* precisa ser *obedecida*. Jeremias não confiava nas leis cerimoniais (ver Jer. 7.22). A obediência significava um *andar* correto na presença do Senhor, e não mero conhecimento das demandas divinas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar*. Kimchi referiu-se a Deu. 30.11-14 em conexão com este versículo. O caminho a ser seguido era claro. Não requeria nenhuma solução especial de problemas, mas sim coração e mente obediente.

9.14

Antes andaram na dureza do seu coração, e seguiram os Baalins. Cf. este versículo com Jer. 2.23 e 7.24, onde encontramos declarações similares. *Baalins* (ver a respeito no *Dicionário*), apesar de referir-se obviamente à adoração a Baal, em uma ou mais variedades de culto, também era um termo genérico para indicar os deuses falsos de todos os tipos, o que explica sua forma plural. Ver Jer. 2.2 e 3.13, que mostram que Judá caiu na armadilha de honrar os deuses cananeus da fertilidade e da natureza. Jer. 7.18, com sua menção à "rainha do céu" (idolatria tomada por empréstimo da Assíria e da Babilônia), mostra que Judá não se manifestou muito seletiva na escolha de deuses. Qualquer deus antigo servia. Até mesmo os pais estiveram tão envolvidos no paganismo que ensinavam outros a seguir seu mau exemplo. "Não nos convém seguir os erros dos pais, mas a autoridade das Escrituras e de Deus" (Jerônimo).

9.15

Portanto assim diz o Senhor Deus dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que alimentarei este povo com absinto. Yahweh, o Senhor dos Exércitos (ver I Reis 18.15 e também no *Dicionário*) e também Elohim, o Deus de Israel, resolveu tirar vingança daqueles réprobos dando-lhes *absinto* para comer e *água de fel* para beber. Além de ser o máximo do regime repelente, a dieta seria fatal. Cf. Sal. 80.5. "Dás-lhe a comer pão de lágrimas, e a beber copioso pranto".

Os títulos divinos que figuram neste versículo mostram o poder e a autoridade de Deus para cumprir o que Ele declarar, ou seja, está em pauta a *inevitabilidade* da vingança divina contra aqueles ímpios desarrazoados.

"Eles teriam a mais profunda tristeza e a mais pesada aflição. Teriam *veneno* em vez de carne e líquidos para comer e beber" (Adam Clarke, *in loc.*). Kimchi fala da cicuta como o veneno aqui referido. É assim que alguns traduzem Osé. 10.4. Jarchi refere-se ao veneno das serpentes. Um severo castigo é assim simbolizado. A matança e o exílio tornariam Judá um território essencialmente desabitado.

9.16

Espalhá-los-ei entre nações, que nem eles nem seus pais conheceram. O *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) levaria os poucos sobreviventes para uma terra tão remota da terra de Israel que seria essencialmente desconhecida de seus pais e deles próprios. Isso adicionava *absurdo* à situação, que um povo tão remoto como este viesse a ser o seu fim. "Isso parece sugerir o extremo isolamento de Israel, política e comercialmente, antes do tempo do exílio" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Os poucos sobreviventes não desfrutariam paz no exílio; uma espada os seguiria e os destruiria até mesmo no cativeiro. Muitos judeus seriam empalados, esfolados e mortos brutalmente na Babilônia. Os que sobrevivessem ao "segundo expurgo" seriam escravizados por mestres brutais.

9.17

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai, e chamai carpideiras. "Carpideiras" eram as mulheres que lamentavam profissionalmente pelos mortos. Elas tinham por tarefa provocar a atitude de lamentação nos outros, sendo assim criada a atmosfera apropriada de tristeza, levando as pessoas a chorar e lamentar. Elas cantavam cânticos fúnebres e estimulavam a tristeza. Parecer feliz demais ou não se mostrar triste o suficiente, em um funeral, era uma desgraça social. Cf. Jer. 22.18; Eclesiastes 12.5; Amós 5.16; Miq. 5.38. Toda a nação de Judá estava morta. Agora, requeria-se a lamentação fúnebre apropriada. Além de chorar em altas vozes, as carpideiras despenteavam os cabelos, batiam no peito, descobriam os seios, rasgavam as roupas e, quando bem-sucedidas, provocavam atos similares em outras pessoas. Até os homens mais pobres de Israel, caso suas esposas morressem, não tinham menos do que uma mulher carpideira e duas que tocassem flautas (Mishnah *Cetubot*. cap. 4, sec. 4).

9.18

Apressem-se, e levantem sobre nós o seu lamento, para que os nossos olhos se desfaçam em lágrimas. A condenação de Judá havia chegado, e assim carpideiras profissionais tinham de realizar seu papel, levando outras pessoas a cair em atitude de tristeza, fazendo seus olhos derramar copiosas lágrimas, e suas vozes levantar-se em lamentações. Cf. Jer. 14.17. Ver Jer. 9.1, a *fonte de lágrimas* de Jeremias, e também o vs. 10, que mostra a reação do povo de Judá. O choro seria tão violento que o globo ocular sairia juntamente com as lágrimas, conforme o Targum e Kimchi compreenderam a hipérbole do versículo. Mui apropriadamente, seria assim que eles lamentariam a enorme calamidade que não teve equiparação histórica. Uma nação inteira tinha morrido.

9.19

Porque uma voz de pranto se ouve de Sião: Como estamos arruinados! Este versículo exemplifica os gritos do povo de Judá no meio de seu choro e clamor. "Estamos totalmente arruinados; fomos completamente envergonhados; nossa terra ficou deserta; todas as nossas residências foram derrubadas".

Como fomos despojados!
Fomos confundidos em extremo!
Esquecemo-nos de nossa terra.
Nossas habitações foram destruídas.

(Adam Clarke, *in loc.*)

"Fomos verdadeiramente arruinados! Estamos verdadeiramente envergonhados! Tivemos de abandonar a nossa terra, pois nossas casas estão em ruínas" (NCV). O Targum menciona a destruição dos *palácios* e principais edifícios públicos de Jerusalém. Esses edifícios, juntamente com as casas comuns, foram "derrubados por terra". Isso era particularmente verdadeiro no caso do templo de Salomão, que foi arruinado. Jerusalém, a cidade dourada, terminara.

9.20

Ouvi, pois, vós, mulheres, a palavra do Senhor. As carpideiras foram convidadas a ouvir a voz de Yahweh, pois agora entenderiam por que aquela lamentação era tão temível. Outras mulheres, as filhas de Jerusalém, tinham de juntar-se apropriadamente à lamentação, cada uma entoando o cântico fúnebre. Foi uma destruição universal, pelo que tinha de haver um lamento universal. Talvez as filhas apareçam aqui como as carpideiras, literalmente. Nesse caso, ensinariam a todas as demais mulheres a juntar-se ao cântico fúnebre. Talvez a idéia seja que as mortes eram tantas, que não haveria carpideiras suficientes para um lamento apropriado. Por conseguinte, todos os sobreviventes teriam de cooperar. Contudo, não se tratava de uma lamentação comum, por causa de um único morto. Antes, uma *nação inteira* havia perecido. As lamentações pelos mortos eram efetuadas de *modo responsivo,* um grupo respondia a outro, ou, se o funeral era pequeno, uma carpideira respondia a outra. "Quando uma falava, todas as outras respondiam, conforme escrito em Jer. 19.20" (Mishnah, *Moed. Katon,* cap. 3, sec. 9).

9.21

Porque a morte subiu pelas nossas janelas, e entrou em nossos palácios. A morte "entrar pelas janelas" seria uma declaração obscura, se não fosse um épico cananeu, encontrado em Ras Shamra. Diz-se ali que Baal ordenou que em seu palácio não houvesse janelas, porque ele temia que o deus Mote (a Morte) entrasse por elas e lhes furtasse as esposas ("Ugaritic Texts and Textual Criticism", *Journal of Biblical Literature,* LXII, 1943). Neste versículo, a morte é personificada e retratada como podendo entrar pelas janelas dos palácios para matar as crianças e todos os seus moradores, e então assassinar os jovens nas ruas. Dessa maneira, as ruas ficariam vazias. As vozes das crianças e dos jovens não mais seriam ouvidas. Os babilônios chegaram e invadiram as residências, matando todos os habitantes; e então saíram pelas ruas, matando todos quantos encontravam, sem poupar crianças, mulheres ou jovens. A matança foi generalizada, e não havia lugar onde se esconder. A matança foi geral. O propósito dos invasores era deixar bem poucos vivos.

9.22

Fala: Assim diz o Senhor: Os cadáveres dos homens jazerão como esterco sobre o campo. O profeta Jeremias foi instado a que *dizer* a mensagem, deixando claro que o pior evento da história de Judá estava prestes a ocorrer. Os corpos mortos dos jovens seletos cairiam nos campos e ali jazeriam como se fossem esterco, que para nada prestava senão para fertilizar o solo. Seriam em tão grande número que pareceriam um campo com as plantas já cortadas, onde cada talo representaria o que havia sido uma pessoa. Mas, diferentemente de talos cortados, eles não seriam recolhidos por um colhedor para o sepulcro, única coisa decente a ser feita. Eles ficariam jazendo ali, onde tinham caído. E as feras e as aves de rapina viriam e teriam refeições fartas. Portanto, temos aqui o quadro do Terrível Ceifeiro, que não ceifa como os ceifeiros comuns fazem. Ele meramente decepa os corpos pelo meio, deixando-os apodrecer.

Os cadáveres dos homens jazem esticados
Nos campos abertos, como feixes
Deixado para trás pelo ceifeiro, mas
Que ninguém ajunta.

(Skinner)

A mentalidade dos judeus se chocava diante do ato de deixar um cadáver, mesmo que fosse de um criminoso ou de um notório homem mau, insepulto. Essa era a desgraça máxima e uma brecha intolerável nos costumes sociais. Cf. os ossos espalhados, referidos em Jer. 8.1. No caso presente, não haveria número suficiente de judeus vivos que se ocupassem da imensa tarefa de sepultar o vasto número de mortos, e os invasores não se dedicariam a isso. Assim sendo, os corpos foram simplesmente deixados para as aves e as feras do campo, que em breve se apossariam do território de Judá. Ver Jer. 7.33. Essas feras seriam tão numerosas que ninguém ousaria espantá-las.

A Única Verdadeira Razão para a Jactância (9.23-24)

9.23-24

Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria. Os pseudo-sábios, dos quais Jerusalém este tão repleto (ver o vs. 12), e os verdadeiramente sábios, dos quais havia tão poucos, não podiam jactar-se em sua falsa sabedoria ou em sua sabedoria autêntica; nem os fortes podiam gloriar-se em sua força; nem os ricos podiam jactar-se em suas riquezas e no poder que esta trazia. Todos os homens, sem importar a sua classe, tinham apenas uma *razão válida* para gloriar-se: conhecer e obedecer a Yahweh (vs. 24), a fonte de toda a verdadeira sabedoria, de toda a força e de autênticas riquezas, Aquele que poderia ter impedido a matança provocada pelos babilônios, contanto que os judeus se aproximassem Dele em humildade e arrependimento. Muitos convites de Yahweh tinham exortado Judá a arrepender-se, mas foram todos inúteis. Houvera disponível muita *gentileza amorosa* (no hebraico, *hesedh,* o famoso amor de Deus). Mas o réprobo povo de Judá preferiu a ruína. Em Deus há amor, gentileza, justiça e retidão, e *nessas coisas* Yahweh se deleitava. Judá, entretanto, preferiu a horrenda combinação de idolatria-adultério-apostasia, o que significa que foram cortadas todas as graças divinas.

Cf. estes versículos com Miq. 6.8 e 7.18. Deus se deleita na misericórdia, mas o povo de Judá insistia nas chamas do julgamento.

Se a sabedoria, a força ou as riquezas são a tua parte,
Não te glories, mas sabe que não são realmente tuas.
Somente um Deus, de quem todos os dons procedem,
É sábio, é poderoso e é realmente rico.

(Focílides, antigo poeta pagão)

Cf. I Cor. 1.31 e II Cor. 10.17. Esses versículos ensinam que os homens colhem aquilo que semeiam, mas também que podem escolher aquilo que vão semear. Se fizerem um trabalho bom, encontrar-se-ão com o Deus amoroso, misericordioso e beneficente que haverá de abençoá-los. O direito de escolha é *genuíno,* porquanto, de outro modo, não haveria responsabilidade moral.

A Punição dos Incircuncisos (9.25-26)

9.25

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que castigarei e todos os circuncidados juntamente com os incircuncisos. O tom desta passagem se semelhante ao de Rom. 2.26 ss. A circuncisão (o sinal do pacto abraâmico; ver Gên. 15.18) só tinha valor se fosse acompanhada pela prática da lei. Em outras palavras, era preciso haver fé de todo o coração (ver as notas em Pro. 4.23), sem a qual os ritos não tinham valor algum. Vemos, em Jer. 7.22, que o profeta tomou a posição extremada de que os sacrifícios de animais não tinham sido ordenados por Yahweh, no princípio, e não tinham nenhum valor. Isso chega à posição do Novo Testamento de que os sacrifícios de animais eram meras sombras de realidades vindouras. Não ficaríamos surpresos, pois, se Jeremias também tivesse rejeitado a circuncisão, embora o livro de Gênesis faça da circuncisão o sinal do pacto abraâmico. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Circuncisão.* Provavelmente é verdade, seja como for, que Jeremias "dava pouco valor à circuncisão, tal como dava pouco valor aos sacrifícios, ao templo e a outras formas externas da religião" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Em certo sentido, Jeremias é o mais *perceptivo* dos profetas do Antigo Testamento, a julgar pelos pontos de vista do Novo Testamento.

Do ponto de vista do Antigo Testamento, os circuncidados eram, principalmente, os judeus. Mas, em face de sua apostasia, eles se fizeram como os pagãos incircuncisos, ou seja, não tinham "circuncisão espiritual", o despojamento da imundícia da carne. Ver I Ped. 3.21. A circuncisão era o "sinal do pacto"; no entanto, ter o sinal, mas desconsiderar os requisitos do pacto, tornava um homem *incircunciso.* "Circuncidai, pois, o vosso coração, e não mais endureçais a vossa cerviz" (Deu. 10.16). Ver também Deu. 30.6; Col. 2.11. Existe uma circuncisão que não é feita com mãos humanas, a qual consiste no despojamento dos pecados e dos vícios, bem como na purificação da alma de toda a iniqüidade.

9.26

Ao Egito, a Judá e a Edom, e aos filhos de Amom e a Moabe. Além de Judá, *outras nações* praticavam a circuncisão, mas isso não significa que elas tinham a circuncisão espiritual. Heródoto (*História*, ii.104) diz-nos que os egípcios praticavam a circuncisão. Isso também aparece implícito em Jos. 5.9. A circuncisão entre os árabes fica subentendida pela história da circuncisão de Ismael, o ancestral deles (ver Gên. 17.23). Ver também Josefo, *Antiq.* I.12.2 quanto a uma palavra de confirmação. Assim sendo, embora houvesse circuncisão fora de Israel, isso não significa que houvesse circuncisão espiritual fora de Israel. Mas de igual modo, a circuncisão praticada dentro das fronteiras de Israel freqüentemente era inútil, espiritualmente falando, pois não era acompanhada de nenhum tipo de espiritualidade do coração. Os que rompiam o pacto mosaico tornavam-se incircuncisos. Israel tinha-se tornado incircunciso "no coração", conforme diz este versículo.

Cortam os cabelos nas têmporas. É provável que o autor tenha salientado os árabes, que tinham esse costume. Cf. Jer. 25.23 e 49.32. O costume deles de cortar os cabelos, aparentemente como rito religioso, é mencionado por Heródoto (*História* III.8). Pode estar em vista um tipo de adorno para tornar a barba mais atrativa, costume dos cananeus proibido pela lei aos filhos de Israel. Ver Lev. 19.27 e 21.5. A barba sempre foi uma parte do corpo masculino que mereceu muito respeito, e talvez a mentalidade dos hebreus afirmasse que a barba não deveria tornar-se objeto de ostentação desnaturai, seguindo os costumes das mulheres, que faziam todo o tipo de coisas com seus cabelos e suas faces, para chamar a atenção. Os nazireus, naturalmente, não podiam aparar os cabelos ou a barba por razões religiosas, e talvez isso estivesse relacionado ao presente versículo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Nazireado (Voto do)*. A referência ao aparar da barba é bastante vaga, e os intérpretes não oferecem explicação fácil sobre a questão. Ver as notas sobre Lev. 19.27.

Capítulo Dez

Continuamos aqui com a seção geral iniciada em Jer. 8.4, onde dou notas de introdução. Esta seção estende-se até Jer. 10.25. Trata-se de uma espécie de coletânea de oráculos miscelâneos, com freqüência reunidos sem conexão clara com o que vem antes ou depois. Os vss. 1-16 são parentéticos. No vs. 17, voltamos à outra advertência concernente ao vindouro exílio babilônico. O capítulo 29 é uma carta que Jeremias escreveu aos exilados, e alguns eruditos supõem que os vss. 1-16 formem um paralelo àquele capítulo. Esses versículos presumem uma situação na qual o povo visado estava vivendo entre os pagãos, e precisava ser avisado contra a idolatria, mas a seção à nossa frente não requer a idéia de exílio. Israel estava cercado por nações pagãs que, naturalmente, cruzavam as fronteiras para perturbar a vida do povo de Deus com influências contrárias. Esta passagem é bastante parecida com o que está contido no que os eruditos chamam de "Segundo Isaías". Cf. Isa. 40.19-22; 41.7,29; 44.9-20; 46.5-7. Ver também Deu. 4.28; Sal. 115.3-8 e 135.15-18.

10.1

Ouvi a palavra que o Senhor vos fala a vós outros. Yahweh fez um *apelo urgente* a Seu povo, porquanto eles estavam em perigo. Ele estava *falando*, e ao povo cabia ouvir. A idolatria sempre foi o mais destrutivo dos adversários de Israel. Talvez a expressão "casa de Israel" incluísse a nação do norte, Israel, que já se encontrava no exílio. Haveria na Assíria israelitas que tentavam manter os caminhos da fé hebraica? Há intérpretes que limitam a questão a Judá, e alguns vêem Judá ali, no exílio. Ver as notas de introdução, anteriormente.

10.2

Assim diz o Senhor: Não aprendais o caminho dos gentios. Na idolatria pagã havia toda a espécie de armadilhas, temores e superstições, corrupção moral, sacrifício de crianças e perversões sexuais. Ver Jer. 3.13 e 7.21-22. A adoração aos astros incluía o temor de fenômenos como eclipses e cometas, bem como as estranhas conjunções dos planetas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Astrologia*, como ilustração. "Os deméritos dos ídolos são contrastados com a glória do Deus vivo. As superstições astrológicas das nações são pronunciadas falsas, e seus ídolos são declarados nada" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Presumivelmente, os "sinais dos céus" mostravam favor ou desfavor, através dos fenômenos celestes. Ver Isa. 47.13.

Alguns pagãos pensavam estar lidando com divindades genuínas, existentes nos céus, crendo que ou os corpos celestes eram divindades, ou eram moradias dos deuses espaciais. A teologia dos hebreus, em contraste, adorava o Criador e ridicularizava as *coisas feitas*, incluindo os céus estelares que nunca eram *espiritualizados* para serem mais do que matéria. Ao longo do caminho, entretanto, os hebreus caíram nessa forma de idolatria. Ver sobre a *Rainha dos Céus*, em Jer. 7.18.

10.3-4

Porque os costumes dos povos são vaidade. *O Fabrico de um Ídolo.* Um homem qualquer se interna em uma floresta e seleciona a árvore que, depois de derrubada, será transformada em divindade. É assim que começa o ridículo processo. A árvore é cortada em troncos e tábuas. Parte da madeira se transforma em fogueira, e a outra parte da mesma madeira tem um destino superior e torna-se um deus. O artífice decide qual pedaço de madeira tem potencial divino. E assim o processo da fabricação do ídolo continua absurdo. Então outro homem que sabe trabalhar com metais toma outra decisão momentosa. Ele pode recobrir o ídolo com uma camada de prata ou mesmo de ouro. Em breve, surpresa!, surge um deus ou uma deusa. E, assim sendo, o processo continua absurdo. Então, um terceiro homem compra o ídolo e o coloca em um templo ou em sua própria casa. Prostra-se diante do ídolo, adorando ou "venerando-o", que é um simples sinônimo de adorar. E este é o derradeiro absurdo que se comete ao longo da linha de uso de um ídolo. Naturalmente, alguns pagãos pensavam que havia deuses por trás de seus ídolos, os quais se agradavam em usá-los como símbolo de algo que estava "ali". O apóstolo Paulo admitia a teoria do "algo mais" no tocante à idolatria, ao dizer que *demônios* estão envolvidos na idolatria (ver I Cor. 10.20). Assim, se o pedaço de madeira é fixado no lugar por meio de pregos, recoberto por uma camada de prata ou ouro, na verdade ele fica imóvel e inútil. Mas talvez um deus fizesse algo se uma pessoa o honrasse através do ídolo, como um símbolo. Cf. Isa. 40.19; 41.7 e 44.9-20. A passagem mais ampla é similar a esta à nossa frente, e dá mais detalhes sobre a loucura da fabricação de ídolos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Idolatria*, onde são oferecidos amplos detalhes.

10.5

Os ídolos são como um espantalho em pepinal, e não podem falar. Os ídolos ficam parados onde estão, fixados com seu olhar parado e sua posição estática. Eles não falam nem se movimentam; são antes como espantalhos mudos em um campo de pepinos. Se os ídolos não podem falar nem mover-se, por outro lado, mediante alguma espécie de ginástica mental, seus adoradores conseguem temê-los. Os próprios israelitas foram contaminados por esse temor e sucumbiram diante do absurdo da idolatria. Se os ídolos não podem movimentar-se, muito menos ainda podem manipular os eventos da vida de um homem. Para mudar de lugar, terão de ser transportados; e, assim sendo, como poderão ajudar a um homem em necessidade? Cf. este versículo com Isa. 41.23 e 46.7, onde encontramos declarações similares. Há uma história sobre o uso dos ídolos, por parte dos fenícios e dos romanos, em seus campos plantados, com o propósito exato de fazer o papel de espantalhos, sendo possível que Jeremias estivesse aludindo a essa prática. Ellicott (*in loc.*) diz-nos que até os gregos foram apanhados no vórtice dessa absurda aplicação dos ídolos.

10.6

Ninguém há semelhante a ti, ó Senhor. Yahweh é agora contrastado com os ídolos sem vida, que nada fazem, pois Ele é o Deus vivo, Aquele que controla os destinos dos homens (ver Isa. 13.6). Ele é o único Deus. Ver Isa. 45.5,14,21; 46.9. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Monoteísmo*.

> *Eis que todos são nada; as suas obras são cousa nenhuma; as suas imagens de fundição, vento e vácuo.*
>
> (Isaías 41.29)

Contrastando com essa condição dos ídolos, acha-se o Deus Vivo, o Criador, cujo poder afeta a vida de todos os homens. Ele é grande e opera maravilhas. Seu nome é grande e poderoso. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome*, e ver também Sal. 31.3. Esse nome fala sobre a natureza essencial de uma pessoa, incluindo seus atributos e poderes. Bastava que o nome de Deus fosse pronunciado para que fosse exercido o poder de operar milagres.

> *Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses?*
> *Quem é como tu glorificado em santidade,*
> *terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?*
>
> (Êxodo 15.11)

10.7

Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações? pois isto é a ti devido. Apesar de ser uma estupidez temer os ídolos (vs. 5), que nada podem fazer de negativo ou de positivo em favor dos homens, Yahweh, em contraste, exige o temor e o respeito dos homens, por ser o Movimentador Primário de todos os acontecimentos da humanidade (ver Isa. 13.6). Ele é o *Rei augusto* de todas as nações, e todos os homens são Seus súditos e Lhe devem obediência. Na qualidade de Criador, tal temor Lhe é devido, e o indivíduo que desobedece ao Senhor

Deus não ficará impune. Embora haja deuses erroneamente chamados "sábios", e embora haja alguns homens que talvez mereçam esse título, em algum grau inferior, por outro lado, só existe um Ser verdadeiramente sábio, capaz de guiar a vida dos homens, visando o bem deles.

Ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único,
honra e glória pelos séculos dos séculos.

(I Timóteo 1.17)

Para os homens, o começo da sabedoria é o temor a Deus (ver Sal. 119.38; Pro. 1.7). Ver também no *Dicionário* o artigo chamado *Temor*. Este versículo, naturalmente, expressa enfaticamente a soberania universal de Yahweh. Cf. Rom. 3.29. Ver também Eze. 21.27.

10.8

Mas eles todos se tornaram estúpidos e loucos. Os promotores da idolatria, que reivindicam sabedoria em seus sistemas, na realidade são tão estúpidos quanto insensatos. Só produzem a morte. Suas instruções se assemelham a seus ídolos — nada senão madeira, pedra ou metal sem vida.

Somos homens ocos,
Somos camisas recheadas,
Cabeças cheias de palha.
Nossas vozes secas, quando
Sussurramos juntos,
São apáticas e sem sentido.

(T. S. Eliot)

"A própria madeira, da qual os ídolos eram feitos, era um repreendedor de vaidades" (Blayney, *in loc.*). Cf. Jer. 2.5. Ver também Isa. 44.9-11. "O que os ídolos ensinam é a madeira como eles mesmos!" (Moffatt, *in loc.*). A madeira não dá coisa alguma, não recebe nada e não satisfaz coisa alguma; assim são todas as formas de idolatria.

10.9

Traz-se prata batida de Társis e ouro de Ufaz. Os *homens* preparavam e adornavam elaboradamente os ídolos. Mas, mesmo depois de todo o labor gasto, que requeria esforço de equipe, os ídolos nunca se elevaram à dignidade humana, quanto menos à dignidade divina.

Társis. "Tal como em outros lugares do Antigo Testamento, está em vista a Espanha, a Tartesso dos gregos (ver Gên. 10.4; Jon. 1.3; Eze. 27.12), de onde a Palestina (através do comércio fenício) recebia seu suprimento de prata, estanho e outros metais" (Ellicott, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o verbete *Társis*, quinto ponto.

Ufaz. A localização deste ponto é desconhecida. Esse adjetivo local aparece somente aqui e em Dan. 10.5. O Targum, o siríaco e outras versões antigas substituem Ufaz por *Ofir*, o que provavelmente é apenas a substituição de um nome desconhecido por outro conhecido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ufaz*. Onde quer que se situasse Ufaz, aqui aparece como um local que produzia ouro e, como é natural, essa foi uma das razões pelas quais o nome foi substituído por Ofir. Além disso, os ídolos eram adornados com estofo azul e púrpura, para fomentar sua beleza e incrementar sua aparência "real". Mas nem com isso deixavam de ser um bando de tolos bonecos. Além disso, essa parte do adorno, juntamente com o resto do processo de produção, era apenas *feita pelo homem*, ou seja, o ídolo dificilmente era digno de ser classificado como divino. O *azul* era a cor dos céus, e a *púrpura* era a cor da realeza. Porém, vestir os ídolos de azul e púrpura não os tornava divinos nem lhes emprestava majestade.

10.10

Mas o Senhor é verdadeiramente Deus; ele é o Deus vivo e o rei eterno. Neste trecho bíblico, Yahweh é contrastado com os que não são deuses. Em primeiro lugar, Ele é *Elohim*, o Poder, o único Poder verdadeiramente divino; além disso, Ele é *vivo*, em contraste com a madeira sem vida usada na fabricação dos ídolos; Ele é o Rei eterno, em contraste com o pseudo-reino dos ídolos, os quais de fato nada governam, exceto na imaginação daqueles que os fabricam e adoram. Ademais, Deus intervém nos negócios humanos, castigando os que merecem castigo. Sua ira abala a terra, e nem as nações podem resistir à fúria de Deus. Ele é um Deus teísta. Em outras palavras, Deus não somente criou, mas também intervém na história humana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. Contrastar o teísmo com o *Deísmo*, a noção de que, se houve alguma força criativa, pessoal ou impessoal, ela abandonou seu universo às leis naturais. Esse termo também é explicado no *Dicionário*. Ver o vs. 7 deste capítulo, onde vemos a essência da declaração deste e onde há notas expositivas detalhadas.

10.11

Assim lhes direis: Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão. Os deuses que não criaram coisa alguma (em contraste com o Criador, Yahweh-Elohim) finalmente perecerão na terra (que eles não fizeram), enquanto o Criador dos céus e da terra continua eternamente. Não se encontrarão vestígios deles debaixo do céu. Eles representam credos desgastados que os homens abandonarão, conforme aumentar a percepção espiritual.

Este é um versículo curioso, porquanto foi redigido em *aramaico* (língua irmã do hebraico; ver a respeito no *Dicionário*). O autor sagrado escreveu este versículo em uma linguagem compreendida por muitos idólatras, por volta do século V A. C. Pode ter sido a adição de um editor subseqüente para emprestar à passagem, contra a idolatria, um toque mais universal. O aramaico era o idioma dos inimigos de Israel, e, segundo se supõe, suficientemente conhecido pelo profeta Jeremias para permitir seu uso de maneira limitada. Cf. Isa. 2.18 e Zac. 13.2. Isto repete a idéia do versículo anterior: só existe um Deus vivo. Os demais são deuses de nada, que perecerão conforme o tempo rolar, e os homens reconhecerem quão idiota é a idolatria. Eles já estavam *mortos*. Eventualmente seriam *sepultados*. Este é o único versículo do livro de Jeremias escrito em aramaico. É apoiado em geral pelas versões.

10.12

O Senhor fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria. Este versículo é uma leve ampliação da idéia do vs. 11. Em contraste com os falsos deuses, que nada criaram e deverão desaparecer da face da terra, Yahweh-Elohim é o Criador de todas as coisas. Deus é *vivo* (vs. 10) e *poderoso* (Ele faz estremecer a terra; vs. 10). Ele é *sábio*, e foi através dessa sabedoria que agiu Seu poder criador. Por meio de Seu *entendimento* Ele estendeu a terra, como um rolo, de horizonte para horizonte.

"Somente Deus tem o poder e a sabedoria para realizar tal feito. Esse poder do Senhor é refletido em Sua revelação contínua, na natureza" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Os hebreus sempre apelaram para o fato de ser Deus o Criador, como aquilo que O distingue das divindades pagãs, as quais, longe de ser criadoras, na verdade foram criadas pelas mãos dos homens (ver os vss. 3-4). Ver Gên. 1.1; Sal. 136.5-6; Jer. 51.15. Os vss. 12-16 são repetidos, em sua essência, em Jer. 51.15-19.

10.13

Fazendo ele ribombar o trovão, logo há tumulto de águas no céu. O *Poder de Yahweh* é igualmente ilustrado pelo trato contínuo com Sua criação, mediante o qual Ele sustenta aquilo que criou. Todos os processos da natureza podem ser atribuídos a Ele. É Ele quem provoca os tumultos das tempestades e dos trovões nos céus (ver Jó 37.34; Sal. 29.3-5). Ele faz as nuvens subir e descer, cumprindo sua função de regar a terra, sem o que esta não poderia sobreviver. Ele é o poder que está por trás dos raios e das chuvas. Ele controla os ventos, que envia de Seus armazéns (ver Sal. 135.7, bastante parecido com o presente versículo). Ver também Jó 28.26 e Pro. 30.4. O trecho de Col. 1.16-17 tem o mesmo tipo de ensinamento.

10.14

Todo homem se tornou estúpido, e não tem saber. Este versículo nos remete aos vss. 3-5 deste capítulo: homens estúpidos fabricam ídolos. Suas habilidades são impressionantes — eles trabalham bem com madeira, metal e tecido. Mas esse trabalho é próprio de idiotas que acreditam poder criar a divindade, somente porque seus produtos terminados são impressionantes obras de arte. Apesar de exibirem essa forma de conhecimento, no terreno espiritual eles nada são, senão idiotas. De fato, seus ídolos, apesar de fabricados com certo pendor artístico, envergonham seus artífices por serem *falsificações*. Os ídolos não são aquilo que se declara deles; antes, resultam de um esforço ignorante. Os fabricantes de ídolos são animais irracionais destituídos de compreensão espiritual. Suas imagens fundidas são falsificações, pois embora chamadas de divinos nem ao menos conseguem respirar, conforme fazem os seres humanos e os animais irracionais. Em outras palavras, os ídolos são massas sem vida. Cf. Sal. 49.20. As habilidades desses artífices tornam-se vãs e brutais, por causa das obras que produzem. Cf. Isa. 42.17; 45.16 e Osé. 4.6.

10.15

Vaidade são, obra ridícula; no tempo do seu castigo virão a perecer. Os deuses de nada, feitos pelos homens, são obras de *ilusão*. A palavra hebraica usada no original significa basicamente *gaguejar*. Os deuses falsos nada têm para dizer que um homem possa compreender.

Eles nada valem; as pessoas zombam deles.
Quando forem julgados serão destruídos.

(NCV)

O vs. 11 assegura que as obras tolas daqueles homens haveriam de *perecer.* Os ídolos desaparecerão sem deixar vestígio. Os credos dos idólatras se desgastarão, mas Yahweh prosseguirá em Sua obra providencial na terra (vs. 13). Cf. Isa. 46.1.

10.16

Não é semelhante a estas aquele que é a porção de Jacó. A porção de Jacó era Yahweh. Ele é a herança de Judá, seu tesouro sem preço, em contraste com as vaidades dos pagãos. Yahweh é o Criador de todas as coisas, o que O distingue de todos os deuses dos pagãos, conforme vemos no vs. 12. Ver também, nessa conexão, Jó 4 16; 32.22; 35.10; Sal. 115.15; 121.2; Eclesiastes 11.5. Quanto à idéia da *porção,* ver Jer. 51.19; Gên. 14.24; Lev. 6.17 e I Sam. 1.5. Algo foi "divinamente dado". Deus resolveu manifestar-se a Israel e através de Israel, e, em um sentido antropomórfico, Ele "se tornou deles". Ver Lam. 3.24; Sal. 73.26; 119.57. Quanto a Israel como porção de Yahweh, ver Deu. 32.9. Tais expressões falam sobre o caráter *ímpar* de Israel. Ver Deu. 4.4-8. Israel tem sua herança em Yahweh, e a herança Dele é Seu povo. Cf. Deu. 32.9; Sal. 74.2; 119.19; Lam. 3.24, versículos que falam sobre a "porção".

A Vinda da Destruição e do Exílio (10.17-22)

10.17

Tira do chão a tua trouxa, ó filha de Sião, que moras em lugar sitiado. "Esta passagem continua a reprisar a idéia de Jer. 9.10-22, mas deve proceder de uma época posterior, quando Jerusalém estava sendo assediada. A data provável é 598 A. C., durante o primeiro cerco a Jerusalém por parte dos caldeus.

Quanto à sua forma, esta passagem é um diálogo entre Jeremias e a personificada cidade de Jerusalém. O profeta fala nos vss. 17-18; a cidade fala nos vss. 19-21; então o profeta fala novamente, no vs. 22. De acordo com Condamin, a segunda fala do profeta está contida nos vss. 21-22, ao passo que os vss. 23-24 constituem um "discurso" final — na realidade, uma oração — por parte da cidade. "Essa é uma divisão possível das falas. Mas a palavra 'porque', no começo do vs. 21, liga-o com os vss. 19-20, e não com o vs. 22, e os vss. 23-24 são muito diferentes quanto ao tom, para fazerem parte do 'diálogo'" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Em breve os habitantes de Judá seriam levados ao exílio na Babilônia. O profeta disse para o povo judeu "arrumar as malas", segundo uma expressão idiomática moderna, ou seja, para que ajuntassem o pouco que restara do saque praticado pelo exército babilônico, pusessem tudo em uma sacola e se preparassem para a viagem.

Trouxa. Esta é tradução de um vocábulo hebraico que aparece somente aqui em todo o Antigo Testamento. A palavra hebraica *kin'ah,* assim traduzida, tem sentido incerto, mas a raiz hebraica *kn'* apóia a conjectura "trouxa".

Junta tudo quanto tens e prepara-te para partir. Vós, povo
de Judá, estais presos na cidade, pelos vossos inimigos.

(NCV)

10.18

Porque assim diz o Senhor: Eis que desta vez arrojarei para fora os moradores da terra. Yahweh estava "expulsando Judá de seu território", por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. O país ficaria essencialmente desabitado. A maioria de seus habitantes seria morta; os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia, mas até mesmo ali a espada os seguiria (Jer. 9.16), ceifando mais e mais vidas, de tal maneira que Judá foi reduzido a quase nada. Esse foi o processo de refinamento mediante o qual a pouca prata que restara seria usada para começar um Novo Dia, com um Novo Israel. Cf. Isa. 13.6, onde ofereço notas expositivas sobre Yahweh como o manipulador dos acontecimentos humanos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.* Cf. este versículo com algo similar em Jer. 16.13 e I Sam. 25.29. Ver no *Dicionário* o verbete *Cativeiro Babilônico.*

A figura provável é a do lançamento de uma pedra por meio de uma funda, o que diz respeito a uma expulsão abrupta e *violenta* para um lugar distante. Ver Jer. 16.13.

10.19

Ai de mim, por causa da minha ruína! é mui grave a minha ferida. Jerusalém, personificada, fala nos vss. 19-21. A mãe Sião levantou seu lamento em meio a muitas lágrimas. Sua ferida era grave; suas dores eram severas; sua aflição, insuportável. "Deste versículo até o fim do capítulo, temos, juntamente com a vivacidade dramática característica do profeta, a lamentação da filha de Israel em cativeiro, chorando pelas transgressões que a tinham levado ao cativeiro" (Ellicott, *in loc.*). Mãe Sião tinha de suportar as aflições que Deus lhe havia dado (vs. 18), visto que sua apostasia atingira um horrendo planalto. Ver Jer. 3.13 quanto a uma ilustração desse fato.

10.20

A minha tenda foi destruída, todas as cordas se romperam. A figura aqui é a da tenda dos nômades derrubada e saqueada; os filhos, que tinham a tenda como lar, foram mortos ou espalhados; e nada restou senão a desolação. Mãe Sião perdeu todas as suas residências e todos os seus filhos. E não restaram poder ou recursos para ela reconstruir o destruído. Os poucos "filhos" que tinham sobrevivido foram levados para a Babilônia, mas mesmo ali a espada os seguia (ver Jer. 9.16), pelo que a matança e a angústia continuariam.

10.21-22

Porque os pastores se tornaram estúpidos e não buscaram ao Senhor. Este versículo reitera o tema do ataque inimigo *proveniente do norte.* Cf. Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17. Um rumor espantoso se espalhou e todo o povo de Judá o ouviu e estremeceu. Então, o som do exército babilônico, a marchar na direção sul, foi ouvido, e todos os judeus ficaram abalados. Houve *grande tumulto,* e os filhos de Israel compreenderam que isso significava angústia. O território de Judá foi transformado em deserto, no qual somente chacais queriam habitar. O povo tinha voltado um ouvido surdo para o profeta, mas não seria capaz de fingir surdez para com o exército da Babilônia. Cf. este versículo com Jer. 9.11.

Os cadáveres deste povo servirão de pasto às aves dos céus
e aos animais da terra; e ninguém haverá que os espante.

(Jeremias 7.33)

Oração Pedindo Correção; Chamada da Retribuição contra a Babilônia (10.23-25)

10.23

Temos aqui uma oração que foi primeiramente proferida pelo profeta em favor de Judá e, provavelmente, também dele próprio. Ele tinha muitos erros e defeitos, e os judeus eram modelos autênticos de pecados, defeitos e perversões. Mereciam a punição que estavam recebendo, mas também cabia aos babilônios o látego que Yahweh usava para efetuar aquele castigo contra Judá. Assim sendo, haveria retribuição contra os judeus, efetuada pela vontade divina. "Quanto à sua forma e conteúdo, este parágrafo deveria ser classificado como as *confissões* de Jeremias. Quanto à idéia do vs. 23, cf. Pro. 20.24; e, quanto ao vs. 24, ver Sal. 6.1 e 38.1" (James Philip Hyatt, *in ioc.*).

Nenhum ser humano é grande o bastante para viver independente de Deus. Nenhum homem é sábio o bastante para ser uma unidade autocontida. Um homem não pode *andar* apropriadamente se depender de sua própria erudição, experiência e sabedoria. A orientação vem de Yahweh, e a sabedoria para a conduta apropriada na vida está no Senhor. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Andar.* Deus está no controle de todas as coisas, e somente aqueles que permitem a Deus dirigir seus caminhos serão verdadeiramente abençoados (cf. Pro. 3.5-6; 16.9 e 20.24). Ver os caminhos contrastados dos bons e dos maus nas notas expositivas sobre Pro. 4.27. Os passos de um homem bom são ordenados pelo Senhor (ver Sal. 37.23). As coisas que entram no coração de um homem bom, assim como a linguagem mediante a qual ele exprime seu estado interior, também são dirigidas pelo Senhor (ver Jer. 20.24; Tia. 4.13-14; ver também Pro. 16.9 e 20.24).

Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu
próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e
ele endireitará as tuas veredas.

(Provérbios 3.5-6)

10.24

Castiga-me, ó Senhor, mas em justa medida, não na tua ira. Jeremias precisava da intervenção direta de Yahweh em sua vida para propósitos de correção, e certamente a nação de Judá tinha a mesma necessidade. Portanto, a oração feita pelo profeta pede justamente isso, embora acrescentando que a misericórdia e o amor moderassem a correção, para ela não fosse feita em ira, o

que destruiria e reduziria o efeito do castigo a nada. Não é preciso muito para arruinar um ser humano física e espiritualmente. Jeremias, como todos nós, precisava da paciência e da leniência de Deus, porquanto um julgamento apressado e dispensado em meio à ira destruiria a tudo e a todos. "A disciplina que vem de Deus, na qualidade de Juiz justo mas misericordioso, é ao mesmo tempo retributiva e reformadora. Suas punições não são meramente vingativas" (Ellicott, *in loc.*). O julgamento divino é um dedo da amorosa mão de Deus, com a finalidade de curar, e não de destruir. Mas o processo da cura pode ser doloroso.

"Não orarei rejeitando todo o castigo, mas orarei pedindo apenas moderação no castigo (ver Jer. 30.11; Sal. 6.1; 38.1)" (Fausset, *in loc.*).

10.25

Derrama a tua indignação sobre as nações que não te conhecem. Se Judá merecia a punição das mãos dos cruéis babilônios, que agiam como a vara de castigar de Yahweh, isso não quer dizer que os brutais estrangeiros escapariam ao seu devido castigo. A *fúria* de Yahweh iria contra eles, por serem cheios de violência e crimes de sangue. Eles eram pagãos que não reconheciam o Nome de Yahweh e por isso *devoraram* Seu povo, reduzindo-lhes a habitação a um deserto. Cf. Sal. 79.6-7, que é bastante similar a este versículo. Alguns estudiosos supõem que este versículo tenha sido tomado por empréstimo daquele salmo. Cf. também Jer. 11.20; 17.18; 18.23 e 20.11. Enquanto Yahweh moderava Seu castigo contra o próprio povo, Sua fúria atingiria os perseguidores desse povo; a maré da ira divina estava prestes a virar e avassalar os babilônios, fazendo-os sair do palco da história como os principais atores. Os medos e persas em breve substituiriam os babilônios como os próximos dançarinos loucos. Se um remanescente de Judá foi restaurado em Jerusalém, os babilônios foram obliterados. O termo "nações" pode ultrapassar a Babilônia e seus aliados, e faz-nos lembrar que a fúria de Deus deve eliminar todos os povos que promovem a idolatria e a violência, especialmente os que tiverem prejudicado o povo de Israel. Cf. Zac. 1.14-15,21.

Capítulo Onze

O Pacto Rompido: O Sinal do Cinto (11.1 – 13.27)

Eventos na Vida de Jeremias (11.1 – 12.6)

"*Jeremias e o Pacto.* Não há dúvidas de que Jeremias apoiou fortemente os esforços de Josias para erradicar as práticas de adoração estrangeira (ver II Reis 22-23). Ele promovia o retorno às provisões do pacto mosaico (ver o vs. 3, "desta aliança"; e o vs. 10, "a minha aliança"). A pregação profética estava alicerçada sobre a relação de pacto com Deus. Não importando se esse discurso, um tanto reeditado, tenha sido contemporâneo das reformas de Josias (627 A. C.), ou escrito em retrospecto (depois de 609 A. C.), isso é algo que não pode ser determinado. O certo é que esse discurso é tipicamente deuteronômico. A palavra "ordenei" (vs. 4) foi usada para indicar o pacto (Deu. 4.13; 6.17). Ver também frases deuteronômicas: vs. 3 (Deu. 27.26); vs. 4 (Deu. 4.20); vs. 5 (Deu. 7.12-13); vs. 8 (Deu. 29.19); fornalha de fogo (Deu. 4.20; I Reis 8.51; Isa. 48.10). A intercessão pelo povo apóstata é vista como inútil (Jer. 14.11-12). A incineração da oliveira verde na área do templo é o símbolo da destruição de Judá (Sal. 52.8)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Jeremias e o Pacto (11.1-14)

A Violação do Pacto (11.1-5)

11.1

Palavra que veio a Jeremias, da parte do Senhor. Não há razão para duvidar que esta passagem correta e historicamente afirma o fato de que Jeremias advogava as reformas deuteronômicas patrocinadas por Josias. É provável que o profeta Jeremias tenha saído como pregador itinerante, adicionando seu peso ao projeto. Subseqüentemente, entretanto, Jeremias ficou desiludido ao perceber que as reformas de Josias eram superficiais e materialistas, sem tocar nos males reais da época. E assim, mesmo que suponhamos que um editor deuteronômico tenha compilado esta seção, não há razão alguma para duvidar que isso refletisse as idéias e atividades de Jeremias.

Foi Yahweh quem deu ao profeta instruções para que ele fizesse o que fez. Ele deveria apoiar as reformas de Josias, mostrando-se um advogado ativo dos princípios envolvidos. Foi um movimento de retorno às Escrituras Sagradas, cujo intuito era contrabalançar a idolatria-adultério-apostasia de Judá, o que, se fosse conseguido, poderia até afastar o ataque da grande potência do norte, a Babilônia, interrompendo o processo que levaria na direção do temido cativeiro babilônico.

11.2

Ouve as palavras desta aliança, e fala aos homens de Judá. Ver Deu. 29.1,9; II Reis 23.3,21. Quanto ao *pacto mosaico,* ver as notas de introdução a Êxo. 19. "... aludindo ao livro da lei (Deu. 27.28), encontrado no templo pelo sumo sacerdote Hilquias, cinco anos depois da chamada de Jeremias ao ofício profético (II Reis 22.8; 23.25)" (Fausset, *in loc.*). A redescoberta do livro perdido da lei demonstrou quão poucas cópias dos antigos documentos havia. Essa descoberta estimulou as reformas encabeçadas por Josias, embora isso não tenha mudado o coração do povo. Os vss. 3 ss. dão um breve sumário da essência dos requisitos da lei.

11.3

Maldito o homem que não atentar para as palavras desta aliança. O livro de Deuteronômio é repleto de *bênçãos* e *maldições,* todas baseadas em como o homem ouve e obedece, ou negligencia e desobedece, às provisões da legislação mosaica. Portanto, começamos aqui com uma *maldição geral* contra todos os pecadores e desobedientes, que formavam a *vasta maioria* dos habitantes de Judá, nos dias do profeta Jeremias.

11.4

Que ordenei a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito. As bênçãos e as maldições (ver Deu. 27.15-26) foram declaradas desde o começo, pois a lei foi dada ao povo que Yahweh tirara do Egito. Era um lugar de escravidão e de provações, aqui chamado de "fornalha de ferro". O fato de Yahweh ter tirado Israel do Egito é um tema repetido por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20, que fala sobre uma fornalha de ferro no Egito. A libertação de Israel do Egito fez com que os israelitas se tornassem a herança de Yahweh, conforme também lemos em Deu. 4.20. Aqui eles são chamados de "povo" de Deus, um equivalente. Yahweh era o Deus deles, idéia padronizada no Antigo Testamento. Cf. este versículo com I Reis 8.51. Ver também Isa. 48.10.

Fornalha de ferro. Ou "fornalha da aflição". No original hebraico temos uma palavra que significa "fornalha" ou "fundidora", simbolizando a forma de escravidão pela qual o povo de Israel passou, trabalhando nas fornalhas de cozer tijolos (ver Êxo. 1.14). "A referência histórica tinha força especial para a mente dos hebreus" (Ellicott, *in loc.*, com algumas adaptações). "Ferro" substitui aqui tijolos, para tornar mais proeminente a idéia da servidão.

Quanto a Israel como o povo de Deus, sendo Ele o Deus deles, cf. Jer. 32.39.

11.5

Para que confirme o juramento que fiz a vossos pais de lhes dar uma terra que manasse leite e mel. Este versículo tem várias alusões ao livro de Deuteronômio. Quanto ao *juramento* que Yahweh fez aos pais, ver Deu. 7.8; 8.18; e 9.5. Quanto à "terra de lei e mel" que Deus prometeu no juramento, ver Deu. 6.3; 11.9; 26.9; 27.3 e 31.20. Quanto ao fato de que o cumprimento seria imediato, "neste dia", ver Deu. 3.2; 4.20,38; 6.24 e 8.18. Quanto à resposta do profeta: "Amém, ó Senhor!", ver Deu. 27.15-26. Mas tudo isso dependia da obediência de Israel. A Terra Prometida foi possuída, mas também se perdeu por causa da desobediência. Ver Êxo. 3.8, quanto a outro paralelo parcial deste versículo. Estas declarações se tornaram proverbiais, assim como parte vital da história e consciência de Israel, conferindo-lhes especial identificação espiritual e caráter ímpar. Ver Israel como povo *distinto* entre as nações, em Deu. 4.4-8. A obediência à lei de Moisés é que fazia a diferença, pois Israel nada tinha de especial sem a lei. Ver em Deu. 27.15-26 as maldições impostas aos desobedientes. "Que Tuas promessas sejam cumpridas e que os incorrigíveis tenham cuidado com as Tuas ameaças" (Adam Clarke, *in loc.*). Um *amém* foi proferido sobre todas as maldições, mas um *amém* foi proferido sobre as promessas positivas de benefícios da parte de Yahweh.

11.6

Tornou-me o Senhor: Apregoa todas estas palavras nas cidades de Judá. A *tarefa do profeta* era levar a mensagem do livro de Deuteronômio até o povo e às cidades de Judá, e então pelas ruas de Jerusalém. As palavras do pacto mosaico precisavam ser *ouvidas* e *atendidas* pela geração de Jeremias. Ninguém estava dispensado disso. A campanha de educação espiritual tocaria em todos. Nenhum homem estaria livre de culpa se desobedecesse ou negligenciasse os ensinos da lei de Moisés. Todos seriam moralmente *responsáveis.* "Jeremias deveria fazer uma *turnê profética* através de Judá, para proclamar por toda a parte as denúncias existentes no livro da lei, que tinha sido encontrado no templo" (Fausset, *in loc.*). "A história de Israel foi uma história de rebelião e correção" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. este versículo com Rom. 2.13 e Tia. 1.22. Ver também Êxo. 24.7.

11.7

Porque deveras adverti a vossos pais no dia em que os tirei da terra do Egito. Este versículo reitera a mensagem do vs. 4: as advertências e promessas foram feitas a Israel quando os israelitas saíram do Egito, especialmente no Sinai, quando a lei foi dada, servindo de base ao pacto mosaico (anotado na introdução a Êxo. 19). A palavra-chave era *obediência* (ver a respeito no *Dicionário*). Ver também o verbete chamado *Dever*.

11.8

Mas não atenderam nem inclinaram os seus ouvidos. A história espiritual de Israel era lamentável. À sombra do Sinai, os israelitas fabricaram o bezerro de ouro, e após isto seguiram-se fracassos intermináveis. Os filhos de Israel eram teimosos, e o coração deles era insubmisso. A mente vagueava por toda a espécie de culto idólatra. Eles faziam "o que seus corações maldosos queriam" (NCV). O pacto mosaico continha *maldições* embutidas (ver Deu. 27.15-26), das quais Israel não demorou a tornar-se merecedora. "Fiz todas aquelas maldições caírem sobre eles" (NCV). A palavra-chave era "obediência", mas o coração deles estava fixado na atitude contrária. Havia *palavras* de bênção e *palavras* de maldição, contudo o texto presente enfatiza as palavras de maldição, harmonizando-se com o que ocorreu por toda a história de Israel. Ver Jer. 3.17 e 7.24, passagens similares ao versículo presente. Diz o Targum: "Eu trouxe contra eles a vingança (a punição), visto que não receberam as palavras desta aliança".

11.9

Disse-me ainda o Senhor: Uma conspiração se achou entre os homens de Judá. O povo de Israel revoltou-se diante dos ensinos da lei. Eles não eram pecadores por ignorância. A revolta não era política, mas espiritual. O rei Josias forçou outras conformidades. Durante algum tempo, o povo teve de agir obedecendo aos ditames e às provisões da legislação mosaica. Mas o coração deles nem por isso foi mudado. A revolta íntima não demorou a externar-se, e Judá tornou-se pior do que nunca, caindo em total idolatria-adultério-apostasia e tornando assim inevitável o cativeiro babilônico. "A idolatria deles não resultou de algum impulso precipitado (ver Sal. 83.5; Eze. 22.26)" (Fausset, *in loc.*). "Eles eram todos *fratres conjurati*, 'irmãos jurados', determinados a desvencilhar-se do jugo divino e a não mais terem Deus para reinar sobre eles" (Adam Clarke, *in loc.*).

11.10

Tornaram às maldades de seus primeiros pais, que recusaram ouvir as minhas palavras. A revolta dos filhos de Israel assumiu a forma de várias modalidades de *idolatria*, que representava o abandono a Yahweh, o outro assinante, por assim dizer, do pacto. Portanto, o acordo do pacto foi quebrado. Judá era como uma esposa adúltera, que se divorciou de seu marido (Jer. 3.1-2,13-14). Os judeus da época de Jeremias seguiram o mau exemplo de seus pais e tornaram-se ainda piores que eles. Recusavam-se a ouvir as palavras da lei; rejeitavam e negligenciavam as revelações divinas. Tanto Israel (as dez tribos do norte) quanto Judá (as duas tribos do sul) estavam unidas em sua revolta, embora a nação do norte tenha caído primeiro. Ambas anularam o pacto com sua desobediência. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Rebelião*, que serve para ilustrar o texto presente. "A decisão deliberada de Judá, de seguir seus ídolos, garantiu para ela sua condenação" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Na mente divina, os babilônios já estavam batendo nos portões de Jerusalém. O rei Josias forçou uma reforma externa. A idolatria tinha sido proibida por decreto divino. A maior parte dos *lugares altos* tinha sido destruída. Mas, assim que Josias saiu do palco da história (mediante sua morte), todas as antigas abominações dos israelitas logo voltaram.

11.11

Portanto assim diz o Senhor: Eis que trarei mal sobre eles. *Deus Impôs aos Judeus a Calamidade.* O maior desastre de toda a história da nação de Judá foi o cativeiro babilônico, que começou com matança e pilhagem generalizada, e terminou com a deportação de poucos sobreviventes para a Babilônia. Até mesmo na Babilônia, entretanto, a espada seguiria os judeus, e a matança continuaria (ver Jer. 9.16). Quando o desastre desaba, corações endurecidos são quebrantados, e o povo, em uníssono, clama a Yahweh pedindo misericórdia e livramento; mas os clamores geralmente são emitidos tarde demais. Cf. Isa. 1.15 e Miq. 3.4. A eficácia das orações é anulada pelos hipócritas e réprobos. Quando as coisas estavam em paz, eles continuaram invocando deuses pagãos, dando-lhes o crédito por seu bem-estar. Na crise, no entanto, seus deuses não os ajudavam, e a Fonte da verdadeira ajuda os ignorava. Ver o vs. 1 quanto a clamores a deuses que nada representavam.

11.12

Então as cidades de Judá e os habitantes de Jerusalém irão aos deuses. Os gritos de agonia dos judeus subiriam a qualquer divindade, ou a Deus, que quisesse ouvi-los e ajudá-los. Os deuses, que tinham sido honrados por eles, recebendo sua adoração, seu incenso queimado e suas orações, que os ouvissem em seus momentos de crise. Eles seguiriam seus absurdos até o fim, promovendo seu doentio *sincretismo* (Yahweh e os deuses pagãos eram os objetos de suas orações); ou seguiriam um *paganismo* completo, com divindades de toda a sorte, emprestadas de vários povos vizinhos. O vs. 13 deste capítulo mostra a tremenda extensão da idolatria dos judeus. Cf. este versículo com Jer. 2.28 e Deu. 32.37-38.

11.13

Porque, ó Judá, segundo o número das tuas cidades, são os teus deuses. Havia *tantos deuses* no panteão de Judá que seu número se podia comparar ao número de ruas em Jerusalém. Havia uma divindade sob cada árvore, nos bosques dos lugares altos, e também havia um casal praticando sexo ilícito ali, honrando algum deus cananeu da fertilidade (ver Jer. 3.13). "Embora Josias tivesse procurado livrar a Terra Prometida da idolatria (ver II Crô. 34.33), o número dos altares de incenso devotados ao vergonhoso deus Baal (ver Jer. 11.17) ainda era tão grande quanto o das ruas de Jerusalém" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Nem Baal, nem a rainha do céu, nem o sol, nem a lua, nem os planetas, nem todo o exército do céu, conforme se vê no vs. 13 e também em Jer. 49.15,17; II Reis 23.5, ouviam suas orações, pelo que não havia alívio ou consolo em suas tribulações" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Idolatria*, quanto a uma demonstração de quão fértil é a mente humana quando se trata de inventar deuses de fantasia.

11.14

Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes por eles clamor nem oração. Cf. Jer. 7.16. Jeremias foi proibido pelo Senhor de interceder em favor daqueles réprobos. Eles já estavam debaixo da cegueira judicial e não responderiam a nenhum convite ao arrependimento. O julgamento faria aquilo que apelos pela mudança jamais poderiam fazer. A pequena porção de prata deixada em Judá seria separada do montão de escória, e restaria um minúsculo remanescente, reservado para um Novo Dia e para um Novo Israel. Ver também Jer. 14.11. "Há um ponto culminante na culpa que não mais admite orações intercessórias (ver Êxo. 32.10; I Sam. 16.1; 15.35; I João 5.16)" (Fausset, *in loc.*). O Targum diz: "Eles não serão aceitos diante de Mim, nem me é agradável que ores por eles. Agora é chegado o tempo do mal deles".

Sacrifícios Não Evitariam o Desastre (11.15-17)

11.15

Que direito tem na minha casa a minha amada, ela que cometeu vilezas? A oração em favor dos judeus de nada adiantaria; sacrifícios de animais seriam ineficazes. O julgamento divino seguiria seu curso. Os vss. 15-16 apresentam um poema que foi mal preservado no texto massorético, e as versões antigas e os intérpretes modernos tentam corrigi-lo. "Esse poema provavelmente foi falado em um dos átrios do templo, onde cresciam oliveiras (ver Sal. 52.8). O tema do poema é a inadequação dos cultos no templo para desviar a condenação que estava descendo sobre Israel quanto a seus fracassos morais (cf. Jer. 6.20; 7.1-15,21-23)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Jer. 7.1-15 mostra que a presença do templo, em Jerusalém, não ofereceria nenhuma proteção àqueles idólatras que, na verdade, tinham anulado tudo o que o templo significava com sua idolatria-adultério-apostasia.

"Que está fazendo a minha amada, Judá, no meu templo? Ela tem traçado muitos planos malignos. Porventura ela pensa que os sacrifícios de animais farão cessar as suas punições? Quando fazeis o mal, então sois felizes" (NCV). Ver Jer. 7.22, onde o profeta assumiu a posição radical de que não foi Yahweh quem instituiu os sacrifícios de animais. Desde o princípio tinha sido uma invenção humana, totalmente ineficaz para qualquer vantagem espiritual. "Amada", neste versículo, refere-se às idéias constantes em Jer. 3.1-2,13-14, a saber, que Judá era a esposa infiel de Yahweh, o qual tinha sido rejeitado por causa da lascívia da esposa, que procurava, sem descanso, outros amantes. "Que é que faz a minha amada em minha casa, enquanto pratica a iniqüidade? Votos e carne santa (sacrifícios) teriam permissão de vir dali? É somente quando sois malignos que vos sentis felizes" (Blayney, *in loc.*). Cf. Eze. 16.25. Judá tinha reduzido o templo de Jerusalém a uma zombaria.

11.16

O Senhor te chamou de oliveira verde, formosa por seus deliciosos frutos. Antes, Judá valia alguma coisa, como se fosse uma oliveira frutífera que

produzisse azeitonas para serem consumidas. Mas um grande incêndio atingiria a oliveira apóstata, reduzindo-a a cinzas. O fogo viria com imensa tempestade (o exército babilônico), e grandes seriam o incêndio e a destruição. O fogo seria aceso contra a oliveira, e seus ramos seriam consumidos. A figura é a de um incêndio em uma floresta, tangido rapidamente por ventos poderosos que fariam as chamas subir ao céu e viajar com terrível velocidade ao rés do chão, consumindo tudo. "A parábola é essencialmente a mesma, embora um símbolo diferente tenha sido escolhido, como o símbolo da vinha (ver Isa. 5.1; Jer. 2.21) ou como o símbolo da figueira (ver Luc. 13.6). A oliveira era, naturalmente, um símbolo de fertilidade e bondade, conforme se vê em Sal. 52.8; Osé. 14.6; Zac. 4.3,11" (Ellicott, *in loc.*). Alguns estudiosos tomam a metáfora deste versículo como se a árvore fosse atingida por um *raio,* em vez de ser apanhada em um incêndio na floresta. Diz o Targum: "... como uma oliveira que é bela quanto à forma e formosa à vista, cujos ramos fazem sombra às árvores, pelo que o Senhor magnificou Seu nome entre o povo. Mas, visto que Judá tinha transgredido a lei, os exércitos do povo, que são tão fortes como o fogo, virão contra ti".

11.17

Porque o Senhor dos Exércitos, que te plantou, pronunciou contra ti o mal. Yahweh é quem tinha dado origem à boa oliveira; Ele a plantou e a tornou distinta (ver Deu. 4.4-8). Mas agora aquela mesma árvore havia degenerado, tornando-se alvo da ira divina. O mal pagaria pelo mal. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* A idolatria-apostasia-adultério provocou Yahweh a ações dramáticas. Era absurdo que eles sacrificassem e queimassem incenso a Baal, o chefe cananeu do panteão dos deuses falsos. Cf. este versículo com Jer. 2.21 e Isa. 5.2.

"O pecado do pecador é sua própria ruína; ver Jer. 7.19" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baal.*

O Conluio contra a Vida de Jeremias (11.18 – 12.6)

11.18

O Senhor mo fez saber, e eu o soube; então me fizeste ver as suas maquinações. Com toda essa pregação contra o pecado e a idolatria, não é de admirar que os réprobos de Judá se tenham revoltado e planejado contra a vida de Jeremias. Outra causa foi o fato de que ele aconselhava o povo a não resistir aos babilônios, acreditando que coisa alguma podia deter a ameaça. Eles deveriam tão-somente confiar em Yahweh, arrepender-se e esperar o melhor. Mas o profeta, na verdade, nada previa senão as mais horrendas dores que logo viriam. Alguns estudiosos, contudo, vêem as "ofensas pessoais" como a causa principal do plano contra a vida de Jeremias. Os próprios parentes de Jeremias, em Anatote, encabeçaram a conspiração. Sem dúvida, houve muito de inveja pessoal e ciúmes profissionais envolvidos na questão.

"Eles tinham sido frustrados em sua tentativa de livrar-se dele imediatamente, depois do sermão do templo (Jer. 7.1-15,26), e assim procuraram assassiná-lo por alguns de seus colegas, os sacerdotes de Anatote, que talvez servissem ao templo de Jerusalém (ver sobre Jer. 1.1). Os parentes de Jeremias devem ter feito oposição a ele por seus muitos ataques contra aqueles a quem ele considerava falsos sacerdotes e falsos profetas, e contra a instituição que eles mais prezavam, mas que Jeremias chamava de inútil" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Outra coisa que adicionou combustível ao fogo foi o apoio de Jeremias às reformas de Josias, que feriam profundamente tanto o sincretismo do culto do templo, como o puro paganismo que prevalecia na época, o regime preferido por muitos homens malignos de Jerusalém, incluindo os falsos sacerdotes e profetas.

As Lamentações de Jeremias. "Jer. 11.18-12.6. O primeiro lamento pessoal de Jeremias. Uma conspiração contra a vida de Jeremias (11.18-19; 12.6; 11.20; 12.3b talvez devam ser transpostos nessa ordem). Temos aqui a primeira lamentação pessoal de Jeremias; as outras lamentações estão em 15.1-21; 17.14-18; 18.18-23; 20.7-13 e 20.14-18. Ele fica sabendo que era o objeto inconsciente (cordeiro manso; cf. Isa. 53.7) de uma conspiração que visava assassiná-lo, e orou ao Deus onisciente que o protegesse (Jer. 17.10; Sal. 26). A origem da mágoa contra Jeremias pode ligar-se ao fato de que ele identificou certos concidadãos com os falsos profetas e sacerdotes. Em sua fraseologia característica (ver Jer. 5.12; 18.21; 19.15 e 23.12), o fim deles foi predito. Jer. 12.1-2,4b,3a,4a,5: Contra o pano de fundo do tribunal de leis, Jeremias pôs em dúvida a então quase universal idéia de que os ímpios sempre sofrem e que os justos sempre prosperam. Os ímpios, ostensivamente fiéis, prosperam (ver Jó 21; Sal. 73)" (*Oxford Annotated Bible,* introdução ao trecho de Jer. 11.18-12.16).

Esta seção se inicia de maneira abrupta. O profeta agora deixa para trás a descrição dos pecados gerais de Judá e fala dos atos errados de seus concidadãos, especificamente sobre como eles estavam planejando contra a sua vida. Ver a introdução anteriormente. É provável que os conluios dos habitantes de Anatote, terra natal de Jeremias, tenham sido trazidos recentemente ao seu conhecimento. Ele declarou que fora Yahweh quem lhe dera essa informação, mediante algum tipo de oráculo. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Anatote,* especialmente o terceiro ponto.

Jer. 12.6 indica que o profeta nada suspeitava sobre a questão, até que a revelação lhe foi dada, talvez em uma visão ou sonho. As novas o deixaram chocado e desgostoso. Esse era outro exemplo das traições daqueles que se diziam seguidores do nome do Senhor, mas que em nenhum sentido pertenciam a Ele nem eram controlados por Ele. Este versículo ilustra a *Providência* positiva de Deus (ver a respeito no *Dicionário*). No entanto, Jeremias ainda não havia terminado sua missão e, assim, estava sendo preservado diretamente pelo poder de Deus, até que essa missão se completasse e todos os grãos tivessem sido juntados no celeiro. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Não toqueis nos meus ungidos, nem maltrateis os meus profetas.

(Salmo 105.15)

11.19

Eu era como manso cordeiro, que é levado ao matadouro. Jeremias era como um animalzinho mudo diante dos conspiradores. Queriam sacrificá-lo tão rapidamente como um sacerdote, nos átrios do templo, sacrificaria um cordeiro ou um touro, dizendo que estavam prestando a Deus um serviço. Eles tinham traçado cuidadosamente os esquemas, pensando que seriam *eficazes.* Mas Deus... O sonho ou visão deu a Jeremias o conhecimento do plano inteiro, e desta maneira sua vida foi preservada, visto que sua missão ainda não estava terminada. Seus oponentes não tinham contado com a grandeza de Deus em favor do profeta.

Da mesma forma que a galinhola edifica no pantanal,
Eis que edifico para mim um ninho, sobre a grandeza de Deus.
Voarei na grandeza de Deus, como a galinhola voa.
De todo o coração dependerei da grandeza de Deus.

(Sidney Lanier)

Assassinar Jeremias significaria o fim de sua memória em Judá e também afastaria definitivamente o povo de Judá de Deus, de tal modo que *Seu Nome* se perderia entre eles. Mas os homens que estavam servindo o próprio "eu" e tinham apostatado de Yahweh sentir-se-iam felizes, e não tristes, diante de ambas as circunstâncias.

"Seus próprios amigos e familiares tinham conspirado contra o profeta. A linguagem é precisamente igual à que foi aplicada ao Messias (ver Isa. 53.7)... Eles destruiriam tanto a árvore quanto o seu fruto, o que é proverbial para exprimir a destruição tanto da causa como do efeito" (Fausset, *in loc.*). Dessa maneira desapareceriam tanto o profeta *quanto* suas profecias. Alguns estudiosos supõem que *árvore* subentenda o *modus operandi* do assassinato, ou seja, algum produto vegetal *venenoso* seria posto no alimento do profeta. O Targum compreende a questão por esse prisma, da mesma forma que fazem a Septuaginta, a Vulgata Latina e as traduções árabes. Alguns vêem aqui uma profecia messiânica sobre a cruz de Jesus, mas isso já é um exagero.

11.20

Mas, ó Senhor dos Exércitos, justo Juiz, que provas o mais íntimo do coração. Tal como se vê nos salmos de lamentação, temos aqui uma imprecação sobre aqueles que planejam o mal. Esses mereciam a vara de Yahweh aplicada às suas costas. Era a Yahweh que o profeta tinha entregado sua causa. Ninguém mais defenderia Jeremias. Ele não tinha amigos em Jerusalém. Os governantes e sacerdotes exultariam em livrar-se dele, e por certo os falsos profetas não sentiriam remorso diante de sua morte. Em outros trechos do livro, Jeremias solicitou a destruição de seus inimigos. Ver Jer. 17.18; 18.23 e 20.11-12. Como é óbvio, os inimigos do profeta também eram inimigos de Yahweh, e seus feitos atrevidos perturbariam a missão profética que ele havia recebido. O ensino superior de Jesus, para orarmos por nossos inimigos (ver Mat. 5.44), estava acima do ensino de Jeremias, e certamente está acima de nós. Cf. este versículo com os Salmos 69 e 109, que estão entre os salmos mais vindicativos. Ver também Rom. 12.19 ss. A vingança cabe ao Senhor, e o "bem" feito aos inimigos é um tipo de vingança. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Vingança.* Ver Jer. 20.1, que é uma duplicata deste versículo. Ver também Sal. 54.7 e 59.10.

11.21

Portanto assim diz o Senhor acerca dos homens de Anatote. Os candidatos a assassinos mudariam de idéia sobre matar a Jeremias, caso o profeta parasse de profetizar, e isso fazia parte do que Yahweh tinha revelado ao profeta. A experiência de Jeremias foi mais radical que a experiência da maioria dos homens espirituais, mas nenhum ser humano é espiritual se não receber alguma oposição nem for tentado a modificar sua mensagem para agradar aos tolos.

Algumas vezes são os tolos espirituais, pessoas que exercem autoridade na igreja, que querem que o profeta mantenha a boca fechada. É conforme diz certa canção popular: "Digo as coisas que realmente sinto, e não as palavras de quem se ajoelha". Jeremias não era um *profeta que se ajoelhava* e retinha sua mensagem por causa da face espantosa de seus inimigos.

> *Eles dizem aos videntes: Não tenhais visões;*
> *e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto;*
> *dizei-nos coisas aprazíveis, profetizai-nos ilusões.*
>
> (Isaías 30.10)

Anatote. Ver sobre este lugar no *Dicionário,* bem como em Jer. 1.1. Anatote era a terra natal de Jeremias, onde se desenvolveu o plano de assassínio do profeta.

11.22

Sim, assim diz o Senhor dos Exércitos: Eis que eu os punirei. Os vss. 22-23 fornecem detalhes sobre como Yahweh se vingaria dos inimigos de Jeremias. As orações do profeta seriam respondidas, e da maneira mais severa possível. De fato, a *Lex Talionis* (punição de acordo com o tipo e a gravidade do crime cometido) seria aplicada à situação. Ver sobre esse assunto no *Dicionário.* Essa lei é uma subcategoria da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* que também aparece em um artigo do *Dicionário.* Os candidatos a assassinos seriam mortos, os jovens à espada, o que provavelmente aponta para uma batalha, provavelmente contra os invasores babilônios. Seus filhos e filhas morreriam na fome que se seguiria às devastações causadas pelo exército estrangeiro. Ou seja, os poucos sobreviventes morreriam de fome, porquanto a maioria dos filhos e das filhas seria morta pelo exército babilônico invasor. Cf. Sal. 69.8-28.

11.23

E não haverá deles resto nenhum, porque farei vir o mal sobre os homens de Anatote. A destruição de Anatote seria quase total. Esd. 2.23 e Nee. 7.27 mencionam 128 pessoas de Anatote que voltaram do cativeiro babilônico. Naturalmente, nem todos os habitantes de Anatote estavam envolvidos no plano de assassinato de Jeremias, razão pela qual a Lex Talionis não se aplicaria a eles. Não obstante, a indicação deste versículo é que o julgamento que Yahweh efetuaria contra Anatote, por meio do exército babilônico, seria mais severo do que nas cidades médias de Judá. "A situação de Anatote, cerca de 6 km a nordeste de Jerusalém, deixaria a cidade exposta à plena fúria da invasão" (Ellicott, in loc.).

Capítulo Doze

Jer. 12.1-6 dá prosseguimento ao parágrafo iniciado em Jer. 11.18, onde apresento a introdução ao parágrafo. Os habitantes de Anatote (terra natal de Jeremias) planejavam seu assassinato, a menos que ele concordasse em parar com suas profecias (ver 11.21). Isso naturalmente era algo que ele não faria. Jeremias orou para que Yahweh se vingasse daqueles réprobos, e o Senhor deixou claro que faria isso. Eles sofreriam a pena da *Lex Talionis,* uma punição em consonância com a *gravidade* do caso. Visto que queriam matar o profeta, seriam mortos (ver Jer. 11.22-23). A *Lex Talionis* é uma subcategoria da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Ver sobre ambos os títulos no *Dicionário.* Assim, pelo menos quanto a esse caso particular, a *justiça* seria servida. Mas Jeremias tinha observado muitos casos de *injustiça* óbvia que nunca foram revertidos. O profeta tinha testemunhado os ímpios a prosperar, enquanto, de modo geral, os bons sempre sofriam às mãos dos réprobos. Tudo isso faz parte do *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Há o *mal natural,* os abusos da natureza: inundações, incêndios, terremotos, enfermidades e morte. E há também o *mal moral,* as más obras dos homens contra os seus semelhantes, por causa de uma vontade perversa. Homens malignos avançam sem nenhum problema. Homens bons sofrem todos os tipos de males. Como pode um homem mau sentir-se feliz, enquanto um homem bom é devastado?

O livro de Jó examina esse problema, e talvez seja o primeiro livro da Bíblia a levantar tal indagação. Ou então Jeremias foi o primeiro escritor sagrado a pôr em dúvida a máxima dos judeus de que a *justiça* fará os homens maus dobrar os joelhos, ao mesmo tempo que exaltará os homens bons. Nem Jó nem Jeremias apelaram à vida pós-túmulo para resolver esse difícil problema, que é a solução comum encontrada pelos cristãos. Os judeus, entretanto, buscavam justiça *aqui mesmo na terra* e, naturalmente, ficavam desapontados.

O problema do mal é um dos mais difíceis da existência humana, e isso abrange tanto a teologia quanto a filosofia. Tanto sofrimento parece insensato e, algumas vezes, tão exageradamente feroz, que não podemos encontrar nele nenhum sentido, nem nesta vida nem em qualquer outra.

"Em Jer. 12.1-5 temos a mais antiga evidência literária do Antigo Testamento acerca da pergunta: Por que os ímpios prosperam? Que Jeremias foi um dos primeiros, se é que, realmente, não foi o primeiro, a criticar a doutrina geralmente aceita da retribuição divina, chegando a questionar o próprio Deus, é um fator que surgiu de diversas origens: suas próprias experiências amargas, que fizeram a doutrina parecer-lhe falsa; sua independência mental; seu forte senso do valor do indivíduo; e seu sentimento de proximidade a Deus. Em Jer. 12.1-5 foram empregadas idéias e terminologias tomadas por empréstimo dos tribunais legais: Yahweh é considerado um justo Juiz perante quem o profeta pleiteou contra seus adversários, homens ímpios e traiçoeiros. Ele recebeu o seu veredicto de Deus em Jer. 12.5" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

12.1

Justo és, ó Senhor, quando entro contigo num pleito. O profeta, em sua consternação, não ousou pôr em dúvida a retidão de Yahweh, mas corajosamente pôs em dúvida Seu governo. Os ímpios prosperam – o que a doutrina ortodoxa dos hebreus declarava não poderia acontecer. Devemos relembrar que os hebreus (em contraste com os cristãos) não apelavam para um pós-vida (recompensas para os bons e castigos para os maus), a fim de corrigir as injustiças da vida presente. Somente nos salmos e nos profetas é que esse conceito começou a fazer parte da teologia dos hebreus, mas, mesmo então, não foi usado para solucionar o problema do mal. Naturalmente, Dan. 12.2 é uma exceção. Muitos casos evidentes podem ser destacados para inquirir a operação dos julgamentos de Deus. Até mesmo os *traidores,* os assassinos e os saqueadores terminam tendo uma vida boa e abastada, e morrendo felizes. Entrementes, muitos homens bons sofrem saques e abusos ou são mortos, e suas famílias ficam na miséria. E até mesmo quando se apela para a outra vida, muitas vezes é difícil perceber por que os inocentes sofrem tantos horrores. É difícil reconhecer o propósito por trás de certos casos. Isso posto, o problema do mal não é resolvido, embora possam ser ditas certas coisas remidoras, conforme mostro no artigo sobre esse assunto. Jó, homem inocente, sofreu dores indescritíveis que são relatadas no livro que leva seu nome. Na introdução ao livro de Jó, quinta seção, reviso o que esse livro diz sobre o problema.

Cf. o presente versículo com Jó 21.7 e Sal. 73.3-5,12; 94.3. O vs. 2 prossegue dizendo que *Deus* é a *causa* da prosperidade do perverso, e isso complica mais ainda a questão, *como se* Deus fosse a causa única, e Suas obras envolvessem coisas que não podemos atribuir à deidade.

> *Se eu fosse Deus,*
> *Não haveria mais o adeus solene;*
> *A vingança, a maldade, o ódio medonho;*
> *E o maior mal, que a todos anteponho:*
> *Eu exterminaria a enfermidade,*
> *Todas as dores da senilidade;*
> *A criação inteira alteraria,*
> *Porém, se eu fosse Deus.*
>
> (Martins Fontes, de Santos)

12.2

Plantaste-os, e eles deitaram raízes; crescem, dão fruto. Parece que aqui o profeta caiu na noção hebraica negativa de Deus como a *causa única.* Se Deus, realmente, é a causa única, então Ele é a causa do mal. A teologia dos hebreus era fraca quanto a *causas secundárias,* das quais há tantas, e muitas delas apontam para seres humanos maldosos. É ridículo lançar sobre Deus a culpa de todos os absurdos que ocorrem no mundo. Neste trecho bíblico, o profeta diz que Deus é quem planta os ímpios e lhes dá raízes, o que significa que lhes dá a boa vida que eles têm, juntamente com a estabilidade. Os ímpios, pois, lançam raízes fortes e crescem, florescendo mais e mais. Produzem fruto abundante, têm tudo quanto cobiçam. Hipocritamente falam sobre Deus, mas Ele está longe do coração deles. O profeta não deixa entendido que existe toda a espécie de causas secundárias que tem feito os homens ser o que são, levando-os a prosperar, embora estejam constantemente prejudicando outras pessoas e implantando confusão.

Emanuel Kant via o problema com maior clareza e precisão. Ele observou que a justiça realmente é pouco servida no mundo, mas nem por isso culpou Deus pela desordem. Pelo contrário, criou um argumento racional em favor da existência e da sobrevivência da alma, diante da morte física, bem como em favor da existência de Deus — tudo baseado na *necessidade moral* de que a justiça fosse, finalmente, feita. Para que os bons sejam devidamente recompensados, a alma deles tem de sobreviver a fim de receber a recompensa. Para que os ímpios sejam devidamente punidos, a alma deles tem de sobreviver à morte biológica a fim de receber o castigo merecido. Além disso, deve existir um Ser poderoso e inteligente o bastante para aplicar as recompensas e punições apropriadas, um Ser ao qual chamamos de *Deus.* Se não concordarmos com essa *necessidade moral,* então teremos de admitir que o deus real deste mundo é o *caos.*

Uma de minhas fontes informativas alivia a má declaração do vs. 2 deste capítulo: "Parece que o próprio Deus os plantou" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Jeremias, entretanto, não usou a palavra "parece".

Coração. Diz aqui o hebraico, literalmente, *rins*. Os rins são órgãos essenciais, como o cérebro (mente) e o coração — ou seja, aquilo que o homem *é*. Os hebreus obtiveram a capacidade de pensar, e tinham suas emoções misturadas nos rins. Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Rins*. Ver também o artigo chamado *Órgãos Vitais*. O uso que fazemos da palavra "coração" é paralelo ao uso que os hebreus faziam do termo "rins", o que explica essa tradução para o vocábulo hebraico *kilyah*. Aqueles homens pervertidos falavam sobre Deus, mas o *coração* deles estava distante do Senhor.

12.3

Mas tu, ó Senhor, me conheces, tu me vês, e provas o que sente o meu coração. Este versículo é paralelo a Jer. 11.18 ss. e fala sobre a conspiração contra a vida do profeta. O vs. 20 contém a oração de Jeremias para que Yahweh tirasse vingança contra os que planejavam assassiná-lo. E os vss. 22-23 contêm a resposta de Yahweh, com a promessa de que os possíveis assassinos seriam mortos. O profeta inocente, cujo coração era conhecido como reto e justo na presença do Senhor, e cuja mente tinha sido testada e estava em consonância com os ditames de Yahweh, agora solicitava que seus possíveis matadores fossem eliminados como ovelhas mortas no matadouro; ele orou para que fosse determinado um tempo em que ocorresse a morte deles. Por conseguinte, este versículo torna-se paralelo direto de Jer. 11.22-23. Cf. Tia. 5.6. O profeta era como um "cordeiro manso" que eles queriam matar (ver Jer. 11.19), o que significa que seria *apropriado* e *justo* que aqueles réprobos se tornassem cordeiros para serem mortos. Jeremias foi *separado* para Yahweh como um homem justo (ver Jer. 1.5), mas eles seriam *separados* para serem executados.

Feliz aquele que em modesta lida,
Isento da ambição e da miséria,
No regaço do amor e da virtude
A vida passa. Mais feliz ainda
Se, das turbas ruidosas afastado,
A sombra do carvalho, entre os que adora,
Sente a existência deslizar tranqüila,
Como as águas serenas do ribeiro;
Mas, que digo! Nem esse, infindos males,
Comuns a todos, seu viver não poupam.

(Soares Passos, Portugal)

12.4

Até quando estará de luto a terra, e se secará a erva de todo o campo? Aqueles horrendos pecadores perturbavam a terra inteira com suas injustiças, seus saques e suas mentiras. A terra estava em atitude de *lamentação*; a erva dos campos se ressecava. Até os animais do campo sofriam, e as aves tinham abandonado o espaço. Aqueles réprobos se jactavam de que Deus não prestava atenção neles. Diz aqui a Septuaginta: "Deus não verá os nossos caminhos". Mas o texto massorético fala sobre o *fim* daqueles homens, ou seja, do *mau fim* que Jeremias havia predito para eles. Eles se vangloriavam de que Jeremias não estaria por perto para ver o cumprimento de suas profecias, e nem acreditavam que eles mesmos estariam presentes. Antes, criam que Deus era indiferente para com a confusão que espalhavam na terra e contra Jeremias, em particular. Cf. Sal. 73.11 e 94.7. Quanto à *aparente indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 143.7.

Algo na ordem da criação tinha saído errado.
Quem está tomando conta de todas essas crises,
de toda essa transição e de toda essa dor?

(Russell Champlin)

12.5

Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, como poderás competir com os que vão a cavalo? Temos, aqui e no versículo seguinte, a resposta de Yahweh ao problema da dor. Incrivelmente a resposta Dele, em essência, é: "As coisas apenas ficarão piores". Nada foi prometido, exceto mais dor ainda. Duas metáforas foram usadas para ilustrar a questão:

1. *A corrida.* Se Jeremias estava perdendo feio quando corria contra os homens, quão definitiva seria a sua perda se estivesse correndo contra cavalos! Se ele se cansava correndo contra homens, quanto mais se cansaria se tivesse de competir contra cavalos. Os homens de Anatote eram terríveis, mas os de Jerusalém seriam muito piores. Jeremias seria mais odiado e maltratado por eles. Os homens de Anatote corriam a pé. Os réprobos de Jerusalém montariam em cavalos para praticar suas maldades.
2. *A enchente do rio Jordão.* Jeremias tinha caído em uma "terra relativamente segura", ou seja, em uma época na qual as tribulações eram relativamente pequenas. Como poderia ele resistir quando as águas inundantes do rio Jordão o alcançassem? A Revised Standard Version tenta preservar uma tradução literal do hebraico, e faz o rio Jordão criar uma floresta, o que tem pouco sentido. A tradução da NCV melhora isso, falando de *espessos arbustos* ao longo das margens do rio Jordão, onde o profeta poderia ser apanhado. A tradução da NIV, por sua vez, fala de *moitas* às margens do rio Jordão. Aquela área era minada de leões (ver Jer. 49.19; 50.44; Zac. 11.3). Na época da colheita, em abril-maio, o rio Jordão extravasava suas margens (Jos. 3.15), e isso nos dá uma compreensão fácil, mas as outras idéias parecem estar em maior concordância com o original hebraico envolvido. "Se Jeremias só podia confiar em Deus em tempos de paz, como conseguiria vencer quando as coisas ficassem mais difíceis?" (Charles H. Dyer, *in loc.*). A resposta de Yahweh a Jeremias foi "um desafio para que ele tivesse maior fé e coragem, visto que maior fé e coragem seriam necessárias no futuro, quando surgissem maiores competições com homens maus" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Assim sendo, embora Jeremias buscasse alguma luz sobre *por que* os ímpios prosperam e os bons sofrem perseguições e tribulações, ele não recebeu nenhuma luz, mas somente encorajamento para que tivesse mais fé e forças para enfrentar as tribulações maiores que já estavam a caminho. Os *porquês* do sofrimento humano, pois, permaneceram um mistério. Pelo menos Jó obteve alguma luz sobre a questão, embora não tivesse recebido uma luz definitiva. Ver a quinta seção da introdução ao livro de Jó.

12.6

Porque até os teus irmãos, e a casa de teu pai, eles próprios procedem perfidamente contigo. Aqueles ímpios de Anatote, que aparentemente incluíam alguns parentes bastante próximos do profeta, viviam dizendo palavras mentirosas a fim de atraí-lo a alguma espécie de armadilha, para que pudessem matá-lo. Eles diziam palavras de louvor, mas o ódio estava no coração deles. Jeremias foi assim avisado por Yahweh a manter-se afastado e não se aproximar deles, nem crer em nada que dissessem, nem aceitar convites que lhe fizessem, para que não houvesse oportunidade de *ataque*. "O provérbio que nosso Senhor citou por mais de uma vez — 'não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa' (Mat. 13.57; Luc. 4.24; João 4.44) provavelmente teve origem na triste experiência de Jeremias" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Sal. 59.8; João 1.11; 7.5 e Jer. 9.4; 11.19 e Mat. 10.36.

Israel e Seus Vizinhos (12.7-17)

12.7

Desamparei a minha casa, abandonei a minha herança. Esta seção não tem nenhuma conexão com a seção anterior. Os vss. 7-13 dão uma lamentação divina acerca das desolações da terra de Israel, causadas por povos vizinhos. Os vss. 14-17 mostram como Yahweh exilaria aquela gente maligna, embora mais tarde a restaurasse à sua própria terra, quando tivesse aprendido apropriadamente suas lições morais e terminasse por honrá-Lo. Esta seção é um poema lírico bastante incomum, que contém certo número de figuras interessantes pertencentes mais à ordem da intrincada poesia de Isaías do que à produção normal de Jeremias. Israel foi pintado como a primeira e mais importante herança de Yahweh (vs. 8); uma ave de rapina de colorido diverso (vs. 9); e uma vinha (vs. 10). "A maior parte dos comentadores supõe que esse material tenha sido composto depois da invasão descrita em II Reis 24.2, quando Nabucodonosor enviou bandos de caldeus contra Joaquim, para puni-los por suas rebeliões. Caldeus, arameus, moabitas e amonitas eram seus aliados. A descrição dos assaltantes como *aves* e como muitos pastores se adaptaria melhor a tal invasão do que os citas ou os caldeus de tempos posteriores. A data era cerca de 502 A. C. Jeremias deixou claro que os invasores foram enviados por Yahweh para punir a nação de Israel por causa de seus pecados (vss. 8 e 13)" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Yahweh lamentou o fato de que teria de abandonar Sua casa (o templo, ou o povo, a casa de Israel; ver Osé. 8.1 e 9.15), em função da idolatria-adultério-apostasia dos judeus. O povo de Judá formava a *herança* do Senhor (I Sam. 10.1; I Reis 8.53; II Reis 21.14; Deu. 4.20; Jer. 10.16). Eles eram muito *amados*, mas tinham sido arredados para o lado como uma esposa adúltera (Jer. 3.1-2,13-14). Os *inimigos* de Israel foram usados como chicotes para aplicar o castigo que eles mereciam. Quanto a Israel como a *amada*, ver Jer. 11.15 e Isa. 5.1. Note o leitor a expressão "amada de minha alma", um forte *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*).

12.8

A minha herança tornou-se-me como leão numa floresta. A figura da *herança é reiterada* aqui (ver o vs. 7). A *segunda figura* é a de um *leão*, uma fera que rugia em sua loucura, a ponto de levantar seu rugido contra o próprio Yahweh.

Isso tinha feito Yahweh odiar a própria herança, uma expressão forte que os tradutores e intérpretes tentam suavizar. A *amada* (vs. 7) tinha-se transformado em objeto de *ódio.* Yahweh demonstrou Seu ódio por aqueles apóstatas ao abandoná-los nas mãos de seus atormentadores estrangeiros. Se Yahweh havia aplicado antes Sua providência positiva em favor deles, agora aplicava Sua providência negativa, porquanto Ele controla todos os acontecimentos humanos (ver Isa. 13.6). Ver, no *Dicionário,* os verbetes intitulados *Soberania* e *Providência de Deus.*

12.9

Acaso é para mim a minha herança ave de rapina de várias cores...? A herança de Yahweh é, agora, chamada de *ave de rapina de várias cores.* Essa *terceira figura simbólica* significa que, embora Judá fosse uma maldosa ave de rapina, seria atacada por outras aves de rapina, devido a suas brilhantes e multicoloridas penas, que atrairiam muita atenção negativa e assassina. Essa figura foi reforçada por uma subfigura. Judá é então apresentado como que atacado por feras carnívoras. Cf. essa parte do versículo com Isa. 56.9. Dentro das fronteiras de Judá havia saques civis. Homens iníquos saqueavam outros homens. Finalmente, desgostoso com toda aquela confusão, Yahweh enviou invasores estrangeiros para punir e saquear. Cf. Eze. 34.5.

> *Aves de rapina! Inundai este lugar com sangue.*
> *Aves de rapina! Vinde contra ela por todos os lados.*
> *Vós feras selvagens! Vinde para a carnificina.*
>
> (Dahler)

Cf. este versículo com Apo. 19.17.

12.10

Muitos pastores destruíram a minha vinha, pisaram o meu quinhão. *A Quarta Figura Simbólica.* Judá seria pisada aos pés pelos exércitos invasores, como os pastores e seus rebanhos pisam a área na qual as ovelhas pastam. E a coisa específica que eles arruinaram foi a *vinha* de Yahweh, que constitui a *quinta figura.* Quanto à metáfora da vinha de Yahweh, ver Jer. 2.21; 5.10; 6.3 e Isa. 5.1-7. Os invasores quebrariam as cercas e muretas que protegiam a vinha, e em breve pisariam a vinha toda, deixando ali um lugar desértico, e não uma plantação. "A nação de Deus, antes produtiva, tornar-se-ia uma desolação, quando a espada do Senhor (o exército da Babilônia; vs. 12) matasse os seus habitantes" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

> *Só por breve tempo foi o país possuído pelo teu santo povo; nossos adversários pisaram o teu santuário.*
>
> (Isaías 53.18)

Os *muitos* pastores destruidores eram os aliados dos babilônios, isto é, os arameus, os moabitas e os amonitas, conforme se depreende de II Reis 24.2. Quanto aos "arameus", uma leve emenda pode dar em *idumeus,* que alguns críticos preferem.

12.11

Em assolação a tornaram, e a mim clama no seu abandono. A terra inteira foi reduzida a deserto, onde antes havia vinhedo frutífero. Mas os réprobos judeus vieram lamentar-se diante de Yahweh, a causa mesma daquela calamidade (vs. 7). Isso aconteceu porque nenhum homem quis arrepender-se, o que poderia ter evitado o desastre. Os que ali viviam não se importavam com a mensagem de Jeremias, que clamava por uma mudança.

> *O país inteiro é um deserto vazio.*
> *Isso é assim porque nenhum dos que ali vivem se importa.*
>
> (NCV)

Ninguém há que tome isso a peito. "... ninguém deu atenção à ameaça de julgamento, predito pelos profetas, nem se arrependeu de pecados pelos quais foram ameaçados com tantas desolações, nem se deixaram afetar pela própria destruição. Isso expressa a estupidez do povo" (John Gill, in loc.).

12.12

Sobre todos os altos desnudos do deserto vieram destruidores. Nenhum trecho do território de Judá permaneceu intocado pelos invasores, nem as alturas das colinas nem as planícies do deserto. Nenhum homem ficou em paz. Nenhum único habitante de Judá escapou do chicote. Foi um acontecimento temível por completo. As terras de pastagem dos lugares altos de Judá, que tinham sido tão produtivas, foram arrasadas, e nenhum fruto voltou a ser produzido ali. O povo ficou como o território: devastado. Foi a "espada do Senhor" que efetuou toda aquela devastação, porquanto os invasores eram instrumentos Seus. Ver Isa. 13.6 quanto ao controle que Yahweh exerce sobre os acontecimentos humanos.

> *Se eu afiar a minha espada reluzente, e a minha mão exercitar o juízo, tomarei vingança contra os meus adversários, e retribuirei aos que me odeiam.*
>
> (Deuteronômio 32.41)

12.13

Semearam trigo, e segaram espinhos; cansaram-se, mas sem proveito algum. Três declarações descrevem a queda do povo de Judá:

1. Eles fizeram uma colheita amarga. Quando esperavam colher trigo por seus muitos esforços, obtiveram espinhos, pois, quando pareciam estar semeando trigo, na realidade semeavam espinhos. Ver no Dicionário o artigo chamado Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.
2. Judá mostrou-se enérgico na prática do mal e se cansou em empreendimentos da maldade. O povo de Judá trabalhava contra si mesmo em seus esforços de autodestruição. Eles não tiraram proveito algum de todos os seus esforços. Pelo contrário, perderam todo o bem que tinham antes.
3. Aqueles iníquos seriam envergonhados pela sua má colheita, pois isso revelaria seu verdadeiro caráter. A feroz imagem da ira de Yahweh garantiria a calamidade da colheita perversa. Seria uma colheita vergonhosa, um castigo pelos erros cometidos. Por meio daquela colheita, ficaria claro para todos o que Judá tinha semeado. Eram atividades erradas do começo ao fim.

Exílio e Restauração dos Vizinhos de Israel (12.14-17)

Estes quatro versículos foram escritos como prosa e acrescentados como suplemento à seção anterior. Os críticos chamam essa passagem de editorial, como são com freqüência as passagens prosaicas. Os fortes sentimentos provocados contra Israel pela denúncia anterior são um tanto suavizados pela idéia de que aqueles que castigariam Judá não escapariam de seu próprio castigo. A justiça seria feita no tocante a todas as nações, pois só existe um Deus sobre todos os povos. Até as nações estrangeiras terão de aprender os caminhos seguidos pelo povo de Deus (vs. 16). Mas, mesmo nesse caso, o julgamento divino será remedial, e não meramente retributivo. Portanto, a passagem à nossa frente é uma ameaça-promessa que combina os dois elementos.

12.14

Assim diz o Senhor, acerca de todos os meus maus vizinhos. "Esses são os que se regozijaram na queda de Judá e a atacaram em suas fraquezas (ver II Reis 24.2; Sal. 83.6,9; 137.7). No meio de sua indignação requeimante contra os pecados de seu próprio povo, o profeta continuava a ser um patriota e mostrava-se ainda mais indignado com os pecados dos estrangeiros que tinham atacado a nação de Judá. Para eles, da mesma forma, haveria idêntico julgamento (cf. Jer. 25.18-26)" (Ellicott, in loc.).

O mesmo Senhor que estava castigando o próprio povo é o Senhor universal que não permitirá que escapem os gentios que tiverem "tocado" em Sua herança, a nação de Israel (tanto o norte quanto o sul). Pelo contrário, haveria abundância de ira contra eles, por causa de seus pecados. E eles seriam "arrancados" de seus respectivos territórios, tal como Judá foi expelido de sua terra. Finalmente, porém, haveria outro "exílio", ou seja, a remoção de Judá da Babilônia, com a subseqüente restauração da Terra Prometida. Este versículo enfatiza um dos principais temas dos profetas: Yahweh é o poder que controla o destino das nações. Cf. Atos 17.26 e ver as notas expositivas sobre Isa. 13.6. Os elementos dispersos de Judá serão restaurados (ver Jer. 31.7-11; Eze. 37.1-14). A figura representa uma planta ou árvore que foi desarraigada para ser transplantada em algum outro lugar. Ver Zac. 2.8, quanto à ira de Deus que ferirá aqueles que prejudicarem a sua herança.

12.15

E será que, depois de os haver arrancado, tornarei a compadecer-me deles. Quanto à restauração de nações estrangeiras, cf. Jer. 48.17 (Moabe) e Jer. 49.6 (Amom). Em tudo isso há certa medida da graça de Deus, que opera em favor daqueles que aprenderem a lição sobre o arrependimento e se achegam a Yahweh. Temos aqui uma profecia sobre a salvação das nações, o que muito provavelmente aponta a era do Reino de Deus, quando essa idéia se tornará uma realidade. O pacto abraâmico prometia que todos os povos seriam abençoados através de Israel, pelo que nesta predição temos uma "promessa do pacto". Cf. Amós 9.14.

12.16

Se diligentemente aprenderem os caminhos do meu povo, jurando pelo meu nome... A restauração de povos estrangeiros é condicionada à lealdade ao yahwismo, isto é, a aprender os caminhos do povo em aliança com Deus. As pessoas que assim fizerem haverão de jurar pelo nome de Yahweh, pronunciando as palavras "Como vive o Senhor" quando tomarem votos e realizarem cultos religiosos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nome,* e ver também Sal. 31.3. Quanto a *nome santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21. O Nome de Deus representa Sua natureza essencial, as qualidades e os atributos da Pessoa de Deus, ao passo que jurar por Yahweh significava prestar lealdade a Ele e confiar em Sua graça e poder para todas as necessidades da vida. Cf. Jer. 4.2; Isa. 19.18 e 55.16. Por meio de sua *nova fé,* os povos pagãos anulariam sua antiga lealdade a Baal e a outros deuses de nada, aos quais antes juraram e prestaram lealdade. Nos tempos antigos, esses povos ensinaram Israel a seguir a idolatria deles, mas agora aprenderão *de Israel* a seguir seu *yahwismo.* E assim terá cumprimento o que foi predito:

> *A terra se encherá do conhecimento do Senhor como as águas cobrem o mar.*
>
> (Isaías 11.9)

12.17

Mas, se não quiserem ouvir, arrancarei tal nação. A provisão seria realizada, e a promessa era firme. Mas as nações que se recusassem a ouvir o convite universal terminaria julgadas e arrancadas para nunca mais serem plantadas de novo. O arrancar da árvore teria o propósito de entregá-la às chamas. Tais nações perderiam seus territórios, que seriam dados a outros povos. Cf. Zac. 14.9,16-19. Este versículo é um comentário sobre Jer. 1.10, onde encontramos a mesma idéia. Ver também Isa. 60.12. Alguns enxergam aqui o ministério da igreja durante a atual era do evangelho, mas não é esse o assunto do texto, embora tal trabalho fosse uma preparação para esse empreendimento. Alem disso, o arrancar total significava o destino das nações da terra, e não uma punição das almas no pós-vida. Cf. Isa. 66.24.

CapítuloTreze

Parábolas e Advertências (13.1-27)

Encontramos aqui *cinco passagens* que são unidades separadas e autocontidas, através das quais não aparece nenhum tema comum. Essas passagens são: vss. 1-11 (a parábola do cinto de linho); vss. 12-14 (a parábola da jarra cheia); vss. 15-17 (advertência contra o orgulho); vss. 18-19 (lamento sobre o rei e a rainha-mãe); vss. 20-27 (a vergonha de Jerusalém).

"O povo não reagia favoravelmente à mensagem de Jeremias, fazendo que Deus o levasse a realizar um ato simbólico para chamar sua atenção (vss. 1-11). O profeta também começou a usar parábolas para obter o interesse do povo (vss. 12-14). Esses meios incomuns de comunicação tinham por desígnio despertar a curiosidade e o interesse de uma audiência que não dava atenção ao profeta. Mais tarde, foi ordenado a Ezequiel usar técnicas similares em seu ministério na Babilônia (cf. Eze. 4.1-5.4)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

A Parábola do Cinto de Linho (13.1-11)

Temos aqui uma parábola, e não uma descrição dos atos físicos do profeta. Como é óbvio, Jeremias não fez duas viagens ao distante rio Eufrates. O rio Eufrates ficava a cerca de 650 km de distância. Foram necessários quatro meses para Esdras viajar da Babilônia a Jerusalém (ver Esd. 7.9). Judá corrompeu-se por suas alianças políticas e religiosas com a Babilônia. Ver Jer. 2.18. Menos provável é a noção de que Judá estivesse corrompido por sua permanência na Babilônia, nos setenta anos de exílio que ali passou, e essa corrupção foi ilustrada pelo profeta mediante sua parábola do cinto de linho. Judá era o cinto estragado, e seu orgulho seria reduzido à vergonha.

"Usando a figura do cinto de linho (vs. 11, cf. Êxo. 19.6 e Lev. 16.4), que fora enterrado nas margens úmidas do rio Eufrates (vs. 7), Jeremias ilustrou o efeito corruptor das normas políticas de Jeoaquim em favor da Babilônia (ver Jer. 2.18), bem como o sincretismo religioso acompanhante de Judá (II Reis 24.1-7)" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução a este capítulo). Pode haver uma alusão ao cativeiro futuro de Judá ali, que puniria o povo judeu por causa de sua apostasia.

13.1

Assim me disse o Senhor: Vai, compra um cinto de linho. A Jeremias foi dado um oráculo, e o doador foi Yahweh. Jeremias deveria comprar um cinto de linho e usá-lo em torno da cintura. O cinto não deveria ser mergulhado na água, pois poderia estragar-se. Um cinto de linho fazia parte das vestes sacerdotais de Jeremias (ver Êxo. 28.40; Lev. 16.4). Isso é expressivo para a interpretação da parábola. "Israel, representado como o cinto de Yahweh, fora escolhido para usos consagrados" (Ellicott, *in loc.*). A parábola, entretanto, demonstra que a confiança que o Senhor depositara em Judá fora violada, pelo que o cinto apodreceu e tornou-se inútil para o ofício sacerdotal. O cinto era uma espécie de faixa usada em torno da cintura (ver II Reis 1.8; Isa. 5.27). O cinto sacerdotal era feito de tecido de linho. Cf. o cinto de couro de animal de Elias (ver II Reis 1.8). Ver também Isa. 5.27 e 11.5. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Cinto.*

Mas não o metas na água. O procedimento normal era que o sacerdote lavasse suas vestes, incluindo o cinto, com freqüência. Talvez o cinto que não fosse lavado representasse a imundícia moral do povo, que não havia sido purificado por nenhum meio espiritual, ou seja, pela água limpa do arrependimento (ver Eze. 6.26). Ou, então, nenhuma água deveria ser aplicada ao cinto de Jeremias, para que não o estragasse.

13.2-3

Comprei o cinto, segundo a palavra do Senhor. Obedecendo às ordens de Yahweh, Jeremias obteve (talvez tenha comprado) seu cinto novo. Ele colocou o cinco no lugar e, sem dúvida, o usou por algum tempo. Então, veio a palavra do Senhor pela segunda vez (vs. 3), dando ao profeta ordens para o passo seguinte. O cinto tinha-se tornado parte regular das vestes sacerdotais devido ao seu uso, por algum tempo. Assim, também Judá, por longo tempo, tinha sido o povo santo e sacerdotal de Deus, Seu veículo escolhido de expressão no mundo. Jeremias cumpria cada detalhe das instruções recebidas na visão celestial.

13.4

Toma o cinto que compraste e que tens sobre os lombos. O *cinto de linho* seria usado como lição objetiva. Colocá-lo em um buraco, às margens do rio Eufrates, sujeitaria o cinto à umidade do rio, fazendo que ele em pouco tempo se estragasse. Quanto à razão pela qual foi escolhida certa área às margens do rio Eufrates, ver a introdução à seção no vs. 1. Devemos talvez pensar que, se Jeremias foi realmente àquele lugar, a cerca de 650 km de distância, deve ter passado vários meses viajando. Na verdade, estamos defronte de uma parábola aqui.

Alguns estudiosos dizem que está em vista a vila de Pará, e não o Eufrates (pois essa vila era usualmente traduzida como "Eufrates"). Tal aldeia ficava a apenas cerca de 5 km a nordeste de Anatote. No hebraico, soletram-se da mesma maneira as palavras "Parah" e "Eufrates". Portanto, a possibilidade da identificação de Pará com o Eufrates realmente existe. Ver Jos. 18.23 quanto à vila em foco. Modernamente é a Khribet el-Farah. A maioria dos eruditos, entretanto, rejeita a tradução alternativa porque, em outros lugares, a palavra hebraica *perath* sempre se refere ao rio Eufrates. Judá estava apodrecido e para nada mais prestava, e o cinto de linho, tendo assumido essa condição, era uma boa lição objetiva (ver o vs. 7). "Isso significa o transporte, para a Babilônia, cidade atravessada pelo rio Eufrates, dos cativos judeus, bem como o estado de miséria em que estes se encontrariam. Todo o orgulho e a glória de Judá seriam estragados, o que é declarado ato contínuo" (John Gill, *in loc.*).

13.5

Fui, e escondi-o junto ao Eufrates, como o Senhor me havia ordenado. Jeremias, ainda em atitude e atos de obediência, fez o que lhe fora ordenado, às margens do rio Eufrates, e ocultou nas proximidades do rio o cinto de linho. Cf. o vs. 2, em seu primeiro ato de obediência. "Tudo isso parece ter sido feito não na realidade, mas apenas em visões... tal como Ezequiel fizera nas visões de Deus da Caldéia para Jerusalém, e de Jerusalém de volta à Caldéia (ver Eze. 8.3 e 11.24)" (John Gill, *in loc.*). Foi assim que Maimônides (*Moreh Nevochim,* parte 2, cap. 46, parte 323) explicou a questão. Kimchi disse que isso foi feito em "uma visão de profecia".

13.6

Passados muitos dias, disse-me o Senhor: Dispõe-te, vai ao Eufrates. O drama do cinto de linho continuou, com a nova ordem para Jeremias ir tirá-lo do buraco, onde o havia escondido. Assim, em outra visão, Jeremias viajou até o rio Eufrates, em obediência às ordens de Yahweh. O período em que o cinto permaneceu no buraco foi suficiente para que se estragasse completamente, tal como Judá foi totalmente corrompido por seu culto idólatra aos moldes estrangeiros. Ellicott apresentou a fantasia de que o intervalo de tempo entre as duas viagens de Jeremias foi de setenta dias, para corresponder aos setenta anos em que Judá estaria em cativeiro, mas não há como confirmar tal especulação. Cf. Osé. 3.3. Ver Jer. 25.11-12, quanto ao período que Judá passou no cativeiro babilônico.

13.7

Fui ao Eufrates, cavei, e tomei o cinto do lugar onde o escondera. Em sua mente visionária, o profeta foi novamente à beira do rio Eufrates e encontrou o cinto de linho que tinha escondido ali há tanto tempo. Jeremias retirou o cinto do buraco, e eis que estava podre, estragado! Isso simboliza o fato de que Judá já estava apodrecido devido à sua participação em todos os tipos de idolatria, e ficaria ainda mais arruinado pelos julgamentos do Senhor. O vs. 9 deste capítulo fornece a aplicação e a interpretação de Yahweh da parábola do cinto de linho. "O cinto, manchado, decadente, sem valor, serviu de parábola quanto ao estado de Judá após o exílio, desnudado de toda a sua grandeza externa, tendo perdido o lugar que antes havia ocupado entre as nações" (Ellicott, *in loc.*). "Estava podre. Não era bom para coisa alguma" (NCV).

13.8

Então me veio a palavra do Senhor. Então veio a "palavra de Yahweh", para explicar a Jeremias o que significava a parábola do cinto de linho. Algumas vezes, somente as revelações divinas são suficientes para podermos compreender as questões espirituais. Outra lição que devemos aprender é que a graça divina provê os meios para alcançarmos entendimento. Os homens não permanecem sem um testemunho, conforme as Escrituras algumas vezes demonstram. E também há o testemunho da consciência, à luz da natureza. Até mesmo as ciências e a filosofia (e também as religiões não-cristãs) nos dão um inesperado e valioso discernimento quanto às operações de Deus. Em outras palavras, o *Logos* dispõe de muitos meios de comunicação, e fazemos bem em prestar atenção a todos eles. Os *logoi spermatikoi*, ou seja, as "sementes do Logos", estão por toda a parte. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Rationes Seminales*, frase latina que corresponde àquela expressão grega.

A Interpretação (13.9-11)

13.9

Deste modo farei também apodrecer a soberba de Judá. O próprio Yahweh dá a interpretação da parábola. "Era uma mensagem de julgamento do povo ímpio que se recusava a ouvir as palavras de Deus. O cinto representava Israel e Judá (vs. 11). Enquanto esteve na cintura do profeta, ocupou uma posição de renome, louvor e honra. Entretanto, quando foi removido de sua cintura e enterrado, tornou-se completamente *inútil*. Assim sendo, Israel e Judá arruinaram-se ao se afastarem de seu Deus e servirem os deuses falsos" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O cinto desgastado e podre simbolizava a glória da comunidade de Israel. Ver Êxo. 28.40 e Lev. 26.19.

"... glória ou *excelência,* aquilo em que os judeus se gloriavam; o templo deles foi destruído pelos caldeus; o rei, os príncipes e os nobres da nação de Judá foram levados para a Babilônia, perto do rio Eufrates, e desnudados de toda a sua grandeza, honra e glória. Assim diz o Targum: 'Corromperei a força dos homens de Judá e a força dos habitantes de Jerusalém'. E assim diz a versão siríaca: 'Arruinarei os orgulhosos e altivos homens de Judá, e os muito altivos homens de Jerusalém" (John Gill, *in loc.*).

13.10

Este povo maligno, que se recusa a ouvir as minhas palavras. A principal causa da ruína de Judá foi a *idolatria-adultério-apostasia* desse povo, que teimosamente se recusava a ouvir e obedecer às palavras de Yahweh, mas com tanta sofreguidão ouvia e seguia as vozes dos deuses de nada; eles entregaram o coração ao paganismo e adoravam os deuses da fertilidade e da natureza que dominavam os povos vizinhos. Eles tinham sido moral e espiritualmente *arruinados* por essas práticas. Quanto a uma ilustração sobre isso, ver Jer. 3.13. Eles eram como uma esposa infiel que se entregara ao adultério (ver Jer. 3.1-2,13-14). Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Idolatria*. A idolatria dos judeus os havia arruinado, e assim Yahweh completou a tarefa destruindo-os como nação, por meio do cativeiro babilônico. Eles se reduziram a uma concha vazia, com seus pecados rebeldes, pelo que também Yahweh completou a tarefa despedaçando a concha. Israel-Judá tinha sido o tesouro peculiar de Yahweh (ver Êxo. 19.5), mas a idolatria tornou-os indignos diante deles mesmos e de Deus. Cf. este versículo com Jer. 7.4 e 9.14.

13.11

Porque, como o cinto se apega aos lombos do homem, assim eu fiz apegar-se a mim toda a casa de Israel. O cinto, enquanto esteve firmado na cintura do profeta, representou o tempo durante o qual a casa de Israel e a casa de Judá se apegaram a Yahweh, aos Seus ensinos e ao Seu culto. Em outras palavras, houve um *tempo de fidelidade* e prosperidade espiritual. Houve um tempo em que eles eram o povo de Deus, quando caminhavam corretamente à sombra do Seu nome, pelo que também tinham um grande nome louvado e glorioso entre os homens. Mas, ao deixarem de ouvir a Palavra de Deus, a lei mosaica, que era a base do pacto, a relação inteira deles com o Senhor se arruinou. Foi a ocasião em que tiraram o cinto e se vestiram do paganismo. Note o leitor como o tempo da fidelidade correspondeu ao tempo da *unidade nacional,* em que as duas casas faziam parte de uma mesma nação. As duas casas, juntas, tinham sido o cinto de Yahweh.

> *O Senhor hoje te fez dizer que lhe serás por povo seu próprio, como te disse, e que guardarás todos os seus mandamentos. Para assim te exaltar em louvor, renome e glória, sobre todas as nações que fez, e para que sejas povo santo ao Senhor teu Deus, como tem dito.*
>
> (Deuteronômio 26.18-19)

Ver sobre *Pacto Mosaico* na introdução a Êxo. 19.

A Parábola do Jarro (13.12-14)

13.12-14

Pelo que dize-lhes esta palavra: ... Todo jarro se encherá de vinho. O profeta Jeremias empregou uma circunstância bastante banal para apresentar uma parábola importante. Garrafas de vinho são o tesouro dos beberrões. E, quando uma dessas garrafas se quebra, representa uma tragédia. O deleite dos bêbados é beber até embriagar-se. Eles amam o processo de beber, beber e beber, e apreciam muito estar bêbados. O *resultado,* porém, é amargo e repelente, com toda aquela náusea e vômito, mas o beberrão suporta tudo, porque para ele vale a pena aquele aprazimento inicial. O profeta fez o *alcoolismo* simbolizar o *julgamento divino,* no qual nenhum indivíduo encontra prazer.

Uma nova parábola transmitiu a mesma mensagem. Jeremias a comunicou de bom grado. A palavra de Yahweh continuou a ser conferida ao profeta, comunicando coisas importantes a Judá. Jeremias cumpriu o seu dever, continuando a sua prédica. Ele teve uma audiência relutante, que contudo foi forçada a ouvir o que ele tinha para dizer. O julgamento divino estava chegando; e eles não tinham nenhuma desculpa, pois muitas e claras mensagens lhes haviam sido transmitidas. Note o leitor o título divino aqui: *Yahweh-Elohim,* O Deus Eterno e Todo-poderoso. Esse Deus é o Deus de Israel, por criação e aliança firmada, o que significa que Deus tinha o direito de exigir obediência da parte de Seu povo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Jarro. No hebraico, *nebhel,* um jarro grande de guardar coisas, feito de cerâmica ou pele de animais, usado para guardar azeite, grãos ou vinho. Os arqueólogos têm descoberto jarros de muitos tamanhos, os maiores com capacidade de cerca de 38 l, medindo cerca de 64 cm de altura e 40 cm de diâmetro. A mesma palavra hebraica era usada para indicar os vasilhames menores, feitos de pele de animais; quanto a esses odres, ver I Sam. 10.3 e Luc. 5.37. Quanto aos jarros feitos de cerâmica, ver Jer. 48.12 e Lam. 4.2. Visto que nos é dito que os jarros seriam quebrados, provavelmente devemos compreender que estão em pauta aqui as jarras de cerâmica (ver o vs. 14).

A parábola em foco requer que todos os jarros estivessem cheios de vinho. O profeta disse ao povo que todos os jarros estariam cheios de vinho, uma declaração óbvia e banal; e foi por isso que eles responderam: "Não sabemos nós muito bem que todo jarro se encherá de vinho?". Mas dessa banalidade o profeta retirou importante lição.

Eis que eu encherei de embriaguez a todos os habitantes desta terra. Assim como os jarros seriam todos cheios de vinho, todos os habitantes de Jerusalém, desde o mais importante até o mais humilde, os reis, os profetas, os sacerdotes e todo o povo comum, seriam "cheios" de *embriaguez.* E essa embriaguez seria o *julgamento de Deus.* Cf. Isa. 49.26; 63.6; Jer. 25.15-25 e 51.7,39. O vinho representava a *ira de Deus.* Além dos versículos que já foram dados, ver Sal. 75.8; Isa. 19.14-15 e Apo. 16.19.

Aos reis. O plural "reis" provavelmente indica os *quatro* reis que reinariam nos tempos da pior crise, durante o cativeiro babilônio, a saber, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias. Todos eles estiveram envolvidos nos sofrimentos do povo de Judá, incluindo a matança efetuada pelo exército da Babilônia e o subseqüente cativeiro do remanescente de Judá.

Fá-los-ei em pedaços, atirando uns contra os outros, assim os pais como os filhos. *Aqueles réprobos,* todos repletos de vinho, todos bêbados em sua idolatria, sofreriam a ira de Deus, simbolizada pela bebedeira. Os jarros seriam atirados uns contra os outros e assim se quebrariam e seriam reduzidos a nada. Assim como o enchimento dos jarros foi universal (todos eles foram cheios), também seria universal o despedaçamento dos jarros. Nenhum pai e nenhum filho seria poupado. Yahweh não teria contemplação alguma, naquela hora crítica. Deus não poupou a ninguém. Todos seriam destruídos. Cf. Jer. 25.15-16 e Eze. 23.31.

Com vara de ferro as regerás, e as despedaçarás como um vaso de oleiro.

(Salmo 2.9)

Cf. também com Apo. 2.27.

Judá, que confiara em Yahweh no passado, seria destruído por Ele porque essa confiança caíra em desuso. Antes poderosos e ricos, aqueles réprobos tornar-se-iam ridículos aos olhos das nações (ver Jer. 13.26). Isso concorda com uma antiga declaração latina:

Quos Deus vult perdere, prius dementat.

(Aqueles que Deus resolve destruir, primeiramente Ele os torna tolos.)

Advertência contra o Orgulho (13.15-17)

13.15

Ouvi, e atentai: não vos ensoberbeçais; porque o Senhor falou. Encontramos aqui um poema geral de data incerta, mas o vs. 17 quase certamente fala do cativeiro babilônico. Continuamos dentro do contexto da ameaça babilônica. O profeta exortou fortemente os judeus a anular sua arrogância, que não lhes permitia ouvir a mensagem divina e os levaria inevitavelmente à destruição.

A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.

(Provérbios 16.18)

Com relação ao contraste da humildade com o orgulho, ver as notas expositivas em Pro. 11.2 e 13.10. Ver também *olhos altivos,* em Pro. 14.3. Cf. Pro. 14.3; 15.25; 16.5,18; 18.12; 21.4 e 30.12,32.

Estes versículos avisam sobre a ameaça do pecado e seus inevitáveis resultados. As trevas do julgamento sobreviriam a um povo arrogante. Essa palavra era certa, por ser a palavra de Yahweh. O povo de Judá deveria ouvir e obedecer à Sua palavra, deixando de lado o seu orgulho, que lhes estava promovendo a autodestruição. Cf. o convite para ouvir, no vs. 17 e em Sal. 10.4. Ver também Sal. 64.1, onde há uma nota de sumário sobre a *audição* espiritual. "É inútil opor-se a Ele, porque o Seu conselho permanecerá de pé. Ele fará tudo quanto Lhe aprouver. Nenhuma pessoa jamais se endureceu contra a Sua Palavra e mesmo assim prosperou" (John Gill, *in loc.*).

13.16

Dai glória ao Senhor vosso Deus, antes que ele faça vir as trevas. Judá ainda tinha tempo para dar a glória apropriada a Yahweh-Elohim e interromper sua autoglorificação, cuja arrogância O levou a agir. Se a glória apropriada não fosse traduzida, então as *trevas* (julgamento) em breve seriam infligidas sobre o povo. Trevas e nuvens escuras com freqüência pintam uma condenação iminente. Ver Eze. 30.3,18; 32.7-8; 34.12; Joel 2.2; Amós 5.18-20; Sof. 1.15.

Tropecem vossos pés nos montes tenebrosos. A figura é a de viajantes que atravessavam regiões montanhosas perigosas, e por causa disso caem no escuro inconsciente de um abismo fatal. Cf. Isa. 59.9-10. O viajante, que deveria ter parado antes do sol pôr-se atrás do horizonte, tentaria avançar mais um pouco. A *queda da noite* intervém em sua loucura. Ele cai no abismo e esse é o fim da história. Assim sendo, os *julgamentos* de Deus estavam prestes a intervir em Judá. e a noite escura da alma seria contra aquele povo.

Por isso está longe de nós o juízo, e a justiça não nos alcança; esperamos pela luz, e eis que há só trevas; pelo resplendor, mas andamos na escuridão.

(Isaías 59.9)

13.17

Mas, se isto não ouvirdes, a minha alma chorará em segredo, por causa da vossa soberba. Jeremias antecipou que o povo de Israel continuaria rejeitando seus apelos em favor do arrependimento, pelo que caiu no choro. O caso era insolúvel. O chamado para ouvir e obedecer (vs. 15) caía sempre em ouvidos surdos e corações endurecidos. O orgulho e a arrogância ganhariam o dia. Não haveria nenhuma mudança. O povo de Judá estava prestes a cair no abismo fatal, nos montes (vs. 16). Por isso o profeta caiu em *amargo choro,* e as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. O rebanho do Pastor divino em breve seria levado para o cativeiro, onde sofreria abusos em uma terra estrangeira. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Cativeiro Babilônico.* Cf. a experiência de Paulo:

Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes eu vos dizia e agora vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo.

(Filipenses 3.18)

"As palavras de Jeremias merecem ser notadas dentro de sua estranha ternura, como uma das características do temperamento do profeta. Cf. Lam. 1.16. A passagem nos faz lembrar Luc. 19.41. Coisa alguma restava para quem achava seus labores infrutíferos senão, exclusivamente, tristeza e intercessão" (Ellicott, *in loc.*). Ver também Jer. 14.17.

Lamento sobre o Rei e a Rainha-mãe (13.18-19)

13.18

Dize ao rei e à rainha-mãe: Humilhai-vos, assentai-vos no chão. O *rei* aqui referido provavelmente é Joaquim, e a *rainha-mãe* é Neusta. Ele era filho de Jeoaquim, que foi morto durante o primeiro cerco de Jerusalém por parte do exército babilônico. Houve vários assédios da cidade, como se fossem as ondas de um mar agitado. Quando o rei foi morto, seu filho, Joaquim, tomou seu lugar. Ele tinha apenas 18 anos de idade, e sua mãe provavelmente era o real poder por trás do trono. Joaquim permaneceu no trono apenas por três meses. Jerusalém se renderia em 597 A. C. O rei foi levado para o exílio, juntamente com alguns poucos sobreviventes. Quanto ao registro histórico, ver II Reis 24.6-17 e cf. Jer. 22.24-30 e 29.2.

O rei e a rainha-mãe, embora tão recentemente tenham perdido o pai e o marido para os brutais invasores da Babilônia, retiveram sua tola arrogância. "Jeremias exortou que eles se humilhassem em vista do vindouro exílio. Uma vez que os judeus entraram no cativeiro em 597 A. C., após um reinado de apenas três meses (II Reis 24.8), esta profecia deve ter sido registrada durante aquele período de três meses" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O profeta Jeremias viu a coroa cair da cabeça do rei. O original hebraico do trecho é um tanto obscuro, e é melhor ficarmos com a versão siríaca, à qual a Septuaginta e a Vulgata Latina são similares.

13.19

As cidades do sul estão fechadas, e ninguém há que as abra. Devemos entender por este versículo que a primeira invasão babilônica, de 599-598 A. C., produziu a captura das cidades do Neguebe, ou seja, da parte sul de Judá. Essas cidades e aldeias tiveram de se defender, fechando seus portões na fútil tentativa de impedir a entrada do adversário. Nenhuma ajuda chegou da parte de Jerusalém. Esse lugar já tinha suas próprias dificuldades. Mas alguns estudiosos pensam que o fechamento dos portões das cidades do Neguebe foi ato dos babilônios. Eles teriam *bloqueado* aquelas cidades para impedir que enviassem ajuda a Jerusalém, que era o alvo principal de seu ataque. Ver II Reis 18.13.

Tendo realizado seus propósitos no sul de Jerusalém, os invasores moveram-se contra Jerusalém com idêntico êxito. Houve tremenda matança, e os poucos sobreviventes foram enviados ao exílio na Babilônia. Mas até mesmo na Babilônia a espada os seguiu. E assim continuou a matança. Ver Jer. 9.16. Yahweh foi o *causador* desse acontecimento, porquanto um julgamento devastador precisava ser efetuado. Aquele era o dia da ira de Deus. Judá, em sua idolatria-adultério-apostasia, estava fora do alcance da redenção. Uma minúscula quantidade de prata seria refinada dentre a escória geral, para que houvesse um Novo Dia para uma Novo Israel, começando tudo de novo.

É provável que devamos compreender que as cidades do norte de Judá já tinham sido conquistadas. A invasão, pois, dirigiu-se ao sul, e, mais tarde, à própria capital, Jerusalém. Jeremias fala aqui sobre o *sul,* como se essa região de Judá tivesse sido invadida primeiramente pelos babilônios, porque foi a área que caiu pouco antes de Jerusalém, o principal alvo das descrições do profeta.

Os habitantes de Judá sofreram várias ondas de deportações. Uma delas veio nos dias de Jeoaquim, e outra nos dias de Zedequias. Para detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.*

A Vergonha de Jerusalém (13.20-27)

13.20

Levantai os olhos, e vede os que vêm do norte. Jerusalém foi personificada como uma pastora que havia abandonado seu rebanho, um ato de covardia e desvario. Ela seria desonrada por aqueles a quem conhecera previamente como amigos. Desde o tempo do reinado de Ezequias, Judá tinha tentado manter relacionamentos amigáveis com os babilônios (II Reis 20.12-19), o terror do norte, que finalmente poria fim a toda aquela farsa. Joaquim pagou tributo a Nabucodonosor (II Reis 20.1). "Usando uma símile bíblica comum para o julgamento, a exposição de uma mulher (ver Isa. 47.2), Jeremias descreveu a violência sexual contra Jerusalém, que já se aproximava (ver os vss. 22-26)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Jerusalém, a capital da nação de Judá, era a protetora natural do resto do país. No entanto, como pastora, falhou em guardar a sua confiança. O rebanho do país, incluindo os habitantes da própria de Jerusalém, estava destinado a ser violentado pelos babilônios, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia.

A indefesa mulher, Jerusalém, foi convidada a erguer os olhos e ver o estuprador aproximando-se da direção *norte*. Quanto ao inimigo do norte, ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21. O rebanho que lhe havia sido entregue, tanto do norte como do sul (vs. 19), já estava perdido. E o rebanho de Jerusalém agora seria perdido diante dos estupradores. Quanto à remoção do rebanho, ver Jer. 10.21 e 13.17,19. O estuprador tornar-se-ia um capataz cruel para os poucos sobreviventes da matança. Ver Isa. 39.1-7; Eze. 23.14-27.

13.21

Que dirás quando ele puser por cabeça contra ti os a quem ensinaste a ser amigos? Os que se tinham mostrado amigáveis, a saber, a Babilônia (ver II Reis 20.12-19), de súbito transformar-se-iam no estuprador, cruel e bárbaro, sem demonstrar piedade para com a indefesa pastora. A experiência seria como a agonia de uma mulher em trabalho de parto, figura simbólica para indicar uma dor profunda. Quanto a esse simbolismo, ver Jer. 4.31 e 6.24, onde dou notas expositivas e referências. A figura retrata alguma súbita e dolorosa calamidade da qual não há como escapar, até que a questão esteja consumada.

Amigos? Talvez esta seja uma alusão à figura de Jerusalém como a esposa infiel de Yahweh (Jer. 3.1-2,13-14), cujos *amantes* (amigos) finalmente se revelaram estupradores.

13.22

Quando disseres contigo mesmo: Por que me sobrevieram estas cousas? Quando a pastora desviada perguntar, ao ser estuprada: "Como uma coisa dessas poderia ter acontecido comigo?", a resposta de Yahweh será: "Teus pecados fizeram isso contra ti". Por causa desses pecados, a *saia dela foi rasgada* (NCV) e seus *calcanhares* sofreram violência. Isso é uma alusão ao levantar do vestido, a começar pelos calcanhares, a fim de serem descobertas suas partes secretas. Portanto, *calcanhares,* aqui, como *pés,* em Deu. 28.57 e Eze. 16.25, são um eufemismo para o descobrimento do corpo de uma mulher. A Bíblia é muito ousada e vívida em suas descrições. Os hebreus não eram um povo excessivamente pudico.

Judá tinha brincado à vontade com o paganismo, no qual havia muito adultério literal no culto que honrava os deuses da fertilidade. Ver as notas sobre Jer. 3.13. Aquela que tinha brincado com os agentes do diabo acabou sendo violentada por eles. E assim se cumpriu a *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

> *Que dirás quando sentires o ferrão daqueles a quem treinaste como aliados? É por causa de teus pecados infindos que foste descoberta e desnudada.*
>
> (Moffatt)

13.23

Pode acaso o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo as suas manchas? Este é um dos versículos mais citados do livro de Jeremias. É aplicável aos pecadores em geral. A idéia é que os pecadores não podem mudar a si mesmos, precisando do poder divino para se reformarem. Também é usado como texto de prova doutrinal da completa depravação do ser humano. Em seu contexto original, fala sobre Judá, que fora confirmada em sua idolatria-adultério-apostasia e tinha sofrido a pena da *cegueira judicial*. Depois disso, nenhum convite ao arrependimento haveria de mudá-la. De fato, Judá estava tão fixada em seus pecados como um etíope está fixado na cor de sua pele.

Este versículo, contudo, não nega a existência do livre-arbítrio (necessário para que haja a responsabilidade moral), mas aponta para o fato de que o livre-arbítrio, sujeitado a abusos e mais abusos, acaba sendo *anulado* pela vontade perversa do indivíduo. Consideremos as *idéias* a seguir:

1. Aqueles que interminavelmente se recusam a mudar, acabam perdendo a capacidade de mudar. No caso de Judá, um julgamento preliminar de Deus (na cegueira judicial) tornou o povo incapaz de arrepender-se.
2. Um leopardo, por força de seus genes, tem manchas no couro. Assim também Judá, pela força de seus pecados incansáveis, foi manchada de forma permanente pelo pecado e agora não tinha forças para libertar-se.
3. Podemos ter certeza disto: o livre-arbítrio, erroneamente empregado, tinha deixado Judá em sua condição irremediável. Deus não foi a causa disso. A Jeremias fora ordenado que parasse em sua *intercessão* pelo povo de Judá. Ver Jer. 7.16 ss. Eles estavam fora da ajuda da oração, o que é uma questão seríssima.
4. Coisa alguma seria capaz de transformar Judá agora, exceto as chamas refinadoras do julgamento, que tomariam a forma do cativeiro babilônico, seguindo-se à violência sexual da indefesa pastora. "Talvez o uso de peles de leopardos por príncipes e guerreiros etíopes, conforme aparecem nos monumentos egípcios e conforme a descrição de Heródoto (*História* 7:69), tenha sugerido ao profeta essa figura" (Ellicott, *in loc.*).

13.24

Pelo que os espalhou como o restolho. *Nova Figura.* Jeremias deixa para trás a figura da pastora descuidada. Para descrever vividamente o cativeiro babilônico, ele usou a representação dos ventos que sopravam no mar Mediterrâneo e atravessavam a terra, espalhando restolho em todas as direções. A separação da palha do grão era efetuada na Palestina mediante o uso desses ventos. Muita palha restava na eira, depois que os bois tinham caminhado por cima do grão, mas os ventos vindos do Ocidente sopravam essa palha. Judá havia sido reduzido à mera palha, leve e sem valor, facilmente soprada pelos exércitos da Babilônia. Mas alguns estudiosos vêem aqui o quente vento oriental, que soprava do deserto da Arábia, como a figura empregada. Era um vento quente e que soprava com força excessiva, diante do qual a palha não podia resistir. Cf. Si. 1.4. Ver também Osé. 13.3.

13.25

Esta será a tua sorte, a porção que te será medida por mim. Yahweh, que decreta o que deve acontecer entre os homens (ver Isa. 13.6), não tinha alternativa senão cortar Judá, com Seu decreto de condenação. Visto que aqueles réprobos rejeitaram a Yahweh, que era a porção deles, e, dessa maneira, abandonaram a aliança com Ele, receberiam a calamitosa porção do julgamento que teriam de suportar, através do exército babilônico. Cf. Jó 20.29 e Sal. 11.6. O Targum diz aqui: "A porção da tua herança", aludindo à herança que Israel tinha na Terra Prometida e em Yahweh, mas que agora tinha pervertido, o que lhe redundaria em desastre. Quanto a Yahweh como a porção do homem bom, ver Sal. 16.5. Em vez de Yahweh, eles tinham preferido *mentiras*, uma clara referência aos deuses que nada valem. Profetas mentirosos tinham promovido grandes inverdades, e agora Judá, que havia aceitado aquelas perversões, teria de pagar por seu erro.

13.26

Assim também levantarei as tuas fraldas sobre o teu rosto. Este versículo pode levar-nos de volta à violência sexual sofrida pela pastora indefesa de Jer. 13.20. Ou podemos ter aqui uma simples alusão ao costume de punir mulheres lascivas desnudando-as em público. O destino de Judá seria o desmascaramento internacional por sua idolatria-adultério-apostasia. "O castigo devia ser condizente com o crime. Da mesma maneira que o pecado deles tinha sido perpetrado nos lugares mais públicos, assim Deus os desmascararia e os exporia ao desprezo de outras nações da maneira mais aberta (Lam. 1.8)" (Fausset, *in loc.*). Também sabemos que mulheres cativas eram expostas nuas em público, e isso também pode ter sido aludido aqui, pois Judá em breve estaria nessa posição. Mas a idéia principal é a de que a *prostituta Judá* logo seria desmascarada, ficando demonstrado o que ela realmente era.

13.27

Tenho visto as tuas abominações sobre os outeiros e no campo. Yahweh estivera observando tudo. Nos bosques e nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), Judá estivera oferecendo sacrifícios e oblações aos deuses cananeus da fertilidade, onde sempre havia um casal praticando sexo ilícito sob alguma árvore. Ver Jer. 3.1. Ele também ouvira os "rinchos" dela, ou seja, seus gemidos de prazer, estando ela ocupada no ato sexual, aqui referido como o relincho dos garanhões. Cf. Jer. 5.8 e 50.11. As palavras foram cuidadosamente escolhidas. Judá se reduzira à condição dos animais irracionais, em sua insensata precipitação para o paganismo.

Os teus adultérios. "Estas palavras se referem primariamente ao adultério espiritual das idolatrias de Judá. Os *relinchos* (ver Jer. 2.24 e 5.8) expressam o afã da paixão animal, transferida para esta passagem que fala sobre um pecado espiritual. As *abominações nos lugares altos* referem-se aos ritos orgiásticos da adoração nos lugares altos, que também são descritos como algo que ocorria nos campos, para enfatizar a maneira pública como tais coisas eram praticadas" (Ellicott, *in loc.*). Jerusalém se tornou cidade imunda através de tais atos, e Yahweh se desesperançou com o fato de não ver o país tornar-se limpo novamente. Seriam necessários os tremendos sofrimentos do cativeiro babilônico para limpar novamente aquela massa pecaminosa. Cf. Jer. 32.17 e Luc. 18.27.

Uma vez mais aprendemos a lição de que os pecados profundos tornam o pecador cativo, e que o remédio é então impossível, a menos que haja uma intervenção divina que ultrapasse a capacidade dos homens. Aquilo que os homens se recusam a fazer, moral e espiritualmente, torna-se uma impossibilidade

para eles. A vontade moral pervertida tem o poder de anular a liberdade da vontade. Os homens transformam-se, então, em *escravos* de suas próprias excentricidades.

Capítulo Quatorze

Este capítulo tem *seis* partes distintas que repetem temas comuns do livro de Jeremias. Alguns eruditos não vêem ligação alguma entre as seções, mas parece haver uma espécie de costura lógica que unifica as partes, cada uma delas repetindo algo que já tínhamos visto antes. Temos, pois, a seca, sempre considerada um julgamento divino contra o pecado (vss. 1-6); a confissão de pecados sob a forma de lamentação, na esperança de evitar a calamidade (vss. 7-9); a resposta de Yahweh à confissão de pecados (vss. 10-12); o julgamento dos falsos profetas (vss. 13-16); outro lamento de Jeremias pelas tristezas autoprovocadas pelo povo (vss. 17-18); outro lamento da parte do povo (vss. 19-22); outra resposta de Yahweh à lamentação e à confissão (15.1-4), que liga o capítulo 15 ao capítulo 14. Essa *sétima parte* completa a seção, que vai de Jer. 14.1 a Jer. 15.4. Em seguida, há duas lamentações de Jeremias que formam uma nova seção (15.5-21). Como é fácil de perceber, não temos aqui, estritamente falando, nenhum material novo, mas tão-somente temas que foram novamente trabalhados. O tópico que vincula todas essas porções é a vinda da calamidade, de vários tipos, por causa dos pecados do povo de Judá.

Descrição da Seca (14.1-6)

Quando as chuvas paravam na Palestina, traziam desastres quase imediatos. O regime de chuvas naquela parte do mundo, quando muito, não era muito abundante, e a vida humana dependia totalmente dele. A seca sempre foi atribuída ao pecado. "Temos aqui uma descrição artística e vívida dos sofrimentos provocados pela seca: primeiramente nas cidades (vs. 2-3); então, no interior, entre os agricultores (vs. 4); e, finalmente, até mesmo entre os animais (vss. 5-6) Nos vss. 7-9, o povo de Judá clama por ajuda, confessando seus pecados, que eram a causa de toda aquela calamidade.

14.1

Palavra do Senhor, que veio a Jeremias, a respeito da grande seca. "A desgraça causada pela seca (ver Jer. 14.1-6). Uma das maldições do pacto proferidas por Deus, a de que mandaria contra a desobediente nação de Judá a seca (cf. Lev. 26.18-19; Deu. 28.22-24). Jeremias já havia mencionado o uso que Deus fizera da seca (ver Jer. 3.3; 12.4), embora seja incerto se ele se referia a uma grande seca ou a uma série de secas ocorrida nos anos finais de Judá antes do exílio babilônico. A severidade da seca produziu um grito de aflição em Jerusalém. As chuvas haviam cessado e a água guardada estava se acabando" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Os verões eram sempre secos na Terra Prometida. Dificilmente caía alguma chuva entre o mês de abril e meados de outubro. Os rios baixavam de nível ou secavam-se completamente. A água das chuvas de inverno era conservada em tanques e reservatórios, e, no verão, quando não chovia, a seca era inevitável. Ver o relato dado em I Reis 18.5. Pensava-se que Yahweh era quem controlava as chuvas e, se as chuvas se faziam ausentes, então, a causa era atribuída ao pecado e à falha do povo judeu em cumprir seus deveres morais e espirituais.

14.2

Anda chorando Judá, as suas portas estão abandonadas. "Por meio de exemplos extraídos da cidade e do campo, das florestas e do deserto, Jeremias descreveu as desgraças do povo, nos vss. 2-6" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

As portas de Judá foram personificadas, porquanto era ali que o povo de Judá costumava reunir-se para conversar sobre os problemas urgentes, comerciar e julgar casos legais. A angústia era encontrada nas portas. O povo estava de *luto,* ou seja, em profunda lamentação, e um choro desesperado se misturava às suas orações. A idéia do versículo pode ser que, de tão desesperadora a situação, o povo não mais se reunia nas portas. Cf. Isa. 3.26 e 24.4.

De luto. Literalmente, o hebraico original diz "de negro", talvez porque usassem vestes negras de lamentação, ou então a palavra é figurada. O Targum: "Seus rostos estavam cobertos de negridão; estavam tão escuros como um pote", talvez por causa das cinzas com que eles se cobriam, um gesto comum de lamentação e arrependimento. Seus clamores *subiam,* provavelmente indicando "a Yahweh", sob a forma de orações. "Um clamor subiu a Deus de Jerusalém" (NCV).

14.3

Os seus poderosos enviam os criados a buscar água. Os nobres (príncipes, governantes e ricos proprietários de terras) enviavam seus servos (muitos deles escravos) às cisternas para buscar água, mas não havia água. Ricos e pobres, fortes e fracos, eram nivelados em uma massa desesperada. Os verdadeiros nobres do dia eram a morte e a fome. Os escravos, pois, voltavam com cântaros vazios, envergonhados de seu fracasso; sentiam-se confundidos e cobriam a cabeça. Ver II Sam. 15.30, onde vemos Davi a lamentar-se, chorar e cobrir a cabeça com algum tipo de tecido ou pele de animal, em sinal de tristeza. *Cobrir a cabeça* era um gesto natural, como se dissesse: "Sobreveio a calamidade. Tentamos proteger-nos com uma cobertura. O desastre desceu dos céus. E foi Yahweh quem o mandou".

14.4

Por não ter havido chuva sobre a terra esta se acha deprimida. A terra foi personificada e declarada desmaiada juntamente com o povo de Judá. Os agricultores estavam desesperados e envergonhados, pois acreditavam que o julgamento divino os havia atingido. Não podiam mais cumprir sua função doadora de vida. Eles também cobriam a cabeça em consternação e humilhação. "As rachaduras que aparecem na terra, antes da chegada das chuvas, em alguns lugares tinham meio metro de largura e eram profundas o suficiente para receber a maior parte de um corpo humano" (Adam Clarke, *in loc.*). Diz aqui o Targum: "Por causa dos pecados, os habitantes da terra estavam quebrados", tornando as pessoas parecidas com a terra gretada.

14.5

Até as cervas no campo têm as suas crias e as abandonam. Exemplos de *sofrimentos de animais* são citados aqui. A cerva, proverbialmente afetuosa e protetora dos filhotes, dá à luz, mas simplesmente abandona os filhotes, por nada haver que a alimente nos campos. A maior parte dos animais morre. "Cada região tinha seu caso representativo de miséria. A cerva dos campos, notória por sua ternura para com os seus filhotes, abandona-os e vai-se embora, em busca de pasto para si mesma, mas não encontra nenhum" (Ellicott, *in loc.*). As secas severas pervertem os caminhos da natureza.

14.6

Os jumentos selvagens se põem nos desnudos altos, e ofegantes sorvem o ar como chacais. O *jumento selvagem* é escolhido como exemplo de animal que sofria com a seca, por ser o mais resistente dos animais selvagens e também o último a sofrer em função de qualquer limitação natural. Mas nem mesmo esses animais são isentados da miséria geral provocada pela seca. Eles estavam acostumados a vaguear pelas colinas ásperas e mostravam-se fortes, caminhando e fazendo seus ruídos característicos. Agora, entretanto, eles sorviam o ar, tendo perdido as forças físicas. Já se achavam em adiantado estado de desidratação e fome, e assim seus olhos quase já não viam as coisas, porquanto não encontravam erva para comer. Os jumentos são notórios por sua visão aguçada, mas agora seus olhos falhavam e não podiam encontrar nenhuma verdura para comer, mesmo que tal verdura existisse. Eles farejam o ar como se fossem cães selvagens (ou chacais), na esperança de encontrar algum sinal de alimento ou água, mas o vento era vazio de odores e não trazia nenhuma mensagem de alimento para eles. Os versículos que se seguem registram o clamor das pessoas, pedindo a ajuda de Yahweh.

Confissão de Pecado (14.7-9)

Os homens sempre oraram pedindo chuvas em tempos de seca, e eles sempre pensaram que essa *anormalidade* seria causada pela conduta anormal e pecaminosa dos seres humanos. Portanto, vemos aqui que o povo confessou seus pecados e clamou a Yahweh, em orações urgentes, esperando chuvas que caíssem do céu. É provável que essas orações fossem tanto públicas (em reuniões efetuadas no templo, acompanhadas de sacrifícios e votos apropriados) quanto particulares, cada homem elevando o seu coração em petições individuais e confissões de pecados. Cf. Jer. 3.22-25 e Osé. 14.2-3.

14.7

Posto que as nossas maldades testificam contra nós, ó Senhor, age por amor do teu nome. Yahweh, o Deus Eterno de Israel, era considerado o Controlador dos homens e da natureza. Ver Isa. 13.6. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania* e *Providência de Deus.* Por conseguinte, os judeus primeiramente invocaram o Senhor, em confissão de pecados (tidos como a *causa* da calamidade). O povo de Judá, pois, apelava para o "auto-interesse" de Yahweh, pois afinal de contas o povo pertencia a Ele. Yahweh tinha um pacto com Seu povo, o pacto firmado com Abraão, pai da nação (ver Gên. 15.18). Cf. Sal. 23.; 25.11; 31.3; 79.9; 106.8 e Eze. 20.9,14,22,44.

> *O Senhor vos tomou e vos tirou da fornalha do Egito,*
> *para que lhe sejais povo de herança.*
>
> (Deuteronômio 4.20)

As nossas rebeldias. Ocorridas nos dias de Jeremias, referindo-se à idolatria-adultério-apostasia de Judá. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Rebelião,* para detalhes sobre a questão. O povo de Judá vivia em meio ao pecado. Eles tinham muito para confessar. A seca (vss. 1-6) os deixara de joelhos, e foi então que eles resolveram orar, solicitando a intervenção divina, pois não tinham controle sobre as condições atmosféricas. A seca poderia reduzir a nada um povo inteiro. "Jeremias fez uma petição em nome da nação (Sal. 109.21)" (Fausset, *in loc.*), mas os próprios judeus estavam confessando e orando muito, à parte do que o profeta fizesse. Note o leitor como, no vs. 22, os "ídolos" entram no quadro. Os deuses pagãos não podiam enviar chuva, e isso nos mostra o *pecado* principal em foco. Cf. os vss. 20-21, similares à passagem presente.

14.8

Ó Esperança de Israel, e Redentor seu no tempo da angústia. Yahweh era a *esperança* de Israel em qualquer situação de angústia que requeresse intervenção especial. Não obstante, por causa dos pecados do povo, Yahweh tornou-se um *estranho* para eles, ou como um viajante que estivesse passando para permanecer na terra apenas por uma ou duas noites no território. Isso fala da aparente *indiferença* de Yahweh ao Seu povo. Quanto a isso, cf. Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 143.7. "Um viajante pouco se importa com o país por onde está passando. Ele se demorará ali apenas por uma noite. Mas Yahweh prometeu *habitar para sempre* no meio de Seu povo (ver II Crô. 33.7-8; Sal. 132.14)" (Fausset, *in loc.*).

Era uma doutrina padronizada que Israel poderia esperar em Yahweh o tempo todo, mas quando a idolatria entrou em cena, o povo de Judá fez Deus afastar-se deles.

> *Espere Israel no Senhor, pois no Senhor há misericórdia, nele, copiosa redenção.*
>
> (Salmo 130.7)

14.9

Por que serias como homem surpreendido, como valente que não pode salvar? "A falha de Deus em agir sugeriu ao profeta um homem *apanhado de surpresa,* alguém que tivesse caído em uma emboscada antes que pudesse oferecer resistência, ou um *guerreiro* que se mostrasse impotente, ao enfrentar outro, de força superior. Visto que, aparentemente, Deus não agia, o povo pleiteou com Ele para que não se esquecesse deles" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Yahweh era como um homem poderoso que, em tempos passados, fora capaz de ajudar (ver Isa. 69.1). Mas Deus não era como um homem *estonteado* por uma súbita calamidade e paralisado até a inércia. Contudo, os judeus tinham fé para acreditar que Deus ainda estava entre eles, e esperavam alguma reação positiva da parte Dele. Cf. Êxo. 29.45-6; Lev. 26.11-12. Assim sendo, invocaram Seu nome (ver Dan. 9.18-19), visto que eram Seu povo peculiar (ver Deu. 9.29). Quanto a *nome,* ver o *Dicionário* e ver também Sal. 31.3. Ver *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21. O nome representava a essência e os atributos da pessoa. No caso dos nomes divinos, acreditava-se que bastaria pronunciá-los para que fossem gerados poderes miraculosos. Portanto, a fé deles era que Yahweh era mais do que um mero viajante passageiro. Ele se interessava por eles e agia como um homem poderoso. Logo, Deus retornaria à ação, deixando de lado Sua indiferença, perdoando os pecados e *enviando chuvas.* Outro apelo foi feito ao auto-interesse de Yahweh, pois o povo de Judá era *chamado pelo Seu nome* e era Seu povo, Sua herança. Ver sobre o vs. 7. Mas era a guarda da lei mosaica que tornava Israel distinto entre os povos (Deu. 4.4-8); e os judeus, que se tinham desviado para a idolatria (vs. 22), perderam esse caráter distinto, o que significava que estavam sob a ira de Yahweh.

A Resposta de Yahweh (14.10-12)

14.10

Assim diz o Senhor sobre este povo: Gostam de andar errantes. Esta drástica resposta divina foi dada ao *povo* (vs. 10) e a *Jeremias* (vss. 11-12). Yahweh revisou os pecados deles e duvidou da sinceridade de seu arrependimento, que era apenas um *movimento desesperado* de réprobos. A Jeremias foi dito que não intercedesse pelos judeus, porquanto o julgamento divino tinha de seguir seu curso purificador, não sendo interrompido antes que a obra apropriada fosse realizada. Cf. os paralelos próximos em Jer. 7.16 e 11.14.

A resposta divina foi realmente dura. Yahweh falou com um povo que gostava de vaguear ao redor e se apegara totalmente à súbita chamada por ajuda. Por que, agora, não clamavam a seus deuses de nada, a quem serviam e honravam, em vez de clamar a Yahweh-Elohim? Ver o vs. 22. A confissão deles era superficial e seu arrependimento era forçado pelas circunstâncias, e não por uma condição renovada do coração. Talvez este versículo queira dizer que eles já viviam sob cegueira judicial, um julgamento preliminar, não sendo mais capazes de nenhum arrependimento genuíno. Seja como for, a situação era dramática e desesperadora, e assim permaneceria. A indiferença divina (vs. 8) haveria de continuar. Em vez de prestar ajuda, Yahweh continuava a *relembrar as maldades deles* (cf. Osé. 8.13 e 9.9).

14.11

Disse-me ainda o Senhor: Não rogues por este povo para o bem dele. Ao profeta Jeremias foi ordenado *não interceder* em favor do povo judeu, o que é paralelo a Jer. 7.16, onde apresento as notas apropriadas. Ver também Jer. 11.14. As três passagens contêm uma terminologia, assim como idéias deuteronômicas. Ver Jer. 15.1. Moisés e Samuel obtiveram sucesso como intercessores, mas houve ocasiões em que a intercessão foi proibida, porque certamente falharia. Os judeus tinham ido longe demais em seus pecados, e era impossível recuperá-los. Cf. Êxo. 32.11-14,31-34 e Núm. 14.13-15, quanto a Moisés; e ver I Sam. 7.5-11; 12.19; Sal. 99.6 ss., quanto a Samuel. "A parte mais triste e dura do trabalho do profeta era sentir que até mesmo a oração — a oração pedindo que o castigo fosse suspenso — era sem efeito e não aceita" (Ellicott, *in loc.*).

14.12

Quando jejuarem, não ouvirei o seu clamor. Nem mesmo o *jejum* (que o povo faz em desespero para distorcer o braço de Deus) adiantaria. "Holocaustos e oblações não produziriam qualquer efeito algum. Pelo contrário, Yahweh lançaria contra eles múltiplo julgamento: a *seca* e a *fome* daí resultante; a *pestilência* e a *espada* (a invasão das hordas babilônicas). Os três golpes pesados, como o malho divino (a espada, a fome e as pragas), eram os julgamentos divinos. Cf. Lev. 26.23-26; Jer. 21.6-7,9; 24.10; 27.8,13; 29.17-18; 32.24,36; 34.17; Eze. 5.12; 6.11; 7.15; 12.16 e Apo. 6.8. Ver também Jer. 42.17,22 e 44.13" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Julgamento dos Falsos Profetas (14.13-16)

14.13

Então disse eu: Ah! Senhor Deus, eis que os profetas lhes dizem: Não vereis espada. Os falsos profetas mostravam-se ativos na promoção dos cultos dos deuses de nada e também prediziam um futuro róseo para Judá. Eles negavam enfaticamente os múltiplos julgamentos que Jeremias havia predito. A evidência é que Jeremias entrara em conflito com aqueles falsos profetas em diversas ocasiões. Ver Jer. 6.13-14; 8.10-11 e 23.9-33. Ver então todo o capítulo 28 do livro de Jeremias. Os falsos profetas continuavam clamando "Paz, paz", embora não houvesse paz (ver Jer. 6.14). A mesma frase repete-se em Jer. 8.11. Cf. Jer. 5.12-13; 27.16 e 28.2-4 quanto às falsas promessas de paz duradoura.

"O povo de Judá se equivocava pateticamente; mas os profetas e sacerdotes, os líderes espirituais do povo, também se iludiam. E esses seriam considerados responsáveis por estarem traindo o povo" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

"Em Jer. 5.31 temos um vislumbre da má influência exercida pelo corpo maior da ordem profética... As escolas dos profetas tinham degenerado rapidamente de seu primeiro ideal, tornando-se corruptas e ambiciosas, e só buscavam a popularidade (Eze. 13; Miq. 3.8-11). Para eles havia sido reservada a justa *retribuição,* indicando que eles pereceriam nas próprias calamidades que, segundo asseveravam, nunca aconteceriam (vs. 15)" (Ellicott, *in loc.*).

14.14

Disse-me o Senhor: Os profetas profetizam mentiras em meu nome. Os profetas falsos de Judá criaram um sincretismo doentio, misturando o yahwismo com os cultos dos deuses pagãos (ver Jer. 13.13 como ilustração). Eles continuavam dando profecias em nome de Yahweh, que se tornara apenas um dos deuses de seu panteão. Quando eles profetizavam em Seu nome, primeiramente mentiam ao afirmar que Ele os havia inspirado. Em seguida, proferiam toda a espécie de mentiras, dizendo: "Yahweh disse isto e aquilo". A verdade, porém, era que Yahweh não lhes tinha inspirado. E, quando diziam ter visões, eram apenas imaginações de sua cabeça. Provavelmente, eles realmente recebessem visões, pois muitos místicos podem "operar" visões mediante alguma atividade psíquica, que se assemelha a sonhos de uma pessoa acordada. De fato, algumas pessoas podem invocar visões rapidamente, sendo enganadas por seus *truques psíquicos* que nada têm que ver com profecia ou discernimento espiritual genuíno.

Sabemos que a simples *privação* da percepção dos sentidos pode causar alucinações nas pessoas comuns, e essas alucinações são tidas como visões. Ou melhor, muitas visões são alucinações. Por outro lado, a primeira coisa que um verdadeiro místico faz é duvidar da validade de suas visões, submetendo-as a teste. Entre as "visões psíquicas", que não são necessariamente espirituais (embora algumas possam sê-la), temos as que são inspiradas por agências demoníacas, visões completamente falsas, misturadas ocasionalmente a coisas que refletem realidades presentes, ou que realmente refletem eventos futuros. Além disso, temos as manifestações psíquicas *totalmente naturais,* pois o ser humano é um

ser espiritual capaz de ter visões dependentes de seu próprio poder, sem apelar nem a Deus nem a demônios. Há muitos mistérios na mente humana. Por aquilo que sabemos sobre essas coisas, é claro que uma visão jamais será prova da verdade, nem como credo nem como manifestação espiritual. Ver no *Dicionário* os artigos *Adivinhação; Visão (Visões).* Além disso, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Parapsicologia.*

A Revised Standard Version diz aqui: "... o engano de suas próprias mentes". Provavelmente isso significa que os falsos profetas mesmos eram enganados por suas experiências psíquicas e místicas, considerando-as válidas e verdadeiras. Mas eles estavam apenas pondo para fora estofo extraído de sua própria psique, apresentando esse material sob a forma de visões. Além disso, em certos casos, havia a mistura da *adivinhação* e da *magia.* Cf. este versículo com Jer. 23.21. Assim como os *sonhos* são essencialmente "cumprimentos de desejo", as pessoas do tipo místico podem cumprir seus desejos através das *visões.* Aquilo que temem que venha a acontecer é apresentado a elas sob a forma de visões, mas estas manifestações não são melhores do que os sonhos acordados. Algumas das coisas que elas vêem nessas visões podem estar certas, mas a esmagadora maioria está errada, porquanto o Ser divino não está envolvido.

14.15

Assim diz o Senhor acerca dos profetas que, profetizando em meu nome, sem que eu os tenha mandado... Este versículo reitera a idéia contida no vs. 13: aqueles profetas prediziam a paz e negavam que qualquer grande calamidade estivesse a caminho. Mas este versículo acrescenta que as calamidades que eles garantiam não aconteceriam, ocorreriam a eles, e isso seria o fim da triste história. A situação seria uma grande *ironia,* fatal para os falsos profetas. A mesma mensagem é repetida no vs. 18, com alguma variação. A retribuição esperava por aqueles que traíssem o povo, embora na verdade o povo, de modo geral, estivesse tão corrompido que não precisava de grande ajuda para ser mau. Havia poucos inocentes em Judá. Eram pecadores voluntários, automotivados em sua idolatria-adultério-apostasia. Mas isso não diminuía a culpa dos profetas mentirosos. "Nabucodonosor, irado, invadiu e destruiu a terra, e os falsos profetas caíram em meio às calamidades. Ver II Reis 25.3 e Lam. 2.11-19" (Adam Clarke, *in loc.*).

14.16

O povo a quem eles profetizam será lançado nas ruas de Jerusalém. O *julgamento* a ser derramado sobre Jerusalém era a *própria corrupção* do povo de Judá explodindo no seu rosto. A sociedade judaica estava corrompida de alto a baixo, do mais alto ao mais humilde, de pais a filhos, conforme vemos em Jer. 7.18,20. Nem mesmo as crianças eram inocentes. Por conseguinte, o julgamento seria tão universal e severo que impossibilitaria aos poucos sobreviventes sepultar os corpos dos mortos, e aos babilônios não interessaria esse trabalho. Como resultado as aves do céu e os animais do campo correriam para comer o gigantesco banquete. Ver Jer. 7.33. Quanto a corpos insepultos, cf. Jer. 7.33 e 15.3. Naturalmente, estão em foco a invasão babilônica e o cativeiro de Judá.

Será lançado. Estas palavras falam sobre a *abundância* dos julgamentos divinos, como se fosse o ímpeto de um poderoso rio.

> *O que é para a morte, para a morte; o que é para a espada, para a espada; o que é para a fome, para a fome; e o que é para o cativeiro, para o cativeiro. Porque os punirei com quatro sortes de castigos... espada... cães... aves... feras do campo, para os devorarem e destruírem.*
>
> (Jeremias 15.2-3)

Jeremias Lamenta a Tribulação do Povo (14.17-18)

14.17

Portanto lhes dirás esta palavra: Os meus olhos derramem lágrimas de noite e de dia. Jerusalém prorrompeu em choro por causa da calamidade. Seus olhos verteram lágrimas copiosas de noite e de dia. Cf. Jer. 9.1,18; 13.17 e Lam. 4.48-51, onde encontramos declarações similares. O profeta pensava na cidade como uma *filha virgem* que tinha recebido um golpe mortífero. Cf. Jer. 6.14. Quanto à outra figura simbólica da invasão babilônica como a *pastora violentada,* ver Jer. 13.20 ss. Quanto ao *assassinato da prostituta,* ver Jer. 4.30-31. "Virgem, nunca antes sob jugo estrangeiro (Isa. 37.2)" (Fausset, *in loc.*). Mas a figura simbólica envolve mais que isso. Que poderia ser mais agonizante do que ter uma filha virgem assassinada insensatamente? Essa figura adiciona emoções à descrição.

14.18

Se eu saio ao campo, eis aí os mortos à espada; se entro na cidade, estão ali debilitados pela fome. Os campos ao redor de Jerusalém estavam juncados de cadáveres; e nas cidades havia mortes maciças devido à fome. A espada e a fome cooperavam para matar aos milhares. Contudo, os falsos sacerdotes e profetas (os poucos que restavam) continuavam a negociar como era usual, mesmo em tempos de grande aflição. Antes da invasão babilônica eles não tinham conhecimento, e mesmo depois de feridos não aprenderam a lição. A King James Version traduziu a última cláusula para fazê-la referir-se à deportação dos sacerdotes e profetas para uma terra "da qual eles não tinham conhecimento", mas a outra tradução parece ser a preferível.

As palavras "vagueiam pela terra" envolvem um verbo que usualmente significa "comerciar" ou "negociar". Ver Gên. 34.10,21; 42.34. Nossa versão portuguesa, com as palavras, "vagueiam pela terra", deixa implícita a idéia de deportação. Eles vagueavam por uma terra estrangeira da qual não tinham conhecimento.

O Povo Lamenta-se de Novo (14.19-22)

14.19

Acaso já de todo rejeitaste a Judá? ou aborrece a tua alma a Sião? Essa nova lamentação está carregada de maior angústia e emoção do que aquela dos vss. 7-9. O pecado é novamente confessado (vs. 20). Yahweh é relembrado de Suas antigas alianças e de Seu trono (o templo, ou Sião; vs. 21), como razões pelas quais deveria proteger a cidade de Jerusalém. Mas o único raciocínio correto que restava era punir Judá por causa de sua idolatria-adultério-apostasia, a fim de purificá-lo, em vez de deixá-lo em seus pecados sem a devida vingança. E, conforme mostra o vs. 22, o pano de fundo do oráculo é a seca. Cf. isso com Jer. 14.1 ss.

"O coração do patriótico profeta dominou-o e, embora tivesse recebido ordens divinas para não interceder pelo povo de Judá (vs. 11), ele explodiu... com uma oração de apaixonada intercessão" (Eilicott, *in loc.*). Jeremias, pois, fez três perguntas com amargor no coração, conforme se vê nos pontos seguintes:

1. Foi Judá completa e irreparavelmente rejeitada? (Não haveria espaço para mais uma oportunidade? Os crimes de Judá seriam tão grandes que não haveria lugar para o perdão divino?)
2. Que dizer sobre o famoso amor de Deus? Teria sido substituído pelo ódio? (O profeta, pelo menos momentaneamente, perdeu de vista o fato de que o julgamento de Deus é um dedo da amorosa mão de Deus, e, algumas vezes, esse juízo divino é a única maneira eficaz de produzir mudanças nos seres humanos).
3. O ferimento deveria ser tão severo que destruísse o povo completamente? A cura não seria melhor? (A verdade era que o castigo era comensurável com os crimes cometidos e com a recusa teimosa deles em arrepender-se, apesar das muitas oportunidades concedidas).

Jeremias e o povo de Judá esperavam pela paz, mas isso teria sido um cumprimento das promessas feitas pelos falsos profetas (ver Jer. 6.14). Teria sido uma paz falsa em meio à corrupção contínua. Em vez do bem, veio o *terror,* mas isso harmonizava com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver no *Dicionário*).

Alguns intérpretes fazem dos apelos do vs. 19 os mesmos feitos pelo povo de Judá, e não do profeta, que prorrompeu em intercessão.

14.20

Conhecemos, ó Senhor, a nossa maldade, e a iniqüidade de nossos pais. *Uma nova confissão de pecados* (cf. os vss. 7-9) seria inútil, ainda que sincera. Era tarde demais. O julgamento divino já tinha sido enviado. Estava agora a caminho. E Yahweh não o faria retroceder. Note o leitor as *três palavras* para "pecado" que enfatizam a total depravação do povo de Judá: *maldade; iniqüidade; pecado.* A comparação histórica também serve para enfatizar a declaração. Eles eram réprobos como seus pais, cujos pecados se tinham tornado *lendários.* Note igualmente o leitor como a confissão de pecados (vs. 20) está ligada a uma série de afirmações que virtualmente acusam Deus de vários erros (vs. 19). Uma confissão assim tão condicionada dificilmente teria sido totalmente sincera.

14.21

Não nos rejeites por amor do teu nome. "O glorioso *trono* de Sião ou, mais especificamente, o templo no qual, segundo se acreditava, Yahweh habitava entronizado sobre os querubins, no Santo dos Santos (cf. I Sam. 4.4; II Sam. 6.2; II Reis 19.15; Sal. 80.1; 99.1). Quanto a essa frase, cf. Jer. 3.17; 17.12; Eze. 43.7" (James Philip Hyatt, *in loc.*). O severo julgamento que caía sobre os judeus demonstrava que Yahweh estava "desprezando" o Seu povo. Ver sobre a *ira* de Deus, em Jer. 12.8. Todos esses termos são pesadamente antropomórficos e antropopatéticos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Antropomorfismo* e *Antropopatismo.* Os homens conferem a Deus seus próprios atributos e emoções. Eles pensavam que Deus estava *rejeitando,* já que eles tinham desonrado o Seu *trono.* O movimento mais esperto seria que Ele os ajudasse por autointeresse, isto é, *por causa de Seu nome,* expressão vista no vs. 7, onde a questão é

explicada. A idéia é repetida no vs. 9, e assim a encontramos por três vezes neste capítulo. Mas então, de maneira absurda, os réprobos acusaram Deus de estar pronto a romper Sua aliança com eles. Essa aliança tinha sido *despedaçada* por eles, quando praticavam ansiosamente a sua idolatria-adultério-apostasia. Ver sobre *pacto abraâmico* em Gên. 15.18 e *pacto mosaico,* na introdução a Êxo. 19. Ver, no *Dicionário,* o artigo chamado *Pactos.*

> *Lembrou-se, a favor deles, de sua aliança, e se compadeceu, segundo a multidão de suas misericórdias.*
>
> (Salmo 106.45)

Cf. este versículo com Dan. 9.19.

14.22

Acaso haverá entre os ídolos dos gentios algum que faça chover? A *dificuldade* abordada na seção dos vss. 19-22 foi uma *seca* feroz, que também é o assunto tratado em Jer. 14.1-6. Provavelmente a mesma crise esteja sendo referida aqui, no fim do capítulo 14, em uma seção diferente. A seca era típica de uma série de crises dolorosas que Judá atravessava, todas as quais faziam parte do julgamento que terminaria no temível ataque desfechado pelo exército babilônico e no exílio subseqüente. O povo, ou Jeremias expressando as atitudes presentes do povo de Judá, reconheceu que todos os deuses de nada que eles haviam honrado não tinham poder para fazer cessar a seca. Pelo contrário, eles foram *forçados* a apelar para que Yahweh interrompesse a seca. Nem os próprios céus, sem o decreto divino, seriam capazes de reverter a *seca* e a *fome* subseqüente (ver o vs. 16). Os *deuses falsos* não passavam de *vaidades* (conforme diz literalmente o original hebraico) nem tinham poder para influenciar o curso dos acontecimentos entre os homens. Essa é uma prerrogativa de Yahweh (ver Isa. 13.6). Yahweh é um Deus que faz chover (ver I Reis 17.1; 18.18-46), e o povo de Judá estava disposto a retornar a Ele, pelo menos temporariamente, para evitar a morte por inanição. Cf. este versículo com Zac. 10.1-2. Yahweh era visto como a Primeira Causa, e até mesmo os céus, efeitos do Seu poder, por mais terríveis que parecessem, não poderiam produzir chuva sem o decreto divino. Os hebreus acreditavam que os fenômenos naturais, como a chuva, o vento, as tempestades etc., estavam debaixo do controle direto de Deus. Na teologia dos hebreus havia pouco espaço para as *leis naturais.* Ver Jó 38.28. Yahweh-Elohim era a única *esperança* deles. Não obstante, há tão pouco tempo, eles estavam ainda esperando por seus ídolos absurdos. O Deus *eterno e poderoso* não haveria de continuar ajudando um povo como aquele. O julgamento divino precisava percorrer todo o seu curso. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Deus, Nomes Bíblicos de.*

Capítulo Quinze

Não há interrupção entre os capítulos 14 e 15. Jer. 15.1-4 é a *sétima* parte da seção iniciada em Jer. 14.1, sendo a réplica de Yahweh às confissões de pecado e aos apelos por ajuda que aparecem na sexta seção, Jer. 14.19-22.

A Resposta de Yahweh (15.1-4)

15.1

Ainda que Moisés e Samuel se pusessem diante de mim, meu coração não se inclinaria para este povo. O arrependimento do povo de Judá, fingido ou sincero, bem como a intercessão do profeta em favor deles, falharam completamente em atrair a atenção de Yahweh. Yahweh havia proibido Jeremias de interceder pelo povo de Judá (ver Jer. 7.15; 11.4 e 14.11). Judá, em sua idolatria-adultério-apostasia, tinha ido longe demais, por tempo demais, e agora não mais podia ser chamada de volta. Uma série de julgamentos divinos sobreviriam, culminando na temida invasão do exército da Babilônia e no subseqüente exílio. Judá teria de enfrentar os *quatro tipos* de destruidores (vs. 3). O país seria devastado. Somente um minúsculo remanescente seria refinado da escória para que as coisas se reiniciassem em algum determinado Novo Dia.

Se os grandes intercessores como Moisés, Samuel e Jeremias se reunissem todos com o mesmo propósito, e todos pleiteassem diante de Yahweh em favor do livramento de Judá, Yahweh mostrar-se-ia surdo para com eles, e o julgamento divino viria conforme fora determinado pelo Senhor. Essa era uma maneira enfática de dizer que o caso não tinha solução. Quanto à intercessão de Moisés, ver Êxo. 32.11-14,31-34 e Núm. 14.13-25. Quanto à intercessão de Samuel, ver I Sam. 7.5-11; 12.19 e Sal. 99.6. Tanto Moisés quanto Samuel viveram em tempos-chaves e intercederam diante de Yahweh em favor do povo de Israel, para que o Senhor retirasse deles a Suas ira, com notável sucesso; mas Jeremias falharia, porque o povo tinha falhado miseravelmente, não mais podendo ser recuperado. A *mente* de Yahweh não mais podia tolerar o pensamento de Seu povo; Ele não mais podia suportar a visão deles diante de Seus olhos. Por isso os enviou para fora de Sua visão, para a Babilônia. Foi assim, com um ousado *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*), que a total rejeição da nação de Judá foi descrita por Jeremias.

... **se pusessem diante de mim.** Pôr-se de pé era uma posição comum para quem orava, e talvez seja a melhor posição, pois impede que a pessoa caia no sono.

15.2

Quando te perguntarem: Para onde iremos? Quando a calamidade atacasse, o povo de Judá pediria orientações. E quando fizessem a pergunta, o profeta responderia a seus clamores desesperados com ironia. Eles diriam: "Que faremos? Para onde iremos?", e o profeta responderia que eles estavam designados para serem punidos de diferentes maneiras, todas fatais, e deveriam correr para receber sua forma de punição, pois esse era seu destino: 1. Os que estavam destinados à *morte* (mediante praga; ver Jer. 14.12) deveriam resignar-se à morte e correr para ela. 2. Os que estivessem destinados a ser mortos à *espada,* como em uma batalha, deveriam correr para enfrentar os babilônios e ser mortos à espada, e assim cumprir seu destino. 3. Os que estivessem destinados a morrer de inanição deveriam parar em sua busca desesperada por alimentos, permitindo que a natureza seguisse o seu curo. 4. Os poucos sobreviventes desses modos de morte deveriam apressar-se para uma *morte em vida,* ou seja, o *cativeiro* na Babilônia, onde a espada os seguiria nos calcanhares (ver Jer. 9.16). O processo inteiro, em suas quatro variações, seria a colheita daquilo que eles mesmos haviam semeado (ver Gál. 6.7-8).

15.3

Porque os punirei com quatro sortes de castigos, diz o Senhor. Essa seria a operação da providência negativa de Yahweh. Os castigos divinos seriam grandes e operariam através de *quatro tipos de destruidores:* 1. A *espada,* as matanças causadas pelo exército da Babilônia. 2. Os *cães,* que viriam devorar os cadáveres dos mortos. Devemos relembrar que, excetuando no caso dos cães-pastores, os hebreus não criavam cães como animais de estimação. Antes, os cães percorriam ferozmente as ruas, em busca de lixo para comer. Um cadáver seria uma refeição de luxo para uma matilha de cães. 3. As *aves* de rapina não foram esquecidas; haveria grande abundância de cadáveres para aqueles predadores. 4. As *feras do campo,* como o leão, o chacal, a hiena, o lobo — todos teriam sua partilha de cadáveres. Essa festança em torno de cadáveres substituiria os sepultamentos, porquanto não haveria número suficiente de sobreviventes para sepultar os mortos em batalha e os mortos de fome, e muito menos os babilônios não estariam interessados nessa tarefa. "Mesmo depois de terem sido mortos, seus cadáveres sofreriam a humilhação extrema de servir de presa de feras devoradoras e de aves de rapina. Mas a causa dessas catástrofes estava dentro dos próprios judeus, conforme ficara claro na resposta de Yahweh à primeira oração (ver Jer. 14.10)" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

15.4

Entregá-los-ei para que sejam um espetáculo horrendo para todos os reinos da terra. Cf. II Reis 23.26 e 24.3 quanto à idéia de que foram os pecados de Manassés que causaram toda a confusão do julgamento divino. Naturalmente, ele foi apenas um exemplo do mal, especialmente porque tinha promovido toda a espécie de iniqüidades, mas especialmente os cultos idólatras que chegavam a incluir sacrifícios de crianças. Manassés agiu contra o bom exemplo deixado por Ezequias, o qual também cometeu seus equívocos (especialmente mostrar os tesouros de Jerusalém aos babilônios), mas, de modo geral, foi um rei bom e justo. E o povo de Judá preferiu acompanhar Manassés, e não Ezequias, o que estava em harmonia com sua própria natureza corrupta. "Manassés poluiu de tal maneira Jerusalém com a idolatria que sua destruição se tornou inevitável (ver II Reis 21.10-15). As próprias reformas de Josias só puderam adiar a destruição certa (ver II Reis 22.16-20)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. o versículo com Deu. 28.25 e Eze. 23.46.

"O horror do longo e perverso reinado de Manassés continuava demorando-se na mente dos homens, e o profeta via nisso o *começo* dos males que os judeus estavam prestes a sofrer. O nome de Ezequias pode ter sido inserido como um *agravo* da culpa de seu sucessor" (Ellicott, *in loc.*). Por causa de todos esses males, o povo seria "removido" de sua terra natal e *espalhado* entre as nações gentílicas. Está em foco, especificamente, o cativeiro babilônico, mas foi a *dispersão romana* que realizou de modo eficaz o propósito divino relativo aos judeus por tantos séculos. Somente em nossa própria época, com a formação do Estado de Israel, em maio de 1948, é que começou a haver a reversão parcial da dispersão romana. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Diáspora.*

O SUFOCO DO PECADO

Longos dias sem sol! Noites de eterno luto!
Alma cega, perdida, à toa no caminho?
Roto casco de nau, desprezado no mar!
E, árvore, acabará sem nunca dar um fruto;
E, homem, há de morrer como viveu: sozinho!
Sem ar! Sem luz! Sem Deus! Sem fé! Sem pão?
Sem lar!

Olavo Bilac

*** *** ***

RECOLHENDO A SEMEADURA INÍQUA

O que é para a morte, para a morte;
O que é para a espada, para a espada;
O que é para a fome, para a fome;
Ao que é para o cativeiro, para o cativeiro.
Porque os punirei com quatro sortes de castigos,
diz o Senhor.

Jeremias 15.2,3

Várias Lamentações de Jeremias (15.5-21)

Primeira Lamentação sobre a Destruição da Terra (15.5-9)

15.5

Pois quem se compadeceria de ti, ó Jerusalém? Haveria muitas calamidades a lamentar, conforme mostra o versículo anterior, descrevendo as *quatro destruições* (vs. 3). Jerusalém teria uma sorte realmente lamentável, pois seria a *colheita* de muita má semeadura. As *invasões babilônicas* dar-se-iam em ondas. E não terminariam tão cedo; seria uma invasão completa, brutal e sem misericórdia. Uma devastadora invasão ocorreu em 598 A. C., e talvez essa invasão esteja especificamente em vista aqui. Outra já a tinha antecedido, em 602 A. C. A destruição final de Jerusalém ocorreu entre 588-587 A. C. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*.

Ninguém se importaria com o que acontecesse a Jerusalém. Os inimigos tradicionais de Judá se escarneceriam e se regozijariam. A rejeição de Yahweh (vs. 6) garantia a rejeição dos homens, de modo que a questão inteira terminou em vergonha e morte. Ninguém saudaria os réprobos quando eles estivessem de costas no chão. O fato de que Yahweh tinha ferido o povo de Judá ficaria evidente a todos.

15.6

Tu me rejeitaste, diz o Senhor, voltaste para trás. Uma vez recusado, Yahweh repudiaria os rejeitadores. Eles continuavam a "afastar-se mais e mais Dele" (NCV), caindo em maior idolatria e vergonha. Portanto, Yahweh os agarraria e os destruiria, porquanto já estava cansado de suster Sua ira. Sua paciência estava desgastada por aqueles pervertidos sem vergonha.

> *Continuas a escorregar, pelo que porei as mãos sobre ti e te destruirei.*
>
> (NCV)

Yahweh estava cansado de arrepender-se de castigar Judá e dar-lhe novas oportunidades. Cf. Amós 7.1-9. Por conseguinte, Ele estendeu uma *mão* aterrorizante e administrou o golpe fatal. A mão é um instrumento de trabalho, mas é igualmente um meio de aflição. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mão,* bem como Sal. 81.14. Ver sobre *mão direita*, em Sal. 20.6. Quanto à figura simbólica similar, *braço,* ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Não haveria dó no golpe aplicado. Esse golpe destruiria a nação inteira. Quanto ao exercício divino da paciência, cf. Êxo. 32.14 e I Crô. 21.15. Quanto ao *arrependimento* de Yahweh, ver Êxo. 32.14, onde apresento uma nota de sumário.

15.7

Cirandei-os com a pá nas portas da terra; desfilhei e destruí o meu povo. "Deus jurou que destruiria os judeus sem compaixão. Ele os padejaria, como um agricultor separa a palha do grão, para remover os incrédulos que eram como palha" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Quanto a essa figura simbólica comum, ver Isa. 21.10; 27.12; Jer. 51.2; Mat. 3.12; Luc. 3.17. Esse espantoso processo de padejamento seria feito *publicamente,* nas portas da cidade, pois seria ali que o exército babilônico executaria seu trabalho de matança. Judá seria submetido à desgraça internacional. Um aspecto horrendo da questão seria a morte das crianças. Nenhuma célula familiar permaneceria intacta. Os que não fossem mortos seriam deportados. Mulheres seletas seriam enviadas aos haréns dos oficiais babilônicos. As que restassem seriam transformadas em escravas. A espada seguiria os judeus até a Babilônia, e a matança continuaria (ver Jer. 9.16). Eles se recusavam a arrepender-se; nunca "se volveram" para Yahweh. Portanto, o castigo a que foram submetidos foi justo.

Pá. Temos aqui uma instrumento de trilhar, o *tribulum,* de onde derivamos a palavra "tribulação", pois esse termo nos chegou do latim. O instrumento separa o trigo da palha. A maior parte da população de Judá era como a palha; uma pequena parcela era trigo e resultaria do processo, a partir do qual, eventualmente, surgiria uma Nova Nação, em um Novo Dia.

15.8

As suas viúvas se multiplicaram mais do que as areias dos mares. Quase toda a população masculina dos judeus seria morta, e, na verdade, a maioria das mulheres. Mas um imenso número de mulheres seria deixado na viuvez, de modo que elas seriam como a areia dos mares. Quanto a essa metáfora que indica *grande número,* ver Gên. 22.17; 32.12; Juí. 7.12; I Sam. 13.5. Naturalmente, o profeta Jeremias empregou aqui em termos comparativos uma hipérbole oriental. As poucas mulheres que restassem seriam numerosas em comparação com os homens. Mães orgulhosas dos jovens seriam destruídas com seus filhos, pelos ataques súbitos dos babilônios, ao meio-dia. Haveria angústia e terror, pois uma *nação inteira* estaria sendo quase extinta. Mesmo nos horários de maior calor do dia, quando as operações militares usualmente eram suspensas, haveria grande matança, pois os babilônios muito se divertiam e tomavam grande despojo para ao menos parar para almoçar.

Alguns intérpretes pensam que a palavra *mãe* é usada neste versículo como metáfora para representar a própria cidade de Jerusalém. A referência, entretanto, é a mães literais que testemunhariam a morte dos filhos, para então, elas mesmas, receberem os golpes rudes da espada.

15.9

A que tinha sete filhos desmaiou como para expirar a alma. Ter *sete filhos* era grande glória para uma mulher, sinal de força especial e favor divino. Esse era o zênite da felicidade para uma mulher, assim como uma razão de segurança, porquanto eles cuidariam dela em sua idade avançada. Mas ver com os próprios olhos os sete filhos mortos era a catástrofe final. De um golpe só, tudo o que era importante para ela lhe teria sido arrancado. "Ela choraria até tornar-se fraca e incapaz de respirar" (NCV), e em breve a espada terminaria sua agonia, ou então ela sofreria a desgraça suprema de ser posta em um harém da Babilônia. Que teria acontecido com tal mulher? O *sol* dela ia alto no firmamento. Ela estava apreciando o "seu dia", mas, de uma hora para outra, o sol se pôs, bem no meio do dia. Tal mulher teria sofrido o máximo de desgraça e angústia. A vida teria terminado para ela, sem importar se uma espada babilônica lhe decepasse ou não a cabeça. E as mulheres "restantes" seriam entregues à matança, pois o próprio Yahweh decretara tal acontecimento. Novamente, alguns intérpretes fazem a "mãe" ser uma figura simbólica da própria cidade de Jerusalém. Isso também exprime uma verdade, mas parece que o profeta descrevia os sofrimentos de certo segmento da sociedade, que não deveria ser sujeito a tais desgraças.

"Essas *trevas ao meio-dia* sobrevieram repentinamente, ferindo a mãe (Jerusalém), por meio da perda súbita de seus sete filhos (o número ideal, e a flor do orgulho da família). A figura simbólica atinge o alvo dramático do poeta. Concentrou o desastre geral em um particular concreto" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Cf. Rute 4.15; Osé. 9.12 e I Sam. 2.5.

Segunda Lamentação de Jeremias (15.10-21)

15.10

Ai de mim, minha mãe! pois me deste à luz homem de rixa e homem de contendas. Jeremias dirige-se aqui à própria mãe, ou a Jerusalém, mãe simbólica. Provavelmente está em vista o primeiro caso. Ele lamenta como as coisas tinham saído erradas, trazendo-lhe tristeza e dor. E desejou jamais haver nascido. Ele se tornou um homem de rixas e contendas, pois sempre despertava o ânimo contrário da parte daqueles a quem apresentava suas profecias. Ele não estava engajado em outro tipo de atividade, como o comércio, com suas compras e vendas, através do que é possível haver contendas entre os homens. Ver Nee. 5.1-13 e Pro. 22.7. Jeremias era unicamente um profeta, mas isso era o suficiente para causar-lhe toda a tribulação que ele já havia experimentado. À semelhança de Jó, Jeremias sofria tristezas e nunca estava muito à vontade (ver Jó 3.26), e assim se queixava amargamente no mais profundo de sua alma (ver Jó 7.11). Cf. esta lamentação com Jer. 11.18-22. "Jeremias salientou aqui seu ostracismo e contínua rejeição da Palavra transmissora de vida, que ele pregava. Ver Eze. 2.8-10 e João 4.32-34" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este vs. 10). Cf. Jer. 20.14 e Jó 3.1. Ver a experiência de Paulo de idêntica natureza, em I Cor. 4.12-13.

15.11

Disse o Senhor: Na verdade eu te fortalecerei para o bem. Yahweh falou ao profeta, assegurando-lhe que, embora estivesse sendo maltratado pelo povo de Judá, ele seria vindicado no fim. Quando chegasse o tempo de aflição, seus inimigos lhe pediriam ajuda. Essa promessa foi cumprida nos pedidos feitos pelo rei Zedequias, quando se chegou a ele com uma série de petições (ver Jer. 21.1-17; 37.1-10,17-20 e 38.14-18). O texto massorético (ver no *Dicionário* o verbete denominado *Massora (Massorah); Texto Massorético*) tem um texto que dá o sentido ao versículo conforme sugerido anteriormente: *Yahweh falava com o profeta.* Mas o original hebraico é difícil, e a *Septuaginta* (ver a respeito no *Dicionário*) dá o profeta dirigindo-se a Yahweh. Ele queria ser amaldiçoado, mesmo que fosse por Yahweh, "*se* jamais deixei de suplicar pelo bem deles ou de rogar pelo inimigo no tempo da calamidade e no tempo da angústia". Isso representa um texto hebraico diferente do que é dado pelo massorético, ou então é um manuseio muito livre do texto que conhecemos em nossas Bíblias hebraicas modernas. Jeremias declarava não merecer o tratamento que vinha obtendo, visto que sempre fora fiel à sua missão. Alguns estudiosos pensam que o "inimigo" que aparece neste versículo é Nabucodonosor, que ordenara a seu comandante-chefe, Nebuzaradã que tratasse bem de Jeremias. Ver Jer. 39.11.

15.12

Pode alguém quebrar o ferro, o ferro do Norte, ou o bronze? O hebraico original deste versículo é obscuro, e alguns simplesmente desistem de tentar arrancar dele algum significado. Considere o leitor estes três pontos:

1. A conjectura da NCV é a seguinte: "Ninguém pode quebrar um pedaço de ferro ou de bronze. Quero dizer, o tipo de metal que vem do norte". Quanto à invasão do norte, ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27. Essa declaração, pois, significa que o inimigo do norte era *invencível,* visto que era um instrumento na mão de Yahweh para castigar Judá.
2. Ou então o próprio profeta era como o ferro (Jer. 1.8), ao passo que o povo era como o ferro e o bronze. A idéia seria então que o profeta se queixava de não ser forte o bastante para resistir à dureza e teimosia do povo de Judá. Nesse caso, a referência ao *norte* não seria à Babilônia, mas, sim, ao ferro proveniente do norte, importado, que era de qualidade superior, por ser extremamente duro.
3. Ou então o *ferro* é Judá, que não teria oportunidade de resistir ao ferro e ao bronze do norte (Babilônia) e seria esmagado por esse poder.

15.13-14

Os teus bens e os teus tesouros entregarei gratuitamente ao saque. Alguns consideram que os vss. 13-14 estão fora de ordem aqui, pois pertenceriam ao capítulo 17, onde constituem os vss. 3b e 4. Mas, se realmente pertencem a este ponto, então temos uma súbita exclamação de Yahweh dirigida a Judá, afirmando que sua riqueza e seus tesouros tornar-se-iam presa fácil dos babilônios. Isso aconteceria porque Judá deveria pagar por seus pecados, *dessa* e de outras maneiras. Além disso, *outra maneira* pela qual o povo de Judá pagaria por sua iniqüidade (vs. 14) era tornar-se escravo dos invasores do norte, exilado fora do país. A Babilônia era uma terra estranha, que eles não conheciam (ver Jer. 14.18; 15.2; 16.13; 17.4) e representaria uma morte em vida. A ira escaldante de Yahweh faria acontecer essas coisas. A nação de Judá seria queimada pelo fogo do refinador, para tirar da grande massa de escória alguma prata que se tornaria o Novo Israel, em um Novo Dia. Essa parte do versículo foi tomada por empréstimo de Deu. 32.22.

O fogo se acendeu em minha ira. O "fogo" simbolizava o julgamento. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Fogo, Símbolo de* e *Fogo* (seções VII e VIII), quanto a detalhes sobre esse simbolismo.

15.15

Tu, ó Senhor, o sabes; lembra-te de mim, ampara-me e vinga-me dos meus perseguidores. Jeremias com freqüência orava para que Yahweh *se vingasse* de seus inimigos; e esse é o tema nesta passagem bíblica. Cf. Jer. 11.20; 12.3; 17.18; 18.23 e 20.11. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vingança,* quanto a detalhes. As palavras pacíficas de Jesus sobre orar pelo bem dos inimigos (ver Mat. 5.4), passaram pela cabeça de Jeremias, tal como passa por nossa cabeça, a despeito de todo o nosso fingimento de sermos pessoas espirituais. Cf Rom. 12.19 ss. Contrastar este versículo com aqueles sobre Jesus em Sua morte (Luc. 23.34), assim como com os versículos sobre Estêvão, primeiro mártir cristão, por ocasião de sua morte (ver Atos 7.60).

> *Sabe que por tua causa eu sofro opróbrio da parte daqueles que desprezam as tuas palavras. Consome-os, e as tuas palavras serão a alegria do meu coração.*
>
> (Septuaginta, unindo os vss. 15-16)

Muitos eruditos consideram que a citação anterior representa o texto original de onde supõem que o texto massorético se desviou.

> *Senhor, tu compreendes. Lembra-me e toma conta de mim. Pune-me pelas pessoas que me estão prejudicando. Não me destrói enquanto permaneceres paciente comigo. Pensa na dor que estou sofrendo por ti.*
>
> (NCV)

15.16

Achadas as tuas palavras, logo as comi; as tuas palavras me foram gozo e alegria para o coração. Este é um dos versículos mais conhecidos e citados do livro de Jeremias. É usado para falar sobre a devoção à Palavra de Deus por parte dos amantes da Bíblia. Essa devoção é cheia de *alegria* que chega ao coração. Trata-se da devoção da pessoa chamada pelo nome de Deus, o que significa, neste contexto generalizado, uma pessoa convertida, uma crente.

As palavras de Deus *foram comidas,* o que significa que se tornaram o alimento espiritual do devoto. No contexto original, as *palavras* são as profecias e a mensagem geral que Yahweh deu a Jeremias. Ele devorou essas palavras como fonte de sua alegria, embora, de modo geral, elas fossem amargas para aqueles a quem foram endereçadas. Nessas palavras havia poder, por terem sido dadas pelo *Senhor dos Exércitos,* o Poder do alto, o qual faria acontecer todas as coisas que tinham sido profetizadas. Seria assim vindicado o profeta que fora perseguido por causa de sua fidelidade ao entregar a mensagem contrária ao povo de Judá, embora visasse o bem superior deles. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Senhor dos Exércitos,* bem como I Reis 18.15. Quanto ao comer das palavras de Deus, cf. Eze. 2.8-3.3 e Apo. 10.9-10. Está em pauta a total assimilação da mensagem divina, acompanhada por uma feroz dedicação a ela. A Palavra de Deus tinha-se tornado a razão da vida de Jeremias. Ele conhecia a palavra de Deus de modo absoluto e estava dedicado à sua propagação.

15.17

Nunca me assentei na roda dos que se alegram, nem me regozijei. Jeremias fora separado das massas populares por ser o instrumento que entregava mensagens proféticas. Jeremias era isolado e desprezado pelos outros israelitas, porque sua mensagem era amarga aos ouvidos deles. Ele não se conformaria aos pecadores meramente para ser aceito e ganhar os frutos da amizade. De fato, ele tinha sido separado dos pecadores. Não mantinha companheirismo com os réprobos que estava denunciando. Não os queria, e eles igualmente não o queriam.

> *Nunca me sentei com a multidão que gargalhava e se divertia. Eu me sentava sozinho, porque tu estavas ali. Encheste-me de ira com a maldade ao meu redor.*
>
> (NCV)

"Jeremias recusava associar-se com a companhia dos que se divertiam (cf. Sal. 1.1), preferindo antes sentar-se sozinho e ser guiado pela mão de Deus. Ele compartilhava da *indignação* de Deus contra os pecados do povo" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O Targum refere-se aos réprobos como "aqueles que cantam", aqueles que cantavam em suas festas de vinho, dançavam e viviam com falsa alegria. Jeremias tinha sua alegria nas palavras de Yahweh (vs. 16) e não precisava dos prazeres mundanos. Ver II Cor. 6.14 ss.

15.18

Por que dura a minha dor continuamente, e a minha ferida me dói, e não admite cura? Como é óbvio, Jeremias tinha *intensa devoção* a Yahweh, à Sua palavra e à missão que lhe havia sido dada. Mas isso não significa que o Poder divino tivesse interrompido as perseguições que Jeremias sofria. Por assim dizer, era uma *ferida incurável* que seus inimigos abriam novamente a cada sinal de cura. Em sua amargura, Jeremias "acusou Deus de decepcioná-lo. Quanto à idéia da segunda metade do versículo, cf. Jó 6.15-20. Na Palestina muitos riachos só tinham água depois de pesadas chuvas. Se um viajante fosse a um daqueles riachos, na esperança de encontrar água, poderia voltar desapontado. Contrastar Jer. 2.13, onde Jeremias comparou Yahweh a uma fonte perene de águas vivas. Mas agora ele acusava Deus de tê-lo desapontado" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

> *Por que escondes o teu rosto, e me tens por teu inimigo?*
>
> (Jó 13.24)

Alguns eruditos pensam que a ferida aqui é física, algum tipo de indisposição que não sara. "Yahweh tinha prometido proteger Jeremias de seus inimigos (Jer. 1.18-19). A sua enfermidade sugere que Deus tinha deixado de agir assim" (Fausset, *in loc.*). Estava em vista uma *antiga úlcera, se* o texto é literal, mas parece melhor compreender aqui o sentido metafórico. Ver Jer. 6.14.

15.19

Portanto assim diz o Senhor: Se tu te arrependeres, eu te farei voltar e estarás diante de mim. O profeta Jeremias, que vivia constantemente convidando outras pessoas ao arrependimento, agora precisava ele mesmo se arrepender, por causa das palavras quase blasfemas do vs. 18. Em compreensível autopiedade, ele tinha fustigado a Deus, e a palavra de Yahweh veio para salientar a natureza imprópria de sua fala amarga. Ele teria de continuar proferindo aquilo que era precioso e verdadeiro e, dessa maneira, seria capaz de pôr-se de pé diante de Deus. Mas se ele proferisse aquilo que era *inútil* (conforme se vê no vs. 18), então Yahweh teria de revisar o seu caso para checar se ele era digno de continuar sendo um profeta. Jeremias continuaria a funcionar como a Boca divina (porta-voz), caso se arrependesse. É importante "permitir que o povo de Judá se volte para o profeta. Mas não deves mudar e nem te tornares como eles" (NCV). Essa é uma declaração cortante que mostra que Jeremias tinha começado a falar como os réprobos de Judá, azedando seu relacionamento com Deus. Quanto a ser a *boca de Deus,* cf. Êxo. 4.16.

"Jeremias precisava, não menos do que o povo de Judá, retornar à sua verdadeira mentalidade (vs. 16), arrependendo-se de seus murmúrios e de sua desconfiança. Somente com base nesta condição ele poderia novamente pôr-se 'de pé' na presença do Senhor, no sentido estrito dessas palavras, ministrando diante Dele como seu profeta e sacerdote" (Ellicott, *in loc.*).

Se apartares o precioso do vil. A figura por trás dessas palavras é a de metais vis e de metais preciosos, quando eles são testados para verificar a que tipo pertencem. Ou a figura é a do processo de refinamento que separava a escória do verdadeiro e precioso metal, como a prata ou o ouro. O que Jeremias disse no vs. 16 era puro ouro; mas o que ele disse no vs. 18 era escória ou algum metal vil como o chumbo. Ver Jer. 6.27-30, onde o profeta foi comissionado para ser um *testador de metais.* O vs. 19 convida o profeta a testar o seu próprio metal!

15.20

Eu te porei contra este povo como forte muro de bronze. Jeremias estava sentindo a sua fraqueza e não a sua fortaleza, pelo que a promessa de Yahweh foi de que ele seria *fortalecido,* como se fosse um forte *muro de bronze.* Seus inimigos bateriam a cabeça contra o muro, e isso não exerceria nenhum efeito contra o muro, embora indicasse uma grave injúria. Haveria uma luta contra o profeta. Jeremias não estava isento de tribulação, mas nenhum inimigo prevaleceria contra ele, porquanto Yahweh estaria ao lado do profeta. Eventualmente, o Senhor haveria de salvá-lo e livrá-lo de todas as dificuldades. Note o leitor que essa promessa reproduz a que o profeta recebeu por ocasião de seu comissionamento (ver Jer. 1.18-19). Portanto, temos aqui uma espécie de recomissionamento, em um momento em que Jeremias realmente precisava disso, para torná-lo forte em sua debilidade.

A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza.

(II Coríntios 12.9)

A história subseqüente demonstra que os adversários de Jeremias combateram contra ele com palavras duras e ameaçadoras, com punição física e encarceramento. "Mas a presença de Deus com os Seus ministros seria suficiente para salvá-lo e livrá-lo de todas as dificuldades, protegendo-o e defendendo-o de todos os seus inimigos. Ver Mat. 28.20" (John Gill, *in loc.*).

15.21

Arrebatar-te-ei das mãos dos iníquos. *Contando com a proteção de Yahweh,* Jeremias tinha sua segurança garantida. Os que quisessem matá-lo não obteriam sucesso. Os que o prendessem violentamente para pôr fim à sua vida ficariam desapontados. Alguns estudiosos pensam que o livramento, neste caso, seria do exército babilônico. Sabemos que Jeremias era favorecido por Nabucodonosor. Ver as notas sobre Jer. 15.11. Ao que tudo indica, Jeremias não foi para o cativeiro junto com o restante da nação judaica. Dificuldades surgidas após o cativeiro forçaram-no a ir para o exílio no Egito. Ver Jer. 43.6-7. O livro de Jeremias não nos diz quando ou como ele morreu, mas a tradição afirma que Jeremias foi apedrejado no Egito por seus próprios correligionários, em Tafnes. Mas outra tradição diz que ele escapou para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Jeremias (o Profeta),* III.5. Seja como for, podemos estar certos de que ele foi invencível, pelo menos enquanto sua missão não terminou.

Capítulo Dezesseis

Ameaças e Promessas (16.1-21)

"A primeira seção (vss. 1-13) é deuteronômica e diz como Jeremias foi proibido de casar-se e aliar-se às alegrias e tristezas de seus compatriotas, pois sua maneira de viver deveria ser uma advertência da destruição que se aproximava. Isso foi seguido por uma predição da restauração dos exilados (vss. 14-15). Então, vem uma promessa de dupla recompensa para contrabalançar a iniqüidade que os israelitas haviam cometido (vss. 16-18). No fim da seção há um poema no qual as nações pagãs são chamadas a reconhecer o poder de Yahweh (vss. 19-21). Este capítulo, pois, contém duas passagens de condenação que se alternam com duas passagens que predizem um brilhante futuro" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

A Vida de Jeremias Servia de Advertência (16.1-13)

16.1

Veio a mim a palavra do Senhor. O celibato e a austeridade de Jeremias eram sinais da chegada de tempos difíceis e, de fato, de desastre para Judá. O profeta envidou todos os seus esforços para cumprir sua missão, esquecendo os confortos e prazeres pessoais. Não lhe restaria tempo para cumprir seus deveres normais como pai. Era um tempo ruim para constituir família em Jerusalém. De fato, não haveria mais células familiares após o exército babilônico terminar a matança. Ver 15.7 e as notas expositivas ali existentes.

Os oráculos de Yahweh continuavam repetindo os mesmos temas, adicionando detalhes aqui e ali. Reiteradamente temos visto menções ao ataque dos babilônios e ao subseqüente cativeiro. O presente oráculo passa a abordar novamente o tema advertindo o profeta a esquecer seus relacionamentos familiares. Já seria difícil o bastante Jeremias enfrentar sozinho o período de tribulação para ele ainda preocupar-se com sua parentela. Seria melhor deixar fora de suas provas mulher e crianças, pelo menos até onde ele estivesse envolvido.

Primeira Restrição: Não Deveria Haver Vida Familiar (16.2-4)

16.2

Não tomarás mulher, não terás filhos nem filhas. "Em vista da condenação iminente da Terra Prometida, Jeremias teria de desistir da esperança de ter lar e família, como sinal do julgamento divino que já se aproximava (ver Eze. 24.15-27 e I Crô. 7.25-40)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este vs. 2). As experiências na vida de casado foram usadas com propósitos ilustrativos por mais de um profeta. Ver Osé. 1.2-9 e Isa. 8.3-4.

Neste lugar. O lugar estava sob a maldição de Deus, por causa da idolatria-adultério-apostasia, e se tornou impróprio para qualquer atividade normal da vida. "Embora coisa alguma seja mais desejável do que ter filhos e criar uma família, dando continuidade ao nome e à família do indivíduo, contudo, em tempos de calamidade pública, essas coisas servem somente para aumentar a aflição" (John Gill, *in loc.*).

16.3-4

Porque assim diz o Senhor acerca dos filhos e das filhas que nascerem neste lugar. Yahweh, conhecedor do futuro, tinha Suas razões ao proferir essas proibições: as unidades familiares (filhos, filhas, mães e pais) morreriam devido a enfermidades mortíferas. O ataque desfechado pelos babilônios deixaria cadáveres aos montões, nos campos e nas ruas da cidade. Tais cadáveres não seriam sepultados, porque tão poucos sobreviveriam que a tarefa seria impossível, e os babilônios não estariam interessados nela. Tais cadáveres tornar-se-iam fertilizantes do solo. Haveria a espada sem dó dos invasores, bem como a fome, que se seguiria à desolação. As aves do céu e os animais dos campos correriam para banquetear-se com a carniça. Todos esses detalhes são vistos em outras profecias sobre o mesmo assunto. Cf. Jer. 7.33; 8.2; 14.15-16; 15.2; 16.6 e 25.33. A declaração de que não deveria haver lamentações significa que seria impossível lastimar de modo regular, porque cada indivíduo estaria preocupado com sua própria segurança, e os poucos sobreviventes seriam deportados para a Babilônia. Mas mesmo na Babilônia a matança teria continuidade, porquanto Yahweh enviaria a espada atrás deles (ver Jer. 9.16). Ser atacado por estrangeiros cuja terra os hebreus desconheciam (ver Jer. 14.18; 16.13) e ser morto de maneira insensata, para então ser deixado insepulto, era a vergonha máxima que qualquer hebreu poderia sofrer.

Segunda Restrição: O Profeta Não Podia Lamentar-se (16.5-7)

16.5

Não entres na casa do luto, não vás a lamentá-los, nem te compadeças deles. Jeremias foi proibido de lamentar-se. Uma lamentação generalizada não teria lugar, porque não haveria gente suficiente para realizar nenhum rito e cerimônia. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação.* Mas aqui e ali, algumas poucas pessoas se reuniriam para lamentar. Jeremias, contudo, deveria manter-se distante de tais funções. Ele não deveria oferecer qualquer simpatia. Yahweh é quem tinha enviado aquelas calamidades, retirando Sua misericórdia e Seu amor por causa dos horrendos pecados daquele lugar. Eles tinham perdido o direito até menos de serem lamentados por um profeta de Deus.

Quem se entristecerá por ti, ó Jerusalém?
Quem se lamentará e chorará por ti?
Quem sairá de seu lugar para perguntar
Como estás. Jerusalém, tu me deixaste.

(NCV, sobre Jeremias 15.5-6a)

Essa foi a *segunda restrição* imposta ao profeta. A primeira foi ele esquecer de constituir família (vs. 2). O profeta também deveria aceitar a retirada do amor e da proteção de Deus em silencioso respeito. Quanto aos procedimentos usuais de lamentação, ver Eze. 7.18; Amós 8.10; Pro. 31.6 e Osé. 9.4.

16.6-7

Nesta terra morrerão grandes e pequenos, e não serão sepultados. Estes dois versículos repetem idéias que já vimos noutros trechos. O julgamento seria universal; pequenos e grandes, pessoas de ambos os sexos, crianças, pais e mães, todos seriam vitimados. A cidade de Judá ficaria essencialmente desabitada. E os mortos não seriam nem sepultados nem lamentados. Haveria a ausência dos sinais de luto, como o golpear-se (o que, aliás, era proibido pela lei - ver Deu. 14.1 – mas, mesmo assim era praticado por alguns); as pessoas não deveriam aparar as pontas dos cabelos (ver Jó 1.20). No artigo do *Dicionário* sobre as *Lamentações*, ofereço uma narrativa detalhada sobre a questão; e então, no fim do vs. 5, dou algumas referências bíblicas atinentes. Quanto ao ato de "rapar a cabeça", ver Jer. 7.29; Isa. 22.12. Ver os vss. 3-4 quanto à universalidade da matança. A morte bateria às portas de todos ao mesmo tempo. Foi a morte de um povo inteiro, um genocídio.

"Ao que parece, era costume um lamentador jejuar até a noite do dia do sepultamento (cf. II Sam. 1.12; 3.35). Então seus amigos o persuadiriam a comer e deixar-se consolar. O alimento dos lamentadores era considerado imundo (Osé. 9.4; cf. Deu. 26.14). A expressão "copo da consolação" (vs. 7) não é mencionada em nenhum outro lugar da Bíblia, mas provavelmente era um copo de vinho apresentado ao lamentador, quando seu jejum terminava" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

O vs. 7 repete os elementos essenciais da lamentação mencionados no vs. 6, mas adiciona o *copo de lamentação*. Além disso, ilustra o caso mencionando o tipo mais comum de lamentação, a lamentação por um pai ou mãe que tivesse morrido.

Terceira Restrição: Não Haveria Nenhuma Festividade (16.8-9)

16.8

Nem entres na casa do banquete, para te assentares com eles a comer e a beber. A "casa do banquete" pode ser identificada com a refeição fúnebre do vs. 5 (a casa do luto) e a casa da refeição fúnebre (vs. 7), porquanto não haveria ocasião alegre para ser celebrada. Assim sendo, o vs. 8 serve, pelo menos em parte, para reforçar a proibição acerca do luto, o que incluía freqüentar qualquer reunião fúnebre e comer alimentos considerados *imundos*, porque se Jeremias participasse deles ficaria imundo. Jeremias não deveria honrar nenhuma dessas ocasiões com sua presença, porquanto Deus é Quem havia efetuado toda aquela calamidade, retirando também Seu amor e Sua misericórdia. Portanto, o profeta deveria retirar-se de tais reuniões, em concordância com o ato divino. Alguns intérpretes pensam que este versículo proíbe quaisquer tipos de situações em que houvesse alguma festividade, fosse alegre ou triste. Essa opinião, entretanto, faria sentido se a proibição tivesse ocorrido *antes* de a calamidade ter ferido o povo, pois então ainda haveria concentrações selvagens e festas de vinho, tão comuns em Jerusalém. Seja como for, Jeremias nunca se fez presente a esse tipo de festividade. "Nada tenhas que ver com este povo, nas suas lamentações ou nas suas festas alegres" (Fausset, *in loc.*). Ao profeta não foi permitido nem ao menos ter seus amigos presentes para tomar uma refeição (se é que lhe restava algum amigo). Foi vedado a ele todo o tipo de reunião, pública ou particular, que fosse festiva. Eram tempos de tristeza, porque a calamidade seria realmente imensa.

16.9

Eis que farei cessar neste lugar perante vós, e em vossos dias, a voz de regozijo e a voz de alegria. Yahweh-Elohim, o Deus Eterno e Todo-poderoso, que brandia todo o poder na qualidade de *Senhor dos Exércitos* (ver as notas a respeito no *Dicionário* e em I Reis 18.15), tinha decretado o fim de todo o regozijo e celebração. A nação de Judá estava próxima do fim, e no fim também deveria estar seu regozijo. Assim, antes que tudo acontecesse, o profeta tinha de retirar-se de toda a ocasião que projetasse a idéia de felicidade. Não mais haveria o grito de alegria da noiva ou do noivo. Uma nação inteira estava moribunda. Seria impróprio agir como se nada tivesse acontecido, quando as profecias haviam sido tão numerosas e claras. "Deus tinha jurado que levaria ao fim a alegria de Judá, assim como seus atuais tempos de felicidade (cf. Jer. 25.10)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Jer. 7.34 e Eze. 26.13. O profeta Jeremias veria, com os próprios olhos, a calamidade que terminaria com toda a alegria da nação. Foi uma profecia de cumprimento rápido.

A Razão para o Exílio (16.10-13)

16.10

Quando anunciares a este povo todas estas palavras. O povo de Judá alegaria "inocência" quando o profeta Jeremias anunciasse a mensagem de condenação, dando a entender que tinha alguma espécie de poder misterioso para fazer com que todas aquelas coisas terríveis acontecessem. Eles se recusariam a reconhecer que suas *iniqüidades* é que eram a causa de tão funestos acontecimentos, e que era Yahweh quem lhes havia enviado aquela mensagem. O profeta seria perseguido como o *portador* da mensagem de condenação, uma óbvia injustiça. A passagem geral, Jer. 16.10,17-18, elabora as multifacetadas iniqüidades de Judá, que eram a causa de tantas dores. "Por que o Senhor fez isso conosco?" (ver Deu. 29.24 e I Reis 9.8-9). A pergunta feita pelo povo seria uma farsa, em consonância com a vida de farsa que eles estavam vivendo em sua idolatria-adultério-apostasia. É extremamente comum às pessoas que prejudicam a outras agir como se elas mesmas fossem as *vítimas*. Assim, os direitos do criminoso são respeitados, mas não os direitos da vítima.

16.11

Então lhes responderás: Porque vossos pais me deixaram, diz o Senhor. Os vss. 11-13 dão a resposta à pergunta feita pelos judeus sobre que mal eles teriam feito para merecer tão severo julgamento. E também obtemos outra lista que resulta na mesma coisa tantas vezes vista neste livro: a idolatria-adultério-apostasia deles era de uma modalidade tão evidente que excluía qualquer possibilidade de escape ao julgamento divino. Yahweh fora abandonado (ver Deu. 29.25; Jer. 5.9; 13.22; 22.8-9) por um povo que resolveu seguir muitas formas de idolatria, tendo adotado grande panteão de divindades, algumas das quais eram servidas com sacrifícios, oblações, votos, sacrifícios de crianças e ritos imorais (ver Jer. 3.13 como ilustração). Eles tinham quebrado o *pacto mosaico* (anotado na introdução a Êxo. 19), ignorando os mandamentos de Deus em geral e a proibição contra a idolatria em particular. Agindo assim, eles perderam sua *distinção* entre as nações (ver Deu. 4.4-8) e se tornaram outra nação qualquer. Também perderam a *vida* como um povo (ver Deu. 4.1; 5.33; Eze. 20.1). A lei mosaica lhes tinha sido *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), mas eles também perderam esse guia e passaram a vaguear em sendas escuras.

16.12

Vós fizestes pior do que vossos pais. Os pais daquela geração de judeus mostraram-se rebeldes, envolvendo-se em toda a espécie de atos ímpios; mas o povo de Judá, na época de Jeremias, tinha-se tornado o modelo da vontade refratária que ficava cada vez pior. Eles se recusavam a ouvir a voz divina e logo perderam a capacidade de obedecer ao Senhor. Cf. Jer. 7.26 e I Reis 14.9. Os pais deixaram um *mau exemplo* que foi seguido pelos descendentes, os quais chegaram a ultrapassar tudo quanto já se vira. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Exemplo*. Um pai deve *três coisas* a seus filhos: exemplo, exemplo, exemplo.

O Resultado Horrendo da Revolta (16.13)

16.13

Portanto lançar-vos-ei fora desta terra, para uma terra que não conhecestes. Judá, como nação, haveria de morrer, e seu cadáver seria deixado insepulto (vs. 4). Os poucos sobreviventes seriam lançados fora da Terra Prometida, para um lugar sobre o qual nada conheciam (ver Jer. 15.14), fator que adicionava agonia à situação. Ali, naquele lugar estranho, eles nada seriam senão escravos que teriam de seguir uma idolatria forçada. O pior de tudo é que Yahweh nada faria por eles. Antes, enviaria uma espada. A matança continuaria mesmo no cativeiro (ver Jer. 9.16). Eles tinham praticado voluntariamente idolatrias de vários tipos. Ao serem castigados por Yahweh, teriam de reconhecer que a idolatria fora a razão fundamental do julgamento condenatório. E desejariam modificar essa sua conduta, esperando que no futuro houvesse condições melhores. Mas aquilo que tinham praticado voluntariamente, agora seriam forçados a pôr em prática.

Promessa de Retorno do Exílio (16.14-18)

16.14

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que nunca mais se dirá. Os vss. 14-15 são virtualmente idênticos a Jer. 23.7-8. É até provável que o lugar original desses dois versículos fosse ali. A mesma mensagem, então, foi inserida aqui para aliviar um quadro desanimador. O fato de que Deus tirou do Egito o povo de Israel tornou-se uma declaração proverbial para ilustrar Seu poder e Sua graça. Isso é repetido mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20, quanto à nota de sumário. Os israelitas costumavam fazer juramentos por esse fato, prefaciando-os com as palavras "Tão certo como vive o Senhor" (Aquele que é poderoso e tem demonstrado isso por Seu ato remidor). E agora Deus podia ser invocado, na certeza de que realizaria outros feitos, incluindo um novo ato de redenção, mas dessa vez ser libertado de um inimigo nortista (a Babilônia), e não de um inimigo sulista (o Egito), conforme se lê no vs. 15.

O cativeiro egípcio fora longo e severo, mas não impossível de reversão. De fato, em harmonia com Seu esquema cronológico, Yahweh o tinha revertido, porque nada há impossível para Deus. Nessa promessa temos o tempero do julgamento com a misericórdia. Os julgamentos divinos são dedos das mãos amorosas do Senhor. Esses julgamentos são remediais, pelo que era apenas natural que um ato de redenção se seguisse a um ato de julgamento. Eles fazem parte da mesma equipe remidora-restauradora.

16.15

E de todas as terras para onde os tinha lançado. Havia judeus espalhados por muitos lugares estrangeiros, e não exclusivamente na Babilônia. Talvez tenhamos aqui uma declaração subtendida da reversão do cativeiro assírio, assim como do cativeiro babilônico. Se esta profecia tem sentido escatológico, então também deve incluir a reversão da dispersão romana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Diáspora.* Seja como for, haverá um Novo Êxodo, uma provisão da graça e do poder de Deus. Haverá uma volta à terra natal. Cf. este versículo com Jer. 24.6; 30.3 e 32.15. Kimchi, Jarchi e Abrabanel viam aqui uma promessa messiânica.

Pois eu os farei voltar para a sua terra, que dei a seus pais. Um novo provérbio seria composto em substituição ao antigo: "Como Yahweh vive e tirou Judá da Babilônia, assim Ele pode realizar aquilo que Lhe tenho pedido". Quanto ao *país do norte,* que seria a fonte do ataque e do exílio subseqüente, ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27; 15.12 e 16.15.

Julgamento contra as Iniqüidades de Judá (16.16-18)

16.16

Eis que mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão. Estes três versículos continuam a explorar o tema dos vss. 11-13, ampliando questões relativas à invasão babilônica e ao exílio. Os vss. 14-15 podem ter sido inseridos por um editor posterior, tendo-os tomado por empréstimo de Jer. 23.7-8. Essa inserção quebrou a seqüência dos vss. 11-18. Os vss. 16-18 afirmam *como* Yahweh julgará, ao passo que os vss. 11-13 dão as *razões* para a retribuição.

Até nas fendas das rochas. A fim de ilustrar o julgamento iminente, o profeta emprega as figuras da pesca e da caça. Os pescadores são habilidosos na pesca e, uma vez que apanham o peixe, eles o matam. Por semelhante modo, os caçadores conhecem as artes de seu ofício (estender as redes e armadilhas) e, quando apanham a presa, eles a mata, a fim de usarem as partes do corpo como produtos a serem vendidos. Cf. Amós 9.2-4. Os babilônios desceriam contra Judá com propósitos assassinos, e saqueariam o povo e a terra de Judá visando seu próprio benefício. Da mesma forma que os pescadores e os caçadores às vezes se atiram a seu ofício somente por diversão, e não para ganhar dinheiro, assim também os babilônios desfrutariam seu jogo de matança e saques. A pesca e a caça são chamadas de "esportes". O exército babilônico faria da invasão um esporte, matando e saqueando Judá.

16.17

Porque os meus olhos estão sobre todos os seus caminhos; ninguém se esconde diante de mim. Os *olhos de Yahweh* observavam aqueles réprobos e tudo o que eles faziam (vss. 11-12), e, em consonância com o que via, assim Ele julgava. Ver sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* no *Dicionário.* Os homens não podem ocultar a iniqüidade do escrutínio todo-sondador de Deus. Ele julgará cada um em termos exatos. Isso garante a *justiça.* Cf. Jer. 32.19; Pro. 5.21 e 15.3. Ver também Heb. 4.12-13.

16.18

Primeiramente pagarei em dobro a sua iniqüidade e o seu pecado. A dupla recompensa do julgamento contra o pecado não significa punir *mais do que o merecido,* o que seria contra os conceitos divino e humano da justiça, mas tão-somente de maneira *ampla.* O julgamento será pesado. A Terra Prometida, que foi dada aos judeus como herança (ver Jos. 1.6; Juí. 2.6), lhes seria tomada. Portanto, a Terra Prometida é chamada aqui de terra de Yahweh, e não de Israel. A Terra Prometida, entretanto, foi usada por Judá para a prática da idolatria, e, por essa razão, perdeu seu caráter santo.

Em dobro. Erros econômicos que tivessem sido cometidos eram punidos por meio de uma multa que era o dobro da quantia envolvida na fraude e na injúria. Ver Êxo. 22.4,7. Mas aqui está em pauta uma punição completa, cobrada com o máximo rigor.

Os cadáveres dos seus ídolos detestáveis. Temos aqui uma interpretação, para que o trecho hebraico literal, *carcaças,* se refira aos muitos *ídolos* espalhados pela terra, como outras tantas estátuas sem vida. Ver Lev. 26.30. Portanto, provavelmente estão em vista animais sacrificados em honra aos ídolos pagãos, se a palavra literal, *carcaças,* for retida. Além do boi, da cabra, das ovelhas e de algumas espécies de aves, os pagãos também ofereciam *porcos* (ver Isa. 65.4 e 66.17), *ratos* (ver Isa. 66.17), *animais imundos* dos campos e até *crianças* (Jer. 19.5 e Eze. 16.20). Considerando-se o número enorme de ídolos a quem esses sacrifícios eram feitos, a quantidade de animais sacrificados deve ter sido realmente grande. Isso deixava inúmeras carcaças espalhadas pela terra.

As suas abominações. Temos aqui uma palavra comum que aponta para os ídolos, no Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Abominação.*

A Conversão das Nações a Yahweh (16.19-21)

16.19

Ó Senhor, força minha e fortaleza minha, e refúgio meu no dia da angústia. O capítulo 16 termina em uma nota com esperança. Naturalmente, a idéia aqui é escatológica, e só pode referir-se em sentido pleno à era do Reino de Deus. Embora Judá se tivesse voltado para os deuses falsos dos gentios, chegará o tempo em que os gentios se avizinharão do verdadeiro Deus de Israel. Cf. Isa. 2.2; 11.9; 45.20-24; Miq. 4.1-4; Eze. 36.23. Os gentios, através de suas horrendas experiências com a idolatria, reconhecerão que a fé de seus antepassados estava repleta de mentiras e ilusões, era pura vaidade e absolutamente sem valor.

As nações aproximar-se-iam do Deus de Jeremias, que era sua *força,* sua *fortaleza* e seu *refúgio* (ver Sal. 18.2). A idéia do versículo é que Deus é confiável. Ele tem os recursos para vencer nas batalhas, e Nele os homens podem ocultar-se em tempos de aflição. Até os pagãos finalmente reconhecerão o poder de Yahweh, em contraste com a impotência dos ídolos criados e endeusados pelos homens. Quanto a Deus como *refúgio,* ver a nota de sumário em Sal. 46.1, e o artigo do *Dicionário* denominado *Refúgio.* Quanto a Deus como *fortaleza,* ver Sal. 91.2, e quanto a Deus como *rocha,* ver Sal. 42.9.

16.20

Acaso fará o homem para si deuses que de fato não são deuses? Temos aqui uma pergunta bíblica padronizada sobre a idolatria. Se um homem cria um deus, esse será um deus de nada. Foi Deus quem criou os homens. Ver Jer. 2.11; Isa. 37.19; Gál. 4.8. Quanto à sátira excelente contra a estupidez do fabrico e da adoração dos ídolos, ver Isa. 44.9-20. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Idolatria.* Cf. Jer. 2.5.

16.21

Portanto, eis que lhes farei conhecer, desta vez lhes farei conhecer a minha força e o meu poder. Este versículo é uma espécie de sumário que apanha no ar as principais idéias do vs. 19. O Deus Todo-poderoso substituirá os deuses de nada. Os gentios perceberão que é Sua *mão* que opera maravilhas no mundo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mão,* bem como em Sal. 81.14. Quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6. Quanto a *braço,* ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Os gentios conhecerão o *Nome* do Senhor, e Lhe serão leais. O *Nome* representa a pessoa e seus atributos essenciais. Ver sobre isso no *Dicionário* e em Sal. 33.3. Quanto a *Nome Santo,* ver Sal. 30.4 e 33.21. Quando chegarem a esse conhecimento, as nações gentílicas se converterão e entrarão na era do Reino. Coisa alguma parecida aconteceu após o retorno do remanescente judeu da Babilônia, embora o profeta Jeremias possa ter esperado que assim acontecesse.

Alguns estudiosos pensam que o vs. 21 se aplica a Judá, e não aos gentios. Nesse caso, podemos ter aqui uma promessa adicional de julgamento, uma revelação da mão e do braço de Deus com propósitos de destruição, e não com propósitos salvatícios. Ou então o propósito é salvador, paralelo ao vs. 19, onde se aplica aos gentios. Seja como for, Yahweh é o Deus que cumpre tanto Suas ameaças quanto Suas promessas, e para ambas se faz necessário o poder divino. Ver Êxo. 6.3.

Talvez o versículo seja amplo o bastante para aplicar-se tanto aos gentios como a Judá, e também seja lato o suficiente para falar do julgamento e da eventual salvação que seguirá a punição disciplinadora. "Reconhecendo a vaidade de sua adoração aos ídolos, todas as nações se unirão na adoração do Deus onipotente de Israel" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 19-21), sendo presumível que Israel estará em companhia dos idólatras convertidos.

Capítulo Dezessete

Este capítulo apresenta uma série de poemas ou oráculos separados em que nada comum os atravessa para formar uma unidade. O melhor que podemos dizer é que o capítulo apresenta materiais mistos. Os temas são os seguintes: 1. A condição pecaminosa endurecida de Judá (vss. 1-4). 2. Um salmo de sortes contrastadas (vss. 5-8). 3. Uma declaração de sabedoria (vss. 9-10). A transitoriedade das riquezas mal obtidas (vs. 11). 5. A grandeza do templo de Jerusalém (vs. 12). 6. Esperança, vergonha e destino (vs. 13). 7. Outro lamento e oração do profeta (vss. 14-18). 8. A observância do sábado (vss. 19-27).

A Condição Pecaminosa Endurecida de Judá (17.1-4)

17.1

O pecado de Judá está escrito com um ponteiro de ferro. O julgamento divino, na forma do ataque lançado pelo exército da Babilônia e do exílio subsequente, tornou-se seguro pela iniqüidade incansável de Judá, que não foi diminuída por nenhum apelo ao arrependimento ou por nenhuma ameaça de punição. Seus pecados estavam gravados em dois lugares: no coração de Judá e no culto, simbolizado pelos chifres do altar. Talvez essas palavras tenham sido proferidas em um dia de expiação, quando o povo, de maneira leviana e frívola, fazia os movimentos dos sacrifícios, mas sem nenhum envolvimento de coração. O profeta Jeremias teve de relembrar aos judeus que os sacrifícios de animais, por si mesmos, não tinham valor, e até tinham-se tornado parte de sua maneira pecaminosa de viver. Cf. Jer. 6.20; 7.21-23 e 11.15. Ademais, o povo judeu havia promovido um sincretismo doentio em que Yahweh era apenas mais uma das divindades honrada pelo sistema de sacrifícios.

Diamante pontiagudo. "Uma pena de ferro, ou seja, um estilete ou instrumento de gravar (ver Jó 19.24), usado principalmente para fazer gravações sobre a pedra ou o metal. Em Sal. 45.1, parece que esse era o instrumento com o qual os escribas escreviam em seus tabletes.

"Diamante. Esta palavra exprime antes a idéia de dureza do que a idéia de brilho do diamante, sendo traduzida por 'diamante' em Ezequiel e Zac. 7.12. Estritamente falando, a palavra era usada unicamente para a ponta de diamante engastada no ferro, usada pelos gravadores. Tais instrumentos eram conhecidos pelos romanos (Plínio, *História Natural* 37.15) e talvez tenham sido usados na Fenícia ou na Palestina. As palavras descrevem uma nota de infâmia que não podia ser apagada" (Ellicott, *in loc.*).

Nas pontas dos seus altares. O estilete gravara os pecados no coração de Judá, que era tão duro que somente um diamante podia deixar impressões ali. Mas era o sangue posto sobre os chifres do altar que representava certo tipo de gravação, se usarmos um pouco a imaginação. Ver Lev. 4.7 e 16.18 quanto ao ato de lambuzar com sangue. O pecado de Judá era demonstrado nos chifres do altar, ou seja, até seus sacrifícios tinham-se tornado atos pecaminosos. Ver a introdução ao capítulo. Quanto aos chifres (projeções de pedra) do altar, ver Êxo. 29.12. Atos 17.13 mostra que os nomes dos deuses eram gravados nos altares, porém isso não quer dizer que o nome de uma divindade estivesse gravada nos chifres do altar. Mas esse fato pode ter provocado a figura empregada.

No Novo Pacto, a lei seria gravada no coração dos que participassem da nova aliança. Ver Jer. 31.33.

17.2

Seus filhos se lembram dos seus altares. O que fica implícito no vs. 1 é que Yahweh era o objeto dos sacrifícios, mas aqui temos menção aos infames bosques dos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), onde havia ídolos e, em muitas ocasiões, casais ocupados em sexo ilícito (honrando deuses da fertilidade) sob as árvores. Ver sobre os *Aserins,* em I Reis 14.15, onde apresento notas de sumário. Ver as notas sobre Jer. 3.13, que ilustram a desgastante idolatria-adultério-apostasia que ocorria em Judá. Aserá era a deusa cananéia da fertilidade, geralmente honrada mediante certos tipos de postes-ídolos. Ver Eze. 8.5. "... árvores sagradas (símbolos de ídolos) eram postas no meio das árvores naturais, ou talvez penduradas em árvores" (Fausset, *in loc.*). Até mesmo os filhos participavam da tola idolatria, através dos ritos. Ver sobre *Aserá,* no ponto quarto da seção III do artigo chamado *Deuses Falsos* no *Dicionário. Astarte* era sinônimo de Aserá.

17.3

Ó monte do campo, os teus bens e todos os teus tesouros darei por presa. Os vss. 3-4 são virtualmente idênticos a Jer. 15.13-14. Provavelmente o seu lugar original era no texto presente. Os altares pagãos cobriam os montes de Yahweh (Jerusalém), bem como todo o campo aberto. Todo aquele território, bem como a capital, além de toda a sua riqueza, seria entregue aos invasores babilônios como pagamento pelo pecado. A Terra Prometida seria perdida pelos judeus. Os tesouros seriam saqueados; a população seria morta, e os poucos sobreviventes seriam deportados.

"Monte do campo" é uma frase poética que aponta para Jerusalém. Talvez o templo fosse concebido como lugar central do saque. Os tesouros guardados no templo cairiam nas mãos dos invasores, e seus sacerdotes seriam mortos. O povo judeu dependia de Jerusalém como cidadela de segurança, pensando que Yahweh protegeria Seu culto ali; mas eles estavam equivocados. A glória do Senhor há muito tinha-se afastado daquele lugar miserável. Ver Jer. 15.13 e 20.5.

Em todos os teus termos. A destruição e o saque atingiria todo o território de Judá.

17.4

Assim por ti mesmo te privarás da tua herança que te dei. A Terra Prometida fora dada ao povo de Israel como herança (ver Jos. 1.6; Juí. 2.6), e essa era uma das grandes provisões do pacto abraâmico (ver as notas a respeito em Gên. 15.18). Mas a herança seria tirada das mãos dos filhos rebeldes, os rompedores do pacto que tudo anularam com sua idolatria-adultério-apostasia. Por enquanto os judeus tinham as mãos sobre a herança divina, mas o domínio sobre a Terra Prometida seria afrouxado pela intervenção do Senhor. "Perdereis a terra que vos dei. É a vossa própria falta. Permitirei que vossos inimigos vos levem como escravos. Sereis escravos deles em uma terra que nunca conhecestes" (NCV). Quanto ao fato de que eles "desconheciam" a Babilônia, cf. Jer. 14.18; 15.2,14; 16.13. Tudo o que tinham, e eles mesmos, seria levado para fora da Palestina, e a própria Terra Prometida, deixada para trás, tornar-se-ia um deserto desabitado. As *chamas da ira de Yahweh* é que os queimavam. Ver sobre essa frase em Jer. 15.14. O *fogo* veio a simbolizar o julgamento para além do sepulcro, mas essa idéia não faz parte do texto presente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fogo, Símbolo de.* E ver, também, o verbete chamado *Fogo,* seções VII e VIII.

Um Salmo de Sortes Contrastadas (17.5-8)

17.5

Assim diz o Senhor: Maldito o homem que confia no homem. Note o leitor a similaridade entre este breve salmo e o Salmo 1. Aqui é contrastado o destino dos que acreditam no homem e o destino dos que confiam em Deus. Alguns críticos pensam que o poema de Jeremias é anterior ao Salmo 1, e que este depende de Jeremias, e não vice-versa. O primeiro salmo é bastante tardio e poderia ter sido composto para agir como uma espécie de frontispício do saltério. O poema pode ser classificado como *salmo de sabedoria,* uma das classificações dos salmos. Quanto às classes dos salmos, ver o gráfico no início do comentário sobre o livro, que atua como uma espécie de frontispício do todo. Dou ali dezoito classes e listo os salmos pertencentes a cada classe. "Este salmo provavelmente foi colocado aqui porquanto elucida o princípio sobre o qual se baseia a condenação predita no vs. 4" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

E aparta o seu coração do Senhor! A fonte do poema era Yahweh. Foi Ele quem proferiu as maldições e as bênçãos sobre os homens, dependendo de suas obras. É Ele, igualmente, quem determina o destino de cada um deles. O homem que confia no homem é maldito. Ele faz do *braço fraco* do homem a base de sua fé. Seu coração se afastou de Yahweh, ou Ele não teria agido como agiu. Nenhum homem é auto-suficiente, mas os homens gostam de fingir que são. Talvez Zedequias esteja historicamente em vista. Ele confiava no homem, em vez de confiar em Deus, quando estabeleceu uma aliança com o Egito e, assim sendo, provocou a invasão babilônica. Mas todo o Judá tinha abandonado Yahweh e se fixado em si mesmo. Ver Isa. 31.1-3. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Fé.* Judá, em sua idolatria-adultério-apostasia, perdeu a fé em Yahweh e voltou-se para os ídolos e para as agências humanas. Ver Jer. 2.36-37; Mat. 3.9; João 8.33,39 e Fil. 3.4-5.

17.6

Porque será como o arbusto solitário no deserto. Em vez de ser como uma árvore que medra e prospera à beira do rio (ver Sal. 1.3), esse homem é antes como um arbusto no deserto, que luta pela sobrevivência em meio ao calor abrasador. Nada de bom chegará até ele. Sua habitação é em um ermo gretado, a terra salgada que é tão improdutiva. Os desertos com grande freqüência têm solo salgado, deixado por riachos que não mais os percorrem. O homem que depende de si mesmo é um homem do deserto. As chuvas da abundância vêm do Ser divino. "Deus quis fazer desse homem uma terra tão infrutífera como a terra salgada ao redor do mar Morto, incapaz de suportar a vida" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Deu. 29.23. "O homem ímpio é como uma planta infrutífera do deserto; o homem piedoso é como uma árvore frutífera bem regada (vs. 8). Cf. Sal. 1.3 e Pro. 3.18" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). "... os pastos estéreis das próprias obras de justiça de um homem, que é a esterilidade de um deserto, um lugar crestado pelo calor e onde habita o sal. Plínio (*História Natural* 1.13, cap. 21) observa que, onde o sal é encontrado, o solo é estéril e nada produz" (John Gill, *in loc.*).

17.7

Bendito o homem que confia no Senhor. Em contraste com o homem do versículo anterior, temos o homem que confia no Senhor. Ele é bem-aventurado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Bem-aventuranças.* É o homem que reside nas colinas bem regadas, produtivo e feliz. Ele depende do braço do Senhor, e não do braço do homem (vs. 5). A Fonte de Poder envia energias que brotam por meio dele. É um homem *vitalizado pelo Espírito.* Cf. Sal. 34.8; Pro. 16.20 e Isa. 30.18. Onde ele medra não há *mato ruim* (falsas confianças). Seu campo foi limpo

pelo anjo do Senhor. Ele continua *esperando* no Senhor como a origem de toda a boa vida e existência. Cf. Jer. 14.8; I Tim. 1.1; Col. 1.27; Sal. 146.5. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança.*

17.8

Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro. Temos aqui um paralelo direto de Sal. 1.3, onde dou notas expositivas detalhadas. Uma árvore estrategicamente situada perto de um rio tem o poder de espalhar suas raízes e assegurar a própria vida e produção. Quando o calor chegar, a árvore nada sentirá. Seus ramos estão cheios da seiva transmissora de vida. Suas folhas permanecem verdes, pois a fonte da vida está nelas. Até mesmo uma seca prolongada não prejudicará aquela árvore, e ela não deixará de produzir frutos, mesmo em tempos adversos. Isso representa o homem que continua a confiar em Yahweh como a fonte originária de sua vida. Esse homem é uma árvore verde, e não um arbusto ressecado do deserto (vs. 6). Ele se encontra em um solo fértil, e não em um campo salgado. Com base no Antigo Testamento, o homem que tem vida é aquele que guarda a lei de Moisés (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). Com base no Novo Testamento, o homem que tem vida é o aquele cheio do Espírito Santo. Esse homem, dotado de raízes profundas, conta com apoio e recursos ocultos. Ele não vive sozinho no mundo. Ao contrário, está em contato com o Ser divino.

Uma Declaração de Sabedoria (17.9-10)

17.9

Enganoso é o coração, mais do que todas as cousas. Em harmonia com o plano geral da seção, outro oráculo distinto tem a natureza de uma declaração de sabedoria. Nenhum tema comum percorre o capítulo, que reúne uma espécie de coletânea miscelânea de oráculos.

A grande depravação para a qual Judá tinha deslizado provavelmente sugere a declaração do vs. 9, que manifesta a total depravação do ser humano. Esse é um dos mais bem conhecidos versículos do livro, exatamente porque se tornou um texto de prova da depravação humana. O "coração" é o homem interior, a pessoa essencial e, se esse coração for enganador e desesperadamente mau, então é isso que *o homem é,* e não apenas uma parte dele. Judá tinha caído em uma iniqüidade impossível de reverter. Jeremias foi até instruído a não mais interceder pelo réprobo povo de Judá (ver Jer. 7.16 e 11.14). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre *Depravação.* Isso entra nas questões teológicas associadas àquele problema, as quais não examino aqui. Porém, deve-se notar que Judá, mediante longo processo de declínio e abuso do livre-arbítrio tinha chegando aonde estava. O povo de Judá tornou-se doente espiritualmente, e para onde quer que se voltasse encontraria outra ferida causada pelo pecado.

Ele tomou o sofrimento da raça humana;
Ele lia cada ferimento, cada fraqueza aclarava:
E punha o seu dedo sobre o lugar,
E dizia: Estás doente aqui! e aqui!

(Matthew Arnold)

A natureza humana está corrompida desde o princípio, e parte dessa corrupção é o auto-engano. O homem está realmente enfermo com o pecado, mas nada sabe sobre sua condição. Seu inescrutável auto-engano torna ainda mais seguro o processo da degradação, pelo que os homens maus vão de mal a pior. "Somente Deus pode realmente compreender o homem (ver Rom. 7.18-19). Por conseguinte, somente Deus pode julgar apropriadamente os homens (ver I Sam. 16.7; Sal. 62.12)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 9). "Confiar no próprio coração é tão insensato quanto confiar em outros homens (Pro. 28.26)" (Fausset, *in loc.*).

Quem o conhecerá? "Um coração corrompido é o pior inimigo que a criatura humana decaída pode ter. Esse coração é cheio de truques, engano, tolices e abominações. E o dono desse coração não sabe o que lhe está acontecendo, até que ferve e ultrapassa, com freqüência, o remédio" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. este versículo com Rom. 3.10 ss. Essa é a condição do homem enquanto ele for um ser mortal, a despeito dos perfeccionistas (que são, na realidade, pessoas *enganadas),* bem como dos fariseus, que se mostram tão orgulhosos que não podem ver a corrupção que se oculta por baixo da pele.

17.10

Eu, o Senhor, esquadrinho o coração, eu provo os pensamentos. Só Deus conhece o coração humano; e Deus vive sondando e testando o coração dos homens, para determinar sua natureza exata, bem como a natureza das obras que eles estiverem produzindo. Diz o hebraico, literalmente, "testo os rins", pois os hebreus atribuíam aos rins tanto as emoções como as faculdades racionais. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Rins,* quanto a plenas descrições. Nossa melhor tradução isolada para a palavra hebraica é "coração", a escolha da maioria dos intérpretes. Cf. este versículo com I Crô. 28.9; Sal. 7.9; Pro. 17.3 e Apo. 2.23.

É da atividade divina que testa o coração humano e examina os frutos dos atos humanos, que se originam os galardões ou as punições. Deus intervém nas atividades humanas. Ele não abandonou Sua criação, conforme postula o *deísmo.* Pelo contrário, o *teísmo* (ver sobre ambos os termos no *Dicionário*) é que está correto, em sua suposição de que a providência divina, em seus aspectos negativo e positivo, está sempre operando neste mundo. Cf. Isa. 13.6. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* e também *Providência de Deus.* "Somente Deus conhece os pensamentos íntimos e as motivações que um indivíduo pode ocultar de todas as outras pessoas. Portanto, somente Deus pode dar a cada indivíduo aquilo que cada qual merece" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver Atos 1.24, onde Deus é descrito como Aquele que "conhece o coração de todos". A verdadeira justiça será feita, afinal, porquanto, de outro modo, o deus deste mundo é o *caos.* Emanuel Kant baseou um argumento tanto em prol da existência de Deus como da sobrevivência da alma (e sua sobrevivência diante da morte biológica) sobre a necessidade da justiça, afinal. Neste mundo podemos observar que a justiça raramente se cumpre. Os bons sofrem e os maus prosperam. Por conseguinte, devemos postular um pós-vida no qual as almas serão devidamente galardoadas ou punidas. Além disso, devemos postular que existe um Poder e uma Inteligência suficiente para tomar conta dessa tarefa. A esse poder e inteligência, em uma pessoa, chamamos de Deus.

A Transitoriedade das Riquezas Mal Obtidas (17.11)

17.11

Como a perdiz que choca ovos que não pôs, assim é aquele que ajunta riquezas, mas não retamente. O profeta Jeremias observou algo que ocasionalmente ocorre entre as aves. A *perdiz* pode juntar uma ninhada de filhotes que não lhe pertencem. As coisas correm bem durante algum tempo, mas quando os filhotes ficam maiores eles mesmos abandonam a *falsa mãe.* As aves buscam aves da mesma espécie. Havia uma crença popular entre os hebreus: a perdiz roubaria os ovos de outras aves e os tomaria para si mesma. Isso envolveria o fato de que ela passaria a chocar os ovos, e que é seguido por algumas traduções, enquanto outros pensam que essa ave ajuntaria filhotes que já tivessem sido chocados. Seja como for, o sentido é claro: um homem que reúne riquezas não está realmente juntando o que lhe pertence. Algum dia ele será privado do que recolheu, a despeito de todo o labor que tenha investido em suas riquezas. E então ficará claro que ele é um tolo, por ter trabalhado tão duramente por aquilo que não poderia jamais reter. A verdade da questão é que qualquer pessoa só reterá aquilo que distribuiu, seguindo os ditames da lei do amor. As riquezas do tolo adquirem asas e voam para longe.

Ó maldita concupiscência do ouro!
Por tua causa o homem miserável
Lança fora o seu interesse em ambos os mundos.
Primeiro, ele passa fome neste mundo,
E então ele é condenado no outro.

(Blair)

Cf. o versículo com Luc. 12.20 e Sal. 49.13. O Targum diz aqui: "No fim ele é chamado de homem iníquo", pois é evidente que o que ele tem foi obtido através de meios iníquos, e não mediante labor árduo e honesto.

A Grandeza do Templo de Jerusalém (17.12)

17.12

Trono de glória enaltecido desde o princípio, é o lugar do nosso santuário. Temos aqui outro oráculo ou declaração mista que o capítulo 17 reuniu, a despeito do fato de que nenhum tema comum os une. Jeremias tinha falado duramente acerca do templo e de seu culto (ver Jer. 7.1-15 e 26.1-6). Mas temos aqui menção ao templo ideal, e não ao que existia nos dias de Jeremias. Esta afirmativa provavelmente tem por intuito contrastar o templo de Jerusalém com os falsos altares e objetos cultuais ímpios dos vss. 1-2. Idealmente, o templo era um lugar glorioso de adoração e culto a Yahweh, um tipo de trono glorioso no qual o Senhor estaria assentado. Isso fora ordenado desde o começo porque Yahweh dera instruções sobre a construção do templo, juntamente com os elaborados detalhes concernentes a cada item. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Templo de Salomão.* Judá, porém, em sua idolatria-adultério-apostasia, tinha feito a glória do Senhor afastar-se do templo. Portanto, o santuário, o Lugar Santo, foi perdido pelo povo de Israel (ver Isa. 8.14 e Eze. 11.16). Os judeus da época de Jeremias

passaram a acreditar, inutilmente, que Jerusalém e seu templo eram invencíveis, mesmo atacados pelos babilônios. Mas isso acabou revelado como ilusão. Ver Jer. 7.3-4.

Esperança, Vergonha e Destino (17.13)

17.13

Ó Senhor, esperança de Israel, todos aqueles que te deixam serão envergonhados. Outra declaração miscelânea foi adicionada aqui à coletânea do capítulo 17. Yahweh é a verdadeira esperança, mas somente os justos podem ter certeza de Seu favor, que lhes garante um bom destino. Em contraste com isso estão os que esquecem a Esperança de Israel e terminam envergonhados e julgados. Os bons terão seu nome escrito no *Livro da Vida* (ver Êxo. 32.32; Isa. 4.3; ver o artigo com esse título no *Dicionário*). Mas os que se afastam de Yahweh terão seu nome escrito no pó. Quanto à questão dos nomes escritos no pó, ver os seguintes pontos:

1. Isso aponta para um lugar que não pode reter os nomes inscritos, pois eles serão obliterados pela primeira chuva ou pelo primeiro vento que soprar sobre eles.
2. Ou a referência é à morte e ao sepultamento, que aniquilam o nome dos ímpios.
3. Os nomes não ficariam inscritos em uma rocha, mas, por assim dizer, somente sobre a areia (ver Jó 19.24). Há aqui uma alusão à escrita oriental sobre o solo. Ver João 8.6.

O *nome* representa a pessoa essencial e seus atributos. Também pode haver aqui uma alusão à vida além-túmulo, ou por meio da alma, que é imortal, ou mediante a ressurreição. Nesse caso, o profeta não se incomodou em buscar e ilustrar o assunto. Ver os verbetes intitulados *Imortalidade* e *Alma* no *Dicionário* e também na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* onde os estudos são mais extensos. O Targum apela ao pós-vida para interpretar este versículo, mas esse por ser apenas um reflexo do judaísmo posterior.

Fonte das águas vivas. Quanto à metáfora da *água* como vida, ver o *Dicionário*. Cf. Jer. 2.13; João 4.14; 7.38. A apóstata Judá tinha abandonado a fonte da vida.

Outro Lamento e Oração do Profeta (17.14-18)

17.14

Cura-me, Senhor, e serei curado, salva-me, e serei salvo. Jeremias era o profeta das lamentações. Cf. a presente seção com Jer. 11.18; 12.6; 15.10-21; 18.18-23; 20.7-13,14-18. Sua clara visão do que aconteceria na invasão babilônica e no subseqüente exílio de Judá deu-lhe inúmeras razões para lamentar e orar. "Doente no coração por causa dos escárnios de seus oponentes, Jeremias orou por sua cura (cf. Sal. 6.2-3). Ele não queria ver o dia do julgamento divino (ver Amós 5.18; Isa. 2.11), mas, se essa fosse a única maneira possível de ser vindicado em sua missão, para que ela fosse comprovada como genuína, então ele queria que o julgamento divino descesse em toda a sua fúria" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

Alguns estudiosos pensam que neste versículo temos uma declaração separada, posta entre o vs. 13 e a seção dos vss. 15-18. Se, porventura, esta afirmação pertence aos versículos que se seguem, então a seção consiste nos vss. 14-18. Nesse caso, o versículo provavelmente fala das feridas espirituais e morais infligidas contra Jeremias pelo povo, e não de alguma enfermidade física da qual ele pediu libertação. Sua vindicação e o julgamento divino contra Judá seriam uma cura para Jeremias, e ele se sentiria salvo da calamidade. Se isso fosse feito, então o profeta prorromperia em *louvor* (ver a respeito no *Dicionário*) apropriado, o que faz parte da adoração (ver o verbete do *Dicionário* chamado *Adoração*).

Nem Jeremias vivia nem nós vivemos à altura das declarações de Jesus sobre amar e orar pelos nossos inimigos (ver Mat. 5.44). Paulo também estabeleceu um elevado padrão que fica acima de nós (ver Rom. 12.19 ss.).

Alguns tomam o vs. 14 como referência aos pecados do próprio profeta, que ele precisava que fossem perdoados, antes de poder orar eficazmente contra seus inimigos, assegurando assim a vingança divina.

17.15

Eis que eles me dizem: Onde está a palavra do Senhor? Que se cumpra. Os inimigos de Jeremias zombavam dele e de sua missão, questionando abertamente se ele teria mesmo ou não alguma mensagem autêntica da parte de Yahweh. Eles zombavam de Jeremias mais ou menos como Jesus foi zombado por Seus inimigos: "Fala agora alguma profecia, tu, fraudulento!". Ver Luc. 22.64. Até aquele tempo, as ameaças de Jeremias sobre o julgamento divino não tinham sido cumpridas, razão pela qual eles perderam o temor de que realmente se cumprissem algum dia. Ver Deu. 18.22; Isa. 5.19; Mal. 2.17 e Amós 5.18, bem como II Ped. 3.4. Assim, Jeremias começou a esperar que suas terríveis profecias em breve se cumprissem! Sua ira era maior do que sua compaixão.

17.16

Mas eu não me recusei a ser pastor, seguindo-te; nem tão pouco desejei o dia da aflição. Até esse ponto da narrativa, o profeta não havia insistido para que Yahweh cumprisse Sua palavra prontamente. Pelo contrário, ele quis interceder em favor dos réprobos, embora tivesse sido proibido de fazê-lo. Ver Jer. 7.16; 11.14 e 14.11. Não estava no coração de Jeremias regozijar-se diante do sofrimento humano. Ele tinha fielmente entregado a mensagem de Yahweh, e deixara a questão nesse pé. Tudo quanto Jeremias fez fora testemunhado por Yahweh (ou seja, "está no teu conhecimento"). Coisa alguma foi feita em segredo, nem a mensagem se alterou em nenhum sentido. Mas os escarnecedores tinham ferido de tal modo o profeta, com suas palavras e ameaças, que lhe faltou a paciência. Por conseguinte, ele "mudou de atitude", conforme se diz em um ditado popular, e começou a orar pela vindicação imediata, através do cumprimento de suas profecias de condenação (vs. 18).

17.17

Não me sejas motivo de terror. Embora o profeta tivesse orado pelo imediato julgamento divino contra Judá, ele pediu que Deus o isentasse, por causa de sua retidão e fidelidade. Ele tinha esperado corretamente em Yahweh. Ver o vs. 13. E dificilmente poderia ser enumerado entre os apóstatas que mereciam o que estava prestes a acontecer.

> *Senhor, não me sejas motivo de terror. Corro para ti em tempos difíceis, para minha segurança.*
>
> (NCV)

Talvez a petição deste versículo inclua os temores que o profeta tinha de sofrer mais ainda às mãos de seus adversários, mas o tema principal parece ser o terror imposto pela invasão dos babilônios e pelo exílio subseqüente. Seja como for, Jeremias foi *poupado* e passou o resto de sua vida no Egito. Ver no *Dicionário* sobre *Jeremias (o Profeta),* III.3,4, para maiores detalhes.

17.18

Sejam envergonhados os que me perseguem, e não seja eu envergonhado. Este versículo não contradiz o vs. 16, mas meramente olha além. Jeremias nunca quis que as profecias de condenação viessem contra Judá, mas sendo tão amargamente perseguido e desejando *vingança,* ele começou a pedir a Yahweh que trouxesse o julgamento. Poderíamos mesmo dizer que Jeremias não se mostrou muito caridoso; por outro lado, entretanto, as coisas tinham-se desintegrado de tal maneira que não havia mesmo outra solução. Judá precisava ser julgado. Através desse julgamento, um minúsculo remanescente seria purificado, de modo que uma pequena quantidade de prata seria separada da escória geral. E então haveria um Novo Dia para Israel. Cf. este versículo com Jer. 16.18, que também menciona o *duplo* castigo, ou seja, uma punição completa.

A Observância do Sábado (17.19-27)

17.19

Vai, põe-te à porta dos filhos do povo, pela qual entram e saem os reis de Judá. Esta seção é outro item dos materiais mistos que constituem o capítulo 17. Alguns estudiosos pensam que esta seção teve origem pós-exílica, quando a observância do sábado se tornou muito importante. Afinal, o sábado era o sinal do *pacto mosaico.* Quanto a isso, ver a introdução a Êxo. 19. Terminado o exílio, houve nova ênfase sobre a legislação mosaica como o guia do Novo Israel, e o sábado naturalmente era parte importante disso. Outros supõem que o próprio Jeremias tenha enfatizado esse mandamento particular da lei, exatamente por ser o sinal do pacto inteiro.

"Jeremias pode ter favorecido a guarda apropriada do sábado, mas por certo ele não teria feito tanta coisa depender disso, conforme estes versículos subentendem... Muitos comentadores datam esta seção no período pós-exílico, dentro ou próximo do tempo coberto por Nee. 13.15-22, que mostra preocupação similar com a observância sabática. Não é impossível, entretanto, que tal preocupação tivesse aparecido em uma época anterior" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Cf. a ênfase similar que se vê em Isa. 56.2-6 e 58.13-14.

Aquilo que mais contribui para pensarmos em uma data posterior é a promessa implícita de que o arrependimento, quanto à guarda do sábado, faria reverter o desastre. Os vss. 25-26 parecem fora de lugar como promessa pré-exílica, mas se adaptam bem à situação pós-exílica. As seções anteriores de Jeremias projetaram a idéia de que Judá se transformou em um caso irremediável, e que a

punição divina era *inevitável*. Porventura a observância do sábado reverteria a situação? Poder-se-ia argumentar que esse era apenas um dos itens da lei mosaica, representando a legislação inteira. Por isso, segue este argumento: A observância da lei inteira em geral, bem como do sábado em particular, poderia salvar Judá da ameaça babilônica. Essa é uma "boa tentativa", mas que, em minha opinião, fracassa. Ver, porém, as notas relativas aos vss. 21-27.

Como também a todas as portas de Jerusalém. Jeremias deveria postar-se em um lugar em evidência, para transmitir sua mensagem o mais amplamente possível. O literal hebraico para as "portas" é "a porta do povo" ou "a porta dos filhos do povo", que alguns identificam com o portão de Benjamim. Outros supõem que esteja em pauta a Porta Oriental. Ezequiel mencionou essa porta como um lugar onde os líderes de Judá se congregavam (ver Eze. 11.1). O Portão de Benjamim ficava na extremidade norte da cidade (ver Jer. 37.13). Era onde um rei poderia assentar-se em seu trono (ver Jer. 38.7). Mas Jeremias também deveria passar por todas as *outras portas* da cidade, proclamando a sua mensagem.

17.20

Ouvi a palavra do Senhor, vós, reis de Judá e todo o Judá. Ao seguir as orientações de Yahweh, o profeta faria sua mensagem ser ouvida por todos os líderes, e também pelo povo comum. A mensagem da guarda do sábado, como um dos *dez mandamentos* (ver a respeito no *Dicionário* e também em Êxo. 20.10) e o sinal do *pacto mosaico* (ver a Introdução a Êxo. 19), era essencial para o bem-estar de Judá. Os portões da cidade de Jerusalém faziam o papel hoje desempenhado pelo rádio e pela televisão.

17.21

Assim diz o Senhor: Guardai-vos por amor da vossa alma. A observância do sábado incluía não fazer nenhum trabalho, e é isso o que está em pauta aqui. Naturalmente, as pessoas trabalham para ganhar dinheiro, e a conotação aqui é a de que carregar fardos incluía trazer produtos aos portões para comerciar com eles. Era difícil fazer cessar o comércio. Todos estavam atrás de dinheiro; e a regra de "um dia de descanso" por semana se punha no caminho dos bons negócios. Apoiando a idéia de que este oráculo era pré-exílico, Fausset (*in loc.*) observou: "A não observância do sábado foi uma das causas principais do cativeiro — o número dos anos de cativeiro, *setenta*, corresponde ao número de anos sabáticos que não foram observados durante os 490 anos de possessão da terra de Canaã, de Saul até a remoção dos judeus da Terra Prometida (ver Lev. 26.34-35), cumpridos exatamente de acordo com II Crô. 36.21". No tempo de Neemias, somos especificamente informados de que, entre os produtos comerciais vendidos nas portas da cidade, estavam o vinho, as uvas, os figos, os peixes e o trigo (Nee. 13.15). Esse versículo também diz que o comércio era efetuado nos dias de sábado. Nee. 13.15-22 relata a restauração do sábado. Essa ênfase, nos dias de Neemias, poderia favorecer a noção de que este oráculo é de tempos pós-exílicos.

17.22

Não tireis cargas de vossas casas no dia de sábado. Nenhuma carga deveria ser transportada em dia de sábado, por razões comerciais ou particulares. O sábado deveria ser um dia santo, separado para os ritos cultuais, para ouvir a lei, para adorar e para receber instruções gerais. Os antepassados daquela geração tinham recebido essas instruções, e o profeta não estava promovendo nenhum ensino novo. Ver Êxo. 20.8-10 e 31.13-17. Conservar o sábado santo tinha por intuito ser um sinal de retidão geral. Ver Eze. 20.12. Não guardar o sábado era algo que assinalava o ímpio, que estava mais interessado em seus próprios negócios materiais do que em sua espiritualidade. A observância do sábado, originalmente, era algo efetuado com ares festivos, mas com o passar dos séculos foram adicionadas muitas regras que tornaram opressiva essa observância. Foi por esse motivo que Jesus teve de relembrar aos fariseus que o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado (ver Mar. 2.27). Em sua revolta, entretanto, muitos judeus preferiram secularizar o dia de sábado e a própria vida.

17.23

Mas não atenderam, não inclinaram os ouvidos. Temos aqui uma típica linguagem deuteronômica, a desobediência à lei mosaica, neste caso especificamente à lei do sábado; eles tinham pescoço duro de touros que lutam contra o jugo (ver II Crô. 36.13; Sal. 75.5; Deu. 31.27). Eles se recusavam a ouvir a voz de Deus (ver Sal. 64.1); rejeitavam as instruções da lei, que era seu *guia* (Deu. 6.4 ss.). Cf. Jer. 7.24,26.

"... duros de cerviz, refratários, desobedientes... sempre o caráter do povo, os pais e seus filhos (Atos 7.51)" (John Gill, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Dura Cerviz*.

Eles não me deram qualquer atenção. Eram muito teimosos.
Eu os castiguei, mas não houve resultado algum.

(NCV)

17.24

Se deveras me ouvirdes, diz o Senhor, não introduzindo cargas pelas portas. Este versículo repete o que vemos nos vss. 21-22. E essa repetição é usada para *introduzir* a promessa relativa aos que obedecessem ao mandamento. Alguns intérpretes continuam insistindo que a parte da lei (a observância do sábado) representa a lei em sua inteireza. Seja como for, sem dúvida está em pauta a fidelidade ao pacto.

A Promessa aos Obedientes (17.25-26)

17.25-26

Então pelas portas desta cidade entrarão reis e príncipes. A alma de Jerusalém seria restaurada. Tornar-se-ia novamente o centro de um yahwismo sincero. O culto seria restaurado, e toda a nação de Judá participaria dele. O profeta dá-se ao trabalho de enumerar partes representativas de Judá como participantes da devoção renovada. Considere o leitor estes pontos:

1. Os *reis* que se assentassem no trono de Davi dariam bom exemplo, chegando em seus esplêndidos cavalos ou carruagens, liderando o cortejo que se ajuntaria na cidade para celebrar o culto a Yahweh.
2. Com eles estariam os *príncipes*, os governantes menores, que seguiriam o bom exemplo dos reis. Haverá longa sucessão de *reis*, que sempre contarão com seus príncipes fiéis, e, juntos, eles garantirão o retorno à fé primitiva por muito tempo.
3. Os *homens de Judá*, os habitantes em geral, seguirão o bom exemplo dos líderes e se tornarão discípulos devotos do yahwismo.
4. Os homens de Judá se ajustarão novamente às condições do pacto divino, e Jerusalém será, uma vez mais, o verdadeiro centro da adoração a Yahweh. Os *lugares altos*, que nos dias de Jeremias estavam espalhados por toda a parte, serão abandonados, quando o yahwismo for reavivado. O paganismo, por sua vez, será abandonado com seus muitos deuses e deboches (ver isso ilustrado em Jer. 3.13).
5. Homens, mulheres e crianças, o povo em geral virá de todas as cidades de Judá (vs. 26), o que mostrará uma *virtual conversão nacional* que acompanhará a nova *unidade nacional*.
6. Benjamim (outra tribo que, com Judá, constituirá as terras do sul) mostrar-se-á ativa na renovação espiritual e religiosa (vs. 26).
7. Outro tanto sucederá à área chamada Sefelá, as colinas que formavam ondas no oeste (sopés de colinas ocidentais).
8. Também acontecerá a mesma coisa no *Neguebe*, o deserto ermo no sul de Judá.

Pessoas de todas as classes trarão os holocaustos e sacrifícios diversos somente para Yahweh, como também sacrifícios dos quais outras pessoas participarão, como as ofertas pacíficas (de cereais), a queima de incenso e as oferendas de agradecimento. Todas isso será feito no templo de Jerusalém, em concordância com os ditames da lei mosaica. O quadro é de total restauração do yahwismo, acompanhada pela restauração nacional e pela unidade sob a bandeira de Yahweh. Todas essas coisas acontecerão em *conjunção* com a restauração da observância do sábado. Ver no *Dicionário* o artigo geral chamado *Sacrifícios e Ofertas*.

Ameaça contra os Desobedientes (17.27)

17.27

Mas, se não me ouvirdes, e por isso não santificardes o dia de sábado. Este versículo faz notável contraste com os vss. 25-26. Há uma promessa aos obedientes e uma ameaça contra os desobedientes. Se a voz de Yahweh fosse ignorada e o sábado não fosse restaurado à sua importância mosaica (presumivelmente uma parte que representa a totalidade da lei), então uma calamidade certamente sobreviria. Jeremias tomou tempo suficiente para dar detalhes, repetindo de novo a essência dos vss. 21-22: os homens continuariam a fazer seu trabalho em dia de sábado, cumprindo suas tarefas pessoais e também cuidando de seus empreendimentos monetários, usando a porta da cidade como posto comercial. Se assim fizessem, teriam de enfrentar as chamas do castigo de Yahweh. Cf. o vs. 4 e ver no *Dicionário* os artigos *Fogo, Símbolo do* e *Fogo*, seções VII e VIII.

O *julgamento de fogo* seria severo, devorando os palácios de Jerusalém, as residências dos ricos e, presumivelmente, os lugares humildes do povo comum. O fogo queimaria até nada restar para ser queimado. Alguns intérpretes fazem dessas chamas as destruições causadas pelos invasores babilônicos, mas outros vêem o mesmo tipo de coisas acontecendo de novo ao remanescente pós-exílico, *caso eles não preservassem* o yahwismo puro. Cf. Jer. 49.27. Ver também Jer.

52.13 e II Reis 25.9. "Nebuzaradã, o capitão de Nabucodonosor, queimou a casa do rei e todas as casas dos homens importantes de Jerusalém" (Fausset, *in loc.*).

Capítulo Dezoito

O Oleiro e o Jarro Quebrado (18.1 – 20.18)

Parábola e Conspiração (18.1-23)

Este capítulo pode ser convenientemente dividido em três partes: 1. A parábola do oleiro (vss. 1-12). 2. A desnaturalidade do pecado de Israel (vss. 13-17). 3. A conspiração contra Jeremias (vss. 18-23). Esta terceira seção inclui outra oração de Jeremias pedindo vingança contra os seus adversários (cf. Jer. 17.14-18).

A Parábola do Oleiro (18.1-12)

Esta parábola é uma clássica ilustração hebréia da soberania de Deus. Quanto a outras instâncias dessa parábola, ver Isa. 29.16; 45.9; 64.8; Sabedoria de Salomão 15.7; Eclesiástico 33.13 e Rom. 9.21. Algumas dessas passagens contêm um *determinismo inflexível:* não há condições remidoras, como um possível arrependimento. Diferentemente dessas passagens, a parábola dada aqui por Jeremias apresenta *causas secundárias:* o povo era capaz de arrepender-se e isso deveria reverter o processo da destruição e terminar na restauração. Ver o vs. 8. Yahweh pode plantar ou derrubar, tudo dependendo de como os homens reagem ao Seu trato. Deus haveria de reagir favoravelmente para com aqueles que se arrependessem, *plantando e edificando* (vs. 9). Os homens que se arrependem podem fazer Deus arrepender-se! (vs. 10).

A parábola do oleiro, conforme dada em Rom. 9, é totalmente diferente. Encontramos ali Deus como a Única Causa, sem nenhuma consideração para com causas secundárias. A teologia dos hebreus tendia a ser fraca quanto a causas secundárias, o que os levava a fazer de Deus a causa do mal, e não meramente do bem. Mas a verdade é que a soberania divina é governada pelo amor divino, e as causas secundárias sempre têm vez. O calvinismo radical é culpado de preservar o erro de Deus como a única causa, sendo fruto de uma teologia unilateral e deficiente. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Predestinação,* quanto a uma detalhada discussão a respeito.

"É provável que, na seção sul de Jerusalém, Jeremias tenha visto um *oleiro* a moldar o barro inanimado. Assim também Deus molda as pessoas. Mas Deus não trata caprichosamente com elas. O designio do mal pode ser substituído pelo designio do bem, *caso* as pessoas se arrependerem. Mas elas se recusam a isso" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). "O profeta pode ter usado originalmente essa figura como a *base da esperança* de que Israel finalmente tornar-se-ia aquilo que Deus queria que ela fosse. Como George Adam Smith reconheceu, esta seção ensina a paciência divina, bem como a soberania e a liberdade divina" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

18.1

Palavra do Senhor que veio a Jeremias. Jeremias viveu uma vida encantada. Os *oráculos* dados por Yahweh o guiavam a cada passo do caminho. Embora ele ficasse desencorajado e também tivesse sua parcela de queixumes, embora rogasse que Yahweh enviasse sua vingança de fogo contra o povo *agora* (ver Jer. 17.14-18), ele nunca se desviou do propósito de sua missão, que foi cumprida à risca. Parte do segredo do profeta, naturalmente, era sua comunhão com o Ser divino e suas constantes experiências místicas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Misticismo* (o bom e o mau). Ver também, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Desenvolvimento Espiritual.* Agora, porém, um novo oráculo introduz a parábola do oleiro.

18.2

Dispõe-te, e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras. Na casa do oleiro, Jeremias ouviria a voz de Yahweh e receberia outra revelação que o ajudaria a dar advertências claras ao povo que se perdia em sua idolatria-adultério-apostasia. A casa do oleiro era uma olaria onde se fabricavam vasos de barro. Provavelmente ficava localizada no vale do Hinom, ao sul de Jerusalém, e o texto à nossa frente presume que se tratava de um lugar bem conhecido. O profeta sabia aonde ir. Provavelmente, as atividades do oleiro, na olaria, tenham dado nome à Porta do Oleiro (19.2). "A olaria teria incluído as oficinas do oleiro: um campo para guardar e tratar o barro; uma fornalha para endurecer os vasos que se fizessem; e um lugar de lixo para os vasos refugados" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Cf. Mat. 27.7. O *campo do oleiro* provavelmente aponta para a mesma localização da *casa do oleiro.* Tinha-se desenvolvido ali um terreno vago, que havia exaurido sua anterior utilidade. Ver no *Dicionário* o artigo *Acéldama (Campo do Oleiro).*

18.3

Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra. Obedecendo ao mandato divino e cheio de expectação sobre o que aconteceria dessa vez, Jeremias desceu à olaria e encontrou-o a trabalhar arduamente na roda de oleiro. "O torno horizontal do oleiro consistia em dois pratos redondos, e o inferior era maior que o superior. Originalmente, as rodas de oleiro eram feitas de pedra; mais tarde, porém, passaram a ser feitas de madeira. Na roda superior, o oleiro moldava o barro no formato que quisesse" (Fausset, *in loc.*). O nome hebraico da roda de oleiro era *'obhnayim,* que é um dual, porque usava dois elementos, o prato de baixo e o prato de cima. A parte mais pesada, de baixo, provia o eixo, e a parte mais leve, de cima, provia a função de moldar. Eclesiástico 38.29-30 descreve o trabalho de um oleiro usando um aparelho mais sofisticado que era posto a girar mediante o uso de um pedal. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Oleiro (Olaria).* Um oleiro usava as mãos para moldar o vaso, tal como Deus fez por ocasião da criação do universo e em Seus subseqüentes atos de soberania (ver Isa. 29.16; 45.9 e 64.8).

18.4

Como o vaso, que o oleiro fazia de barro, se lhe estragou na mão. O oleiro obtinha bons e maus resultados. Talvez ele pudesse refazer o vaso que se tinha estragado, mas algumas vezes ele lançava fora vasos em formação, no monte de refugos, porque a falha era *irremediável.* O estado presente de Judá também era lamentável, porque o povo tinha-se estragado a si mesmo. O arrependimento permitiria que o mesmo barro fosse retrabalhado, mas, se o povo de Judá não se arrependesse, então o vaso estragado seria jogado fora ao vento, no exílio babilônico. E algum dia um novo vaso (o Novo Israel) seria feito. O Oleiro divino, porém, tinha diversas opções, e qual delas ele empregaria em Seu trabalho dependia de *causas secundárias,* que se fazem inteiramente ausente na severa passagem determinista de Rom. 9.19 ss. Caros leitores, triste é dizer isso, mas Jeremias, nesta passagem, mostrou-se mais sábio, teologicamente falando, do Paulo naquele trecho da epístola aos Romanos. Todavia, outras passagens de Romanos vêem Deus acima da teoria da *Causa Única,* fazendo alusões pontuais a causas secundárias.

Aplicação da Parábola (18.5-12)

18.5-6

Então veio a mim a palavra do Senhor. A palavra de Yahweh continuava sendo dada ao profeta, enquanto ele construía sua lição objetiva. Jeremias observava o oleiro, em seu trabalho, quando a voz divina lhe disse como aplicar, à vida espiritual de Judá, as coisas que ele estava vendo.

Não poderei eu fazer de vós como fez este oleiro...? Yahweh é o Oleiro divino e pode fazer o mesmo tipo de coisa que o oleiro fazia em seu trabalho. Judá era o barro. Várias possibilidades se apresentam diante de nós:

1. Um bom barro, livre de rebeliões e apostasias, pode tornar-se um vaso glorioso para ser usado pelo Senhor, um povo especial preparado por Yahweh, o qual, ato contínuo, podia ser um instrumento preparado para espalhar o yahwismo a outras nações. Deus fará com todas as nações aquilo que fez com Israel (vss. 7-10).
2. O barro que se estragasse poderia ser *refeito,* se houvesse arrependimento. Se isso ocorresse, então o desastre da invasão babilônica e o exílio subseqüente poderiam ser evitados. Esta parábola é um convite ao arrependimento (vs. 8), e não meramente uma descrição da soberania divina.
3. Ou então, se não houvesse arrependimento, o vaso estragado seria rejeitado e jogado fora. Em data posterior, Deus faria um novo vaso, o Novo Israel, após o cativeiro. Cf. este versículo com Isa. 45.9; 64.8 e Rom. 9.20-21.

Deus tem todo o poder, mas Lhe agrada condicionar esse poder ao que o homem fizer. Esse é um fato incrível que está no centro mesmo do evangelho cristão. Um poder incondicional torna-se uma *tirania,* e é isso que caracteriza o calvinismo radical. Não existe tal coisa como o poder de Deus divorciado de Seu amor. Considere o leitor isto: O amor de Deus é o *maior poder* que existe no mundo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amor.*

18.7

No momento em que eu falar acerca de uma nação. Os vss. 7-10 generalizam a mensagem, incluindo *todas as nações.* O poder e a soberania de Deus são universais, e não provinciais. Ele não é somente o Deus de Israel, mas também de todos os homens, da mesma forma de que é o Criador de todos. Este versículo fala sobre a questão do ponto de vista da providência negativa. E o versículo seguinte fala da perspectiva positiva. Deus pode arrancar de seu lugar uma nação ou reino, tal como as plantas são desarraigadas por um agricultor. Ele pode derrubar uma nação ou reino, da mesma maneira que um exército derruba

uma muralha defensiva, ou como os construtores podem derrubar um edifício qualquer do qual não gostaram, a fim de abrir espaço para outra construção. E o desarraigar ou derrubar, efetuados por Deus, podem ser atos de *destruição*, ou seja, um objeto é aniquilado de forma que se perca totalmente seu uso original.

"Jeremias estava aprendendo agora que a obra de Deus é *condicionada*. Em ousada linguagem antropomórfica, Yahweh apresenta-se como quem tinha mudado repentinamente Seus propósitos. A nação que fosse assim afetada poderia passar do mal para o bem, ou do bem para o mal. A mudança aparente é apenas a expressão da lei eterna da retidão, que trata os homens em conformidade com suas obras. Não há aqui nenhuma vontade predestinadora irresistível" (Ellicott, *in loc.*). As obras humanas são causas secundárias que determinam os eventos.

Condicionamentos (18.8)

18.8

Se a tal nação se converter da maldade contra a qual eu falei, também eu me arrependerei do mal. Deus usa Seu poder com o intuito de *fazer o bem* para o indivíduo ou nação quando os praticantes do mal se arrependem. Nesse caso, Deus também se arrepende. Quanto ao arrependimento divino, ver as notas expositivas sobre Êxo. 32.14 e também o artigo geral do *Dicionário* intitulado *Arrependimento.* Isto posto, Deus condiciona Sua vontade e trabalha em harmonia com a vontade e as obras dos homens. Essa é outra maneira de dizer que um homem tem a liberdade de escolher, e que as suas escolhas são agentes determinadores. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livre-arbítrio.* A vontade de Deus é constante, como também são Seus propósitos. Essa vontade e esses propósitos são sempre empregados para fazer o bem em favor dos homens; mas os homens devem corresponder com atitudes e intenções apropriadas, pois, de outro modo, o julgamento divino será descarregado sobre a cabeça deles. Mas até o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus, para realizar um bem positivo por meio da disciplina, refinando através do fogo e derrotando a iniqüidade.

18.9

E no momento em que eu falar acerca de uma nação ou de um reino, para o edificar e plantar. Este versículo é uma ampliação das idéias do vs. 8. A disciplina aplicada por Deus termina em construção e plantio positivo. Assim sendo, as metáforas do vs. 7 são repetidas, mas agora de maneira positiva.

> *Lembro-me de ter parado no caminho*
> *Para ver o oleiro batendo no barro úmido.*
> *(E o barro murmurava)*
> *Gentilmente, irmão, gentilmente...*
>
> (Omar Khayyam)

"Se o barro mostrar-se rebelde e não corresponder ao desígnio de seu Criador, deverá ser quebrado e reformado. Mas, se o barro se mostrar maleável, arrepender-se e abandonar o mal que praticou, o Criador ainda poderá transformá-lo em vaso útil; porém, se o barro já endureceu e está fixo em sua má forma, então Judá terá de cair" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

18.10

Se ela fizer o que é mal perante mim, e não der ouvidos à minha voz... Este versículo é o contrário do anterior. Supõe que o barro em questão represente uma gente endurecida que não deseja arrepender-se e, assim sendo, mediante o próprio endurecimento, fixou seu infeliz destino. Esse povo não ouve a voz de Yahweh, não está aberto à instrução, e qualquer chamado ao arrependimento cai em ouvidos surdos. Quando tais condições imperam, o bem que Deus fez é anulado. De fato, no caso de tais pessoas, "Deus arrepende-se" do bem que porventura lhes prometera fazer: Ele retém o benefício que já estava a caminho. O vaso endurecido contém uma falha, e é quebrado e lançado no monte de restos inúteis. Isso significa que a invasão babilônica e o exílio subseqüente ocorreriam como fora planejado pelo Senhor.

O Apelo Final de Yahweh (18.11)

18.11

Ora, pois, fala agora aos homens de Judá...: Assim diz o Senhor. *O apelo divino final* contém tanto a ameaça de julgamento quanto a promessa de restauração em vista do arrependimento, as mesmas opções dadas por meio do oráculo. Os habitantes de Judá e Jerusalém permaneciam com seu solene poder determinador do destino, que lhes permitia fazer escolhas. Mas já havia um tremendo plano formado na mente divina. O *plano divino* (pois Deus controla as atividades humanas; Isa. 13.6) faria com que, em breve tempo, os babilônios estivessem batendo nos portões de Jerusalém, quando então haveria poderosa matança e saque, seguidos pelo exílio dos sobreviventes. Por outro lado, ainda existia a oportunidade de os judeus afastarem a calamidade mediante o arrependimento e a mudança de conduta. Nesse caso, o vaso estragado poderia ser moldado em um novo e bom vaso. A história de Israel tomaria nova e boa torção, mediante o uso do antigo vaso, *reformado.* De outra maneira, o antigo vaso seria despedaçado em fragmentos por estar defeituoso e não mais servir aos propósitos divinos. E, nesse caso, um novo vaso seria formado de um novo barro, em substituição ao antigo.

A Autodestruição de Judá (18.12)

18.12

Não há esperança, porque andaremos consoante os nossos projetos. *Sócrates* pensava que o indivíduo que realmente sabe o que é melhor para si seguirá essa orientação e evitará ações autodestrutivas. Acreditando nisso, ele muito se dedicou à investigação e ao ensino (através de diálogos) para descobrir o que é realmente melhor para o homem, ou seja, qual é a melhor conduta humana. Dessa maneira, é de se presumir que o *conhecimento* seja uma garantia para a conduta construtiva. Mas Freud chegou mais perto da verdade quando falou no "instinto suicida" natural do homem. Assim sendo, enquanto apenas pequena porcentagem de pessoas comete *suicídio repentino,* largo segmento da população do mundo, mediante atitudes mentais negativas e hábitos prejudiciais, está cometendo um *lento suicídio.* Simplesmente comer demais (a gula), por exemplo, é uma maneira de suicidar-se lentamente. E, naturalmente, o cigarro é um dos maiores assassinos de todos os tempos; mas os governos, a despeito de toda a evidência científica, não impedem a matança. Pelo contrário, encorajam o vício do fumo, porquanto recebem, em impostos, muito dinheiro proveniente da venda de cigarros. O maior conhecimento que existe atualmente em nosso mundo não tem contribuído para modificar os hábitos autodestrutivos dos homens. Outro tanto se aplica ao terreno espiritual. Os hebreus foram submetidos a séculos de bom ensino bíblico, sendo-lhes assegurado que a obediência à lei concedia vida mais longa e melhor (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1). No entanto, as nações de Israel e de Judá ignoraram essa informação e seguiram a idolatria, que é uma terrível destruidora de vida.

Não há esperança. Em outras palavras, não havia expectativa de que Judá faria o que Jeremias os aconselhava a fazer. É como se eles estivessem dizendo: "De nada adiante falares o que estás falando, pois seguiremos nossas próprias veredas e nossa própria vontade. Continuaremos em nossos *planos.* Cada um de nós seguirá a obstinação de seu próprio coração, e arrancaremos da vida o que cada qual quiser, e não o que as antigas doutrinas dizem que devemos fazer". Cf. Jer. 2.25. Essa resposta não é própria de um homem que queria fazer o que é certo, mas foi apanhado em uma armadilha. Antes, é a resposta do *desafio.* Eles *amavam* seus maus caminhos e não queriam desistir deles. Enfrentariam as ameaças que Jeremias fazia em nome de Yahweh.

> *Amo a esses outros deuses. Devo adorá-los.*
>
> (Jeremias 2.25, NCV)

A Desnaturalidade do Pecado de Judá (18.13-17)

18.13

Portanto assim diz o Senhor: Perguntai agora entre os gentios sobre quem ouviu tal cousa. Esta breve seção expande a idéia do versículo anterior, ou seja, Judá correndo atrás de seus próprios esquemas, teimosa e rebelde no coração, surda para as admoestações divinas. A passagem é similar a Jer. 2.10-11,32 e 8.7. Era desnatural para Judá esquecer o yahwismo histórico a fim de adotar os deuses de nada dos povos cananeus e dos povos vizinhos. Os pagãos inclinavam-se a ficar com os seus próprios deuses, embora, na verdade, estes nada fizessem em seu favor. Ver o vs. 1 e cf. isso com Jer. 2.10-11. O que os judeus estavam fazendo era contrário às coisas naturais, que seguem sua própria ordem de expressão (vs. 14; cf. Jer. 8.7). Isso deixava a nação sujeita ao castigo divino, o qual viria sob a forma da invasão babilônica, com suas matanças, saques e o exílio subseqüente na Babilônia.

O apelo que aparece em Jer. 2.10-11 é renovado aqui. A virgem não se tinha mantido fiel ao noivo, mas antes correu para atos vergonhosos que os pagãos nem considerariam praticar. Quanto ao título "virgem de Israel", cf. II Reis 19.21. A virgem é a nação "noiva de Yahweh", mas de coração tão corrupto que nem ao menos teve paciência para esperar pelo casamento; antes, correu para os seus "amantes estrangeiros" (o que constituía sua idolatria-adultério-apostasia). Ela praticou uma *coisa horrível* (NCV), que fez corar os próprios pagãos, envergonhados. Ver o vs. 15 quanto ao pecado referido em termos literais.

18.14

Acaso a neve deixará o Líbano, a rocha que se ergue na planície? A natureza, em seu *modus operandi*, testemunhava contra os atos *desnaturais* da virgem. Parte da cadeia do Líbano conta com neve o ano inteiro. A cadeia do Líbano alça-se muito acima da *planície* (Atualizada) e é apenas natural que essas montanhas contenham neve durante todo o ano. Em vez de *planície* (conforme diz o texto massorético), algumas traduções emendam para *Siriom*, o nome fenício para o monte Hermom (ver Deu. 3.9). O cume do monte Hermom fica a 2.775 m de altura acima do nível do mar e conta com alguma neve o ano todo. Essa é a condição que a natureza mantém. Se a neve desaparecesse dali, isso seria *desnatural*. Além disso, dos montes que têm muita neve também fluem rios vigorosos. Seria desnatural para aquelas águas parar de fluir com a dissolução da neve. A palavra "montanhas", que aparece em algumas versões, é uma emenda do texto hebraico massorético, que diz "águas que vêm de longe". A emenda para "de outro lugar" não melhora muito o sentido. Com essas últimas palavras devemos entender que os riachos seriam derivados dos depósitos de neve que estariam derretendo, ou seja, de um lugar distante de onde os encontramos fluindo. Seja como for, o profeta apresenta duas coisas naturais que são "truísmos" da natureza. Mas a virgem, Judá, fazia algo completamente desnatural ao abandonar Yahweh, a fonte de suas águas vivas. Ver Jer. 17.13, onde Yahweh aparece como a "fonte das águas vivas". Ver Jer. 2.13, que é uma passagem paralela. Judá apelara para suas *cisternas rotas* e abandonara as *águas vivas*. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Assim diz o texto hebraico padronizado do Antigo Testamento, empregado na maioria de traduções para outros idiomas.

18.15

Contudo todos do meu povo se têm esquecido de mim, queimando incenso aos ídolos. Abandonando as antigas estradas do yahwismo, o povo judeu saiu tropeçando em veredas laterais tortuosas da idolatria, preferindo honrar deuses de povos que nada tinham que ver, historicamente falando, com o povo hebreu. O resultado disso foi esquecer de Yahweh, ao mesmo tempo que eles queimavam incenso e ofereciam sacrifícios a deuses que nada representavam. Os caminhos dos bons e dos maus são contrastados aqui (ver a nota de sumário sobre Pro. 4.27). Ver também, no *Dicionário*, o artigo chamado *Caminho*. Quanto ao esquecerem eles Yahweh, cf. Jer. 2.32; quanto aos caminhos que tinham sido trilhados pelas antigas e piedosas gerações, ver Jer. 6.16. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Andar*.

18.16

Para fazerem da sua terra um espanto e objeto de perpétuo assobio. A perversidade dos judeus, que tinham corrompido seu caminho, levou a Terra Prometida a ser motivo de escárnio por parte dos pagãos. Os judeus fizeram de sua terra um *horror*, do qual os gentios assobiariam em derrisão. As pessoas que por ali passavam sacudiam a cabeça, incrédulas, diante da prodigiosa idolatria do povo judeu, com um ídolo e um casal praticando sexo ilícito debaixo de cada árvore (ver Jer. 3.13). Salomão tinha sido advertido sobre os assobios de zombaria que um povo apóstata sofreria (ver I Reis 9.8). Quanto à zombaria, cf. II Reis 19.21. Quanto ao ato de sacudir a cabeça, cf. Lam. 2.15-16: "Todos os que passam pelo caminho batem palmas, assobiam e meneiam as cabeças sobre a filha de Jerusalém. É esta a cidade que denominavam a perfeição da formosura, a alegria de toda a terra?".

18.17

Com vento oriental os espalharei diante do inimigo. O ataque do exército babilônico seria como uma tremenda lufada do vento oriental que soprava do deserto da Arábia. E levaria tudo à sua frente, como um tufão. O povo de Judá procuraria a confortadora e protetora face de Yahweh, mas seria tarde. Eles O veriam somente de costas, e o dia da calamidade chegaria sem remédio. Cf. Jer. 2.27 quanto a essa idéia. Ver sobre o feroz vento oriental em Jó 27.21; Jer. 4.11-12; Sal. 48.7 e Isa. 27.8. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vento Oriental*. Cf. este versículo com Pro. 1.26-28.

A Conspiração contra Jeremias (18.18-23)

18.18

Então disseram: Vinde, e forjemos projetos contra Jeremias. Já vimos uma conspiração para assassinar o profeta, instigada pelo povo de sua própria cidade natal, Anatote. Cf. Jer. 15.15-21. Este versículo, porém, deixa claro que a nova conspiração foi obra dos líderes de Jerusalém, incluindo os líderes religiosos. Jeremias, o *destruidor*, segundo a estimativa deles, tinha de ser destruído. Horrorizado pelo que estava acontecendo, o profeta proferiu sua quarta lamentação pessoal. Ele defendeu sua inocência e orou para que Yahweh interviesse. O profeta buscou a vingança divina contra os líderes, visando sua destruição completa, incluindo o fim de suas famílias. Jeremias foi o profeta das lamentações. Cf. Jer. 11.18; 12.6; 15.10,21; 7.14; 18.18-23; 20.7-13,14-18.

Firamo-lo com a língua, e não atendamos a nenhuma das suas palavras. Note o leitor a hierarquia religiosa através destes pontos:

1. Os *sacerdotes* que ensinavam (presumivelmente a Torá — Lei), mas que na realidade eram ministros de um sincretismo doentio segundo o qual Yahweh era um dos deuses do panteão.
2. Os sábios, que davam conselhos e provavelmente eram os homens de mais idade, possuindo a reputação de sábios.
3. Os *profetas*, aos quais Jeremias classificava como falsos, espalhavam mentiras e diziam que coisa alguma aconteceria contra Jerusalém (ver Jer. 6.14; 8.11; 14.14). Jeremias já havia expressado sua opinião totalmente negativa a respeito deles. Ver Jer. 2.8; 8.8-9; 14.13-16; 23.9-40 e 26.1-14.

Vemos, pois, que líderes religiosos de todas as variedades se tinham unido contra Jeremias, anelavam por vê-lo morto e até tomavam medidas para que isso se concretizasse. Eles instigaram uma campanha verbal contra o profeta. As calúnias tinham por propósito provocar o assassinato de Jeremias. Isso lhe fecharia a boca, fazendo cessar o jorro de profecias de condenação e denúncias contra a falsa liderança que dominava a nação. O vs. 23 deste capítulo mostra que o assassinato era o objeto real da conspiração, e não simplesmente a difamação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Linguagem, Uso Apropriado da*.

18.19

Olha para mim, Senhor, e ouve a voz dos que contendem comigo. Jeremias, que a esta altura dos acontecimentos não possuía amigos nem quem o apoiasse, teve de invocar a ajuda divina. Yahweh teria de lhe dar ouvidos, pois, do contrário, sua causa e sua vida por certo estariam perdidas. Ele fez um apelo especial rogando por sua própria segurança, assim como pelo fim de toda a oposição. Nada houve de gentil em seu apelo: ele queria ver seus inimigos mortos, tão mortos quanto eles queriam vê-lo. Sigo aqui a versão da Septuaginta como base de interpretação. O texto massorético dá a entender que Jeremias pediu que Deus ouvisse a voz de seus inimigos a caluniá-lo e a conspirar visando sua morte, e então agisse de modo contrário a essa atividade. "... ouve suas reprimendas, suas fanfarronices, suas blasfêmias e palavras más, suas mentiras e falsidades, e então julga entre eles e eu: que apareça quem é justo; vindica a minha causa e pleiteia contra aqueles que pleiteiam contra mim" (John Gill, *in loc.*, seguindo o texto massorético). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético*.

18.20

Acaso pagar-se-á mal por bem? pois abriram uma cova para a minha alma. Jeremias tinha realizado a missão que Deus lhe dera para cumprir, visando o *bem* do povo judeu, porquanto eles precisavam urgentemente ouvir e atender ao convite para o arrependimento. Se eles se arrependessem, seriam certamente salvos da invasão babilônica. Porém, para o "bem" que Jeremias lhes queria fazer, eles planejavam o máximo de maldade: a execução do profeta — que é aqui assemelhada a uma cova que os caçadores escavaram para apanhar algum pobre animal e vender suas partes como produtos. A missão de Jeremias foi realizada por Yahweh, para abafar a ira do Senhor. Portanto, o que ele dizia era "bom", apesar das ameaças. No começo, o profeta rogou a Yahweh que se mostrasse misericordioso para com seus oponentes (ver Jer. 15.11; 17.16), embora, posteriormente amargurado, tenha passado a solicitar a destruição deles (ver Jer. 17.18). Cf. o caso de Jesus, que, até o fim, intercedeu para que os réprobos fossem perdoados, em vez de serem destruídos. Nenhum homem pôde igualar o exemplo deixado pelo Senhor Jesus, exceto em alguns casos raros, como o de Estêvão (Atos 7.60).

18.21

Portanto entrega seus filhos à fome, e ao poder da espada. Agora o profeta Jeremias orou abertamente pela destruição de seus adversários. Ele já havia perdido a paciência com os blasfemadores assassinos. A fome antecederia a invasão babilônica (a espada) e as pragas a seguiriam. As poucas mulheres judias que sobrevivessem seriam privadas de seus maridos e de seus filhos, e, para elas, a vida não mais seria digna de ser vivida. Toda a classe dos jovens judeus, capazes de pegar em armas, seria aniquilada. E os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia, mas até mesmo ali a espada os seguiria, e a matança teria continuidade (ver Jer. 9.16). Cf. este versículo com Sal. 109.9-10; Eze. 35.5 e, especialmente, Jer. 15.2-3, onde vemos a população de Judá entregue a várias formas de execução, ao passo que os pouquíssimos sobreviventes foram levados para o exílio na Babilônia. Não restou nenhuma célula familiar. A morte separou quase todas as famílias, e aquelas que a morte não tocou, o exílio afetou.

Jeremias, naturalmente, estava abaixo do padrão deixado pelo Senhor Jesus, em Mat. 5.44, e pelo apóstolo Paulo, em Rom. 12.19 ss. Mas essa deficiência tem sido tradicionalmente verdadeira no caso de quase todos os homens, com algumas raras exceções, como Estêvão (ver Atos 7.60).

18.22

Ouça-se o clamor de suas casas, quando trouxeres bandos sobre eles de repente. Jeremias, buscando *vingança* por causa dos projetos assassinos tramados contra ele, orou para que os assaltantes babilônicos fizessem com os líderes de Judá o que tinham planejado fazer contra ele. Jeremias queria ouvir os gritos de desespero e dor saindo de suas casas, quando os soldados estivessem matando e violentando! Jeremias não desejava que Yahweh interviesse no último momento, perdoando-lhes os pecados e salvando-os. Ele não queria que seus pecados fossem apagados e esquecidos. Antes, desejava que eles fossem brutalmente derrubados, pisados aos pés e aniquilados! Ele desejava que a ira divina acabasse com seus inimigos. Sim, Jeremias não viveu à altura das palavras de Jesus, nem à altura do Seu exemplo. Yahweh faria todas aquelas desgraças acontecer entre o povo de Judá, pois era isso o que eles mereciam em razão de sua idolatria-adultério-apostasia, e não porque Jeremias queria uma vingança pessoal. Mas o resultado seria o mesmo.

Cova... armadilha. A cova era para apanhar algum pobre animal, que seria morto de modo que os produtos de seu corpo fossem vendidos (ver o vs. 20); as armadilhas eram as redes que prendiam o infeliz animal. Cf. Sal. 109.8,10,14. Ver no *Dicionário* o artigo *Armadilha.* Ver também sobre *Rede (Armadilha, Laço).*

18.23

Mas tu, ó Senhor, sabes todo o seu conselho contra mim para matar-me. Este versículo reforça as idéias do versículo anterior. Yahweh foi invocado a consultar Seu divino depósito de conhecimentos e encontrar ali informações sobre todos os males que estavam sendo planejados contra o profeta, que tinham por propósito tirar-lhe a vida. Jeremias não queria que qualquer ação divina mitigasse a punição do povo judeu: nada de perdão, nada de anulação de pecados. Antes, ele pleiteava o aniquilamento total do povo, a *derrocada* total; o completo exercício da ira divina.

"*Vss. 21-23.* A oração era a expressão de uma indignação, não injusta em si mesma, e, no entanto, mostrando tudo muito claramente, como a linguagem dos chamados salmos imprecatórios (Sal. 35; 69; 109 etc.), o contraste entre a maneira judaica e a maneira cristã de enfrentar o erro e o ódio (ver Atos 7.60). As declarações neotestamentárias de Pedro (Atos 8.20) e Paulo (Atos 23.3; Gál. 1.9 e II Tim. 4.14) apresentam paralelismos evidentes, embora as palavras ditas naqueles casos tenham mais o caráter de uma sentença judicial autoritativa" (Ellicott, *in loc.*).

Capítulo Dezenove

Ações Simbólicas: A Parábola da Botija Quebrada (19.1-15)

Este capítulo retém certos elementos do capítulo 18. A figura do oleiro é reiterada, só que desta vez com uma apresentação mais negra. Ver Jer. 18.3-4. Ali o vaso ainda estava na roda do oleiro, e sua sorte ainda não tinha sido determinada. Agora, porém, o vaso já estava cozido e endurecido. Nenhuma mudança era agora possível, e a destruição do vaso certamente ocorreria. Visto que o vaso era impróprio para ser usado, terminaria na pilha de vasos estragados. Dessa forma, é o símbolo apropriado de um povo endurecido que tinha desprezado suas oportunidades. O país inteiro tinha de ser quebrado pela ira divina, por meio da invasão do exército babilônico e pela deportação dos judeus.

A perseguição pública contra Jeremias só terminaria após muita adversidade contra Judá, e isso é ilustrado pela continuação da parábola do oleiro. Mas agora temos a parábola da botija quebrada, um simbolismo diferente, posto que similar. A botija, naturalmente, é um frasco de argila lindamente trabalhado, e não uma garrafa de vidro, pelo que era obra feita por um oleiro, e não por um soprador de vidro (profissão surgida séculos mais tarde).

A Botija Quebrada (19.1-6)

19.1

Assim diz o Senhor: Vai, compra uma botija de oleiro. Essa botija de argila (no hebraico, *baqbuq*) era uma jarra de água. O nome hebraico da peça procura imitar o som gorgolejante da água, quando derramada da jarra. A arqueologia descobriu muitas dessas jarras, algumas com cerca de 10 cm de altura, outras com cerca de 25 cm de altura. Essas botijas eram os vasos mais artísticos e finamente trabalhados entre os feitos por um oleiro. A maioria tinha *pescoço fino* e se quebrava com facilidade. Isso se ajusta bem ao propósito da parábola: Judá seria finalmente quebrada e destruída. O pescoço de Judá estava prestes a ser partido!

Jeremias recebeu ordens, da parte de Yahweh, para levar alguns poucos líderes religiosos ao terreno de restos quebrados de vasos do oleiro, a fim de que eles pudessem ver a lição objetiva em primeira mão, em vez de simplesmente ouvir o que aconteceria ali. "Através da quebra de um jarro de oleiro, Jeremias mostrou a seus adversários que a palavra do Senhor certamente permaneceria de pé, pois Jerusalém seria atacada e saqueada, e o povo judeu seria levado para o exílio" (Adam Clarke, *in loc.*).

É possível que Jeremias tenha levado elementos das duas casas de anciãos, os que presidiam às questões religiosas e os que controlavam a vida religiosa do povo, o corpo dos setenta e dois. Ou então ele tomou representantes dos dois tipos de anciãos.

19.2

Sai ao vale do filho de Hinom que está à entrada da Porta do Oleiro e apregoa ali as palavras. A casa do oleiro (ver Jer. 18.2) situava-se no vale do filho de Hinom. Ver as notas sobre o capítulo 18. E próximo estava o terreno onde os restos de vasos quebrados eram lançados, junto à porta do Oleiro. O nome da porta, como é óbvio, derivava do monte de vasos quebrados que havia nas proximidades. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Porta do Oleiro,* quanto a detalhes. O vale do filho de Hinom, isto é, *Ben-Hinnom,* ficava localizado imediatamente ao sul de Jerusalém. A localização da porta do Oleiro não é certa. O Targum diz: "Porta do Monturo". Cf. Nee. 2.13; 3.13-14 e 12.31. Quanto a outros detalhes, ver no *Dicionário* o artigo com esse nome. O nome *Porta do Oleiro* aparece somente neste versículo. O vale de Hinom estava associado às práticas mais hediondas da idolatria (incluindo o sacrifício de crianças) em que o povo de Judá se metera. Portanto, era um local apropriado para a demonstração que Jeremias estava prestes a fazer. Associada a esse lugar estava a *geena*, campo onde ficava o monturo da cidade e eram queimados o lixo e as carcaças dos animais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Geena.*

19.3

Ouvi a palavra do Senhor, ó reis de Judá e moradores de Jerusalém. Imediatamente Jeremias anunciou as coisas que seriam simbolizadas, a saber, a total destruição de Judá e Jerusalém, tão iminente, pois o exército babilônico já estava quase em marcha para completar a invasão. O *oráculo do Senhor* foi pronunciado contra eles. Os reis foram chamados a ouvir. Os anciãos estavam presentes para ouvir pessoalmente as palavras do profeta e em breve veriam o gargalo da botija ser quebrado, como símbolo do que aconteceria a Judá.

Retinir-lhe-ão os ouvidos. A mensagem era tão enregeladora e terrível, que só ouvi-la já metia medo, quanto mais quando a predição se cumprisse. Cf. I Sam. 3.11, onde a frase também ocorre, referindo-se à destruição de um santuário anterior. Silo caiu para nunca mais levantar-se. "A destruição do primeiro santuário de Israel seria tipo da destruição do segundo (ver Sal. 78.60; Jer. 7.14). As palavras que se seguem aludem especialmente à culpa do rei Manassés (II Crô. 33.4)" (Ellicott, *in loc.*). A voz de Yahweh trovejava anunciando o partir do pescoço de Judá, mas poucos judeus lhe deram ouvidos. A mensagem foi "espantosa e surpreendente para eles; deixava-lhes os sentidos estonteados. Mas aquele que lhe dava ouvidos ficava assustado como quem ouve o ribombo de um trovão que anuncia a tempestade... A frase denota a grandeza da calamidade e a surpresa que isso traria aos judeus" (John Gill, *in loc.*, com algumas adaptações).

19.4

Porquanto me deixaram, e profanaram este lugar. Jeremias agora deixa registrada sua queixa com detalhes que vemos tantas vezes em outros lugares de seu livro. Uma vez mais, ele descreve os pecados de Judá: o povo tinha *abandonado a Yahweh* (ver Jer. 2.13,17,19; 15.5; 17.13; ver também Deu. 28.20 e Isa. 65.11). Eles *profanaram* a terra, mas, sobretudo, o templo, o centro do culto a Yahweh. Fizeram isso oferecendo sacrifícios e queimando incenso em honra a outros deuses. Ver Jer. 13.1-13, quanto a uma descrição detalhada e vívida desse tipo de atividade. Esse pecado foi agravado pelo fato de que os ídolos que eles adotaram não eram conhecidos nem pelos pais deles nem por eles mesmos. Antes, eram divindades totalmente estranhas à história, à cultura e à religião dos hebreus. Cf. Jer. 7.9. E o pior de tudo é que eles caíram no radicalismo de oferecer sacrifícios que incluíam o oferecimento de crianças, tornando-se culpados de muitos crimes de sangue. Os inocentes assim sacrificados foram mortos no culto a Baal, em honra a Moloque. Ver os vss. 5-6, bem como no *Dicionário* o verbete chamado *Moleque (Moloque).* O vindouro julgamento divino faria aqueles

réprobos pagar o preço por tais ultrajes. As várias descrições dadas por Jeremias nos alertam quanto à total paganização de Judá, que tinha adotado as piores formas de idolatria então existentes. Eles eram radicais em suas corrupções. Ver Jer. 7.31 e Sal. 106.37. A passagem no livro de Salmos refere-se à ousada adoração aos demônios que havia por trás dos ídolos. A coisa toda era "inspirada pelos demônios". Paulo apresenta idéia similar em I Cor. 10.20.

19.5

E edificaram os altos de Baal, para queimarem os seus filhos. A adoração a Baal dominava a Palestina, e o povo de Israel não escapou a essa má influência. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Baal* e *Lugares Altos*. Vemos o sacrifício de crianças nas palavras do versículo anterior. Ver Jer. 7.32-33 e Lev. 18.21. Em pesada declaração antropomórfica, o profeta fez Yahweh dizer que coisas ousadas, como o sacrifício de crianças, nunca tinham subido à Sua mente, longe de Ele ter ordenado e aprovado tal prática. "Nenhum outro, além de Satanás, poderia ter traçado tal adoração" (John Gill, *in loc.*, o que, em essência, concorda com Sal. 106.37 e I Cor. 10.20).

19.6

Por isso eis que vêem os dias, diz o Senhor, em que lugar... se chamará... Vale da Matança. Este versículo indica que muitas crianças foram sacrificadas em *Tofete* (ver a respeito no *Dicionário*). A palavra *toph* pode significar *tambor*. Durante o sacrifício de crianças, eram tocados tambores para abafar seus gritos de dor. Mas alguns estudiosos pensam que a palavra tem o sentido de *altar*, e vêem nela pouca ou nenhuma evidência de que houvesse rufar de tambores. O artigo citado fornece detalhes abundantes, pelo que solicito ao leitor que o examine. Tofete foi um nome posterior para o local, enquanto Hinom era o mais antigo. Ambos os nomes, conforme Deus predisse, seriam substituídos pelo mais apropriado, de *Vale da Matança*. Em primeiro lugar, muitas crianças foram mortas ali; em segundo lugar, aquele se tornaria o local da matança de muitos apóstatas de Judá. Cf. Jer. 7.32, que é similar a este versículo. As anotações ali existentes adicionam detalhes ao que é dito aqui.

Elaborações sobre a Catástrofe Vindoura (19.7-9)

19.7

Porque dissiparei o conselho de Judá e de Jerusalém neste lugar. "O povo de Judá cairá à espada perante a Babilônia, e suas carcaças servirão de alimento para as aves e os animais (ver Jer. 7.33; 16.4; 24.20 e Deu. 28.26). A própria cidade tornar-se-ia motivo de escárnio (ver Jer. 18.16) para os que observassem como ela tinha sido destruída. Os que buscassem refúgio na cidade de Jerusalém teriam de apelar para o canibalismo, comendo a carne dos próprios filhos e filhas, quando os babilônios sufocassem o suprimento de alimentos (cf. Lev. 26.27-29; Deu. 28.53-57; Lam. 2.20 e 4.10). Todas as maldições prometidas por Deus alcançariam o povo de Judá, por causa de seus pecados (cf. Lev. 26.14-39; Deu. 28.15-68; Jer. 11.1-8)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Dessa maneira, todos os planos de Judá e de Jerusalém seriam *frustrados*. A palavra hebraica com esse sentido é *baqqothi*, termo de som similar ao da palavra *baqbuq* (frasco, que aparece no vs. 1). O jogo de palavras diz-nos que todos os *conselhos* de Judá se tornariam como *vasos quebrados*, isto é, estragados e anulados. Coisa alguma que fosse planejada pelos homens faria a invasão parar ou diminuiria a dor dos judeus. Cf. II Crô. 32.1-4; Isa. 19.3; 22.9,11. A forma literal para a palavra aqui traduzida por "dissiparei" é "derramarei", cuja idéia é fazer perder todas as coisas. Talvez antes de quebrar o vaso defronte dos anciãos o profeta primeiramente derramasse a água que havia dentro dele, num duplo simbolismo: Judá seria derramado de forma *irreversível* e seria quebrado de forma *irreparável* (ver o vs. 10).

19.8

Porei esta cidade por espanto e objeto de assobios. A maioria das cidades de Judá foi aniquilada e saqueada, e restaram poucos habitantes com vida. Mas a capital, Jerusalém, era objeto especial do ódio. Ela ficou desolada e essencialmente desabitada. Os edifícios de alguma importância (ver Jer. 17.27), incluindo o templo, foram arrasados até o chão. Qualquer pessoa que passasse por ali mais tarde assobiaria diante do lugar, pois todos pensariam que Deus é quem tinha feito aquele trabalho. Todos ficariam admirados, porque a antiga Jerusalém dourada fora transformada em covil de animais selvagens. Ver Isa. 34.13-14.

> *Para fazerem de sua terra um espanto e objeto de perpétuo assobio; todo aquele que passar por ela se espantará, e meneará a cabeça.*
>
> (Jeremias 18.16)

19.9

Fá-los-ei comer as carnes de seus filhos, e as carnes de suas filhas. O *canibalismo* seria um dos horrendos resultados do desespero que tomaria conta de Jerusalém. A história tem demonstrado, e os incidentes modernos continuam a reiterar, que as pessoas, antes de morrer de fome, voltam-se para medidas *impensáveis* - o canibalismo. Algumas vezes as pessoas matam outros seres humanos para servir de alimentos, embora o canibalismo não faça parte de sua cultura. Quase certamente, o presente versículo tenciona ensinar que aqueles réprobos matariam os próprios filhos a fim de obter alimento. Ademais, os que tinham sido mortos na invasão ou tinham morrido de inanição eram, então, usados como alimentos. E, finalmente, este versículo acrescenta o incrível detalhe de que *Yahweh os inspirara* a medidas assim desesperadas e espantosas, como parte do julgamento divino contra eles. Yahweh os transformou em animais ferozes, alguns dos quais comiam os próprios filhotes. O gato caseiro comum algumas vezes come os filhotes, e isso parece ocorrer até mesmo quando a gata mãe está bem alimentada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Canibalismo*, que demonstra que essa prática até hoje é usada por certos povos primitivos, por razões religiosas e culturais, e não com o intuito de aumentar o suprimento alimentar.

Em Lam. 2.20 e 4.10, descobrimos o cumprimento dessa horrenda predição. Nisso encontramos a retribuição divina. Os que tinham sacrificado filhos e filhas a Moloque (vss. 5-6) seriam reduzidos à horrível situação de ter de comê-los, com vistas a garantir a sobrevivência. Considere o leitor o seguinte: alguns dos que sacrificaram os próprios filhos terminaram devorados por seus compatriotas! Portanto, estava em ação a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*. E a história se repetiu nas invasões romanas dos anos 70 e 132 D. C. Ver Josefo, *Guerras dos Judeus* 1.6, cap. 3, sec. 4.

Um Dramático Ato Simbólico (19.10-13)

19.10

Depois de terminar sua diatribe, o profeta Jeremias pôs-se defronte do povo, que o observava. Sem dúvida, eles estavam indignados, mas o profeta quebrou o vaso defronte de seus rostos e passou a proferir ainda outro discurso mordaz, detalhando, uma vez mais, todas as coisas terríveis que aconteceriam em Jerusalém. A passagem à nossa frente não diz, especificamente, que Jeremias quebrou o vaso, mas devemos entender que isso sucedeu antes do discurso. Ao que tudo indica, Jeremias quebrou o vaso em Tofete e lançou os pedaços no monte de vasos quebrados. Em seguida, foi ao átrio do templo (vs. 14) e fez ainda outro discurso chocante. Os discursos tórridos de Jeremias haveriam de custar-lhe caro. Ele foi posto na prisão (20.2) e maltratado. Mas esse não foi o último capítulo de sua história. Quando os poucos sobreviventes de Judá foram levados para a Babilônia, a Jeremias foi permitido ir para o Egito.

19.11

Deste modo quebrarei eu este povo e esta cidade, como se quebra o vaso do oleiro. Da mesma maneira que a jarra de água foi quebrada, assim a nação de Judá seria quebrada, mediante o malho do exército babilônico, brandido por Yahweh, a causa real do grande desastre. Ver Isa. 13.6 quanto a Yahweh como o Impulsionador Primário da história humana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. As coisas acontecem mediante a providência negativa e a providência positiva de Deus, segundo o merecimento humano. Ver no *Dicionário* o verbete *Providência de Deus*.

Jeremias quebrou o vaso defronte dos circunstantes e o jogou fora no montão de refugos. Então anunciou que algo semelhante aconteceria a Judá. A botija estava acabada. Não teria mais história, pois ninguém tentaria consertá-la. Esse também seria o caso de Judá. Um minúsculo remanescente reiniciaria a história de Judá, mas as massas populares tinham chegado ao fim. Por outro lado, havia o Curador e Salvador das almas, e havia graça abundante e transbordante de modo que nenhum homem poderia predizer até onde o programa da redenção avançaria. Essas idéias, entretanto, ainda seriam reveladas. Além disso, o presente versículo não fala sobre a alma, mas somente sobre o fim de Judá como nação. Haveria grande matança em Tofete, tão grande, na realidade, que os poucos sobreviventes seriam incapazes de sepultar os cadáveres atirados nos campos e nas ruas, e os babilônios absolutamente não estariam interessados na tarefa. Assim sendo, os cadáveres tonar-se-iam uma grande festa para as aves e os animais ferozes (ver Jer. 15.3). Então Jerusalém acabaria como deserto e covil de animais ferozes, morada de chacais e hienas. Ver Jer. 9.6 e 10.22.

19.12

Assim farei a este lugar... E farei desta cidade um Tofete. Este versículo é uma repetição das idéias do versículo anterior, para efeito de ênfase. Jerusalém seria contaminada pelos cadáveres amontoados em Tofete. A cidade estava des-

tinada a tornar-se um *necrotério.* O vale de Hinom era o lugar do necrotério de Jerusalém, cheio de lixo e restos e, em tempos posteriores, repleto de carcaças de animais que ali queimavam continuamente. Era um lugar de desgraças e zombarias, e assim Jerusalém haveria de tornar-se: um local repleto de cadáveres, tal como Tofete tinha sido — o local da matança de crianças inocentes, oferecidas a deuses de nada, um lugar imundo, abominável.

19.13

As casas de Jerusalém, e as casas dos reis de Judá, serão imundas como o lugar de Tofete. A idolatria contaminou a Jerusalém, fazendo dela uma Tofete. Muitas formas de idolatria eram ali praticadas. Usualmente, o profeta Jeremias se demorava sobre os deuses da fertilidade e da natureza dos cananeus, mas constantemente ele nos lembrava da adoração ao sol, à lua, aos planetas e às estrelas, que também formavam um modo generalizado de idolatria em Jerusalém. Convenientes para isso eram os eirados chatos das casas, onde os homens realizavam à noite ritos em honra aos deuses do espaço. Ali eles ofereciam incenso e derramavam libações. "Os eirados planos das casas do Oriente Próximo eram usados para ali se fazerem exercícios físicos (II Sam. 11.2); para oração e meditação (II Sam. 11.2); e para adoração às hostes celestiais (Sof. 1.5). Cf. Estrabão, *Geografia,* 16)" (Ellicott, *in loc.*). Ver também Jer. 32.29; II Reis 23.11.

19.14

Voltando, pois, Jeremias de Tofete. Tendo deixado o "vale da Matança", o profeta chegou a Jerusalém e anunciou outra diatribe. Ele se pôs de pé no átrio do templo e falou a todo o povo ali reunido. Jerusalém agora seria Tofete e em breve seria contaminada com os corpos dos mortos. Ele se colocou no "átrio mais espaçoso, ao ar livre, onde estava reunida a maior multidão (II Crô. 20.5)" (Fausset, *in loc.*). E ali repetiu, em essência, a mensagem que entregara em Tofete (vss. 11-13).

19.15

Eis que trarei sobre esta cidade e sobre todas as suas vilas, todo o mal. Yahweh continuava falando através do profeta. Ele tinha o poder de fazer o que havia ameaçado fazer, pois era o *Senhor dos Exércitos* (ver no *Dicionário* e em I Reis 18.15). Ver também o verbete chamado *Deus, Nomes Bíblicos.* A maldição foi proferida contra Jerusalém e contra outras cidades do território de Judá. Um grande *mal* estava a caminho, a saber, o ataque do exército babilônico, uma grande matança e um grande saque, seguidos pela deportação dos poucos sobreviventes. Isso aconteceria porque os judeus eram dotados de dura cerviz, em sua recusa de levar o jugo de Yahweh e de ouvir e obedecer à Sua palavra. Quanto a essa expressão, ver Jer. 7.26 e 17.23, e ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dura Cerviz.* Judá era como um boi rebelde que não conhecia o seu dono nem obedecia às suas ordens, que tinha abandonado sua lei e prestado sua lealdade a intermináveis deuses falsos (vs. 13). O pescoço duro de Judá precisava ser quebrado (vs. 10). O Targum faz o pronunciamento ser um *decreto* de Deus.

Foi assim que Jeremias, com suas pronunciações incansáveis, intermináveis e ousadas despertou a população de Jerusalém a um frenesi de ódio. Em breve, Jeremias seria jogado em uma masmorra, mas nem por isso seria abandonado por Yahweh. Mas este ainda não era o capítulo final de sua história.

Capítulo Vinte

Prisão de Jeremias e Seu Mais Amargo Lamento (20.1-18)

Este capítulo fornece-nos a descrição do teste mais difícil que Jeremias enfrentou. O profeta não deixou em paz Judá (sobretudo Jerusalém), mas seguiu incansavelmente sua missão de denúncias. Os líderes já haviam conspirado contra sua vida, primeiramente os habitantes de sua própria cidade natal, Anatote (Jer. 11.21), e posteriormente os habitantes de Jerusalém (Jer. 18.18-23). É provável que o encarceramento de Jeremias fosse um prelúdio para sua execução. Antes de arredá-lo do caminho, eles queriam que primeiramente o profeta sofresse nas horrendas condições de uma prisão oriental.

O Aprisionamento de Jeremias (20.1-6)

20.1

Pasur, filho do sacerdote Imer... ouviu a Jeremias profetizando. *Pasur* (ver a respeito no *Dicionário*) era um *importante oficial* que, aqui, provavelmente significa chefe de polícia do templo. O dever dele era cuidar para que nenhum inconveniente ocorresse no templo, e para que qualquer um que perturbasse ou causasse perturbações fosse imediatamente aprisionado. Além disso, ele não permitia que ninguém não-autorizado entrasse no recinto do templo. É provável que Amazias, em Betel, tivesse posição similar (ver Amós 7.10-17). Em tempos posteriores, encontramos o título "capitão do templo" (Luc. 22.52; Atos 4.1; 5.24). Note o leitor que esse Pasur não é o homem com o mesmo nome mencionado em Jer. 21.1. Cf. o trabalho dele com o que fica implícito em Jer. 29.26. O "louco" que vivia entregando profecias de condenação tinha de ser controlado mediante aprisionamento. Talvez o Pasur deste versículo fosse o pai de Gedalias, mencionado em Jer. 38.1 como quem estava entre os *príncipes* (ver I Crô. 24.14). O nome reaparece após o exílio, em Esd. 2.37-38. Ofereço no artigo outros detalhes que não repito aqui.

20.2

Então feriu Pasur ao profeta Jeremias, e o meteu no tronco. A primeira coisa que esse homem brutal fez foi espancar Jeremias, "para dar-lhe uma lição", fazendo-o fechar a boca. O povo de Judá estava cansado das profecias assustadoras e fastidiosas de Jeremias. Os falsos profetas, por sua vez, continuavam a dizer "Paz, paz" (ver Jer. 6.14 e 8.11), e era isso o que o povo de Judá queria ouvir. Eles queriam manter a vida de deboche com sua idolatria-adultério-apostasia intacta, sem nada sofrer por isso. No entanto, eles se encaminhavam para uma grande surpresa. Em breve, o que Jeremias tinha profetizado aconteceria, e eles estariam impotentes. Depois que Jeremias sofreu seu espancamento disciplinador (40 açoites, Deu. 25.2-3), foi posto no tronco na porta alta de Benjamim, que provavelmente ficava no lado norte da área do templo, e era assim chamada porque dava frente para o território de Benjamim. Essa porta tinha sido construída pelo rei Jotão (ver II Reis 15.35; Eze. 9.2).

De acordo com o Talmude de Jerusalém, a porta Oriental tinha sete nomes; e alguns identificam o portão deste versículo com aquele portão. Porém, se essa porta dava frente para o território de Benjamim, então ficava no lado norte da cidade. Provavelmente devemos compreender que Jeremias foi exposto ao ridículo público, pois ficou detido ao ar livre, na porta de Benjamim. Naquela posição dolorosa, ele permaneceu na porta a noite inteira (vs. 3).

Tronco. Este era um instrumento de tortura. Havia no tronco cinco buracos, onde eram metidas a cabeça, as duas mãos e os dois pés, e a pessoa ficava presa em uma posição desnatural e desconfortável. A pessoa ali confinada não demorava a sofrer agonias. Cf. Jer. 29.26.

20.3

O Senhor já não te chama Pasur, e, sim, Terror-por-todos-os-lados. A experiência no tronco em nada contribuiu para apagar o zelo de Jeremias. No dia seguinte, quando Pasur o tirou do tronco para levá-lo à área do templo, o profeta imediatamente proferiu contra ele uma maldição, em nome de Yahweh. Jeremias, pois, mudou o nome de Pasur para *Magor-missabib,* no original hebraico, que significa "terror por todos os lados". Esse nome não é um jogo de palavras com o verdadeiro nome de Pasur. Podemos supor que durante a noite de dores que passou, foi mostrado a Jeremias qual era a sorte amarga de Pasur e seus familiares. E os vss. 4-6 dão a essência desse terror, para Jerusalém em geral e para Pasur em particular. Quanto a outras referências ao "terror por todos os lados", cf. Jer. 20.10 e ss. e 6.25; 46.5; 49.29 e Sal. 31.13. Diz o Targum: "Reunir-se-ão contra ti aqueles que matam com a espada, em teu derredor!". A Septuaginta fala sobre a *remoção* do cativeiro. Isso espalharia a família de Pasur. A versão siríaca diz que Pasur tornar-se-ia um *estrangeiro* a *vaguear.*

A Maldição (20.4-6)

20.4

Eis que te farei ser terror para ti mesmo, e para todos os teus amigos. O futuro era negro para Jerusalém e para o ridículo Pasur. Os judeus estavam em um curso suicida, e ninguém queria ouvir as profecias genuínas de Jeremias, enquanto se deixavam consolar pelos falsos profetas. Yahweh continuava a falar e a entregar informações vitais, mas somente Jeremias ouvia a voz do Senhor e somente ele tiraria proveito dessas informações. O *terror* estava atravessado no caminho de Pasur, de sua família e de todos os seus amigos. Seria tudo muito pior do que uma noite passada no tronco. O castigo seria aplicado pela grande espada da Babilônia, que não ficaria satisfeita enquanto não matasse um povo inteiro. Todo o povo de Judá seria vitimizado. Os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia, mas até mesmo naquele país a espada sem misericórdia os seguiria e faria vítimas (ver Jer. 9.16). A profecia contou a velha história que o profeta repetia sem cansar, e que o povo de Judá rejeitava sem cansar, não querendo arrepender-se por sua idolatria-adultério-apostasia, pois esperava ainda ser abençoado por Deus, apesar de sua horrenda corrupção.

20.5

Também entregarei toda a riqueza desta cidade... na mão de seus inimigos. Além da matança (vs. 4), haveria *saque generalizado,* a ponto de coisa alguma de valor ser deixada; e, posteriormente, o lugar seria reduzido a um deserto e um covil de animais ferozes (ver Jer. 9.6 e 10.22). Tudo quanto a cidade de Jerusalém se tinha esforçado por ajuntar, cairia nas mãos dos babilônios, como se fosse o "salário pago por Yahweh" pelo serviço prestado. Ver em Isa. 13.6 como Yahweh controla o destino dos homens. O empreendimento da invasão enriqueceu os babilônios, ao passo que Judá foi extinto. Ademais, os poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia com todos os bens materiais. Mulheres escolhidas aumentariam os haréns de Babilônia, ao passo que mulheres comuns seriam sujeitadas ao trabalho escravo nos lares das "damas" babilônias, ou seriam empregadas na moagem de grãos nos moinhos. Os poucos homens judeus que sobrassem seriam postos a trabalhar forçados nos campos de escravos.

20.6

E tu, Pasur, e todos os moradores da tua casa ireis para o cativeiro. Pasur e pelo menos parte de sua família e alguns de seus amigos sobreviveriam ao ataque contra Jerusalém, mas estariam entre os exilados. Mas esse não seria o fim da história. A espada incansável seguiria a ele e a seus familiares e amigos (ver Jer. 9.16), e todos morreriam na Babilônia. Sofreriam a desgraça final de serem sepultados ali naquele lugar estrangeiro e destituído de misericórdia. E os que tivessem escutado as mentiras proféticas de Pasur (as inverdades dos falsos profetas que ele tinha aceitado e espalhado) seriam cortados. "Jeremias disse a Pasur que o *terror* (ver Jer. 6.25 e Sal. 31.13) seria seu nome e sua sorte, porquanto ele e sua família compartilhariam da sorte da cidade condenada" (Jer. 25.8-11)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 6). "É provável que Pasur estivesse entre os oficiais deportados em 598 A. C., pois sua posição foi ocupada por Sofonias, filho de Maaséias, no período imediatamente depois dessa data (ver Jer. 29.25-26)" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Este versículo talvez dê a entender que Pasur foi um dos judeus que encorajou o povo a lutar contra os babilônios, contradizendo as advertências de Jeremias e proclamando que Judá poderia vencer os babilônios se fizesse aliança com o Egito (ver Jer. 14.13 e 23.17). Isso pode significar que as "mentiras proféticas" que ele contava eram essa mensagem.

O Mais Amargo Lamento de Jeremias (20.7-18)

20.7

Persuadiste-me, ó Senhor, e persuadido fiquei; mais forte foste do que eu. "A narrativa termina em um salmo de queixas apaixonadas. Yahweh é agora retratado pelo profeta como um duro capataz que o tinha forçado, *contra a sua vontade* (ver Jer. 17.16), a entrar em um trabalho que ele procurava naturalmente evitar. Como *salário,* ele havia recebido somente escárnio e derrisão (cf. Isa. 8.11 e I Cor. 9.16)" (Ellicott, *in loc.*). Quanto a uma lista das lamentações de Jeremias, ver as notas expositivas na introdução à seção de Jer. 18.18. O lamento que temos aqui é "o último de uma série, sendo um dos aspectos mais importantes para o estudo da personalidade do profeta, especialmente quanto ao seu forte senso de *compulsão* divina à carreira do profeta" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Yahweh era o duro capataz que passou uma tarefa difícil, mas pagava um salário vergonhoso. Esse Capataz era um *enganador.* Jeremias esperava resultados positivos, mas nenhum resultado dessa categoria apareceu. O Capataz era tão forte que chegava a ser irresistível, porque, de outra maneira, o profeta teria tentado resistir às suas ordens. No entanto, o que Jeremias conseguiu com seus esforços? Somente ser escarnecido pelo povo e transformado em fonte de risos. Em outras palavras, Jeremias era uma figura parecida com Jó. Naturalmente, Jeremias fora advertido quanto aos sofrimentos que o atingiriam (ver Jer. 1.19), mas ele continuava esperando que algo de bom resultasse de seus labores. Ele pelo menos foi poupado de ser morto pelos babilônios e também não foi deportado. Terminou seus dias no Egito, em paz. Ver Jer. 17.17. Jeremias escaparia do *mal.* O profeta tinha buscado respostas para o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*), mas obteve a única resposta de que os sofrimentos apenas aumentariam. Ver Jer. 12.1-5. Quando isso aconteceu, Jeremias ficou amargurado.

20.8

Porque sempre que falo tenho de gritar e clamar: Violência e destruição. Jeremias não fugiu de seu ofício profético. Ele continuou a clamar sobre a violência e os despojos que havia ao longo do seu caminho. E a palavra que Yahweh lhe dava tornou-se, para ele, uma reprimenda e uma derrisão, *todos os dias.* Ele sofreu oposição e foi perseguido, e terminou preso no tronco. Para Jeremias, pessoalmente, um capítulo melhor estava a caminho, mas ele se perdeu em meio a seus sofrimentos presente, e deixou de lado sua atitude esperançosa.

"*Vss. 7-9.* Nenhuma outra passagem, em toda a literatura profética do Antigo Testamento, exprime tão claramente como esta o senso profético de compulsão divina à tarefa que Jeremias recebeu. As passagens mais próximas e de natureza similar são Amós 3.8 e I Cor. 9.16. Jeremias expressou aqui a convicção de que tinha sido enganado ou iludido por algum demônio em Deus, pois tornou-se motivo de risos para todos os homens e compelido a pregar somente condenação; mas quando sua natureza rebelou-se e ele resolveu permanecer em silêncio, descobriu que não podia fazer outra coisa senão profetizar, porque a palavra do Senhor era como um fogo requeimante dentro dele" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Sua recompensa foram somente os insultos deles" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

> *De cada vez em que falo, grito.*
> *Vivo gritando sobre violência e destruição.*
> *Falo ao povo a mensagem que recebi da parte do Senhor.*
> *Mas isso só me rende insultos.*
> *O povo zomba de mim o dia inteiro.*
>
> (NCV)

20.9

Quando pensei: Não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome. Em seus momentos de desencorajamento e ira, o profeta considerava seriamente renunciar a seu ofício profético. Mas, quando ele assim fazia, a Palavra de Deus era abanada e se transformava em chama. A Palavra se transformava em fogo, em seus próprios ossos. Ele se cansava na tentativa de *não falar,* mas as chamas ficavam cada vez mais quentes, de modo que, finalmente, ele cedia e voltava a bradar acerca de condenação. Sentir algo nos próprios *ossos* era a maneira de os hebreus exprimirem algo que *sentiam intensamente* (ver Jó 30.17 e 33.19). Essa expressão passou para o idioma inglês, tomada por empréstimo da Bíblia, e tornou-se comum para representar o mesmo sentimento.

"Jeremias laborava por conter-se, mas não conseguia (cf. Atos 18.5; Jer. 23.9 e I Cor. 9.16-17)" (Fausset, *in loc.*). "O senso de uma tarefa sem esperança, destinada a fracassar, pesava sobre a alma do profeta; e ele se teria retirado dela, mas ela não podia ser contida. Tal como tanto da linguagem usada por Jeremias, isso também se derivava dos hinos de Israel (ver Sal. 39.3)" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Amós 3.8. É perigoso recusar-se a aceitar uma tarefa, como se um homem pudesse intimidar a Deus. O Targum fala sobre o coração de Jeremias tão cheio de fogo requeimante que as chamas chegavam aos seus ossos.

20.10

Porque ouvi a murmuração de muitos: Há terror por todos os lados! Pessoas de todos os lugares estavam difamando o profeta, e ele sofria terrores por todos os lados. Elas clamavam contra Jeremias: "Denunciai-o! Denunciai-o!". E até seus amigos e parentes aliaram-se ao coro formado pela multidão. Eles estavam traçando planos para enganá-lo, ou para *atraí-lo,* conforme diz o original hebraico, literalmente. Por meio de seus planos, eles acabariam por apanhá-lo e matá-lo, tirando assim vingança contra ele. O povo da própria terra natal de Jeremias, Anatote (ver Jer. 11.21), tinha iniciado os planos do assassinato do profeta, mas essa atitude não demorou a generalizar-se, com os líderes de Jerusalém querendo vê-lo morto, brevemente (ver Jer. 18.18-23).

Terror por todos os lados. O significado destas palavras poderá ser percebido através dos pontos seguintes: 1. Jeremias sofria constante terror, devido aos planos traçados por seus adversários. 2. O profeta continuava clamando que havia terror por todos os lados, e o povo queria que ele se calasse.

Os vss. 10-13 empregam extratos de hinos litúrgicos. Cf. Sal. 6.9-10; 31.13; 109.30 e 140.12-13. Jeremias tornou-se o inimigo público número um, porquanto dizia a verdade, uma verdade que o povo de Judá não queria ouvir.

20.11

Mas o Senhor está comigo como um poderoso guerreiro. Jeremias recuperou a confiança depois de arrancar *do peito* seu amargo queixume, segundo uma moderna expressão idiomática. Se seus perseguidores eram assassinos *potenciais,* também era *certo* que Yahweh eventualmente haveria de derrubar por terra aqueles miseráveis. Jeremias seria invencível enquanto estivesse ocupado em sua missão divina. Então o Senhor lhe daria descanso no Egito, onde ele terminaria sua vida. Ver no *Dicionário* o verbete *Jeremias (o Profeta),* seção III.5. Os inimigos do profeta certamente sairiam envergonhados daquela luta; certamente fracassariam; e a desonra deles perduraria para sempre. Os homens jamais esqueceriam quão insensatos eles se tinham mostrado, pois, embora tivessem recebido tantas advertências através de um profeta autêntico, nunca responderam positivamente a seus avisos. Nunca pararam em seu processo de suicídio, embora tivessem tido muitas oportunidades para fazê-lo. O poderoso Guerreiro, Yahweh, o Senhor dos Exércitos (vs. 12) estava ao lado de Jeremias, garantindo

o sucesso de sua missão e livrando-o de todos os perigos, afinal, a despeito das muitas conspirações contra a sua vida. Cf. este versículo com Jer. 15.20, que encerra, essencialmente, a mesma mensagem, e cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Ver Jer. 1.18-19, que tem as *promessas* de bom êxito e proteção que Jeremias recebeu ao ser comissionado. A divina presença prometera estar com ele, fazendo-o atravessar com sucesso sua árdua e perigosa tarefa. Cf. Mat. 28.20: "Eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século".

20.12

Tu, pois, ó Senhor dos Exércitos, que provas o justo, e esquadrinhas os afetos e o coração. Este versículo é uma duplicação de Jer. 11.20, onde ofereço notas expositivas. Ver também algo similar em Jer. 17.10. A causa de Jeremias era a causa divina, na qual a divina vindicação finalmente era algo inevitável. Ver também Sal. 54.7 e 59.10.

20.13

Cantai ao Senhor, louvai ao Senhor. "Esse livramento ocorreu quando Zedequias sucedeu a Jeconias" (Fausset, *in loc.*). À semelhança dos salmistas, Jeremias prorrompeu em cânticos quando contemplou seu livramento de inimigos mortais. Alguns estudiosos pensam que esse regozijo se deu antes do livramento real. Nesse caso, Jeremias caiu em uma *sessão de tomada de conhecimentos*. Ele soube que Yahweh agiria em seu favor, e nisso encontrou alegria. Cf. Sal. 7.17; 9.2,11; 35.9-10 e 109.30.31.

A Queixa Mais Triste (20.14-18)

20.14

Maldito o dia em que nasci. Um novo parágrafo abandonou o cântico mencionado no versículo anterior. Embora existissem, os suicídios eram bastante raros entre os semitas, mas Jeremias tinha deslizado para uma atitude mental virtualmente suicida. Tal como fizera Jó (ver Jó 3), Jeremias amaldiçoou o dia do seu nascimento. Ele queria que nenhum homem dissesse nada bom sobre o dia em que ele viu a luz neste mundo perturbado. "Ao amaldiçoar o dia do seu nascimento, ele estava desejando não haver nascido (cf. Jer. 15.10; Jó 3.1-19). Tivesse ele morrido no útero materno, e não teria nascido somente para experimentar tribulações e tristezas" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Este versículo personaliza *o dia* do nascimento do profeta e faz dele, por assim dizer, uma entidade separada do resto dos dias. Neste momento estava em pauta sua existência objetiva, e teria sido um grande mal que dera ao profeta o começo de vida, somente para que essa vida fosse dominada pela tristeza e pelo temor. Quanto à personificação de dias e noites, ver Sal. 19.2-4. O profeta caíra no *Pessimismo* (ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*). A definição primária desse termo é que a própria existência é um mal.

20.15

Maldito o homem que deu as novas a meu pai. *Os hebreus amavam as crianças* e queriam ter tantas quantas fosse possível (ver Sal. 127.5). Visto que os hebreus eram um povo agrícola, cada filho ou filha significava nova ajuda no campo. As fazendas precisavam de muitos trabalhadores, e muitos filhos eram facilmente absorvidos na sociedade, sem grandes tensões financeiras. Um filho era especialmente valioso, porque, além de trabalhar na fazenda em tempos de paz, era também um soldado potencial em tempos de guerra. Mas o amor dos hebreus pelas crianças não estava preso somente ao fato de que eles eram valiosos trabalhadores. Compreendendo tudo isso, podemos ver quão lamentável foi que o profeta Jeremias tivesse desejado nunca haver nascido, lamentando o dia, lá no distante passado, em que as "boas-novas" de seu nascimento foram anunciadas a seu pai. Foi por isso que Jeremias *amaldiçoou o homem* que levou as boas novas a seu pai.

20.16

Seja esse homem como as cidades que o Senhor, sem ter compaixão, destruiu. Continua neste versículo a maldição contra o pobre homem que levou ao pai do profeta as notícias de seu nascimento. Que tal homem fosse como Sodoma e Gomorra (Gên. 19), a quem Yahweh destruiu em Sua indignação. Ou seja, que ele fosse morto de maneira retroativa, de modo que o nascimento de Jeremias e as notícias desse nascimento nunca tivessem ocorrido. A idéia é ridícula, porque fazer qualquer coisa contra o portador da notícia dificilmente teria efeito contra a mãe e o filho. A verdade, entretanto, é que nos países do Oriente Próximo e Médio o portador de más notícias algumas vezes era executado, como se ele fosse a causa das más notícias. Em vez de ouvir sobre as boas-novas "nasceu-te um filho", teria sido melhor para ele que tivessem sido anunciadas más notícias, como as que noticiavam a queda de cidades e a matança em massa de sua população.

20.17

Por que não me matou Deus no ventre materno? Por que minha mãe não foi minha sepultura? Este versículo apresenta outro absurdo, de acordo com nossa maneira de pensar. O pobre homem que levou as novas ao pai de Jeremias, as quais eram, na realidade, más notícias, deveria ter matado Jeremias assim que ele nasceu, ou, pior ainda, deveria ter matado o profeta quando ele ainda estava no ventre materno, tornando assim o útero materno o seu sepulcro. Dessa maneira, tal homem teria prestado um bom serviço, enquanto o nascimento de Jeremias foi uma afronta a todos quantos entrassem em contato com ele. Os vss. 15-17 são realmente *achadores de defeitos*. "A autocompaixão de Jeremias não poderia apagar o fato de que ele havia sido selecionado, ainda no *ventre materno,* para a tarefa que estava realizando (1.5)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ou essa seleção foi da alma preexistente de Jeremias, conforme alguns interpretam este versículo?

20.18

Por que saí do ventre materno tão-somente para ver trabalho e tristeza...? Novamente, mediante palavras um pouco diferentes, Jeremias lamentou seu nascimento (ver o vs. 14). Ele só sentia tristeza por seu nascimento desnecessário e fora de tempo. Este versículo não aborda o problema da preexistência de Jeremias ou de ele ter entrado na vida física naquele momento particular. Os que interpretam Jer. 1.5 como se ensinasse a preexistência dos seres humanos supõem que, se Jeremias não tivesse nascido naquele tempo, isso não afetaria em nada a sua existência real. Mas os que acreditam no *criacionismo* (Deus cria uma nova alma em cada concepção física) dizem que essa suposição indica que Jeremias jamais teria existido. O mesmo pode ser dito com relação aos que acreditam no *traducionismo* (a idéia de que pai e mãe, por ocasião da procriação, também criam a alma). Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete denominado *Alma,* seção I, *Origem da Alma*.

Capítulo Vinte e Um

Vários Oráculos acerca de Reis de Judá (21.1 – 23.8)

Encontramos aqui uma coletânea de oráculos contra vários reis, que, segundo supõem os críticos, teriam sido coligidos por um editor (ou editores) deuteronômico(s) e reunidos nesta longa seção. Outros estudiosos supõem que Jeremias tenha reunido esses diversos oráculos; mas poucos supõem que todos tivessem sido dados ao profeta, uns após outro, na ordem exata em que os achamos aqui. Alguns desses oráculos foram dirigidos a monarcas reinantes, cujos nomes nos são fornecidos: Zedequias (Jer. 21.3-7), Salum (22.10-12), Jeoaquim (21.11-12; 22.1-7), Joaquim (Conias; 22.24-30). Outros foram endereçados à *casa do rei* (21.11-12; 22.1-7) ou a *dirigentes* do povo (23.1-2). E também há oráculos dirigidos a governantes ideais e/ou a determinado rei messiânico (23.4-6). Há alguma perturbação da ordem cronológica do material. Os capítulos 21 e 22 abordam reis perversos, e então, o capítulo 23 trata da realeza ideal.

Resposta a Embaixadores Enviados por Zedequias (21.1-10)

A ordem cronológica deste trecho é perturbada por razões que desconhecemos, se é que houve algum motivo para isso. O primeiro rei a ser nomeado aqui foi Zedequias, embora, cronologicamente, ele tenha sido o último (Jer. 21.1-22.9). Quanto aos outros reis, eles são dispostos em ordem cronológica. A menção ao nome *Pasur* (relacionado a Zedequias) pode tê-lo levado a ser citado em primeiro lugar, visto que recentemente Jeremias havia escrito sobre ele (ver Jer. 20.1). Mas estão em pauta pessoas diferentes com o mesmo nome.

A Embaixada Enviada por Zedequias (21.1-10)

21.1

Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, quando o rei Zedequias lhe enviou Pasur. A mensagem endereçada a Zedequias ocupa a passagem de Jer. 21.1-22.9, sendo uma grande extensão dos oráculos. Esse oráculo foi entregue entre 588 e 586 A. C. Essencialmente, o que Zedequias queria era a aprovação do profeta para seus planos de defesa contra a Babilônia, e com isso, presumivelmente, a intervenção de Deus. Provavelmente, Zedequias esperava um milagre, como o que foi dado a Ezequias (II Reis 8.17-19.37 e Isa. 36-37).

Quanto a detalhes, ver todos os nomes próprios no *Dicionário*. O rei Zedequias enviou Pasur, filho de Malquias, e Sofonias, filho de Maaséias, que era sacerdote, a Jeremias, com uma petição. Pasur (não o homem desse mesmo nome, mencionado em Jer. 20.1) era um dos oficiais do rei. Posteriormente, ele tentou convencer Zedequias a executar Jeremias sob a acusação de traição. Ver Jer. 38.1-4. Sofonias

foi o sucessor de Joiada e tornou-se sacerdote de autoridade somente inferior à do sumo sacerdote. Ver Jer. 29.25-26. Por conseguinte, era homem de grande poder na casta sacerdotal. Após a queda de Jerusalém, foi executado por Nabucodonosor (Jer. 52.24-27).

O rei e seus oficiais estavam dispostos a resistir contra os babilônios, caso Jeremias não fizesse nenhum milagre; mas em breve acusaram Jeremias de traição, por não haver encorajado seus planos. Ver Jer. 38.1-4. O julgamento que tinha sido prometido havia vários anos agora estava bem próximo. Em desespero, percebendo que Jeremias estava correto naquilo que previra, esses dois o honraram e tentaram obter algum benefício ao consultá-lo. Mas a honra que lhe deram não demoraria a transformar-se em ódio. Eles esperavam, em vão, que Jeremias conseguisse fazer Yahweh mudar de atitude.

21.2

Pergunta agora por nós ao Senhor, por que Nabucodonosor, rei de Babilônia, guerreia contra nós. O que Jeremias vinha dizendo o tempo todo agora começava a fazer sentido. Nabucodonosor, rei da Babilônia, estava obviamente mobilizando seu exército para o ataque contra Judá. Os falsos profetas deixaram de proclamar sua falsa mensagem de "Paz, paz" (Jer. 6.14; 8.11). O rei de Judá e os seus oficiais mostraram-se espertos o suficiente para reconhecer que Jeremias estava com a razão o tempo todo. Assim sendo, em desespero, resolveram consultá-lo para ver se alguma espécie de milagre redundaria das "honrarias" prestadas a ele. Eles conheciam a história de Israel e tinham consciência dos milagres e intervenções divinas periódicas que vinham da parte de Yahweh. Por algum tempo, pelo menos, abandonaram os numerosos deuses e ídolos que infestavam o país e "puseram todos os seus ovos num único cesto", de acordo com uma moderna expressão idiomática. Eles fixaram suas esperanças em Yahweh, mas não há nenhum registro escrito de que tenham abandonado seus maus caminhos. E mesmo que assim tivessem feito, provavelmente isso não resultaria em bem algum. Era tarde demais. A sorte já tinha assumido seu curso inexorável. Provavelmente eles tinham em mente a intervenção de Yahweh em favor de Ezequias contra os assírios (ver II Reis 18.17-19.37). O rei de Judá procurava uma resposta similar à de Isa. 37.5-7. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Nabucodonosor.*

21.3-4

Eis que farei retroceder as armas de guerra, que estão nas vossas mãos. O *fogo profético* queimava nos ossos de Jeremias (ver Jer. 20.9), procurando dar uma mensagem honesta e bruta ao rei, fazendo com que o monarca ficasse indignado. Pasur teria razões para buscar a execução do profeta (ver Jer. 38.1-4). Conforme seus compatriotas chegaram a pensar, Jeremias estava tomando o lado dos babilônios naquele confronto, ou seja, era culpado de traição. Segundo sempre fazia, Jeremias atribuiu a Yahweh a profecia dita ao rei. Judá tinha armas para usar contra o exército da Babilônia, mas Yahweh faria as armas dos judeus tornar-se *inúteis.* Ao mesmo tempo, Deus ajudaria os babilônios com táticas de guerra. Ele poria o terrível exército babilônico contra as muralhas de Jerusalém, dando a eles sucesso em tudo quanto tentassem fazer. Nenhum milagre que houve no tempo de Ezequias haveria de acontecer. Longe de ser o Libertador de Jerusalém, Yahweh seria a garantia da derrota deles. Ver em Isa. 13.6 como Deus controla os negócios dos homens. Para tanto, Ele usa Sua providência negativa e Sua providência positiva. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* Essa profecia foi cem por cento consistente com as profecias anteriores. Mas Zedequias solicitou a ajuda divina tarde demais e, quando fez seu pedido, ainda estava carregado de pecados, e o povo de Judá continuava atolado até o pescoço na idolatria-adultério-apostasia.

21.5

Pelejarei eu mesmo contra vós outros com braço estendido e mão poderosa. Yahweh assumiria a temível posição de Senhor dos Exércitos contra o próprio povo, sendo Ele o General do exército babilônico, ferindo o adversário com *braço* estendido. Quanto à essa figura, ver Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Quanto à *mão* de Deus, ver Sal. 81.4, e quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6. Isso posto, da maneira mais enfática, final e fatal, a condenação foi proferida contra Judá. Tudo fazia parte do plano divino, embora fosse executado por instrumentos humanos. Tudo seria feito em meio à *ira divina acumulada,* conforme indicam as várias palavras aqui: *ira, indignação, grande furor.* A declaração não poderia ser mais enfática e drástica. A matança que se seguiu justificou todos esses termos espantosos. Não havia como suportar o peso do braço divino. Esse braço, em ocasião passada, tinha derrotado o Egito e dado a Israel a vitória, e a Moisés e a seu povo o livramento da terra do Egito (repetido mais de vinte vezes somente no livro de Deuteronômio; ver Deu. 4.20). Mas agora a apostasia de Judá tinha tornado a nação o objeto de terror, e não o beneficiário da bênção do Senhor.

21.6

Ferirei os habitantes desta cidade, assim os homens como os animais. Tanto os homens como os animais seriam feridos pela mão divina. Uma vez que a matança inicial estivesse terminada, haveria destruidora pestilência, que freqüentemente acontece quando a guerra deixa mortos jazendo ao ar livre, o povo morre por falta de suprimentos alimentares, a água fica poluída com bactérias, e não mais imperam condições mínimas de higiene. As *pragas* sempre são um dos piores temores de uma cidade sob cerco prolongado. Cf. Jer. 14.12. Hipócrates chamava a praga que se segue à guerra de "doença divina", significando uma enfermidade incomum e severa, para a qual os povos antigos não tinham explicação, exceto que havia algo de divino envolvido.

21.7

Depois disto, diz o Senhor, entregarei Zedequias... na mão de Nabucodonosor. Haveria alguns poucos sobreviventes do ataque e das pragas que se seguiriam. Entre eles estariam o próprio rei e alguns de seus oficiais, além de alguns dentre a população. Na verdade, *poucos* escapariam do tríplice ataque: guerra, praga e fome. Mas até esses por pouco escapariam em meio aos terrores que se seguiriam, a deportação e a matança contínua, visto que a espada os seguiria até à Babilônia (ver Jer. 9.16). O presente versículo repete essa profecia. O rei da Babilônia não os pouparia somente por terem sobrevivido aos ataques iniciais. Pelo contrário, não teria piedade alguma. Nabucodonosor era homem feroz, a quem faltava a compaixão. O rei de Judá foi cegado e acorrentado na Babilônia (39.5-7). Os poucos líderes judeus que sobreviveram foram enviados a Ribla, onde foram executados (ver Jer. 52.24-27). Ver também Jer. 34.4; Eze. 12.13; II Reis 25.6-7. Nenhuma compaixão foi demonstrada mulheres, crianças e idosos. Jer. 52.10-11; Lam. 5.12-13 e II Crô. 36.17.

21.8

Eis que ponho diante de vós o caminho da vida e o caminho da morte. Aparentemente, este versículo oferece uma oportunidade de sobrevivência por meio do arrependimento, mas a mensagem parece ser que várias pessoas sobreviveriam se Judá simplesmente desistisse e se rendesse, antes de iniciada a matança. Dessa maneira, talvez alguma compaixão fosse obtida. Yahweh deixou na presença de Judá os caminhos *da vida e da morte.* Naturalmente, não há nenhuma idéia aqui da vida e da morte no sentido espiritual, de recompensas e punições para além-túmulo. Este versículo tem sido popularmente usado dessa maneira, mas não há base para isso. "O *caminho da morte* destinava-se aos que decidissem permanecer na cidade. Esses certamente morreriam. E o *caminho da vida* seria possível aos que se rendessem diante do inimigo que cercava Jerusalém. Essa era a única esperança que restava para aqueles que permanecessem na cidade, porquanto Deus tinha decidido ferir Jerusalém, deixando-a cair defronte da Babilônia. A resposta a essa mensagem de Jeremias acha-se em 28.1-4 de seu livro" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Veja o leitor como as coisas se tinham reduzido: o caminho da vida não era mais o caminho do arrependimento e da retidão. Agora era tarde demais para isso. Para sobreviver, os judeus tinham de submeter-se à misericórdia dos babilônios, em abjeta rendição. E a maioria dos judeus que assim fizesse, mesmo que se rendesse, seria morta.

"*Vs. 8-10.* Embora redigidos em uma linguagem tipicamente deuteronômica, estes versículos não são incoerentes com a atitude de Jeremias durante o cerco babilônico. O profeta aconselhou ao rei que se rendesse aos babilônios como o único caminho para a segurança (ver Jer. 38.17-18), mas o profeta foi aprisionado sob a acusação de deserção (ver Jer. 37.13-14). Contudo, é claro que ele tomou tal posição porque acreditava que Nabucodonosor era agente da vontade de Yahweh (cf. Jer. 27.6). Jeremias provou que não era um traidor de seu país ao preferir ficar na Palestina depois que os babilônios capturaram Jerusalém (ver Jer. 40.6)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Cf. o fraseado deste versículo com Deu. 30.15,19.

21.9

O que ficar nesta cidade há de morrer à espada, ou à fome, ou de peste. Esses três assassinos, a *espada,* a *fome* e a *peste,* aniquilariam a grande maioria dos que preferissem o caminho da morte, resistindo ao exército babilônico. Mas os que simplesmente abandonassem suas posições de defesa e se rendessem teriam uma chance de viver. Por quê? Porque, quanto mais judeus se rendessem, mais fácil seria para os babilônios cumprir seu propósito, e menos soldados eles perderiam. Esses fatores gerariam pontos positivos em favor dos judeus desertores. Cf. Jer. 38.18. Contudo, o que Jeremias estava propondo parecia a muitos inspirado pela tentativa de fuga de um covarde. Por outro lado, algumas vezes há causas realmente perdidas, que devemos abandonar. Algumas vezes "mordemos mais do que podemos chupar", conforme diz uma expressão idiomática moderna,

e, nesses casos, simplesmente devemos cuspir fora o bocado. Nem todo o empreendimento deve ser visto com as mesmas lentes até o fim. Há ocasiões em que a sabedoria nos diz: "Fuja".

21.10

Pois voltei o meu rosto contra esta cidade, para mal, e não para bem. Este caso particular (defender Jerusalém) era desesperador, porquanto Yahweh estava defendendo o outro lado. A condenação já havia sido decretada. O mal chegava pela determinação e pelo decreto divino, e era inútil aos judeus esperar o melhor. As chamas babilônicas transformariam Jerusalém em deserto, e animais ferozes viriam habitar naquele lugar (ver Jer. 9.11 e 10.22). Cf. este versículo com Lev. 17.10. Ver Jer. 52.13 quanto ao cumprimento dessas profecias incandescentes.

Contra a Casa do Rei de Judá (21.11-12)

21.11-12

À casa do rei de Judá dirás: Ouvi a palavra do Senhor. Este oráculo é geral e poderíamos pensar que continuou a tratar com Zedequias, mas muitos eruditos pensam que se adapta melhor a Jeoaquim, a quem Jeremias condenou por ter agido injustamente contra seus súditos (ver Jer. 22.13-17). Por outro lado, alguns estudiosos tomar o vs. 11, "casa do rei de Judá", como uma espécie de subtítulo de uma coletânea de oráculos, que ficam dentro da passagem de Jer. 21.11-23.8. Cf. Jer. 23.9. Seja como for, a parte central da mensagem (vs. 12) é um chamado para que os judeus administrassem a *justiça*. O rei de Judá e seus oficiais precisavam cuidar para que os opressores fossem rebaixados a seus lugares certos e os oprimidos recebessem justiça em suas questões pessoais, no comércio e nos tribunais de justiça. Yahweh se levantava com ira contra os opressores, e Seu fogo não se apagaria enquanto a justiça não fosse feita. Cf. Jer. 4.4 e 17.4. Jeremias, pois, apontou para um dos principais deveres dos reis orientais, em cujas mãos havia poder absoluto. Se o monarca judeu assim desejasse fazer, poderia estabelecer a justiça. Ele poderia levantar-se cedo pela manhã, ir às portas da cidade, onde o comércio e a justiça eram processados, e ouvir as queixas dos oprimidos. Essa era a maneira mais segura pela qual poderia ganhar o apoio popular (ver I Reis 3.28), assim como a aprovação divina. A corrupção da nação de Judá, através de injustiças intermináveis, era *uma das coisas* que fazia parte da idolatria-adultério-apostasia generalizada que seria julgada pela invasão babilônia.

> *Deveis julgar o povo com justiça todos os dias.*
> *Protegei dos criminosos as pessoas que têm sido roubadas.*
> *Se não fizerdes assim, ficarei muito irado.*
> *Minha ira será como um fogo.*
>
> (NCV)

Cf. este versículo com Jó 24.17 e Sal. 101.8. Ver também Sal. 90.14 e 143.8.

Oráculo Contra Jerusalém (21.13-14)

21.13

Eis que eu sou contra ti. Talvez este oráculo um tanto obscuro seja um fragmento de um oráculo maior. Nem ao menos fica certo que se manifesta contra Jerusalém, mas os críticos supõem que a palavra "moradora" aponte para Jerusalém, visto que está no gênero feminino, o que seria mesmo de esperar se uma *cidade* fosse o alvo do discurso. Cf. Miq. 1.11-13,15. A essência desse oráculo é uma condenação da cidade e seus habitantes, pois eles pensavam que, a despeito de sua apostasia, Jerusalém era uma cidade invencível, mesmo que ameaçada pelo exército babilônico. Ver Jer. 7.14 e 49.4. "Os habitantes de Jerusalém acreditavam, tal como os antigos jebuseus na antiguidade (ver II Sam. 5.8), no que lhes parecia ser a força inconquistável de sua posição natural" (Ellicott, *in loc.*).

Moradora do vale. A cidade de Jerusalém estava situada, em sua maior parte, sobre colinas, mas parte dela estava nos vales, no fundo das colinas. O vale entre as colinas de Sião e Moriá era chamado de Tiropoeon (isto é, o vale dos *fabricantes de queijos*). O termo *rocha* provavelmente refere-se à parte mais alta de Jerusalém, que ficava em uma colina rochosa, e talvez esteja especificamente em vista o monte Sião. Se essa descrição pode referir-se a Jerusalém, sem grande dificuldade, é possível que tais palavras se referissem originalmente a outra cidade, e posteriormente foram então aplicadas a Jerusalém.

A orgulhosa cidade das colinas, que se espalhava também por alguns vales, se julgava invencível: "Quem entrará nas nossas moradas?". Toda essa confiança mostrou ser inútil, conforme a história subseqüente revelou tão vividamente. Os réprobos de Jerusalém tinham abandonado o yahwismo, e o templo havia sido poluído mediante doentio sincretismo, no qual Yahweh foi reduzido a ser apenas mais uma das divindades do panteão. Além disso, nas colinas, nos lugares altos, havia idolos ligados à prática de sexo ilícito, sob cada árvore (ver Jer. 3.13). Não havia razão alguma para esperar proteção divina em meio a uma massa impia tão confusa.

21.14

Castigar-vos-ei segundo o fruto das vossas ações, diz o Senhor. As ações dos judeus eram injustiças dentro do território do país (vs. 12), bem como idolatria generalizada (Jer. 19.4-5,13). Em retribuição divina, Jerusalém seria incendiada como uma floresta, por chamas violentas e tangidas pelo vento. O *fogo* era uma figura simbólica comum para indicar o julgamento divino. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fogo, Símbolo do* e *Fogo,* seção VII. As florestas eram literalmente destruídas pelo fogo e, assim sendo, este foi um símbolo especialmente aplicável a Jerusalém e sua ruína, por parte do exército babilônico. A desolação causada por um exército invasor como o de Nabucodonosor (II Reis 19.23) foi demonstrada na destruição das florestas, efetuada de maneira insensata; e isso explica a escassez comparativa de árvores na Palestina. Em Jerusalém, as casas tinham paredes grossas como árvores, e as mais ricas dentre essas residências eram fortalecidas por tábuas feitas de cedros do Líbano.

Capítulo Vinte e Dois

Temos uma série de *oráculos* cujo tema são os reis de Judá, uma seção coberta pelo trecho de Jer. 21.1-23.8. Ver as notas de introdução sobre isso no capítulo 21. Neste ponto encontramos o quarto oráculo da série, o qual encerra várias alusões ao livro de Deuteronômio e é considerado pelos críticos a obra de um editor deuteronômico, incorporando certas declarações de Jeremias. Ao longo desse oráculo tomo nota dos reflexos daquele livro. Por outro lado, Jeremias pode ter empregado livremente o livro de Deuteronômio, misturando alusões a ele em seus oráculos. A preparação final dos oráculos para publicação provavelmente aproveitou materiais que, originalmente, não faziam parte do livro de Jeremias, mas foram eram apropriados como ilustrações.

Oráculo de Condenação contra o Palácio Real e a Cidade (22.1-9)

22.1

Desce à casa do rei de Judá, e anuncia ali esta palavra. *Sumário.* "Yahweh instruiu Jeremias a descer do templo e ir ao palácio do rei. A mensagem do profeta ao rei, aos oficiais e ao povo que ali estavam era que eles agissem justa e corretamente. O conteúdo é similar ao da mensagem de Jer. 21.12, mas certas conseqüências foram atreladas às ações. *Se* o rei fosse cuidadoso em observar os mandamentos de Deus, poderia continuar recebendo as bênçãos divinas, mas, se ele desobedecesse a esses mandamentos, Deus decretaria a ruína do palácio" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Note o leitor o tom deuteronômico do oráculo. Cf. estas palavras com Deu. 4.1; 5.33; 6.2 e 6.4 ss. A observância da legislação mosaica formava a essência mesma do yahwismo. O palácio do rei ficava contíguo à área do templo, embora em um nível inferior. Ver Jer. 26.10; 36.11-12; II Reis 19.14 e 23.2.

Rei. Algumas versões colocam essa palavra no plural, "reis". Nesse caso, possivelmente estavam em foco os *quatro reis* que governaram durante esse tempo: Salum (vs. 11), Jeoaquim (vss. 13-18), Jeconias (vs. 24) e Zedequias (21.1,11-12), dados fora da ordem cronológica. "Encontramos aqui alguns poucos e breves oráculos que descrevem as batalhas de Jeremias com esses reis" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

22.2

Ouve a palavra do Senhor, ó rei de Judá, que te assentas no trono de Davi. *Chegando ao palácio real,* Jeremias encontrou o rei que estava sendo servido por alguns de seus oficiais e por um pequeno ajuntamento de gente, que aconteceu estar ali naquele dia. Portanto, o profeta teve uma audiência seleta para seu oráculo. O fogo novamente requeimava seus ossos (ver Jer. 20.9) enquanto ele discursava, embora o que ele tivesse para dizer só poderia causar-lhe dificuldades. O rei de Judá estava sentado no trono de Davi, uma elevada honra e algo que deveria tê-lo inspirado à retidão. Mas as coisas tinham-se desintegrado de tal maneira em Jerusalém que não restava muita inspiração para que a justiça fosse servida.

22.3

Executai o direito e a justiça, e livrai o oprimido da mão do opressor. Este versículo é uma versão expandida de Jer. 21.12. O rei, como poder supremo

que era, e com autoridade para cuidar das questões da vida e da morte, poderia ter facilmente exigido que se agisse com justiça em Judá, e teria obtido esse resultado. Antes de tudo, porém, ele mesmo precisava ser um homem justo; então teria coragem de promover a justiça em um palácio totalmente depravado e paganizado. Ele teria de purificar os tribunais de justiça e o comércio que se processava nos portões da cidade. Teria de expelir os opressores e restaurar os oprimidos a seus direitos. Teria de eliminar da cidade os criminosos, que eram como aves de rapina alimentando-se da população pobre. Teria de desfazer-se da violência nas ruas e nas residências. Teria de defender os estrangeiros que estivessem atravessando o país, ou mesmo os que tinham fixado residência em Judá. Teria de defender as viúvas e os órfãos, as camadas mais humildes e dependentes da sociedade, que eram presas dos "abutres". Teria de executar os criminosos culpados dos crimes de sangue. Em outras palavras, teria de obedecer à lei de Moisés, em todas as suas provisões. Ver Deu. 6.4 ss. (a lei como *guia* do povo judaico); Deu. 4.4-8 (a lei que tornava Israel povo *distinto* entre as nações); Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1 (a lei prometia uma boa, próspera e *longa vida* para os que lhe obedeciam). Ver sobre *Pacto Mosaico*, anotado na introdução a Êxo. 19.

"Jeoaquim está em foco aqui, especialmente. Por meio da opressão, ele procurou contrabalançar o tributo que lhe foi imposto pelo Faraó Neco, rei do Egito (ver II Crô. 36.3). Esse Faraó tinha mudado o nome dele de Eliaquim para Jeoacaz. Então o rei de Judá impôs pesados impostos a seu povo, fazendo-os trabalhar sem pagamento e usando o dinheiro para construir um esplêndido palácio para si mesmo (vss. 13-17); ele também se ocupou em derramar sangue inocente, a saber, o sangue do profeta Urias (ver Jer. 26.20-24; II Reis 23.35). E seguiu os passos do ímpio Manassés (ver Jer. 24.4)" (Fausset, *in loc.*). Essas palavras, naturalmente, são bastante gerais e poderiam aplicar-se a todos os reis corruptos de Judá que antecederam o cativeiro babilônico.

22.4

Se deveras cumprires esta palavra, entrarão pelas portas desta casa os reis. Este versículo é uma versão abreviada de Jer. 17.25, onde ofereço as notas expositivas a respeito. A promessa divina aqui é de que a guarda da lei e a promoção da justiça e da retidão significariam a renovação de Judá, um glorioso reavivamento do yahwismo, com as bênçãos divinas acompanhantes.

Este versículo ensina-nos que tal reavivamento requeria a liderança do rei, algo da ordem das reformas instituídas por Josias, embora mais profundas e de mais longa duração.

22.5

Mas se não derdes ouvidos a estas palavras... esta casa se tornará em desolação. Se a ordem de Yahweh relativa à *reforma* fosse ignorada, e os reis de Judá continuassem a agir segundo sua ímpia conduta, promovendo a idolatria-adultério-apostasia de Judá, então as coisas iriam de mal a pior. O resultado final seria a invasão de Judá pelo exército babilônico, com a matança, o saque e o exílio subseqüentes. Jerusalém ficaria essencialmente desabitada, com todos os edifícios destruídos, incluindo o templo. Tornar-se-ia covil de animais selvagens (ver Jer. 9.11). Isso seria o fim de Jerusalém, a Dourada. O Targum relembra-nos que entre as desolações estariam as ruínas do palácio real de Judá.

Note o leitor neste versículo o *juramento divino*, que é o equivalente a um *decreto divino*. Cf. Heb. 6.13,17. Cf. Jer. 19.7-13, uma predição mais elaborada de desastres, juntamente com as razões que os motivaram.

22.6

Certamente farei de ti um deserto e cidades desabitadas. Este versículo reforça as idéias do versículo anterior. A palavra do rei continuava no centro dos pensamentos de Yahweh. *Gileade* era um lugar coberto de florestas, o ponto culminante do Líbano. Estava longe de ser uma desolação, e Jerusalém ficava situada na "floresta do rei". Mas em pouco tempo estaria essencialmente desabitada. O original hebraico contém aqui a forma plural, "cidades", provavelmente indicando estarem em pauta Judá e suas muitas cidades. O país inteiro corria o risco de ser transformado em deserto, covil de animais ferozes, e não habitação dos homens (ver Jer. 9.11; 10.22; Isa. 13.22 e 34.13). Jerusalém seria reduzida a um montão de ruínas (ver Jer. 9.12 e Isa. 25.2). Jeremias já havia predito a destruição do templo (ver Jer. 7.1-15) e agora mostrava que a residência ornamentada do rei de Judá não seria poupada da destruição.

Quanto a Gileade e ao Líbano como lugares cobertos por florestas, ver Juí. 9.15; I Reis 4.33; II Crô. 2.8. O complexo do templo, incluindo a Casa da Floresta do Líbano (ver I Reis 7.2-5), empregou abundantemente cedros do Líbano em sua construção. Outro tanto se dava especialmente no caso do templo de Salomão. Ver I Reis 5.6; 8.10 e 10.27. Assim sendo, em certo sentido, havia uma floresta do Líbano em Jerusalém. Gileade tornou-se famosa por seus *carvalhos*, outra madeira nobre usada na construção de edifícios. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Carvalho* e *Cedro*.

22.7

Designarei contra ti destruidores, cada um com as suas armas. "A destruição do país foi expressa sob o símbolo da destruição de uma *excelente floresta*; uma multidão de lenhadores veio contra ela, cada qual armado com o seu machado; e, porque as árvores não ofereciam resistência, em breve estavam todas derrubadas por terra. Esses destruidores, disse Deus, eu preparei, eu santifiquei. Eles tinham uma comissão da parte de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. Isa. 13.6: Yahweh é o divino Determinador dos acontecimentos na humanidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*.

Os teus cedros escolhidos. Ou seja, os excelentes cedros usados no templo, no palácio do rei e em outras edificações caras da cidade. A "floresta excelente" seria cortada em pedaços. Cf. Isa. 37.24. O Targum faz dos cedros nobres a liderança de Jerusalém, e não seus edifícios. Ver Jer. 52.13 quanto à total ruína dos edifícios nobres da cidade.

22.8-9

Muitas nações passarão por esta cidade. Os que passassem pelo deserto que antes fora uma grande nação, saberiam que Yahweh tinha feito isso contra os judeus, e eles eram chamados de "seu povo"! Portanto, *por que* Ele fizera isso? Essa seria a questão que as nações levantariam. Ver Deu. 29.24-25, de onde os vss. 8-9 foram obviamente tirados, com um pouco de variação. A resposta foi a padronizada: o Deus do *pacto mosaico* (ver a anotação da introdução a Êxo. 19) teria de puni-los severamente por sua idolatria-adultério-apostasia. As nações pagãs se apegavam a seus deuses ancestrais, mas Israel-Judá abandonou suas tradições e se paganizou. Ver Jer. 18.13-17. Cf. II Reis 22.17: "Visto que me deixaram, e queimaram incenso a outros deuses, para me provocarem à ira com todas as obras das suas mãos, o meu furor se acendeu contra este lugar, e não se apagará".

Deus puniu Seu povo com as *maldições* deuteronômicas. Ver Deu. 28.15 ss. A obediência à lei transmitia *vida* (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1), mas a desobediência significava *morte*, conforme Deu. 38 demonstra com abundância.

O Oráculo contra Salum (22.10-12)

22.10

Não choreis o morto, nem o lastimeis; chorai amargamente aquele que sai. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Reino de Judá*, especialmente seção IV, que lista os reis de Judá e descreve cada um deles de maneira breve. O "Salum" do texto presente é o "Jeoacaz" da lista, colocado como o rei de número 17. Ele era filho de Josias, o reformador. Josias foi tragicamente morto em Megido, pelo Faraó Neco. Ele é o "morto", lamentado no vs. 10. O povo lamentou amargamente sua morte, mas, de acordo com a opinião do profeta, o homem a ser lamentado era seu filho impotente, que esteve no trono apenas por três meses e então foi levado ao cativeiro no Egito, para nunca mais retornar à Terra Prometida. Ato contínuo, o Faraó fez subir ao trono outro filho de Josias, *Jeoaquim*, que lhe foi apenas um títere. Jeoacaz reinou durante o ano de 608 A. C. Ver mais detalhes sobre ele no *Dicionário*. Quanto a "Salum", ver *Jeoacaz*, segundo ponto. Salum é uma forma abreviada do nome *Selemias*. Ver II Reis 23.29-35, quanto ao pano de fundo histórico dessa passagem.

22.11

Porque assim diz o Senhor acerca de Salum, filho de Josias. Este versículo repete a razão essencial para a lamentação que aparece no vs. 10: *Salum* teve o grande infortúnio de ser levado para o exílio, do qual nunca retornou. Isso foi pior do que ser morto em batalha. Em certo sentido, os santos que morrem devem ser invejados, enquanto os pecadores vivos, em meio a seus severos julgamentos, devem ser alvo de compaixão. O governo de Salum foi breve e desastroso. Josias pelo menos fez alguma coisa, antes de seu triste fim. Mas o pobre Salum perdeu sua terra natal, seus amigos e sua família, depois de nada haver feito. Salum era seu nome privado (ver I Crô. 3.5); seu nome real era Jeoacaz. Mas o infortúnio foi a parte que lhe coube por sorte.

22.12

Mas no lugar para onde o levaram cativo morrerá, e nunca mais verá esta terra. Neste versículo continua a lamentação por Salum. Ele foi exilado para um lugar onde não queria estar. Era um rei, mas foi tratado como um escravo exilado. E então morreu naquele lugar miserável, longe de sua terra natal. Sem dúvida, ele esperava retornar do Egito e reiniciar seus deveres da realeza. Certamente era o que esperavam seus familiares e amigos, mas essas esperanças foram frustradas. O destino foi cruel com Salum. Não possuímos nenhum registro específico sobre a permanência e a morte desse homem no Egito. Sabemos tão-somente o que este versículo nos informa. Não há nenhuma menção a ele no

relato da descida posterior de Jeremias ao Egito, no início do cativeiro babilônico de Judá. Ver Jer. 43.6-7. Seu sucessor, Jeoaquim, foi homem injusto e tirânico, o que significa que muita gente teria saudado a volta de Salum ao trono de Judá.

Oráculo contra Jeoaquim (22.13-19)

22.13

Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça, e os seus aposentos sem direito. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele, cujo nome é grafado como *Jeoaquim.* Ver também sobre *Reino de Judá,* seção IV, ponto 18, onde apresento um breve sumário sobre o seu reinado. Ele governou Judá por onze anos. De modo geral, foi um rei mau, embora tivesse realizado muitas obras públicas; sua vida espiritual foi confusa; ele pagou tributos ao Egito; serviu a Nabucodonosor, da Babilônia; promoveu escandalosa idolatria; foi capturado e levado para a Babilônia; e foi sepultado como um jumento. Quanto a todas essas pequenas informações sobre Jeoaquim, o artigo sobre o *Reino de Judá* fornece referências bíblicas. O artigo específico sobre Jeoaquim fornece muitos detalhes. Jeremias referiu-se a ele em termos adversos, apresentando a pior condenação na seção presente. Jeoaquim ampliou e ornamentou o próprio palácio, ao mesmo tempo que oprimiu economicamente o povo de Judá. Impôs pesadas taxas ao povo, a fim de poder pagar os tributos exigidos pelo Egito (ver II Reis 23.35).

Foram muitos os pecados, fracassos e exageros de Jeoaquim, mas este versículo demora-se sobre um dos incidentes mais graves. Ele edificou seu palácio com dinheiro público e com trabalho forçado, exibindo assim uma espécie de injustiça especial contra o próprio povo. Obrigou o povo a trabalhar forçado, sem pagar os devidos salários, e assim abusou dos judeus, que são chamados aqui de "próximo". O trabalho forçado era uma atividade reservada aos escravos. II Reis 23.35-37 menciona as pesadas taxas que Jeoaquim impôs a seu povo, a fim de pagar o tributo que o Faraó do Egito cobrou dele. Em meio à tensão econômica, ele conseguiu servir a si mesmo da maneira mais aberta possível. Tudo era feito em nome da política. Cf. Tia. 5.4. "Esse rei continuou edificando palácios quando seu reino estava à beira da ruína e seus súditos gemiam debaixo de suas cargas imensas. Provavelmente ele era impulsionado pela vanglória, querendo imitar o Faraó Neco, que o tinha feito subir ao trono" (Ellicott, *in loc.*).

22.14

Edificarei para mim casa espaçosa, e largos aposentos. Jeoaquim não poupava despesas para fazer de seu palácio uma edificação extremamente ornamentada, com espaçosos aposentos superiores, janelas belamente enfeitadas, painéis de cedro, tudo pintado de *vermelhão* (no hebraico, *shashar,* tinta importada da Índia). Plínio informa-nos que o povo indiano chamava essa tinta de *sasuri* (*História Natural* 1.6. cap. 9), produzida por eles. Mas alguns eruditos duvidam que era a essa tinta referida aqui. Seja como for, o profeta estava dizendo que o rei não poupou esforços para edificar um magnificente palácio, com a ajuda de materiais de construção importados e talvez com o auxílio de operários estrangeiros, conforme aconteceu com Salomão. "O vermelhão antigo compunha-se de enxofre e mercúrio" (Fausset, *in loc.*). É típico dos políticos enriquecer-se em meio às crises econômicas e aos desastres de seus países. Eles sempre se certificam de que suas próprias fortunas pessoais nada sofram, em contraste com a pobreza dos povos que governam.

22.15

Jeoaquim, filho de Josias, contrastava com seu bom pai em todas as coisas. Seu pai não importava madeira de cedro em meio à tensão econômica. Ele não *competia* com os monarcas orientais para ver quem seria o maior e mais ridículo gastador. Josias comia e bebia com simplicidade, não promovendo festas reais escandalosas, com seus inevitáveis excessos. Além disso, Josias promoveu retidão e justiça, eliminou a idolatria e estabeleceu um exemplo espiritual firme para o povo seguir. Seu filho, Jeoaquim, entretanto, errou em todos os pontos. Jeremias nada encontrou para louvar nele ou em suas obras. Josias não era um asceta, mas sabia traçar a linha contra o luxo e a ostentação. Não era espiritualmente perfeito, mas sabia que a idolatria era um ultraje em Judá. Um homem que habita em um esplêndido palácio não se torna, nem por isso, um bom rei. Josias tinha as bênçãos de Yahweh e essa foi a sua compensação.

22.16

Julgou a causa do aflito e do necessitado. Em contraste com reis ímpios, Josias administrava a justiça aos pobres e aos necessitados. Ver Jer. 22.3, quanto ao que se esperava de um rei naquelas questões. Tudo "corria bem com ele", por causa dessa exibição básica de espiritualidade. Ele "conhecia o Senhor" em sua vida e ações. "Ele tinha verdadeiro conhecimento de Deus, o que, para os profetas, era primariamente uma questão moral e não intelectual" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Na qualidade de pastor de Deus, era esperado que ele nutrisse o rebanho, e não que o dizimasse. Jeoaquim não herdou nenhuma das boas qualidades de seu pai. Estava interessado somente em ganho desonesto, derramamento de sangue, opressão e extorsão" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

> *Ora, se sabeis estas cousas, bem-aventurados sois se as praticardes.*
>
> (João 13.17)

> *No tocante a Deus professam conhecê-lo, entretanto o negam por suas obras, por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra.*
>
> (Tito 1.16)

22.17

Mas os teus olhos e o teu coração não atentam senão para a tua ganância. Agora o profeta mencionou os *pecados mais pesados* de Jeoaquim, que incluíam ganhos desonestos, crimes de sangue, opressão e violência. Ver II Reis 24.4, quanto à confirmação dessa condenação. Ele corrompeu tribunais de lei e fez que homens inocentes fossem executados, ao mesmo tempo que defendeu a causa de homens violentos e perversos, que oprimiam os pobres. Ele se mostrava extravagante em seus pecados, enchendo Jerusalém com o sangue dos inocentes. Sua avareza e seu impulso pelo poder levaram-no a ser um violento opressor. "Sua intenção era satisfazer suas concupiscências, traçando e formando esquemas, derramando sangue inocente a fim de arranjar dinheiro, bens e propriedades. Sua avareza levou-o a tornar-se um assassino" (John Gill, *in loc.*).

22.18-19

Assim diz o Senhor acerca de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não o lamentarão. Não há razão alguma para duvidarmos das palavras de Jeremias aqui, embora não tenhamos recebido confirmação sobre elas nos relatos históricos de II Reis. O trecho de II Reis 24.6 diz-nos tão-somente que Jeoaquim dormiu com seus pais. Com base nas palavras do profeta, compreendemos que o homem não seria lamentado como bom rei, que ele realmente não foi. As pessoas se alegraram porque com sua morte.

Ninguém sairia ao redor lamentando-se: "Ai, meu irmão!" ou: "Ai, sua majestade". Presumivelmente, ele foi sepultado no jardim de Uzá, onde Manassés e Amom tinham sido sepultados (conforme diz a Septuaginta de II Crô. 36.8). Se isso estiver certo, nenhuma grande multidão compareceu ao funeral. Alguns estudiosos supõem que ele tenha recebido um sepultamento apropriado, e, posteriormente, seu corpo foi exumado e desonrado pelos babilônios, o que parece ser a mensagem do vs. 19. Outros eruditos, porém, pensam que o homem não teve funeral, e seu cadáver foi atirado pelos portões de Jerusalém, como se fosse um jumento morto. Não possuímos nenhuma confirmação literária "externa" sobre tudo isso, pelo que temos de tomar a palavra de Jeremias de que o homem foi desonrado em sua morte. Ver Jer. 36.30, que repete essa ousada profecia. A reprodução favorece a interpretação de que a profecia foi realmente cumprida. Ainda outros intérpretes supõem que, quando ele estava sendo transportado, acorrentado, para a Babilônia (ver II Crô. 36.6), morreu no trajeto e seu corpo simplesmente foi deixado para trás, insepulto, enquanto o exército babilônico continuou a marchar. Isso não concorda com a versão da Septuaginta de II Crô. 36.8, mas concilia-se com as profecias de Jeremias.

Ai, minha irmã! Estas palavras podem parecer fora de lugar aqui. Porém o mais provável é que esteja em pauta a rainha-mãe. Nenhum homem chegaria ao menos a dizer à esposa do rei: "Lamento dizer que seu marido, o rei, morreu". A mais comum cortesia seria omitida em seu caso.

Josefo (*Antiguidades* 1.10, cap. 6) informa-nos que esse rei não foi sepultado. Ele foi simplesmente lançado para fora dos portões da cidade, como um jumento estúpido e imundo, e então seu cadáver se tornou alimento de cães e outros animais vorazes.

Lamentação sobre Jerusalém (22.20-23)

22.20

Sobe ao Líbano, ó Jerusalém, e clama; ergue a tua voz em Basã. "Este poema foi dirigido contra Jerusalém, personificada como uma mulher (o gênero feminino é usado no original hebraico). Provavelmente, a data é de 598 A. C., perto dos dias da rendição de Joaquim aos babilônios e do exílio de muitos dos líderes de Jerusalém (II Reis 24.11-16). A posição deste poema, entre os oráculos sobre Jeoaquim e Joaquim, portanto, é apropriada" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

"Por causa da insensatez de Jeoaquim, Jeremias convidou os habitantes de Jerusalém a lamentar por sua sorte. Esta passagem provavelmente deve ser

datada nos fins de 598 ou começos de 597 A. C., visto enfocar a invasão vindoura dos babilônios em retaliação contra a rebeldia de Jeoaquim. O clamor de Jerusalém seria ouvido por todo o território de Judá" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

A mulher, Jerusalém, lamenta sua horrenda sorte com altos clamores, soltos de três altas montanhas, de modo que sua voz foi ouvida por toda a Palestina. O *Líbano,* na Síria, era a estação *norte* da lamentação; Basã, na Transjordânia superior, era a estação *nordeste;* e *Abarim,* em Moabe, era a estação *sudeste.* Foi ali que Moisés morreu (ver Núm. 27.12; Deu. 32.48). Esse lugar é idêntico ao monte Nebo ou fazia parte dele, como um nome mais genérico. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário.* A lamentação foi levantada quando a Babilônia esmagou Judá.

Os teus amantes. Estas palavras serão mais bem entendidas se o leitor acompanhar os seguintes pontos:

1. "Amantes" pode apontar para os *deuses* falsos que faziam parte do sincretismo religioso de Judá. "Desde os picos mais elevados, as lamentações seriam ouvidas em face da deserção de Jerusalém por seus deuses (amantes; ver Jer. 3.1)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 20).
2. Mas alguns intérpretes pensam estar em foco os *líderes* de Jerusalém, como um paralelo dos *pastores* mencionados no vs. 22. Lam. 1.19 é um trecho paralelo, o que denota que esse significado é possível. O vs. 2 diz que os *amantes* iriam para o cativeiro, mas dificilmente isso poderia relacionar-se aos deuses pagãos que Jerusalém havia adotado.
3. Ainda outros estudiosos pensam estar em foco os aliados de Judá (como o Egito). Judá não foi o único povo a ser deportado pelos babilônios.

22.21

Falei contigo na tua prosperidade, mas tu disseste: Não ouvirei. Desde a juventude de Judá para diante, houve sempre no povo essa atitude de rebeldia. A atitude se cristalizou mais ainda quando o país prosperou, quando Yahweh parecia ter-se tornado supérfluo. O povo de Judá tornou-se *surdo* para com a voz divina. Ver sobre o ato de *ouvir* em Sal. 64.1, que aponta para a capacidade de ouvir e a disposição de obedecer às ordens recebidas - dar atenção às ordens importantes e *obedecer* às normativas baixadas. Cf. Eze. 16 quanto à longa história da desobediência rebelde. Cf. este versículo com Jer. 7.25 e Isa. 47.12.

Nunca deste ouvidos à minha voz. Estas palavras, segundo bases do Antigo Testamento, significam não obedecer à lei de Moisés, que era o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.) do povo de Israel. Os desobedientes, entretanto, quebravam o *pacto mosaico* (anotado na introdução a Êxo. 19).

> *Recusastes a ouvir. Agistes assim desde que eras jovem.*
> *Não me obedecestes.*
>
> (NCV)

22.22

O vento apascentará todos os teus pastores. A punição de Judá viria como vento poderoso que varreria todas as coisas que estivessem à sua frente. O vento, pois, era o exército da Babilônia, que ressecava tudo e soprava tudo para longe. Cf. Jer. 4.11-12; Sal. 106.16; Isa. 40.7. O vento é pintado como *poder devorador,* que *devoraria* os pastores (líderes) que supostamente deveriam providenciar alimentos para o povo. Os que vivem para comer seriam comidos, porquanto tinham envenenado o povo com sua idolatria-adultério-apostasia. O forte vento levaria para a Babilônia, como se fosse palha, o país inteiro, ou seja, os poucos sobreviventes da matança.

Os teus amantes irão para o cativeiro. Ver as três interpretações dos *amantes* deste texto no vs. 20. Aqui, poderiam estar em pauta os líderes, visto que eles (os falsos pastores) não escapariam à deportação juntamente com o povo comum. Ou então estão em pauta os aliados de Judá. Judá não foi o único povo a ser deportado para a Babilônia. Ver II Reis 24.7, onde está em vista o Egito. O termo "reis", que aparece em Jer. 52.32, subentende que houve vários povos cativos na Babilônia.

22.23

Ó tu, que habitas no Líbano e fazes o teu ninho nos cedros! Usando de *sarcasmo e ironia,* o profeta Jeremias chamou Jerusalém de Líbano, por causa da grande quantidade de madeira de cedro que tinha sido trazida para adornar os ricos edifícios de Jerusalém. Isso era pura ostentação e algo fora de lugar para um país que atravessava grave crise. Cf. essa figura com os vss. 6-7 do presente capítulo. Ver também Jer. 4.31; 6.24 e 13.21. "Tanto cedro havia sido importado do Líbano para Jerusalém (cf. Jer. 22.6-7,13-15) que habitar em Jerusalém era como viver entre os cedros do Líbano. Contudo, os que viviam em meio a tais riquezas haveriam de gemer quando as dores do julgamento de Deus viessem sobre eles (como as dores de parto de uma mulher; ver Jer. 4.31)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

O teu ninho. Os habitantes de Jerusalém viviam tão confortáveis em seu luxo como uma ave em seu ninho, presumivelmente em segurança. Mas o vento vindo da Babilônia sopraria para longe o ninho confortável.

Oráculos contra Jeoaquim (22.24-30)

22.24

Ainda que Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, fosse o anel do selo da minha mão direita. O impotente Jeconias era filho de Jeoaquim e subiu ao trono de Judá com apenas 18 anos de idade. Ficou no trono apenas por três meses. Rendeu-se a Nabucodonosor e, levado cativo para a Babilônia, nunca retornou à Terra Prometida (ver II Reis 24.8-17; 25.27-30). Muita gente em Judá considerava que Jeconias (embora no exílio, para dizer o mínimo) era o rei legítimo, e não Zedequias. Ver Jer. 28.1-4; Eze. 17.22. O profeta Jeremias se opunha a essas expectações tolas, sabendo que não haveria retorno imediato para o povo de Judá, nem para o jovem rei. No curto espaço de três meses, porém, Jeconias mostrou ser rebelde e desobediente a Yahweh (ver II Reis 24.9). Quanto aos acontecimentos de seus dias, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Judá,* ponto 19.

Conias era forma abreviada do nome do rei. O *anel de selar* simbolizava o poder real; era o instrumento mediante o qual o monarca autenticava decretos e documentos, a sua "assinatura", por assim dizer. Ver Ageu 2.23 e Est. 3.10. O anel de selar era um item importante por causa da função que cumpria. Possessão exclusiva do rei, pertencia a ele somente. Conias por certo não era esse anel, em nenhum sentido; porém, mesmo que fosse, Yahweh tê-lo-ia tirado do seu dedo e lançado fora como inútil. Embora Conias tivesse reinado somente por três meses, ele praticou muitos males e colheu todo o resultado do mal que semeou. Por esse motivo foi cortado e enviado ao cativeiro na Babilônia. Deus o removeu para que ele não continuasse a pecar. Mas Zorobabel, *neto* de Conias, foi chamado de *anel de selar* de Yahweh, e certamente essa foi uma reversão da fortuna e da posição dentro da família real. Ver Ageu 2.23. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Selo.*

22.25

Entregar-te-ei, ó rei, na mão dos que procuram tirar-te a vida. *A triste sorte de Conias* seria ver-se entregue nas mãos de Nabucodonosor como um prisioneiro impotente, a despeito do fato de que ele carregara (por breve período de tempo) o título de rei. Assim como seu nome era uma forma abreviada de Jeoaquim, sua sorte foi diminuída pelo decreto de Yahweh. É errado dizer: "Aquele homem não tinha sorte", visto que ele mesmo escolhera sua vereda curta e errante. Esse homem temia o rosto do rei da Babilônia e de seus oficiais, pois eles dirigiam o exército babilônico esmagador, mas Conias nada fez para evitar o que tanto temia. Entre os caminhos dos bons e dos maus contrastados, ver as notas de sumário sobre Pro. 4.27. A figura parece ser que Yahweh tirou de Seu dedo um anel de selar fraudulento, e o entregou a Nabucodonosor para ser usado com desprezo. O registro histórico do incidente encontra-se em II Reis 24.8,10-12.

22.26

Lançar-te-ei, a ti e a tua mãe que te deu à luz, para outra terra. Conias, e sua mãe, *Neusta,* viúva de Jeoaquim (ver II Reis 24.8), sofreriam a mesma sorte. Jer. 13.18-19 dá uma predição de Jeremias sobre a deportação deles. O rei (e, presumivelmente, sua mãe) morreria no exílio. Ter sua mãe a sofrer as mesmas indignidades que ele adicionava amargor à experiência. A juventude de Conias (somente 18 anos) provavelmente forçava sua mãe a assumir os deveres e a autoridade de rainha-regente. Provavelmente era ela quem dirigia as normas do breve reinado de Conias e, sem dúvida alguma, encorajava seus pecados. Por conseguinte, o castigo que ela sofreria seria justo. Conias estava destinado a sofrer longo tempo no cativeiro. Somente no ano trigésimo sétimo de seu cativeiro foi que Evil-Merodaque, rei da Babilônia, lhe mostrou favor acima de outros reis cativos. Conias foi solto da prisão e, dali por diante, teve uma vida razoavelmente boa, mas nunca mais deixou a Babilônia. Quanto tempo depois disso Conias morreu é algo que não se sabe. Ver Jer. 52.31-34.

22.27

Mas à terra, da qual eles têm saudades, a ela não tornarão. *Conias e sua mãe,* além de outros que também estavam cativos na Babilônia, ansiavam por voltar a Jerusalém, mas a maioria morreria antes que se cumprissem os setenta anos de cativeiro. Certamente esse foi o caso do rei e sua mãe. Assim sendo, para a grande maioria dos judeus o exílio foi permanente, embora tivesse sido

breve da perspectiva histórica. De um modo, para a alma, não havia tal coisa como permanência na Babilônia. Do outro lado da questão, havia liberdade no paraíso de Deus. Penso que Deus fez algo maravilhoso por aqueles réprobos, de maneira geral. Essa é a promessa da *Descida de Cristo ao Hades*. Ver a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*, quanto a esse título. Cf. este versículo com Sal. 137.1 ss.

22.28

Acaso é este Jeconias homem vil, cousa quebrada? *Conias*, o anel de selar fraudulento (vs. 24), é agora chamado de *vaso* desprezado e quebrado pelo povo de Judá, lançado fora como inútil, juntamente com os seus "filhos" (os habitantes de Judá que sobreviveram à matança e foram deportados para a Babilônia). O jovem rei Conias não teve descendentes, embora a família real tivesse. Mas dificilmente ele poderia chamá-los de seus "filhos". Talvez as palavras sejam aquelas repetidas por advogados de seu retorno a Jerusalém, para ficar com o trono que estava nas mãos de Zedequias, com quem tantos estavam insatisfeitos. Mas isso, na realidade, nunca aconteceu. Ver Jer. 28.1-4, quanto ao desejo de vê-lo retornar à Terra Prometida. Cf. Eze. 7.27. Seja como for, Yahweh estava no controle, estabelecendo e derrubando. Ver Isa. 13.6, quanto à soberania divina. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania*. Quanto à metáfora do vaso quebrado, ver também Sal. 31.12 e Osé. 8.8. Cf. Rom. 9.20-23 e contrastar com II Tim. 2.21.

Os seus filhos. Podem estar aqui em pauta os *filhos potenciais*, porquanto Conias nunca teve filhos. Nenhum descendente dele sentaria no trono de Davi (vs. 30). O fato de que ele nunca teve filhos aparentemente significa "filhos reconhecidos" como governantes potenciais, e não tanto "sem filhos" em um sentido absoluto, conforme podemos deduzir com base em I Crô. 3.17. Quanto à controvérsia sobre a questão, ver as notas no vs. 30.

A Resposta de Yahweh (22.29-30)

22.29

Ó terra, terra, terra! ouve a palavra do Senhor. Este versículo comporta o *convite dramático* de Jeremias para que a terra ouvisse o oráculo de Yahweh. O termo três vezes repetido, "Terra, terra, terra", mostra a natureza momentosa do evento a ser decretado por Yahweh e sua importância internacional. Cf. com as palavras "templo do Senhor" por três vezes repetidas em Jer. 7.4. "A tríplice invocação visava emprestar *intensidade* ao chamado pedindo atenção ao anúncio sobre o fim da linhagem real, até onde diz respeito à descendência de Joaquim" (Fausset, *in loc.*). "Oh, terra! Terra infeliz! Terra desolada! Ouve o julgamento do Senhor" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto a tríplices menções fora do livro de Jeremias, cf. Isa. 6.3 e Eze. 21.27.

22.30

Registai este como se não tivera filhos. *Oráculo de Yahweh.* O ataque dos babilônios e o subseqüente cativeiro (do qual Conias participou) realmente encerrou qualquer oportunidade de um monarca dele descendente subir ao trono de Judá. Foi Yahweh quem arranjou os acontecimentos para que saíssem daquela maneira. Conias tinha perdido quaisquer privilégios especiais (vss. 24-27). A rebeldia azedou sua vida e decepou suas potencialidades.

Os escribas que conservavam o registro das genealogias reais (ver Eze. 13.9; Sal. 69.27-28) foram instruídos a registrar Conias como um homem sem filhos. Assim sendo, nos anais e na mente divina, foi assim falado, como se ele estivesse esperando pela morte, para ver se as coisas realmente tomariam tal rumo.

Conias, com Filhos ou sem Filhos? Considere o leitor os três pontos seguintes:

1. Este versículo deixa claro que Conias não teve filhos. Podemos defender este versículo por causa de sua clareza, mas outras declarações, bíblicas e extrabíblicas, o contradizem. Poder-se-ia argumentar que o homem tinha apenas 18 anos de idade, pelo que ter sete filhos (ver I Crô. 3.17) seria impossível, a menos que esses filhos lhe tivessem nascido no cativeiro. Embora ele estivesse aprisionado por mais de trinta anos, é possível que o rei da Babilônia lhe tivesse permitido constituir família. "Como" isso teria acontecido, porém, é algo não revelado.
2. Em favor do fato de que Conias teve filhos, temos a afirmação igualmente clara de I Crô. 3.17. Ademais, os tabletes com escrita cuneiforme encontrados na Babilônia, que listam as rações dadas a *Yaukin* (ou seja, Joaquim), rei de Judá, mencionam cinco filhos dele.
3. Parece-nos, pois, que o fato de Conias não ter *filhos* diz respeito a qualquer filho que *governasse* após ele. Nesse sentido, ele não tinha filhos nem linhagem real nem sucessor. "A predição teve cumprimento em Conias por ser ele o *derradeiro* representante real da casa de Davi. O tio de Conias, Zedequias, que o sucedeu, pereceu antes dele (ver Jer. 52.31). Ali o cetro de Judá desapareceu. Nem o próprio Zorobabel, seu neto, sentou-se no trono de Judá. Foi apenas um governador" (Ellicott, *in loc.*). O Messias, o Senhor Jesus Cristo naturalmente veio a este mundo através dessa linhagem (ver Mat. 1.11). Mas esse fato não estava dentro do escopo da visão de Jeremias. "Aqui terminou a linhagem dos reis da casa de Davi, até que veio o Rei Messias" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Três

As seções do capítulo que temos à frente são: 1. *Vss. 1-8:* último dos oráculos que tratam dos reis de Israel (concluindo a seção de Jer. 22.1-23.8). 2. *Vss. 9-12:* impiedade geral que dominava na Terra Prometida. 3. *Vss. 13-15:* más obras dos falsos profetas de Jerusalém. 4. *Vss. 16-22:* mensagem dos falsos profetas. 5. *Vss. 23-32:* sonhos mentirosos dos falsos profetas. 6. *Vss. 33-40:* discurso sobre a sentença de Yahweh.

Restauração e Governo Ideal (23.1-8)

Esta seção encerra a coletânea dos oráculos que tratam dos reis de Israel, constituída pelo trecho de Jer. 22.1-23.8. Aqui encontramos quatro novos oráculos: 1. ai dos falsos profetas (vss. 1-2); 2. promessa de Israel retornar à sua própria terra (vss. 3-4); 3. o renovo justo, uma profecia messiânica (vss. 5-6); 4. outra promessa do retorno de Israel à sua terra (vss. 7-8).

"*Vss. 1-8. Um Oráculo Messiânico.* Depois de haver repreendido os governantes (pastores; Jer. 22.22 e Eze. 34) por haverem espalhado Judá (rebanho de Deus), o Senhor prometeu estabelecer um membro justo (um renovo; Isa. 11.1 e Zac. 3.8) da linhagem de Davi sobre um povo de Israel restaurado (Jer. 30.9). Ele governaria de modo responsável perante Deus como rei (ver Isa. 9.2-7), e não como títere (conforme tinha feito Zedequias). Essa expectação messiânica difere do nacionalismo militante posterior (Jer. 16.14-15)" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1).

"A mensagem concernente ao renovo justo (ver Jer. 23.1-8). Jeremias sumariou os reis injustos como se eles fossem pastores que tinham destruído e espalhado as ovelhas de Deus. Os pastores mereciam punição por causa do mal que tinham praticado (cf. Eze. 34.1-10). Mas, se Deus os removesse, a quem Ele nomearia para reunir novamente Suas ovelhas? Jeremias deu dupla resposta a essa pergunta. Em primeiro lugar, o próprio Deus reuniria o remanescente do povo que estava disperso, e o traria de volta. Ele assumiria a responsabilidade pelo ajuntamento de Israel (cf. Jer. 31.10; Miq. 2.12; 5.4 e 7.14). Em segundo lugar, Deus levantaria novos pastores, os quais cuidariam do povo da maneira tencionada por Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Ai dos Pastores (23.1-2)

23.1

Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! *Os pastores* (reis) tinham-se mostrado desleais à sua incumbência. Em vez de recolher e proteger as ovelhas, eles as espalharam e prepararam o caminho para a destruição diante do lobo babilônico. O termo "pastor" provavelmente é amplo o bastante para incluir a *liderança*, não meramente a dos reis; e o tempo do oráculo parece ser aquele de Zedequias. Cf. Eze. 34, que foi escrito mais ou menos na mesma época. Talvez estejam em foco os últimos quatro reis: Salum, Jeoaquim, Conias e Zedequias (ver Eze. 34.2). Esses homens tinham promovido a idolatria-adultério-apostasia de Judá, garantindo assim a retribuição divina que acabou reduzindo a nada a nação de Judá.

23.2

Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes. Os pastores não eram apenas indiferentes para com as ovelhas. Antes, eram ativamente prejudiciais. Eles não as alimentavam; eles as espalhavam; eles as afugentaram para terem de enfrentar os lobos; eles não as recolheram (visitaram) para cuidar de suas necessidades. Por não havê-las visitado, provocaram a *visita* da potência do norte que deixou a terra desolada. Quanto à potência vinda do norte, ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22,26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27; 15.12 e 16.15. Esse foi o mal final que significou o aniquilamento do rebanho.

A *visitação* seria divina, mas realizada através de instrumentos humanos (ver Isa. 13.6). Seria uma visitação caracterizada pela ira (ver Êxo. 32.34). Se a liderança de Judá tivesse cuidado do rebanho, este não teria mergulhando em sua degradação através da idolatria e da injustiça social, e a causa poderia ter sido salva. Mas Judá tornou-se a esposa adúltera (ver Jer. 3.1-2,12), que foi rejeitada e desonrada pela concupiscência de seus amantes.

O Recolhimento de Israel (23.3-4)

23.3

Eu mesmo recolherei o restante das minhas ovelhas. Encontramos aqui o *segundo* de quatro pequenos oráculos dos vss. 1-8. Vai além do retorno dos exilados na Babilônia e parece atingir a era do Reino, durante o milênio, um acontecimento necessário para que haja aquela realização. Embora os profetas do Antigo Testamento não vissem a dispersão romana, a potência ocidental, viram que antes de entrar em sua época áurea Israel deverá ser restaurado *de todas as nações* por onde tem vagueado. "Os vss. 3-4 predizem a volta do rebanho de Israel das terras para onde eles foram expulsos, com *bons pastores* para dirigi-los. Os versículos pressupõem a dispersão dos judeus" (James Philip Hyatt, *in loc.*, o qual supõe que o editor deuteronômico tenha produzido o oráculo). Por outra parte, não há razão para supor que Jeremias não fosse capaz de olhar para tão além da linha do horizonte e ver tais eventos, embora sua visão lhe tivesse sido dada em largas pinceladas, sem detalhes. Cf. Eze. 34. Cf. também Isa. 1.9; 6.13; 54.13 e 60.21.

23.4

Levantarei sobre elas pastores que as apascentem. *Essencial à restauração* é a provisão de pastores apropriados. Esses reverterão os males praticados pelos maus pastores (vs. 1), alimentando o rebanho através do retorno à Palavra de Deus e da restauração dos valores antigos; temores do inimigo serão assim eliminados, porquanto Yahweh será novamente o Protetor. O Grande Pastor por trás da cena é Yahweh, e Ele cuidará para que nada falte às Suas ovelhas. No Messias, a linhagem davídica será reconduzida ao trono de Israel, e Ele será o Principal Pastor. Essa idéia é dada no vs. 5 deste capítulo. Zorobabel, Esdras, Neemias e os macabeus (pelo menos durante algum tempo) seriam pastores bons, mas apenas tipos de coisas melhores por vir. Cf. João 10.28.

O Renovo Justo (23.5-6)

23.5

Eis que vêm dias, diz o Senhor, em que levantarei a Davi um Renovo justo. Temos aqui o *terceiro* de quatro pequenos oráculos, que aparecem em Jer. 23.1-8. Este oráculo claro e abertamente messiânico é repetido em Jer. 33.15-16. O epíteto *Renovo* é um título messiânico. Ver Zac. 3.8; 6.12 e cf. Isa. 4.2 e 11.1. Alguns estudiosos pensam que a época de Jeremias era um período muito inicial para que houvesse uma doutrina verdadeiramente messiânica, mas isso é contradito pelas profecias de Isaías (que viveu antes de Jeremias e tinha muitas mensagens messiânicas para serem entregues). O renovo de Davi foi cortado na pessoa de Conias (ver Jer. 22.30), mas dentro de sua linhagem (ver Mat. 1.11) haveria total restauração. O Messias haveria de vir da linhagem de Davi e governaria em seu trono. Note o leitor a frase universalista aqui, "na terra". O governo do Messias não será provincial. Haverá de *prosperar* (ver Isa. 52.13; 53.10) e será um governo de retidão (ver Isa. 53.11; Dan. 9.14 e Zac. 9.9). O Messias será a própria retidão (ver I Cor. 1.30). Ele *executará a justiça* (Sal. 72.2; Isa. 9.7 e 32.1,38). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo intitulado *Messias.* Ver também, na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia,* o verbete chamado *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.*

23.6

Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro. A era do Reino de Deus trará salvação nacional a todo o povo de Israel. Ver Rom. 11.26. Através de Israel, o remanescente de outras nações também será levado à salvação, visto que o conhecimento do Senhor cobrirá a terra como os oceanos enchem o leito dos mares (ver Isa. 11.9). O Messias assumirá o título de *O Senhor Justiça Nossa* no tocante a todas as nações. Cf. I Cor. 1.30. A vontade de Deus será realizada *universalmente* no Messias, que cumprirá toda a justiça (ver Mat. 3.15). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Salvação.* Cf. Rom. 4.5 e Isa. 45.17,24-25; 46.13; 51.1,6,8. Se, nos dias do Antigo Testamento, a retidão era buscada através da observância da lei mosaica, pois a lei era o guia de Israel (ver Deu. 6.4 ss.), nos tempos neotestamentários, a retidão vem através de uma Pessoa e Sua provisão por meio do Espírito Santo, que nos transforma em Sua imagem (ver II Cor. 3.18; Rom. 8.29; I João 3.2). Esse tipo de operação continuará na era do Reino e será universal, pois o Messias reinará.

Outra Promessa de Restauração a Israel (23.7-8)

23.7-8

Tão certo como vive o Senhor, que fez subir os filhos de Israel da terra do Egito. Cf. os vss. 3-4. Os vss. 7-8 constituem o *quarto* oráculo dos vss. 1-8. Ver o mesmo oráculo em Jer. 16.14-15. Provavelmente o oráculo presente foi entregue em um tempo diferente do que o oráculo dos vss. 3-4, embora fale sobre o mesmo assunto. Jeremias, ou algum editor posterior, reuniu os oráculos nesta seção. As palavras, "eis que vêm dias" acenavam com uma esperança para o futuro. Esse futuro é definido por aquilo que foi prometido. Haverá então livramento universal, um novo ato de Deus paralelo ao livramento que houve no Egito. Dou a exposição deste oráculo em Jer. 16.14-15 e não repito o material aqui. O oráculo também foi posto em um lugar diferente. No capítulo 16, parece estar fora de lugar; a Septuaginta omite esse oráculo aqui, mas o coloca impropriamente depois de Jer. 23.40. Na presente seção, duplica um oráculo que já havia sido dado (vss. 3-4); mas a duplicação se dá em sua *essência,* e não quanto ao fraseado. Sua posição original provavelmente é nesta presente passagem. Pode ter sido tirado de onde estava, porque a seção já continha tal profecia.

Oráculos Concernentes aos Profetas (23.9-40)

A Impiedade Geral da Terra (23.9-12)

23.9

Acerca dos profetas. O meu coração está quebrantado. Esta seção apresenta uma coletânea de mensagens de Jeremias a respeito dos profetas. É possível que Baruque, secretário de Jeremias, as tenha compilado. Listei *cinco* oráculos distintos na introdução ao capítulo, primeiro parágrafo. A seguir, dou títulos apropriados para cada oráculo. Aqui faz-se ausente a edição deuteronômica. Note o leitor que esta coletânea foi posta imediatamente após a seção contra os governantes (ver Jer. 22.10-23.2).

"Este livro de Jeremias, mais do que qualquer outro, refere-se aos profetas 'falsos' (ver Jer. 2.8; 5.30-31; 6.13-14; 8.10-11; 14.13-15; 18.18-23; 26.8,11,16; 27.1-28-28.16 e a presente seção). É provável que os profetas fossem incomumente numerosos em Jerusalém, durante a época da carreira de Jeremias, visto que a reforma deuteronômica de 621 A. C. envolveu a remoção de muitos profetas cultuais e sacerdotes dos santuários locais para a capital. Um forte senso de chamamento profético tornou Jeremias sensível ao que ele considerava hipocrisias e fracassos de outros profetas" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Os *falsos profetas* se opunham unanimemente às profecias pessimistas e condenatórias de Jeremias, conforme demonstram as referências que acabamos de dar. Eles continuavam a falar em "paz, paz" (ver Jer. 6.14 e 8.11)

Acusações Específicas aos Profetas. 1. Eles promoviam Baal, e não Yahweh (vs. 13). Provavelmente, muitos profetizavam *falsamente* em nome de Yahweh. Eles defendiam um sincretismo doentio. 2. Eles tinham baixo caráter moral, sendo incapazes de exercer verdadeira liderança (vs. 15). 3. Eles perpetravam falsas profecias, inclusive aquela que prometia "paz" (vss. 16-17). Cf. Jer. 28.8-9. 4. Eles não eram inspirados por Yahweh (vs. 21). Yahweh não os enviara, como pelo menos alguns deles asseveravam. Eles imaginavam suas profecias (vs. 25 ss.). 5. Eles se transformaram em um peso prejudicial em Judá (vs. 33) e seriam devidamente eliminados. 6. Eles pervertiam as palavras de Yahweh e as substituíam por suas próprias palavras (vs. 36). 7. O julgamento deles estava assegurado (vss. 39-40).

O primeiro dos *cinco* oráculos contra os falsos profetas mostra-nos que eles, juntamente com os sacerdotes, estavam envolvidos em profunda iniqüidade, e por causa disso teriam de pagar pesadamente na passagem do tempo. Eles eram culpados de cometer impiedades até mesmo dentro do templo de Jerusalém.

Os vss. 9-12 registram a profunda tristeza do profeta, enquanto ele contemplava a confusão na qual viviam os profetas e a confusão a que eles tinham reduzido a nação de Judá. Esses versículos também servem como introdução aos cinco oráculos, que incluem os profetas e sacerdotes (vs. 11). A contemplação de sua profunda depravação (descrita no restante do capítulo) quebrava o coração de Jeremias, abalava todos os seus ossos, deixava-o como um homem embriagado que girasse estonteado por causa de um golpe na cabeça. O "vinho" da iniqüidade deles deixava o profeta zonzo. O profeta comparava a santidade de Yahweh com o caráter e a conduta deles, e sabia que em algum tempo, em algum lugar, o relâmpago divino haveria de feri-los. As quatro cláusulas descrevem os variegados fenômenos de horror e espanto que desciam sobre a mente do profeta quando ele contrastava a santidade de Deus com a depravação dos profetas e sacerdotes. As *palavras de santidade* de Deus eram ameaçadoras. O exército babilônico haveria de limpar a sujeira. A expressão demonstra vividamente a *sensibilidade* do profeta diante tanto do pecado como da santidade, bem como diante do horror que o pecado inevitavelmente produz.

23.10

A terra está cheia de adúlteros. A palavra "adúlteros" deve ser compreendida em duplo sentido: 1. A *idolatria* como um adultério espiritual, equação comum do Antigo Testamento. 2. O adultério literal (ver as notas em Jer. 3.13). Isso ocorria principalmente nos *lugares altos,* onde havia ídolos e casais praticando sexo ilícito debaixo de cada árvore.

Os deuses de fertilidade dos cananeus estavam sendo "honrados" pelo deboche, o que fazia girar a cabeça de Jeremias, quando ele pensava na questão. O

povo de Judá abandonara totalmente o yahwismo e a lei de Moisés, sendo que esta última, supostamente, era o *guia* do povo de Israel (ver Deu. 6.4 ss.).

Por causa da maldição divina. Julgamentos preliminares antecederam a invasão das hostes babilônicas e a deportação do povo judeu. Entre esses julgamentos iniciais estavam a seca e a fome acompanhante, e a pestilência. Ver Jer. 9.10; 12.4; 14.1-6,22. Cf. Deu. 28.23-24. A despeito dos castigos divinos, porém, os judeus persistiram em suas veredas iníquas que contradiziam a lei, a qual, sendo eles um povo em relação de aliança de Deus, supostamente deveriam seguir. Ver sobre o *pacto mosaico* na introdução a Êxo. 19. Quanto ao contraste entre os caminhos dos ímpios e dos piedosos, ver a nota de sumário em Pro. 4.27. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Caminho*.

23.11

Pois estão contaminados, assim o profeta como o sacerdote. A liderança espiritual inteira, constituída pelos profetas e pelos sacerdotes, era de indivíduos "profanos" (King James Version); "ímpios" (Revised Standard Version), "contaminados" (Atualizada). Eles poluíram e profanaram até o templo, com seu sincretismo doentio, o yahwismo misturado com várias formas de paganismo. Cf. Eze. 23.39; Sof. 3.4. Aqueles réprobos levantaram altares dedicados a vários ídolos no interior do templo (II Reis 23.12; Eze. 8.3-16). Ver Jer. 7.30: "Puseram os seus ídolos abomináveis na casa que se chama pelo meu nome, para a contaminarem".

23.12

Portanto o caminho deles será como lugares escorregadios na escuridão. A vereda que eles tinham traçado era perigosa, prejudicial e, finalmente, fatal. Era um caminho escorregadio e escuro, garantindo uma queda fatal. O poder divino os seguiria, fazendo-os caminhar por aquela vereda, até que um ferimento qualquer fosse o resultado. Tudo isso equivale a dizer que Deus os *conduziria ao desastre,* como resultado final de terem escolhido a vereda errada. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Caminho,* assim como a nota de sumário sobre as veredas boa e má, em Pro. 4.27. Cf. este versículo com Sal. 35.6 e 73.18, que têm declarações similares. Ver também Jer. 13.16 e Pro. 4.19. No caso de Judá, a queda *fatal* seria a invasão, o saque e a matança provocados pela invasão babilônica, bem como pelo cativeiro dos poucos sobreviventes. E até mesmo na Babilônia a espada os seguiria para dar prosseguimento à matança (ver Jer. 9.16).

Caracterização da Impiedade dos Profetas (23.13-15)

23.13-14

Nos profetas de Samaria bem vi eu loucura. Este é o *segundo* dos oráculos contra os profetas que compõem a seção de Jer. 23.9-40. "O pecado dos profetas de Jerusalém é maior que o pecado dos profetas de Samaria. Estes últimos profetizavam por um deus falso; mas os profetas de Jerusalém profetizavam por Yahweh e, no entanto, cometiam adultério e andavam mentindo, e até fortaleciam as mãos dos malfeitores por seus fracassos morais" (James Philip Hyatt, *in loc.*). *Samaria* indicava o reino do norte (as dez tribos, sendo que Samaria era a capital do país). Já fazia muitos anos agora que aquela nação havia sido dizimada, saqueada e deportada pelos assírios. E eles jamais voltaram à Terra Prometida. Os pecados deles eram grandes e muitos, mas Judá conseguiu ultrapassá-los quanto à impiedade. Samaria caiu em um paganismo simples. O pecado deles era a *loucura,* a insensatez. Judá, porém, tinha um pecado mais versátil, que o profeta chamou de *coisa horrenda*. Eles promoveram tanto o adultério espiritual quanto o adultério literal com seu culto sincretista (vs. 11). Mentiam em todos os sentidos, pervertendo a doutrina de Yahweh e substituindo-a por doutrinas pagãs. Eles tinham prazer em ser réprobos e ajudavam outros a praticar as mesmas ações. Cf. isso com Rom. 12.32: "... não somente as fazem mas também aprovam os que assim procedem".

Ver também Mat. 23.15 quanto a algo similar. Eles se tornaram tão maus que provocaram uma comparação com Sodoma e Gomorra, cujos habitantes, pecadores proverbiais, levaram Deus a destruí-los mediante o fogo. Ver Gên. 13; Deu. 32.32 e Isa. 1.9-10. "Quanto às *palavras,* eles eram piores do que os profetas de Baal, em Samaria. Quanto às *ações*, eram piores que os habitantes de Sodoma e Gomorra" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 13). Cf. este versículo com Eze. 13.22.

23.15

Eis que os alimentarei com absinto e lhes darei a beber água venenosa. O Poder Supremo (o *Senhor dos Exércitos*) não permitiria que aqueles profetas escapassem, depois de suas perversões. Quanto a esse título divino, ver I Reis 15.18 e o artigo no *Dicionário.* Aqueles miseráveis seriam forçados a comer *absinto,* a substância mais amarga conhecida pelo homem. Para lavar a boca do absinto, teriam de beber *fel.* Isso os faria pagar pela *contaminação* de uma nação inteira por sua liderança espiritual pervertida Cf. Jer. 9.15 e Lam. 3.15,19. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Absinto* e *Fel.* No texto presente, esses são símbolos de julgamentos severos, especificamente o ataque, a matança, o saque e a deportação do exército babilônico.

Essência da Mensagem dos Falsos Profetas (23.16-22)

23.16

Não deis ouvidos às palavras dos profetas que entre vós profetizam. Este é o *terceiro* oráculo da coletânea que há na seção dos vss. 9-40. Todos esses oráculos atacam os falsos profetas de alguma maneira. Enquanto Jeremias previa a guerra, a fome, a seca e a pestilência, por causa dos pecados de Judá, os falsos profetas falavam em paz e prosperidade (ver Jer. 6.14 e 8.11). Jeremias era inspirado por Yahweh, mas aqueles mentirosos tinham visões e sonhos falsos, que procediam de suas próprias psiques. Naqueles tempos horríveis, nada havia de bom para ser previsto. Não devemos compreender que os falsos profetas "criaram" ou inventaram tudo quanto diziam, enganando propositadamente o povo. Pelo contrário, devemos entender que eles tinham sonhos e visões falsas. A maior parte desses sonhos e dessas visões era criada pelos próprios profetas, pois o homem tem o poder psíquico de produzir tais coisas. O texto não fala de poderes demoníacos, que algumas vezes podem estar por trás de profecias falsas. Eles eram profetas de palha, não de trigo (vs. 29).

Note o leitor o título divino de poder e autoridade: o *Senhor dos Exércitos.* Ver sobre isso em I Reis 15.18 e no *Dicionário.* O Poder Supremo, pois, solicitou que o povo de Judá não ouvisse as palavras dos falsos profetas, que estavam desviando as massas com suas falsas promessas de paz e segurança. Nem todo o homem que entra em transe tem algo para dizer digno de atenção. Seu transe pode ser auto-induzido, e não induzido por Deus. Sua mensagem pode originar-se em sua própria psique, e não no Espírito Santo. Estudos modernos demonstram que uma visão não é prova da verdade. As visões podem ser produções totalmente humanas, podem ser demoníacas, ou podem ser divinas, o que significa que os espíritos devem ser submetidos a teste (ver I João 4.1). Os místicos verdadeiros duvidam de suas visões e as submetem a teste. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Misticismo.* Há um misticismo verdadeiro, e há um misticismo falso. Cf. este versículo com Jer. 2.5; 14.14; II Reis 17.15; Jon. 2.8. Ver especialmente as notas expositivas em Jer. 14.14, versículo diretamente paralelo.

23.17

Dizem continuamente aos que me desprezam: O Senhor disse: Paz tereis. Uma característica que desagradava nos falsos profetas era que eles tratavam gentilmente os pecadores, consolando-os com falsidades. Em vez de proferir maldições contra eles, prometiam aos pecadores segurança, conforto e prosperidade. *Continuamente* espalhavam suas falsidades entre as massas populares, que eram enganadas por eles. Até os que *desprezavam* a Yahweh, apostatando Dele, recusando-se a obedecer à Sua lei e a pôr em prática o Seu culto, os falsos profetas confortavam, predizendo-lhes paz. Dessa forma, eles contradiziam a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Ademais, eles consolavam os que andavam abertamente na iniqüidade, seguindo as vãs imaginações do próprio coração (ver Gên. 6.5), em vez de seguir os mandamentos da legislação mosaica. E também afirmavam que nenhum mal sobreviria aos pecadores. Cf. Jer. 13.10 e Zac. 10.2. Suas falsas mensagens deveriam bastar para revelar a falsidade de suas profecias. O povo de Judá, entretanto, preferia deixar-se enganar, pois não queria mudar de conduta. Os falsos profetas serviam lixo para o povo comer, mas o povo parecia gostar.

23.18

Porque, quem esteve no conselho do Senhor, e viu e ouviu a sua palavra? Aquele que está vivendo no *conselho do Senhor* ouve o que Ele tem a dizer e Lhe é obediente. E passa os mesmos conselhos a outras pessoas. A imagem é a de um rei oriental cujos ministros se postam em derredor, enquanto ele, sentado no trono, delibera. A tradução inglesa NCV diz aqui "anjos", em vez de "conselho", e, assim sendo, remete a questão ao conselho celestial, no qual um homem, através de uma visão, pode ouvir a palavra do Senhor. Mas os falsos profetas jamais poderiam ouvir as deliberações divinas com suas falsas visões. Por conseguinte, jamais poderiam ser instrumentos da revelação da vontade de Deus. Os verdadeiros profetas, por outro lado, têm acesso ao conselho de Deus e, de fato, são representantes terrenos escolhidos para receber comunicações divinas. Cf. este versículo com Jó 15.8; Gên. 18.17; Sal. 25.14; Amós 3.17; João 15.15 e

I Cor. 2.16. "Quem deles jamais ouviu uma palavra da minha parte? Minha palavra não está neles" (Adam Clarke, *in loc.*).

23.19

Eis a tempestade do Senhor! Em vez de participarem do conselho de Deus, para ouvirem e então transmitirem palavras graciosas, a tempestade do Senhor haveria de arrebatar os maus profetas; como um redemoinho que se manifestasse sobre a cabeça deles, essa tempestade lhes tiraria a vida física. A tempestade é uma figura simbólica da *ira de Deus* (vs. 20). Os vss. 19-20 são duplicações de Jer. 30.23-24. Está em pauta o ataque repentino do exército babilônico, embora julgamentos preliminares tivessem atuado como tempestades secundárias. Talvez a figura simbólica em mente tenha sido o feroz vento oriental, o sopro vindo do deserto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vento Oriental*.

23.20

Não se desviará a ira do Senhor, até que ele execute e cumpra os desígnios do seu coração. A tempestade é a ira de Deus. Essa tempestade, tal como o feroz vento oriental, não pode soprar ao contrário pela vontade do homem. Continuará soprando até o fim, e a vontade de Deus, por semelhante modo, destruirá e só parará quando tiver terminado seu curso. O curso depende da intenção da Mente Divina, porquanto nada existe de arbitrário nos julgamentos divinos.

Nos últimos dias. Alguns intérpretes, por causa dessas três palavras, fazem a profecia ser *escatológica*, supondo que estão em pauta os juízos divinos que ocorrerão antes da inauguração da era do Reino de Deus. Mas a tradução inglesa NCV parece estar com a razão quando diz: "Quando aquele dia terminar, entendereis isso claramente". Isso faz a predição apontar para um tempo em que Jeremias ainda estaria vivo para testificar o julgamento de Deus e seu fim. Então ele compreenderia plenamente os propósitos de Deus nesse julgamento. Em outras palavras, o ataque dos babilônios está em foco aqui. Jeremias veria esse ataque acontecer e sobreviveria a ele. E então o que ele profetizara a respeito seria plenamente compreendido. Mas talvez, segundo alguns estudiosos, a compreensão seja do povo que estaria sofrendo a ira de Deus. Então Judá reconheceria, mediante pura observação, quem eram os falsos profetas, e que Jeremias estava com a razão o tempo todo. Outrossim, eles seriam capazes de perceber *por qual* razão Deus agira daquela maneira, e quais benefícios teriam derivado dos acontecimentos, mediante o refinamento de um pequeno remanescente que se tornaria no Novo Israel no Novo Dia após o exílio.

23.21

Não mandei esses profetas, todavia eles foram correndo. Os *falsos profetas* não eram capazes de penetrar nos céus e ouvir a palavra de Yahweh sendo pronunciada diante de Seus anjos, para então trazer uma mensagem de volta à terra (vs. 18); Ele não lhes comissionara para cumprir na terra a sua missão; no entanto, eles corriam por toda a parte do país, falando o que tinham imaginado em sua mente e atribuindo a isso o nome de "profecia". Eles agiam como se fossem homens inspirados, mas apenas se julgavam inspirados e enviados por Yahweh. Portanto, falavam uma mensagem mentirosa que enganou um país inteiro. Antes de tudo, eles se enganaram a si mesmos e se tomaram por demais a sério, pensando ter alguma espécie de chamamento divino.

23.22

Mas se tivessem estado no meu conselho, então teriam feito ouvir as minhas palavras ao meu povo. Se tivessem participado do conselho divino (vs. 18), teriam proferido diferente mensagem: a da condenação iminente que exigia arrependimento. Teriam falado como Jeremias e pronunciado a *verdade* dos fatos. E então talvez alguns dentre o povo de Judá tivessem seguido os mandamentos de Yahweh, impedindo o ataque dos babilônios, com sua matança e o cativeiro subseqüente. A prova da falsidade da mensagem deles foi o falso resultado logrado. Portanto, eles se tornaram "conhecidos" por suas obras negativas, que não produziam santidade nem retorno à obediência à lei de Moisés. Cf. Mat. 7.15-20. A mensagem e o ministério deles em nada contribuiu para fazer parar a idolatria-adultério-apostasia de Judá.

Os Sonhos Mentirosos dos Falsos Profetas (23.23-32)

23.23

Acaso sou Deus apenas de perto, diz o Senhor, e não também de longe? Este é o *quarto* oráculo da coletânea desta seção, vss. 9-44. Todos esses oráculos atacam os falsos profetas de alguma maneira. Jeremias previa condenação, ataque, matança, saque e cativeiro, tudo provocado pelos babilônios. Os falsos profetas previam paz e prosperidade (ver Jer. 6.14; 8.11). Eles tinham tanto visões quanto sonhos que lhes prestavam falsas informações, mostrando que as suas experiências místicas, de qualquer tipo que fossem, eram fraudulentas. Ver a introdução ao vs. 16 quanto a outros comentários que também têm aplicação aqui. A maior parte das religiões supõe que exista tal coisa como um verdadeiro *sonho profético*, o equivalente geral das visões. Ver Jer. 1.11-14. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado chamado *Sonhos*. Estudos modernos no campo dos sonhos demonstram que os sonhos de conhecimento prévio são um acontecimento psíquico comum, e que todas as pessoas têm esse tipo de sonho, embora poucas saibam interpretá-los. As experiências místicas confirmam que alguns sonhos podem ser como as visões, válidos na previsão do futuro e transmissores de instruções espirituais.

> *E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne: vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões.*
>
> (Joel 2.28)

Mas esses estudos modernos também demonstram que a maioria dos sonhos consiste apenas em "cumprimentos de desejos", e que muitos dos alegados sonhos precognitivos não são mais do que "sonhar com aquilo que se gostaria de ver acontecer". As experiências místicas também confirmam que um sonho pode ser o veículo de uma falsa mensagem, por mais maravilhoso, inspirador e incomum que seja. Por conseguinte, temos de tratar os sonhos da mesma maneira que tratamos as visões - devemos testá-los, e não acreditar neles sem fazer um bom exame.

Assim como as visões podem ser autoproduzidas, os sonhos também podem ser autocriados, mediante o cumprimento de desejos. Mas os falsos profetas desconheciam essas coisas e continuavam a derramar seus sonhos sobre as pessoas, como se isso exprimisse a *própria verdade*. Temos aprendido que tanto os sonhos como as visões se prestam facilmente a abusos e que as pessoas levam essas coisas a sério demais. E assim terminam enganando a si mesmas, além de enganar a outras pessoas. Uma visão e um sonho podem ser uma ilusão produzida por nossa própria mente (vs. 16).

Deus é um Deus próximo; Ele é imanente. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Imanência de Deus*. Naturalmente, Ele também está "distante", sendo "totalmente outro". Deus é transcendental. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Transcendente, Transcendência, Transcendentais*. Deus está em toda parte e em todas as coisas, o que significa que um homem não pode ocultar-se Dele. O caráter real de Deus é conhecido da Mente Divina. O ponto da declaração aqui é que Deus tinha plena consciência do que eram os profetas falsos, do que diziam e de como fingiam ser o que não eram. Deus não os havia inspirado. "Yahweh não era uma deidade localizada, de quem os profetas poderiam fugir, pois Ele é um Deus onipresente e transcendental que pune os falsos profetas (cf. Amós 9.1-4; Sal. 139.7-12). Na linguagem teológica, Deus é, ao mesmo tempo, imanente e transcendental" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Os falsos profetas agiam como se Deus estivesse distante e não pudesse vê-los (ver Sal. 10.11; 73.11; 94.7), não sabendo nem se importando com o que os homens fizessem" (Fausset, *in loc.*). Quanto à alegada *indiferença* de Deus, ver Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1 e 143.7.

23.24

Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? A onipresença e a onisciência não dão margem para que um homem passe despercebido ou oculto do escrutínio divino. Não existe homem que possa encontrar lugar onde se *esconda* dos olhos de Deus. Ele enche tanto os céus quanto a terra, estando em todos os lugares, sondando e conhecendo os caminhos de todos os seres inteligentes. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Onipresença* e *Onisciência* de Deus. Ver também *Atributos de Deus*. Cf. Sal. 139.7 e Amós 9.2-3. Cf. igualmente I Reis 8.27.

> *Ninguém pode ocultar-se onde eu não possa vê-lo, diz o Senhor. Encho os céus e a terra todos.*
>
> (NCV)

23.25

Tenho ouvido o que dizem aqueles profetas, proclamando mentiras em meu nome. Visto que Deus está em toda parte, conhece todas as coisas e não deixa nenhum homem sem o apropriado escrutínio divino, Ele conhecia cada falso profeta individualmente, e cada mentira dita no nome de Yahweh (e no nome de incontáveis outras divindades). Aqueles homens ridículos andavam ao redor, dizendo: "Sonhei, sonhei", e também declaravam ter recebido visões (vs. 16). Mas, embora houvesse sonhos divinamente inspirados, os sonhos deles eram inventados

por sua própria imaginação (vss. 16 e 26). Em outras palavras, eles se levavam demasiado a sério. A verdade é que muita gente realmente pensa ser porta-voz do Ser divino, quando, na realidade, só está externando seus próprios sentimentos e impulso psíquicos. É facílimo "falar como Deus", e algumas pessoas costumam dizer "o Senhor, o Senhor" a cada linha do que falam. Elas fazem de Deus um servo ou um animal de estimação. Em contraste, os hebreus piedosos evitavam até pronunciar os nomes divinos, por respeito e temor. Cornill mostra-se correto aqui ao salientar que esses versículos subentendem que os judeus se postavam em termos por demais familiares com Deus. Deus não é o vizinho da porta contígua, cuja casa possa ser invadida diante de qualquer impulso. Nenhum homem pode eleger-se ao ofício profético, e são bem *poucos* os, realmente, porta-vozes do Ser divino.

23.26

Até quando sucederá isso no coração dos profetas que proclamam mentiras...? Yahweh estava cansado daquela farsa. Por muito tempo, os falsos profetas continuavam fingindo falar em lugar Dele, quando, na realidade, só diziam mentiras. Em vez de serem profetas autênticos, inspirados pelo céu, apenas proferiam ilusões criadas por seu próprio coração. A mensagem deles procedia de dentro deles, e não do alto.

> *Eles profetizam de seus próprios pensamentos de desejos.*
>
> (NCV)

Em outras palavras, as profecias deles eram meros frutos de "cumprimento de desejos", e eles facilmente podiam inventar um oráculo através de seus desejos automanipulados, por meio de visões ou sonhos. A inspiração vinha de sua própria psique, e não do Deus do céu. Yahweh, pois, estava cansado daquela audácia fraudulenta. Eles eram inventores de profecias, iludindo a si mesmos e enganando o próximo.

23.27

Os quais cuidam em fazer que o meu povo se esqueça do meu nome. As visões e os sonhos dos falsos profetas estavam *prejudicando* o povo judeu, de modo parecido com o que fazia a idolatria de Baal, pois ambas as coisas faziam as pessoas esquecer Yahweh. Se os homens acreditassem naqueles sonhos mentirosos, então esqueceriam a mensagem de Jeremias, que falava em arrependimento e condenação. Isto posto, os judeus seriam prejudicados, pois nem se arrependeriam nem escapariam da tempestade vinda do norte, a invasão dos babilônios. Ver os vss. 19-20. Cf. este versículo com Juí. 3.7 e 8.33-34. "O abuso do nome de Yahweh, por parte dos falsos profetas, era tão mau como a mais antiga adoração de Baal, e as profecias no nome desse deus pagão. Cf. os vss. 13-14" (Fausset, *in loc.*). A versão siríaca diz aqui: "... seus pais esqueceram-se do meu nome e adoraram a Baal". Assim também aqueles falsos profetas faziam os judeus esquecer Yahweh, embora de maneira diferente. Diz o Targum: "... seus antepassados se esqueceram de adorar o meu nome e juravam pelos ídolos". Por semelhante modo, nos dias de Jeremias, os homens tinham esquecido a lei de Moisés e juravam pelas visões e pelos sonhos de homens auto-iludidos, que eram como *pequenos Moisés* de mentirinha.

23.28

O profeta que tem sonho conte-o como apenas sonho. Yahweh não proibia que as pessoas contassem seus sonhos, que *poderiam* ser veículos de conhecimento divino. Mas Ele insistia que esses sonhos fossem contados *paralelamente* a declarações verdadeiramente inspiradas, para que os homens pudessem fazer comparações e o que era falso ficasse provado como tal. Há aquilo que é falso e há aquilo que é verdadeiro. Existem *profecias de palha* e *de trigo.* As primeiras não têm utilidade alguma, e não alimentam a alma humana. As segundas alimentam a alma. "Aquele que pretender ter recebido uma comunicação divina, por meio de um sonho, conte-o, para que seja comparado à palavra divina (II Cor. 4.2). O resultado seria que tanto os falsos profetas como suas profecias fictícias em breve seriam vistos como palha" (Fausset, *in loc.*). Diz aqui a versão siríaca: "Por que misturais a palha com o trigo?" (ver II Cor. 2.17). Diz o Targum: "... como um homem separa a palha do trigo, assim separo os justos dos ímpios". Porém, o absurdo que acontecia em Jerusalém era que os judeus estavam comendo as profecias de palha e ignorando o trigo, pois, ao assim fazerem, não precisavam abandonar suas veredas ímpias e encarar com seriedade a espiritualidade genuína.

23.29

Não é a minha palavra fogo... e martelo que esmiúça a penha? A *verdadeira palavra profética* se assemelha ao *fogo,* que consome e purifica; mas as falsas profecias não têm poder nem utilidade. A verdadeira profecia também se parece com um *martelo* que pode despedaçar as rochas. Temos em vista aqui o *julgamento* divino. O exército babilônico já estava a caminho, a fim de esmagar Judá, mas os falsos profetas não viam nenhum perigo nisso (ver o vs. 17 deste capítulo). Eles deixavam os homens atolados em seus pecados e então asseguravam que as coisas estavam indo bem, e que nada de mal aconteceria a quem quer que fosse. Por outro lado, coisa alguma podia impedir que a palavra de Deus se cumprisse, porquanto tinha qualidades do fogo e do martelo, as quais fariam acontecer o que tinha sido predito. Cf. este versículo com Jer. 5.14 e Isa. 55.11: "A palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei".

A verdadeira profecia requeimava nos ossos do profeta (ver Jer. 20.9) e estava no mundo. Mas a falsa profecia lança uma cortina de fumaça e oculta a verdade dos olhos dos homens. O fogo queimaria as profecias de palha, os sonhos e as visões fraudulentas. Cf. I Cor. 14.24-25 e Heb. 4.12. Jeremias condenou as falsas pretensões daqueles homens que, com fraude, diziam-se representantes de Yahweh. Ver Mat. 21.44. A palavra do homem que tinha recebido comissão profética do céu seria como fogo e martelo. Os pecadores se converteriam e seriam convencidos da verdade de Deus. Mas as palavras dos falsos profetas teriam como único efeito confundir o povo. Cf. este versículo com pensamentos semelhantes em Eze. 36.26; Atos 11.20-21; Rom. 1.16; I Tes. 1.5 e II Cor. 10.4-5.

23.30

Portanto, eis que eu sou contra esses profetas, diz o Senhor. Entre os falsos profetas há certa intercomunicação de idéias, um fundo de declarações e predições compartilhadas; mas aqueles profetas continuavam afirmando que Yahweh era sua fonte inspiradora. Tais homens eram contrários ao propósito divino, e o propósito divino era contrário a eles. Os falsos profetas "furtavam" idéias uns dos outros, e talvez até plagiassem profecias escritas ou tradições orais que serviam de fonte informativa de seus pronunciamentos. Talvez também furtassem idéias dos profetas autênticos, mas as aplicavam erroneamente. Cf. Jer. 28.2; João 10.1 e Apo. 22.19.

23.31

Eis que eu sou contra esses profetas. Este versículo possui leve modificação em relação ao versículo anterior. Yahweh declarou ser contra aqueles homens que O citavam como a fonte de suas palavras, mas que estavam tão-somente espalhando as mentiras de suas próprias visões e sonhos e furtando palavras uns dos outros. Assim, Yahweh declara-se aqui "contra" eles, mostrando que alguma espécie de julgamento estava prestes a perturbar-lhes profundamente. "Essa frase zombeteira indica a ausência da verdadeira inspiração. Esses plagiadores (vs. 30) planejavam seus esquemas e usavam a língua como instrumento para pô-los em ação" (Ellicott, *in loc.*).

> *Eles falavam suas próprias palavras, fingindo ser uma mensagem de minha parte.*
>
> (NCV)

23.32

Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos. *Yahweh era contrário* aos que usavam *sonhos mentirosos* como se fossem alguma profecia da parte do Senhor. Quanto aos *sonhos,* ver a introdução ao vs. 23, assim como os comentários sobre o vs. 25. Eles desviavam o povo crédulo que confiava em suas tolas afirmações. Aqueles homens eram temerários e cheios de jactâncias tolas. O que se importavam eles com a alma dos homens? Eles promoviam seu próprio bem-estar, obtendo dinheiro e edificando falsas reputações. Eles prejudicavam o povo, ao mesmo tempo que pretendiam ser benfeitores espirituais.

Leviandades. "Precipitações" (Revised Standard Version); "superficialidades" (King James Version); "ensinos falsos" (NCV); "mentiras precipitadas"(NIV); "leviandades" (Atualizada). Kimchi interpretou essa palavra como "conhecimento superficial". Os falsos profetas eram pessoas superficiais que agiam como se fossem profundamente espirituais.

Discurso sobre a Sentença de Yahweh (23.33-40)

23.33

Vós sois o peso, e eu vos arrojarei, diz o Senhor. Com ótima combinação de palavras sobre a idéia de *peso* (no hebraico, *massa*), o profeta apresentou importante lição. Talvez um cidadão comum, um profeta (verdadeiro ou falso) ou um sacerdote tenha perguntado a Jeremias qual era o *peso* de Yahweh, ou seja,

Sua mensagem ou o significado de Seus oráculos, e o profeta respondeu de modo irônico ou sarcástico: "Tu, Judá, és a sentença pesada que Ele está suportando!". Assim sendo, a mensagem *pesada* torna-se o peso difícil a ser sustentado, um jogo de palavras com o termo hebraico *massa*. Em vez de falar alguma mensagem pesada que daria instruções importantes ao povo, ele estava simplesmente pronto para lançar fora a carga em que eles se tinham transformado. O ato de *lançá-los fora* era a *mensagem* que Yahweh tinha para eles.

A palavra hebraica *massa* usualmente era uma mensagem pesada que Yahweh impunha ao povo. Ver Naum 1.1; Hab. 1.1; Mal. 1.1. A situação, porém, havia sido revertida. O próprio povo judeu se transformara em grande peso para Yahweh, que Ele se recusava a continuar carregando. Eles tinham lançado fora Sua mensagem (peso), e Deus estava prestes a lançá-los fora como um peso inútil e perturbador. A figura simbólica previa um julgamento. O povo judeu seria abandonado nas mãos dos babilônios, reduzido a nada devido ao ataque feroz. As mensagens dos profetas tinham-se tornado pesos para o povo judeu. Essas mensagens eram sempre tão pesadas, tão repletas de ameaças e tão pessimistas. Por semelhante modo, o próprio povo judeu, em sua idolatria-adultério-apostasia, não podia continuar a ser carregado por Yahweh, que estava prestes a desvencilhar-se daquela carga fatigante.

23.34

Quanto ao profeta... que disser: Sentença pesada do Senhor, a esse homem eu castigarei. Jeremias continuou a jogar com a palavra hebraica *massa*. Agora ela representa a *falsa mensagem* ou o oráculo de um profeta, sacerdote ou homem comum do povo. Se um homem (de qualquer tipo ou classe social) apresentasse sua própria *massa* para tomar o lugar de uma sentença de Yahweh, ele seria submetido a severo castigo aplicado pela mão de Deus. E não somente tal indivíduo, mas também sua família, sofreria por tão grande pretensão e insolência. Talvez a punição em foco fosse o cativeiro babilônico, que não deixaria intacta nenhuma célula familiar. Nenhum homem peca sozinho; de fato, todos eles tinham pecado juntos, incluindo as crianças (ver Jer. 7.18 ss.). Ver Jer. 9.19-22, quanto à destruição das unidades familiares, isto é, a ruína de todas as classes no ataque babilônico. Ver sofrer (morrer) pelos pecados dos pais, em Êxo. 20.5. Quanto a sofrer (morrer) pelos próprios pecados, ver Deu. 24.16 e Eze. 18.20. Este versículo pode ser corretamente aplicado contra a "conversa sobre Deus" que sai fácil da boca dos homens, tão comum até entre os evangélicos. As pessoas falam frivolamente sobre como "o Senhor me disse isto ou aquilo". Assim sendo, muitas mensagens são atribuídas à inspiração divina, embora não tenham nem ao menos o brilho do intelecto humano para elevá-las acima do lugar-comum.

23.35

Antes direis, cada um ao seu companheiro... Que respondeu o Senhor? Quando alguém perguntasse qual fora o *oráculo* de Yahweh, a *massa,* nenhuma resposta deveria ser dada, exceto a do vs. 33: "Vós sois o peso". O povo de Judá não mais merecia receber mensagens da parte de Deus. Eles tinham zombado e ridicularizado da mensagem de Deus, preferindo as palavras mentirosas dos profetas falsos. *Para eles,* a revelação havia terminado. A palavra final que Yahweh lhes deu foi como eles, o peso a ser descartado e abandonado, seriam deixados nas mãos dos invasores babilônios.

23.36

Mas nunca mais fareis menção da sentença pesada do Senhor. As *mensagens* (*massa,* "cargas") já tinham sido dadas, e não havia mais mensagens em andamento. Para eles, as revelações haviam terminado. Jeremias tinha sido proibido de interceder por aqueles réprobos (ver Jer. 11.14; 14.11). E agora ele recebeu ordens de não mais entregar-lhes oráculos. As coisas tinham-se desintegrado de maneira assustadora. Não havia mais chance de arrependimento e restauração. A massa inteira tinha azedado. Ironicamente, o profeta observou que o povo já tinha recebido mensagens suficientes da parte de seus falsos profetas; além disso, cada indivíduo podia inventar suas próprias mensagens, pervertendo as palavras do Deus vivo, Yahweh, o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*). Com um acúmulo de títulos divinos, e ao chamar Yahweh de Deus Vivo, o profeta Jeremias apresentou violento contraste com as falsas fontes de informação às quais o povo judeu estava dando atenção, em vez de receber e obedecer às palavras do Senhor.

Alguns intérpretes opinam que o povo, e não Jeremias, nunca mais deveria falar sobre a sentença pesada do Senhor, presumivelmente porque nenhuma outra mensagem seria dada. Eles já tinham recebido número suficiente de mensagens e sentenças pesadas, e essa seria a "revelação" deles. O povo, dessa maneira, perdeu aquilo de que tinha abusado, zombado e substituído: o direito de receber mensagens da parte do profeta de Deus. Eles tinham escarnecido das mensagens de Jeremias, taxando-as de pesadas e opressivas e, assim sendo, tinham-nas rejeitado.

23.37-38

Assim dirás ao profeta: Que te respondeu o Senhor...? O povo de Judá buscaria inutilmente saber o que o profeta do Senhor havia recebido da parte Dele para comunicar, porquanto ele não prestaria mais nenhuma informação. Isso ocorria porque eles consideravam suas mensagens *sentenças pesadas,* e não se dispunham a ouvir, arrepender-se e mudar. Quando o profeta abria a boca, eles diziam: "Oh, não! Lá vêm mais algumas sentenças pesadas para serem jogadas às nossas costas!". Eles nunca pararam para considerar que, embora fossem pesadas, eram sentenças veridicas, e, se tivessem sido recebidas e obedecidas, ser-lhes-ia poupada a agonia da invasão babilônica. Por isso eles falavam *zombeteiramente* das mensagens de Deus, chamando-as de *sentenças pesadas.* Por essa razão, eles mesmos se tornaram *sentenças pesadas*, que Deus tinha de carregar, mas que em breve seriam arrojadas fora. Falar com zombarias sobre os oráculos entregues através de Jeremias só *agravava* a culpa deles, que já era bastante grande.

23.39

Por isso levantar-vos-ei e vos arrojarei da minha presença. O povo de Judá tinha-se tornado uma *carga* insuportável para Yahweh (vss. 33-38). Yahweh estava cansado de carregá-los sobre os ombros. Com arrogância, eles tinham chamado as mensagens de Deus de "cargas", recusando-se a ouvir, arrepender-se e obedecer. Eles preferiam as "palavras leves" dos falsos profetas, embora não houvesse inspiração divina naquelas falsas predições. Portanto, Yahweh levantaria aquela carga para lançá-la bem longe de Si mesmo. E isso seria o fim da "questão da carga" quanto a todos os envolvidos. O povo tinha esquecido Yahweh, e Yahweh os tinha esquecido. Os pactos foram anulados, até que um pequeno remanescente voltasse do cativeiro babilônico e assim iniciasse uma nova nação. Um Novo Israel surgiria no Novo Dia. Jerusalém, a capital, seria abandonada, juntamente com a Terra Prometida que fora dada aos antepassados daquela geração como possessão e herança (ver Jos. 1.6; Juí. 2.6). A Terra Prometida seria reintegrada ao povo judeu, e a capital seria reconstruída pelo remanescente que voltasse.

Com justiça Yahweh os esqueceria, porquanto injustamente foi esquecido por eles (ver Osé. 4.6). Mas visto que Deus não pode esquecer definitivamente Seus filhos, teria de haver uma renovação do pacto de Yahweh com Israel, no tempo certo (ver Isa. 49.15). Não obstante, a vasta maioria do povo de Judá daquele tempo caiu no esquecimento. Coisa alguma é dita aqui sobre a alma eterna das pessoas. Esse é um assunto que este livro não aborda.

"Eles eram a carga pesada, e o Senhor certamente os expulsaria de Sua presença. Essa é a sorte eventual dos que confundem o que é superficial com o que é profundo, o falso com o verdadeiro - e, o que é mais triste, eles perderam muitas bênçãos esplendorosas" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

23.40

Porei sobre vós perpétuo opróbrio e eterna vergonha, que jamais será esquecida. As pessoas que vivessem no futuro leriam a história de como Judá, contra todas as advertências do Senhor, recusou tolamente a luz da revelação divina e forçou Yahweh a julgá-los por meio da invasão babilônica, com a matança e a deportação acompanhantes. Isso seria sempre uma vergonha e um opróbrio eterno contra aquela nação. As pessoas jamais esqueceriam a tristíssima história e nunca parariam de balançar a cabeça quando lessem sobre a questão. Yahweh esqueceria aquela geração, mas ninguém jamais esqueceria sua vergonha.

Perpétuo Opróbrio. "Essa foi uma justa retaliação por terem os judeus se tornado repreensíveis, vis e brincalhões com a Palavra do Senhor. Os que tinham sido honrados de tal maneira e por tanto tempo como povo de Deus, e sua cidade como a glória da terra, tornaram-se objeto de desprezo geral, contados como extremamente desprezíveis" (John Gill, *in loc.*).

Coisa alguma é dita aqui, por Jeremias, acerca do pós-vida da alma. Está em pauta apenas um julgamento terreno, que seria aplicado através da Babilônia. A *Descida de Cristo ao Hades* (ver sobre esse título na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*) ensina-nos que aqueles que morrem na vergonha ainda assim podem elevar-se em glória mediante a aplicação da missão de Cristo ao "outro lado" da existência. De fato, Jesus pode alcançar os homens onde quer que eles se encontrem. É isso o que está envolvido no amor e na graça de Deus.

Capítulo Vinte e Quatro

Visão dos Figos Bons e dos Figos Ruins (24.1-10)

Os vss. 4-10 deste capítulo fornecem clara interpretação da visão-parábola que encontramos aqui, de modo que não restam dúvidas sobre o que ela significa.

Cf. esta passagem com outras visões de forma similar, em Jer. 1.11-19; Amós 7.7-9 e 8.1-3. Quanto ao pano de fundo histórico da parábola, ver II Reis 24.10-17 e Jer. 43.4-7. Este oráculo foi entregue algum tempo depois que *Jeconias* (Conias; ver Jer. 22.24 ss.) foi exilado na Babilônia, ou seja, cerca de 598 A. C. Os "figos bons" pertenciam ao remanescente judeu que estava na Babilônia, incluindo Jeconias. Os "figos ruins" foram os permaneceram em Jerusalém (um pequeno número, sem dúvida), assim como aqueles que fugiram para o Egito, a fim de escapar da invasão babilônica (ver Jer. 43.4-7). Isso deixa entendido que o rei Jeconias era, realmente, o legítimo rei de Judá, ao passo que Zedequias (que o substituiu no trono) era um usurpador infeliz. Ver, contudo, Jer. 22.24-30, que tem posição contrária a esse ponto de vista. Ver o vs. 8 quanto à discrepância: Jer. 22.24,28 versus Jer. 24.8.

Os críticos explicam que o capítulo 22 do livro de Jeremias realmente mostra o ponto de vista do profeta, ao passo que o capítulo 24 apresenta a posição de muitos que ficaram em Jerusalém. Seja como for, a discussão é bastante fútil. Visto que os babilônios estavam mandando em tudo, que diferença fazia se Jeconias ou Zedequias era o rei? O *rei* verdadeiro era Nabucodonosor.

Se os exilados na Babilônia eram melhores, espiritualmente falando, que aqueles que permaneceram em Jerusalém ou fugiram para o Egito, então a temível provação já começava a produzir fruto significativo. Os juízos de Deus são sempre restauradores, e não apenas retributivos.

24.1

Fez-me ver o Senhor, e vi dois cestos de figos, postos diante do templo do Senhor. O oráculo sobre os *figos bons* e os *figos ruins* veio a Jeremias por meio de uma lição objetiva, sob a forma de uma visão dada por Yahweh. O profeta recebeu a visão depois do terrível ataque dos babilônios, com a matança, o saque e a deportação subseqüente. Não parecia haver nada remidor na situação. Mas os julgamentos de Deus não são meramente retributivos, são também restauradores. Orígenes dizia que falar sobre o julgamento como medida unicamente retributiva é condescender diante de uma teologia inferior. Esse princípio aplica-se até ao julgamento dos perdidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

Foi apropriado que essa visão tivesse sido dada "diante do templo", em Jerusalém, visto ser aquele um lugar de divina revelação, e a visão trazia alguma esperança. Um remanescente estava sendo purificado, a fim de que um Novo Israel pudesse ter novo começo. Duas cestas de figos foram vistas diante do templo, uma cheia de figos bons, e outra cheia de figos ruins.

Nabucodonosor transformou tudo em colossal confusão, pois havia cadáveres de judeus por toda a parte, e poucos eram os sobreviventes. Nabucodonosor deixou poucas pessoas talentosas em Jerusalém. Ele não queria que houvesse novas revoltas. Ele levou para a Babilônia os artífices, os bem preparados, os militares, os líderes, incluindo o rei e seus oficiais. Mas a espada seguiu os judeus até a Babilônia (ver Jer. 9.16). Muitos foram mortos ali e muitos foram aprisionados. Cf. II Reis 24.8-16. Figos eram apresentados como oferendas votivas, como primícias (ver Êxo. 23.19; Deu. 26.2). Também eram usados como dízimos (ver Amós 8.1-2). Portanto, figos eram frutos apropriados para serem vistos por Jeremias.

24.2

Tinha um cesto figos muito bons... mas o outro ruins. A lição foi apresentada de forma objetiva e muito simples, mas trazia uma mensagem muito significativa. Os figos de uma das cestas eram de excelente qualidade e próprios para serem comidos. Mas os figos da outra cesta eram de qualidade extremamente inferior, que nenhuma pessoa haveria de querer consumir. Quanto a detalhes completos sobre os *figos*, incluindo usos metafóricos da palavra na Bíblia, ver no *Dicionário* o artigo *Figueira*.

Figos temporãos. Ou seja, aqueles figos que amadureciam primeiro, chamados de *boccora*, os primeiros figos (ver Isa. 28.4), os quais chegam a ser perfeitos pelos meados de junho. Uma segunda leva era chamada de *kermez*, os figos de verão, produzidos no mês de agosto. A terceira leva era chamada de figos de inverno, colhida durante a primavera, mas antes disso era quase impossível consumi-los, estando então verdes e azedos. Havia três safras de figos por ano, portanto; a primeira dos figos bons, e a terceira (provavelmente) dos figos ruins.

24.3

Então me perguntou o Senhor: Que vês tu, Jeremias? Yahweh questionou o profeta sobre a *qualidade* dos figos, e Jeremias sabia, mesmo sem tê-los provado, quais eram *bons* e quais eram *ruins*. Cf. Isa. 28.4; Osé. 9.10 e Miq. 7.1. Os figos bons deveriam ser oferecidos a Deus (ver Deu. 14.22). Os figos ruins não eram aceitáveis como oferendas apresentadas a Yahweh (Miq. 1.6-9). Observa o Targum: "Os figos bons são os perfeitamente retos; os figos ruins são os perfeitamente iníquos". Os figos, nessa visão, representavam qualidades morais e espirituais que tornam uma pessoa aceitável ou não defronte do Senhor. Os figos bons são úteis para propósitos espirituais, mas os figos ruins representam indivíduos apóstatas e réprobos, aqueles que são reprovados nos testes espirituais e morais.

Explicação da Parábola-visão (24.4-10)

24.4

Yahweh apresentou a parábola-visão a Seu profeta (vss. 1-3), mas também deu-lhe amplas explicações a respeito. Sua *palavra* foi o veículo de ambas as coisas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Revelação*. "O Senhor falou esta palavra para mim" (NCV). Algumas parábolas devem ser interpretadas pelo discernimento espiritual do ser humano. Mas outras são claramente reveladas. Esta visão, pois, contém a própria interpretação.

24.5

Do modo por que vejo estes bons figos, assim favorecerei os exilados de Judá. *Yahweh* (o Deus Eterno), que é *Elohim* (o Todo-poderoso), é o Poder Divino sobre Israel, ou seja, o intérprete certo de tudo quanto se relacionava com a nação de Judá, e foi Ele quem deu o significado à parábola-visão da figueira. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de*. Os *figos bons* representavam os poucos sobreviventes de Judá que foram levados à Babilônia depois da matança imposta ao povo de Judá. Mas o poder real de tudo quanto ali aconteceu foi Yahweh, que controla o destino dos homens (ver as notas sobre Isa. 13.6; e, no *Dicionário*, o verbete chamado *Soberania*). Note o leitor que todos esses acontecimentos, por horrendos que fossem, ocorreram visando "o bem deles" (King James Version). Além disso, tais ocorrências foram consideradas *boas*, segundo a avaliação divina.

Sabemos que o ataque e o exílio tiveram por propósito purificar o povo. Uma pequena quantidade de prata foi refinada da grande quantidade de escória, e com essa pequena quantidade de metal precioso haveria um novo dia para o Novo Israel, após o cativeiro. Os propósitos de Deus relativos a Israel prosseguiriam naquele pequeno remanescente. Em conseqüência, torna-se evidente que os julgamentos divinos não são meramente retributivos. Também são restauradores ou remediais. Ver as notas sobre o vs. 1 deste capítulo, e também a introdução ao capítulo. Deus aprimorou a condição do povo de Judá por meio de seus sofrimentos (ver II Reis 25.27-30). Daniel e Ezequiel estiveram entre os cativos e se tornaram profetas no exílio. Os livros de Neemias e Esdras fornecem evidências diretas sobre o aprimoramento do povo. Em primeiro lugar, a idolatria foi completamente aniquilada; ademais, o povo de Judá assumiu um caráter mais separado, mais adequado ao povo *distinto* que guardava a legislação mosaica (ver Deu. 4.4-8). Eles foram levados à Babilônia "visando um bom resultado", conforme a Septuaginta traduz aqui o original hebraico. Ver Rom. 8.28.

24.6

Porei sobre eles favoravelmente os meus olhos, e os farei voltar para esta terra. Yahweh ficaria vigiando os cativos judeus na Babilônia, fixando favoravelmente os olhos sobre eles, isto é, visando o bem deles. Eles seriam purificados no fogo e então trazidos de volta, preparados para a reconstrução da nação inteira, com o yahwismo restaurado como fé nacional. Ele arrancou Judá de sua terra a fim de abrir espaço para uma nova plantação. Ele havia derrubado o edifício de Judá com o propósito de abrir caminho para uma nova edificação. Por meio de duas figuras, a realização do cativeiro foi ilustrada. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*. Cf. Jer. 12.15; 32.41 e 33.7. Alguns dos cativos prosperaram financeiramente (ver Esd. 2.69); outros foram capazes de cultivar a terra e edificar casas (ver Jer. 29.4,28). Mas a principal mensagem gira em torno da purificação e do crescimento espiritual, fatores necessários ao novo começo da nação: a reconstrução de Jerusalém e o novo templo, além da plena restauração do culto a Yahweh, o que anulou a idolatria e o paganismo.

"Os olhos oniscientes, a providência e a graça comunicaram coisas boas, para cuidar deles na fornalha da aflição, de modo que eles não se perderam, mas foram aprimorados moral e espiritualmente" (John Gill, *in loc.*).

24.7

Dar-lhes-ei coração para que me conheçam. Por meio de testes e comunicação direta da graça, Yahweh deveria transformar o povo, dando-lhes um *novo coração*. Então os judeus conheceriam a Yahweh de nova maneira e tornar-se-iam novamente Seu povo *distinto*, obedecendo à lei mosaica que se tornaria novamente suprema como *guia* de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Quanto ao fato de que Yahweh era o Deus deles, e eles eram o Seu povo, cf. Jer. 30.22; 31.33; 32.38 e Eze. 11.20. O remanescente purificado retornaria a Yahweh de *todo o coração*. Quanto à fé de todo o coração, ver a nota de sumário em Pro. 4.23. Haveria um

movimento bem-sucedido de volta à Palavra de Deus. Essa profecia entusiasmada espera cumprimento completo na era do Reino, quando *todo* o Israel será salvo (ver Rom. 11.26).

Os Figos Ruins (24.8-10)

24.8

Como se rejeitam os figos ruins... assim tratarei a Zedequias. Em contraste com os figos bons, havia também os *figos ruins*, ou seja, os judeus que não tinham ido para o cativeiro ou tinham fugido para o Egito (ver Jer. 43.4-7). Esses não haviam sido nem transformados nem purificados. Não se tornaram oferenda apropriada de primícias a Yahweh. Antes, retiveram essencialmente sua antiga natureza pagã, com a tremenda tendência para a idolatria. Entre esses estava *Zedequias*, o homem que se tornou rei quando *Jeconias* foi deportado junto com o remanescente. Ver no *Dicionário* o artigo sobre ele, e também a breve descrição sobre esse monarca no artigo chamado *Reino de Judá*, seção IV. Zedequias foi tanto mau como fraco e ineficaz. Ele reinou por onze anos, enquanto muitos judeus esperavam em vão pelo retorno de Jeconias. II Reis 24.19 e II Crô. 36.12 dão relatórios negativos a respeito dele. Finalmente, porém, ele foi cegado e levado para o cativeiro. Algumas pessoas o favoreciam e não se importavam com o que havia acontecido ao remanescente que fora levado para o exílio. Mas ali estava ele, entre os *figos ruins*, rejeitado por Yahweh. A mensagem de Yahweh concernente a Conias (Jeconias) é que ele era um anel de selar fraudulento (ver Jer. 22.24), bem como um vaso quebrado (ver Jer. 22.28). Mas aqui, ao que se presume, ele estava entre os *figos bons* e, segundo se pensa, alguém que poderia voltar a reinar. Por outro lado, se não pressionarmos demais a questão, não precisamos fazer de Jeconias um bom figo. Se tomarmos essa posição, então não restará nenhuma discrepância nas descrições concernentes a esse homem. Os textos, tomados no conjunto, rejeitam tanto Conias quanto Zedequias como dignos de serem reis. Haveria, contudo, um novo começo da nação de Judá. Zorobabel, neto de Conias, tornar-se-ia *governador* da nova nação de Judá, e não rei, porquanto a linhagem real fora cortada até a chegada do Messias (22.30; 23.5).

24.9

Eu os farei objeto de espanto, calamidade, para todos os reinos da terra. Severo *julgamento* foi proferido contra os *figos ruins*. Enquanto apodreciam, emitiriam mau cheiro, internacionalmente falando. Eles se tornariam um provérbio e um opróbrio, um povo ridicularizado pelas nações. Seriam espalhados e ficariam vagueando, sujeitos a potências estrangeiras. Terminariam pior que o remanescente que fora levado à Babilônia, sofrendo perseguições e desgraças, por não terem sido purificados, mas retendo sempre seu caráter pagão, completo com sua idolatria-adultério-apostasia. Os que fugiram para o Egito formariam o núcleo da população judaica que ali estava. E esses levantaram um templo rival em Leotópolis. Ver Isa. 19.19. Cf. o presente versículo com Deu. 28.37. Quanto ao povo de Israel sendo amaldiçoado, ridicularizado e reduzido a um opróbrio, cf. Jer. 25.9; 26.6; 29.18; 42.18 e 44.8,12,22.

24.10

Enviarei contra eles a espada, a fome e a peste. O pequeno número de sobreviventes em Jerusalém não teria nem paz nem permanência. A matança de judeus prosseguiria; a espada continuaria a agir ativamente; haveria novos exílios para terras estrangeiras, incluindo o Egito. Isso porque coisa alguma mudou em Jerusalém, entre os poucos que permaneceram vivos; nenhuma lição foi aprendida; a idolatria não foi abandonada; não houve movimento algum de volta às Sagradas Escrituras. Não pode haver estabilidade nem prosperidade onde não há verdadeiro temor de Deus.

Capítulo Vinte e Cinco

"Este capítulo contém uma profecia sobre a destruição da Judéia por parte do rei da Babilônia; e também a destruição da própria Babilônia, terminado o cativeiro dos judeus por setenta anos; e, igualmente, a destruição de todas as nações ao redor. A data dessa profecia aparece no vs. 1; quando o profeta relembrou os judeus sobre as profecias que lhes tinham sido entregues por ele e por outros, durante os anos passados, elas não surtiram efeito algum (vss. 2-7). Por conseguinte, eles foram ameaçados pelo rei da Babilônia, de que o exército seria enviado contra eles, despojando-os de todas as coisas desejáveis, deixando a terra deles desolada, e então levando-os cativos por setenta anos (vss. 8-11). E, ao completar-se esse período, os babilônios seriam punidos e a terra da Caldéia jazeria desolada, tornando-se sujeita a outra nações e a outros reis (vss. 12-14). O copo de vinho, que seria distribuído a todas as nações em derredor, significa a ruína total, sendo eles mencionados por nome (vss. 15-26). Isso seria confirmado, a começar pela cidade de Jerusalém, com a sua destruição (vss. 27-29). Portanto, ao profeta foi ordenado que profetizasse contra eles, declarando a controvérsia do Senhor, e que eles seriam executados de uma extremidade da terra à outra (vss. 29-33). Diante disso, seus pastores, reis e outros governantes seriam chamados a lamentar e a uivar (vss. 34-38)" (John Gill, *in loc.*).

"Jer. 25.1-14. A Babilônia era o instrumento divino de punição contra Judá. Essa conclusão das memórias de Jeremias (Jer. 36.1-4) foi escrita depois da vitória de Nabucodonosor sobre o Faraó Neco, do Egito, em Carquêmis, em junho de 605 A. C. As advertências de Jeremias a Judá, por essa altura dos acontecimentos, estavam quase se cumprindo. O adversário vindo do norte (ver Jer. 6.1) devastaria a terra apóstata. Todas as manifestações da vida diária normal desapareceriam. Nenhum indivíduo daquela geração infiel veria a restauração 'setenta anos' mais tarde (vs. 12; cf. Núm. 14.20-24). Embora a destruição de Judá fosse o castigo devido, nenhuma destruição feroz deixaria de ser punida; finalmente, a própria Babilônia sucumbiria diante de seus inimigos" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 1 deste capítulo).

Sumário das Advertências Feitas a Judá (25.1-14)

A Contínua Desobediência de Judá (25.1-7)

25.1

Palavra que veio a Jeremias acerca de todo o povo de Judá. O *quarto ano de Jeoaquim* foi o ano de 606-605 A. C. A mesma declaração é feita em Jer. 36.1; 45.1 e 46.2. O *primeiro ano* de Nabucodonosor, rei da Babilônia, começou em julho ou agosto de 605 A. C. Seu ano de subida ao trono foi de abril de 604 a abril de 603 A. C. A expressão hebraica que significa ano de subida ao trono é "começo do reinado". Cf. Jer. 26.1. Jeremias entregou treze mensagens de julgamento nos capítulos 2-25, e esse capítulo 25 coroa as mensagens. Os anos dados aqui não parecem cair no mesmo período, e podemos falar em termos de aproximações, não de datas precisas. Não precisamos fazer distorções aqui (conforme fazem alguns intérpretes) para que os dois anos coincidam com exatidão. Alguns acusam um editor subsequente por essa leve discrepância histórica, para salvar Jeremias do deslize.

O Inimigo que Desceu do Norte. Cf. Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27; 15.12; 16.15 e 23.8.

Jeremias profetizou por cerca de 23 anos. Cf. Jer. 1.2. Seu ministério foi efetuado durante o reinado de três reis, pelo tempo em que o capítulo 25 foi escrito.

25.2

A qual anunciou Jeremias, o profeta, a todo o povo de Judá. Jeremias foi um profeta enviado a Judá (e Jerusalém) que trabalhou em tempos *pré-exílicos*. Ele continuou a viver durante o cativeiro, no Egito. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jeremias (o Profeta)*. Jeremias nasceu em cerca de 640 A. C. e provavelmente morreu em cerca de 570 A. C., o que significa que ele não viu o fim do cativeiro babilônico, embora tivesse profetizado a respeito (ver Jer. 25.11-12).

25.3

Durante vinte e três anos, desde o décimo terceiro de Josias. A Jeremias foi dado extenso tempo, da parte de Yahweh, para terminar seu ministério. Ele já havia profetizado por 23 anos, desde o tempo em que o capítulo 25 foi escrito. Ele deu início a seu ministério no décimo terceiro ano de Josias e continuou a profetizar nos reinados de Jeoacaz e Jeoaquim. E continuaria, de modo que seu ministério total envolveu também o período coberto pelos reinos de Jeconias (Conias) e Zedequias, ou seja, um total de quase 40 anos, que começaram em cerca de 626 A. C. Cf. Jer. 1.2. "Deus deu tempo bastante para o povo reagir, mas eles se recusaram a isso" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Jeremias também teve tempo suficiente para completar sua missão. Oh! Senhor, concede-nos tal graça! Por isso, podemos dizer: "Deus é bom!" e a vida tem significado.

A parte final do versículo assinala a diligência do profeta. Ele "se levantava" cedo para fazer seu trabalho (King James Version) ou falava com "persistência" (Revised Standard Version), "começando de madrugada" (Atualizada). Cf. Jer. 7.13,25; 11.7; 32.33; 35.14 e 44.4 quanto à mesma expressão.

25.4

Também, começando de madrugada, vos enviou o Senhor todos os seus servos, os profetas. Jeremias mostrou-se persistente em seu ensino, mas

o povo de Judá mostrou-se igualmente persistente em sua rejeição. Yahweh fazia o Seu grande profeta levantar-se cedo, a cada manhã, para ir pregar, mas os judeus não se deixaram impressionar por seus esforços heróicos. Se tivessem ouvido a mensagem profética, poderiam ter impedido o ataque babilônico e o imediato cativeiro. Mas o povo de Israel preferiu a senda errada, e tudo terminou em colossal desastre. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico.*

Os profetas. Provavelmente estão em foco aqui os profetas pré-exílicos, como Isaías, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias e Jeremias, além de outros que nada escreveram, mas tiveram um ministério oral. Houve boa abundância de profetas, assim como de profecias orais e escritas, ao passo que o povo teve ampla oportunidade de ouvir e agir com base no que ouvia. Eles deveriam retomar à legislação mosaica como guia (ver Deu. 6.4 ss.) e ter uma fé sentida no fundo do coração (ver Jer. 24.7; Pro. 4.23). Quanto ao ato de *ouvir,* ver Sal. 64.1.

25.5

Convertei-vos agora cada um do seu mau caminho. As palavras dos profetas chegaram aos ouvidos de um povo apaixonado por sua idolatria-adultério-apostasia. Ver Jer. 3.13, onde ilustro a questão. A apostasia-idolatria infestara o país inteiro; até as crianças pequenas participavam (ver Jer. 7.18). Isso significa que o ataque dos babilônios não favoreceria nenhum membro da sociedade. Todas as unidades familiares seriam dissolvidas. Ver Jer. 18.21. Eles perderiam a terra que tinham recebido como herança (ver Jos. 1.6; Juí. 2.6; I Reis 8.36). Israel tomou sua terra dos pagãos. Por causa de desobediência, os pagãos seriam enviados agora para tomar a terra de volta. Eles foram convidados a "abandonar" seus pecados e "voltar-se" para Deus. Ver II Reis 17.13; Jer. 18.11; 35.15 e Jon. 3.8.

25.6

Não andeis após outros deuses para os servirdes. A *idolatria* (ver a respeito no *Dicionário*) estava arraigada no coração da nação, corrompendo o povo, que clamava por julgamento. A idolatria de Judá era versátil, incorporando tudo no culto dos deuses da fertilidade dos cananeus (ver Jer. 3.13), assim como dos deuses dos céus da Assíria e da Babilônia (ver Jer. 19.13). Eles adoravam coisas que suas mãos tinham feito e, de alguma maneira, não viam o absurdo de suas ações. Ver Jer. 10.3 ss. quanto a uma sátira desse absurdo. Quanto à *desnaturalidade* da apostasia de Judá, considere o leitor que eles abandonaram as suas tradições para adotar toda a espécie de crenças estrangeiras, algo que outras nações não faziam (ver Jer. 8.4-7).

25.7

Todavia não me destes ouvidos, diz o Senhor. *O trabalho de muitos profetas* (vs. 4) em nada contribuiu para mudar a atitude do povo, que tinha caído em uma apostasia desesperançada. Eles perderam a fibra moral e tornaram-se incapazes de reagir diante da mensagem divina. Provocando Yahweh através da ridícula idolatria pela qual adoravam produtos de suas próprias mãos, eles se tornaram candidatos a uma ruína inevitável, administrada pelos temíveis babilônios. Cf. Deu. 32.21; Pro. 8.36; 20.2. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ira de Deus.* O castigo divino seria aplicado através da espada, da pestilência, da seca e da fome.

Destruição Iminente (25.8-14)

25.8

Visto que não escutastes as minhas palavras. Estes versículos descrevem, uma vez mais, a destruição que seria infligida pelo ataque do exército babilônico, com a subseqüente matança, o saque e a deportação do povo que sobrevivesse ao ataque. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico,* quanto a maiores detalhes. Tendo usado os babilônios como instrumento de terror contra Judá e outras nações próximas, Yahweh puniria então esse instrumento, pois a Babilônia era uma nação cheia de pecados, violência e crueldade. Ver Isa. 13.6, quanto a Yahweh como a causa dos eventos humanos. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Soberania.*

Yahweh, o Senhor dos Exércitos, que tem todo o poder, declara aqui Sua vingança contra os desobedientes, e Sua palavra é justa e firme. Ver sobre *Yahweh* e também sobre *Senhor dos Exércitos,* no *Dicionário.* Somos informados, nos vss. 4 e 7, que Judá não ouvia nem obedecia à voz de Yahweh. Isso armou o palco para sua punição. O Comandante dos exércitos celestiais, que é também o Comandante dos exércitos terrenos, não podia mais suportar a idolatria-adultério-apostasia de Judá.

25.9

Eis que mandarei buscar todas as tribos do Norte, diz o Senhor. *Nabucodonosor* (ver sobre ele no *Dicionário*) não era homem conhecido por sua gentileza. Na realidade, era um assassino brutal, líder de assassinos. Ele traria suas hordas vindas do norte (ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27; 15.12; 16.15 e 23.8). O exército babilônico lançaria um ataque geral e tomaria várias nações que faziam fronteira com Judá. Eles poriam em prática o esporte de matar e aleijar; saqueariam e violentariam; e os poucos que sobrevivessem seriam deportados para a Babilônia, e até mesmo ali a espada os seguiria (ver Jer. 9.16). E a espada também continuaria a perseguir os poucos que permanecessem na Terra Prometida (ver Jer. 24.10). Este versículo afirma com clareza que Yahweh era a *causa real* dos acontecimentos. Nabucodonosor chega a ser chamado de *servo* de Yahweh, e ele saberia realizar bem a sua tarefa. Haveria total destruição de Judá e das nações circundantes. Essas nações tornar-se-iam uma *piada internacional,* lugares de desolação perpétua. Animais selvagens se mudariam para as desolações que antes tinham sido Jerusalém, a Dourada. Ver Jer. 9.11 e 10.22. Quanto a Nabucodonosor como *servo* de Yahweh, ver também Jer. 27.6 e 43.10.

"Jer. 40.2 mostra-nos que Nebuzaradã, capitão de Nabucodonosor, tinha alguma consciência da missão divina que o rei da Babilônia cumpria" (Fausset, *in loc.*). Cf. Isaías a falar sobre Ciro como o *pastor,* o *ungido* de Yahweh (ver Isa. 44.28; 45.1). Deus era a *causa primária,* mas também havia causas secundárias.

25.10

Farei cessar entre eles a voz de folguedo e a de alegria. Jerusalém seria transformada em *cidade fantasma.* Os sons da vida e das atividades normais não mais seriam ouvidos. Não mais haveria casamentos com seus festivais, e a voz da noiva e do noivo silenciaria estranhamente. Nada mais haveria para celebrar. A cidade inteira estaria às escuras, pois não haveria quem acendesse lamparinas à noite. Cf. este versículo com Jer. 7.34 e Apo. 18.23, onde encontramos declarações similares. "Este versículo prevê o fim da alegria e do regozijo. Não mais haveria a alegria franca das celebrações de casamento, nem os sons consoladores dos moinhos perto das casas no fim da tarde, nem as lamparinas convidativas do conforto doméstico brilhando nas janelas depois de tudo ter escurecido. E a terra inteira seria somente ruína e desolação" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). "Este versículo mostra que eles seriam privados de tudo para satisfazer as necessidades e os prazeres... O Targum diz: 'A voz da companhia daqueles que cantavam à noite em redor da luz das lâmpadas não mais será ouvida'" (John Gill, *in loc.*).

O Cativeiro de Setenta Anos (25.11-14)

25.11

Toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto. Jeremias não viveria o bastante para ver o cativeiro babilônico terminar (ver as notas expositivas sobre o vs. 2). Mas ele sabia, por inspiração divina, que o cativeiro duraria setenta anos. Ver Jer. 29.10. Os invasores babilônicos devastavam terras propositadamente, além de incendiar florestas e destruir plantações. Eles eram criadores de desertos, e não somente assassinos. Matavam um território, e não somente as pessoas que ali habitavam. Somente os animais selvagens sentiam que a terra continuava habitável, depois que os babilônios terminavam seu trabalho de destruição. Ver Jer. 9.11 e 10.22.

Por que Setenta Anos? (605-536 A. C.). De acordo com alguns intérpretes, o povo tinha deixado de observar a lei do descanso sabático a cada sete anos. Ver Lev. 25.3-5. Já que o povo judeu se recusou obedecer a essa lei, o Senhor os removeria da terra para forçar esse descanso (ver Lev. 26.3-35). O cativeiro babilônico, pois, permitiu que a terra recuperasse seu descanso sabático (ver II Crô. 36.20-21). "Esse foi o número exato de anos sabáticos, nos 490 anos que se tinham escoado entre Saul e o cativeiro babilônico: uma justa retribuição pela violação dos anos sabáticos por parte deles (ver Lev. 26.34-35; II Crô. 36.21)" (Fausset, *in loc.*). A fraqueza dessa teoria é que se deve supor que os anos sabáticos tenham sido inteira ou quase inteiramente negligenciados. Alguns cativos judeus conseguiram prosperar durante o cativeiro (ver Esd. 2.69) e até cultivar a terra e construir casas (ver Jer. 29.4,28), mas, em sua esmagadora maioria, o povo judeu viu-se reduzido à miserável escravidão, "servindo o rei da Babilônia". O número "setenta" é redondo, a ser calculado a partir da deportação de Jeconias, e não de Zedequias em diante.

25.12

Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a iniqüidade do rei de Babilônia. A nação da Babilônia, matadora em massa de outros povos, não se veria livre do castigo merecido. Ter sido usada como instrumento de Yahweh não apagava os muitos crimes dos babilônios. O próximo dançarino louco no palco do mundo seriam os medo-persas, quando então os babilônios se tornariam os novos escravos, ou seja, os poucos babilônios que sobrevivessem. A Babilônia tornar-se-ia a nova terra desolada, conforme

continua sendo até os nossos dias. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Média (Medos)* e *Pérsia*. Ver Isa. 13.19, quanto ao cumprimento da profecia sobre as desolações da Babilônia. A Babilônia tornar-se-ia como Sodoma e Gomorra, tão grande seria a sua devastação. Ver também, no *Dicionário,* os verbetes intitulados *Dario* e *Ciro,* os novos homens fortes do mundo antigo. Dan. 5 conta parte dessa história.

25.13

Farei que se cumpram sobre aquela terra todas as minhas ameaças. Havia tantas profecias de condenação que elas precisaram ser registradas em um *livro* (rolo), para serem mantidas em ordem. Está em vista uma coletânea de oráculos contra Judá, e Jer. 25.1-13 forma a conclusão desses oráculos. É provável que tenhamos aqui a conclusão do rolo de Baruque, escrito no quarto ano de Joiaquim (ver Jer. 36). Cf. Jer. 51.60, onde encontramos outra coletânea de oráculos contra a Babilônia. Isso se refere aos oráculos dos capítulos 50 e 51 do livro de Jeremias. Ver os vss. 9 e 11, quanto à *referência retroativa* a este versículo, onde a terra em foco é Judá, e não a Babilônia. Os capítulos 50 e 51 são uma *referência adiantada* a outra coletânea de profecias.

Contra todas as nações. Ou seja, as nações que caíram juntamente com Judá. Ver o vs. 9.

25.14

Porque também eles serão escravos de muitas nações. Este versículo continua a *olhar para trás:* as profecias eram contra Judá, mas talvez todo o Israel histórico esteja em vista, caso em que a referência é lata o bastante para incluir tanto o cativeiro assírio quanto o cativeiro babilônico. Isso explicaria o plural, *nações,* que seriam os povos opressores. Naturalmente, falando em sentido histórico, muitas nações oprimiram a Israel-Judá. Mas, se essas nações foram instrumentos da ira de Deus contra o Seu povo, também deveriam sofrer julgamento por seus próprios pecados e desgraças intermináveis. Cf. o vs. 12. Alguns estudiosos, porém, fazem este versículo olhar para a frente, o que também acontece com o vs. 13. Medos e persas estão em vista como nações que oprimiram os babilônios. Isso se ajusta bem à segunda parte do versículo, mas as "muitas nações" certamente são aqui as nações opressoras de Israel-Judá. Seja como for, a *Lei da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário)* foi aplicada a nações, e não meramente a indivíduos.

As Nações Devem Beber o Cálice da Ira (25.15-29)

25.15

Toma da minha mão este cálice do vinho do meu furor. A cena se assemelha à cena anterior ao dilúvio. Todas as pessoas eram culpadas do mais horrendo dos crimes: "Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração" (Gên. 6.5). Em seguida, vem o pronunciamento de um julgamento necessário. Portanto, aqui há condenação e julgamento generalizado. É provável que esta seção, com seu *cálice de ira* (vs. 15), originalmente servisse para introduzir os oráculos contra as nações (Jer. 46-51). Todas as nações, por causa de suas transgressões (ver Amós 1.1-3.2), deverão sofrer o peso da ira de Deus. O cálice de uma bebida amarga simboliza a ira de Deus. No vs. 29, isso é equiparado à *espada,* visto que essa arma era comumente usada como instrumento na mão de Deus.

"Jeremias teve uma visão do Senhor segurando um *cálice* em Sua mão. O cálice estava repleto com a ira de Deus. Era tarefa do profeta fazer com que todas as nações às quais ele fosse enviado sorvessem o cálice (cf. Lam. 4.21; Eze. 23.31-33; Apo. 16.19 e 18.6). As primeiras nações a beber a amarga bebida (as *uvas da ira* de Deus) foram Jerusalém e as cidades de Judá" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Outras nações se seguiriam para receber suas porções do cálice com bebida amargosa, conforme a vontade de Deus desdobrasse o divino decreto de julgamento. Cf. também este versículo com Hab. 2.16; Sal. 11.6; 75.8. Em Sal. 16.5 e 23.5, o *cálice* aparece como símbolo de dispensação de bênçãos. Ver também Jer. 13.12-13, onde está em vista um *julgamento estupefaciente.*

25.16

Para que bebam e tremam, e enlouqueçam. Agora o cálice de ira transforma-se em uma *espada,* que é um dos modos comuns de aplicar a ira divina: as guerras de nações contra nações que abatiam milhares de pessoas, sem misericórdia. A Yahweh foi dado o crédito pela marcha dos exércitos. Cf. Isa. 13.6, que fala sobre como Deus controla os acontecimentos humanos. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.* A providência negativa e positiva de Deus está por trás daquilo que acontece neste mundo. Todavia, não devemos fazer de Deus a *causa única* de tudo, atribuindo a Ele também o mal. Existem neste mundo muitas *causas secundárias* em operação que explicam as coisas terríveis que aqui acontecem.

Sorver a ira de Deus é algo intoxicador e enlouquecedor, que faz os homens balançar como embriagados. Cf. Naum 3.11.

> *Eles não serão capazes de andar em linha reta.*
> *Antes, caminharão como loucos.*
> *E farão isso por causa da guerra que vou enviar entre eles.*
>
> (NCV)

25.17

Recebi o cálice da mão do Senhor, e dei a beber a todas as nações. Obedecendo aos mandamentos de Yahweh, Jeremias tomou o cálice, à sua maneira visionária, e fez com que todas as nações o bebessem, por meio de suas profecias condenatórias que tinham o poder de Deus por trás delas, o que significa que fatalmente seriam cumpridas. Os julgamentos divinos eram versáteis, e cada tipo seria eficaz, sem importar se através da guerra, da pestilência, da seca, da fome ou dos desastres naturais. "As palavras descrevem os atos do profeta, tal como no êxtase da visão. Uma por uma, as nações foram forçadas a beber aquele cálice amargo, o cálice da ira de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

25.18

A Jerusalém, às cidades de Judá, aos seus reis e aos seus príncipes. O cálice foi servido primeiramente ao próprio povo de Deus, às cidades de Judá e a Jerusalém, a capital. Yahweh não mais podia tolerar a corrupção da idolatria-adultério-apostasia que eles tinham inventado e perpetrado por tão longo tempo. Eles haviam repelido as muitas chamadas ao arrependimento que Jeremias e outros profetas pré-exílicos proferiram. Contudo, os judeus desviaram-se para além do alcance do convite ao arrependimento, e já estavam sob julgamento preliminar da cegueira judicial. O povo de Judá, do mais alto ao mais humilde, seria julgado: reis, príncipes, líderes religiosos, homens, mulheres e crianças (ver Jer. 15.7 ss.). Nenhuma célula familiar ficaria intacta. Haveria completa desolação. Aquela parte do mundo ficaria "espantada", diante dos acontecimentos, porque os desastres seriam radicais, terríveis e completos. As pessoas que por ali passassem assobiariam de desgosto diante da confusão, demonstrando assim seu desprazer. As *maldições* divinas mostrar-se-iam eficazes, porquanto o povo de Judá não tinha obedecido à lei de Moisés, que era o *guia* desse povo quanto à sua conduta (ver Deu. 6.4 ss.). Cf. o versículo com Jer. 24.9, que tem algo similar. O julgamento começou pela casa de Deus (ver I Ped. 4.7). Quanto às *maldições* deuteronômicas, ver Deu. 27.15 ss.; 28.15,45 e 29.20-21,27.

25.19

A Faraó, rei do Egito, a seus servos, a seus príncipes e a todo o seu povo. O Egito seria outra vítima que sorveria o cálice da ira de Deus, com seu Faraó e seus oficiais, e todo o povo do país - um julgamento completo, de alto a baixo, tal como foi o caso de Israel (vs. 18). Particularmente em vista está o julgamento de Deus sobre aquele país, pois a promessa deles de ajudar Judá, contra a Babilônia, levou os judeus a serem ousados o bastante para oferecer resistência aos babilônios, fazendo-os sofrer mais do que sofreriam de outro modo. Jeremias, por sua vez, tinha aconselhado que os judeus simplesmente se rendessem, pois seria impossível oferecer resistência eficaz. Provavelmente, de outra maneira, teria havido o cativeiro, mas talvez a matança e o saque tivessem sido reduzidos a proporções mais modestas. Cf. Eze. 29.6-9. O Faraó em particular, aqui destacado, foi o Faraó Neco, aquele que mais instigou nações circunvizinhas a formar uma liga contra a Babilônia, produzindo frutos desastrosos. Ver Jer. 46.2,5. O Egito foi derrotado na batalha de Carquêmis. Note o leitor como a lista das nações a serem julgadas começa pelas nações mais ao sul e prossegue na direção norte.

25.20

A todo misto de gente, a todos os reis da terra de Uz. Os vss. 20-26 listam as nações que, sucessivamente, seriam forçadas a sorver a bebida amargosa da ira de Deus. Há artigos sobre cada um desses nomes geográficos no *Dicionário.* Aqui, porém, só ofereço rápidas caracterizações. A idéia que obtemos é da natureza universal do pecado radical e da rebeldia, de tal modo que todas as nações daquela parte do mundo, que tinham alguma coisa que ver com Israel, foram feitas cativas e escravizadas pelos mesmos pecados, ou seja, elas mereciam a ira de Deus. Note o leitor que todas essas nações beberam de um mesmo *cálice,* pois formavam uma única massa de rebeldia e corrupção.

Misto de gente. Estas palavras podem apontar para os vários *povos árabes* que perambulavam pelo deserto da Arábia. Mas alguns estudiosos vêem aqui

tropas mercenárias que ajudam a agitar tribulações. Ou então a referência é aos vários povos estrangeiros com quem os judeus tinham alguma negociação. Ou, finalmente, a referência se limita à mistura de estrangeiros estabelecidos no Egito.

Uz. A terra natal de Jó (ver Jó 1.1). Ficava a leste da Palestina, provavelmente no território dos idumeus. Cf. Gên. 10.23; 22.21; 36.38; I Crô. 1.17; Lam. 4.21.

Filisteus. O povo que ocupava a região costeira das praias do mar Mediterrâneo, imediatamente a oeste do território de Judá. Além disso, foram listadas cidades específicas pertencentes a esse povo, como Ascalom, Gaza, Ecrom e o remanescente de Asdode. Heródoto (*História* II.157) diz-nos que o povo de Asdode foi destruído por Psamético I (663-609 A. C.), depois de um assédio de 29 anos. O local foi reedificado mais ou menos na época de Neemias (ver Nee. 13.23).

25.21

A Edom, a Moabe e aos filhos de Amom. Em seguida temos três povos listados do sul para o norte, a saber: *Edom, Moabe* e *Amom*. Eles se situavam a oeste de Judá, do outro lado do rio Jordão e às margens do mar Morto. Essas três nações são unidas aqui por estarem geneticamente relacionadas a Israel. Ver Jer. 48 e 49. "Os edomitas descendiam de Esaú; os moabitas e amonitas descendiam de dois filhos que Ló teve com suas filhas. A destruição desses povos foi profetizada nos capítulos 48 e 49" (John Gill, *in loc.*). Todos esses povos eram, historicamente, inimigos implacáveis de Israel-Judá.

25.22

A todos os reis de Tiro, a todos os reis de Sidom e aos reis das terras dalém do mar. Os povos fenícios se localizavam ao norte de Judá, às margens do mar Mediterrâneo.

Tiro e Sidom eram duas cidades fenícias, algumas vezes amistosas com Judá e Israel, algumas vezes hostis. Voltadas ao comércio marítimo, eram dotadas de grande poder e riquezas. Como em todos os casos, maiores detalhes são encontrados nos artigos que aparecem no *Dicionário*. A ruína dessas cidades foi predita em Jer. 47.4.

Terras dalém do mar. Esta é uma referência geral e vaga que pode falar da Grécia e da Itália, ou então de lugares como Rodes, Chipre, Creta e outras ilhas do mar Mediterrâneo. Mas algumas traduções dizem "à beira-mar", o que poderia indicar cidades costeiras como Tiro e Sidom. "... regiões marítimas (Sal. 72.10, 'os reis de Társis e das ilhas... ')" (Fausset, *in loc.*).

25.23

A Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas. Dedã e Tema ficavam no noroeste da Arábia. Quanto a Dedã, ver Gên. 10.7; Jer. 49.8. Quanto a Tema, ver Isa. 21.14; Jó 6.19. Buz tem localização desconhecida, mas o fato de que esse lugar é aqui agrupado com os outros dois indica localização geográfica similar. Jerônimo considerou Buz pertencente aos ismaelitas ou aos sarracenos. Esses povos aparavam as pontas dos cabelos e das barbas, ou de ambas as coisas. Quanto a essa *infração,* ver a exposição sobre Jer. 9.26. Ver Jer. 49.7-8,20.

25.24

A todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente. Encontramos aqui referência geral às *tribos árabes*. Eram um povo misto composto de várias subtribos nômades que viviam vagueando ao redor, dificilmente mantendo-se vivos mediante um grande esforço. Diz o Targum: "Todos os reis dos árabes, que habitam em tendas no deserto". Ver a profecia contra eles, em Jer. 49.28-29.

25.25

A todos os reis de Zimri, a todos os reis de Elão e a todos os reis da Média. De localização incerta, Zimri estava associada ao *Elão* e à *Média,* que deviam ocupar a mesma localização geral. Essas duas nações ficavam a leste do rio Tigre e foram vítimas dos babilônios. Mas alguns eruditos preferem associar Zimri aos árabes, mencionados no vs. 24. Ver Gên. 25.2,6. Quanto às profecias contra esses lugares do norte, ver Jer. 49.34-39. Estão em vista aqui os medos e os persas.

25.26

A todos os reis do Norte, os de perto e os de longe, um após outros. Todas as pessoas anteriormente nomeadas seriam julgadas por Yahweh, *através da Babilônia*. Aqui, porém, a ordem implícita é revertida, correndo do norte (o último lugar mencionado aparece no vs. 25) para o sul (os que tinham sido mencionados pela primeira vez no vs. 19).

Sesaque. Ver também Jer. 51.41. Consideremos os seguintes três pontos:

1. "A maior parte dos eruditos acredita que esta palavra é um criptograma ou *atbash* para 'Babilônia'. Um *atbash* era um código no qual o nome contado a partir do fim do alfabeto é substituído por letras contadas a partir do começo do alfabeto. Por exemplo, em português, na palavra 'Babilônia', a letra 'a' tomaria o lugar da letra 'b', a letra 'i' substituiria a letra 'a' etc. De acordo com esse costume, a palavra *abby,* por exemplo, tornar-se-ia *ybba*. Portanto, se Sesaque (*ssk)* é um *atbash* hebraico, então obtemos as consoantes *bbl,* ou seja, Babilônia. Cf. Jer. 25.1" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Devemos lembrar que o idioma hebraico não empregava letras vogais na escrita.
2. Outra explicação, menos complicada, é a que diz que *Sesaque* era o nome de uma dinastia do segundo milênio A. C. que ocupava a mesma área mais tarde ocupada pela Babilônia, o que explica a troca de nomes. Não é provável, entretanto, que algum escritor da época de Jeremias tivesse essa pequena informação. Isso seria esperar demais de seu conhecimento histórico.
3. Outra explicação ainda é que esse termo derivava do deus da Babilônia *Shach,* por meio da reduplicação da primeira letra. Não há como submeter a teste essa explicação. O certo é que está em vista a Babilônia, como o látego de Yahweh para castigar todas as outras nações. E então, finalmente, tendo completado sua horrenda missão, a Babilônia também deveria beber o cálice da ira de Deus através da instrumentalidade dos medos e dos persas, os próximos loucos dançarinos do drama humano. Ver Isa. 13.6, quanto a Yahweh como a Causa por trás de todas as vicissitudes da história humana. Ver também sobre a *Soberania de Deus*. O texto inteiro ilustra a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura,* aplicada às nações. Ver sobre esse título no *Dicionário*.

25.27

Bebei, embebedai-vos, e vomitai, caí e não torneis a levantar-vos. Este versículo é uma ordem geral de Yahweh a todas as nações que foram castigadas por meio da Babilônia, a qual, setenta anos mais tarde, seria forçada, através dos medos e persas, a "beber" sua punição. O Poder Supremo, isto é, Yahweh (o Deus Eterno), o *Senhor dos Exércitos* (ver a respeito no *Dicionário*), *Elohim*, o Deus de Israel, a saber, o "Todo-poderoso", baixou uma ordem que não podia deixar de ser cumprida. Isso nos ensina que o mundo é governado por leis morais que, embora lentas em suas operações, são certas.

Os moinhos de Deus moem lentamente, mas de forma segura.

(Provérbio grego)

A bebida intoxicaria e deixaria os homens enlouquecidos, por causa da agonia que imporia a eles. Os homens perderiam a cabeça. Embriagados, eles cairiam no chão e vomitariam, e não se levantariam mais, porquanto estariam mortos pela bebida alcoólica. Ora, essa bebida é a *espada,* quando o profeta deixava de lado a descrição poética. A espada aniquilaria toda a humanidade naquela parte do mundo, castigando ainda mais severamente Judá e Jerusalém do que outros lugares. Judá, entretanto, se levantaria, mas algumas das nações feridas pelos babilônios desapareceriam, pois seus poucos sobreviventes se misturariam a outras nações. Esses são os embriagados que jamais se ergueriam da queda.

25.28

Se recusarem receber o cálice da tua mão para beber. "Algumas nações repeliriam o julgamento divino, mas Deus as forçaria a participar. Se Deus estava trazendo desastre contra o próprio povo, por motivo de pecado, como poderiam aquelas nações pagãs esperar escapar à punição?" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O que havia por trás das profecias de Jeremias era o poder *divino*. O cumprimento daquelas predições não dependia do próprio Jeremias. O Deus onipotente era a garantia desse cumprimento. Ele movia exércitos humanos segundo Sua vontade. Mas tudo seria um movimento moral e justo. Nada haveria de arbitrário na questão. O julgamento em mira é temporal e em consonância com este mundo. Mas nada é dito ou subentendido sobre o julgamento da alma humana, do outro lado da "existência". Isso requer um novo jogo de regras, segundo o qual a justiça, a severidade, o amor e a misericórdia trabalham juntos. O princípio normativo é que o julgamento é um dedo da mão amorosa de Deus, pelo que continuam havendo muitas surpresas agradáveis.

"*Deveis beber!* O cálice das conseqüências de nossas ações morais está sempre sendo pressionado contra nossos lábios. Isso é uma verdade no tocante tanto a nações quanto a indivíduos" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Não há neutralidade onde a justiça reina. Mas ali também há amor e misericórdia.

25.29

Pois eis que na cidade que se chama pelo meu nome começo a castigar. Este versículo é uma espécie de sumário do *modus operandi* do julgamento, refletido nos vss. 18-26. O julgamento começará na casa de Deus, entre o povo de Deus (ver I Ped. 4.17). Esse era o lugar chamado pelo nome de Deus (ver Dan. 9.18-19). O povo de Israel era o povo que recebera a maior oportunidade, mas também o que mais se rebelara contra a luz e a revelação divina. Tendo desempenhado o papel de tolos, em sua idolatria-adultério-apostasia, eles teriam de pagar pesado ônus. Tendo limpado a casa de Deus, o julgamento de fogo passaria a limpar todas as demais casas. A *espada* ouviria o mandamento de Deus, erguer-se-ia e passaria à matança. Não haveria fim das vítimas.

> *Sereis punidos. Estou enviando guerra contra todos os povos da terra, diz o Senhor dos exércitos celestiais.*
>
> (NCV)

Senhor dos Exércitos. Ver sobre este título divino em I Reis 15.18, e também no *Dicionário.*

A Vinda de Yahweh no Julgamento (25.30-38)

25.30

Tu, pois, lhes profetizarás todas estas palavras. O julgamento universal é aqui confirmado. Quanto a paralelos, ver Joel 3.16; Lam. 1.15; Isa. 63.1-6; Naum 3.18; Zac. 11.2-3. Há uma mudança da prosa para a poesia, que provavelmente indica que temos *oráculos* de Jeremias, usualmente escritos sob forma poética. E existem versículos redigidos sob forma prosaica que podem ter sido devidos a editores posteriores, que prepararam o livro para publicação. Este oráculo parece incluir uma visão escatológica, que abarca o tempo posterior às perturbações causadas pelos babilônios.

O julgamento divino foi descrito de acordo com termos convencionais, com repetições de frases vistas antes. *Vss. 30-31.* Assim temos "rugirá" (Amós 1.2; Sal. 46.6); "vindima" (Isa. 16.9-10; 63.1-3); "morada" (Jer. 12.1); "espada" (Jer. 12.12). *Vss. 32-33.* Inimigo distante (Jer. 6.22); muitas mortes (Jer. 8.2; 16.4). 34-38. Os governantes (pastores, senhores do rebanho) sentiam-se confusos e desesperados. *Vs. 38.* O leão era Deus ou Nabucodonosor (Jer. 4.7)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 30).

Esse oráculo universal tem Deus *rugindo* como um leão faminto contra o próprio rebanho (Judá) e contra "todos os habitantes da terra". O rugido desce de Sua santa habitação, nos céus, onde há poder divino ilimitado. Amós 1.2 é um paralelo próximo. O leão faminto estava prestes a saltar sobre sua presa (ver Amós 3.4,8). Cf. Isa. 42.13 e Joel 3.16. O leão primeiramente destruiria e dispersaria o rebanho em Judá. Ver Sal. 103.3, quanto a essa metáfora.

A figura da *vindima* aparece em seguida. Cf. Isa. 16.9-10; 63.1-3. Deus surge como um Agricultor celestial que pisa as uvas, simbolizando a matança. Ver também Jer. 48.33 e Apo. 14.18-20. As uvas vermelhas da Palestina pareciam estar cobertas de sangue ao homem que as pisasse para obter seu suco, e é isso, provavelmente, o que sugere a figura. E também há *violência* nesse ato, pois derramar sangue é algo violento. Isso nos faz lembrar a carnificina produzida por um exército cuja tarefa era causar o maior derramamento possível de sangue.

Yahweh como Juiz (25.31)

25.31

Chegará o estrondo até à extremidade da terra, porque o Senhor tem contenda com as nações. A figura muda agora para um *tribunal* (cf. Jer. 12.1; Miq. 6.2; Joel 3.3; Isa. 66.16). O julgamento divino seria *local* (em Judá e Jerusalém), mas também *internacional* (todas as nações). Yahweh tinha um caso contra toda a carne, contra todos os povos. Ele provaria Suas acusações e enviaria todos os povos à execução. Eles cometeram crimes dignos de punição capital. A *espada* (guerras) seria o instrumento de execução. A *justiça* seria feita: os opressores seriam aniquilados e os inocentes seriam vingados. O escopo mundial faz o versículo parecer uma profecia escatológica das condições que prevalecerão antes da era do Reino, e não meramente uma profecia hiperbólica concernente à Babilônia e à própria época de Jeremias.

A Tempestade Devastadora (25.32-33)

25.32

Eis que o mal passa de nação para nação. A figura agora muda para a de uma *grande tempestade* que vinha do ponto mais extremo da terra. Ver Jer. 23.19 e 30.23. Uma nação após outra cairá perante o tornado-tufão, o que fala primariamente do devastador ataque do inimigo que descia do norte, a Babilônia, contra as nações, a fim de matá-las. Os antigos sabiam bastante sobre grandes frentes tempestuosas para concluir que as tempestades não respeitam as barreiras nacionais. Uma única tempestade pode cobrir uma área bem vasta, o que, para nós, é um conhecimento óbvio da questão, já que contamos com satélites de condições atmosféricas. Quanto a Nabucodonosor como redemoinho, ver Jer. 4.13. Quanto ao inimigo do norte, ver Jer. 1.13-15; 4.5-31; 5.15-17; 6.22-26; 8.14-17; 10.21; 13.20-27; 15.12; 16.15; 23.8 e 25.9.

> *Eis que um povo vem da terra do Norte, e uma grande nação se levanta dos confins da terra.*
>
> (Jeremias 6.22)

25.33

Os que o Senhor entregar à morte naquele dia, se estenderão de uma a outra extremidade da terra. Este versículo dá prosseguimento à figura simbólica de uma *grande tempestade* que vinha do norte, no versículo anterior. Inúmeros cadáveres seriam espalhados ao longo da trilha seguida pelo exército babilônico, de uma extremidade à outra da terra. A matança seria tão grande que restariam poucos para lamentar e sepultar os mortos. Por isso mesmo, os cadáveres seriam deixados como um grande banquete para os animais selvagens e as aves de rapina. Quanto a declarações semelhantes, ver Jer. 8.2; 14.16 e 16.4-6. Cf. Sal. 83.10: "Tornaram-se adubo para a terra".

Os que o Senhor entregar à morte. É dito que Yahweh é a *causa* da matança que se tornaria um julgamento divino. Ver Isa. 13.6 quanto a Yahweh como a causa por trás dos eventos humanos. Ver também, no *Dicionário,* o verbete intitulado *Soberania de Deus.*

A Queda dos Falsos Pastores (25.34-36)

25.34

Uivai, pastores, e clamai; revolvei-vos na cinza, vós, donos dos rebanhos. A figura muda agora para a de um *pastor,* estando em pauta os falsos pastores, ou seja, a liderança do país, como o rei, os príncipes, os sacerdotes e os profetas. Essa figura estende-se até o vs. 36. Quanto à liderança pintada como os *pastores,* ver Jer. 23.1-2; Zac. 10.3.

Os falsos pastores foram apanhados na agonia da matança em massa, e todas as suas pretensões e todo o seu dinheiro nada fizeram em favor deles. Antes, eles morreram juntamente com o restante do povo. Portanto, eles uivavam, clamavam e revolviam-se nas cinzas da lamentação, antecipando os golpes fatais que receberiam, o fio da espada cortando-lhes a carne, e o traspassar das flechas. E aqueles que não fossem mortos seriam levados para o cativeiro (ou seriam dispersos); nenhum favor lhes seria mostrado; a espada os seguiria (ver Jer. 5.16). Muitos dos que foram levados para o cativeiro, ao chegar lá, foram executados. Eles cairiam como cordeiros ou como carneiros sacrificados. Antes realizavam sacrifícios fraudulentos em honra aos que não eram deuses; agora tornavam-se sacrifícios oferecidos a Yahweh, nos quais o exército babilônico atuava como sacerdotes. Ver Jer. 39.6, quanto à execução dos príncipes de Judá, em *Ribla.* Entre esses estavam os filhos do rei Zedequias.

Jarros preciosos. Os líderes de Judá tornar-se-iam os *animais sacrificados.* A figura dos jarros é usada em Jer. 19.11 e refere-se à *ruína irreparável* que a classe liderante sofreria. Eles deveriam formar uma classe excelente, como vasos escolhidos; mas a idolatria-adultério-apostasia deles os reduzira à posição de vasos comuns, que o divino Oleiro quebrara em pedaços. Eles não tinham mais utilidade para o Senhor. Seriam sacrificados e quebrados. A palavra "carneiros" surge aqui como termo que aparece na Septuaginta e que alguns eruditos supõem ser o original hebraico.

25.35

Não haverá refúgio para os pastores. Embora fossem os "grandes" de Judá, os falsos pastores seriam impotentes perante os atacantes babilônios, tanto quanto o povo comum. Eles não encontravam lugar onde se ocultar, o que significa que a maior parte seria exposta à morte, morrendo junto com as massas populares. Alguns poucos líderes escapariam da morte e iriam para o cativeiro, formando um pequeno remanescente. Eles tinham privilégios enquanto estavam no poder, mas perderiam tudo na hora da crise. Cf. Amós 2.14. No cativeiro, esses líderes judeus tornaram-se objetos especiais de ódio. Por isso, grande parte deles foi executada. Ver Jer. 39.6.

25.36

Eis o grito dos pastores, o uivo dos donos dos rebanhos! Haveria grande choro e lamentação entre os falsos pastores, enquanto Israel, por meio dos babilônios, estivesse destruindo a Terra Prometida. "O Senhor destruiu as pastagens, as propriedades, as províncias, as cidades e as aldeias, bem como o povo sobre quem eles eram senhores e por quem eram apoiados" (John Gill, *in loc.*). Portanto, aqueles que não perderam a própria vida, perderam o seu meio de vida. Em breve, os poucos sobreviventes estariam servindo a outros, em vez de serem servidos. Se tivessem sido senhores em Judá, na Babilônia seriam escravos.

25.37

Porque as suas malhadas pacíficas serão devastadas. Os pastos pacíficos tornar-se-iam desertos vazios, porque assim o Senhor Deus tinha ordenado. Os falsos líderes tinham habitado em palácios e excelentes edifícios, em meio à pompa e à dignidade. Mas os babilônios reduziriam tudo a ruínas, como sua política de terra arrasada. Mas a *Causa* real de toda essa transformação social era Yahweh, mensagem que se repete por todas as passagens que tratam de julgamento. Ver Isa. 13.6 e o artigo do *Dicionário* chamado *Soberania de Deus*. As terras de pastagem tinham sido lugares pacíficos, livres de animais ferozes. Mas as feras humanas que tinham descido do norte colocaram fim ao bucólico paraíso.

25.38

Saiu da sua morada como o filho de leão. O leão que viera do norte deixou sua cova e saiu à caça. Ele se tornou um feroz opressor, e assim deixou Judá uma desolação, por meio de sua espada terrível. Uma vez mais, somos lembrados que foi a ira de Yahweh que esteve por trás de toda a questão. Mas alguns estudiosos fazem aqui o "leão" ser Yahweh, e não Nabucodonosor. Assim, por exemplo, diz a NCV: "O Senhor, como um leão, deixou o seu covil. A terra deles está destruída. Tudo por causa de Sua ira destruidora. Tudo por causa de Sua ira feroz". "Deus destruiria suas terras (pastagens) e se exibiria ao redor como um leão entre as ovelhas (cf. Jer. 25.30). A terra tornar-se-ia uma desolação" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "*Sua ira feroz*. Se a ira feroz de Nabucodonosor não podia ser evitada, muito menos ainda a ira feroz do Senhor. Cf. o vs. 37" (Fausset, *in loc.*). Quanto ao rei da Babilônia como leão, ver Jer. 4.7. A Vulgata compreende o presente versículo como uma alusão a Nabucodonosor, tal como também o faz o Targum.

Capítulo Vinte e Seis

Conflitos de Jeremias com os Líderes Judeus (26.1 – 29.32)

Esta grande seção dá informações sobre *três* importantes acontecimentos na vida do profeta Jeremias. O tema comum da seção são os seus conflitos com os líderes de Judá, especialmente no caso dos oficiais religiosos, sacerdotes e profetas, sobretudo estes últimos. Esses quatro capítulos do livro de Jeremias foram reunidos por esse tema comum, embora pertençam a datas diferentes. Além de terem um tema comum, também compartilham algumas peculiaridades de estilo, que não são encontradas no restante do livro, a saber: 1. O nome do rei da Babilônia aparece aqui grafado como Nabucodonosor, e não como Nabruchadrezar. 2. Os nomes pessoais que incorporam o nome divino Yahweh terminam com *-yah*, e não com *-yahu*. 3. Se Jeremias vinha sendo constantemente chamado de "Jeremias, o profeta", ocupando sozinho o palco, Hananias, o profeta, é mencionado nove vezes no capítulo 28. O texto da Septuaginta, nesta seção, também encerra algumas notáveis variantes que anoto ao longo do caminho.

O Sermão do Templo e o Aprisionamento de Jeremias (26.1-24)

Cf. o leitor a presente narrativa com Jer. 7.1-15, trecho paralelo. O *sermão do templo* (que talvez seja uma compilação de coisas que Jeremias falou ali em mais de uma ocasião) causou muitas dificuldades para o profeta do Senhor. Provavelmente o editor deuteronômico se tenha mostrado ativo aqui, usando as memórias de Baruque. Sem dúvida alguma, Baruque foi testemunha dos eventos.

Já vimos que houve alguma oposição a Jeremias e à sua mensagem em Jer. 11.18-23; 15.10; 20.1-6. Mas a seção à nossa frente especializa-se em relatar essa parte do drama.

Conflito com o Povo (26.1-24)

A Mensagem de Jeremias (26.1-6)

O sermão de Jeremias, contido nestes seis versículos, provavelmente foi entregue no começo do reinado de Jeoaquim. Jeoaquim foi elevado ao trono de Judá pelos egípcios, em 609 A. C., depois do governo de três meses de seu irmão, Jeoacaz (ver II Reis 23.31-37). O original hebraico diz aqui "começo do reino", o que provavelmente significa "ano de subida ao trono" (ver Jer. 25.1). Talvez Jeremias tenha sido tão ousado que entregou essa mensagem por ocasião da cerimônia da coroação do rei, quando grandes multidões se reuniram para o evento. Nesse caso, não é de admirar que seus adversários tenham ficado tão furiosos a ponto de detê-lo e lançá-lo na masmorra (vss. 7-19).

"A mensagem propriamente dita deve ser associada ao *discurso do templo*, dos capítulos 7-10. Ali Jeremias enfocou a atenção sobre o conteúdo da mensagem, ao passo que aqui ele fixa sua atenção sobre a reação popular à mensagem" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

26.1

No princípio do reinado de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá, veio esta palavra do Senhor. No princípio do reinado de Jeoaquim, e durante a monarquia, ou mesmo bem na cerimônia de coroação, o profeta, a quem o Senhor tornou ousado, surpreendeu o povo com outra tirada espicaçante contra os seus pecados, prometendo um julgamento iminente. O profeta naturalmente incorreu na ira e passou a sofrer oposição dos principais líderes da nação, especialmente os falsos profetas, que contavam uma história totalmente diferente com sua mensagem de "paz, paz" (ver Jer. 6.14 e 8.11).

26.2

Põe-te no átrio da casa do Senhor e dize a todas as cidades de Judá. O profeta pregou sua feroz mensagem no átrio mais espaçoso do templo, onde ele podia ser ouvido pelo maior número possível de pessoas. Aquela multidão tinha vindo para *adorar* e, talvez, para se fazer presente, especificamente, à coroação do novo rei, Jeoaquim. O povo de Judá estava em atitude festiva, mas o profeta logo tornou o momento sóbrio e solene. Ele estava dizendo a palavra de Yahweh, e entregou a mensagem toda, sem diminuir nem aditar uma coisa sequer. Cf. Eze. 3.10. Ver também Deu. 4.2; 7.32; Pro. 30.6; Atos 20.27; II Cor. 2.17; 4.2 e Apo. 22.19. Sem dúvida alguma ele enumerou os pecados daquele povo idólatra-adúltero-apóstata, exortando-o ao arrependimento e à reforma, temas tão freqüentemente reiterados neste livro. Alguns intérpretes, entretanto, supõem que a ocasião do discurso de Jeremias não tenha sido o coroamento do rei Jeoaquim, mas uma das três festas obrigatórias, que todos os varões supostamente deveriam atender: a Páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos.

26.3

Bem pode ser que ouçam, e se convertam cada um do seu mau caminho. O arrependimento do povo judeu podia fazer parar a invasão babilônica, salvando o país daquela singular agonia. Ouvir e converter-se equivalia abandonar a idolatria e a injustiça e obedecer à legislação mosaica, o *guia* de Israel quanto à conduta (ver Deu. 6.4 ss.). Deus poderia, por sua vez, *arrepender-se* de suas intenções destrutivas. Quanto ao arrependimento de Yahweh, ver Êxo. 32.14. Se Judá se arrependesse, Yahweh também se arrependeria de Sua decisão de destruir o povo, conforme disse Jeremias, usando de ousado *antropomorfismo* (ver a respeito no *Dicionário*). Quanto ao ato de *ouvir*, ver Sal. 64.1. Cf. este versículo com Jer. 7.3-7, onde encontramos mais da mensagem desse profeta. Ver Jer. 3.1-2,12-13 quanto ao caráter maligno da apostasia de Judá, uma idolatria misturada e cheia de ritos adúlteros pagãos realizados em prol das divindades cananéias da fertilidade. E isso era somente parte do quadro, não a sua totalidade. Também estavam incluídas a adoração dos deuses celestiais assírios e babilônios (ver Jer. 19.13).

26.4

Se não me derdes ouvidos para andardes na minha lei, que pus diante de vós. Não *ouvir, negligenciar e desobedecer* à mensagem do Senhor resultaria em Jerusalém ser feita como o antigo santuário de Silo, ou seja, ser totalmente aniquilada e abandonada (vs. 6). O que deveria ser obedecido era a *legislação mosaica*, conforme demonstra o presente versículo. Os filhos de Judá tinham de retornar às antigas veredas. Jeremias pregava uma mensagem de *volta à Bíblia*. A lei de Moisés tornava o povo de Israel *distinto* (ver Deu. 4.4-8). A lei transmitia vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1) e também servia de guia (ver Deu. 6.4 ss.). Cf. este versículo com Jer. 7.21-26. "O vs. 4, assim como vários dos versículos que se seguem, são quase idênticos a Jer. 7.13 ss." (Adam Clarke, *in loc.*). Se o povo de Judá obedecesse à lei, por certo abandonaria tanto o paganismo quanto o *sincretismo*, a mistura do yahwismo com o paganismo.

26.5

Para que ouvísseis as palavras dos meus servos, os profetas. Profetas verdadeiros tinham sido enviados a Judá. Provavelmente estão em pauta os

profetas pré-exílicos, a saber: Isaías, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias e Jeremias. Estes versículos destacam a *ampla oportunidade* que o povo teve para conhecer os caminhos de Yahweh, segui-los e evitar as tentações prejudiciais que viriam por causa da má influência deixada por seus vizinhos. Os profetas verdadeiros "levantavam-se cedo" para ministrar aos judeus, ou seja, mostravam-se diligentes. Quanto a isso, cf. Jer. 7.13,25; 11.7; 25.3-4; 29.19; 32.33; 35.14-15 e 44.4.

26.6

Então farei que esta casa seja como Silo, e farei desta cidade maldição para todas as nações da terra. Se a mensagem enviada por Yahweh fosse negligenciada ou rejeitada, então o desastre atingiria Jerusalém (o atual santuário), tal como tinha atingido Silo, o antigo santuário, tornando a cidade inteiramente desolada. Silo transformou-se em deserto, e sua glória terminou. Ver sobre *Silo* no *Dicionário*. Cf. Jer. 7.12 e 14. Ver a história de sua captura, pelos filisteus, em I Sam. 4.10-12. Yahweh tinha esquecido seu antigo santuário e agora estava prestes a abandonar o novo santuário, em Jerusalém. E, em ambos os casos, o motivo disso foi a grande corrupção moral do povo. As leis morais governam e operam através da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Jerusalém tornar-se-ia uma maldição para as nações em redor, com seus ridículos habitantes que esqueceram Deus e terminaram *esquecidos* por Ele e destruídos pelos Seus juízos. Os povos, ao amaldiçoar a outros, diziam algo semelhante como: "Que termines como terminou Jerusalém, amaldiçoado pelos teus próprios deuses!".

Detenção e Provação de Jeremias (26.7-19)

26.7

Os sacerdotes, os profetas e todo o povo ouviram a Jeremias. A cortante mensagem de Jeremias despertou ira imediata, e logo ele estava detido e sendo julgado, com os falsos profetas como líderes da oposição ofendida. Os falsos profetas, com o apoio dos sacerdotes, estavam atrás da punição capital contra Jeremias, mas alguns líderes civis (lembre-se o leitor do caso de Miquéias e Ezequias) não permitiram que tal coisa acontecesse. Portanto, por algum tempo, Jeremias continuou em liberdade. Ver os vss. 18 ss. Outro verdadeiro profeta, porém, de nome *Urias*, ao imitar Jeremias, foi executado (vss. 20-23). *Aicão*, príncipe e homem dotado de autoridade, foi capaz de proteger Jeremias por algum tempo. Mas as coisas estavam ficando cada vez piores para o profeta. Os capítulos 7-10, trecho paralelo a este, não registram o resultado do discurso do profeta, mas dão mais detalhes sobre a mensagem dele do que a presente seção.

Jeremias chegou aonde havia grande concentração popular, incluindo os sacerdotes e os profetas que, como um corpo, se opuseram e exigiram a pena de morte contra ele. Aqueles réprobos muito tinham a perder se Jeremias ganhasse apoio popular, e teriam tudo a perder se os babilônios descessem sobre eles, conforme Jeremias profetizava. Assim sendo, mediante alguma perversão da lógica, eles pensavam que livrar-se do profeta significaria livrar-se daquilo que o profeta havia dito! Eles deixaram de confiar em Yahweh e de praticar Seu culto, pelo que não havia como tolerar Seu profeta.

26.8

Tendo Jeremias acabado de falar tudo quanto o Senhor lhe havia ordenado. O povo de Judá continuou apoiando os sacerdotes errantes e os falsos profetas. Eles não apreciavam nem um pouco a mensagem de Jeremias e compartilhavam a lógica pervertida da liderança religiosa. Estavam empenhados na tentativa de condená-lo por um ato judicial e então executá-lo. Entrementes, sua mensagem simples de arrependimento e de volta à lei mosaica foi desprezada. Anunciar sua mensagem constituía o alvo inteiro de Jeremias, mas eles se mostravam *hostis* a qualquer sugestão como aquela. Eles apreciavam sua nova maneira de viver, sua idolatria-adultério-apostasia, e não desistiriam facilmente dessa conduta. Eles se arriscariam a enfrentar a Babilônia, mas queriam silenciar aquela voz que continuava a atacá-los. Jeremias já tinha enfrentado a morte às mãos do povo de sua própria cidade natal, Anatote (ver Jer. 11.210). A atual ameaça, porém, era mais perigosa do que a primeira.

"Eles olhavam para Jeremias como quem tinha incorrido na condenação de Deu. 18.20" (Ellicott, *in loc.*).

26.9

Será como Silo esta casa, e esta cidade desolada e sem habitantes? "A profecia de Jeremias contra o templo e contra a cidade (vs. 11) poderia ser distorcida para contradizer as próprias palavras de Deus (ver Sal. 132.14). Cf. a acusação similar feita contra Estêvão (ver Atos 6.13-14)" (Fausset, *in loc.*). Jeremias já havia advertido que Jerusalém não estava imune aos juízos divinos, conforme diziam os falsos profetas (ver Jer. 14.13-15; ver também Jer. 7.3,10). Assim sendo, os falsos profetas não podiam acreditar que Jerusalém se tornaria como Silo, mas a mensagem profética de Jeremias declarava que exatamente isso aconteceria. Os profetas falsos firmavam-se sobre uma *superstição* que se tornou, para eles, *artigo de fé* cardeal. Algumas vezes, pois, a fé consiste em confiar em algo que não é verdadeiro, e todos os credos incluem esses fragmentos de fé.

26.10

Tendo os príncipes de Judá ouvido estas palavras, subiram da casa do rei à casa do Senhor. O tribunal se reuniu diante da *Porta Nova*, e os líderes civis tomaram conta do caso. Não somos capazes de identificar, com nenhum grau de certeza, a Porta Nova. Essa porta também é mencionada em Jer. 36.10. Fausset pensava ter sido uma porta originalmente construída por Jotão (II Reis 15.35), a saber, a Porta Alta. Recentemente restaurada, foi chamada de Porta Nova. O Targum diz "a porta oriental", a qual também, ao que se presume, tinha sido restaurada há pouco. Os portões das cidades eram lugares geralmente usados como pontos de comércio e de procedimentos judiciais. Cf. Deu. 21.18-19; Rute 4.1-11 e Jer. 39.3.

Os príncipes de Judá. "Não estão em foco os membros da família real, mas oficiais do tribunal do rei, como aqueles que também são mencionados em Jer. 36.10" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

26.11

Então os sacerdotes e os profetas falaram aos príncipes e a todo o povo, dizendo: Este homem é réu de morte. Os sacerdotes e profetas fizeram uma *acusação formal* contra Jeremias: ele tinha profetizado contra Jerusalém, a Dourada, o trono de Yahweh. E embora há muito tivessem abandonado a Yahweh, eles acreditavam que a "santa" cidade de Jerusalém estava imune a qualquer ataque. Essa era uma superstição que eles transformaram em artigo de fé, conforme comento nos vss. 9-10, pelo que não pressiono novamente sobre esse detalhe aqui. Eles acusavam Jeremias de "blasfêmia" porque ele havia contradito a crença favorita deles. Se você quiser incorrer no ódio das pessoas, basta atacar as crendices que elas transformaram na própria verdade de Deus. Todos os credos de todas as religiões contêm essas doutrinas tolas que os homens ergueram à posição de verdades eternas. O tempo, porém, tem uma maneira de fazer passar essas crenças sem sentido. É fácil ver que Jeremias não era culpado de crime algum. E também é fácil ver que os sacerdotes e profetas eram os criminosos espirituais, por causa de sua idolatria-adultério-apostasia; mas passaria bastante tempo até que esses fatos se destacassem claramente. Algumas vezes, as verdades são classificadas como blasfêmias e, de outras vezes, as blasfêmias são listadas como verdades.

26.12

O Senhor me enviou a profetizar contra esta casa, e contra esta cidade todas as palavras que ouvistes. Jeremias, ao defender-se, disse o que vinha dizendo o tempo todo: "Yahweh me enviou a proclamar esta mensagem de condenação". Sua declaração obteria algum apoio da parte dos anciãos (vss. 17-19). A defesa digna de Jeremias obteria sua soltura. Mas novas tempestades estavam formando-se.

Quatro Elementos da Defesa de Jeremias. 1. Jeremias era um profeta comissionado por Yahweh (vs. 12). 2. Sua mensagem foi dada por inspiração divina (vs. 12). 3. Ainda havia oportunidade de evitar a iminente calamidade, através do arrependimento (vs. 13). 4. Quanto a Jeremias, ele falou na confiança que sua vida dependia das mãos de Deus, portanto, acontecesse o que acontecesse, ele sabia que a vontade de Deus (e não aqueles homens miseráveis) estava controlando os eventos de sua vida (vs. 14).

Jeremias não alterou as suas profecias a para ganhar a aprovação daqueles réprobos. Ele não falou palavras próprias daqueles que se ajoelham, mas disse coisas que realmente sentia.

Tudo quanto ouvistes deriva-se do Senhor.

(NCV)

A verdade, esmagada até a terra, levantar-se-á de novo.
Os anos eternos de Deus lhe pertencem.
Mas o erro, ferido, contrai-se de dor,
E morre entre os seus adoradores.

(William Cullen Bryant)

26.13

Agora, pois, emendai os vossos caminhos e as vossas ações, e ouvi a voz do Senhor. Ainda não era tarde demais para alterar o lamentável curso estabelecido pelo Senhor. O exército babilônico permaneceria em casa *caso* Judá se submetesse à renovação moral e espiritual. Tornaria a acontecer o *milagre de Ezequias*, em que a Assíria voltou dos portões de Jerusalém pela ação anjo do Senhor. Ver II Reis 19.35-37. Cf. este versículo aos vss. 3 e 19 deste mesmo capítulo. A obediência à voz do Senhor, devido ao arrependimento, significava o retorno à lei mosaica e o abandono dos intermináveis deuses que Judá adotara de países estrangeiros. Ver as notas expositivas sobre o vs. 4.

26.14

Quanto a mim, eis que estou nas vossas mãos. Jeremias permanecia firme na confiança na *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*), não temendo o que os homens podiam fazer com ele. A declaração de fé naquela crença era o *quarto* item de sua defesa (ver sobre o vs. 12). Jeremias tinha consciência de que era *invencível* até que a sua missão se completasse, e ele dependia de sua fé. De outro modo, poderia ser aterrorizado pelo que estava acontecendo em Jerusalém. Não se defendia a fim de obter apoio humano para si mesmo. Mantinha sua mensagem "na linha de frente", como dizemos em uma moderna expressão idiomática. Se ele assim fizesse, a providência cuidaria do resto, em seu melhor interesse. Este versículo demonstra a sujeição de Jeremias à vontade de Deus. Ele estava convencido, conforme disse Sócrates: "O mal não pode sobrevir a um homem bom", em última análise.

Senhor, Tu, que ordenaste para a humanidade
Labutas benignas e cuidados ternos,
Nós Te agradecemos pelas esperanças que levantas
Dentro de nosso coração dia após dia.

(William Cullen Bryant)

26.15

Sabei, porém, com certeza, que, se me matardes a mim, trareis sangue inocente sobre vós. O *assassinato de Jeremias* serviria somente para complicar ainda mais a situação do povo de Judá. Além de todas as notórias iniqüidades que se haviam apegado à alma nacional, eles estariam adicionando o derramamento do sangue de um notável profeta de Yahweh. Não havia dúvidas de que Jeremias fora enviado por Yahweh. E o povo que estendesse as mãos contra ele teria a mão do Senhor estendida contra si. Em conseqüência, longe de escapar de qualquer coisa, por tão insensato assassinato, seriam atraídas penalidades ainda mais pesadas. Ver Mat. 23.3.

26.16

Este homem não é réu de morte, porque em nome do Senhor, nosso Deus, nos falou. Jeremias ficou no mínimo com a maioria, senão com todos os votos dos líderes civis, além do povo comum, em geral, que se reunia em assembléia diante da Porta Nova, onde o seu destino estava sendo decidido. Era demais pensar que ele pudesse vencer os sacerdotes e falsos profetas, mas em que Jeremias se incomodava no tocante a uma competição de popularidade? Ele estava ali para defender sua missão profética e obteve, por assim dizer, um "voto de confiança" da parte de algumas pessoas importantes presentes. Note o leitor que aqueles que não votaram em favor de Jeremias eram os *líderes religiosos* corrompidos, o que serve de triste comentário sobre o estado religioso da nação.

26.17

Também se levantaram alguns dentre os anciãos da terra. Houve alguns poucos porta-vozes da classe dos anciãos, presumivelmente os líderes civis, os "príncipes" referidos no versículo anterior. Esses defenderam a causa de Jeremias e tiveram coragem de expressar sua opinião diante da multidão assassina dos falsos sacerdotes e profetas. Cf. a intervenção de Gamaliel em favor dos apóstolos Pedro e João, em Atos 5.34. É provável que *Aicão* tenha sido um dos príncipes que falou em defesa de Jeremias. Ver o vs. 24. Esses tiverem de justificar seu voto em favor do profeta, e a essência do que eles disseram é como segue.

26.18

Miquéias, o morastita, profetizou nos dias de Ezequias, rei de Judá. Os príncipes que defenderam Jeremias relembraram a assembléia do caso, ocorrido fazia cerca de setenta anos, de Miquéias, o profeta, e do rei Ezequias. A ameaça daquele tempo era a Assíria, e não a Babilônia, mas as circunstâncias eram bastante parecidas com as da época de Jeremias. Profecias de condenação e de invasão iminente prometiam matanças sem limites e muito saque. O chamado era ao arrependimento, segundo a palavra de Yahweh. A citação deste versículo foi extraída de Miq. 3.12. A destruição seria total: Sião tornar-se-ia como um campo arado; Jerusalém seria reduzida a um montão de ruínas; o monte Moriá, onde estava o templo (casa do Senhor), ficaria coberto de relva e arbustos, espinheiros e mato daninho, em vez de ser o local do glorioso templo de Salomão. Ezequias ouviu as palavras do profeta e fez os ajustes necessários.

O resultado foi a destruição do exército assírio nas portas de Jerusalém, quando 185.000 soldados foram destruídos pelo Anjo do Senhor (ver II Reis 19.35-37). Naquele caso, bastou uma *ameaça* para que a potência estrangeira, a Assíria, retrocedesse. Em outras palavras, o profeta expediu sua ameaça; o povo de Judá ouviu e agiu, e o inimigo foi derrotado. Assim também Jeremias agora tinha anunciado as suas ameaças. A obediência à Palavra de Deus poderia deter os babilônios e salvar a nação de Judá. Pelo menos era isso o que os príncipes esperavam.

26.19

Mataram-no, acaso, Ezequias, rei de Judá, e todo o Judá? Os príncipes observaram que Ezequias se mostrara sábio o suficiente para obedecer à palavra do profeta, em vez de executá-lo, e o resultado foi positivo para Judá e, especialmente, para Jerusalém. Envolvido na questão estava o *temor do Senhor*, expressão que usualmente representa a espiritualidade do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* e em Sal. 119.38 e Pro. 1.7 o verbete denominado *Temor*. Mas aqui a idéia de *temor literal* é proeminente. Ezequias enfrentara uma situação terrível, que era a aplicação da ira de Yahweh, pelo que ali real temor encorajou a obediência à palavra do profeta. II Reis 18.3-6 fala sobre as reformas religiosas efetuadas por Ezequias, o que significa que o governo real, em Judá, tomou providências positivas. E Yahweh reagiu diante disso *arrependendo-se* (mudando Sua idéia no que concernia ao julgamento). Ver Êxo. 3.14 quanto ao *arrependimento divino*. E ver, igualmente, II Crô. 32.26.

O Caso de Urias (26.20-23)

26.20

Também houve outro homem, Urias, filho de Semaías. *O Contra-exemplo.* Houve o caso notório da execução de um profeta, nos dias de Jeoiaquim, rei de Judá, que os príncipes da época de Jeremias consideravam um *acontecimento horrendo* que não deveria repetir-se. Ver no *Dicionário* sobre *Urias*, quarto ponto, quanto ao pouco que se sabe sobre ele. Esse profeta tinha uma mensagem similar à de Jeremias, e predizia julgamento tanto para Judá quanto para Jerusalém. Houve uma conspiração geral contra Urias (rei, guerreiros, príncipes e, sem dúvida, sacerdotes e profetas), e o levante terminou na sua execução. Esse profeta foi identificado pela sua parentela, que ilustro no artigo sobre ele no *Dicionário*. Sua cidade natal era *Quiriate-Jearim* (ver a respeito no *Dicionário*), e esses detalhes adicionais sem dúvida fizeram relembrar o caso àqueles réprobos. A menção do caso de Urias demonstra que Jerusalém já era culpada do sangue inocente de um profeta, e complicar mais ainda o caso, com o assassinato de Jeremias, garantiria o julgamento divino que tanto Urias quanto Jeremias tinham profetizado.

26.21

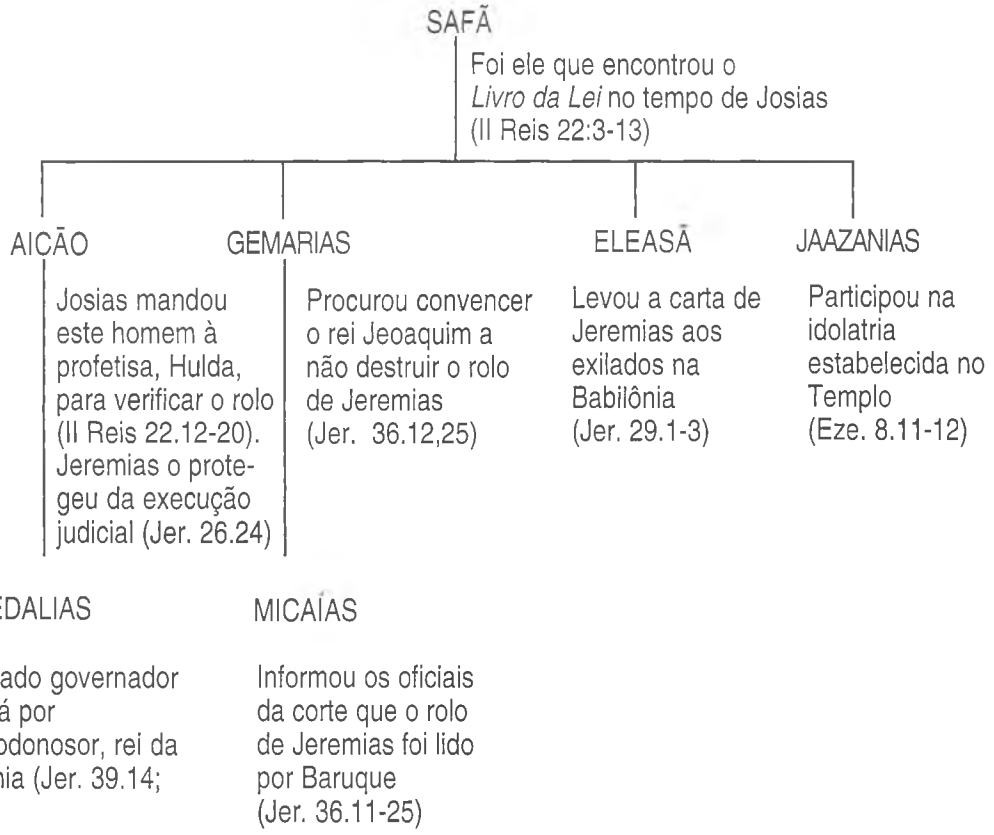
Ouvindo o rei Jeoaquim, e todos os seus valentes e todos os príncipes as suas palavras, procurou o rei matá-lo. Os oponentes tinham sido muitos e poderosos, pois, na realidade, a conspiração era encabeçada pelo rei, Jeoaquim, que contava com o apoio de príncipes dos guerreiros. O apoio dos sacerdotes e dos falsos profetas não é mencionado no caso de Urias, mas temos de supor que ele existiu. Ninguém defendeu o infeliz profeta. Mas algum informante alertou Urias sobre a conspiração, pelo que ele fugiu para o Egito a fim de salvar a própria vida. Contudo, isso não foi o fim da história. A ira do rei Jeoaquim perseguiu Urias no Egito. Aqueles réprobos estavam pensando em silenciar o profeta e suas profecias, como se isso fosse suficiente para deter a invasão assíria que ele havia predito. Essa lógica perversa custou a vida de um homem bom e garantiu a vingança de Yahweh contra os assassinos.

26.22

O rei Jeoaquim, porém, enviou a Elnatã, filho de Acbor, ao Egito, e com ele outros homens. Os *participantes* da detenção e execução do profeta de Yahweh, Urias, são mencionados aqui para sua vergonha eterna. O chefe da delegação assassina foi *Elnatã*. Quanto ao pouco que se sabe, ver no *Dicionário* o artigo sobre esse homem.

O caso do profeta Urias nos traz à memória um incidente na vida de Sócrates, quando a cruel democracia de Atenas o enviou para apreender um ofensor, ato

A LINHA DE DESCENDÊNCIA DE SAFÃ


SAFÃ
Foi ele que encontrou o *Livro da Lei* no tempo de Josias (II Reis 22:3-13)
AICÃO
GEMARIAS
ELEASÃ
JAAZANIAS
Josias mandou este homem à profetisa, Hulda, para verificar o rolo (II Reis 22.12-20). Jeremias o protegeu da execução judicial (Jer. 26.24)
Procurou convencer o rei Jeoaquim a não destruir o rolo de Jeremias (Jer. 36.12,25)
Levou a carta de Jeremias aos exilados na Babilônia (Jer. 29.1-3)
Participou na idolatria estabelecida no Templo (Eze. 8.11-12)
GEDALIAS
MICAÍAS
Designado governador de Judá por Nabucodonosor, rei da Babilônia (Jer. 39.14; 40.5)
Informou os oficiais da corte que o rolo de Jeremias foi lido por Baruque (Jer. 36.11-25)

Observações:

Jeremias tinha o apoio de Aicão, filho de Safã, que não permitiu a execução do profeta. Na hora da crise, Jeremias teve proteção divina para poder completar sua missão. *Nos anos finais de Judá*, a família de Safã desempenhou um papel fundamental. Três dos filhos deste homem são mencionados de maneira positiva, mas o pobre Jaazanias caiu nas garras do paganismo que tomou controle do culto de Jerusalém.

> Um amigo numa vida é bastante. Dois é muito.
> Três é quase impossível.
>
> Henry Adams

> Eu tenho amado meus amigos como amo a virtude, minha alma e Deus.
>
> Sir Thomas Browne

> Nunca fere um amigo, nem em brincadeira.
>
> Cícero

> A única maneira para ter um amigo é ser um.
>
> Ralph Waldo Emerson

que, muito provavelmente, terminaria na sua execução. Ao longo do caminho, porém, seus guias espirituais o advertiram que o ato não era justo, pelo que Sócrates voltou e se recusou a obedecer à ordem baixada pelo conselho. Todavia, *Elnatã* não teve a mesma coragem de Sócrates e, assim, apressou-se a trazer um homem inocente para ser executado. O rei Jeoaquim muito se esforçava por causar dores às pessoas. A delegação foi ao Egito à procura de Urias. Eles não pouparam esforços para perpetrar um plano sanguinário. Yahweh estava vigiando, todavia, e não permitiu que o crime ficasse impune, no final das contas.

26.23

Eles tiraram a Urias do Egito, e o trouxeram ao rei Jeoaquim. A *delegação assassina* enviada pelo rei Jeoaquim mostrou-se incansável. Eles encontraram o profeta em seu esconderijo, no Egito, e o trouxeram de volta a Judá. É provável que tenha ido com a delegação uma guarda militar, não dando chance para Urias escapar. Urias foi introduzido à presença do rei Jeoaquim e prontamente executado, aparentemente pelo próprio rei. Ou talvez o monarca tenha dado a um soldado a ordem para empregar sem misericórdia a espada, mas, seja como for, o rei de Judá foi o *assassino*. Além disso, adicionaram desgraça a desgraça, dando ao honrado profeta um sepultamento comum, a fim de que sua posição na vida fosse ignorada e desonrada. "A execução de um profeta era uma ocorrência das mais incomuns na antiga nação de Israel. Um profeta usualmente tinha permissão de falar em nome do Senhor, ele era respeitado, mesmo quando suas palavras fossem impopulares. O único outro registro de uma execução dessas foi a de Zacarias, em II Crô. 24.20-22. No decurso do tempo, surgiram lendas de que *muitos* dos profetas sofreram martírio (ver Mat. 23.29-31; Luc. 11.47-51)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Naturalmente, não podemos esquecer Jesus, cuja execução foi o crime coroador de Israel. Talvez *muitos* profetas executados, conforme se vê no texto de Mateus, estejam de acordo com a realidade, a despeito da falta de incidentes históricos registrados.

26.24

Porém a influência de Aicão, filho de Safã, protegeu a Jeremias. *Aicão* (provavelmente um dos príncipes; vs. 16) foi o campeão da causa de Jeremias, salvando-o do aprisionamento ou da execução. Ver o gráfico acompanhante que ilustra a parentela e os descendentes de Aicão. Quanto ao pouco que se sabe sobre ele, ver o artigo no *Dicionário*. A família de Safã desempenhou importante papel nos dias finais de Jerusalém. O filho de Aicão, de nome *Gedalias*, foi nomeado governador de Judá, por Nabucodonosor, depois da queda de Jerusalém, em 586 A. C. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Gedaiias*, quinto ponto, para detalhes. Aicão foi um homem-chave quanto à parte final do ministério de Jeremias, que ainda tinha algumas coisas a realizar, e pessoas-chaves estavam em meio à confusão e à violência geral para garantir a continuidade. Portanto, essa é uma verdade que afeta todos os homens espirituais que têm alguma missão a cumprir. Pessoas-chaves aparecem no momento certo para ajudar na causa da espiritualidade. Eis aí uma das muitas provisões da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Cf. este versículo com II Reis 22.12 e II Crô. 34.8,.20. *Aicão* tinha sido um dos conselheiros do rei Josias (II Reis 22.12) e foi o último rei bom de Judá. Ele possuia um longo registro de atos sábios e bons e, nos momentos de crise, não abandonou Jeremias quando este precisou de sua ajuda. Josias possuía e exercia as qualidades espirituais da lealdade e da coragem.

Capítulo Vinte e Sete

O Jugo da Babilônia (27.1 – 28.17)

O texto hebraico diz *Jeoiaquim* no vs. 1, mas as versões estão corretas com *Zedequias*, o que é seguido pela maioria das traduções modernas. Os capítulos 27 e 28 registram a atitude de Jeremias diante da conspiração do rei Zedequias, bem como dos reis de nações circunvizinhas que se rebelaram contra Nabucodonosor, rei da Babilônia. Zedequias era apenas um rei títere, elevado ao trono de Judá pelos babilônios, em 598 A. C. Ver II Reis 24.17. Quatro anos mais tarde, ele estava enojado e cansado das intervenções babilônicas, e assim planejou efetuar uma mudança. O vs. 3 mostra-nos que ele contava com o apoio de Edom, Moabe, Amom e Tiro. Jeremias, porém, sabia que a rebelião seria malsucedida e serviria apenas para complicar a questão, gerando ainda mais sofrimento. A oposição de Jeremias foi vista como traição, e assim a sua vida pessoal se desintegrou e seus sofrimentos aumentaram. A atitude de Jeremias pode parecer-nos estranha, mas ele conhecia quão insolúvel era a causa contra a Babilônia. Cf. a atitude similar de Jeremias, refletida em outras passagens: Jer. 21.1-10; 32.3-5; 34.2-5; 37.7-10; 38.17-23. Conforme as coisas aconteceram, a rebelião nem foi tentada, e talvez os conselhos de Jeremias tenham sido um fator contribuinte.

"Jer. 27.1-28.17: *O jugo do rei da Babilônia*. Jer. 27.1-11: O jugo da Babilônia foi imposto por Deus contra Judá e os países vizinhos (ver Jer. 21.1-10; 32.3-5). Assim sendo, os planos de rebeldia deles eram contrários à vontade de Deus. A ocasião da conspiração dependeu de uma revolta dentro do exército de Nabucodonosor (dezembro de 595 A. C. - janeiro de 594 A. C.), bem como da subida, ao trono egípcio, de Psamético II (594 A. C.). Talvez reagindo à advertência de Jeremias, Zedequias não tentou concretizar a rebeldia, e assim Judá foi poupado durante a campanha militar punitiva de Nabucodonosor, no fim daquele ano. A forma "Nabuchadenezer" ocorre nos capítulos 27-29 de Jeremias; em outros lugares, de acordo com o original hebraico, aparece a forma "Nabuchadrezar". A forma babilônica é Nabu-kudurru-usur. *12-15:* Jeremias repete seu aviso: Visto que Deus não havia enviado os profetas que estavam aconselhando a Zedequias (Jer. 14.14), eles eram indignos de confiança. *16-22:* Ele acautelou os sacerdotes e o povo contra crerem nas garantias sem base dos profetas que diziam que o equipamento do templo, tomado como despojo em 597 A. C., em breve seria devolvido. Pelo contrário, eles deveriam orar para que aquilo que ainda tinham (ver Jer. 52.17; II Reis 25.13) não fosse levado para a Babilônia" (*Oxford Annotated Bible,* introdução ao capítulo).

A Mensagem ao Rei Estrangeiro (27.1-11)

27.1

No princípio do reinado de Zedequias... veio da parte do Senhor esta palavra a Jeremias. O nome de Jeoiaquim certamente está incorreto aqui, embora conte com o apoio do texto hebraico massorético padronizado. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*. Os capítulos 27 e 28 registram acontecimentos da época de Zedequias, cujo nome aparece em alguns poucos manuscritos hebraicos e nas versões. Algumas vezes, as versões preservam um texto original que foi perdido pelo texto massorético, o qual parece ser inexato em cerca de 5%. A Septuaginta simplesmente omite o vs. 1, provavelmente por causa de suas dificuldades. Outro problema é que o vs. 1 declara que a idéia da rebelião (ver a introdução a este capítulo, anteriormente) veio a Zedequias no seu primeiro ano de governo, o que é altamente improvável. Ele acabara de ser guindado ao trono de Judá, como rei títere, por Nabucodonosor, e dificilmente estaria planejando uma revolta justamente no início do governo. Provavelmente, este versículo foi erroneamente repetido com base em Jer. 26.1, e a Septuaginta fez bem em omiti-lo. Talvez a verdade da questão seja que o versículo não existia no manuscrito hebraico original, e tenha sido uma adição infeliz de algum escriba posterior. Nesse caso, um título falso pode ter sido colocado no começo da seção, na tentativa de dizer-nos a quem foi dada essa profecia, em vez de permitir-nos descobrir, pelo material que se segue, que Zedequias era o destinatário.

27.2

Faze brochas e canzis, e põe-nos ao teu pescoço. Yahweh continuou entregando oráculos a Jeremias. *Servidão* é a palavra-chave deste oráculo. Por decreto divino, a área toda (que incluía Judá e os territórios dos povos mencionados no vs. 3) tinha sido entregue à Babilônia, como medida disciplinadora para aqueles povos, e coisa alguma poderia ser feita para aliviar a situação. Qualquer tentativa de libertação serviria somente para aumentar os sofrimentos, que já eram grandes. Para dar às partes envolvidas uma vívida lição objetiva, sob a forma de parábola, Jeremias prendeu-se com cordas e correias, e pôs um jugo em torno do pescoço. Era o jugo babilônico, que só apertaria mais ainda se fosse promovida a rebelião. O objeto em questão parece ter sido uma espécie de jugo cru, que foi preso ao pescoço do profeta por meio de tiras. Todas as nações daquele território geográfico estariam assim presas. O processo estava bem avançado e iria piorar bastante. Se houvesse oposição, as condições dominantes ficariam ainda piores.

27.3

E enviou outros ao rei de Edom, ao rei de Moabe, ao rei dos filhos de Amom... Os países mencionados neste versículo, vizinhos de Judá, presumivelmente seriam aqueles que Zedequias convidaria à rebelião conjunta contra a Babilônia. *Delegados* vindos daqueles lugares tinham-se reunido em Jerusalém para traçar planos, pelo que era fácil entrar em contato com eles e entregar a mensagem: a rebeldia só significaria mais escravidão e desgraças, porquanto o poder de Yahweh era a causa real daquela situação, e a Babilônia era apenas um instrumento nas mãos de Deus.

"Essa reunião ocorreu em algum tempo entre maio e agosto de 593 A. C. (cf. Jer. 28.1). A Crônica Babilônica deixou registrado que, apenas pouco mais de um ano antes, uma rebelião havia ocorrido na Babilônia. É evidente que Nabucodonosor teve de defender-se de uma tentativa de golpe político. Certamente, tal agitação interna na Babilônia teria levado os vários estados vassalos a avaliar suas chances de sucesso, libertando-se do jugo de dominação babilônica" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

27.4

Ordena-lhes que digam aos seus senhores. Jeremias enviou seu delegado para falar com os delegados. Eles, por sua vez, supostamente deveriam levar a mensagem de volta a seus respectivos reis. A origem real da mensagem (que veio sob a forma de mandamento divino) era Yahweh, o *Senhor dos Exércitos,* o Poder que controla todas as coisas (ver Isa. 13.6 e sobre a *Soberania de Deus,* no *Dicionário*). Quanto a esse título divino, ver o *Dicionário* e I Reis 18.15. A esse acúmulo de títulos divinos, Jeremias adicionou *Elohim,* o *Todo-poderoso.* As nações vizinhas de Judá (envolvendo Judá) se antepunham à vontade divina quanto àquela área geográfica. Certamente elas cairiam em meio a intensos sofrimentos, sem nada mudarem. Sua confiante esperança de que haveria mudanças era mera ilusão.

27.5

Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra. *A mensagem divina:* Yahweh-Sabaoth-Elohim foi o Criador do cosmos, incluindo a terra e seus habitantes humanos e animais. Portanto, é correto que Ele faça com a terra o que bem quiser. Isso inclui o destino das nações, que estão em Suas mãos. Nisso Ele segue princípios morais e espirituais. Não se trata de algo arbitrário. "O fato de que Deus mencionou Seu poder supremo foi feito a fim de refutar o orgulho daqueles que dependem de suas próprias forças (ver Isa. 45.12). Ele dá poder a quem Lhe agrada (ver Sal. 115.15-16). Considere o leitor o exemplo de Nabucodonosor, que foi destronado em meio às jactâncias concernentes a seu poder augusto. Ele foi expulso do trono para aprender que o Altíssimo manda no reino dos homens e faz o que melhor Lhe parece, dando ou tirando (ver Dan. 4.17,25,32)" (Fausset, *in loc.*).

Com o meu braço estendido. Quanto a essa metáfora, ver Sal. 77.15; 89.10; 98.1. Quanto à *mão,* ver Sal. 81.14; quanto à *mão direita,* ver Sal. 20.6. Usando símbolos antropomórficos, os profetas falaram sobre a vontade e a habilidade de Deus operar entre os homens com poder irresistível. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo.* Quanto à criação divina como ilustração do poder de Yahweh, ver Sal. 115.15; 146.6 e Isa. 45.12. Aquele que criou é também Aquele que controla todas as coisas. Cf. Col. 1.16-17.

27.6

Agora eu entregarei todas estas terras ao poder de Nabucodonosor, rei de Babilônia. Por decreto de Yahweh, Nabucodonosor tornou-se o homem mais poderoso da face da terra. Seu poder foi enviado pelo céu. Ele era *servo* de Yahweh (Jer. 25.9; 43.10 e Eze. 29.18,20). Não há indício, entretanto, de que o rei da Babilônia veio a prestar culto a Yahweh. Pelo contrário, ele era o *agente* do poder de Deus para modificar as coisas por meios violentos. Ciro, o monarca persa, foi, por igual modo, chamado *ungido* de Yahweh (ver Isa. 45.1). A história das nações flui do poder providencial de Deus, sendo esse poder negativo ou positivo, dependendo das condições morais e espirituais dos homens.

"Esses reinos estão à minha disposição soberana" (Adam Clarke, *in loc.*). O governo do Senhor é completo e detalhado, e estende-se até os animais do campo, que são servos do homem.

27.7

Todas as nações o servirão a ele, a seu filho e ao filho de seu filho. Este versículo, que provavelmente é uma adição editorial, não se cumpriu literalmente. O último monarca do império neobabilônico foi Nabonido, que foi o *quarto* (e não o terceiro) rei depois de Nabucodonosor, e também não era parente de sangue de Nabucodonosor. Foi então que os medos e persas intervieram e puseram fim ao império babilônico. A Septuaginta omite este versículo, provavelmente por não ser ele inteiramente exato, historicamente falando. Alguns intérpretes fazem toda a espécie de ginástica e contorção na tentativa de "corrigir" esta afirmativa simples e inexata. Mas a fé pode ser prejudicada por tais contorções, as quais, afinal de contas, são pequenas demonstrações de *desonestidade.* A inspiração divina não depende desses minúsculos detalhes históricos.

De acordo com os ditames do cronograma divino, *chegaria o tempo* da Babilônia. E então os babilônios (aqueles que sobrassem da matança) tornar-se-iam escravos de outros, tal como tinham feito de muitas nações seus escravos.

A Sucessão de Reis da Babilônia: 1. Evil-Merodaque, filho de Nabucodonosor. 2. Neriglissar, marido de uma filha de Nabucodonosor. 3. Seu filho, Labosodarcode. 4. Nabonido, com quem seu filho, Belsarzar, era rei conjunto. Nabonido também se chamava Nabonidoco.

27.8

Se alguma nação e reino não servirem o mesmo Nabucodonosor, rei de Babilônia. O *castigo* para quem não se submetesse à Babilônia (conforme era o plano divino para aquele tempo) seria uma calamidade multifacetada: espada, fome, pestilência; juntas, essas coisas consumiriam totalmente os rebeldes. Todos esses agentes seriam administrados pelo exército babilônico, com as usuais subcalamidades que se seguem à guerra. Cf. os *quatro* modos de punição de Jer. 15.3. Jer. 15.2 é, essencialmente, igual ao presente versículo. O castigo aos rebeldes consolidaria a posição da Babilônia naquela parte do mundo, por aquele tempo. A vontade de Deus estava sendo servida. Ver as notas expositivas em Isa. 13.6, com relação ao modo como Deus controla as atividades do mundo. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.* Essas doutrinas não se ajustam ao *Determinismo,* visto que incluem a idéia de *Causas Secundárias,* que nada têm que ver com a *Causa* que é Deus. A Causa reage diante das causas secundárias. Se isso não fosse verdade, não haveria responsabilidade humana neste mundo. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Livre-arbítrio* e *Predestinação.*

27.9

Não deis ouvidos.... A mensagem de Jeremias contradizia a mensagem dos falsos profetas e dos sonhadores auto-iludidos. Muitos tentavam participar do jogo da profecia: profetas, adivinhos, sonhadores, agoureiros e encantadores. Mas todos eles concordavam sobre um ponto: "A Babilônia não vos conquistará; não vos tornareis escravos da Babilônia". Eles formavam a *maioria,* ao passo que homens como Jeremias e Urias (ver Jer. 26.20) eram uma minúscula minoria. Usualmente, a maioria se mostra do lado errado, quando se trata de questões espirituais. Cf. este versículo com Jer. 29.8, que lhe é bastante similar, embora seja menor a lista ou os tipos de alegados profetas. Todos aqueles "profetas" eram mentirosos, francos e desgraçados, ou simplesmente auto-iludidos. Alguns deles tinham visões reais, mas meramente psíquicas (naturais), alucinações e ilusões. Outros inventavam suas supostas visões, enquanto prosseguiam a fim de obter para si mesmos um nome como líderes espirituais.

Ver no *Dicionário* os artigos *Presságio (Agouro): Adivinhação; Encantador; Magia.* Ver as notas expositivas sobre Jer. 23.16,23-27, que adicionam detalhes que não reitero aqui.

27.10

Porque eles vos profetizam mentiras para vos mandarem para longe da vossa terra. Alguns daqueles profetas e videntes sabiam que estavam falando de sua própria imaginação, e não por divina inspiração. Outros, porém, eram autoenganados. Todos mentiam, consciente ou inconscientemente. Justamente no meio de todo esse falso misticismo, aquela gente seria atacada, morta, saqueada e deportada para a Babilônia. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Misticismo.* Existe um misticismo autêntico e um misticismo falso. Muitos místicos falsos não têm consciência de que são falsos, e na igreja não há poucos deles. Também existe um misticismo natural que não sobe a Deus nem desce aos demônios. A telepatia, o conhecimento anterior, mensagens proféticas aparentes, todas essas coisas podem ser produtos da psique humana, sem nenhuma ajuda "externa". Algumas dessas mensagens podem ter valor, embora sejam meramente humanas. Outras são inúteis. E ainda outras podem ser francamente prejudiciais. Ver na *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Parapsicologia.* Os fenômenos psíquicos naturais não são positivos nem moral nem espiritualmente. Mas podem tornar-se positivos mediante correto manuseio e uso. Por outra parte, os abusos podem torná-los negativos.

Se os reis daquelas nações não tivessem dado atenção a mentiras, talvez Nabucodonosor tivesse deixado aquela gente em suas próprias terras, apenas pagando-lhe tributo. Mas quando se rebelaram, ele resolveu puni-las.

27.11

Mas a nação que meter o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia... As nações que não se rebelassem nem tentassem medir forças com a Babilônia seriam deixadas em seus próprios territórios pátrios. O exército babilônico talvez fizesse seu trabalho usual de matanças e saques, mas não deportaria as nações atacadas. Ou, em alguns casos, Nabucodonosor tão-somente exigiria tributo, sem se incomodar de enviar seu exército. Em outras palavras, quando se estivesse tratando com a Babilônia, naquela época, era sábio não tomar posições drásticas. A Babilônia não gostava daqueles que quisessem jogar o jogo do poder militar com ela. Todo esse conselho, bem o sabemos, poderia parecer covarde e impatriótico. Por outro lado, eram conselhos corretos. Algumas vezes é melhor desistir de uma negociação adversa do que insistir e tentar continuar negociando. A resistência contra a Babilônia era um daqueles maus negócios que deveriam ter sido abandonados.

Mensagem a Zedequias (27.12-15)

27.12

Falei a Zedequias, rei de Judá, segundo todas estas palavras. Esta mensagem era, em essência (mesmo que não quanto aos detalhes) uma duplicata da

mensagem entregue a países vizinhos (vss. 5-11). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Reino de Judá*, IV.20, quanto a uma breve caracterização de *Zedequias*. Esse rei era mau, fraco, vacilante e tolo. Nessa oportunidade, ao que parece, ele tinha resolvido não se revoltar, e talvez a mensagem de Jeremias tenha sido um fator dissuasório. Posteriormente, porém, ele se revoltou (ver II Reis 24.10; II Crô. 36.13). Finalmente, foi cegado e levado cativo para a Babilônia (ver II Reis 25.7). Ver, sob o nome dele, o detalhado artigo do *Dicionário*.

Para compreender essa mensagem dirigida a Zedequias, o leitor deve primeiramente entender os eventos do cativeiro babilônico. Esse cativeiro não foi um acontecimento único. Antes, veio em ondas. O primeiro ataque ocorreu em 597 A. C. e envolveu o rei Jeoaquim (II Crô. 36.6). Na oportunidade, houve a primeira deportação de judeus. Ver no *Dicionário* a história no artigo chamado *Jeoaquim*. Em seguida, houve outra onda, com matança e considerável devastação. Essa se deu nos dias de *Joaquim* (ver a respeito no *Dicionário*), também chamado Jeconias (Conias). Ele foi levado cativo juntamente com grande número de judeus. O templo de Jerusalém foi saqueado e os vasos sagrados foram levados para a Babilônia (II Reis 24.13). Todos os judeus dotados de alguma habilidade foram levados nessa ocasião para a Babilônia. *Zedequias* foi elevado ao trono de Judá, como rei vassalo, e não havia realmente muito para governar. A despeito dessa condição submissa, Zedequias tentou organizar uma revolta com a ajuda de seus vizinhos, que também tinham interesse em libertar-se do jugo babilônico. Esse é o pano de fundo da passagem presente. Yahweh já estava purificando a escória de Judá para obter um pouco de prata, a fim de permitir um novo começo após o cativeiro. O que Zedequias fez, entretanto, foi importante: uma nova destruição e deportação esperavam os judeus. O profeta Jeremias já havia chamado Zedequias, e os que tinham ficado em Jerusalém, de "figos maus". Ver Jer. 24.2,8. Portanto, o apelo do profeta neste ponto foi urgente, e não meramente humanitário. Teria sido melhor se o rei de Judá tivesse ficado tranqüilo, deixando que os sobreviventes dos ataques anteriores permanecessem em Jerusalém para viver em paz. Mas Zedequias continuava a provocar Nabucodonosor, e assim, em seus dias, o templo de Jerusalém foi destruído (incendiado). Ver II Reis 24.9. As muralhas da cidade foram derrubadas; e os oficiais do rei foram levados, ainda com outro grupo de judeus. Esse foi o derradeiro e fatal golpe, que poderia ter sido evitado por um rei mais sábio. Ver a história em II Reis 24.9 ss.

27.13

Por que morrerias tu e o teu povo à espada, à fome e de peste...? As tropas babilônicas tinham mostrado não ter dó em outros ataques e deportações. Por que, pois, Zedequias haveria de forçar a questão, submetendo Jerusalém a outro ataque, que significaria mais matança, saque e deportação? Mas foi precisamente isso o que ele provocou, embora não imediatamente. Temos aqui a descrição padronizada do que acontece com a guerra: primeiramente, a matança à espada; em seguida, fome e pestilência, que são os acompanhamentos inevitáveis. Cf. o vs. 8. Yahweh tinha dado à Babilônia o impulso e a capacidade para matar. Era melhor ser humilde do que morrer; era melhor sofrer certas privações do que ser privado da própria vida.

27.14

Não deis ouvidos às palavras dos profetas. Entrementes, os falsos profetas despertavam a mente do rei de Judá e de sua gente com mentiras sobre como a Babilônia não lhes faria mal algum. É admirável que, depois de ter visto os primeiros ataques e deportações, alguém continuasse acreditando nos profetas mentirosos e nos sonhadores auto-iludidos. Por outro lado, em sua idolatria-adultério-apostasia, Judá não era capaz de tomar nenhuma decisão sensata. O julgamento divino pesava sobre eles e continuaria pesando até que toda a escória fosse queimada, e fosse deixado o pouco de prata que seria usado para dar início a uma Nova Nação.

Ver detalhes sobre as profecias mentirosas, nos vss. 15-20. Para os falsos profetas, Jeremias tinha o conselho "nada patriótico": "Servi ao rei da Babilônia, e vivei" (vs. 17). "... maus reis... más conseqüências" (comentário do Targum).

27.15

Porque não os enviei, diz o Senhor, e profetizam falsamente em meu nome. Yahweh afirmou aqui que *não* tinha enviado aqueles falsos profetas, que nunca desistiam de profetizar falsamente, contando suas mentiras por muitas e muitas vezes. Alguns deles tinham a audácia de profetizar em nome de Yahweh, ao passo que falsos profetas profetizavam no nome de várias divindades pagãs. O resultado disso é que Yahweh estava prestes a "expulsá-los" da Terra Prometida por meio das tropas babilônicas. E aqueles que fossem deportados seriam executados em Ribla, na Babilônia (ver Jer. 39.6). Os próprios filhos do rei Zedequias pereceram naquela matança particular. Triste é dizê-lo, porém, mas muitos outros judeus pereceriam da mesma maneira, porquanto continuavam acreditando em mentiras. Algumas vezes, a fé consiste em acreditar naquilo que não é verdade. "O diabo com freqüência emprega o nome de Deus quando oferece suas mentiras (Mat. 4.16)" (Fausset, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 23.21. Usar o nome de Deus, ao mesmo tempo que se mentia, certamente era uma significativa perversão que não deixaria de ser punida. "Tanto os falsos profetas (conforme o Targum os chama) como aqueles que os ouviam, cairiam na mesma valeta" (John Gill, *in loc.*).

Mensagem aos Sacerdotes e ao Povo (27.16-22)

27.16

Também falei aos sacerdotes, e a todo este povo. Os sacerdotes, a despeito de sua apostasia, sentiam a perda dos vasos do templo que tinham sido levados durante a segunda onda de ataque e deportação, nos dias de *Joaquim* (Jeconias, Conias). Ver II Reis 24.13; II Crô. 36.10. Para satisfazer o desejo dos sacerdotes, os falsos profetas tinham profecias que declaravam que eles receberiam de volta os vasos sagrados. Jeremias sabia que isso era mentira pura. Pelo contrário, no próximo ataque dos babilônios, o próprio templo seria incendiado (nos dias de Zedequias) e o que restasse dos vasos sagrados seria levado para a Babilônia (ver II Crô. 36.18-19). Os profetas mentirosos continuavam dando ao povo de Judá (em sua alucinação) o que eles queriam receber; mas, na realidade, estavam fora da realidade. Haveria uma devolução parcial desses vasos nos dias de Esdras (Esd. 1.7 e 7.19). Mas não existe registro da devolução da arca.

27.17

Não lhes deis ouvidos, servi ao rei da Babilônia, e vivereis. As *falsas promessas* dos profetas mentirosos distribuíam esperança quando não havia nenhuma. Portanto, a melhor norma política para impedir mais matança e mais saques era simplesmente colocar-se sob o jugo babilônico, servir aos estrangeiros e esperar o melhor quanto ao futuro. O conselho "destituído de patriotismo" que, finalmente, lançou Jeremias na prisão, era pragmaticamente bom para o povo, mesmo que desagradável e duro para com o seu orgulho. Algumas vezes, o "ideal" acha-se fora de alcance. Nesses casos, temos de fazer o que funciona sob as circunstâncias, embora fique muito aquém de nosso desejo. Os falsos profetas incitavam o povo de Judá à rebelião e usavam a profecia dos utensílios sagrados como parte de seu argumento. O que realmente vinha a caminho era muita destruição, e não vitórias que levantassem o "ego" do povo.

27.18

Porém, se são profetas, e se a palavra do Senhor está com eles, que orem ao Senhor dos Exércitos. Se aqueles fossem verdadeiros profetas de Yahweh, então, em vez de apresentar profecias falsas sobre os vasos do templo que tinham sido levados para a Babilônia, eles deveriam interceder a Yahweh para que os vasos restantes fossem protegidos, juntamente com o próprio templo, a fim de que calamidades ainda maiores não ocorressem. Porém, eles estavam muito distantes de Yahweh para ao menos *saber* o que deveriam fazer, quanto menos realmente fazer o que deveriam. O palácio do rei também dispunha de dispendiosos móveis que ainda não tinham sido tomados, e outro tanto se pode dizer quanto às casas dos nobres. Todos tinham muita coisa a perder com novos atos de rebeldia. As coisas poderiam ficar muito piores do que já estavam. Os falsos profetas, entretanto, insistiam em um curso desastroso, e arriscavam que aquilo que restava a Judá à mais total destruição. Em certo sentido, todavia, eles estavam fazendo a coisa certa, porque o plano divino incluía a mais total destruição.

27.19

Porque assim diz o Senhor dos Exércitos acerca das colunas, do mar... Entre os objetos que ainda não tinham sido tocados pelos babilônios estavam as duas colunas de bronze no pórtico do templo. Essas colunas tinham cerca de 9 m de altura e 6 m de circunferência (ver I Reis 7.15-22; Jer. 52.11). Além delas havia o *mar de fundição*, a grande bacia de bronze que se apoiava sobre doze touros (ver I Reis 7.23,25). As dez bases também eram feitas de bronze. Essa estrutura tinha cerca de 15 m de circunferência e continha a água para as lavagens cerimoniais. Ademais, a cidade de Jerusalém, embora esvaziada pelo saque, ainda tinha muita coisa que não fora tomada. Mas outro ataque babilônico transformaria a cidade num deserto. A Babilônia valorizaria aqueles objetos por seu valor como metal; para Judá, porém, tais objetos tinham grande valor histórico e cultual.

27.20

Os quais Nabucodonosor, rei da Babilônia, não levou. O presente versículo informa-nos que o ataque no tempo de *Joaquim* (ver a respeito no *Dicionário*), também chamado Jeconias ou Conias, assim como o saque dos objetos do templo, não tinha sido completo. Jeconias e muitos nobres tinham sido levados para o

cativeiro, mas Zedequias e seus nobres enfrentariam algumas desgraças (ver II Reis 25.7), e os nobres seriam executados em Ribla (ver Jer. 39.6). "Nabucodonosor parece ter tomado todos os vasos mais valiosos, de ouro e de prata, deixando os de bronze. Ver II Reis 24.12-16 quanto a isso e quanto à deportação do rei e seus nobres.

27.21

Sim, isso diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel. A *Palavra Divina* foi dada a Jeremias, afirmando que os vasos restantes e outros objetos valiosos do templo e da casa do rei e dos nobres também seriam levados para a Babilônia. A horrenda obra seria completada porque os falsos profetas continuavam incitando o povo à rebeldia, o que faria os babilônios atacar uma vez mais. Cf. o vs. 18 deste capítulo, onde essa profecia também é encontrada.

27.22

A Babilônia serão levados, onde ficarão até ao dia em que eu atentar para eles, diz o Senhor. Os vasos que tinham sido ou ainda seriam tomados permaneceriam na Babilônia até que o cronograma divino marcasse o dia da volta a Israel. Quanto a esse dia, ver Esd. 1.7 e 7.19. Instrumentos divinos fariam tal devolução, mas muitas desgraças teriam de acontecer antes. Além disso, pelo menos a arca da aliança nunca mais voltou a Israel, e ninguém sabe o que aconteceu a ela. Talvez venha a ser encontrada algum dia, nas ruínas de algum templo pagão.

Ciro seria o rei que controlaria a nova máquina de matar, naquela região do mundo, e isso seria inspirado por Yahweh em favor dos judeus. Os judeus seriam soltos e teriam permissão de levar consigo, de volta, os vasos do templo de Jerusalém. Por algum tempo não haveria templo onde colocar os vasos trazidos da Babilônia, mas um segundo e mais humilde santuário seria construído. Os livros de Esdras e Neemias nos contam essa história.

Capítulo Vinte e Oito

Conflito com Hananias (28.1-17)

O insensato Hananias enfrentou Jeremias no templo e predisse a total restauração de Judá dentro de dois anos. Ele espatifou o jugo simbólico de Jeremias (ver Jer. 27.2). Em Hananias, o cumprimento do desejo de Judá quanto às profecias atingiu seu nível mais absurdo. Jeremias relembrou que seus predecessores tinham predito o castigo (ver Deu. 18.20-22; Miq. 3.5-12) e o julgamento que certamente Deus enviaria. Coisa alguma tinha-se modificado, e, embora as tolas predições de Hananias confortassem o povo, eram apenas esperanças mentirosas, sem nenhuma substância. O desapontamento era o fim daqueles que confiavam nessas predições otimistas. Posteriormente, Jeremias usou o símbolo do *jugo de ferro* para enfatizar que o exílio continuaria (ver Jer. 27.7). A Septuaginta chama Hananias de *falso profeta*. E, realmente, era isso o que ele era, sem dúvida um dentre a multidão que vivia enganando o povo de Judá. Aqueles homens continuavam a pregar sua falsa esperança de "paz" (vs. 9), conforme sempre fizeram (ver Jer. 6.14 e 8.11).

28.1

No mesmo ano, no princípio do reinado de Zedequias, rei de Judá. O capítulo 28 dá continuação ao capítulo 27, conforme revela este versículo. O tempo específico da mensagem de Jeremias, no capítulo 27, não foi dado, mas temos aqui uma designação cronológica para a oposição de Hananias. Foi o quinto mês do quarto ano do rei Zedequias. A data foi agosto-setembro de 593 A. C. Jeremias teve o cuidado de mencionar a data, porquanto coisas importantes estavam prestes a ocorrer imediatamente em seguida. Ver Jer. 28.17. A palavra "princípio", aqui usada, não tem aplicação, visto que dificilmente podemos dizer que o quarto ano de um acontecimento qualquer é um começo. É provável que a influência de Jer. 26.1 e 27.1 tenha entrado aqui por descuido. A data mencionada aqui mostra que estava em vista Zedequias, e não Joaquim (Jeconias, Conias).

Hananias. Este era um nome pessoal comum do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* sob esse título, ponto quinto, quanto ao que se sabe sobre ele. Hananias foi um dos mais ousados falsos profetas. Ele atacou Jeremias no templo, diante dos sacerdotes e algumas pessoas do povo, com uma absurda profecia de restauração. Teve até coragem de estabelecer datas, o que raramente funciona no caso de precognições e coerentemente assinala ou profecias falsas, ou datas falsas vinculadas a profecias verdadeiras. Curiosamente, os intérpretes bíblicos que dataram a Grande Tribulação no fim do século XX caíram na armadilha de estabelecer datas, mesmo que apenas por tentativa. Hoje, 20 de maio de 1997 dificilmente pode fazer parte de um tempo tão atribulado como será a Grande Tribulação.

A cega incredulidade por certo errará,
Sondando a obra de Deus em vão;
Deus é o Seu próprio intérprete,
E Ele deixará isso bem claro.

(Alexander Pope)

28.2

Quebrei o jugo do rei da Babilônia. Aquele profeta idiota teve a coragem de falar em nome de Yahweh ao apresentar suas fábulas. Ele chegou mesmo a usar o título de Poder, *Yahweh* (o Deus Eterno), Senhor dos Exércitos, Elohim (o Todo-poderoso). Sua confiança e entusiasmo segredam-nos que ele realmente acreditava no que estava dizendo. Embora equivocado, ele era sincero, o que é um fenômeno comum. Ele começou pelo absurdo de que o jugo da Babilônia tinha sido divinamente quebrado, e dentro em breve essa realidade seria reconhecida pelo povo comum. *Deus agiu,* disse ele, e em breve se verá o resultado prático desse ato divino. Nesse caso, uma "crença cega" certamente erraria. Algumas vezes, a fé consiste em crer naquilo que não é verdade. "Que tremenda falta de vergonha! quando ele sabia, em sua consciência, que Deus não lhe dera nenhuma comissão como aquela" (Adam Clarke, *in loc.*). Por outro lado, o autoludíbrio pode fazer um homem acreditar e dizer quase qualquer coisa. Ele usava a linguagem do verdadeiro profeta (ver Jer. 2.19; 5.14; 9.7; 11.22; 23.15; 27.19 e 29.17), mas lhe faltava a inspiração divina.

28.3

Dentro de dois anos eu tornarei a trazer a este lugar todos os utensílios da casa do Senhor. *Marcando Datas.* Nas profecias autênticas é difícil marcar datas. Um missionário amigo meu estava ouvindo um pastor falar sobre profecias e determinação de datas. Disse o pastor: "Não sei quando essas coisas acontecerão, mas sei que elas não acontecerão *quando você diz* que acontecerão". É provável que Hananias tivesse alguma espécie de profecia de cumprimento de desejo. Em outras palavras, ele viu o que queria ver, e então enganou a si mesmo ao pensar que aquilo que vira era uma mensagem da parte de Yahweh. Pois os verdadeiros místicos sempre duvidam da validade de suas visões e submetem-nas a teste.

Sabemos, mediante estudos modernos, que as visões estão perfeitamente dentro do alcance da psique humana, sem a ajuda do diabo nem de Deus. Assim como todas as pessoas têm visões noturnas (sonhos) *todas as noites,* algumas pessoas possuem a capacidade de ter "visões diurnas" quase todos os dias. Mas geralmente nada há de espiritual em tal fenômeno. Quantas profecias assim recebidas realmente acontecem? Algumas acontecem, outras não. Essa é a natureza do conhecimento anterior. Tudo funciona segundo uma taxa de probabilidades, acerta-se e erra-se. Os melhores psíquicos modernos acertam uma taxa de 75%, o que já é bastante bom; e a maioria deles não reivindica nenhuma ajuda divina. Há um conhecimento anterior do qual todos os homens participam nos sonhos. Talvez Hananias tivesse tido seus *acertos* no passado. É provável que esses sucessos passados o tivessem encorajado a falar demais. Além disso, os profetas estavam sendo pressionados a fazer calar Jeremias e suas profecias pessimistas.

O pobre Hananias, sentindo a responsabilidade de redimir a escola dos profetas, terminou pronunciando um absurdo: o jugo dos babilônios cairia do pescoço dos judeus dentro de dois anos! É provável que por trás dessa declaração estivesse o fato de que a conspiração de Judá e das nações circunvizinhas se desenvolveria, e o "profeta" Hananias estivesse prevendo o sucesso para a rebelião. Jeremias, porém, sabia que estavam fervendo maiores tempestades, e não a libertação do jugo. O fim do jugo babilônico significaria a *recuperação dos vasos sagrados,* e era isso o que interessava aos sacerdotes (que estavam ouvindo).

28.4

Também a Jeconias, filho de Jeoaquim, rei de Judá, e a todos os exilados de Judá. Os *partidários de Jeconias* sentiam-se infelizes com Zedequias como rei de Judá, e estavam sob a ilusão de que Jeconias seria devolvido a Jerusalém. Mas a verdade da questão é que ele permaneceria na prisão babilônica pelo espaço de trinta anos, e jamais deixaria a Babilônia, embora nos seus últimos anos de vida ele fosse tirado da prisão e favorecido. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Joaquim,* quanto a detalhes. A visão supostamente tida por Hananias até mostrava os cativos judeus, em geral, retornando à Terra Prometida, e isso só podia significar que Hananias tinha previsto a queda virtual da Babilônia pouco antes dessa ocorrência. E, ainda por cima, Hananias deu a Yahweh o crédito por aquela fantástica mas falsa visão sobre o futuro. Cf. o vs. 2 deste capítulo.

Os sacerdotes de Judá levantaram-se e "engoliram" as mentiras de Hananias, porque elas os faziam sentirem-se bem, embora não houvesse realidade nas mentiro-

sas predições. "Quão grave é a responsabilidade em que incorrem aqueles que, mediante falsas promessas de segurança, mesmo embora sem regeneração e sem conversão, lisonjeiam os pecadores para a ruína (vss. 15-18). Tais pessoas e seus seguidores ingênuos perecerão juntos, mas um ai especial espera pelos enganadores" (Fausset, *in loc.*). A confederação rebelde tinha feito toda a espécie de coisas loucas entrar na cabeça das pessoas, a começar pelos falsos profetas. Nada seria capaz de debilitar o poder da Babilônia, até que o cronograma divino ditasse o tempo apropriado para tanto, que não aconteceria durante a vida de Hananias.

Refutação de Jeremias (28.5-9)

28.5

Então respondeu Jeremias, o profeta, ao profeta Hananias. Jeremias também contava com sua audiência, para ouvir a refutação às palavras de Hananias. Assim sendo, na presença do entusiasmado Hananias e dos sacerdotes que se tinham reunido para ouvir o discurso otimista, Jeremias novamente falou sobre a condenação. O primeiro discurso (do falso profeta) foi popular e sem dúvida recebeu o "sim, sim" e o "amém, amém" dos sacerdotes, mas o segundo discurso (de Jeremias) foi veraz. Este versículo também mostra que certo número de pessoas do povo comum se tinha reunido para ouvir o confronto entre os dois profetas. Cf. o vs. 1, que tem a mesma informação. Assim, de certa maneira, a discussão teve o aspecto de um debate público. As reivindicações rivais logo seriam testadas por eventos tão terríveis que as predições de restauração de Judá, feitas pelo profeta falso Hananias, acabariam submetidas à vergonha eterna.

28.6

Disse, pois, Jeremias, o profeta: Amém! assim faça o Senhor. Jeremias disse "amém" a tudo quanto Hananias havia dito, esperando, em seu coração, que as coisas acontecessem daquela maneira. Mas ele não se deixaria enganar, concordando com as mentiras de Hananias, sob a hipótese de que "elas seriam ótimas se expressassem a verdade". A esperança brilha eternamente no coração humano, mas algumas vezes é vã, não passando de uma função de cumprimento de desejos da psique humana. Mas as funções de cumprimento de desejo não aliviam os sofrimentos quando chega a hora da tribulação.

As verdadeiras profecias dão indicações (mas não provas absolutas) de que Deus está por trás delas, de acordo com Deu. 18.20-22, *caso* elas se cumpram. Hoje em dia, naturalmente, sabemos que todas as espécies de profecias naturais ou demoníacas se cumprem exatamente, pelo que o "teste do cumprimento" é, quando muito, mera tentativa. "Eu gostaria que aquilo que você diz seja verdade. Oxalá que aquilo que você diz seja a verdade. Eu prefiro a segurança de meu país, acima de minha própria estima e reputação. Não tenho prazer algum em anunciar os julgamentos divinos. Tenho feito isso impelido pelo senso de dever" (Fausset, *in loc.*). Cf. as palavras de Moisés em Êxo. 35.32 e a algo similar de Paulo, em Rom. 13.3. Um homem bom não espera, ansioso, pela ruína, e até suas profecias de condenação precisarão ser revisadas se houver arrependimento. Note-se, porém, que Hananias nada disse sobre o arrependimento e a mudança moral. Ele meramente queria a restauração segundo os termos estabelecidos por Judá. Portanto, ele e todos aqueles que se tinham deixado enganar por suas palavras sairiam amargamente desapontados da experiência. Eles sentiriam o peso do braço raivoso da Babilônia, sobre quem falavam tão superficialmente.

28.7-8

Mas ouve agora esta palavra, que eu falo a ti e a todo o povo para que ouçais. *Mas,* disse Jeremias enfaticamente: Existem boas razões para acreditarmos que nada de otimista haverá de acontecer. Há *precedentes históricos* quanto à validade das profecias de condenação, mas bem poucos precedentes para a posição contrária. Os profetas, por muitas vezes, falaram sobre a *guerra,* a *fome* e a *pestilência.* Ver Jer. 27.8 e 13, quanto a essas três temíveis palavras que Jeremias aplicou à sua própria época.

Naturalmente, a guerra traz fome e doenças como companheiros naturais, o que tem sido abundantemente demonstrado ao longo da história humana. Israel-Judá, quase sempre em um estado de iniqüidade e revolta, constantemente provocaram essa *temível tríade* da guerra, fome e pestilência a atacá-los uma vez mais. E visto que Judá estava pior que nunca, mais rebelde que nunca, mais pútrido que nunca, porque haveriam eles de ser poupados, quando seus ancestrais certamente não foram? Jeremias generalizou a profecia e aplicou-a a *muitas nações,* e não meramente a Israel-Judá. Ver Isa. 13.6 quanto à doutrina de que é Yahweh quem controla os acontecimentos humanos. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.* A providência divina pode ser negativa ou positiva, o que quer dizer que maus e bons eventos são controlados por Deus. Naturalmente, os atos divinos levam em consideração *causas secundárias,* ou seja, coisas que os homens fazem de bom ou de mau, pois acima do determinismo valores morais e espirituais estabelecem o que deve acontecer entre os homens. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O que os homens semearem, isso colherão (ver Gál. 6.7-8). A vontade de Deus jamais contradiz esse princípio.

28.9

O profeta que profetizar paz, só ao cumprir-se a sua palavra será conhecido como profeta. Um profeta de paz (ver Jer. 6.14; 8.11 e 28.9) só será reconhecido como verdadeiro profeta quando aquilo que ele tiver dito realmente suceder. Portanto, os eventos testarão a validade tanto de sua pessoa como de suas profecias. Jeremias falava caridosamente, pois ele *sabia* que aqueles "profetas de paz" eram mentirosos, e nada aconteceria para alterar essa avaliação. Os testes padronizados acerca dos profetas e suas profecias eram três: 1. O evento predito teria de ocorrer (ver Deu. 18.2). 2. As profecias e os profetas deveriam estar em acordo com a Palavra (lei) de Deus (ver Isa. 8.20). Os profetas falsos do tempo de Jeremias não se qualificavam em nenhum desses pontos. Devemos lembrar que o profeta não era mero previsor de acontecimentos. Era, igualmente, mestre do povo, e a lei mosaica era seu manual. A lei guiava a conduta do povo (ver Deu. 6.5 ss.). 3. O profeta era alguém *enviado por Yahweh.* Aqueles que tivessem inventado alguma forma de *sincretismo,* misturando o yahwismo com o paganismo, ou aqueles que tivessem caído no paganismo puro (ver Jer. 3.1-2,12-13), estavam desqualificados como profetas de Yahweh. Hananias clamava profetizar em nome de Yahweh, por ter sido comissionado por Ele; mas em breve tornar-se-ia evidente que ele estava mentindo, provavelmente auto-iludido sobre a questão inteira. Ver a reivindicação dele no vs. 2.

28.10

Então o profeta Hananias tomou os canzis do pescoço de Jeremias, o profeta, e os quebrou. Hananias mostrou-se muito *atrevido* e *sórdido.* Ele humilhou Jeremias defronte daquela gente, quebrando o jugo que este tinha feito (ver Jer. 27.2) e estava conspicuamente amarrado em torno do seu pescoço. Yahweh observava a cena desgraçada e continuava a falar com Jeremias. Jeremias estabeleceu também uma data: dentro de um ano, Hananias estaria morto (vs. 17). Ele não sobreviveria por muito tempo à sua insolência, nem suas profecias otimistas se cumpririam. Haveria um *jugo de ferro,* posto em volta do pescoço de Judá, que ninguém seria capaz de quebrar. Esse jugo substituiria o jugo de madeira. Ver os vss. 13-14. Hananias não conseguiu escapar com sua audácia ímpia, que, podemos ter certeza, estava plena de ódio contra Jeremias.

28.11

Deste modo dentro de dois anos quebrarei o jugo de Nabucodonosor. O *ridículo Hananias* explicou por que tinha quebrado o jugo de madeira que estava amarrado ao pescoço de Jeremias com tiras de couro. Ele continuava afirmando possuir a autoridade de Yahweh. Contudo, note o leitor: Hananias nada disse sobre o arrependimento, sobre a mudança de vida e sobre a fé sentida no coração. Tudo quanto ele conhecia era paz e prosperidade, segundo os termos do próprio povo de Judá. Ele vociferava palavras em voz alta contra Jeremias e contra Nabucodonosor, como se seus gritos estabelecessem alguma diferença nos acontecimentos mundiais. Ele era tão tolo que chegava a acreditar ter uma posição especial na presença de Yahweh, a ponto de dizer alguma coisa, e essa coisa acontecer. Na oportunidade, Jeremias não respondeu ao fanático barulhento, mas em breve o profeta do Senhor estava de volta com uma diatribe que fez seus ouvidos soar. O tribunal soaria com a voz de Yahweh (por meio de Seu profeta), cortando o ar com mais predições de condenação. Não haveria paz alguma. O poder incansável da Babilônia faria o que bem entendesse naquela parte do mundo, e nenhum Hananias, em Jerusalém, teria o menor poder para alterar o curso dos eventos.

Hananias queria a coroa sem a cruz. Declarou Tomás a Kempis: "O homem que carregar a sua cruz, será carregado por ela". Jeremias carregou sua cruz, a missão de anunciar a condenação, e escapou ao cativeiro babilônico e desceu em segurança ao Egito, onde viveu o resto de sua vida. Hananias não quis carregar nenhuma cruz e terminou morto no decurso daquele mesmo ano. Jeremias foi o instrumento de Yahweh. Hananias era o autoproclamado instrumento de suas próprias ambições. Alguns grandes pregadores são homens espirituais minúsculos. Compare-se a mensagem de Hananias com a declaração de Jer. 27.7.

Resposta da Palavra de Deus (28.12-17)

28.12

Mas depois que Hananias... quebrou os canzis de sobre o pescoço do profeta Jeremias. Não muito depois do ato insolente de Hananias, que quebrou o jugo de madeira que Jeremias tinha feito (ver os vss. 10-11), Yahweh comunicou a

Jeremias uma severa palavra de julgamento contra o falso profeta e contra o povo de Judá.

28.13

Canzis de madeira quebraste, mas em vez deles farás canzis de ferro. Hananias foi chamado por nome, e a profecia dirigiu-se primeiramente a ele, e em segundo lugar contra as profecias mentirosas que ele estivera espalhando. Esse homem havia quebrado o jugo de madeira, porquanto estava irado e porque *isso* lhe era possível fazer. Mas um *jugo de ferro* substituiria o jugo de madeira, e esse ninguém era capaz de quebrar. A condenação atingiria tanto Hananias quanto Judá, a despeito do *otimismo mentiroso* que estava sendo espalhado pelos falsos profetas. Hananias, com sua falsa profecia, forçaria a criação de um jugo de ferro. Mas a Septuaginta diz que "eu" (Yahweh) seria Quem faria o jugo de ferro, e alguns adotam isso como o texto original. O cativeiro babilônico seria o jugo de ferro, e isso faria, tanto de Judá quanto de todas as nações daquela região do mundo, escravos da Babilônia, conforme o versículo seguinte apressa-se em informar. *Yahweh* era o poder por trás da questão, o Deus de quem os falsos profetas tinham abusado com suas palavras. Hananias não foi o real artífice do jugo de ferro, mas o texto hebraico mostra que suas profecias mentirosas é que estavam provocando Yahweh a agir dessa maneira. Naturalmente, esse jugo de ferro é o que acabaria acontecendo, sem importar as ações dos falsos profetas.

28.14

Jugo de ferro pus sobre o pescoço de todas estas nações. Note o leitor o *título divino de poder* usado aqui, o mesmo que Hananias tinha empregado no vs. 2 e provavelmente era o título usualmente usado quando os profetas entregavam seus oráculos e profecias. Isso enfatiza o Poder do Céu, que faz as coisas da maneira como elas são entre os homens (cf. Isa. 13.6). O vs. 2 ilustra uma lista de referências desse título em Jeremias. Agora Yahweh é visto como o poder que aplica o jugo de ferro ao pescoço de Judá e das nações circunvizinhas. Era o jugo de Nabucodonosor, rei da Babilônia. *Todas as nações* daquela região do mundo haveriam de servi-lo como escravas. Ele exerceria poder até sobre os *animais* dos campos. Ver Jer. 27.6 quanto à mesma declaração. A menção aos animais pretende dizer-nos quão completo e universal seria o governo de Nabucodonosor. Assim seria porque assim tinha sido decretado pelo Poder do Alto, e não porque Nabucodonosor fosse algo em si mesmo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Soberania de Deus*. Todas as nações que contribuíram em sua conspiração para desfazer-se do jugo da Babilônia seriam presas pelo jugo de ferro. Ver Jer. 27.3.

28.15

Ouve agora, Hananias: O Senhor não te enviou, mas tu fizeste que este povo confiasse em mentiras. Jeremias estava mais convencido do que nunca de que Yahweh não havia comissionado Hananias, dando-lhe uma mensagem profética. Hananias enviara a si mesmo, longe de ser enviado por Deus. Ele era porta-voz de seus próprios desejos e esperanças, e não do que Yahweh estava dizendo. Era um profeta mentiroso que tinha convencido muita gente a confiar em seu otimismo enganador. Isso impedia o povo de arrepender-se e mudar espiritualmente, o que teria detido a invasão babilônica e o cativeiro conseqüente. Hananias não tinha nenhuma autoridade ou credencial espiritual. Era um falso embaixador. Suas palavras fracassariam, e em breve tempo ele estaria morto. Cf. o versículo a algo similar em Jer. 29.31 e Eze. 13.22.

28.16

Eis que te lançarei de sobre a face da terra; morrerás este ano. O falso profeta Hananias perdeu o direito de viver. Ele sofreria *morte prematura,* algo que a mentalidade dos hebreus tanto temia. Sua morte seria um "lançamento fora" da parte de Yahweh, e não um acontecimento natural. Ele não morreria em paz, como um homem velho que tivesse cumprido sua missão. Em breve, uma enfermidade ou um acidente lhe arrebataria a vida, demonstrando assim o desprazer divino. Quando essas palavras foram ditas por Jeremias, o impotente Hananias tinha menos de dois meses de vida, conforme deixa claro o vs. 17. "Seria lançado sobre a face da terra em indignação e aborrecimento, por causa de suas ofensas hediondas. Ele não morreria uma morte natural, mas uma morte violenta, atingido pela mão de Deus" (John Gill, *in loc.*).

28.17

Morreu, pois, o profeta Hananias, no mesmo ano, no sétimo mês. Hananias havia predito que, dentro de *dois anos,* o jugo de Babilônia seria retirado, os vasos do templo seriam devolvidos, e os cativos judeus voltariam da Babilônia. Em vez disso, em *dois meses* o profeta mentiroso estava morto. Ele disse sua profecia no *quinto* mês (vs. 1) e morreu no *sétimo* mês (vs. 17). Foi assim que a retribuição divina de forma significativa, que muitos observariam, mas poucos devem ter temido. A providência divina continuou a trabalhar em um sentido tanto negativo quanto positivo, tocando em todos os eventos de qualquer importância na nação de Judá da época. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus*. Embora possa ter sido sincero em suas crenças, Hananias *ensinou a rebelião* (vs. 16) e foi removido da terra como uma lição objetiva de como não se deve agir. Essa morte por certo foi uma prova de que Jeremias era um verdadeiro profeta do Senhor, o que deveria ter feito os judeus dar atenção às suas profecias. O resultado disso tudo deveria ter sido o arrependimento, mas Judá era por demais pervertido para deixar-se influenciar por qualquer coisa, exceto por maiores males. "Deus vindicou seu verdadeiro profeta e julgou o profeta falso" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Capítulo Vinte e Nove

Conflito com os Falsos Profetas no Exílio (29.1-32)

Primeira Carta de Jeremias aos Exilados

O *falso otimismo* dos profetas mentirosos continuou a operar entre o povo que tinha sido levado exilado para a Babilônia. Cf. Jer. 28.3, onde o infeliz profeta Hananias predisse que o exílio terminaria, ou seja, dois anos após sua profecia. Essa mensagem foi dada em cerca de 594-593 A. C., quatro anos depois que o cativeiro babilônico se iniciou. Se isso é, realmente, verdade, então Judá teria sofrido apenas de seis a sete anos de confinamento na Babilônia, em vez dos setenta anos que Jeremias predissera (ver Jer. 25.11-12; 29.10). O vs. 21 dá os nomes de dois falsos profetas que influenciavam o povo judeu no cativeiro, para acreditar nas mesmas mentiras que Hananias havia dito em Jerusalém (ver Jer. 28.2 ss.).

29.1

São estas as palavras da carta que Jeremias, o profeta, enviou de Jerusalém. *Sumário de Idéias:* "Os exilados estavam sendo enganados pelos mesmos protestos de uma volta imediata à Palestina (capítulo 27). Para contrabalançar isso, Jeremias enviou uma carta, por meio de *Eleasá* (talvez irmão de *Aicão;* Jer. 26.24) e *Gemarias* (36.10), aos anciãos do povo (ver Eze. 8.1 e 14.1). Seu conselho foi revolucionário. Eles deveriam estabelecer lares na Babilônia e até assistir o bem-estar do Estado. Deus estaria com eles e, finalmente, restauraria sua terra natal, após setenta anos (ver Jer. 25.11; 27.7). Os colegas de Hananias, Acabe e Zedequias (vs. 21), foram condenados por Jeremias (cf. Eze. 13). Jeremias predisse que eles seriam executados. Os desejos do fim imediato do cativeiro, do ponto de vista babilônico, seriam considerados politicamente subversivos e só serviriam para prejudicar a causa de Judá" (*Oxford Annotated Bible,* na introdução ao capítulo).

Foi uma *carta aberta* a todos os elementos da comunidade dos cativos: os sacerdotes, os profetas e o povo em geral. "Tratou-se de uma epístola universal, endereçada a todas as classes de cativos, a todas as fileiras, a todas as idades e a todos os sexos" (John Gill, *in loc.*). A finalidade da carta era cessar toda a atividade subversiva que apenas complicaria as coisas, e encorajar o povo a *aumentar* em números, para que, quando chegasse o tempo da soltura, houvesse uma comunidade de bom tamanho para retornar e reconstruir Jerusalém. Ver o vs. 6.

29.2

Depois que saíram de Jerusalém o rei Jeconias, a rainha-mãe... O editor da passagem adicionou esta nota, para que soubéssemos que os cativos eram aqueles que tinham acompanhado *Jeconias* (Conias, também chamado *Joaquim,* sob cujo título há um artigo no *Dicionário*). Os cativos que acompanharam o rei Zedequias ainda não tinham sido levados para a Babilônia quando a carta foi escrita, embora o editor, sem dúvida, soubesse desse desenvolvimento (ver Jer. 22.24-27; II Reis 24.8-17; Dan. 1.1-2). Essa onda do cativeiro (o qual se deu mediante várias levas; ver as notas expositivas sobre Jer. 27.12) ocorreu cerca de 597 A. C. Esse cativeiro removeu à força as pessoas mais habilidosas de Jerusalém, o que debilitou Judá e fortaleceu a Babilônia, porque tais pessoas seriam postas a trabalhar no país inimigo. Ver em Jer. 24.1 uma declaração similar à deste versículo.

29.3

A carta foi mandada por intermédio de Eleasá, filho de Safã, e de Gemarias, filho de Hilquias. *Eleasá* (ver a respeito no *Dicionário*) levou a carta de Jeremias e assim promoveu a causa do profeta, que estava em linha com a vontade divina. Gemarias acompanhou-o e ajudou a alisar o caminho. Ver tam-

bém sobre *Gemarias,* no *Dicionário.* Ao que parece, os dois homens foram enviados com permissão e comissão do rei, Zedequias, pois sua aprovação seria necessária, a menos que Jeremias apelasse para um ato privado, secreto. É provável que Zedequias tivesse alguma negociação a ser tratada com a ajuda dos embaixadores, além da questão que era importante para Jeremias. Os dois homens podem ter levado dinheiro de tributo a ser pago a Nabucodonosor. Provavelmente, Zedequias se alegrou por ter os cativos retidos ali. Ele já tinha problemas suficientes em Jerusalém, e não queria mais complicações. Além disso, havia em Jerusalém o movimento para fazer Jeconias voltar do cativeiro e reassumir seus deveres reais. Ver Jer. 28.4. Em conseqüência, Zedequias estaria favorável a qualquer influência que conservasse aquele homem longe de Jerusalém.

29.4

Assim diz o Senhor... a todos os exilados, que eu deportei O mesmo título divino de poder foi empregado conforme era usual, introduzindo os oráculos dos profetas. Ver sobre isso em Jer. 28.2, onde ofereço referências. Ao que tudo indica, pelo menos alguns dos falsos profetas (como Hananias) empregavam essa fórmula, e não somente profetas como Jeremias. Yahweh afirmou ter enviado tal gente para o cativeiro e, assim sendo, ele foi o autor real da carta enviada por Jeremias. Os exilados estavam preocupados com o "elemento tempo", esperando soltura imediata; portanto, estavam interessados em qualquer declaração concernente a esse pormenor.

Quanto a um *sumário de idéias* sobre a carta, ver as notas expositivas no vs. 1. Dos cativos era esperado que se "comportassem direito" ali. Logo, não deveriam levantar questões que pudessem ser consideradas subversivas, tais como: "Queremos sair daqui, agora mesmo", porque isso seria desagradável a seus senhores. Antes, deveriam promover o bem-estar da cidade onde se encontravam (vs. 7); que se casassem e tivessem filhos, plantassem, e, de modo geral, se entregassem às atividades normais da vida, *como se* fossem ficar na Babilônia para sempre. Desse modo, aumentariam em números (vs. 6) e estariam em melhores condições para reconstruir Jerusalém quando voltassem. O mesmo poder que os enviara à Babilônia também os levaria de volta à Terra Prometida, mas tudo em concordância com o cronograma divino, e não com a vontade dos falsos profetas.

29.5

Edificai casas, e habitai nelas; plantai pomares, e comei o seu fruto. As *preocupações principais* dos homens são a edificação de casas, que representa um grande avanço financeiro para uma família, e a agricultura, o âmago do sistema econômico, a menos que consideremos um povo rico o bastante para importar seu alimento. Por *quanto tempo* o remanescente judeu deveria ficar na Babilônia não era uma preocupação *presente.* Mas logo seria, quando a vontade divina estivesse pronta para agir nessa direção. Por conseguinte, a mensagem de Jeremias foi: "As primeiras coisas em primeiro lugar", e que se confiasse em Yahweh quanto ao resto. Se muitos judeus serviam como escravos, a indicação deste versículo é que muitos, dentre o povo comum, tinham liberdade de viver de modo relativamente livre, com certa medida de independência. Uma "vida normal" naquele tempo ajudaria uma "volta melhor" à Terra Prometida, no futuro. Algumas vezes, a vontade de Deus é "esperarmos", e algumas vezes essa é a coisa mais difícil de ser feita. Ansiamos por resolver nossos problemas "agora mesmo". Devemos continuar orando para não fugirmos do centro do cronograma divino.

29.6

Tomai esposas e gerai filhos e filhas, tomai esposas para vossos filhos. Os judeus que estavam na Babilônia deveriam seguir uma vida doméstica regular. Deveriam casar-se e dar-se em casamento, aumentando assim em *número,* pois isso seria necessário para o trabalho de reconstrução de Jerusalém. Eles não deveriam viver como se estivessem em um mundo intermediário. A Babilônia deveria ser o mundo deles, até que fossem chamados do exílio para voltar à sua terra, no tempo apropriado. A semente de Abraão não poderia falhar nesse aspecto. Isso fazia parte do pacto abraâmico (ver Gên. 15.18). Casamentos mistos com os babilônios não foram aprovados aqui. O movimento separatista, depois do cativeiro, desfaria muitos desses casamentos. Ver Esd. 10.

29.7

Procurai a paz da cidade, para onde vos desterrei, e orai por ela. O bem da Babilônia, o lar temporário dos judeus, deveria ser valorizado: eles deveriam buscar sua paz e prosperidade e até orar por aquele lugar que lhes causara tantos males! Se a Babilônia gozasse de paz, com a prosperidade conseqüente, outro tanto aconteceria à comunidade dos judeus ali. Fica entendido que os judeus continuariam a observar suas formalidades religiosas, embora sem o templo e seu culto. "Esse ponto de vista é revolucionário. Jeremias mostra-nos aqui que a fé religiosa dos judeus não dependia de eles estarem residindo na terra da Palestina, da mesma forma que havia sido demonstrado previamente que também não dependia do templo ou da oferta de sacrifícios (Jer. 7.1-15,21-22)" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Cf. este versículo com Esd. 6.10; Rom. 13.1; I Tim. 2.2. "Não somente suporteis com paciência o jugo babilônico, mas até orai pelos vossos senhores. Chegaria, contudo, o tempo em que eles deveriam orar pela queda da Babilônia (ver Jer. 51.35; Sal. 137.8). A verdadeira religião ensina-nos uma submissão paciente, e não a sedição" (Fausset, *in loc.*). Cf. I Tim. 2.1-2 e Sal. 122.6-9. Adam Clarke (*in loc.*) toma este versículo como um guia geral para a conduta de estrangeiros que vivam em qualquer terra.

29.8

Não vos enganem os vossos profetas que estão no meio de vós. O título de poder divino é novamente usado para introduzir um oráculo. Cf. Jer. 28.2, onde ofereço uma lista de referências nas quais é empregado esse acúmulo de nomes divinos. A mensagem do oráculo é a mesma dada nos capítulos 27 e 28. Em Jerusalém, o profeta Jeremias estava em conflito com os falsos profetas e os sonhadores iludidos que anunciavam para breve o fim do jugo babilônico, acompanhado do retorno dos cativos, incluindo o rei Jeconias, que preferiam a Zedequias. Ver Jer. 28.2 ss. Essa mesma mentira agora perturbava o remanescente judeu no cativeiro. Se os profetas do cativeiro estivessem falando em "sair em breve daqui", suas palavras deveriam ser tomadas como evidências de rebeldia e conspiração contra o governo. Nesse caso, as coisas ficariam piores, com mais matanças e escravidão. Ademais, não haveria bem algum em falsos profetas saírem ao redor espalhando falsas esperanças. Portanto, os profetas falsos, os adivinhos auto-enganados e os sonhadores insensatos deveriam ser ignorados. Estavam todos promovendo a mesma ficção. Cf. este versículo com Jer. 27.9, onde temos uma lista similar (embora mais longa) da classe do visionário-sonhador-mágico-encantador. "Os judeus faziam ou causavam seus profetas contar-lhes sonhos encorajadores (ver Jer. 23.25-26; Eclesiastes 5.7; Zac. 10.2; João 3.19-21)" (Fausset, *in loc.*). Ver as notas em Jer. 23.16,23-27 que adicionam detalhes às explicações.

29.9

Porque falsamente vos profetizam eles em meu nome. A classe dos profetas-sonhadores regularmente declarava falar em nome de Yahweh, e essa era outra de suas mentiras. Cf. Jer. 28.2,15 e também Jer. 23.25, que fala das mentiras contadas em nome de Yahweh. "Eles não tinham missão nem comissão da parte do Senhor. Não tinham autoridade da parte Dele, mas eles mesmos se nomeavam e falavam o que estava na cabeça deles, de acordo com as fantasias de seus próprio cérebro, ou por meio das ilusões de Satanás, sob cujo poder e influência viviam" (John Gill, *in loc.*). Estudos modernos demonstram que os sonhos de pessoas comuns freqüentemente prevêem o futuro, e que o conhecimento anterior está dentro do escopo da psique humana natural. Existem visões naturais, visões demoníacas, visões divinas, e pessoas de todas as classes que, com freqüência, pensam que suas habilidades lhes foram conferidas por Deus. Há um misticismo verdadeiro e um misticismo falso. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Misticismo.*

29.10

Logo que se cumprirem para Babilônia setenta anos atentarei para vós outros. O cativeiro babilônico não terminaria em breve. Perduraria por *setenta anos* (ver Jer. 25.11-12). Isso proveria tempo bastante para os judeus edificarem casas e aumentarem em número (vs. 6), de modo que houvesse número suficiente de judeus para realizar a reconstrução de Jerusalém. Nesse tempo, a *visitação divina* ocorreria. Os medos e persas destruiriam completamente a Babilônia, e Ciro expediria o famoso decreto que libertaria os cativos judeus. Isso estaria em harmonia com o cronograma divino e seria o tempo favorável para o começo do Novo Israel. Pouquíssimos dos que viviam quando Jeremias proferiu essa profecia participariam do retorno do povo de Israel à Terra Prometida. Portanto, o papel deles era *preparar* seus filhos e netos, e isso era extremamente importante. Eles tinham de mostrar-se pacientes em seu bom trabalho e deixar a maior parte para as gerações futuras. O grande Moisés fez um trabalho esplendoroso de preparação, mas não chegou pessoalmente à Terra Prometida. Assim, os cativos judeus conservariam em mente o caso e seriam encorajados, sabendo que o que estavam fazendo era importante. Os *setenta anos* não formavam um tempo preciso, e devem ser calculados a partir da deportação de Jeconias e sua corte, e não da deportação de Zedequias e sua corte. O número "setenta" é arredondado, geral. Cf. Dan. 9.2. Daniel aprendeu sobre esse número no livro de Jeremias, e não mediante algum oráculo independente.

29.11

Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor. O *cronograma divino* tinha motivos para ser observado. Não serviria de meio para

prolongar o sofrimento, mas era a preparação adequada para um novo começo, um plano que visava o *bem-estar* e uma nova *esperança*. Os prolongados setenta anos foram um período de purificação e refinamento. A escória tinha de ser expurgada, a fim de que um pouco de prata resultasse para ser usada como começo da nova nação de Israel. Os julgamentos de Deus são todos remediais, mas a cura, algumas vezes, tem de vir através dos sofrimentos, e não através de medidas mais graciosas. "O julgamento divino impulsionou os exilados a buscar Deus de todo o coração (ver Dan. 9.2-3.15-19)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Os judeus riram das ameaças de Deus. A atitude de zombaria, pois, precisava ser arrancada. Note o leitor que a geração de Jeremias não voltou a *possuir* a Terra Prometida, tal como a geração queixosa dos dias de Moisés não obteve permissão de tomar posse da Palestina. Seja como for, a lição clara deste versículo é que o *amor de Deus* é o fator controlador de como Ele opera Sua vontade, naquilo que Ele faz. O julgamento divino é um dedo da amorosa mão de Deus.

29.12

Então me invocareis, passareis a orar a mim, e eu vos ouvirei. O povo de Deus, uma vez *disciplinado*, abandonaria a atitude de escárnio. Eles deixariam de lado sua idoiatria-adultério-apostasia, aprenderiam novamente a orar e obteriam respostas para suas orações. Ver Dan. 9.3. Este versículo é uma lição sobre a oração *eficaz*, quando procede de uma vida limpa. As orações, o ouvir a Deus e a mudança de vida aqui contemplados dizem respeito ao período imediatamente anterior ao retorno dos exilados; mas orações eficazes por outras coisas já faziam parte dos privilégios do remanescente que nunca saiu da Babilônia. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Oração*. "Quando Deus planeja demonstrar misericórdia, ele põe no coração de Seu povo orar pela misericórdia que Ele planeja exibir, quando tal espírito de oração é derramado, o que é um sinal seguro da vindoura misericórdia" (Fausset, *in loc.*).

29.13

Buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração. Os vss. 13-14 têm o tom do editor deuteronômico. Cf. este vs. 13 com Deu. 4.29, e o vs. 14 com Deu. 30.3,5, mas talvez tenha sido o próprio Jeremias quem proferiu esses versículos. Seja como for, os dois versículos por certo ultrapassam o que aconteceu no fim do exílio babilônico. Parecem falar sobre o fim da grande diáspora, que deverá ocorrer antes da inauguração da era do Reino de Deus. Nesse caso, temos aqui uma profecia escatológica.

A busca de todo o coração certamente pagaria dividendos. O homem cujo coração está centralizado nas bênçãos divinas, dentro dos limites da vontade do Senhor, será um buscador diligente e por certo obterá o que busca. Cf. Lev. 26.40-42,44-45.

Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á.

(Mateus 7.7)

"Sim, todo aquele que continua pedindo, receberá. Aquele que continua buscando, encontrará. E aquele que continua batendo, a porta lhe será aberta" (Mat. 7.8, NCV). Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

29.14

Serei achado de vós, diz o Senhor, e farei mudar a vossa sorte. *Yahweh* se deixa achar por aqueles que O buscam com coração puro e sincero; e então Ele lhes dá aquilo que eles desejam e buscam diligentemente. No caso do remanescente judeu, nos dias de Jeremias, assim como nas massas populares da grande diáspora, o que eles desejavam tanto era o retorno à Jerusalém e a restauração da terra. Todo o homem espiritualmente diligente busca coisas especiais em seu coração. Temos aqui a anulação do cativeiro assírio (da nação do norte, Israel); a anulação do cativeiro babilônico (da nação do sul, Judá); e a reversão da dispersão romana. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiros*. Assim sendo, Israel foi e será forçado a voltar para Deus (ver Deu. 30.1-10). Cf. também o versículo com Sal. 32.6 e Isa. 55.6. Deus reverterá o cativeiro. Note o leitor, no hebraico, o jogo de palavras: *shabti... shebith*. A vontade divina foi o poder que forçou os judeus a entrar no cativeiro, por motivos disciplinares. Mas a mesma vontade divina reverterá todas essas coisas. Temos nisso as operações negativa e positiva da *Providência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). É evidente que Yahweh é a grande Causa dos acontecimentos humanos (ver as notas sobre Isa. 13.6).

Mais Avisos contra os Falsos Profetas (29.15-23)

29.15

Vós dizeis: O Senhor nos suscitou profetas em Babilônia. Este versículo nos faz retroceder até os profetas falsos, mentirosos e auto-enganados citados no vs. 8. Esses profetas prometiam a rápida reversão do cativeiro babilônico, com a volta para Jerusalém. Os falsos profetas esperavam uma restauração nos termos de Judá. Eles continuavam cativos em sua idoiatria-adultério-apostasia, e era *nessa condição* que queriam retornar à terra. Mas as coisas simplesmente não haveriam de funcionar dessa maneira. Havia muito trabalho de purificação a ser efetuado, e isso exigiria muitas lições difíceis e muito sofrimento. O povo judeu gostava do que os falsos profetas estavam dizendo e, assim sendo, dava a Yahweh o crédito por tê-los levantado para ministrar, estando eles no cativeiro. Não seria fácil corrigir os enganadores e os enganados. Jeremias predissera o retorno de Judá à Terra Prometida, passados setenta anos (ver Jer. 25.11-12; 29.10), o que significa que a geração dos dias de Jeremias jamais participaria do retorno. Mas os falsos profetas continuavam acenando com uma "esperança maior": a restauração para breve, sem nenhuma mudança na condição espiritual do povo. Portanto, a fé deles continuaria a confiar em algo que não correspondia à verdade. As coisas não haveriam de melhorar tão cedo. De fato, a espada haveria de ferir novamente Jerusalém, e haveria outra deportação, conforme mostram os versículos seguintes. Não haveria nenhum fluxo de judeus de Babilônia para Jerusalém. Antes, o fluxo seria de Jerusalém para a Babilônia. Outrossim, a morte estava esperando os falsos profetas (vs. 21). Eles seriam executados, e suas mentiras pereceriam juntamente com eles.

29.16

Mas assim diz o Senhor a respeito do rei que se assenta no trono de Davi. Jerusalém ainda seria alvo de um ataque devastador e outra deportação ocorreria, dessa vez envolvendo *Zedequias*, o último monarca a sentar-se no trono de Davi, antes do colapso da sua linhagem, até o aparecimento do Messias. Zedequias governou por cerca de onze anos (597-586 A. C.) e teve um reino injusto (ver II Reis 24.19; II Crô. 36.12). Ele se rebelou contra Nabucodonosor e pagou o preço por isso (ver II Reis 24.20). Ver o capítulo 25 de II Reis quanto à história. Ver no *Dicionário* sobre *Reino de Judá*, vigésimo ponto, bem como o artigo separado intitulado *Zedequias*, para detalhes. "Longe de voltarem imediatamente a Jerusalém, até vossos irmãos que ainda foram deixados lá, serão eles mesmos lançados no exílio" (Fausset, *in loc.*). O trono de Davi foi especificamente mencionado, porque fazia parte do *pacto davídico* (ver II Sam. 7.4), segundo o qual seu trono seria perpétuo. No entanto, o fracasso e a apostasia de Judá anularam suas provisões, até que o Messias viesse restaurá-lo. O povo, todavia, continuou a acreditar cegamente nas provisões desse pacto, ainda que há muito o tivessem anulado. Cf. Sal. 89.29-36.

29.17

Eis que enviarei contra eles a espada, a fome e a peste. Yahweh proferiu aqui o "grito de guerra" padrão contra Jerusalém, uma vez mais: a *espada*, e seus acompanhantes, a *fome* e as *pragas*, a *tríade terrível*. Ver Jer. 21.7; 24.10; 27.13; 32.24. A devastação estaria garantida, porque o próprio Yahweh, o Senhor dos Exércitos, estaria comandando o exército babilônico como o *General* invisível.

Fá-los-ei como a figos ruins. Esta linguagem simbólica já havia sido usada pelo profeta para indicar Zedequias e seu povo, os quais foram deixados na terra, em contraste com os *figos bons* (Jeconias e seu povo, cativos, na Babilônia). Ver Jer. 24.8 e a passagem inteira quanto à parábola dos figos bons. "O sentido é que, quando eles se tornaram ímpios e corruptos, como figos ruins e estragados, o Senhor trataria com eles da mesma forma que os homens tratam tais figos: Ele os lançará fora, como figos que para nada prestavam. A palavra 'ruins', neste caso, significa figos tão ruins que encheriam de horror aquele que quisesse comê-los" (John Gill, *in loc.*).

29.18

Perseguir-los-ei com a espada, a fome e a peste; fá-los-ei um espetáculo horrendo. A *tríade terrível* (espada, fome e pestilência, vs. 17; ver as notas expositivas) haveria de impulsioná-los à Babilônia e chegaria mesmo a seguir-los até lá (ver Jer. 9.16), o que significa que a matança continuaria. Então, uma dispersão maior ainda se seguiria, tal como sucedeu no exílio romano dos judeus, que foram espalhados por todo o mundo conhecido na época. E por todos os lugares por onde eles fossem haveria maldição, espanto e assobio. Eles nunca conseguiriam pagar por seus erros passados. Os homens zombariam deles até o fim, até a volta do Messias. Este versículo nos remete à profecia escatológica do vs. 14, onde os vemos recolhidos de novo de todas as nações. Quanto às descrições, cf. Jer. 18.16; 19.8 e 26.6. "Os homens olharão para eles, espantados; os homens os amaldiçoarão e assobiarão diante deles, e haverão de repreendê-los como o lixo do mundo" (John Gill, *in loc.*).

29.19

Porque não deram ouvidos às minhas palavras, diz o Senhor. Jeremias foi apenas um dentre muitos profetas enviados ao povo. Outros profetas anterio-

res ao exílio foram Isaías, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias. A oportunidade que tiveram de ouvir a mensagem divina foi ampla. Eles sabiam que o ataque dos babilônios tinha sido anunciado, mas preferiram continuar crendo nos falsos profetas que falavam de paz e prosperidade a despeito da horrenda idolatria-adultério-apostasia. Aqueles profetas se levantavam a cada dia, cedo pela manhã (ver também Jer. 7.13,25; 11.7; 25.3; 32.33 e 44.4), para cumprir seus deveres; ou seja, eles foram *muito diligentes*. O povo de Judá, entretanto, mostrou-se ainda mais diligente em ouvir os falsos profetas e acreditar em suas mentiras. Em outras palavras, eles se privaram de tirar proveito da mensagem benéfica dos verdadeiros profetas, provocando assim a matança e o saque dos babilônios, com a subseqüente deportação. A questão inteira foi uma incrível história de desobediência e fracasso espiritual. Quanto ao ato de *ouvir*, espiritualmente falando, ver as notas expositivas sobre Sal. 64.1. Cf. este versículo com II Crô. 36.15-16.

29.20

Vós, pois, ouvi a palavra do Senhor. Agora a palavra de Yahweh voltava para falar diretamente sobre as condições do povo judeu que já estava no cativeiro e que tinha ido no grupo de Jeconias (Conias, anotado sob *Joaquim*, no *Dicionário*). Tendo ouvido sobre as muitas ameaças e sobre algumas poucas promessas, o profeta os convidou a *ouvir* e *obedecer*. O povo de Judá precisava ignorar as palavras dos profetas mentirosos que prometiam que os exilados em breve deixariam a Babilônia. Segue-se, então, a mensagem específica. Yahweh enviou-os ao cativeiro e haveria de trazê-los de volta, mas sempre em consonância com Seu cronograma, e não com o cronograma dos profetas mentirosos. Resistir aos babilônios, naquele momento, era um ato de rebeldia que apenas complicaria o julgamento purificador que os judeus teriam de enfrentar.

29.21

Assim diz o Senhor... acerca de Acabe... e de Zedequias. *Dois falsos profetas* foram destacados como líderes da multidão judaica na Babilônia. Eles foram enviados por Yahweh, usando Seu nome de poder, *Yahweh* (Deus Eterno)-*Sabaote*(Senhor dos Exércitos)-*Elohim* (Todo-poderoso). Esse era um título comumente empregado pelos profetas ao dar algum oráculo, para aumentar-lhes a autoridade. Quanto a esse título, ver Jer. 28.2, onde dou referências. Ver no *Dicionário* cada nome explicado separadamente e também o verbete *Deus, Nomes Bíblicos de*. Coisa alguma se sabe sobre esses dois falsos profetas, *Acabe* e *Zedequias*, exceto o que se pode inferir do texto. Como castigo por terem anunciado profecias mentirosas, foram entregues a Nabucodonosor, a fim de serem executados. Podemos deduzir, a partir daí, que eles encabeçavam uma sedição, com suas confiantes proclamações de que o cativeiro estava chegando ao fim. Para eles, realmente estava, mas de maneira inesperada! À semelhança de Hananias, eles profetizavam em nome de Yahweh, o que fazia parte de suas blasfêmias. Cf. Jer. 28.2. Uma execução pública poria fim àquela triste confusão.

29.22

Daí surgirá nova espécie de maldição entre os exilados de Judá. Aqueles profetas mentirosos complicaram a vida de todos os cativos. Sua notável execução pública na fogueira certamente fechou a boca daqueles que previam o fim do cativeiro para breve. Uma *maldição* proverbial desenvolveu-se a partir dessa triste situação que empregava o nome de Yahweh: "Que Yahweh faça contra ti tua ação contra mim, que Ele fez contra Acabe e Zedequias, quando Nabucodonosor os executou, queimando-os vivos no fogo".

"Executar na fogueira era uma punição caldaica (ver Dan. 3.6; Amós 2.1). Dali espalhou-se para outras nações" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns dos macabeus foram assados no fogo (ver II Macabeus 7.3). A depravação ilimitada é demonstrada de muitas maneiras, e uma delas é como eles matam outras pessoas, tão impiedosamente, tão brutalmente, sem importar se essa matança se processa na guerra, pessoalmente, ou como execução. Por que os homens sofrem, e por que sofrem da maneira como sofrem? Isso constitui o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*). Existem os abusos da natureza (mal natural): terremotos, inundações, incêndios, acidentes, enfermidades e a morte. Além disso, há os sofrimentos causados pela desumanidade do homem contra o homem (mal moral).

29.23

Porquanto fizeram loucuras em Israel, cometeram adultérios com as mulheres de seus companheiros. A *lista* dos pecados daqueles falsos profetas é de causar arrepio:

1. Eram profetas enviados por si mesmos, mas fingiam ter sido enviados por Yahweh. No entanto, Ele não os tinha comissionado.
2. Eles diziam mentiras e afirmavam que Yahweh lhes tinha ensinado o que deveriam dizer. Isso subentende ou um embuste franco, ou um falso misticismo, que envolvia a auto-ilusão.
3. Além de serem *espiritualmente corruptos*, eram também *moralmente corruptos*. Não se incomodavam em seduzir mocinhas e Corriam atrás das esposas de outros homens. De modo geral, podemos dizer que eles eram malandros da primeira ordem, e, no entanto, ali estavam eles, *liderando* os judeus no cativeiro.

Entrementes, Yahweh observava pessoalmente toda aquela vileza, e certamente se vingaria do que os judeus estavam fazendo. Aqueles corruptores acabaram sendo assados no forno de Nabucodonosor, terminando um curso vergonhoso que os homens continuavam repetindo. Cf. este versículo com Isa. 32.6. Este versículo confirma, de modo gráfico, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*).

Carta Concernente a Semaías (29.24-32)

29.24

A Semaías, o neelamita, falarás dizendo. *Semaías* resolveu ser um criador de confusões e escolheu a escrita de cartas para assim promover sua causa. Ele pensava que Jeremias estava perturbando a vida dos cativos na Babilônia, por meio de suas profecias de condenação, que segredavam que o cativeiro babilônico ainda duraria longo tempo. Semaías achava que as autoridades de Jerusalém deveriam tomar alguma providência para calar a boca do profeta do Senhor. Semaías queria que Jeremias fosse detido e posto no tronco, e então encarcerado (vs. 26). A resposta de Jeremias, dada por meio de um oráculo da parte de Yahweh, condenava Semaías e todos os membros de sua família. Todos pereceriam na Babilônia. Nem um deles sequer retornaria a Jerusalém quando chegasse o tempo de os cativos serem postos em liberdade.

Coisa alguma se sabe a respeito de Semaías, exceto o que pode ser inferido desta passagem. Ele era mais um daqueles falsos profetas, provavelmente alguém aliado a Hananias (capítulo 28) e um amargo inimigo de Jeremias, como, de resto, eram todos os profetas falsos. Ver sobre *Semaías* no *Dicionário*, sob o número 25. Yahweh deu um oráculo especial para que Jeremias predissesse o que aconteceria por causa de sua insolência.

29.25

Porquanto enviaste no teu nome cartas a todo o povo que está em Jerusalém. *Yahweh viu Semaías* escrever aquelas cartas e sabia o que estava escrito ali. A palavra contra ele, por causa de seu ato, foi anunciada no nome divino de poder, Yahweh-Sabaote-Elohim (o Eterno, Senhor dos Exércitos, Todo-poderoso), que era a maneira comumente usada para introduzir oráculos atribuídos a Yahweh. Ver Jer. 28.2. Ao que parece, falso profeta Semaías enviou várias cópias ou várias cartas a diversos oficiais de Jerusalém, demandando que se fossem tomadas medidas contra Jeremias. O principal destinatário era *Sofonias* (ver no *Dicionário*, terceiro ponto). Sofonias havia sido nomeado guarda principal ou administrador do templo, elevada posição que só era secundária em relação ao sumo sacerdote. Ele tinha sido enviado pelo rei Zedequias para consultar Jeremias (ver Jer. 21.1 e 37.3). Subseqüentemente, foi executado por Nabucodonosor, após a captura de Jerusalém (II Reis 25.18,21; Jer. 52.24-27). A execução dele ocorreu em Ribla, na Babilônia, e ele foi apenas um dentre vários que foram assim executados.

29.26

O Senhor te pôs por sacerdote em lugar do sacerdote Joiada. Este versículo informa-nos que Sofonias tinha sido nomeado sumo sacerdote em lugar de Joiada, que foi levado para o exílio na Babilônia (ver no *Dicionário* o artigo sobre *Joiada*, quinto ponto). Semaías estava dizendo que o novo sumo sacerdote tinha negligenciado os seus deveres, por não haver controlado todos aqueles loucos profetas que vexavam o povo com suas profecias. Entre os mais perturbadores, estava Jeremias. Semaías recomendou o uso do *tronco* como punição contra um entusiasmado como Jeremias, para que ele fechasse a boca. Esse cruel tratamento seria administrado na prisão e incluiria longo aprisionamento. Dessa maneira perturbadores como Jeremias parariam de agir e de perturbar a sociedade, tanto em Jerusalém quanto na Babilônia.

29.27

Agora, pois, por que não repreendeste a Jeremias...? Conspícuo entre os supostos ofensores estava *Jeremias*, que muitos queriam ver executado, o que quase aconteceu, não fosse a intervenção de alguns líderes civis que impediram sua execução. Ver o capítulo 26. O novo sumo sacerdote, pois, teria negligenciado seu dever óbvio, por não haver impedido a continuação das profecias condenatórias de Jeremias, concernentes ao cativeiro (vs. 28). Semaías, como é óbvio, não aceitava a autoridade de Jeremias como profeta do Senhor, mas o classificava como apenas outro selvagem entusiasta que deveria ser reprimido.

29.28

Há de durar muito o exílio; edificai casas, e habitai nelas. A *principal profecia* de Jeremias, contra a qual Semaías mais se revoltava, predizia um longo cativeiro para os judeus na Babilônia. Tão prolongado seria o exílio que Deus recomendava aos judeus que se casassem, tivessem filhos e, de modo geral, se estabelecessem firmemente na Babilônia. Isso significava que eles deveriam esquecer qualquer forma de sedição, o que apenas pioraria as coisas na Babilônia. É óbvio, portanto, que Semaías profetizava as mentiras usuais dos falsos profetas, prometendo que em breve tempo os judeus seriam libertados do jugo babilônico. Isso requereria um colapso do império babilônico, algo que simplesmente não haveria de acontecer. Semaías, pois, era um aliado claro de Hananias. Eles contavam as mesmas mentiras ao povo judeu. Ver Jer. 28. Podemos estar certos de que havia falsos sonhos e visões por trás daquela entusiasmada sedição. Porém, não basta a alguém ter visões, ser entusiasmado e mostrar-se sincero. É preciso que esteja no fundamento da questão a *verdade*, assim como a comissão de agir como profeta, pela autoridade divina. Aos profetas mentirosos faltavam tanto a verdade como a comissão divina.

Quanto ao conselho de Jeremias de que o povo de Israel se preparasse por longo tempo, ver Jer. 29.5-6.

29.29

Sofonias, o sacerdote, leu esta carta aos ouvidos do profeta Jeremias. É difícil determinar a razão pela qual Sofonias leu a carta para Jeremias. Pode ter sido apenas um gesto de preparação para tomar providências contra ele, ou talvez um gesto de amizade. Seja como for, Jeremias ouviu a leitura da carta, e isso lhe permitiu replicar. Essa resposta foi dada a Jeremias por inspiração divina, vinda diretamente da parte de Yahweh, ao que tudo indica, ali mesmo. Não podemos determinar, entretanto, se Sofonias agiu de boa ou má vontade. Pelo menos, contudo, Jeremias não seria condenado sem primeiramente ser ouvido.

29.30

Então veio a palavra do Senhor a Jeremias. Jeremias vivia escutando a voz de Yahweh. Assim sendo, naquela crise (e houve tantas), obteve sua resposta por inspiração divina. Como lhe era comum, Jeremias falou seca e diretamente, atacando o problema com coragem e determinação. Seja como for, ele não tinha razão alguma para temer, visto que era invencível, pelo menos enquanto sua missão não tivesse terminado. O resultado da informação dada por Yahweh, nessa ocasião, foi que Jeremias enviou uma segunda carta aos exilados, instruindo-os sobre Semaías e as dificuldades que ele estava gerando.

29.31

Manda dizer a todos os exilados: Assim diz o Senhor acerca de Semaías, o neelamita. Yahweh falou por meio da carta escrita por Jeremias. Este afirmou que Semaías era um *profeta autonomeado* que tivera a audácia de espalhar mentiras. Ele tinha feito o povo de Judá acreditar em mentiras. Algumas vezes, a fé consiste em acreditar em algo que não corresponde à verdade. A mentira específica de Semaías (e sem dúvida havia muitos outros profetas) era que o cativeiro estava prestes a terminar, embora só tivesse perdurado por seis a sete anos. O vs. 28 que dá a entender que Semaías dizia justamente o contrário do que Jeremias profetizava. Ver também Jer. 28.2-4, onde Hananias declarara o absurdo de que o exílio duraria somente mais dois anos, e então a Babilônia e seu jugo sobre outros povos se partiria. Deve ter havido muitos sonhos ridículos e falsas visões por trás de tão absurda profecia. Em contraste com isso, Jeremias asseverava que o exílio perduraria por *setenta anos* (ver Jer. 25.11 e 29.10). Se os exilados acreditassem nessa ficção de um exílio curto e espalhassem as notícias ao redor, seriam acusados de sedição, e a vida deles se tornaria ainda mais complicada na Babilônia. Alguns judeus seriam aprisionados; outros seriam executados.

29.32

Eis que castigarei a Semaías, o neelamita, e a sua descendência. *A Reprimenda Divina.* As perturbações causadas por Semaías não ficariam sem resposta divina. Ele estava prestes a sofrer o golpe divino de correção. Ele morreria no exílio, e outro tanto aconteceria a cada membro de sua família. E todos seriam como aqueles queixosos israelitas que não tiveram permissão de entrar na Terra Prometida, mas, antes morreram no deserto. Ocorreria a soltura dos exilados da Babilônia, em conformidade com o divino cronograma de setenta anos. Um remanescente judeu retornaria à Terra Prometida, mas seriam os filhos e netos dos cativos originais. A "geração antiga" pereceria na Babilônia. A "nova geração" reconstruiria Jerusalém. Os falsos profetas pertenciam à antiga geração. "Nem Semaías nem seus familiares viveriam o bastante para ver as *coisas boas* que Deus tinha prometido a Seu povo. Essas 'coisas boas' são explicadas nos capítulos 30-33. Semaías perdeu o direito de participar daquelas bênçãos, porquanto, ao exortar os moradores de Jerusalém a opor-se a Jeremias, ele tinha pregado rebelião contra Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Capítulo Trinta

O Livro Consolador (30.1 – 31.40)

Na verdade, a maior parte das profecias de Jeremias eram condenatórias e tristonhas, pelo que somos aliviados um pouco, em relação aos seus temas comuns, por estas palavras de consolo. Alguns fazem esses dois capítulos pertencer ao início do ministério de Jeremias, falando especificamente sobre a esperança da volta de Israel (a nação do norte) da Assíria; mas tal opinião tem sido corretamente rejeitada pela maioria dos eruditos. "As referências ao reino do norte (ou tribos nortistas), bem como aos lugares situados no norte, são mais bem explicadas pela teoria de que alguns dos oráculos foram proferidos por Jeremias durante o governo de Gedalias, quando a capital se localizava em Mispa, onde o próprio Jeremias talvez estivesse vivendo" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Ver no *Dicionário* sobre *Mispa*. Alguns eruditos, todavia, vêem aqui uma ampla profecia que *inclui* o norte e, se isso está correto, então tem um tom *escatológico* que vê além das circunstâncias da época de Jeremias.

"*A restauração da nação à sua terra. Jer. 30.1-3.* Deus disse a Jeremias que escrevesse Suas promessas de consolo em um livro, para que estivesse à disposição dos exilados depois da queda de Jerusalém. Esse livro transmitiria uma nota de esperança de que estavam chegando os dias... *quando Deus restauraria*... Seu povo. O uso que Jeremias fez da palavra 'dias' é significativo, porquanto descreve dois diferentes períodos de tempo. O primeiro 'dia' para o qual Jeremias apontou foi o dia de destruição, quando Deus julgaria Judá por causa de seus pecados (cf. Jer. 5.18; 7.32; 9.25; 19.6). Esse dia teve cumprimento quando Judá caiu diante da Babilônia. Entretanto, o segundo 'dia' para o qual Jeremias apontou será um dia de restauração, quando o Senhor fizer as nações de Judá e Israel entrar em um novo relacionamento com Ele, e quando o Senhor fizer as nações gentílicas prestar contas a Ele (cf. Jer. 3.16,18; 16.14; 23.5,7,20; 30.3,24; 31.27,29,31,33,38; 33.14-16; 48.12,47; 49.2,39; 50.4,20; 51.47,52). Esse dia tem uma perspectiva escatológica. Será o dia em que Deus cumprirá as bênçãos da restauração, prometidas em Deu. 30.1-10" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Introdução (30.1-3)

30.1

Palavra que do Senhor veio a Jeremias. Conforme sucede com tanta freqüência no livro de Jeremias, Yahweh recebe o crédito por aquilo que foi escrito. Este capítulo repete diversas vezes as palavras "assim diz o Senhor", e, na introdução (vss. 1-3), a reivindicação de que Deus foi quem deu a mensagem se repete a cada versículo. Esses três versículos servem para introduzir ambos os capítulos (30 e 31) do *livro de consolo*. O tema dominante é a restauração de Israel e Judá, e o retorno do povo de Deus à Terra Prometida. O *Livro da Consolação* é uma coletânea de profecias ligadas entre si pelo tema comum da esperança da restauração. Judá estava prestes a entrar em colapso; mas havia esperança mais adiante, uma *Nova Era* em que Israel e Judá voltariam à sua terra, unindo-se novamente como única nação.

Os fracassos eram muitos e os pecados eram grandes; as perversões eram hediondas, mas o retorno seria doce. O *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18) tinha de se cumprir, porquanto trazia sobre si o selo de Deus. Esse era um pacto de Esperança, firme e seguro, finalmente.

Meus tempos estão em tuas mãos,
Corroendo os cuidados, restaurando a calma;
O tufão do inverno, o bálsamo da primavera;
O que quer que venha,
Seguro estarei no céu, finalmente.

(Russell Champlin)

30.2

Escreve num livro todas as palavras que eu disse. A despeito de todos os nossos modernos meios de comunicação, o livro ainda reina. As encorajadoras palavras ditas a Jeremias deveriam ser preservadas em um livro. Uma coletânea dos oráculos foi preparada, de acordo com o tema comum da esperança na restauração. Então a coletânea foi transformada em pequeno livro, o *Livro do Consolo*. Quando consideramos os propósitos a longo prazo de Deus na redenção-

restauração, o desdobramento do mistério da vontade divina (ver Efé. 1.9-10), podemos dizer verdadeiramente que o capítulo final da vida humana pode ser chamado de *livro do consolo*. Qualquer outra coisa diferente disso ficaria aquém do famoso amor de Deus. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Restauração* e *Mistério da Vontade de Deus*. Jeremias já havia entregue muitas profecias de condenação ferozes e assustadoras. Mas nenhuma delas poderia cancelar a seção sobre o *consolo*. E então que o leitor considere: as profecias de condenação foram instrumentos de consolo, e não destruidores do consolo. Ewaldo chamava o livro de Jeremias, até este ponto, de "livro de condenação", mas a estes dois capítulos chamava de "livro de consolo".

30.3

Porque eis que vêm dias, diz o Senhor, que mudarei a sorte do meu povo Israel e Judá. Este é o versículo da "grande reversão" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). O cativeiro assírio da nação do norte (Israel) e o cativeiro babilônico da nação do sul (Judá) se consumarão na grande reversão, quando os filhos de Israel se reapossarem da Terra Prometida. Essa esperança, naturalmente, é *escatológica* e terá pleno cumprimento durante a era do Reino. Ver o vs. 18 do presente capítulo, e também Jer. 39.25. Cf. Eze. 39.25 e Amós 9.14-15. Ver em Rom. 11.26 uma declaração do Novo Testamento sobre esse tema. Deu. 30.3-5 afirma claramente que o poder de Deus operará a restauração. A promessa sobre a "terra para Israel" era uma das grandes provisões do pacto abraâmico, e ela não podia ser quebrada, embora tenha havido tanta perambulação e apostasia nos primeiros capítulos da história de Israel. Os últimos capítulos do livro de profecias divinas reverterão os primeiros, e isso acontecerá a toda a humanidade (ver Efé. 1.9-10).

"Jeremias era um profeta de *esperança*. Todos os artistas o têm retratado com olhos desesperançados, e a imaginação popular há muito o pinta como dotado de coração carregado de desânimo. Poucos homens têm sido tão largamente mal-entendidos" (Charles E. Jefferson, no livro intitulado *Cardinal Ideas of Jeremiah*, pág. 194). Foi do meio de uma tempestade que Jeremias pôde apresentar sua proclamação de esperança, especialmente porque a própria tempestade queimava a escória que ocultava a esperança. Essa esperança repousava sobre o pressuposto de que Israel ainda seria chamada por Deus e chegaria à salvação. O julgamento ajudaria a garantir essa chamada e essa salvação. O julgamento, um dedo da amorosa mão de Deus, não é apenas retributivo; é também remedial (ver I Ped. 4.6). Não poderia haver uma hora de glória, para Israel, sem a hora da angústia. Essa declaração aplica-se a todos os julgamentos divinos, incluindo o julgamento dos homens perdidos. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Julgamento de Deus dos Homens Perdidos*.

O Terror do Dia de Yahweh (30.4-9)

30.4

São estas as palavras que disse o Senhor acerca de Israel e de Judá. Encontramos aqui um vívido retrato do *Dia de Yahweh* (*aquele dia*, tão grande e temível, também chamado de *angústia para Jacó;* vs. 7). Alguns estudiosos vêem aqui uma profecia a longo prazo da Grande Tribulação, e fazem dos apertos babilônicos apenas uma predição a respeito. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Tribulação, a Grande*. Cf. Dan. 9.27; 12.1; Mat. 24.15-22. Finalmente, os judeus serão libertados (ver Rom. 11.26; Mat. 24.30-31; Apo. 19.11-21 e 20.4-6). Na pessoa do Messias, o Rei Davi novamente subirá ao trono (Jer. 23.5-6; Osé. 3.5).

Mais uma vez, o oráculo veio da parte de Yahweh, conferindo a Jeremias outra revelação sobre Israel-Judá. A volta do povo de Israel à Terra Prometida será antecedida por um período de angústias nacionais sem paralelo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Revelação*.

30.5

Ouvimos uma voz de tremor e de temor, e não de paz. Uma vez mais encontramos a afirmação da inspiração de Yahweh quanto ao oráculo que estava sendo dado. Aquele *dia* (vs. 7, a angústia para Jacó) trará um clamor de pânico, terror, angústia, e *não* de paz, conforme diziam as falsas predições dos profetas mentirosos (ver Jer. 6.14; 8.11 e 28.9). Os intérpretes têm aplicado essas palavras ao ataque, à matança e ao subseqüente cativeiro, e também à destruição da Babilônia pelas tropas de Ciro, e/ou à Grande Tribulação dos últimos dias, antes da era do Reino. Kimchi fala aqui sobre Gogue e Magogue (ver Eze. 38 e 39).

30.6

Perguntai, pois, e vede, se acaso um homem tem dores de parto. Neste ponto, o profeta Jeremias apela a uma estranha figura, apresentando homens com dores de parto, como se fossem mulheres. Todo homem estava tendo dores de parto e experimentando o que as mulheres usualmente sofrem, e ao que os homens escapam, por serem do sexo masculino. Quanto ao símbolo de mulheres em trabalho de parto, ver Jer. 4.31; 6.24; 13.21; 22.23; 49.24; 50.43. "Deus impulsionará homens por meio da dor e de gestos que parecem mais apropriados a uma mulher do que a um homem. A metáfora das crianças é com freqüência usada para expressar a dor que antecederá ao súbito livramento de Israel. Cf. Isa. 66.7-9. Todos os rostos empalidecem... a palidez doentia do terror" (Fausset, *in loc.*). O tempo de terror será ímpar, tal como é ímpar que um homem sofra trabalho de parto. "... agudeza e brevidade da aflição, tal e qual as dores de uma mulher em trabalho de parto, e, quando terminam, logo são esquecidas, pois um menino nasceu; tempos de alegria e felicidade não demorarão a seguir-se" (John Gill, *in loc.*).

30.7

Ah! que é grande aquele dia, e não há outro semelhante! é tempo de angústia para Jacó. Ai de todos, pois *aquele dia* será o modelo mesmo dos dias de sofrimento; nenhum outro dia se assemelha a ele; será o tempo da *angústia de Jacó*, a Grande Tribulação, prefigurada pelo ataque e pelo cativeiro da Babilônia, que tinha, em comparação, bem menor magnitude. Contudo, a salvação virá *através* dos dias da Grande Tribulação, na era do Reino de Deus. Ver Rom. 11.26. Cf. Joel 2.11,31; Amós 5.18; Sof. 1.14. "O livramento parcial, por ocasião da queda da Babilônia, prefigura o final e completo livramento de Israel, literal e espiritual, por ocasião da queda da Babilônia mística (Apo. 18 e 19)" (Fausset, *in loc.*). "O império caldeu haveria de cair, mas os judeus seriam libertados pelo destruidor, Ciro" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns se referem à destruição de Jerusalém pelos romanos, e fazem disso uma previsão típica de coisas piores a vir. Ver Mat. 24.21-22; Dan. 12.1-2. A nota-chave do livramento acompanha todas as destruições preditas, e todos os julgamentos são instrumentos de coisas melhores a sucederem. De fato, todos os fins são instrumentos de novos começos. A salvação, pessoal e nacional, seguir-se-á à tribulação.

Sua graça é grande o bastante para enfrentar
as coisas grandes —
As ondas que batem na praia e avassalam
a alma,
Os ventos rugidores que nos deixam estonteados,
As tempestades súbitas e fora de nosso controle.

(Annie Johnson Flint)

30.8

Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, eu quebrarei o seu jugo de sobre o teu pescoço. Israel, geralmente escravizado a esta ou àquela nação, bem como à sua própria corrupção e apostasia, tem um dia melhor para o qual olhar, no futuro. *Yahweh-Sabaote*, o Senhor dos Exércitos, é quem garante isso. Ver Jer. 28.2 quanto a esse título divino de poder, que introduz os oráculos. Neste caso, o profeta deixou de lado *Elohim* (o Todo-poderoso), que usualmente fazia parte do título. O Poder garante que todos os jugos serão quebrados, tanto o babilônico quanto os que se seguiriam; também garante que serão rompidos todos os laços; será o fim do domínio dos estrangeiros que sempre estiveram presentes para perturbar a vida do povo de Deus. "O vs. 8 tem em mente a reversão das condições retratadas em Jer. 25.14 e 27.1-28.16" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

"Após o livramento dado por Ciro, a Pérsia, Alexandre e Roma fizeram da Judéia sua escrava" (Fausset, *in loc.*). Então veio a servidão mundial que fazia parte da dispersão dos judeus entre as nações, um povo sempre sujeito às perseguições dos povos, onde quer que se encontrem. Até mesmo o remanescente do povo de Israel, que estava na Terra Prometida, nunca teve descanso, mas foi assediado diariamente.

30.9

Que servirá ao Senhor, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhe levantarei. Quando o povo de Judá for libertado de todos os jugos e potências estrangeiras, então servirá a Yahweh sem restrições, em paz e prosperidade. Então reinará o Rei davídico, Jesus Cristo, o Messias, e a restauração estará terminada. A linhagem davídica foi cortada quando Zedequias se tornou cativo, na Babilônia (II Reis 25.8 ss.), e permanece assim desde então. Contudo, a *perpetuidade* do Rei davídico, "para sempre", foi uma promessa do *pacto davídico*, o que comento em II Sam. 7.4. Ver também, no *Dicionário*, o verbete chamado *Pactos*. O Messias está em pauta aqui, conforme diz o Targum. Cf. Isa. 55.3-4; Eze. 34.23-24; Osé. 3.5; Rom. 11.25-32. Ele foi nomeado para ocupar para sempre o trono de Davi (ver Isa. 9.9; Luc. 1.32). Somente um ato divino poderia tê-Lo "levantado" àquela posição. Quanto ao estabelecimento de Seu reino, ver Mat. 24.30-31; 25.31-46; Apo. 19.11-21; 20.4-6. Diz o Targum: "Eles ouvirão e obede-

cerão ao Messias, o filho de Davi, seu Rei". Cf. Tito 2.13 e Jud. 4, bem como Jer. 23.5 e Deu. 18.8. Ver também Atos 3.26 e 13.23.

A Salvação de Israel, Servo de Yahweh (30.10-11)

30.10

Não temas, pois, servo meu Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel. Cf. as expressões deste versículo com Isa. 41.8-10,13-14; 43.1,5; 44.1-2. Os vss. 10-11 deste capítulo também são encontrados, com leves modificações, em Jer. 46.27-28. "O livramento é o corolário do julgamento histórico. O povo de Judá não estava isento da severidade do castigo. Eles não deixaram de ser punidos, mas também não ficaram sem libertação" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

Não temas. Uma maneira comum de Deus dirigir-se aos aflitos, que tinham alguma esperança de ser livrados e passar por uma modificação favorável. Cf. Gên. 15.1; Isa. 35.4; Luc. 2.10. O povo de Israel, emergindo de grande tribulação, terá razões de sobra para deixar-se consolar e abandonar o temor. O Senhor está com o Seu povo (vs. 11). Então Jacó tornar-se-á naquele tempo especial de tribulação (a angústia para Jacó; vs. 7) o servo de Yahweh, no sentido mais pleno da palavra, quando todas as demais prisões e algemas cairão por terra. "Israel não terá necessidade de temer ou de ficar desanimado, porquanto Deus prometeu salvá-lo desde lugares distantes. Nenhum país estará longe demais de Deus para que os descendentes de Jacó sejam alcançados e salvos" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Haverá grande recolhimento dos israelitas, tal como tinha havido grande dispersão; e isso anulará os males do passado. Jacó retornará à sua terra. Haverá completa restauração nacional. Finalmente, Jacó *descansará* em sua terra natal; haverá tranqüilidade e bem-estar; haverá prosperidade material e espiritual. Assim como houve um tempo de tribulações sem precedentes, também haverá um tempo de bênçãos sem precedentes. Todos os ferimentos serão sarados. A apostasia cederá lugar a lealdade. Não haverá inimigos "lá fora" para assustarem, uma constante na história de Israel. Cf. Jer. 23.6 e Zac. 14.11.

30.11

Porque eu estou contigo, diz o Senhor, para salvar-te. Yahweh está com Seu servo, Seu povo, Seu amado; e salvará a todos eles, individual e nacionalmente (Rom. 11.26). Isso será acompanhado pela temível destruição dos inimigos que os oprimiram. Grandes e revolucionários levantes serão experimentados entre as nações, o que significará a ruína total. Eles *terminarão,* mas o mesmo não acontecerá ao povo de Israel, embora tantos povos se tenham esforçado para isso. Será aplicada a correção a Israel; haverá intensos sofrimentos, como meio de restauração, e não de destruição. Haverá salvação por meio da dor, e não evitando a dor. Contudo, Yahweh não os *exterminará* (ver Jer. 4.27; 5.10,18). A punição terá por finalidade corrigir, e não exterminar. Ver Jer. 10.24. Mas o pecado será punido (ver Jer. 25.29; 49.12). Aceitar que o julgamento divino consiste apenas em retribuição é condescender com uma teologia inferior. Os julgamentos divinos sempre são remediais, e tão severos quanto a *necessidade,* para que exerçam seu efeito restaurador. Muitas nações desapareceram definitivamente, mas isso não acontece às almas. O plano divino tem permitido que certas nações continuem, atravessando séculos. E também há a imortalidade da alma, a provisão superior de Deus. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo denominado *Imortalidade.* A graça e o amor de Deus ultrapassam todas as nossas expectações.

A Cura dos Ferimentos de Sião (30.12-17)

30.12

Teu mal é incurável, a tua chaga é dolorosa. Este oráculo foi dado em duas partes: a primeira declara a (aparente) condição de incurabilidade da ferida de Sião. Na segunda parte, porém, a Sião é prometida cura e saúde, acompanhadas pela punição de seus opressores, que eram a causa daqueles ferimentos. Alguns estudiosos separam as duas partes como se, originalmente, fossem dois poemas separados, supondo que algum editor posterior os tivesse unido, para não deixar uma cena desanimadora e sem redenção. Por outro lado, em todo o livro de Jeremias vemos o contrabalanço do mal como uma declaração de bem, que se segue.

A idolatria-adultério-apostasia de Judá deixou o país em uma situação aparentemente incurável, que o levaria fatalmente à morte. As feridas de Judá eram graves e incuráveis. E tiveram seu resultado natural nos ataques do exército babilônico e no cativeiro subseqüente de Judá, quando o povo de Deus parecia disposto a permanecer apostatado do Senhor. Os ferimentos de Judá eram incuráveis antes do ataque. O ataque foi a cirurgia que curou aquelas chagas, embora a tenha sido por demais doloroso para que esse fator fosse percebido, exceto pelos judeus mais espirituais, como Jeremias, que tinham visão mais ampla das coisas. "As desesperadas circunstâncias dos judeus são aqui representadas como um ferimento incurável" (Fausset, *in loc.*). A cura seria como ressuscitar os mortos para a vida (ver Rom. 11.15).

30.13

Não há quem defenda a tua causa; para a tua ferida não tens remédio nem emplasto. Nenhum ato ou recurso humano podia fazer nada para ajudar. Judá amontoou para si mesmo alianças com o Egito e com outras nações, na tentativa de deter a Babilônia, mas tudo foi em vão. Uma coisa que os judeus não experimentaram, porém, foi o arrependimento e o retorno a Yahweh. Não havia cura porque eles tinham rejeitado o Curador. Ninguém pensava seus ferimentos, porquanto, em última análise, foram ferimentos causados por um povo que estava disposto a cometer suicídio. "O desígnio dessas expressões é mostrar o estado impotente e desesperador do povo de Israel antes de seu chamado, conversão e restauração. E então, ficaria claro que a restauração era obra exclusiva do Senhor. Visto que Ele foi capaz de fazer isso, não havia razão para os judeus se sentirem com medo ou desanimados, embora o caso deles, na ocasião, fosse desesperador" (John Gill, *in loc.*).

30.14

Todos os teus amantes se esqueceram de ti. Considere o leitor estes pontos: 1. Os ídolos e deuses de nada deveriam ter ajudado na hora da provação, quando foram invocados, *se* é que tinham algum poder. Contudo, não eram deuses que respondessem às orações que lhes eram dirigidas. 2. Os aliados dos judeus que se uniram a eles em alianças, mediante as quais tentavam escapar da Babilônia. O Egito era o principal aliado de Judá. Mas os aliados de Judá mostraram-se inúteis e somente compartilhavam da mesma sorte desanimadora. Cf. Jer. 4.30; 13.21; 22.20,22 e 37.5. Ver Jer. 3.1-2,12-13, quanto aos deuses amantes. Os amantes não puderam impedir que Judá sofresse seus terríveis ferimentos. O *adversário cruel* era a Babilônia, instrumento da ira divina. Os pecados de Judá eram muitos e graves, e os ferimentos foram profundos, para se equipararem àqueles pecados.

30.15

Por que gritas por motivo da tua ferida? Tua dor é incurável. O réprobo ferido, que, em última análise, tinha ferido a si mesmo, gritava de dor como se fosse uma vítima inocente. O ferimento, auto-infligido, era incurável, forçando o réprobo a enveredar pelo caminho da morte. Os pecados de Judá eram muitos e sérios; sua culpa era óbvia e clamava pela retribuição divina. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) requeria severa vingança, e essa foi a razão para a matança causada pelos babilônios e para o cativeiro subseqüente. "Deus ferira a nação de Judá como um inimigo, e punira a nação por causa de sua culpa profunda" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "Não tens razão para te queixares. Tua aflição é justa" (Fausset, *in loc.*). Mesmo depois da edificação do segundo templo, os judeus retornaram às suas históricas corrupções morais. Os romanos foram o próximo látego de Yahweh. A história de Israel, em certo ponto de vista, serve de ilustração quanto à total depravação humana, que raramente admite uma cura verdadeira.

30.16

Por isso todos os que te devoram serão devorados. Os que matassem, seriam mortos; os que devorassem, seriam devorados; os que deportassem a outros, seriam deportados. Essa é a *Lex Talionis* (pagamento segundo a gravidade do crime) em operação com a *lei da colheita segundo a semeadura* (ver Gál. 6.7-8). Ver no *Dicionário* o artigo que tem esse nome. Cf. este versículo com Jer. 2.3; Êxo. 23.22 e Isa. 33.1. Os babilônios eram famosos *devoradores* e, portanto, eram precipitados, descuidados, sem dó e incansáveis. Mas os medos e os persas se igualavam a eles em brutalidade e os destruíram como nação. Na verdade, os babilônios foram *devorados.* Em certo sentido, a história das nações é uma série de atos de devorar e de ser devorado. O homem é o mais perigoso dos animais predatórios. A figura pretendida aqui é, provavelmente, um *leão* faminto, visto que esse animal era o símbolo da Babilônia.

30.17

Porque te restaurarei a saúde, e curarei as tuas chagas. Quando tiver terminado o processo de devorar e ser devorado, depois que cada qual tiver pago pelos pecados que cometeu, então a *cura* será dada a Judá, revertendo a *ferida incurável,* citada no vs. 12. O que é aparentemente incurável, e realmente assim é no tocante aos recursos humanos, pode ser curado pelo poder divino. A *saúde,* pois, será restaurada a Judá. Nenhuma única ferida permanecerá aberta. Isso ocorreria no retorno do remanescente a Jerusalém, para recomeçar todas as

coisas. Mas o maior cumprimento de todos será a salvação de Israel, na era do Reino de Deus (ver Rom. 11.26).

Pois te chamaram a repudiada. Judá era como uma esposa adúltera, rejeitada por seu Marido. A figura de Jer. 3.1-2 é reiterada. Ver as notas expositivas ali. A lei de Moisés permitia o divórcio, e a mulher divorciada tinha liberdade de casar-se de novo. No entanto, não lhe era permitido casar-se novamente com seu primeiro marido, do qual se havia separado (ver Deu. 24.1-4). Foi assim que Yahweh, ao receber de volta a esposa infiel, fez algo extraordinário, realizando um notável ato de graça e amor. O fim dos recursos do povo de Judá, longe de ser um obstáculo para a graça, era antes a oportunidade de Deus demonstrar Seu amor. A extremidade do homem é a oportunidade de Deus. Naturalmente, isso operava através do arrependimento e da mudança de coração. Não obstante, Deus criou condições que praticamente forçavam essas coisas. Este versículo fala da *intervenção divina*, um ato do Deus teísta. O *teísmo* (ver a respeito no *Dicionário*) ensina que o Criador continua presente em Sua criação e intervém com Sua providência negativa e positiva na vida dos indivíduos e das nações. O *deísmo* (ver também no *Dicionário*), por sua vez, ensina que Deus abandonou a Sua criação aos cuidados das leis naturais.

A Restauração de Judá (30.18-22)

30.18

Eis que restaurarei a sorte das tendas de Jacó. Judá é retratado aqui como um povo nômade que perambulava "por ali", em meio ao cativeiro. Eles armaram suas *tendas* em uma terra estrangeira. Agora, entretanto, os nômades deveriam dobrar suas tendas e encetar a viagem de volta para casa, porquanto sua pátria seria abençoada por Yahweh. Então, eles reconstruiriam a sua *cidade* e cessariam as perambulações. Em Jerusalém havia um ou mais palácios, edificações de luxo permanentes, em contraste com as humildes tendas do cativeiro. O palácio pode ter sido uma alusão ao templo, edificado em lugar do templo de Salomão, que tinha sido destruído (ver II Reis 25.9). O Targum, Jarchi e Kimchi vêem nesse palácio uma referência ao templo de Jerusalém. Mas Kimchi vê, igualmente, uma alusão ao palácio real, o que apontaria para uma teocracia restaurada. Talvez essa profecia tenha sentido *escatológico*, indicando a restauração maior da era do Reino, ou seja, durante o milênio futuro.

Será reedificada sobre o seu montão de ruínas. As cidades reedificadas geralmente eram construídas sobre as ruínas das cidades anteriores, o que explica por que muitas cidades antigas estão edificadas sobre cômoros, que lhes servem de alicerces. Esse antigo estilo de construção de cidades tem possibilitado aos arqueólogos muitas descobertas, pois permite que eles desçam de camada em camada, conhecendo assim coisas pertencentes a muitos séculos. Cada camada ou nível um período diferente de tempo.

A "restauração da sorte das tendas de Jacó" também é mencionada em Jer. 32.44; 33.11,26. Cf. Deu. 30.3. A volta dos exilados do cativeiro está em aqui pauta, mas não um mero retorno: será um retorno próspero, repleto de bênçãos e bem-estar.

30.19

Sairão deles ações de graças e o júbilo dos que se alegram. Temos aqui a descrição de uma prosperidade geral, conforme se vê nos pontos a seguir discriminados:

1. Yahweh é a origem das bênçãos dos últimos dias, o que significa que essas bênçãos serão abundantes.
2. Haverá um novo cântico, o hino de louvor e ação de graças. O culto será renovado, porquanto estamos tratando aqui com cânticos de ação de graças, e não meramente com composições frívolas.
3. E então, de modo geral, no terreno do templo ou nas ruas e residências, haverá gente cantando de alegria.
4. O pequeno remanescente judaico retornará. Mas uma vez seguros na terra, a reprodução será tão abundante que uma nação ressurgirá, a partir de humildes começos.
5. A multidão daí resultante terá honrarias divinas especiais. O povo será numeroso e glorificado, uma potência nacional que requererá o respeito de outros povos. O profeta Jeremias estava descrevendo uma verdadeira *restauração* de Jerusalém, a Dourada. Portanto, devemos supor que essa profecia tem um sentido escatológico, e não meramente aponta para o retorno dos exilados da Babilônia.

"A visão do novo estado teocrático, nos vss. 18-22, é uma das notáveis projeções da estrutura social de um povo piedoso, segundo a literatura antiga" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 17.26; 31.12-13; 33.11; Isa. 35.10; 51.11 e Osé. 1.10-11.

30.20

Seus filhos serão como na antiguidade, e a sua congregação será firmada diante de mim. O que for *antigo* será restaurado e aprimorado. É provável que o profeta quisesse fazer-nos pensar sobre o tempo mais glorioso de Israel, o Israel da época de Davi e Salomão, quando a nação atingiu sua época áurea, bem como sua maior extensão territorial até hoje. Israel será assim restaurada, glorificada, vivendo no favor divino, protegida de inimigos, os quais Yahweh abaterá antes que possam levantar muito a cabeça. A restauração, após o retorno da Babilônia, serviu para falar da restauração maior que ocorrerá imediatamente antes da era do Reino de Deus.

30.21

O seu príncipe procederá deles, do meio deles sairá o que há de reinar. Os príncipes e nobres do Judá restaurado serão nativos, e não estrangeiros que governem sobre eles. O governador também será um nativo, procedente do meio deles, e não um governante nomeado por uma potência estrangeira. O profeta parecia evitar conscientemente a palavra *rei*, porquanto o rei era Ciro, e os dirigentes eram os governadores. Nesta passagem, o governante é declarado como alguém que tinha acesso a Yahweh, o que talvez dê a entender que ele fosse um sacerdote. No período dos macabeus, os sacerdotes tornaram-se governantes civis, mas o oráculo por certo antecede esse período. A linguagem aqui usada não parece indicar o Messias, mas o Targum e vários intérpretes insistem em vê-lo aqui. A idéia do rei-sacerdote se ajusta ao Messias, mas falta a idéia de realeza, pelo menos no fraseado literal do versículo.

30.22

Vós sereis o meu povo, eu serei o vosso Deus. Esta declaração, muito comum no livro de Jeremias e em outros livros da Bíblia, é comentada em Jer. 7.23; 11.4; 24.7; 31.33 e 32.38. Este ponto não se encontra na Septuaginta, que parece ter sido adicionado com base em Jer. 31.1, por algum editor posterior. Fora do livro de Jeremias, ver também Lev. 26.12; Deu. 7.6; 26.16-19; Eze. 11.20; 14.11; 34.20; 36.28; 37.23,27; Jos. 2.23; Zac. 8.8 e 13.9. Esse relacionamento divino-humano ideal aparece em grande variedade de contextos e subentende um *andar correto* e uma fé de todo o coração por parte do povo de Israel. Tal declaração mostra o tipo de relacionamento que deve existir para que se cumpram as condições do pacto. Ver sobre *pacto abraâmico* em Gên. 15.18; sobre *pacto mosaico* na introdução a Êxo. 19; e sobre *pacto davídico* em II Sam. 7.4. "O pacto será renovado entre Deus e o Seu povo, pela mediação do Messias (vs. 21; Jer. 31.1,33; Eze. 11.20; 36.28)" (Fausset, *in loc.*). "Este é um sumário do pacto da graça que visivelmente ocorrerá quando aquela gente voltar-se para o Senhor (ver Rom. 11.26-27)" (John Gill, *in loc.*).

A Tempestade de Yahweh (30.23 – 31.1)

30.23-24

Eis a tempestade do Senhor! O furor saiu e um redemoinho tempestuou. Estes dois versículos também podem ser encontrados em Jer. 23.19-20, onde faço comentários, não acrescentando muita coisa aqui. Estes versículos foram adicionados a Jer. 31.1 para dar um tom escatológico às profecias concernentes à restauração, que aparecem, de vez em quando, nos capítulos 30 e 31 do livro de Jeremias, mas que o autor sagrado quis enfatizar. Os vss. 19-20 têm um definido sabor escatológico. "A vingança sobre os inimigos de Deus sempre acompanha manifestações de graça ao Seu povo" (Fausset, *in loc.*). A aplicação imediata da declaração é a ira divina contra a Babilônia, mas as palavras são gerais e falam das operações da ira de Deus em favor de Seu povo, e contra seus opressores em qualquer era, especialmente antes da era do Reino de Deus. As afirmações em Jer. 23.19-20 talvez não tenham pretendido ser escatológicas, mas seu uso aqui quase certamente tem esse intuito.

Capítulo Trinta e Um

31.1

Este versículo pertence à seção de Jer. 30.23-24 (repetida com base em Jer. 23.19-20) e é uma virtual duplicação de Jer. 30.22, onde ofereço a exposição. Muitos críticos, entretanto, supõem que este versículo tenha sido posto depois de Jer. 30.21 por um editor posterior, e que o lugar certo dessa asserção é aqui. A idéia é que, enquanto a ira de Deus se vinga dos inimigos de Israel, Israel estabelecerá um relacionamento espiritual verdadeiro e ideal com Yahweh. Todas as famílias (clãs) de Israel, ao que se presume, receberão Yahweh, como seu

Deus. E esse será o fim da idolatria-adultério-apostasia. Ver as notas expositivas em Jer. 30.22, assim como em outros lugares onde essa declaração aparece. Essa afirmação, conforme usada aqui, quase certamente refere-se à restauração de Israel antes da era do Reino. O relacionamento do pacto será restabelecido antes desse tempo. O restante do capítulo 31 continua a tratar do tema da restauração.

"Este versículo deve ser vinculado às declarações que aparecem em Jer. 30.23-24. Ele explica os resultados do juízo divino sobre a terra e também serve para introduzir a seção que versa sobre a restauração nacional, que se segue... Todos os clãs, e não somente a tribo de Judá, serão conhecidos como o povo de Deus (cf. Jer. 30.22)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Restauração Nacional de Israel por Parte de Deus (31.2-40)

O Amor Eterno de Yahweh (31.2-6)

Este é um dos melhores, se não o melhor poema da coletânea dos capítulos 30 e 31 de Jeremias, e até os críticos mostram-se quase unânimes em declará-lo de autoria de Jeremias, e não obra de algum editor subseqüente. As referências a lugares na nação do norte (Israel; ver o vs. 6) têm levado alguns estudiosos a supor que esse poema se refere à *esperança da restauração* que Jeremias tinha quanto ao destino final das dez tribos nortistas. Por outra parte, o governo de Gedalias foi estabelecido em *Mispa,* e não em Jerusalém, e isso poderia ter dado ao oráculo um sabor nortista. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Mispa.*

O vs. 1 deste capítulo destaca a *unidade nacional,* o que significa que o Israel que temos à nossa frente é uma nação unida; mas isso só se tornará realidade, e não apenas um ideal, antes do início da era do Reino. Os vss. 7-14 ensinam o retorno dos exilados de *todas as nações,* e isso está em harmonia com o tema universalista. Os vss. 2-6 enfatizam a *graça* encontrada pela nação de Israel, expressão alicerçada sobre a narrativa de Êxo. 33.12-17. Cf. Jer. 23.7-8. Além disso, vemos aqui o amor e a fidelidade eterna de Deus. É prometida a restauração jubilosa de toda a nação de Israel.

"O motivo da futura restauração divina da nação é Seu amor eterno (no hebraico, *'ahabah*), que Ele conferirá livremente sobre Seu povo (cf. Osé. 11.4; 14.4; Sof. 3.17), bem como Sua amorosa gentileza (no hebraico, *hesed*; cf. Jer. 9.24; 32.18; Lam. 3.32; Dan. 9.4)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

31.2

O povo que se livrou da espada, logrou graça no deserto. Está em vista aqui o período das perambulações pelo deserto, quando o povo de Israel encontrou descanso e segurança da opressão dos egípcios. O fato de que Yahweh tirou o povo de Israel *para fora do Egito* é um dos grandes temas do Pentateuco, encontrado por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 4.20, quanto a uma nota de sumário sobre o assunto. O incidente demonstrou o poder amoroso de Yahweh em favor de Seu povo. Então houve o *pacto mosaico,* anotado na introdução a Êxo. 19. A "experiência passada do amor de Deus é uma promessa ou penhor quanto ao futuro" (Ellicott, *in loc.*). Ellicott, entretanto, identifica o incidente como o escape de alguns judeus do cativeiro babilônico, ou de alguns pertencentes às dez tribos do cativeiro assírio; mas essas idéias são menos prováveis.

31.3

De longe se me deixou ver o Senhor, dizendo: Com amor eterno eu te amei. Diz aqui o Targum: "O Senhor apareceu a nossos pais e lhes disse: Eis que vos amei com amor eterno, pelo que te conduzi com bondade". O amor de Deus é identificado como o *motivo* do divino ato de bondade que tirou o povo de Israel do Egito, e devemos compreender que a restauração futura depende dos mesmos dois fatores: o *'ahabad* e o *hesed* de Yahweh (ver o último parágrafo de notas expositivas na introdução ao parágrafo, imediatamente antes da exposição ao vs. 2. Dou ali referências quanto ao uso dessas duas palavras hebraicas. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor.* O amor de Deus é muito maior do que a língua ou a pena podem jamais narrar, conforme diz um antigo hino evangélico. "Em virtude de meu amor eterno, ainda estenderei até vós a minha gentileza amorosa (ver Isa. 44.21). Oh, Israel, não sereis esquecidos por mim" (Fausset, *in loc.).* Cf. Jer. 2.1-7.

Os judeus, cativos na Babilônia, não receberam nenhum sinal do amor e cuidado de Deus; e, assim sendo, entraram em colapso mental. Mas o profeta Jeremias relembrou-os sobre os precedentes históricos do amor de Deus, assegurando-lhes que tais poderes continuavam e em breve se manifestariam. Naturalmente, o cativeiro, embora tenha sido um julgamento severo, era uma manifestação do amor de Deus, visto que estava fazendo operar um bom desígnio.

31.4

Ainda te edificarei, e serás edificada, ó virgem de Israel. A esposa *repudiada* por causa de seu adultério (ver Jer. 3.1-2,12-13) será restaurada de forma que sua *virgindade* lhe será devolvida, e nesse estado restaurado ela se entregará à dança, tocando seu tamborim em jubilosa celebração. Ela será adornada e atrairá a atenção de todos, por causa de sua beleza. "Os dias da tristeza terminarão, quando o cativeiro acabar (cf. Sal. 137.1-4; Jer. 16.8-9; 25.10-11)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). No exílio, Israel tinha lançado fora todos os seus instrumentos de regozijo, mas na restauração celebrações serão acompanhadas por instrumentos musicais e danças. Cf. Êxo. 15.20 e Juí. 11.34, que falam de regozijos públicos. "... tamborins, instrumentos musicais, como aqueles que as mulheres usavam em tempos de alegria e júbilo públicos (ver Êxo. 15.20; Juí. 11.34; I Sam. 18.6), os quais lhes eram tão apropriados e muito ornamentais, enquanto tocavam e dançavam" (John Gill, *In loc.*). Cf. o Novo Cântico do Cordeiro, em Apo. 14.2-4; 19.7-9; Sal. 45.13-15.

31.5

Ainda plantarás vinhas nos montes de Samaria. Livres das ameaças dos povos estrangeiros, e livres do peso de sua própria apostasia, uma vida normal e próspera recomeçará, com os ciclos agrícolas da semeadura, colheita e abundância de coisas boas, quando os celeiros serão cheios de produtos. As referências a Samaria (vs. 6) e Efraim (vs. 6) indicam que este poema se originou na parte norte do país, Israel. Isso não significa, entretanto, que o oráculo foi, específica e exclusivamente, endereçado a Israel. Estas palavras bem podem aplicar-se aos tempos de Gedalias, após a invasão de Judá pelos babilônios, quando esse homem, pelo menos por algum tempo, foi governador de Judá. Ver II Reis 25 e o artigo chamado *Gedalias,* no *Dicionário.* Esta passagem (ver os vss. 7-14) trata da total restauração nacional do norte e do sul, mostrando-nos Israel reunido. Portanto, é uma profecia escatológica, e não meramente local. Isso ocorrerá antes da implantação da era do Reino de Deus.

Plantarão os plantadores e gozarão dos frutos. "A alusão é à lei da ingestão das frutas de árvores no quinto ano de seu plantio, pois somente então era permitido comer delas. Mas aqui o plantador pode comer as frutas assim que as árvores produzissem, como se fosse a produção do quinto ano, o que era o costume da lei. Ver Lev. 19.23,25" (John Gill, *in loc.*).

31.6

Porque haverá um dia em que gritarão os atalaias na região montanhosa de Efraim. Vigias postados nas vinhas das colinas de Efraim haverão de convocar todo o povo de Israel para novamente observar as festividades de Jerusalém, especificamente as três festas anuais em que era requerida a presença de todos os membros do sexo masculino: a páscoa, o Pentecoste e os Tabernáculos. Isso significa que o culto seria restaurado na nação de Israel, que então já estaria nacionalmente restaurada. Ver em Jer. 41.5 um relato sobre os 80 homens que vieram de cidades nortistas apresentar oferendas em Jerusalém, durante o tempo do governo de Gedalias. Essa pequena demonstração de "restauração" é um tipo da restauração maior que haverá no futuro. Não haverá mais, então, rivalidade de adoração entre o norte e o sul, onde Dã aparecia como rival de Jerusalém, como sítio do culto; e, naturalmente, não haverá mais idolatria em competição com o yahwismo. Todos os cismas serão curados. Haverá, pelo contrário, *unidade* nacional.

Efraim. "Não está em foco um monte isolado, e, sim, toda uma região montanhosa, a região das dez tribos" (Fausset, *in loc.*).

A Volta dos Exilados de Todas as Nações (31.7-14)

31.7

Cantai com alegria a Jacó, exultai por causa da cabeça das nações. Está em pauta o *retorno* dos exilados na Babilônia, pelo menos de maneira preliminar; mas esta profecia, obviamente, é escatológica, falando do fim de toda a dispersão dos judeus (Israel-Judá), que deverá anteceder a era do Reino de Deus, aspecto que testemunhamos em nossa própria época (em 1948 foi formado o moderno Estado de Israel). Nenhum ser humano estará tão distante que Deus não possa alcançá-lo, e esse chamamento será uma capacitação para que Ele retorne. "A Volta à Terra Natal: Deus reunirá os dispersos em sua terra natal (ver Isa. 25.4-10; Sal. 23.2-3). *Israel... Efraim* (ver Êxo. 4.2). Assim como Efraim será restaurado, acontecerá a todo o povo de Israel, incluindo Judá (ver Jer. 2.3 e 3.19)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 7).

Este versículo continua a nota de alegria do vs. 4, onde vemos a esposa adúltera ser trazida de volta à condição de virgem pura. Haverá muito para ser celebrado quando Yahweh restaurar Seu povo disperso. Haverá gritos de alegria e triunfo. A proclamação de Yahweh sairá por todas as nações, a fim de reconduzir à Terra Prometida Seu povo, de todos os lugares do mundo, sem importar quão distantes estejam. A mensagem é que será efetuada uma *salvação nacional* (ver

Rom. 11.26). Nenhum descendente de Abraão será insignificante demais para o Senhor libertá-lo, conforme demonstra a enumeração das classes, no vs. 8. A restauração incluirá clãs, famílias e todos os tipos de indivíduos.

Cabeça das nações. "Cabeça", neste caso, é paralelo a "Jacó", o que quer dizer que Israel é retratado como exaltado entre as nações, tornando-se a principal das nações, quando a restauração ocorrer. Cf. Êxo. 19.5; Sal. 135.4; Amós 6.1. A lei fez Israel tornar-se distinta entre as nações (ver Deu. 4.4-8), e essa distinção será coroada com glória por ocasião da restauração. O povo em relação de pacto com Deus será elevado e coroado por ocasião da era do Reino.

31.8

Eis que os trarei da terra do Norte, e os congregarei das extremidades da terra. O *norte* aqui mencionado é uma referência à Babilônia e, talvez, à Assíria, lugares para onde israelitas do sul, Judá, e do norte, Israel, tinham sido levados. Serão anulados tanto o cativeiro assírio quanto o cativeiro babilônico, e também a grande dispersão romana, a maior de todas as dispersões do povo de Deus. Não haverá um só lugar, em toda a terra, onde a voz convocadora de Yahweh não seja ouvida, e a resposta do povo de Israel a esse chamamento divino será absolutamente *universal*. Isso é enfatizado pela enumeração das classes, a começar pelos mais fracos entre todos, os cegos e os coxos, subindo pela escadaria e atingindo as mulheres que estejam para dar à luz filhos, que estarão em situação precária; e subindo mais ainda, para atingir mulheres que já estejam em processo de parto, uma situação mais precária ainda. E então é mencionada a comunidade de Israel em geral: todas as classes, fracos e fortes, pobres e ricos, humildes e exaltados. Nenhum indivíduo pertencente ao povo de Deus ficará de fora. A *grande companhia* dos israelitas retornará à Terra Prometida. As diversas classes apresentarão muitas necessidades especiais, mas nenhum indivíduo necessitado ficará sem a atenção do Senhor. Cf. este versículo com Isa. 41.18; 43.20; 48.21 e 49.10.

31.9

Virão com choro, e com súplicas os levarei. Será aquele um tempo emocional superlativo, os israelitas chorarão de alegria, e não de tristeza, e serão conduzidos em meio a múltiplas consolações, que curarão cada ferimento e obliterarão toda a tristeza. Os israelitas virão com "consolações" (Septuaginta) ou "súplicas" (texto massorético). Caminharão às margens dos ribeiros de águas, com todas as suas necessidades satisfeitas, porquanto a experiência do deserto passou. Cf. Isa. 41.18; 43.20; 48.21; 49.10. O caminho deles será reto, plano e fácil, porque Yahweh os guiará. Cf. Isa. 35.8-10; 40.4; 42.16; 45.2. Yahweh é o Pai de todo o povo de Israel, incluindo a parte norte da nação, aqui referida pelo termo "Efraim". Cf. o vs. 20 deste mesmo capítulo e Jer. 3.19. Efraim será favorecido como o filho primogênito de um orgulhoso pai. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Paternidade de Deus,* e ver também Israel como o filho de Yahweh, em Êxo. 4.22. "Jeremias usou o simbolismo do relacionamento entre pai e filho para mostrar o profundo amor de Deus pelo Seu povo (cf. Osé. 11.11,8)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Coisa alguma faltará aos israelitas restaurados, o que será simbolizado pelo fato de que eles caminharão ao lado das águas. "Eu os guiarei de tal modo e providenciarei para eles o necessário, nos desertos áridos, que eles encontrarão riachos de água sempre que isso for necessário. Todos sabem quão grande é a necessidade de água para os viajantes nos desertos orientais" (Adam Clarke, *in loc.*).

31.10

Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai nas terras longínquas do mar. As nações que tinham provido alojamento e lares temporários para Israel ouvirão o chamado de Yahweh. Ele lhes ordenará que dêem tudo quanto for necessário aos israelitas, tal como o Egito fez há muitos séculos. O chamamento divino será ouvido em toda a parte, em todas as costas marítimas das nações (ver Isa. 41.1; 42.10 e 49.1). *Yahweh espalhou os israelitas,* aplicando-lhes Seus julgamentos, e as nações riram, zombaram e assobiaram por causa deles, alegrando-se com seus sofrimentos (Jer. 18.16; 19.8; 25.9,18 e 29.18). Haverá, contudo, grande reversão, e Israel marchará avante, distanciando-se de seus antigos lugares de cativeiro e dirigindo-se ao lugar de alegria e bem-estar. Então Yahweh será o *Pastor* deles (cf. Isa. 40.11; Eze. 34.12-14; Miq. 2.12; 5.4; 7.14 e Jer. 23.3). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Pastor,* quanto a detalhes sobre a metáfora. O rebanho, que estava espalhado por milhares de colinas dispersas pelo mundo, será recolhido, formando um único rebanho em sua própria Terra Prometida. Assim sendo, as lamentações serão transformadas em alegria, e a necessidade premente dará lugar à abundância. Eles foram procurados e encontrados por Ele, visto que O tinham buscado de todo o coração (ver Jer. 29.5-6,13).

31.11

Porque o Senhor redimiu a Jacó. A figura do pastor é agora modificada para a figura da *redenção.* Esta era uma palavra-chave no tocante ao livramento da escravidão egípcia. Ver Êxo. 6.6. Cf. Zac. 10.8. "Nenhuma força do inimigo pode impedir o Senhor de livrar Jacó (Isa. 48.24-25)" (Fausset, *in loc.*). Cf. Eze. 34.12-14. Ver também Isa. 44.23 e 48.20.

> *O Senhor os comprará de volta do povo que era mais forte do que eles.*
>
> (NCV)

Yahweh foi o agente tanto da dispersão (vs. 10) como da restauração dos israelitas, porquanto a vontade divina governa os homens (ver Isa. 13.6 e notas). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.* A providência divina, em seus aspectos tanto negativo quanto positivo, controla todos os acontecimentos e empreendimentos humanos.

31.12

Hão de vir, e exultar na altura de Sião, radiantes de alegria. Este versículo repete, com detalhes adicionais, a mensagem dos vss. 4 e 7: exultação e brados de triunfo; toque de instrumentos musicais e danças – tudo sinal de grande felicidade por causa da obra restauradora de Yahweh. Eles estarão *radiantes* de alegria, e o rosto deles brilhará ante a bondade de Deus. Eles terão abundante suprimento agrícola: os grãos, o azeite, os rebanhos de gado miúdo e graúdo, tudo próspero e saudável. A Terra Prometida será como um gigantesco jardim bem regado. Jerusalém será a Cidade Jardim. Cf. Deu. 30.5,9. Ver também Jer. 58.11. O tempo de tristeza terá ficado no passado. Ver Isa. 35.10; 65.19; Apo. 21.4.

"... *como um jardim bem regado,* pleno de luz, vida e poder de Deus, de modo a se regozijarem para sempre, orarem sem cessar e darem graças a tudo" (Adam Clarke, *in loc.*). "... em uma condição próspera e vicejante. A alma de um crente é um jardim no qual foram plantadas as graças do Espírito... regado pelo orvalho da graça divina e pelo ministério de Sua Palavra... pelo que não terão mais ocasião para sentir tristezas... não haverá mais pecados nem tristezas (ver Apo. 21.4)" (John Gill, *in loc.*). Cf. Isa. 58.11, que é um paralelo direto.

31.13

Então a virgem se alegrará na dança, e também os jovens e os velhos. A virgem (vs. 4) terá parte especial nas atividades, com as danças e o toque de instrumentos musicais. Os jovens exibirão sua força na celebração, e os homens idosos serão fortes o suficiente para, dançar, bradar e exultar. Todo o choro se transformará em alegria; toda a tristeza será consolada; todo o pesar será transformado em júbilo. Essas figuras simbólicas falam da contínua condição abençoada do povo, porquanto, neste caso, não descrevem meramente uma ou mais celebrações festivas. Cf. este versículo com Jer. 31.4,7. Ver também Zac. 8.4-5: "Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo, por causa de sua muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão".

31.14

Saciarei de gordura a alma dos sacerdotes, e o meu povo se fartará com a minha bondade. Os sacerdotes retornarão às suas santas funções e serão abençoados por Yahweh até o ponto da saciedade, e, por sua vez, abençoarão o povo através de seu ministério. Todo o povo de Israel ficará satisfeito com a bondade de Yahweh. Isso acontecerá porque Deus disse que assim aconteceria. Os sacerdotes viviam das dádivas do povo, e um povo generoso certificava-se de que os sacerdotes tinham abundância para comer. Mas aqui é a *alma* dos sacerdotes que será satisfeita, e *Yahweh* será o Supridor.

O Choro de Raquel e a Volta de Seus Filhos (31.15-22)

31.15

Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto e grande lamento. *Raquel* foi mãe de José e de Benjamim, os mais favorecidos dentre os filhos de Jacó. Ver Gên. 30.22; 35.16-20 e I Sam. 10.2. Ela lamentava o exílio deles, que simbolizavam tanto a nação do norte (Israel) quanto a nação do sul (Judá), pois a restauração será nacional. Mat. 2.18, que emprega essas palavras, retrata a tristeza não mitigada da mãe, mas aqui a declaração introduz a promessa de restauração, quando o choro se transformará em alegria. Todo o exílio e perambulação serão anulados (vss. 7-14).

Ramá. Esta cidade ficava no território de Benjamim, a leste da grande estrada do norte, a duas horas de viagem de Jerusalém. Raquel morreu de parto, por ocasião do nascimento de Benjamim. Portanto, momentos antes de morrer, ela o chamou de *Benoni,* filho de minhas tristezas (ver Gên. 35.18-19; I Sam. 10.2). Foi sepultada em Ramá. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Raquel, Túmulo de.* Ela é retratada a levantar a cabeça no sepulcro a fim de proferir sua lamentação,

ao ver o povo deportado, em cadeias, de corpo alquebrado, humilhado. Eram seus filhos, e a cena se parecia com uma cena de morte. Mateus, entretanto, aplicou essas palavras a uma lamentação pelos inocentes mortos por Herodes. O uso de Mateus é uma *acomodação* (ver a respeito no *Dicionário*), e não uma interpretação das palavras de Jeremias.

"O profeta viu primeiramente a desolação do cativeiro. Raquel, na qualidade de mãe de José e, portanto, de Efraim (a nação do norte), tornou-se a representante ideal da nação do norte" (Ellicott, *in loc.*). Se o simbolismo do versículo aplica-se melhor ao cativeiro assírio das dez tribos do norte (722 A. C.), não há razão alguma para limitarmos a passagem a isso. A restauração seria de todos os cativos (vss. 7-14). Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico*. As mulheres choravam porque nunca mais veriam seus filhos; e o que poderia haver de pior que isso? Mas a promessa divina é: "Verás novamente os teus filhos!". Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

Havia uma crença popular no sentido de que as pessoas podiam retornar, em espírito, a seus sepulcros, para lamentar algum tipo de perda, incluindo a perda de filhos; mas o uso do profeta, neste caso, provavelmente é poético.

31.16

Reprime a tua voz de choro, e as lágrimas de teus olhos. Yahweh ordena aqui o fim do choro e das lamentações. Raiou um *novo dia*. Haveria restauração, e não privação. Os cativos que Raquel viu serem levados para o cativeiro e para a vergonha, ela podia ver agora voltando e, portanto, por que ela continuou chorando? "Eles voltarão outra vez" (cf. Osé. 1.11). Uma nova esperança foi declarada, anulando todas as antigas tragédias. As almas continuam vivas. Os inocentes, mortos por ordens de Herodes, estão vivos hoje em dia! Os "mortos" que estão no outro mundo, ressuscitarão, e Israel tornará a viver. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Esperança*.

Há recompensa para as tuas obras. O trabalho de Raquel, que deu à luz a três tribos de Israel — Efraim, Manassés e Benjamim — não ficaria sem recompensa. A morte veio, mas foi anulada pela vida. E o trabalho dos profetas, que deram a Israel nascimento espiritual, também será recompensado pela vida ressurreta.

31.17

Há esperança para o teu futuro, diz o Senhor. Uma *nova esperança*, afirmada pela palavra do Senhor, anulará as antigas tristezas e tragédias. A esperança se concretizará "no futuro" (Revised Standard Version). "Há esperança para ti" (NCV). Essa *esperança* é a restauração, a volta do povo de Israel de todas as terras para onde eles tinham sido exilados. Os dias de disciplina tinham feito o seu trabalho. Todos os julgamentos de Deus são remediais, e não meramente retributivos.

Agora, todos nós agradecemos ao nosso Deus,
Com o coração, as mãos e a voz.
Ele tem feito coisas maravilhosas,
E Nele o mundo inteiro se regozija.

(Martin Rinkart)

Quando sucede algo contrário às promessas de Deus, isso não pode suceder de forma permanente. O tempo passará, e então raiará um novo dia. A matança dos inocentes nos dias de Herodes não podia ser um sucesso permanente. Os cativeiros do povo de Deus não podiam ter sucesso permanente. Pois havia *esperança*, que é bem-sucedida de forma permanente.

31.18

Bem ouvi que Efraim se queixava, dizendo: Castigaste-me e fui castigado. Diz aqui o hebraico, literalmente: "Leva-me a *retornar*, para que eu possa *retornar*", o que poderíamos interpretar como: "Leva-me ao arrependimento, para que eu possa retornar do cativeiro". Nesse caso, o clamor é de um pecador desesperado que desejava sair de sua vida iníqua. Por isso mesmo diz a tradução inglesa NCV: "Toma-me de volta, e eu voltarei". O *castigo* provocou a mudança de mente e de direção na vida, que era precisamente o objetivo do castigo divino. A nação do norte tinha sido como um touro indisciplinado e rebelde, não acostumado ao jugo, dotado de dura cerviz. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cerviz Dura*. Cf. Deu. 32.15; Atos 7.51; Êxo. 32.9. Porém, a aplicação do chicote mudou a mentalidade do touro, que passou a receber voluntariamente o jugo. "Castigado e envergonhado pela desgraça de sua juventude, ele clamou: 'Faz-me voltar', para que eu seja restaurado" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). "... desacostumado com o jugo, lamentando sua anterior estupidez... insensível e estúpido, sem pensar no perigo, não ensinado nas coisas divinas... por demais indisciplinado para suportar o jugo" (John Gill, *in loc.*).

31.19

Na verdade, depois que me converti, arrependi-me. O *povo rebelde* "desviou-se" de Yahweh e de Seu culto, mas então se arrependeu, tendo sido instruído pelo castigo. Efraim "bateu no peito", sinal de remorso indignado. Ver Eze. 21.12. Pecados passados causaram agudo ataque de consciência, com *desgraça* e *vergonha* resultante. Efraim agira como um *jovem insensato* que tinha vivido precipitadamente e, por isso, trouxe aflições contra si mesmo. Ele semeou más ações e, assim, em breve estava colhendo a tristeza. A nação do norte mostrou-se culpada de estabelecer ídolos em Dã e Betel, para rivalizarem com o culto de Yahweh em Jerusalém, imediatamente depois do cisma entre os dois países (Israel, no norte, e Judá, no sul), ou seja, na *juventude* do norte, como nação separada.

31.20

Não é Efraim meu precioso filho? filho das minhas delícias? Embora Efraim fosse um filho rebelde, praticante de más ações, promovendo apostasia, o Pai anelava por ele como um filho amado. Isto posto, o vs. 3 é ilustrado: "De longe o Senhor me apareceu, dizendo: Pois que com amor eterno te amei, também com benignidade te atraí". Assim sendo, mediante tais termos antropatéticos, o profeta nos lembrou do amor salvatício de Deus. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Antropopatismo* (atribuir a Deus emoções próprias dos homens). Cf. a história do filho pródigo (Luc. 15). O coração do pai anelava por seu filho, e, quando este voltou, houve imediata recepção, sem palavras amargas. Por igual modo, neste texto, o coração de Yahweh aparece a palpitar por Seu filho desviado. Cf. Deu. 32.36; Isa. 63.15; Osé. 11.8. "Isto posto, todo o penitente sem dúvida encontrará misericórdia na mão de Deus" (Adam Clarke, *in loc.*). Deus *lembra* que somos apenas pó. Ele *lembra* Suas promessas graciosas. Ele *lembra* Seus filhos, embora eles se tenham desviado.

Há uma amplitude na misericórdia de Deus
Como a imensidão do mar.
Há uma bondade em Sua justiça,
Que é mais do que a liberdade.
Há uma acolhida para o pecador,
E mais graças para os bons.

(Frederick W. Faber)

31.21

Põe-te marcos, finca postes que te guiem, presta atenção na vereda. "Essas palavras provavelmente foram ditas pelo profeta Jeremias, e não por Yahweh. Ele admoestou a *virgem Israel* (vs. 4) para dar cuidadosa atenção ao caminho pelo qual ela seguia para o exílio, para que pudesse fazer o caminho de volta" (James Philip Hyatt, *in loc.*). A figura é a de um viajante que segue viagem para um país desconhecido. O viajante deveria pôr marcos ao longo do caminho, fincando postes e notando sinais naturais do caminho, de modo que tivesse algo para guiar-se na "volta". Colunas e montões de pedras eram modos comuns de marcar uma estrada ou caminho. "As caravanas amontoavam pilhas de pedras para marcar o caminho pelo deserto, a fim de possibilitar uma volta fácil" (Fausset, *in loc.*). Cf. Isa. 35.8,10. O caminho de volta seria mostrado a Israel, pois o povo de Deus seria relembrado quanto aos mandamentos da lei e à necessidade de obediência. As colunas eram os mandamentos da legislação mosaica, as orientações espirituais. Ver a lei de Moisés como um *guia*, em Deu. 6.4 ss.

31.22

Até quando andarás errante, ó filha rebelde? A virgem aparece agora como *filha infiel* que continuava a vacilar. A figura é a de uma filha virgem que caiu na promiscuidade ou talvez até na prostituição. Nesse caso, a figura é como em Jer. 3.1-2,12-13, a esposa infiel que cai no adultério. Para reverter tão perversos atos, Yahweh criara uma *coisa nova* na terra.

A mulher infiel virá a requestar um homem. Temos aqui o possível significado de um texto hebraico difícil, que tem causado grande variedade de traduções, quanto à segunda parte do versículo. Seguem algumas idéias a respeito:

1. A tradução que aparece nesta versão portuguesa: o hebraico diz aqui, literalmente, *circundar (tesobhebh)*, que pode significar "lançar uma coberta de proteção sobre o homem". Usualmente, é o homem que protege a mulher, devido à sua força superior. Se essa é a idéia correta, então é possível que o que está em pauta é que, na Terra da restauração, as coisas serão tão pacíficas e seguras que os homens não terão de proteger as "mulheres impotentes". *Se* alguma proteção for necessária, a mulher protegerá o homem, provavelmente uma declaração irônica.

Dyer, *in loc.*). Vida nova viria com o Novo Pacto (ver Rom. 11.26), e então as condições antigas não mais prejudicariam a nação unida de Israel. Cada indivíduo terá de suportar seu próprio fardo espiritual, em consonância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Calamidades públicas que afetassem os pais e os filhos não fariam parte das condições vigentes em Israel, uma vez que os cativeiros estivessem no passado e surgisse um dia novo, com o Novo Pacto (vss. 31-34). Os vss. 29-30 não abordam a questão da retribuição e/ou da recompensa para além do sepulcro e, sim, os pais físicos e nacionais de Israel, na Terra Prometida e nos cativeiros que a nação tiver de passar ao longo de sua história.

O Novo Pacto (31.31-34)

31.31

Firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Este trecho aborda um dos mais importantes temas explorados por Jeremias. Encontramos aqui uma "doutrina de pico de montanha", reverberada no Novo Testamento. Heb. 8.8-12 cita esta passagem em sua inteireza. E em Heb. 10.16-17 temos uma citação parcial. Talvez até I Cor. 11.25 e Luc. 22.20 (palavras da Última Ceia) sejam passagens que mencionam esta profecia. Há uma distinção entre o Antigo e o Novo Pacto, o tema de II Cor. 3.5-14. O Antigo Pacto estava fundamentado sobre a Lei e sobre o Pacto Mosaico (anotado na introdução a Êxo. 19). Já o Novo Pacto se fundamenta na graça e nos requisitos morais do governo de Deus, que são implantados no coração, e não em tábuas de pedra. Com tais palavras, pois, Jeremias provavelmente dava a ene tender que "o pacto seria novo no sentido de que teria como centro um novo e íntimo motivo e poder para cumprir a lei já conhecida. O perdão dos pecados, que foi prometido, juntamente com o conhecimento de Yahweh, dará aos homens novo incentivo para obedecer a Yahweh e à Sua Lei" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Naturalmente, esse tipo de compreensão fica aquém daquela que obtemos no Novo Testamento, mas representa um passo gigantesco dentro da espiritualidade.

Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Pactos.* Ver o artigo separado sobre *Novo Pacto.* O Pacto Abraâmico (anotado em Gên. 15.18) continha a semente do Novo Pacto, visto que ampliava a bênção prometida a *todos os povos.* Ver sobre *Novo Testamento.*

O *Antigo Pacto,* firmado através de Moisés, no monte Sinai (comentado na introdução a Êxo. 19), ocorreu mediante a aplicação do poder divino, tendo sido designado para todo o período do Antigo Testamento. Mas uma *nova obra* de Deus em operação para um *novo tempo* fará emergir um Novo Pacto, apropriado para as operações de Deus que ultrapassarão os antigo labores divinos. No que se aplica a Israel, estamos abordando a era do Reino. Os autores do Novo Testamento (o que menciono na introdução à presente seção) acomodaram essas palavras às operações de Deus na igreja, as quais não foram antecipadas por Jeremias. Essa *acomodação* (ver no *Dicionário* sobre esse termo) foi legítima por causa do Novo Pacto de Deus com Israel e a igreja, que têm certa similaridade básica: a operação divina no coração humano independe de ritos, leis e cerimônias religiosas. Mas é inútil tentar equiparar o novo pacto, referido por Jeremias, ao pacto firmado com a igreja.

31.32

Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão. Está em vista aqui o *Pacto Mosaico,* que comento na introdução a Êxo. 19. O antigo pacto, tinha certas diferenças básicas com o novo, as quais são explanadas no versículo seguinte. Os dois pactos têm a *similaridade* de emergir do livramento de algum poder estrangeiro: o antigo foi instituído após o livramento do Egito; o novo surgirá depois que o povo de Israel for libertado de sua sujeição às potências mundiais, quando Israel for estabelecido como cabeça das nações. O antigo pacto é retratado sob a figura de Yahweh (Marido) / Israel (esposa). O pacto era um tipo de casamento. Cf. Jer. 3.14. O rompimento do pacto é retratado como se a esposa cometesse adultério e fosse repudiada (ver Jer. 3.1-2,12-13). O adultério consiste em apelar para os deuses-amantes, representados por ídolos que nada são. Nisso, a lei mosaica e o culto a Yahweh foram abandonados. Assim sendo, o casamento foi rompido, mas sempre sujeito à restauração (ver Jer. 3.1).

31.33

Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel. O antigo pacto requeria a observância ritualista da lei mosaica, um tipo de obediência formal a todos os requisitos, com certa falta de envolvimento de todo o coração. Ver sobre a fé sentida no coração, em Pro. 4.23, onde apresento uma nota de sumário. O novo pacto operará através de uma fé que vem do fundo do coração – obediência devido à transformação interior, e não por assentimento mental a certos princípios. O resultado será que Israel será o povo de Deus, e Ele será o Deus deles, uma declaração comum que comento em Jer. 30.22, onde há uma lista de ocorrências, dentro e fora do livro de Jeremias. Esse relacionamento será o âmago mesmo do novo pacto. Jeremias não alcançou a plena altura da ministração do Espírito para a Igreja do Novo Testamento, e é inútil tentar equiparar esse novo pacto, referido por Jeremias, à aliança do Novo Testamento. Ver a doutrina do *novo coração,* em Eze. 11.19; 18.31; 36.26. Essa doutrina, conforme aparece no livro de Jeremias, aproxima-se da *regeneração* ensinada no Novo Testamento. As tábuas de pedra são substituídas pelas tábuas de carne do coração humano, mas a *lei* continua ocupando posição central. Os usos dessa doutrina, em Heb. 8.8-12 e 10.16-17, acomodam as palavras ao Novo Pacto. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Acomodação.*

31.34

Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão. Cf. este versículo com algo similar encontrado em Isa. 11.9. Jeremias não salienta o ministério do Espírito Santo, a chave do Novo Testamento para uma vida espiritual bem-sucedida. Pelo contrário, ele via Yahweh operar no coração de Seu povo, gravando a lei no seu interior, de modo que o ensino é grandemente simplificado e se torna muito mais eficaz. Destarte, os homens chegam a "conhecer" Yahweh em seu coração, o que não se refere meramente à apreensão intelectual dos princípios espirituais e, sim, a uma *comunhão de conhecimento* em que a obediência se torna fácil. O conhecimento de Yahweh não se parece com a sabedoria dos gregos, pois é um conhecimento experimental no qual há comunhão. Ver Osé. 2.20; 4.1,6; 5.4; 6.6 quanto à mesma ênfase. Ver declarações similares em Jer. 2.8; 4.22; 9.3,6,24; 22.16. Ver especialmente Jer. 22.15-16, onde o conhecimento é algo experimental e ético, pois conhecer a Yahweh é praticar o que é certo, do fundo do coração. Os profetas conheciam Yahweh direta e intimamente, e as pessoas comuns chegarão a esse tipo de conhecimento, à medida que crescerem espiritualmente.

O *perdão dos pecados* resultará do tipo certo de conhecimento, e o verdadeiro arrependimento tornar-se-á característica nacional. Então Yahweh esquecerá a horrenda história de Israel, repleta de pecados graves. Quanto ao perdão e ao esquecimento divino dos pecados, cf. Jer. 33.8; 50.20; Miq. 7.18-19; Isa. 43.18,25. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Perdão.*

A Duração Eterna da Nação (31.35-37)

31.35

Assim diz o Senhor, que dá o sol para a luz do dia, e as leis fixas à lua e às estrelas. Yahweh criou a ordem das nações e aplicou a elas certa eternidade. Israel, naturalmente, participará nisso. Cf. Jer. 33.20,25. Idéias similares encontram-se em Isa. 40.12,26; 42.5; 44.24; 45.7,18 e 54.10. Da mesma forma que Deus operou na criação, também atua entre os homens. Ele estabeleceu Suas leis sobre a natureza e entre os homens, e ambas as leis continuam funcionando.

"Para sublinhar a *permanência* de Israel, por causa do Novo Pacto, Deus comparou a existência dessa nação com a existência dos céus e da terra. Assim como o Senhor determinou o sol para brilhar durante o dia, e a lua e as estrelas para brilharem durante a noite (cf. Gên. 1.14-19), Ele nomeou Israel como Sua nação escolhida... o poder de Deus exibido na criação do universo é o poder que Ele exerce ao preservar Israel como nação" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

O nome divino de poder aparece no fim do versículo para enfatizar que há ali poder suficiente para a operação: o *Senhor dos Exércitos* realiza Sua atuação nos céus e na terra. Ver sobre esse nome em I Reis 18.15, e ver no *Dicionário* o artigo que versa sobre a questão.

31.36

Se falharem estas leis fixas diante de mim, diz o Senhor, deixará também a descendência de Israel. "A idéia principal da linguagem exaltada desta passagem é que o reino da lei, que reconhecemos na obra criativa de Deus, tem sua contraparte em Seu reino espiritual. A estabilidade e a permanência da ordem natural são a garantia e o penhor do cumprimento de Suas promessas a Israel, como um povo" (Ellicott, *in loc.*). Um elemento-chave do Novo Pacto é a perpetuidade de Israel como nação. No entanto, um propósito ainda superior está trabalhando na igreja, no Novo Pacto que a ela pertence. Não podemos equiparar o Novo Pacto de Jeremias ao pacto da graça, em Jesus Cristo, embora existam similaridades entre eles. Alguns intérpretes simplificam demais a questão, tornando os dois pactos um só. Mas, caros leitores, há uma diferença entre a igreja e Israel, embora ambas serão *salvas* pelo mesmo poder de Deus.

31.37

Se puderem ser medidos os céus lá em cima, e sondados os fundamentos da terra cá em baixo. A *imensidade* dos céus torna impossível qualquer

tentativa de medi-los. Nem mesmo nossa moderna astronomia tem obtido muito progresso quanto a isso. Além do mais, a própria terra e seus fundamentos estão prenhes de *mistérios* insolúveis. Se alguém pudesse lograr êxito ao medir o firmamento e desvendasse os segredos da terra, então Yahweh poderia abandonar Seu povo, algo visto como tão impossível quanto as tarefas imediatamente mencionadas. Portanto, à *perpetuidade* de Israel como nação (vs. 36), adicionamos a *perpetuidade do amor de Deus* pelo Seu povo, o que explica o eterno estado de bênçãos. Essas são provisões do Novo Pacto. Cf. este versículo com Jer. 33.22, que tem declaração semelhante. O *divino* está na imensidão dos céus; o *divino* está nos segredos da terra; o *divino* está na perpetuidade de Israel e no favor divino eterno.

Reconstruindo Jerusalém (31.38-40)

31.38

Eis que virão dias, diz o Senhor, em que esta cidade será reedificada. Com esta pequena seção termina o grande Livro do Consolo (a saber, os capítulos 30 e 31). Mas se esta seção é, por certo, um anticlímax ao elevado tema do Novo Pacto, que acaba de ser pronunciado, não há razão alguma para duvidarmos de que é obra de Jeremias. Ele acabara de considerar as bênçãos divinas sobre um Israel eterno, a "longo prazo", e chegava agora à tarefa em pauta, a reedificação de Jerusalém, depois de os exilados terem voltado do cativeiro. Ver uma situação quase paralela em Zac. 14.10-11. Esta breve seção, pois, apresenta outro aspecto do novo relacionamento entre Deus e Seu povo, em *antecipação* ao Novo Pacto.

Várias partes da cidade de Jerusalém são mencionadas simbolicamente, representando a cidade toda. Paralelamente à reconstrução material da cidade, haveria a reconstrução espiritual. E a reconstrução de todo o processo é vista como se apontasse para a reconstrução de Israel durante a era do Reino de Deus. O que é menor, portanto, torna-se símbolo do que é maior. "Essas promessas (vss. 31-40) esperam cumprimento futuro, durante o milênio" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Desde a torre de Hananeel. Esta era a esquina nordeste de Jerusalém (cf. Nee. 3.1; 12.39; Zac. 14.10). A "Porta da Esquina" provavelmente era a esquina noroeste da cidade (ver II Reis 14.13; Zac. 14.10-11). Considerando juntas as duas referências, vemos que a muralha norte de Jerusalém será restaurada. As quatro *esquinas* de Jerusalém são vistas nesta passagem: a esquina *nordeste* (Hananeel); a esquina *noroeste* (A Porta da Esquina); a esquina *sudeste* (Garebe); e a esquina *sudoeste* (Goa), mas as duas últimas não têm sido identificadas.

31.39

Até ao outeiro de Garebe, e virar-se para Goa. O outeiro de *Garebe* e *Goa* não são mencionados em nenhum outro trecho bíblico, mas as melhores conjecturas é que eles representam as esquinas sudeste e sudoeste de Jerusalém. Talvez *Goa* fosse o nome de uma colina ou de alguma característica geográfica específica conhecida pelos leitores de Jeremias. *Garebe* quer dizer "fragmentos" ou "crosta", que alguns intérpretes pensam referir-se a uma área fora da porta em questão, onde habitavam pessoas que tinham certa afecção cutânea (a *sara'at;* ver a introdução a Lev. 13, que provavelmente incluía a lepra). *Goa,* por sua vez, vem de uma raiz que significa "perder o fôlego" e podia referir-se ao esforço despendido para subir a colina. Isso favorece a idéia de que se tratava de outro outeiro. Alguns identificam Goa com o Gólgota, onde Jesus foi crucificado; mas parece que isso não passa de fantasia.

31.40

Todo o vale dos cadáveres e da cinza, e todos os campos até ao ribeiro Cedrom. O "vale dos cadáveres e da cinza" deve ser uma referência ao vale de *Hinom,* que ficava ao sul de Jerusalém. Sacrifícios de crianças foram praticados ali (ver Jer. 7.31-32; 19.2,6; 32.35; II Reis 23.10; II Crô. 28.3 e 33.6). Quanto a detalhes sobre esse local, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Hinom, Vale de.* Além disso, a medida da cidade devia estender-se a todos os campos até o ribeiro *Cedrom* (ver no *Dicionário*). Esse ribeiro ficava a leste de Jerusalém e unia-se ao vale de Hinom a sudeste da cidade. A "Porta dos Cavalos" também ficava no lado leste de Jerusalém (ver Nee. 3.28; II Reis 11.36). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Porta dos Cavalos.* Foi assim que a cidade inteira foi medida, a fim de ser reconstruída. Uma vez reedificada, ela será, uma vez mais, o Santuário do Senhor, quando então, com toda a razão, será chamada de *Cidade Santa.* Outrossim, nunca mais será arrancada como se fosse uma planta, nem será derrubada por inimigos estrangeiros, mas antes será uma cidade perpétua, tal como será perpétuo o território em redor (ver o vs. 36).

Capítulo Trinta e Dois

A Restauração de Israel e Judá é Ilustrada. A Compra de um Campo em Anatote (32.1-44)

Quanto ao pano de fundo histórico deste capítulo, ver o capítulo 37. A data da composição foi cerca de 587 A. C. Este capítulo segue, cronologicamente, o capítulo 37. Foi colocado aqui como uma maneira de validar os oráculos concernentes à restauração de Judá, que o antecedem.

"Este capítulo é importantíssimo no estudo das atitudes de Jeremias em relação ao futuro de Judá. Mediante a compra de um campo em Anatote, na época em que Jerusalém estava cercada e ele mesmo estava na prisão, o profeta demonstrou, inequívoca e dramaticamente, que a terra tinha futuro e não seria completamente destruída. E isso também é importante como exemplo da aplicação da lei da redenção, contida em Lev. 25.

A narrativa, ao que tudo indica, foi aqui colocada por causa de seu assunto, e não devido a considerações cronológicas. Da mesma forma que os capítulos 30 e 31 tratam especialmente do futuro de Israel (o reino do norte), assim este capítulo está preocupado com o futuro de Judá. Cronologicamente, este capítulo pertence quase ao fim do período da independência de Judá e poderia ser colocado entre os capítulos 37 e 38.

Há um paralelo na história romana que tem sido freqüentemente referido (pela primeira vez, ao que parece, por Grotius). Quando Hanibal estava acampado contra Roma, um prisioneiro disse-lhe que o terreno onde estava seu acampamento tinha acabado de ser vendido, sem nenhuma redução de preço (Lívio XXVI.11.6)" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

"*No décimo ano de Zedequias...* Somos transportados por um período de seis anos, desde a profecia de Jer. 28.1, ao ano de 588 A. C., quando a política de traições e intrigas de Zedequias provocou Nabucodonosor a cercar a cidade de Jerusalém no nono ano do reinado do monarca de Judá. O rei, irritado pelas contínuas predições de Jeremias, que previa sempre a derrota, aprisionou o profeta na masmorra do palácio, destinada a prisioneiros do Estado (ver Nee. 3.25). Não era permitido a Jeremias deixar a prisão, mas amigos podiam chegar até ele" (Ellicott, *in loc.*).

Um Mandamento de Yahweh (32.1-8)

32.1

Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, no ano décimo de Zedequias. A data foi o ano de 588 A. C., ou no fim do verão ou no começo do outono. O cerco de Jerusalém começou no princípio do mês de janeiro daquele mesmo ano, e a cidade caiu em agosto de 587 A. C. Zedequias tinha subido ao trono de Judá após a deportação de Jeconias (Conias, Joaquim, no *Dicionário*). Quanto às várias ondas dos ataques babilônicos, que sempre resultavam em deportação, ver as notas expositivas sobre Jer. 27.12. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Cativeiro Babilônico.*

32.2

Ora nesse tempo o exército do rei de Babilônia cercava Jerusalém. *Jeremias nunca cessou* suas profecias de condenação, o que Zedequias sumariou nos vss. 3-5. Talvez Zedequias tivesse uma tola superstição — se a boca de Jeremias silenciasse, o desastre poderia ser evitado. Jeremias foi detido e aprisionado no pátio da guarda do templo. Cf. Nee. 3.25. A prisão estava dentro dos limites da casa do rei. Jeremias tinha certa liberdade, e seus amigos podiam visitá-lo (vs. 12). A execução de Jeremias talvez fosse o designio final do rei, mas ele estava conduzindo a questão por estágios. Ver o capítulo 37 do livro de Jeremias quanto a outros estágios do aprisionamento do profeta. Após muitos dias de confinamento severo (Jer. 37.15), foi-lhe novamente permitido voltar à prisão mais suave, no átrio da guarda (Jer. 37.21). E quando Jeremias se tornou o centro de um alvo mais concentrado dos judeus, foi lançado em uma cisterna sem água. E o profeta teria morrido ali se Ebede-Meleque não tivesse intervindo em seu favor. Dali, foi posto novamente no pátio da guarda (ver Jer. 38.13). Jerusalém foi destruída, e ainda outra leva de judeus foi deportada para a Babilônia, incluindo o rei, Zedequias.

Jeremias foi tratado com humanidade pelos captores babilônicos e teve permissão de ir a Mispa, a nova capital de Judá, visto que Jerusalém tinha sido destruída. Então alguns judeus abandonaram a Palestina e fugiram para o Egito, forçando Jeremias a acompanhá-los (ver Jer. 43.6-7). São diversas as tradições sobre o que teria acontecido a Jeremias no Egito. Algumas dizem que Jeremias ficou alguns anos no Egito, em paz; mas outras afirmam que ele foi assassinado por judeus réprobos, no Egito. Ver no *Dicionário* o artigo geral intitulado *Jeremias (o Profeta).*

JEREMIAS NA PRISÃO

Tenha coragem, alma aflita!
Uma nova aurora afugentará esta noite.
Nesta vida caótica grandes ganhos
Seguem grandes perdas.
A vida é mais nobre que aprender
A sacrificar o trivial.
Um vidro de perfume fino exige
Que um campo inteiro de flores seja esmagado.
O arco-íris somente se mostra depois
Da tempestade feroz.
Se homens escolhidos nunca tivessem sofrido
No profundo silêncio imposto por Deus,
Nenhuma grandeza teria sido sonhada.

Russel Norman Champlin

Foi Ele quem me colocou nesta pequena gaiola,
Longe dos Jardins lindos.
Aqui devo cantar as canções mais doces
Porque foi Ele quem me colocou aqui.
A vontade do Criador proíbe que eu
Bata as grades com as minhas asas.
Pois levantará a minha voz para
O portão do céu,
E cantará mais alto ainda.

Annie Johnson Flint

A fé dos nossos pais ainda vive
A despeito de prisão, fogo e espada.
Como os nossos corações batem fortes
Quando ouvimos aquela palavra gloriosa.
Nossos pais acorrentados em prisões escuras
Ainda foram livres em coração e consciência.

Frederick W. Faber

32.3

Pois Zedequias, rei de Judá, o havia encerrado. Zedequias, para sua vergonha eterna, aprisionou o profeta por haver dito a verdade, tendo repelido suas profecias, consideradas "traiçoeiras", porquanto poderiam influenciar o povo a simplesmente render-se e entregar-se aos babilônios. De fato, era exatamente isso o que Jeremias exortava o povo de Judá a fazer (ver Jer. 27.12-13). Não há evidência, entretanto, de que Jeremias tenha sido capaz de influenciar algum indivíduo do povo judeu a seguir seus conselhos. Outrossim, resistir aos babilônios era uma tarefa impossível, mas, se o povo de Judá se tivesse rendido, talvez tivessem evitado a total destruição de Jerusalém, a morte de muitos e a deportação final do povo para a Babilônia.

Alguns intérpretes pensam que o vs. 3 reflete o aprisionamento narrado em Jer. 37.15, onde o profeta Jeremias sofreu severamente. A Yahweh sempre foi dado o crédito pelo ataque do exército babilônico, cujo propósito era expurgar Judá de sua idolatria-adultério-apostasia. Pelo menos, um pequeno remanescente seria produzido dentre a escória, e alguma prata serviria para que houvesse um novo começo de Israel, terminado o cativeiro.

Os babilônios tinham levantado temporariamente o assédio, quando o exército egípcio ameaçou intervir (ver Jer. 37.11). Tirando vantagem daqueles momentos de paz, Jeremias tentou retirar-se para o território de Benjamim, dirigindo-se à sua terra natal, Anatote (ver Jer. 37.12). No entanto, ele foi apanhado antes de iniciar a viagem, acusado de fugir para os babilônios, em busca de asilo. Foi então que começou o período mais severo de seu aprisionamento.

32.4

Zedequias, rei de Judá, não se livraria das mãos dos caldeus. O rei Zedequias sabia que as profecias de Jeremias prediziam um mau fim para ele. Ele seria levado ao cativeiro; teria de encarar o rei da Babilônia face a face; e esse encontro seria muito adverso para Zedequias. Jer. 39.6-7 mostra que os filhos de Zedequias foram mortos diante de seus olhos, em Ribla, na Babilônia, e, ato contínuo, Zedequias foi cegado.

A própria cidade de Jerusalém foi devastada e o templo foi incendiado. Somente os elementos mais pobres e desgraçados do povo de Judá foram deixados na Terra Prometida, porquanto esses dificilmente se levantariam em revolta contra os babilônios. Joaquim, que tinha sido aprisionado, permaneceu preso na Babilônia pelo período de trinta anos. Quando foi solto, recebeu favor (ver Jer. 52.31); contudo, não há menção a Zedequias, que aparentemente morreu no cativeiro babilônico. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Zedequias*.

32.5

E que levaria Zedequias para Babilônia onde estaria até que o Senhor se lembrasse dele. Este versículo subentende que uma *visitação divina* livraria Zedequias de seu aprisionamento e melhoraria suas condições. Todavia, não há registro sobre nenhum acontecimento dessa natureza, e alguns intérpretes afirmam que, neste ponto, Zedequias é confundido com Jeconias (Conias, *Joaquim*; ver Jer. 52.31). Jer. 52.11 afirma que Zedequias morreu na prisão. Talvez ele tenha morrido de morte natural, não sendo mais perseguido; e isso pode ser considerado certa medida de graciosa visitação divina. Se ele recebeu um *sepultamento honroso*, isso seria suficiente para explicar a promessa, mas não dispomos de registro que o confirme.

32.6-7

Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Eis que Hananeel, filho de teu tio Salum, virá a ti. *O Oráculo Continua.* Yahweh fala e adiciona detalhes. O vs. 6 reinicia o que já tinha sido dito no vs. 1, e poderíamos considerar um parêntese os vss. 2-5. "O profeta... voltou a declarar qual fora a palavra do Senhor, naquela oportunidade" (John Gill, *in loc.*). O primo de Jeremias, *Hananeel* (ver a respeito no *Dicionário*), vendeu um campo a Jeremias, antes que os babilônios cercassem a cidade de Jerusalém. Esse foi um *ato simbólico*, mostrando a fé de que os negócios finalmente voltariam ao normal, em tempos normais. Jeremias, o comprador, a despeito das calamidades do momento, tornou-se proprietário daquelas terras. Hananeel, levita que era, não podia vender terras pertencentes à casta sacerdotal; ou então, nesse tempo, o preceito de Lev. 25.34 havia caído em desuso. Porém, é possível que aquelas terras pertencessem ao lado materno de sua família. E, nesse caso, poderiam ser vendidas.

As terras eram em Anatote, cidade sacerdotal que também era a terra natal do profeta. Anatote já estava em poder dos babilônios, pelo que a transação toda parecia uma insensatez. Jeremias, entretanto, demonstrou sua fé em um novo dia. Infelizmente, para ele, o novo dia não veio em seu período de vida. Ele terminou a vida no Egito. Entretanto, é provável que o terreno tenha ficado como herança para algum parente próximo (ver o vs. 8).

A quem pertence o direito do resgate. Ou seja, caso a terra tivesse sido vendida a outrem, tornar-se-ia evidente que Jeremias deveria ter feito a compra, pois ele, como parente próximo, estava obrigado a comprá-la, para que não passasse à posse de outra tribo e família. Temos nisso o direito do *goel* (ver a respeito no *Dicionário;* e ver Lev. 25.25). No ano do jubileu, o terreno voltaria ao antigo proprietário (ver Lev. 25.13).

32.8

Veio, pois, a mim, segundo a palavra do Senhor, Hananeel. Jeremias viu a mão de Yahweh no desejo de seu parente, seu *primo* (diz a Revised Standard Version: "filho do meu tio"). O profeta calculou que o oferecimento da terra significava que as coisas eventualmente se normalizariam em Jerusalém, motivo pelo qual não hesitou em fechar o negócio, ainda que naquele momento Anatote estivesse sob o domínio babilônio. O profeta, uma vez levado para o Egito, nunca fez coisa alguma quanto ao terreno que comprara, mas talvez algum parente próximo o tenha herdado, e isso teria justificado a fé do profeta no futuro. O requerimento da lei era que as terras fossem conservadas dentro da linhagem familiar (ver Lev. 25.25 ss.). Isso foi satisfeito, e as coisas se normalizaram, de fato, passados os *setenta anos* (Jer. 25.11-12; 29.10).

O Ato da Compra (32.9-15)

32.9

Comprei, pois, de Hananeel, filho de meu tio, o campo que está em Anatote. Convencido de que Yahweh lhe estava dando um sinal favorável, Jeremias avançou e comprou a terra, pagando 17 siclos de prata, ou seja, cerca de 200 gramas. A quantia era pequena (cf. Gên. 23.12-16), mas o campo pode ter sido pequeno, e Hananeel estava ansioso para vendê-lo. Quanto ao *siclo*, ver as notas expositivas sobre Êxo. 30.13 e Lev. 27.25. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dinheiro*. Talvez o primo de Jeremias precisasse daquele dinheiro para alimentar-se, pois os babilônios tinham saqueado a nação inteira. É evidente que Jeremias possuía algumas economias e alguma fonte de renda; mas sobre isso não temos informação.

32.10

Assinei a escritura, fechei-a com selo, chamei testemunhas... Talvez esteja em vista aqui alguma forma de documento escrito em papiro ou vellum, embora alguns eruditos pensem estar em pauta algum tipo de tablete de argila, com escrita cuneiforme. O documento, sem importar qual, foi posto em um envelope (caixa?) para proteção. Os arqueólogos têm descoberto grande número de tabletes de argila, mas documentos escritos em papiro ou vellum também não são raros. Um cordão provavelmente amarrava o receptáculo, que então era cuidadosa e apropriadamente selado com algum tipo de selo, como um pouco de argila. O hebraico em escrita cursiva estava em uso na época, e essa pode ter sido a forma de escrita empregada. O vs. 11 mostra-nos que havia duas cópias do documento da transação e também testemunhas do processo, no caso de surgir alguma dúvida algum tempo depois. A prata foi pesada e a transação foi feita, documento por dinheiro, e então a terra foi declarada de Jeremias. O ato de *pesar* a prata mostra que as moedas ainda não estavam em uso corrente em Israel.

32.11-12

Tomei a escritura da compra, tanto a selada... como a cópia aberta. Havia duas cópias das escrituras de compra e venda, uma selada e outra deixada aberta, para facilitar futuras confirmações do processo. Baruque, amanuense de Jeremias, recebeu o documento para guardá-lo. As duas cópias da transação foram guardadas em uma jarra, para melhor preservação. Ao que tudo indica, não havia cartório na cidade para preservação de documentos, conforme se vê hoje em dia. As testemunhas acompanhavam cuidadosamente todo o processo, garantindo assim o futuro. A maneira elaborada como esses negócios eram conduzidos mostra que a desonestidade havia penetrado nessas questões. Poucas coisas, no mundo dos negócios, são mais desconcertantes do que comprar terras ou casas somente para descobrir, no fim, que o comprador não é o proprietário, e que o dinheiro se perdeu.

Baruque. Ver sobre ele o artigo com esse nome, no *Dicionário,* primeiro ponto. Esta é a primeira menção ao secretário de Jeremias no livro. Dou amplos detalhes sobre ele no artigo, e não repito aqui essa informação.

32.13-14

Perante eles dei ordem a Baruque. Jeremias ordenou, perante as testemunhas, que seu amanuense efetuasse a negociação em boa ordem, assegurando

que tudo estaria bem nos anos vindouros. As *evidências* (as duas cópias) da transação deveriam ser guardadas em segurança em jarras de barro. Já que o documento tinha duas cópias, uma delas era mantida selada, e a outra era deixada sem selo, para confirmação posterior, se necessário fosse. Ambas as cópias foram postas na jarra, e podemos presumir que um selo de argila também foi colocado ao redor da circunferência da boca da jarra, para vedá-la, de modo que nem ar nem água pudessem entrar.

O costume de guardar coisas em *jarras de barro* permitiu aos arqueólogos de hoje fazer significativas descobertas, incluindo os Papiros do Mar Morto. Uma jarra bem selada guardava o conteúdo em seu interior de maneira quase indestrutível, contanto que não fosse quebrada.

Jeremias sentia-se tão ansioso sobre a questão toda que fez um juramento pelo divino nome de poder, que ele costumeiramente usava ao introduzir algum oráculo: *Yahweh-Sabaote-Elohim,* o Eterno Senhor dos Exércitos Deus Todo-poderoso. Ver Jer. 28.2 sobre isso. O próprio Jeremias não seria beneficiado por essa transação, mas seus herdeiros seriam (vs. 15), o que mostra que a questão toda era muito importante para ele. Ademais, havia um *significado espiritual* em tudo aquilo que o inspirara a envolver-se na negociação. Grande abundância de documentos de papiro foi encontrada em vasos de barro, em bom estado de preservação em Elefantina (no Egito), e em várias outras localidades. A preocupação de Jeremias com a preservação do documento estava em harmonia com sua predição de que o cativeiro se prolongaria por setenta anos. E é provável que ele também soubesse que não estaria mais vivo para ver as terras cair nas mãos de seus herdeiros.

32.15

Ainda se comprarão casas, campos e vinhas nesta terra. *O Sentido Espiritual da Transação Feita por Jeremias.* Jeremias não estava fazendo um investimento. Ele estava efetuando um ato simbólico. Chegaria o tempo em que as coisas voltariam ao normal na nação de Judá. Judá não continuaria para sempre sob o domínio babilônico. O Deus Todo-poderoso (*Yahweh-Sabaote-Elohim*) garantiu que a paz retornaria à nação de Judá. E então os negócios voltariam à normalidade. Embora os babilônios, na oportunidade, estivessem controlando todas as coisas, as casas, as terras e os vinhedos voltariam a ser *possuídos* pelos judeus, terminado o cativeiro. Então os herdeiros de Jeremias recuperariam o que lhes pertencia. Sem dúvida, foram baixadas instruções concernentes à jarra de barro, e esse conhecimento seria compartilhado pelos herdeiros potenciais do profeta.

O Compromisso. Se as profecias de Jeremias por certo eram entristecedoras, contudo haveria, não muito distante, um dia melhor, que já estava por trás do horizonte. A negociação de compra era o *compromisso,* feito por Jeremias, de que haveria um dia melhor, não muito distante.

A Oração de Jeremias (32.16-25)

32.16

Depois que dei a escritura da compra a Baruque, filho de Nerias, orei ao Senhor. Esta elaborada oração desenvolve o *lado espiritual* da compra de um terreno, relatada nos vss. 9-15. O Senhor, o Deus de Poder, *Yahweh-Sabaote-Elohim* (vss. 14-15) é o controlador do destino humano. Ver Isa. 13.6, onde anoto esse conceito. Ele é o Deus teísta, que não somente criou, mas também continua intervindo nas atividades humanas, como fez quando libertou o povo de Israel da terra do Egito, e como fará quando anular todos os efeitos da dispersão romana, no início do milênio. Deus não se mostra indiferente, conforme o conceito deísta, que ensina que Deus abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Teísmo* e *Deísmo.*

Assim sendo, essa oração de Jeremias louva a Deus por Sua grandeza, e também porque a grandeza de Deus é posta a serviço dos homens, visando o benefício deles. Deus castiga o pecado, mas também aplica Sua fidelidade ao pacto, e ainda aplica Seu famoso amor, tendo em vista o benefício dos homens. Encontramos oração similar em Nee. 9.6-38. A terminologia desta oração acompanha o linguajar do livro de Deuteronômio. Note o leitor como o profeta se dirigiu a Deus de modo semelhante ao que se vê em Sal. 103. Ver também Esd. 9.5-15; Isa. 37.16-20; Dan. 9.4-19 quanto a orações intercessórias das quais o texto presente é um notável exemplo.

Terminado o negócio relativo à compra de um terreno, Jeremias, tendo entregue aos cuidados de Baruque o documento de compra, sentiu-se inspirado a enviar uma oração anelante a Yahweh, que se segue, nos vss. 17-25. "E que oração! Quão pesado é o assunto; que sublimidade de expressões, profunda, repleta de veneração, de conceitos justos, de unção divina, de pedidos poderosos, de força de fé. É uma oração histórica, sem ser enfadonha; é condensada, sem obscurantismos... reconhecendo a justiça de Deus em ferir e destruir, mas sem jamais esquecer a infinita bondade de Deus, que restaura" (Adam Clarke, *in loc.*).

32.17

Ah! Senhor Deus! eis que fizeste os céus e a terra com o teu grande poder e com o teu braço estendido. Yahweh é o *Deus da criação.* O ato divino mediante o qual o Senhor trouxe à existência todas as coisas sempre foi usado pelos hebreus piedosos para ilustrar o *poder* e a *providência* de Yahweh. Foi o *braço* de Yahweh que trouxe todas as coisas à existência. Ver sobre *braço,* em Sal. 77.15; 89.10 e 98.1. Ver sobre *mão,* em Sal. 81.14; e ver sobre *mão direita* em Sal. 20.6. Nada existe de difícil demais para Deus (cf. este versículo com o vs. 27 e com Gên. 18.14; Zac. 8.6 e Luc. 1.37). Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Onipotência de Deus* e *Atributos de Deus.* A providência divina, em seus aspectos negativo e positivo, é ilustrada nesta oração e serve de essência do teísmo bíblico. Ver no *Dicionário* os artigos *Providência de Deus* e *Teísmo.*

32.18

Tu usas de misericórdias para com milhares, e retribuis a iniqüidade dos pais nos filhos. Embora Deus seja um Deus justo, o que significa que Ele deve punir o mal, contudo, Seu poder de punir nunca fica sem o tempero da misericórdia. Ele aplica Seus castigos com amor, porquanto Ele é o Deus do amor constante (no hebraico, *hesed*). O pecado é castigado de maneira tal que a culpa dos pais passa para os filhos, e ambos são punidos. Cf. Jer. 31.29-30, onde ambos os princípios, de que os filhos sofrem pelos pais e de que cada qual sofre pelos seus próprios pecados, são discutidos. Ver Êxo. 20.5 quanto ao sofrimento (morte) pelos pecados dos pais; e quanto aos sofrimentos (morte) pelos próprios pecados, ver Deu. 24.16 e Eze. 18.20.

O povo em relação de pacto com Deus era como se fosse um só homem na presença de Yahweh. Pecados nacionais causavam castigos nacionais, e assim, com freqüência, de geração em geração, os mesmos pecados eram cometidos e castigados de maneira similar. Mas havia muitos pecados pessoais que também requeriam castigos especialmente dirigidos a indivíduos. O Grande e Poderoso Deus, o Senhor dos Exércitos, era ao mesmo tempo o grande Exator e o grande Benfeitor. Seu poder não tem limites e, assim sendo, não há casos difíceis demais para Ele castigar ou recompensar. Ademais, a onisciência divina garante a aplicação apropriada do castigo ou da recompensa, e esse é o tema do versículo seguinte.

32.19

Grande em conselho e magnífico em obras. A *onisciência de Deus* (ver a respeito no *Dicionário)* guia tanto Sua providência negativa quanto Sua providência positiva. Além disso, a onipotência divina põe em operação apropriada Seus conselhos. Seus olhos, que a tudo vêem, nada perdem, e Ele está sempre sondando o coração e a vida dos homens. Deus sabe a quem castigar e a quem abençoar.

Aceita a enormidade do castigo,
Com a mesma face com que antigamente
Aceitava a delícia do pecado.

(Olavo Bilac, Rio de Janeiro)

Para dar a cada um segundo o seu proceder. Cf. esta parte do versículo com Gál. 6.7-8, e ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O profeta avançou do castigo contra os *pecados coletivos* (vs. 18) para o castigo contra os *pecados individuais* (vs. 19). Os olhos de Deus, que a tudo vêem (ver Jó 34.21; Pro. 5.21), garantem a propriedade e a justiça do julgamento universal dos homens e das nações.

32.20

Tu puseste sinais e maravilhas na terra do Egito até ao dia de hoje. *Precedente Histórico.* Uma das ilustrações favoritas do poder benéficente de Deus, em favor de Seu povo, foi o livramento dos filhos de Israel "do Egito", tema repetido por mais de vinte vezes no livro de Deuteronômio. Quanto a isso, ver Deu. 4.20. Esse foi um de Seus sinais e maravilhas no Egito, sob a forma das dez pragas. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito.* O que transpirou no Egito foi apenas um pequeno exemplo do que Deus estava fazendo o tempo todo, ao longo da história humana, e haveria sinais específicos do livramento de Judá da Babilônia, outro incidente de salvação nacional. O incidente da compra do terreno (vss. 9-15) tinha por finalidade ilustrar isso mesmo, e também o fato de que, algumas vezes, os homens não têm de esperar muito tempo para ver o braço de Yahweh realizar algum grande feito. Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

O Nome de Deus. O nome e a reputação de Deus são fomentados entre os homens por causa de Suas obras. O nome representa a pessoa e os atributos de

Deus, mas aqui significa essencialmente a Sua *reputação*. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3; e sobre *nome santo*, em Sal. 30.4 e 33.21. Cf. Êxo. 9.16; I Crô. 17.21 e Isa. 63.12. Yahweh obtinha louvores, glória e honra e era *temido* por causa das coisas que Ele fizera, que dirigiam a história das nações, e não apenas de indivíduos.

A tradução da NCV é bastante vívida e clara aqui: "Senhor, Tu fizeste milagres e coisas maravilhosas na terra do Egito. Tu te tens mantido a fazer essas coisas até hoje. Fizeste milagres em Israel e entre outras nações. Tu te tornaste bem conhecido".

32.21

Tiraste o teu povo Israel da terra do Egito, com sinais e maravilhas. Este versículo é uma expansão do versículo anterior: os sinais e as maravilhas (Deu. 4.34; 26.8; 29.3; 34.11) resultaram no livramento da servidão egípcia. Foi a forte mão de Yahweh e Seu braço estendido que realizaram o feito. Cf. o vs. 17, onde dou referências ao braço, à mão e à mão direita de Deus. E aqui foi adicionada a questão do *grande terror* causado pelas pragas. As idéias restantes, cubro nas notas sobre o vs. 20. Em vez de "terror", o Targum diz "grande visão", ou seja, a obra foi realizada como grande espetáculo na presença de todos. A versão siríaca diz "abertamente", ou seja, defronte dos olhos de todos.

32.22

E lhes deste esta terra, que com juramento prometeste a seus pais. O próximo passo do triunfo divino foi a doação da Terra Prometida a Israel, como Sua herança (ver Jos. 1.6; Juí. 2.6). Isso aconteceu em cumprimento das promessas dirigidas aos pais, no *pacto abraâmico* (ver Gên. 15.18). A Terra Prometida era um território rico, que transbordava leite e mel (ver Êxo. 3.8,17; 13.5; 33.3; Lev. 20.24; Núm. 13.27; Deu. 6.3; 11.9; 26.9,15; Jos. 5.6). A ênfase recai sobre a ampla provisão, possibilitada pela poderosa mão de Yahweh. Essa mão também reverteria o cativeiro babilônico, de tal modo que o povo de Deus possuiria novamente a Terra Prometida.

32.23

Entraram nela, e dela tomaram posse, mas não obedeceram à tua voz. Tendo chegado à Terra Prometida, começou um processo de *degeneração* que levou Israel (e também a posterior nação de Judá) a uma idolatria-adultério-apostasia crônica, pela qual o povo de Deus pagou elevado preço, especialmente no cativeiro assírio, do reino do norte, Israel, e no cativeiro babilônico, do reino do sul, Judá. A lei era o guia do povo de Deus (ver Deu. 6.4 ss.), e a *obediência à lei* era o *modus operandi* da espiritualidade. Sem essa obediência, o povo de Deus se paganizava. Um Israel-Judá paganizado teve de sofrer os severos castigos que vieram. "A nação violou o pacto com o Senhor. Deus foi forçado a exibir Seu poder e justiça, quando impôs os desastres que Suas maldições exigiam, o que incluiu a invasão e a deportação. Cf. Lev. 26.14-39; Deu. 28.15-68" (Charles H. Hyatt, *in loc.*). A lei da colheita segundo a semeadura teve de ser satisfeita (ver Gál. 6.7-8). "A punição deles foi, assim, exatamente comensurável com o pecado deles. Não foi uma punição fortuita" (Fausset, *in loc.*). O pacto mosaico foi quebrado, e assim sobrevieram as maldições ameaçadas em Deuteronômio. Ver sobre o pacto na introdução a Êxo. 19. Quanto às *maldições*, ver Deu. 27.15 ss.

32.24

Eis aqui as trincheiras já atingem a cidade, para ser tomada. Tendo oferecido essa perspectiva histórica, o profeta olhou agora para os campos em volta de Jerusalém, e viu as *trincheiras* que o exército babilônico já havia construído. O ataque estava próximo, e a cidade certamente cairia. Essa era a maldição há muito prevista, mas ignorada por Judá por todo esse tempo. A *terrível tríade* — espada, fome e pestilência — não demoraria a expulsar a vida de Judá e, especialmente, de Jerusalém, o ponto de ataque central. Quanto à *terrível tríade*, ver também Jer. 14.12; 21.7; 24.10; 27.8 e 29.17. Os muitos convites ao arrependimento tinham sido ignorados, pelo que as temidas predições haveriam de ser cumpridas. Foi uma visão terrível que os judeus tiveram de contemplar. O exército babilônico estava nos portões de Jerusalém. Jeremias contemplava o mesmo terror. Foi assim que o profeta convidou Yahweh a observar a cena, pois, afinal, Ele era a Causa de tudo, porquanto tinha ordenado que isso deveria acontecer.

32.25

Contudo, ó Senhor Deus, tu me disseste: Compra o campo por dinheiro. A *fé do profeta* no futuro de Jerusalém hesitou, quando ele viu o ataque dos babilônios. As coisas pareciam desesperadoras. Este versículo refere-se novamente à compra do campo (vss. 9-15), o que simbolizava a esperança de que, em futuro não muito distante, o cativeiro seria revertido e as coisas voltariam ao normal. Era difícil acreditar, no momento da tragédia, que as coisas fossem normalizadas. Yahweh replicou (vss. 26-44) e afirmou a restauração após uma provação severa.

A Réplica de Yahweh (32.26-44)

32.26

Então veio a palavra do Senhor a Jeremias. "A resposta de Deus (vss. 26-44) sumaria a interpretação de Jeremias (e a deuteronômica) sobre os eventos críticos, contemporâneos. Após um resumo da idolatria de Judá — incenso, vinho e azeite oferecidos dos eirados (Jer. 19.13); mostrando a pecaminosidade comparativa entre Israel e Judá (3.6-11); sacrifícios humanos (7.30-32), e sua indiferença teimosa diante das advertências de Deus (17.21-23); sua iminente destruição (declarada nos termos convencionais de espada, fome e pestilência; 14.11-12; 21.7) são coisas afirmadas. A presente seção conclui com certeza de restauração, primeiramente no tocante ao Novo Pacto (Jer. 31.31-34) e então no tocante às trocas e possessões de propriedades (vss. 42-44)" (*Oxford Annotated Bible*, falando da seção dos vss. 26-44).

Uma resposta muito necessária foi dada ao desespero do profeta (vs. 25), de que as coisas jamais poderiam normalizar-se, em vista do que estava acontecendo. O oráculo assegurou ao profeta que coisa alguma é difícil demais para Yahweh (vs. 17), porquanto Ele reverterá todos os males e restaurará Jerusalém, quando isso combinar com a *cronologia divina*, que controla todos os acontecimentos humanos.

32.27

Eis que eu sou o Senhor, o Deus de todos os viventes. *Yahweh* é o Poder (Elohim = Todo-poderoso), o qual controla toda a carne; assim, a mudança e a reversão sempre serão possíveis. Coisa alguma é difícil demais para Ele (vs. 17) e, dessa forma, podem ocorrer muitas surpresas. O profeta Jeremias, pois, podia depender da mensagem profética, mesmo que as presentes circunstâncias parecessem indicar que tudo tinha caído em uma situação irrecuperável. Ver as notas sobre Isa. 13.6 quanto à declaração teísta de que Deus controla todos os acontecimentos humanos. Ver também, no *Dicionário*, os artigos intitulados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus*. "Foi assegurado ao profeta que ele não estava equivocado quando se lançou, em plena confiança de fé, sobre a amorosa onipotência de Deus" (Ellicott, *in loc.*, remetendo ao incidente da compra do terreno).

32.28

Eis que entrego esta cidade nas mãos dos caldeus, nas mãos de Nabucodonosor. As profecias que previam desastres tinham de ser cumpridas. Yahweh, o Poder que dirige os eventos humanos, deveria primeiramente entregar Jerusalém (e toda a nação de Judá) nas mãos do rei Nabucodonosor e do exército babilônico, porquanto era a isso o que Judá tinha obrigado o Deus Todo-poderoso a fazer, mediante sua longa história de idolatria-adultério-apostasia. As profecias de condenação que enchem este livro tinham de ser cumpridas, porquanto era através do julgamento que a restauração seria efetuada. Ver os vss. 3-5 deste mesmo capítulo.

32.29

Os caldeus, que pelejam contra esta cidade, entrando nela, porão fogo a esta cidade. Jerusalém, com suas casas, edificações suntuosas e o próprio templo, seria consumida pelo fogo. Sim, seriam incendiadas até as residências cujos eirados planos serviam como locais onde o incenso era queimado em honra aos deuses de nada dos pagãos Cf. Jer. 19.13, onde encontramos essa informação. Os judeus queimavam incenso aos deuses-estrelas nos eirados; e assim, os babilônios foram enviados para tocar fogo nas casas ofensoras. Dessa forma, com um toque de tremenda ironia, a voz de Yahweh afirmou o *modus operandi* do julgamento. Haveria retribuição conforme a natureza dos pecados; a operação da *Lex Talionis* (ver no *Dicionário*). Cf. o julgamento de fogo deste versículo com Jer. 21.10; 34.2,22; 37.8,10; 38.18,23. Uma tola idolatria é que tinha provocado tão drásticas medidas divinas.

32.30

Porque os filhos de Israel e os filhos de Judá não fizeram senão mal perante mim. Desde o tempo em que Israel e Judá eram nações jovens, o riacho da corrupção fluía de tal maneira que era difícil encontrar algum bem em ambas as nações. Os olhos de Yahweh eram continuamente chocados pelo que viam, e não havia redenção à vista, mesmo para o escrutínio divino. Eles provocavam continuamente Yahweh, que, finalmente, teve de invocar as chamas da Assíria e da Babilônia para pôr fim a toda a confusão. "Eram pecadores mais do que todos

os outros, mostrando-se excessivamente idólatras. Suas *mãos* é que haviam formado os *objetos* que eles adoravam" (Adam Clarke, *in loc.*). Eles agiam como tinham agido os homens pouco antes do dilúvio, nos quais não se achou coisa alguma que os redimisse. Estavam totalmente entregues ao mal (ver Gên. 6.5 e 8.21). Ver no *Dicionário* o artigo geral denominado *Idolatria*, que apresenta algum material ilustrativo.

32.31

Porque para minha ira e para meu furor me tem sido esta cidade. Jerusalém, a capital primeiramente do reino unido e, depois, de Judá, era a cidade líder em atos de rebeldia e idolatria de tal maneira que a ira de Yahweh foi ali especialmente despertada. À semelhança das nações de Israel e Judá, as corrupções começaram a dominar bem cedo sua história, continuando sem mitigação até o dia em que Nabucodonosor incendiou a cidade. Yahweh não mais podia suportar a visão do lugar, tão cheio de desgraças e abominações estava; e, assim sendo, Deus removeu dali seus habitantes. O próprio templo estava repleto de ídolos abomináveis (7.30; Eze. 8.3-16). Portanto, os judeus tinham perdido todo o senso de propriedade espiritual. O verdadeiro senso do Ser divino foi substituído pelo mais vil paganismo. "... *para que eu a removesse,* conforme faz um homem com algo que lhe causa náuseas e é abominável; o significado dessas palavras é a remoção dos habitantes da cidade para a Babilônia, para o cativeiro, conforme explica o Targum" (John Gill, *in loc.*).

32.32

Por causa de toda a maldade que fizeram os filhos de Israel e os filhos de Judá. Aqui as acusações juntam Israel, Judá e Jerusalém sob uma única acusação pungente. *Todas as classes* de pessoas daqueles lugares (parcialmente enumerados) se tinham corrompido juntamente: os reis, os príncipes, os sacerdotes, os profetas e os habitantes de modo geral. Até as crianças participavam das práticas idólatras (ver Jer. 7.18). Salomão, filho de Davi, foi o primeiro dos reis a voltar-se para uma franca idolatria. Portanto, foi ali, durante o reino unido de Israel, que a apostasia começou. E temos de relembrar que foi Salomão quem construiu o templo de Yahweh! Mesmo durante a época áurea de Jerusalém, a corrupção moral já tinha lançado raízes profundas. A sede da adoração a Yahweh, quase do começo, já estava poluída.

32.33

Viraram-me as costas, e não o rosto. Embora o réprobo povo de Judá tivesse a lei mosaica, que lhes servia de *guia* (ver Deu. 6.4 ss.) e era a fonte dos ensinos espirituais que tornavam Israel uma nação *distinta* (ver Deu. 4.4-8), o povo de Judá conseguiu voltar as costas, e não o rosto, para Yahweh. Em outras palavras, eles rejeitaram ao Senhor, em vez de recebê-Lo. Os ensinamentos na lei tinham sido feitos com diligência, porquanto Yahweh madrugara para administrá-los. Não houve negligência da parte de Deus. Quanto à metáfora de "levantar-se cedo pela manhã" (usualmente aplicada à diligência demonstrada pelos profetas), ver Jer. 7.13; 11.7; 25.3-4; 26.5; 29.19; 35.14-15 e 44.4. Nenhuma oportunidade para ensinar se perdeu; o conhecimento de Deus foi apresentado. Mas tais privilégios foram negligenciados e rejeitados voluntariamente. Uma instrução persistente, que se propunha a gerar resultados, não conseguiu modificar as atitudes daqueles pecadores endurecidos, que mostraram ser os piores estudantes de que se tinha notícia. Eles exibiam notável resistência ao aprendizado. A referência ao ato de levantar-se cedo pela manhã pode subentender que, como regra geral, o *ensino* era efetuado cedo a cada manhã.

32.34

Antes puseram as suas abominações na casa que se chama pelo meu nome. O próprio templo de Jerusalém foi alvo das abominações de ídolos, pois os sacerdotes e profetas de Judá criaram um *sincretismo* doentio, segundo o qual Yahweh era apenas mais um dos deuses do panteão. Cf. Jer. 7.30; Eze. 8.3-16, onde encontramos a mesma informação. O templo era o lugar especial onde o nome de Yahweh deveria ser honrado, mas o *povo de Deus* fez com que a honra de Deus fosse envergonhada. Ver sobre *nome*, em Sal. 31.3; e ver sobre *nome santo* em Sal. 30.4 e 33.21.

32.35

Edificaram os altos de Baal, que estão no vale do filho de Hinom. Continuando as descrições da versátil idolatria de Judá, Jeremias nos lembra da adoração a Baal (ver sobre esse deus, no *Dicionário*), efetuada nos *lugares altos* (ver também no *Dicionário*). A adoração a Baal incluía o sacrifício de crianças (ver sobre *Moleque, Moloque* quanto a informações completas). Este versículo, pois, descreve a *total depravação* do povo de Deus, naquela época. Cf. Jer. 7.31-32, trecho similar onde ofereço notas expositivas adicionais que iluminam o texto presente. Ver também Jer. 19.5-6, passagem essencialmente idêntica.

32.36

Agora, pois, assim diz o Senhor, o Deus de Israel. O castigo para tão terrível e franca idolatria-adultério-apostasia era a terrível *tríade,* espada, fome e pestilência, administrada por meio do exército da Babilônia. Cf. com Jer. 14.11-12; 21.7; 24.10; 29.17, onde a terrível tríade também é citada . Essa era uma maneira convencional de alguém referir-se ao que sucede na guerra e às conseqüências da guerra.

32.37

Eis que eu os congregarei de todas as terras, para onde os lancei na minha ira. A catástrofe que foi o ataque do exército da Babilônia não assinalou o fim da história. Deus escreveria um *fim surpreendente.* Haveria a restauração do povo de Israel não somente do cativeiro babilônico, mas também de todo e qualquer cativeiro, incluindo a temida dispersão romana. Haverá grande *recolhimento* do povo de Israel (cf. Eze. 37.1-14), quando Israel se tornar a cabeça das nações. Os julgamentos ao longo do caminho seriam agentes remediais que garantiriam o bom, surpreendente e final capítulo da história. Cf. Jer. 31.1-17, onde temos eloqüente declaração da restauração. Os filhos de Israel habitarão em *segurança* na Terra Prometida, e isso quase certamente fala sobre a era do Reino, o que significa que a profecia à nossa frente é escatológica. "A expressão *todas as terras* implica uma futura restauração de Israel mais universal do que aquela de Babilônia" (Fausset, *in loc.*). Cf. Jer. 29.14.

32.38

Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Esta é uma frase repetida com freqüência para representar a comunhão entre Yahweh e Israel, conforme vemos em Jer. 24.7; 30.2 e 31.33, onde também a comento. É uma espécie de minúsculo sumário do pacto da graça. Sobre essas palavras está escrita a frase *Lo-ammi, tu és meu povo.*

Trata-se de uma frase distintiva, mostrando quão especial é o povo de Israel, um povo separado do paganismo. Isso vem por meio da lei (ver Deu. 4.4-8).

32.39

Dar-lhes-ei um só coração, e um só caminho, para que me temam todos os dias. Israel, como povo *distinto* entre as nações, receberá seu coração espiritual da parte de Yahweh. Esse coração será um só, pois a nação toda se unirá sob a mesma fé, um yahwismo puro, livre do sincretismo que assinalou o passado apostatado (vs. 34). O povo de um só coração também terá um só caminho espiritual. Isso estará alicerçado sobre o "temor do Senhor", expressão veterotestamentária que indica *espiritualidade.* Ver as notas a respeito em Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também no *Dicionário* o verbete intitulado *Temor.* Tendo eles entrado no caminho único dotados de um só coração, o *bem* lhes sobrevirá, como também aos seus filhos, conforme o tempo rolar de geração para geração. "Deus nunca deixará de fazer o bem a Seu povo, e eles nunca mais se desviarão dele" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Sal. 34.12,14: "Quem é o homem que ama a vida...? Aparta-te do mal, e pratica o que é bom".

Quanto aos caminhos dos bons e dos maus, contrastados, ver as notas expositivas em Pro. 4.27.

32.40

Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem. O povo dotado de um coração novo, que caminha por uma única vereda espiritual, participará do Novo Pacto, o que comento em Jer. 31.31. Neste versículo o pacto é chamado de "eterno". Estará baseado no *temor do Senhor* (também repetido com base no vs. 39, onde comento a frase). Visto que esse temor será posto no coração do povo *por parte de Yahweh,* por um ato de Sua graça, transformando o povo, eles nunca mais se *desviarão* Dele, para cair de novo na senda da idolatria-adultério-apostasia que tinha maculado sua história por todo o longo trajeto. A conversão e a perseverança são obras de Deus, e outro tanto é a bênção contínua daí resultante. Tal como se vê em Jer. 31.31 ss., temos de distinguir esse pacto com Israel do pacto com a igreja, embora eles tenham elementos similares. A *salvação* faz parte de ambos os pactos. O *Novo Pacto* com Israel, entretanto, não fala somente das bênçãos terrenas sobre a terra física. Por outro lado, o *destino distinto* da igreja, que é a transformação segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8.29 e II Cor. 3.18), é exatamente isso, *distinto.* Quanto a notas expositivas completas a respeito, ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Transformação segundo a Imagem de Cristo.*

32.41

Alegrar-me-ei por causa deles, e lhes farei bem. Pela terceira vez (vss. 38, 39 e 40) é dito que Yahweh *faria o bem* ao Seu povo. Aprendemos neste versículo que o Senhor se *regozijará* por lhes fazer o bem. Visto que Deus extrairá alegria desse fato e tudo fará de modo entusiasmado, é-nos assegurado que haverá grande abundância e excelente qualidade. O Novo Israel será *plantado* na Nova Terra, e isso fala de permanência, da mesma maneira que o poderoso carvalho aprofunda suas raízes no solo, florescendo e perdurando por longuíssimo tempo. Yahweh operará esses atos beneficentes de todo o Seu coração e de toda a Sua alma, o que representa um pesado antropomorfismo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Antropomorfismo*. Essas palavras enfatizam a divindade dos atos de bênção, ou seja, sua abundância, seu alto valor e sua duração eterna, os tipos de coisas que esperaríamos da parte de Deus. "Eu os plantarei na Terra e fá-los-ei crescer. Farei isso de todo o meu ser" (NCV). "Quão condescendentes são essas palavras de Deus!" (Adam Clarke, *in loc.*). Cf. este versículo com Jer. 24.6 e Amós 9.15.

32.42

Assim como fiz vir sobre este povo todo este grande mal, assim lhes trarei todo o bem. O *grande mal* foi o ataque do exército babilônico, que pode ser considerado símbolo dos muitos e devastadores males que Israel ainda teria de sofrer ao longo de sua história. Portanto, podemos dizer: "todos os grandes males", e não desprezar as implicações do texto. Essas coisas são declaradas como "causadas por Deus, porquanto a longa história de apostasia do povo de Deus requeria severo tratamento para *ser curada*. E da mesma maneira que Yahweh foi a causa da dor, também será a causa da glória.

Todo o bem que lhes estou prometendo. Temos aqui um texto de prova da restauração de Israel, a despeito de sua longa história de apostasia. O *pacto abraâmico* (comentado em Gên. 15.18) era com Israel, e não com a igreja, pelo que suas condições se aplicam ao povo de Israel. A entrada da igreja não poderia anular o que foi prometido a Israel, nem poderia a igreja suplantar Israel em seu destino distinto. E o Novo Pacto com Israel não poderia anular o Novo Pacto com a igreja, pois eles contêm similaridades, embora não sejam a mesma coisa. As palavras aqui ultrapassam o que poderíamos esperar para depois do cativeiro babilônico. Ademais, a história não ilustra as palavras do texto. Em conseqüência, temos de olhar para a era do Reino, se quisermos satisfazer as promessas desta passagem.

32.43

Comprar-se-ão campos nesta terra, da qual vós dizeis: Está deserta. Os vss. 43-44 olham de volta para o incidente da *compra do terreno* relatado nos vss. 9-12. Jeremias, pois, foi justificado em sua fé de que poderia comprar um campo, de que o cativeiro não perduraria por tanto tempo a ponto de anular a passagem da herança para seus herdeiros. Jeremias, contudo, ao contemplar o começo do ataque dos babilônios (vs. 25), por alguns momentos perdeu a fé, e perguntou se não teria sido um tolo por haver participado da compra de terras antes do ataque babilônico. Porém, o discurso inteiro de Yahweh, a começar pelo vs. 26, dizia que ele não fora um tolo ao agir daquela forma. Sua ação foi assim justificada. O cativeiro babilônico seria revertido dentro de um tempo relativamente curto (setenta anos, conforme Jeremias mesmo predissera; ver Jer. 25.11-12; 29.10). Este versículo, pois, generaliza a questão. *Campos* podiam ser comprados por qualquer número de pessoas, e a desolação temporária deixada pelos babilônios seria revertida, de modo que a vida voltaria a normalidade.

Observando o *tempo verbal futuro* referente ao ato de compra, podemos supor que este versículo seja *profético*. Em um tempo relativamente curto, *após* o cativeiro, a desolação seria revertida e os judeus, que retornassem do cativeiro, começariam novamente a comprar e vender terras. Isso seria uma indicação de que as coisas estavam voltando ao normal, tal e qual Yahweh disse que aconteceria. Era algo que transmitia *esperança* ao remanescente, escorraçado da Babilônia, para que eles não pensassem que a vida não era digna de ser vivida.

32.44

Comprarão campos por dinheiro, lavrarão as escrituras e as fecharão com selos. Este versículo nos remete aos vss. 10-14, onde temos a *documentação* ou evidências referentes à compra e venda de terras. Qualquer número de pessoas poderia imitar os atos de Jeremias, terminado o cativeiro, e envolver-se em todos os atos relativos a documentos. E toda a dificuldade pela qual passassem estaria justificada, porquanto o povo de Deus não mais andaria disperso. Jeremias, naturalmente, não previu a dispersão causada pelos romanos, e, mesmo que o tivesse feito, isso não teria feito diferença quanto à compra e venda de terras, terminado o cativeiro babilônico. Essas compras e vendas documentadas de terras falam da *permanência* em termos relativos. Isso se aplicaria a todo o povo de Judá, e não apenas à cidade capital, Jerusalém. Jeremias, pois, esforçou-se para mostrar que cidades espalhadas por toda a Terra Prometida, nas montanhas (em redor da capital), nos vales, nas cidades do sul, em lugares próximos e distantes de Jerusalém, e nos territórios de ambas as tribos (Judá e Benjamim), participariam das compras e vendas, ou seja, regressariam à *normalidade* que se seguiria ao cativeiro, depois que este terminasse. As fortunas de Judá teriam então sido restauradas.

Farei tudo voltar a ser tão bom como era antes, diz o Senhor.

(NCV)

Quanto à restauração das fortunas de Judá, cf. Jer. 30.18; 33.11,26 e Deu. 30.3. Diz o hebraico original, literalmente: "Farei voltar seu cativeiro". "Seu cativeiro temporal, na Babilônia, e seu cativeiro espiritual ao pecado, a Satanás e à lei" (John Gill, *in loc.*).

Capítulo Trinta e Três

Promessas de Restauração (33.1-26)

Este capítulo continua a abordar os temas gerais tratados nos capítulos 30-32: saúde, restauração, alegria, bem-estar e duração eterna do pacto davídico (anotado em II Sam. 7.4). Outrossim, o sacerdócio levítico seria restaurado, terminado o cativeiro. Os vss. 1-13 contêm várias frases que fazem lembrar o editor deuteronômico, ou, talvez, comentários do próprio Jeremias, tomando por empréstimo pormenores daquele livro.

A Reedificação de Jerusalém (33.1-9)

Esta seção está diretamente relacionada a Jer. 32.2, onde encontramos profecias de Jeremias, embora ele estivesse "trancado" na prisão. Agora, pela *segunda vez*, ele profetizava, embora continuasse confinado. "Embora Jeremias estivesse fechado na sua prisão, a palavra de Deus não estava aprisionada" (Fausset, *in loc.*).

33.1

Estando ele ainda encarcerado no pátio da guarda. O profeta permanecia confinado no pátio da guarda (ver Jer. 32.1-2), embora seu encarceramento mais severo ainda não tivesse sido iniciado (ver Jer. 37.15 ss.). Yahweh veio até ele de novo, enfatizando Seu poder de fazer qualquer coisa para encorajá-lo a continuar sua missão.

"*Vss. 1-3. Pela segunda vez*, estando Jeremias ainda encarcerado. Este discurso pertence ao mesmo período que o capítulo anterior e apresenta as mesmas características gerais. Sua conexão com as operações do cerco de Jerusalém pode ser acompanhada no vs. 4. Tal como acontecia com outras profecias, seu ponto de partida encontra-se no pensamento da majestade dos atributos de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

33.2

Assim diz o Senhor que faz estas cousas, o Senhor que as forma para as estabelecer. O que Yahweh estava prestes a *fazer* era declarar o que Ele *tinha feito* na natureza, ou seja, a criação e o estabelecimento da terra. Essa idéia, com toda a probabilidade, é paralela ao que se lê em Col. 1.17, a contínua providência de Deus que preserva a criação e põe em boa ordem os eventos naturais. Trata-se do mesmo uso introdutório que se encontra em Jer. 32.17. O poder de criação foi visto no Egito, por ocasião do livramento de Israel. E seria visto novamente no livramento de Israel do cativeiro babilônico. As obras de Deus mencionadas na presente passagem são paralelas às obras referidas em Jer. 32, ainda que as idéias tenham sido transmitidas de maneiras diversas.

O Senhor é o seu nome. Ou seja, o Deus eterno e, para os hebreus, o único Deus e Criador, para quem coisa alguma é por demais difícil (ver Jer. 32.17,27). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Yahweh* e *Deus, Nomes Bíblicos de*.

33.3

Invoca-me, e te responderei; anunciar-te-ei cousas grandes e ocultas, que não sabes. Este é um dos mais conhecidos e populares versículos de todo o livro de Jeremias, embora o emprego popular seja mais uma aplicação do que uma interpretação.

O vs. 3 é um convite à oração. Yahweh convidava Judá a aprender Seus segredos e a saber mais sobre Suas obras poderosas. Os segredos e as obras de Deus relacionavam-se, especificamente, à invasão dos babilônios e ao subseqüente livramento do remanescente judeu. Os vss. 15 ss. deste capítulo são, como é óbvio, messiânicos, pelo que as obras de poder incluem os acontecimentos que se desdobrarão durante a era do Reino, e não meramente circunstâncias que circundariam a Babilônia.

Se Judá invocasse a Yahweh, o que o Senhor faria em favor deles?

1. Algumas traduções enfatizam as "coisas ocultas", guardadas nos conselhos de Deus. Isso incluía o que aconteceria durante a invasão dos babilônios, a restauração, posterior e a era do Reino de Deus, sob o governo do Messias. Essas coisas ocultas, que são os *mistérios de Deus*, seriam reveladas a Judá. E então eles poderiam agir com base naquilo que sabiam.
2. Outras traduções enfatizam as *obras poderosas* que Deus planejava fazer, e que, no momento, não eram conhecidas, mas em breve seriam reveladas por meio do Seu profeta. Seria uma grandiosa obra de Deus, que causaria a devastação de Judá, além de outras grandes obras que produziriam a restauração; e então, uma outra, que traria o Messias e o Reino de Deus. "Os planos de Deus quanto ao futuro são inacessíveis para as pessoas ordinárias. Somente Deus pode destrancar os segredos relativos ao futuro, e ele estava oferecendo esse conhecimento a Jeremias. Ele compartilhava com Jeremias as 'cousas' que o profeta desconhecia e não entendia sobre o futuro de Israel" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "As promessas de Deus não deveriam amortecer, e, sim, despertar as orações de Seu povo (Sal. 132.13,17; Isa. 62.6-7)" (Fausset, *in loc.*).
3. A interpretação popular deste versículo é uma *aplicação.* O poder da oração, segundo se diz popularmente, é capaz de fazer qualquer coisa. Aquele que ora, leva Yahweh a fazer qualquer coisa que Lhe for pedido, sem importar quão difícil seja o pedido, porquanto coisa alguma é difícil demais para Ele (ver Jer. 32.17,27). Portanto, que o leitor invoque o Senhor, para que o Senhor lhe mostre coisas grandes, que o crente jamais poderia ter ao menos imaginado. Por conseguinte, que podemos dizer sobre um poder como esse? Oh, Senhor, concede-nos tal graça!

E visto que Ele me ordena buscar a Sua face,
Crendo em Sua palavra e confiando em Sua graça,
Lançarei sobre Ele todos os meus cuidados.

(William W. Walford)

Quanto a reflexões baseadas em Isaías, nos vss. 2-3 deste capítulo, ver Isa. 45.18; 47.4 e 48.6.

33.4

Porque assim diz o Senhor, o Deus de Israel, a respeito das casas desta cidade. O hebraico deste versículo é obscuro, fazendo os intérpretes hesitar quanto ao seu significado, conforme se vê nos pontos a seguir:

1. A King James Version refere-se às casas derrubadas ou destruídas por causa dos terraplenos de cerco levantados pelos babilônios. Ou seja, as máquinas de guerra dos babilônios eram *eficazes.*
2. A Revised Standard Version diz casas derrubadas no esforço de contrabalançar os terraplenos de cerco, mas é difícil imaginar como isso possa ter funcionado. A NCV concorda com a idéia, mas ficamos nos debatendo diante da idéia de que casas derrubadas poderiam ter impedido o avanço dos babilônios.
3. Charles H. Dyer supõe que a madeira e as pedras das casas derrubadas eram usadas para fortalecer as muralhas, que estavam sendo atacadas.
4. Voltando à primeira interpretação, Fausset (*in loc.*) supunha que os mísseis lançados dos terraplenos de cerco destruíam as casas que ficavam próximas das muralhas.
5. O Targum concorda com a terceira dessas interpretações. Seja como for, a palavra de Yahweh-Elohim, embora Ele fosse o Deus de Judá, uma vez proferida contra os judeus, tornava os babilônios eficazes em seus esforços por aniquilar o povo de Deus.

33.5

Quando se der a peleja contra os caldeus, para que eu as encha de cadáveres. Este trecho também é obscuro no hebraico original. Consideremos os seguintes pontos:

1. Alguns estudiosos imaginam que os defensores da cidade enchiam as casas com os cadáveres dos soldados babilônios. Os esforços desses defensores obtiveram sucesso em efetuar grande matança; mas isso não fez impedir o ataque do exército babilônico, que matava também muitos judeus, com a ajuda de Yahweh, o General do exército.
2. Ou então, de acordo com outros intérpretes, toda a matança é aqui atribuída aos babilônios, que enchiam as casas e ruas da cidade com os cadáveres dos judeus. Isso ocorria porque Yahweh tinha *escondido* Seu rosto dos habitantes de Jerusalém, por causa da iniqüidade deles, razão pela qual o Senhor não os ajudava na hora da crise.
3. "Os judeus, defensores das casas (vs. 4), adiantavam-se para combater contra os caldeus, os quais irromperam no interior da cidade através das casas derrubadas. Mas o efeito que os defensores conseguiam era encher as casas com seus cadáveres" (Fausset, *in loc.*). Segundo o Targum, a glória shekinah de Deus tinha-se afastado da cidade, o que explica a tremenda matança de judeus.

33.6

Eis que lhe trarei a ela saúde e cura, e os sararei. Este versículo repentinamente reverte o desastre expresso nos vss. 4-5 e fala de uma ajuda eventual da parte de Yahweh. Em vez de matança, o Senhor traria *saúde* e *cura.* Em vez de guerra, traria paz. E em vez de cativeiro, traria a restauração. Cf. Jer. 30.17: "Te restaurarei a saúde e curarei as tuas chagas, diz o Senhor".

A palavra "cura" aqui usada refere-se à longa bandagem de linho empregada para pensar os ferimentos. O julgamento divino era algo temporário e remedial, como são todos os julgamentos de Deus. *Paz e segurança* seguir-se-iam à destruição e matança. Este versículo fala do *segundo* grande fato que seria revelado, ou seja, a segunda grande obra que deveria ser feita: a restauração após o castigo (a primeira coisa a ser revelada e efetuada). Alguns estudiosos, contudo, pensam que esta profecia é escatológica, vendo a cura aqui referida como a obra do Messias, antes e durante a era do Reino.

33.7

Restaurarei a sorte de Judá e de Israel, e os edificarei como no princípio. As fortunas do povo de Deus seriam restauradas, ou seja, o cativeiro seria revertido; o remanescente voltaria à Terra Prometida, e o processo de *reconstrução* começaria. Cf. Jer. 29.14; 30.3,18,26; 32.44 e o vs. 11 do presente versículo, onde encontramos a mesma mensagem.

A *restauração* processar-se-ia mediante quatro estágios: 1. O retorno do remanescente e a reconstrução (vs. 7). 2. A volta a *Yahweh,* uma reversão espiritual, e não meramente uma reversão física (vs. 8). 3. O perdão e a purificação, com as bênçãos resultantes (vs. 8). 4. A restauração de um lugar especial entre as nações (vs. 9). Cf. isso com Jer. 31.10-14.

Note o leitor que tanto a nação de Israel como a nação de Judá serão as beneficiárias das bênçãos, o que significa que a grande restauração futura produzirá uma nação *unida de Israel.* Isso quer dizer que esta profecia é escatológica, incluindo e ultrapassando a questão concernente à Babilônia, alcançando a era do Reino.

33.8

Purificá-los-ei de toda a sua iniqüidade com que pecaram contra mim. Por meio da purificação da iniqüidade, um *retorno espiritual* acompanhará o retorno físico. Diante do perdão dos pecados, será removida a *causa* da agonia. Será anulada a idolatria-adultério-apostasia, no novo dia, quando Israel-Judá tornará a converter-se ao caminho de Yahweh. Ver no *Dicionário* os artigos denominados *Arrependimento* e *Perdão.* Cf. este versículo com Eze. 36.25; Zac. 13.1; Heb. 9.13-14 e Miq. 7.18-19. E ver também Jer. 31.31-34.

33.9

Jerusalém me servirá por nome, por louvor e glória, entre todas as nações da terra. Alegria, louvor e gloria serão características da cidade restaurada de Jerusalém, perante todas as nações, quando Israel for levantado a um lugar de honra entre elas. Cf. Jer. 31.10-14. Durante a era do Reino — o milênio — Israel tornar-se-á a cabeça das nações. As nações quedar-se-ão admiradas diante da obra de Deus, efetuada entre Seu povo de Israel. Os gentios temerão e estremecerão diante de tão grande realização. Grande bondade e prosperidade serão exibidas a todos os povos, o que os deixará assustados. Cf. o vs. 6. Ver Sal. 130.4 quanto à *bondade* de Deus. Haverá arrependimento e conversão universal (internacional) (ver Sal. 102.13,15; Isa. 60.3). Quanto ao *temor do Senhor,* ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Temor.*

A Volta da Alegria (33.10-11)

33.10

Neste lugar, que vós dizeis que está deserto, sem homens nem animais... O ataque desfechado pelos babilônios deixou Judá, mas especialmente a cidade de Jerusalém, uma desolação. A maior parte das cidades de Judá compartilhou da triste sorte de Jerusalém. O país inteiro ficou essencialmente desabitado, e animais ferozes apossaram-se do lugar, tornando-o seus covis. Os animais domesticados foram obliterados.

Está deserta, sem homens nem animais.

(Jeremias 32.43)

Cf. Jer. 9.11; 10.22 e Isa. 35.7.

33.11

A voz de júbilo e de alegria, a voz de noivo e a de noiva, e a voz dos que cantam. O *deserto,* onde nem homens nem animais domésticos habitavam, uma vez restaurado, tornar-se-á lugar de júbilo e alegria, onde as condições normais de vida continuarão e haverá ali celebração de festas de casamento, com seus cânticos, danças e execução de música por meio de instrumentos musicais. A casa do Senhor ficará repleta de adoradores felizes e dedicados, que trarão suas oferendas e sacrifícios. Cf. Jer. 33.10-11; Sal. 136.1; Esd. 3.11. Quanto aos sacrifícios renovados, ver Sal. 107.22; 116.17.

"... o templo será reedificado e os cultos públicos serão reiniciados" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto a declarações similares no livro de Jeremias, cf. 7.34; 16.9 e 25.10. A segunda parte deste versículo é quase igual a Sal. 136.1, e talvez tenhamos aí um pequeno pedaço de um hino de louvor. As *fortunas da Terra Prometida* terão sido restauradas, garante-nos Yahweh. Ver esta mensagem declarada e comentada no vs. 7 do presente capítulo, onde também ofereço referências sobre a mesma afirmação, que aparece em outros trechos no livro de Jeremias. Quanto à *voz do noivo,* ver 7.34; 16.9 e 25.10.

33.12

Ainda neste lugar, que está deserto, sem homens e sem animais. Nos lugares desolados da Terra Prometida, que não eram ocupados nem por homens nem por animais domésticos (vs. 10; a idéia é repetida aqui para efeito de ênfase), os pastores cuidariam de seus rebanhos, um grande sinal de volta à normalidade. Durante algum tempo, somente animais ferozes habitavam ali (ver Jer. 9.11; 10.22). Agora voltariam animais domésticos, o que representava a volta da *prosperidade* ao lugar. Além disso, cumpre-nos observar a *cena pacífica*. Pastores haveriam de cuidar novamente de seus rebanhos, onde o exército babilônico fizera temíveis destruições. Cf. Jer. 31.12, onde temos algo de similar, mas envolvendo diversos animais domésticos. "... expressões de grande paz, sem inimigos estrangeiros para insuflar medo ou para perturbar... diligência e indústria, abundância e prosperidade" (John Gill, *in loc.*).

33.13

Nas cidades da região montanhosa, nas cidades das planícies e nas cidades do sul... Cenas pacíficas dominarão todo o país. Rebanhos serão encontrados em todos os antigos lugares familiares; na região montanhosa próxima de Jerusalém; nas áreas dos sopés montanhosos do ocidente, nas planícies (a Sefelá) que ficavam no ocidente; e até no sul, no Neguebe, onde antigamente as condições não favoreciam a criação de ovelhas; e no território de Benjamim, mais ao norte. Cf. Jer. 17.26. A enumeração desses lugares segreda-nos que a normalidade fora restaurada a toda a Terra Prometida. E, juntamente com essa normalidade, voltaram a paz e a prosperidade, conforme vemos no versículo anterior. Alguns intérpretes vêem um sentido metafórico na menção aos pastores e seus rebanhos, vinculando isso à restauração da espiritualidade, segundo a qual os líderes se tornavam pastores fiéis que cuidavam das necessidades de seu povo. Alguns estudiosos vêem aqui o Messias e Pastor-chefe, como se estes versículos se referissem à salvação e à restauração da era do Reino de Deus; mas isso já é ver demais nas simples declarações dos vss. 12-13. Ver Jer. 3.15; 23.3 e 31.10 quanto a tais usos espirituais.

Passarão os rebanhos pelas mãos de quem os conte. O bom pastor controlava o número de suas ovelhas, contando-as com o cajado, para que pudesse saber se alguma estava faltando. Cf. Lev. 27.32; Miq. 7.14; João 10.28-29; 17.12. É assim destacado o cuidado individual, elemento que se harmoniza com a interpretação espiritual do versículo. Pelo menos, podemos *aplicar* o versículo a fim de incluir essa idéia.

Reis Davídicos e Sacerdotes Levíticos (33.14-26)

33.14

Eis que vêm dias... em que cumprirei a boa palavra que proferi à casa de Israel e à casa de Judá. Esta seção primeiramente cita Jer. 23.5-6 e então faz um longo comentário a respeito. É aqui prometida a continuação do estado judeu. A linhagem davídica voltará a governar, e haverá um sacerdócio renovado, controlado pelos levitas, tal como era a prática antiga. Depois que os judeus voltaram do cativeiro, Zorobabel, descendente de Davi, tornou-se o *governador* de Judá. Mas o rei verdadeiro era Nabucodonosor. Houve, igualmente, a restauração do sacerdócio levítico. Mas a passagem à nossa frente requer uma interpretação messiânica e um pano de fundo próprio da era do Reino. Os vss. 14-26 faltam na Septuaginta e podem ser um comentário sobre Jer. 23.5-6, surgido nos dias de Ageu e Zacarias (520 A. C.), adicionado por um editor, visto ajustar-se tão bem à mensagem de Jeremias.

A coisa *boa* aqui referida é o retorno dos judeus da Babilônia, pouco antes da inauguração da era do Reino. Isso tinha sido *prometido* juntamente com os dias atribulados que antecederam a época do relato bíblico. Cf. este versículo com Miq. 7.9; Sof. 3.10; Jer. 16.15; 23.3; 29.10 e 32.37.

Vêm dias. Expressão usada dezesseis vezes no livro de Jeremias para indicar acontecimentos futuros: 1. A vindoura destruição de Judá e nações circunvizinhas; ver como exemplos Jer. 7.32; 9.25; 19.6; 48.12; 49.2; 51.47,53. 2. A restauração e as bênçãos decorrentes; exemplos são Jer. 16.14-15; 23.7-8; 30.3. O novo pacto fará parte desse tempo futuro (ver Jer. 31.31-34). A Cidade Santa será reconstruída para nunca mais ser destruída (ver Jer. 31.38-40).

O Pacto Davídico é Reafirmado (33.15-22)

33.15

Naqueles dias e naquele tempo farei brotar a Davi um Renovo de justiça. Ver II Sam. 7.4. Como parte dos "dias que estão vindo", surgirá o *Renovo,* uma referência ao Messias, como descendente de Davi. A era do Reino será estabelecida, e com ela a retidão e a justiça. Já encontramos a doutrina do *Renovo* em Jer. 23.5. Cf. Isa. 11.1. Ver também Zac. 3.8 e 6.12. A linhagem davídica tinha sido cortada em Jeconias (Conias, *Joaquim;* ver a respeito no *Dicionário).* Quanto a isso, ver Jer. 22.30. Mas na linhagem de Davi completa restauração teria cumprimento na primeira e na segunda vinda de Cristo. Ver Mat. 1.11. Ver as notas expositivas sobre Jer. 23.5 e também outras referências ali fornecidas. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Profecias Messiânicas Cumpridas em Jesus.* Este versículo fala sobre um aspecto do pacto davídico.

33.16

Naqueles dias Judá será salvo e Jerusalém habitará seguramente. Os *aspectos espirituais* da restauração são enfatizados: a *salvação* do povo de Israel, outro aspecto dos momentosos acontecimentos daqueles dias futuros. Se a salvação nas páginas do Antigo Testamento com freqüência é apenas simples sinônimo de segurança física e livramento de algum inimigo, pessoal ou nacional, dentro do contexto da doutrina do Renovo, devemos pensar na salvação espiritual. Cf. Rom. 11.26. O presente versículo, como é óbvio, também fala sobre a *segurança* de Judá e de Jerusalém, quando ocorrer a restauração da Terra Prometida. As guerras cessarão e se concretizará a paz há longo tempo esperada. O Renovo, chamado também "o Senhor, Justiça Nossa", indica que a santidade de Deus será dada a Seu povo, e isso fará parte da salvação deles. Haverá retidão "em virtude da *unidade* mística entre os israelitas e seu Senhor" (Fausset, *in loc.*). Cf. Jer. 23.6, paralelo direto desta passagem. "A cidade tomará as mesmas características do Senhor, que habitará dentro dela (cf. Eze. 48.35)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

33.17

Nunca faltará a Davi homem que se assente no trono da casa de Israel. Com o aparecimento do Messias, a linhagem de Davi, que fora interrompida em Joaquim (Conias, Jeconias) será restaurada de forma permanente. A interrupção da linhagem de Davi ocorreu em 586 A. C., mas a restauração anulará esse aspecto tristonho da história. Cf. Luc. 1.31-33. As genealogias acompanham a ascendência de Jesus de volta a Davi. Ver Mat. 1.1-16 e Luc. 3.23-31. O pacto davídico (comentado em II Sam. 7.4) inclui a importante promessa da perpetuidade da linhagem real de Davi. Cf. Sal. 89.4,29,36. E I Reis 2.4 encerra a mesma promessa. A esperança era inextinguível.

33.18

Nem aos sacerdotes levitas faltará homem diante de mim, para que ofereça holocausto. A linhagem dos sacerdotes levíticos devia acompanhar a linhagem real e também será inquebrantável. O sacerdócio levítico é um fenômeno comum no livro de Deuteronômio. Ver Deu. 17.9; 18.1; 24.8; 27.9. Os trechos de Jos. 3.3 e 8.33 continuam a usar a mesma linguagem. Depois que o remanescente retornou do cativeiro, as genealogias de Neemias e Esdras tiveram o cuidado de demonstrar que havia levitas suficientes, os quais voltaram a ocupar-se do culto divino no Novo Templo, que deveria ser reedificado. A mesma idéia acompanha a era do Reino, talvez simbolicamente, e não literalmente. O sacerdócio levítico foi anulado por Cristo, conforme vemos em Heb. 7.11, quando Cristo se tornou o único Sumo Sacerdote. E então os crentes tornaram-se os sacerdotes,

por estarem associados a Ele (ver Heb. 10.19-22). Em todas essas referências, porém, estamos em terreno cristão. Quanto ao terreno judaico, outra situação pode ser antecipada. Alguns supõem que Cristo, na Sua qualidade de Rei, é também o Sumo Sacerdote para *Israel,* e isso cumpre a predição deste versículo, que converge sobre Cristo, e não em descendentes humanos literais de Levi. O pacto em torno do sacerdócio eterno de Cristo foi confirmado a Malaquias (ver Mal. 2.4-5,8).

Afirmação do Pacto Davídico (33.19-26)

33.19

Veio a palavra do Senhor a Jeremias. Um novo oráculo dado por Yahweh ao profeta afirma enfaticamente a validade e a continuidade do pacto davídico. Quanto a esse pacto, ver as notas expositivas sobre II Sam. 7.4. Os vss. 19-22 repetem a substância dos vss. 17-18, com ainda maior solenidade. Este oráculo se afirma *revelado* pelo Senhor (ver no *Dicionário* o artigo chamado *Revelação*).

33.20

Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia e a minha aliança com a noite... As *alianças* de Deus fazem parte das ordens *natural* e *espiritual,* e não podem ser invalidadas. Aparentemente podem ser quebradas, mas fatalmente serão reatadas. Deus firmou um pacto natural que veio a ser perpetuado pelas leis naturais: foram estabelecidos *o dia e a noite.* O dia e a noite vêm e vão interminavelmente, e precisamente na ordem em que devem fazê-lo: a noite segue o dia, e o dia segue a noite. Ver Gên. 1.14-19. Nenhum ser humano pode anular esse pacto divino. Cf. Jer. 31.35-37 quanto às operações de Yahweh na natureza, através das leis naturais. O sol faz-se presente para governar o dia; e a lua faz-se presente para governar a noite. Esses são instrumentos desse pacto natural. Yahweh é o poder por trás da estabilidade da natureza. E Ele também governa os reinos espiritual e moral, dos quais o pacto davídico fazia parte. Da mesma maneira que Yahweh determina os tempos da natureza, assim também Sua vontade governa os eventos humanos. Ver sobre isso em Isa. 13.5. Ver também, no *Dicionário,* os verbetes chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.*

33.21

Poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi, meu servo. O *pacto davídico* cabia dentro do terreno moral e espiritual, e era precisamente tão inquebrantável como o pacto feito por Deus com o dia e a noite, dentro da ordem natural. Se alguém pudesse quebrar o pacto natural, então poderia ter uma chance de fazer o mesmo com o pacto davídico. Em outras palavras, anular qualquer das alianças de Deus é simplesmente impossível. Além disso, através de *Finéias,* o mesmo tipo de promessa foi feito acerca do sacerdócio (ver Núm. 25.13). Em Cristo, cumprem-se tanto as promessas reais como as promessas sacerdotais. Ver Heb. 7.24.

Ele é o Renovo da árvore de Jessé,
O Leão de Judá.
A luz dos gentios.

(Cornelius Freund)

33.22

Como não se pode contar o exército dos céus, nem medir-se a areia do mar. A promessa vinculada ao pacto abraâmico (ver Gên. 15.18) é agora relacionada ao pacto davídico. Quanto ao inumerável *exército dos céus,* que falam dos descendentes de Abraão, ver Gên. 15.5 e 22.17. E quanto às incontáveis partículas de areia que existem nas praias do mar, ver Gên. 22.17; 32.12; Jos. 11.14 e II Sam. 17.11. Temos aqui uma promessa do pacto davídico, mas visto que o pacto davídico e o pacto abraâmico pertencem ao mesmo pacote de tratos de Deus, é legítimo transferir as coisas prometidas a Abraão a Davi. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pactos.* E alguns eruditos transferem a coisa toda para o Novo Pacto, firmado entre Cristo e os regenerados, como o cumprimento de todos os pactos, e fazem com que esses descendentes todos tenham vida em Cristo. Mas isso é misturar o destino de Israel com o destino da igreja.

Refutando a Calúnia (33.23-26)

33.23

Veio ainda a palavra do Senhor a Jeremias. Este versículo provavelmente assinala o aparecimento de um suboráculo para suplementar aquele iniciado no vs. 15. A revelação divina continua, e Jeremias estava sujeito a grande número de oráculos que lhe chegavam com grande variedade de assuntos. Esta breve seção diz que judeus blasfemam das promessas divinas e afirmam que o que tinha acontecido a Judá, por ocasião da invasão e do cativeiro babilônico, era totalmente incompatível com as promessas do antigo pacto. O oráculo refuta essa calúnia.

33.24

Não atentas para o que diz este povo: As duas famílias, que o Senhor elegeu. Yahweh perguntou se Jeremias tinha ouvido o que certas pessoas diziam sobre as duas famílias, Israel e Judá. Essas pessoas acusavam Yahweh de tê-las abandonado, embora tivessem sido escolhidas por Ele. Os acusadores eram judeus incrédulos, e não pagãos. É provável que os incrédulos formassem a maioria dos judeus. Israel e Judá tinham sido reduzidas a nações que nada representavam pela rejeição de Yahweh, pelo que as palavras daquela gente eram ditas de forma caluniosa. Yahweh foi vítima de blasfêmias, porquanto "aquela gente" não mencionou as causas reais da calamidade, a idolatria-adultério-apostasia do povo, tentando atribuir a Yahweh a culpabilidade de quebrar seu pacto com Israel unilateralmente.

As duas famílias eram a de Davi (a linhagem real) e a de Levi (a linhagem sacerdotal), o que pode ser inferido com base no vs. 21. As circunstâncias tinham levado ao desespero, e esta breve seção tinha por propósito contrabalançar isso, conforme mostra o vs. 25.

33.25-26

Assim diz o Senhor: Se a minha aliança com o dia e com a noite... Para encorajar os desanimados, Yahweh voltou aos Seus *pactos inquebrantáveis,* os pactos naturais e os pactos que atingem os terrenos moral e espiritual, comentados nos vss. 20-21, cujos argumentos são os mesmos destes versículos: vs. 20 = vs. 25 e vs. 21 = vs. 26. Mas o vs. 25 generaliza o vs. 20: dia e noite são agora tudo quanto acontece nos céus, os quais operam de acordo com as leis naturais estabelecidas por Yahweh. Em seguida, o vs. 26 generaliza o vs. 21. Em vez de falar somente do pacto com Davi, Yahweh fala de Seus acordos com todos os patriarcas. E, naturalmente, está especificamente em vista o pacto abraâmico, confirmado com os vários patriarcas que se seguiram. Ver sobre o *pacto abraâmico,* em Gên. 15.18. Visto que Yahweh cumpre todos os Seus acordos (embora o pecado possa adiar sua concretização), era certa a reversão do cativeiro babilônico. As duas famílias rejeitadas (vs. 23) descobririam ser, na realidade, o povo de Yahweh, e também que todos os antigos pactos encontrariam fruição, no fim, quando Deus escrever o capítulo derradeiro do drama. Essa concretização espera a manifestação do Renovo (o Messias) e da era do Reino. Cf. os vss. 25-26 a Jer. 31.35-37.

Porque lhes restaurarei a sorte e deles me apiedarei. Quanto a esta repetida declaração, ver Jer. 30.3,18; 31.23; 32.44; 33.7,11.

Capítulo Trinta e Quatro

A Presente Catástrofe de Judá (34.1 – 35.19)

Os capítulos 30-33 descrevem as *esperanças futuras* de Israel-Judá. Agora Jeremias retorna a cenas de melancolia e destruição, que levariam Judá ao colapso completo. Repetidamente, nos capítulos 2-29, soa essa advertência. O tempo agora estava muito próximo. Os capítulos 34-36 continuam o tema da *rejeição* iniciado nos capítulos 26-29. O julgamento divino era certo. Coisa alguma poderia adiá-lo. Os capítulos 37-45 dão uma ordem cronológica dos acontecimentos que fornecem detalhes dos eventos ocorridos durante e depois da queda de Jerusalém.

Advertência ao Rei Zedequias (34.1-7)

"A data desta passagem é sugerida pelo vs. 7, que diz que somente permaneceram Laquis e Azeca, dentre as cidades fortificadas de Judá atacadas pelo exército babilônico. Isso deve ter acontecido no começo da invasão da Palestina, talvez até antes do assédio da própria Jerusalém (ver a exegese sobre o vs. 7). Jeremias ainda não tinha sido lançado na prisão. A mensagem que ele entregou ao rei é similar à que foi dada, posteriormente, de acordo com Jer. 21.1-10; 32.3-5; 37.8-10,17; 38.17-23.

A característica incomum aqui é a promessa, nos vss. 4-5, de que o rei teria morte honrosa e seria lamentado pelo povo. Na realidade, Zedequias foi capturado pelos babilônios, que o cegaram e levaram à Babilônia, onde ele morreu na prisão (39.7; 52.8-11; II Reis 25.5-7; cf. Eze. 12.13). Não há boas razões para duvidar (juntamente com Duhm) dos registros que relatam esse tratamento conferido ao rei Zedequias. Devemos, portanto, interpretar a atual passagem ou como uma promessa incondicional que não teve cumprimento, ou como uma promessa

condicional que não se cumpriu porque o rei não seguiu as suas condições — as quais, sem dúvida, exigiam que ele se rendesse aos babilônios. A última hipótese é a mais provável, e podemos supor que algumas palavras, que continham a condição, foram retiradas do vs. 4. Assim sendo, a promessa feita por Jeremias tinha o sentido de que Zedequias não seria exilado, mas teria permissão de viver sua vida em Jerusalém, caso ele se rendesse. Isso é perfeitamente possível; contudo, devemos lembrar que Joaquim se tinha rendido, mas amargou o exílio na Babilônia, onde, subseqüentemente, foi removido da prisão e recebeu posição favorecida (ver Jer. 52.31-33). Zedequias, porém, que se rebelara contra Nabucodonosor, dificilmente receberia melhor tratamento do que aquele dado a Joaquim" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

34.1

Palavra que do Senhor veio a Jeremias... A *devastação, longamente esperada,* estava nos portões de Jerusalém. A Babilônia, com todos os seus aliados e, quem sabe, com quantos soldados aproveitados de outras nações conquistadas, além de mercenários, grandes multidões de soldados treinados e brutais, todos se uniram para assassinar Jerusalém. Somente a Babilônia tinha 120 províncias das quais podia tirar tropas. A maioria das cidades de Judá já havia caído, e somente um louco ofereceria resistência; mas foi precisamente isso o que Zedequias fez, contra todas as exortações de Jeremias, que recomendavam a Zedequias desistir de uma questão perdida, na esperança de que o monstruoso rei babilônico usasse de misericórdia.

34.2

Eis que eu entrego esta cidade nas mãos do rei da Babilônia. Um oráculo especial foi dado a Jeremias, endereçado a Zedequias, para fazê-lo pensar razoavelmente acerca da ameaça babilônica, que já tinha causado tanta dor a toda a nação de Judá. Um rei judeu (Jeconias, Conias, *Joaquim*) já tinha sido levado cativo para a Babilônia, e muitos judeus haviam sido deportados para aquele país estrangeiro. Nenhum milagre de último minuto salvaria Jerusalém, conforme ocorreu no tempo de Ezequias (ver II Reis 19.35 ss.). Milhares de vidas teriam sido salvas se Zedequias se tivesse rendido. Na tentativa de convencê-lo a render-se, este oráculo assegurou ao rei que Yahweh era Quem estava entregando Jerusalém nas mãos dos babilônios, pelo que de nada adiantava lutar contra o decreto divino. Ver em Isa. 13.6 como o Senhor controla os acontecimentos humanos. Se o rei não desistisse, porém, o fogo destruiria o lugar inteiro, incluindo o templo. Quanto ao cumprimento dessa profecia, ver II Reis 25.9. Cf. o versículo com Jer. 32.3 e 52.13.

34.3

Tu não lhe escaparás da mão; pelo contrário, serás preso, e entregue nas suas mãos. As coisas seriam muito adversas para a cidade e igualmente adversas para o próprio rei Zedequias. O vs. 3 é uma duplicação virtual de Jer. 32.4-5a, onde ofereço notas expositivas. Todas as coisas preditas ocorreram (ver Jer. 39.4-7; 52.7-11).

34.4

Todavia, ouve a palavra do Senhor, ó Zedequias, rei de Judá. Os vss. 4-5 mitigam os sofrimentos do rei Zedequias, mas é provável que tenhamos aqui uma profecia *condicional.* As coisas correriam melhor para ele, *caso* ele se rendesse. Ele poderia ser tratado como Joaquim foi tratado: não seria executado; seria aprisionado, mas finalmente bem tratado. Ver Jer. 52.31. A informação de que dispomos (ver Jer. 39.7; 52.8-11; II Reis 25.5-7; Eze. 12.13), porém, indica um mau fim para Zedequias. Ver a introdução ao capítulo quanto a outros detalhes.

34.5

Em paz morrerás, e te queimarão perfumes a ti, como se queimaram a teus pais. *Se* Zedequias não efetuasse seus planos de rebelião, e *se* simplesmente se rendesse, então morreria em paz e receberia um sepultamento honroso, acompanhado pelos ritos fúnebres usuais. "O povo acenderia piras fúnebres em sua honra, lamentando pelo rei. Esse fogo não se refere à cremação, porquanto Israel e Judá sepultavam seus mortos, em vez de cremá-los. Esse costume referia-se a grandes fogueiras acesas como tributos. Cf. II Crô. 16.14; 21.19" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Especiarias eram então queimadas para conferir à atmosfera um odor agradável. Além disso, haveria as lamentações usuais: Ai, Senhor! Ai, Senhor! Carpideiras profissionais dirigiriam as lamentações, acompanhadas por danças tristes e todos os tipos de contorções que representassem a tristeza. "Os hebreus, em sua cronologia, *Seder Olam,* mencionam as lamentações que seriam usadas por causa do rei: 'Ai! o rei Zedequias está morto, e ele está sorvendo as fezes (a pena por seus pecados) de épocas passadas'" (Fausset, *in loc.*). Jarchi e Kimchi dizem-nos que isso incluía a queima de camas, vasos de ministração, objetos caseiros e itens pessoais pertencentes ao morto. O Talmude diz que essas honras seriam prestadas porque ele fizera uma coisa boa — tirara Jeremias de seu severo aprisionamento e o restaurara a uma prisão mais leve, no átrio da guarda. Ver Jer. 37.20-21. Provavelmente isso não é histórico. Nem a Vulgata mostra-se correta ao dizer que o homem teve seu corpo cremado. Tácito diz-nos que os judeus não costumavam cremar os cadáveres (*História* 1.5, cap. 5).

34.6

Falou Jeremias, o profeta, a Zedequias, rei de Judá. Jeremias cumpriu sua comissão, entregando ao rei todas aquelas advertências, sem dúvida face a face, de modo que não houvesse equívocos quanto ao significado da mensagem. Mas, como de costume, suas profecias foram rejeitadas pelo rebelde e ímpio rei Zedequias. Ele queria que as coisas corressem à sua maneira, e essa maneira era o caminho mais difícil. Entrementes, não longe dali, os babilônios continuavam sua incansável destruição no território de Judá, não muito distante de Jerusalém.

34.7

Quando o exército do rei de Babilônia pelejava contra Jerusalém, e contra todas as cidades que restavam. *Poucas cidades* de Judá escaparam à devastação, à matança e ao saque. *Laquis* (37 km a sudoeste de Jerusalém) e *Azeca* (17,5 km ao norte de Laquis) continuavam resistindo, mas em breve sucumbiriam, e sua sorte seria tão lamentável quanto a de outras cidades. Ver no *Dicionário* artigos sobre as duas cidades.

"Uma carta encontrada em Laquis, escrita em hebraico em pedaços quebrados de argila, provê notável confirmação deste versículo: "Estamos vigiando por sinais de fumaça de Laquis, de acordo com todas as indicações dadas pelo meu senhor, mas não vemos Azeca". A carta foi escrita pelo capitão do posto avançado dos hebreus, provavelmente postado entre Azeca e Laquis, ao comandante, em Laquis. Deve ter sido escrita pouco depois da queda de Azeca diante dos babilônios e antes da queda de Laquis. Nabucodonosor tinha atacado e capturado muitas das cidades fortificadas de Judá, conforme tem sido confirmado pelas descobertas arqueológicas. Laquis e Azeca eram as mais fortes dessas cidades, e resistiram por mais tempo" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Essas duas cidades tinham sido fortemente fortificadas por Roboão (II Crô. 11.9-11; 32.9). Embora tenha passado muito tempo desde então, é razoável supormos que essas cidades retiveram suas fortificações de proteção.

A Promessa Quebrada a Escravos Liberados (34.8-22)

34.8

"Provavelmente para simplificar o problema do suprimento de alimentos domésticos e para libertar os homens em favor da defesa de Jerusalém, e a fim de tornar o Senhor mais propício, Zedequias proclamou a libertação de todos os escravos. Mas quando o exército egípcio se aproximou (ver Jer. 37.6-15), levando os babilônios a suspender, temporariamente, o cerco de Jerusalém, foi cancelada a libertação dos escravos" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Jeremias, então, protestou contra esse ato desumano e hipócrita do povo de Judá, e prometeu que os babilônios voltariam para terminar o trabalho iniciado. Temos em vista aqui a escravização dos judeus por seu próprio povo (vs. 9), o que era contra a lei, exceto sobre uma base temporária; e mesmo assim, teria de ser uma escravidão gentil, mais parecida com o relacionamento entre patrão-empregado do que com o relacionamento entre senhor-escravo. Ver Êxo. 21.2-11; Lev. 25.39-55; Deu. 15.12-18. Nenhum hebreu deveria ser escravizado por mais de seis anos, e sua soltura era automática. Contudo, regras humanitárias como essa eram freqüentemente ignoradas.

O rei Zedequias provavelmente teve de forçar o povo judeu a concordar com a libertação dos escravos hebreus. E quando as circunstâncias se aliviaram (graças à ajuda temporária provida pelo exército egípcio), os senhores judeus agiram como melhor lhes parecia, fazendo seus escravos voltar ao estado de servidão e, assim sendo, quebraram unilateralmente o acordo.

34.9

Para que cada um despedisse forro o seu servo, e cada um a sua serva. Encontramos aqui a *lamentável informação* de que os judeus tinham escravizado seu próprio povo, homens e mulheres e, naturalmente, crianças que estavam com eles. O *dinheiro* usualmente era a razão por trás de tal escravização: para pagar dívidas; para obter trabalho barato; abusos e injustiças abertas; crueldade; barbaridade. Zedequias, tomando uma atitude rara para ele, resolveu que as provisões da lei deveriam ser observadas, deixando de notar a libertação imediata dos escravos para livrá-los para a guerra, facilitando assim o problema do suprimento de alimentos na cidade. É provável que a maioria daqueles escravos já tivesse

servido por mais do que os seis anos permitidos pela lei. Ver as notas sobre o vs. 8, quanto a uma lista de referências baseadas na lei mosaica que regulamentava a questão.

34.10

Todos os príncipes e todo o povo, que haviam entrado na aliança, obedeceram. A *aliança* incluíra a provisão de que "eles não seriam escravizados de novo". Talvez Zedequias estivesse esperando que Yahweh observaria quão "humanitário" ele era, tendo obedecido à lei mosaica, e até indo além de suas provisões, pelo que o Senhor terminaria por abençoá-lo. A grande bênção de que ele precisava era ver-se livre da ameaça dos babilônios. Os príncipes, os nobres, os ricos e as poucas pessoas comuns que tinham escravos, *obedeceram,* fazendo o que o rei Zedequias tinha requerido. No entanto, podemos ter certeza de que eles fizeram isso com relutância, temendo as providências que seriam tomadas pelo monarca judeu, caso não obedecessem. O mais provável é que Zedequias fingia agir nobremente, mas, na realidade, não era isso o que ele estava fazendo. E por certo aqueles ricos de Jerusalém também não agiam com nobreza.

34.11

Mas depois se arrependeram, e fizeram voltar os servos e as servas que haviam despedido forros. Passado pouco tempo, porém, aqueles miseráveis e ricos judeus mudaram de idéia e fizeram voltar todos os seus escravos. Isso pode ter ocorrido quando as coisas melhoraram um pouco, quando o exército egípcio, aproximando-se, forçou os babilônios a levantar temporariamente o cerco de Jerusalém. Ver Jer. 37.6-11. Seja como for, a ganância e a barbaridade tornaram a tomar conta do coração dos judeus, e nem mesmo as mulheres foram poupadas. E, naturalmente, com as mulheres vieram as crianças, que foram assim forçadas a uma vida de duro labor e de crueldades. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Escravidão* e *Escravo, Escravidão.* Na escravidão não há nenhuma virtude remidora. Por semelhante modo, nas formas modernas de escravidão não há nenhuma virtude remidora, como os salários próprios de escravos que os empregadores oferecem a seus empregados, forçando-os a uma vida de contínua privação.

34.12-13

A quebra do acordo e as circunstâncias miseráveis a que foram devolvidos os escravos provocaram um oráculo especial. Yahweh observava a barbaridade e certamente entraria em ação. Haveria a retaliação divina contra aqueles réprobos senhores de escravos. Em breve, muitos judeus, senhores de escravos, estariam escravizados na Babilônia, isto é, *se* sobrevivessem ao massacre de Jerusalém. Yahweh relembrou o profeta quanto às circunstâncias históricas relacionadas ao problema. Yahweh tinha feito com o povo judeu um *pacto* acerca da escravidão, e ele se tornara parte da legislação mosaica, conforme os comentários sobre o vs. 8. *Yahweh-Elohim,* o Deus Eterno e Todo-poderoso, estabelecera o acordo, e ninguém poderia ignorar o que Deus dissera, sem pagar o preço. O último ano de governo de Zedequias parece ter correspondido ao ano sabático, no qual todos os escravos hebreus deveriam ser liberados. Mas, sem dúvida, existiam todas as formas de circunstâncias: alguns escravos tinham servido mais do que pelos seis anos requeridos; alguns tinham servido por seis anos e, de conformidade com a lei, deveriam ter sido liberados; e muitos tinham sido escravos por menos de seis anos. Mas mesmo *esses,* em harmonia com o decreto de Zedequias, deveriam ser liberados. Todavia, os judeus ricos e miseráveis ignoraram todos os pactos a respeito da questão, tanto os acordos antigos como aquele estabelecido pelo rei Zedequias. A legislação era antiga, tendo entrado em vigor quando Israel saiu do Egito, fazendo parte da lei dada no monte Sinai. Além disso, *todo o povo de Israel fora escravo* no Egito, mas Yahweh os libertara. Portanto, era apropriado (seguindo o exemplo divino) que os hebreus livrassem da escravidão outros hebreus.

Eu fiz aliança. Ver as notas expositivas sobre o vs. 18.

34.14

Ao fim de sete anos libertareis cada um a seu irmão hebreu. A *regra sabática,* instituída a fim de libertar os escravos hebreus (a lei não se aplicava aos pagãos que se tivessem tornado escravos dos hebreus), tinha sido desrespeitada e negligenciada desde o começo. É certo que os hebreus, dos dias do rei Zedequias, a ignoravam, o que significa que os hebreus se reduziram ao paganismo, perpetuamente escravizados por outros hebreus. Este versículo é essencialmente uma citação de Deu. 15.1,12, e não menciona diretamente Êxo. 21.2, a legislação original. "Jeremias condenou essa perfídia como mais um exemplo de notória infidelidade" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre os vss. 13-22).

34.15

Não há muito havíeis voltado a fazer o que é reto perante mim. Zedequias e o povo judeu tinham feito o que era reto, ao libertarem os hebreus escravos, e Yahweh agradou-se deles por causa disso. Mas agora o Senhor estava infeliz com a reversão da atitude dos hebreus, que tinham traído seu próprio acordo, reunindo novamente seus escravos. A questão se complicava porque o pacto tinha sido feito no templo e, assim sendo, era um juramento feito em nome de Yahweh. Aqueles réprobos não respeitavam nem Deus nem o Seu povo. Pisavam aos pés os pobres, porquanto tinham poder para isso, tudo atendendo às suas próprias finalidades egoístas. Eram, portanto, eram *ateus práticos.*

Razões para a Escravidão entre os Hebreus. Considere o leitor estes pontos: 1. Um homem endividado vendia-se como escravo, talvez vendendo até seus familiares, a fim de pagar a sua dívida. 2. Um ladrão, que tivesse furtado outras pessoas, poderia ser escravizado por causa de seu crime. Nesse caso, uma decisão tinha de ser tomada pelos juízes, que decretariam essa forma de punição, se o ladrão não fosse capaz de fazer a restituição devida. 3. Um homem que vivesse em pobreza abjeta poderia vender-se como escravo, a fim de melhorar sua situação financeira. Tal homem precisava provar que sofria da pobreza mais severa. 4. Uma criança que nascesse enquanto seus pais estivessem escravizados tornava-se escrava do comprador. A criança era considerada parte da família do senhor, e a liberação, após os seis anos de servidão, não ocorria. Ver Êxo. 21.1 ss. quanto a algumas dessas regras. 5. Sob certas circunstâncias, um hebreu podia tornar-se escravo permanente. Ver Êxo. 21.5 ss. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo *Escravo, Escravidão,* seção I. 6. Os hebreus também podiam tornar-se escravos permanentes de senhores estrangeiros, especialmente em tempos de guerra, mas essa possibilidade nada tem que ver com o texto presente.

34.16

Mudastes, porém, e profanastes o meu nome, fazendo voltar cada um o seu servo. A reviravolta na atitude do povo de Judá, especialmente por parte da classe abastada, era uma afronta contra o pacto, uma bofetada contra o rosto de Yahweh; era o rompimento de uma promessa solene; uma violação do acordo do templo. Profanava o nome de Yahweh, pois o compromisso sagrado fora revertido, renovando assim uma *injustiça social.* Houve violação dos direitos humanos; duro golpe foi aplicado às emoções e aos direitos humanos. O nome de Yahweh foi tomado *em vão* através de um juramento fraudulento. Além de todos esses fatores, tinham sido quebradas as provisões da legislação mosaica, a qual era o *guia* espiritual e moral de Israel (ver Deu. 6.4 ss.). Era a lei que tornava os hebreus povo distinto (ver Deu. 4.4 ss.), mas eles preferiram agir como os pagãos a mostrar-se um povo diferente.

34.17

Vós não me obedecestes, para apregoardes a liberdade, cada um a seu irmão. *Liberdade* era a palavra-chave. Até mesmo as *ditaduras benévolas* (dentre as quais há bem poucas) furtam os homens de sua mais preciosa possessão: a liberdade. Um homem destituído de liberdade é menos do que um homem. Nenhum homem será livre enquanto todos os homens não forem livres. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado intitulado *Liberdade.* Jesus, o Cristo, é o grande *Libertador,* e Nele encontramos a verdadeira liberdade. Foi profundamente errado que a aristocracia dos hebreus furtasse de seus irmãos a liberdade, especialmente depois de lhes ter dado uma prova da liberdade, levando-os a acreditar que a escravidão tinha terminado.

> *Morremos nós mesmos um pouco, cada vez que esmagamos, em outras pessoas, aquilo que merece viver.*
>
> (Oscar Hammling)

> *Aquele que quiser tornar segura a própria liberdade*
> *Deve proteger até seu inimigo da opressão.*
>
> (Benjamim Franklin)

A *espada* esperava os aristocratas que tinham violado a liberdade alheia. Muitos terminariam como escravos na Babilônia. Então, haveria os acompanhamentos da guerra, da fome e da pestilência. Essa *terrível tríade* garantiria que homens iníquos colheriam aquilo que tinham semeado. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Quanto à *terrível tríade,* ver Jer. 14.12; 21.9; 24.10; 27.8; 29.17-18; 32.24,36; 42.17,22 e 44.13.

> *Darei liberdade a terríveis enfermidades*
> *e à fome, para matar-vos.*
>
> (NCV)

Jeremias falou com ironia acerca de uma liberdade falsa e mortífera, que seria dada aos aristocratas hebreus, visto que eles tinham roubado a liberdade de seus escravos. A Lex Talionis haveria de alcançá-los, com o pagamento conforme a gravidade do crime cometido. Ver sobre esse termo no Dicionário. Cf. este versículo com Jer. 4.20; 6.19; 11.11-12 e 17.18.

34.18

Farei aos homens que transgrediram a minha aliança. *Fazer uma aliança* (ver o vs. 13), no hebraico, literalmente, é "cortar uma aliança". O costume referia-se a dividir uma novilha ao meio, separando as duas metades a uma distância uma da outra, para que então as pessoas que faziam a aliança passassem entre as metades. Finalmente, a novilha era oferecida como sacrifício, e os participantes do acordo se banqueteavam com a carne. Ver Gên. 15.9-17. Deduzimos, com base no presente versículo, que essa maneira de estabelecer alianças subentendia que os que passassem entre as metades do animal a ser sacrificado também seriam cortados em pedaços pela ira divina, caso violassem o pacto. Os assírios tinham um rito similar que envolvia cortar a cabeça de um carneiro. O homem que ousasse quebrar o pacto firmado estava sujeito a ter a cabeça cortada pelo deus que estivesse participando da aliança. Naturalmente, estamos falando em termos metafóricos que incluíam maldições, e não uma execução pelo Estado. Os árabes bebiam o sangue um do outro, ou então besuntavam o sangue do animal sacrificado sobre os participantes.

A divisão da novilha evidentemente se processava pelo caminho mais difícil: o animal era dividido do nariz à parte traseira do corpo, e o corte seguia a coluna vertebral, do começo ao fim. Os participantes começavam a atravessar as metades pelas duas extremidades, encontrando-se no meio, entre as duas partes da novilha, a cada lado.

34.19

Os príncipes de Judá, os príncipes de Jerusalém, os oficiais, os sacerdotes e todo o povo da terra. Este versículo menciona os príncipes, oficiais, sacerdotes e, de modo geral, todo o povo que tinha participado do pacto, passando figuradamente por entre as metades da novilha. E as coisas correriam muito mal para eles, caso violassem aquele compromisso sagrado. A referência aos *oficiais,* conforme lemos aqui, e que outras versões dão como *eunucos*, mostra que a corte dos oficiais de Judá tinha tirado proveito da prática pagã que envolvia eunucos; e alguns desses eunucos eram importantes o bastante, dentro da hierarquia da nação, para merecer menção especial como classe. Mas eis que aqui também encontramos menção aos *sacerdotes,* que é ainda mais surpreendente que a menção aos eunucos. Alguns deles devem ter retido escravos hebreus em aberta violação da lei, que eles pretendiam defender e ensinar. O fato de os *príncipes* (líderes civis) conservarem escravos não nos surpreende.

34.20

Entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos. Os abusivos proprietários de escravos (que sobrevivessem à matança provocada pelo exército babilônico) tornar-se-iam escravos que sofreriam *abusos* na Babilônia. Os cadáveres dos que não sobrevivessem ficariam entre os milhares deixados para servir de pasto aos animais ferozes e às aves de rapina, o insulto supremo, conforme a mentalidade dos hebreus. Quanto a isso, cf. Jer. 7.33; 15.3; 16.4 e 19.7. Cf. Jer. 8.2.

34.21

A Zedequias, rei de Judá, e seus príncipes, entregá-los-ei nas mãos de seus inimigos. Quanto ao cumprimento dessa predição, ver Jer. 52.9-11. O rei e seus príncipes, assim como a família real, pagaram terrível preço por terem conspirado contra a Babilônia e não terem ouvido o conselho de Jeremias para eles simplesmente se rendessem ao inimigo. Entre outros pecados destacava-se o de quebrar as condições do pacto com Yahweh, incluindo o aspecto que girava em torno dos escravos.

Que já se retiraram de vós. Os babilônios temporariamente levantaram o cerco de Jerusalém quando o exército egípcio se aproximou para interferir nos acontecimentos. Mas o exército babilônico derrotou facilmente os egípcios e voltou a cercar Jerusalém, para terminar a tarefa que tinha iniciado na cidade. Ver Jer. 37.5,11 e as notas expositivas ali existentes. A "ajuda" prestada pelos egípcios provavelmente encorajou Zedequias em sua rebelião; mas os egípcios revelaram-se um aliado débil. Seja como for, naquela época, não havia força armada no mundo capaz de deter o ataque babilônio. Zedequias, porém, caiu no equívoco de não acreditar nisso.

34.22

Eis que eu darei ordem, diz o Senhor, e os farei tornar a esta cidade. Por ordem de Yahweh, o exército babilônico não permaneceria "lá fora", combatendo contra os egípcios, ou então, depois de ter vencido os egípcios (conforme realmente sucedeu), não esqueceria a tarefa que teria de completar em Jerusalém. A cidade seria conquistada e incendiada, e as muralhas seriam derrubadas (ver II Reis 25.9-10). As cidades de Judá, e Jerusalém, a capital da nação, seriam deixadas essencialmente desabitadas. Ver Jer. 9.11 e 44.2,6 quanto a isso. A maioria esmagadora dos sobreviventes seria deportada para a Babilônia, e os que restassem na Terra Prometida pertenceriam à classe que não tinha chance de causar nenhuma confusão. O capítulo 52 do livro de Jeremias relata a triste história.

Capítulo Trinta e Cinco

O Excelente Exemplo dos Recabitas (35.1-19)

Este capítulo contrasta a fidelidade à toda prova dos recabitas com a apostasia constante do povo de Judá. Esta profecia foi dada durante o reinado de Jeoaquim (609-595 A. C.), pelo menos onze anos e talvez vinte anos antes do tempo coberto pelo capítulo 34. "*O Símbolo dos Recabitas.* Eles formavam uma ordem religiosa, similar à dos nazireus (ver Núm. 6.1-21), fundada por Jonadabe, filho de Recabe, durante o reinado de Jeú (*842-815 A. C.). Sendo fanáticos religiosos, eles ajudaram Jeú no banho de sangue que acompanhou a revolta contra a dinastia corrompida de Onri (II Reis 10.15-28). Eles acreditavam que a vida sedentária de Canaã punha em perigo a pureza da adoração ao Senhor. Em conseqüência, retornando aos costumes adquiridos no deserto, eles viviam em tendas, onde as pessoas eram pastoras e se abstinham de vinho... A associação de Jeremias não subentende que o profeta aceitasse a posição deles, pois Jeremias tão-somente aprovava a fidelidade deles aos seus princípios, o que contrastava com a infidelidade dos judeus. A oportunidade provável foi a crise de 601 A. C. (ver Jer. 12.7-13)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1 deste capítulo). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Recabe, Recabitas.*

35.1

Palavra que do Senhor veio a Jeremias, nos dias de Jeoaquim, filho de Josias. Esta declaração nos dá o meio ambiente histórico. O oráculo é "antigo", anterior ao do capítulo 34 por pelo menos onze anos, se não mesmo por vinte anos. Ver a introdução ao capítulo, quanto a informações cronológicas. "A profecia que se segue nos remete a um período de cerca de dezessete anos antes da vida e do trabalho do profeta. Jerusalém ainda não tinha sido assediada. Jeoaquim ainda não tinha enchido a medida de suas iniqüidades. Os exércitos dos caldeus e do sírios, entretanto, moviam-se ao redor das fronteiras do reino de Judá (vs. 11), forçando os habitantes nômades, que habitavam em tendas, nas áreas desérticas, a refugiar-se nas cidades (cf. Jer. 4.6 e 8.14). O primeiro cativeiro da cidade de Jerusalém, por parte de Nabucodonosor, ocorrem em 607 A. C." (Ellicott, *in loc.*). A invasão dos babilônios se deu em onda, e não em um único golpe. Quanto a informações sobre isso, ver as notas em Jer. 27.12.

35.2

Vai à casa dos recabitas, fala com eles, leva-os à casa do Senhor. Os *recabitas* amavam a vida no deserto e punham em prática sua fé ultraconservadora no ermo. Eles consideravam as cidades corruptoras da boa moral, e não estariam em Jerusalém se não tivessem sido forçados a fugir do ataque inicial dos babilônios contra Judá (vs. 11). Jeremias tinha uma mente fértil para ensinar lições objetivas em apoio aos seus ensinamentos e, naturalmente, a palavra de Yahweh o ajudava nisso. Jeremias sabia da reputação dos recabitas e queria "submetê-los a teste" concernente à ingestão de vinho, sabendo perfeitamente que eles não tocariam na bebida, porque suas tradições estritas assim proibiam. Eles seguiam as tradições fanaticamente, e o profeta precisava de uma lição objetiva sobre a fidelidade às doutrinas antigas. Os recabitas, pois, proveriam essa lição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Recabe, Recabitas,* quanto a informações plenas. Representantes do clã nômade dos recabitas foram convidados a vir a um aposento lateral do templo, e ali foi-lhes oferecido vinho. "Eles eram *queneus* (I Crô. 2.55), povo que originalmente se tinha instalado naquela parte da Arábia Pétrea, chamada terra de Midiã e, com toda a probabilidade, descendiam de Jetro, sogro de Moisés. Cf. Núm. 10.29-32 com Juí. 1.16 e 4.11" (Adam Clarke, *in loc.*). Dou informações mais precisas a respeito no artigo mencionado.

35.3

Então tomei a Jazanias, filho de Jeremias, filho de Habazinias, aos irmãos e a todos os filhos dele. As pessoas mencionadas nos vss. 3-4 aparecem somente neste trecho bíblico. O pouco que se sabe é dado nos artigos do *Dicionário* que versam sobre elas. *Maaséias* (vs. 4) pode ter sido o pai do sacerdote Sofonias mencionado em Jer. 21.1; 29.25 e 37.3. O Jeremias aqui mencionado não é, naturalmente, o profeta. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jeremias (Outras Pessoas, que não o Profeta)*. Ele ocupa a sexta posição naquela lista. Jazanias, ao que parece, era o ancião principal do clã, pelo menos dos que fugiram do deserto por causa das operações do exército babilônico nas proximidades. O convite para ele ver Jeremias, o profeta, foi feito por algum bom representante do grupo. Todos os recabitas seriam "tentados" pelo vinho; mas para aquela gente tal tipo de tentação não tinha atrativos.

35.4

E os levei à casa do Senhor, à câmara dos filhos de Hanã, filho de Jigdalias, homem de Deus. "O templo de Salomão, de acordo com I Reis 6.5, parecia ter apartamentos construídos lateralmente, que eram destinados, por especial favor, à residência de sacerdotes ou profetas conspícuos. Hanã é aqui descrito como "homem de Deus" e, portanto, simpático para com Jeremias. Ao que tudo indica, Jeremias não tinha ali nenhuma câmara sua. A saliência dada a certos detalhes provavelmente tinha por intuito mostrar que a memorável e dramática cena que se seguiu, por ousada que fosse, foi efetuada na presença de representantes das ordens sacerdotal, profética e oficial" (Ellicott, *in loc.*). *Maaséias* era um dos três *porteiros* ou guardas do templo, que parece ter sido um ofício importante. Tais homens foram destacados pelos babilônios para serem julgados, juntamente com os sacerdotes principais (ver II Reis 25.18-21; Jer. 52.24-27). Foi na presença dessa augusta companhia que os rústicos nômades, os *recabitas,* foram trazidos para serem "submetidos a teste". O Targum chama Maaséias de "tesoureiro", e essa parece ter sido uma das funções dos porteiros. Os sete *amarcalim* portavam as chaves dos vários cômodos onde eram guardados os vasos do santuário, além de outras coisas necessárias, incluindo o *vinho.*

35.5

E pus diante dos filhos da casa dos recabitas taças cheias de vinho. De forma bastante crua, Jeremias foi direto ao ponto, oferecendo todo aquele vinho "delicioso" aos recabitas, que sem dúvida o repeliram. Para eles, aquele era um ato diabólico. Eles jamais tocariam no vinho. Vários *gabhia* (vasos) cheios de vinho foram postos perante eles. Havia boa abundância de vinho. Todos os recabitas podiam beber e encher a barriga. Em Gên. 44, a mesma palavra hebraica é usada para designar o cálice de José, mas aqui está em vista um vaso comum. Esses vasos tinham entre 20 a 25 cm de altura e eram usados para carregar água e outros líquidos. Devem ter contido cerca de um litro. Note o leitor que foi Jeremias quem disse "bebam". Ele não blasfemou de Yahweh sugerindo que o Senhor é quem tinha baixado a ordem, como através de um oráculo.

A Recusa dos Recabitas (35.6-17)

35.6

Mas eles disseram: Não beberemos vinho. Defrontando-se com a sua falsa tentação, os recabitas citaram as proibições de suas tradições, que, para eles, eram tão fortes como as proibições da lei. O "pai" deles (o fundador de sua seita) deixara claras instruções quanto às bebidas alcoólicas. Ele tinha proibido o uso de quaisquer estimulantes artificiais. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Jonadabe,* pontos 2 e 3. A proibição contra o vinho era absoluta e "perpétua". Os descendentes daquela gente simplesmente não bebiam nenhuma bebida alcoólica, e isso era um *item cardeal* da fé deles. Uma *ampla experiência* tinha-lhes mostrado que ingerir bebidas alcoólicas era uma prática negativa, que estava por trás de muitos males. A experiência moderna ilustra a mesma tese, mas muitas pessoas continuam usando bebidas intoxicantes. Quanto à possível identidade de Jonadabe, ver II Reis 10.15. Ele viveu cerca de 300 anos antes desse pequeno drama.

35.7

Não edificareis casa, não fareis sementeiras, não plantareis nem possuireis vinha alguma. *Outras proibições da fé dos recabitas:* eles não edificavam casas, pois viviam em suas tendas, apropriadas para a vida de nomadismo. Não praticavam a agricultura, que era o principal meio de sustento nas cidades, cuja vida odiavam. Propositadamente eles assumiam a posição de "estrangeiros na terra", porquanto, para eles, as cidades corrompiam a moral das pessoas. Em outras palavras, eram separatistas radicais e ultraconservadores, em comparação com os quais até o profeta Jeremias deve ter parecido um "liberal". "Eram tipos dos filhos de Deus, peregrinos na terra, que esperavam o país celestial, tendo pouco a perder, em razão do que tempos apertados lhes causavam bem pouco alarma (ver Heb. 10.34; 11.9-10,13-16)" (Fausset, *in loc.*). Coisa alguma era capaz de convencê-los a abandonar sua vida de peregrinos. Provavelmente orgulhavam-se em viver de modo similar ao dos patriarcas, como Abraão, Isaque e Jacó, que eram nômades. Talvez os essênios, de tempos bem posteriores, imitassem a dedicação e o estilo de vida deles. Estritamente falando, eles não eram hebreus, mas tinham-se misturado aos hebreus por casamento, e eram prosélitos do portão. Contudo, formavam uma comunidade separada, com suas próprias distinções.

35.8

Obedecemos, pois, à voz de Jonadabe, filho de Recabe, nosso pai. A *proibição* contra a ingestão do vinho aplicava-se a homens, mulheres ou crianças, em todos os níveis da sociedade. Eles obedeciam à voz de Jonadabe em sentido absoluto. Não se desviavam de suas tradições, e essa era a *qualidade* que se tornava a lição objetiva para Judá, embora atos específicos não estivessem envolvidos. Em termos evangélicos modernos, eles tinham "convicções" das quais jamais se afastariam. Na liberalização de nossas igrejas, hoje em dia, não há muito dessa atitude restante. A igreja evangélica moderna mais se parece com a apóstata nação de Judá do que com os recabitas. A história eclesiástica mostra que poucos grupos retêm suas formas originais por mais de cem anos. Os recabitas, em contraste, retiveram seus pontos distintivos por mais de 300 anos!

35.9

Nem edificamos casas para nossa habitação; não temos vinha nem campo, nem semente. Este versículo repete o que é visto no vs. 7. Os recabitas sentiam que a vida nômade favorecia a espiritualidade. As cidades, como é óbvio, eram para eles agentes corruptores, especialmente as grandes cidades. Brigham Young, primeiro líder do povo mórmon, proibiu a edificação de grandes cidades para impedir grandes males sociais, especialmente o crime e a indiferença para com a fé religiosa. Enquanto escrevo estas palavras, estou em Salt Lake City, o centro mesmo da Igreja Mórmon. Meu apartamento fica a cerca de 100 m do túmulo de Brigham Young. Enquanto olho pela janela, posso ver a efígie desse homem olhando para a cidade, cuja população atual é de um milhão de habitantes; e ele parece estar com uma carranca. Por semelhante modo, quando os recabitas foram morar na grande cidade de Jerusalém, não se sentiam felizes com o que viam. Jeremias arriscou-se a levar uma bofetada no rosto ao oferecer vinho àqueles rapazes!

35.10

Mas habitamos em tendas, e assim obedecemos e tudo fazemos segundo nos ordenou Jonadabe. Este versículo reitera o que vemos no vs. 7. Tendas favoreciam mais a vida espiritual do que casas ornamentadas. Quanto mais dinheiro possuímos e quanto maior é nosso conforto, menos pensamos no paraíso do outro mundo. Se formos capazes de edificar um paraíso nesta terra, então para que precisaremos do paraíso "vindouro"? Como é óbvio, esse tipo de atitude tem um grande defeito: uma pessoa adoece e seu paraíso terreno se esboroa. Como é lógico, os recabitas eram fanáticos, mas a fé deles trabalhava em seu favor. Em nossos próprios dias, a fé que encontramos em nossas igrejas trabalha mais em favor do próprio "eu" e do diabo do que em favor dos valores espirituais. A igreja está rapidamente se aproximando da posição assumida pela apostatada nação de Judá.

35.11

Quando, porém, Nabucodonosor, rei de Babilônia, subia a esta terra... Os recabitas estavam em Jerusalém contra a vontade. O exército da Babilônia já tinha entrado em operação nas cercanias de Judá, começando a matança e os saques. A vida nos desertos próximos tornou-se impossível. Por conseguinte, como medida *temporária,* a fim de salvarem a vida, algumas pessoas se mudaram para Jerusalém. Podemos estar certos, pois, de que elas estavam em Jerusalém, mas não faziam parte da cidade. Os olhos daquela gente continuavam olhando, saudosos, na direção do deserto, esperando em breve escapar da fortaleza do diabo, na qual Jerusalém se tinha transformado.

Aplicação da Lição Objetiva (35.12-17)

35.12

Então veio a palavra do Senhor a Jeremias. Jeremias, na presença de sacerdotes e profetas no templo, deu uma boa lição objetiva ao povo judeu, acerca da fidelidade às antigas tradições, pelo que, agora, explicava o propósito

de sua parábola viva. Ele tinha sido inspirado por Yahweh a dizer as coisas certas e dar instruções apropriadas. Mas as instruções de Jeremias nunca conseguiram realizar as coisas que ele esperava. O povo judeu estava por demais endurecido e por demais fixado em suas corrupções de idolatria-adultério-apostasia.

35.13

Vai, e dize aos homens de Judá e aos moradores de Jerusalém. *Yahweh-Sabaote-Elohim* (o Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso), nome divino de poder que costumeiramente acompanhava as profecias de Jeremias (cf. Jer. 2.19; 5.14; 6.6; 7.3; 9.7; 15.16; 16.9; 19.3,11,15; 23.36; 25.27; 27.4,21; 28.2,14; 29.4,8,17,21,25; 31.23; 38.17; 39.16; 44.2,7,11,25; 50.18), disse qual era a aplicação da lição objetiva. Jeremias foi enviado para publicar sua mensagem a todos os habitantes de Judá e Jerusalém. Havia *instrução* disponível por meio das palavras de Yahweh, se eles escutassem e se deixassem instruir. O argumento do profeta foi *a fortiori*. Se os recabitas continuavam fiéis às suas tradições depois de 300 anos, e a palavra deles não viera de Moisés, *quanto mais* deveria Judá obedecer às suas tradições, recebidas da parte de Moisés, para, assim, estarem a salvo do ataque babilônico.

35.14

As palavras de Jonadabe, filho de Recabe, que ordenou a seus filhos não bebessem vinho, foram guardadas. Se os recabitas obedeceram a uma autoridade *inferior* por 300 anos e faziam coisas que iam além da lei de Moisés, mostrando-se ascetas desnecessariamente, quanto mais os judaítas deveriam *obedecer* a autoridade maior, vivendo de acordo com a lei de Moisés como seu *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), visto que aquilo que ele ordenara eram os pontos essenciais da fé dos hebreus, e não regras ascéticas desarrazoadas. Jeremias, pois, demonstrou a sua *diligência,* levantando-se cedo pela manhã e trabalhando até tarde, a fim de cumprir seus deveres. Quanto ao "levantar-se cedo", cf. Jer. 7.13,25; 11.7; 25.3-4; 26.5; 29.19; 32.33; 35.14-15; 44.4. Mas Judá, mergulhado em sua apostasia (a qual eles amavam), perdera a capacidade de obedecer à Palavra de Deus. Note o leitor o contraste: *Recabe* falou, e a seita por ele fundada obedecia estritamente. Mas quando *Yahweh* falou a Judá, foi ignorado. A mensagem de Yahweh era a lei de Moisés, que tornava Israel-Judá uma nação distinta (ver Deu. 4.4-8), mas os judeus se paganizaram e acabaram se tornando outro povo idólatra qualquer, promovendo um sincretismo doentio, no qual Yahweh era apenas um entre inúmeros deuses.

35.15

Começando de madrugada vos tenho enviado todos os meus servos, dizendo: Convertei-vos agora. A mensagem do reavivamento voltava-se essencialmente contra a *idolatria,* e foi dirigida primariamente aos líderes do povo, em seguida ao povo em geral, e isso por meio de profetas fiéis. Mas a reação favorável à mensagem divina foi miseravelmente pequena. Coisa alguma conseguia extrair o povo judeu do seu auto-imposto aprisionamento ao paganismo. Como exemplo dos tipos de idolatria que o povo veio a promover, ver Jer. 3.1-2,12-13 e 32.29. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Idolatria.* Se os judeus tivessem abandonado o paganismo, teriam evitado o avanço do exército babilônico, porquanto *Yahweh* controla os acontecimentos humanos (ver os comentários em Isa. 13.6). Quanto ao ato de *ouvir* a mensagem espiritual, ver Sal. 64.1. Ver também Jer. 2.4; 5.21; 7.2; 10.1; 11.2; 13.10; 21.11; 28.7,15; 31.10; 44.24. Quanto ao ato de *voltar,* que é apenas um sinônimo de arrepender-se, ver Jer. 3.7,14; 18.8; 31.21 e 44.5. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Arrependimento.*

35.16

Visto que os filhos de Jonadabe, filho de Recabe, guardaram o mandamento de seu pai... Os recabitas ouviam, obedeciam e realizavam todos os seus deveres, conservando suas tradições, a despeito de a autoridade de Jonadabe sem dúvida ser muito menor que a autoridade de Moisés. Os recabitas tinham um *progenitor* espiritual ao qual respeitavam. Mas Israel-Judá, em grande desrespeito pela autoridade maior, tinham deixado de ouvir suas palavras e, assim, não obedeciam. Eles preferiram seguir o *próprio caminho* contra toda a razão, apelando para atos deprimentes que acabaram tornando-os pagãos. Eles pecaram contra um conhecimento e uma oportunidade maior e, por isso, tornaram-se um contraste violento com os fiéis recabitas. "Grosseira ingratidão! Deu. 32.6" (John Gill, *in loc.*).

> *Povo louco e ignorante, não é ele teu pai,*
> *que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?*
>
> (Deuteronômio 32.6)

35.17

Por isso assim diz o Senhor, o Deus dos Exércitos, o Deus de Israel. O divino *nome de poder* é novamente empregado: *Yahweh-Sabaote-Elohim.* Ver o vs. 13 quanto a notas e referências. O povo de Judá, que não queria ouvir e tão tolamente se corrompera, correndo após sua idolatria-adultério-apostasia, em breve deveria sofrer o julgamento da invasão, da matança e do saque do exército babilônico. Os poucos judeus que sobrevivessem seriam deportados para a Babilônia. Essa é a advertência constante do livro de Jeremias, bem como a principal razão do que ficou registrado. Cf. Jer. 4.20; 6.19; 11.11-12 e 17.18. Houve amplos avisos, mas o povo judeu não quis ouvir nem obedecer. Ver as notas expositivas sobre o vs. 15 do presente capítulo. Cf. Pro. 1.24 e Isa. 65.12. O Targum diz aqui: "Porquanto eu lhes enviei todos os meus servos, os profetas, mas eles não obedeceram. Os profetas lhes profetizaram, mas ele não voltaram".

A Promessa Feita aos Recabitas **(35.18-19)**

35.18

À casa dos recabitas disse Jeremias: Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel. Em violento contraste com os filhos de Judá, os recabitas ouviam e obedeciam à voz de seu pai, Jonadabe, filho de Recabe, e por 300 anos continuaram a observar suas tradições sem nenhuma hesitação. Por conseguinte, o Deus de Poder, *Yahweh-Sabaote-Elohim* (ver o vs. 13) tinha uma promessa para eles. Os obedientes seriam abençoados e honrados.

35.19

Nunca faltará homem a Jonadabe, filho de Recabe, que esteja na minha presença. O poderoso nome de Deus é repetido novamente, quando a promessa é feita. A promessa é firme, porque o Deus de Poder estava por trás dela, e é Ele quem controla as atividades humanas (ver Isa. 13.6). Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.*

À seita dos recabitas não haveria geração que não tivesse alguém vivendo *na presença de Yahweh.* Essa frase por muitas vezes fala de intercessão e implica uma capacidade sacerdotal (ver Jer. 15.1 e 18.20), ou pode significar a função de um profeta. Contudo, Yahweh não estava dizendo que os recabitas seriam elevados a posições sacerdotais e proféticas. Antes, o sentido aqui é um "serviço fiel" prestado a Deus, que Lhe seria agradável e certamente abençoado pelo Senhor. E é com base no presente versículo que ficamos sabendo que a seita também obedecia à legislação mosaica, e não apenas aos mandamentos específicos e distintivos de Jonadabe. Eles eram fanáticos e ultraconservadores, fazendo mais do lhes era requerido e também praticando tolamente certas coisas que lhes pareciam de *suprema importância* (o que é o abc dos fanáticos). Todavia, eles não negligenciavam os pontos fundamentais da fé dos hebreus, a lei como *guia* (ver Deu. 6.4 ss.). Portanto, eram objetos óbvios das bênçãos de Yahweh. Eram ascetas, porém também muito mais que isso.

> *Sempre haverá um descendente de Jonadabe,*
> *filho de Recabe, que me sirva.*
>
> (NCV)

A promessa incluía a continuidade da seita dos recabitas, a estabilidade do clã e contínua fidelidade. Eles sempre seriam fortes. E, assim sendo, sempre seriam abençoados; sempre seriam servos de Yahweh, em contraste com os judeus, que se desviaram de suas tradições e se corromperam em seus caminhos pagãos. A tentativa de identificar os recabitas com alguma seita sacerdotal, fazendo deles nazireus ou essênios, tem fracassado. Isso é ver no texto algo mais do que está ali. Talvez algumas das filhas dos recabitas tenham casado com sacerdotes, mas dificilmente isso está em pauta aqui. Então as tradições, como aquela referida por Eusébio (*História Eclesiástica* 1.2, cap. 23), que dizem que os recabitas foram favoráveis ao cristianismo, continuando com sua fidelidade à verdade, provavelmente não são dignas de confiança.

Capítulo Trinta e Seis

Os Dois Rolos das Profecias de Jeremias (36.1-32)

Este capítulo provê a única descrição detalhada, no Antigo Testamento, da escrita de um livro profético. É assim que obtemos algum discernimento quanto ao processo físico envolvido na produção de tais obras. Além disso, pela primeira vez, somos informados sobre como as obras de Jeremias eram lidas em público, o que naturalmente foi um grande fomento de seu ofício profético. É interessante observar que o profeta tinha um secretário pessoal, Baruque (vs. 4), quem real-

mente fazia o trabalho de escrita. Estou conjecturando que Jeremias pagava a Baruque um salário por esse trabalho, porquanto não é provável que fosse conferido a Jeremias tal auxílio por parte das autoridades religiosas de Jerusalém. Sem dúvida, Baruque era escriba profissional. O livro de Jeremias foi escrito em um rolo de papiro (vs. 2). Quanto a detalhes sobre *Baruque,* ver o verbete com esse nome no *Dicionário,* primeiro ponto.

O tempo da compilação do livro de Jeremias foi o quarto ano do rei Jeoaquim, ou seja, 605 A. C. São mencionados dois estágios adicionais de compilação, em Jer. 36.32 e em 51.64. Nosso livro de Jeremias sem dúvida contém algumas expansões que ultrapassam o documento original, acrescentadas pelo editor deuteronômico, e talvez outras tenham sido adicionadas como comentários, aqui e acolá. Talvez o próprio Baruque tenha tomado a liberdade de adicionar detalhes, conforme foi arranjando os materiais para publicação. Jeremias recebeu tantos oráculos sobre o desastre futuro que se tornou imperativo contar com um registro histórico que lhes fomentasse a autoridade e também servisse de advertência mais clara. Foi dessa maneira que cresceu o livro bíblico de Jeremias.

Ditado a Baruque (36.1-7)

36.1

No quarto ano de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá... O quarto ano do reinado de Jeoaquim foi 606-605 A. C. Cf. o vs. 9. Naquele ano, veio o mandamento a Jeremias, da parte de Yahweh, para escrever. Os *livros* são a melhor maneira de nos comunicarmos, a despeito dos avanços modernos no campo da comunicação. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livro, Livros.* Reunir em uma compilação escrita os oráculos que se acumulavam, facilitaria o ensino ao povo. A palavra escrita tem certa autoridade que falta à palavra falada. Além disso, homens bons aprenderiam que o livro fora produzido por inspiração divina. Sendo esse o caso, ele seria preservado para as gerações vindouras. E então, finalmente, no processo de *canonização,* o livro de *Jeremias* haveria de tornar-se um dos livros do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cânon do Antigo Testamento,* e também os verbetes *Revelação* e *Inspiração.*

36.2

Toma o rolo, o livro, e escreve nele todas as palavras que te falei. O "rolo" era um rolo de vellum ou papiro, e não um códex (em formato de livro, como conhecemos atualmente). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Escrita* e *Escrituras.* O hebraico por trás da palavra *rolo* é *meghillah sepher,* empregado para indicar um rolo de tamanho suficiente para ser considerado um "livro". O formato de "códex" não começou a ser usado senão no século I D. C. O códex, com suas páginas, foi uma invenção para facilitar a leitura. Na realidade, o rolo era um formato difícil de ser manipulado. O fim do material era enrolado no centro do rolo. Nos dias de Jeremias, o papiro era comum e muito mais barato do que o vellum (peles de animais), pelo que é provável que o papiro tenha sido o material empregado por Baruque.

Os *oráculos* de Jeremias começaram nos dias de Josias, ou seja, cerca de 627 A. C. Ver Jer. 1.2 e 25.3, o que significa que o acúmulo de material, no espaço de mais de vinte anos, tornou-se considerável. Em Jer. 25.13 podemos ver uma declaração sobre a compilação dos materiais. Outras compilações seguir-se-iam: Jer. 36.32 e 51.64. Ver a introdução ao capítulo, quanto a detalhes. Podemos supor com segurança que a maior parte dos oráculos já estava sob a forma escrita, mas sem dúvida alguns oráculos orais foram reduzidos à forma escrita por ocasião das compilações. Os oráculos consistiam essencialmente (embora não inteiramente) em advertências de julgamento sobre Israel-Judá e as nações, por motivo da sua idolatria-adultério-apostasia.

36.3

Talvez ouçam os da casa de Judá todo o mal que eu intento fazer-lhes. O principal propósito da compilação é que ela proveria um meio para instruir o povo de Judá a arrepender-se, ao ouvir sobre o *mal* que lhes sobreviria por causa de seus muitos pecados. Dessa forma, o arrependimento produziria perdão e poderia evitar o desastre causado pela invasão babilônica.

O livro de Jeremias tinha por propósito fornecer a provisão de uma *oportunidade,* e já vimos, até este ponto do livro, que essa oportunidade era ampla. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Arrependimento* e *Perdão.* Qualquer oportunidade subentende a realidade do livre-arbítrio, pois sem ele não pode haver a responsabilidade moral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Livre-arbítrio.* Tudo isso faz parte dos dons da graça divina. De fato, essas coisas fazem parte dos dons essenciais da graça, um *sine qua non* da espiritualidade.

36.4

Então Jeremias chamou a Baruque, filho de Nerias. Sem sombra de dúvida, Jeremias sabia escrever. O seu livro mostra muitos sinais de inteligência e ampla educação. Mas *Baruque* era escriba profissional e faria um trabalho de escrita mais rápido e mais bem ordenado. No estudo que apresento sobre os manuscritos do Novo Testamento, abordo a questão das produções escritas profissionais e não-profissionais, e as produções profissionais são de leitura muito mais fácil. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Manuscritos.* Ofereço melhor seleção de fotografias de manuscritos do Novo Testamento no artigos introdutórios do *Novo Testamento Interpretado,* destacando-se especificamente o artigo chamado *Manuscritos.* Nenhum homem é tão bom na produção de livros que prescinda da ajuda de outros. Na verdade, a publicação de livros é um esforço de equipe. Os escribas eram homens eruditos, mestres do povo, e não apenas amanuenses habilidosos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Baruque,* primeiro ponto, que ilustra as habilidades dessa personagem. Note o leitor como "Israel, Judá e as nações" foram reduzidas aqui a "Judá", o principal destinatário do livro.

Baruque já havia sido empregado por Jeremias para ajudar na questão da compra de um campo. Foi ele quem preparou os documentos. Ver Jer. 32.12 e seu contexto. Portanto, Baruque era conhecido por Jeremias dentro de um contexto profissional. Todavia, é provável que Baruque fosse um discípulo do profeta. Jeremias não teria lançado mão de um homem que não estivesse espiritualmente qualificado para tão importante tarefa.

36.5

Jeremias ordenou a Baruque, dizendo: Estou encarcerado. Jeremias era agora uma pessoa "não grata" no templo, pelo que, quando o trabalho de escrituração (ou parte dele) estivesse pronto, Baruque teria de lê-lo no átrio do templo para os líderes religiosos do povo. Se alguma mudança duradoura tivesse de ocorrer, esses líderes deveriam encabeçar o movimento. Em consequência, a leitura dos oráculos deveria começar no templo. Mas, conforme as coisas ocorreram, nem os líderes nem o povo acolheram bem a mensagem. Jeremias já havia anunciado mensagens impopulares no templo (ver Jer. 7.1-15; 26.1-19) e agora não tinha mais amigos ali. Jeremias, contudo, não estava detido em uma prisão, conforme poderia dar a entender a palavra "encarcerado", usada no texto sagrado. Na realidade, Jeremias não sofreu nenhum tipo de aprisionamento nos dias do rei Jeoaquim, mas provavelmente sua entrada no templo teria sido impedida.

36.6

Entra, pois, tu, e, do rolo que escreveste, segundo o que eu ditei, lê todas as palavras do Senhor. A visita de Baruque ao templo dar-se-ia em um *dia de jejum,* o que seria apropriado para que o povo ouvisse as sombrias palavras dos oráculos. Nesses dias, o povo supostamente estaria pensando sobre o arrependimento e os valores espirituais. "Antes da queda de Jerusalém, em 586 A. C., dias de jejum não eram especificados, mas convocados em momentos de emergência (cf. Jer. 36.9; II Crô. 20.3; Joel 1.14; 2.15). Somente depois da queda de Jerusalém é que foram instituídos dias *regulares* de jejum (ver Zac. 7.3,5; 8.10)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "... um dia de jejum, um dia em que as multidões de Judá se reuniriam, vindas de todas as partes do país, para implorar a misericórdia de Deus. Aquele seria um dia favorável para que fossem lidas as tremendas profecias" (Adam Clarke, *in loc.*).

Este versículo indica considerável movimento de gente, vinda de outras cidades de Judá, sem dúvida por ordens emanadas dos líderes religiosos. Alguma crise nacional provocou tal movimentação, talvez um período de seca, uma falha na colheita ou a perigosa aproximação do exército babilônico. A Mishnah (Taanit 1.5) diz-nos que, se nenhuma chuva caísse no primeiro dia do mês de quisleu (novembro-dezembro), haveria três dias de jejum. Essa prática talvez viesse desde tempos mais antigos. Seja como for, a seca era sempre uma preocupação importante em Israel. Talvez a ocasião para esse jejum fosse o *Dia da Expiação,* que naturalmente era acompanhado de um jejum. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Dia da Expiação.*

36.7

Pode ser que as suas humildes súplicas sejam bem acolhidas pelo Senhor. Este versículo dá a entender que o povo de Judá havia sido severamente advertido sobre o desastre vindouro que procederia da Babilônia, mas é inútil pensarmos que o povo de Judá, temendo isso, estivesse reunido voluntariamente para jejuar. A única esperança de Jeremias era que aquele dia de jejum, determinado por alguma outra razão, seria favorável ao seu propósito. Talvez o arrependimento ocorresse mediante um jejum tão oportuno. Mas era tudo vã esperança. O povo de Judá não faria mais do que perder umas duas refeições, para então os pecados continuarem da maneira usual. A grande calamidade que estava para abater-se sobre eles, e que tão vívida e repetidamente lhes fora apresentada, ainda não começara a afetar sua maneira de pensar. Na realidade, eles preferiam acreditar na mensagem que dizia "paz, paz", proclamada pelos falsos profetas (ver Jer. 6.14 e 8.11).

Leitura do Livro de Jeremias no Templo (36.8-11)

36.8

Fez Baruque, filho de Nerias, segundo tudo quanto lhe havia ordenado Jeremias. Em contraste com os réprobos de Judá, Baruque era homem que obedecia às palavras do profeta e, assim sendo, desempenhou sua difícil mas necessária missão, tomando o lugar do profeta como leitor dos oráculos escritos. O pobre secretário de Jeremias veria, em primeira mão, quão endurecidos estavam aqueles ímpios, a despeito de se declararem *líderes religiosos*. Dificilmente existe alguém tão endurecido e teimoso como uma pessoa religiosa auto-enganada, que pensa "ter a verdade". Esse endurecimento começa quando essa pessoa nem percebe que pertence a tal classe de indivíduos. "Duros como o ferro" é uma expressão moderna que exprime bem a condição dos líderes religiosos de Judá nos dias de Jeremias.

36.9

No quinto ano de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá, no mês nono, apregoaram jejum diante do Senhor. A leitura ocorreu no *quinto* ano do reinado de Jeoaquim, em algum tempo em 605-604 A. C. O mês era o quisleu (o nono mês, equivalente a nosso dezembro). O quarto ano do rei terminou aproximadamente em setembro de 605 A. C. O ano de governo real começou no outono, no sétimo mês. Portanto, não foi grande o intervalo de tempo entre a ordem de compilar o livro e sua primeira leitura no átrio do templo. Uma fonte informativa, por meio de um cálculo complexo, que joga com diferentes calendários e maneira de computar o tempo entre os hebreus, chega à conclusão de que não mais de três meses se passaram entre a data de Jer. 36.1 e a data de Jer. 36.9. O ponto, todavia, não é muito importante, exceto para demonstrar como Baruque escrevia rápido. Grande multidão veio a Jerusalém participar do jejum, conforme declarado aqui e no vs. 6. Portanto, estava armado o palco para o discurso impopular de Baruque, o qual, conforme veremos, deixou os ouvintes indignados. Eles já estavam a braços com uma seca, além de outras calamidades nacionais, para terem de pensar em coisas ainda mais drásticas que viriam.

36.10

Leu, pois, Baruque naquele livro as palavras de Jeremias. Baruque, por não ser um sacerdote, não teria acesso ao próprio santuário, mas foi-lhe permitido entrar nos átrios e nas câmaras adjacentes ao templo. Ver Jer. 35.2. Ele se dirigiu à câmara de Gemarias, que pertencia à linhagem de *Safã*. Essa câmara ficava no átrio superior do templo, próxima à *Porta Nova* (ver Jer. 26.10). "Gemarias, tal como seu irmão, Aicão (ver Jer. 26.24), apoiou a mensagem de Jeremias e permitiu que Baruque usasse a sua câmara, de onde ele pôde ler a mensagem ao povo reunido no átrio" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Talvez a câmara tivesse uma sacada conveniente de onde Baruque leu, ou então uma janela onde uma pessoa, de pé, ficaria visível para o povo. Não é provável que o versículo queira dizer que ele leu somente às pessoas que pudessem juntar-se no interior da própria câmara.

Gemarias. Ver as notas a respeito no vs. 11.

36.11

Ouvindo Micaías, filho de Gemarias, filho de Safã, todas as palavras do Senhor. Um dos principais homens que ouviram a leitura de Baruque foi *Micaías*. Sendo ele um crente no poder e na realidade da profecia, pensou que aquilo que tinha ouvido deveria ser noticiado aos príncipes do povo e, dali, talvez, ao próprio rei.

> *Todos se sentaram emudecidos,*
> *Ponderando o perigo com pensamentos profundos,*
> *E cada qual viu, no semblante do outro,*
> *O seu próprio desânimo, e, juntos, ficaram*
> *Espantados.*
>
> (John Milton)

Note o leitor que Gemerias, filho de Safã, não é a mesma pessoa que Gemarias, filho de Hilquias, citado em Jer. 29.3. Ver sobre os nomes próprios no *Dicionário,* quanto ao pouco que se conhece sobre eles. Alguns supõem que a reunião, havida na câmara de Gemarias, fora planejada com antecedência, provendo a maneira de fazer a mensagem chegar à casa do rei. Mas não há razão alguma para imaginarmos algo tão sutil quanto isso. Antes, Micaías, *espantado* diante do que acabara de ouvir, agiu espontaneamente para dar à mensagem ainda mais amplo alcance.

36.12

Desceu à casa do rei, à câmara do escrivão. Eis que todos os príncipes estavam ali assentados. Micaías tomou a missão sobre si mesmo. Não levou consigo a Baruque para reforçar suas intenções. Na casa do rei, ele se encontrou com vários príncipes da nação, além de boa quantidade de sacerdotes e profetas, representantes da classe governante. O pouco que se sabe sobre essas pessoas está relatado em artigos sobre elas, no *Dicionário*. Esses príncipes eram governantes civis (oficiais administrativos), e não membros da família real. Aquela gente parecia, ao menos, respeitar as palavras do profeta Jeremias. Note o leitor, no vs. 25, que eles se esforçaram para impedir a queima do rolo de Jeremias, por parte do rei. *Elisama* era um escriba, o que é comentado no sexto número do artigo com esse nome. *Delaias* tem comentários sob esse nome, ponto um. Coisa alguma se sabe sobre ele, exceto que era um dos príncipes do povo. Elnatã, para sua vergonha eterna, agiu como instrumento de Jeoaquim para buscar Urias no Egito, com propósitos de execução (ver Jer. 26.22-23), mas para seu crédito ele não queria que o rolo de Jeremias fosse queimado (ver Jer. 36.25). *Gemarias* não é o mesmo mencionado em Jer. 29.3. *Zedequias* não era o rei desse nome e, sim, o filho de um infame falso profeta, Hananias. Ver Jer. 28.10-17. Não somos informados sobre o que ele pensava acerca de Jeremias, mas talvez fosse demasiado esperar algo bom da parte dele.

36.13

Micaías anunciou-lhes todas as palavras que ouvira. Baruque declarou a mensagem de Jeremias, lendo os oráculos a Micaías, o qual, por sua vez, levou o rolo e o leu perante uma espécie de subcomissão do rei (embora o próprio rei ainda não tivesse ouvido a leitura do rolo de Jeremias). Essa leitura mostrou-se impressionante o bastante para atrair a atenção dos outros príncipes (vs. 14) e tornou-se quase um empreendimento universal de pregação. O autor mostra os vários estágios da leitura que, finalmente, levou a questão à atenção do próprio rei, assim como de seus oficiais mais íntimos.

36.14

Então todos os príncipes mandaram Jeudi, filho de Netanias. Esses príncipes são outros, diferentes daqueles do vs. 12, formando um *círculo mais lato* de oficiais civis. *Jeudi* foi escolhido para convidar Baruque a ler a mensagem de Jeremias. Esse mensageiro é apresentado a nós através de três gerações de ascendentes, um procedimento incomum que mostra a importância de sua linhagem. Se os nomes são desconhecidos para nós, provavelmente eram bem conhecidos e impressionantes para as pessoas que viviam no tempo de Jeremias. Alguns estudiosos emendam o texto, colocando a palavra "e" antes de Selemias, para fazer dele ser um mensageiro enviado juntamente com Jeudi, e não um de seus ancestrais. Por meio dessa emenda, obtemos *dois* mensageiros cujos *pais* são mencionados. Essa é uma maneira comum de manusear o material que vemos por todo este texto, e talvez seja o que está entendido aqui. Baruque atendeu ao convite e veio fazer a leitura. Aparentemente, a apresentação foi arranjada de modo que incluísse um bom número de pessoas além dos príncipes.

36.15

Disseram-lhe: Assenta-te, agora, e lê-o para nós. Baruque foi tratado com cortesia. Foi-lhe oferecido um lugar apropriado para sentar-se, e ele foi convidado a ler o rolo, enquanto a audiência prestava estrita atenção às suas palavras. Não foi uma reunião hostil. Pelo contrário, aqueles príncipes pareciam estar à beira do arrependimento, mas o rei, duro de coração como era, transformaria o cenário em um ambiente de rebelião e negligência.

36.16

Tendo eles ouvido todas aquelas palavras, entreolharam-se atemorizados. As *palavras dos oráculos* de Jeremias bateram no cérebro daqueles homens como marteladas. Eles estavam assustados e temerosos, e olharam, desanimados, uns para os outros. Como é óbvio, eles acreditavam na palavra profética e sabiam que seu amado país estava prestes a ser aniquilado pela maior potência militar da época. Também sabiam que fora a *idolatria-adultério-apostasia* que os tinha posto naquela situação impossível. As palavras deste versículo implicam o desejo de uma reforma geral, que só poderia ser realizada pela autoridade do rei; e era exatamente isso o que eles estavam buscando.

36.17

E perguntaram a Baruque, dizendo: Declara-nos, como escreveste isto? O círculo maior dos príncipes quis saber como os rolos da profecia chegaram à existência. Eles não acreditavam que Baruque tinha composto todo aquele mate-

rial por si mesmo. Deveria ter havido um processo para produzir da obra, de forma que tudo acabou em um livro. Em certo sentido, aqueles homens queriam saber mais sobre a *autoridade* do livro. Eles já tinham confiança de que o material todo fosse atribuído a Jeremias, conforme se depreende das palavras "ditava-me pessoalmente todas estas palavras", uma óbvia referência ao profeta. Jeremias tinha poderosa reputação como quem dava oráculos da parte de Yahweh, mas também recebeu oposição da parte dos sacerdotes e falsos profetas, não sendo respeitado pelo rei como o poder que ele, realmente, era. Teria Baruque reproduzido o material *de memória,* depois de tê-lo ouvido de Jeremias, ou ele foi escrevendo por meio de ditado gradual? Neste último caso, estaria envolvida maior exatidão, sem nenhuma dependência da memória do escriba. Tomar conhecimento de detalhes como esses era importante para aqueles "príncipes que criam".

36.18

Ditava-me pessoalmente todas estas palavras, e eu as escrevia no livro com tinta. *Baruque informou aos príncipes* que o livro fora produzido mediante ditado direto da parte do profeta, que, ao que se presumia, tinha recebido sua mensagem por igual modo da parte de Yahweh. Ele não produziu o material de memória, depois de as frases terem sido ditas pelo profeta. Isto posto, tanto *exatidão* quanto *autoridade* eram palavras-chave em relação a essa circunstância. Em outras palavras, havia autoridade divina para os príncipes crerem no poder de Jeremias, mas, ao mesmo tempo, o partido de oposição só escarnecia do profeta. Os profetas falsos contavam uma história totalmente diferente da de Jeremias, com seus pronunciamentos de "paz, paz" (ver Jer. 6.14; 8.11).

Tinta. Quanto a completos detalhes sobre as tintas de escrever antigas, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Tinta*, onde contrasto a antiga variedade das tintas de escrever com a moderna. As tintas antigas eram substâncias poderosas e de longa duração, o que fica comprovado pelo fato de existirem manuscritos com muitos séculos de antiguidade que até hoje podem ser facilmente lidos. A tinta de fabricação mais simples era uma mistura de fuligem com certos tipos de gomas, água e carvão. Testes químicos revelam algum ferro nas composições. Substâncias vegetais eram usadas, emprestando à tinta a capacidade de resistir à degeneração dos séculos, pois mesmo após centenas de anos os textos escritos com essas tintas continuam preservando legíveis. Um dos problemas com as tintas antigas era que, algumas vezes, elas corroíam o papiro, e essa foi uma boa razão para utilização do material mais caro do vallum.

36.19

Vai, esconde-te, tu e Jeremias; ninguém saiba onde estais. A hostilidade do rei, dos sacerdotes e dos falsos profetas era bem conhecida. Ver Jer. 26.20-23 quanto à execução do profeta Urias, por ordens do monarca judeu, o que contou com a plena cooperação de seus conselheiros. Portanto, o conselho que os "príncipes que criam" deram foi que tanto Baruque quanto Jeremias se escondessem, pelo menos até que as coisas esfriassem. Se o rei tinha caçado Urias até o Egito, mediante seus conselheiros assassinos, poder-se-ia esperar que ele também caçasse Jeremias, acusando-o de traição, e o mandasse executar.

"Profundamente impressionados, eles decidiram que informariam Jeoaquim. Mas sentindo a possibilidade de repercussões, instruíram tanto Baruque quanto Jeremias a ocultar-se" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 19). Se eles sentiam a obrigação de relatar ao rei o que tinham ouvido na leitura de Baruque, não estavam obrigados a permitir que houvesse derramamento de sangue inocente por esse motivo.

36.20

Foram os príncipes ter com o rei ao átrio, depois de terem depositado o rolo na câmara de Elisama. Para que ficasse guardado temporariamente, os príncipes mantiveram o rolo na câmara de Elisama, um escriba. Ver o vs. 12, onde esse homem é mencionado pela primeira vez. Cf. isso com a *câmara* de Gemarias, onde ocorrera a leitura original do livro (vs. 10). Assim sendo, estava armado o palco para a *leitura final* do rolo perante o rei e seus mais altos oficiais.

Antes mesmo de o rolo ser levado diretamente ao rei, os "príncipes que criam" já tinham contado ao rei a essência do documento, da melhor maneira que podiam lembrar. Contudo, "oráculos relembrados" não eram suficientes para o rei. Ele queria ver o livro e ouvir a leitura, por parte de alguma pessoa qualificada. O rei queria ter o livro *em suas mãos,* pois isso serviria como evidência do processo que ele desejava lançar contra Jeremias, já que era esse o curso que o rei havia decidido seguir.

36.21

Então enviou o rei a Jeudi, para que trouxesse o rolo. Foi assim que *Jeudi,* ainda agindo como *office-boy*, foi enviado para trazer o rolo ao rei. Ele pegou o rolo na câmara de Elisama, onde estava guardado (vs. 20). Trazendo o rolo à presença do rei, o próprio Jeudi foi designado a lê-lo. O rei sentou-se com um rosto que estampava a incredulidade, enquanto seus mais elevados oficiais, de pé ao redor, olhavam e ouviam tudo com sorrisos de desprezo. Fazia muito tempo que ele tinha deixado de confiar em Yahweh ou em qualquer "profeta" que o Senhor enviasse. Se, porventura, eles tinham algum sentimento religioso, era em favor aos muitos deuses do panteão pagão adotados de povos estrangeiros, e provavelmente estamos certos em assumir que eles também não acreditavam nas divindades pagãs. Tinham-se tornado *ateus práticos,* mas o povo comum se tornara idólatra declarado.

36.22

O rei estava assentado na casa de inverno... e diante dele estava um braseiro aceso. O drama ocorreu em novembro-dezembro (o nono mês do calendário hebraico) de 604 A. C. Naquela época do ano, o clima de Jerusalém era bastante frio, e, por essa razão, havia ali um braseiro aceso para efeito de aquecimento, e o rei estava com sua blusa de lã favorita. Os apartamentos de inverno eram construídos para aproveitar o sol matinal, pelo que o rei se sentia confortável em sua câmara, enquanto a mensagem era lida. Talvez a casa de inverno do rei não fosse uma estrutura separada, em um lugar diferente, mas apenas parte do palácio real, mais bem preparada para enfrentar o frio do inverno.

O *braseiro* para aquecer o meio ambiente no inverno era de origem egípcia. Feitos de metal ou argila, era bastante eficaz para aquecer áreas limitadas. Quanto a outra referência a uma casa de inverno, ver Amós 3.15. No mês de dezembro ocasionalmente neva em Jerusalém, mas a queda de neve não dura muito tempo. Somente pessoas das classes abastadas tinham *braseiros.* Os mais pobres faziam pequenas fogueiras no meio da sala de suas casas.

36.23

Tendo Jeudi lido três ou quatro folhas do livro, cortou-o o rei com um canivete. Jeudi não tinha lido muito do rolo, mas apenas três ou quatro *colunas* (e não "folhas", conforme diz a nossa versão portuguesa) quando o rei, desgostoso com o que ouvia, desejou interromper a leitura. Assim sendo, ele tomou um canivete e cortou a parte que já havia sido lida, jogando fora aquele "lixo" no fogo do braseiro. O rei continuou cortando e atirando no braseiro o pedaço cortado, e em breve o rolo inteiro tinha sido consumido no fogo. Mediante ato tão insolente, o orgulhoso e ridículo rei demonstrou seu desprazer com as "profecias de condenação". II Reis 22.11 parece contar uma história diferente quanto à reação do rei, dizendo que ele rasgou as próprias vestes ao ouvir a leitura do rolo. Mas isso aconteceu diante da leitura do livro perdido da *lei,* que havia sido encontrado. É perfeitamente possível que um homem, em dias diferentes, demonstre reações diferentes diante das coisas, mesmo quando é homem de coração duro e mente calejada. Talvez o rei Jeoaquim tivesse algum respeito pela lei, mas pouco pelo que os profetas escreviam.

Canivete. Literalmente, no hebraico, *faca de escriba,* usada para cortar o papiro quando se estavam preparando os rolos. Essa faca também servia para afiar as penas de juncos com as quais um homem escrevia.

Compare-se o leitor o ato altivo do apóstata rei Jeoaquim com a humilde reação de Josias, ao ouvir a leitura da lei, em II Reis 22.11,19.

36.24

Não se atemorizaram, não rasgaram as vestes, nem o rei nem nenhum dos seus servos. O rei e seus mais elevados oficiais eram homens ignorantes e endurecidos de coração. Eles tinham perdido o contato com Moisés, com a lei mosaica e com os antigos requisitos da fé dos hebreus. Eram pagãos sofisticados, que riam das coisas, como dos profetas de condenação. Preferiam a vida sensual da idolatria pagã e pensavam que, *se* algum profeta soubesse qualquer coisa sobre o futuro, era melhor apostar nos profetas otimistas (falsos), que continuavam a falar em paz (ver Jer. 6.14 e 8.11). Aqueles homens endurecidos não tinham nenhum *temor* do que estava sendo lido. Pelo contrário, contavam piadas e faziam observações espirituosas sobre sonhadores insanos e profetas que se autonomeavam como tais. Eles não temiam as palavras de Jeremias porquanto não tinham *temor de Yahweh,* expressão do Antigo Testamento que representa espiritualidade, conforme compreendida na antiguidade. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Temor,* e ver Sal. 119.38 e Pro. 1.7. Outrossim, eles não rasgaram as próprias roupas como sinal de consternação e arrependimento. Em outras palavras, a leitura do livro de Jeremias foi um fracasso completo, se por sucesso compreendermos que teve algum efeito sobre o rei e seus oficiais. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Vestimentas, Rasgar das,* quanto a maiores detalhes.

36.25

Posto que Elnatã, Delaías e Gemarias tinham insistido com o rei que não queimasse o rolo. Três dos principais oficiais do rei, Elnatã, Delaías e

Gemarias (ver as notas sobre o vs. 12 deste capítulo), protestaram (humildemente, sem dúvida) contra a queima do rolo, por razões que não são explicadas. Talvez eles pensassem que os oráculos tinham valor e deveriam ser conservados, para que pudessem ser consultados novamente. Talvez um ou outro pensasse que o documento escrito deveria ser conservado como evidência física contra Jeremias, que poderia ser apresentada durante o julgamento dele. Mas o rei, preso à sua cegueira judicial, reprovação, ignorância, insensatez, ausência de discernimento espiritual, corrupção moral e espiritual, rebeldia, falta de sensibilidade diante de uma situação muito séria, um escravo da generalizada idolatria-adultério-apostasia do país, não estava interessado no rolo nem em sua contínua existência, seja por qual razão fosse. Por conseguinte, ele ignorou os protestos e terminou sua pequena "queima da Bíblia". Por quantas vezes isso se tem repetido ao longo da história? No fim, porém, o Livro mostraria ser mais poderoso do que o canivete e o braseiro.

Com base nessa passagem, tornou-se quase uma lei oficial entre os judeus que qualquer homem que visse qualquer porção das Escrituras que fosse rasgada, cortada ou, de algum modo, maltratada, deveria rasgar as próprias vestes (*Talmude Babilônico Moed. Katon.*, fol. 26.1), mostrando sua consternação diante de ato tão blasfemo.

36.26

Antes deu ordem o rei a Jerameel, a Seraías... e a Selemias... Conforme antecipado (vs. 19), o rei, irado diante do que lhe parecia ser a impudência do profeta e de seu amanuense, Baruque, ordenou que eles fossem aprisionados. O rei entregou essa importante tarefa a Jerameel, Seraías e Selemias. Portanto, o rei enviou seus homens de maior confiança para cometer crimes!

Algumas versões traduzem a frase "filho de Hameleque" como se fosse "filho do rei". Isso tem provocado a seguinte pergunta por parte dos comentadores: "Como Jeoaquim, que tinha apenas cerca de 30 anos de idade na época, poderia ter um filho adulto na época?" (ver II Reis 23.36) E a resposta tem sido: Talvez ele fosse um filho adotado, ou um membro próximo da família real, o que teria permitido a designação "filho" para Jerameel. Outras traduções, como nossa versão portuguesa, dizem "filho de Hameleque", mas essa é uma tradução errada.

Jeremias e Baruque estavam escondidos, pelo que a busca foi inútil. Se eles tivessem sido encontrados, teriam sido aprisionados, para então ser executados por motivo de traição. Os judeus imaginavam um *milagre de esconderijo,* como uma espécie de trevas, que os escondesse quando alguém se aproximasse (conforme dizia Kimchi); mas se isso é um drama, não passa também de uma fantasia.

O Segundo Rolo (36.27-32)

36.27

Então veio a Jeremias a palavra do Senhor, depois que o rei queimara o rolo. Para reparar o dano feito com a queima do rolo, a palavra (oráculo) de Yahweh veio a Jeremias e passou-lhe algumas instruções vitais. Jeremias, ainda escondido, recebeu a nova ordem e imediatamente agiu em conformidade. O trabalho de ditado, de Yahweh para Jeremias, e então de Jeremias para Baruque, teve de ser refeito. Então o palco estaria pronto para a publicação do livro de Jeremias, o qual, como é natural, teria acréscimos à forma original.

36.28

Toma outro rolo, e escreve nele todas as palavras que estavam no original. *Outro rolo* precisou ser preparado, e os oráculos foram novamente registrados em forma escrita. Em conseqüência, Baruque deveria estar ocupado com seu canivete de escriba (vs. 23), preparando o rolo de papiro; e então tanto Baruque quanto Jeremias estariam ocupados com a produção do novo rolo. Nesse novo rolo, bastante material adicional foi acrescentado, conforme mostra o vs. 32. Assim, o livro de Jeremias adquiria forma. E também haveria outras adições, conforme se compreende através de Jer. 51.64. Ver sobre o crescimento do livro na *Introdução,* seção V. Incidentalmente, este versículo mostra que *uma* das maneiras de revelação ou iluminação se dá pelo método do *ditado.* Mas é inútil supor que toda a revelação tem de usar esse método. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Revelação* e *Iluminação.* No outro extremo, é uma insensatez negar que existam coisas como a revelação e a iluminação. Ver também o verbete chamado *Inspiração.*

"Todas as tentativas para destruir a Palavra de Deus são inúteis. A Palavra de Deus sempre existiu e sempre existirá, pois permanece para sempre" (John Gill, *in loc.*). "Os homens podem queimar um rolo, mas não podem destruir a Palavra de Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Milhares de volumes da Bíblia têm sido queimados através dos séculos e, no entanto, hoje, como todos os anos, a Bíblia continua a ser o mais pleno sucesso de livraria.

36.29

E a Jeoaquim, rei de Judá, dirás: Assim diz o Senhor: Tu queimaste aquele rolo... Este versículo revela parte do conteúdo do rolo, isto é, o *tema principal* do livro de Jeremias: a iminente destruição de Jerusalém e Judá pelo exército babilônico. A destruição seria tão completa que Judá ficaria, essencialmente, desabitada. A própria cidade de Jerusalém tornar-se-ia um covil de animais ferozes. Ver Jer. 9.11 e seu contexto; 10.22; 32.29 ss. e 37.8, onde ofereço outras referências ao ataque devastador dos babilônios, que já havia sido anunciado por Jeremias para breve. Algumas vezes, a verdade é por demais devastadora para ser ouvida, e o truque psicológico é negá-la, pelo que a pessoa não precisa carregar a carga da mensagem. Talvez essa fosse uma das razões para a reação do rei às profecias de Jeremias. Aquele homem impotente era vítima de seu próprio ludíbrio. Por outra parte, ele provavelmente realmente não acreditava que as coisas pudessem ficar tão ruins como Jeremias (sempre pessimista) previa. Era mais fácil o rei voltar-se para os falsos profetas, de quem receberia sua mensagem de paz e prosperidade, e nela acreditar. Há uma passagem bastante similar a esta, mas tratando com Zedequias, em Jer. 32.3 ss.

36.30

Assim diz o Senhor, acerca de Jeoaquim... Não terá quem se assente no trono. Esta profecia foi prática, mas não estritamente cumprida, visto que *Joaquim* sucedeu a seu pai, Jeoaquim, embora somente por três meses, para em seguida ser exilado na Babilônia. Ver II Reis 24.6-15. Era fácil negligenciar tão breve reinado e dar a essência do que sucedeu; a linhagem davídica de reis terminou por ocasião do cativeiro babilônico. Os ataques desfechados pelo exército babilônico ocorreram sob a forma de *ondas,* cada uma tendo efeito sobre algum rei diferente de Judá. Ver as notas expositivas sobre isso em Jer. 27.12. Outros nomes de Joaquim eram Jeconias e Conias. Depois de Joaquim, nenhum outro descendente de Jeoaquim subiu ao trono de Israel. Ver Jer. 22.24-30. Zedequias, o último rei de Judá, foi o terceiro filho do rei Josias (ver I Crô. 3.15). Jeoaquim era irmão de Zedequias e, portanto, tio de Joaquim. Em conseqüência, o último rei de Judá pertencia à família real, mas não era descendente de Jeoaquim.

Quanto ao fim desastroso de Jeoaquim (seu corpo foi lançado fora como se fosse um jumento), ver Jer. 22.18-19. Nada havia de tão repulsivo para a mentalidade dos hebreus como esse tipo de desgraça, referente ao cadáver de um homem. Ver as referências quanto ao que se sabe sobre essa questão, no tocante a Jeoaquim. Os gregos opinavam que ao cadáver de um homem teria de ser dado sepultamento decente, ou a alma era impedida em sua transição para o outro mundo. Essa idéia, entretanto, não parece ter feito parte do horror que os hebreus tinham dos cadáveres insepultos.

Será largado ao calor do dia e à geada da noite. Temos aqui uma nota de rodapé exata sobre a larga variação de temperatura, entre o dia e a noite, naquela região do globo terrestre. Cf. Gên. 31.40. O cadáver, insepulto, ficava exposto aos extremos de temperatura, e isso, de alguma forma, adicionava horror à exposição aos elementos.

36.31

Castigá-lo-ei, e a sua descendência e os seus servos por causa da iniqüidade deles. As *profecias de condenação* proferidas por Jeremias eram *pessoalmente* endereçadas a Jeoaquim, bem como a seus parentes próximos, mas eram também nacionais, endereçadas a Jerusalém e à totalidade de Judá. Miséria extrema e *generalizada* já se aproximava do povo de Deus. O rei de Judá tinha muita coisa a perder pessoalmente, bem como todo o seu país, de modo geral; mas nenhuma palavra, sem importar quão clara e temível fosse, foi capaz de abalar aquele homem. Ele estava fora do alcance da voz de Yahweh e, por esse motivo, teria de sofrer. Por causa de sua iniqüidade, ele se tinha *distanciado* da misericórdia de Deus, no tocante ao que teria de enfrentar no seu corpo. Mas o que ele tinha de enfrentar na sua *alma* era outra história, sendo esse o campo de ação da poderosa intervenção da missão de Cristo. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o artigo chamado *Descida de Cristo ao Hades,* quanto à esperança posterior, incluindo até mesmo os que morrem na miséria espiritual.

Jeremias repetiu diretamente ao rei sua predição de desastre, o que forma o *tema principal do livro.* Cf. o vs. 29, onde dou referências sobre esse tema muito repetido. Aquele homem tinha cortado e queimado um rolo que, eventualmente, veio a tornar-se um dos livros da Bíblia (ver o vs. 23). Um severo julgamento divino agora o procurava. O cálice de sua iniqüidade havia transbordado. Quanto ao ato de não ouvir a palavra de Yahweh, cf. Jer. 6.17; 7.27; 25.4,7; 29.19; 32.33; 35.14.

36.32

Tomou, pois, Jeremias o outro rolo e o deu a Baruque. Parece que Jeremias adquiriu ou comprou outro rolo. Não é provável que ele tenha preparado o

rolo por si mesmo, e o fraseado dá a entender que Baruque também não o fez. É bem possível que os escribas tivessem fornecedores de rolos. Isto posto, Jeremias foi capaz de ditar novamente a mensagem, presumivelmente através da orientação renovada de Yahweh, ou então de sua memória fantástica. Além do material original, foram feitas consideráveis adições, as quais, segundo presumimos, fazem parte do livro de Jeremias de nossa Bíblia moderna. Ver a introdução ao capítulo 36 quanto ao processo que conduzia à escrita de um livro profético da Bíblia. Cf. esse trabalho de nova escrita do livro de Jeremias com a nova escrita dos originais Dez Mandamentos, em Êxo. 32.15-16; 31.18 e 34.1,23.

Capítulo Trinta e Sete

O Cerco e a Queda de Jerusalém (37.1 – 40.6)

Os eventos historiados nos capítulos 37 a 39 estão organizados na ordem cronológica correta. São acompanhados aqui certos acontecimentos da vida e do ministério de Jeremias durante o cerco final e a queda de Jerusalém. "Os oito capítulos que se seguem formam uma narrativa contínua da obra e das fortunas posteriores do profeta. Esses capítulos iniciam com o registro da subida ao trono de Judá de Zedequias, após a deposição de Conias (Jeconias, Joaquim)" (Ellicott, *in loc.*).

A Mensagem de Jeremias a Zedequias (37.1-10)

Introdução Editorial (37.1-2)

Estes dois versículos iniciais atuam como uma transição do capítulo 36 para o capítulo 37. Os eventos historiados no capítulo 36 ocorreram no ano de 605 A. C., e os historiados no capítulo 37, já perto do fim do reinado de Zedequias, em cerca de 598-587 A. C., depois que esse rei se rebelou contra Nabucodonosor. Quanto ao pano de fundo histórico, ver II Reis 24.20-25.2.

37.1

Zedequias, filho de Josias, e a quem Nabucodonosor... constituíra rei na terra de Judá. *Zedequias* foi guindado ao trono de Judá pelo rei da Babilônia, e não Conias, conforme algumas traduções parecem dar a entender. Ver II Reis 24.17. Conias é a forma abreviada de Jeconias. Apresento notas sobre esse rei, no *Dicionário,* sob o nome *Joaquim.* Ver também *Reino de Judá,* onde listo todos os reis e ofereço breve descrição sobre a vida de cada um deles. Para aqueles dias de crise, Judá carecia de um rei que fosse tanto forte quanto piedoso, mas Zedequias não era nem uma coisa nem outra.

37.2

Mas nem ele, nem os seus servos, nem o povo da terra deram ouvidos às palavras do Senhor. Jeremias havia exortado Zedequias a render-se, ato que teria poupado a vida de muitos milhares de judeus. Contudo, Zedequias confiava em sua inútil aliança com o Egito. O coração do rei, pois, mostrava-se insensível para com as advertências do profeta; e Zedequias acabou lançando Jeremias na prisão, meramente porque ele dizia a verdade sobre o que estava prestes a acontecer. O monarca tinha rejeitado, de forma absoluta, as profecias de condenação; e os oficiais mais chegados do rei também não acreditavam nelas. Somente alguns oficiais secundários demonstraram ter medo, e poderiam acabar seguindo os conselhos do profeta (ver Jer. 36.16). Ver Jer. 36.29 quanto ao *tema principal* do livro, a iminente invasão do exército babilônico. Quanto ao ato de não dar ouvidos às mensagens e aos mandamentos de Yahweh, cf. Jer. 6.17; 7.27; 17.24; 25.3-4,7; 29.19; 32.33; 35.14 e 36.21. O rei, por sua vez, ficou paralisado em sua cegueira judicial, reprovação espiritual e ignorância. Perdeu qualquer discernimento espiritual que pudesse ter tido por meio de sua iniqüidade persistente. Tornou-se escravo da generalizada idolatria-adultério-apostasia que tinha abraçado.

Predição da Volta dos Caldeus (37.3-10)

37.3

Contudo mandou o rei Zedequias... ao profeta Jeremias. O ataque militar da Babilônia e o cativeiro de Judá ocorreram em ondas, cada uma das quais afetou um rei de Judá. Ver as notas expositivas sobre isso em Jer. 27.12. O rei de Judá, de coração endurecido, começava a sentir o perigo no ar. Seus pensamentos voltaram-se para Jeremias, a quem ele havia tratado com muita arrogância. Ver isso ilustrado em Jer. 32.3 ss., o aprisionamento de Jeremias. Mas agora o vento, que não soprava o bem, era percebido por toda a terra de Judá, e o rei Zedequias não era tão insensível a ponto de não sentir nada. Por isso, buscou o profeta Jeremias e procurou consolar-se com ele, na esperança de ouvir alguma boa palavra, em vez de todo aquele desastre. Zedequias enviou mensageiros a Jeremias, solicitando-lhe a ajuda de suas orações. Tudo isso, porém, ocorreu antes de Jeremias ter sido lançado na prisão, o que mostra que o relacionamento entre o rei e o profeta haveria de desintegrar-se, e não melhorar. Quanto aos oficiais do governo real aqui mencionados, ver também Jer. 21.1; 29.25,29; 52.24. Esses oficiais eram conselheiros, mas não faziam nenhuma diferença em Judá naquele momento. O pouco que se sabe sobre eles é dado em artigos do *Dicionário,* com os respectivos nomes. Cf. Jer. 21.1-10, que é paralelo e provavelmente até dependente do texto diante de nós.

"O tempo e a oportunidade da missão aparecem no vs. 5. Os caldeus tinham levantado o cerco de Jerusalém, ao ouvir falar na aproximação do exército egípcio, sob o comando do Faraó Hofra, que Heródoto chamou de Apries (ver *Heródoto* 2.161-169; Eze. 17.15-17; 29.1-16; 30.1-32.32). Agora, pois, apresentava-se a oportunidade de Zedequias asseverar sua independência. Ele desejava obter a sanção e as orações dos profetas para sua política" (Ellicott, *in loc.*).

37.4

Jeremias andava livremente entre o povo. O profeta do Senhor continuava circulando em liberdade entre o povo de Judá e pregando sua mensagem de desastre, o que causava grande desassossego social. Tempos mais tarde, o profeta seria encarcerado no átrio do templo e passaria por um longo e severo teste. Ver o vs. 15 deste capítulo, bem como Jer. 32.2, quanto ao severo aprisionamento do profeta. Esse aprisionamento inicial esteve ligado ao começo do cerco dos babilônios, e não à época em que os caldeus voltaram a atacar, depois que os egípcios se aproximaram de Jerusalém, sobre o que fala o vs. 5 deste capítulo. Quando o cerco foi levantado, Jeremias gozou de um período de maior liberdade.

37.5

O exército de Faraó saíra do Egito; e, quando os caldeus... retiraram-se dela. Zedequias tinha-se aliado ao Egito. Os babilônios estavam cercando Jerusalém. Os egípcios se aproximaram, na tentativa de interferir nos acontecimentos, e, por breve espaço de tempo, o exército babilônico se retirou, para cuidar da ameaça que partia do sul. Terminado esse aspecto da campanha, o exército babilônico voltou a cercar Jerusalém, para terminar sua tarefa ali. O Faraó do Egito envolvido era Hofra (588-569 A. C.), chamado por seu nome em Jer. 44.30. A revolta de Zedequias contra Nabucodonosor (a qual, finalmente, produziu tão maus resultados) sem dúvida se fortaleceu diante da aproximação dos egípcios. Mas os egípcios mostraram ser um aliado fraco e ineficaz. Cf. Jer. 34.21, onde vemos a questão que envolveu os egípcios e onde dou informações adicionais. Os egípcios não mais tentaram ajudar os judeus. Desistiram da situação como sem solução, e foram cuidar de seus próprios interesses. Ver II Reis 24.7. Finalmente, o Egito foi devastado pelos babilônios, pois todos aqueles acontecimentos ocorreram numa época em que nenhuma potência poderia resistir à Babilônia.

37.6

Então veio a Jeremias, o profeta, a palavra do Senhor. O novo oráculo dado por Yahweh conferiu a Jeremias as palavras a serem transmitidas aos representantes do rei Zedequias. Talvez alguma coisa pudesse ser alterada; talvez houvesse alguma nova esperança. Mas a nova mensagem estava em pleno acordo com as profecias de condenação que já tinham sido dadas por Yahweh. A aliança com o Faraó fracassaria e essa seria outra indicação de que o total aniquilamento não estava distante.

37.7

Assim direis ao rei de Judá, que vos enviou a mim... o exército de Faraó... voltará para a sua terra... O divino nome de poder, neste versículo, é típico das declarações oraculares. A única diferença em relação a outros títulos, anteriores, é que desta vez *Sabaote* (Senhor dos Exércitos) não foi usado. Neste caso temos apenas *Yahweh-Elohim* (O Deus Eterno e Todo-poderoso), uma combinação comum no Antigo Testamento. O título divino empresta às palavras proferidas maior peso, além de *autoridade.* A *primeira* revelação do novo oráculo era que o Egito não cumpriria as expectativas de Zedequias e em breve seria derrotado, para nunca mais tentar oferecer resistência ao adversário do norte. Os egípcios seriam derrotados em batalha, voltariam para sua terra, e em breve o exército babilônico estaria atacando o próprio Egito, que também teria de enfrentar o desastre.

37.8

Retornarão os caldeus, pelejarão contra esta cidade, tomá-la-ão, e a queimarão a fogo. A *segunda revelação* era que o exército da Babilônia voltaria a atacar Jerusalém, depois de ter derrotado os egípcios. A cidade seria tomada, saqueada e incendiada (ver II Reis 25.8 ss.). Haveria grande matança, e os

poucos sobreviventes seriam levados para a Babilônia. Os oficiais, bem como os filhos do rei, seriam mortos em Ribla, na Babilônia (ver Jer. 39.5-6). O rei da Judá seria cegado e colocado na prisão, onde, provavelmente, morreria (ver Jer. 39.7). A mensagem divina em nada havia sido modificada, e nada havia senão más notícias. Ver o último parágrafo de notas expositivas sobre o vs. 3 deste capítulo. Ver as notas sobre Jer. 36.29 quanto ao *tema principal* do livro, a destruição de Judá por parte dos babilônios e a subseqüente deportação do povo de Judá. Ali ofereço uma lista das passagens paralelas sobre o assunto.

37.9

Não vos enganeis a vós mesmos, dizendo: Sem dúvida se irão os caldeus de nós. É provável que o rei e seus oficiais estivessem esperando algum tipo de milagre como o que salvou Jerusalém dos assírios, cerca de cem anos antes, no tempo de Ezequias. Ver II Crô. 32.21 ss.; II Reis 19.35. ss. Em contraste, os babilônios só partiriam quando estivessem levando os cativos judeus. Não haveria salvação de último minuto. Judá teria de pagar por sua desavergonhada idolatria-adultério-apostasia.

37.10

Porque ainda que derrotásseis a todo o exército dos caldeus... Era vontade de Yahweh que Jerusalém caísse diante dos babilônios, porquanto era essa Sua maneira de purificar prata suficiente, dentre a escória generalizada, de modo que o povo de Israel tivesse a oportunidade de crescer novamente, sendo um Novo Israel, em um Novo Dia. A antiga nação de Judá tinha de passar, porque havia chegado a uma situação irremediável. O exército da Babilônia, era, em muito, o maior exército da época, mas mesmo que somente os feridos e aleijados entre eles atacassem Jerusalém, venceriam, porque Yahweh seria o Capitão da batalha. Talvez, mediante algum milagre, o exército principal dos babilônios fosse derrotado, mas em breve os feridos se levantariam de seus leitos, atacariam Jerusalém e a queimariam a fogo. Jeremias tinha predito a derrota final de Judá por cerca de vinte anos. Coisa alguma havia mudado naqueles anos. O povo não mudara, permanecendo em sua horrenda idolatria. Portanto, não havia nenhuma mudança na mensagem de condenação. Cf. Jer. 21.10; 32.29; 34.2,22; 38.18,23. Ver em Isa. 13.6 como Yahweh controla os acontecimentos humanos. Ver também, no *Dicionário,* os artigos chamados *Soberania de Deus* e *Providência de Deus.*

Detenção e Aprisionamento de Jeremias (37.11-15)

37.11

Tendo-se retirado o exército dos caldeus de Jerusalém. O inevitável acabou acontecendo. Chegaria o tempo em que Jeremias seria silenciado. As pessoas cansaram de ouvir sobre o desastre, a vergonha e o fim. Facilmente os judeus esqueceram que Yahweh estava por trás das palavras do profeta. Mediante estranha distorção mental, eles lançaram a culpa sobre Jeremias quanto aos males do país, esperando que ele fosse punido por sua suposta traição. Uma circunstância permitiu que os oficiais do governo aprisionassem o profeta. Jeremias resolveu visitar sua cidade natal, Anatote, no território de Benjamim. Ele aproveitou a relativa calma proporcionada quando os babilônios levantaram o cerco da cidade e afastaram-se para interceptar o exército egípcio (vs. 7). Mas quando Jeremias já ia saindo da cidade, foi detido e acusado de tentar bandear-se para os babilônios. Seus protestos de inocência de nada valeram, pelo que em breve ele estava em uma prisão miserável em Jerusalém. Jeremias tinha exortado os judaítas a render-se aos babilônios, e alguns deles realmente desertaram (ver Jer. 38.19; 39.9 e 52.15). Isso tornava difícil aos judeus acreditar na história de Jeremias. Ver em Jer. 21.8 ss. o conselho de Jeremias para que Zedequias se rendesse.

Quanto ao levantamento do cerco de Jerusalém, por causa do avanço do exército egípcio, ver sobre os vss. 3 e 5 do presente capítulo. Um curto período de paz foi o resultado desse levantamento do cerco babilônico, propiciando a Jeremias a oportunidade de visitar sua cidade natal (vs. 12), Anatote, no território de Benjamim. Ver Jer. 1.1.

37.12

Saiu Jeremias de Jerusalém, a fim de ir à terra de Benjamim. Este versículo nos fornece a *razão* precípua da visita de Jeremias à sua terra natal, Anatote, mas o original hebraico é um tanto obscuro e deixa as traduções e os intérpretes conjecturar sobre o sentido. Considere o leitor estes pontos:

1. Jeremias deveria receber, em Anatote, seu *quinhão,* o que provavelmente apontava para alguma vantagem financeira, como uma herança, um terreno, os lucros de algum investimento etc.
2. Alguns estudiosos conjecturam que Jeremias simplesmente estaria fazendo uma "visita" à sua cidade natal. Para que se alcance esse sentido, torna-se mister uma emenda do texto sagrado.
3. Outra emenda nos permite chegar ao sentido de "escapar". Se isso está correto, então Jeremias estava fugindo para escapar com vida enquanto pudesse, antes que o exército babilônico retomasse e reiniciasse o assédio de Jerusalém.
4. Alguns eruditos vinculam este versículo à questão da compra do campo, no capítulo 32. Mas isso ocorreu quando o profeta estava aprisionado no átrio da guarda, e não pode estar em foco aqui.

Talvez o profeta Jeremias estivesse fugindo de Jerusalém. Sua mensagem tinha sido consistentemente rejeitada e ele talvez tenha sentido que sua missão estava terminada na capital do país. Ele não estava bandeando-se para os babilônios. O Targum diz "dividir a herança", o que concorda com a segunda razão possível mencionada antes.

37.13

Estando ele à Porta de Benjamim, achava-se ali um capitão da guarda, cujo nome era Jerias. A Porta de Benjamim, ao que parece, ficava na muralha norte de Jerusalém, voltada para o território de Benjamim. Cf. Jer. 20.; 38.7 e Zac. 14.10. Infelizmente, o profeta Jeremias encontrou-se com uma sentinela ali, cujo nome era Jerias. Não possuímos nenhuma informação sobre Jerias, que possa ser deduzida com base no presente texto. O guarda, pois, acusou o profeta de tentar desertar para os babilônios, e nenhum protesto de Jeremias adiantou. Provavelmente os oficiais de Zedequias alegraram-se diante do pretexto de lançar o pobre Jeremias na prisão, de onde ele não sairia por longo tempo. "Quando Jeremias partiu na direção de Anatote (capítulo 37), ainda não tinha sido detido (ver Jer. 37.4,21; 38.13,28). Por conseguinte, os eventos do capítulo 37 ocorreram antes dos eventos do capítulo 32" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

37.14

Disse Jeremias: É mentira, não fujo para os caldeus. Jeremias não tardou a negar a acusação. Ele não estava desertando para os babilônios, embora tivesse recomendado que os judeus se rendessem, conforme mostro na introdução à presente seção (vs. 11). Alguns judeus, a bem da verdade, tinham feito precisamente isso. Portanto, não causaria admiração se Jeremias tivesse tomado precisamente essa decisão. O guarda, Jerias, levou o profeta a vários governantes civis, e eles não quiseram escutar a razão. Jeremias tinha caído em tempos difíceis, embora fosse um autêntico profeta de Yahweh e sempre tivesse obedecido a Seus mandamentos. Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? Isso constitui o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário,* onde examino as "razões" do sofrimento humano). Embora fosse homem santo e profeta, Jeremias teve de sofrer a porção determinada para ele pela vontade divina. Com freqüência é difícil para nós entender por qual motivo a Vontade divina permite e até causa sofrimentos para os inocentes.

A Entrevista Secreta com o Rei (37.15-21)

37.15-16

Os príncipes, irados contra Jeremias, açoitaram-no e o meteram no cárcere. Jeremias foi espancado, ali mesmo, pelos príncipes irados, os quais não acreditaram na sua explicação de que "queria ir para casa". Na verdade, de modo geral, aproveitaram a oportunidade de espancar o homem que tinha provocado tanta agitação social. Após o espancamento (que podem ter sido as 40 chibatadas menos uma que a lei estipulava; ver Deu. 25.3), lançaram-no na prisão. "Com grande freqüência, no Oriente, parte do lar de um oficial público era transformada em prisão" (Fausset, *in loc.*).

Essa prisão particular foi escolhida por pertencer ao escriba Jônatas, o qual, como é provável, exercia as funções de chefe de polícia. A prisão estava equipada com uma masmorra subterrânea comum a todas as prisões orientais (vs. 16), bem como *células separadas* onde ficavam encerrados os prisioneiros individuais. O vs. 20 mostra que Jeremias foi maltratado em seu encarceramento. Eventualmente, porém, foi devolvido a uma prisão menos severa, período no qual os babilônios destruíram a cidade de Jerusalém. Talvez a masmorra consistisse em um buraco profundo. Nas paredes laterais, havia nichos cortados no solo para o confinamento de prisioneiros individuais. A maioria dos prisioneiros não conseguia sobreviver às condições desumanas de tais prisões. "... um fosso escuro, sujo e horrendo" (John Gill, *in loc.*). Ali ficou Jeremias, provavelmente até o retorno do exército babilônico, que tinha obtido fácil vitória sobre o exército egípcio e tinha renovado o seu assédio contra Jerusalém.

37.17

Há alguma palavra do Senhor? Respondeu Jeremias: Há... Nas mãos do rei de Babilônia serás entregue. É um bom palpite pensar que o exército babilônico havia retornado, e agora as coisas aconteciam do modo exata como o profeta dissera que aconteceriam. Zedequias, por assim dizer, viu a escritura na

parede. Ele estava começando a ser atingido pelo "nervosismo da invasão", a despeito dos clamores dos falsos profetas, que teimavam em falar em paz e prosperidade (ver Jer. 6.14 e 8.11). Portanto, o rei mandou buscar Jeremias daquela masmorra miserável para ouvir, da boca dele, alguma profecia da parte do Senhor, esperando que algo tivesse mudado, e que Yahweh (em quem ele tinha deixado de acreditar, embora agora não estivesse tão firme em sua incredulidade) dissesse algo favorável. Provavelmente, Zedequias esperava algum livramento miraculoso como aquele dos dias de Ezequias, quando os assírios ameaçavam acabar com Jerusalém. Ver II Reis 19.35 ss. O ímpio e vacilante rei fez o profeta entrar, *secretamente,* em sua presença. Não queria que os oficiais soubessem que ele estava "amolecendo", e por certo também não queria que desconfiassem de seu temor.

A *questão crítica* era se Yahweh ainda estava comunicando-se acerca da sorte da nação de Judá e, nesse caso, quais eram as notícias mais recentes. Jeremias poderia ter tentado livrar-se de seu período de prisão, dizendo uma mentira ou não dizendo a verdade toda; mas simplesmente contou a história tal e qual ouvira da parte do Senhor: prevalecia a mesma mensagem. Os babilônios em breve terminariam a história da Jerusalém Dourada, e isso feriria Zedequias pessoalmente, de maneira muito dura, o que o capítulo 39 do livro de Jeremias ilustra de maneira tão gráfica. O pobre rei esperava uma das *maravilhas* que tinham tornado Yahweh famoso, e que Ele costumava fazer com certa regularidade (ver Jer. 21.2). Contudo, não havia nenhuma boa notícia. Cf. Jer. 21.3-7.

37.18

Em que pequei contra ti, ou contra os teus servos, ou contra este povo, para que me pusesses na prisão? O *argumento* de Jeremias foi que as profecias não eram dele; e, assim sendo, por qual razão o rei e seus oficiais tinham-se voltado contra ele? Se fossem capazes de pensar com sobriedade, logo descobririam que só tinham a lançar a culpa sobre si mesmos, porque fora a idolatria-adultério-apostasia deles que os deixara na situação em que estavam naquele dia. Os reais ofensores do povo eram cada pessoa próprio povo, que era tão má quanto seus líderes e não precisava de ninguém para corrompê-la, pois já era suficientemente corrupta. A nação inteira estava em uma situação terrível, mas o culpado disso não era o profeta Jeremias.

37.19

Onde estão agora os vossos profetas, que vos profetizavam, dizendo: O rei da Babilônia não virá contra vós outros...? Com *sarcasmo cortante,* Jeremias queria saber onde estavam os falsos profetas, visto que as profecias de "bem futuro" falharam miseravelmente, ao passo que as profecias de Jeremias estavam bem a caminho de cumprir-se. Jer. 18.2 ss. fala sobre Hananias, um dos falsos profetas que teve a coragem de atacar pessoalmente Jeremias, tentando envergonhá-lo. Hananias emitiu a absurda profecia de que aqueles que já tinham sido levados para o cativeiro voltariam no espaço de dois anos (vs. 3). Além disso, os idiotas dos falsos profetas estavam falando em "paz" (ver Jer. 6.14; 8.11) quando dentro de breve tempo uma guerra poria fim, por assim dizer, a todas as guerras. Mas os profetas falsos continuaram a proferir seus absurdos, mesmo depois que Jeoaquim e outros já haviam sido levados para a Babilônia, com a maior parte dos vasos do templo. Ver II Crô. 36.7-10 e cf. Jer. 27.18 ss. Se Jeoaquim tinha sofrido tal sorte, por que as coisas seriam diferentes com Zedequias?

37.20

Agora, pois, ouve, ó rei, meu senhor: Que a minha humilde súplica seja bem acolhida por ti... Jeremias também tinha uma solicitação a fazer ao rei. Ele morreria se fosse forçado a viver por mais tempo naquela masmorra desumana onde ratos, morcegos e vermes eram seus companheiros, onde tão pouco lhe era dado para comer e onde não havia proteção contra o frio, as bactérias e os fungos que enchiam o lugar. Portanto, Jeremias humilhou-se e chamou aquele rei pretensioso e ímpio, que era apenas um rei vassalo, de seu "senhor", na esperança de obter favor suficiente para que fosse transferido para uma prisão mais condizente. O profeta Jeremias humilhou-se. Algumas vezes, essa é a melhor postura. Por outro lado, Jeremias não estava fingindo, estava, de fato, lançando um *grito por misericórdia.*

37.21

Então ordenou o rei Zedequias que pusessem a Jeremias no átrio da guarda. "Revela-se aqui a preocupação do rei pela segurança de Jeremias. O *átrio da guarda* não era um lugar tão confinador como a casa de Jônatas. De acordo com Jer. 32.3, o átrio da guarda ficava no palácio real.

Deram-lhe um pão. "Era um pão redondo e pequeno, o bastante apenas para manter Jeremias vivo" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Rua dos Padeiros. Na antiga Jerusalém, tal como em algumas cidades modernas, certas ruas eram separadas para certas profissões e ofícios específicos (I Reis 20.34)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Atendendo ao pedido de Jeremias, o rei mudou o local de seu aprisionamento para uma *prisão doméstica.*

O profeta permaneceu nesse tipo de aprisionamento mais leve, que tinha livre acesso à luz e ao ar, e, provavelmente, permitia a visita de amigos, até que o cerco terminou. O Egito seria a próxima residência de Jeremias. Ver Jer. 43.6-7. Embora estivesse na prisão, ainda nas terras da Judéia, o profeta tinha alimentos para sustentá-lo, pagos pelo tesouro público! Em seguida, Jeremias gozou dos favores do próprio Nabucodonosor, no que seria o próximo passo da história do profeta. Ver Jer. 39.11 ss. Sim, enquanto sua missão não estivesse terminada, Jeremias era invencível.

Capítulo Trinta e Oito

Conselho do Profeta para que os Judeus se Rendessem (38.1-28)

Este capítulo leva-nos ao último estágio do assédio de Jerusalém por parte dos babilônios. As coisas terríveis que Jeremias havia predito começaram a acontecer, mas por alguma estranha distorção da lógica Jeremias estava sendo acusado de "causar" essas coisas. Por isso seus inimigos tentaram matá-lo, afundando-o numa cisterna seca. Certamente ele teria morrido ali por exposição às intempéries ou à fome. Mas o eunuco etíope, *Ebede-Meleque,* salvou-o. Em sua entrevista final com o rei Zedequias, o profeta continuou exortando-o a render-se, antes que fosse tarde demais para fazer qualquer coisa em socorro a Jerusalém. É provável que este vívido capítulo tenha dependido das memórias de Baruque, o amanuense pessoal do profeta Jeremias.

Jeremias é Livrado da Cisterna (38.1-13)

Os oficiais do rei Zedequias, que favoreciam o Egito, temiam a rendição aos babilônios e queriam continuar o esforço de guerra até o amargo fim. Em seu ódio contra o profeta, inventaram a idéia da morte na cisterna e obtiveram a permissão do rei para que efetuar seu feito cruel. Yahweh, entretanto, tinha um plano de salvamento que pôs em ação através de Ebede-Meleque (vs. 7). O episódio mostra o caráter imoral e vacilante do monarca judeu.

38.1

Ouviu, pois, Sefatias, filho de Matã... as palavras que Jeremias anunciava. Jeremias continuava suas profecias incansáveis de condenação, e a sua *prisão domiciliar,* em vez de seu aprisionamento mais severo (ver as notas em Jer. 37.21) dava-lhe considerável liberdade para atingir muita gente com sua mensagem. Os vss. 2-3 fornecem um pequeno sumário do que ele dizia ao povo. E este vs. 1 refere-se aos *quatro* principais oficiais do rei, que ouviram o profeta levar avante sua missão de pregar uma assustadora mensagem. E chegaram à conclusão de que somente a morte do profeta poderia dar-lhes descanso. E então, dali por diante, procuravam uma boa ocasião para matá-lo.

"Gedalias, filho de Pasur, pode ter sido filho de Pasur que espancara Jeremias e o pusera no tronco (ver Jer. 20.1-6). Jucal, filho de Selemias, aparece como Jeucal em Jer. 37.3, de acordo com certas traduções, embora não conforme nossa versão portuguesa. Pasur, filho de Malquias, é chamado por nome em Jer. 21.1" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

"A contínua insistência de Jeremias de que os judeus se rendessem a Nabucodonosor era perigosa para os conselheiros de Zedequias, que eram favoráveis ao Egito... Eles persuadiram o vacilante rei Zedequias que Jeremias estava subvertendo o esforço de guerra. A fraseologia aqui empregada é similar à de uma carta escrita dezoito meses antes, encontrada em escavações feitas em Laquis" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

38.2

Assim diz o Senhor: O que ficar nesta cidade morrerá à espada, à fome e de peste; mas o que passar para os caldeus viverá. Este *sumário* da mensagem de Jeremias é quase igual ao sumário de Jer. 21.9, onde foram dadas as notas expositivas. Quanto à terrível *tríade de assassinos,* ver também Jer. 14.12; 21.9; 24.10; 27.8; 29.17; 32.24,36; 42.17,22 e 44.13.

38.3

Esta cidade infalivelmente será entregue na mão do exército do rei da Babilônia. Este versículo é o fim do sumário ou, talvez, das palavras do *profeta Jeremias,* ao passo que o vs. 2 é uma adição ou um comentário feito por Baruque ou pelo editor deuteronômico. Seja como for, o sumário é quase idêntico ao que

aparece em Jer. 21.3-10. A única esperança de Jerusalém era render-se aos babilônios e esperar pelo melhor resultado. Yahweh era a causa real por trás do sucesso do exército babilônico (ver Jer. 21.13). A idolatria-adultério-apostasia de Judá não poderia continuar por muito tempo mais, sem receber a punição apropriada. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* faria o seu papel. Ver sobre essa lei no *Dicionário.*

38.4

Disseram os príncipes ao rei: Morra este homem. Aqueles réprobos queriam ver o profeta Jeremias morto, porquanto lhes parecia que ele desencorajava o esforço de guerra e cometia traição com suas palavras, que favoreciam os inimigos babilônios. E o rei Zedequias não se interpôs no caminho deles, pois era por demais débil e vacilante para opor-se. Além disso, provavelmente ele também se alegrava porque eles estavam prontos a fazer o trabalho sanguinário no seu lugar. Provavelmente ele compartilhava a lógica doentia de que as palavras ditas pelo profeta aconteceriam, porque teriam o estranho poder de fazer coisas acontecer. A isso chamamos de "profecias de auto-realizadoras". Mas se esse fenômeno realmente existe, é muito difícil que uma simples profecia tivesse posto em movimento o exército babilônico. Tinha de ser o trabalho de Yahweh.

"Em sua distorcida lógica nacionalista, aqueles oficiais criam que Jeremias estava procurando a ruína de seu povo quando, na realidade, ele queria precisamente o contrário (vs. 2). A fraqueza de caráter de Zedequias evidenciou-se mais em sua reposta àqueles oficiais (vs. 5)" (Charles H. Hyatt). Algumas vezes, a *fé* consiste em confiar em algo que não é verdade. Esse era o tipo de fé que aqueles oficiais tinham. Acreditavam, insanamente, que o exército babilônico poderia ser entravado se Jeremias fosse morto e, assim sendo, permitiram que Jerusalém cometesse suicídio na sua vã tentativa.

38.5

Eis que ele está nas vossas mãos; pois o rei nada pode contra vós outros. O rei Zedequias, além de fraco e vacilante, também era impiedoso e corrupto. Com tão pouco, ele permitiria que um homem bom fosse tomado e cruelmente executado? E com o que ele se importava? Ele adicionou mais pecados ao seu grande acúmulo, e assim garantiu o fim que tanto temia. Ele parecia "amigável" ao profeta quando isso o favorecia; mas, em um momento de crise, mostrava-se pior do que os babilônios. Havia muito tempo ele tinha perdido sua fibra moral e se tornara incapaz de tomar decisões corajosas.

38.6

Tomaram então a Jeremias, e o lançaram na cisterna de Malquias, filho do rei. Não muito longe de onde o profeta era mantido sob prisão domiciliar (Jer. 37.21), havia aquela lúgubre cisterna que pertencia a Malquias, filho do rei. E aqueles homens sem coração escolheram a cisterna como sepultura do profeta, um lugar onde ele sofreria, ficaria exposto à ação das intempéries e então morreria de fome. No seu ódio, eles escolheram um modo cruel de execução. Jeremias teve de ser baixado por meio de cordas, e não restaram cordas para ajudá-lo na tentativa dele sair dali. Aquela perfuração miserável não tinha água, mas estava lamacenta no fundo. E Jeremias afundou na lama para morrer. Na antiga cidade de Jerusalém havia muitas cisternas como aquela, cuja função era conservar água, durante a estação chuvosa, para ser usada quando as chuvas parassem. Praticamente não havia chuvas entre os meses de maio e outubro. O tempo foi pouco antes de os babilônios terem feito a primeira fenda na muralha, o que ocorreu em agosto de 587 A. C. (ver Jer. 52.5-7).

O *Malquias* aqui referido muito provavelmente não era filho do rei, que então tinha apenas 32 anos. Antes, devia ser algum parente próximo, pertencente à família real. Tal como em Jer. 36.26, algumas traduções retêm aqui a palavra hebraica transliterada, *Hammelech,* como nome próprio, mas essa palavra é mais bem traduzida como "do rei". Talvez as lamentações (ver Lam. 3.55-57) tenham nascido dessa experiência de Jeremias, conforme sugeriu Josefo (*Antiq.* 1.10. cap. 7, sec. 5). Assim sendo, aqueles réprobos escolheram uma execução secreta e cruel, em vez de uma execução pública, que poderia sofrer a oposição de alguns, gerando um escândalo público.

38.7

Ouviu Ebede-Meleque, o etíope, eunuco... que tinham metido a Jeremias na cisterna. *Ebede-Meleque* (ver a respeito no *Dicionário*), eunuco etíope, ouviu a história que deve ter circulado rapidamente entre os oficiais do rei, e procurou o monarca. Achou-o assentado na porta de Benjamim e tentou convencê-lo a deixar-lhe retirar o profeta daquela terrível situação. Note o leitor que o costume pagão de manter eunucos (ver no *Dicionário*) no palácio tinha sido adotado pelo rei Zedequias. Cf. Jer. 34.19, onde há notas expositivas sobre a questão. A lei mosaica, entretanto, proibia tal prática, conforme o artigo demonstra, pelo que fora adicionado outro pecado à grande massa que o povo de Judá carregava, e tudo isso clamava por julgamento.

À Porta de Benjamim. Esta porta ficava na muralha norte. Ver Jer. 37.13. O rei podia estar ali oficiando em alguma deliberação judicial ou observando as defesas da cidade.

"O uso de escravos etíopes ou cuxitas na casa do rei, provavelmente como guardiães do harém e para servir de guardas, era uma prática antiga que, entretanto, a legislação mosaica proibia (ver Deu. 23.1)" (Ellicott, *in loc.*). O homem era um oficial elevado o bastante para ter acesso direto ao monarca. Josefo diz que ele era homem honrado e dotado de autoridade (*Antiq.* 1.10. cap. 7).

38.8-9

Saiu Ebede-Meleque da casa do rei e lhe falou. Tendo sido informado do paradeiro do rei, o homem dirigiu-se diretamente à porta de Benjamim, sentindo a urgência de sua missão. E falou de maneira "livre, ousada e intrépida, na presença do rei e seus nobres" (John Gill, *in loc.*). Ele enfrentou face a face aqueles iníquos, chamando-os de "estes homens", ao mesmo tempo que apontava para eles, pois estavam junto com o rei na porta, agindo como se nada tivesse acontecido, embora tivessem cometido um crime gravíssimo. Ao que parece, o rei não sabia exatamente o que eles tinham feito, embora Ebede-Meleque soubesse que o nome do jogo era assassinato. O eunuco não hesitou em chamar de "mal" o que eles tinham feito, fazendo um correto julgamento moral contra homens que tinham perdido qualquer senso moral fazia muito tempo. Corretamente ele previu que Jeremias morreria de fome, como morreriam todos os demais, visto que não restava pão na cidade. O eunuco tinha senso moral e misericórdia, e não temia em agir em consonância com essas qualidades.

38.10

Toma contigo daqui trinta homens, e tira da cisterna o profeta Jeremias. O rei, que tinha permitido àqueles réprobos fazer o que bem entendessem (vs. 5), aparentemente não ficou feliz com aquele cruel *modus operandi*, pelo que teve a coragem de opor-se a eles, num raro momento de decisão real. De acordo com a maioria dos manuscritos do *texto massorético*, Zedequias ordenou que o eunuco levasse consigo *trinta homens,* para tirar o profeta da cisterna. Mas o manuscrito hebraico diz *três homens,* que deve ser o texto correto. Ou então temos aqui um erro primitivo no texto original, que foi "corrigido" em um dos manuscritos hebraicos. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Massora (Massorah); Texto Massorético* (que é o texto hebraico padronizado) e também o verbete *Manuscritos Antigos do Antigo Testamento.* Fausset, *in loc.*, mantém o número de *trinta* homens, explicando que a maior parte deles fora enviada como guardas, para certificar que a operação seria feita sem oposição.

38.11

Tomou Ebede-Meleque os homens consigo, e foi à casa do rei. Tendo recebido ordens da parte do rei para agir, o eunuco reuniu seus trinta (ou três) homens, provavelmente empregando soldados que estavam na muralha em companhia do rei e de seus miseráveis príncipes. Mas primeiramente parou na casa do rei para arranjar cordas e roupas velhas, que ele localizou prontamente no recinto do templo, na *tesouraria.* Algumas traduções dizem aqui "guarda-roupa", mas para tanto é mister que se faça uma emenda, que alguns tradutores se sentem na liberdade de empregar. O hebraico literal, "debaixo da tesouraria" não faz sentido algum aqui. É provável que os trapos fossem vestes desgastadas dos operários do rei, que eram ali guardadas sabe lá com que propósito. A Septuaginta faz dessa câmara um "cela subterrânea", mas essa é uma tradução imaginária e distante do hebraico literal. Talvez tais trapos fossem usados como material de limpeza no palácio. "... vestes desgastadas. Deus pode lançar mão das coisas mais humildes como objetos usados para o bem, ver I Cor. 1.27-29" (Fausset, *in loc.*).

Casa do rei. Os trapos estavam em uma câmara do palácio do rei, sendo provável que pertencessem aos escravos que serviam ao rei. A palavra "tesouraria", nos faz pensar, falsamente, no complexo do templo como o lugar onde eram guardados os trapos. Esses trapos foram usados em um serviço humanitário, em favor do profeta, conforme o versículo seguinte nos adianta.

38.12

Disse Ebede-Meleque, o etíope, a Jeremias: Põe agora estas roupas usadas... nas axilas. Os trapos foram usados para proteger as axilas de Jeremias. Em outras palavras, serviriam de proteção. Foi assim que o serviço prestado por Ebede-Meleque se realizou com misericórdia e bom senso, em violento contraste com os atos atrevidos do rei e de seu bando de auxiliares miseráveis.

38.13

Puxaram a Jeremias com as cordas, e o tiraram da cisterna. Assim funcionou o plano divino, através de Ebede-Meleque: Jeremias foi retirado da cisterna, seguindo a sugestão do eunuco de proteger as axilas dele, que agüentariam todo o peso de seu corpo. Em seguida, o profeta foi posto de volta na casa da guarda e ficou sob prisão domiciliar (ver Jer. 37.21). Dessa maneira, Jeremias escapou da morte certa, pela misericórdia e coragem de uma figura secundária da corte, mas que, espiritualmente falando, era o mais nobre do palácio. Isso serve de ilustração de como os primeiros serão últimos, e de como os últimos serão primeiros (ver Mat. 19.30).

Entrevista Final com o Rei Zedequias (38.14-28)

38.14

À terceira entrada na casa do Senhor. Esta é uma referência obscura que tem feito os intérpretes bater a cabeça. Nada sabemos sobre uma *primeira* e uma *segunda* entrada do templo, com as quais uma *terceira* tenha sido contrastada. Talvez fosse uma porta entre o palácio e o templo. Mediante emenda, obteremos o texto "entrada da guarda" (ver II Reis 7.2,17,19; 9.25), mas isso é pura conjectura. Alguns estudiosos fazem da porta *leste* do templo a primeira entrada; a segunda seria a porta *sul*; e a terceira seria a porta *norte* do templo. Mas isso é apenas mais uma conjectura. A terceira porta (norte) dava frente para o palácio, e isso adiciona algum peso à idéia. Ver I Reis 10.5,12. Jarchi confessava que não sabia o que isso queria dizer, mas supunha que a entrada no átrio dos israelitas fosse a que está em pauta. "Essa entrada, que não é mencionada em nenhum outro lugar, pode referir-se a uma entrada particular que ligava o palácio do rei com o templo" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Quero perguntar-te uma cousa, nada me encubras. Esta passagem é similar, mas por certo não uma duplicata de Jer. 37.17-21. Os dois relatórios têm variações importantes que os identificam como distintos. O rei, em seu estado de nervosismo, vendo agora que seu fim seria como o profeta disse que seria, convocou Jeremias pela segunda vez, ainda com a esperança de um milagre, como aquele que livrou Jerusalém das mãos dos assírios (ver II Reis 19.35 ss.).

O rei apresentou a Jeremias a mesma antiga pergunta: O que aconteceria? Mas agora, enfaticamente, rogou que o profeta nada ocultasse. Uma mesma pergunta - e ele obteve a mesma antiga resposta.

38.15

Se eu ta disser, porventura não me matarás? Se eu te aconselhar, não me atenderás. As experiências de Jeremias nunca tinham sido boas com Zedequias. Entre a debilidade do rei, a vacilação e a tendência para a traição, um aprisionamento ou execução poderiam ser decretados a qualquer momento. Jeremias foi aprisionado em troca de nada (ver Jer. 37.21), e isso em diversas ocasiões; houve severo aprisionamento (ver Jer. 37.15) e tentativa de assassinato (ver Jer. 38.1 ss.). Portanto, o profeta tinha razões para acreditar que alguma outra catástrofe seria lançada contra ele. Além disso, Jeremias sabia que o rei nunca ouvia seus conselhos; portanto, para que continuar com aquela agonia? Conforme as coisas ocorreram, nenhum outro acontecimento absurdo foi forçado contra Jeremias por parte do rei; mas o rei também não ouviu o profeta nessa oportunidade, pelo que todas as consultas e todo o aconselhamento foram inúteis.

38.16

Tão certo como vive o Senhor... não te matarei... Zedequias respondeu com um juramento em nome de Yahweh, o Deus vivo, que era o Criador de ambos, dizendo que Jeremias não teria mais que sofrer por alguma ação drástica da parte do rei, incluindo as loucuras que seus conselheiros pudessem inventar. Contudo, não prometeu seguir o conselho do profeta. De fato, o rei esperava apenas que houvesse alguma novidade no que o profeta iria dizer, embora não estivesse ansioso por seguir-lhe os conselhos. Zedequias, porém, ficaria amargamente desapontado com as palavras de Jeremias. Havia somente uma mensagem a ser dada àquele monarca corrupto. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Juramento*. Note o leitor que o juramento do rei foi feito em *segredo*. Zedequias não quis que outros o ouvissem e o criticassem. Portanto, até mesmo essa questão foi feita em meio às fraquezas usuais do rei de Judá.

38.17-18

Se te renderes voluntariamente aos príncipes do rei de Babilônia, então viverá tua alma. O nome divino de *poder* foi empregado pelo profeta para dar apoio à autoridade de suas palavras: *Yahweh-Sabaote-Elohim* (o Deus Eterno, o Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso). Essa era uma forma de introdução comum dos oráculos, que Jeremias empregou com freqüência. Cf. Jer. 7.3,21; 9.15; 16.9; 19.3; 23.36; 28.2; 35.13,17-19; 42.15; 50.18 e 51.5. Dessa maneira, fica provado que o oráculo era solene e imperativo. O conselho foi o mesmo que já havia sido dado em diversas outras ocasiões: *rendição*. Se fosse seguido, Nabucodonosor salvaria tanto o rei quanto a nação de Judá inteira de muitas tribulações, maior número de judeus sobreviveria, e o rei da Babilônia teria misericórdia do povo humilde de Jerusalém. Cf. Jer. 27.12-13.

Se te renderes voluntariamente. No original hebraico temos a frase "saíres ao rei". Esse é o hebraico literal que significa "rendição". O rei da Babilônia estava, na ocasião, em Ribla (ver Jer. 39.5; II Reis 25.6), mas o versículo não aponta para a ação literal naquela ocasião. Joaquim tinha-se rendido (ver II Reis 24.12), e as coisas correram mais fáceis para ele. Render-se, entretanto, era algo inglório e humilhante, mas salvava a vida do rendido. A cidade de Jerusalém seria queimada a fogo (vs. 18) se não houvesse rendição e Nabucodonosor tivesse de dar-se ao trabalho de cercar a cidade e invadi-la. Ver Jer. 21.10; 32.29; 24.2,22; 37.8,10; 38.23; 39.8. O rei e sua família teriam tido permissão de continuar vivos, e seriam reduzidos a uma escravidão leve na Babilônia, ou talvez até tivessem permissão de continuar vivendo em Jerusalém, pagando tributo.

Mas, conforme as coisas acabaram acontecendo, os filhos de Zedequias foram mortos, em Ribla (ver Jer. 39.6); Zedequias foi cegado (ver Jer. 39.7); a cidade de Jerusalém foi incendiada (ver Jer. 39.8); e o rei Zedequias foi lançado na prisão, onde, provavelmente, morreu. Em contraste, Jeremias foi bem tratado, conforme o capítulo 38 relata. Todas as predições do vs. 18 aconteceram. O rei Zedequias, entretanto, ignorou todos os avisos divinos, na esperança de que Jeremias estivesse equivocado. Ou ele acreditaria, mas a vontade divina o forçou a prosseguir com a sua insensatez? Provavelmente a última possibilidade é a que está com a razão. Judá tinha-se transformado em uma massa informe de escória. Yahweh, pois, queria refinar uma pequena quantidade de prata, através de um julgamento de fogo, a fim de reiniciar a nação de Israel, terminado o cativeiro. Haveria um Novo Israel em uma Nova Era; mas réprobos como Zedequias e seus conselheiros tinham de perecer com o antigo Israel, porque tinham forçado sobre si mesmos essa situação.

38.19

Receio-me dos judeus, que se passaram para os caldeus. *Certo número de judeus* já se tinha rendido aos babilônios, e o rei Zedequias temia que esses procurassem prejudicá-lo caso ele lhes seguisse o exemplo. Talvez aqueles judeus tivessem influência junto a Nabucodonosor e, odiando seu rei anterior, Zedequias, pudessem provocar algum evento drástico. A rendição de alguns judeus já tinha sido indicada em Jer. 39.9. Ver também o vs. 52.15 do mesmo livro. Alguns supõem que o maior temor de Zedequias fosse o de ser entregue nas mãos daqueles judeus, como seus supervisores. Então fariam com ele o que bem entendessem. Devemos compreender que o rei tinha muitos inimigos entre os judeus, e é provável que esses temores fossem reais. A teoria do rei, entretanto, jamais seria submetida a teste. Ele prosseguiria na senda dura da rebelião contínua e terminaria a vida em tristeza completa, juntamente com sua pobre família, que foi trucidada pelos seus cruéis captores. "Ele tinha mais receio daqueles judeus do que de Deus (ver Pro. 29.25: 'Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no Senhor está seguro'" (Fausset, *in loc.*).

38.20

Não te entregarão; ouve, te peço, a palavra do Senhor... e será poupada a tua vida. O profeta Jeremias assegurou ao rei, por meio de seu discernimento profético, que os judeus que já estavam na Babilônia não lhe fariam mal algum. O rei não seria entregue a eles. A oportunidade, pois, seria escapar de maneira fácil, se ao menos *obedecesse* aos conselhos do profeta, que procediam de Yahweh, a Causa por trás de todos os efeitos possíveis. Quando examinamos o que Jeremias disse, vemos que, na realidade, ele transmitiu uma mensagem de esperança. Zedequias, porém, era demasiado orgulhoso, teimoso e cego para reconhecer uma boa oportunidade quando visse uma. Em sua arrogância, continuaria na sua luta, e a perderia amargamente. Provavelmente, esse era o *plano principal* de Yahweh, e a maneira fácil de escapar era apenas uma contingência condicionada pela obediência de Zedequias, que nunca ocorreria. Não obstante, "poderia ter acontecido"; a oferta divina era genuína.

38.21

Mas, se não quiseres sair, esta é a palavra que me revelou o Senhor. Os vss. 21-23 repetem, uma vez mais, todas as coisas temíveis que aconteceriam ao rei e à sua família, *caso* ele continuasse em sua rebeldia contra a Babilônia, ignorando a palavra do profeta.

Sair. Esta é a tradução literal do original hebraico que significa "render-se". Se o rei Zedequias se recusasse a fazer isso, os babilônios continuariam a pressionar em seus movimentos militares destrutivos, e o rei e seus familiares seriam os principais objetos do ódio e da crueldade dos babilônios. Jeremias continuou a reivindicar iluminação divina para suas declarações. Ele não estava tentando adivinhar, pesando taxas de probabilidade.

38.22

Eis que todas as mulheres que ficaram na casa do rei de Judá serão levadas aos príncipes do rei de Babilônia. As *mulheres* do harém real da casa real de Judá adicionariam insultos à injúria. Elas zombariam e escarneceriam do rei quando ele estivesse sendo levado embora pelos soldados estrangeiros. Elas até comporiam uma breve canção para cantarem, quando eles desaparecessem de sua visão. Os bons amigos do rei de Judá o tinham conduzido pelo caminho errado. Seus conselheiros íntimos, os falsos profetas e os sacerdotes apóstatas se tinham mostrado mais fortes do que ele, dando-lhe maus conselhos e prevalecendo sobre o seu "bom senso", se é que, na verdade, ele tinha algum bom senso. Agora os pés do rei estavam presos na lama, da mesma maneira que aqueles seus "bons amigos" tinham arriado Jeremias na cisterna, prendendo-o na lama (ver Jer. 38.6). Jeremias saiu da cisterna mediante a ajuda de um verdadeiro amigo, mas o rei pereceria na lama. Foi um caso claro de colher conforme o que havia sido semeado. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

Mas por que as mulheres? Provavelmente porque foi exatamente isso que aconteceu, e também porque o rei tinha dominado aquele grupo de mulheres como não tinha feito com outras mulheres. Agora chegara a vez de ele ser dominado, um pouco da demonstração da *Lex Talionis,* de que recebemos conforme tivermos semeado. Em outras palavras, uma *doce vingança.* Ver sobre esse título no *Dicionário,* quanto a maiores detalhes. Todas aquelas mulheres teriam agora *novos senhores,* mas tudo ocorreria conforme a *antiga opressão.* A despeito disso, elas tiraram vantagem daquele breve momento, que lhes pertencia exclusivamente, para pôr sal nos ferimentos do rei.

38.23

Assim que a todas as tuas mulheres e a teus filhos levarão aos caldeus, e tu não escaparás da sua mão. Era uma tradição que os reis dominadores levassem as mulheres e concubinas dos reis conquistados. Isso fazia parte do saque das guerras antigas. As concubinas do harém (vs. 22) eram levadas, e outro tanto aconteceria às esposas da "família social" do rei. O próprio rei era levado para ouvir o cântico zombeteiro das mulheres do harém. Tudo agora pertenceria ao rei da Babilônia. Os filhos de Zedequias, pois, foram mortos em Ribla (ver Jer. 39.6); Zedequias teve seus olhos vazados (ver Jer. 39.7); a cidade foi incendiada (ver Jer. 39.8); as mulheres escolhidas seriam adicionadas ao harém de Nabucodonosor; as mulheres de segunda categoria, mas mesmo assim bonitas, seriam distribuídas entre os haréns dos oficiais do rei; e as mulheres de terceira categoria seriam postas como escravas nas casas dos babilônios ricos. O rei de Judá, Zedequias, continuaria vivendo, mas cego e esquecido em alguma prisão miserável, onde morreria finalmente.

38.24

Então disse Zedequias a Jeremias: Ninguém saiba estas palavras, e não morrerás. Zedequias tinha ouvido um oráculo em tudo lamentável, a mesma história de antes, com alguns poucos novos detalhes — todos negativos e temíveis. O rei ouviu a última repetição em *segredo,* e não queria que ninguém soubesse que ele tinha consultado novamente o profeta. Ele tinha de conservar a paz entre os conselheiros, que queriam ver Jeremias morto. Por isso, Zedequias aconselhou o profeta a manter-se calado e, sob essa *condição,* nenhuma outra ação seria tomada contra ele. Este versículo repete o que é dito no vs. 16.

38.25

Quando, ouvindo os príncipes que falei contigo, vierem a ti... *Os Traiçoeiros Príncipes de Judá.* Eles anelavam por ver morto o profeta do Senhor. Já haviam tentado assassiná-lo e por certo fariam novas tentativas. Se ouvissem falar da conversa "secreta" que o rei tivera com o profeta, viriam atrás deste último novamente. Falariam em *traição* e pressionariam o rei a mandar executar o profeta, e o rei, sempre fraco, cederia diante da pressão.

"*Não deixes que ninguém o saiba.* O débil rei Zedequias continuou vacilante até o último momento. Ele temia o profeta Jeremias; mas temia mais ainda os príncipes. A natureza da entrevista foi ocultada e os eventos continuaram em seu devido curso. Jeremias continuou no átrio da guarda como sua prisão até que a cidade foi tomada" (Ellicott, *in loc.).*

38.26

Apresentei a minha humilde súplica diante do rei. O rei foi o *tutor* de Jeremias acerca do que este diria em uma possível entrevista. Ele deveria dizer uma meia-verdade. Poderia falar na parte onde Jeremias suplicara para não ser enviado de volta ao local de seu severo aprisionamento (ver Jer. 37.15). Mas não deveria referir-se à porção dos atos temíveis do exército da Babilônia, que, segundo o profeta sabia, estavam a caminho. E Jeremias também não deveria falar sobre o conselho para que o rei se rendesse imediatamente aos babilônios, que era justamente o que faria aqueles réprobos gritar "Traição!".

38.27

Vindo, pois, todos os príncipes a Jeremias, e interrogando-os, declarou-lhes segundo todas as palavras que o rei lhe havia ordenado. *A Cautela do Rei Era Justificada.* De alguma maneira, propalou-se a notícia de que o rei tinha convocado o profeta para outra entrevista. Alguém vigiara; alguém vira os dois reunidos secretamente. Portanto, os oficiais réprobos correram diretamente para o lugar onde Jeremias estava em sua prisão mais relaxada e começaram a fustigá-lo com perguntas. Jeremias falou aos oficiais exatamente segundo as instruções de Zedequias. Jeremias lhes disse uma *meia-verdade.* Algumas pessoas acreditam que as meias-verdades são mentiras e, grosso modo, realmente são. Por outro lado, o profeta não estava obrigado a dizer nada àqueles réprobos oficiais. Ele não tinha recebido nenhum mandamento da parte de Yahweh, mas tinha recebido uma proibição do rei. Outrossim, existe tal coisa como uma mentira não-moral. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Mentira (Mentiroso),* onde ofereço detalhes ilustrativos.

38.28

Ficou Jeremias no átrio da guarda, até ao dia em que foi tomada Jerusalém. Enquanto não ocorreu a invasão de Jerusalém, Jeremias esteve em boa situação. Ficou em seu aprisionamento mais leve, no átrio da guarda, recebendo seus amigos e exercendo bastante liberdade. Ele tinha trabalhado longa e arduamente na tentativa de fazer uma nação apóstata voltar ao bom senso. Mas Judá não se desviara, nem um pouco sequer, de sua idolatria-adultério-apostasia, o que significava que em breve eles seriam atingidos pelos dardos inflamados dos babilônios (o que é relatado no capítulo seguinte). Do ponto de vista humano, a missão de Jeremias fracassou. Mas da perspectiva divina, foi um sucesso, porquanto Jeremias nunca deixou de profetizar e obedecer, de obedecer e profetizar. Ele não poderia ser responsabilizado por uma tarefa feita pela metade. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Obediência* e *Dever.* Jeremias ficou em Jerusalém e viu os horrendos sofrimentos causados pelo cerco, mas ele estava protegido pela mão de Yahweh, enquanto outros sucumbiram na matança.

Capítulo Trinta e Nove

A Invasão Babilônica: a Queda de Jerusalém (39.1-14)

O terrível dia sobre o qual Jeremias tinha profetizado chegou. O povo de Judá não se desviou de sua iniqüidade, a despeito de tantas advertências. O povo de Judá firmou-se definitivamente em sua idolatria-adultério-apostasia, até o amargo fim. O país inteiro caiu na insanidade, por causa de sua imitação do paganismo, e com isso perdeu o caráter distintivo. O capítulo 52 do livro de Jeremias provê uma descrição mais completa. É provável que a presente descrição seja uma abreviação daquela. Talvez os vss. 1-2 e 4-13 sejam adições feitas pelo editor deuteronômico, ou então a informação foi simplesmente extraída do livro de II Reis. A Septuaginta omite os vss. 4-13 deste capítulo, talvez porque a maior parte deste material reapareça no capítulo 52.

O acontecimento aqui descrito foi tão traumático que ficou registrado em quatro trechos das Escrituras: 1. Jer. 39; 2. Jer. 52; 3. II Reis 25; e 4. Eze. 24. O cerco lançado pelos babilônios começou em 15 de janeiro de 588 A. C. e estendeu-se por cerca de trinta meses, até 18 de julho de 587 A. C.

"Esta seção registra, como se fosse um sumário, o cerco e a queda de Jerusalém, dando-nos informações especiais sobre a sorte de Jeremias diante da queda da cidade. Os vss. 1-2 e 4-10 são uma forma do registro em Jer. 52.4-16, o qual é virtualmente equivalente a II Reis 25.1-12. Os vss. 1-2 na verdade partem ao meio uma sentença hebraica que começa em Jer. 38.28b e continua em Jer. 39.3. Já os vss. 3 e 14 não têm paralelo no capítulo 52 nem na porção correspondente de II Reis. Sem dúvida, com base nas memórias de Baruque, esses versículos nos dão informações exatas sobre a soltura de Jeremias — de fato, tudo quanto precisamos saber sobre ele (cf. Jer. 40.1-6).

É extremamente improvável que Nebuzaradã tenha tratado com Jeremias conforme se noticia que ele fez, tanto nos vss. 13-14 como em Jer. 40.1-6, pois Nebuzaradã só chegou à cidade um mês e um dia depois que as muralhas da

cidade tinham sido rompidas, de acordo com Jer. 52.12 (cf. II Reis 25.8, que apresenta uma variação de três dias)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Por outra parte, há uma série de fatores sobre os quais nada sabemos, pelo que não devemos ser dogmáticos com nossas declarações críticas.

39.1-2

Foi tomada Jerusalém. Era o ano nono de Zedequias, rei de Judá, no mês décimo. Traduzindo as antigas indicações para as modernas formas de computar o tempo, obtemos 15 de janeiro de 588 A. C. Esse era a data que Jeremias havia predito incansavelmente por tanto tempo. Jerusalém resistiu por mais tempo do que parecia possível, opondo-se por trinta meses às forças babilônicas. O vs. 2 deste capítulo revela-nos que, quando as muralhas foram rompidas e os babilônios tiveram acesso à cidade, seguiram-se horrenda matança e saque. Jer. 52.6 informa-nos que as defesas da cidade cederam devido à pressão da fome. Cf. Jer. 37.21. Os vss. 1-10 sumariam Jer. 52.4-16, que, por sua vez, dependem de II Reis 25.1-12. O vs. 3 deste capítulo adiciona os nomes dos oficiais babilônicos envolvidos. "Nabucodonosor esteve presente no início do cerco, mas estava em Ribla quando o cerco terminou (vss. 3 e 6; 53.17)" (Fausset, *in loc.*).

"Usando-se um método ocidental de computar as datas, parece que o assédio babilônico se prolongou por dezenove meses (os últimos três meses do nono ano + os doze meses do décimo ano + quatro meses do décimo primeiro ano). Entretanto, usando-se o método de computação de datas segundo o modelo hebraico, a duração do cerco parece muito mais longa. Pois os anos dos reis hebreus eram calculados segundo um calendário de tishri (setembro-outubro) a tishri, ao passo que os meses do ano eram calculados em uma base de nisã (março-abril) a nisã (ver os comentários sobre Jer. 36.9). O décimo primeiro ano de Zedequias estendeu-se de 18 de outubro de 587 A. C. a 6 de outubro de 686 A. C. O nono dia daquele mês correspondia a 18 de julho de 586 A. C. Por conseguinte, o cerco inteiro durou pouco mais de trinta meses, de 15 de janeiro de 588 A. C. a 18 de julho de 586 A C." (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Jerusalém ofereceu resistência superior ao que se esperava, mas a cada dia em que essa resistência se mostrava eficaz, maiores eram os sofrimentos do povo judeu.

39.3

Então entraram todos os príncipes do rei de Babilônia e se assentaram na Porta do Meio. Quanto aos nomes próprios pessoais deste versículo, ver o *Dicionário*. Resisti à tentação de repetir as informações sobre essas personagens aqui. O uso desses nomes adiciona um toque de autoridade e autenticação ao texto sagrado, pois estamos tratando de uma questão histórica, e não de mera lenda. A localização da Porta do Meio é disputada. O Talmude (*Erubin* V.22c) diz que esse era um dos sete nomes dados à grande porta oriental do Templo, que veio a ser conhecida como Porta Dourada. Perto dela, as autoridades babilônicas estabeleceram seus assentos de governo e justiça, dos quais controlavam a cidade conquistada.

39.4

Tendo-os visto Zedequias, rei de Judá, e todos os homens de guerra, fugiram. Vendo que a causa de Jerusalém estava perdida, Zedequias e certo número de militares judeus desertaram da cidade, fugindo à noite por meio do jardim do rei, através do portão entre as duas muralhas. Eles fugiram na direção da Arabá e das *dificuldades*, mas também na direção da segurança física. Primeiramente chegaram à ravina pronunciada perto da qual se unem os vales de Hinom e Cedrom. E subiram pelo monte das Oliveiras. Passariam próximo de Jericó, cruzariam o rio Jordão e então escapariam para Rabá, moderna Amã, na Jordânia, capital de seus aliados, os amonitas. Cf. Eze. 21.18-23. Zedequias provavelmente foi capaz de manter a cidade alta mais tempo do que o resto da cidade de Jerusalém, o que lhe deu certa liberdade de movimentos. Havia uma muralha dupla no sul de Sião, e os poucos fugitivos do grupo passaram entre as duas muralhas. Havia a muralha mais antiga e uma nova muralha, construída por Ezequias, para melhorar as defesas da cidade (ver II Crô. 33.5). Ou então devemos pensar na muralha regular da cidade e em outra muralha que circundava o jardim do rei.

39.5

Mas o exército dos caldeus os perseguiu, e alcançou a Zedequias nas campinas de Jericó. De alguma maneira foi detectada a tentativa de fuga dos judeus, pelo que um destacamento do exército da Babilônia perseguiu a infeliz tropa fugitiva dos judeus. Alcançaram-nos nas campinas de Jericó, capturaram-nos e levaram-nos diretamente a Nabucodonosor, rei da Babilônia, a quem eles tanto temiam. Agora, tudo estava terminado, e a sorte mais horrenda os esperava. Na ocasião, Nabucodonosor estava em *Ribla*, que se transformara em posto avançado dos babilônios. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Ribla (Dibla)*, quanto a informações completas. Eze. 6.14 dá o nome *Dibla*. Esse lugar seria a cena da matança dos filhos do rei Zedequias, bem como o lugar onde Zedequias foi cegado (ver Jer. 39.6-7).

Terra de Hamate. Ver a respeito no *Dicionário*. Era uma cidade grande, originalmente pertencente à Síria. Ver Gên. 10.18. Hamate tem sido identificada com Antioquia da Síria, às margens do rio Orontes. A cidade também foi chamada de *Epifânia*, em honra a Antíoco Epifânio. Ribla e Hamate ficavam distantes cerca de 24 km.

39.6

O rei de Babilônia mandou matar, em Ribla, os filhos de Zedequias, à vista deste. Em *Ribla*, aquele lugar miserável, os filhos do rei Zedequias foram mortos sem misericórdia na frente do pai. Nabucodonosor assegurou-se que nenhum homem tentaria reverter o que lhe custara tanto realizar em Jerusalém. Ao mesmo tempo, todos os "nobres" de Judá foram executados, pelo que foi varrida do mapa, de um só golpe, toda a liderança de Judá. Essas eram as táticas comuns empregadas nas guerras antigas, que usualmente apelavam para o genocídio, e não para a mera vitória sobre um adversário. Zedequias tinha apenas cerca de 32 anos de idade na ocasião, pelo que seus filhos eram, na maioria, crianças, havendo entre eles um ou outro adolescente. Esses tiveram de pagar pelos pecados e pela rebelião do pai. E foi grande o choro naquele dia, que viverá para sempre como um dia de terror e vergonha na mente de todos quantos lerem o livro de Jeremias.

39.7

Vazou os olhos a Zedequias, e o atou com duas cadeias de bronze. Aqueles olhos, que momentos antes tinham sido forçados a contemplar a execução de crianças inocentes, agora foram "arrancados" por homens destituídos de misericórdia. As esculturas assírias pintam o deleite com o qual os reis da Assíria arrancavam os olhos dos reis e príncipes inimigos. Com freqüência, os monarcas assírios faziam, eles mesmos, esse horrível trabalho. Tal é a história do homem sem redenção, que era e continua sendo o pior de todos os animais predadores. John Gill, geralmente um comentador que observava com cuidado cada detalhe, analisou este versículo sem recuar e, assim, aumentou o horror. Mas Adam Clarke, encolhendo-se, deixou de comentá-lo. O rei judeu, agora cego, foi preso a duas correntes, das quais jamais poderia escapar, e foi levado para a Babilônia, onde seu período de aprisionamento começaria, mas nunca terminaria. Seus ossos continuam por ali, em algum lugar, na desolação onde antes existira uma grande cidade.

"A forma especial de punição de Zedequias é notável, e duas profecias foram cumpridas: 1. Zedequias veria o rei da Babilônia e seria levado para a Babilônia (ver Jer. 32.4). 2. Mas, embora viesse a morrer na cidade de Babilônia, ele nunca veria a cidade (ver Eze. 12.13). Não se sabe qual foi a sorte final de Zedequias. Joaquim já estava aprisionado na Babilônia quando Zedequias chegou lá (ver II Reis 24.15); mas não sabemos dizer se os dois se encontraram ali. Vinte e seis anos mais tarde, Joaquim foi solto por Evil-Merodaque (ver II Reis 25.27" (Ellicott, *in loc.*). Joaquim terminou a vida na Babilônia com grandes privilégios.

39.8

Os caldeus queimaram a fogo a casa do rei e as casas do povo, e derribaram os muros de Jerusalém. Tudo foi *incendiado* na infeliz cidade, como o palácio do rei, as casas dos ricos, as muitas casas dos não-abastados e o templo (ver II Reis 25.9). As muralhas de Jerusalém foram derribadas, e assim continuaram por cerca de setenta anos, quando então Neemias foi inspirado a restaurar essas muralhas, depois que o remanescente judeu começou a voltar do cativeiro babilônico. Cf. o trecho paralelo de Jer. 52.13, que não inclui o item do incêndio da casa do povo. Note o singular da palavra "casa", conforme algumas traduções. Deve estar em foco algum edifício dedicado a assembléias gerais. Mas talvez tenhamos aqui uma referência ao templo de Jerusalém. Se o plural, "casas" (conforme lemos em nossa versão portuguesa), é o que está correto, então temos aqui uma menção à justa retribuição sofrida pelos oficiais e conselheiros do rei. Ver Jer. 38.4-6, quanto aos pecados deles. Se talvez eles não tivessem feito tão amarga oposição ao profeta Jeremias, Zedequias tivesse tomado melhores decisões durante a crise, incluindo a questão da rendição dos judeus a Nabucodonosor e, assim, muitas vidas teriam sido poupadas na batalha.

"Isso tudo foi obra de Nebuzaradã (ver Jer. 52.12-13), o qual foi enviado por Nabucodonosor, quando este ouviu falar na queda de Jerusalém. Seu trabalho incluía a destruição tanto do templo quanto do palácio do rei" (Ellicott, *in loc.*).

39.9

O mais do povo, que havia ficado na cidade... Nebuzaradã... levou-os cativos para Babilônia. Em seguida, houve a deportação dos poucos sobreviventes judeus, outra obra de Nebuzaradã. O cativeiro incluiu os desertores e os

defensores da cidade. O general de Nabucodonosor não se preocupou em fazer distinções entre os judeus, se essas distinções tinham agora algum valor. Os babilônios seguiam o modo assírio de total aniquilamento de um povo, para anular até sua identidade nacional. Temos os exemplos horrendos deixados por Tiglate-Pileser (II Reis 15.29); Salmaneser (II Reis 17.6); Esar-Hadom (II Reis 17.24) e Senaqueribe (II Reis 18.32). Os ataques e deportações efetuados pelos babilônios ocorreram em *ondas*, conforme comento em Jer. 27.12. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Cativeiro Babilônico*, para maiores detalhes. Somente os mais pobres entre os judeus foram deixados na Terra Prometida, pois não representavam uma ameaça aos interesses da Babilônia, quando tentassem reiniciar sua vida de humildes agricultores. Os judeus levados cativos foram espalhados entre os diversos distritos da Babilônia, depois que seus líderes foram executados. Judá estava morto.

39.10

Dos mais pobres da terra, que nada tinham, deixou Nebuzaradã... na terra de Judá. Nebuzaradã deixou na Terra Prometida o povo mais pobre, que era incapaz de causar revoltas. Chegou até a equipá-los com vinhedos e campos, para que pudessem sustentar-se. É provável que muitos deles estivessem agora melhor do que antes, tendo sido, na maioria dos casos, servos ou mesmo escravos no passado. Talvez até desses a Babilônia cobrasse taxas ou tributos, para que o império babilônico tivesse algum proveito pecuniário. Levar a "escória" da sociedade teria sido mais uma carga para o governo babilônico do que mereceria esse rebotalho. Daí a suposta "bondade" demonstrada para com essa camada do povo judeu.

39.11

Mas Nabucodonosor, rei de Babilônia, havia ordenado acerca de Jeremias... Não se pode duvidar que Jeremias era conhecido pelo rei da Babilônia, no tocante à sua reputação. Ele sabia que o profeta tinha, por assim dizer, "favorecido a sua causa", ao recomendar que os judeus se rendessem aos babilônios, o que teria poupado milhares de vida, incluindo grande número de soldados da Babilônia. Ademais, talvez Nabucodonosor tivesse Yahweh entre os seus deuses, como membro de seu panteão, tendo-lhe dado crédito por ajudá-lo em sua causa. Em conseqüência, um profeta de um dos "deuses ajudadores" merecia respeito da parte do monarca violento, Nabucodonosor. Jeremias tinha enviado cartas à Babilônia (capítulo 29 de Jeremias), e também certo número de desertores (ver Jer. 38.1-3) provavelmente espalharam histórias a respeito do profeta. Esses dois fatores garantiam que Jeremias fosse conhecido por Nabucodonosor. Ver Jer. 27.12-13, quanto aos conselhos do profeta para que os judeus se rendessem.

39.12

Toma-o, cuida dele, e não lhe faças nenhum mal. *Nebuzaradã* (ver no *Dicionário*) recebeu ordens da parte de Nabucodonosor para tratar bem de Jeremias e dar-lhe qualquer coisa que ele precisasse ou desejasse. A última parte do versículo provavelmente significa que Jeremias se tornou uma espécie de *conselheiro* dos babilônios quanto a assuntos judaicos. Ele se transformou em um homem honrado, contrastando com a maneira como Zedequias o havia tratado. Grande paradoxo! Se algum dos inimigos judeus do profeta ainda estivesse vivo, eles teriam certeza de que Jeremias tinha cometido traição.

39.13

Deste modo Nebuzaradã, chefe da guarda, ordenou a Nebusazbã. Cf. esta lista de oficiais babilônicos com aquela dada no vs. 3. Nebusazbã é um novo nome que aparece aqui. Ver sobre ele no *Dicionário*. E todos os oficiais babilônicos, seguindo o exemplo de Nebuzaradã, trataram bem a Jeremias, tendo recebido ordens específicas quanto a esse tratamento. Este versículo ilustra a extensão das honrarias prestadas a Jeremias; os versículos que se seguem dão alguns detalhes sobre a questão.

39.14

Mandaram retirar Jeremias do átrio da guarda, e o entregaram a Gedalias, filho de Aicão. O profeta foi tirado de seu aprisionamento leve, no átrio da guarda (ver Jer. 37.21), e passou a habitar com *Gedalias*, filho de *Aicão*. Um dos mais importantes desertores, Gedalias seria nomeado *governador* do que restava da nação de Judá. Ver Jer. 40.7. Jeremias foi arrebanhado juntamente com o restante dos sobreviventes e levado 8 km ao norte de Ramá. Ali chegando, identificado como o famoso profeta, foi liberado. Ver Jer. 40.4-5. Portanto, Jeremias ficou temporariamente acorrentado (ver Jer. 40.1). Gedalias tinha sido um apoiador de Jeremias (ver Jer. 26.24). Após o cativeiro, ele fixou residência em Mispa (ver Jer. 40.5-6), a capital provisória de Judá, visto que Jerusalém tinha sido reduzido a um montão de escombros. Ver sobre *Gedalias*, no *Dicionário*. Dentro de pouco tempo, Gedalias seria assassinado (ver II Reis 25.23 ss.)!

Oráculo Concernente a Ebede-Meleque (39.15-18)

39.15

Ora, tinha vindo a Jeremias a palavra do Senhor... Tivemos oportunidade de encontrar, no livro de Jeremias, um relato concernente a Ebede-Meleque (Jer. 38.7-13). Ele era o eunuco etíope que tinha tirado Jeremias da cisterna, onde os ímpios conselheiros de Zedequias o haviam lançado. Por causa de seu ato bondoso (que também exigiu coragem, porquanto ele arriscou a própria vida ao contrariar os horrendos conselheiros de Zedequias), Ebede-Meleque recebeu de Yahweh um oráculo especial de que não sofreria nenhum dano quando os babilônios conquistassem a cidade. Não há registro bíblico do cumprimento dessa profecia, mas isso não labora contra a sua genuinidade. Cf. algo similar em Jer. 45.1-5, em que Baruque é o centro da profecia. Este oráculo ilustra a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

Quando Jeremias ainda estava aprisionado no átrio da guarda (ver Jer. 37.21), foi-lhe entregue o presente oráculo. Provavelmente Jeremias estava experimentando um ataque de ansiedade, por causa da iminente destruição de Jerusalém. O que aconteceria a seus poucos bons amigos, entre os quais estava Ebede-Meleque? Enquanto Jeremias sofria por seus amigos, a boa palavra concernente a seu benfeitor lhe veio, uma mensagem de Yahweh.

39.16

Vai, e fala a Ebede-Meleque, o etíope. O divino nome de poder introduz e garante o cumprimento da promessa: *Yahweh-Sabaote-Elohim* foi quem falou. Cf. Jer. 7.3,21; 9.15,17; 16.9; 19.3; 25.27, exemplos de como essas palavras introduzem oráculos. Quando o Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso fala, há cumprimento. Se as profecias temíveis contra Jerusalém precisavam ser cumpridas, haveria contudo alguns poucos favorecidos que seriam poupados da dor, e entre eles estava *Ebede-Meleque*. Contraste isso com a matança que atingiu os filhos de Zedequias e seus ímpios conselheiros (ver Jer. 39.6; 52.10,24-27).

39.17

A ti, porém, eu livrarei naquele dia, diz o Senhor. Este versículo afirma a *mensagem de esperança* dada a Ebede-Meleque, o que contrasta com o vs. 16. A vontade de Yahweh mostrar-se-ia poderosa, livrando a alguns poucos. Esses escapariam tanto da morte, por ocasião do ataque dos babilônios, como da deportação que se seguiria. A *terrível tríade* — espada, fome e pestilência — não os atingiria. Ver Jer. 14.12; 21.9; 27.13; 29.17; 34.17. Ebede-Meleque estaria entre os poucos selecionados que não seriam atingidos pelas conseqüências da conquista babilônica, por causa da bondade demonstrada para com o profeta, quando este passava seu momento de crise.

39.18

Pois certamente te salvarei, e não cairás à espada. Ebede-Meleque foi elogiado por sua bondade e fé. Yahweh o livraria da espada, da fome e da peste que aniquilaria a cidade de Jerusalém. Sua vida não se tornaria presa do selvático Leão do norte. Visto que ele havia temido ao Senhor, não teria de temer os homens. Ele tinha sido um dos oficiais da corte de Zedequias, mas não foi executado juntamente com os demais (vs. 6; Jer. 52.10). Ele arriscou a vida em troca do bem, e sua vida foi salva do mal, em um momento de crise.

Capítulo Quarenta

Ministério de Jeremias ao Remanescente na Palestina (40.1 – 42.22)

A Soltura de Jeremias (40.1-6)

A missão de Jeremias ainda não tinha terminado. Ele sobreviveu ao ataque contra Jerusalém e foi libertado das correntes quando ia para Ramá, um lugar onde os cativos eram processados a caminho de Ribla, e daí para a Babilônia. Mas, finalmente, ele iria parar no Egito, forçado por seus inimigos judeus e, presumivelmente, ali morreu, depois de vicissitudes sobre as quais as Escrituras nada revelam, havendo apenas tradições indignas de confiança sobre ele. Mas podemos estar certos que não havia planejamento inseguro da parte de Yahweh, o qual conduziu o profeta sempre em segurança. Jeremias foi invencível enquanto sua missão não se cumpriu plenamente.

As informações dadas aqui parecem contradizer as informações de Jer. 39.14, no sentido de que o profeta do Senhor fora libertado para juntar-se a Gedalias, nomeado governador da pequena população sobrevivente em Judá. Temos de supor, entretanto, que os fatos narrados no capítulo 40 ocorreram antes das informações do capítulo 39. Ver as notas expositivas sobre Jer. 39.14.

40.1

Palavra que veio a Jeremias da parte do Senhor, depois que Nebuzaradã, chefe da guarda, o pôs em liberdade em Ramá. Estas palavras atuam como uma espécie de cabeçalho para a nova porção do livro de Jeremias — capítulos 41-44 — a saber, as profecias dirigidas aos judeus que estavam na Judéia e no Egito, depois que a cidade foi tomada... A profecia só começa em Jer. 42.7. Até lá temos apenas pano de fundo histórico. Para ter liberdade de completar seu ministério profético, Jeremias não podia ficar preso por correntes, em companhia de outros cativos. Assim sendo, em Ramá, onde os cativos eram selecionados para ser enviados a Ribla e, dali, para a cidade de Babilônia, a influência de Yahweh tinha de ser sentida para libertar Seu profeta e fazê-lo voltar a Jerusalém, onde sua missão prosseguiria.

40.2

Tomou o chefe da guarda a Jeremias, e lhe disse. Jer. 39.11 ss. deixa claro que Jeremias era bem conhecido na Babilônia, incluindo pelo próprio Nabucodonosor, que tomou providências especiais para garantir que ele fosse bem tratado enquanto os babilônios estavam na cidade matando (quase) todos os outros judeus. Nebuzaradã conhecia as profecias de Jeremias contra Judá, por causa de sua horrenda idolatria-adultério-apostasia, pelo que tinha consciência do *aspecto espiritual* da queda de Jerusalém, que não envolveu somente os jogos internacionais de poder que inspiraram a Babilônia a conquistar Judá. As palavras de Nebuzaradã, entretanto, não dão a entender que ele estava voltando-se para o yahwismo. Era crença universal, entre as nações pagãs, que os deuses eram agentes que ajudavam seus povos a ganhar ou perder guerras. O politeísmo de Babilônia permitia facilmente que Yahweh fosse o deus eficaz de Judá.

40.3

O Senhor o trouxe, e fez como havia dito. Porque pecastes contra o Senhor... Até o pagão Nebuzaradã reconheceu a operação da lei da colheita segundo a semeadura no que tinha acontecido a Jerusalém. A idolatria-adultério-apostasia de Judá finalmente tinha cobrado seu tremendo preço. Yahweh fora a causa disso (ver as notas sobre Isa. 13.6) e os babilônios foram o instrumento usado por Deus para tanto. Todas as coisas acontecem exatamente em concordância com a *Providência de Deus* (ver no *Dicionário*), de acordo com seus aspectos negativos e positivos. Isso, entretanto, não nos deve fazer negligenciar as *causas secundárias* — o homem e sua perversa vontade, rebeldia e apostasia. De outra forma, se promovermos a idéia de que Deus é a Causa Única dos acontecimentos, então teremos de fazê-Lo também a causa do mal, o que reflete uma teologia ridícula. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Livre-arbítrio*. Cf. este versículo com Deu. 29.24-25.

40.4

Agora, pois, eis que te livrei hoje das cadeias que estavam sobre as tuas mãos. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) deu *vida* a Jeremias, e isso através das mãos de um pagão. Era a mesma lei que havia ditado a *destruição* de Jerusalém, por meio da mesma mão. Além disso, a Jeremias foi oferecida *liberdade,* ao passo que a maioria dos sobreviventes da matança foi levada *cativa* para a Babilônia. Jeremias poderia ir para a Babilônia, onde seria bem tratado e prosperaria sob os auspícios de Nabucodonosor. Ou então poderia ficar em Jerusalém, ou em Mispa, na companhia de Gedalias, para tentar ajudar aos que restaram naquelas condições tão primitivas. Para ele tudo se resumia a uma decisão *moral.* A Jeremias cabia evitar o erro e praticar o que era certo, sem importar o lugar que sua consciência ditasse. Cf. este versículo com Jer. 39.12.

40.5

Mas, visto que ele tardava em decidir-se, o capitão lhe disse: Volta a Gedalias. Quando Jeremias voltou-se para partir, Nebuzaradã reenfatizou a oferta de "faze o que bem quiseres"; mas, ao mesmo tempo, sugeriu que ele fosse para a companhia de Gedalias, que tinha a gigantesca tarefa de pôr em ordem as coisas e precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Ele fora nomeado governador de Judá pelos babilônios e fizera sua capital em Mispa, visto que Jerusalém fora reduzida a um montão de ruínas. Não obstante, Jeremias estava livre para fazer o que bem entendesse, seguindo a *sugestão* de Nebuzaradã ou não. "Embora Nebuzaradã lhe tivesse dado tal conselho, não pressionou o profeta, mas o deixou na mais completa liberdade de tomar seu próprio rumo, indo para onde quisesse e se estabelecesse onde melhor quisesse" (John Gill, *in loc.*). Note o leitor como até um oficial pagão foi usado como instrumento para ajudar Jeremias a tomar uma decisão importante, quando ele hesitava entre duas alternativas. Isso fazia parte da providência de Deus para o momento.

40.6

Assim foi Jeremias a Gedalias, filho de Aicão, a Mispa. Tendo recebido um pequeno empurrão de Nebuzaradã naquela direção, e depois de ter consultado seu coração, Jeremias resolveu ajudar Gedalias, o recém-nomeado governador de Judá, em qualquer coisa que pudesse. Portanto, Jeremias escolheu o caminho mais difícil, e não o da vantagem pessoal. Nunca mais se levantaria rei em Israel, até que aparecesse o Messias, quando a linhagem de Davi voltaria. O próprio governador, Gedalias, era apenas um boneco da Babilônia. Mas isso não significa que não houvesse uma tarefa importante a ser realizada. Entrementes, o remanescente de Judá estava no processo de purificação, a fim de que depois dos *setenta anos* de cativeiro (ver Jer. 25.11) houvesse um Novo Israel, embora humilde. Gedalias tinha-se estabelecido em *Mispa* (ver a respeito no *Dicionário*), no território de Benjamim, que fora menos atingido que o resto de Judá pelos terrores do exército da Babilônia. Esse lugar ficava somente 16 km ao norte de Jerusalém, pelo que era extremamente conveniente para a nova capital.

O Governo e o Assassínio de Gedalias (40.7 – 41.18)

Coisa alguma corria direito em Judá, e até o breve governo de Gedalias terminaria em tragédia. Jer. 40.7-41.10 dá-nos uma seção histórica, antes do início de um novo conjunto de oráculos. Ver a nota expositiva sobre o vs. 1 deste mesmo capítulo. É provável que Baruque, o amanuense de Jeremias, tenha sido o autor desta revisão histórica. Coisa alguma é dita diretamente acerca de Jeremias, enquanto o autor está tratando de outras questões. Alguns estudiosos, porém, atribuem a seção a outro autor (desconhecido), pensando que as contribuições de Baruque se limitaram aos capítulos 1-39. Os eventos aqui registrados são paralelos a II Reis 25.22-26, que nos dá apenas um esboço com alguns poucos detalhes. Cf. II Reis 25.23-24 com Jer. 40.7-10, e II Reis 25.25-26 com Jer. 41.1-2 e 41.16-18. Judá tornou-se uma província da Babilônia, e Gedalias tornou-se o governador títere. Gedalias era membro de uma proeminente família judaica. Seu pai, *Aicão,* fora oficial na corte dos reis Josias e Jeoaquim. Era amigo e protetor de Jeremias (ver Jer. 26.24; II Reis 22.12,14). O artigo sobre ele oferece detalhes que não repito aqui. Embora bastante simpático e gentil, o breve governo de Gedalias foi também bastante leniente, configurando-se num dos fatores que contribuíram para seu assassinato. Aqueles foram tempos difíceis, e Gedalias deveria ter sido mais firme. Os eruditos supõem que ele tenha governado por cerca de cinco anos, e todos os relatos de que dispomos tocam apenas nos pontos principais da época.

A Promessa de Gedalias (40.7-10)

40.7

Ouvindo, pois, os capitães dos exércitos que estavam nos campos... A primeira providência de Gedalias foi tentar pacificar os oficiais do exército de Judá, que continuavam em atitude hostil contra os babilônios, embora tivessem perdido a guerra. Ele lhes exortou a reconhecer a realidade do que havia acontecido e a submeter-se à Babilônia. Mas embora aquela causa tivesse perdida, continuava palpitando no coração deles, e a rebelião era uma palavra-chave. Outra revolta estava sendo planejada. Gedalias conseguiu pacificar a maioria dos oficiais, mas ainda existiam rebeldes judeus, que queriam causar perturbações sem sentido. E isso custaria a vida de Gedalias.

Se a guerra tinha sido perdida pelos judeus, ainda assim alguns oficiais e soldados tinham sobrevivido e estavam espalhados pelo campo aberto. Alguns deles aproximaram-se de Gedalias, ao ouvir que ele fora nomeado governador do pouco povo que restara intacto. E lhe perguntaram: "E agora?". A resposta do governador foi: "Submetei-vos à Babilônia. A guerra terminou. Submetei-vos e vivei!". Gedalias tinha pouco para governar — mulheres, crianças e pobres, conforme este versículo deixa claro.

40.8

Vieram ter com ele a Mispa, a saber: Ismael... Joanã... *Mispa* se tornara a capital da província da Judéia. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo sobre esse localidade. Mispa não tem sido identificada de modo absoluto, mas pode ser o moderno Tell en-Nasbeh, ou Nebi Samwil. Tell en-Nasbeh fica na estrada principal entre Siquém e Jerusalém, o que parece adaptar-se melhor às descrições de Jer. 40.7 41.18. Escavações feitas em Tell en-Nasbeh descobriram uma inscrição em um túmulo, de um certo *Jazanias,* oficial do rei. Talvez ele tenha sido o Jazanias, referido neste versículo. Se essa identificação está correta, então encontramos a perdida cidade de Mispa. Pouquíssimo se sabe sobre as pessoas mencionadas neste versículo, mas o que se conhece ou se conjectura está relatado nos artigos sobre elas, no *Dicionário. Ismael,* naturalmente, estava destinado a ser o assassino de Gedalias. Ver no *Dicionário* sobre *Ismael (outros),* ponto cinco, onde dou as informações essenciais sobre ele, com fatos e conjecturas. Os comandan-

tes mencionados no vs. 8 queriam saber o que aconteceria se eles depusessem as armas e se rendessem. Gedalias assegurou-lhes que nenhum mal lhes sobreviria. E os encorajou a estabelecer-se e servir de uma nova maneira. Judá tinha perdido a guerra. De que adiantaria fingir que a Babilônia não estava controlando tudo?

40.9

Gedalias... jurou a eles e aos seus homens, e lhe disse: Nada temais da parte dos caldeus. É como se Gedalias tivesse dito: "Ficai em paz e trabalhai em paz; reconstruí as vossas vidas; servi os babilônios. Agi conforme sois: um povo derrotado. Qualquer outra atitude só gerará maiores matanças!". Com essas e outras palavras, Gedalias tentou acalmar as águas turbulentas na mente e na alma deles. Raiaria um novo dia. A esperança era real, mas no presente as limitações das circunstâncias ditavam o que cada homem tinha de fazer.

40.10

Quanto a mim, eis que habito em Mispa, para estar às ordens dos caldeus. O trabalho de Gedalias era "continuar levando", conforme se diz em uma moderna expressão. Ele dirigia as coisas em Mispa e serviria alguns poucos e miseráveis indivíduos, que foram deixados na Terra Prometida, após a matança e a deportação. Aqueles oficiais militares poderiam fazer parte do esforço e ajudar. Seja como for, todos estariam servindo aos babilônios, gostassem disso ou não, e poderiam aproveitar a oportunidade para ajudar a si mesmos e ao povo. Eles teriam de ocupar-se das atividades agrícolas, pois toda a vida dependia disso, o que lhes daria abundância para ajudar os outros e os faria esquecer o que havia acontecido, se isso fosse possível. Até a humilde produção agrícola muito provavelmente teria sido taxada. O que o governador lhes disse não era muito inspirador, mas não havia como inspirar Judá com grandes coisas naqueles dias.

Fugitivos Retornam a Judá (40.11-12)

40.11

Da mesma sorte todos os judeus que estavam em Moabe, e entre os filhos de Amom e em Edom... A ameaça da invasão babilônica fez muitos judeus abandonar Judá e fixar residência nos países adjacentes. E então, durante a própria invasão; que durou cerca de 30 meses (ver a introdução ao capítulo 39), outros judeus conseguiram fugir para os países circunvizinhos. Moabe, Amom e Edom eram os preferidos. Mas, uma vez que as coisas se "normalizaram" e Gedalias começou a governar o povo que restara, eles preferiram tentar novamente a vida em Judá. Portanto, uma pequena esperança foi restaurada aos judeus que habitavam no território de Judá, que o retorno dos cativos da Babilônia, após os setenta anos, haveria de fomentar. A agricultura foi restaurada (vs. 12) de modo adequado para a pequena população que dela dependia. Mispa tornou-se a capital provisória da nação de Judá, até que Jerusalém pudesse equilibrar-se de novo.

40.12

Então voltaram todos eles de todos os lugares, para onde foram lançados. "Além de atingir os bandos espalhados de guerreiros de Judá, a palavra sobre a nomeação de Gedalias como governador chegou aos judeus em Moabe, Amom e Edom, além de outros países em derredor. Todos esses muitos refugiados voltaram à Terra Prometida para reocupá-la e ajudar a colher as uvas e o fruto de verão" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Isso representou uma pequena renovação do país, que ficou esperando eventos mais importantes, os quais seriam postos em movimento por Ciro, quando a Babilônia caísse diante do exército medo-persa. Algumas vezes, os pequenos acontecimentos são arautos de eventos maiores que já se aproximam. A Babilônia, que na ocasião parecia invencível, em breve estaria reduzida a cinzas, pagando pela maldade de ter transformado em cinzas o país de vários povos. Tudo isso aconteceu com uma velocidade surpreendente.

Aviso a Gedalias (40.13-16)

40.13

Joanã... e todos os príncipes dos exércitos que estavam no campo, vieram a Gedalias, a Mispa. Aqueles que odeiam e planejam o mal nunca desistem. Gedalias, ao que parece, tinha acalmado as águas agitadas, mas entre os líderes de Judá, que tinham jurado lealdade ao governador, alguns já planejavam seu assassinato. O rei dos amonitas fazia parte do conluio, sendo provável que o intuito fosse o de que Ismael (o assassino eventual) substituísse Gedalias e, assim sendo, se tornasse o "pseudo-rei" de Judá. Talvez o governador Gedalias fosse considerado um traidor, tal como Jeremias fora acusado, por ser muito condescendente no tocante aos babilônios, e talvez Ismael pensasse poder encabeçar uma revolta que livrasse Judá do domínio babilônico. A coisa inteira era um plano louco e insano, mas os fanáticos vivem promovendo tais movimentos. Uma *fé perversa* e uma *esperança bizarra* assinalam esses fanatismos.

As notícias do assassinato planejado começaram a circular, e Joanã, militar (ver o vs. 8) que tinha jurado lealdade a Gedalias, veio adverti-lo acerca do plano assassino. Ele não via vantagem alguma em tomar o lugar de Gedalias e certamente não tinha paciência com a idéia de outra revolta contra a Babilônia. Ele já tinha visto matanças e muita miséria para uma única vida. É provável que tenha calculado que as coisas estavam correndo tão bem quanto se poderia esperar naquelas circunstâncias, e ele mesmo estava *vivo*, ajudando a reconstruir a nação. Não queria que nada perturbasse o precário *status quo*.

40.14

Sabes tu que Baalis, rei dos filhos de Amom, enviou a Ismael... para tirar-te a vida? *Baalis* (ver a respeito no *Dicionário*), rei dos filhos de Amom, planejava, juntamente com Ismael, o assassinato de Gedalias. Não somos informados sobre que motivos o inspiravam, mas a luta política provavelmente estava no centro daquele conluio. Ou Ismael seria o próximo governador de Judá, ou armaria outra revolta contra os babilônios. Provavelmente ele era um patriota fanático completamente insensato, conforme é a maioria dessas pessoas. Amom era uma das nações que tinha entrado em liga na tentativa de libertar-se da vassalagem à Babilônia (cerca de 593 A. C.; ver Jer. 27.1-11). É provável que *Baalis* continuasse sonhando com algo impossível, crendo que Ismael serviria melhor a seus propósitos do que o pacífico e submisso Gedalias. O plano original desenvolveu-se quando o novo Faraó (Hofra) subiu ao trono do Egito e passou a encabeçar a aliança (ver Jer. 21.18-23). Nabucodonosor, entretanto, derrubou por terra a aliança que tinha o Egito como cabeça, atacando primeiro (ver Eze. 21.18-23). O rei Zedequias provavelmente estava tentando chegar a Amom, ao fugir da cidade de Jerusalém (ver Jer. 39.4-5). Parece que Amom ainda não havia recebido o golpe decisivo da parte dos babilônios, e assim pensasse ser forte o bastante para encabeçar uma aliança antibabilônica. Esse era um sonho impossível; mas certas pessoas continuavam sonhando, a despeito de evidências de sua futilidade. É assim que até hoje certos indivíduos continuam alimentando o sonho comunista, a despeito do colapso desse sistema pelo mundo inteiro. Quanto a outros motivos possíveis para o conluio contra a Babilônia, ver a introdução ao capítulo 41.

Gedalias, entretanto, por sua parte, não acreditou no relatório de Joanã e, por isso mesmo, nada fez para proteger-se. Isso selou a sua sorte. Ele sofreria uma morte tola e vergonhosa, às mãos de um fanático. Tudo se devia à política, como era usual.

40.15

Todavia Joanã... disse a Gedalias em segredo: Irei agora, e matarei a Ismael. Joanã, um oficial do exército de Judá que, sem dúvida, já matara muitos homens durante sua carreira, pensou que um contra-ataque, um assassinato bem planejado, que livrasse a todos de Ismael, seria vantajoso para o povo de Judá. Portanto, ele estava ansioso para cometer um assassinato não-moral. Ele pensou precisar da permissão de Gedalias para o ato de assassinato, que ele pensava ser necessário à manutenção da pouca paz que restava a Judá. Joanã sabia que o fanatismo de Ismael reiniciaria a guerra contra os babilônios e que a matança de judeus prosseguiria. Assim considerou que Gedalias era um aliado indispensável naquela hora. Joanã deve ter ficado consternado quando, em primeiro lugar, o governador não levou a sério sua advertência (vs. 16); e, depois, quando ocorreu o assassinato de Gedalias. Quanto à história toda (Joanã terminou no Egito, forçando Jeremias a acompanhá-lo), ver sobre *Joanã*, primeiro ponto, no *Dicionário*.

40.16

Não faças tal cousa; porque isso que falas contra Ismael é falso. Gedalias ignorou o aviso. E o mais ridículo é o fato de que ele acusou Joanã de ter mentido sobre Ismael, como se Joanã tivesse algo a ganhar por espalhar um falso rumor. Foi uma terrível falta de bom julgamento da parte de Gedalias, bem como uma atitude ingênua acerca do que os fanáticos violentos são capazes de fazer. "Foi um mistério da providência divina que permitiu que um homem reto, a despeito dos avisos recebidos, viesse a cair na armadilha que fora armada para ele. 'O justo é levado antes que venha o mal' (Isa. 57.1). Essa citação talvez forneça uma resposta possível" (Fausset, *in loc.*). Por outro lado, impera o *caos* neste mundo, e até os homens bons são, algumas vezes, apanhados fora de guarda e têm de sofrer por isso. Devemos orar a respeito do caos todos os dias. Gedalias era um homem honrado, mas cometeu um erro fatal quando julgou erroneamente o caráter de Ismael. "O nobre Gedalias perdeu a vida por não acreditar que *outros*

pudessem ser maus de uma maneira em que *ele* mesmo era incapaz de ser" (Adam Clarke, *in loc.*).

Capítulo Quarenta e Um

O Assassinato de Gedalias (41.1-3)

Este capítulo continua a história que encerrou o capítulo 40. O plano para assassinar Gedalias também foi fácil demais. Foi delineado em meio à traição, enquanto os homens se banqueteavam como dois amigos. O maligno tinha trazido dez outros homens para garantir o sucesso de sua missão perversa. O que ele fez foi pura loucura, inspirada por excesso de patriotismo e autêntico fanatismo em favor de uma causa má. Ver as explicações quanto a possíveis motivos em Jer. 40.14. Ismael continuou seguindo seu sonho impossível de fugir do domínio babilônico. Ele estava em liga com Amom e o igualmente insano Baalis. Provavelmente, Ismael tinha seus próprios motivos pessoais e egoístas. Ele pertencia à família real (vs. 1) e, provavelmente, ressentia-se do pouco poder entregue a Gedalias pelos babilônios. Se teria de haver alguém dotado de autoridade em Judá, deveria ser Ismael — assim pensava o próprio Ismael. Além disso, havia o motivo da vingança contra os babilônicos, que mataram os filhos de Zedequias e os conselheiros de Judá, cegaram Zedequias e o deixaram na prisão para apodrecer. Ismael, sem dúvida, tinha parentes envolvidos nesses ultrajes. Ver Jer. 39.6-7 e II Reis 25.6-7. Mas, conforme as coisas sucederam, Ismael acabou desaparecendo no nada, em Amom. Porém, ele estava determinado a desempenhar seu papel e obter o máximo de poder e glória que pudesse. E assim, aquele que queria ser "rei de Judá" e libertador do povo morreu na obscuridade em Amom.

41.1

Sucedeu, porém, que no sétimo mês, veio Ismael... e dez homens... a Gedalias. O governador de Judá, Gedalias, foi assassinado no sétimo mês, tishri (setembro-outubro), embora o ano não seja determinado. O exército babilônico esteve em Jerusalém até tão tarde quanto 17 de agosto de 586 A. C. E é improvável que *Ismael* (ver a respeito dele no *Dicionário*) tenha agido enquanto os babilônios estivessem presentes. Mas sua posição como um dos principais oficiais do rei facilitou a traição. Ele jurou lealdade ao governador Gedalias (ver Jer. 40.8), mas o que isso lhe interessava? O brutal ato de assassinato foi efetuado em meio a um banquete de comunhão, durante a qual, supostamente, reinava a amizade. Mas que interessava ao assassino esse tipo de vínculo? O assassino pertencia à família real, pelo que, provavelmente, "jogos de poder" foram um de seus principais motivos. Ver no *Dicionário* notas expositivas detalhadas sobre *Ismael (Outros),* ponto 5.

E ali comeram pão juntos em Mispa. "O ato equivalia ao estabelecimento de um pacto solene, porquanto aquele que se banqueteava com outro sempre era reputado como *amigo*" (Adam Clarke, *in loc.*). John Gill imagina que era época de alguma importante festividade para os judeus, como a lua nova, o primeiro dia do mês ou, talvez, o início do ano novo. Nesse caso, a ocasião festiva retirou da mente de Gedalias qualquer idéia de traição.

41.2

Dispuseram-se Ismael... e os dez homens que estavam com ele, e feriram à espada a Gedalias. O assassino Ismael veio bem preparado, com dez homens, de sorte que o plano sanguinário não poderia fracassar. Podemos estar certos de que os oficiais do governador, que o acompanhavam no banquete, também foram eliminados. O rei da Babilônia certamente ficaria desagradado diante do assassinato do governador por ele nomeado, mas o que aqueles homens traiçoeiros se preocupavam com o que Nabucodonosor achasse?

Em seus sonhos estonteantes, aqueles assassinos se imaginavam "libertadores" do povo, expelindo os babilônios de Jerusalém e, eventualmente, de toda a nação de Judá. Naturalmente, o sonho utópico deles fracassaria, mas sua mente e coração estavam por demais sobrecarregados de fantasias para levar isso em conta. "Os convivas assassinaram o hospedeiro na ocasião mesma em que ele os acolhia de braços abertos" (Ellicott, *in loc.*). "... em violação ao direito sagrado da hospitalidade (ver Sal. 41.9), o amigo familiar do homem levantou contra ele o calcanhar e feriu seu amigo" (Fausset, *in loc.*). Esse tipo de rebelião é condenada em Rom. 13.1. A advertência de Jer. 40.13 tinha sido ignorada, e provou ser mortalmente exata. Josefo disse que o vinho tinha fluído à vontade, deixando os homens embriagados e o próprio governador intoxicado, o que facilitou as coisas (ver *Antiq.* 1.10, cap. 9, sec. 4). Provavelmente Josefo estava com a razão, em sua especulação, quando assim escreveu, pois assim transcorriam as festas, usualmente.

41.3

Também matou Ismael a todos os judeus que estavam com Gedalias. Houve grande matança, na qual o "partido de oposição" sofreu severas perdas. Todos os principais oficiais que ajudavam o governador Gedalias estavam presentes e foram mortos, pelo que houve tanto sangue quanto tinha havido vinho. Além disso, os soldados e oficiais babilônicos presentes à festa não foram poupados. Isso, sem dúvida, deixaria indignado o rei da Babilônia, mas os assassinos se arriscaram em seu jogo sanguinário. Cf. este versículo com Jer. 40.7-10. *Mispa* tinha-se tornado a capital da Judéia, porquanto Jerusalém fora demolida. Este versículo dá a entender que houve grande matança, a qual fez muitas vítimas entre o pequeno remanescente do povo judeu que não tinha sido deportado para a Babilônia. A principal porção do povo, incluindo Jeremias, Ismael levou para o cativeiro no Egito (ver os vss. 10-11, abaixo). Fugindo para o Egito com seus cativos, Ismael tinha grandes planos, mas Joanã interveio. O assassino escapou e correu para a vergonha e a obscuridade em Amom. Portanto, a proposta utópica logo terminou em miserável confusão, o que acontece à maioria das utopias. Assim foram mortos o pobre Gedalias, seus principais auxiliares e a guarnição de babilônios em Mispa. Não havia fim nas desgraças de Judá. A espada continuava a seguir os judeus por onde quer que eles fossem. A idolatria-adultério-apostasia ainda faria muitas vítimas.

A Matança Insensata de Setenta Peregrinos (41.4-9)

41.4

Sucedeu no dia seguinte ao em que ele matara a Gedalias, sem ninguém o saber. É difícil determinar por qual motivo o enlouquecido Ismael julgou necessário matar aquela gente inocente. Eram *peregrinos desarmados*. Talvez a única razão tenha sido furtar-lhes os bens para prover o "salário" daquele dia. Dez deles salvaram-se entregando aos assassinos trigo, cevada, azeite e mel (vs. 8). Seja como for, a matança cruel demonstrou o verdadeiro caráter de Ismael e de seus homens "desesperados". Os seguidores de Ismael pregavam reforma e libertação, mas, na realidade, eram apenas criminosos comuns. "No dia seguinte, Ismael interceptou um grupo de peregrinos que vinha do norte e se dirigia a Jerusalém. Ele os atraiu a Mispa e mandou matar a todos, com a exceção de dez que escaparam com vida em troca dos alimentos que tinham trazido. Após lançar os cadáveres dos mortos em uma antiga cisterna (cf. I Reis 15.22), os assassinos tomaram o povo restante que havia em Mispa e se dirigiram com eles para Amom" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 4).

No dia seguinte. O assassinato tornou-se um esporte, e Ismael estava ocupado na série de jogos esportivos. No dia seguinte ao do assassinato de Gedalias e de outros que o acompanhavam, relatado no vs. 2, o enlouquecido Ismael fez sua barbaridade voltar-se contra o inocente grupo de peregrinos desarmados. O segundo assassinato ocorreu tão perto do primeiro que as notícias da primeira brutalidade não tiveram tempo de se espalhar. Os "libertadores" não passavam de assassinos criminosos, e a revolução deles, sem dúvida, era efetuada em nome de Yahweh. Mispa, sem dúvida, vivia o caos, por causa do primeiro assassinato em massa, mas o interior do país estava em paz, pelo que os peregrinos se dirigiam a Jerusalém em meio a suposta segurança. Mas seriam interceptados por uma fera selvagem.

41.5

Oitenta homens, com a barba raspada, as vestes rasgadas e o corpo retalhado. *Os Lamentadores.* Oitenta homens de Siquém, Silo e Samaria (homens do ex-reino do norte) estavam a caminho de Jerusalém para oferecer sacrifícios no templo parcialmente restaurado. Eles lamentavam os terríveis acontecimentos dos meses recentes, a destruição da cidade e do templo, assim como a deportação da maior parte da população, que havia sobrevivido diante da série de ataques devastadores do exército babilônio. Eles rasparam a barba, em sinal de consternação. Também rasgaram as vestes, outro sinal de lamentação. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Vestimentas, Rasgar das.* No entanto, os peregrinos exageraram quando se mutilaram (com múltiplos golpes), o que era proibido pela legislação mosaica. Ver Lev. 19.28 e Deu. 14.1.

A automutilação era uma prática pagã, e os remanescentes dos israelitas, deixados após o cativeiro assírio, que se misturaram por casamento a diversos povos pagãos, levados para o território do reino do norte, Israel, pelos assírios, tinham adotado muitas práticas pagãs. Não obstante, continuava havendo veneração a Jerusalém e seu templo. Podemos supor corretamente que a "restauração" do templo era uma coisa crua, mas, pelo menos, o lugar era apropriado e serviria aos propósitos dos peregrinos. Jarchi e Kimchi supuseram que aqueles peregrinos não tinham ouvido falar na destruição do templo. Se esse foi, realmente, o caso, é possível que não tenha havido nenhuma restauração do templo, e a idéia inteira de oferecer sacrifícios no templo era apenas uma fantasia. Seja como for,

as intenções deles eram boas, e eles efetuariam as oferendas tradicionais, especialmente as ofertas de cereais (ofertas pacíficas), e queimariam incenso, que representava a oração. Que o templo fora incendiado, disso II Reis 25.9 nos faz saber. Mas o lugar onde estivera o templo era considerado sagrado, e por isso suficiente para os peregrinos. Infelizmente para eles, Mispa ficava no meio do caminho que conduzia à antiga capital, Jerusalém, e em ali eles encontrariam sua sorte lamentável e inesperada.

41.6

Saindo-lhes ao encontro Ismael, filho de Netanias, de Mispa, ia chorando. Ismael pespegou naqueles peregrinos um jogo doentio, chorando como se estivesse de coração partido. Ele convidou os peregrinos a entrar na cidade, para lamentarem por um terrível mas não-revelado acontecimento na "nova capital". O presente versículo pode dar a entender que ele lhes falou do assassinato do governador e disse-lhes que deveriam entrar em Mispa para ajudar nas lamentações, o que seria o "dever sagrado". Mas talvez suas lágrimas fossem apenas uma imitação zombeteira do que faziam os peregrinos, que choravam "por Jerusalém". Nesse caso, o convite de Ismael para os peregrinos entrarem na cidade de Mispa talvez tenha sido interpretado como um gesto de hospitalidade. Além disso, os peregrinos estavam famintos e sedentos, e uma parada ao longo do caminho haveria de ajudá-los. Portanto, Ismael ofereceu-lhes a oportunidade de "descanso", embora, na verdade, os estivesse convidando para serem assassinados. A Septuaginta faz o choro ser dos peregrinos, e não do hipócrita Ismael; porém, não há razão alguma para duvidarmos do ato ridículo de Ismael para enganar aqueles peregrinos, conduzindo-os à morte.

41.7

Vindo eles, porém, até ao meio da cidade, matou-os Ismael. O *insano Ismael* imediatamente matou aqueles inocentes, coitados e desarmados peregrinos, e lançou seus corpos em uma cisterna. A razão disto, provavelmente, era que ele queria roubar os bens deles. É forçar a imaginação supor que a matança foi efetuada como vingança contra os peregrinos, por serem eles apoiadores de Gedalias. Foi apenas uma questão de "ficar com os bens materiais". Ismael e seus homens ganhavam a vida mediante o derramamento de sangue; pois os bens de suas vítimas tornavam-se seus *salários*. O vs. 9 identifica a cisterna onde aqueles pobres homens foram lançados. Ismael lhes disse: "Vinde conhecer o governador" ou então: "Vinde ajudar a lamentar pela morte do governador". Mas na verdade o que ele quis dizer foi: "Vinde ser mortos, para que eu possa ficar com os vossos bens". Esse era o "homem bom" que queria tomar o poder em Judá; ele era um típico matador-revolucionário-reformador. O crime gera o crime, e, nesse processo, os criminosos perdem a consciência e a matança torna-se um esporte sanguinário.

41.8

Mas houve dentre eles dez homens que disseram a Ismael: Não nos mates. Os *peregrinos*, observando que Ismael matava em troca de dinheiro, tentaram salvar a própria vida, entregando todos os bens (cereais, azeite, mel e demais produtos da terra) à fera humana. Não somos informados sobre como essa fera coletaria os bens, mas, sem dúvida, alguma forma de acordo foi estabelecida. Talvez ele tenha apresentado seu caso como nobre, guardando parte dos bens mal adquiridos em um armazém, como que para apoiar algum tipo de esforço de guerrilheiros que lutassem contra a Babilônia. Seja como for, os bens daquela pobre gente foram o preço da redenção, conforme Pro. 13.8 diz que pode acontecer. A ganância de Ismael ganhou de sua sede por sangue, pelo menos no caso daqueles dez homens. Ademais, ele já tinha bebido o sangue dos outros setenta, pelo que deve ter ficado satisfeito por "aquele dia".

41.9

O poço, em que Ismael lançou todos os cadáveres dos homens que ferira além de Gedalias, é o mesmo que fez o rei Asa. As palavras que aparecem no original hebraico são "por causa de Gedalias"; e, se isso está correto, então parece favorecer uma "declaração política": aqueles peregrinos apoiavam o antigo governador, Gedalias (não somos informados de que forma), pelo que deveriam morrer. A Septuaginta não fazia sentido dessa referência, pelo que diz "era a cisterna grande", uma emenda óbvia, com base em uma referência obscura. A versão portuguesa que estamos usando, a Atualizada, na tentativa de reter o texto hebraico, traduz a frase por "que ferida além de Gedalias". Isso faz sentido, mas não é o que o texto hebraico literal diz.

Seja como for, a cisterna foi aquela escavada pelo rei Asa cerca de 300 anos antes, como parte do aprimoramento das defesas da cidade. Ver a história em I Reis 15.16-22. A cisterna que fora construída para ajudar a preservar a vida dos judeus agora se tornara o sepulcro horrendo das vítimas da matança em massa! Ellicott (*in loc.*) sugeriu a interpretação que diz "por causa de Gedalias", com o sentido de "usando o nome de Gedalias para enganar os peregrinos". Talvez sim, talvez não. O autor não nos poupa o detalhe sanguinário de que a cisterna ficou cheia até a beira com os cadáveres dos setenta peregrinos mortos!

Captura dos Habitantes de Mispa (41.10)

41.10

Ismael levou cativo todo o resto do povo que estava em Mispa. Uma desgraça seguia-se a outra. Ismael era homem de confusões e não deu descanso a ninguém. Notícias de seus crimes se espalharam, e em breve ele estava sendo perseguido. Mas em vez de deixar a questão horrenda como estava, ele foi inspirado a perpetrar ainda outro crime. Ismael tomou cativo o povo de Mispa e fugiu com eles na direção da terra dos amonitas, na Transjordânia. Ele estava em ligação com o rei Baalis, dos filhos de Amom, segundo vemos em Jer. 40.14. *Nebuzaradã* era o comandante militar do rei da Babilônia, que fora amigo de Jeremias e estava encarregado de manter a ordem na nova capital, Mispa. Ver sobre ele no *Dicionário*. Sua missão, porém, sofrera um golpe rígido através dos atos do enlouquecido Ismael.

Os filhos de Amom estiveram em aliança com Zedequias (ver Jer. 27.3), e Ismael parece ter acreditado que encontraria refúgio entre eles. Porém, havia algo mais envolvido. É provável que ele tinha sido enviado pelo rei com o propósito específico de matar o pobre Gedalias, como parte de alguma luta política doentia que visava vantagens pessoais. Os filhos de Gedalias estavam mortos, e as suas filhas foram levadas para engrossar os haréns dos amonitas, e isso realmente teria acontecido, se Joanã não tivesse intervindo.

A Intervenção de Joanã (41.11-18)

41.11

Ouvindo, pois, Joanã... todo o mal que havia feito Ismael. Os líderes leais de Judá, que tinham sobrevivido às diversas matanças provocadas pelo exército babilônio, ouviram falar dos crimes de Ismael e de como ele estava levando os cativos de Mispa. Encabeçados por Joanã, eles correram para interceptar a rota seguida por Ismael e libertar os cativos. *Joanã* é um nome comum no Antigo Testamento. O "Joanã" deste texto é discutido no *Dicionário*, sob o primeiro ponto. Jer. 40.16 mostra que esse homem sabia do conluio para matar a Gedalias e até o tinha avisado do possível assassinato, mas o governador recusara a dar-lhe ouvidos. Subseqüentemente, Joanã tomou o restante do povo, juntamente com Jeremias, para o Egito (ver Jer. 43.5-7). E ali, provavelmente, passado algum tempo, Jeremias morreu. Mas, pelo menos, sua missão estava cumprida. Jer. 41.6 e 42.22 contam a história da liderança de Jeremias, depois do assassinato do governador, Gedalias.

41.12

Tomaram consigo todos os seus homens, e foram pelejar contra Ismael. Foi em Gibeom (ver a respeito no *Dicionário*) que Joanã alcançou Ismael, seus apoiadores e seus cativos. Gibeom tem sido identificada com a moderna aldeia de *El-Jib*, a cerca de 5 km de Tell en-Nasbeh (Mispa). Porém, alguns identificam Mispa com Nebi Samwil. Seja como for, o lugar da interceptação não estava longe do ponto de partida. II Sam. 2.13 menciona um poço em Gibeom que provavelmente deve ser identificado com as "grandes águas" do presente versículo. Os arqueólogos descobriram os restos de um grande tanque, com cerca de 36 m por 30 m, no lado leste da colina da área da cidade antiga, e isso pode corresponder às informações dadas neste versículo. Joabe e Abner entraram em conflito ali. Mas Josefo afirmou que Joanã atacou Ismael no poço de Hebrom (ver *Antiq.* x.9-15). Contudo, isso seria distante demais da rota que o homem deve ter tomado se estivesse fugindo para Amom. O Targum chama o poço de Gibeom de "poço de muitas águas", pelo que havia água abundante naquele lugar.

41.13-14

Ora todo o povo que estava com Ismael se alegrou quando viu a Joanã. A visão de Joanã, que se apressava em intervir em seu favor, alegrou aqueles miseráveis cativos, para dizermos o mínimo, porquanto algum fim terrível esperava por eles, que estavam sendo levados para o território de Amom. No meio da surpresa e da súbita reversão das condições, os cativos foram capazes de uma rápida manobra para aproximar-se de Joanã, livrando-se do ensandecido Ismael, conforme somos informados no vs. 14. Eles voltaram as costas para Ismael e marcharam diretamente para Joanã e para a liberdade. Temos nisso um exemplo de "livramento de último minuto" ou "intervenção", de que todos os indivíduos espirituais necessitam, ocasionalmente, quando as coisas fogem de seu controle. Assim sendo, este incidente provê uma ilustração sobre uma das mais preciosas provisões da vida: a *ajuda divina*, em momentos de desespero, indecisão e medo.

41.15

Mas Ismael... escapou de Joanã com oito homens, e se foi para os filhos de Amom. Os poucos dias de matança de Ismael, que assim se divertiu, de súbito chegaram ao fim, mas o dano estava feito. Poderíamos esperar que houvesse "vingança" ali mesmo; mas o réprobo Ismael conseguiu escapar e continuar sua jornada até Amom, onde, sem dúvida, morreu na obscuridade, que ele merecia ricamente. Aquele que "queria ser rei" viveu e morreu como se fosse outro "rato do deserto". Ismael escapou com oito dos dez homens que o apoiavam, e os outros dois, sem dúvida, foram mortos na breve luta com as forças de Joanã. Por conseguinte, temos aqui uma ilustração de como os ímpios escapam com pouca perda, em comparação com a confusão que causam. Contudo, podemos estar certos de que o julgamento divino cuida deles. Ver o vs. 1 deste capítulo quanto aos *dez homens* de Ismael.

41.16

Tomou então Joanã... e todos os príncipes dos exércitos que estavam com ele. Este versículo lista, com maiores detalhes, a natureza dos cativos que Ismael havia tomado: soldados, mulheres (entre as quais as filhas de Zedequias), eunucos, que tomavam conta do harém real, filhos, que pertenciam às filhas reais, esposas reais, e, sem dúvida, outras das famílias dos oficiais, a maioria dos quais já tinham morrido às mãos dos bárbaros babilônicos. Joanã evitou Mispa como um lugar maldito e perigoso, e continuou até Gibeom e daí foi para Gerute-Quimã. Seu alvo real, entretanto, era o Egito. Ele estava cansado das matanças provocadas pelos babilônios e por outros elementos sanguinários, como Ismael, e buscava a paz, longe da cena daquela série de tragédias. Para Joanã, Judá era uma causa perdida, e ele estava alegre por escrever *fim* sobre toda aquela tremenda confusão, e também agiu contra os conselhos de Jeremias, registrados no capítulo 42.

41.17

Partiram e pararam em Gerute-Quimã, que está perto de Belém. De Gibeom, o grupo partiu para *Gerute-Quimã,* localidade sobre a qual há um artigo no *Dicionário.* Ficava perto de Belém, mas não foi, até hoje, positivamente identificado com nenhuma localização moderna. Serviu de ponto de parada para Joanã e seu grupo, antes de haverem descido ao Egito. O Targum diz que Gerute-Quimã era um lugar que Davi doara a Quimã, filho de Barzilai, o gileadita. Talvez pertencesse ao patrimônio da família real e foi concedido como dádiva a Quimã porquanto o pai dele mostrara ao rei Davi certa gentileza, em uma hora de necessidade, quando ele fugia de Absalão. Ver II Sam. 19.34,37-40. No ano de jubileu, o terreno voltou, sem dúvida, a pertencer à coroa de Judá, mas reteve seu nome anterior. O lugar, ao que tudo indica, ficava a cerca de 21 km de Gibeom.

41.18

Por causa dos caldeus; porque os temiam, por ter Ismael... ferido a Gedalias. Joanã, exausto diante do caos, da anarquia e das matanças, agora estava a caminho da segurança, no Egito. Estava encerrando o capítulo sobre a "questão judaica", alegre por ter-se afastado definitivamente de toda aquela loucura. Temia os babilônios. Por que haveria de confiar em um país tão bárbaro? Mas ocorreriam mais desgraças. Ele até poderia ser acusado de ajudar Ismael a realizar seus miseráveis assassinatos, e terminar executado por algum soldado babilônico. Não se arriscaria inutilmente. Coisa alguma o inspirava a confiar nos babilônios ou em qualquer governo títere que os babilônios estabelecessem em Judá. Ele queria escapar de tudo isso. O conselho de Jeremias deveria ter sido procurado quanto à questão, mas Joanã já tinha resolvido fugir para o Egito. Ele não escutaria mais nenhuma conversa sobre como as coisas poderiam melhorar. O capítulo 42 relata a consulta de Joanã com Jeremias. Mas o próprio Jeremias seria forçado a acompanhá-lo ao Egito, embora tivesse aconselhado que o grupo ficasse em Judá na tentativa de reconstruir à nação. O capítulo 44 mostra-nos que a mesma espada, fome e pestilência que tinha devastado os judeus em Judá, seguiria o remanescente ao Egito, causando desgraças similares (ver Jer. 44.13). Isso aconteceu porque eles não obedeceram aos conselhos do profeta Jeremias, mas preferiram seguir seu próprio caminho. O remanescente que tinha fugido para o Egito haveria de cair na idolatria, uma vez chegando àquele lugar, e ainda mais desastres aconteceriam.

Capítulo Quarenta e Dois

A Fuga para o Egito (42.1 – 43.7)

Não há nenhuma menção a Jeremias no trecho de Jer. 40.7-41.18. Mas agora o vemos sendo convidado a dar conselhos sobre o plano de fuga para o Egito. E Jeremias permanecerá no centro da narrativa até Jer. 44.30. A liderança de Joanã é descrita em Jer. 41.16-42.22 e, a despeito de suas boas qualidades, ele é lembrado como homem que permitia que o temor governasse sua vida, e fazia desviar-se aqueles que estavam sob sua autoridade. Ele se tornou uma espécie de governador autonomeado do povo que abandonou a pátria temendo os bárbaros babilônicos, e preferiu os egípcios idólatras e pagãos como compatriotas. Como era usual, as coisas acabariam redundando no mal. Era um tempo de caos e perda, tudo devido, em última análise, à idolatria-adultério-apostasia de Judá, a qual teria de receber a retaliação do julgamento divino.

O Remanescente Consulta Jeremias (42.1-6)

Os poucos sobreviventes da matança causada por Ismael contra os habitantes de Mispa (Jer. 41) resolveram buscar a vontade de Yahweh acerca da fuga proposta para o Egito, que foi uma idéia de Joanã. Provavelmente os consultores eram sinceros, mas, como tantos outros que buscam conselhos, eles na verdade já tinham resolvido para onde iriam e tão-somente esperavam que Jeremias aprovasse seus planos. Ficar na Judéia era algo precário. Se não viessem desgraças da parte dos babilônios, viriam de rebeldes dentre da própria nação de Judá. Jeremias e seu amanuense, Baruque, provavelmente estavam entre os que habitavam a capital improvisada, Mispa. Talvez estivessem entre os cativos levados por Ismael, que foram salvos por Joanã e seus soldados, conforme registrado na última porção do capítulo 41 do livro de Jeremias. Seja como for, o povo sabia onde residia o profeta do Senhor e, assim sendo, ele estava disponível para ser consultado.

42.1

Então chegaram todos os capitães dos exércitos, e Joanã. O "grande" mas, na verdade, "pequeno" conselho que fora deixado para governar o pouco que restava de Judá, resolveu consultar Jeremias acerca do que deveria ser feito, e se eles deveriam fugir ou não para o Egito. "Antes de continuar, todos os oficiais do exército, incluindo Joanã e Jezanias (chamado Azarias em Jer. 43.2), filho de Hosaías, e todo o povo restante, resolveram procurar a orientação de Deus quanto à jornada. E assim, pediram que Jeremias orasse em favor deles. Eles queriam que Deus lhes dissesse onde deveriam ir e o que deveriam fazer. Eles já tinham resolvido fugir do território de Israel, mas o destino permanecia incerto (embora Jer. 42.14 e 43.7 dêem a entender que eles já planejavam ir para o Egito)" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Ver no *Dicionário* os nomes próprios aqui existentes, quanto a detalhes.

42.2

Apresentamos-te a nossa humilde súplica, a fim de que rogues ao Senhor teu Deus por nós. O *minúsculo remanescente,* tão humilhado e abatido (conforme Jeremias foi chamado para testemunhar), apelou que o profeta lhes mostrasse o caminho. Eles fizeram sua anelante "súplica" e queriam que Yahweh-Elohim (Deus Eterno e Todo-poderoso) fosse consultado; porém, ao obter a resposta da consulta, eles a negligenciaram e foram para o Egito, conforme tinham em mente o tempo todo. Tal é a perversidade da mente humana. Todavia, a espada, a fome e a pestilência os seguiriam (ver Jer. 44.12-13), conforme normalmente acontecia aos judeus. A idolatria-adultério-apostasia deixou os judeus em tão pouco número e, no Egito, eles cairiam de novo na idolatria, apesar das duras e intermináveis lições enviadas para purificá-los. Eles estavam prestes a entregar-se nos braços do Egito vizinho, que, para eles, eram braços protetores. Essa foi outra escolha errada, mas apenas mais um elo na corrente de desvios mentais dos filhos de Israel.

42.3

A fim de que o Senhor teu Deus nos mostre o caminho por onde havemos de andar. Ver no *Dicionário* o verbete sobre a metáfora do *Andar.* O ato de andar é uma questão de dar passo após passo, uma série de quedas interrompidas que leva a algum lugar ou estado predeterminado. O minúsculo remanescente de Judá queria a orientação de Yahweh-Elohim (ver o vs. 2), o qual, naquele versículo, assim como aqui, é chamado de "teu Deus". Jeremias, em contraste com as massas populares de Israel, é que não tinha apostatado, e seu Deus sempre fora Yahweh. "Eles desejavam que Yahweh *autorizasse* o que eles já haviam determinado, sem se importar se isso estivesse em consonância ou não com Sua vontade. Ver sobre o mensageiro de Acabe ao consultar Micaías (em I Reis 22.13). Cf. a resposta de Jeremias (vs. 4) com a resposta de Micaías (ver I Reis 22.14)" (Fausset, *in loc.*).

42.4

Já vos ouvi; eis que orarei ao Senhor vosso Deus segundo o vosso pedido. Jeremias poderia estar tão amargurado com aquele povo tendente ao

desvio, que poderia recusar-se a ter mais qualquer relacionamento com eles, porém separou *dez dias* (ver o vs. 7) para certificar-se de que entendia a vontade de Yahweh. O profeta entrou em oração intercessória para ter certeza de que obteria a resposta correta para o problema. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Oração*. Na qualidade de povo escolhido de Deus, Judá tinha obrigação de obedecer à vontade do Senhor. Ver Êxo. 19.5-6; I Cor. 6.19-20. Coisa alguma seria feita às escondidas. Cf. I Sam. 3.18 e Atos 20.20. Uma completa e correta resposta estava prestes a ser dada a Jeremias.

42.5

Seja o Senhor testemunha verdadeira e fiel contra nós, se não fizermos segundo toda a palavra... Aqueles réprobos concordaram, falsamente e mediante solene juramento, de que seguiriam qualquer orientação que lhes fosse dada, mas a narrativa que se segue mostra que eles a violaram despudoradamente. Yahweh foi uma testemunha fiel e verdadeira da promessa deles, e haveria de vingar qualquer violação da promessa. "O enfático juramento subentende que eles já tinham aceitado a punição que o justo Juiz aplicaria caso eles se mostrassem infiéis à promessa feita" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, aqui, como em muitos outros lugares das Sagradas Escrituras, temos uma ilustração de quão fracos são os homens, incluindo os supostamente espirituais. Em um momento, a resolução humana é forte, mas assim que a causa do bem é abandonada, quando os homens são sujeitos à pressão, interna ou externa, toda aquela resolução é abandonada. Quanto ao Senhor sendo chamado como testemunha, mediante juramento, cf. Gên. 31.50; Sal. 89.37; Apo. 1.5; 3.14 e 19.11. Os homens anseiam por estabelecer alianças com Deus ou com os homens, quando isso lhes é vantajoso. E, pela mesma razão, anelam por quebrar suas alianças com Deus ou com os semelhantes.

42.6

Seja ela boa, ou seja má, obedeceremos à voz do Senhor nosso Deus. O remanescente judaico declarou enfaticamente sua intenção de *obedecer* a qualquer coisa que Yahweh ordenasse. Não temos razão alguma para duvidar da sinceridade deles em tudo isso; mas eles eram tão fracos que suas mais decididas resoluções sempre se reduziam a nada, quando submetidos à mais leve pressão. Eles tinham concordado em obedecer mesmo à ordem divina mais *desagradável*, que fosse contra seus desejos e inclinações. Sua piedade momentânea inspirou-os a falar palavras tão bonitas. Porém, chegado o momento da decisão, a debilidade deles anularia toda a declarada firmeza. As palavras deles não tinham "valor em dinheiro", ou seja, não tinham *resultados concretos*. Nas palavras deles havia nobreza, mas vileza em suas ações. Finalmente, eles não agiram "em consonância com suas promessas. E, o que era pior ainda, nem ao menos tencionavam agir daquela maneira! Que miserável cena de hipocrisia encontramos aqui!" (John Gill, *in loc.*).

A Resposta de Yahweh (42.7-22)

Esta seção, longa e repetitiva como é, tem os sinais de identificação do editor deuteronômico que, aparentemente, tomou a resposta de Jeremias e a transformou em um longo discurso. Ele preservou a essência da resposta do profeta, mas a embelezou com sua própria composição. Ou então, pelo menos, essa parece ser a verdade da questão. Os vss. 10-11,13,18 e 22, especialmente, parecem ser trabalho desse editor. A essência da resposta do profeta está nos vss. 10-12, que tem forma poética suficiente para subentender que Jeremias está por trás deles. Jeremias escrevia sob forma poética, mas o editor usualmente adicionava seu material sob forma prosaica.

42.7

Sumário. "Jeremias orou pelo povo e, dez dias mais tarde, Deus respondeu à sua petição. Jeremias reuniu o povo e lhes transmitiu a resposta divina. *Se* eles permanecessem na Terra Prometida, Deus prometeu que os edificaria. Eles não deveriam temer os babilônios, porque Deus os livraria de todo o dano que viesse da parte deles. De fato, Deus garantiu que Nabucodonosor teria *compaixão* (no hebraico, *raham*, 'mostrar terna preocupação'), o que não era uma característica própria dos babilônios. E Deus também prometeu que eles retornariam à Terra Prometida" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Não sabemos dizer por qual motivo foram necessários dez dias para Jeremias obter a resposta de Yahweh; mas podemos imaginar que até a mente divina se cansou de tanta hipocrisia e debilidade, e não se importou em dar outro oráculo inútil a Jeremias imediatamente. Mas a resposta divina finalmente veio, e devemos supor que houve *razões* para adiar a resposta para a oração.

Ensina-me a paciência das orações não-respondidas.

(George Croly)

Jeremias tinha encorajado o povo a estabelecer-se na Terra Prometida e a ser bons cidadãos, obedecendo aos mestres babilônicos, e isso é verdade tanto no tocante aos que estavam cativos na Babilônia como aos que continuavam no território de Judá (ver Jer. 29.1-14). Mas adversidades tais prosseguiram que se tornou difícil obedecer ao mandamento divino. Era apenas natural querer fugir e afastar-se do lugar onde calamidade após calamidade se havia abatido. Talvez tais considerações e temores tenham servido de instrumentos para fazer a luz brilhar através da névoa somente depois de certo número de dias. O importante a observar aqui é que a intercessão contínua de um homem bom finalmente produz os efeitos esperados: uma *resposta verdadeira* foi dada, embora não a resposta que o povo judeu esperava. "A verdadeira obediência se inclina diante do tempo de Deus" (Fausset, *in loc.*).

42.8

Então chamou a Joanã, filho de Careá, e a todos os capitães dos exércitos. *A Assembléia.* Tendo recebido a resposta em um oráculo divino, Jeremias convocou o povo, assegurando-se de que Joanã e os outros líderes estivessem presentes. Foi uma assembléia geral, incluindo os menores e os maiores. O oráculo tinha importância *nacional*, embora tão pouco restasse da "nação". Seja como for, uma assembléia solene se reuniu para ouvir a *palavra solene:* a orientação de Yahweh para o que restou de Seu povo na Terra Prometida. Cf. o vs. 1 deste mesmo capítulo, onde encontramos as mesmas características: todo o povo, pequeno e grande, buscava orientação divina, e agora esse povo recebia a mensagem. Cf. os vss. 7-8 com Eze. 3.16. "Ezequiel esperou sete dias, entre os exilados que habitavam às margens do rio Quebar, até que a palavra do Senhor foi dada a ele. Quando chegou a hora, o profeta pregou a uma multidão cuja ansiedade de ouvi-lo tinha sido intensificada por meio do suspense" (Ellicott, *in loc.*).

42.9

Assim diz o Senhor, Deus de Israel, a quem me enviastes. A mensagem fora dada pela revelação direta de Yahweh-Elohim, o Deus de Israel, a quem o povo tinha enviado Jeremias. Não foram as palavras ou os raciocínios de Jeremias, mas a Mente Divina era que dava a orientação. Jeremias não desejava impor a própria vontade nem aplicar os próprios raciocínios. Esse momento de crise exigiu a revelação divina, e não o raciocínio humano. Yahweh tinha escolhido a nação de Israel e estava em relação de aliança com aquele povo. Ao falar diretamente com eles, Ele estava cumprindo as suas obrigações e promessas. Em breve tornar-se-ia evidente que o povo não corresponderia, mas novamente quebraria o pacto. Aqueles foram dias de transtorno e retrocessos, e coisa alguma parecia capaz de interromper o ciclo vicioso de eventos.

42.10

Se permanecerdes nesta terra, então vos edificarei. *Três metáforas* foram usadas para entregar a mensagem: a *tríade misericordiosa*. Considere o leitor estes pontos:

1. Se o povo habitasse na Terra Prometida, haveria grande *edificação divina*. Eles seriam como um ótimo templo que Deus construiria, embelezaria e estabeleceria, e a adoração a Deus e a vontade divina restabeleceriam a Terra Prometida. *Israel* tornar-se-ia o local da construção, edificação e bênção divina. O remanescente judeu, no Egito, seria amaldiçoado, e novas calamidades sobreviriam.
2. Em seguida, haveria um *plantio divino especial*. O remanescente tornar-se-ia uma excelente vinha, plantada por Yahweh. Eles prosperariam, recebendo as águas e a luz do sol de Suas graças.
   Cf. Jer. 24.6 quanto a essas duas metáforas. Ambas as coisas são contrastadas com o oposto: derrubar uma edificação ou destruir uma plantação. Ainda recentemente, a nação de Judá tinha experimentado tanto daquelas forças negativas. Chegara o tempo de reconstruir e replantar, mas ambas as coisas dependiam de um povo obediente: *a obediência*, o material para edificar e a semente para o plantio. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Obediência*.
3. *O arrependimento divino*. Um povo *obediente* teria a bênção que afastaria a ira de Deus. Os babilônios tinham chegado à Terra Prometida para destruir, por ordens de Yahweh. Isso foi uma agência de disciplina. Mas, se o povo de Judá fugisse para o Egito, a maldição os seguiria até ali, conforme o capítulo 44 de Jeremias deixa claro. Ver especialmente os vss. 12-13. Ver também Jer. 42.17. Quanto a notas expositivas sobre o *Arrependimento de Yahweh*, ver Êxo. 32.14.

Judá seria restaurado ao seu território pátrio dentro de setenta anos. O povo de Judá retornaria da Babilônia para reedificar a própria terra. Era certo que eles encontrariam, ao retornar, o pequeno remanescente de sobreviventes. E, juntos, reconstruiriam a nação de Judá, e haveria um Novo Dia, após a noite desanimadora do domínio babilônico.

42.11

Não temais o rei de Babilônia... porque eu sou convosco, para vos salvar... A Babilônia era a potência militar que o mundo inteiro temia, e com toda

a razão. Mas sua época de fastígio estava terminando, embora o remanescente de Judá não pudesse imaginar tal coisa. Os que tinham ficado na Terra Prometida não teriam razão para temer a potência do norte. Yahweh livraria o remanescente judeu do poder da Babilônia. Ciro já se aproximava da cena mundial. Ele poria fim à Babilônia e decretaria a libertação do povo de Judá, permitindo que eles voltassem a Jerusalém e reconstruíssem sua pátria. O remanescente que ficara na Terra Prometida deveria esperar por aquele dia. *Essa* era a esperança deles, e não a falsa paz e segurança do Egito.

Esta passagem ilustra de forma excelente uma comum experiência humana. Homens espirituais buscam a vontade divina, mas algumas vezes depositam sua esperança em alternativas que realmente não são satisfatórias. Há em operação fatores *invisíveis* e *desconhecidos* que nos deixam surpresos, quando finalmente aparecem. E assim o homem espiritual é soerguido de suas miseráveis alternativas, recebendo um *novo caminho*. E então dizem: "Tudo foi feito pelo Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos" (Mat. 21.42). Ver também Sal. 118.22-23.

42.12

Eu vos serei propício, para que ele tenha misericórdia de vós. Judá, reconstruída e replantada (vs. 10), experimentaria as ricas misericórdias de Yahweh e seria segura e próspera. Tais misericórdias não deveriam ser esperadas no Egito. Yahweh reconstruiria e abençoaria Israel, embora do ponto de vista humano isso não pudesse acontecer novamente, pelo menos em breve. Fugir para o Egito era radicalmente contra e estranho à iluminação divina. O plano divino era a restauração na *Terra Prometida,* e não a fuga. Os judeus precisavam ter fé para acreditar nisso, pois contrariava tudo quanto o remanescente observava. A fé, porem, ultrapassa a mera observação. A fé consiste em confiar no que ainda é invisível (ver Heb. 11.1). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Fé*. Cristóvão Colombo encontrou um Novo Mundo, embora não contasse com um mapa, exceto aquele que ele podia decifrar nas estrelas.

Confiar na empresa invencível da alma
Era toda a sua ciência, toda a sua arte.

(George Santayana)

"Por se desviarem para a desobediência, eles incorreriam nos próprios males que desejavam escapar. Mas se permanecessem [na Terra Prometida], ganhariam as bênçãos que temiam perder" (Fausset, *in loc.*).

42.13

Mas se vós disserdes: Não ficaremos nesta terra, não obedecendo à voz do Senhor vosso Deus. Judá, desobediente como era, não tinha direito de receber as misericórdias divinas. Eles perderiam as promessas e cairiam sob o castigo divino por haverem rompido os pactos. Em outras palavras, a experiência dos judeus em nada mudaria. Os sofrimentos se multiplicariam, em vez de serem eliminados. Em lugar de calamidades na terra da Judéia, o remanescente judeu sofreria calamidades no Egito. Mas a origem dessas calamidades seria a mesma — Yahweh. Ir para o Egito significaria tão-somente cair em sua idolatria. Ver Deu. 17.16.

"De modo muito parecido com as bênçãos e as maldições do capítulo 28 de Deuteronômio, Jeremias seguiu sua lista de bênçãos, em razão da obediência, com uma lista de julgamentos, em razão da desobediência. *Se* o povo de Judá se recusasse a permanecer na Terra Prometida e resolvesse desobedecer a Deus partindo para o Egito, experimentaria ali o julgamento de Deus, por ter violado o seu juramento (ver Jer. 42.5-6)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

42.14

Não, antes iremos à terra do Egito, onde não veremos guerra. O Egito era encarado como a salvação das desgraças e dos desastres que tinham sobrevindo a Judá. Não haveria mais grito de batalha, aviso mediante a trombeta, derramamento de sangue nos campos de batalha, pragas e fome inevitáveis que sempre seguiam as lides da guerra. Mas o vs. 17 mostra que todas essas calamidades acompanhariam os judeus no Egito. Cf. este versículo a Jer. 4.5,19-21 e 6.1. Ver também Lam. 1.11; 5.6,9. "O Egito, então governado por Apies, o Faraó Hofra de Jer. 44.30, parecia seguro e pacífico na opinião dos judeus. Tal como nos dias da antiguidade, o Egito continuava sendo o armazém do Oriente Próximo, e suas colheitas abundantes formavam tremendo contraste com a fome que eles experimentaram durante a invasão babilônica. Jeremias, entretanto, simplesmente rejeitou completamente a idéia, da mesma maneira que resistira a qualquer idéia de aliança com o Egito (ver Jer. 2.36 e 37.7). As profecias de Ezequiel acerca do Egito estavam em harmonia com as palavras de Jeremias (ver Eze. 17.11-18; capítulos 19-32)" (Ellicott, *in loc.*).

42.15

Se tiverdes o firme propósito de entrar no Egito e fordes para morar. O oráculo dado por Yahweh era diametralmente contrário a qualquer "solução egípcia". O nome de autoridade e poder, *Yahweh-Elohim,* Deus Eterno e Todo-poderoso, deixou a mensagem clara. A intervenção divina direta traria miséria ao remanescente caso este se mudasse para o Egito. E assim a salvação proposta terminaria em condenação e sofrimento. As resoluções firmes são, com freqüência, produtivas, mas, quando se voltam para o mal, produzem a calamidade. Yahweh é o Deus teista. Ele se faz presente entre os homens para galardoar ou punir. Deus não é indiferente para com aquilo que os homens fazem. Ele intervém quando isso se torna necessário. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. Em contraste, o *deísmo* (ver também no *Dicionário*) ensina que Deus criou, mas, ato contínuo, abandonou Sua criação ao governo das leis naturais. Os propósitos de Deus, entretanto, centralizavam-se em Judá, e não no Egito. Estar fora da esfera das bênçãos divinas significaria que as promessas divinas não teriam cumprimento. Estar no lugar das maldições divinas significaria sofrer os desastres das maldições divinas, conforme Deu. 28 deixa claro.

42.16

Acontecerá então que a espada que vós temeis ali vos alcançará na terra do Egito. Judá, ou melhor, o minúsculo fragmento que restara de Judá estava cheio de temores. Os últimos poucos anos tinham sido de terror e sofrimento sem descanso. A maioria dos judeus tinha morrido. Os sobreviventes foram deportados para a Babilônia ou deixados em Judá. E os que ali ficaram pertenciam às classes mais pobres ou menos poderosas. Assim, não continuaria havendo revoltas. Fanáticos como Ismael (ver Jer. 41) seriam esmagados. A sobrevivência dos poucos restantes é que formava a grande questão, e se à mera sobrevivência um pouco de conforto fosse adicionado, esse seria o ideal a ser buscado. O minúsculo remanescente de judeus que restara na Terra Prometida pensava que esse pouco de conforto seria encontrado no Egito. Porém, isso violava princípios espirituais básicos das alianças com o Senhor. Os que fugissem para o Egito teriam de enfrentar os mesmos temores que esperavam deixar para trás, em Judá. O *temor,* como uma fera terrível, não os deixaria em paz, mas antes os acompanharia por onde quer que fossem. A fera se compunha de três componentes: a espada, a fome e a pestilência, a *terrível tríade* por tantas vezes mencionada no livro de Jeremias, e que reaparece no vs. 17 deste capítulo. Mas se o povo de Judá permanecesse em sua terra, haveria outra tríade: uma nova construção, uma nova plantação, o arrependimento divino, que substituiria a maldição com as bênçãos e a misericórdia divina. Ver essa outra tríade, no vs. 10.

42.17

Assim será com todos os homens que tiverem o propósito de entrar no Egito para morar. Os perigos que eles esperavam evitar fugindo para o Egito os seguiriam até o Egito, a terrível tríade: a espada, a fome e a pestilência. Cf. Jer. 14.12 e 42.22. A mesma informação se repete em Jer. 44.13. Inevitavelmente, o povo de Judá, uma vez no Egito, sucumbiria diante da idolatria (ver Jer. 44.15), pelo que, uma vez mais, ressurgiriam as antigas razões para o julgamento divino. "A espada, a fome e a peste estarão vos seguindo nos calcanhares; e vos alcançarão; elas vos destruirão; e ali, no Egito, morrereis" (Adam Clarke, *in loc.*).

A localização geográfica era um fator importante para Israel-Judá, visto que a terra foi dada àquele povo dentro da *aliança abraâmica* (anotada em Gên. 15.18). As promessas daquele pacto não se realizariam no Egito. Em breve tempo, as fortunas internacionais seriam revertidas. A Babilônia cairia diante do poder dos medos e dos persas. O remanescente de Judá, cativo na Babilônia, seria enviado de volta à Terra Prometida por um decreto de Ciro. Haveria significativa restauração, e o remanescente deixado na Terra Prometida supostamente participaria disso. Mudanças tão radicais não estavam sendo antecipadas pelo povo de Judá. De fato, tal possibilidade deve ter sido aventada como impossibilidade. Eles teriam simplesmente de confiar nas palavras de Yahweh.

42.18

Como se derramou a minha ira e o meu furor sobre os habitantes de Jerusalém, assim se derramará a minha indignação sobre vós. Neste versículo foi usado o *completo título divino de poder* para introduzir as advertências que se seguem: *Yahweh-Sabaote-Elohim,* Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso. Ocasionalmente no livro de Jeremias, esse título completo é empregado para introduzir um oráculo ou declaração do Senhor. Cf. Jer. 9.15; 16.9; 25.27; 27.4; 28.2; 29.4; 31.23; 35.13,17-19; 38.17; 39.16. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de*. A ira e a fúria divina destruíram a nação de Judá, deixando-a um deserto essencialmente desabitado. O mesmo poder destruidor operaria no Egito, consumindo o minúsculo remanescente judeu que ousasse fugir para lá. O Egito era um lugar de maldição, e não de bênção, e isso se

mostraria correto pelos eventos dos meses e anos que se seguiriam. Haveria o quase total aniquilamento dos filhos de Israel que se dirigissem para o Egito. O povo de Judá tornar-se-ia um espetáculo de execração, espanto, maldição e opróbrio. Além de todas essas maldições, os poucos que sobrevivessem a tais desgraças nunca mais veriam a Terra Prometida, e por certo não participariam da restauração de Judá que teria começo com o decreto de Ciro, de reversão do cativeiro babilônico. Cf. Jer. 7.20, versículo similar a este. Bênçãos ou maldições inevitavelmente ocorreriam, dependendo da reação da vontade humana. Ver também Jer. 18.16.

Assim se derramará. Como se fosse um líquido abundante, de uma fonte abundante; a *maré* das maldições divinas; o *dilúvio* das calamidades, como um poderoso *rio,* quando este invade uma planície; o *cálice divino* das maldições, tão pleno, seria derramado sobre eles.

42.19

Falou-vos o Senhor, ó resto de Judá: Não entreis no Egito; tende por certo que vos adverti hoje. A mensagem divina não poderia ter sido declarada de modo mais direto e enfático: *Não entreis no Egito!* E as razões para tanto também tinham sido nomeadas de forma clara e enfática. As bênçãos eram claras; as maldições eram claras. Somente um idiota desobedeceria a instruções tão óbvias; mas os sobreviventes idiotas ignoraram todo o oráculo, preferindo confiar em seu raciocínio humano pervertido. No hebraico, o pronome "eu" ocupa uma posição enfática. O *próprio Yahweh* tinha dado a Jeremias aquelas palavras. O hebraico original diz aqui, literalmente, "testifico". O Senhor era uma *testemunha* contra eles. O minúsculo remanescente de Judá estava prestes a praticar um *erro fatal,* com os olhos escancarados, olhos que tinham sido *iluminados* pela revelação divina. A vontade de Deus acerca da questão fora revelada. Não havia espaço para interpretações equivocadas. Os que desobedecessem teriam de pagar por sua rebelião. A mente divina sabia que os judeus cairiam de volta na idolatria, chegando no Egito. Mais do que isso, era óbvio que eles se afastariam das bênçãos do pacto abraâmico, pois essas bênçãos não funcionariam no Egito.

42.20

Porque vós, à custa da vossa vida, a vós mesmos vos enganastes. O remanescente fugitivo, como um bando de ovelhas perdidas, tornar-se-ia alimento para os leões. Eles se desviariam ao custo da própria vida. Estavam abordando questões de vida e morte, prestes a cometer um erro fatal. Aquele povo era hipócrita e iludido, e inclinava-se a enganar outros. *Eles é que tinham buscado o profeta,* prometendo fazer qualquer coisa que ele dissesse. Alegadamente, acreditavam que ele fosse capaz de entrar em contato com Yahweh e obter para eles uma *resposta divina.* Quando, porém, a resposta lhes foi dada, eles a chamaram de mentirosa. Eles tinham feito uma falsa profissão de sua prontidão em obedecer e, o tempo todo, só pretendiam agir conforme tinham planejado. Meramente buscavam a aprovação do profeta. Foi uma expectação ridícula. "Uma hipocrisia como essa não poderia deixar de atrair a justa punição" (Ellicott, *in loc.*). Aqueles homens miseráveis, que não podiam enganar a Deus (ver Gál. 6.7), conseguiram enganar somente a si mesmos.

"Que povo mais miserável e incorrigível! Ingratidão, hipocrisia, rebeldia e crueldade parecem ter-se *entronizado* em seu coração" (Adam Clarke, *in loc.*).

42.21

Mas, tendo-vos declarado isso hoje, não destes ouvidos à voz do Senhor vosso Deus. A mensagem foi devidamente declarada e nos termos mais enfáticos possíveis. Mas eles resolveram avançar com a *aventura egípcia* e, assim sendo, divorciarem-se do pacto abraâmico. Jer. 43.2-3 mostra-nos que eles acusaram Jeremias de ter mentido, expressando as opiniões de Baruque, e não a palavra de Yahweh sobre a questão. Não havia, pois, esperança para um povo como aquele. Eles tinham de seguir o próprio caminho para a destruição que tão ricamente mereciam. Este texto reproduz uma comum experiência humana. As pessoas consultam líderes espirituais em busca de conselhos. Mas com freqüência já sabem o que irão fazer. Meramente querem a *aprovação* para os planos que já traçaram. Em outras palavras, as pessoas são auto-aconselhadoras que manipulam líderes espirituais. A situação é complicada pelo fato de que muitos dos chamados líderes espirituais operam através da própria razão, e não mediante inspiração vinda de Deus. Esse não era o caso de Jeremias, embora ele tivesse sido acusado de algo similar. O presente versículo deixa claro que o profeta anunciou sua mensagem profética por inspiração divina, porque, como é usual, Yahweh-Elohim (que é o Deus de Judá) se mostrou gracioso em prover ainda outro oráculo que seria desobedecido. Esse povo era teimosamente desobediente. Tantos oráculos e mensagens divinas tinham sido desperdiçados. Aquela geração não veria a glória do Senhor.

42.22

Agora, pois, sabei por certo que morrereis à espada, à fome e de peste. A *terrível tríade* os perseguiria e lhes garantiria sofrimento e morte miserável. Eles rejeitaram a tríade misericordiosa referida no vs. 10, preferindo a tríade temível dos julgamentos de Deus. Ver as notas expositivas sobre os vss. 16-17 do presente capítulo. Cf. este versículo com Jer. 5.12; 14.15; 21.7; 24.10; 32.24; 34.4; 44.12. Portanto, a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* continuaria operando no meio do povo de Judá. Ver no *Dicionário* sobre esse título. A providência negativa e a providência positiva de Deus governam este mundo. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Providência de Deus.* "Visto que já resolvestes desobedecer, Deus já resolveu vos castigar. Podeis seguir os ditames de vossos conselhos ímpios, mas Deus seguirá os requisitos de Sua justiça. Sofrereis à espada, à fome e de pestilência. Vossa condenação está selada" (Adam Clarke, *in loc.*).

Quando andamos com o Senhor,
Na luz de Sua palavra,
Que glória Ele derrama em nosso caminho!
Enquanto fazemos a Sua boa vontade,
Ele habita conosco,
E com todos os que confiam Nele e Lhe obedecem.

(J. H. Sammis)

Capítulo Quarenta e Três

A Resposta do Povo (43.1-3)

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 42 e 43. Assim sendo, os três primeiros versículos deste capítulo continuam a história do profeta Jeremias sendo consultado quanto à questão da mudança do remanescente do povo judeu para o Egito, a fim de escapar das calamidades que tinham sobrevindo a Judá. Essa história é contada com abundância de detalhes no capítulo 42. Este capítulo, pois, prossegue a narrativa iniciada no capítulo anterior e registra a fuga para o Egito. O próprio Jeremias foi forçado a ir com os fugitivos e, ao que se presume, morreu ali. A restauração de Judá teria de ocorrer através do remanescente que seria enviado de volta à Terra Prometida por meio do decreto de Ciro, que ordenou que os judeus que quisessem fazê-lo poderiam voltar à Terra Prometida. O remanescente que fugira para o Egito perdeu sua parte na restauração, por causa do coração duro e da mente pervertida. Por sua vez, os babilônios, que eram usados como látego nas mãos de Yahweh, não poupariam o Egito. Portanto, a fuga de Judá foi inútil, pois eles tiveram de enfrentar a mesma *terrível tríade,* lamentável, miserável, temível (a espada-fome-pestilência) no Egito. Os vss. 8-13 dão-nos outro oráculo da parte de Yahweh. Nabucodonosor invadiria o Egito e transformaria o país inteiro em uma grande massa revolta, tal como fizera com Judá. E os judeus desobedientes seriam apanhados ali e punidos. Eles deveriam ter ficado em Judá, onde estariam protegidos.

43.1

Tendo Jeremias acabado de falar a todo o povo todas as palavras do Senhor seu Deus. "Quando Jeremias deu a resposta de Yahweh ao povo, eles se recusaram a acreditar que o profeta estivesse dizendo a verdade, e acusaram-no de estar dando ouvidos a Baruque, e não ao Senhor. Isto posto, eles se puseram na posição tanto de desobedecer à vontade de Yahweh como de duvidar da veracidade do profeta do Senhor. É possível que, durante os *dez dias* (ver Jer. 42.7) em que Jeremias buscou a palavra de Yahweh, que o povo tenha ficado impaciente e desassossegado, e aquele remanescente que acreditava dever fugir para o Egito, tenha ganhado o controle da situação, convencendo os demais da sabedoria de tal curso de ação" (James Philip Hyat, *in loc.*). Este versículo assegura-nos de novo que a mensagem foi dada por Yahweh-Elohim, o qual, uma vez mais, foi chamado de Deus de Judá (ver Jer. 42.9). Porém, aqueles réprobos judeus chamaram o oráculo de oráculo forjado, uma mentira de Jeremias, baseada nas opiniões de Baruque, e não na verdadeira revelação dada por Yahweh.

"A reação dos líderes, conforme Jeremias provavelmente antecipara, foi a rejeição de sua palavra. Eles tentaram racionalizar seu comportamento asseverando que Jeremias, agora homem idoso, tinha sucumbido diante da juventude e vitalidade de seu secretário, Baruque, ou seja, sua influência é que tinha inspirado Jeremias a dar o seu oráculo, em vez de falar a pura palavra de Deus" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*). O fato, porém, é que Jeremias havia "dito a verdade, nada senão a verdade, e toda a verdade" (John Gill, *in loc.*).

43.2

É mentira isso que dizes; o Senhor nosso Deus não te enviou. Neste versículo são dados os nomes dos líderes que se haviam tornado pastores falsos,

cujo intuito era guiar erroneamente o remanescente de Judá. Esses homens são aqui mencionados com desonra. O *Azarias* deste texto pode ser o Jezanias de Jer. 42.1, mas alguns intérpretes calculam que eles eram irmãos, ambos líderes do pouco que restava de Judá na Terra Prometida. Ver no *Dicionário* sobre os nomes próprios pessoais que aqui aparecem. Além dele, temos de considerar *Joanã*, a principal personagem de Jer. 41.16-42.22, sobre quem dou um detalhado artigo. Além desses, havia outros insolentes, orgulhosos e pretensiosos, que os apoiavam na intenção de fugir para o Egito e desobedecer o oráculo de Yahweh. Aqueles homens miseráveis acusaram Jeremias de ter-lhes mentido, de não ter recebido nenhum oráculo da parte de Deus, porquanto ele seria apenas porta-voz de Baruque, seu amanuense. Não foi por coisa sem importância que eles se recusaram a obedecer, e até chamaram o oráculo de invenção e mentira do profeta Jeremias. O julgamento divino os seguiria até o Egito, conforme mostram os versículos anteriores do capítulo 42 e reafirmam os versículos seguintes.

A Septuaginta chama aqueles réprobos de "estrangeiros", em vez do termo hebraico que significa "orgulhosos". Eles se tinham alienado do pacto abraâmico, e não encontrariam paz nem bênção no Egito, a terra das maldições.

43.3

Baruque, filho de Nerias, é que te incita contra nós. Baruque, o amanuense do profeta Jeremias, foi "acusado" de culpado pela mensagem do "oráculo" que o profeta anunciou. O "velho Jeremias", influenciado pelo homem mais jovem, permitiu-se pensar coisas que não correspondiam à realidade dos fatos. Esse foi o *absurdo* inventado por aqueles insolentes e pretensiosos. Se o minúsculo remanescente de Judá, tendo Mispa como capital, permanecesse em sua terra natal, conforme diziam esses homens, em breve os babilônios resolveriam deportá-los para a Babilônia, ou simplesmente os matariam e se livrariam de todo o problema formado pelos judeus. Baruque, sem dúvida, era amigo de confiança e grande companheiro de Jeremias, pelo que lhes pareceu fácil acusá-lo.

"A volubilidade perversa deles era realmente espantosa. No capítulo 42, eles reconheceram que Jeremias merecia toda a confiança, do que já tinham a prova por tão longo tempo. Não obstante, aqui acusaram Jeremias de ser mentiroso. A mente do homem sem regeneração é cheia de enganos" (Fausset, *in loc.*). "Eles acusaram o profeta de ter dito uma mentira e, assim, negaram que ele tivesse uma missão da parte do Senhor. E, para diminuir o 'crime' dele, lançaram a culpa sobre Baruque, como se este, por causa de sua má vontade para com eles, tivesse instigado o profeta a entregar tal mensagem" (John Gill, *in loc.*). "O amanuense do profeta se tornara o líder dele!" (Ellicott, *in loc.*, que apontava para o absurdo dessas reivindicações).

A Fuga para o Egito (43.4-7)

43.4

Não obedeceu, pois, Joanã, filho de Careá, e nenhum de todos os capitães dos exércitos. *O Resultado.* Tendo calejado sua consciência com ridículas invenções, eles conseguiram desculpar suas perversões diante da mensagem de Yahweh e fugiram para o Egito. Procuravam descanso e prosperidade, mas achariam ali a espada, a fome e a pestilência que já tinham em Judá. Eles perderam os benefícios dos pactos com o Senhor, por se terem tornado réprobos no Egito. A voz de Yahweh os chamava, mas eles estavam distantes demais do Senhor para ouvi-Lo. Os homens que se afastam do Senhor seguem sempre esse caminho. Mediante manipulações mentais, geralmente ligadas a temores e ansiedades, acabam seguindo suas próprias realizações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vontade de Deus, como Descobri-la.*

43.5

Antes tomou Joanã... a todos os capitães dos exércitos e a todo o resto de Judá... Os líderes réprobos de Judá não se contentaram em viajar sozinhos. Pelo contrário, tomaram todos os judeus que puderam encontrar, até os que tinham fugido em busca de uma vida melhor e os que se tinham dispersado entre as nações circunvizinhas. E forçaram todos aqueles a seguir sua vontade. O número daquela gente não pode ter sido muito grande, pois o país se tornara essencialmente desabitado. A glória do Senhor tinha desertado daquele lugar miserável. Os juízos de Yahweh fizeram o trabalho. Os pecados do povo judeu haviam recebido o golpe máximo. As advertências de Jeremias mostraram-se agonizadoramente corretas. O remanescente que fugira para o Egito seria reduzido a nada por causa de suas calamidades contínuas. Esse fora o fruto da idolatria-adultério-apostasia de Judá. A invasão de Judá por parte dos babilônios forçou os judeus a correr dali, refugiando-se em países próximos, como Moabe, Amom e Edom. E, quando as coisas esfriaram, essa gente tomaria a iniciativa de voltar a Judá. Agora, porém, os renegados líderes de Judá fizeram ainda mais um movimento — fugiram para o Egito. Ver Jer. 40.11-12 quanto a versículos paralelos.

43.6

Tomou os homens, as mulheres e os meninos... A *deportação* daqueles pobres judeus, que foram forçados a acompanhar Joanã e outros líderes do povo, foi completa. Até as mulheres e as crianças foram forçadas a colocar-se em marcha. Todos aqueles a quem Nebuzaradã havia posto sob autoridade de Gedalias estavam agora sob o poder dos réprobos líderes que fugiram para o Egito. Eles levaram a "todos", os quais, na realidade, eram poucos. Com essa gente, os líderes de Judá estabeleceriam uma pequena colônia judaica no Egito; mas em breve estariam corrompidos pela idolatria, e não mais seriam judeus espirituais. Eles se casariam com estrangeiros e assim perderiam a identidade; mas isso aconteceria com relação aos poucos que sobrevivessem às novas calamidades que os atingiriam. Até mesmo Jeremias e seu amanuense, Baruque, foram forçados a ir para o Egito. Não temos registros bíblicos de que alguém dentre aquela gente tenha voltado à Terra Prometida. Esse foi o fim do drama do povo de Judá como nação. Os que foram para o Egito perderam a oportunidade de participar da restauração. Note o leitor, entretanto, que restaram alguns poucos familiares do rei Zedequias, como talvez algumas poucas esposas, concubinas e filhos. Não é provável que os babilônios tivessem deixado em Mispa nenhum varão judeu, para que não fossem infectados por idéias de rebelião. O que restou da família real, entretanto, terminou no Egito, a fim de ali perecer, tal como a maior parte dos membros da família real que já havia perecido na Babilônia. Ver Jer. 39.6. Cf. este versículo com Jer. 41.10.

43.7

E entraram na terra do Egito... e vieram até Tafnes. Temendo retornar a Mispa, que se tornara a capital provisória de Judá após a destruição de Jerusalém, os fugitivos desceram para o Egito. Primeiro chegaram a Tafnes, cidade fronteiriça com o Egito, na parte oriental do delta do rio Nilo. Ver Jer. 2.16. Era uma fortaleza egípcia, também conhecida pelo nome de Baal-Zefom, que os gregos chamavam de Dafne. Tem sido identificada como a moderna *Tell Dafneh.* Nossa versão portuguesa chama essa cidade de *Tafnes,* e é por esse nome que comento sobre ela, no *Dicionário.*

"A cidade obviamente ficava na fronteira norte-oriental do Egito. No livro de Judite 1.9, aparece localizada entre o rio do Egito (o Rhinocolura, que dividia o Egito da Palestina) e Ramsés (a Ramsés de Êxo. 1.11 ou a Ramessés de Núm. 33.3,5). Em Eze. 30.16-18 ela é nomeada em conjunto com Nô (isto é, Tebas) e Nofe (isto é, Mênfis), como uma das cidades do Egito" (Ellicott, *in loc.*). Seu nome pode ter surgido em associação com a rainha egípcia Tafnes, mencionada em I Reis 11.19-20.

Jeremias no Egito (43.8 – 44.30)

43.8

Então veio a palavra do Senhor a Jeremias, em Tafnes... A terrível desobediência do remanescente judeu estava concretizada. O que restara de Judá se transformara em uma minúscula colônia judaica no Egito. Depois de ter-se instalado ali, Jeremias continuou ativamente como profeta do Senhor, e primeiramente recebeu um oráculo de reprimenda contra os líderes judeus, por causa do que eles tinham acabado de fazer. Foi-lhe ordenado realizar um ato simbólico com pedras, conforme relatam os versículos que se seguem. A mensagem anuncia que os judeus que tinham fugido de Nabucodonosor em Judá haveriam de encontrá-lo no Egito. A espada-fome-pestilência, a *tríade terrível* (ver Jer. 42.16-17 e 44.12), os seguiria até aquele país. Ver também o vs. 11 do presente capítulo. É verdade que esta seção não tem paralelos exatos nos relatos seculares, mas a história do império neobabilônico é pouco conhecida. Os registros sobre esse império foram preenchidos mais com os feitos arquitetônicos de seus reis, do que com suas campanhas militares. No Museu Britânico um texto fragmentado fala de uma invasão do Egito por parte de Nabucodonosor, em seu trigésimo sétimo ano de reinado (568-567 A. C.). O resultado das campanhas contra o Faraó Amasis (Ahmoses II)) não é registrado no fragmento restante. Josefo fala da invasão do Egito por parte dos babilônios, que ocorreu, ao que se presume, cerca de cinco anos depois da destruição de Jerusalém (*Antiq.* X. 9.7). Mas o seu relato provavelmente se baseou na narrativa de Jeremias, e não se reveste de autoridade independente. Mas se nos faltam informações precisas, não parece haver razão para duvidarmos da exatidão da passagem bíblica à nossa frente.

Jeremias continuou a receber seus oráculos, mensagens específicas de inspiração e revelação da parte de Yahweh. Estarem os judeus no Egito em nada alterava essa situação. O primeiro oráculo ocorreu em Tafnes, onde o minúsculo remanescente judaico primariamente se alojou. É admirável que Yahweh estivesse interessado em conceder àqueles rebeldes alguma nova revelação. Por outro lado, essa revelação só tinha aspectos negativos. Os judeus réprobos colheriam o que tinham semeado.

Jerônimo, seguindo uma antiga tradição judaica, diz-nos que por essa altura dos acontecimentos Jeremias foi apedrejado até a morte. E esse foi o fim de sua carreira. No entanto, outra tradição informa que ele continuou vivo, até morrer de morte natural, em paz, no Egito. Não sabemos de coisa alguma com certeza. Podemos estar seguros, porém, que ele foi invencível até ter cumprido a sua missão. Os homens espirituais desejam isso para si mesmos. Por conseguinte, Senhor, concede-nos tal graça!

43.9

Toma contigo pedras grandes, encaixa-as na argamassa do pavimento que está à entrada da casa de Faraó. *O Simbolismo das Pedras.* Havia um pavimento à entrada da casa do Faraó, feito de tijolos assentados na argila. As pedras grandes que Jeremias escolheu, portanto, poderiam ser postas debaixo do pavimento sem grande esforço de sua parte. Essa casa do Faraó ficava em Tafnes, onde o remanescente judeu tinha fixado residência temporária. O trecho hebraico do vs. 9 é obscuro, pelo que não é possível obter dele uma compreensão indiscutível. Dou uma possibilidade sobre o *modus operandi* da manipulação de Jeremias sobre as pedras. O que é claro é que elas se tornaram uma espécie de alicerce simbólico sobre o qual o rei da Babilônia armaria o seu trono, depois de haver conquistado o Egito. As pedras assinalavam o local exato onde o trono seria armado; e esse trono simbolizaria o poder do rei da Babilônia. A capital do Egito, onde o Faraó tinha seu trono, era em Sais, e não em Tafnes; mas devemos supor que o Faraó também tinha uma residência ali, ou que o(s) edifício(s) pertencia(m) ao Estado. Sais ficava na metade ocidental do delta do Nilo, ao passo que Tafnes ficava na parte oriental. Ver o vs. 7.

43.10

Eis que eu mandarei vir Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo, e porei o seu trono sobre estas pedras. O título divino inteiro é novamente usado a fim de destacar a mensagem dada: *Yahweh-Sabaote-Elohim,* ou seja, o Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso. Essa é uma freqüente introdução de importantes declarações divinas. Ver as notas expositivas sobre Jer. 42.18. Nabucodonosor foi chamado de *servo* de Yahweh em Jer. 27.6, onde anoto esse título, empregado no caso do rei pagão. A teologia por trás dele é que Deus controla os negócios e o destino dos indivíduos e das nações. Ou seja, temos aqui o *teísmo,* em contraste com o *deísmo.* Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* O teísmo bíblico, contudo, exceto em algumas passagens isoladas, não anula a livre agência humana. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Livre-arbítrio.* O rei da Babilônia foi o agente de Yahweh para trazer o julgamento apropriado contra várias nações e, em alguns casos, a bênção apropriada, pois opera sempre tanto uma providência divina negativa quanto uma providência divina positiva.

Dentro de pouco tempo, Nabucodonosor viria e edificaria seu trono sobre as pedras ocultas na argila do pavimento; e isso significa que ele passaria a controlar o Egito. Quanto a problemas que essa afirmação causa, no tocante à história, conforme a conhecemos, ver as notas expositivas sobre o vs. 8. Supõe-se que a Babilônia atacou o Egito em cerca de 571 A. C. ou, talvez, tão tarde quanto 567 A. C. Mas as fontes de informação extrabíblicas não são claras sobre a questão, e há pouco material que possa ser aplicado a essa circunstância. "O rei Nabucodonosor deveria sentar-se por cima das pedras que Jeremias tinha escondido, não meramente em sua pompa real, mas em seu caráter de vingador, executando a ira de Yahweh contra os rebeldes" (Ellicott, *in loc.*).

O seu baldaquino. Esta referência é obscura, mas parece que temos aqui em vista uma espécie de rico tapete (literalmente, um "ornamento"), que ficava pendurado em redor do trono, como se fosse um adorno. Outros estudiosos vêem uma espécie de aparelho de execução, usado para pôr fim à vida de prisioneiros e criminosos, o que, de alguma maneira, estava vinculado ao trono. A tradução inglesa NCV diz aqui "cobertura para dar sombra", uma espécie de estrutura tipo tenda, que protegia o trono.

43.11

Virá, e ferirá a terra do Egito. O *rei da Babilônia* faria um trabalho completo, servindo Yahweh; traria a espada e feriria toda a terra do Egito, sujeitando-a ao seu poder: a pestilência se seguiria, conforme era usual quando havia guerra generalizada, e muitos morreriam das enfermidades, embora não tivessem sido mortos à espada; os sobreviventes seriam presos e deportados para a Babilônia, conforme era comum aos babilônios fazer. Mediante esses vários métodos de destruição, o Egito seria devastado, e mereceria esse tipo de tratamento, por causa de sua idolatria, conforme Jer. 43.12 e o capítulo 44 desse livro deixam claro. O texto sagrado ensina que os eventos da história humana resultam de causas morais e espirituais, e não somente de jogos de poder e causas econômicas, que os homens gostam de destacar. Cf. este versículo com Jer. 15.2, uma clara apresentação da tríade terrível: a espada, a fome e a pestilência. Ver Jer. 42.16-17 sobre essa tríade, e ver Jer. 42.10 sobre a *tríade misericordiosa,* que traz bênçãos aos obedientes. O remanescente judeu, que tinha fugido de Judá por causa da ameaça babilônica, encontraria a mesma ameaça no Egito e ficaria abundantemente claro que Jeremias tinha toda a razão ao denunciar a fuga dos judeus para o Egito como um ato de desobediência.

43.12

Lançará fogo às casas dos deuses do Egito, e as queimará. A *destruição babilônica* não deixaria de fora o ataque contra a idolatria dos egípcios. Os egípcios dependiam de seus muitos deuses para defendê-los. Suas esperanças seriam frustradas, entretanto. Os babilônios, por sua vez, atacariam alegremente aqueles defensores fraudulentos, para mostrar quão poderosos eles eram, visto estarem sendo liderados por "deuses superiores". Encontramos aqui a ridícula adição que diz que os *deuses* (juntamente com o povo) seriam levados ao cativeiro. Naturalmente, o povo que seria levado ao cativeiro eram os poucos que tivessem escapado dos incêndios generalizados. E a superstição que se vê nessas declarações é que aqueles deuses escolhidos tornar-se-iam servos, ou mesmo protetores dos babilônios. Tal era a cegueira da idolatria pagã. Os deuses nada teriam feito em favor dos egípcios, mas esperava-se que fizessem algo em favor dos babilônios!

A Limpeza. Os vários atos do vs. 11, juntamente com aqueles do vs. 12, especificamente contra os deuses do Egito, seriam uma limpeza do lugar. O hebraico é gráfico aqui. Essa limpeza é comparada a como um pastor livra sua capa de "piolhos". O Egito, na verdade, tinha muitas formas de *piolhos,* isto é, metaforicamente falando, e precisava ser libertado deles. Quando um pastor ficava cansado dos piolhos que saíam de sua capa a fim de sugar-lhe o sangue, ele a punha em um banho de sabão forte, e os piolhos saíam dali correndo e eram destruídos. A Babilônia, pois, fez os piolhos do Egito correr para salvar a própria vida. "A vívida figura mostra quão baixa opinião tinha Jeremias da terra do Egito" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Tendo cumprido a missão que Deus lhe havia dado para realizar, o rei da Babilônia saiu tranqüilamente do Egito, sem que ninguém o atacasse ou lhe perturbasse a mente. Isso significa que sua campanha militar foi totalmente bem-sucedida. Ele deixou algum rei títere em seu lugar e saiu à procura de outro país para atacar.

A sua própria veste. Alguns intérpretes compreendem a figura do pastor, simplesmente, como alguém que facilmente veste a sua capa. Assim, destruir o Egito seria tão fácil como vestir uma capa, ou seja, não exigiria nenhum esforço. A Septuaginta traduziu este versículo com a idéia de "tirar os piolhos", e talvez seja isso o que o original hebraico queira dizer.

43.13

Quebrará as colunas de Bete-Semes na terra do Egito. A destruição da idolatria egípcia incluía ataques, sobre a mais espetacular expressão disso, a saber, às colunas (obeliscos) de Bete-Semes, "a casa do sol". Está em vista a cidade de *Heliópolis,* o centro da adoração ao sol. A moderna Tell Husn identifica a antiga localização dessa cidade. Fica cerca de 9 km a nordeste do Cairo. Foi um famoso centro da adoração de Rá, o deus-sol. Os obeliscos (no hebraico, *maççebhoth)* eram colunas sagradas, altas colunas feitas de granito com topo em forma de pirâmide. Esses pilares eram erigidos para celebrar realizações notáveis dos faraós, as quais eram concebidas como resultantes da ajuda do deus-sol. Em Heliópolis, resta somente uma dessas colunas hoje em dia. Mas ainda existem, algures, duas outras colunas, apelidadas de *Agulhas de Cleópatra.* Uma delas foi erigida no Thames Embankment de Londres, Inglaterra, e a outra foi erguida no Central Park de Nova Iorque. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Obelisco* para outras informações. Os babilônios, sem dúvida, transportaram alguns desses obeliscos, que eles selecionaram, e os ergueram na Babilônia. Foi assim que a idolatria egípcia, a alta e a baixa, foi demolida e queimada; e isso foi uma clara demonstração de que somente Yahweh era o Deus vivo e poderoso.

Capítulo Quarenta e Quatro

Se está correta a informação de Jerônimo, no sentido de que Jeremias foi apedrejado por ocasião da "metáfora da pedra", em Jer. 43.8-13, então o que se segue (não somente no capítulo 44, mas também em outras partes do livro, que contêm declarações de Jeremias, até o fim do livro) deve ter sido ou a obra do editor deuteronômico, ou então material dado em outras ocasiões, cronologicamente desvinculadas do capítulo 43. Mas a tradição do apedrejamento em Tafnes não é certa. Outrossim, outras tradições dizem que Jeremias ainda viveu muitos anos mais no Egito, tendo ali morrido pacificamente e sem violência. Jeremias foi

invencível enquanto sua missão não terminou. Seja como for, os materiais que aparecem em seguida são cheios de alusões ao livro de Deuteronômio e podem ser obra de algum editor. Nesse caso, temos aqui uma *segunda* mensagem de Jeremias, após a fuga do remanescente judeu para o Egito. Quanto a essa fuga, ver Jer. 43.4-7. O material do livro de Jeremias nem sempre aparece em ordem cronológica, e esse fator pode evidenciar-se mais do que nunca nos últimos capítulos do livro.

"O segundo incidente na vida de Jeremias no Egito começa com uma declaração formal dirigida a todos os judeus que estavam no Egito. Ali é feita a revisão de acontecimentos recentes, as advertências dadas nas mensagens proféticas e as reprimendas pela regressão moral para as práticas idólatras. Tudo isso aponta para o fato de que, ao que tudo indica, eles nada aprenderam de sua história recente. As palavras de Jeremias foram combatidas por uma defesa apaixonada, por parte das mulheres judias, que queimavam incenso à rainha do céu. Com aberta insolência, elas repeliram a autoridade espiritual do profeta, argumentando que as dificuldades que tinham atingido Judá resultavam das reformas encabeçadas por Josias, para livrar Judá da idolatria!" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

Jeremias Repreende os Judeus no Egito (44.1-14)

44.1

Palavra que veio a Jeremias, acerca de todos os judeus, moradores da terra do Egito. Ainda *outro oráculo* foi dado ao profeta Jeremias. Ele era um profeta inspirado e devidamente qualificado, embora suas palavras fossem insistentemente desconsideradas. Chegou a ser chamado de mentiroso (ver Jer. 43.2) pelos réprobos a quem tentava servir e orientar. Pelo tempo em que lhe foi conferida esta segunda mensagem, os judeus já tinham-se espalhado a partir de Tafnes, o ponto de entrada deles no país (ver Jer. 43.7). Sem dúvida, alguns judeus viviam no Egito fazia muitas gerações, e outros para ali fugiram antes e o remanescente (ver Jer. 43.4-7) ter chegado àquele país. Mas esta mensagem foi endereçada especificamente aos que tinham abandonado recentemente seu país de origem, a Judéia. Todos os nomes próprios pessoais e locais citados neste versículo são comentados no *Dicionário*.

Um breve sumário dos nomes próprios locais é como segue: *Migdol* ficava perto da fronteira nordeste do Egito, bem como a moderna Tell el-Heir provavelmente assinala o local antigo. *Mênfis* (no hebraico, *Nof*) é a moderna Mit Rahneh. Fica pouco mais de 22 km ao sul da cidade do Cairo. Ver Jer. 2.16. *Patros* era o nome do Alto Egito. A palavra egípcia significa "terra do sul". As cidades aqui mencionadas ficavam no norte e no sul do Egito, com o que o profeta Jeremias mostrou que a migração dos judeus para o Egito tinha sido considerável. Essa mensagem, por conseguinte, aplicava-se a todos os judeus, de um extremo ao outro do Egito.

44.2

Vistes todo o mal que fiz cair sobre Jerusalém, e sobre todas as cidades de Judá. O completo nome divino de poder repete-se na introdução desta profecia: *Yahweh-Sabaote-Elohim* — Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso. Ver a respeito em Jer. 42.18. A *pesada mensagem* começou com uma breve revisão de todas as calamidades que o julgamento divino tinha feito cair contra Jerusalém e contra toda a nação de Judá. A devastação foi tão grande que o país inteiro tinha sido essencialmente desabitado. As cidades foram incendiadas; o povo foi morto à espada; os poucos sobreviventes foram deportados, e então, um minúsculo remanescente que sobreviveu por fim deixou o país um ermo. A pesada mão de Deus tinha feito tudo isso por causa da idolatria-adultério-apostasia de Judá; e mais ainda estava para vir, porquanto o minúsculo remanescente que tinha fugido para o Egito, não tinha mudado nem um pouco moral e espiritualmente, e continuava merecedor do mesmo tipo de tratamento por parte do Senhor. O remanescente judeu era formado por testemunhas oculares daquele lamentável processo, mas nada os havia transformado. As ruínas da nação eram uma espécie de testemunho contra eles, mas em que isso os afetava? Quando os homens continua e consistentemente se recusam a ouvir e seguir as instruções morais, eles perdem o poder de fazê-lo e, assim sendo, tornam-se condenados aos seus próprios olhos e se auto-aleijam.

44.3

Por causa da maldade que fizeram, para me irarem. Embora os judeus tivessem muitos pecados, o profeta Jeremias salientou o pior deles, que se revelava mediante muitas manifestações: *a idolatria*. Ver sobre esse termo no *Dicionário* quanto à espantosa variedade de manifestações idólatras que floresciam entre os pagãos. Israel-Judá caiu no estado lamentável dos pagãos que perderam sua identidade nacional. A *lei* de Yahweh, dada por intermédio de Moisés, conferia ao povo de Israel seu *caráter distintivo*. Quanto a isso, ver Deu. 4.4-8. Quanto à lei como um *guia*, ver Deu. 6.4 ss. Quanto à lei como *transmissora de vida*, ver Deu. 4.1; 6.2 e Eze. 20.1.

O profeta Jeremias salientou aqui um *absurdo*: o povo de Judá era inteiramente destituído de imaginação. Eles ofereciam sacrifícios e queimavam incenso a deuses estrangeiros que nem eles nem seus pais tinham conhecido. Dessa maneira, anulavam todas as suas antigas tradições, que lhes tinham sido transmitidas por Moisés. O povo que tinha abandonado as tradições e as leis de Yahweh foi, por sua vez, abandonado pelo Senhor. Portanto, podemos compreender a razão de tão severos julgamentos. Ver sobre o ato de *queimar incenso,* no vs. 5.

44.4

Todavia, começando eu de madrugada, lhes tenho enviado os meus servos, os profetas. Os profetas, servos de Yahweh, levantavam-se cedo a cada manhã e ficavam acordados até tarde da noite, cumprindo sua missão da maneira mais fiel e diligente possível. Quanto ao "levantar-se cedo", ver Jer. 7.13,25; 11.7; 25.3-4; 26.15; 29.29; 32.33 e 35.14-15. Esta é a última vez em que essa expressão ocorre no livro de Jeremias. Sua freqüência faz lembrar uma fiel missão profética efetuada por muitos durante longo período de tempo. Mas, até onde dizia respeito a Israel-Judá, a mensagem divina, entregue por Jeremias, de forma diligente e fiel, caiu por terra, sem ser atendida. Os judeus rejeitavam essa mensagem a cada momento, o que explica aqueles intermináveis períodos de julgamento. O ato de "levantar-se cedo", como é natural, aplica-se primeiramente à própria diligência de Yahweh (por meio de forte antropomorfismo), e então, em segundo lugar, aos profetas que Ele enviava.

Esta coisa abominável que aborreço. Embora todo o pecado, aos olhos de Deus, seja abominação, o termo é aqui aplicado ao pecado de *idolatria,* como uma espécie de fonte originária de todas as abominações. Trata-se de uma expressão que caracteriza o livro de Deuteronômio. Ver sobre Deu. 27.15; 32.16; e também Jer. 7.10; 8.12; 32.35 e Eze. 5.11.

44.5

Mas eles não obedeceram, nem inclinaram os ouvidos, para se converterem. *A despeito de esforços heróicos* tanto da parte de Deus quando da parte do homem, o ouvido dos judeus inclinava-se para as corrupções e os deuses pagãos, e não para Yahweh. Essa franca desobediência fluía desde o começo até o fim da história de Israel. Quanto aos *ouvidos atentos,* uma metáfora de obediência, ver Sal. 64.1. Neste capítulo, a *queima de incenso* representa toda a espécie de prática e rito idólatra. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Incenso*. Esse ato pode falar especificamente sobre a oração, e a oração faz parte de toda a forma de adoração, tanto a verdadeira como a falsa. A oração fala da dependência ao Ser divino ou à alguma entidade imaginária alegadamente divina. Os homens buscam as coisas que estão fora do alcance de sua inteligência. Esse é um aspecto importante de todas as religiões. Israel-Judá era um povo que facilmente se deixava sujeitar à sedução estrangeira. Tendo escapado de várias formas de idolatria na Palestina, o minúsculo remanescente de Judá sucumbiu diante da variedade de idolatria egípcia. Com grande facilidade o povo de Judá esqueceu suas raízes e tradições, como uma mulher volúvel sucumbe a um malandro qualquer que a aborda na rua.

44.6

Derramou-se, pois, a minha indignação e a minha ira. A idolatria estava por trás dos severos julgamentos que, há tão pouco tempo, tinham atingido Judá e Jerusalém. Cf. o vs. 2, que este versículo repete em sua essência. Judá foi devastado e transformou-se num deserto, essencialmente ermo. Mas qual foi a contribuição da "lição histórica" de Jeremias? Nenhum caso de arrependimento perdurou por longo tempo e, usualmente, nenhum arrependimento ocorreu no coração de um povo desviado. Eles desenvolveram a imunidade à espiritualidade, conforme ela é definida pela legislação mosaica.

A minha indignação e a minha ira. O julgamento divino é retratado sob a figura do *fogo,* metáfora que se tornou comum a ponto de alguns intérpretes chegarem a pintar o julgamento da alma por intermédio de fogo literal. Porém, tentar prejudicar a alma ou fazê-la sentir-se desconfortável mediante o fogo literal é como jogar uma pedra no sol. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Fogo,* seções VII e VIII. Ver também o artigo separado chamado *Fogo, Símbolo do.* O fogo é poderoso, consume e espalhe-se rapidamente, e efetua devastações; as qualidades causadas por sua ação levaram o fogo a ser escolhido como símbolo do julgamento divino.

44.7

Assim diz o Senhor, Deus dos Exércitos, o Deus de Israel. O nome divino completo, que indica o poder de Deus, introduz alguma declaração divina séria. Ver

isso anotado em Jer. 42.18. O nome *Yahweh-Sabaote-Elohim* servia de garantia de que o grande *mal* praticado por Judá não escaparia à retribuição divina. E a devastação continuaria, cortando a vida de homens, mulheres e crianças, até que praticamente nada restasse de Judá. O remanescente judeu que fugira para o Egito seria obliterado. E o que o julgamento não terminasse, os casamentos mistos com os egípcios o fariam. Famílias inteiras estavam envolvidas com a idolatria, e quase todas as células familiares pereceriam. A restauração da nação de Judá, que adquiriu o nome de Israel após o cativeiro babilônico, teria de ocorrer no meio do remanescente que retornaria da Babilônia. O remanescente judaico que havia fugido para o Egito pereceria inteiramente.

Tão grande mal, contra vós mesmos...? Quanto ao pecado contra a própria pessoa, ou contra a própria alma, cf. Núm. 16.38 e Pro. 8.36. Na verdade, o pecado é um ato de suicídio. A história já havia ilustrado claramente isso, mas o ignorante povo judeu não havia ainda notado.

44.8

Por que me irritais com as obras de vossas mãos, queimando incenso a outros deuses na terra do Egito...? Este versículo repete elementos que já tinham sido vistos nos vss. 5-7 e chama os atos do povo judeu de *provocação*. Este é um termo comum usado no livro de Deuteronômio, conforme se vê nas notas expositivas do artigo sobre esse livro, no *Dicionário*. Cf. Heb. 3.8,15, onde o Novo Testamento também adota o tema. Ver Deu. 4.25; 9.18; 31.20,29. A provocação derivava-se da idolatria, requerendo o "corte", que aparece no versículo anterior. As outras nações tanto ouviriam quanto testemunhariam o que aconteceria ao remanescente judeu no Egito, e reconheceriam as razões para as calamidades experimentadas. Elas saberiam que o remanescente judeu fora sujeito a uma *maldição divina*, outro tema comum do livro de Deuteronômio. Ver Deu. 11.26,28-29; 23.15; 30.1. O remanescente judeu seria mencionado por outros povos como uma piada. Eles zombariam dos judeus, e sua memória seria ridicularizada. *Propositadamente*, eles cavaram a própria ruína! Sócrates pensava que o indivíduo que realmente *soubesse* o que fosse melhor para ele, seguiria um curso de ação que promoveria esse bem. Contudo, ele esqueceu a perversidade do coração humano. O simples *saber* não é suficiente para garantir a *conduta ideal*. É mister uma transformação moral da alma que diminua ou elimine a *perversidade humana*. "O nome deles foi tomado como provérbio e reprimenda por toda a parte" (John Gill, *in loc.*).

Atolado profundamente no dilúvio inundante,
Sem nada pleitear, exceto o sangue de Jesus.
Sussurrando, Jesus dizia: Vem, errante! Segue-me!

(Marcus M. Wells)

44.9

Esquecestes já as maldades de vossos pais, as maldades dos reis de Judá...? *A Suprema Iniqüidade.* Aqueles réprobos judeus que estavam no Egito esqueceram os pecados de seus pais, antigos habitantes de Israel, que se desviaram quase desde o princípio. Também esqueceram a iniqüidade dos reis de Judá, que provocara o *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Até as mulheres judias estavam cheias de pecados e eram campeãs na prática da idolatria. As mulheres antigas eram corruptas. As mulheres modernas eram corruptas, e elas mesmas eram os grandes modelos da iniqüidade. O pecado era praticado francamente. O adultério era freqüente; a idolatria era o guia de cada judeu. A taça da perversidade estava cheia, e o julgamento divino tinha caído contra toda a nação de Judá. Agora mesmo, no Egito, as calamidades não demorariam a derramar-se contra os poucos sobreviventes judeus que tinham fugido para aquela nação. Jer. 44.9 é um versículo não-teológico que ensina a "total depravação humana". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o verbete chamado *Depravação*.

"Parece que as mulheres eram os principais agentes nas práticas idólatras. As rainhas, as esposas dos líderes políticos e as mulheres do nível comum da sociedade juntavam-se para queimar incenso à rainha do céu (a lua) (vs. 17)" (Adam Clarke, *in loc.*). Outrossim, muitas mulheres mostravam-se ativas na prostituição religiosa, vendendo o corpo para o sustento dos templos pagãos. Lembremos das esposas de Salomão e da confusão que elas causaram (ver I Reis 11.4). Ver também I Reis 15.13 (o caso de Asa) e II Crô. 22.2 (o caso de Acazias).

44.10

Não se humilharam até ao dia de hoje, não temeram... O ímpio remanescente judeu, uma vez no Egito, perdeu-se no caminho. Os poucos judeus desconheciam a lei de Moisés e não seguiam o pouco que conheciam. Note o leitor a forte ênfase deuteronômica. A lei é o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), o que tornava Israel-Judá um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Porém, o remanescente dos judeus fora absorvido pela cultura egípcia e perdeu as últimas distinções tipicamente judaicas. Os judeus tornaram-se orgulhosos e insolentes, e recusaram-se a ouvir o profeta Jeremias. Ultrapassaram a linha da cura possível, e tinham com eles as enfermidades que os levariam à morte. Não conheciam a contrição (ver Sal. 51.17) nem eram inspirados pelo temor do Senhor, que é onde a sabedoria começa (ver Sal. 119.38; Pro. 1.7). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho*. Fazia muito tempo eles tinham deixado de *andar* de acordo com a legislação mosaica. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Andar*. "Eles não tinham nem o verdadeiro arrependimento por causa de seus pecados, nem o temor de Deus em seu coração. Se eles possuíssem essas qualidades, teriam obedecido à vontade divina" (John Gill, *in loc.*). Estavam em desesperadora necessidade, mas nem ao menos sabiam disso.

Lançai a linha da vida!
Alguém se está desviando;
Alguém está afundando hoje.

(Edward S. Ufford)

44.11

Eis que voltarei o rosto contra vós outros para mal, e para eliminar a todo o Judá. O nome do poder divino é novamente usado aqui, para efeito de ênfase: *Yahweh-Sabaote-Elohim*. Ver sobre isso em Jer. 42.18. O rosto divino voltar-se-ia contra os apóstatas, e isso significa que os judeus seriam "cortados", conforme podemos ver no vs. 7, onde todas as classes da sociedade judaica, incluindo mulheres e crianças, são incluídas na matança predita. A *terrível tríade* — espada, fome e pestilência — faria o trabalho completo. Quanto a isso, ver Jer. 42.17. Aqueles judeus réprobos voltaram o rosto para o Egito, abandonando a Terra Prometida. Portanto, o rosto de Deus voltou-se contra eles. Temos aí a operação da *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), a retribuição de acordo com a natureza do crime.

44.12

Tomarei o resto de Judá, que se obstinou em entrar na terra do Egito. Vemos aqui o remanescente resolvido a ir para o Egito. A fuga para o Egito foi realizada (ver Jer. 43.4-7). Esse ato de apostasia provou a carranca do rosto divino, resolvendo que aqueles que desobedecessem à clara advertência de Jeremias (ver Jer. 42.7-22) seriam todos consumidos por causa de sua maldade. No Egito, os judeus réprobos "cairiam" para nunca mais levantar-se. Os dois primeiros itens da terrível tríade são repetidos aqui: a espada e a fome. E então as mesmas palavras terminam o versículo, conforme vemos em Jer. 42.18 e no vs. 8 deste capítulo. Outros povos ficariam boquiabertos diante dos atos praticados por aqueles apóstatas judeus, observariam a *maldição* que cairia sobre eles e os amaldiçoariam.

As pessoas ficarão chocadas pelo que lhes aconteceu.
Eles se tornarão uma palavra maldita.
As pessoas os insultarão.

(NCV)

44.13

Porque castigarei os que habitam na terra do Egito. Repete-se aqui, uma vez mais, a *terrível tríade:* espada, fome e pestilência. Essas maldições devastariam o remanescente infiel dos judeus que estavam no Egito, tal como acontecera aos apóstatas que estavam em Judá, e mediante o mesmo intermédio: o exército babilônico e os resultados da guerra. Cf. Jer. 42.17. "Essas palavras, como as de Jer. 43.11, salientam uma punição que cairia sobre todo o Egito, e da qual os judeus que habitavam aquele país não estariam isentos" (Ellicott, *in loc.*).

44.14

De maneira que dos restantes de Judá, que vieram à terra do Egito para morar, não haverá quem escape. O julgamento imposto por Yahweh deixou Judá devastado e essencialmente desabitado. Outro tanto sucederia ao fragmento dos judeus que tinha fugido para o Egito. Eles não conseguiriam escapar de novas desgraças. Pelo contrário, excetuando alguns poucos fugitivos que retornassem a Judá, o remanescente não mais voltaria à Terra Prometida. Isso quer dizer que o propósito de restaurar Judá teria de ocorrer por meio do remanescente que voltasse do cativeiro babilônico, depois de passados os setenta anos do exílio na Babilônia. Já o remanescente que tinha fugido para o Egito, esse se perderia para sempre, da mesma maneira que Israel (as dez tribos do norte) se perdera no cativeiro assírio. A mesma idolatria-adultério-apostasia que

tinha provocado tanta confusão em Judá prosseguiria operando sua obra terrível no Egito, em concordância com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). "Todos os que tinham fugido para o Egito, em violação ao mandamento de Deus (ver Jer. 42.7-22), ali morreriam, excetuando alguns poucos fugitivos a quem Deus permitiria que voltassem" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. o vs. 28 deste mesmo capítulo, que dá a mesma informação.

"Os judeus aos quais Deus enviara para a Babilônia foram desmamados ali da idolatria e, finalmente, restaurados. Mas os que desceram ao Egito, por sua própria vontade pervertida, foram todos endurecidos na idolatria e pereceram ali" (Fausset, *in loc.*).

A Resposta dos Judeus (44.15-19)

44.15

Então responderam a Jeremias todos os homens que sabiam que suas mulheres queimavam incenso a outros deuses. Encontramos aqui uma *resposta insolente* dos homens judeus à segunda mensagem de Jeremias. Longe de se arrependerem de sua idolatria no Egito, eles realmente atribuíram o grau de prosperidade que tinham obtido à bênção da rainha do céu, o objeto de sua adoração apostatada. Eles rejeitaram as palavras do profeta, de que Yahweh era o único Deus digno da lealdade prestada pelos homens.

Este versículo deve ser comparado ao vs. 9 deste mesmo capítulo. As mulheres judias é que tomaram a liderança na adoração idólatra no Egito, especialmente aquela referente à rainha do céu. Tal como nos dias mais antigos, e o que também era verdade no império romano (ver Juvenal, *Sat.* vi.526-534), as mulheres praticavam o culto, enquanto seus maridos não se aliavam a eles, mas também não se opunham. Em outras palavras, os homens aprovavam a idolatria promovida por suas mulheres com tanto empenho. A idolatria começava com as mulheres. Cf. I Reis 11.4 e I Tim. 2.14. Ver sobre Jer. 7.18 quanto a notas concernente à adoração idólatra à rainha do céu.

Patros. Ver as notas expositivas no vs. 1. O uso dessa palavra mostra que a atenção do escritor se voltara para o Alto Egito.

44.16

Quanto à palavra que nos anunciaste em nome do Senhor, não te obedeceremos a ti. A réplica dos apóstatas judeus começou com uma clara e enfática declaração de que eles não dariam ouvidos aos oráculos de Jeremias. Estavam endurecidos para além da recuperação. Sentiam-se felizes com sua "nova fé". Yahweh tinha sido deslocado de seu coração. As leis e os costumes de Moisés, a fé do antigo povo de Israel, tinham sido descartados. A lei mosaica não era mais o *guia* (ver Deu. 6.4 ss.), a fonte de *vida* para eles (ver Deu. 4.1; Eze. 20.1); eles não eram mais um povo *distinto* pela possessão e prática da lei (ver Deu. 4.4-8). A idolatria egípcia satisfazia os mais profundos anelos deles. Eles não apenas rejeitavam a autoridade do profeta, como tinham abandonado todos os antigos caminhos do povo de Israel. Ver Jer. 6.16.

44.17

Antes certamente toda a palavra que saiu da nossa boca. Os *réprobos judeus* apelaram para a antiguidade do culto à rainha do céu como fator autenticador da validade da adoração a essa deusa pagã. Eles salientaram que seus antepassados e seus reis estavam envolvidos nessa prática, e muitas cidades de Judá estavam infectadas com essa forma de adoração; e até na capital, Jerusalém, onde estava o templo de Yahweh, essa "adoração paralela" atraíra muita gente. Além disso, entre seus argumentos, apresentaram o maior de todos os absurdos, atribuindo à influência dos seus antepassados várias formas de idolatria. A rainha do céu (e não Yahweh) é que os estava abençoando! E deixaram de fora, por pura conveniência, todos os muitos julgamentos devastadores que sempre acompanharam a prática da idolatria em Judá e que os forçara a buscar refúgio no Egito. As pessoas, quando querem apresentar um bom caso, sempre deixam de fora os fatores negativos contrários a seus argumentos. Quanto ao culto à *Rainha do Céu*, ver o detalhado artigo no *Dicionário*. Ver mais algumas idéias adicionais em Jer. 7.18. Note aqui o leitor o absurdo: a vergonha deles foi referida como algo meritório e fonte do bem para eles. Aqueles miseráveis tinham pura vaidade em lugar de suas antigas leis e tradições, bem no meio de sofrimentos e horrendos castigos impostos por causa de seu desvio.

Os insensatos atribuem sua aparente prosperidade à aparente indiferença de Deus para com os seus pecados. Mas ver Pro. 1.32; Eclesiastes 8.11-13. O fato, contudo, era que Deus os havia punido com freqüência, por causa da idolatria (ver Juí. 2.14). Note o leitor que aqueles réprobos estavam preocupados com o que comer, e atribuíam o abundante suprimento alimentar a uma fonte originária errada. No entanto, esqueceram o pão do céu, a alimentação espiritual da alma.

44.18-19

Mas desde que cessamos de queimar incenso à rainha dos céus, e de lhe oferecer libações... Outro argumento *irracional e absurdo* é apresentado aqui. Quando aqueles homens miseráveis negligenciaram o culto à rainha dos céus, foi então que muitas e grandes calamidades os atingiram! O culto da "rainha" evidentemente consistia em três ritos principais: 1. a queima de incenso; 2. o oferecimento de libações; e 3. a feitura de bolos em honra à rainha do céu, que se tornou parte dos ritos envolvendo a ingestão de alimentos, tal como os sacrifícios de sangue oferecidos por Israel eram feitos em tempos de festejos, por parte dos que participavam dos ritos. Conspícuos por sua ausência eram os sacrifícios de animais, o fator central da adoração de Israel, conforme demandava a lei mosaica. "Parece que essa forma de adoração, caracterizada por oferendas de bolos em forma de lua crescente, era a forma dominante da idolatria da época. Ver Jer. 7.18" (Ellicott, *in loc.*). Os bolos eram feitos de mel e farinha de trigo, e tinham a forma de lua crescente para relembrar nosso satélite, ou a forma de imagens de deuses ou deusas. A *estrela* era o símbolo da rainha, pelo que essa era uma forma comum e popular dos bolos. Em Jer. 7.18 ofereço outros detalhes sobre essa questão, que não repito aqui.

Sem nossos maridos? As mulheres judias é que encabeçavam o culto e eram as adoradoras principais. Mas isso não era feito sem a aprovação e certa participação dos homens. Para aquelas mulheres, isso servia de outra autenticação de sua forma de culto. Elas não dependiam de sua própria autoridade para praticar a religião idólatra. Suas famílias estavam envolvidas e, mediante alguma distorção perversa da lógica, para elas isso justificava a idolatria. Pois, afinal, estavam promovendo uma fé doméstica! A rainha dos céus era uma deusa da fertilidade (entre outras funções), e isso, para aquelas mulheres insensatas, fazia dela uma boa "deusa da família". É provável que esteja em vista a deusa assiro-babilônica *Istar* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa deusa também era chamada *Astarte* e *Astorete*. Aquelas mulheres judias, insensatas como eram, pensavam que a oposição de Jeremias à fé delas era um absurdo, visto que contavam com a aprovação dos maridos. Dessa forma, elas tentaram escudar-se da culpa apontando para a cumplicidade de outras pessoas.

Outra Reprimenda contra os Judeus (44.20-28)

44.20

Então disse Jeremias a todo o povo, aos homens e às mulheres. Jeremias não se deixou vencer pela fala tola daquelas mulheres. Pelo contrário, passou a repreendê-las nos termos mais candentes possíveis, e não se deixou impressionar pelo fato de que elas contavam com a aprovação dos maridos. O fato é que elas não contavam com a aprovação de Yahweh, e era com isso que elas deveriam preocupar-se. "O profeta deu uma resposta à altura contra a assertiva de que a prosperidade dos anos passados tinha coincidido com a adoração idólatra que ele condenara. Essa prosperidade não tinha sido de longa duração. Outrossim, embora a longanimidade de Deus tivesse suportado aquelas mulheres, o Seu julgamento viera, afinal" (Ellicott, *in loc.*).

Não há nenhuma indicação de que Jeremias receberia ainda outro oráculo divino para emitir sua reprimenda. Ele meramente usou argumentos históricos e lógicos baseados nos pontos comuns e fundamentais da fé judaica. Ele fez um discurso geral, dirigido a homens, mulheres e todo o povo. Ele continuava a tentar insuflar algum bom senso na mente daqueles réprobos endurecidos. Mas acabou falhando, no sentido de que não convenceu ninguém, nem em Judá, como antes, nem agora, no Egito. Ele cumpriu sua missão de instruir e advertir. E também não pôde ser responsabilizado pelo fato de que os ímpios não correspondiam positivamente a seu discurso. Com exagerada freqüência, os homens medem o sucesso pelo número dos que respondam positivamente a um apelo qualquer. Com freqüência, esse é um falso padrão. A fidelidade na proclamação é o verdadeiro padrão do sucesso.

44.21

Quanto ao incenso que queimastes nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém... Os ímpios com freqüência prosperam. Portanto, a prosperidade temporária freqüentemente não serve de sinal de retidão, embora *possa ser*. No caso daqueles judeus, a prosperidade de que eles agora se vangloriavam não servia de sinal. O que acontecia era que Yahweh lhes estava dando tempo para voltar ao bom senso. Ele adiara Seu juízo por um tempo, mais do que aquilo que mereciam, esperando que se arrependessem. Mas isso nunca ocorreu, pelo que a calamidade teria de cair sobre eles, fatalmente. O povo judeu prosperava de modo paralelo à sua adoração idólatra, pelo que a impressão era que Yahweh ou não existia, ou era indiferente para com a adoração que a rainha dos céus recebia em Seu lugar. Jeremias estava dizendo que o povo judeu interpretava erroneamente os "bons anos", atribuindo-lhes uma causa falsa. Outrossim, os bons anos não demoraram a desandar em um fim calamitoso.

44.22

O Senhor já não podia por mais tempo sofrer a maldade das vossas obras. O que era tão óbvio estava oculto de coração endurecido. Se o povo judeu tinha prosperado por algum tempo, de modo paralelo à sua adoração idólatra, também era verdade que, ato contínuo, a devastação mais temível tomou conta de toda a nação de Judá, deixando-a em ruína total e, virtualmente, desabitada. Qual tinha sido a causa disso? Por acaso a rainha dos céus trouxera a ruína sobre seus súditos favorecidos? Não. O que aconteceu é que Yahweh feriu o povo judeu por causa da corrupção que Ele não podia mais tolerar. Ele é aqui pintado como o verdadeiro poder por trás das atividades humanas e dos movimentos da história, bons ou maus, tudo dependendo dos homens, em seu livre-arbítrio, quanto a como O provocam. Os cativeiros assírio e babilônico (ver a respeito no *Dicionário*) eram evidentes manifestações da ira de Deus contra a idolatria. "Longe de ser um motivo de bênçãos, a adoração de Judá a falsos deuses lhes garantira a condenação. O fracasso em reconhecer esse fato e seguir o Senhor produziu o tremendo desastre que sobreveio a Judá, conforme o remanescente judeu podia observar muito bem a cada dia" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

As abominações que cometestes. "Abominação" é um sinônimo comum para *idolatria,* conforme comento no artigo do *Dicionário* sob esse título. Ver também Jer. 4.1. Judá, reduzida a nada, tornou-se motivo de profunda admiração a todos quantos observassem o remanescente dessa nação; a nação de Judá tornou-se um lugar amaldiçoado e ficou essencialmente desabitada. Tudo isso foi abundantemente previsto. Ver Jer. 25.11,18,38.

44.23

Pois queimastes incenso, e pecastes contra o Senhor, não obedecestes à voz do Senhor... A *queima de incenso* não tinha sido o pior pecado que Judá havia cometido, mas era o *símbolo* da idolatria em geral. No vs. 19 encontramos os três modos principais de adoração prestada à rainha dos céus: queimar incenso, oferecer libações e fazer bolos em honra a ela. Essas coisas eram apenas o *modus operandi* do culto falso. Estando engajados em uma fé falsa, os judeus negligenciaram o verdadeiro fundamento da religião hebraica histórica: a lei e as tradições de Moisés. Encontramos aqui os vocábulos lei, estatutos e testemunhos, maneiras pelas quais os antigos judeus se referiam à lei mosaica. A lei era o *guia* dos judeus (ver Deu. 6.4 ss.). Ela lhes transmitia a vida (ver Deu. 4.1; 5.33; 6.2; Eze. 20.1) e tornava Israel um povo distinto (ver Deu. 4.4-8). Mas tudo isso tinha sido anulado por um povo desviado, desobediente, rebelde, insensato, ignorante e ímpio.

Quanto à *tríplice designação* da lei, ver Deu. 6.1. Quanto ao *estatuto eterno,* ver Êxo. 29.42; 31.16; Lev. 3.17 e 16.29. A desobediência e a negligência da fé histórica tinham feito Israel, e então Judá, cair na mais total desolação, que foi o julgamento divino apropriado contra eles. Eles pecaram contra a sua própria luz.

44.24

Ouvi a palavra do Senhor, vós, todo o Judá, que estais na terra do Egito. *Jeremias continuou* sua diatribe, dirigida a todo o povo, mas especialmente às mulheres que tinham sido o principal poder corruptor no que diz respeito à adoração à rainha dos céus, embora não no tocante a outras formas de idolatria. Jeremias estava entregando aos judeus a *palavra de Yahweh* como Seu profeta autorizado. Essa palavra consistia nos muitos oráculos que ele tinha recebido por inspiração divina. Ele falava especificamente ao minúsculo remanescente de judeus que tinha fugido para o Egito, buscando segurança diante de um possível ataque dos babilônios. Pouco depois de terem entrado no Egito, eles apelaram à idolatria egípcia e, assim, criaram imediatamente novas condições para novas calamidades. O rei da Babilônia, Nabucodonosor, servo de Yahweh (ver Jer. 43.10), em breve espalharia o terror no Egito, atingindo os judeus que para ali tinham fugido. A idolatria-adultério-apostasia dos judeus nunca desistia até ter esmagado a tudo e a todos, exceto o pequeno remanescente que retornaria da Babilônia, que seria o instrumento para iniciar um novo dia na história da nação.

44.25

Assim fala o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel. O nome do poder divino, por inteiro, novamente introduz uma solene declaração, a saber, *Yahweh-Sabaote-Elohim,* Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso. O uso deste título completo de Deus é freqüente no livro de Jeremias. Ver sobre *Deus, Nomes Bíblicos de,* no *Dicionário.* Cf. Jer. 42.15; 43.10; 44.2,7,11.

Vós e vossas mulheres não somente fizestes por vossa boca, senão também que cumpristes por vossas mãos... Aqueles homens e mulheres, tão *zelosos* em seus erros, tinham-se vangloriado abertamente de seus votos, feitos à rainha dos céus, os quais certamente cumpririam. Portanto, o profeta falou com ironia, como se aquele cumprimento fosse algo recomendável. Porém, grande surpresa aguardava por aquela gente. Eles cumpririam seus votos, mas repentina destruição haveria de atingi-los, a despeito de sua piedade falsa e mal orientada. O que eles pensavam ser bom, operaria no sentido da destruição deles. Eles tinham o cuidado de queimar incenso, verter libações e fazer seus bolos doces, ao mesmo tempo que negligenciavam as antigas tradições dos hebreus. Isso só podia terminar em desastre. Pois, finalmente, o zelo deles, tão errôneo e mal orientado, acabaria por prejudicá-los. Seus *votos* ridículos, que guardavam com tanto empenho, seriam contrabalançados por um *voto de Yahweh* que os destruiria, conforme mostram os versículos que se seguem. O profeta falou com um tom zombeteiro na voz e com cortante ironia, a respeito dos votos dos judeus apóstatas.

44.26

Eis que eu juro pelo meu grande nome... que nunca mais será pronunciado o meu nome... Yahweh fez assim Seu próprio voto e proferiu Seu próprio juramento. Por trás dele estão Seus decretos, que nenhum homem pode alterar. Ele jurou por Seu próprio *Grande Nome,* em contraste com o nome de nada da rainha dos céus. O *Nome* representa a essência de Sua pessoa, com os atributos acompanhantes. As notas sobre isso aparecem em Sal. 31.3. Ver sobre *Nome Santo* em Sal. 30.4 e 33.21. No *Dicionário,* dou um artigo chamado *Nome.* Visto que Judá havia abandonado Yahweh, nenhum homem entre os judeus que fugiram para o Egito tinha o direito de continuar usando o nome de Deus, invocando-O ou esperando respostas divinas às suas orações. Em outras palavras, os judeus apóstatas foram lançados fora. Nenhum homem entre os judeus novamente seria capaz de fazer um juramento em nome de Yahweh, dizendo: "Tão certo como vive o Senhor Deus" como garantia. O único relacionamento que existiria entre aqueles judeus e Yahweh era o de Juiz e de povo julgado. Eles tinham profanado o Seu nome e perdido o direito de primogenitura. Ver Gên. 22.16, onde *Yahweh-Adonai* jura por Si mesmo, porquanto não havia outro, maior do que Ele, por meio do qual Ele pudesse jurar.

44.27

Eis que velarei sobre eles para mal, e não para bem. Se já tinha havido tempo em que o Pastor celestial velara para o bem-estar deles, agora, tendo-se voltado contra eles, velaria para o mal. Ele cuidaria para que calamidades, e não bênçãos, os atingissem, e também para que fossem alcançados pela morte, e não bafejados pela vida. O Senhor enviaria contra eles a *terrível tríade* — espada, fome e pestilência — (ver sobre Jer. 42.17). Isso tornou-se uma tríade temível porquanto por trás havia o *juramento* de Deus. Cf. este versículo com Jer. 1.10 e Eze. 7.6. Ver também o vs. 13 do presente capítulo.

Onde, caro Pastor, vigias as tuas ovelhas?
Dize-me, por que no vale da morte deveria eu chorar?

(Joseph Swain)

44.28

Os que escaparem da espada tornarão da terra do Egito à terra de Judá. Alguns poucos fugitivos conseguiriam escapar dos ataques militares de Nabucodonosor, rei da Babilônia, contra o Egito, e voltar para o território de Judá. A quase total destruição do minúsculo remanescente judeu no Egito comprovou a veracidade do que é dito no presente contexto: a morte os acompanharia de perto ao longo do caminho, porquanto eles tinham apostatado e se voltado para a rainha dos céus como guia e fonte de bênçãos. Este versículo não se mostra incoerente com os vss. 14 e 27, visto que o total aniquilamento daquela gente não era necessário para provar que eles mereciam destruição severa e quase completa. A reivindicação deles, de que a idolatria os havia beneficiado, mostrar-se-ia, finalmente, ridícula e suicida. Ver os vss. 17-18 do presente capítulo.

"O pequeno remanescente que sobreviveu à espada e à fome voltaria a Judá como testemunha do julgamento divino que os havia atingido, conforme o profeta havia avisado que aconteceria. Assim sendo, as palavras de Yahweh permaneceram de pé, ao passo que as palavras dos homens fracassaram" (Ellicott, *in loc.*). Dessa maneira, aquele minúsculo grupo de sobreviventes tornou-se testemunho da veracidade da mensagem profética dada por meio de Jeremias.

O Sinal Concernente ao Faraó-Hofra (44.29-30)

44.29

Isto vos será sinal de que eu vos castigarei neste lugar, diz o Senhor. "O sinal tinha por intuito confirmar as predições feitas acerca da destruição a ser efetuada na terra do Egito. Quanto a sinais sobre esse tipo, cf. o sinal do *Emanuel* (referido em Isa. 7.11-17); ver também Isa. 37.30; 38.7; Êxo. 3.12; I Sam. 2.34 e 10.7-9" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

O sinal indicava a destruição certa, porque as palavras dos oráculos dados por meio de Jeremias foram rejeitadas e tornaram-se alvo de zombarias. Jeremias, por sua vez, foi chamado de mentiroso (ver Jer. 43.2). Essas palavras, pois, tornaram-se um testemunho *contra* a colônia judaica no Egito. Elas foram precisamente cumpridas para tristeza de todos os envolvidos. As calamidades que circundaram a vida do Faraó-Hofra serviriam de sinal de como as profecias de condenação, ditas por Jeremias, se cumpririam.

44.30

Eu entregarei Faraó-Hofra, rei do Egito, nas mãos de seus inimigos. O *Faraó-Hofra* sofreria um destino cruel, tal como sucedera a Zedequias, rei de Judá. Yahweh agiu contra ambos os homens, através da mesma agência: homens rebeldes, facciosos e cruéis, que pouco respeitavam a vida humana. Heródoto (*Hist.* 2.161-163,169) fornece-nos a essência da história. Hofra perdeu seu trono em 570 A. C. Ele enviou Amasis, um de seus generais, para abafar uma revolta entre as suas tropas. Mas o exército decidiu que já havia sofrido bastante sob Hofra, pelo que fizeram de Amasis o novo Faraó. Esse homem posteriormente atacou o Faraó anterior, derrotou-o e aprisionou-o. Mais tarde, Amasis entregou o Faraó anterior nas mãos de seus inimigos, os quais o estrangularam. Hofra também era conhecido como Apries. No começo de seu reinado, ele se aliou ao rei Zedequias, de Judá, contra Nabucodonosor. Foi Hofra quem enviou o exército egípcio para aliviar o cerco de Jerusalém (ver Jer. 37.5). Entretanto, essa vitória mostrou ser apenas temporária.

Se esse homem teve um reinado próspero, por longo tempo, sua vida posterior foi maculada por derrotas e, finalmente, por uma morte vergonhosa às mãos de sua própria gente. Suas desgraças, pois, tornaram-se um *sinal* para os judeus rebeldes que estavam no Egito. Eles sofreriam reversões, calamidades e, finalmente, a morte, cumprindo-se assim as profecias de condenação do profeta Jeremias. A guerra civil de Amasis contra Hofra pavimentou o caminho para a invasão de Nabucodonosor, que dentro de pouco tempo obteve o controle do país, tornando-se o controlador de todo o Egito, incluindo os poucos judeus que para lá haviam fugido. Ver Josefo (*Antiq.* x.11). Cf. este versículo com Jer. 43.8-13, onde foi profetizada a vitória fácil da Babilônia contra o Egito. Foi desse modo que Nabucodonosor "despiolhou" o Egito, por ordens de Yahweh.

Capítulo Quarenta e Cinco

Um Oráculo para Baruque (45.1-5)

Este capítulo é um breve oráculo que Jeremias entregou ao seu amanuense, Baruque. A fonte originária, como é claro, foi Yahweh. O oráculo consiste em uma espécie de confissão de Baruque, similar a algumas confissões de Jeremias, em que ele se queixou a Yahweh acerca de suas tristezas. Baruque recebeu uma resposta divina, semelhante a algumas respostas divinas que também foram dadas a Jeremias. Ver Jer. 12.5 e 15.19. Além disso, tal como se deu no caso de Jeremias, não foi conferida a Baruque a recompensa que ele pedia, mas tão-somente foi solicitado, da parte do Senhor, que ele sofresse mais graciosamente a sua sorte.

A data deste oráculo é disputada. O vs. 1 deste capítulo situa-o no quarto ano do reinado de Jeoaquim, ou seja, 605-604 A. C. O vs. 4 quase certamente situa o oráculo antes das grandes destruições que fizeram findar Judá e Jerusalém. Mas alguns estudiosos o situam após a queda de Jerusalém, perto do fim da vida de Jeremias. Pode ter sido uma espécie de incumbência de leito de morte que Jeremias deu a Baruque pouco antes de partir desta vida terrena. Baruque foi convidado a mostrar-se humilde e otimista, em meio a toda a destruição à sua volta e à aparente inutilidade de seu ministério ao lado de Jeremias. Mas a própria vida de Baruque seria poupada, e podemos estar certos de que ele teve útil idade avançada e morreu em paz.

45.1

Palavra que falou Jeremias, o profeta, a Baruque, filho de Nerias. Quanto a informações sobre a data deste oráculo, e seu caráter em geral, ver as anotações anteriormente. Este versículo deve ser vinculado a Jer. 36.1, onde encontramos a mesma nota cronológica. A condenação sem mitigação, profetizada por Jeremias contra Judá, desagradou Jeoaquim e seus conselheiros, e fez o próprio profeta e seu amanuense, Baruque, cair em dificuldades por causa de seus esforços. Contudo, alguns estudiosos opinam que este oráculo pertence a um período posterior da vida de Jeremias e de Baruque, quase no tempo da morte do primeiro deles, conforme menciono anteriormente. Ellicott (*in loc.*) confiava que o oráculo foi deslocado de seu verdadeiro engaste histórico, por parte de algum editor posterior, que teve a má sorte de não inseri-lo na ordem cronológica apropriada. Disse Ellicott: "O conteúdo do oráculo parece mais apropriado ao fim da vida de Jeremias, depois que ele e Baruque tiveram de enfrentar maiores sofrimentos, do que ao tempo em que foi escrito o rolo correspondente ao capítulo 36 do livro de Jeremias. A data que aparece neste vs. 1 vem do editor deuteronômico, que é responsável por uma data similar, em Jer. 25.1" (James Philip Hyat, *in loc.*).

45.2

Assim diz o Senhor... acerca de ti, ó Baruque. Em seu desencorajamento, Baruque recebeu um oráculo especial da parte de Yahweh, exortando-o a esquecer suas ambições pessoais, a não preocupar-se com o sucesso, conforme os homens consideram esse sucesso, e a estar seguro sobre um bom futuro de utilidade e benefícios pessoais. Algumas vezes, nossa vida requer uma espécie de toque divino direto. Nenhum homem é tão forte que não precise que o Senhor se poste a seu lado.

Vede as correntes de águas vivas,
Manando do amor eterno.
Bem supridos são os teus filhos,
E todos os temores foram removidos.

(John Newton)

45.3

Disseste: Ai de mim agora! porque me acrescentou o Senhor tristeza ao meu sofrimento. *Baruque,* na qualidade de amanuense pessoal e conselheiro de Jeremias, sofria as mesmas perseguições, recuos e desapontamentos que o profeta. Sendo um judeu piedoso, ele via como divina a *fonte* de seus tormentos e tribulações. *Yahweh* era a causa desses males da vida, tal como no caso de Jó, por razões que ele não conseguia discernir. A providência de Yahweh, em seus aspectos negativos e positivos, controlava todas as coisas. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Providência de Deus.* A forma extrema dessa doutrina consiste em atribuir a Deus o mal, sendo Ele a *causa única* de todas as coisas. Entretanto, jamais devemos deixar de lado a consideração sobre as *causas secundárias:* as coisas que os homens fazem por intermédio de seu livre-arbítrio, que, com freqüência, é perverso; e, além do mais, há as desgraças da natureza, derivadas do caos. A teologia dos hebreus era fraca quanto às causas secundárias. Jeremias, por muitas vezes, esteve às voltas com o mesmo tipo de atitude de Baruque, tendo deixado registradas as mesmas formas de queixas diante do Senhor. Cf. Jer. 8.21-9.2; 14.17-18; 15.10,15-18.

Além de seus problemas especiais, Baruque via-se vexado com a triste sorte de seu povo, pois eles estavam atraindo o julgamento divino com sua desobediência e rebeldia. Ver Jer. 36.2-3. Os príncipes judeus planejavam a morte do profeta, e isso, sem dúvida, incluía planos sobre a morte de Baruque. Por isso, ambos não encontravam descanso e, algumas vezes, viviam tomados de temores. Assim sendo, acabavam exprimindo seus gemidos íntimos.

O Senhor me deu tristezas juntamente com a minha dor. Estou exausto por causa de meus sofrimentos.
Não consigo descansar.

(NCV)

Quanto ao que se sabe e se conjectura a respeito de *Baruque,* ver o verbete com esse título no *Dicionário,* primeiro ponto.

45.4

Eis que estou demolindo o que edifiquei, e arrancando o que plantei, e isto em toda a terra. Baruque se consolaria *se* considerasse que todas as coisas que estavam acontecendo provinham, em última análise, da mão de Yahweh, que é a causa de todos os acontecimentos humanos. É Ele quem planta e desarraiga, quem edifica e derruba. Isso era verdade em relação à vida e às vicissitudes do próprio Baruque, bem como em relação à vida nacional de Judá, nação que tinha de ser julgada em virtude de sua idolatria-adultério-apostasia. As profecias que Jeremias davam eram extremamente negativas e apontavam para julgamentos seguros e terríveis do povo judeu; mas a vontade divina estava envolvida em tudo aquilo. Baruque precisava parar de pensar que tinha alguma responsabilidade pessoal na questão. Cf. este versículo com Jer. 1.10, que também encerra o *tom nacional.* Ver também Isa. 5.5.

Ventos de tentação e ondas de ai
Em breve os lançará fora, onde fluem as águas escuras.

(Edward S. Ufford)

Baruque tinha apenas de confiar que o que estava acontecendo visava o bem geral, finalmente, deixando de castigar-se por ansiedades sobre o que Yahweh estava fazendo.

45.5

E procuras tu grandezas? Não as procures. Se Yahweh se esforçava por endireitar as coisas, Baruque deveria esquecer suas ambições pessoais e simplesmente adaptar-se ao quadro da vida, na condição de amanuense de Jeremias. Talvez ele embalasse idéias de ser, algum dia, um grande profeta. Talvez pensasse ter o poder de reverter a maré da história no tocante a Judá. As coisas iam ruins, mas ficariam ainda piores. Baruque teria de retirar-se do caminho, sem tentar ser um escudo para Judá. Nenhum dia glorioso haveria de raiar enquanto não fosse destruída a antiga nação de Judá. Surgiria um novo dia dentre as cinzas, e não por meio da reforma de um povo apóstata. Jer. 43.3 pode subentender que, conforme Jeremias envelhecia, Baruque se tornava cada vez mais forte e tinha muita influência junto a Jeremias e ao pequeno núcleo de homens fiéis. Mas as palavras de Yahweh tinham o propósito de recomendar que ele não deveria desenvolver nenhum poder ou ambição pessoal. Na época, a ordem de coisas estava prestes a ser destruída. Não havia mais tempo nem circunstâncias para que Baruque atingisse alguma grandeza pessoal.

Mas se haveria destruição generalizada, a vida de Baruque (como a vida de Jeremias) seria poupada. Havia um futuro para Baruque. As tradições antigas dizem que ele morreu pacificamente no Egito, ou então que foi para a Babilônia para ali viver e, finalmente, morrer em paz. Algumas dessas tradições afiançam que Baruque viveu por dez anos após a destruição de Jerusalém. Todavia, todas essas afirmações tradicionais estão abertas às dúvidas. Mas podemos ter certeza de que ele cumpriu sua missão, tal como sucedeu a Jeremias, e basta-nos saber isso. Baruque, como Jeremias, foi invencível enquanto sua missão não se completou.

Terás que ir a muitos lugares, mas permitirei
que escapes por onde quer que vás.

(NCV)

"A reação que Deus esperava da parte de Baruque era a mesma que Ele esperava do contemporâneo dele, Habacuque (ver Hab. 3.16-19). A esperança de uma pessoa piedosa, em meio a um julgamento nacional, era continuar firmemente fixado em Deus" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Eu vi a eternidade uma noite dessas,
Como um grande halo de pura e interminável luz.

(Henry Vaughn)

Capítulo Quarenta e Seis

Oráculos contra Várias Nações Estrangeiras (46.1 – 51.64)

Os capítulos 46-51 são constituídos por uma coletânea de oráculos contra potências estrangeiras. Os oráculos foram recebidos e entregues em períodos diferentes, mas depois foram reunidos em uma única seção, talvez por Baruque ou algum outro editor. Na Septuaginta, eles aparecem juntos em Jer. 25.13. Essa antiga versão também ordena os oráculos em uma seqüência diferente, mas a ordem do texto hebraico (preservada em nossa tradução portuguesa) está mais de acordo com a lista das nações que aparecem em Jer. 25.19-26. Ademais, esta lista segue, grosso modo, a ordem cronológica da história daquelas nações em relação a Judá. É possível, igualmente, que os oráculos originais de Jeremias tenham sido ornamentados por um ou mais escribas subseqüentes, mas não há razão alguma para duvidar da sua autenticidade. Os críticos que duvidam dessa autenticidade apresentam uma série de argumentos em favor de suas dúvidas:

1. Esses oráculos deixam de fora qualquer pensamento de um chamado ao arrependimento dirigido às nações, contra o modo geral de escrita do profeta.
2. Aos oráculos falta um colorido de circunstâncias históricas que não corresponde ao modo pelo qual o profeta usualmente escrevia.
3. A qualidade literária desses oráculos é inferior ao restante do livro, contendo muitas repetições e certa confusão na ordem de apresentação.
4. A atitude para com a Babilônia é contrária ao que se vê no restante do livro. O autor desses oráculos aconselhava a submissão à Babilônia, nomeada como instrumento divino do julgamento contra Judá.

A despeito de tais críticas, muitos críticos acreditam que, aqui e acolá, temos um toque genuíno do profeta Jeremias. Os comentaristas conservadores não sentem o peso desses argumentos e os consideram de peso insuficiente para provar uma origem diferente da de Jeremias, nesses seis capítulos do livro.

Seja como for, Jeremias foi mais do que um profeta enviado a Judá. Ele foi comissionado como profeta enviado às nações (ver Jer. 1.5; 46.1). "Se Deus quisesse julgar Seu próprio povo por causa dos pecados, como poderiam as nações pagãs em volta de Judá esperar escapar, já que seus pecados eram ainda mais pronunciados? Nos capítulos 46-51, o farol do julgamento divino mudou de Judá para seus vizinhos pagãos" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Oráculo contra o Egito (46.1-28)

"A primeira nação selecionada para receber o julgamento divino foi o Egito, anterior aliado de Judá. O Egito é que tinha encorajado Judá a revoltar-se contra a Babilônia. Porém, chegado o tempo de proteger o sócio na rebelião, os egípcios mostraram-se incapazes de cumprir seus compromissos (cf. Jer. 37.4-10; Eze. 29.6-7)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

46.1

Palavra do Senhor, que veio a Jeremias, o profeta, contra as nações. Este versículo serve para introduzir a seção inteira, constituída pelos capítulos 46-51 de Jeremias. Da mesma maneira que Yahweh tinha dado muitos oráculos contra Judá, também deu alguns oráculos específicos, através de Jeremias, contra seus vizinhos pagãos. Nessas profecias contra as nações há a inspiração divina, tal como no caso dos oráculos dirigidos contra Judá. Estamos abordando uma coletânea de oráculos dados em tempos diferentes, que um editor reuniu no fim do livro de Jeremias. "A maioria desses oráculos está vinculada a Jer. 25.15-26 e pode ser considerada o desenvolvimento do que é dado ali em forma de esboço, estando associada ao reinado de Joaquim (cerca de 607 A. C.)" (Ellicott, *in loc.*). Mas provavelmente é incorreto atribuir esses oráculos a um único período histórico.

A Derrota de Carquemis (46.2-12)

46.2

A respeito do Egito. Contra o exército de Faraó-Neco, rei do Egito. O oráculo que se segue deve ser associado à batalha de Carquêmis, desferida em 605 A. C. O exército egípcio, sob as ordens de Faraó-Neco, foi derrotado pelo exército babilônio, encabeçado por Nabucodonosor. Josefo (*Antiq.* X.11.1; *Contra Apion* I.19) nos dá algumas informações. Além disso, a arqueologia confere alguns detalhes sobre a questão. As escavações feitas ali nos mostram que a cidade foi destruída em cerca de 600 A. C. Quanto a detalhes sobre esse lugar, ver o verbete intitulado *Carquêmis,* no *Dicionário.* E ver também a parte denominada *Carquêmis, Batalha de,* no artigo sobre *Jeremias (o Profeta),* III. 1.3.c. Essa batalha foi um importante acontecimento na história do antigo Oriente Próximo e Médio. Depois dessa vitória da Babilônia, nenhuma nação podia resistir aos caldeus. O Egito perdeu terreno e a Babilônia se apossou daquela parte do mundo, antes dominada pelo Egito. Carquêmis era uma cidade hitita, à margem direita do rio Eufrates, uma grande fortaleza localizada perto dos melhores vaus daquele rio (ver Jer. 46.24; Isa. 10.9). O exército egípcio ocupou essa cidade por algum tempo, mas foi rudemente desarraigado por um poder superior e em breve declinou até tornar-se uma potência de segunda categoria.

46.3

Preparai o escudo e o pavês, e chegai-vos para a peleja. Temos aqui uma ordem zombeteira de Yahweh ao Egito, para que esse país se preparasse para a batalha de Carquêmis. A despeito de preparações elaboradas de uma alegada grande potência, coisa alguma salvaria o Egito da derrota. A mão de Yahweh repousou sobre a batalha, dando a vitória ao exército babilônico. Yahweh, o Deus da criação, não tinha abandonado Sua criação, mas, antes, interveio nos negócios humanos, dispondo deles à Sua vontade. O tempo do Egito havia terminado, por causa de sua iniqüidade. Novas marés históricas tinham de fluir. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Armadura, Armas* quanto a detalhes sobre os instrumentos das guerras antigas.

Alguns estudiosos, contudo, pensam que essa ordem foi passada ao exército babilônico, para que pusesse a armadura, a fim de preparar-se para uma grande vitória.

O escudo era pequeno, usado pela cavalaria levemente armada; e o pavês era um escudo grande usado pela infantaria pesadamente armada.

46.4

Selai os cavalos, montai cavaleiros. O cavalo era um instrumento campeão para a agricultura e para a guerra. O cavalo de guerra, tal como o cavaleiro, excitava-se muito com a agitação e o sangue. O cavaleiro montava um bom cavalo como seu companheiro de batalha. Vemo-lo aqui a colocar o elmo; equipando-se com suas lanças polidas e protegendo-se com sua cota de malhas. A

despeito de seus orgulhosos e elaborados preparativos, o exército egípcio seria derrotado e demolido. O dia do Egito tinha terminado. Yahweh estava julgando severamente a idolatria dos egípcios e a multidão de seus pecados.

Veste-te de toda a tua gloriosa armadura,
Teu elmo e tua brigadina de metal.

(Milton)

O Egito era famoso por seus carros de combate (ver Êxo. 14.7 e 15.4) e tinha adquirido considerável habilidade nos combates e excelente equipamento através dos séculos. A maré, porém, tinha-se voltado contra aquele país. As cotas de malha aqui mencionadas eram feitas de ferro, na forma de anéis, pesadas, para dizer a verdade, mas um instrumento que salvava muitas vidas. Mas coisa alguma poderia ajudar o Egito naquele momento de crise.

46.5

Por que razão vejo os medrosos voltando as costas? Estão derrotados os seus valentes. Apesar de seu orgulho, habilidade e elaborados preparativos, o Egito estava espantado diante do poder superior do exército babilônico; o exército egípcio recuou; seus guerreiros foram derrotados; os que sobreviveram fugiram em pânico; nem ao menos se deram ao trabalho de olhar para trás; havia terror por todos os lados. Diz o Targum: "Eles não olharam para trás para resistir àqueles que estavam matando com a espada, aqueles que se tinham acumulado perto deles e que os cercavam".

46.6

Não fuja o ligeiro, nem escape o valente. O *exército egípcio,* sangrando e derrotado, não foi capaz de fugir para a segurança a fim de combater por mais um dia. Poucíssimos escaparam. Os que tentaram fugir foram cortados na rota de fuga, antes que pudessem ir muito longe. Portanto, eles morreram miseravelmente no país do norte, perto do rio Eufrates. Tropeçaram e caíram, e foram traspassados à espada, enquanto estavam caídos por terra. Os pecados deles os haviam alcançado. Eles tinham sido poderosos e rápidos, mas o poder deles os abandonou no momento da prova. Os registros históricos babilônicos confirmam esse quadro de confusão e puro desespero. O exército egípcio foi aniquilado em Carquêmis.

46.7-8

Quem é este que vem subindo como o Nilo, como rios cujas águas se agitam? Aqui, Yahweh zomba do Egito. Quem era aquele povo que tinha subido como se fosse o rio Nilo, inundando as margens e espalhando-se ao redor, conquistando nações por todos os lados? O Egito tentou assumir o caráter de seu poderoso rio, o Nilo, mas o espetáculo terminou. As águas retrocederam e ficaram confinadas. Tinham encoberto parte da terra, mas foram forçadas a voltar para suas margens apropriadas. Eles tinham conseguido destruir cidades e países, mas o dia tinha acabado. As águas babilônicas mostraram ser superiores, e o Egito foi inundado por uma maré estrangeira. Cf. Jer. 47.2 quanto às águas do norte. Ver também Isa. 8.7-8 e Dan. 11.22 quanto a cifras similares. "O Nilo enche gentilmente. Mas no seu delta, diferentemente do que acontece na maioria dos rios, o Nilo mostra-se muito agitado, devido a bancos de areia que impedem seu livre curso, precipitando-se no mar como se fosse uma catarata" (Fausset, *in loc.*).

46.9

Avançai, ó cavaleiros, estrondeai, ó carros, e saiam os valentes. O exército egípcio era composto de muitos elementos, de muitos povos, alguns dos quais verdadeiros aliados dos egípcios, ao passo que outros eram empregados como mercenários. Este versículo fornece uma pequena lista de povos participantes. A idéia é que, apesar de seu "caráter internacional", que era como a união de muitas águas, os aliados não foram adversários à altura para os babilônios. O exército egípcio era multifacetado, tendo soldados de Cuxe, que forma a atual parte sul do Egito, e Pute, a moderna Líbia. Estavam equipados com escudos, como uma infantaria, e com arcos e flechas, como arqueiros. Cf. Eze. 30.5, onde encontramos algo similar. Em lugar de Cuxe e Pute, muitas traduções dizem etíopes e líbios. Os cuxitas eram os etíopes do Alto Vale do rio Nilo que, algumas vezes, se mostravam independentes do Egito, mas na época estavam sujeitos aos egípcios. Quanto a maiores detalhes, ver sobre os nomes próprios no *Dicionário*. Além de serem arqueiros habilidosos, eles eram também bem treinados no uso dos cavalos e dos carros de combate, pelo que se atiraram como poderosa maré contra os babilônios. Mas em breve estavam esmagados e dispersos na confusão. Três nações aliadas dos egípcios são aqui mencionadas. Quanto aos *lídios*, ver no *Dicionário* o verbete chamado *Lídia*. No caso, está em pauta uma nação africana.

46.10

Porque este dia é o dia do Senhor dos Exércitos, dia de vingança contra os seus adversários. Yahweh, em Seu trono, demonstrou ser o Senhor dos Exércitos, e a Sua universalidade significa que Ele tomara o comando do exército da Babilônia em Carquêmis. Ele é *Yahweh* (Deus Eterno) *Sabaote* (Senhor dos Exércitos). Ele estava vingando-se do Egito, por causa de sua idolatria e dos muitos banhos de sangue provocados contra outras nações quando, à semelhança do rio Nilo, inundava as margens para assediar a outros povos. A espada de Yahweh, nas mãos dos babilônios, fazia suas vítimas. O dilúvio inundava poderosamente, e a matança foi imensa. Era uma "espada devoradora", que sorveu até a última gota de sangue. A espada, pois, efetuaria *a Yahweh* um sangrento sacrifício de corpos humanos. Todo esse terror apocalíptico ocorreu nas terras do norte, em Carquêmis. O sacrifício se deu no "dia do Senhor", quando Ele governou de modo supremo e efetuou a Sua vontade contra o Egito.

46.11

Sobe a Gileade, e toma bálsamo. *Gileade,* na Transjordânia, era famosa por seus bálsamos curativos (ver Jer. 8.22; 51.8), mas nem mesmo aquele lugar teria grande utilidade para o Egito, nos dias de prova. Muitos medicamentos seriam empregados na tentativa de cura, mas nenhum produziria o mínimo efeito. A esmagadora Babilônia continuaria moendo até que o Egito fosse entregue nas mãos cruéis de estrangeiros. Os egípcios, desde tempos antigos, tinham feito a mesma coisa contra outros povos; e agora era inevitável que sofressem o mesmo tratamento, em harmonia com a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*).

Virgem filha do Egito. O Egito foi assim chamado por causa de seu luxo efeminado e porque a "jovem" nunca fora sujeitada ao jugo estrangeiro. Nunca fora conquistada e colocada sob o poder de outrem, como uma virgem se sujeita quando um seu amante exige que ela se entregue a ele. Melhor ainda, a figura aqui é do *estupro* de uma virgem.

46.12

As nações ouviram falar da tua vergonha, e a terra está cheia do teu clamor. As nações em redor do Egito ouviram os gritos de dor dos soldados egípcios, enquanto eles eram mortos, e esses gritos eram de *vergonha,* porque o poder do Egito estava sendo humilhado e derrotado. O vencedor de tantas batalhas de súbito tornou-se o perdedor e foi escarnecido pelos povos daquela área do mundo, muitos dos quais tinham sido suas vítimas. Esse foi outro caso em que o norte venceu o sul. O exército egípcio se apavorou e caiu em total confusão e caos, e isso foi motivo de vergonha para os egípcios. Cf. este versículo com o vs. 6 deste mesmo capítulo. "... desgraça, a matança prodigiosa de suas tropas" (Adam Clarke, *in loc.*). "Os poderosos egípcios caíram enquanto fugiam, e outros poderosos, seguindo-os, tropeçaram neles, e assim, todos, juntamente, tornaram-se presa dos perseguidores" (John Gill, *in loc.*).

A Vinda de Nabucodonosor (46.13-26)

Temos aqui outro oráculo que descreve a marcha e a vitória do rei da Babilônia sobre o Egito. Jeremias predisse a invasão e a conquista do Egito por Nabucodonosor, ou imediatamente após a batalha de Carquêmis, ou em algum tempo posterior. Talvez este oráculo tenha sido dado quando Jeremias já estava no Egito, forçado que fora por Joanã e outros oficiais judeus a acompanhar o remanescente judeu até aquele país (ver Jer. 43.4-7). A história secular mostra-se fraca quanto a todos esses acontecimentos, pouco nos dando a conhecer, mas o que pode ser dito ficou registrado na exposição de Jer. 43.8-13. A invasão do Egito, por parte dos babilônios, ocorreu em cerca de 571-567 A. C. O presente oráculo é uma espécie de "profecia modernizada", que se seguiu à outra profecia, também mencionada. E agora há detalhes adicionais que não apareciam anteriormente.

46.13

Palavra que falou o Senhor... acerca da vinda de Nabucodonosor... para ferir a terra do Egito. A *inspiração divina* continuou a fluir através de Jeremias, e parece que, a cada nova situação, ele recebia nova revelação. Nabucodonosor, vitorioso em Carquêmis, mostrou sua superioridade em relação a todos os outros povos da terra, e o Egito era um prêmio que esperava por ele. O Egito era excelente para ser saqueado, e um lugar divertido para alguém entregar-se ao jogo da matança. Assim sendo, o exército babilônico apressou-se para colher a safra sangrenta. Yahweh era o General do exército da Babilônia, porquanto estava vingando-se do Egito.

46.14

Anunciai no Egito, e fazei ouvir isto em Migdol. A mensagem de *condenação* deveria ser proclamada nas principais cidades do Egito, aqui listadas. Ver

sobre essas cidades no *Dicionário*, onde cada qual recebe um artigo separado. Suas respectivas localizações ilustram a universalidade da invasão, ferindo o Egito em todas as suas partes, de norte a sul e de leste a oeste. Cf. a lista em Jer. 43.7 e 44.1, onde temos os mesmos nomes que figuram aqui, além de outros nomes. As *três cidades* aqui mencionadas ficavam todas no Baixo Egito (a parte norte do país). O exército babilônico começaria o ataque ali, e dali se espalharia. A *desolação* se difundiria no Egito, tal e qual tinha acontecido em Judá. Agora chegara a vez do Egito sofrer as chicotadas de Yahweh.

46.15

Por que foi derribado o teu Touro? Não se pôde ter de pé, porque o Senhor o abateu. O Egito foi derrotado, a despeito de seu exército bem equipado e bem treinado, porque Yahweh estava à testa das forças babilônicas. O teísmo bíblico ensina que foi Deus quem criou e continua a controlar as atividades humanas, intervindo na história da humanidade. Isso deve ser contrastado com o *deísmo*, que ensina que a força criadora abandonou a criação ao governo das leis naturais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Teísmo* e *Deísmo*. O nome divino *Sabaote* quer dizer Senhor dos Exércitos e é com freqüência aplicado a Yahweh e às Suas operações neste mundo. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Deus, Nomes Bíblicos de*.

... foi derribado o teu Touro? O texto hebraico diz: "foi derribado o teu valente". Mas a nossa versão portuguesa reflete uma variante significativa, que aparece na Septuaginta: "foi derribado o teu Apis (Touro)?". E alguns críticos textuais preferem essa forma, considerando-a original. Também é o texto mais difícil, que pode ter sido simplificado por textos hebraicos posteriores. Apis era o deus-touro de Mênfis e, como todos os deuses, concebido como protetor. Apis era considerado o filho ou a reencarnação viva do deus Ptah. Suas imagens eram levadas aos campos de batalha, para assegurar o sucesso. A fuga ou captura de tais imagens era considerada símbolo da derrota dos egípcios, que adoravam o deus-touro. Jeremias, mediante essa referência, ilustrou a incapacidade dos deuses, criados por mãos humanas, de fazer qualquer coisa significativa em favor de um povo. Assim também, cada uma das Dez Pragas do Egito, quando Israel esteve em escravidão naquele lugar, ilustrou a esfera das atividades de um de seus deuses. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pragas do Egito*.

46.16

O Senhor multiplicou os que tropeçavam; também caíram uns sobre os outros. Este versículo reitera as idéias dos vss. 6 e 12, que falam do exército egípcio dizimado. Aqueles que tropeçavam e eram traspassados à espada anelavam por estar de volta à segurança de seu país de origem, distantes do amaldiçoado país do norte. Mas era destino deles morrer naquele campo de batalha miserável, porque o período de vitórias do Egito havia terminado, e Yahweh estava garantindo o aniquilamento de seu exército, para que nunca mais se levantasse como potência significativa no mundo.

O clamor "Voltemos para nossas casas" também se ouvia na boca dos soldados de países aliados e na boca dos soldados mercenários que se tinham juntado para ajudar os egípcios, os quais são listados e descritos no vs. 9. Mas a causa do Egito era perdida, e pouquíssimos sobreviveram para ver novamente seus lares.

46.17

Ali apelidarão a Faraó, rei do Egito, de Espalhafatoso, porque deixou passar o tempo adequado. O hebraico original deste versículo é obscuro e tem gerado várias traduções diferentes. Alguns dizem que o original significa que "Faraó é apenas ruidoso! Seu tempo era passado", ou seja, a época dos faraós terminou. A Revised Standard Version diz: "Faraó, rei do Egito, é um sujeito barulhento, que deixa o momento aprazado passar". A NCV diz: "O rei do Egito é apenas um bocado de ruído. Seu tempo de glória passou!". Isso parece dar-nos a essência da declaração. As pessoas zombariam do ultrapassado Faraó e de toda a pompa do Egito, que repentinamente se transformara em cinzas. Os poucos soldados que conseguiram escapar, tendo retornado às suas casas, espalhariam a mensagem zombeteira. Ver o vs. 9 quanto aos que transmitiam essa miserável mensagem. É Deus quem determina as condições de vida, a potência e as fronteiras das nações (ver Atos 17.26). O faraó teve sua época no palco da vida, caminhando, empertigado, com toda a pompa e glória. Nabucodonosor, servindo a Yahweh, tirou o Faraó do palco da vida e deu início à sua própria dança insensata. Porém, em menos de setenta anos, os medos e persas substituiriam os babilônios. Todas as nações que chegam e vão são apenas grandes espalhafatos.

46.18

Tão certo como vivo eu, diz o Rei, cujo nome é o Senhor dos Exércitos. O *Rei* real e permanente é Yahweh, também conhecido pelo nome de Senhor dos Exércitos. Ele controla o destino das nações, convoca os atacantes e lhes dá a vitória. Portanto, Ele anuncia aqui o aparecimento de uma força poderosa, forte e alta como o Tabor, que se eleva, altaneira, sobre os montes ao redor, ou como o Carmelo, que se alça acima de todas as demais elevações. Assim como essas duas montanhas se elevavam acima das demais montanhas da Palestina, Nabucodonosor (vs. 26), ao aparecer, mostraria ser claramente superior e mais exaltado do que qualquer outro poder na face da terra. Yahweh dirigia as forças militares de Nabucodonosor, pelo que ele era invencível. A vitória de Nabucodonosor estava garantida, e o Egito seria uma de suas vítimas. O rei da Babilônia tinha uma grandeza esmagadora, à qual ninguém podia resistir. Ver no *Dicionário* sobre as duas montanhas mencionadas, Tabor e Carmelo. O Tabor eleva-se a cerca de 562 m acima do nível do mar, e o Carmelo a cerca de 531 m acima do nível do mar, o que não as torna grandes montanhas, em comparação a outras montanhas da terra, mas essa altura é significativa no mundo Mediterrâneo. Cf. este versículo com Jer. 22.6, onde encontramos metáfora semelhante. Ver sobre esses locais no *Dicionário*.

46.19

Prepara a tua bagagem para o exílio, ó moradora, filha do Egito. Os babilônios obtiveram avassaladora vitória em Carquêmis e também invadiriam com sucesso o Egito. Muitos egípcios tiveram de fugir para salvar a própria vida. Portanto, aqui Yahweh convida os futuros fugitivos a preparar bagagem para encetar a fuga. Eles sairiam para um exílio auto-imposto a fim de escaparem da espada, ou então um exílio arranjado na Babilônia. Suas cidades principais, como Mênfis, seriam desoladas a ponto de tornar-se quase desabitadas, tal e qual acontecera em Judá. Cf. este versículo com Eze. 29.9-16.

Filha do Egito. A *virgem* egípcia seria humilhada e dominada, conforme vemos no vs. 11, onde comento sobre essa figura simbólica. Ela, tão orgulhosa em seu luxo e lazer, de súbito cairia vítima de um estuprador.

46.20

Novilha mui formosa é o Egito; mas mutuca do Norte já lhe vem. O Egito era uma novilha formosa, mas a mutuca vinda do norte tornaria sua vida uma miséria. Chamar aqui o Egito de "novilha" é algo que nos faz lembrar da idolatria egípcia, com sua adoração ao boi. O boi cevado merecia ser ferrado por uma mutuca. Essa ferroada indicava a *destruição* do Egito, conforme dizem algumas traduções.

> *O Egito é como uma bela novilha, mas uma mutuca virá do norte e o atacará.*
>
> (NCV)

O Egito tinha ferrado muitas nações com seu poder e brutalidade. Mas agora não seria poupado da dor, pois tinha chegado seu tempo de sofrer. Cf. o vs. 15, onde, conforme a tradução da Septuaginta, vemos o boi Apis fugindo. A terrível mutuca viria do *norte*, termo geográfico comumente usado por Jeremias para indicar a Babilônia, que ficava a nordeste do território de Judá. Ver Jer. 1.13-15; 3.18; 4.6; 6.1; 10.22; 13.20; 31.8 e 47.2 como exemplos.

46.21

Até os seus soldados mercenários no meio dele, bezerros cevados, viraram as costas e fugiram juntos. Os aliados do Egito e os soldados mercenários também eram como bezerros engordados e impotentes, esperando receber a ferroada da mutuca vinda do norte. Esses bezerros voltariam as costas ao inimigo, postos em fuga e sacrificados no campo de batalha a Yahweh. Ver o vs. 10. A calamidade, dessa maneira, abateu-se sobre a aliança completa com o Egito. Eles tropeçariam (vss. 6 e 12) e seriam traspassados com uma espada sem misericórdia. A *visitação* de Yahweh, Seu julgamento determinado, efetuaria o final do poder egípcio. Cf. este versículo com o vs. 16.

Metáforas Empregadas Nesta Passagem:

1. O Egito era uma bela novilha, atacada pela mutuca brutal, os babilônios (vs. 20).
2. Os aliados do Egito e os mercenários por ele contratados sofreriam a mesma sorte que bezerros engordados que tivessem sido preparados para a matança. A metáfora, neste caso, provavelmente aponta somente para a matança e para o sacrifício, em consonância com o vs. 10, ao passo que a mutuca pertence à primeira ilustração (vs. 20).
3. Além disso, o Egito era apenas como uma serpente silvadora, que precisou fugir. Não lhe restava poder, somente o silvar (vs. 22).
4. O exército invasor era muito numeroso, como um bando de madeireiros que tivessem de aniquilar uma floresta para obter lucro. Está em pauta o saque.
5. De modo paralelo a essa metáfora, temos outra: o grande exército babilônico agiria como um enxame de gafanhotos que devoraria todas as coisas verdes e

deixaria apenas total desolação. Coisa alguma podia resistir a uma praga de gafanhotos orientais.

46.22a

Faz o Egito um ruído como o da serpente que foge. A *terceira metáfora* empregada para ilustrar o infortúnio do Egito é a da serpente que foge de seu atacante e, enquanto foge, vai silvando. O Egito fora reduzido ao mero silvo de uma serpente. Cf. Isa. 29.4. A metáfora completa provavelmente gira em torno de uma pobre serpente apanhada em meio aos lenhadores que estavam ali para destruir uma floresta (vs. 23). Amedrontada, ela começou a silvar, como se isso tivesse algum efeito sobre homens que brandiam machados. O rugir de um leão se reduziu ao humilde silvo de uma serpente em fuga. O Egito tinha sido um dragão que assustava outras nações, como uma perigosa serpente (ver Isa. 27.1; 51.9; Sal. 74.13). Tudo isso, porém, agora pertencia ao passado. O poder do Egito tinha passado. A coragem se transformara em medo.

46.22b-46.23a

Os seus inimigos vêm contra ele, com machados, quais derrubadores de árvores. A quarta metáfora pinta o exército babilônico invasor como uma tropa de lenhadores incansáveis que estavam dispostos a derrubar a floresta do Egito. As árvores representam suas muitas vítimas. Diz-se que o Egito tinha cerca de 1.220 cidades naquela época e uma população muito grande, de acordo com os padrões antigos. Os egípcios eram como uma floresta impenetrável. Mas os invasores babilônicos não teriam dificuldade em deixar tal floresta muito rala. Aquilo que não podia ser sondado por causa de um grande número em breve seria reduzido a um pequeno número, fácil de calcular. Alguns exércitos antigos usavam machados como instrumentos de guerra, e esse fato pode ter sugerido a metáfora dos lenhadores babilônicos. Uma árvore não consegue resistir às machadadas de um lenhador, e nem podiam os egípcios defender-se com eficácia dos soldados babilônios, que atuavam como lenhadores. Cf. este versículo com Isa. 10.33, onde Yahweh é pintado como lenhador.

46.23b

Porque se multiplicaram mais do que os gafanhotos; são inumeráveis. Esta parte do vs. 23 apresenta a *quinta metáfora:* o exército babilônico era invencível, em parte por causa de seu *vasto número,* comparável a um *enxame de gafanhotos.* Quanto ao poder de devastação dos gafanhotos, ver no *Dicionário* o artigo denominado *Praga de Gafanhotos,* que oferece algumas estatísticas e informações surpreendentes sobre o assunto. Assim como um enxame de gafanhotos devasta todas as coisas verdes de uma região, a praga que vinha do Norte devastaria o Egito inteiro, deixando-o estéril, desolado, virtualmente desabitado. Cf. este versículo com Jui. 6.5. Essas coisas aconteceriam pela administração da retribuição divina, promovida por Yahweh. Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* O Egito praticara muitos crimes nacionais e internacionais e agora tinha de pagar por todos eles.

46.24

A filha do Egito está envergonhada; foi entregue na mão do povo do Norte. Ver as notas expositivas sobre os vss. 11 e 19 quanto a essa frase e suas implicações. A orgulhosa virgem estava prestes a ser violada. Ela, que nunca tivera nenhum senhor nem estivera sob o jugo de ninguém, agora estava reduzida à vergonhosa servidão. Aquilo que o Egito tinha feito contra outros seria feito contra ele. Os brutos vindos do norte maltratariam a donzela egípcia. Quanto ao adversário vindo do norte, ver as notas sobre o vs. 20. Ela seria reduzida, do estado de uma jovem abastada, que vivia no lazer, para o estado de uma escrava. Seria desgraçada, maltratada e transformada em animal de carga. Aquilo que ela tinha feito contra outros, nisso mesmo ela se tornaria.

46.25

Eis que eu castigarei a Amom de Nô, a Faraó, ao Egito, aos deuses e aos seus reis. O título divino inteiro, que traduzia poder, é novamente empregado para introduzir uma solene declaração: *Yahweh-Sabaote-Elohim* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos, Todo-poderoso). Essa expressão é de uso freqüente no livro de Jeremias. Ver Jer. 44.25 quanto a uma ilustração. A solene declaração introduzida dessa maneira aqui reflete a determinação de Yahweh em dar ao Egito punição condizente com os pecados da nação.

Amom de Nô. A King James Version diz aqui "a multidão de Nô". Amom era a principal divindade de *Tebas,* cidade também conhecida por "Nô". Tebas ficava no Alto Egito (a parte sul do país). O julgamento que havia começado no norte se estenderia para o sul. Seria um julgamento completo e universal. Todos os deuses e todos os povos atingidos seriam apequenados. "No hebraico, *Amon minno,* ou seja, *Amom de Nô,* chamada pelos gregos de *Dióspolis,* cidade de Júpiter. Essa era a famosa cidade de Tebas, célebre nos tempos antigos por causa de seus cem portões. *Amom* era o nome pelo qual os egípcios chamavam a Júpiter, e contava com um templo famoso naquele lugar" (Adam Clarke, *in loc.*). *Amom* também pode ser entendido como "multidão", conforme dizem algumas traduções, mas a referência à divindade provavelmente é o que devemos compreender aqui. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Tebas,* para maiores detalhes. A idolatria é novamente salientada como o objeto necessário da ira divina.

Os vss. 25-26 foram compostos em forma prosaica, fazendo contraste com a poesia do restante do oráculo. Por isso é provável que esses dois versículos sejam uma adição editorial que explica o sentido geral do poema.

46.26

Entregá-los-ei nas mãos dos que lhes procuram a morte. Yahweh, que controla os eventos internacionais, entregaria o Egito nas mãos dos babilônios, os quais aplicariam a devida retribuição pelos variegados pecados egípcios. Cf. isso com Eze. 29.13-14,17-20. O Egito, entretanto, passado algum tempo, voltaria a existir como nação e seria, uma vez mais, habitado. O Egito não chegaria a um fim permanente, conforme aconteceu às dez tribos de Israel, à Assíria e a outras nações antigas, que simplesmente deixaram de existir. O Egito aparece associado à ainda futura restauração de Israel (ver Jer. 46.27-28). Alguns estudiosos supõem que esta profecia olha para a era futura do Reino de Deus, durante a qual o Egito, como nação, participará. O jugo babilônico foi lançado fora, e houve restauração do Egito no passado, mas o texto parece salientar algo além disso. Cf. Jer. 48.47 e 49.39.

A Salvação de Israel (46.27-28)

46.27-28

Não temas, pois, tu, servo meu, Jacó, diz o Senhor, porque estou contigo. Os vss. 27-28 repetem Jer. 30.10-11 de modo quase preciso, e é ali que aparecem as notas expositivas. Provavelmente, o capítulo 30 era onde estava originalmente a declaração, ao passo que o presente uso é um empréstimo extraído dali. Também é provável que a mensagem do vs. 26, no sentido de que o Egito, embora fosse castigado, seria novamente habitado e recuperaria parte da glória anterior, tenha inspirado Jeremias ou um editor posterior a incluir a declaração sobre a restauração de Israel, a despeito do retrocesso temporário trazido pelo julgamento divino. O retorno dos judeus da Babilônia está primariamente em foco, mas talvez haja um lance de olhos ao longo dos corredores do tempo, até a era do Reino, quando Israel obterá maior glória, que se cumprirá naquele tempo.

Capítulo Quarenta e Sete

Oráculo contra os Filisteus (47.1-7)

Compare os outros oráculos contra os filisteus, em Amós 1.6-8; Isa. 14.28-31; Eze. 25.15-17; Sof. 2.4-7. O presente oráculo não depende dos outros e pode ser julgado corretamente como um oráculo autêntico de Jeremias, dado por inspiração divina. Pouco se sabe sobre a história dos filisteus, nos séculos VII e VI A. C., pelo que o próprio oráculo preenche um pouco o espaço em branco. "A Filístia ocupava a planície costeira de Judá e tinha sido um espinho na ilharga de Israel desde os tempos da conquista (ver Jui. 3.1-4). Sempre que os filisteus se fortaleciam, tentavam expandir-se da planície costeira para a região montanhosa de Judá. Essas tentativas foram obstadas por Sangar (ver Jui. 3.31), Sansão (Jui. 13-16), Samuel (I Sam. 7.2-17), Saul (I Sam. 13.1-14.23; 28.1-4; 29.1-2; 31.1-10) e finalmente Davi (II Sam. 5.17-25), que por fim foi capaz de subjugá-los (II Sam. 8.1), e eles permaneceram um povo vassalo de Israel durante todo o tempo do reinado de Salomão... mas a Filístia reobteve o domínio próprio durante os reinados de Jeorão (II Crô. 21.16-17) e Acaz (II Crô. 28.16-18)" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

47.1

Palavra do Senhor que veio a Jeremias, o profeta, a respeito dos filisteus. Este oráculo foi dado por inspiração de Yahweh e entregue por Jeremias, que estava sujeito à constante movimentação do Espírito. Foi dado antes que o Faraó ferisse a cidade de Gaza. Heródoto relata que, depois da batalha de Megido (ver II Crô. 35.20), o Faraó-Neco invadiu Kaditis, que usualmente é identificada com *Gaza* (ver a respeito no *Dicionário*). Encontramos essa informação na sua *História* II.159. É provável que a circunstância referida por Heródoto tenha sido o motivo histórico do oráculo. Este versículo falta na Septuaginta e pode ter sido a anotação

editorial de algum escriba posterior que não fazia parte do oráculo original. A data exata do oráculo está cercada de incertezas, mas ele deve ter sido entregue perto de 609 A. C., quando o Faraó-Neco marchou na direção norte, atravessando a Palestina, para sair ao encontro dos babilônios (II Reis 23.29-30); ou então, perto de 601 A. C., quando esse faraó derrotou o exército babilônico, em uma batalha que só é descrita em uma crônica babilônica. E visto que este versículo se refere a uma destruição ainda futura, a data de 609 A. C. provavelmente é a correta. Asquelom, seja como for, foi destruída por Nabucodonosor em fins de 604 A. C. Cf. os vss. 5 e 7; 36.9.

Os filisteus estavam relacionados aos habitantes indo-europeus de Creta (também chamada Caftor). Ver Amós 9.7; II Sam. 8.18. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Filisteus, Filístia,* para detalhes. Cf. Eze. 25.15, que pode ser um oráculo contemporâneo e paralelo. "O Faraó-Neco provavelmente feriu Gaza em sua volta, depois de ter derrotado Josias em Megido (II Crô. 35.20). Alguns estudiosos, entretanto, pensam que está em pauta o Faraó-Hofra (ver Jer. 47.5,7). Nesse caso, no retorno de sua tentativa infrutífera de salvar Jerusalém dos caldeus, ele feriu Gaza, a fim de que a sua expedição não fosse tida como totalmente inútil" (Fausset, *in loc.*).

47.2

Eis que do Norte se levantam as águas e se tornam em torrentes transbordantes. "Este oráculo pode estar associado ao saque de Ascalom, por parte de Nabucodonosor (vss. 5-6; 36.9). As cidades fenícias de Tiro e Sidom talvez fossem aliadas dos filisteus (Jer. 27.3)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1). As águas inundantes vindas do Norte naturalmente são uma representação dos babilônios, cujo brutal e incansável exército invadiu aquela parte do mundo. Os gritos de desespero de muitos povos foram ouvidos ecoando através daquela parte do mundo. Era o momento da Babilônia, e não somente Judá, mas todas as nações circundantes sofreram. Quanto ao inimigo que descia do *norte,* declaração com freqüência repetida no livro de Jeremias, ver as notas expositivas sobre Jer. 46.20. Cf. Jer. 46.7-8, onde o Egito é pintado como águas inundantes, em suas campanhas militares. O sucesso de Nabucodonosor em Gaza foi apenas um prelúdio dos ataques contra a Filístia. O rio Nilo, do Egito, sugeriu essa figura dos avanços militares dos egípcios, ao passo que o rio Eufrates, da Babilônia, sugeriu o símbolo dos exércitos invasores da Babilônia, que inundaram as nações circundantes. Cf. este versículo com Isa. 8.7. Ambos os rios tinham suas estações de seca e cheia. Nesta última, os rios inundavam as áreas circundantes. E tanto o Egito quanto a Babilônia tiveram tempos históricos de expansão, nos quais fizeram muitas vítimas entre as nações.

47.3

Ao ruído estrepitoso das unhas dos seus fortes cavalos. O ataque do exército babilônico estava em processo. Havia os ruídos temíveis da guerra, como os cavalos que avançavam, os barulhentos carros de combate, as rodas retumbantes. Homens gritavam e morriam por todos os lados, mas os pais não tinham força para ajudar os filhos chegarem à segurança. Estavam por demais fracos para dar-lhes auxílio. Portanto, pais e filhos morriam juntos e não recebiam ajuda de parte alguma. O pânico havia gerado o egoísmo, e cada homem tentava salvar a si mesmo. Até mesmo filhos jovens eram deixados para perecer na matança, e nenhum pai saía em socorro deles. No dizer de Ellicott, *in loc.*: "Até pais se contentavam em salvar a si mesmos, esquecidos da vida de seus filhos". É que o instinto de autopreservação anulava os afetos naturais. Diz o Targum: "Os pais não olhavam para trás para terem misericórdia de seus filhos".

47.4

Por causa do dia que vem para destruir a todos os filisteus. O ataque dos babilônios seria extenso, ultrapassando as fronteiras da Filístia, pois chegaria a Tiro e Sidom, que não eram cidades filistéias. Os filisteus eram originários da ilha de Caftor (isto é, Creta). A Filístia e a Fenícia seriam objetos da mesma campanha militar dos babilônios e cairiam juntas. Cf. Amós 9.7 e Deu. 2.23 quanto a Caftor (ilha de Creta). Sal. 83.7 deixa implícito que esses dois países por muitas vezes estiveram coligados, porquanto ocupavam a mesma faixa marítima da Palestina. Portanto, aqui os vemos sofrer a mesma sorte terrível. Amós 9.7 salienta que da ilha de Creta houve migração de povos que mais tarde se tornaram conhecidos como filisteus. Outras identificações têm sido dadas para Caftor, como a ilha de Chipre, a Cária e a Capadócia, e até mesmo o delta do Nilo, mas nenhum desses lugares está em vista. Ver no *Dicionário* o verbete *Caftor, Caftorim,* para maiores detalhes.

47.5

Sobrevelo calvície a Gaza, Ascalom está reduzida a silêncio. Gaza aparece aqui como calva, ou seja, "desolada", virtualmente desabitada. A *calvície* feita a propósito, mediante a rapagem dos cabelos, era um dos sinais padronizados de lamentação (ver Jer. 48.37; Isa. 15.2-3). Mas também falava sobre desolações (ver Isa. 7.20). Ascalom estava "reduzida a silêncio", ou seja, seria aniquilada, morta, ou "pereceu" (Revised Standard Version).

Com o resto do seu vale. Quanto a uma explicação sobre isso, ver Jos. 11.21-22. A Revised Standard Version diz "o remanescente dos anaquins". "A longa faixa de planície baixa, ocupada pelos filisteus ao longo das margens do mar Mediterrâneo, a oeste da região montanhosa da Judéia. A Septuaginta diz *anaquins,* cujos remanescentes se tinham estabelecido naquelas regiões (ver Núm. 13.28). Mas Josué os desalojou dali, pelo que nenhum deles foi deixado em Gaza, Gate e Asdode (ver Jos. 11.21-22)" (Fausset, *in loc.*). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Anaque (Anaquim).* Eles eram uma das raças de gigantes da antiguidade. Os anaquins seriam mortos e saqueados, e os sobreviventes se mutilariam com golpes múltiplos, lamentando-se. O grande sofrimento é indicado pelo fato de que eles se automutilaram porque suas condições somente pioraram, sem alívio algum.

47.6

Ah! Espada do Senhor, até quando deixarás de repousar? Toda a matança efetuada pelo exército babilônico é agora atribuída à "espada do Senhor", visto que fazia parte da teologia comum dos hebreus que tais coisas eram causadas por Yahweh, o qual puniria os homens por causa de seus pecados e de sua idolatria. A providência divina, em seus aspectos negativos e positivos, recebia o crédito pelo que acontecia entre os homens. Algumas vezes, essa doutrina atingia o absurdo extremo de fazer de Deus a Causa Única, esquecendo que existem causas secundárias para a perversão humana.

O profeta Jeremias esperava que Yahweh pusesse Sua espada de volta na bainha, a fim de que tanto sofrimento cessasse e a paz descesse sobre a terra. Contudo, não haveria misericórdia divina enquanto não se completasse o propósito de tanta matança. Cf. este versículo com Deu. 32.41; Eze. 21.3-5,9-10. A espada tinha um trabalho a ser feito que cumpriria a vontade de Yahweh, e não haveria descanso enquanto essa tarefa temível não fosse terminada. Por isso Nabucodonosor foi chamado de "servo" de Yahweh. Ver Jer. 25.9; 27.6 e 43.10.

47.7

Como podes estar quieta, se o Senhor te deu ordem? A espada teria de continuar com sua obra terrível, porquanto Yahweh é quem lhe ordenara entrar em ação. O Senhor tinha *nomeado* a espada para efetuar matanças nos lugares mencionados no contexto, que são agora apresentados como *Ascalom* e as *bordas do mar.* A doutrina teísta dos hebreus contemplava o Criador como Aquele que também intervém na história humana, determinando as atividades dos homens de acordo com Sua vontade, que requer justiça. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo,* que contrasta com o *Deísmo.* Este último ensina que a força criativa abandonou sua criação nas mãos das leis naturais. Isso significa que não há intervenções divinas diretas, nem em favor do bem nem em favor do mal. Ocasionalmente, nas Sagradas Escrituras, encontramos um versículo que fala na *indiferença* de Deus, o que reflete um pensamento deísta. Ver, por exemplo, Sal. 10.1; 28.1; 59.4; 82.1; 143.7. Mas não é esse o ensino usual da Bíblia, seja no Antigo seja no Novo Testamentos. Cf. este versículo com Miq. 6.9.

Capítulo Quarenta e Oito

Oráculo contra Moabe (48.1-47)

Este oráculo parece ter sido formado através da junção de vários oráculos. Assim sendo, parece que uma pequena coletânea de contra Moabe foi entretecida para formar um único oráculo. Este oráculo parece ser maior do que os oráculos dirigidos contra outras nações. São mencionados muitos nomes locais que podem ter sido distribuídos em certo número de oráculos menores. Também foram feitos longos empréstimos, especialmente do livro de Isaías. Adições editoriais são evidentes.

Dois incidentes da vida de Jeremias podem ter dado origem aos oráculos contra Moabe. Conforme II Reis 24.2, quando Jeoaquim se rebelou contra Nabucodonosor (provavelmente por volta de 602 A. C.), Yahweh enviou bandos de caldeus contra Judá, aliados dos sírios, moabitas e amonitas. Isto posto, parece que os moabitas, pelo menos durante algum tempo, foram aliados dos babilônios, formando uma aliança que causou grande confusão em Judá. Outro incidente desses é dado em Jer. 27.1-11. Ali somos informados que Moabe se rebelou contra a Babilônia. Jeremias, pois, avisou-os sobre os efeitos destruidores finais de tal rebelião, exortando-os a esquecer essa sua rebeldia. As dificuldades despertadas por tais movimentos deixavam os babilônios irritados, e Judá sofria mais do que outros povos. Portanto, indiretamente, Moabe pode ter sido uma das causas das campanhas militares iniciadas contra Judá pelos babilônios.

Extensos empréstimos feitos de Isa. 15 e 16 provavelmente indicam o trabalho de um editor, visto não ser provável que Jeremias precisasse engajar-se em tal atividade para produzir seus oráculos. Identifico esses empréstimos à medida que eles aparecem.

"A nação de Moabe situava-se a leste do mar Morto. Ficava separada do território de Edom, ao sul, pelo rio Zered, e ao norte, do território de Amom, pelo rio Arnom. Jeremias, pois, listou muitas das cidades dos moabitas que Deus haveria de destruir. Grande parte do simbolismo empregado por Jeremias foi tomado por empréstimo de Isa. 16.6-12" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Moabe, Moabitas.*

48.1

A respeito de Moabe. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel. Como em outros oráculos, as principais cidades do país que estavam sendo denunciadas representavam aquele país. Por igual modo encontramos aqui as cidades de Nebo, Quiriataim e Misgabe, todas as quais recebem artigos no *Dicionário.* Jeremias variou suas palavras, que indicam destruição: Nebo foi *destruída;* Quiriataim foi *tomada;* e Misgabe foi *envergonhada* e estava *abatida.*

Nebo, aqui mencionada, não é o monte com esse nome e, sim, uma cidade antes habitada pela tribo de Rúben (ver Núm. 32.37-38). Moabe posteriormente a capturou, e ela se tornou um lugar de habitação dos moabitas. Quiriataim também tinha pertencido a Rúben (ver Jos. 13.19). *Misgabe* é nome que significa *fortaleza.* Sem dúvida era uma cidade fortificada, mas sua localização exata é desconhecida. A capacidade de destruição do exército babilônico garantiu que Moabe fosse deixada em ruínas e essencialmente desabitada. Os vss. 1-10 parecem indicar a ordem dos ataques desfechados pelos exércitos babilônicos no território.

48.2

A glória de Moabe já não é; em Hesbom tramaram contra ela. A fama de Moabe foi anulada pelos ataques babilônios. Tendo saído dos lugares mencionados no vs. 1, o exército babilônico chegou a *Hesbom* (ver a respeito no *Dicionário*). Em seguida, a destruição chegou a Madmém. O clamor dos soldados, "Vinde, e eliminemo-la!", ecoou por toda a terra. A espada perseguia as vítimas e lhes cortava a vida. Diz o Targum: "Depois de teres saído com aqueles que matam à espada". A *espada* simbolizava a guerra, com todas as suas máquinas. Cf. este versículo com Isa. 16.14: "Será envilecida a glória de Moabe". Hesbom era a principal cidade dos moabitas, e o fato de ela ter sido ferida e saqueada abateu o espírito dos moabitas. Temos aqui um jogo de palavras. O significado da palavra *Hesbom* é *planejar* ou *aconselhar.* O lugar onde os planos eram traçados fez parte dos *planos* do inimigo. O original hebraico troca a palavra *Hesbom* por *Hashbu.* Outro jogo de palavras ocorreu com a palavra *Madmém,* que significa *silente.* Esse lugar foi *silenciado. Madmém* tem som semelhante ao termo hebraico *damam,* "mudo".

48.3

Há gritos de Horonaim: Ruína e grande destruição! A vítima seguinte seria Horonaim, onde a matança provocaria entre as vítimas gritos de meter dó. Nada haveria senão desolação após a destruição estar terminada. Essa cidade situava-se em uma elevação entre Areópolis e Zoar. O exército babilônico não poupou coisa alguma em seus ataques. O significado de Horonaim é *cavernas duplas,* falando das cavernas comuns nas colinas onde a cidade se situava. Ver no *Dicionário* o termo *Horonaim,* quanto a detalhes. Esse lugar também é mencionado em Isa. 15.5. Sua localização exata continua sendo um mistério, apesar de todo o trabalho desenvolvido pelos arqueólogos.

48.4

Destruída está Moabe; seus filhinhos fizeram ouvir gritos. O profeta parou de escutar os gritos emanados das cidades que estavam sendo destruídas, a fim de fornecer-nos uma nota geral: Moabe estava *destruída.* Seus *filhinhos,* que tinham sobrevivido, foram deixados a chorar. Havia pânico e dor, e o sangue fluía livremente nas ruas e casas. Diz aqui a versão da Septuaginta: "Um grito é ouvido tão longe quanto Zoar", em vez de "seus filhinhos", pois alguns adotaram o texto do hebraico original. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Zoar.* O choro das crianças aumenta mais ainda a comoção provocada pela cena. Mulheres e crianças eram sempre vítimas impotentes na guerra. O adjetivo hebraico, aqui traduzido por *filhinhos,* é a mesma coisa que o nome local *Zoar,* o que explica a confusão. Cf. Isa. 15.5. Alguns intérpretes pensam aqui que os *filhinhos* eram as *vilas,* em contraste com as cidades maiores. O Targum interpreta *filhinhos* como menção aos humildes governadores de Moabe; mas isso parece ser uma idéia sem base.

48.5

Pela subida de Luíte eles seguem com choro contínuo. *Luíte* foi outra vítima impotente. Ficava localizada em um lugar alto, não longe de Horonaim, mencionada em união com ela. Aqui temos uma reverberação de Isa. 15.5. Pessoas choravam e lamentavam-se na subida para Luíte, ao mesmo tempo que choram na decida de Horonaim. Um choro de desespero enchia o ar da área. As lamentações dos sobreviventes eram tudo quanto restava naqueles lugares. Onde antes havia uma vida feliz, agora só havia soluços.

> *O povo de Moabe sobe pela vereda para Luíte.*
> *Choram em voz alta enquanto avançam.*
> *Na estrada que desce para a aldeia de Horonaim,*
> *podem ser ouvidos choros de dor e de sofrimentos.*
>
> (NCV)

48.6

Fugi, salvai a vossa vida, ainda que venhais a ser como o arbusto... Em meio aos soluços, podia ser ouvido o grito que dizia: "Fugi, salvai as vossas vidas". O choro e o clamor diziam aos moabitas que eles fugissem a toda velocidade pelo deserto. O sentido da palavra hebraica envolvida está em dúvida. Diz aqui a NCV: "Um arbusto soprado pelo deserto". As pessoas deveriam imitar esse tipo de fuga veloz, soprada pelo vento, e abandonar a área. A Septuaginta prefere traduzir aqui por "jumento selvagem". O hebraico original diz *Aroer,* nome de uma cidade moabita que não está em pauta aqui, mas pode ter provido o simbolismo do versículo, pois o "arbusto" ou o "jumento" são palavras de som similar. Temos aí um fenômeno gramatical chamado de *paronomasia,* jogo de palavras de sons similares, embora de sentidos diferentes.

48.7-8

Pois, por causa da tua confiança nas tuas obras e nos teus tesouros, também tu serás tomada. Seriam saqueadas aquelas cidades, todo o vale, todos os montes, todo o interior do país, de alto a baixo e de um lado a outro. O povo seria morto, e tudo seria incendiado (vs. 8). O exército babilônico agiria conforme lhe era costumeiro. Era a "espada do Senhor" operando através de Nabucodonosor (ver Jer. 47.6; 48.2,10). O deus moabita, Camos (ver a respeito no *Dicionário*), que supostamente deveria proteger os moabitas, seria desmascarado e mostraria ser exatamente o que era: *nada* (vs. 7). As fortalezas seriam derrubadas com extrema facilidade; os tesouros do país seriam saqueados; os templos seriam nivelados; e Camos, o deus tutelar de Moabe (ver Núm. 21.29; Juí. 11.24; II Reis 23.13), seria levado para o cativeiro, como insulto final. Os sacerdotes seriam levados juntamente com as autoridades civis, os príncipes. Esses dois versículos nos dão um esboço do que aconteceria a Moabe, e vemos que os itens mencionados representam o país inteiro e tudo quanto havia de valor ali. Moabe estava dependendo de realizações antigas e feitos de bravura. Nada disso, entretanto, teria poder diante dos babilônios. Cf. Amós 1.15. As cidades da planície que cairiam foram enumeradas nos vss. 21-24. Essas cidades estavam na Arabá, o vale profundo do rio Jordão. Ver Núm. 22.1; Deu. 3.10; 4.43. O nome *Camos* aparece em várias ocasiões na pedra moabita.

48.9

Dai asas a Moabe, porque voando sairia; as suas cidades se tornarão em ruínas. Se Moabe fosse um pássaro que pudesse voar, desertando daquela área, teria oportunidade de escapar da maldição babilônica. Alguns poucos fugiriam e outros iriam para o exílio, mas a grande maioria pereceria miseravelmente. Cf. o simbolismo das asas com Sal. 55.6. Este versículo ensina que a resistência era inútil e que escapar era impossível. O Targum diz aqui: "Tirei a coroa de Moabe, pois ela está indo para o cativeiro". Quanto à metáfora sobre a ave, a Vulgata Latina diz: "Dai a Moabe uma flor", pois a palavra hebraica tem sentido duvidoso. Decoramos os túmulos dos mortos com flores, porque eles podem significar a morte e o fim de alguma coisa, e provavelmente é isso o que os tradutores da Vulgata Latina tinham em mente.

48.10

Maldito aquele que fizer a obra do Senhor relaxadamente. Se Nabucodonosor não brandisse a espada do Senhor com vigor, varrendo do mapa a nação de Moabe e tirando vingança por causa de todos os seus pecados e idolatria, então esse imperador caldeu seria culpado de negligência. Se ele não usasse a espada sem misericórdia e sem dó, causando muito derramamento de sangue, então ele não cumpriria sua missão como *servo* de Yahweh (ver Jer. 25.9; 43.10). Este sangrento versículo choca nossa sensibilidade cristã, mas tem uma boa aplicação: denuncia um serviço prestado a Deus com meio coração. Ele

nos adverte sobre sermos lassos no serviço espiritual. Cf. os atos de Saul no caso de Amaleque (ver I Sam. 15.3,9), bem como os atos de Acabe no tocante à Síria (ver I Reis 20.42). A condenação dos que operam com meia energia se manifesta como maldição divina.

A Complacência de Moabe Seria Despedaçada (48.11-17)

48.11

Despreocupado esteve Moabe desde a sua mocidade, e tem repousado nas fezes do seu vinho. Os ímpios vivem preguiçosamente, mas estão destinados a receber uma grande surpresa. Moabe havia entesourado muitas riquezas e grande influência, e "voava alto", conforme se diz em uma expressão idiomática moderna. O símbolo do *vinho* ilustra a vida fácil de Moabe. O vinho era posto em odres, em cujo fundo os sedimentos se acumulavam. Depois de cerca de 40 dias, o vinho era então vertido para outro odre, e os sedimentos ficavam no primeiro. Se os sedimentos permanecessem junto com o vinho, o vinho ficava doce demais para o paladar. Para a maioria dos bebedores, o vinho se *estragava* se não fosse separado dos sedimentos. Por isso, lemos que a preguiçosa e abastada Moabe nunca se tinha dado ao trabalho de separar-se de seus sedimentos (fezes) e se tornara moral e espiritualmente estragada. Os sedimentos, pois, representavam os pecados e fracassos de um povo corrupto. O vinho que não fosse separado de seus sedimentos eventualmente ficava *amargo* e, assim, perdia o sabor.

Alguns intérpretes explicam este versículo de maneira diferente. Para eles o simbolismo representa um *bom vinho,* que era *gostoso* porque tinha sido deixado longo tempo com os seus sedimentos. Porém, esse gosto e excelência em breve chegariam ao fim, por meio da maldição babilônica. A complacência de Moabe estava prestes a chegar ao fim, e sua bondade passaria a outrem, que saquearia suas riquezas. Moabe se tornara complacente porque muito tempo passara sem que nenhum invasor lhe tivesse perturbado a paz. Ela tivera tempo vago para desenvolver suas várias corrupções morais. Esse dia estava quase terminando.

48.12

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que lhes enviarei trasfegadores. O exército babilônico derramaria Moabe, o vinho fino, no chão, e não em outro odre. Em outras palavras, não haveria apenas *mudança* de meio ambiente, mas destruição completa. Os odres seriam completamente destruídos, e isso significaria o fim do vinho. O derramamento do vinho implicaria destruição e, provavelmente, exílio. Era o *modus operandi* do exército babilônico pôr fim a um povo qualquer mediante a matança, o saque e o exílio, e, com freqüência, enviando outros povos para ocupar a terra que ficara desabitada. Em outras palavras, os babilônios eram especialistas no *genocídio.* A Septuaginta fala na destruição dos *chifres,* pois os chifres de vários animais eram usados como se fossem taças. Plínio informa que povos do norte usavam chifres de animais como taças. Um chifre favorito para tanto era o chifre de búfalo, por ser maior e mais comprido do que o chifre de um touro (*História Natural* 1.11.c. 37), o que significa que continha mais vinho.

48.13

Moabe terá vergonha de Camos, como a casa de Israel se envergonhou de Betel, sua confiança. Os deuses pagãos é que recebiam o crédito pelas vitórias ou derrotas na guerra. Moabe, uma vez totalmente destruída, seria concebida como se tivesse ficado desprotegida por seu deus central, Camos. Esse deus seria blasfemado pelos poucos sobreviventes, enquanto outros povos olhariam a cena, rindo-se. Os babilônios realizariam o ato ridículo de levar as imagens do deus Camos para a Babilônia, como se pudessem beneficiar-se de um deus que não fora capaz de beneficiar o próprio povo moabita. Os deuses de Betel decepcionaram o reino do norte, Israel, que os assírios destruíram, levando os sobreviventes para um cativeiro do qual nunca retornaram. Lembremos que Israel se voltou definitivamente para a idolatria, antes de sua queda final. Além disso, havia uma divindade semita ocidental chamada *Betel,* sendo possível que esse deus específico é que esteja aqui em vista. A principal adoração no reino do norte era o bezerro que fora estabelecido por Jeroboão, em Betel, para rivalizar com a adoração de Yahweh em Jerusalém. A empreitada toda teve mau fim, tal como aconteceu a Moabe, a despeito de sua famosa divindade, Camos. Ver I Reis 12.26-30 quanto à idolatria em Israel, o reino do norte. Israel e Moabe descobriram, tarde demais, a futilidade da idolatria, para proteger e beneficiar uma nação.

48.14

Como dizeis: Somos valentes e homens fortes para a guerra? Este versículo nos leva de volta à atitude complacente do vs. 11. No passado, Moabe teve guerreiros valentes e vitórias notáveis sobre os inimigos. O povo moabita continuava relembrando os "bons antigos dias", presumindo que continuariam assim no presente. Esse povo, entretanto, laborava sob grande ilusão. Coisa alguma poderia deter os invasores vindos da direção norte. O profundo orgulho e jactância dos moabitas seriam inúteis em tempos de provação. "Por causa de seu orgulho, vaidade e autoconfiança, eles foram aqui reprovados, visto que a destruição deles já estava próxima" (John Gill, *in loc.*).

48.15

Moabe está destruído, e subiu das suas cidades, e os seus jovens escolhidos desceram à matança. O profeta olhava para o tempo em que a orgulhosa Moabe seria humilhada. Ele via esse país sofrendo *radical despojamento* às mãos de uma potência muito superior. Aqueles jovens escolhidos, os "famosos" soldados, cairiam facilmente diante da espada sem dó dos babilônios; o exército moabita seria executado como um sacrifício oferecido a Yahweh. Ver Jer. 46.10. Tudo isso ocorreria mediante o decreto do Rei divino, Yahweh, também chamado de Senhor dos Exércitos. Era Ele o poder real que fizera da Babilônia o que ela era, pois essa nação se tornara mero instrumento para trazer juízo sobre as nações em derredor. Terminada essa tarefa, os medos e persas poriam fim àquele instrumento, e um novo ciclo da história teria começo, com novos atores no palco, dançando suas danças fúteis e gritando seus slogans inúteis. Diz o Targum: "Os moabitas foram derrotados e suas cidades estão desoladas". Kimchi via a multidão das cidades moabitas varridas para o esquecimento.

48.16

Está prestes a vir a predição de Moabe, e muito se apressa o seu mal. A *calamidade* estava chegando para deslocar a paz; o aniquilamento poria fim à prosperidade material. A *aflição* se apressava para escurecer o dia de Moabe. Moabe foi destruída cerca de apenas cinco anos depois de Jerusalém, o que Josefo confirma ao comentar sobre o texto presente.

48.17

Condoei-vos dele todos os que estais ao seu redor. As *nações circunvizinhas* foram convocadas para lamentar a vítima impotente. Quão brevemente aquele orgulhoso país foi reduzido a nada, tal como um cetro pode ser quebrado em pedaços, por um homem forte, em questão de segundos. O cetro apontava para o governo de Moabe. Por isso diz a tradução inglesa NCV: "O poder do governante está quebrado. Desaparecidos são o poder e a glória de Moabe". O cetro era, ao mesmo tempo, *belo* e *glorioso,* mas em breve foi reduzido a nada pelos invasores babilônicos. As nações estavam conscientes do "grande nome" de Moabe, mas esse nome agora fora guardado nos arquivos da história. A glória tinha desaparecido: o poder tinha findado; a beleza tinha sido apagada. Diz aqui o Targum: "Como foi quebrado o rei que fazia o mal, aquele governante opressor!". Moabe, auto-satisfeita e apreciadora de seu lazer, confiante em uma falsa divindade, enganada por sua própria grandeza e poder, foi uma vítima fácil para a Babilônia, porque a vontade de Yahweh tornara os *babilônios* os atores da hora.

As Cidades de Moabe Sofreriam Catástrofe (48.18-28)

48.18

Desce da tua glória, e assenta-te em terra sedenta, ó moradora, filha de Dibom. Entre as cidades antes orgulhosas e poderosas que tinham de ser niveladas até o chão, estava *Dibom,* sobre a qual dou detalhado artigo no *Dicionário.* Dibom é mencionada entre as cidades de Moabe listadas em Núm. 21.30 e Isa. 15.2. Conforme vemos em Núm. 33.45, a cidade foi reconstruída pelos gaditas. Aparece de modo proeminente na pedra moabita. Na época da conquista da Terra Prometida, passou para a tribo de Rúben, mas posteriormente foi reconquistada pelos moabitas e se tornou uma fortaleza ou lugar fortificado. Contava com água em abundância, sendo provável que ficasse localizada na margem norte do rio Arnom (ver Isa. 15.9). Mas seus recursos, naturais e humanos, não a salvaram, quando chegou a hora de provação.

48.19

Põe-te no caminho, e espia, ó moradora de Aroer. Ver o vs. 6, que se aplica a essa cidade. Em contraste com a cidade poderosa e proeminente, Dibom, *Aroer* era uma cidade bastante remota, situada na fronteira. Ali, por onde passava uma estrada, os habitantes veriam os fugitivos passando, homens e mulheres abandonando Dibom e perguntando o que havia acontecido, qual calamidade tê-los-ia reduzido àquele estado lastimável. Mas mesmo *ali* a maldição babilônica espalharia sua destruição, e os humildes tombariam juntamente com os altivos. E os fugitivos passariam e diriam: "O que nos aconteceu em breve também acontecerá convosco".

48.20

Moabe está envergonhado, porque foi abatido; uivai e gritai. Antes orgulhosa e poderosa, a abastada Moabe fora humilhada, transformada em água e quebrada em pedaços. Os jactanciosos moabitas que tinham sobrevivido à matança agora lamentavam e choravam de dor, ao mesmo tempo que a maioria dos moabitas jazia morta nos campos de batalha e nas cidades. As notícias da matança se espalharam até o rio *Arnom,* a principal corrente de água de Moabe. O nome indica uma "torrente rápida", e ofereço no *Dicionário* um artigo sobre esse rio que acompanha seu curso. Várias cidades foram edificadas ao longo do rio, como no caso de Dibom (vs. 19). Todas as cidades ao longo do curso do rio ouviriam as temíveis notícias sobre a invasão do exército babilônico. Esse rio nasce nas montanhas da Arábia e deságua no mar Morto, o que significa que as notícias viajariam por um longo caminho e seriam recebidas com terror pelas vítimas subseqüentes. É provável que o significado em vista aqui é que devemos pensar na fronteira norte entre Moabe e Amom (vs. 19; Núm. 21.13). As notícias chegariam àquele lugar remoto. O rio formava a fronteira naquele lugar. Quanto a detalhes, ver no *Dicionário* o artigo sobre o rio *Arnom.*

48.21

Também o julgamento veio sobre a terra da campina. O profeta, neste ponto, lista as cidades do *platô* da Transjordânia. Todas elas seriam destruídas. A lista segue uma vereda de norte para sul, provavelmente indicando a direção da marcha do exército babilônico. Algumas das cidades aqui citadas ainda não foram identificadas com nenhum local moderno. As onze cidades mencionadas ilustram a vastidão da destruição que seria infligida. O território inteiro de Moabe foi devastado. Ver sobre os nomes próprios locais, no *Dicionário,* quanto ao que se sabe sobre essas cidades. A destruição que viria foi pintada como *julgamento,* e o Juiz era Yahweh, que controla todos os acontecimentos ocorridos à face da terra, aplicando a Sua vontade moral. O vs. 21 lista três cidades do platô da Transjordânia que seriam vitimadas pelos babilônios bárbaros. Ver sobre elas no *Dicionário.* Das cidades mencionadas nesta passagem, quatro são citadas na pedra moabita: Jaza (vs. 21); Bete-Diblataim (vs. 22); Bete-Meom (vs. 23) e Queriote (vs. 24). Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Pedra Moabita.* A lista fala sobre cidades distantes e próximas, e assim projeta a universalidade da catástrofe vindoura.

48.22

Sobre Dibom, Nebo e Bete-Diblataim. Mais três cidades são mencionadas, neste versículo, como vítimas para breve dos invasores. *Dibom* é vista no vs. 18, e *Nebo* no vs. 1. *Bete-Diblataim* aparece na pedra moabita, conforme indicado no vs. 21 (consultar no *Dicionário* maiores informações). Esse nome quer dizer "casa do duplo bolo de figos", o que pode significar que ficava em uma região um tanto quanto fértil. Núm. 33.46-47 dá o nome de Almon-Diblataim, um dos lugares onde os israelitas pararam quando seguiam para a Terra Prometida.

48.23

Sobre Quiriataim, Bete-Gamul e Bete-Meom. Outras cidades do platô da Transjordânia são mencionadas como vítimas do exército da Babilônia para breves tempos. Encontramos a menção a *Quiriataim,* no vs. 1. *Bete-Gamul* não é mencionada nas listas anteriores, de Núm. 32.34-38 e Jos. 13.16-20. Esse nome significa "casa do camelo". É a única menção a essa cidade nas Escrituras, e seu local moderno é incerto. *Bete-Meom* quer dizer "casa de habitação". Talvez seja a moderna cidade de *Mium.* Ela é mencionada em Jos. 13.17 como Baal-Meom. Ver também I Crô. 5.8 e Eze. 25.8. O termo "Meom" significa "cidadela do céu". Provavelmente era um conhecido santuário dedicado a Baal, mas isso não impediu a destruição que tomou conta dela. Seu nome figura na pedra moabita.

48.24

Sobre Queriote e Bozra, e até sobre todas as cidades da terra de Moabe. Para completar a lista das onze cidades que os babilônios atacaram no platô da Transjordânia, encontramos mais duas cidades neste versículo. A lista inclui cidades *distantes e próximas,* informação que nos informa sobre a universalidade do ataque babilônico contra Moabe. *Queriote* significa *cidades* (no plural). Ver Jos. 15.25 e Amós 3.2. Seu local ainda não foi identificado com certeza, mas poderia ser o lugar também chamado pelo nome de *Ar,* que foi uma antiga capital de Moabe. Talvez a moderna cidade de Saliya assinale o sítio antigo. Essa cidade é mencionada na décima terceira linha da pedra moabita. *Bozra* é citada em Isa. 34.6 e recebe um artigo no *Dicionário.* Pertencia originalmente a Edom (ver Gên. 36.31,33), mas é possível que tenha havido uma Bozra em Edom, e outra em Moabe. Talvez a Bozra de Moabe seja o lugar chamado *Bezer,* em Jos. 21.36.

48.25

Está eliminado o poder de Moabe, e quebrado o seu braço. O chifre (ou seja, o poder) de Moabe foi assim decepado; e seu braço (agente de ação) foi quebrado. Em outras palavras, Moabe caiu em ruína total, tendo ficado praticamente desabitada. Por meio de Seu oráculo, assim determinou Yahweh e assim aconteceu. O julgamento divino foi suspenso por muito tempo, para castigar Moabe por seus muitos pecados e perversões. "O *chifre* de Joabe, tão alto e forte, que era o seu poder e as forças com as quais ele defendia a si mesmo e feria a outros, como um animal dotado de chifre, foi cortado" (John Gill, *in loc.*). O braço que brandira a espada e massacrara a outros, foi quebrado; e assim a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*) foi satisfeita. A lei exigia "pagamento segundo a falta cometida", a filosofia do olho por olho, dente por dente. Ben Meleque interpretou o *braço* como os reis, príncipes e militares que eram agentes do poder de Moabe.

"O *chifre* dos animais naturalmente simbolizava força, e era apenas natural que esse simbolismo se estendesse aos homens e às nações. Cf. este versículo com I Sam. 2.1; Sal. 92.10; Lam. 2.3; Dan. 7.7-8; Luc. 1.69. O símbolo do *braço quebrado,* impotente para agarrar a espada ou o cetro, vem novamente a nosso encontro em Eze. 30.21" (Ellicott, *in loc.*).

48.26

Embriagai-o, porque contra o Senhor se engrandeceu. O homem que se embriaga e depois se espoja em seu vômito, causa náusea em outras pessoas, as quais o ridicularizam com justiça devido ao estado aviltado no qual ele caiu por causa de um vício tolo. Yahweh fez Moabe tornar-se ridícula dessa maneira, porquanto os moabitas se tinham elevado em seu orgulho, embora fossem apenas tolos, servindo às forças das trevas. Moabe recebeu a derrisão de Deus, porquanto era um bêbado espiritual, tão causador de desgosto quanto um bêbado literal. Esse simbolismo provavelmente foi sugerido pelo fato de que Moabe foi forçado a beber do cálice de vinho da ira de Yahweh (ver Jer. 25.15; Isa. 51.17; Jó 21.20; Eze. 23.32; Apo. 14.10.). Cf. também Jer. 13.12 e 25.17. O vs. 27 aplica a Israel a imagem do tratamento conferido a Moabe.

48.27

Pois Israel não te foi também objeto de escárnio? Embora aparentados de longe com os hebreus, os moabitas serviram constantemente de maldição para os filhos de Israel. Para os moabitas, Israel sempre serviu de objeto de ódio e ridículo. Israel foi tratado com desprezo, como um criminoso é tratado quando apanhado. Cf. este versículo com Sof. 2.8 e Eze. 25.6. É provável que esteja em vista especificamente a "alegria" que Moabe extraiu do aniquilamento de Judá e Jerusalém por parte dos babilônios. Agora chegara a vez de Moabe sofrer as mesmas desgraças às mãos do mesmo inimigo brutal. "Sempre que os moabitas falavam das calamidades e aflições de Israel, e de seu cativeiro, eles se riam até estremecer. Os moabitas balançavam a cabeça, e seu corpo inteiro tremia com o prazer perverso de ver o sofrimento dos israelitas" (John Gill, *in loc.*). A Vulgata adiciona aqui a nota de que o *cativeiro* faria parte da punição de Moabe, por atos e atitudes tão insanos. O Targum diz a mesma coisa contra os moabitas, porquanto estes tinham "multiplicado palavras contra Israel". Eles chegaram ao extremo de dizer que os deuses de Israel não eram melhores que os de outros povos. Ver Eze. 25.8.

48.28

Deixai as cidades, e habitai no rochedo, ó moradora de Moabe. O ataque dos babilônios forçaria os poucos que sobrevivessem a fugir para as colinas e ali se esconder entre as rochas, como a pomba faz seu ninho nos lados da entrada de uma garganta. Pois, até mesmo ali os soldados babilônios haveriam de caçá-los, matando-os em suas tocas. "Os moabitas foram forçados a deixar suas cidades para se refugiar nas cavernas, que eram abundantes nas colinas da Palestina. Seriam fugitivos em agonia e ficariam desolados, com grande temor de perder a vida. Sofreriam o tipo de coisas que Judá sofreu poucos anos antes. E assim aprenderiam a não blasfemar. Eles perderiam o abrigo e a segurança de suas cidades e lares, e seriam obrigados a vaguear como animais selvagens, buscando lugares onde se esconder, onde animais ferozes e aves faziam suas covas e seus ninhos. Cf. Sal. 55.6-8 e Cantares 2.14.

A Soberba de Moabe Deve Cessar (48.29-39)

48.29

Ouvimos falar da soberba de Moabe, que de fato é extremamente soberbo. A seção maior deste capítulo, os vss. 29-46, tem muitos empréstimos, sobretudo de Isa. 15-16. Por isso, muitos críticos supõem que a passagem seja secundária, fruto de algum editor. O raciocínio é que o profeta Jeremias não poderia ser

tão dependente de outro autor sagrado, ao passo que um compilador não hesitaria em incorporar tantos empréstimos. O gráfico seguinte demonstra a questão:

Jer. 48	*Fontes de Material*
Vs. 30	Isa. 16.6
Vss. 31-33	Isa. 16.7-10
Vs. 34	Isa. 15.4-6
Vs. 35	Isa. 16.12
Vs. 36	Isa. 16.11; 15.7
Vss. 37-38	Isa. 15.2-3
Vss. 43-44	Isa. 24.17-18
Vss. 45-46	Núm. 21.28-29; 24.17

Os vss. 40-41 são paralelos de Jer. 49.22.

O orgulho extremado e a arrogância de Moabe eram o principal vício e o fracasso moral dos moabitas. Note o leitor o *acúmulo de termos* a fim de expressar isso: soberba; arrogância; orgulho; sobranceria e altivez. O orgulho foi o grande pecado do diabo, que finalmente o tornou vil. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Orgulho*. O orgulho é, pois, o substituto barato da humildade, que é uma virtude. Mas toda aquela arrogância não teve poder de salvar os moabitas, na hora de provação. Este versículo reproduz, essencialmente, Isa. 16.6. O acúmulo de termos demonstra a extremada depravação dos moabitas, e como esse pecado era abominado pela mente divina. O orgulho dos moabitas era tão grande que todas as nações em derredor tinham ouvido falar a respeito. Era uma característica nacional daquele povo. Naturalmente, o principal Ser a ouvir sobre esse orgulho foi Yahweh, e a Ele cabia humilhar os arrogantes moabitas. Este versículo é um "acúmulo de palavras para expressar a mesma coisa, sugerindo que as instâncias da altivez eram muitas e excessivamente grandes" (John Gill, *in loc.*). Ver orgulho e humildade contrastados nas notas sobre Pro. 11.2 e 13.10.

48.30

Conheço, diz o Senhor, a sua insolência, mas isso nada é. A *orgulhosa Moabe* nada produzia com sua *falsa jactância* e seus *falsos feitos*, o que só servia para demonstrar um espírito e uma mente depravados. Eles tinham o alegado grande deus Camos, mas não possuíam nenhuma legislação que, como a legislação mosaica, lhes servisse de guia espiritual. A tradução inglesa da NCV, entretanto, transmite uma idéia diferente:

> *Conheço a ira imediata de Moabe, mas ela é inútil.*
> *A jactância de Moabe nada realiza.*

Supõe-se que, em sua arrogância, Moabe planejava males que não produziam nenhum resultado positivo, mas eram somente prejudiciais a eles mesmos e a outros povos. Diz o Targum: "Seus nobres não são retos. Eles não agem de maneira correta".

48.31

Por isso uivarei por Moabe, sim, gritarei por todo o Moabe. Tendo caído na calamidade, Moabe excitou a piedade do profeta. Ele clamou pelo povo de *Quir-Heres*, em meio aos sofrimentos deles. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Quir-Heres*. Isa. 15.1 destacou o nome Quir-Haresete, sendo provável que esteja em vista a cidade de Quir, em Moabe. O Targum fala em *Craque*, que pode ser a moderna cidade de Quiraque. Era uma cidade fortificada nas montanhas de Moabe, a sudeste do mar Morto. Alguns estudiosos, entretanto, conjecturam que o sentido dessa palavra é "cidade do sol", e isso a identificaria, de alguma modo, com o sol ou com a adoração à natureza. Os homens daquele lugar estavam entre os poderosos, mas isso não lhes trouxe bem algum quando sobreveio a devastação babilônica e eles terminaram sendo alvo de comiseração, e não de louvor por seus feitos heróicos. O Targum chama o lugar de "cidade da força deles", mas aos babilônios não foi necessário muito tempo para alterar tudo isso. Os vss. 31-33 reverberam o trecho de Isa. 16.7-10.

48.32

Mais que a Jazer te chorarei a ti, ó vide de Sibma. *Sibma* é chamada aqui de *vinha*. Essa cidade deveria ser lamentada mais do que *Jazer*. Sem dúvida, há aqui uma alusão ao cultivo da videira, mas o vinho é a *vida*, e seus ramos são o povo. Cf. Isa. 16.8. Moabe era conhecida por seus ótimos vinhedos, e certos lugares de Moabe, ou a nação inteira, são comparados a um vinhedo que foi destruído por um predador, a Babilônia, o que significa que a sua vida foi devastada. Seus ramos se espalhavam por todo o caminho até o mar Morto; mas aqui o fruto amadurecido foi tomado pelo exército saqueador, como parte de seu "salário", pois os exércitos antigos viviam do saque. Moabe, pois, foi "colhida" no pior sentido possível da palavra. "O rei da Babilônia deu sobre eles com seu exército, na estação do verão, na época da vindima, e devorou os frutos das vinhas e das figueiras, que eram abundantes no país. Portanto, Moabe foi empobrecido e deixado em desolação. O profeta Jeremias fala aqui da destruição da agricultura de Moabe, mas também, e mais particularmente, da sua vida, do seu povo. Eles foram "colhidos" pelo inimigo vindo do norte. Ver no *Dicionário* os nomes próprios que aparecem no versículo.

48.33

Tirou-se, pois, o folguedo e a alegria do campo fértil e da terra de Moabe. Os frutos foram comidos e destruídos; o povo de Moabe foi dizimado; a terra ficou desolada. E, desse modo, toda a alegria e júbilo foram anulados, e grande pranto foi ouvido de uma extremidade à outra da terra de Moabe. Não houve mais produção das vinhas preciosas; não houve mais festivais da colheita; não houve mais felicidade na vida. Os poucos sobreviventes foram deixados em profunda tristeza. Cf. este versículo com Isa. 16.10, e ver o gráfico de empréstimos literários, em Jer. 48.29. "Essas palavras nos trazem o cântico da vindima daqueles que pisavam as uvas (ver Jer. 25.30 e Isa. 16.10). Quanto a isso, o profeta diz que não haveria mais gritos, apresentando suas palavras em uma forma que faz lembrar a *dora adora* (no grego, "presentes que não são presentes") de *Soph. Aias.* 674. Gritos de alegria eram transformados em lamentações, e o tumulto das batalhas ocupou o lugar da paz" (Ellicott, *in loc.*).

48.34

Ouve-se o grito de Hesbom até Eleale e Jaaz, e de Zoar se dão gritos até Horonaim e Eglate-Selisias. São listados os nomes de mais seis cidades para mostrar as lamentações de uma cidade inteira. Ver os nomes dessas cidades comentados no *Dicionário*. Novamente, é indicada vasta área geográfica, para mostrar a universalidade dos sofrimentos. Os primeiros três nomes correspondem a lugares do norte de Moabe – Hesbom, Eleale e Jaaz. Os outros três nomes correspondem a lugares do sul de Moabe – Zoar, Horonaim e Eglate-Selisias. As "águas do Ninrim" também ficavam no sul e serviam de fonte de vida para a região. Mas agora toda aquela área é vista desolada. As "águas de Ninrim" são mencionadas, na Bíblia toda, somente aqui e em Isa. 15.6, que é a fonte originária deste material. No *Dicionário*, o detalhado artigo chamado *Ninrim, Águas de*, dá mais informações ao leitor. A região era um oásis, mas essas águas tornaram-se malditas, e a área ficou desolada. Moabe estava pagando por seus pecados, especialmente os pecados de idolatria (vs. 35) e arrogância (vs. 29).

48.35

Farei desaparecer de Moabe, diz o Senhor, quem sacrifique... Vemos aqui que a idolatria dos moabitas era efetuada nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*). Essa idolatria também é aqui denunciada como a principal razão do aniquilamento desse país, porque Yahweh chegara a um ponto em que não mais podia tolerar aquela falta de bom senso. *Camos* (a principal divindade de Moabe) era o objeto dos sacrifícios e da queima de incenso nos lugares altos. Podemos perceber, no vs. 7 deste capítulo, que essa alegada divindade nada representava na hora da provação. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Camos*. Quemós é um nome variante desse mesmo deus moabita, conforme algumas traduções portuguesas. Cf. o vs. 46, onde esse deus imaginário volta ao centro das atenções. Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Deuses Falsos*. Cf. este versículo com Isa. 16.12, que é sua fonte originária. O versículo presente implica que certos santuários, como aqueles dos lugares altos, onde Camos era honrado, eram locais de peregrinação. Essas peregrinações chegaram a um fim definitivo quando os babilônios terminaram sua tarefa sangrenta em Moabe.

48.36

Por isso o meu coração geme como flautas por causa de Moabe. A flauta pode produzir um som de lamentação, como se fosse uma pomba a arrulhar. O coração do profeta ficou comovido de profunda tristeza, quando, em sua visão, ele percebeu a devastação que aconteceria a Moabe. Os gritos das mulheres e das crianças enchiam de dor os seus ouvidos. Ele urrava ao ver os jovens cair feridos diante das feras babilônicas. E ficava perplexo ao contemplar todas as riquezas dos moabitas sendo levadas como saque. Uma sorte especialmente lamentável estava reservada a Quir-Heres, que aqui representa Moabe inteira. Esse lugar também é mencionado no vs. 31, onde uma lamentação especial é pronunciada contra ele. Cf. este versículo com Isa. 15.7 e 16.11, que é sua fonte originária. O profeta entoou pelo lugar um hino de lamentação que tinha tons tristes, como os de uma flauta em um cortejo fúnebre, onde a morte é o tema do cântico. Cf. Mat. 9.23.

48.37

Porque toda cabeça ficará calva, e toda barba rapada. Vemos aí todos os sinais da lamentação, e nenhum deles é fruto da hipocrisia: a cabeça rapada, produzindo a calvície (ver Jer. 7.29; 16.6); a barba escanhoada (ver Isa. 15.2); a

automutilação mediante golpes (ver Jer. 16.6; 41.5); as roupas rasgadas (mencionadas apenas em Jer. 41.5); as roupas feitas de pano de saco (ver Jer. 4.8; 6.26; Joel 1.8). A fonte essencial dos vss. 37-38 é Isa. 15.2-3. Ver o gráfico de trechos emprestados no vs. 29. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação*. A legislação mosaica proibia as mutilações (ver Deu. 14.1), mas nem mesmo os israelitas sempre obedeceram a essa legislação, e certamente os moabitas não se deixaram influenciar por ela. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Pano de Saco*. Cf. as mutilações a Zac. 13.6.

48.38

Sobre todos os eirados de Moabe e em todas as suas praças há pranto. Moabe fora partido por Yahweh como um vaso que não tinha mais utilidade e se tornara objeto de lamentação. Lamentações podiam ser ouvidas dos eirados planos, bem como nas ruas e praças da cidade. Cf. a metáfora do *vaso quebrado*, em Jer. 22.28. Ver também Isa. 15.2-3, que é a fonte originária deste material. Os eirados planos das casas do Oriente Próximo e Médio eram os lugares naturais de reunião em que os homens, em tempos de pânico, se reuniam para orar e meditar. No verão quente, esses lugares também serviam como dormitórios. Algumas vezes havia festas ali. Mas agora a morte era o assunto principal.

Cuidados pelos moribundos,
Arrebatai-os com piedade,
Do pecado e da sepultura.
Chorai pelos que erram.

(Fanny J. Crosby)

48.39

Como uivam! Como virou Moabe as costas de vergonha! *Grande uivo de dor* rasgou o ar quando as flechas de inimigos selvagens os atingiram. As vozes questionam, em pânico e agonia, quando tais coisas acontecem: como Moabe foi quebrada como vaso inútil, lançada em amarga vergonha, tornando-se motivo de zombarias e derrisão de outros povos; como os orgulhosos foram rebaixados tão ligeira e permanentemente. Os circunstantes temeram que Yahweh os levasse a tal sorte, pois eram eles realmente melhores que os moabitas? Os sobreviventes lamentavam os mortos, os aleijados, os feridos e a perda de todos os bens materiais. Israel fora motivo de escárnio para os moabitas, objeto de suas zombarias; agora eles pagavam com a mesma moeda, em consonância com a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. Jer. 24.6.

A Completa Destruição de Moabe (48.40-47)

48.40

Eis que voará como a águia e estenderá as suas asas contra Moabe. É provável que Jer. 48 seja uma coletânea de oráculos que levou o material a ser tão abundante, em contraste com os tratamentos relativamente breves dados a outras potências estrangeiras também denunciadas. Temos aqui repetição e muitos empréstimos extraídos de Isaías, provavelmente o trabalho do editor-compilador que embelezou os oráculos originais. A presente seção reenfatiza o que já foi visto, "o completo aniquilamento" de Moabe.

Yahweh continua aqui Sua mensagem de condenação. Ele era a causa de tudo quanto acontecia a Moabe. Provavelmente, os vss. 40-47 representam um oráculo separado, o mais dramático da coletânea. O exército babilônico desceria sobre Moabe como uma águia poderosa desce sobre um animal impotente. Os homens olhariam para o alto e veriam as asas da imensa águia espalhadas sobre eles. Então veriam o fatal ataque, e Moabe mostrar-se-ia impotente perante as garras e o bico do grande predador. O ataque fora ordenado por Yahweh para punir Moabe por seus pecados intermináveis e por seus atos de violência contra outros povos. Cf. a figura da águia a Deu. 28.49; Isa. 46.11 e Eze. 17.3. O presente versículo é reproduzido em Jer. 49.22, pelo que, se não há empréstimo direto do livro de Isaías, neste ponto, contudo, certamente há um empréstimo. Mas ali a referência é a Edom. Ver também Hab. 1.8. Diz o Targum: "Eis que como uma águia que voa, assim também um rei subirá com o seu exército e se acampará contra Moabe". "O inimigo cairá sobre ele, despedaçá-lo-á e o levará embora" (Adam Clarke, *in loc.*).

48.41

São tomadas as cidades, e ocupadas as fortalezas. Usando *grande generalização*, o profeta fala sobre a queda de toda a nação de Moabe, com suas cidades e fortificações, campos de batalha e lugares altos e baixos. Ele acrescentou a isso a metáfora da mulher em trabalho de parto, cujo coração se abate, porque o *seu dia* chegou. Assim também, fraco e temeroso será o coração dos mais valentes guerreiros moabitas, quando os babilônios avançarem pelo território de Moabe. Cf. este versículo e sua metáfora do nascimento, em Jer. 49.24; 50.43; Isa. 13.8 e 21.3. A mesma frase se repete em Jer. 49.22, mas em relação a Edom, e não a Moabe.

48.42

Moabe será destruído, para que não seja povo, porque se engrandeceu contra o Senhor. A devastação seria tão grande que Moabe deixaria de ser uma nação. Moabe seria extinta, porquanto ousou enfrentar Yahweh com seu tremendo peso de pecados. O teísmo bíblico vê Deus como a causa dos eventos humanos e, algumas vezes, Ele aparece como a Causa Única, embora isso já seja um exagero. Por trás de muitos eventos, porém, existem causas secundárias, como o caos e a vontade perversa dos seres humanos, que forçam Deus a reagir com julgamento violento.

O completo aniquilamento não ocorreu. Restaram no território alguns habitantes, embora sujeitos a outras potências, com sua "nacionalidade" roubada por estrangeiros.

48.43-44

Terror, cova e laço, vêm sobre ti, ó moradora de Moabe. Como se os moabitas fossem um *animal selvagem* que estivesse sendo caçado, o temor viera habitar em seu coração, mas caíram nas valetas e armadilhas preparadas pelos babilônios. E, como se fossem animais impotentes apanhados nessas armadilhas, foram mortos sem misericórdia. Estas palavras reproduzem Isa. 24.17. Ver o vs. 29 quanto aos empréstimos tomados do livro de Isaías. O animal caçado estava aterrorizado, quando os cães e os cavaleiros o perseguiam. Havia uma cova escavada no caminho, mas por estar disfarçada o animal não conseguia vê-la. Finalmente, o animal caiu na armadilha, e ficou imobilizado e impotente diante da morte que se aproximava rapidamente com ruídos tão temíveis. Cf. Sal. 7.15; Pro. 26.27; Eclesiastes 10.8. Se o pobre animal fosse capaz de desvencilhar-se da cova, seria apanhado em um laço. Não havia como o animal escapar. Assim também aconteceria a Moabe, diante da Babilônia sem misericórdia. Encontramos aqui uma "expressão proverbial, mostrando que, se eles escapassem de um perigo, de um terrível julgamento, cairiam em outro, até pior. Isaías aplicou essas palavras aos habitantes da terra, mas a presente passagem estreita a questão a Moabe" (John Gill, *in loc.*).

48.45

Os que fogem param sem forças à sombra de Hesbom. Sem usar nenhuma metáfora, este versículo dá a mesma mensagem dos vss. 43-44. "Jeremias terminou esta seção sobre Moabe citando livremente uma antiga canção de Hesbom (cf. Núm. 21.27-29). Os *fugitivos*, que tinham escapado da destruição, ficaram impotentes, porque o *fogo* do julgamento de Deus tinha saído por *toda* a nação de Moabe, para queimar aqueles que tanto se tinham vangloriado. Agora, a nação de Moabe fora destruída com seus filhos e filhas, no cativeiro, ou seja, os poucos que sobreviveram à matança" (Charles H. Dyer, *in loc.*). "O que está em foco é que os fugitivos de Moabe buscavam abrigo em Hesbom, capital de Amom (ver Jer. 49.3), mas, chegando ali, não encontraram proteção. Um fogo saiu de Hesbom... Por ocasião do êxodo de Israel do Egito, essa cidade era a capital dos amorreus, mas aqui é identificada com Seom, o rei deles. Na aplicação dessas palavras por parte do profeta, os moabitas são apresentados como quem tomara refúgio sob as muralhas de Hesbom; porém, em vez de encontrarem refúgio, o fogo caiu sobre eles, saindo das muralhas e dos portões" (Ellicott, *in loc.*).

As têmporas de Moabe. Isto significa: 1. Os líderes e homens mais seletos de Moabe. 2. Ou tudo o que havia de mais vital em Moabe, visto que a cabeça é a parte essencial do corpo e, sendo gravemente ferida, é o fim da vida.

A *coroa* fala de porções geograficamente elevadas do país ou então de homens colocados em posições elevadas, como o rei e os príncipes do país. O Targum diz "Os nobres, filhos do barulho", ou seja, aqueles que se jactavam insensatamente. Isso significa, por sua vez, que o orgulho extremo do lugar (vs. 20) foi anulado pela matança.

48.46

Ai de ti, Moabe; pereceu o povo de Camos. Um *ai final* foi pronunciado contra a ímpia nação de Moabe, que tinha exaltado a Camos, o deus que nada representava (ver os vss. 7 e 35). Os moabitas sobreviventes foram levados cativos, o *modus operandi* dos babilônios quando cometiam seu famoso genocídio. Os moabitas tinham-se rido quando isso acontecera com Israel (Judá), mas os zombadores foram eficazmente silenciados. Ver as notas expositivas sobre o vs. 27 deste capítulo. Moabe perdeu sua identidade nacional quando o território ficou cheio de árabes vindos do oriente (cf. Eze. 25.10). Este versículo repousa sobre Núm. 21.29.

48.47

Contudo mudarei a sorte de Moabe, nos últimos dias. Embora a situação dos moabitas fosse a mais lamentável possível, o profeta (ou um editor subseqüente) não deixou a questão permanecer como perda permanente. A graça divina haverá de arranjar um retorno para Moabe. Sua sorte seria restaurada, tal como a sorte dos filhos de Amom (ver Jer. 49.39). Deus dá maior graça quando a carga se torna mais pesada.

Oh, que essa estranha e inigualável graça,
Esse milagre do amor de Deus,
Preencha a terra toda com seu louvor agradecido,
Entoado também pelo coro angelical lá em cima.

(Samuel Davies)

Alguns estudiosos vêem a restauração de Moabe no milênio, o tempo em que o Messias exercerá Seu poder de Rei sobre a terra. Ver Deu. 4.30; Jer. 49.39; Dan. 2.28 e 10.14. "Essa mistura da esperança de um retorno ainda distante é característica especial destes últimos capítulos de Jeremias, tal como no caso dos filhos de Amom (ver Jer. 49.6) e Elão (49.39)" (Ellicott, *in loc.*). Cf. também a promessa de restauração feita ao Egito, em Jer. 46.26. "Bênçãos evangélicas, temporais e espirituais, aos gentios, nos últimos dias, são planejadas" (Fausset, *in loc.*). Na história antiga, coisa alguma parece justificar essa predição bíblica. Por certo, os poucos moabitas que voltaram para sua terra, juntamente com os judeus, pelo decreto de Ciro, dificilmente podem qualificar-se como cumprimento desta profecia.

Capítulo Quarenta e Nove

Oráculo contra os Filhos de Amom (49.1-6)

Os filhos de Amom ocupavam o território a leste do rio Jordão e a norte do território dos moabitas. Embora fossem inimigos tradicionais de Israel (Judá), tornaram-se aliados dos judaítas contra a Babilônia, quando vários países decidiram aliar-se contra aquela potência. Mas ver as notas em Jer. 40.14. A história dos filhos de Amom é essencialmente paralela à história dos moabitas, pois muitas coisas aconteceram de igual modo a Moabe e a Amom. Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o artigo chamado *Amom (Amonitas)*. Ver as notas de introdução ao capítulo 46, que falam sobre a seção geral e sua mensagem. Jer. 46.1-51.64 apresenta uma coletânea de oráculos contra potências estrangeiras.

"Este oráculo contra Amom não se reveste do espírito de vingança encontrado em alguns oráculos antiestrangeiros da coletânea, e até parece expressar certa simpatia pelos filhos de Amom. Embora possa ter sido uma produção genuína de Jeremias, é difícil datá-lo de modo específico. Os amonitas estiveram envolvidos na invasão de Judá, em 602 A. C. (ver II Reis 24.2), e foram nomeados na lista dos estados que planejaram rebelar-se contra a Babilônia (ver Jer. 27.3; 48.1-47). O presente oráculo não informa quem foi o destruidor dos filhos de Amom. Provavelmente, devemos pensar em Nabucodonosor" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Em Eze. 21.26-28 a destruição de Amom é ligada à deposição de Zedequias" (Fausset, *in loc.*).

49.1

A respeito dos filhos de Amom. Assim diz o Senhor. As palavras-chaves deste oráculo são: idolatria, violência, horror, zombaria, orgulho, maldição, espada, matança, julgamento e desolação. No caso dos filhos de Amom, o espírito de vingança não se mostrou tão forte como no caso dos moabitas, mas a sorte deles, mesmo assim, seria amarga. Yahweh aparece aqui como a fonte dos acontecimentos, o Poder por trás do julgamento e da condenação.

"Mediante a formulação de quatro perguntas (embora as perguntas 1 e 2 sejam paralelas, e as perguntas 3 e 4 também sejam paralelas), Jeremias enfocou o principal problema dos filhos de Amom. O reino do norte, Israel, fora cativado em 722 A. C., e Amom, supondo que Israel não tivesse filhos ou herdeiros que poderiam retornar à terra, apossou-se dela para si mesmo" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

Perguntas 1 e 2. O cativeiro para Amom fez Israel tornar-se sem filhos e sem herdeiros; e, assim sendo, Yahweh indagou se aquele povo pensava que Israel não tinha filhos ou herdeiros. O território de Gade foi perdido por Israel. O profeta Jeremias supunha, entretanto, que esse território ainda pertencesse à ausenta nação de Israel e declarou que Amom não tinha nada que apossar-se daquele território.

Perguntas 3 e 4. Estas perguntas indagam como os amonitas tomaram o território de Gade, e como esse povo pôde ocupar cidades que realmente pertenciam a Judá. Fora tudo um ultraje.

O texto supõe a possível volta das Dez Tribos para ocupar novamente seu território.

Milcom (ver a respeito no *Dicionário*) era a divindade nacional dos amonitas (ver I Reis 11.5,33; II Reis 23.13). Era pintada como o alegado poder que havia desapossado a tribo de Gade. Assim diz a Septuaginta. O texto massorético (o texto hebraico padronizado; ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Massora (Massorah); Texto Massorético*) diz aqui *malkam,* ou seja, "o rei deles" e lhe dá o crédito por essa má ação. As versões Peshitta e a Vulgata Latina aliam-se à Septuaginta.

49.2

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que farei ouvir em Rabá dos filhos de Amom o alarido de guerra. Amom seria severamente punido por seus feitos errados e sua presunção contra os planos e potencialidades de Yahweh no tocante a Seu povo. Talvez Israel nunca voltasse. Mesmo assim, isso não dava aos filhos de Amom o direito de apossar-se do território conquistado.

Rabá (ver a respeito no *Dicionário* quanto a detalhes) era capital de Amom e seria a primeira cidade a sofrer com a ira de Yahweh. Ela e igualmente o resto das cidades, e de fato o país inteiro, seriam devastados pelos babilônios, o vingador de Yahweh. As *filhas* que seriam incendiadas eram as *aldeias* do país, e não as mulheres. Israel foi retratado como quem cumpriria a tarefa, mas essa era uma visão idealista, de acordo com a *Lex Talionis* (vingança de acordo com a gravidade do crime cometido), que nunca se concretizou. Os que desapossaram Judá foram os babilônios, e somente em tempos remotos os israelitas voltaram para ocupar os territórios perdidos. Alguns eruditos vêem aqui a era do Reino de Deus e não a história contemporânea, e, nesse caso, o povo de Israel é que recuperaria os antigos territórios; mas é duvidoso que esta profecia tenha por intuito chegar tão longe. Os críticos vêem em operação no vs. 2 não uma verdadeira profecia, mas apenas a manifestação de uma *esperança*. Houve cumprimento parcial dessa declaração no tempo dos macabeus (ver I Macabeus 5.6).

49.3

Uiva, ó Hesbom, porque é destruída Ai; clamai, ó filhos de Rabá. Tal e qual em outros oráculos, o sofrimento do país é visto através de calamidades que atingem certas cidades-chaves. *Hesbom* ficava na fronteira entre Moabe e Amom, e foi controlada por diferentes governos em tempos diferentes. Aqui, entende-se que sua destruição era de parte daquilo que pertencia a Amom, pelo que esse povo deve ter estado no controle da cidade, na época desta profecia. Ver Juí. 11.12,26; Jer. 48.34-35. A *Ai* do texto não é o mesmo lugar que a cidade chamada por esse nome, em Jos. 7.2. Pelo contrário, Hesbom era uma cidade de Amom, cujo local moderno é desconhecido. *Milcom* (ver a variante textual no vs. 1), o deus nacional de Amom, seria levado para o cativeiro, pois os babilônios tomavam as imagens dos deuses de seus inimigos. Os príncipes e os nobres que sobrevivessem sofreriam a mesma sorte, ao passo que o povo amonita em geral seria desolado, e os poucos sobreviventes ficariam a lamentar-se em *pano de saco* (ver no *Dicionário*). Rabá, a capital, é novamente mencionada como o lugar onde os sofrimentos mais se manifestariam. O texto hebraico aqui, tal como no vs. 1, permanece calcado sobre o *rei,* e não sobre Milcom, a divindade; e o rei e seus nobres iriam para o exílio.

Dai volta por entre os muros. Estão em vista as sebes vegetais entre as vinhas e os currais de ovelhas, e não as muralhas da cidade. A agricultura e o cultivo da terra deixariam de existir em Amom, por causa dos saques dos exércitos babilônicos que avançariam. Os lamentadores correriam em redor, onde o povo e as vinhas costumavam viver, quando o povo clamasse de temor e dor. A tradução inglesa da NCV diz que os amonitas buscariam segurança entre as sebes devastadas. Não havia fortificações nem muralhas atrás das quais os filhos de Amom pudessem esconder-se.

49.4

Por que te glorias nos vales, nos teus luxuriantes vales, ó filha rebelde...? Amom era povo orgulhoso e arrogante, semelhante a Moabe (ver Jer. 48.29). Eles se vangloriava, de seus vales, que eram extremamente frutíferos. Esse povo confiava em suas riquezas e se sentia seguro o bastante para se supor invencível. Cf. Eze. 21.18-23. Mas o longo braço de julgamento de Yahweh chegou àquele lugar e o reduziu a ruínas. Os vales antigamente fluíam com águas abundantes e plena produção agrícola. Mas os babilônios em breve puseram fim a toda essa prosperidade. Amom era como uma *filha fiel* que, depois de algum tempo, caíra na prostituição, pelo que agora receberia o merecido castigo. Tal linguagem também foi aplicada às infiéis Dez Tribos de Israel. Ver Jer. 3.6,8,11,14. Em ambos os casos está em vista a apostasia, cuja base era a idolatria. Um povo abastado não tinha tempo para ocupar-se com valores espirituais, e seus ideais espirituais eram pervertidos.

49.5

Eis que eu trarei terror sobre ti, diz o Senhor Deus dos Exércitos, de todos os que estão ao redor de ti. Yahweh seria a fonte do *terror* que sobreviria aos filhos de Amom, pois haveria destruição por todos os lados. Yahweh, o Senhor dos Exércitos (*Yahweh-Sabaote*), era quem tinha decretado as devastações que viriam contra Amom, pelo que eram certas. O povo de Amom, afligido pelos babilônios, seria espalhado, de forma que ninguém seria capaz de reunir novamente o povo de Amom, para que fosse nação de novo. Os que não fossem mortos seriam levados para o cativeiro. Os babilônios eram especialistas no *genocídio*, e Amom seria uma de suas vítimas.

49.6

Mas depois disto mudarei a sorte dos filhos de Amom, diz o Senhor. Este oráculo provê *esperança* de um possível retorno de Amom à sua própria terra, o que nunca aconteceu na história dos séculos, mas alguns intérpretes supõem que se cumprirá na salvação gentílica durante o reino milenar de Cristo. Cf. Jer. 48.27, onde é vista a mesma mescla de esperança e desespero, no tocante a Moabe. Naquele ponto, enumero os lugares onde a esperança se mistura ao desespero, nos oráculos contra potências estrangeiras. Ver também Jer. 49.39. O Deus do julgamento é, igualmente, o Deus das esperanças restauradas, pois no Senhor não há pontos finais nem estagnações. A *restauração* é o grande tema que domina a cena divina. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* sobre *Restauração*. Na época do decreto de Ciro, que enviou Judá de volta a Jerusalém, alguns amonitas voltaram a seu território pátrio, conforme comentou Justino Mártir (ver *Dialog. cum Tryphone Judaeo*. par. 347). Mas dificilmente isso pode satisfazer a predição deste versículo.

Oráculo contra Edom (49.7-22)

Edom localizava-se ao sul do território de Moabe e a leste do mar Morto. Ver plenas notas expositivas sobre essa nação, no *Dicionário*. Esteve em conflito permanente com Israel-Judá, embora se relacionasse à distância com esse povo. Edom, pois, veio a simbolizar todos os povos que queriam prejudicar Israel. Ver Eze. 35; 36.5; Oba. 15 e 16. O simbolismo do oráculo que se segue parece depender de Obadias, mas alguns acreditam que o empréstimo foi feito por Jeremias a Obadias, e não o contrário. Cf. os empréstimos feitos por Isaías no oráculo contra Moabe, comentados em Jer. 48.29. O trecho de Jer. 49.14-16 é quase idêntico a Oba. 1-4. E Jer. 49.9-10 é muito similar a Oba. 5 e 6. Alguns estudiosos supõem que a passagem, tanto em Jeremias como em Obadias, depende de um poema-oráculo mais antigo. Listei outros empréstimos ao longo do caminho, os quais têm convencido os críticos de que temos aqui o trabalho de um editor, e não um verdadeiro oráculo de Jeremias. Entretanto, o editor pode ter embelezado um oráculo do profeta, pelo que a essência do oráculo brilha por meio de toda a passagem, a despeito dos ornamentos literários. Os pensamentos-chaves de horror, escárnio, dilapidação, calamidade e maldição atravessam a seção inteira.

"Depois de 587 A. C., a relação entre Israel e seu 'irmão', Edom (Deu. 23.7-8), deteriorou até transformar-se na vingança dos judeus, porque Edom tinha ocupado a parte sul do território de Judá (Lam. 4.21-22; Eze. 25.12-14)... Jeremias e Obadias (vss. 1-9) compartilham um oráculo que talvez não tenha sido original nem para um nem para o outro. Os oráculos descrevem o negro futuro de Edom" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 7).

49.7

A respeito de Edom. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Acaso já não há sabedoria em Temã? *Yahweh-Sabaote* (Deus Eterno e Senhor dos Exércitos) foi quem proferiu a profecia contra Edom. Em primeiro lugar é denunciada a estupidez do lugar. A sabedoria dos homens de *Temã* (ver a respeito no *Dicionário*), cidade de Edom, tornou-se proverbial. Porém, no meio das corrupções, da idolatria e da violência, a sabedoria tinha morrido. Homens rudes e crus substituíram os sábios de tempos anteriores. Temã ficava na parte central de Edom, a cerca de 5 km de *Sela* (posteriormente chamada *Petra*). Oba. 8 enfatiza o tema dos homens sábios de Edom. Elifaz, do livro de Jó (um dos atormentadores de Jó), era de Temã (ver Jó 2.11). A passagem do tempo "derramou para fora" (segundo diz o hebraico literal) a sabedoria daquele lugar, ou seja, terminou com ela, como a água que se perde ao ser jogada no chão.

49.8

Fugi, voltai, retirai-vos para as cavernas, ó moradores de Dedã. *Dedã* era uma cidade que havia na parte norte da península da Arábia, a sudeste de Edom, conhecida por seu extenso comércio (Jer. 25.23; Eze. 25.13). Dedã, na época em que Jeremias escreveu seu livro, estava sujeita a Edom, embora originalmente não fizesse parte dessa nação. Ver Gên. 25.1-3. Os habitantes daquele luar, bem como seus filhos, que se tinham espalhado para outras partes de Edom, foram aconselhados a fugir, voltar e esconder-se em lugares profundos, como as cavernas e os abismos das colinas, a fim de escapar do látego do exército babilônico que avançava. Alguns estudiosos pensam que as "cavernas" mencionadas nestes versículos referem-se às áreas remotas desérticas, onde os babilônios não se incomodariam em ir. Os árabes, quando atacados, desmanchavam suas tendas e se "enterravam" no deserto, a fim de escapar dos adversários. Era tempo de imitar o antigo costume para evitar a calamidade certa que estava prestes a atingir *Esaú*, o antigo progenitor dos idumeus, seu pai biológico. Esaú tinha vendido seu direito de primogenitura, e outro tanto fez Edom. A vingança da parte de Yahweh era inevitável. Para mais detalhes, ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Dedã*.

49.9

Se vindimadores viessem a ti, não deixariam alguns cachos? *Duas figuras simbólicas* ilustram as devastações que os babilônios estavam prestes a impor. Consideremos estes dois pontos:

1. Os vindimadores, obedecendo às leis antigas que visavam beneficiar os pobres (ver Oba. 5 e Deu. 24.21), deixavam algumas poucas uvas nas vinhas, para que os pobres pudessem vir tirar vantagem dessa humilde oferta. Os babilônios, entretanto, não deixariam, para ninguém, uma única uva.
2. Até os ladrões mostram-se um tanto seletivos quanto ao que roubam, não fazendo questão de alguns objetos. Os babilônios, entretanto, saqueavam tudo e nada deixavam para trás. Esaú ficaria totalmente despido (vs. 10).

49.10

Mas eu despi a Esaú, descobri os seus esconderijos. Esaú (Edom) seria deixado totalmente despido, pelos invasores. Até mesmo os que fugissem e se escondessem seriam encontrados e mortos. As crianças não escapariam do ataque; preciosos laços familiares seriam desmanchados mediante a matança. Não haveria mais laços sociais, como vizinhos com vizinhos. Edom ficaria essencialmente desabitada, e os poucos sobreviventes seriam levados cativos à Babilônia. Outro *genocídio* seria efetuado, o que era uma especialidade dos babilônios. Cf. este versículo com o vs. 8, onde o povo é encorajado a esconder-se nas "cavernas".

49.11

Deixa os teus órfãos, eu os guardarei em vida. Alguma forma de misericórdia divina interviria. As pessoas incapazes de ajudar a si mesmas, como os órfãos e as viúvas, receberiam tratamento preferencial. Presume-se que Yahweh suavizaria o coração dos invasores e os faria poupar os verdadeiramente impotentes. Os varões adultos, entretanto, seriam mortos ou enviados à Babilônia como escravos. Alguns vêem nessas palavras uma profecia de restauração, como em Jer. 48.47 e 49.6, mas isso não parece subentender uma "situação futura". Outros vêem aqui forte ironia, pelo que a declaração pode ser entendida negativamente ou como uma pergunta: "Porventura, viúvas e órfãos receberão tratamento misericordioso? Naturalmente que não!". Mas isso parece um exagero. Esta declaração parece significar que os varões adultos (pais), uma vez mortos, deixariam viúvas e órfãos. Deus, entretanto, suavizaria o coração dos babilônios, para que os tratassem com bondade.

49.12

Eis que os que não estavam condenados a beber o cálice, totalmente o beberão. O cálice da ira de Yahweh seria fatalmente sorvido pelos culpados. Nem os pequenos inocentes seriam poupados; e se esses tivessem de sofrer a calamidade, bebendo o cálice amargo, quanto mais os culpados, como a população geral de Edom. Cf. Jer. 25.15-29. Talvez os judeus que participavam do pacto com Yahweh sejam vistos aqui como não merecedores de beber do cálice. A história, porém, tem demonstrado que isso não funciona na prática. Em qualquer ataque por parte de um exército, sempre há inocentes que padecem; pois isso é resultado do caos, o que provavelmente está em foco aqui. Ou então a declaração é comparativa: "Outras pessoas, menos ímpias que vós, têm sofrido; e vós escapareis?". Nada havia de inocente no povo de Edom, pelo que a sorte miserável deles estava assegurada. "Poderia Esaú esperar imunidade? O pensamento é paralelo ao de I Ped. 4.17" (Ellicott, *in loc.*).

49.13

Porque por mim mesmo jurei... que Bozra será objeto de espanto... O *juramento* divino (ver a respeito no *Dicionário*) e os decretos divinos garantiam a devastação de Bozra e outras cidades dos idumeus. O país inteiro se tornaria objeto de espanto, opróbrio, ruína e maldição. Cf. essa descrição com Jer. 24.9, onde as palavras são aplicadas a Judá. *Bozra* (ver a respeito no *Dicionário*) era a principal cidade de Edom, que pode ser identificada com o local moderno de El-Susaireh, mais ou menos a meio caminho entre Petra e o mar Morto. Neste

versículo, o lugar representa todo o maldito país de Edom. Bozra era uma grande fortaleza, mas acabou caindo. Assim também aconteceria a todo o país. A maldição de Yahweh garantia o cumprimento dessa predição.

49.14

Ouvi novas da parte do Senhor, e um mensageiro foi enviado às nações. "Tomando por empréstimo a linguagem da diplomacia internacional, usada anteriormente por Obadias (vs. 1), Jeremias retratou Deus a enviar um *mensageiro* a Seus aliados entre as nações, pedindo-lhes que se aliassem em um ataque contra Edom" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Cf. Jer. 46.3-4. A doutrina bíblica teísta de Yahweh a controlar os atos dos homens (individuais e coletivos) é novamente promovida. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo.*

49.15

Porque eis que te fiz pequeno entre as nações, desprezado entre os homens. A orgulhosa nação de Edom em breve tornar-se-ia insignificante entre as nações. Os poucos que sobrevivessem à matança seriam desprezados como povo. "Os caldeus viriam contra eles para reduzir a força de Edom, destruindo suas possessões materiais e tornando-os um povo débil e desprezível" (John Gill, *in loc.*). Cf. Oba. 2. Edom despencaria de seu lugar alto, e os observadores ficariam horrorizados diante de suas condições de miséria. Cf. Jer. 49.13.

49.16

O terror que inspiras e a soberba do teu coração te enganaram. Houve tempo em que Edom inspirava terror sobre povos em derredor, e essa habilidade fez com que a nação pensasse ser forte e invencível. O povo edomita elevou-se em seu orgulho e subiu em suas elevadas rochas, onde se instalou e olhou desdenhosamente para o resto do mundo. E a nação tornou-se como uma águia, lá nas alturas, enquanto seu orgulho se inchava mais a cada dia. Entretanto, a despeito da altura em que se achava, a flecha de Deus a traspassou, e ela caiu por terra com uma terrível *pancada*. No território de Edom muitas colinas e cavernas naturais e buracos serviam de moradia natural para aves e várias espécies de animais, e isso inspirou a metáfora da ave, usada aqui. Diz aqui o Targum: "Tu és como a águia, que habitas na fenda da rocha, cuja elevada habitação está em um lugar forte". Edom formou para si mesma um belo e pequeno *ninho,* no lugar onde se ostentava. A águia voa mais alto que qualquer outro pássaro e mantém-se forte até a idade avançada. Plínio (*Hist. Nat.* 1.10. cap. 3) descreveu o hábito da águia de fazer seu ninho em lugares altos e inacessíveis, para que outros seres, fossem eles humanos ou animais, não pudessem chegar lá nem molestá-la. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Águia*. Cf. este versículo com Jó 39.27 e Oba. 3 e 4. Edom construíra suas cidades nas ravinas e nelas preparara fortalezas de pedras. Eram cidades difíceis de atacar e conquistar, mas os babilônios não se deixavam vencer por tais fortificações. A vitória foi obtida de forma surpreendentemente fácil para os babilônios. Ver o contraste entre *orgulho e humildade,* em Pro. 11.2 e 13.10.

49.17

Assim será Edom objeto de espanto; todo aquele que passar por ela se espantará. Edom, antes tão elevada e orgulhosa, tornar-se-ia um horror para todos os que atravessassem suas antigas fronteiras. Edom ficaria em estado de desolação, e as pessoas que por ali passassem ficariam espantadas com o que Yahweh tinha feito com eles. Essas pessoas escarneceriam de Edom, assobiando e dizendo zombarias. Ver descrições similares em Jer. 18.16 e 50.13, cujas notas também se aplicam aqui. Os observadores "se regozijariam diante de Edom; bateriam palmas e meneariam a cabeça, conforme diz o Targum, e assobiariam com a língua, insultando-os e fazendo pouco deles" (John Gill, *in loc.*). Cf. este versículo com I Reis 9.8.

Na Rocha gretada onde estou descansando,
Habito, abrigado em segurança.
Ali, nem inimigos nem tempestades me molestam,
Enquanto me oculto dentro da fenda.

(Mary D. James)

49.18

Como na destruição de Sodoma e Gomorra, e das suas cidades vizinhas... A destruição de Sodoma e Gomorra tornou-se proverbial quanto aos julgamentos de Deus que ocorrem súbita, rápida e poderosamente, deixando absolutamente nada atrás, exceto ruínas fumegantes. Por conseguinte, a figura simbólica é empregada novamente aqui. Cf. Gên. 19.25; Deu. 29.23; Isa. 1.9; Jer. 50.40 e Amós 4.11. As *cidades próximas* de Sodoma e Gomorra também foram feridas pelo golpe divino, que, com toda a probabilidade, foi alguma calamidade natural, como um terremoto e uma ação vulcânica em um único pacote. Portanto, os que se aproximam demais desses lugares miseráveis, quanto às suas condições morais e espirituais, tornam-se seus vizinhos naturais e estão sujeitos às mesmas pragas. Existe uma geografia do espírito, e não apenas uma geografia física.

49.19

Eis que como sobe o leãozinho da floresta jordânica contra o rebanho em pasto verde... "Os vss. 19-21 são uma forma adaptada de Jer. 50.44-46. Nesta última passagem, as palavras se referem à Babilônia, a quem são mais apropriadas. O vs. 21 é muito mais apropriado à queda da Babilônia do que à queda de Edom" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Seja como for, as palavras são apropriadas aqui.

"Deus seria como um leão feroz ao levantar-se para expulsar Edom de seu território. Ninguém seria capaz de desafiar a Deus. Nenhum pastor se levantaria contra Ele" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O leão sairia dos arbustos espessos próximos do rio Jordão. Avançaria pelas ricas pastagens e apanharia descuidados as ovelhas e os pastores. O leão salta sobre a presa e se precipita para matar. "A imagem simbólica usada pelo profeta retrata a invasão dos caldeus como o ataque de um leão (cf. Jer. 5.6). O leão avança caminho através do mato ralo e atira-se contra os rebanhos em uma das veredas do prado, ao longo do curso do rio" (Ellicott, *in loc.*). Em seguida, o leão é personificado em uma autoridade que, após conquistar Edom, nomeia para ele qualquer governador de sua escolha. Nenhum homem o chama a prestar contas ou conselhos. Ele faz o que quer, no lugar por ele conquistado. Nabucodonosor, naturalmente, é o governante nomeado por Yahweh sobre Edom.

49.20

Portanto ouvi o conselho do Senhor, que ele decretou contra Edom. Os líderes e, especificamente o rei de Edom, que era o pastor dos edomitas, tentariam resistir aos assaltantes, para livrar suas ovelhas, mas seus esforços seriam vãos. As ovelhas seriam mortas ou exiladas. Cf. este versículo com I Sam. 17.34-35, que mostram as tentativas de um pastor para proteger suas ovelhas. Mas Deus, o Leão, julgaria os pastores desviados e também as ovelhas. Cf. Jer. 23.1-4. Até a última das ovelhas seria tirada brutalmente do rebanho, e será sacrificada. O leão atacaria sem a menor sombra de misericórdia. Os homens estremeceriam diante da crueldade dos atacantes a quem Yahweh enviou. Até as terras de pastagem seriam destruídas. O país seria reduzido a ruínas, incluindo seus empreendimentos agrícolas e os edifícios das cidades. Tudo seria destruído e incendiado.

49.21

A terra estremeceu com o estrondo da sua queda. O leão devorador faria a própria terra estremecer, quando desse seus passos pesadas e saltasse sobre suas vítimas. Gritos de desespero haveriam de subir aos céus, e os deuses ignorariam tais clamores. O som dos gritos seria ouvido por todo o caminho até o mar Vermelho, local da primeira destruição de uma nação inteira por parte de Deus (ver Êxo. 14.21-31). Edom tornar-se-ia o Egito dos últimos dias. A referência ao mar Vermelho lembra-nos também de que havia longa distância entre esse mar e o território de Edom, então, para que os gritos dos idumeus fossem ouvidos por toda essa vasta distância, teriam de sair de muitas gargantas a plena força dos pulmões. Isso, pois, ilustra a grandeza dos sofrimentos. Naturalmente, estamos abordando aqui o mar de Juncos, e não o mar Vermelho. Foi a Septuaginta que produziu o texto "mar Vermelho". Ver Êxo. 13.18. Ver também, no *Dicionário,* o verbete *Mar Vermelho.*

49.22

Eis que como águia subirá, voará e estenderá as suas asas contra Bozra. Edom era como uma águia poderosa (vs. 16), tendo feito seu ninho sobre penedos inacessíveis. Mas agora o inimigo do norte vinha como uma águia, espalhando suas asas sobre *Bozra* e fazendo os habitantes temer as conseqüências do inevitável, da varredura fatal que significaria morte para muitos. Este versículo duplica a idéia de Jer. 48.40, exceto que ali a vítima era Moabe, e as asas se estendiam sobre o país inteiro, ao passo que aqui se estendem contra uma cidade, que representa o país inteiro de Edom. Vendo a águia prestes a dar seu bote mortífero, o povo se sentiu em dores como a mulher que começou seu trabalho de parto, por ter chegado a hora de dar à luz seu filho. Ver essa figura em Jer. 48.41; 49.24 e 50.43. "O que Queriote era para Moabe, Bozra era para Edom, e, por isso, a captura de ambas é retratada mediante termos idênticos" (Ellicott, *in loc.*). O Targum diz aqui: "Eis que, assim como uma águia se alça no espaço e voa, um rei virá com o seu exército". "... uma águia devido à sua

velocidade e voracidade, como antes, um leão devido à sua força e ferocidade (vs. 19)" (John Gill, *in loc.*).

Oráculo contra Damasco (49.23-27)

49.23

A respeito de Damasco. Envergonhou-se Hamate e Arpade. A história contemporânea não pode ser usada para ilustrar este oráculo. Damasco caiu diante dos assírios (liderados por Tiglate-Pileser) em 732 A. C. (cf. Isa. 17.1-3). Pouco sabemos sobre a história dessa cidade após sua queda, durante os poucos séculos seguintes. Há aqui sinais de empréstimos que os críticos pensam assinalar o oráculo como obra de um editor. O vs. 24 é semelhante a Jer. 6.24; 13.21 e 49.22. O vs. 26 é semelhante a Jer. 50.30. E o vs. 27 foi tomado por empréstimo de Amós 1.4. Além disso, Damasco não é mencionada na lista das nações de quem se esperava beber o cálice da ira divina (ver Jer. 25.18-26). Esses versículos parecem ter sido a introdução original dos oráculos antiestrangeiros dados nos capítulos 46 e ss. de Jeremias. Por causa dessas circunstâncias, é difícil colocar este oráculo entre os outros, dados no mesmo tempo em geral. Pode ser um oráculo posterior, adicionado aos anteriores. Mas os eruditos conservadores, sempre ansiosos por não admitir nenhuma dificuldade, fazem o oráculo ficar de pé mesmo sem o apoio da história contemporânea, supondo que "algo parecido com isso" deva ter acontecido quando Damasco foi invadida pelo exército babilônico. Se esse foi o caso, então simplesmente somos obrigados a depender do argumento de que nosso conhecimento acerca da história do período é muito defeituoso.

Tal como em outros oráculos, cidades proeminentes representam o país onde elas se encontravam. Portanto, encontramos aqui as cidades de *Hamate* (que foi envergonhada) e *Arpade* (que cambaleava). As notícias sobre o avanço do exército babilônico agitaram o coração dos homens como as águas do mar. Coisa alguma era capaz de aliviar seus temores; em breve começariam a acontecer as coisas mais terríveis. A matança deixaria o país desolado e essencialmente desabitado. Um genocídio a mais tinha sido cometido.

As duas cidades aqui mencionadas ficavam na parte norte da Síria e, conforme é de presumir-se, o ataque começou ali, espalhando-se depois para o sul. Talvez esse oráculo fosse muito antigo, tratando do ataque desfechado pelos assírios, e não do ataque dos babilônios, pelo que sua inclusão é anacrônica. Quanto a maiores detalhes, ver os vários nomes próprios no *Dicionário*. Josefo preservou o oráculo quanto às circunstâncias do ataque babilônico e ajustou os eventos descritos cerca de cinco anos depois da destruição de Jerusalém (*Antiq.* x.9,7), mas é provável que ele estivesse apenas conjecturando.

49.24

Enfraquecida está Damasco; virou as costas para fugir. O país inteiro (a cidade-estado) debilitou-se em temor, pois estava fraco em suas defesas, e dentro de pouco tempo sucumbiria em completa ruína. Os poucos que escaparam do massacre fugiram, porquanto o pânico se apossou da cidade. Suas dores eram como as dores de parto que a aterrorizam uma mulher, quando chega sua hora de dar à luz um filho. Essa figura simbólica é freqüente, conforme vemos no vs. 22, onde traçamos comentários a respeito. Este versículo reflete uma defesa miserável e praticamente inexistente, seguida pelo devastador e quase total aniquilamento população.

49.25

Como está abandonada a famosa cidade, a cidade do meu folguedo! O passado seria subitamente anulado. Damasco situava-se na área de um grande oásis, ao sul da Síria, e se tornara importante centro comercial. Entre os povos esta abastada cidade exercia grande influência e ali os homens se alegravam e se orgulhavam. Era um bom lugar para viver, um pequeno paraíso. Mas agora nós a vemos *abandonada* e quase inteiramente desabitada. O genocídio passara pela cidade, e era obra especial do exército babilônico. Estrabão (*Geog.* 1.16, par. 520) diz que a cidade era a mais famosa, localizada perto da Pérsia. Conta-se uma história a respeito de Maomé, que, ao aproximar-se da cidade, observou-a de um lugar alto, e, vendo todo o seu luxo e beleza, resolveu não habitar ali. Ele então explicou que só estava interessado em um paraíso, aquele lá do *alto*, e não se deixaria envolver por um paraíso terrestre, que só poderia exercer sobre ele efeito corruptor.

49.26

Portanto cairão os seus jovens nas suas praças. Uma *débil defesa* teve por resultado deixar os jovens da cidade-estado mortos nas ruas. O exército inteiro do lugar em pouco tempo foi destruído, ficando a cidade à mercê (uma misericórdia inexistente) dos babilônios, que se puseram a saquear e a violentar as mulheres. Yahweh, o Senhor dos Exércitos, proferiu o Seu oráculo e predisse esses miseráveis acontecimentos, que, de fato, ocorreram, por ser Ele a Causa daqueles sofrimentos. O povo de Damasco estava pagando por seus muitos pecados.

49.27

Acenderei fogo dentro do muro de Damasco, o qual consumirá os palácios de Ben-Hadade. Não contentes por matarem a juventude da cidade, violentarem as mulheres e saquearem as riquezas, que eram atos usuais de guerra, os babilônios incendiaram a cidade inteira. Os palácios luxuosos de *Ben-Hadade* (ver a respeito no *Dicionário*) foram incendiados juntamente com os escombros da cidade. *Ben-Hadade* (literalmente, "filho do deus Hadade) era o nome da dinastia que governava Damasco nos séculos IX e X A. C., mas não há registros históricos seculares sobre isso depois que os assírios destruíram a cidade. Ver I Reis 15.18,20;20.1-34; II Reis 6.24; 8.7; 13.3,24. Deixo que o leitor procure o restante das informações no artigo anteriormente mencionado.

Falar sobre Ben-Hadade no tempo dos babilônios é completo anacronismo, a menos que a história da época em foco tenha sido preservada de modo completamente deficiente. Isso serve como pequena evidência de que o oráculo pertencia a uma época anterior, tendo sido acrescentado anacronicamente ao resto das informações sobre o capítulo 16.

Oráculo contra Quedar e Hazor (49.28-33)

"Este é um oráculo contra tribos árabes. Na lista das nações que foram requeridas para sorver o cálice da ira de Yahweh, nem Quedar nem Hazor são nomeadas, mas vários grupos árabes e cidades são: 'A Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cabelos nas têmporas; a todos os reis da Arábia e todos os reis do misto de gente que habita no deserto' (ver Jer. 25.23-24). Pouco se sabe sobre a história dos árabes. Josefo (*Contra Apion* I.19), citando Berosso, refere-se de passagem à conquista da Arábia pelas tropas de Nabucodonosor. Os vss. 30-31 foram influenciados por uma passagem posterior — Eze. 38.10-11. É possível, por conseqüência, que um oráculo original de Jeremias (vss. 28-29; 32-33) tenha sido expandido por um editor posterior. Quanto a isso, entretanto, coisa alguma pode ser dita com certeza" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

49.28

Quedar (ver a respeito no *Dicionário*) era uma tribo nômade dos ismaelitas. Ver Gên. 25.13. As habilidades dessa tribo eram próprias daqueles que habitam os desertos, pois eles criavam ovelhas e eram destros arqueiros, além de razoáveis negociantes, o que fornecia dinheiro para sua sobrevivência. Ver Isa. 21.16-17; 60.7; Eze. 27.21. Eles se mostravam bons guerreiros, quando isso se tornava necessário (ver Sal. 120.5-6).

Hazor, neste caso, não é a cidade israelita desse nome, que ficava ao norte do mar da Galiléia, mas algum lugar desconhecido do deserto da Arábia. Talvez Hazor fosse um termo coletivo que designasse certo número de aldeias, pelo que a palavra hebraica cognata, *haçerim,* significa vilas, tendas ou cabanas rudes. Visto que o nome Hazor corresponde à palavra hebraica *haçor,* temos aqui uma boa conjectura. Seja como for, Nabucodonosor recebeu comissão divina para levantar-se e pôr fim às tribos árabes do deserto. Aquela gente compunha-se de pecadores, como os habitantes das grandes cidades, e precisava sofrer por causa disso.

49.29

Tomarão as suas tendas, os seus rebanhos; as lonas das suas tendas... Aquela pobre gente não tinha muita coisa; mas o que tinha, os babilônios destruiriam: tendas, rebanhos, camelos e todas as mercadorias, que seriam saqueadas. O povo seria morto, exceto as mulheres escolhidas, que terminariam nos haréns da Babilônia. Haveria terror por todos os lados, enquanto os pobres habitantes do deserto seriam mortos.

Há terror por toda parte! Os soldados babilônios despertariam aqueles povos infelizes de suas tendas, por meio desse grito. Ou então o sentido dessas palavras é que as vítimas gritariam umas para as outras, usando essas palavras, na esperança que alguns conseguissem fugir.

Nabucodonosor era a causa secundária de tantas desgraças, e Yahweh era a causa primária, porque o rei da babilônia era apenas um instrumento da ira divina contra os pecadores que habitavam o deserto. O rei Nabucodonosor tinha traçado planos para matar, mas Yahweh traçara o plano original. Isso concorda com o teísmo bíblico, que faz do Ser divino o controlador dos eventos entre os homens. A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*) estava em operação no deserto, tanto quanto nas cidades.

49.30

Fugi, desviai-vos para mui longe, retirai-vos para as cavernas, ó moradores de Hazor. Yahweh, que tinha baixado ordens ao rei da Babilônia para atacar e matar, exortou os poucos sobreviventes a fugir para o "interior" do deserto, longe da cena de batalha, onde poderiam sobreviver e manter a raça viva. Quanto aos sentidos possíveis do termo "cavernas", ver as notas sobre o vs. 8. Cf. os vss. 30-31 com Eze. 38.10-11. Nenhum conquistador se arriscaria a penetrar em um profundo deserto, o que dificilmente seria um lugar próprio para as marchas de um exército. Pois a sede não demoraria por acabar com eles. Após a derrota dos egípcios em Carquêmis, a Babilônia apossou-se das áreas gerais do baixo rio Eufrates, do norte da Arábia e do deserto da Síria, sendo provável que as cenas à nossa frente pertençam a essas campanhas.

49.31

Levantai-vos, ó babilônios, subi contra uma nação que habita em paz e confiada. Aqueles árabes pecaminosos sentiam-se seguros no deserto, em suas tendas, cuidando de seus rebanhos e vagueando para cima e para baixo em seus camelos. Quem haveria de pensar que o exército babilônico incomodar-se-ia com eles? Nabucodonosor não perderia tempo com eles. Porém, por ordem de Yahweh, ele foi compelido a ir a remotas áreas desérticas para espalhar suas destruições. Ele não obteria grande "salário" naquele saque, mas seria melhor que nada. "Lá fora" não haveria muralhas protetoras, nem trancas ou portões, pelo que a tarefa seria fácil para os babilônios. Aquele povo impotente estaria indefeso e sozinho, pelo que não haveria ataques de surpresa da parte de aliados.

49.32

Os seus camelos serão para presa e a multidão dos seus gados para despojo. O saque incluiria camelos e animais domésticos, mas não muito mais. O exército babilônico, naquela campanha, trabalharia por subsalários. Mas principalmente estaria doando seu tempo, a fim de cumprir o mandato divino. Eles espalhariam aqueles pecadores que aparavam as pontas do cabelo e da barba, prática repelente para os judeus. A barba era algo que os judeus respeitavam, e não deveria ser aparada de maneira ostentadora, como sinal de vaidade. Quanto a isso, ver as notas sobre Jer. 9.26 e 25.23. Algumas traduções dizem aqui: "Cortam curto os seus cabelos". E essas palavras indicam que não apenas a barba era aparada. Contrastar isso com a ordem, baixada por Paulo, de que os homens usassem cabelos curtos, enquanto as mulheres deveriam usar cabelos longos, sem serem cortados (ver I Cor. 11.14-15). As tribos árabes aparavam os cabelos das têmporas, e deixavam os cabelos longos por trás, o que era uma desgraça para a mentalidade dos hebreus. Até hoje damos muita importância ao que as pessoas fazem com seus cabelos!

49.33

Hazor se tornará em morada de chacais, em assolação para sempre. A vila principal, *Hazor* (que representa todas as vilas da área), ficaria desolada e desabitada. Animais selvagens, como o chacal, entrariam na área e tomariam conta dela. Nenhum homem haveria de querer viver ali, e o lugar permaneceria desolado por longo tempo. Cf. este versículo com algo similar, em Jer. 9.11, em uma declaração sobre as cidades de Judá. Ver também Jer. 10.22 e 51.37 quanto a declarações semelhantes. Ver o vs. 18 quanto ao fato de o território de Edom tornar-se um lugar desabitado. Os babilônios alegravam-se em esvaziar lugares, transformando-os em desertos. Eles eram especialistas no genocídio.

Oráculo contra Elão (49.34-39)

49.34

Palavra do Senhor, que veio a Jeremias, o profeta, contra Elão. "No inverno de 596 A. C., Nabucodonosor atacou Elão, que ficava a leste da Babilônia, e aparentemente logrou êxito com o ataque" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre o vs. 34). O Elão ocupava parte do território atualmente ocupado pelo Irã. Essa profecia ocorreu no início do reinado de Zedequias. O Elão era um povo famoso pelo habilidoso do arco e da flecha, mas o arco deles seria quebrado, o que serve de símbolo de total derrota. O Elão fora um império importante, que perdeu sua proeminência ao longo do caminho, quando outras potências o dominaram. Foi conquistado no tempo de Assurbanipal (640 A. C.). No tempo de Ciro, tornou-se parte do império persa. Judá estava no exílio quando o Elão se levantou como ameaça para os babilônios, e muitos esperavam que esse povo obtivesse sucesso contra os babilônios, mas em vão. O "sucesso" teria de esperar pelos medos e persas. Quanto a detalhes completos, ver no *Dicionário* o artigo sobre *Elão*.

Nabucodonosor foi mantido ativo como servo de Yahweh (ver Jer. 25.9; 27.6; 43.10). Muitas vítimas caíram perante seu exército, e as narrativas bíblicas dão o crédito dessas vitórias a Yahweh, como o poder que agia por trás dos bastidores. O *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário)* assegura que Deus é o controlador dos eventos humanos, individuais e coletivos, em contraste com o *deísmo* (ver também no *Dicionário*), que supõe que a força criativa (pessoal ou impessoal) abandonou a sua criação ao governo das leis naturais.

No princípio do reinado de Zedequias. Ou seja, a cerca de 597 A. C. Ver sobre *Zedequias*, no *Dicionário*.

49.35

Eis que eu quebrarei o arco de Elão, a fonte do seu poder. As qualidades *naturais* que faziam o Elão distinguir-se eram sua habilidade no uso do arco e da flecha, com os quais eles matavam homens à distância, e não a caça dos animais. O arco de Elão seria quebrado por Yahweh, por meio da instrumentalidade do exército da Babilônia. Isso simboliza sua contundente derrota perante a Babilônia; e a razão dessa derrota, como em todos os casos, foi a iniqüidade dos elamitas. Cf. este versículo com Isa. 22.6. Heródoto (*Hist.* vii.61) diz que os persas (parte de cujo território era ocupado pelo *Elão*) enfatizavam *três coisas* na educação de seus filhos: montar a cavalo; usar espertamente o arco; e falar a verdade.

49.36

Trarei sobre Elão os quatro ventos dos quatro ângulos do céu. *A Metáfora dos Ventos.* O ataque dos babilônios contra o Elão seria como vendavais que sopravam das quatro principais direções da terra, cada sopro de um dos lados da bússola. O ataque seria avassalador e fulminante. É provável que isso enfatize a universalidade do exército babilônico: esse exército compunha-se de muitos povos e mercenários, representando boa variedade de áreas geográficas, se não mesmo toda a terra conhecida. Pelo menos, representava uma porção razoável do mundo que os babilônios conheciam. A Babilônia compunha-se de 127 províncias, onde habitavam muitos povos estrangeiros, por motivo dos vários cativeiros e também por razões comerciais. Cf. o vs. 32, onde encontramos declaração similar sobre os quatro cantos da terra. Os elamitas, pois, foram espalhados pelo vento como se fossem palha. O exército dos elamitas seria disperso, e os poucos sobreviventes seriam levados cativos.

49.37

Farei tremer a Elão diante de seus inimigos e diante dos que procuram a sua morte. Elão seria aterrorizado pelo ataque dos babilônios e entraria em pânico, perdendo o controle da batalha logo no início. Os elamitas seriam forçados a sorver a feroz ira de Yahweh, de forma que seriam devastados e suas cidades ficariam desertas. A espada os perseguiria até reduzi-los a nada. Seria uma espada *devoradora*. Durante alguns séculos, Elão deixaria de ser uma nação distinta. Mas eventualmente eles obterão restauração (vs. 39), pelo menos até certo ponto. Cf. o espírito deste versículo com Dan. 8.2-27.

49.38

Porei o meu trono em Elão, e destruirei dali o rei e os príncipes. Yahweh, através da Babilônia, reinaria supremo no Elão, dirigindo a matança e o cativeiro dos elamitas, e assim garantindo o fim daquele reino até que, durante o milênio futuro, Ele decida restaurá-lo em algum grau. O *trono* de Yahweh fala do controle absoluto, bem como de Sua soberania sobre todos os seres humanos. Isso reflete o *teísmo* bíblico, que comento no vs. 34. Cf. Eze. 32.24.

49.39

Nos últimos dias mudarei a sorte de Elão, diz o Senhor. Como no caso de alguns outros oráculos anti-estrangeiros, que começam no capítulo 16 do livro de Jeremias, a Elão foi prometida certa medida da graça, a despeito das ameaças severas. Chegará o tempo em que os elamitas serão restaurados a seu território pátrio. Cf. essa "promessa de restauração" com Jer. 48.47 e 49.6, onde Moabe e Amom recebem promessas semelhantes. Essa restauração não pode ser reduzida a alguns poucos que retornariam para habitar naquele lugar, após a queda da Babilônia. Todavia, Elão tornar-se-ia parte do império persa, e isso pode estar em foco. Alguns estudiosos pensam que essa profecia se refere aos últimos dias, à era do Reino de Deus, quando o Messias se tornará o Rei de toda a terra, em um sentido patente. Ver as notas sobre esses versículos, onde desenvolvo o tema de como a graça divina reverte situações adversas.

Capítulo Cinqüenta

Vários Oráculos contra a Babilônia (50.1 – 51.64)

O tema dos oráculos contra potências estrangeiras (Jer. 46-49) sugeriu que era apropriado haver aqui uma coletânea de oráculos contra a Babilônia, o mais feroz e ímpio poder estrangeiro da época. Esses oráculos são totalmente antibabilônicos, e alguns críticos supõem que Jeremias não poderia tê-los escrito. Isto porque, alegadamente, ele sempre aconselhou os judeus a não resistir à Babilônia, porquanto isso só serviria para aumentar o sofrimento dos judeus. No entanto, o simples fato de Jeremias ter dado tais conselhos, sobre uma base pragmática, não significa que ele estava cego para o mal horrendo que era a Babilônia.

Jeremias também solicitou que seus compatriotas orassem pelo bem-estar da Babilônia (ver Jer. 27.6; cf. Mat. 5.44). Isso também não o teria feito ignorar a idolatria e a violência daquela potência. Por outra parte, os dois capítulos à nossa frente contêm uma mistura de prosa e poesia. E, visto que tais passagens prosaicas sejam adornos feitos pelos editores, provavelmente isso também acontece aqui. Há uma referência direta aos medos (ver Jer. 51.11,28), o que poderia sugerir uma composição de partes literárias pós-cativeiro. A ênfase constante dos oráculos é o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*), doutrina que prega que Yahweh controla o que acontece entre as nações, e esse controle está alicerçado sobre princípios morais.

A Babilônia caiu para o rei persa, Ciro, em outubro de 539 A. C. Pouco depois, Ciro entrou triunfalmente naquela cidade. Ele foi um homem bastante moderado, que não perseguiu exageradamente os babilônios, depois de haver executado 4.000 nobres caldeus, e favoreceu a volta dos judeus a Jerusalém. O decreto que ele não demorou a editar possibilitou esse retorno, conforme vemos em Esd. 1.

"Esta seção contém dois temas principais: 1. A queda da Babilônia, algumas vezes apresentada como algo que já tivesse acontecido e, de outras vezes, como acontecimento futuro; e 2. a volta dos exilados à Terra Prometida. Cf. 24.6; 29.10. A atitude é um tanto mais severa do que antes no livro (cf. Jer. 50.14,24 com Jer. 27.6 e 43.10). Contudo, considere o leitor a passagem mais severa de Jer. 25.12-14, que pertence às profecias anteriores" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

O Anúncio do Julgamento (50.1-10)

50.1

Palavra que falou o Senhor contra Babilônia e contra a terra dos caldeus. A Babilônia estava destinada a ser humilhada pública e internacionalmente pelo julgamento de Yahweh, e Jeremias foi o primeiro profeta a receber a incumbência de anunciar isso. Durante muitos anos, ele tinha profetizado sobre a conquista de Judá pela Babilônia e o subseqüente cativeiro dos hebreus. Ora, a história prosseguiu ao ponto em que agora era vez de a Babilônia sentir a ferroada enviada por Deus.

Por intermédio de Jeremias, o profeta. Estas palavras podem dar a entender que a seção seguinte foi escrita pelo próprio Jeremias, e não por Baruque, seu amanuense. Encontramos essa expressão algures, somente em Jer. 37.2. Cf. os anúncios de Isa. 45-47, onde a queda de Babilônia ainda estava muito distante.

50.2

Anunciai entre as nações; fazei ouvir, e arvorai estandarte; proclamai, não encubrais. A Babilônia tinha matado e aleijado várias nações, tornando-se um caso internacional, pelo que sua própria queda se tornaria uma questão internacional. As profecias não deveriam ser mantidas em segredo. O tempo já se aproximava. Essas notícias deveriam receber larga divulgação. Todas as nações deveriam ouvi-las. A publicação seria universal. "A profecia sobre a desolação da Babilônia, que já se aproximava, aludida por tantas vezes nos versículos seguintes, foi sumariada em Jer. 51.7. A Babilônia tinha sido uma taça de ouro nas mãos do Senhor, e as nações tinham sido forçadas a beber do vinho que ali havia. Mas agora, de súbito, a Babilônia caiu e foi quebrada" (51.8)" (Stanley Romaine Hopper, *in loc.*).

Tomada é Babilônia, Bel está confundido. Os deuses da Babilônia fracassaram em salvá-la. *Bel* estava confundido; *Marduque tinha caído.* Ver no *Dicionário* sobre esses dois nomes próprios. Marduque era a divindade principal da Babilônia; e Bel era o deus da tempestade (cf. Jer. 51.44 e Isa. 46.1). As imagens feitas pelos homens, para representar aqueles falsos poderes, foram quebradas em pedaços. O julgamento feriu a Babilônia e suas divindades, e assim as nações da terra viram o absurdo da idolatria e de suas muitas pretensões. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Idolatria.* Diz o Targum: "Estão quebrados aqueles que adoravam a Marduque". O povo e seus deuses caíram juntamente, e a antiga fé naquela forma de idolatria chegou ao fim, pelo menos até onde Babilônia estava envolvida.

Arvorai estandarte. Ou seja, "levantai um sinal". Cf. Jer. 4.6,21. Esse sinal seria uma rápida comunicação sobre o fato temível: "A Babilônia caiu", e não uma convocação para a guerra, conforme a expressão é usada com freqüência. Uma maneira de anunciar grandes fatos era a sucessão de fogueiras acesas. Cf. Ésquilo (*Agam.* 272-307). "Levantai um sinal, para indicar às nações o lugar de encontro onde as boas novas da queda de Babilônia seriam anunciadas" (Fausset, *in loc.*).

50.3

Porque do norte subiu contra ela uma nação que tornará deserta a sua terra. Alguns intérpretes supõem que as descrições que achamos aqui vão além do que aconteceu quando os medos e os persas tomaram a Babilônia. Considere o leitor estes pontos:

1. O exército veio do *oriente,* dizem eles, e não do norte, conforme este versículo. Mas o exército veio do *norte* da Palestina.
2. A cidade de Babilônia não se tornou desolada e desabitada. De fato, a cidade de Babilônia tornou-se um dos centros governantes do império persa. O próprio Daniel permaneceu na cidade, após sua queda (ver Dan. 5.28,30-31; 6.1-3). Talvez o editor que produziu a cópia final do livro, que não conhecia exatamente como as coisas aconteceram, tenha exagerado em suas descrições, seguindo o tipo de coisas ditas sobre outras potências estrangeiras, como aquelas contra quem foram escritos os oráculos de Jer. 46. Além disso, o vs. 4 prometeu a reunião de Israel e de Judá em uma só nação, o que não sucedeu naquela época.

Esses fatos têm levado alguns intérpretes a supor que as profecias olham para um tempo posterior, para os *tempos escatológicos.* Naturalmente, hoje em dia, a área onde a cidade de Babilônia existiu virou um lugar ermo. A lição que aprendemos disso tudo é que não devemos pressionar demasiadamente as profecias e esperar exatidão, sobretudo sobre uma base a curto prazo. Jer. 50.39-40 e 51.29,37,43,62 contemplam uma Babilônia destituída de habitações. Basta-nos dizer que, "eventualmente", isso aconteceu, pois é precário ser por demais precisos quanto a questões de cronologia, quando tratamos de questões de conhecimento prévio.

Adam Clarke (*in loc.*) tem um comentário que merece atenção: "Essa guerra e as suas conseqüências (a queda da cidade) *deram início* aos desastres que levaram Babilônia, afinal, mediante o processo do tempo, à completa desolação".

50.4

Naqueles dias... voltarão os filhos de Israel, eles e os filhos de Judá juntamente. A reunião de Israel e Judá, formando de novo uma única nação e cultivando o culto a Yahweh, pertence aos tempos escatológicos, a saber, na era do Reino, sob o Messias; e, portanto, pelo menos esta parte da profecia olha completamente além da era babilônico-persa. Naturalmente, esperanças quanto a isso eram uma constante; assim sendo, os profetas não viam por quanto tempo tal reunião duraria. Ver Osé. 1.11, onde é expressa a esperança dessa reunião. Ver também Jer. 3.14-16 e cf. Esd. 3.13; 8.21-23; Nee. 9.38; 10.29; Zac. 12.10. Os filhos de Israel, assim reunidos novamente, virão chorando, diante da restauração de Israel, formando novamente uma única nação. De modo muito gradual, isso se cumpriu no tempo de Esdras e Neemias. Alguns poucos elementos da nação do norte vieram até Jerusalém.

50.5

Perguntarão pelo caminho de Sião, de rostos voltados para lá. Este versículo é definidamente ecatológico. Fornece descrições posteriores sobre a reunião profetizada de Israel e Judá em uma única nação. Haverá jubilosa volta ao yahwismo, neste caso, por meio do Messias e da era do Reino. A nação, uma vez reunida, buscará Yahweh-Elohim de todo o coração. A idolatria será abandonada, e haverá fé e confiança no Messias. Mas não está em vista aqui a igreja, a qual une judeus e gentios. A promessa aqui destina-se a Israel.

Em aliança eterna que jamais será esquecida. Ou seja, a renovação das antigas alianças sobre um novo plano, durante a era messiânica, uma espécie de ponto culminante de todas as antigas esperanças, formando uma nova norma política. Cf. Jer. 31.31 e 32.40. Coisa alguma parecida se cumpriu em conseqüência da queda da Babilônia.

50.6

O meu povo tem sido ovelhas perdidas; seus pastores as fizeram errar. Os tempos antigos eram tempos de perambulação, por causa da má influência de pastores errados e da corrupção interior. Nos dias vindouros, entretanto, pastores justos assumirão responsabilidades divinas, e haverá o Grande Pastor diante de quem todos os pastores humanos serão considerados responsáveis. Haverá a conversão interior, uma verdadeira fé que resultará em verdadeira dedicação. Dessarte, serão anulados os antigos erros. Israel-Judá voltará a seu repouso, sob a égide do Messias, o lugar que eles abandonaram para vaguear pelo caos e pela confusão deste mundo. A idolatria cederá caminho a uma adoração verdadeiramente espiritual.

Ponde-vos de pé nas estradas e olhai,
e perguntai pelas veredas antigas.

(Jeremias 6.16, cf. Jeremias 5.4)

É provável que os vss. 6-7 sejam comentários de editores sobre a restauração de Israel-Judá, anunciada nos vss. 4-5. As ovelhas dispersas (ver Jer. 23.1-3) finalmente voltarão a seus lares. Cf. Isa. 53.6 e Eze. 34.5.

Oh! o amor maravilhoso que Ele prometeu,
Prometeu para ti e para mim.
Embora tenhamos pecado, Ele tem dó e perdoa,
Tem perdão para ti e para mim.

(Will L. Thompson)

Do monte passaram ao outeiro. A alusão provável é à idolatria praticada nos *lugares altos* (ver a respeito no *Dicionário*), como vívida ilustração dos antigos desvios de Israel para longe de Yahweh.

50.7

Todos os que as acharam as devoraram. Os desvios de Israel os levaram de uma calamidade a outra, às mãos de homens ímpios. Manifestou-se a antiga síndrome de idolatria-apostasia-julgamento-restauração. A era do Reino de Deus, entretanto, anulará esses desvios, e Israel-Judá será levado à Terra Prometida para ali permanecer. Os pagãos mostraram ser quais leões devoradores, que se avantajavam sobre as ovelhas desviadas para alimentar-se. Cf. Sal. 79.7. Aqueles pagãos devoradores desculpavam-se do que faziam pensando não serem culpados de nenhuma maldade, pois, afinal de contas, cumpriam a vontade de Yahweh, punindo o Seu povo. Isso exprime uma verdade, até certo ponto, mas a violência terá de sofrer sua própria retaliação.

50.8

Fugi do meio de Babilônia, e saí da terra dos caldeus. Cf. este versículo com Jer. 51.6 e Isa. 48.20. Os que pudessem fazê-lo, deviam fugir da Babilônia para evitar a destruição imposta pelo inimigo que desceria do *norte* (vs. 3). Os abutres estavam juntando-se, e os pequenos animais fariam melhor se saíssem daquela área. Os bodes sempre seguem à frente do rebanho, fornecendo direção para as ovelhas seguirem. Deveria haver líderes que ajudassem o povo a retirar-se. Talvez tenhamos aqui um convite para que judeus que estavam na Babilônia fugissem, se isso fosse possível; ou então trata-se de um convite em geral: todos os povos que estivessem ali e nada tinham que ver com aqueles conflitos mundiais, deveriam abandonar a cena da tempestade. Babilônia era um cidade condenada. Não mais poderia ser considerada um "lar". Israel (Judá) não tinha, entretanto, poder para fugir, e somente o decreto de Ciro tornou essa fuga possível, após a queda da Babilônia. Mas o *ideal* teria sido que os judeus fugissem antes dessa queda.

50.9

Porque eis que eu suscitarei e farei subir contra Babilônia um conjunto de grandes nações da terra do Norte. Na *aliança medo-persa,* os aliados e mercenários novamente são declarados como vindo do norte (vs. 3), embora, na realidade, estivessem a leste da Babilônia. Entretanto, eles eram do norte da Palestina. Ver as notas sobre o vs. 3 quanto a diversos esclarecimentos e detalhes da profecia. As *flechas* da aliança seriam atiradas com extrema precisão, o que significa que o exército seria uma máquina de matar muito eficaz. As *flechas* simbolizam a guerra em geral, tal como o vocábulo *espada* algumas vezes tem o mesmo sentido metafórico. Nem uma única flecha seria atirada em vão, o que significa que Yahweh daria aos medos e persas sucesso absoluto, ao passo que à Babilônia daria derrota absoluta. O império medo-persa foi a nova maré da história, bem como um novo ato no palco das atividades humanas. Esse império medo-persa teria seu período de hegemonia. O império babilônico tinha chegado ao fim. Os medos e os persas eram famosos por suas habilidades como arqueiros, o que explica a figura aqui para indicar as lides guerreiras em geral.

50.10

A Caldéia servirá de presa; todos os que a saquearam se fartarão. A grande saqueadora, a Caldéia, seria ela mesma saqueada. Todos os que se ocupassem dessa atividade seriam satisfeitos com muitos bens e ficariam contentes. Dessa maneira estava sendo cumprida a *Lex Talionis* (pagamento de acordo com a gravidade do crime). Ver sobre esta expressão no *Dicionário,* como também sobre a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* De conformidade com o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*), Yahweh governa com justiça. As leis morais estão por trás da maneira como o Senhor lida com as nações. Havia grandes riquezas na Babilônia, pelo que os saqueadores não se desapontariam com seus "salários". Os exércitos antigos viviam de seus saques.

50.11

Ainda que vos alegrais e exultais, ó saqueadores da minha herança. "A Babilônia pecou por haver destruído orgulhosamente Judá. Deus haverá de julgar qualquer nação que se regozije e se alegre por estar pilhando sua herança (ver Deu. 4.20), saltando como uma novilha e relinchando como cavalo. Deus jurou que a Babilônia cairia em desgraça, transformando-a em um deserto, desabitado e completamente desolado" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Quanto a atacar a herança de Deus, cf. Isa. 47.6. Quanto a Israel como a herança de Deus, ver também Deu. 9.26. Quanto a Yahweh como o proprietário da herança do povo, ver Núm. 18.20.

O "riso dos garanhões" (NCV) provavelmente é uma referência sexual. Os conquistadores corriam atrás do saque como machos atrás de fêmeas. Provavelmente temos aqui também uma alusão ao costume bélico de violentar as mulheres capturadas na guerra. Isso sempre fez parte do jogo dos saques.

50.12

Será mui envergonhada vossa mãe, será confundida a que vos deu à luz. "O profeta referia-se aqui ao povo da Babilônia, pelo que a cidade desse nome é descrita como a mãe deles" (Ellicott, *in loc.*). A mãe seria *envergonhada;* aquela que tinha dado à luz aos babilônios cairia em completa desgraça. A figura da violação sexual, que aparece no vs. 11, continua aqui. O violador também seria violado, em justa retribuição por sua iniqüidade, conforme a *Lex Talionis* (ver o vs. 10). Ultraje provocava ultraje. "Mudança maravilhosa: a Babilônia, que já tinha sido a rainha do mundo, tornar-se-ia a cauda e, finalmente, deserto desabitado" (Fausset, *in loc.*).

A Babilônia tornar-se-ia a menos importante de todas as nações.
Ela seria transformada em um deserto vazio e seco.

(NCV)

O vs. 13 dá prosseguimento às descrições, adicionando detalhes.

50.13

Por causa da indignação do Senhor não será habitada, antes se tornará de todo deserta. A ira de Yahweh, o Seu feroz julgamento, foi a *causa* do que ocorrera à Babilônia. Ela ficaria *desabitada* (o tema de Jer. 50.39-40; 51.29,37,43,62). "Palavras similares foram ditas sobre Jerusalém ou a terra de Israel, em Jer. 18.16; 19.8 e 25.9,11, e sobre Edom, em Jer. 49.17. A *Babilônia* não foi destruída pelos persas, e só caiu em ruínas na época de Alexandre" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Ver as notas expositivas no vs. 3, que dizem respeito a esse "efeito adiado" da profecia.

A cidade de Babilônia, uma vez destruída, tornar-se-ia objeto de derrisão da parte dos povos. "Qualquer viajante que a tivesse visto em sua glória ficaria agora espantado por ver sua desolação. E, mediante escárnio e zombaria, assobiaria diante do lugar, por haver sofrido o julgamento de Deus. Ele se regozijaria diante do que visse, sacudindo a cabeça" (John Gill, *in loc.*). Cf. descrição semelhante em Jer. 24.9, que se aplica a Judá naquela passagem. Ver também Jer. 19.8 e 49.17 quanto a declarações similares. A segunda referência aplica-se a Edom.

50.14

Ponde-vos em ordem de batalha em redor contra Babilônia. O julgamento de Babilônia tinha chegado. Os arqueiros especialistas deveriam atirar suas

flechas contra a Babilônia (ver os comentarios sobre o vs. 9). Eles não deveriam ter compaixão da Babilônia, nem poupar esforços para levar esse império à sua condenação. Ela tinha pecado; por isso teria de cair. Xenofonte (*Cyropaedia* 1.2.cap. 1) informa-nos que Ciro atacou a Babilônia com grande número de arqueiros, a habilidade especial do exército medo-persa. Eles também contavam com vasto número de fundibulários que eram sempre precisos. "As palavras pintam o quadro de tropas levemente armadas que compunham a força do exército medo-persa (cf. Jer. 49.35 e 50.14)" (Ellicott, *in loc.*). Aprendemos os fatos seguintes: 1. O mal é punido; 2. Os julgamentos divinos são devidamente administrados e adaptados aos pecados cometidos; 3. Há instrumentos humanos apropriados que aplicam o castigo e, nesses casos, os instrumentos são destinados a esse tipo de punição.

50.15

Gritai contra ela, rodeando-a; ela já se rendeu. Falharam todas as defesas da Babilônia. Suas torres foram derrubadas; suas muralhas foram niveladas até o chão. Coisa alguma poderia salvar a Babilônia, quando chegou o tempo da destruição, porque a vontade de Yahweh estava por trás disso. Ela sofreu a *vingança* divina, devido à sua indescritível iniqüidade, que vivia clamando por retribuição. O que ela tinha feito contra outros, voltou-se contra ela mesma. Ela teve de render-se a uma força superior e, assim sendo, sofreu todo o tipo de desgraça, e estrangeiros a saquearam, desgraçaram e envergonharam (vs. 12).

Filha de Babilônia, que hás de ser destruída;
feliz aquele que te der o pago do mal que nos fizeste!

(Salmo 137.8)

Ver Apo. 18.6, onde temos uma declaração semelhante, pronunciada contra Roma, a Babilônia dos últimos dias. Diz o Targum: "É a vingança do povo do Senhor".

50.16

Eliminai de Babilônia o que semeia, e o que maneja a foice no tempo da sega. "Não permiti que o povo da Babilônia plante suas plantações. Não permiti que eles colham a colheita" (NCV, explicando a primeira parte do versículo mediante uma tradução bastante liberal). A *espada* (ataque militar) do opressor (a Babilônia) levara muitos povos para o cativeiro. Agora aquela gente exilada tinha a oportunidade de voltar à sua terra, quando Ciro pôs fim ao monstro. Alguns estudiosos pensam que *espada,* neste caso, seria a espada do Senhor nas mãos dos atacantes medo-persas, que exerceriam um efeito libertador sobre os cativos da Babilônia. Mas isso não se cumpriu em grande extensão exceto no caso do remanescente de Judá, que voltou a Jerusalém. Cf. Jer. 51.9.

50.17

Cordeiro desgarrado é Israel; os leões o afugentaram. *As duas grandes calamidades* da história de Israel-Judá foram os dois cativeiros, o assírio (contra Israel, a nação do norte) e o babilônico (contra Judá, a nação do sul). Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cativeiro Assírio* e *Cativeiro Babilônico,* para maiores detalhes. Ambos os cativeiros são comparados a leões que caçavam, os quais devastavam e devoravam suas vítimas. Um leão faminto chegava a roer os ossos das vítimas, não se contentando somente em comer-lhes as carnes. Os *ossos* representam, por muitas vezes, a pessoa inteira, pois o esqueleto é o arcabouço do corpo inteiro. Ver Sal. 102.3 quanto à figura simbólica. Naquele lugar dou uma nota expositiva detalhada sobre a questão. Israel e Judá eram as *ovelhas* que primeiramente foram dispersas e em seguida foram devoradas pelos leões da Assíria e da Babilônia. Cf. os vss. 6-7 quanto à metáfora das ovelhas, incluindo o fato de elas estarem sendo devoradas. O cativeiro de Israel, a nação do norte, ocorreu em 722 A. C., e o cativeiro de Judá, a nação do sul, ocorreu em 586 A. C. Mas finalmente haveria a reversão da sorte de ambos (vss. 19-20; ver também o vs. 4). "O *leão* aparece aqui, tal como em Dan. 7.4, como símbolo das grandes monarquias orientais. O fato de o *leão alado* esculpido aparecer tão constantemente nas ruínas tanto da Assíria quanto da Babilônia dá ao simbolismo uma força toda especial" (Ellicott, *in loc.*).

50.18

Eis que castigarei o rei de Babilônia, e a sua terra, como castiguei o rei da Assíria. O completo título divino de poder introduz o decreto de punição contra a Babilônia: *Yahweh-Sabaote-Elohim* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso). Cf. com Jer. 2.19; 5.14; 7.3; 8.3; 9.7; 15.16; 19.15; 27.4; 42.15; 46.10 e 48.1. Assim, a Assíria, que causara tanta dor ao reino do norte, Israel, foi eliminada pela Babilônia; e a Babilônia, que causara tanta dor ao reino do sul, Judá, foi eliminada pelo exército da Média-Pérsia. Por trás dessas guerras internacionais o poder de Yahweh operava entre as nações, o que concorda com o *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*).

50.19

Farei tornar Israel para a sua morada, e pastará no Carmelo e em Basã. A restaurada nação de *Israel-Judá,* unida como uma só nação, novamente possuirá o benefício do antigo país, com seus recursos naturais e suas vantagens. Essa nação haverá de desfrutar as delícias do elevado monte Carmelo (ver Isa. 65.10; Eze. 34.14-15); a produção agrícola das férteis planícies de Basã, a leste do mar da Galiléia; e as frutas das colinas de Efraim e Gileade, a leste do rio Jordão (Núm. 32.1; Miq. 7.14). Alguns poucos lugares representativos são mencionados para lembrar-nos das vantagens de viver na Terra Prometida, que manava leite e mel (ver Êxo. 3.8; Lev. 20.24; Núm. 13.27 e Deu. 6.3).

50.20

Naqueles dias, e naquele tempo... buscar-se-á a iniqüidade de Israel, e já não haverá. O *Israel restaurado* será uma *Israel santo,* cujos pecados foram perdoados e cuja conduta anulara erros e corrupções do passado. Mesmo uma busca cuidadosa não encontrará mal algum. Tanto Israel quanto Judá estarão unidos em uma nova maneira de viver. A menção ao *remanescente* mostra-nos que a aplicação imediata dessas palavras diz respeito à restauração terminado o cativeiro babilônico. Mas o fraseado vai adiante, e podemos ver aqui vislumbres da era do Reino de Deus, ou milênio. Cf. Jer. 31.31-34, por certo uma passagem escatológica. Quanto ao remanescente eleito, cf. Isa. 1.9 e Zac. 13.8-9 e 14.2.

50.21

Sobe, ó espada, contra a terra duplamente rebelde, sobe contra ela e contra os moradores da terra. Dois jogos de palavras enfatizam o chamado lançado aos medos e persas para infligirem dano contra a Babilônia. *Merataim* (dupla rebeldia) seria atacada, e a rebelião contra Deus seria abafada. Essa era a região onde os rios Tigre e Eufrates entravam no golfo Pérsico, ao sul da Babilônia. A alusão é ao duplo cativeiro do qual a Babilônia participará contra Israel-Judá (vs. 17). A expressão literal, *mat marrati,* significa "Terra do Rio Amargo", e não se refere a uma cidade, mas , sim, a uma área. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Merataim,* quanto a detalhes. O ataque também seria contra *Pecode,* nome que significa "punição". Nenhum lugar com esse nome já foi descoberto, pelo que o profeta pode tê-lo inventado como designação para a Babilônia, como justo objeto da punição divina. Contudo, esse nome pode referir-se a uma tribo de arameus que vivia no lado oriental do baixo rio Tigre. O povo que habitava aquela região foi incorporado ao império babilônico, e a alusão pode ser a eles, ou o profeta empregou o termo por causa de seu significado, sem nenhuma alusão geográfica ou étnica. Seja como for, os dois termos foram aplicados à Babilônia em geral.

A brutal Babilônia seria sujeitada a um brutal tratamento retributivo. Haveria matanças, destruição, desolação e saque. Essa seria a manifestação da ira de Yahweh, que, na qualidade de *Sabaote,* atuaria como o General dos exércitos na matança.

50.22

Há na terra estrondo de batalha e de grande destruição. Os *ruídos de batalha* eram especialidade dos babilônios, e a humanidade toda estremecia diante deles. Agora, porém, esse ruído era contra a Babilônia, e a destruição era grande. A maré do tempo havia revertido as fortunas, e por trás disso estava Yahweh, o Senhor das águas. Os gritos dos guerreiros, tão ansiosos para matar; o entrechoque dos exércitos; os bufos dos cavalos; o ruído dos carros de combate; os gritos dos feridos; os gemidos dos moribundos. A Babilônia deleitava-se nesses sons; mas agora era sua vez de temer ante esses clamores.

50.23

Como está quebrado, feito em pedaços o martelo de toda a terra! Por muito tempo a Babilônia tinha sido o martelo despedaçador e esmagador que quebrou tantas nações naquela parte do globo. Esse povo tinha sido um terror para outros, cujo próprio nome fazia outros povos estremecer e desmaiar de medo. A maré do tempo haveria revertido as fortunas, e agora a Babilônia era quebrada em pedacinhos. Chegara a sua vez de ficar horrorizada pelas brutalidades sem misericórdia, tal como ela mesma não tivera misericórdia para com outros povos. A nação despedaçadora fora despedaçada, em harmonia com a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). O governo mundial de Yahweh baseava-se em princípios morais que exigiam vingança contra a iniqüidade. "Agora o próprio martelo, que fora o instrumento nas mãos de

Yahweh (ver Jer. 51.20), estava sendo, por sua vez, esmagado por um poder maior do que o dele" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Isa. 14.6. A potência que tinha sido a cabeça das nações agora se tornara uma nação de nada, zombada e escarnecida por outros povos (vs. 13).

50.24

Lancei-te o laço, ó Babilônia, e foste presa, e não o soubeste. A Babilônia, que tinha sido a *caçadora,* abrindo covas e preparando armadilhas para os mais fracos do que ela, a fim de destruir totalmente o povo tomado em cativeiro, agora foi apanhada em uma armadilha fatal que Yahweh lhe preparara, e foi desmembrada como um caçador sem piedade desmembra o animal que apanha, somente para obter o dinheiro ganho com a venda do corpo. Assim sendo, a caçadora tornou-se a caça. A capturadora tornou-se a capturada. A matadora acabou morta. Este versículo provavelmente alude ao estratagema usado por Ciro para desviar o curso do rio Eufrates a fim de preparar o caminho para que seu exército entrasse na cidade. Foi desse modo que Ciro conquistou a cidade de Babilônia de surpresa, uma das principais armas de um bom caçador. Cf. com Heródoto, *Hist.* i.cap. 191, que nos informa que metade da cidade já estava tomada antes que os outros habitantes tivessem consciência do ataque. Ver Dan. 5. Ver Jer. 51.31-32 quanto a uma vívida narrativa dessa história.

50.25

O Senhor abriu o seu arsenal e tirou dele as armas da sua indignação. Outro simbolismo foi usado para descrever o que aconteceu. Yahweh abriu seu vasto arsenal e tirou dali boa variedade de armamentos contra a Babilônia, para assegurar a queda da cidade. Ele é *Sabaote,* o *Senhor dos Exércitos,* pelo que também sabe como fazer a guerra. Deus é especialista no uso de todo o mecanismo de guerra, e fez com que todas essas máquinas de guerra se voltassem contra a anterior senhora do mundo. Mediante a lista de armas, Ele exibiu Sua indignação contra esse povo, o qual por longo tempo praticara feitos sanguinários. *Yahweh- Sabaote-Elohim* preparara sua peça mestra de destruição. Ver o vs. 18 do presente capítulo, onde apresento várias referências no livro de Jeremias onde esse título divino de poder é empregado. Ver também, no *Dicionário,* o artigo chamado *Deus, Nomes Bíblicos de.* Uma expansão do simbolismo que aparece neste versículo é dada em *Sabedoria* v.17-23 e xviii.15,1. Cf. Isa. 13.5.

50.26

Vinde contra ela de todos os confins da terra. O exército dos medos e persas, com seus aliados e mercenários, era um exército internacional; e, assim sendo, em um sentido bem real, a Babilônia foi atacada "de todas as direções" (Revised Standard Version). A tradução inglesa NCV diz aqui: "de longe", que também se aplica bem à situação. Nossa versão portuguesa diz: "de todos os confins da terra". Esse exército universal seria bem recompensado por seus esforços, porquanto o saque abriria o maior armazém de bens do mundo. Os armazéns da Babilônia alimentariam os invasores por longo tempo, e haveria festejos, danças, vinho, mulheres e cânticos por muitos anos. Entrementes, a Babilônia ficaria em ruínas e, finalmente, seria completamente destruída. Nenhuma rebeião obteria sucesso, e uma nação inteira entraria em esquecimento. Cf. Apo. 18.8,21-23, que fala da destruição da Babilônia dos últimos dias, Roma. "No tempo em que Ciro tomou a cidade, ela estava cheia de provisões e tesouros de todas as espécies. As muralhas da cidade não sofreram nenhum dano. Quando seus habitantes ouviram o que tinha acontecido, que havia um inimigo *dentro* de suas muralhas, devem ter pensado que o adversário brotara da terra!" (Adam Clarke, *in loc.*).

50.27

Matai à espada todos os seus touros, os seus valentes. A destruição dos rebanhos de gado graúdo (possivelmente pelo uso de um grande exército) pode estar em vista. O mais provável, entretanto, é que devamos entender aqui figuradamente os *touros:* seus homens fortes, seus generais, seus capitães e seus guerreiros. Nesse caso, está em vista a destruição do exército babilônico, que deixou o país entregue aos adversários. É assim que o Targum e a Vulgata Latina entendem a questão. "... comparados a touros por causa de sua força, gordura e ferocidade (Sal. 22.12-13)" (John Gill, *in loc.*). Ver também Isa. 34.7; Jer. 48.15.

A matança dos homens fortes seria uma vingança, tomada por Yahweh-Elohim, pela maneira como o templo de Jerusalém foi sujeitado a abusos pelo exército babilônico, conforme o vs. 28 nos relembra. A Babilônia teve seu dia de glória, que foi inevitavelmente seguido por seu dia de condenação.

50.28

Ouve-se a voz dos que fugiram e escaparam da terra de Babilônia. No meio da confusão, certos judeus seriam capazes de fugir, e apressar-se-iam para chegar a Jerusalém, levando as boas novas: "A Babilônia caiu". O povo se regozijaria e veria a vingança de Yahweh-Elohim na questão, por causa do que o exército babilônico fizera em Jerusalém, que incluía a destruição do templo. O templo e seus vasos sagrados tinham sido profanados. Ver Jer. 52.13; Dan. 1.2; 5.2.

"Nabucodonosor pilhou, profanou e demoliu o templo, e transportou para a Babilônia os vasos sagrados, colocando-os no templo de seu deus, Bel" (Adam Clarke, *in loc.*). Eventualmente, Nabucodonosor teve de pagar elevado preço por esses ultrajes.

50.29

Convocai contra Babilônia a multidão dos que manejam o arco. Este versículo repete a idéia do vs. 14, a habilidade especial do exército medo-persa, com o arco e a flecha, que simbolizavam seu poder militar. Esse poder seria usado plenamente contra os profanos, blasfemos e orgulhosos babilônios, cujo dia estava terminando e cuja condenação tinha chegado da parte de Deus. Nem um único soldado babilônio escaparia à destruição, e todos receberiam de volta o mal que praticaram em seu orgulho ao desafiar Yahweh e profanar o templo. Yahweh é o Santo de Israel, em contraste com os deuses aviltados da idolatria pagã e, no entanto, Nabucodonosor teve a audácia de corromper e profanar Seu templo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Santo de Israel,* quanto a detalhes sobre esse título.

Xenofonte (*Cyropaedia,* 1.2. cap. 1) informa-nos que o exército de Ciro contava com 60.000 arqueiros de alta habilidade. A Babilônia se comportara altiva e desprezivelmente contra Judá e sua cidade sagrada, pelo que o real inimigo deles era Yahweh, que usou a Média-Pérsia como novo instrumento de destruição. "Tal como no vs. 15, o profeta viu a queda da Babilônia como a operação da lei da retribuição divina. Encontramos aqui a primeira ocorrência do título divino *Santo de Israel,* no livro de Jeremias, de uso comum em outros livros, incluindo Isaías. Ocorre novamente, no livro de Jeremias, em 51.5" (Ellicott, *in loc.*).

50.30

Portanto, cairão os seus jovens nas suas praças, e todos os seus homens de guerra... Este versículo é virtualmente idêntico a Jer. 49.29, que se manifesta contra Damasco. Ver as notas expositivas ali. O juramento divino fez com que as coisas assim fossem. Ver Dan. 5.30 e Apo. 20.18.

50.31

Eis que eu sou contra ti, ó orgulhosa, diz o Senhor Deus dos Exércitos. Babilônia, a orgulhosa, por muito tempo impusera sua sanguinária vontade sobre o mundo. Agora, porém, Yahweh, por meio do exército medo-persa, reduziu a nada o poder arrogante da Babilônia. Ver o orgulho e a humildade contrastados em Pro. 11.2 e 13.10. Note o título completo do poder divino empregado aqui, para enfatizar a certa retribuição divina: *Yahweh-Sabaote-Elohim* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso). Quanto a notas sobre isso, ver Jer. 50.18, bem como detalhes no artigo do *Dicionário* intitulado *Deus, Nomes Bíblicos de.* A Babilônia teve seus dias de glória, quando realizou muitas e grandes perversidades e profanações. Agora, porém, tinha chegado o seu dia de condenação, pois ela seria *substituída* como ator proeminente no palco da história humana.

50.32

Então tropeçará o soberbo, e cairá, e ninguém haverá que o levante. A orgulhosa nação de Babilônia *deveria cair* para nunca mais levantar-se, porquanto o fogo da ira de Deus haveria de incendiar suas cidades, e o país inteiro seria devorado. Ver Jer. 15.14; Lam. 4.11; Amós 1.4,7,10,12,14; 2.2,5 quanto a algo similar. Na verdade, a Babilônia nunca mais se ergueu, em contraste com outras nações derrotadas. Saddam Hussein, o ditador do Iraque, que é o nome do país que antigamente se chamava Babilônia, planeja reconstruir o antigo local da cidade de Babilônia, mas até agora os seus planos têm sido frustrados. Cf. o ensino de Pro. 16.18:

A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito, a queda.

50.33

Os filhos de Israel e os filhos de Judá sofrem opressão juntamente. *Yahweh-Sabaote* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos) tinha proferido Seu juramento. A questão estava garantida, e o cumprimento do plano de Deus dar-se-ia em breve. O poder divino traria de volta os cativos de Judá e daria a Israel um novo dia, um dia de reconstrução. Eles andavam *oprimidos,* e os opressores teriam de pagar pelo ultraje. Isso, todavia, não foi o capítulo derradeiro da história. O Redentor (vs. 34) escreveria outro capítulo que deixaria para trás o capítulo acerca da Babilônia. "Todos os apelos relativos à misericórdia de seus conquistadores, a Assíria e a Babilônia, foram inúteis" (Ellicott, *in loc.*). Portanto, Israel precisou apelar a um tribunal mais alto.

50.34

Mas o seu Redentor é forte, o Senhor dos Exércitos é o seu nome. Somente o *Redentor* de Israel poderia reverter o que a Babilônia tinha feito. Ele é *forte,* e o nome Dele é Deus Eterno, Senhor dos Exercitos (Yahweh-Sabaote). É Ele quem controla os eventos da história da humanidade. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Teísmo.* Ele é a *causa* do que acontece: o soerguimento da Babilônia; o cativeiro de Judá; a queda da Babilônia; a restauração de Judá. "*Redentor* é um título usado com freqüência para Yahweh no Segundo Isaías (ver Isa. 43.14; 44.6; 47.4; 48.17; 49.7 e 54.5" (Philip Hyatt, *in loc.*). Cf. Núm. 35.12; Rute 4.1,8; Jó 19.25; e ver no *Dicionário* o artigo chamado *Goel.*

Porque o seu Vingador é forte, e lhes pleiteará a causa contra ti.

(Provérbios 23.11)

Os atos do Redentor trariam paz a Judá, mas à Babilônia trariam agitação e temor, pelo que as fortunas desses dois países sofreriam diametral reviravolta — a força seria transformada em fraqueza, e a fraqueza seria transformada em força. E tudo isso em consonância com a justa retribuição divina e as operações da lei universal da colheita conforme a semeadura.

50.35

A espada virá sobre os caldeus, diz o Senhor. A *espada,* que simboliza a guerra nas Escrituras, seria enviada contra a Babilônia, tal como essa potência, por tantos anos, destruíra seus vizinhos. A "inquietação" referida no vs. 34 é agora ilustrada nos vss. 35-38. A palavra "espada" aparece cinco vezes nesses quatro versículos. Ademais, a guerra seria seguida pela seca e por outros desastres naturais, comuns nos lugares despedaçados pela guerra. Sábios, psíquicos, videntes e profetas predisseram somente o bem para a Babilônia. Eles mentiram, ou estavam enganados. Pois nem os deuses (da idolatria) nem os homens seriam capazes de ajudar aquele povo violento em seu tempo de provação. Cf. Isa. 47.13; Rom. 1.21-25; I Cor. 1.20. Ver especialmente Dan. 2.2,13.

50.36

A espada virá sobre os gabarolas e ficarão insensatos. Encontramos aqui a segunda vez em que a palavra "espada" aparece nos quatro versículos (35-38). Lemos aqui que a guerra e a violência atingiriam os *mentirosos,* o que provavelmente se refere aos profetas que viam somente coisas boas para a Babilônia, enganando o povo sobre o futuro sombrio que se aproximava. Então a espada cairia sobre os *poderosos,* ou seja, os oficiais do exército e os políticos, incluindo o próprio monarca da Babilônia. Toda essa gente seria confundida e envergonhada. O terror faria os joelhos de todos eles estremecer, e o que aquele povo horrendo fizera contra outros povos seria agora experimentado por eles. "Eles ficarão transidos de terror" (NIV).

50.37

A espada virá sobre os seus cavalos, e sobre os seus carros, e sobre todo o misto de gente. A espada continuaria seu trabalho, e aqui temos a terceira e a quarta menção da palavra "espada", nos vss. 35-38. A guerra e a violência cairiam sobre os cavalos, o principal instrumento de guerra nas batalhas antigas. O animal sofreria o que seu cavaleiro fizesse. Os carros de combate seriam demolidos, à medida que a guerra continuasse, pelo que outro instrumento usado nas batalhas antigas se perderia. E a espada também cairia sobre o exército em geral, incluindo militares de patentes mais baixas e mercenários, que sempre engrossavam as fileiras dos exércitos antigos. A matança em massa sempre foi um bom negócio, visto que o *saque* era oferecido como salário. O exército babilônico seria invadido pelo terror e se tornaria como um bando de mulheres histéricas. E a guerra também chegaria aos tesouros da Babilônia, e faria esses valores trocar de mãos. Haveria grande "furto", quando o saque se espalhasse pelo país. A anterior grande potência seria reduzida à desolação. A Babilônia chegaria ao seu fim.

50.38

A espada virá sobre as suas águas, e estas secarão. A *terrível tríade* da guerra era formada pela *espada, fome* e *pestilência.* E isso cairia sobre a derrotada Babilônia. O presente versículo não nos fornece o mesmo fraseado, mas a idéia é semelhante. Cf. Jer. 14.12; 24.10; 29.17; 34.17; 42.17 e 43.13. Os resultados posteriores da guerra algumas vezes destroem mais do que a própria guerra. A guerra e suas conseqüências deixam um país totalmente desolado.

Porque a terra é de imagens de escultura. A Babilônia tinha muitos pecados pelos quais pagar, mas o profeta Jeremias nos lembra do rei dos pecados, a *idolatria.* Os idólatras babilônicos chegariam a um mau fim. Essa era sempre a mensagem por trás das profecias contra Judá. Judá teria de sofrer a vingança de Yahweh por causa de sua idolatria-adultério-apostasia. Este mundo é governado pelas leis morais de Yahweh e, quando os homens as violam, tornam-se alvos da violência divina. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Idolatria,* quanto a detalhes sobre essa prática horrenda. A Babilônia tinha enlouquecido em sua idolatria, perdendo todo o controle próprio e abandonado a razão.

50.39

Por isso as feras do deserto com os chacais habitarão em Babilônia. "Uma vez que a Babilônia fosse devastada pela guerra e massacrada pelas conseqüências da guerra, a população seria obliterada daquele território. Em seguida, as feras se mudariam para esse território, no qual passariam a habitar. Cf. Isa. 13.21-22; 34.14; Jer. 51.37 e Apo. 18.2, quanto a declarações similares. Isso foi literalmente cumprido, no tocante à Babilônia, tendo sido criadas condições que permanecem até hoje. Essas são frases que exprimem a final e total extinção da Babilônia, o que não se cumpriu de imediato, mas por etapas" (Fausset, *in loc.*).

"[A Babilônia] foi tomada por Ciro e feita tributária dos persas; a sede de governo foi transferida da Babilônia; suas muralhas foram demolidas por Dario; foi drenada tanto de seus habitantes como de suas riquezas por Seleuco Nicator, quando ele construiu nas proximidades a cidade de Selêucia (Plínio, *Hist. Natural* 1.6, cap. 26). No tempo de Adriano, nada restava ali exceto uma antiga muralha. No tempo de Jerônimo, o local da antiga cidade da Babilônia se tornara um parque para o rei da Pérsia usar como terreno de caça. Cf. o vs. 13 e ver Isa. 13.20" (John Gill, *in loc.*).

50.40

Como quando Deus destruiu a Sodoma e a Gomorra, e as suas cidades vizinhas. O aniquilamento de Babilônia seria parecido com a destruição de Sodoma e Gomorra, ou seja, uma destruição absoluta. Nenhum ser humano habitaria ali ainda, e nenhum ser humano gostaria de habitar ali. A cidade de Babilônia se tornara um lugar amaldiçoado. Cf. Jer. 49.18, que fala da destruição que atingiria Edom. O Iraque tem planos para reconstruir antigas localidades. Informações sobre isso estão contidas no *Archaeological Survival of Babylon is a Patriotic, National and International Duty* (Bagdá, State Oranization of Antiquities and Heritage, 1982). Talvez daí resulte a reconstrução da Babilônia, talvez não. Alguns intérpretes, antecipando a possível reconstrução da cidade de Babilônia, transferem a natureza absoluta da profecia para a época da Grande Tribulação. Mas isso é desnecessário. O que tem acontecido à antiga Babilônia, através dos séculos, é suficiente para o cumprimento dessa profecia.

A Angústia da Babilônia (50.41-46)

50.41

Eis que um povo vem do norte; grande nação e muitos reis se levantarão dos confins da terra. Este e o próximo versículo são quase exatamente iguais a Jer. 6.22-24, mas agora se aplicam à Média-Pérsia, e não ao exército da Babilônia. Ambas as forças viriam, declaradamente, do norte. Ver Jer. 50.3 quanto a essa direção, em referência a Ciro e a seus guerreiros. Ambas as nações ficavam ao norte de Israel, embora a Pérsia ficasse essencialmente a *leste* da Babilônia. A natureza *internacional* do exército da Média-Pérsia é novamente enfatizada, conforme também se vê no vs. 9, onde comento esse aspecto. O vs. 26 também enfatiza o elemento internacional, onde há notas adicionais a respeito. Jer. 6.23 mostra-nos que o exército da Babilônia também era uma máquina de guerra. Os dois exércitos criavam grande confusão e intensos sofrimentos. Ambos tiveram seus momentos de sofrimento, como parte da operação das leis morais de Yahweh.

50.42

Armam-se de arco e de lança; eles são cruéis, e não conhecem a compaixão. O profeta fornece-nos aqui uma temível descrição do exército persa. Eles eram muito habilidosos no uso do *arco* e da *lança.* Ver os comentários sobre os vss. 9,14,29 (arco e flecha) e sobre os vss. 35-37 (onde a espada é mencionada *cinco* vezes). Eles apreciavam as matanças e as conduziam sem o menor sinal de dó. Não demonstravam misericórdia alguma. Homens, mulheres e crianças eram atravessados por flechas ou cortados à espada, de forma que é terrível apenas ouvir o relato. Eles se aproximavam fazendo forte ruído como o de uma trovoada, lançando o terror no coração dos soldados mais endurecidos, pois se parecia com o som rugidor do mar, a multidão das águas. Quanto a essa figura simbólica, cf. Isa. 5.30. Eles chegavam em seus cavalos de guerra treinados e devidamente preparados para entrar em batalha, tal como os seus cavaleiros. "Tão bem ordenado e unido era o exército [da Média-Pérsia] que entrava na batalha como se fosse um único homem" (Grotius, *in loc.*). Assim era o esporte das guerras antigas. A vítima especial da marcha das tropas da Média-Pérsia era a *filha de Babilônia,* que sofreria tremenda violência sexual.

Rugem as ondas da arrebentação,
Ondas tumultuosas obedecem à vontade Dele.

(Charles Wesley)

50.43

O rei de Babilônia ouviu a fama deles, e desfaleceram as suas mãos. Este versículo fala sobre aquele animal, o rei da Babilônia, acostumado a assustar outros povos; mas agora lá estava o rei da Babilônia, as mãos pendidas ao lado do corpo, tão debilitado que nem podia erguê-las. Isso tudo aconteceu porque ele tinha ouvido o rumor sobre o poder de Ciro, que em breve estaria batendo em suas portas. Ele estava tão assustado que se assemelhava a uma mulher cujas dores de parto a deixaram em estado de pânico. Quanto a esse simbolismo, ver Jer. 4.31; 6.24; 13.21 e 49.24.

50.44

Eis que como sobe o leãozinho da floresta jordânica... assim, num momento, arrojá-la-ei dali. Os vss. 44-46 também são encontrados em Jer. 49.19-21, com algumas pequenas modificações, para adaptá-los a Edom, ao passo que aqui eles se aplicam à Babilônia. É provável que a posição original da passagem fosse esta, embora haja notas expositivas a respeito naquele outro lugar. O vs. 44 é igual a Jer. 49.19.

50.45

Portanto ouvi o conselho do Senhor, que ele decretou contra Babilônia. Este versículo é equivalente a Jer. 49.20, mas a Babilônia tomou o lugar de Edom, e os caldeus tomaram o lugar de Temã. Ver as notas expositivas ali.

50.46

Ao estrondo da tomada de Babilônia estremeceu a terra; e o grito se ouviu entre as nações. Este versículo é equivalente a Jer. 49.21, mas naquele ponto (que evidentemente foi copiado daqui, a posição primária) temos a *queda* de Edom, ao passo que aqui temos a *captura* de Babilônia. Ali lemos que o clamor da angústia de Edom foi ouvido no mar Vermelho, ao passo que aqui o clamor de angústia da Babilônia é ouvido entre as nações da terra. Essas pequenas modificações se devem, como é evidente, à adaptação. Ambos os lugares eram imaginados como invencíveis, mas quando a ira de Yahweh está em operação isso não existe. O poder de Deus operou em Edom, com propósitos de destruição; e o mesmo era verdadeiro com respeito à Babilônia. O Criador é visto aqui como quem intervinha em Sua criação. Sua providência, negativa e positiva, operava nas atividades do homem, refletindo o *teísmo* bíblico (ver no *Dicionário*).

Capítulo Cinqüenta e Um

Não há nenhuma interrupção entre os capítulos 50 e 51. Portanto, continuam neste capítulo os oráculos contra a Babilônia. Quanto à introdução da seção, ver as notas imediatamente anteriores a Jer. 50.1.

51.1

Eis que levantarei um vento destruidor contra Babilônia, e contra os que habitam em Lebe-Camai. "A Caldéia é escrita, no hebraico, como *lebh-qamay,* que representa, através do artifício literário conhecido como *athbash,* os *kasdim,* ou seja, os caldeus. O nome hebraico significa literalmente 'o coração daqueles que se levantam contra mim'. O mesmo artifício literário é usado em Jer. 25.26 e 51.41" (James Philip Hyatt, *in loc.*). "Um *athbash* é um código no qual as letras de um nome, contadas do fim do alfabeto, são substituídas pelas letras contadas do começo. Assim, o "z", por exemplo, substitui o "a". Abby torna-se *zyyb*" (Charles H. Dyer, comentando sobre Jer. 29.26). Portanto aqui as consoantes (o alfabeto hebraico não tinha vogais) das palavras que significam "coração do meu adversário" (lbqmy), quando revertidas, conforme sugerido anteriormente, tornam-se *ksdym* (Caldéia). É difícil entender por que o autor achou necessário usar o código, quando, o tempo todo, ele vinha atacando a Babilônia pelo seu nome.

Talvez a *athbash* fosse apenas algo interessante para certos autores. Seja como for, a mensagem do versículo é clara: o exército medo-persa seria despertado por Yahweh e se tornaria um *vento* terrível contra a Babilônia. Mas alguns preferem a tradução "espírito", em vez de "vento", como se o espírito é que estivesse impulsionando aquele exército contra a Babilônia. Ciro, pois, teria um espírito fervente, pronto para matar, desolar e aniquilar. O *vento* naturalmente significa o destruidor exército medo-persa que aniquilaria a Babilônia como a nação número um. Em Ageu 1.14; Esd. 1.1,5 e I Crô. 5.26 essa frase indica o *espírito* despertado do homem. Porém, o ato de *padejar,* que aparece no vs. 2 deste capítulo, quase certamente faz com que a tradução "vento" seja preferível aqui.

51.2

Enviarei padejadores contra Babilônia, que a padejarão. O ato de padejar é o processo de separar a palha do grão de cereal, lançando no ar a massa, de modo que a brisa separe os dois elementos. O vento levaria para longe a Babilônia, por assim dizer, e isso causaria o fim dessa nação como potência mundial. O processo concebia o esvaziamento da terra para que se tornasse desabitada, eventualmente. Um prolongado dia de tribulações produziria esse resultado. Cf. Jer. 50.13 quanto à desabitada nação da Babilônia. Ver também 51.37. Animais ferozes tomariam conta do território.

51.3

O flecheiro arme o seu arco. Os babilônios, apanhados inteiramente de surpresa, não foram capazes de contra-atacar. Não tiveram tempo de vestir suas armaduras, porquanto Ciro, tendo desviado as águas do rio Eufrates, entrou na cidade sem ser percebido. Para os babilônios, o inimigo simplesmente brotou da terra e, de repente, estava dentro da cidade de Babilônia. Seguiu-se grande destruição, mas o ataque inicial foi relativamente destituído de derramamento de sangue. Pudemos observar que as profecias contra a Babilônia apresentam coisas que ocorreram "aos poucos" e "finalmente", e não o que Ciro fez em sua ocupação inicial do território. Ver as notas em Jer. 50.3 sobre essa questão.

51.4

Caiam mortos na terra dos caldeus, e atravessados pelas ruas. Haveria grande matança e destruição na cidade de Babilônia, através de um processo bastante longo iniciado por Ciro, mas que ele mesmo não completaria. Ver as notas expositivas em Jer. 50.39, quanto a isso. A devastação não se completou imediatamente, mas avançou por etapas graduais. O processo seria eficaz, contudo, deixando o exército obliterado e a população civil dizimada. A fina flor da Babilônia, os jovens guerreiros, ficaria traspassada à espada nas ruas. Cf. Jer. 50.30.

51.5

O *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*) pareceu marcar o fim do povo de Judá como nação. Ao que parecia, Yahweh tinha abandonado o Seu povo, que seria como as Dez Tribos perdidas do norte, espalhados por entre os pagãos, para nunca mais retornar à Terra Prometida. Mas Judá foi poupado desta desgraça, e o começo da reversão do processo foi a derrota dos babilônios pelo exército medo-persa. Não muito depois dessa derrota, Ciro publicaria o famoso decreto, enviando o povo judeu de volta a Jerusalém, para que tivesse início um novo dia.

Não enviuvaram do seu Deus. Assim diz o original hebraico, "enviuvaram". Cf. Isa. 50.1; 54.4-6; Lam. 1.1. Para Judá, era como Deus se tivesse morrido. Cf. Isa. 54.5-7. Terem sido abandonados foi como a morte para os judeus. Mas a Babilônia foi estacada e o terror imposto sobre Judá foi revertido, porquanto os babilônios atacaram o Santo de Israel, ao atacar Judá, Jerusalém, o templo e o culto a Yahweh. Cf. isso com Jer. 51.11. Portanto, a vingança divina se descarregaria contra a Babilônia, por causa do que ela tinha feito contra o templo. Cf. Jer. 50.29 quanto ao título divino, *Santo de Israel,* e ver os comentários no artigo do *Dicionário,* sob esse título. Somente em Jer. 50.29 e neste versículo aparece essa designação de Yahweh, embora, em outros livros, ela seja bastante comum. O uso desse título aqui nos relembra a violação dos babilônios contra o culto a Yahweh, quando eles devastaram a nação de Judá.

Foi empregado o título divino de poder — *Yahweh-Sabaote-Elohim* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos e Todo-poderoso), para enfatizar a certeza da reversão de condições, porquanto o poder divino estava por trás desses acontecimentos. Ver as notas expositivas sobre Jer. 50.25.

51.6

Fugi do meio de Babilônia, e cada um salve a sua vida; não pereçais na sua maldade. Vemos o chamado para os judeus fugirem da Babilônia, antes de sua devastação, em Jer. 50.8, cujas notas expositivas também se aplicam aqui. Somente mediante a fuga um homem poderia salvar a sua vida, porquanto o processo mediante o qual a Babilônia seria reduzida a nada a levaria, eventualmente, à completa desolação. O vs. 2 deste mesmo capítulo faz menção a isso. Cf. Apo. 18.4,6. Naturalmente, poucos foram capazes de fugir enquanto a cidade de Babilônia estava sob ataque. Foi o gracioso decreto de Ciro que permitiu ao rema-

nescente judeu voltar à Terra Prometida, e não alguma fuga durante o ataque. De qualquer maneira, foi a vingança de Yahweh que reduziu a Babilônia a nada. A Babilônia fora um instrumento na mão divina para punir outros povos, incluindo Judá; mas agora isso estava terminado. O dia de fastígio da Babilônia havia acabado.

51.7

Babilônia era um copo de ouro na mão do Senhor, o qual embriagava a toda a terra. A Babilônia tinha sido uma *taça de ouro* na qual Yahweh vertera Seu vinho de retribuição. As nações em derredor foram forçadas a beber daquela taça, o que significava a sua destruição. As nações embriagavam-se e enlouqueciam ao beber aquele vinho. Endoidecidas, caíam na calamidade de suas aflições. Cf. Jer. 25.15-19 e Apo. 17.3-4 e 18.6. O paralelo no capítulo 25 menciona a *espada*, como operação do vinho, pelo que as matanças vinham por beber o vinho. "O copo é chamado *de ouro* para expressar o esplendor e a opulência da Babilônia. Cf. Dan. 2.38: a cabeça da imagem era feita de ouro. Ver também Isa. 14.4" (Fausset, *in loc.*). Cf. Apo. 14.8 e 17.4 quanto ao mesmo simbolismo.

51.8

Repentinamente caiu Babilônia, e ficou arruinada; lamentai por ela. A Babilônia tinha caído e sofria agonias. Muitos a lamentavam, e talvez alguém pudesse tomar uma espécie de bálsamo para lhe curar os ferimentos. Contemplar aquela dor excitava a piedade dos observadores, e eles esqueceriam, por um momento, que a Babilônia merecia ricamente o que lhe havia acontecido. Cf. Isa. 21.9. Quanto ao simbolismo do *bálsamo,* ver Jer. 8.22 e 46.11 e Apo. 18.8-19.

"A eles competia buscar a paz da cidade (ver Jer. 29.7), prestando-lhe um serviço gentil, derramando bálsamo nos ferimentos que sangravam" (Ellicott, *in loc.*).

51.9

Queríamos curar Babilônia, ela, porém, não sarou; deixai-a, e cada um vá para a sua terra. Os amigos e confederados, e até os inimigos que tivessem misericórdia da Babilônia, em sua aflição, poderiam fazer o esforço de curar-lhe as feridas (vs. 8), mas o caso da cidade foi considerado insolúvel; todos os homens a abandonaram, e tantos quantos puderam correram de volta a seus respectivos países de origem, deixando que a Babilônia agonizasse e morresse. Assim como a Babilônia, em sua arrogância, se elevara até os céus, também era agora o seu julgamento: em outras palavras, um julgamento muito severo que contava com a bênção do poder divino. Seus pecados eram tantos que chegavam ao céu. Deus prestou atenção àqueles pecados e precisou punir a cidade, a fim de efetuar a justiça. Apo. 18.5 tem o mesmo simbolismo de pecados acumulados que atingem o céu. Ver Gên. 18.21, e Jon. 1.2. "Até as nações pagãs perceberam que a horrenda queda da Babilônia teria de ser atribuída ao julgamento divino. Cf. Sal. 9.16 e 64.9" (Fausset, *in loc.*).

51.10

O Senhor trouxe a nossa justiça à luz: inde, e anunciemos em Sião a obra do Senhor nosso Deus. A nação de Judá, que tanto havia sofrido às mãos dos brutais babilônios, fora *vindicada,* e as notícias da queda da Babilônia percorreram o mundo conhecido em um instante. A notícia também chegou a Sião, e foi declarada como obra de Yahweh-Elohim, que se lembrara dos sofrimentos de Seu povo. Cf. Sal. 102.13-21. Ver também Isa. 62.1. "O exílio na Babilônia foi um período de reforma e crescimento na retidão. O dia de vingança contra o opressor foi uma data de perdão para Judá. Constatou-se que eles não tinham perdido o favor de Yahweh. Eles podiam continuar entoando, tal como fizeram nos dias antigos (ver Juí. 5.11)" (Ellicott, *in loc.*).

51.11

Aguçai as flechas! Preparai os escudos! Foi Yahweh quem convocou Dario, o medo, Ciro e igualmente o exército medo-persa para nivelar até o chão a cidade da Babilônia. Eles afiaram seus dardos e prepararam seus escudos. Quanto às habilidades do exército medo-persa, como o arco e a flecha, ver Jer. 50.9,14,29. Foi Yahweh quem despertou o espírito dos medo-persas para que atacassem a Babilônia. Cf. a declaração do vs. 1 deste capítulo. A destruição da Babilônia foi efetuada por vingança e retribuição divina, pois Yahweh era o poder por trás da marcha dos exércitos medo-persas. Seu templo e seu culto tinham sido violados, e isso foi um pecado fatal que a Babilônia cometera. Ver Jer. 50.28. "O espírito de Ciaxares, rei da Média, é chamado Dario, o medo, nas Sagradas Escrituras; e o espírito de Ciro, rei da Pérsia, era o herdeiro presuntivo do trono de Ciaxares, seu tio. Cambises, seu pai, enviou-o com 30.000 homens para ajudar seu tio contra Neriglissar, rei da Babilônia, e foi por meio desses homens que a Babilônia foi derrubada por terra" (Adam Clarke, *in loc.*). "Ele nomeou os medos, e não os persas, porque Dario (Ciaxares) estava acima de Ciro em poder e grandeza" (Fausset, *in loc.*).

51.12

Arvorai estandarte contra os muros de Babilônia, reforçai a guarda. Uma vez afiadas as flechas e preparados os arcos (vs. 11), foram levantados estandartes sobre as muralhas da Babilônia, para assinalar os locais onde os defensores devenam concentrar-se para fazer frente aos invasores. Porém, outros intérpretes vêem esses estandartes como bandeiras que orientavam os atacantes contra locais específicos das muralhas, onde os ataques seriam desfechados. A Babilônia tinha sentinelas que avisariam sobre a invasão; emboscadas foram preparadas, na tentativa de deter os invasores. Mas ainda outros estudiosos vêem nesses atos providências dos invasores, e não dos defensores da cidade. Seja como for, o estratagema dos atacantes foi ditado por Yahweh, o General do Exército do Senhor, para garantir que a Babilônia fosse derrotada. Talvez a melhor maneira de compreender esta série de ordens seja entender que todas elas se aplicam a ações dos atacantes, e não dos defensores, e que cada uma dessas ações foi efetuada sob as ordens de Yahweh. "... uma convocação aos inimigos da Babilônia para que atacassem a cidade e pressionassem o assédio" (Adam Clarke, *in loc.*). Alguns eruditos, porém, pensam que temos aqui uma convocação irônica aos babilônios para que se defendessem, o que era uma causa perdida.

51.13

Ó tu, que habitas sobre muitas águas, rica de tesouros! As "muitas águas" referem-se ao rio Eufrates, que circundava a cidade e estava dividido em vários canais, formando ilhas. A cidade das muitas águas era rica, cheia de tesouros de todas as espécies. Por conseguinte, o ataque seria um empreendimento muito lucrativo, e os soldados que participassem do ataque seriam muito bem pagos com o saque que fizessem. O saque era o salário dos exércitos de antigamente.

"O fio da vida da Babilônia fora cortado" (Revised Standard Version). Mas outras versões, como a nossa versão portuguesa, diz aqui: "Chegou o teu fim, a medida da tua avareza". Todas aquelas riquezas, que vinham sendo acumuladas há tanto tempo, à custa de outros povos, tinham de terminar e passar para outras mãos, que se tornariam os novos insensatos a dançar no palco da história da humanidade.

51.14

Jurou o Senhor dos Exércitos por si mesmo, dizendo: Encher-te-ei certamente de homens. Yahweh disse algo com um juramento, e o que Ele dizia certamente aconteceria. Ele faria o exército medo-persa enfrentar o exército babilônico e ganhar a batalha. Seria uma quantidade prodigiosa de homens, como uma grande massa de gafanhotos, zumbindo em seu ataque. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Praga de Gafanhotos,* para informações ilustrativas. Cf. Naum 3.15. A figura se repete no vs. 27 deste mesmo capítulo. Os atacantes levantariam o temível grito de guerra que faria os babilônios estremecer (ver o vs. 29).

A Soberania de Deus sobre a Babilônia (51.15-26)

51.15

Ele fez a terra pelo seu poder; estabeleceu o mundo por sua sabedoria. Os vss. 15-19 são virtualmente iguais a Jer. 10.12-16, onde ofereço a exposição da passagem. Jeremias salientou a soberania e o poder de Yahweh, que garantiriam a queda da Babilônia. Em Jer. 10 é a idolatria que está sendo atacada. A soberania de Deus, eventualmente, porá fim à idolatria dos homens.

O vs. 15 é igual a Jer. 10.12, onde dou a exposição. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Soberania de Deus.*

51.16

Fazendo ele ribombar o trovão, logo há tumulto de águas no céu. Este versículo é igual a Jer. 10.13, onde ofereço a exposição. Ver o primeiro parágrafo das notas sobre o vs. 15, anteriormente, quanto às aplicações diferentes dos vss. 15-19 (= Jer. 10.12-16). "O uso destes versículos visa fomentar a majestade Daquele que decretou a destruição da Babilônia e apontou Israel como instrumento dessa destruição" (Ellicott, *in loc.*).

51.17

Todo homem se tornou estúpido, e não tem saber. Este versículo é igual a Jer. 10.14, onde ofereço a exposição correspondente. A Babilônia, nação idólatra, cheia de ignorância, embora se considerasse mais sábia que todas as outras nações, precisava cair juntamente com seus ídolos.

51.18

Vaidade são, obra ridícula; no tempo do seu castigo virão a perecer. Este versículo é igual a Jer. 10.15, onde ofereço a exposição. A Babilônia, tal como seus ídolos, era uma nulidade, e o tempo do julgamento divino contra ela tinha chegado. Esse povo pereceria com seus ídolos.

51.19

Não é semelhante a estas aquele que é a porção de Jacó. Este versículo é semelhante a Jer. 10.16, exceto pelo fato de que a palavra "Israel" foi substituído pelos tradutores, que se basearam na palavra "Jacó", que aparece antes neste mesmo versículo. A palavra "Israel" é parte genuína do texto de Jer. 10.16. A tradução inglesa NCV diz aqui: "Ele fez Israel ser o Seu povo especial", mas isso não quer dizer que Israel era instrumento divino para o julgamento da Babilônia. A declaração é reforçada pelo título divino *Yahweh-Sabaote* (Deus Eterno, Senhor dos Exércitos). Os vss. 20 ss. apontam o exército medo-persa como o instrumento usado por Deus para destruir a Babilônia.

51.20

Tu, Babilônia, eras meu martelo e minhas armas de guerra. O exército medo-persa se tornara agora o *martelo* do julgamento nas mãos de Yahweh. Essa figura simbólica é usada em relação à Babilônia, em Jer. 50.23. O Novo Martelo quebraria tudo em sua vereda, e a Babilônia estaria entre as vítimas do novo esmagamento. Nações e reinos seriam esmagados pela nova potência opressora, de modo que as guerras e as matanças continuariam, como que agindo pelas ordens de Yahweh, que usaria uma nação para trazer calamidades a outras. "Todos os obstáculos seriam esmagados na marcha vitoriosa dos conquistadores" (Ellicott, *in loc.*). Cf. Naum 2.1 e Dan. 2.44.

51.21-23

Estes três versículos ampliam a metáfora do despedaçamento, iniciada no vs. 20. Os *exércitos* inimigos seriam destruídos (vs. 21), com os cavalos e seus cavaleiros, os carros de combate e seus cavaleiros. Os civis, tanto homens quanto mulheres, tanto jovens quanto idosos (vs. 22), seriam também esmagados pelo martelo. Os jovens, tanto os que eram soldados como os que não eram, também seriam transformados em pó. As jovens não seriam poupadas, pelo contrário sofreriam brutalidade e violência. O verbo hebraico é *napas,* "despedaçar", ou seja, destruir totalmente. A ira de Yahweh não pouparia ninguém, mas mostrar-se-ia brutal e eficaz, conforme Ciro julgasse as nações, em concordância com a vontade divina. A força do verbo é multiplicada por sua repetição enfática. O *pastor* (o rei) não escaparia ao poder esmagador do martelo e sofreria com justiça, pois já tinha sido o martelo brandido pelas mãos de Yahweh (vs. 23). Seu rebanho, tanto de militares quanto de civis, seria pulverizado juntamente com o rei. Os simples agricultores, com seus animais domésticos e todos os empreendimentos agrícolas, seriam demolidos. Capitães do exército, juntamente com os governantes civis, estariam entre as vítimas. A longa lista das vítimas, que aparece nos vss. 20-23, exibe a universalidade do julgamento esmagador de Deus e sua total eficácia. "A lista exaure toda a espécie de sortes e condições de homens, e culmina com a classe dominante" (Ellicott, *in loc.*). A nação que não demonstrava compaixão quando era o martelo, não receberá compaixão quando se tornar a vítima de outro martelo.

> *Não é mau. Que eles brinquem.*
> *Que os fuzis ladrem e que os bombardeiros*
> *Falem as suas blasfêmias prodigiosas.*
> ...
> *Quem se lembraria da face de Helena,*
> *Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?*
> ...
> *Nunca chores. Que eles brinquem.*
> *A antiga violência não é antiga demais*
> *Para não ser capaz de gerar novos valores.*
>
> (Robinson Jeffers)

Homero, em seu poema, *A Ilíada,* conta a história dos anciãos de Tróia, sentados sobre uma muralha discutindo o ataque iminente dos gregos para obter a devolução de Helena, que tinha sido seqüestrada. Ela era, como o leitor deve saber, a jovem que podia enviar ao mar mil navios, só de mostrar o rosto. Seja como for, os anciãos se queixavam da loucura de uma guerra na qual homens seriam mortos por causa de uma mulher. Eles recomendaram que Helena fosse devolvida aos gregos, acabando assim com a guerra, antes mesmo que esta começasse. Foi exatamente naquele momento que Helena passou andando. Os olhos de todos os anciãos a seguiram. Nenhum homem disse uma só palavra. Quando ela desapareceu, a conversação continuou. Os anciãos mudaram de idéia. Precisavam retê-la a qualquer custo.

51.24

Pagarei à Babilônia, e a todos os moradores da Caldéia, toda a sua maldade. *Retribuição.* Toda aquela destruição (vss. 20-23) ocorreria para tirar vingança dos babilônios, por causa de toda a maldade que eles haviam praticado contra outros povos, especialmente contra Judá e, por conseqüência, contra Yahweh, o Deus dos judeus. Cf. isso com Jer. 50.28 e 51.11. O que os ímpios babilônios tinham feito contra o templo e contra o culto a Yahweh não seria jamais esquecido. Ver do *Dicionário* os artigos *Retribuição* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.*

51.25

Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o Senhor. *O Monte Destruidor.* Quanto a essa figura simbólica, cf. Dan. 2.35,44-45. O reino dos céus, do Messias, será o reino final e esmagará a todos os demais reinos. Um *monte* é um símbolo apto para representar um reino. A Babilônia tinha sido um monstro destruidor, mas Yahweh estava cansado desse jogo. Ele estendeu a mão contra a destruidora Babilônia e a destruiu. Fez rolar esse monte como se fosse uma simples pedra, entrechocando-se com rochas, e a pedra foi esmagada enquanto rolava ladeira abaixo. Então se incendiou e foi totalmente consumida. Com essa metáfora mista, o autor sagrado falou da total ruína da anteriormente temida Babilônia. A destruição seria tão completa que outros povos nem se dariam ao trabalho de vir saquear o lugar. Foi assim que o monte destruidor se tornou o monte incendiado, por causa da vingança de Yahweh. Cf. Apo. 18.8. O Targum refere-se à Babilônia aqui como a "cidade incendiada".

"*Monte destruidor* pode refletir a idéia do grande zigurate ou *torre do templo* de Babilônia, que se projetava na direção do céu. Estava em foco a própria Babilônia" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 25). Esse santuário, opondo-se ao culto de Yahweh, já tinha seus dias já contados.

51.26

De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos. A cidade de Babilônia seria reduzida a *escombros inúteis.* Nenhum homem tentaria salvar dali coisa alguma; ninguém tentaria saqueá-la ou estaria interessado em recolher as pedras do lugar para transformá-las em alicerces para novas edificações, civis (profanas) ou sagradas. O lugar seria reduzido à ruína perpétua.

Nem para o ângulo nem para fundamentos. Ou seja, para a construção de um palácio real, um templo para um deus, ou uma casa ornamentada de algum oficial do governo. Não haveria no local da antiga cidade da Babilônia nenhuma edificação importante. Mas as feras iriam até ali e escavariam suas covas ou construiriam seus ninhos.

51.27

Arvorai estandarte na terra, tocai trombeta entre as nações. Os nomes próprios locais identificam povos que habitavam ao norte da Babilônia e foram conquistados pelos medo-persas no século VI A. C. *Ararate* é a Urartu das inscrições assírias, mais ou menos o equivalente à Armênia, ao norte do lago Van. *Mini* são os mesmos manaeanos das inscrições assírias, que viviam ao sul do lago Urmia. *Asquenaz* talvez contenha um erro escribal para *Ashkuz,* os citas, que mais ao ocidente se tornaram conhecidos como povos germânicos. Esses três povos são convocados para ajudar os medos (vs. 28) na batalha contra a Babilônia. Ver no *Dicionário* artigos sobre esses povos, quanto a detalhes. Esses povos tinham a reputação de gostar das lides da guerra, e estavam ansiosos por juntar-se à diversão. Eles seguiriam alegremente a bandeira que os lideraria à batalha.

51.28-29

Consagrai contra ela as nações, os reis dos medos, os seus governadores. O vs. 28 repete a idéia do vs. 27, sem os nomes próprios locais. Os medos estariam entre as nações que derrotariam a Babilônia. Seria uma guerra planejada. Os senhores dos medos, seus vários oficiais, militares e civis, fariam parte do plano e ajudariam a executá-lo. A Babilônia seria transformada em terra desértica, *desabitada,* finalmente (vs. 29). Cf. isso com Jer. 50.3, onde comento a questão. Ver também Jer. 50.13,39-40 e 51.43. A marcha do exército medo-persa faria estremecer a terra, e os babilônios tremeriam de medo, porquanto havia terminado a época da Babilônia. Em contraste com o estremecer da terra e do povo, os propósitos de Yahweh permaneciam firmes e inabaláveis, o que provê uma ótima antítese. Yahweh é Sabaote, o Senhor dos Exércitos, bem como o executor mestre dos planos de batalha. A Babilônia fora antes o *servo* do Senhor (ver Jer. 25.9;

A REBELDIA TERMINOU MAL

Pagarei a Babilônia,
e a todos os moradores da Caldéia, toda a
sua maldade, que fizeram em Sião, ante os vossos próprios olhos, diz o Senhor.

Eis que sou contra ti, ó monte que destróis,
diz o Senhor, que destróis toda a terra;
estenderei a minha mão contra ti, e te
revolverei das rochas, e farei de
ti um monte em chamas.

Jeremias. 51.24,25

A CEIFA PAVOROSA

Quer alguém durma, ande ou esteja à vontade,
A Justiça, invisível e muda, lhe segue os passos,
Ferindo sua vereda, à direita e à esquerda,
Pois tudo o erro nem a noite esconderá!
O que fizeres, de algum lugar, Deus te vê.

E pensas que poderás torcer a sabedoria divina?
E pensas que a retribuição jaz remota, longe dos mortais?
Bem perto, invisível, sabe muito bem a quem deve ferir.
Mas tu não sabes a hora quando, rápida e repentinamente,
Ela virá e varrerá da terra os iníquos.

Ésquilo

27.6; 43.10). Mas agora esse privilégio passara a Ciro, o novo látego divino naquela região do mundo.

51.30

Os valentes de Babilônia cessaram de pelejar, permanecem nas fortalezas. O ataque foi desfechado com tal surpresa que os babilônios não tiveram tempo para se preparar. Os soldados medo-persas até pareciam sair da terra. Os homens, antes temidos, agora recuavam e tremiam como mulheres (ver Jer. 48.41; 50.37 e Isa. 19.16). Entrementes, os atacantes prosseguiam com seu propósito, rompendo as defesas e incendiando a cidade toda. Estamos falando de acontecimentos "eventuais" (ver Jer. 50.3), visto que as descrições vão além dos ataques iniciais do exército medo-persa. Ver as notas expositivas em Jer. 50.39. A cidade foi inicialmente conquistada por estratagema, quando Ciro desviou as águas do Eufrates de seu leito. Essas águas atravessavam a cidade, e ele fez seu exército passar pela abertura assim feita nas muralhas da cidade, entrando nela às escondidas, à noite. Ele surpreendeu completamente os babilônios e não foi obrigado a fazer grande destruição na cidade, pelo menos no começo.

51.31

Sai um correio ao encontro de outro correio, um mensageiro ao encontro de outro mensageiro. Este versículo quase certamente diz respeito ao ataque inicial, de surpresa. A palavra foi espalhada por corredores, dizendo que um poderoso inimigo já estava no meio da cidade. Mas a mensagem foi dada tarde demais, e os babilônios nem puderam reunir forças para oferecer resistência. A expressão sobre os correios e os mensageiros tem por intuito falar da *confusão* estabelecida no processo de advertências. Em vez de dar a notícia aos oficiais do exército, para que este fosse mobilizado, eles continuavam correndo de um para o outro. Heródoto (*Hist.* 1) conta uma história similar. Ver Dan. 5.1-30. Esta última passagem narra vividamente a ridícula situação. Heródoto informa que os arrabaldes da cidade foram tomados antes que os oficiais, no centro da cidade, ao menos soubessem que estava ocorrendo uma invasão (*Hist.* 1, cap. 191). Aristóteles (*Polic.* 50.3.c) disse que um dos extremos da cidade foi capturado três dias antes que a outra extremidade soubesse das notícias.

51.32

Que os vaus estão ocupados, e as defesas queimadas a fogo. "Os lugares de travessia do rio tinham sido capturados. Os lugares alagadiços se incendiavam. Todos os soldados da Babilônia estavam terrivelmente amedrontados" (NCV). Alguns fazem referências às barcaças que cruzavam o rio, que tinham sido postas fora de uso pelos invasores. Ao lado das barcaças de travessia, havia uma ponte que atravessava o rio, localizado no meio, e um túnel que passava por baixo do rio (Heródoto, *Hist.* i.186). Os invasores apossaram-se de todos os meios de transporte e comunicação, paralisando a cidade. "Depois de desviar o curso do rio, Ciro queimou a paliçada de árvores densas (os *juncos* de certas traduções) nas margens do rio. O incêndio dessas árvores dava a aparência de que o próprio rio estava pegando fogo" (Fausset, *in loc.*). O original hebraico é obscuro, pelo que há várias tentativas de tradução do que aconteceu com exatidão. A variedade de coisas que aconteciam simultaneamente, de mistura com o incêndio furioso, lançou medo no coração dos possíveis defensores, pelo que a defesa se debilitou e falhou completamente.

51.33

A filha de Babilônia é como a eira quando é aplanada e pisada. A cidade da Babilônia tornou-se como uma eira, onde os colmos das plantas são pisados ao chão e reduzidos a pó, ou como a palha que o vento sopra para longe (ver Jer. 51.2). A filha da Babilônia foi sujeitada a abusos esmagadores, pois o tempo da colheita tinha chegado. "A Babilônia era uma área repisada para prepará-la para a debulha e o padejamento. O povo babilônico compreendeu que tinha chegado a eles a colheita divina" (Charles H. Dyer, *in loc.*). A *debulha* é o processo mediante o qual o grão é batido com uma vara ou uma máquina, para separá-lo da palha. E o padejamento é o processo seguinte: lançar a massa do cereal no ar, dando a chance de o vento levar a palha, enquanto o grão cai no solo. Até mesmo esses processos agrícolas são transformados em figuras, aplicadas aos homens — uma *extrema violência* é o que está em pauta. "A roda do trilho passara sobre ela. Ela foi pisada aos pés" (Adam Clarke, *in loc.*). A *colheita* foi realizada por atos de violência, e as riquezas da Babilônia passaram para o exército medo-persa como salário.

51.34

Nabucodonosor, rei de Babilônia, nos devorou, esmagou-nos e fez de nós um objeto inútil. Vítimas de Nabucodonosor agora repassavam o que lhes havia acontecido e proferiam maldição contra a Babilônia, esperando que o que lhes tinha acontecido também acontecesse aos babilônios. Foi assim que se cumpriu a *Lex Talionis* (ver a respeito no *Dicionário*), ou seja, a retribuição conforme a gravidade do crime cometido, ao mesmo tempo que foi servida a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura.* Ver no *Dicionário* o artigo sobre esse assunto. A violência da Babilônia contra as suas vítimas era *esmagadora*, pois ela sempre lançava mão de uma forma de genocídio. Era como um *leão* que devorava um animal impotente e indefeso. Uma vez que o *monstro* devorasse toda a parte comestível de sua vítima, ele vomitava o resto, conforme fazem alguns animais ferozes com os ossos de suas vítimas. Com essa variedade de figuras simbólicas, o autor descreveu o que a Babilônia tinha feito com os países vizinhos. Agora aqueles povos queriam vingança e, assim, pronunciaram uma maldição contra a Babilônia, desejando que aquilo que lhes havia acontecido fosse feito aos babilônios, pelo novo *monstro internacional,* o exército medo-persa.

As vítimas da Babilônia foram como vasos que o *Oleiro Louco,* a Babilônia, quebrou, por não estar satisfeito com eles. O vaso tornou-se *vazio,* uma alusão à prática de transportar para a Babilônia os poucos sobreviventes de um povo vitimado, para alimentar o mercado de escravos e prover trabalho gratuito para os projetos de construção. E as mulheres mais bonitas engrossavam os haréns dos ricos e poderosos babilônios.

51.35

A violência que se me fez a mim e à minha carne caia sobre Babilônia. De acordo com a *Lex Talionis* (ver a respeito no vs. 34), a *violência produzida pelos babilônios* haveria de funcionar como um bumerangue contra eles mesmos. Sião (Jerusalém) fora uma das vítimas especiais daquele povo brutal, pelo que foi proferida a maldição de que eles teriam de pagar pelo sangue que haviam derramado. *Sião* fala aqui sobre o templo e o culto a Yahweh, e atacá-los era o sacrilégio supremo (ver as notas sobre Jer. 50.28 e 51.11). Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Retribuição.*

"Embora os caldeus tivessem sido o instrumento de Deus para punir os judeus, por sua vez, sendo eles excessivamente ímpios, deviam agora sofrer por toda a carnificina e por todo o sangue que haviam derramado" (Adam Clarke, *in loc.*).

51.36

Eis que pleitearei a tua causa, e te vingarei da vingança que se tomou contra ti. Yahweh ouviu os clamores pedindo vingança (vss. 34-35), e agora respondia, assegurando que a Babilônia seria a vítima da violência e experimentaria a mesma coisa que tinha feito contra outros. O *mar* da Babilônia secaria, o que tem sido compreendido pelos intérpretes de diferentes maneiras:

1. O Eufrates era um rio caudaloso, que poderia ser chamado de mar, de acordo com o uso dos antigos e, se esse é o caso, está em pauta o estratagema de Ciro, o qual entrou na cidade de Babilônia desviando as águas desse rio. Ver sobre isso nos vss. 30-31.
2. Ou então o mar aponta para os vastos tesouros a serem saqueados, os quais eram como o mar quase interminável.
3. Em Isa. 21.1, a Babilônia é descrita como o *deserto do mar,* o que talvez signifique que aquele lugar seria reduzido a um deserto, em face do julgamento imposto por Yahweh.
4. Ou então está em foco a idéia que o mar de águas, o rio Eufrates e seus canais, *secaria,* tornando o lugar estéril e desabitado.

51.37

Babilônia se tornará em montões de ruínas, morada de chacais. Este versículo repete figuras familiares: a cidade de Babilônia ficaria desabitada, reduzida a um montão de escombros. Ver Jer. 50.13,39 e o vs. 26 do presente capítulo. O território seria, em seguida, ocupado por animais ferozes, que ali fariam suas covas e ninhos, conforme se vê em Jer. 9.11 (aplicado a Jerusalém) e Jer. 49.33 (aplicado aos árabes). Tornar-se-ia uma maldição contra a qual aqueles que passassem assobiariam e zombariam, espantados diante do que contemplavam. Quanto a isso, ver Jer. 25.9,18. Cf. Isa. 13.21-22. O trecho de Jer. 50.13 também encerra essas idéias aplicadas à Babilônia. "Nada caracterizava mais o local onde antes estivera a cidade de Babilônia, do que os *montões* de cacos de tijolos, fragmentos de argila e barro, que agora jaziam espalhados por toda a parte" (Ellicott, *in loc.*).

51.38

Ainda que juntos rujam como leões, e rosnem como cachorros de leões. Estas palavras nos remetem a um tempo *antes* do ataque dos medo-persas, e mostram a cena de orgia que antecedeu à calamidade. Os príncipes da Babilônia eram como *jovens leões* (ver Amós 3.4), rosnando por sobre suas vítimas, tanto as que já tinham feito como as que ainda fariam. Provavelmente temos aqui uma alusão a Belsazar e seus festejos insensatos, às vésperas do ataque do exército medo-persa. Quando a Babilônia caiu, os príncipes insensatos rosnavam como leões estúpidos, gritando em sua orgia de vinho (ver Dan. 5.4). Marchi, de modo

pitoresco, falou sobre o zurro dos asnos, e não sobre o rugido dos leões, como característica dos príncipes da Babilônia.

51.39

Estando eles esganados, preparar-lhes-ei um banquete, embriagá-los-ei para que se regozijem... Os babilônios, embriagados com seu vinho e seus festins, continuariam festejando e bebendo, bebendo e festejando. Agora passavam por um estupor provocado pelas bebidas alcoólicas. Isso se tornaria um sono perpétuo, do qual não acordariam. Em outras palavras, eles terminariam mortos. "Quando os que se entregam à orgia estivessem quentes com o vinho e a concupiscência (cf. Osé. 7.4-7), Yahweh chamá-los-ia para um banquete diferente. O cálice de vinho que Ele lhes daria seria o vinho de Sua ira (ver Jer. 25.16-17), e a alegria do álcool terminaria no sono eterno. Por isso Heródoto (*Hist.* i.191) narrou que, quando Ciro tomou a cidade de Babilônia com seu estratagema, os habitantes observavam uma festa com seu usual deboche e costumes de orgia. Xenofonte (*Cyropaed.* vii.23 disse algo similar" (Ellicott, *in loc.*). Diz o Targum aqui: "Morre a segunda morte e não vivas no mundo vindouro", mas essa declaração vai além das implicações teológicas do versículo. Ver o vs. 57 e ss. Cf. Jer. 49.12; Isa. 51.17 e Lam. 4.21.

51.40

Fá-los-ei descer como cordeiros ao matadouro, como carneiros e bodes. Uma figura simbólica é empregada para indicar o fim desanimador do império babilônico. Esse império seria sacrificado como cordeiros e bodes o seriam. Cf. Jer. 50.45. Os libertinos agora seriam vítimas da casa de abate (ver Jer. 48.15 e 50.27). "Tal como os *touros* de Jer. 50.27 representam os guerreiros escolhidos, assim também os cordeiros, os carneiros e os bodes representam diferentes classes da população babilônica (ver Isa. 34.6; Eze. 39.18). Todas essas classes seriam entregues, igualmente, à espada" (Ellicott, *in loc.*).

51.41

Como foi tomada Babilônia e apanhada de surpresa a glória de toda a terra! Algumas traduções, em lugar de "Babilônia", dizem aqui "Sesaque". Essa palavra é um *athbash* para *Babilônia.* Ver as notas sobre Jer. 51.1 quanto a esse código literário. Ver também Jer. 25.26 para maiores detalhes. A Babilônia caíra e fora "tomada", tornando-se cativa dos invasores. Aquela potência, a quem o mundo inteiro louvara, seja gratuitamente, por causa de seu poder e riquezas, seja de maneira forçada, por terem sido sujeitados contra a própria vontade, agora se tornara um *horror* para o mundo inteiro. A Babilônia tinha sido desgraçada, humilhada e envergonhada. O império babilônico se tornara motivo de *espanto* para outros povos. A maioria desses povos estava alegre, porquanto a Babilônia tinha sido a grande perseguidora dos fracos. Eles se riam e zombavam das potências menores. Cf. o vs. 37. A fera orgulhosa fora conquistada e executada na armadilha do exército medo-persa.

51.42

O mar é vindo sobre Babilônia, coberta está com o tumulto das suas ondas. É empregada aqui outra figura simbólica. O exército medo-persa era *como o mar* que tivesse inundado suas praias e avançado contra a Babilônia como poderosa maré. Suas ondas tumultuadas em breve encobriram aquele lugar, que foi obliterado pelo poder das águas. "A Babilônia desapareceria como se o mar se tivesse elevado sobre ela, encobrindo-a" (Charles H. Dyer, *in loc.*). As inundações do rio Eufrates podem estar sendo aludidas aqui. Cf. uma figura simbólica semelhante, aplicada ao Egito, em Jer. 46.7-8, onde estão em foco as inundações do Nilo, pintando seu exército brutal, que dominava seus vizinhos. Ver, igualmente, o soerguimento das águas em Jer. 47.2 e Isa. 8.7-8. Houve ocasião em que a Babilônia se precipitara como maré contra outros povos. Agora ela é que seria invadida pela maré de outra potência. Talvez haja aqui uma antítese entre o desvio das águas do rio Eufrates, por parte de Ciro, a fim de obter acesso à cidade, com a invasão resultante, como as marés dos mares. Uma água substituiu a outra. Ver as notas expositivas em Jer. 51.3.

51.43

Tornaram-se as suas cidades em desolação, terra seca e deserta. Ver o vs. 28 quanto a uma mensagem similar concernente à desabitada Babilônia. Ver também Jer. 50.39-40; 51.29,37,43 e 62 quanto ao mesmo tema. A cidade de Babilônia estava destinada a tornar-se um deserto, um lugar que não seria visitado por muitas pessoas e, mesmo que fosse visitado, seria apenas usado como parada no caminho. O país seria devorado pela água ou requeimado pelo sol, um lugar de horror, uma *arabá* (conforme diz literalmente o original hebraico), termo que usualmente se refere ao deserto da Arábia, também chamado por esse nome. "O *dilúvio* dos invasores a deixaria um deserto", é a declaração paradoxal do profeta. Nenhum ser humano habitaria ali, e até mesmo os que passassem pelo lugar o fariam apressadamente (ver Jer. 50.12,39).

51.44

Castigarei a Bel em Babilônia, e farei que lance de sua boca o que havia tragado. Quanto às principais divindades da Babilônia, *Bel* e *Marduque,* ver Jer. 50.2. Os idólatras babilônios teriam de ser punidos, e assim também aconteceria a seus deuses, que seriam despedaçados, ficando assim demonstrado que eram divindades de nada. O deus Bel teria de vomitar o que havia engolido, ou seja, muitos povos, que foram mortos, enquanto o remanescente desses povos foi para o cativeiro. Esse deus é pintado como monstro devorador, cujo estômago estava cheio de vítimas. No vs. 34, Nabucodonosor aparece como quem havia devorado a muitos povos, tendo enchido o ventre com riquezas de vários tipos desses povos. Mais antigamente havia peregrinações de povos que iam aos santuários de Bel, na Babilônia. Mas agora ninguém se daria ao trabalho de visitar os esconderijos de um ídolo partido em pedaços. Houve tempo em que as nações *fluíam* para a cidade de Babilônia, como se fossem um rio, mas esse rio agora secara completamente no deserto (Babilônia, vs. 43). As *muralhas* (defesas) do império babilônico tinham caído, e Bel não foi capaz de impedir essa destruição. A cidade tornou-se apenas nome de um credo desgastado e morto. "As muraihas cessarão de servir de defesa, e embolorarão até que, no processo do tempo, não sejam mais discerníveis" (Adam Clarke, *in loc.*).

"Na antiguidade, a queda de um país era vista como a derrota de seu(s) deus(es). Cf. Isa. 37.12" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo).

51.45

Saí do meio dela, ó povo meu, e salve cada um a sua vida do brasume da ira do Senhor. "A repetição constante dessa mesma recomendação (ver Jer. 50.8; 51.6,45) subentende a grande preocupação de Deus pelo Seu povo, tal como Ló se demorava em Sodoma, às vésperas da destruição dessa cidade, até que o anjo do Senhor o tomou e o forçou a sair dali (ver Gên. 19.16-17)" (Fausset, *in loc.*). Ver nos lugares citados as notas expositivas que não repito aqui. A feroz ira de Yahweh estava dirigida contra a Babilônia. Pessoas inocentes poderiam postar-se no caminho(conforme realmente sucedeu), sofrendo junto com os opressores. É provável que o chamado urgente para fugir tenha chegado também aos que se contentavam em permanecer no lugar, depois que Ciro se apossou da cidade. E haveria ainda outras destruições que os judeus deveriam evitar, voltando a Jerusalém. Ver as notas expositivas sobre Jer. 50.39. A cidade de Babilônia estava sob maldição divina; suas tribulações se multiplicariam, e não diminuiriam de intensidade. O povo de Deus, entretanto, deveria sair do território da maldição.

51.46

Não desfaleça o vosso coração, não temais o rumor que se há de ouvir na terra. Este versículo quase certamente reflete o fato de um *contínuo desassossego* e da destruição na cidade de Babilônia, fora do ataque inicial de Ciro, que comento em Jer. 50.39. A cidade de Babilônia só descansaria quando se tornasse um ermo, um lugar desabitado, conforme fora predito. Ver as notas sobre o vs. 43. Ano após ano haveria guerras e rumores de guerras. Os judeus não deveriam permanecer na cidade de Babilônia, ocupados no comércio e na busca de riquezas. Aqueles que se recusassem a voltar a Jerusalém, quando o decreto de Ciro permitisse o retorno dos judeus, seriam apanhados em outra voragem de violências. Mas aqueles que obedecessem à ordem de sair da cidade não tinham razão alguma para temer os tumultos. Antes, estariam ocupados, ajudando a reconstruir Jerusalém.

Alguns estudiosos encaram esses rumores como ocorridos *antes* do ataque inicial de Ciro. Nesse caso, os cativos na Babilônia deveriam demonstrar coragem e alegrar-se que as guerras continuassem, pois isso significaria a liberdade para eles. Ciro conquistaria a Babilônia e então libertaria os judeus. Mas tribulações ocorreriam, antes do livramento.

Dominador contra dominador. "Ou seja, um após o outro, dentro de um curto prazo... dois antes de Belsazar, então Dario e, depois dele, Ciro" (John Gill, *in loc.).* Também haveria conflitos e matanças interiores, jogos de poder, grande agitação — tudo porque um império estava morrendo.

51.47

Portanto, eis que vêm dias, em que castigarei as imagens de escultura de Babilônia. Este versículo reitera predições que já tínhamos visto — o julgamento da Babilônia e suas falsas divindades. A queda de uma terra era vista como a derrota de seu(s) deus(es). Ver os vss. 2 e 44, bem como Isa. 37.12. O tema é repetido no vs. 52 deste mesmo capítulo. Este versículo fala de imenso morticínio do qual poucos escapariam, o tema principal dos capítulos 50 e 51.

A terra inteira se tornará uma desgraça. Haverá muitos cadáveres jazendo ao redor, por toda a parte.

(NCV)

51.48

Os céus e a terra, e tudo quanto neles há, jubilarão sobre Babilônia. Não somente as nações circunvizinhas, mas também as hostes celestes irromperão em hinos de alegria diante da destruição do império babilônico. O inimigo do *norte* (ver as notas sobre Jer. 50.3) moeria a Babilônia até reduzi-la a pó. Contrastar essa "alegria por causa da matança" com a alegria dos céus pela doação de uma vida pelos pecadores (ver Luc. 15.10): "Eu vos afirmo que, de igual modo, há júbilo diante dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende".

Quanto ao ato de *cantar diante da destruição*, cf. Isa. 14.7-13. Ver também Isa. 44.23 e Apo. 18.20. Naturalmente, o julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus, um elemento necessário para o aprimoramento. Deus pode fazer certas coisas melhor através do julgamento do que por qualquer outro meio. Ver no *Novo Testamento Interpretado* os comentários sobre I Ped. 4.6.

A Certeza da Queda da Babilônia (51.49-53)

51.49

Como Babilônia fez cair traspassados os de Israel, assim em Babilônia cairão traspassados os de toda a terra. A *Lex Talionis* (retribuição segundo a gravidade do crime cometido; ver a respeito no *Dicionário*) garante que o sangue derramado por alguém fará com que o sangue do criminoso também seja derramado. Israel tinha caído e sangrado. Portanto, a Babilônia também teria de cair e sangrar. A Babilônia fez incontável número de outras vítimas e, embora essas outras vítimas fossem povos pagãos, ela também teria de pagar por esses crimes. A lei da colheita segundo a semeadura faz parte do governo moral de Yahweh no mundo. O Senhor aplica Sua providência negativa e Sua providência positiva. Ver no *Dicionário* os artigos intitulados *Providência de Deus* e *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura*.

"Aqueles que amaldiçoassem a Abraão também deveriam ser amaldiçoados" (Gên. 12.2-3). Cf. Apo. 13.7,10.

51.50

Vós, que escapastes da espada, ide-vos, não pareis. O remanescente que escapou da espada dos babilônios e foi levado para o cativeiro na Babilônia, não podia esquecer Yahweh. Passados setenta anos de cativeiro (ver Jer. 25.11-12), o decreto de Ciro deixaria os judeus livres para voltar à sua terra natal, e eles deveriam retomar. Eles não tinham de continuar naquele país estrangeiro, a despeito da boa vida que muitos conseguiram construir ali. "A destruição da Babilônia seria o catalisador que Deus usaria para trazer os judeus de volta para sua pátria" (Charles H. Dyer, *in loc.*). O povo de Deus sempre deve relembrar o Ser divino, bem como o culto a Yahweh, estando eles em cativeiro ou em liberdade. Isso deve ser uma constante espiritual. Sal. 137.5-6 mostra que pelo menos alguns judeus não esqueceram suas raízes e suas responsabilidades, seus privilégios e sua posição distinta como servos de Yahweh. Quanto à distinção de Israel dentre as nações por causa da lei, ver Deu. 4.4-8.

51.51

Direis: Envergonhados estamos, porque ouvimos opróbrio. Vergonha, reprimenda e zombarias eram as constantes diárias que os judeus sofriam no cativeiro babilônico. Os *estrangeiros* eram pagãos do tipo mais brutal e vil que poderia haver, e tudo faziam para prejudicar e perseguir Judá. Eles demoliram a Jerusalém e não pouparam o templo, que arruinaram e então incendiaram (ver Jer. 50.28; 51.11). Dessa maneira, o nome e a reputação de Yahweh foram atingidos, e não apenas o nome e a reputação dos judeus. Era inevitável, pois, que a Babilônia e seus deuses falsos recebessem idêntico tratamento (ver Jer. 51.2,44,47; Isa. 37.12). Os profanadores teriam de sofrer profanações.

51.52

Portanto, eis que vêm dias, diz o Senhor, em que castigarei as suas imagens de escultura. Este versículo repete o que vemos nos vss. 2,44,47 e 51. Virando-se as páginas do tempo, chegaria o *dia da vingança*. Os julgamentos impostos por Yahweh seriam severos. Os homens e seus deuses de mentira cairiam nesse julgamento divino. O gemido horrendo dos feridos que estavam prestes a morrer seria ouvido por toda a Babilônia. Seriam os gemidos dos amaldiçoadores, que estavam sendo agora amaldiçoados. "As dúvidas levantadas pela destruição do templo, que muitos judeus piedosos tinham declarado não poderia acontecer (um problema que também figura no livro de Ezequiel), seriam aliviadas pela certeza, dada por Deus, de que a Babilônia, que havia contaminado os lugares santos, certamente seria castigada" (*Oxford Annotated Bible*, comentando sobre os vss. 50-58).

51.53

Ainda que Babilônia subisse aos céus... de mim viriam destruidores contra ela, diz o Senhor. A Babilônia era auto-exaltada e exaltada por outros povos por causa de seu poder e riquezas. Ela subiu até os céus, como se fosse uma nação composta por deuses, e parecia invencível. Isso, entretanto, não faria estacar o exército medo-persa, o novo instrumento dos julgamentos de Deus contra as nações. Os homens costumam exaltar a si mesmos, mas o poder divino se manifesta contra tal insensatez. A Babilônia era como uma nova torre de Babel, que ameaçava a paz de Deus e de Seu exército celestial. Tudo aquilo, entretanto, era mera ilusão. Algumas das muralhas de Babilônia elevavam-se somente a 22,90 m, mas outras elevavam-se tanto quanto a 102 m. Dizia certa inscrição achada na cidade de Babilônia: "Para dificultar mais ainda o ataque de algum inimigo contra Imgur Bel, construí uma muralha indestrutível em volta de Babilônia. Construí um bastião como se fosse uma montanha" (Oppert, *Exped. en Mesop.* 1.p. parte 32, no livro *Records of the Past*, v. pág. 131). Cf. Oba. 4 e Amós 9.2.

Retribuição na Mesma Moeda (51.54-58)

51.54

De Babilônia se ouvem gritos, e da terra dos caldeus o ruído de grande destruição. Gritos de angústia foram ouvidos pelo profeta Jeremias quando ele descrevia a queda da cidade de Babilônia. Ele convidou os leitores a ouvir esses ruídos e a temer o Deus do céu. Havia os ruídos feitos pelos cavalos, pelos carros de combate e pelos gritos de batalha. A cidade de Babilônia se transformou em escombros, em meio ao derramamento de sangue. O lugar estava repleto de cadáveres, e os feridos gemiam, ao se aproximar deles a noite da morte.

Podemos ouvir o povo clamando na Babilônia.
E ouvimos o som das pessoas destruindo coisas.

(NCV)

51.55

Porque o Senhor destrói Babilônia, e faz perecer nela a sua grande voz. *Yahweh era a causa* de todo o choro e gemidos, de toda a destruição, cujos sons chegavam aos ouvidos do profeta (vs. 44). Faz parte do teísmo bíblico que o poder de Deus está por trás do que acontece na terra, com os indivíduos ou com as nações. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Teísmo*. Contrastar isso com o ponto de vista do *Deísmo* (ver também no *Dicionário*), que é a idéia de que a força criadora abandonou o Seu universo nas mãos das leis naturais. O exército medo-persa chegou como poderosa maré, levando a Babilônia de roldão e destruindo tudo no caminho de sua vereda. Podemos ver essa "figura sobre o mar" no vs. 42, onde apresento as notas expositivas.

51.56

Porque o destruidor vem contra ela, contra Babilônia. Mais repetições contam-nos aqui a história da queda e destruição da Babilônia. Ela foi saqueada, e suas riquezas passaram para as mãos dos estrangeiros. Seu exército foi aniquilado; seu arco foi partido, sendo esse o símbolo de seu poder militar. E Yahweh-Elohim (o Deus Eterno e Todo-poderoso) foi a causa da queda da Babilônia. Ver sobre o vs. 55, quanto ao *teísmo bíblico*. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Retribuição*. A vingança pertence a Deus (ver Rom. 12.19), e a Ele cumpre efetuá-la. Cf. Apo. 18.6-8.

51.57

Embriagarei os seus príncipes, os seus sábios, os seus governadores, os seus vice-reis, os seus valentes. Aqui Yahweh também é chamado de *Sabaote* (Senhor dos Exércitos), além de ser o Rei celestial, o qual exerce poder sobre todos os reis terrenos, para reduzi-los a nada. A destruição começaria com o invencível exército da Babilônia. Ademais, os governantes civis sofreriam com o ataque de Yahweh. Em seguida, a matança se espalharia para todos os rincões da terra. Tão grande destruição não sobreveio imediatamente contra a Babilônia. Antes, foi um *processo gradual*, mas muito eficaz. Ver as notas em Jer. 50.3 e 39. Cf. Apo. 19.18.

51.58

Os largos muros de Babilônia totalmente serão derribados, e as suas altas portas serão abrasadas. Ver o vs. 53 quanto às muralhas imensas e as

fortificações que a Babilônia possuía. As muralhas da Babilônia seriam niveladas até o chão, e seus portões seriam queimados a fogo (cf. Jer. 50.15 e 51.30). Todo o labor que tinha sido despendido para prover a cidade com essas imensas fortificações se perderia, primeiramente pelo estratagema de Ciro, que desviou as águas do rio Eufrates e assim entrou na cidade, "sem disparar um tiro"; e, em seguida, pelas várias destruições ocorridas nos anos seguintes. A invasão às ocultas, de Ciro, abriu caminho para atos posteriores de violência. O dia de Babilônia tinha terminado; seu sol tinha-se posto atrás do horizonte. Outros atores proveriam o drama dos dias futuros.

Heródoto viu aquelas muralhas e fez um relato sobre elas (*Hist.* 1, cap. 178): "A cidade formava um quadrado regular, e cada um de seus lados media 120 estádios, e o perímetro da cidade tinha 480 estádios. Estava rodeada por uma muralha com 25 m de grossura e 100 m de altura. Cada lado tinha 25 portões de bronze". Um *estádio* tinha cerca de 185 m, e isso resultava em uma cidade com aproximadamente 22.200 m de cada lado. As muralhas de Babilônia tinham algo acima de 92 m de altura, em média. "Não tivesse Ciro apelado para seu estratagema e, humanamente falando, não poderia ter conquistado a cidade. Quanto à destruição dessas muralhas e a seus próprios vestígios, ver Isa. 13.19" (Adam Clarke, *in loc.*). Quanto a outros detalhes sobre a cidade de Babilônia, ver sobre ela no *Dicionário*.

Apêndice Acrescentado aos Oráculos. A Missão Simbólica de Seraías (51.59-64)

51.59

Palavra que mandou Jeremias, o profeta, a Seraías, filho de Nerias. Temos aqui um apêndice à coletânea de oráculos que constituem os capítulos 50 e 51. Finalmente, encontramos um *apêndice histórico* em Jer. 52.1-34, ou seja, no último capítulo desse livro. O vs. 60 parece dizer que as coletâneas dos oráculos originalmente formavam um livro pequeno. Nesse caso, esse livro eventualmente foi adicionado ao livro maior de *Jeremias*. Alguns eruditos crêem que Zedequias foi transportado para a Babilônia no seu quarto ano de reinado (vs. 59), para evitar as suspeitas de alguma conexão com a rebelião planejada para aquele tempo (ver o capítulo 27). O tempo era cerca de 594-593 A. C. Contudo, não temos nenhum registro sobre tal visita, nem é certo que a rebelião referida no capítulo 27 ocorreu naquela época. A missão simbólica de Seraías, *o Livro e a Rocha,* era mostrar que a Babilônia não escaparia à devida punição. Sofreriam os babilônios pela maneira como trataram Judá e as outras nações que foram atacadas. Muitos eruditos consideram que esses apêndices são secundários e foram acrescentados ao livro original de Jeremias. Pelo menos o capítulo 52 certamente é um verdadeiro apêndice, elaborado por um autor diferente.

Ao que parece, Seraías era irmão de Baruque, escriba de Jeremias, conforme se pode deduzir de Jer. 32.12, quando comparado com Jer. 59.59, e ambos eram filhos de Nerias. Ver no *Dicionário* o artigo sobre *Seraías,* décimo ponto, quanto ao pouco que se sabe sobre ele. Embora não exista nenhum registro histórico de uma visita de Zedequias à Babilônia, é perfeitamente possível que Nabucodonosor tenha advertido os reis que lhe pagavam tributo contra qualquer tentativa de revolta e, talvez, também por outras razões. Foi um ato muito ousado, da parte de Jeremias, tirar proveito da ocasião, enviando Seraías para levar uma ameaça da parte do profeta. A Babilônia, que estava no auge de seu poder, em breve tombaria com ribombo sobre a terra. Havia um Rei mais elevado que considerava o monarca da Babilônia responsável pelos seus atos.

Seraías era o camareiro-mor. Diz o hebraico aqui, literalmente, "um homem de descanso". Cf. I Crô. 22.9. Ele era um homem dócil, no tocante às palavras e exigências de Deus, e não um príncipe hostil, como era a maioria dos príncipes. Ou então "camareiro-mor" significa que ele era um auxiliar de Zedequias que tinha como uma de suas responsabilidades arranjar lugares de parada (de descanso) para o rei, quando este viajava. As versões sentem-se perplexas diante desse título e não têm uma tradução uniforme. A Septuaginta diz "governador dos presentes", ao passo que a Vulgata fala em "príncipe da profecia". Mas nenhuma dessas traduções nos fornece luz quanto às atribuições de Seraías.

No quarto ano do reinado de Zedequias, ele foi convocado, ou compareceu voluntariamente, possivelmente a fim de assegurar o rei da Babilônia que ele não participava do conluio em que se tinham metido Judá, Edom, Moabe, Edom, Tiro e Sidom. Ver Jer. 27.1-13. Ou então ao rei da Babilônia o convocou e demandou sua lealdade, por meio de ameaças. Mas isso é apenas uma conjectura quanto ao *porquê* da viagem.

51.60

Escreveu, pois, Jeremias num livro todo o mal que havia de vir sobre Babilônia. Jeremias escreveu um livro no qual reuniu todos os oráculos de condenação proferidos contra a Babilônia. É provável que esteja em vista a coletânea dos capítulos 50 e 51. Contudo, não há razão para supormos a inexistência de outros oráculos, além desses dois capítulos. O *livro,* como é claro, era um rolo feito de papiro ou pergaminho. É fútil identificá-lo como o livro inteiro de Jeremias. A maior parte do livro de Jeremias não se volve contra a Babilônia e, sim, contra Judá.

51.61

Quando chegares a Babilônia, vê que leias em voz alta todas estas palavras. A Seraías foi dada a difícil tarefa de ler o livro, em voz alta, para os babilônios, o que dificilmente agradaria àqueles pagãos. A vida do homem estava em perigo. Mas ele seguiu adiante para cumprir corajosamente sua missão. Não somos chamados para o lazer, e sim para cumprir as tarefas dadas por Deus.

Devo ser levado para os céus
Em canteiros de flores de lazer,
Enquanto outros lutam para ganhar o prêmio
Velejando através de mares sangrentos?

(Isaac Watts)

Visto que Zedequias teria uma audiência com o próprio rei Nabucodonosor, é seguro imaginarmos que Seraías leria o livro de condenação para príncipes elevados, se não mesmo para o próprio monarca. A leitura certamente deveria ser feita para mais do que os judeus que ali viviam cativos, embora alguns intérpretes limitem a questão a isso. Saber que a Babilônia cairia seria um motivo de alegria para os cativos, boas-novas realmente, pois poderia significar que eles ganhariam a liberdade. O contexto não informa quem foram os ouvintes de Seraías, e isso nos deixa a conjecturar.

51.62

Ó Senhor! falaste a respeito deste lugar, que o exterminarias, a fim de que nada fique nele. Os oráculos de Yahweh eram perfeitamente claros. O Senhor haveria de exterminar aquele lugar da terra dos vivos. Haveria mortes e sofrimentos em massa. O lugar ficaria essencialmente *desabitado* (ver Jer. 50.3,39 e 51.29). Para que isso acontecesse, entretanto, passar-se-ia bastante tempo. Um processo de calamidades produziria, afinal, tal resultado. Ver Jer. 50.3 e 39. A desolação seria de longa duração, se não fosse mesmo literalmente eterna. Ver as notas expositivas em Jer. 50.40 sobre essa idéia.

51.63-64

Quando acabares de ler o livro, atá-lo-ás a uma pedra e o lançarás no meio do Eufrates. Depois de terminar a leitura, Seraías deveria amarrar uma pedra ao livro e lançá-lo no meio do rio Eufrates. O livro deveria desaparecer de vista imediatamente, e não subir novamente à tona. O livro perder-se-ia e seria destruído, sem remédio algum, pelas águas do rio. O dano seria irreparável, e um sinal do que a Babilônia, como um império, deveria esperar: *o fim* — não havia recuperação possível. Cf. Apo. 18.21.

"A submersão do livro era típica do fim do labor fútil e do cansaço dos homens que habitavam a cidade condenada" (Ellicott, *in loc.*). Cf. o vs. 58, que diz algo similar. "Esse era o emblema da queda e da ruína irreversível da Babilônia. Ver Apo. 18.21, onde encontramos isso como emblema da ruína total da Babilônia mística" (Adam Clarke, *in loc.*).

Até aqui as palavras de Jeremias. O editor-compilador diz-nos que conseguira dar forma final ao livro que apresenta os muitos oráculos de Jeremias. Dessa forma, ele apresentou o capítulo 52 como um apêndice por ele mesmo adicionado, ou talvez algum outro editor tenha levado o livro a um final, incluindo esse apêndice histórico. "Essa nota provavelmente foi feita pela pessoa que posteriormente adicionou o capítulo 52 ao livro já compilado de Jeremias. O capítulo 52 foi escrito, aproximadamente, 25 anos depois do restante do livro (ver Jer. 52.29), pois o editor posterior incluiu essa nota para distinguir entre a porção do livro que tinha sido compilada por Jeremias e a porção editada posteriormente. Quem foi esse homem? Ninguém sabe com certeza" (Charles H. Dyer, *in loc.*). Esse mesmo autor moderno passa a conjecturar que o homem envolvido também escreveu o fim de II Reis (24.18-25.30). O capítulo 52 do livro de Jeremias é um empréstimo óbvio dessa seção, mas isso não significa que somente um homem esteve envolvido. O editor final de Jeremias pode ter simplesmente feito uma cópia de II Reis, sem que isso tivesse nada que ver com sua autoria.

Capítulo Cinqüenta e Dois

Apêndice Histórico (52.1-34)

A última sentença de Jer. 51.64 mostra que Jeremias nada teve que ver com a escrita deste apêndice. Quanto a conjecturas sobre o autor, ver as notas

expositivas no fim daquele versículo. Este capítulo toma de empréstimo II Reis 24.18-25.30 e é, essencialmente, a mesma coisa. O copista, porém, deixou de lado Jer. 25.22-26 e um pouco mais; mas, na maior parte, a cópia é quase idêntica ao original. A parte ignorada encobre o governo e o assassinato de Gedalias. Essa informação é dada em Jer. 40.7-43.7, com base em outra fonte informativa. O editor acrescentou os vss. 28-30. Além disso, os vss. 18-23 são mais completos do que o material dado em II Reis 25.13-17. As diferenças dos relatos talvez justifiquem a teoria de que tanto o capítulo 52 de Jeremias quanto II Reis 24.18-25.30 repousam sobre uma fonte informativa comum que os editores manusearam de maneiras diferentes, e que nenhuma dessas duas passagens é o original desse material.

Seja como for, o apêndice foi adicionado ao livro de Jeremias para mostrar como algumas das profecias de Jeremias se cumpriram na queda de Jerusalém e no exílio de muitos judeus. O editor preferiu terminar a história com uma nota positiva, mostrando como o rei Joaquim, embora tenha passado tanto tempo na prisão, finalmente foi honrado pelo rei da Babilônia. Essa foi uma nota de esperança. Se isso aconteceu, então coisas boas poderiam acontecer a Judá, mesmo que eles estivessem na Babilônia. "Embora seja, em sua maior parte, uma duplicata de II Reis 18-25.30, esta seção histórica, juntamente com Jer. 39.1-10 e 40.7-43.7, provê importante informação complementar. Quanto a adições históricas semelhantes, ver Isa. 36-39" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre o vs. 1).

Este capítulo foi escrito algum tempo depois de 561 A. C., quando o rei Joaquim foi libertado da prisão (vs. 33), o que aconteceu cerca de 25 anos depois que o capítulo 51 foi escrito.

Sumário do Reinado de Zedequias (52.1-3)

52.1

Tinha Zedequias a idade de vinte e um anos, quando começou a reinar. O reinado de Zedequias ficou registrado em II Reis 24.18-20, cobrindo os anos de 594-586 A. C. Eze. 8 fornece a situação religiosa contemporânea. Os vss. 1-3 são quase idênticos a II Reis 24.18-20, e as notas devem ser vistas aqui. Ver a introdução ao capítulo quanto à cópia do editor de Jeremias, com base em II Reis. Ou talvez os dois editores tenham copiado de uma fonte informativa comum. O reino de Zedequias foi avaliado mais ou menos da mesma maneira que passagens do livro de Deuteronômio avaliam os reis de Israel e Judá. "Este capítulo contém a história do cerco, da tomada e da destruição de Jerusalém; a causa foi o reinado ímpio de Zedequias (vss. 1-3); e os instrumentos dessa destruição foram o rei da Babilônia e seu exército (vss. 4-7)" (John Gill, *in loc.*).

Este versículo é idêntico a II Reis 24.18, onde ofereço a exposição.

52.2

Este versículo é idêntico a II Reis 24.19, onde ofereço a exposição.

52.3

Este versículo é idêntico a II Reis 24.20, onde ofereço a exposição.

Cerco e Queda de Jerusalém (52.4-27)

52.4

Este versículo é idêntico a II Reis 25.1, onde ofereço a exposição.

52.5

Ver a exposição sobre este versículo, no trecho paralelo de II Reis 25.2.

52.6

Ver a exposição deste versículo em II Reis 25.3.

52.7

Este versículo é idêntico a II Reis 25.4, onde ofereço a exposição.

52.8

Ver a exposição deste versículo em II Reis 25.5.

52.9

Este versículo varia levemente de II Reis 25.6. O autor adicionou as palavras "na terra de Hamate", identificando assim a área geográfica à qual pertencia Ribla. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Hamate*.

52.10

Matou o rei de Babilônia os filhos de Zedequias à sua própria vista. A segunda parte deste versículo, a execução de todos os príncipes de Judá, não se encontra no trecho paralelo de II Reis 25. Encontramos essa afirmação em Jer. 39.6. Mas tanto aqui quanto no trecho paralelo há o horrível detalhe de que os filhos do rei foram mortos diante de seus olhos. Foi dessa maneira que o julgamento de Yahweh caiu sobre a liderança de Judá. A idolatria-adultério-apostasia de Judá foi, assim, vingada pelo golpe divino.

52.11

Vazou os olhos de Zedequias, atou-o com duas cadeias de bronze, levou-a à Babilônia. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 25.7, mas o editor adiciona aqui que o período de aprisionamento de Zedequias perdurou até sua morte. Cf. Eze. 12.13. O rei Zedequias foi transportado à cidade de Babilônia, embora não fosse capaz de vê-la, pois tinha sido cegado. A Septuaginta adiciona que ele foi posto a moer em um moinho, trabalho forçado comumente conferido a prisioneiros. Cf. Juí. 16.21. Ver também Lam. 5.13. O tratamento dado a reis estrangeiros, por parte dos assírios e babilônios, era brutal e vergonhoso. Assurbanipal jactava-se de que tinha posto um rei da Arábia em correntes, amarrado a cachorros. E esse rei foi mantido em uma das grandes portas de Nínive como se fosse uma peça de museu. Dario (conforme a inscrição existente em Behistum) cortou o nariz e as orelhas do rei Sagratia, conservando-o preso por cadeias à porta de seu palácio.

52.12

No décimo dia do quinto mês... Nebuzaradã... veio a Jerusalém. Este versículo é essencialmente idêntico a II Reis 25.8, mas aqui temos o *décimo* dia do mês, ao passo que ali se fala no *sétimo* dia. Esforços heróicos (desnecessários) foram feitos para obter a reconciliação, mas não sabemos dizer por que houve essa variante, nem é importante saber disso. Talvez Nabucodonosor tenha chegado em Jerusalém no sétimo dia do mês, mas não começou a incendiar a cidade senão no décimo dia do mês. Essa sutil explicação, entretanto, provavelmente nem foi levada em conta pelos editores em questão. A versão siríaca fala no *nono* dia. Não há necessidade de buscar harmonia.

52.13

Ver a exposição sobre este versículo em II Reis 25.9.

52.14

Ver a exposição sobre este versículo em II Reis 25.10.

52.15

Ver a exposição sobre este versículo em II Reis 25.11.

52.16

Ver a exposição sobre este versículo em II Reis 25.12.

52.17

Ver a exposição sobre este versículo em II Reis 25.13.

52.18-23

Levaram também as panelas... e todos os utensílios de bronze, com que se ministrava. A narrativa que aqui aparece tem alguns detalhes a mais que o trecho paralelo de II Reis 25.13-17. Alguns poucos objetos do templo que foram levados para a Babilônia são mencionados aqui especificamente, mas não foram citados na versão mais breve. A maior parte dos itens referidos no vs. 19 foi omitida pelo autor de II Reis. Além disso, só se fala aqui sobre os doze bois de bronze que apoiavam o mar de bronze. Detalhes da descrição das colunas, no vs. 21, não são encontrados no trecho paralelo. Ademais, o vs. 23 é peculiar à presente passagem. Essas adições foram acrescentadas pelo editor do capítulo 52 do livro de Jeremias, por meio de seu conhecimento sobre esses objetos, com base em outras passagens do Antigo Testamento; ou então o editor de II Reis 25 abreviou a sua narrativa, por pensar que os detalhes eram desnecessários. Talvez o atual editor tivesse incluído detalhes para impressionar-nos com o *ultraje* dos babilônios. Aqueles objetos sagrados tinham sido *profanados* pelos estrangeiros. Por isso o julgamento divino estava garantido. Os babilônios sofreriam terrível condenação. Quanto a detalhes dos objetos mencionados, ver os artigos no *Dicionário*. "A beleza e a preciosidade desses objetos aumentam o amargor de sua perda, bem como a pecaminosidade do pecado que causou essa perda" (Fausset, *in loc.*).

Semelhante a esta era a outra coluna com as romãs. Havia noventa e seis romãs aos lados... A informação sobre as 96 romãs etc. não é dada no trecho paralelo. Ver I Reis 7.20 e II Crô. 14.13 sobre esses detalhes. Há discrepâncias nos números fornecidos nas diferentes narrativas, que os intérpretes, inutilmente, tentam resolver.

> *Perto do bojo, próximo à obra de rede, os capitéis que estavam no alto das duas colunas tinham duzentas romãs, dispostas em fileiras em redor, sobre um e outro capitel.*
>
> (I Reis 7.20)

Essa fantástica obra de arte foi levada para a Babilônia, com outros itens retirados do templo, mas o próprio templo foi deixado como mero montão de pedras, e o que pôde ser incendiado, o foi.

52.24

Este versículo é idêntico a II Reis 25.18, onde ofereço a exposição.

52.25

Ver II Reis 25.19 quanto à exposição deste versículo.

52.26

Ver II Reis 25.20 quanto à exposição deste versículo.

52.27

Ver II Reis 25.21 quanto à exposição deste versículo.

As Três Deportações (52.28-30)

52.28-30

Assim Judá foi levado cativo para fora de sua terra. Os vss. 28-30 não se encontram na Septuaginta e também não se acham no trecho paralelo de II Reis 25. Entretanto, não há razão para duvidarmos de sua autenticidade histórica. Quando essas informações são comparadas a informações similares, dadas em outras passagens, encontramos discrepâncias nos números, que os esforços heróicos dos intérpretes não têm conseguido conciliar.

As Três Deportações

Primeiro Cativeiro (598-597 A. C.) 3.023 judeus
Segundo Cativeiro (587-586 A. C.) 832 judeus
Terceiro Cativeiro (582-581 A. C.) 745 judeus

4.600 judeus

"A *primeira deportação* (vs. 28) provavelmente deve ser associada à rendição de Joaquim (ver II Reis 24.12-16). Visto que os números aqui não concordam com os *dez mil* mencionados em II Reis 24.14, alguns eruditos propõem que o vs. 28 deveria dizer no *décimo sétimo* ano de Nabucodonosor, e não *sétimo* ano, e que a deportação foi de judeus para fora de Jerusalém, no começo do cerco de Jerusalém, em 588 A. C. Isso, entretanto, parece impossível, visto que não há registro, em nenhum outro lugar, de tal deportação, a menos que Jer. 13.19 seja uma alusão a isso.

"A data da *segunda deportação* (vs. 29), no décimo oitavo ano do governo de Nabucodonosor, parece incoerente com a data dada no vs. 12, onde a vinda de Nabucodonosor é datada no décimo nono ano. Uma explicação possível é que o vs. 12 usa o sistema de datas de não-acessão, ao passo que o vs. 29 usa o sistema de datas de acessão.

"A *terceira deportação* (vs. 30) provavelmente foi feita pelos babilônios como punição dos judeus pelas perturbações na Palestina em torno do assassinato de Gedalias (ver Jer. 40.7-41.18)" (James Philip Hyatt, *in loc.*). Outra fonte informativa ocupa uma coluna inteira com tentativas de conciliar as várias narrativas sobre a deportação, mas não chega a nenhuma conclusão certa. Coisas como esta revestem-se de interesse histórico, mas não de interesse espiritual, e não devem tornar-se base para questões de fé, como se a inspiração tivesse de ser perfeita quanto às palavras e não pudesse incorporar a fraqueza e os erros dos seres humanos que fizeram as declarações. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Inspiração* e *Revelação.*

A Soltura de Joaquim da Prisão (52.31-34)

52.31

No ano em que começou a reinar, libertou a Joaquim, rei de Judá, e o fez sair do cárcere. Há pequena diferença entre esta seção e seu paralelo, II Reis 25.27-30. Talvez seja correto dizer que Joaquim se tornou as *primícias* da reversão do cativeiro babilônico. "No trigésimo sétimo ano do exílio de Joaquim (561-560 A. C.), Evil-Merodaque tornou-se rei da Babilônia. Como parte dos festejos, ao fim de sua subida ao trono, ele soltou Joaquim da prisão, no vigésimo quinto dia do décimo segundo mês (21 de março de 560 A. C.). A Joaquim foi permitido comer regularmente à mesa do rei. Assim como as profecias de destruição feitas por Jeremias se cumpriram à risca, assim agora suas promessas de bênçãos em favor de Joaquim davam esperanças, aos exilados, de que a prometida bênção e restauração divina viriam" (Charles H. Dyer, *in loc.*).

"Quanto às atitudes de Jeremias para com Joaquim, e uma declaração concernente aos registros babilônicos que confirmam a soltura daquele rei do cárcere, ver a exegese sobre Jer. 22.24-30" (James Philip Hyatt, *in loc.*).

Quanto à exposição deste versículo, ver II Reis 25.27.

52.32

Quanto à exposição deste versículo, ver II Reis 25.28.

52.33

Mudou-lhe as vestes do cárcere, e Joaquim passou a comer pão na sua presença. Esta é uma versão fiel da declaração de II Reis 25.29. Este paralelo mostra que o rei continuou a ser favorecido, comendo à mesa de Evil-Merodaque, até ser removido da cena, por meio da morte.

52.34

E da parte do rei de Babilônia lhe foi dada subsistência vitalícia. Este versículo é idêntico a II Reis 25.30, onde ofereço a exposição.

Um raio de *esperança* penetrou na vida desanimada do ex-rei de Judá, e esse foi o primeiro vislumbre da reversão do *cativeiro babilônico* (ver a respeito no *Dicionário*). Havia novamente esperança no ar. A esperança é uma das três grandes realidades espirituais: a fé, a esperança e o amor (ver I Cor. 13.13).

> *Vivo da esperança e penso em todos os que entram neste mundo.*
>
> (Robert Bridges)

> *A verdadeira esperança é rápida e voa com asas de andorinha. Ela transforma reis em deuses, e criaturas comuns em reis.*
>
> (Shakespeare)

Todo o louvor seja dado a Yahweh-Sabaote-Elohim.